ESCATOLOGIA BÍBLICA

SUMÁRIO

1. ANÁLISE CONTEXTUAL DA ESCATOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO 13
1.1. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO EVANGELHO DE MATEUS 14
1.1.1. MATEUS 3:12 14
1.1.2. MATEUS 5:5 14
1.1.3. MATEUS 5:22 14
1.1.4. MATEUS 5:29-30 15
1.1.5. MATEUS 8:11-12 15
1.1.6. MATEUS 8:21-22 15
1.1.7. MATEUS 9:23-25 15
1.1.8. MATEUS 10:14-15 15
1.1.9. MATEUS 10:23 15
1.1.10. MATEUS 10:28 16
1.1.11. MATEUS 10:32-33 18
1.1.12. MATEUS 11:21-24 18
1.1.13. MATEUS 12:31-32 18
1.1.14. MATEUS 12:40-42 18
1.1.15. MATEUS 13:37-43 19
1.1.16. MATEUS 13:49-50 19
1.1.17. MATEUS 16:18 19
1.1.18. MATEUS 16:26-28 19
1.1.19. MATEUS 17:1-9 20
1.1.20. MATEUS 18:8-9 22
1.1.21. MATEUS 18:32-35 22
1.1.22. MATEUS 19:28-30 23
1.1.23. MATEUS 22:13-14 23
1.1.24. MATEUS 22:30-32 23
1.1.25. MATEUS 22:44 24
1.1.26. MATEUS 23:15 24
1.1.27. MATEUS 23:33 24
1.1.28. MATEUS 24:1-35 24
1.1.29. MATEUS 24 E A HISTÓRIA: DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM 28
1.1.30. MATEUS 24:36-39 29
1.1.31. MATEUS 24:40-44 29
1.1.32. MATEUS 25:1-13 30
1.1.33. MATEUS 25:14-30 30
1.1.34. MATEUS 25:31-46 31
1.1.35. MATEUS 26:63-64 31
1.1.36. MATEUS 27:51-53 32
1.1.37. A ESCATOLOGIA NO EVANGELHO DE MATEUS 32
1.2. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO EVANGELHO DE MARCOS 38
1.2.1. MARCOS 3:28-29 38
1.2.2. MARCOS 5:39 39
1.2.3. MARCOS 8:36-9:1 39
1.2.4. MARCOS 9:2-9 39
1.2.5. MARCOS 9:43-49 39
1.2.6. MARCOS 10:40 40
1.2.7. MARCOS 12:25-27 40
1.2.8. MARCOS 12:36 40
1.2.9. MARCOS 13:1-31 41
1.2.10. MARCOS 13:32-37 44
1.2.11. MARCOS 14:61-62 45
1.2.12. A ESCATOLOGIA NO EVANGELHO DE MARCOS 45
1.3. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO EVANGELHO DE LUCAS 47

1.3.1. LUCAS 3:9 48
1.3.2. LUCAS 3:16-17 48
1.3.3. LUCAS 8:30-31 48
1.3.4. LUCAS 8:51-53 48
1.3.5. LUCAS 9:25-27 49
1.3.6. LUCAS 9:28-36 49
1.3.7. LUCAS 10:13-15 49
1.3.8. LUCAS 11:30-32 50
1.3.9. LUCAS 12:8-10 50
1.3.10. LUCAS 12:37-40 50
1.3.11. LUCAS 12:47-48 50
1.3.12. LUCAS 13:2-5 51
1.3.13. LUCAS 13:23-30 51
1.3.14. LUCAS 14:13-14 51
1.3.15. LUCAS 16:19-31 51
1.3.16. LUCAS 17:20-37 54
1.3.17. LUCAS 19:11-24 55
1.3.18. LUCAS 20:34-38 56
1.3.19. LUCAS 20:41-43 56
1.3.20. LUCAS 21:5-36 56
1.3.21. LUCAS 22:29-30 60
1.3.22. LUCAS 22:67-69 60
1.3.23. LUCAS 23:28-31 60
1.3.24. LUCAS 23:42-43 61
1.3.25. LUCAS 23:46 63
1.3.26. LUCAS 24:37-39 63
1.3.27. A ESCATOLOGIA NO EVANGELHO DE LUCAS 64
1.4. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO EVANGELHO DE JOÃO 69
1.4.1. JOÃO 3:13 69
1.4.2. JOÃO 5:24-29 69
1.4.3. JOÃO 6:39-40 70
1.4.4. JOÃO 6:54 70
1.4.5. JOÃO 8:51 70
1.4.6. JOÃO 8:56 70
1.4.7. JOÃO 11:11-15 71
1.4.8. JOÃO 11:25-26 71
1.4.9. JOÃO 12:48 71
1.4.10. JOÃO 15:6 71
1.4.11. JOÃO 20:17 72
1.4.12. ESCATOLOGIA DO EVANGELHO DE JOÃO 72
1.5. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DE ATOS DOS APÓSTOLOS 73
1.5.1. ATOS 1:6-11 74
1.5.2. ATOS 2:14-21 74
1.5.3. ATOS 2:24-35 74
1.5.4. ATOS 7:55-60 75
1.5.5. ATOS 13:34-37 76
1.5.6. ATOS 17:31 76
1.5.7. ATOS 24:15 76
1.5.8. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE ATOS DOS APÓSTOLOS 77
1.6. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA EPÍSTOLA AOS ROMANOS 78
1.6.1. ROMANOS 8:19-23 78
1.6.2. ROMANOS 10:6-7 79
1.6.3. ROMANOS 11:25-32 80
1.6.4. ROMANOS 14:9-12 81
1.6.5. ROMANOS 16:20 82
1.6.6. ESCATOLOGIA DA EPÍSTOLA AOS ROMANOS 82

1.7. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS 83
1.7.1. 1 CORÍNTIOS 3:12-15 84
1.7.2. 1 CORÍNTIOS 4:5 84
1.7.3. 1 CORÍNTIOS 6:2-3 84
1.7.4. 1 CORÍNTIOS 10:11 84
1.7.5. 1 CORÍNTIOS 15:6 85
1.7.6. 1 CORÍNTIOS 15:16-19 85
1.7.7. 1 CORÍNTIOS 15:20-28 85
1.7.8. 1 CORÍNTIOS 15:35-55 86
1.7.9. ESCATOLOGIA DA PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS 86
1.8. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA SEGUNDA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS 88
1.8.1. 2 CORÍNTIOS 5:6-10 88
1.8.2. 2 CORÍNTIOS 12:2-4 89
1.8.3. ESCATOLOGIA DA SEGUNDA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS 89
1.9. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA EPÍSTOLA AOS GÁLATAS 91
1.9.1. GÁLATAS 6:14-16 E A ESCATOLOGIA DA EPÍSTOLA AOS GÁLATAS 91
1.10. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS 92
1.10.1. EFÉSIOS 4:8-9 92
1.10.2. EFÉSIOS 4:30 92
1.10.3. EFÉSIOS 5:5 93
1.10.4. EFÉSIOS 5:14 93
1.10.5. ESCATOLOGIA DA EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS 93
1.11. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA EPÍSTOLA AOS FILIPENSES 94
1.11.1. FILIPENSES 1:8-11 95
1.11.2. FILIPENSES 1:22-24 95
1.11.3. FILIPENSES 2:14-16 95
1.11.4. FILIPENSES 3:20-21 95
1.11.5. ESCATOLOGIA DA EPÍSTOLA AOS FILIPENSES 95
1.12. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES 96
1.12.1. COLOSSENSES 1:18 96
1.12.2. COLOSSENSES 3:4 96
1.12.3. ESCATOLOGIA DA EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES 96
1.13. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES 97
1.13.1. 1 TESSALONICENSES 1:10 97
1.13.2. 1 TESSALONICENSES 2:19 97
1.13.3. 1 TESSALONICENSES 3:12-13 97
1.13.4. 1 TESSALONICENSES 4:13-17 97
1.13.5. 1 TESSALONICENSES 5:1-3 99
1.13.6. 1 TESSALONICENSES 5:23 99
1.13.7. ESCATOLOGIA DA PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES 99
1.14. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES 101
1.14.1. 2 TESSALONICENSES 1:7-10 101
1.14.2. 2 TESSALONICENSES 2:1-12 102
1.14.3. ESCATOLOGIA DA SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES 104
1.15. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO 105
1.15.1. 1 TIMÓTEO 6:14-16 E A ESCATOLOGIA DA PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO 105
1.16. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO 106
1.16.1. 2 TIMÓTEO 1:12 106
1.16.2. 2 TIMÓTEO 3:1-5 106
1.16.3. 2 TIMÓTEO 4:1 106
1.16.4. 2 TIMÓTEO 4:8 106
1.16.5. ESCATOLOGIA DA SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO 107
1.17. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA EPÍSTOLA A TITO 107
1.17.1. TITO 2:12-13 E A ESCATOLOGIA DA EPÍSTOLA A TITO 107
1.18. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE HEBREUS 107
1.18.1. HEBREUS 2:16 108

1.18.2. HEBREUS 4:12-13 108
1.18.3. HEBREUS 9:27-28 108
1.18.4. HEBREUS 10:26-27 108
1.18.5. HEBREUS 11:5 108
1.18.6. HEBREUS 11:13-16 109
1.18.7. HEBREUS 11:39-40 110
1.18.8. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE HEBREUS 110
1.19. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA EPÍSTOLA DE TIAGO 111
1.19.1. TIAGO 2:26 111
1.19.2. TIAGO 3:6 112
1.19.3. TIAGO 5:7-9 112
1.19.4. ESCATOLOGIA DA EPÍSTOLA DE TIAGO 112
1.20. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PEDRO 113
1.20.1. 1 PEDRO 1:4-5 113
1.20.2. 1 PEDRO 2:12 113
1.20.3. 1 PEDRO 3:18-20 113
1.20.4. 1 PEDRO 4:6-7 114
1.20.5. 1 PEDRO 5:4 114
1.20.6. ESCATOLOGIA DA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PEDRO 115
1.21. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA SEGUNDA EPÍSTOLA DE PEDRO 116
1.21.1. 2 PEDRO 2:4 116
1.21.2. 2 PEDRO 2:9-10 117
1.21.3. 2 PEDRO 3:3-4 117
1.21.4. 2 PEDRO 3:7-16 117
1.21.5. ESCATOLOGIA DA SEGUNDA EPÍSTOLA DE PEDRO 118
1.22. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE JOÃO 120
1.22.1. 1 JOÃO 2:18-19 120
1.22.2. 1 JOÃO 3:2 120
1.22.3. 1 JOÃO 4:3 120
1.22.4. 1 JOÃO 4:16-17 121
1.22.5. ESCATOLOGIA DA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE JOÃO 121
1.23. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA EPÍSTOLA DE JUDAS 122
1.23.1. JUDAS 6 122
1.23.2. JUDAS 9 122
1.23.3. JUDAS 14-15 122
1.23.4. JUDAS 18 123
1.23.5. ESCATOLOGIA DA EPÍSTOLA DE JUDAS 123
1.24. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DE APOCALIPSE 124
1.24.1. APOCALIPSE 1:1-3 124
1.24.2. APOCALIPSE 1:7 127
1.24.3. APOCALIPSE 1:13-20 128
1.24.4. APOCALIPSE 2:7 129
1.24.5. APOCALIPSE 2:11 129
1.24.6. APOCALIPSE 2:17 129
1.24.7. APOCALIPSE 2:26-29 130
1.24.8. APOCALIPSE 3:5 130
1.24.9. APOCALIPSE 3:10-12 130
1.24.10. APOCALIPSE 3:21 130
1.24.11. APOCALIPSE 6:1-8 130
1.24.12. APOCALIPSE 6:9-11 132
1.24.13. APOCALIPSE 6:12-17 132
1.24.14. APOCALIPSE 7:1-3 133
1.24.15. APOCALIPSE 7:4-8 134
1.24.16. APOCALIPSE 7:9-17 134
1.24.17. APOCALIPSE 8:1-5 136
1.24.18. APOCALIPSE 8:6-13 136

1.24.19. APOCALIPSE 9:1-12 137
1.24.20. APOCALIPSE 9:13-21 139
1.24.21. APOCALIPSE 10:1-11 140
1.24.22. APOCALIPSE 11:1-2 142
1.24.23. APOCALIPSE 11:3-6 143
1.24.24. APOCALIPSE 11:7-14 144
1.24.25. APOCALIPSE 11:15-19 146
1.24.26. APOCALIPSE 12:1-18 146
1.24.27. APOCALIPSE 13:1-10 148
1.24.28. APOCALIPSE 13:11-18 150
1.24.29. APOCALIPSE 14:1-5 152
1.24.30. APOCALIPSE 14:6-13 153
1.24.31. APOCALIPSE 14:14-20 154
1.24.32. APOCALIPSE 15:1-8 154
1.24.33. APOCALIPSE 16:1-16 155
1.24.34. APOCALIPSE 16:17-21 157
1.24.35. APOCALIPSE 17:1-2 158
1.24.36. APOCALIPSE 17:3-6 158
1.24.37. APOCALIPSE 17:7-18 159
1.24.38. APOCALIPSE 18:1-3 161
1.24.39. APOCALIPSE 18:4-8 161
1.24.40. APOCALIPSE 18:9-19 162
1.24.41. APOCALIPSE 18:20-28 163
1.24.42. APOCALIPSE 19:1-5 163
1.24.43. APOCALIPSE 19:6-10 164
1.24.44. APOCALIPSE 19:11-21 164
1.24.45. APOCALIPSE 20:1-10 166
1.24.46. APOCALIPSE 20:11-15 170
1.24.47. APOCALIPSE 21:1-8 171
1.24.48. APOCALIPSE 21:9-21 173
1.24.49. APOCALIPSE 21:22-29 174
1.24.50. APOCALIPSE 22:1-5 175
1.24.51. APOCALIPSE 22:6-21 176
1.24.52. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE APOCALIPSE 177
2. ANÁLISE CONTEXTUAL DA ESCATOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO 191
2.1. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE GÊNESIS 191
2.1.1. GÊNESIS 1:2 191
2.1.2. GÊNESIS 2:7 191
2.1.3. GÊNESIS 3:15 192
2.1.4. GÊNESIS 5:22-24 192
2.1.5. GÊNESIS 7:11-12 192
2.1.6. GÊNESIS 8:2 192
2.1.7. GÊNESIS 15:15 192
2.1.8. GÊNESIS 25:8 192
2.1.9. GÊNESIS 25:17 193
2.1.10. GÊNESIS 33:18 193
2.1.11. GÊNESIS 37:35 193
2.1.12. GÊNESIS 42:38 193
2.1.13. GÊNESIS 44:29-31 194
2.1.14. GÊNESIS 49:10 194
2.1.15. GÊNESIS 49:33 194
2.1.16. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE GÊNESIS 194
2.2. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE ÊXODO 196
2.2.1. ÊXODO 3:6 196
2.2.2. ÊXODO 3:15-16 196
2.2.3. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE ÊXODO 196

2.3. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE NÚMEROS 197
2.3.1. NÚMEROS 16:30-33 197
2.3.2. NÚMEROS 20:26 197
2.3.3. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE NÚMEROS 197
2.4. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DE DEUTERONÔMIO 198
2.4.1. DEUTERONÔMIO 18:15-19 198
2.4.2. DEUTERONÔMIO 31:29 198
2.4.3. DEUTERONÔMIO 32:22 198
2.4.4. DEUTERONÔMIO 32:50 199
2.4.5. ESCATOLOGIA DE DEUTERONÔMIO 199
2.5. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE 1 SAMUEL 200
2.5.1. 1 SAMUEL 2:6 200
2.5.2. 1 SAMUEL 28:11-20 200
2.5.3. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE 1 SAMUEL 204
2.6. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE 2 SAMUEL 204
2.6.1. 2 SAMUEL 7:12 205
2.6.2. 2 SAMUEL 12:22-23 205
2.6.3. 2 SAMUEL 22:5-6 205
2.6.4. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE 2 SAMUEL 205
2.7. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE 1 REIS 205
2.7.1. 1 REIS 1:21 206
2.7.2. 1 REIS 2:2 206
2.7.3. 1 REIS 2:6 206
2.7.4. 1 REIS 2:9-10 206
2.7.5. 1 REIS 11:43 206
2.7.6. 1 REIS 14:20 206
2.7.7. 1 REIS 14:31 207
2.7.8. 1 REIS 15:8 207
2.7.9. 1 REIS 15:24 207
2.7.10. 1 REIS 16:6 207
2.7.11. 1 REIS 16:28 208
2.7.12. 1 REIS 22:51 208
2.7.13. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE 1 REIS 208
2.8. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE 2 REIS 209
2.8.1. 2 REIS 2:11-12 209
2.8.2. 2 REIS 22:20 210
2.8.3. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE 2 REIS 210
2.9. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE 1 CRÔNICAS 211
2.9.1. 1 CRÔNICAS 17:11 E A ESCATOLOGIA DO LIVRO DE 1 CRÔNICAS 211
2.10. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE 2 CRÔNICAS 211
2.10.1. 2 CRÔNICAS 9:31 211
2.10.2. 2 CRÔNICAS 12:16 211
2.10.3. 2 CRÔNICAS 14:1 212
2.10.4. 2 CRÔNICAS 16:13 212
2.10.5. 2 CRÔNICAS 21:1 212
2.10.6. 2 CRÔNICAS 26:2 212
2.10.7. 2 CRÔNICAS 26:23 212
2.10.8. 2 CRÔNICAS 27:9 213
2.10.9. 2 CRÔNICAS 28:27 213
2.10.10. 2 CRÔNICAS 32:33 213
2.10.11. 2 CRÔNICAS 33:20 213
2.10.12. 2 CRÔNICAS 34:28 214
2.10.13. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE 2 CRÔNICAS 214
2.11. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE JÓ 214
2.11.1. JÓ 3:13 214
2.11.2. JÓ 4:20-21 215

2.11.3. JÓ 7:9-10 215
2.11.4. JÓ 10:18-22 215
2.11.5. JÓ 11:8-10 216
2.11.6. JÓ 17:13-16 216
2.11.7. JÓ 19:25-27 216
2.11.8. JÓ 21:13 217
2.11.9. JÓ 24:19 217
2.11.10. JÓ 26:5-6 217
2.11.11. JÓ 28:13-14 217
2.11.12. JÓ 28:20-22 218
2.11.13. JÓ 33:22-24 218
2.11.14. JÓ 33:28-30 218
2.11.15. JÓ 34:12 218
2.11.16. JÓ 34:23 218
2.11.17. JÓ 37:23 218
2.11.18. JÓ 38:16-17 219
2.11.19. JÓ 41:32 219
2.11.20. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE JÓ 219
2.12. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DOS SALMOS 222
2.12.1. SALMO 1:5 222
2.12.2. SALMO 2:6-9 222
2.12.3. SALMO 6:5 223
2.12.4. SALMO 9:13-17 224
2.12.5. SALMO 11:7 224
2.12.6. SALMO 13:3 224
2.12.7. SALMO 16:8-11 224
2.12.8. SALMO 17:15 225
2.12.9. SALMO 18:4-5 225
2.12.10. SALMO 19:9 225
2.12.11. SALMO 22:1-31 225
2.12.12. SALMO 28:1 227
2.12.13. SALMO 30:3 227
2.12.14. SALMO 30:9 227
2.12.15. SALMO 31:12 227
2.12.16. SALMO 37:9-11 227
2.12.17. SALMO 37:18-20 228
2.12.18. SALMO 37:22 228
2.12.19. SALMO 37:28-29 229
2.12.20. SALMO 37:38 229
2.12.21. SALMO 49:14-19 229
2.12.22. SALMO 55:15 230
2.12.23. SALMO 55:23 230
2.12.24. SALMO 63:9 230
2.12.25. SALMO 71:20 230
2.12.26. SALMO 73:24-26 230
2.12.27. SALMO 78:50 230
2.12.28. SALMO 86:9 231
2.12.29. SALMO 86:13 231
2.12.30. SALMO 88:3-12 231
2.12.31. SALMO 89:48 232
2.12.32. SALMO 94:17 232
2.12.33. SALMO 97:2 233
2.12.34. SALMO 102:15-28 233
2.12.35. SALMO 103:3-6 233
2.12.36. SALMO 104:5 233
2.12.37. SALMO 110:1-7 234

2.12.38. SALMO 115:17 234
2.12.39. SALMO 116:3 235
2.12.40. SALMO 119:137 235
2.12.41. SALMO 139:8-12 235
2.12.42. SALMO 141:7 235
2.12.43. SALMO 143:3 235
2.12.44. SALMO 145:20 235
2.12.45. SALMO 146:3-4 236
2.12.46. ESCATOLOGIA DOS SALMOS 236
2.13. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DOS PROVÉRBIOS 247
2.13.1. PROVÉRBIOS 1:12 247
2.13.2. PROVÉRBIOS 2:16-19 247
2.13.3. PROVÉRBIOS 2:21-22 247
2.13.4. PROVÉRBIOS 5:5 248
2.13.5. PROVÉRBIOS 7:27 248
2.13.6. PROVÉRBIOS 9:18 248
2.13.7. PROVÉRBIOS 10:2 248
2.13.8. PROVÉRBIOS 10:30 248
2.13.9. PROVÉRBIOS 11:4 249
2.13.10. PROVÉRBIOS 13:14 249
2.13.11. PROVÉRBIOS 14:11 249
2.13.12. PROVÉRBIOS 14:27 249
2.13.13. PROVÉRBIOS 15:11 250
2.13.14. PROVÉRBIOS 15:24 250
2.13.15. PROVÉRBIOS 19:16 250
2.13.16. PROVÉRBIOS 21:16 250
2.13.17. PROVÉRBIOS 23:14 251
2.13.18. PROVÉRBIOS 27:20 251
2.13.19. PROVÉRBIOS 30:15-16 252
2.13.20. ESCATOLOGIA DOS PROVÉRBIOS 252
2.14. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE ECLESIASTES 256
2.14.1. ECLESIASTES 1:4 256
2.14.2. ECLESIASTES 2:16 256
2.14.3. ECLESIASTES 3:16-21 257
2.14.4. ECLESIASTES 4:1-2 257
2.14.5. ECLESIASTES 6:3-6 258
2.14.6. ECLESIASTES 8:8-10 258
2.14.7. ECLESIASTES 9:2-6 258
2.14.8. ECLESIASTES 9:10 259
2.14.9. ECLESIASTES 12:6-7 259
2.14.10. ECLESIASTES 12:13-14 259
2.14.11. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE ECLESIASTES 259
2.15. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DE CÂNTICO DOS CÂNTICOS 263
2.15.1. CÂNTICO DOS CÂNTICOS 8:6 E A ESCATOLOGIA DE CÂNTICO DOS CÂNTICOS 263
2.16. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE ISAÍAS 263
2.16.1. ISAÍAS 1:27-28 263
2.16.2. ISAÍAS 2:2-5 263
2.16.3. ISAÍAS 2:10-21 263
2.16.4. ISAÍAS 4:2 264
2.16.5. ISAÍAS 5:14-16 264
2.16.6. ISAÍAS 6:11-13 265
2.16.7. ISAÍAS 8:9-10 265
2.16.8. ISAÍAS 8:18-22 265
2.16.9. ISAÍAS 9:1-2 265
2.16.10. ISAÍAS 9:6-7 266
2.16.11. ISAÍAS 11:1-16 266

2.16.12. ISAÍAS 13:1-22 267
2.16.13. ISAÍAS 14:1-2 269
2.16.14. ISAÍAS 14:9-20 270
2.16.15. ISAÍAS 16:4-5 272
2.16.16. ISAÍAS 19:16-24 272
2.16.17. ISAÍAS 24:1-23 273
2.16.18. ISAÍAS 25:1-9 275
2.16.19. ISAÍAS 26:1-21 275
2.16.20. ISAÍAS 27:1-13 277
2.16.21. ISAÍAS 28:16-18 278
2.16.22. ISAÍAS 29:17-24 279
2.16.23. ISAÍAS 31:5 280
2.16.24. ISAÍAS 33:6 280
2.16.25. ISAÍAS 33:10-12 280
2.16.26. ISAÍAS 33:17-24 281
2.16.27. ISAÍAS 35:1-10 281
2.16.28. ISAÍAS 38:17-19 282
2.16.29. ISAÍAS 40:23 283
2.16.30. ISAÍAS 42:4 283
2.16.31. ISAÍAS 42:6-7 283
2.16.32. ISAÍAS 43:3 283
2.16.33. ISAÍAS 43:11-13 283
2.16.34. ISAÍAS 44:23 284
2.16.35. ISAÍAS 44:24-28 284
2.16.36. ISAÍAS 45:17 284
2.16.37. ISAÍAS 45:22 284
2.16.38. ISAÍAS 46:12-13 285
2.16.39. ISAÍAS 48:13 285
2.16.40. ISAÍAS 49:8-12 285
2.16.41. ISAÍAS 49:22-26 286
2.16.42. ISAÍAS 51:3 286
2.16.43. ISAÍAS 51:5-14 286
2.16.44. ISAÍAS 51:21-23 287
2.16.45. ISAÍAS 52:10 288
2.16.46. ISAÍAS 53:1-12 288
2.16.47. ISAÍAS 54:1-17 290
2.16.48. ISAÍAS 56:1 291
2.16.49. ISAÍAS 57:9 292
2.16.50. ISAÍAS 59:17-20 292
2.16.51. ISAÍAS 60:1-22 292
2.16.52. ISAÍAS 61:6-11 295
2.16.53. ISAÍAS 62:1-12 296
2.16.54. ISAÍAS 63:13 296
2.16.55. ISAÍAS 65:9 297
2.16.56. ISAÍAS 65:17-25 297
2.16.57. ISAÍAS 66:10-17 298
2.16.58. ISAÍAS 66:18-24 299
2.16.59. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE ISAÍAS 300
2.17. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE JEREMIAS 323
2.17.1. JEREMIAS 3:15-18 323
2.17.2. JEREMIAS 4:23-28 324
2.17.3. JEREMIAS 23:5-6 324
2.17.4. JEREMIAS 25:30-33 324
2.17.5. JEREMIAS 31:31-34 324
2.17.6. JEREMIAS 33:15-16 325
2.17.7. JEREMIAS 45:4 325

2.17.8. JEREMIAS 51:39 325
2.17.9. JEREMIAS 51:57 325
2.17.10. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE JEREMIAS 325
2.18. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE LAMENTAÇÕES 327
2.18.1. LAMENTAÇÕES 3:6 327
2.18.2. LAMENTAÇÕES 5:7 328
2.18.3. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE LAMENTAÇÕES 328
2.19. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE EZEQUIEL 328
2.19.1. EZEQUIEL 7:2 328
2.19.2. EZEQUIEL 7:19 328
2.19.3. EZEQUIEL 11:17-21 329
2.19.4. EZEQUIEL 14:21 329
2.19.5. EZEQUIEL 16:53-55 329
2.19.6. EZEQUIEL 16:60 329
2.19.7. EZEQUIEL 18:4 330
2.19.8. EZEQUIEL 18:20 330
2.19.9. EZEQUIEL 20:40-42 330
2.19.10. EZEQUIEL 26:19-21 330
2.19.11. EZEQUIEL 28:12-19 330
2.19.12. EZEQUIEL 28:25 331
2.19.13. EZEQUIEL 29:21 331
2.19.14. EZEQUIEL 30:3-4 332
2.19.15. EZEQUIEL 31:14-18 332
2.19.16. EZEQUIEL 32:18-32 332
2.19.17. EZEQUIEL 33:20 333
2.19.18. EZEQUIEL 34:12-13 333
2.19.19. EZEQUIEL 34:23-24 333
2.19.20. EZEQUIEL 34:25-31 334
2.19.21. EZEQUIEL 36:12-15 334
2.19.22. EZEQUIEL 36:26-31 335
2.19.23. EZEQUIEL 37:21-28 335
2.19.24. EZEQUIEL 38:1-16 336
2.19.25. EZEQUIEL 38:17-23 337
2.19.26. EZEQUIEL 39:1-10 337
2.19.27. EZEQUIEL 39:11-20 338
2.19.28. EZEQUIEL 39:21-29 339
2.19.29. EZEQUIEL 40:1-4 339
2.19.30. EZEQUIEL 40:5-16 342
2.19.31. EZEQUIEL 40:17-19 343
2.19.32. EZEQUIEL 40:20-27 343
2.19.33. EZEQUIEL 40:28-37 344
2.19.34. EZEQUIEL 40:38-43 345
2.19.35. EZEQUIEL 40:44-47 345
2.19.36. EZEQUIEL 40:48-49 346
2.19.37. EZEQUIEL 41:1-4 346
2.19.38. EZEQUIEL 41:5-12 346
2.19.39. EZEQUIEL 41:13-26 347
2.19.40. EZEQUIEL 42:1-14 347
2.19.41. EZEQUIEL 42:15-20 348
2.19.42. EZEQUIEL 43:1-12 349
2.19.43. EZEQUIEL 43:13-17 350
2.19.44. EZEQUIEL 43:18-27 350
2.19.45. EZEQUIEL 44:1-3 350
2.19.46. EZEQUIEL 44:4-9 351
2.19.47. EZEQUIEL 44:10-14 351
2.19.48. EZEQUIEL 44:15-27 351

2.19.49. EZEQUIEL 44:28-31 352
2.19.50. EZEQUIEL 45:1-8 352
2.19.51. EZEQUIEL 45:9-12 353
2.19.52. EZEQUIEL 45:13-17 353
2.19.53. EZEQUIEL 45:18-20 354
2.19.54. EZEQUIEL 45:21-25 354
2.19.55. EZEQUIEL 46:1-8 355
2.19.56. EZEQUIEL 46:9-10 355
2.19.57. EZEQUIEL 46:11-15 355
2.19.58. EZEQUIEL 46:16-18 356
2.19.59. EZEQUIEL 46:19-24 356
2.19.60. EZEQUIEL 47:1-12 356
2.19.61. EZEQUIEL 47:13-21 357
2.19.62. EZEQUIEL 47:22-23 358
2.19.63. EZEQUIEL 48:1-7 358
2.19.64. EZEQUIEL 48:8-22 358
2.19.65. EZEQUIEL 48:23-29 359
2.19.66. EZEQUIEL 48:30-35 360
2.19.67. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE EZEQUIEL 361
2.20. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE DANIEL 371
2.20.1. DANIEL 2:31-45 371
2.20.2. DANIEL 7:1-14 372
2.20.3. DANIEL 7:15-28 373
2.20.4. DANIEL 8:2-26 375
2.20.5. DANIEL 9:25-27 377
2.20.6. DANIEL 10:12-21 379
2.20.7. DANIEL 11:2-4 380
2.20.8. DANIEL 11:5-19 380
2.20.9. DANIEL 11:20-35 381
2.20.10. DANIEL 11:36-45 382
2.20.11. DANIEL 12:1-7 384
2.20.12. DANIEL 12:8-13 385
2.20.13. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE DANIEL 387
2.21. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE OSEIAS 392
2.21.1. OSEIAS 1:10-11 392
2.21.2. OSEIAS 2:18-23 392
2.21.3. OSEIAS 6:1-2 393
2.21.4. OSEIAS 13:14 393
2.21.5. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE OSEIAS 393
2.22. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE JOEL 395
2.22.1. JOEL 1:4-6 395
2.22.2. JOEL 1:15 395
2.22.3. JOEL 2:1-11 395
2.22.4. JOEL 2:18-20 396
2.22.5. JOEL 2:26-27 396
2.22.6. JOEL 2:28-32 397
2.22.7. JOEL 3:1-8 397
2.22.8. JOEL 3:9-16 398
2.22.9. JOEL 3:17-21 398
2.22.10. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE JOEL 399
2.23. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE AMÓS 402
2.23.1. AMÓS 5:18-20 402
2.23.2. AMÓS 8:8-9 402
2.23.3. AMÓS 9:2 402
2.23.4. AMÓS 9:11-15 403
2.23.5. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE AMÓS 403

2.24. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE OBADIAS 404
2.24.1. OBADIAS 15-22 E A ESCATOLOGIA DO LIVRO DE OBADIAS 405
2.25. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE JONAS 406
2.25.1. JONAS 2:1-10 E A ESCATOLOGIA DO LIVRO DE JONAS 406
2.26. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE MIQUEIAS 407
2.26.1. MIQUEIAS 2:12-13 407
2.26.2. MIQUEIAS 4:1-4 407
2.26.3. MIQUEIAS 4:6-5:1 408
2.26.4. MIQUEIAS 5:2-4 408
2.26.5. MIQUEIAS 5:5-6 409
2.26.6. MIQUEIAS 5:6-9 409
2.26.7. MIQUEIAS 5:10-15 410
2.26.8. MIQUEIAS 7:11-13 410
2.26.9. MIQUEIAS 7:16-17 410
2.26.10. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE MIQUEIAS 410
2.27. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE NAUM 414
2.27.1. NAUM 2:2 E A ESCATOLOGIA DO LIVRO DE NAUM 414
2.28. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE SOFONIAS 414
2.28.1. SOFONIAS 1:2-3 414
2.28.2. SOFONIAS 1:7-18 414
2.28.3. SOFONIAS 2:1-3 415
2.28.4. SOFONIAS 3:8-13 415
2.28.5. SOFONIAS 3:14-17 416
2.28.6. SOFONIAS 3:18-20 416
2.28.7. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE SOFONIAS 416
2.29. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE AGEU 419
2.29.1. AGEU 2:6-7 419
2.29.2. AGEU 2:21-23 419
2.29.3. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE AGEU 419
2.30. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE ZACARIAS 420
2.30.1. ZACARIAS 1:8-17 420
2.30.2. ZACARIAS 1:18-20 421
2.30.3. ZACARIAS 2:1-5 421
2.30.4. ZACARIAS 2:8-13 421
2.30.5. ZACARIAS 3:8-10 422
2.30.6. ZACARIAS 4:1-14 422
2.30.7. ZACARIAS 6:1-8 422
2.30.8. ZACARIAS 6:9-15 423
2.30.9. ZACARIAS 9:7 423
2.30.10. ZACARIAS 9:9-12 424
2.30.11. ZACARIAS 9:13-17 424
2.30.12. ZACARIAS 10:3-5 424
2.30.13. ZACARIAS 10:6-12 425
2.30.14. ZACARIAS 11:10-14 425
2.30.15. ZACARIAS 11:15-17 426
2.30.16. ZACARIAS 12:1-9 426
2.30.17. ZACARIAS 12:10-14 427
2.30.18. ZACARIAS 13:1-6 427
2.30.19. ZACARIAS 13:7-9 428
2.30.20. ZACARIAS 14:1-7 428
2.30.21. ZACARIAS 14:8-11 429
2.30.22. ZACARIAS 14:12-15 429
2.30.23. ZACARIAS 14:16-21 430
2.30.24. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE ZACARIAS 430
2.31. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE MALAQUIAS 437
2.31.1. MALAQUIAS 3:1-5 437

2.31.2. MALAQUIAS 4:1-3 437
2.31.3. MALAQUIAS 4:5-6 437
2.31.4. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE MALAQUIAS 438
3. A ESCATOLOGIA CONFORME ANÁLISE CONTEXTUAL DO NOVO E ANTIGO TESTAMENTOS 439
3.1. CRONOLOGIA DA ESCATOLOGIA BÍBLICA 439
3.1.1. OS JUÍZOS DE DEUS, O ANÚNCIO DO MESSIAS E SEU REINO 439
3.1.2. A QUEDA DO REINO DO NORTE (ISRAEL) 443
3.1.3. A AMEAÇA ASSÍRIA CONTRA JERUSALÉM 443
3.1.4. A PRIMEIRA DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM E DO TEMPLO E O EXÍLIO NA BABILÔNIA 444
3.1.5. O RETORNO DO EXÍLIO NA BABILÔNIA E O REMANESCENTE MAIS FIEL DE ISRAEL 446
3.1.6. A PROFECIA DAS SETENTA SEMANAS DE DANIEL 456
3.1.7. ASCENSÃO E QUEDA DE NAÇÕES PODEROSAS E SEUS DOMÍNIOS SOBRE A JUDÁ PÓS-EXÍLICA 456
3.1.8. A VINDA DO MESSIAS E SEU REINO ESPIRITUAL 458
3.1.9. A GRANDE TRIBULAÇÃO: QUEDA DE JERUSALÉM E DO JUDAÍSMO EM 70 D.C. 469
3.1.10. A PERSEGUIÇÃO ROMANA CONTRA OS CRISTÃOS APÓS A QUEDA DE JERUSALÉM 472
3.1.11. A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO 473
3.1.12. A APOSTASIA E A MANIFESTAÇÃO DO HOMEM DA INIQUIDADE 475
3.1.13. A RESTRIÇÃO DE SATANÁS 475
3.1.14. A SEGUNDA VINDA DE CRISTO 475
3.2. O ESTADO INTERMEDIÁRIO ENTRE VIDA FÍSICA E RESSURREIÇÃO, O *SHEOL/HADES* E O ABISMO 480
3.2.1. A MORTE 480
3.2.2. CORPO, ALMA E ESPÍRITO 481
3.2.3. O ESTADO DOS MORTOS 481
3.2.4. PARA ONDE VÃO OS MORTOS 483
3.2.5. O MUNDO DOS MORTOS: *SHEOL/HADES* 486
3.2.6. O ABISMO: *ABADDON* 489
3.2.7. A PRIMEIRA RESSURREIÇÃO DO LIVRO DE APOCALIPSE 491
3.3. A PUNIÇÃO FINAL 491
4. SINOPSE DA ESCATOLOGIA BÍBLICA 492
5. REFERÊNCIAS 495

Escatologia é um ramo maior de estudos da Bíblia que lida com as "últimas coisas". O termo "escatologia" vem de duas palavras gregas: ἔσχατος, que significa "último", e λογία, que significa "estudo". É o estudo das "últimas coisas" como o fim de uma vida individual, o fim das eras, o fim do mundo e a natureza do reino de Deus.

A escatologia procura estudar e discutir assuntos como a morte e a vida após a morte, o céu e o inferno, a segunda vinda de Jesus, a ressurreição dos mortos, o arrebatamento, a tribulação, o milenarismo, o fim do mundo, o juízo final e os novos céus e a nova terra no mundo por vir. As passagens escatológicas são encontradas em muitos lugares da Bíblia, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento.

1. ANÁLISE CONTEXTUAL DA ESCATOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO

Façamos a seguir uma análise sucinta (sempre que possível) e contextual das passagens bíblicas representativas do Novo Testamento relacionadas à escatologia. É o contexto que vai dizer o que as passagens significam. Não iremos abordar exatamente todas as passagens escatológicas da Bíblia, mas um número suficiente de passagens representativas para que tenhamos a inteireza do assunto.

Por que começar um estudo de escatologia bíblica com o Novo Testamento ao invés do Antigo Testamento? Porque o Antigo Testamento deve ser entendido à luz do Novo Testamento. Isso é notável no Livro de Hebreus, onde o autor utiliza várias vezes desse princípio interpretativo. A revelação do Novo Testamento é uma maior luz, enquanto o Antigo Testamento era mais como uma sombra das coisas que estavam por vir. No Antigo Testamento não foi dada tanta luz sobre a ressurreição dos mortos como no Novo Testamento, por exemplo. O evangelho é o "mistério de Deus" revelado – coisas anteriormente ocultas vêm à maior luz no Novo Testamento (Mateus 13:11; Romanos 11:25; 1 Coríntios 2:7; 1 Coríntios 4:1; 1 Coríntios 15:51; Efésios 1:9; Efésios 3:3-4; Efésios 6:19; Colossenses 1:27; Colossenses 2:2; 1 Timóteo 3:16).

É importante observar que um mesmo verso pode conter linguagem literal, figura de linguagem, simbolismo e/ou analogia. A explicação de uma passagem pode requerer o entendimento de outras passagens bíblicas.

Somente após entendermos o que as passagens em seus contextos querem dizer que podemos estabelecer uma linha escatológica. Ela não pode violar nenhuma das passagens escatológicas, mas deve uni-las de forma complementar.

1.1. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO EVANGELHO DE MATEUS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas representativas do Evangelho de Mateus. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.1.1. MATEUS 3:12

> Ele tem a pá em suas mãos, limpará a sua eira e recolherá o seu trigo no celeiro; porém queimará a palha num fogo que nunca se apaga.

Uma analogia que transmite a ideia do Cristo efetuando o julgamento para a eternidade. Ele recolhe os justificados para viver consigo e condena os não justificados ao fogo eterno. Cristo salva e condena. Quanto ao fogo eterno se tratar da cessação da existência dos ímpios ou de seu tormento eterno, veja 1.1.10. Mateus 10:28.

1.1.2. MATEUS 5:5

> Bem aventurados os mansos, porque herdarão a terra.

A expressão "herdarão a terra" dificilmente tem o significado de herdar o planeta todo, sendo bem mais provável que a palavra "terra" se refira a um território, uma extensão de terra, como um país. A expressão acabou se tornando proverbial para uma grande bênção, tendo em vista a promessa de Deus aos patriarcas pela terra de Canaã, "a terra que mana leite e mel". Do ponto de vista judaico, seu território era muitas vezes entendido como a bênção máxima de Deus ao povo, tanto que Deus a tomou duas vezes (primeiro com Nabucodonosor da Babilônia em 586 a.C. e, depois, com o Império Romano em 70 d.C.). Esse tipo de emprego da expressão "herdar a terra" como "herdar uma grande bênção" é encontrado quatro vezes no Salmo 37 e em Isaías 60:21. "Herdar a terra" era uma expressão comum nos dias de Jesus, e ele a usou para exprimir as grandes bênçãos espirituais que pertencem aos mansos. A terra prometida, conforme referida no Livro de Hebreus, era um prenúncio da bênção maior de herdar o céu, a pátria celestial, a qual é a esperança do fiel (Hebreus 11:14-16).

Portanto, Jesus afirmou que os mansos serão recebidos no reino celestial (em última análise, os novos céus e nova terra) e receberão ali a plenitude das bênçãos. Não é possível sustentar que "herdar a terra" signifique que os mansos herdarão o planeta Terra, uma vez que ele será destruído na segunda vinda de Cristo, conforme 2 Pedro 3:10-11.

1.1.3. MATEUS 5:22

> Eu, porém, lhes digo que todo aquele que se irar contra o seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem insultar o seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem o chamar de tolo estará sujeito ao inferno de fogo.

A palavra traduzida como "inferno" é *geena*. Originalmente referia-se ao Vale de Hinom, fora das muralhas de Jerusalém, um vale usado como depósito de lixo onde se lançavam os cadáveres de pessoas que eram consideradas indignas, restos de animais, e toda outra espécie de imundície, os quais eram incinerados. Havia ali também vermes que comiam a carne morta. *Geena* é utilizado por Jesus como símbolo da punição final e equivale ao lago de fogo do Livro de Apocalipse, a condenação do julgamento final. Aquele que se irar sem motivo contra seu irmão está sujeito a tal condenação. Quanto à questão da punição final se tratar da cessação da existência dos ímpios ou de seu tormento eterno, veja 1.1.10. Mateus 10:28.

1.1.4. MATEUS 5:29-30

> Se o seu olho direito leva você a tropeçar, arranque-o e jogue-o fora. Pois é preferível você perder uma parte do seu corpo do que ter o corpo inteiro lançado no inferno. E, se a sua mão direita leva você a tropeçar, corte-a e jogue-a fora. Pois é preferível você perder uma parte do seu corpo do que o corpo inteiro ir para o inferno.

A palavra traduzida por "inferno" é *geena*. A punição final é tão terrível que é preferível tomar medidas drásticas para obedecer a Palavra de Deus do que sofrê-la. Quanto à questão da punição final se tratar da cessação da existência dos ímpios ou de seu tormento eterno, veja 1.1.10. Mateus 10:28.

1.1.5. MATEUS 8:11-12

> Digo a vocês que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugar à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no Reino dos Céus. Mas os filhos do Reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes.

Abraão, Isaque e Jacó estarão no reino dos céus em sua plenitude. Com eles estarão muitos de todas as partes do mundo que se converterão a Deus, porém, surpreendentemente, muitos daqueles que tiveram grandes oportunidades de estar com Deus, os "filhos do Reino" – judeus – serão lançados fora. O lugar daqueles que são lançados fora do reino é descrito como "trevas" e "choro e ranger de dentes". Essa é a punição final, conforme Mateus 13:50. Quanto à questão da punição final se tratar da cessação da existência dos ímpios ou de seu tormento eterno, veja 1.1.10. Mateus 10:28.

1.1.6. MATEUS 8:21-22

> E outro dos discípulos lhe disse: "Senhor, deixe-me ir primeiro sepultar o meu pai." Mas Jesus respondeu: "Siga-me e deixe que os mortos sepultem os seus mortos."

Nem todos aqueles que estão fisicamente vivos são considerados como vivos pelo Senhor. Aquele que está fisicamente vivo, mas afastado de Deus, é contado como morto.

1.1.7. MATEUS 9:23-25

> Tendo Jesus chegado à casa do chefe e vendo os tocadores de flauta e o povo em alvoroço, disse: "Saiam daqui! Porque a menina não está morta, mas dorme." E riam-se dele. Mas, quando o povo tinha sido colocado para fora, Jesus entrou, tomou a menina pela mão, e ela se levantou.

A filha de Jairo estava claramente morta, mas Jesus disse que dormia. A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. Quanto à questão de o sono poder se referir a uma inconsciência dos mortos, veja 1.1.19. Mateus 17:1-9.

1.1.8. MATEUS 10:14-15

> Se alguém não quiser recebê-los nem ouvir as palavras de vocês, ao saírem daquela casa ou daquela cidade, sacudam o pó dos pés. Em verdade lhes digo que haverá menos rigor para Sodoma e Gomorra, no Dia do Juízo, do que para aquela cidade.

As cidades e casas que ouviram as palavras de Deus por meio dos discípulos de Jesus e as rejeitaram terão, no dia do juízo final, julgamento mais severo do que Sodoma e Gomorra, cidades cuja maldade tornou-se proverbial. Aqueles que recebem maior luz da parte de Deus e a rejeitam terão julgamento e punição mais severos.

1.1.9. MATEUS 10:23

> Quando, porém, perseguirem vocês numa cidade, fujam para outra. Porque em verdade lhes digo que não terão percorrido as cidades de Israel, até que venha o Filho do Homem.

No contexto, os discípulos estavam sendo enviados para pregar o arrependimento primeiramente a Israel, uma vez que o reino de Deus estava próximo. Os discípulos de Jesus têm sido perseguidos pelos judeus incrédulos ao longo de todo o Novo Testamento, e isso continuaria até que o Filho do Homem viesse. A vinda do Filho do Homem nem sempre significa a segunda vinda de Cristo, podendo se referir a uma visitação do Senhor para julgamento local de uma nação ou povo. É mais provável que a aplicação primária dessa vinda seja o juízo contra Jerusalém, a qual foi destruída pelos exércitos romanos em 70 d.C. (veja 1.1.28. Mateus 24:1-35). Assim, os discípulos continuariam pregando aos judeus até que eles fossem rejeitados e julgados pelo Senhor, da mesma forma como ocorreu o juízo contra Jerusalém em 586 a.C. pelo exército babilônico.

Em uma aplicação secundária, o evangelho continua sendo pregado a todos, sejam pessoas de Israel ou não, até que ocorra a segunda vinda de Cristo. De qualquer forma, as cidades de Israel devem continuar a ouvir o evangelho, pois é dever dos discípulos continuar a evangelizar a todos. Apenas no fim do mundo não haverá mais evangelização.

1.1.10. MATEUS 10:28

> Não temam os que matam o corpo, mas não podem matar a alma; pelo contrário, temam aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo.

A palavra traduzida como "inferno" é *geena*. O ser humano pode apenas matar o corpo, mas Deus pode fazer perecer no fogo eterno tanto a alma como o corpo. O *geena* é referido como a punição final, uma vez que nele estará o ímpio de corpo e alma, ou seja, depois da ressurreição e do julgamento final. *Geena* e o lago de fogo do Livro de Apocalipse são ambos a punição final.

Há muita discussão sobre o perecimento no *geena* poder significar tormento eterno ou a aniquilação do corpo e da alma. Embora as passagens bíblicas que mencionam o "castigo eterno" possam ser entendidas como a eternidade do local de castigo em si, e não da eternidade dos castigados, qual a necessidade de existir um local de castigo eternamente, ou de Deus manter sua ira acesa eternamente, se os castigados cedo ou tarde deixarem de existir? Não parece haver resposta satisfatória para sustentar que os desobedientes deixarão de existir. Argumentos do tipo "Deus é bom demais para deixar alguém sofrendo para sempre" devem ser evitados – a despeito da bondade de Deus, sua justiça pode, de fato, demandar tormento eterno. Uma ilustração de dívida e pagamento pode ser útil nessa questão: é como se o pecado gerasse uma "dívida infinita" que o pecador não pode pagar, mas Deus concede a "verba" para esse pagamento por meio do evangelho. Se essa "verba" for rejeitada, o pecador teria que pagar por si mesmo, mas nunca conseguirá, tendo que permanecer a eternidade tentando quitar uma dívida que não termina (Salmo 49:7-9 pode ilustrar esse princípio, assim como Mateus 16:26). Nesse contexto, a aniquilação deixaria o "débito eterno" pendente.

Também, Apocalipse 20:10 e Apocalipse 20:15 demonstram que o "lago de fogo" é uma punição que traz tormento perpétuo tanto para Satanás quanto para pessoas ímpias. Mesmo reconhecendo a linguagem simbólica do contexto, tais passagens se opõem fortemente ao entendimento de que a morte espiritual seja apenas a destruição total ou aniquilação dos ímpios. A morte envolve uma separação. A morte física é a separação de espírito e corpo (Eclesiastes 12:7; Tiago 2:26), e a morte espiritual é a separação do homem e Deus (Isaías 59:1-2; Efésios 2:5,12). Essa morte pode ser temporária (Efésios 2:4-6,13) ou pode se tornar eterna (2 Tessalonicenses 1:8-9). Na linguagem de Jesus, o castigo dos condenados é de duração igual à vida dos salvos: castigo eterno e vida eterna (Mateus 25:46). Além disso, o contexto da parábola do servo que não queria perdoar (Mateus 18:23-35) indica que a punição final tem a conotação de tormento até que se salde a dívida toda do pecador com Deus. Como o preço para pagar a redenção do pecador foi a vida de Cristo, a qual, em termos de valor, vale infinito, provavelmente a punição final se trata de "dívida infinita", ou tormento eterno. As figuras utilizadas por Jesus em Marcos 9:43-49 para retratar o tormento, "não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga", apoiam a ideia de tormento eterno. Se o verme que come a carne não morre e o fogo não apaga, qual a razão de eles ainda existirem se os ímpios algum dia forem eliminados da existência? A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências.

Hebreus 4:12 e 1 Tessalonicenses 5:23 demonstram que a Bíblia às vezes distingue entre "alma" e "espírito". Às vezes são intercambiáveis.

A palavra portuguesa "alma" geralmente vem ou do hebraico *nephesh* ou do grego *psyche* e pode ser usada de várias maneiras. A palavra hebraica *nephesh* pode ser encontrada mais de 780 vezes no Antigo Testamento. Devido à variedade de significados contextuais, nem sempre é traduzida pela palavra "alma". *Nephesh*, portanto, significa coisas diferentes, dependendo da passagem em que ocorre. Da mesma forma, no Novo Testamento grego, a palavra original para alma é *psyche*. Pode ser encontrada 103 vezes e pode assumir diferentes sentidos, dependendo de sua configuração contextual.

"Alma" às vezes se refere à ideia de vida física e é frequentemente traduzida como "vida" (Mateus 2:20; 6:25; Filipenses 2:30), sendo a força animadora que é comum a humanos e animais – todas as criaturas têm "vida" (Gênesis 1:30). O rei Herodes procurou tirar a "vida" do bebê Jesus (Mateus 2:20; conforme Apocalipse 12:11). Em uma das visões do Livro de Apocalipse, certas criaturas do mar possuem *psyche* ou vida (Apocalipse 8:9). Às vezes se refere à pessoa e é, assim, traduzida como "pessoa" (Êxodo 1:5; Atos 7:14; 1 Pedro 3:20). Uma alma pode ter a ver com o aspecto do homem que é caracterizado pela parte intelectual e emocional (Gênesis 27:25; Jó 30:16), sendo o componente do homem que é formado à própria imagem de Deus (Gênesis 1:26). Ocasionalmente, a palavra "alma" é usada para falar do "espírito" do homem que pode sofrer castigo e expulsão da presença de Deus (Salmo 16:10; Mateus 10:28; Atos 2:27,31; 1 Pedro 1:22). "Alma" é raramente usada em referência a Deus.

O termo "espírito" faz ressaltar o aspecto espiritual do homem, ou do próprio Deus. Ele vem do hebraico *ruach* e do grego *pneuma*. A palavra hebraica *ruach* pode ser encontrada 378 vezes no Antigo Testamento hebraico e, literalmente, significa "respiração" ou "vento". O termo grego correspondente é *pneuma*, e essa palavra ocorre 379 vezes no Novo Testamento. Ambas podem assumir diferentes sentidos, dependendo de sua configuração contextual.

A palavra hebraica *ruach* pode literalmente denotar a respiração de uma pessoa. A rainha de Sabá esteve sem fôlego quando viu o esplendor do reino de Salomão (1 Reis 10:4-5). A palavra também pode significar o vento. Por exemplo, algumas pessoas que buscam objetivos vazios estão apenas correndo atrás do vento (Eclesiastes 1:14,17).

Um espírito pode se referir a um ser não físico, sendo o termo usado para representar a natureza de um ser imaterial. Deus Pai, quanto à sua essência, é espírito (João 4:24; 1 Coríntios 3:16; 2 Coríntios 3:3), não um ser físico ou material (Mateus 16:17; Lucas 24:39). Outra pessoa da divindade é designada especificamente como Espírito Santo. Da mesma forma, os anjos são de natureza espiritual, embora não sejam divindades (Hebreus 1:14). Às vezes, a palavra "espírito" pode ser usada por meio da figura de linguagem conhecida como sinédoque, como em João 4:1: "Amados, não deem crédito a qualquer espírito, mas provem os espíritos para ver se procedem de Deus; porque muitos falsos profetas têm saído mundo afora" – o termo "espíritos" é equivalente a "falsos profetas" nesse texto. "Espírito" também pode ser usado para falar do aspecto racional, moral e espiritual do homem (1 Coríntios 2:11), mas não é usado para animais. Pode ser sinônimo com "alma" ao se referir ao homem interior (2 Coríntios 4:16) que é formado à imagem de Deus (Gênesis 1:26-27). Em Provérbios 20:27, o "espírito do ser humano é a lâmpada do Senhor", o que é uma alusão a esse elemento do homem que o distingue das bestas da terra. Daniel afirmou que seu espírito estava entristecido dentro de seu corpo (Daniel 7:15), Paulo observou que o espírito do homem é capaz de "conhecer" as coisas (1 Coríntios 2:11) e também afirmou que a disciplina da igreja é destinada a salvar o "espírito" de um homem no dia do Senhor (1 Coríntios 5:5; ver também 1 Coríntios 16:18; 2 Coríntios 7:1; Tiago 2:26). Às vezes, "espírito" representa a disposição ou atitude mental de uma pessoa – seja ruim ou boa. Os exemplos incluem um "espírito de medo" (2 Timóteo 1:7), um espírito manso e submisso (1 Pedro 3:4) ou um espírito de gentileza (Gálatas 6:1).

Sendo assim, "alma" é associada mais comumente com a vida física (força animadora, a própria pessoa, o aspecto caracterizado pela personalidade e emocionalidade, o componente formado à imagem de Deus) enquanto "espírito" se relaciona mais com a mente e o aspecto espiritual do homem. Às vezes alma e espírito são intercambiáveis. A vida física é tirada do homem quando seu espírito é separado de seu corpo (Tiago 2:26; Eclesiastes 12:7). O espírito volta para Deus para ser julgado (Eclesiastes 12:7; Hebreus 9:27).

Ao que tudo indica, o ser humano consiste de três partes: um corpo físico, uma alma sensível que ele tem em comum com os animais, sendo o centro dos "desejos terrenos" (comparando com o mesmo grego em 1 Coríntios 2:14: "Ora, a pessoa natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura", também

com relação a Judas 19), e um espírito, o qual é a parte espiritual mais elevada e receptiva ao Espírito de Deus, e que o coloca ao par com seres celestiais.

1.1.11. MATEUS 10:32-33

> Portanto, todo aquele que me confessar diante dos outros, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante das pessoas, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus.

No juízo final, aquele que confessou Jesus às outras pessoas terá, da mesma, seu nome confessado por Jesus diante de Deus Pai. Confessar significa reconhecer quem ele realmente é e implica em obedecer aos seus ensinamentos. Aquele que negou Jesus diante de outras pessoas terá, da mesma forma, seu nome negado por Jesus diante de Deus Pai. Jesus, portanto, testemunhará para salvação ou condenação de cada um de acordo como cada um procedeu em relação à Palavra de Deus.

1.1.12. MATEUS 11:21-24

> Ai de você, Corazim! Ai de você, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que foram feitos em vocês, há muito que elas teriam se arrependido com pano de saco e cinza. Mas eu digo a vocês que, no Dia do Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vocês. E você, Cafarnaum, pensa que será elevada até o céu? Será jogada no inferno! Porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que foram feitos em você, ela teria permanecido até o dia de hoje. Mas eu digo a vocês que, no Dia do Juízo, haverá menos rigor para a terra de Sodoma do que para você.

Corazim, Betsaida e Cafarnaum são repreendidas por suas incredulidades. Também são usadas como exemplo do resultado da atitude de manter uma posição de incredulidade diante de sinais claros vindos de Deus (os quais têm o intuito de causar arrependimento): punição com maior rigor. Mesmo nações como Tiro, Sidom, e até Sodoma, teriam mais pessoas arrependidas do que Corazim, Betsaida e Cafarnaum se vissem os mesmos sinais. A ideia aqui é que o rigor e a punição do julgamento final são maiores proporcionalmente à incredulidade daquele que será julgado.

A palavra traduzida como "inferno" é *hades*. O fim da vida física dos incrédulos é o mundo dos mortos e ali aguardarão o juízo final.

1.1.13. MATEUS 12:31-32

> Por isso, digo a vocês que todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Se alguém disser alguma palavra contra o Filho do Homem, isso lhe será perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, isso não lhe será perdoado, nem neste mundo nem no porvir.

Os pecados e blasfêmias dos seres humanos podem ser perdoados, mas "se alguém falar contra o Espírito Santo" não há perdão. No contexto, os fariseus estavam vendo as obras que Jesus realizava por meio do Espírito Santo e atribuíram tais obras ao maioral dos demônios (Mateus 12:24). Blasfemar contra o Espírito Santo é falar contra o Espírito Santo. Falar contra significa se opor, uma posição de rejeitar ativamente. Quem blasfema contra o Espírito Santo o rejeita completamente e, se essa posição for mantida, a pessoa nunca chegará ao arrependimento. Em última análise, trata-se de uma posição de rejeição total e contínua de Deus, sendo o único pecado que não tem perdão.

1.1.14. MATEUS 12:40-42

> Porque assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra. Ninivitas se levantarão, no Juízo, com esta geração e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E aqui está quem é maior do que Jonas. A rainha do Sul se levantará, no Juízo, com esta geração e a condenará, porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E aqui está quem é maior do que Salomão.

Assim como Jonas esteve no ventre do grande peixe por três dias, Cristo desceu ao "coração da terra", ou seja, após sua morte física, sua alma passou três dias no mundo dos mortos (*hades*/*sheol*). Quanto à distinção entre alma e espírito, ver 1.1.10. Mateus 10:28. A ideia de descer ao coração da terra aponta para as profundezas da terra, e não simplesmente para um sepulcro.

Até mesmo ninivitas e a rainha de Sabá se deixaram ser influenciados para salvação pela Palavra de Deus. Os ninivitas e a rainha de Sabá ouviram a Palavra de Deus manifesta por servos inferiores ao Cristo (Jonas e Salomão), mas se arrependeram. A geração da época de Jesus estava ouvindo o próprio Cristo falar a Palavra de Deus, e ainda assim se mantinha incrédula. Com essa atitude, tal geração não escapará da condenação. Além do mais, os ninivitas e a rainha de Sabá estarão presentes no julgamento final contra a geração que ouviu Jesus no momento em que ele proferiu essa profecia, e pronunciarão juízo condenatório contra ela. Observa-se, portanto, que haverá a participação de justificados no juízo dos não justificados.

1.1.15. MATEUS 13:37-43

> E Jesus respondeu: "O que semeia a boa semente é o Filho do Homem. O campo é o mundo. A boa semente são os filhos do Reino; o joio são os filhos do Maligno. O inimigo que o semeou é o diabo. A colheita é o fim dos tempos, e os ceifeiros são os anjos. Pois, assim como o joio é colhido e jogado no fogo, assim será no fim dos tempos. O Filho do Homem mandará os seus anjos, que ajuntarão do seu Reino todos os que servem de pedra de tropeço e os que praticam o mal e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes. Então os justos resplandecerão como o sol, no Reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça."

Cristo explicou uma parábola a seus discípulos, ensinando-os que aqueles que estão no mundo/em seu reino e que não se conformam à Palavra de Deus serão encaminhados à condenação eterna. Note que "o mundo" e "seu reino" são a mesma coisa aqui. Assim, Cristo já é o rei. Em contraste, os justificados por Deus partilharão da sua glória. Observa-se aqui a participação dos anjos para trazer as pessoas diante do Senhor para o julgamento e para encaminhar os condenados à punição eterna. Observa-se também que o reino de Cristo já está presente em meio aos não justificados no primeiro século.

1.1.16. MATEUS 13:49-50

> Assim será no fim dos tempos: os anjos sairão, separarão os maus dentre os justos e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes.

Os anjos efetuarão a separação dos justificados dos não justificados e lançarão os últimos na punição eterna, a qual é descrita como uma fornalha acesa com choro e ranger de dentes.

1.1.17. MATEUS 16:18

> Também eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

A palavra traduzida como "inferno" é *hades*. Jesus afirmou que sua Igreja é edificada sobre ele mesmo, a rocha confessada por Pedro em sua declaração de que Jesus é o Cristo. A Igreja representa todos os salvos e a remissão da morte e do mundo dos mortos tão aguardada pelo fiel do Antigo Testamento. O *hades*/*sheol* é descrito como tendo "portas" (portões), o que provavelmente denota o mundo dos mortos como uma prisão inescapável para o ser humano que estiver por si mesmo.

1.1.18. MATEUS 16:26-28

> De que adiantará uma pessoa ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará uma pessoa em troca de sua alma? Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um conforme as suas obras. Em verdade lhes digo que, dos que aqui se encontram, existem alguns que não passarão pela morte até que vejam o Filho do Homem vir no seu Reino.

A alma de uma pessoa não tem preço (Salmo 49:7-9). Ninguém pode pagar o preço de sua redenção. É como se aquele que pecou tivesse um "débito infinito" com Deus, sendo que esse débito pode ser pago apenas com

o sacrifício de Cristo. No entanto, o sacrifício de Cristo não será permitido a "quitar a dívida" daquele que não for justificado por Deus.

Jesus, na glória de Deus Pai e acompanhado de seus anjos, virá em sua segunda vinda e efetuará julgamento justo conforme o que cada julgado fez. Cristo também indicou outra vinda sua. Algumas das pessoas que ouviram essas palavras na época em que Jesus as falou (primeiro século) não morreriam fisicamente até que vissem "o Filho do Homem vir no seu Reino". Logo, esse reino ainda não tinha vindo naquele momento em que Jesus falou, mas teria que vir antes que algumas daquelas pessoas morressem. Dessa forma, o reino de Cristo foi estabelecido já no primeiro século e isso foi considerado uma vinda do Senhor.

1.1.19. MATEUS 17:1-9

> Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro e os irmãos Tiago e João e os levou, em particular, a um alto monte. E Jesus foi transfigurado diante deles. O seu rosto resplandecia como o sol, e as suas roupas se tornaram brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com Jesus. Então Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: "Senhor, bom é estarmos aqui. Se o senhor quiser, farei aqui três tendas: uma para o senhor, outra para Moisés e outra para Elias." Falava ele ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu; e eis, vindo da nuvem, uma voz que dizia: "Este é o meu Filho amado, em quem me agrado; escutem o que ele diz!" Ao ouvirem aquela voz, os discípulos caíram de bruços, tomados de grande medo. Jesus aproximou-se e tocou neles, dizendo: "Levantem-se e não tenham medo!" Então eles, levantando os olhos, não viram mais ninguém, a não ser Jesus. Ao descerem do monte, Jesus lhes ordenou: "Não contem a ninguém o que vocês viram, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos."

Moisés e Elias apareceram durante o momento da transfiguração de Jesus e conversaram com ele. Existem duas explicações gerais sobre se Moisés e Elias realmente apareceram na montanha:

- Após sua transfiguração, Jesus disse aos seus discípulos: "Não contem a ninguém o que vocês viram, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos" (Mateus 17:9). A expressão "o que vocês viram" pode ser traduzida como "a visão". Nesse caso, o Senhor teria se referido ao que eles viram como uma visão. Uma visão não é uma realidade material, mas uma imagem sobrenatural vista na mente ou nos olhos. Os discípulos estavam com muito sono no momento, embora tenham se mantido acordados (conforme Lucas 9:32). A mesma palavra grega para "visão" foi usada em referência à visão de Pedro de que os animais impuros eram limpos (Atos 10:3,17,19; 11:5). Isso leva à possibilidade de que Elias e Moisés não fossem reais, mas uma imagem sobrenatural. Se for assim, a transfiguração talvez fosse uma visão profética daquilo que ocorreria em um futuro distante. Pedro, Tiago e João viram o Filho do Homem glorificado no reino de Deus e em comunhão com Moisés e Elias nessa visão;

- Elias e Moisés realmente apareceram a Jesus no monte. Pode ser que Elias "escapou" da morte por ter sido levado ao céu por Deus (2 Reis 2:11), assim como Enoque (Gênesis 5:24), embora seja também possível que eles foram apenas tomados para o céu atmosférico, o "primeiro céu", e transportados por Deus para outro lugar na Terra. No entanto, Moisés não foi trazido para o céu como possivelmente pode ter ocorrido com Elias, uma vez que ele morreu fisicamente e o Senhor o enterrou e manteve seu túmulo escondido (Deuteronômio 34:5-7; Josué 1:2). Há uma interpretação de que Moisés teria sido ressuscitado por Deus e trazido ao céu baseada na discussão do arcanjo Miguel com Satanás por causa do corpo de Moisés (Judas 9). Se isso proceder, Moisés veio do céu para se encontrar com Jesus. Se não, a alma de Moisés está consciente e ele vive de alguma forma, assim como Abraão, Isaque e Jacó foram tidos como vivos (Mateus 22:30-32).

Embora a explicação de ser uma visão pareça uma explicação plausível, uma vez que o próprio Jesus chamou o ocorrido especificamente de "visão" (Mateus 17:9), é uma explicação mais fraca. A "visão" pode ter sido simplesmente a visão de algo que realmente ocorreu, e não algo que ocorreu apenas na mente dos discípulos. Em 2 Pedro 1:16, Pedro afirmou que os apóstolos foram testemunhas oculares da majestade de Cristo – uma referência à transfiguração do Senhor – e isso dificilmente teria sido usado como evidência do que Pedro disse se fosse simplesmente uma visão de algo que não ocorreu na realidade. Além disso, o contexto suporta melhor a explicação de uma ocorrência real:

- Jesus levou Pedro, Tiago e João e a uma montanha (Mateus 17:1);

- Jesus foi transfigurado diante deles. Isso foi uma ocorrência real com Cristo, não uma visão (Mateus 17:2);

- Na transfiguração, Moisés e Elias apareceram a Jesus e aos discípulos, e estavam conversando com Jesus (Mateus 17:3). O contexto é de um evento real: a transfiguração de Cristo;

- Pedro disse que queria fazer três tendas: uma para Jesus, uma para Moisés e outra para Elias (Mateus 17:4). Isso porque ele creu que viu algo real durante a real transfiguração de Cristo;

- Uma nuvem então os ofuscou e Deus Pai falou dizendo: "Este é o meu Filho amado, em quem me agrado; escutem o que ele diz!" (Mateus 17:5);

- Os discípulos então caíram de bruços no chão porque cada um deles ouviu a voz (Mateus 17:6);

- Jesus disse a eles para se levantarem e não terem medo (Mateus 17:7);

- Eles então levantaram os olhos e não viram ninguém, exceto Jesus sozinho (Mateus 17:8);

- Após descerem do monte, Jesus disse a eles para não contarem a visão a ninguém até depois de sua ressurreição (Mateus 17:9).

O contexto apoia a ideia de que Jesus, Pedro, Tiago e João subiram fisicamente a montanha, viram a transfiguração de Jesus e o observaram falando com Moisés e Elias. Além disso, Deus Pai falou, eles caíram no chão, e Jesus então disse a eles para não terem medo. Quando eles ergueram os olhos, não viram ninguém, exceto Jesus, o que significa que Moisés e Elias não eram mais visíveis. Tudo isso é descritivo de algo que realmente aconteceu, não uma representação de outra coisa.

O fato de Moisés e Elias terem aparecido em glória e estarem falando com Jesus a respeito de sua morte em Jerusalém (conforme Lucas 9:32) é de especial atenção. Isso indica que ambos estão conscientes, capazes de se comunicar e, mesmo sem seus corpos ressurretos, já estão em alguma glória. Elias pode ter sido tomado vivo por Deus, assim como Enoque (Gênesis 5:24), para o céu. Se eles foram ao céu, não devem estar com seus corpos mortais, uma vez que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus nem a incorruptibilidade (1 Coríntios 15:50). Moisés e Elias, mesmo estando em glória no momento da transfiguração (Lucas 9:32), não receberam ainda seus corpos glorificados, pois Jesus foi o primeiro a recebê-lo (1 Coríntios 15:20,23; Filipenses 3:21) e o autor de Hebreus afirma que os fiéis que já morreram fisicamente não receberão o aperfeiçoamento (ou seja, os corpos glorificados) antes de todos os cristãos, o que deve ocorrer na segunda vinda de Cristo (Hebreus 11:39-40). Pode ser, porém, que tanto Elias quanto Enoque morreram como qualquer homem, pois é possível que eles foram apenas tomados para o céu atmosférico, o "primeiro céu", e transportados por Deus para outro lugar na Terra.

De qualquer forma, a melhor conclusão é que, na transfiguração de Jesus, Moisés e Elias estavam vivos e conscientes, capazes de se comunicar e reconhecer a outros, em alguma glória, embora ainda não estejam com seus corpos glorificados ressurretos. Tudo indica que tanto Moisés quanto Elias tinham uma forma humanizada – caso não fosse esse o caso, não teriam sido descritos como sendo Moisés e Elias, mas como algo "fantasmagórico" ou qualquer outra coisa assim. Isso pode indicar que os fiéis tomados por Deus sem morrer fisicamente e os fiéis que já morreram fisicamente estão nesse estado também.

Há, no entanto, uma dificuldade em sustentar que os mortos estão conscientes em um estado temporário antes da ressurreição dos mortos: há passagens bíblicas, particularmente no Antigo Testamento, que parecem suportar a inconsciência dos mortos.

Antes de tudo, deve-se ter em mente que o Antigo Testamento deve ser entendido à luz do Novo Testamento. Isso é notável no Livro de Hebreus, onde o autor se utiliza várias vezes desse princípio interpretativo. A revelação do Novo Testamento é uma maior luz, enquanto o Antigo Testamento era mais como uma sombra das coisas que estavam por vir. No Antigo Testamento não foi dada tanta luz sobre a ressurreição dos mortos como no Novo Testamento, por exemplo. O evangelho é o "mistério de Deus" revelado – coisas anteriormente ocultas vêm à

maior luz no Novo Testamento (Mateus 13:11; Romanos 11:25; 1 Coríntios 2:7; 1 Coríntios 4:1; 1 Coríntios 15:51; Efésios 1:9; Efésios 3:3-4; Efésios 6:19; Colossenses 1:27; Colossenses 2:2; 1 Timóteo 3:16).

A filha de Jairo e Lázaro foram referidos como dormindo, embora estivessem mortos (Mateus 9:23-25; João 11:11). Paulo se referiu a cristãos mortos como dormindo (1 Tessalonicenses 4:13-17). Eclesiastes 9:5 afirmou que os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem terão recompensa, porque a sua memória jaz no esquecimento. Salmos parecem indicar que os mortos estão em regiões de silêncio e esquecimento onde não há nem louvor, nem glorificação, nem obras de Deus (Salmo 6:5; 30:9; 88:3-6; 88:10-12; 94:17; 115:17; 146:3-4). O rei Ezequias afirmou que apenas os vivos louvam a Deus (Isaías 38:18-19). Jó afirmou que os mortos não chegam à sabedoria (Jó 4:21) e parece aludir à inconsciência dos mortos (Jó 3:11-16; 14:12,21; 17:13-16). Passagens como essas poderiam ser entendidas como defesa da ideia da inconsciência dos mortos. Outras passagens retratam os mortos como conscientes (1 Samuel 28:11-20; Isaías 14:9-11; Ezequiel 31:14-18; 32:18-32) e até como sombras enfraquecidas (Isaías 14:9-11). Antes de chegar a uma conclusão, as evidências devem ser bem examinadas, pois há também várias passagens que aparentemente apoiam uma ideia de consciência dos mortos, assim como o evento da transfiguração de Jesus. Lembremos, novamente, que o Novo Testamento traz maior luz sobre os assuntos bíblicos do que o Antigo Testamento.

Muitas vezes, a ideia do sono ou estar inconsciente olha para a morte de um ponto de vista da vida terrena. As citações de Eclesiastes, por exemplo, são observações sobre a vida terrena. A frase repetida no livro que destaca esse fato é "debaixo do Sol", como Eclesiastes 9:6: "Amor, ódio e inveja para eles [os mortos] já não existem mais; eles estão afastados para sempre de tudo o que se faz debaixo do sol". Aqueles que já morreram não participam da "vida debaixo do Sol", mas isso não significa que o amor não existe mais para eles nas regiões celestiais, nem que será negada a recompensa a eles (conforme 2 Timóteo 4:6-8). Em outras passagens, tais como as citações de João 11 e 1 Tessalonicenses 4, a ideia de dormir é apresentada em contraste com a noção de uma morte permanente. Ambas as passagens tratam da ressurreição (imediata no caso de Lázaro e na vinda do Senhor em 1 Tessalonicenses). Descrever a morte como sono, na verdade, não é um comentário sobre a inconsciência dos mortos, mas sobre o estado temporário da morte. Descrever que, para onde os mortos vão, há somente silêncio e esquecimento e nenhum louvor ou glorificação de Deus é, em última análise, retratar que os mortos não têm participação no mundo dos viventes. Apenas no mundo dos viventes há aquisição de conhecimento terreno ou conversão ao Senhor – essas coisas, de fato, não ocorrem para quem já faleceu. As evidências para que os mortos estejam conscientes são melhores.

1.1.20. MATEUS 18:8-9

> Se a sua mão ou o seu pé leva você a tropeçar, corte-o e jogue fora; pois é melhor você entrar na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, ser lançado no fogo eterno. E, se um dos seus olhos leva você a tropeçar, arranque-o e jogue fora; pois é melhor você entrar na vida com um só dos seus olhos do que, tendo os dois, ser lançado no inferno de fogo.

A palavra traduzida como "inferno" é *geena*. É melhor tomar medidas drásticas para permanecer no caminho de Deus do que ir ao tormento do fogo eterno do *geena*/lago de fogo. Quanto à questão da punição final se tratar da cessação da existência dos ímpios ou de seu tormento eterno, veja 1.1.10. Mateus 10:28. A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências.

1.1.21. MATEUS 18:32-35

> Então o senhor, chamando aquele servo, lhe disse: "Servo malvado, eu lhe perdoei aquela dívida toda porque você me implorou. Será que você também não devia ter compaixão do seu conservo, assim como eu tive de você?" E, indignando-se, o senhor entregou aquele servo aos carrascos, até que lhe pagasse toda a dívida. Assim também o meu Pai, que está no céu, fará com vocês, se do íntimo não perdoarem cada um a seu irmão.

Respondendo à pergunta de Pedro sobre até quantas vezes se deve perdoar um irmão que peque contra outro (Mateus 18:21-22), Jesus contou uma parábola de um servo que tinha uma dívida tão grande com seu senhor que não podia pagar (Mateus 18:23-35). O senhor estava prestes a vender ele e sua família para que a dívida pudesse ser paga, mas o servo suplicou ao senhor. Ouvindo a súplica, o senhor perdoou sua dívida. No entanto, o servo também tinha alguém que devia a ele, mas era uma quantia relativamente pequena. O servo não perdoou essa pessoa, apesar de ela ter suplicado a ele, e ainda a lançou na prisão. Ao ouvir isso, o senhor se indignou e disse

ao servo que, assim como ele foi perdoado, deveria ter perdoado seu conservo. Então, o senhor o entregou aos carrascos até que pagasse toda a dívida.

Nesse contexto, observa-se que aquele que recebeu o perdão de Deus, mas não é capaz de perdoar no íntimo a seu irmão, não vai ser justificado diante de Deus, recebendo a punição final. A parábola ilustrou que aquele que peca tem uma dívida tão grandiosa com Deus que não pode pagá-la, a não ser que receba o perdão por meio da aceitação e prática do evangelho. No entanto, se um cristão negar perdão a qualquer outro cristão que peça perdão por ter pecado contra ele, Deus não o perdoará no juízo final e o condenará com a punição final. O contexto apoia que a punição final tem a conotação de tormento até que se salde a dívida toda. Como o preço para pagar a redenção do pecador foi a vida de Cristo, a qual, em termos de valor, vale infinito, provavelmente a punição final se trata de tormento eterno (veja 1.1.10. Mateus 10:28).

1.1.22. MATEUS 19:28-30

> Jesus lhes respondeu: "Em verdade lhes digo que, na regeneração, quando o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, vocês que me seguiram também se assentarão em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais e herdará a vida eterna. Porém muitos primeiros serão últimos; e os últimos serão primeiros."

O contexto aqui é julgamento, logo entende-se que o que está sendo retratado é Jesus se assentando no seu trono de glória especificamente para julgar, e não necessariamente se assentando pela primeira vez no trono para assumir um reino. Os fiéis participarão desse julgamento e até mesmo julgarão pessoas de Israel.

A "regeneração" provavelmente se refere a trazer todas as coisas a um estado de perfeição. Sendo assim, o julgamento final tem um objetivo de inaugurar a plenitude do reino de Deus após o juízo dos não justificados.

Os fiéis que se abdicam de coisas importantes para eles em favor de Cristo receberão muito mais já na presente vida, culminando na vida eterna.

1.1.23. MATEUS 22:13-14

> Então o rei ordenou aos serventes: "Amarrem os pés e as mãos dele e atirem-no para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes." Porque muitos são chamados, mas poucos são escolhidos.

Os desobedientes ao Senhor serão lançados de sua presença. Longe de Deus resta apenas trevas com choro e ranger de dentes.

1.1.24. MATEUS 22:30-32

> Porque, na ressurreição, nem casam, nem se dão em casamento, mas são como os anjos no céu. Quanto à ressurreição dos mortos, vocês nunca leram o que Deus disse a vocês: "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó"? Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos.

Quando os justificados ressuscitarem, não haverá mais nenhum casamento entre eles, e nem o casamento da vida anterior será mantido.

Ao citar Êxodo 3:6,15, Jesus afirmou aos saduceus (os quais não acreditavam em espírito, anjos, ou ressurreição, conforme Atos 23:8) que Abraão, Isaque e Jacó estão vivos e com Deus. Isso implicitamente aponta para a ressurreição dos mortos. Jesus apontou que o texto diz "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó" e não "Eu fui o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó". Aqueles que estão com Deus são contados como vivos.

Essa passagem não prova diretamente que o corpo morto seria ressuscitado, mas aponta para isso como consequência. A passagem demonstra que Abraão, Isaque e Jacó estavam em existência, ou seja, que suas almas estavam vivas. Os saduceus negavam esse conceito (Atos 23:8), e esse foi o principal ponto em disputa. Havendo

um estado de recompensas e punições, é fácil entender que os corpos dos mortos serão ressuscitados. Assim, o argumento para a ressurreição é inferido: se os patriarcas estão vivendo, eles estão esperando uma ressurreição.

1.1.25. MATEUS 22:44

> Disse o Senhor ao meu Senhor: "Sente-se à minha direita, até que eu ponha os seus inimigos debaixo dos seus pés"'?

Jesus fez aqui uma pergunta aos fariseus citando o Salmo 110:1, o qual afirma que o Cristo se assentará à destra de Deus Pai até que ele coloque todos os seus inimigos em sujeição a Cristo. Isso significa que o Cristo deve reinar até todos os inimigos serem derrotados e, então, o reinado será retornado a Deus Pai. Isso é explicado por Paulo em 1 Coríntios 15:24-27.

1.1.26. MATEUS 23:15

> Ai de vocês, escribas e fariseus, hipócritas, porque vocês percorrem o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornam filho do inferno duas vezes mais do que vocês!

A palavra traduzida como "inferno" é *geena*. Jesus confirmou que a consequência de seguir falso ensino é a punição final. Quanto à questão da punição final se tratar da cessação da existência dos ímpios ou de seu tormento eterno, veja 1.1.10. Mateus 10:28. A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências.

1.1.27. MATEUS 23:33

> Serpentes, raça de víboras! Como esperam escapar da condenação do inferno?

A palavra traduzida como "inferno" é *geena*. A persistência em não seguir a Palavra de Deus faz com que não haja escapatória da condenação da punição final. Quanto à questão da punição final se tratar da cessação da existência dos ímpios ou de seu tormento eterno, veja 1.1.10. Mateus 10:28. A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências.

1.1.28. MATEUS 24:1-35

> Jesus saiu do templo e, enquanto caminhava, os seus discípulos se aproximaram para lhe mostrar as construções do templo. Ele, porém, lhes disse: "Vocês estão vendo todas estas coisas? Em verdade lhes digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada." Jesus estava sentado no monte das Oliveiras quando os discípulos se aproximaram dele e, em particular, lhe pediram: "Diga-nos quando essas coisas vão acontecer e que sinal haverá da sua vinda e do fim dos tempos." E Jesus respondeu: "Tenham cuidado para que ninguém os engane. Porque muitos virão em meu nome, dizendo: 'Eu sou o Cristo'; e enganarão a muitos. E vocês ouvirão falar de guerras e rumores de guerras. Fiquem atentos e não se assustem, porque é necessário que isso aconteça, mas ainda não é o fim. Porque nação se levantará contra nação, e reino, contra reino. Haverá fomes e terremotos em vários lugares. Porém todas essas coisas são o princípio das dores. Vocês serão entregues para serem maltratados e eles os matarão. Vocês serão odiados por todas as nações por causa do meu nome. Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros. Muitos falsos profetas se levantarão e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a maldade, o amor se esfriará de quase todos. Aquele, porém, que ficar firme até o fim, esse será salvo. E será pregado este evangelho do Reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim. Quando, pois, vocês virem, situado no lugar santo, o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel (quem lê entenda), então os que estiverem na Judeia fujam para os montes. Quem estiver no terraço não desça para tirar de casa alguma coisa. E quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orem para que a fuga de vocês não aconteça no inverno, nem no sábado. Porque nesse tempo haverá grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora e nunca jamais haverá. Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas, por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados. Então, se alguém disser a vocês: 'Olhem! Aqui está o Cristo!' ou: 'Ali está ele!', não acreditem. Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando grandes sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos. Eis que tenho predito isso a vocês. Portanto, se disserem a vocês: 'Eis que ele está no deserto!', não vão lá. Ou, se disserem: 'Eis que ele está no interior da casa!', não acreditem. Porque, assim como o relâmpago sai do Oriente e brilha até o Ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem. Onde

> estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres. Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos céus serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem. Todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos, com grande som de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus. Aprendam a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, vocês sabem que o verão está próximo. Assim, também vocês, quando virem todas estas coisas, saibam que está próximo, às portas. Em verdade lhes digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça. Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão."

Entendamos primeiramente o contexto total da passagem: antes de Jesus sair do templo em Mateus 24:1, ele estava sempre indo para lá a fim de ensinar o povo e repreender os líderes religiosos. Isso é observado desde Mateus 21:23 até Mateus 24:2 – todo o discurso compreendido nessas passagens foi proferido no templo. Jesus apresentou numerosas acusações contra os chefes judeus pelo seu mau uso da lei de Deus (Mateus 23:1-32). Ele então conclui sua condenação profetizando as consequências dos erros deles (Mateus 23:33-36). Os judeus tinham matado pessoas de Deus no passado. Ainda que aquela geração que estava ouvindo Jesus pensasse que estava acima das más ações de seus antepassados, era igualmente culpada. Mateus 23:36 afirma que o castigo por matar pessoas de Deus recairia sobre aquela mesma geração que ouviu suas palavras no momento que foram proferidas: "Em verdade lhes digo que todas estas coisas hão de vir sobre a presente geração." Em seguida, Jesus estava caminhando para sair do templo de Jerusalém e os discípulos se aproximaram dele para mostrarem a ele as construções magníficas do templo. A resposta de Jesus deixou os discípulos intrigados: o templo ia ser totalmente destruído e sua beleza não ia servir de nada. Ele passou a explicar sobre uma série de eventos terríveis e, então, em Mateus 24:34, afirmou que tudo aconteceria sobre "esta geração" – no contexto, é a mesma geração de Mateus 23:36. Tudo em Mateus 24 até o verso 35 tem que, necessariamente, ocorrer sobre a geração que estava presente no momento que Jesus proferiu suas palavras. As palavras "esta geração" de Mateus 24:34 estão, de fato, traduzidas corretamente.

No entanto, a maior dificuldade de compreensão do texto está no fato de que a leitura faz parecer que há eventos terríveis e cataclísmicos ainda futuros, apesar de Jesus os aplicar à geração que estava presente em seu discurso, dizendo que ela não passaria até que tudo aquilo ocorresse (Mateus 23:36; 24:34).

Há muitos que persistem em entender Mateus 24 com eventos futuros e consideram a expressão "esta geração" de Mateus 24:34 como se referindo à geração futura em que os referidos eventos devem ocorrer. Outros fazem um caso de que "esta geração" se refere a um tipo de geração moralmente maligna, como a presente no momento do discurso. Nesses casos, procura-se manter uma interpretação de eventos futuros porque Jesus ainda não voltou, as estrelas não caíram, os poderes do céu não foram abalados, etc. Porém, definitivamente, o contexto indica que é a mesma geração que ouviu Jesus falar que tinha que sofrer essas coisas. Além disso, a leitura do relato paralelo em Lucas 21:5-36 apoia a aplicação de Mateus 24:1-35 para o primeiro século. Lucas 21:10-12 deixa claro que o levantar de nação contra nação e reino contra reino, os grandes terremotos, epidemias, fome em vários lugares, coisas espantosas, grandes sinais vindos do céu, todos tinham que vir antes de cristãos serem presos e perseguidos, o que é notável no Livro de Atos dos Apóstolos. Implicitamente, isso tudo viria antes da queda do templo.

Portanto, uma vez que o contexto definitivamente aponta para que os eventos de Mateus 24:1-35 tenham ocorrido no primeiro século, devemos procurar entender dessa forma. A dificuldade está em o que fazer com a linguagem que parece apontar para o futuro.

A compreensão correta do texto de Mateus 24 começa com a compreensão da dúvida dos discípulos respondida por Jesus: "Diga-nos quando essas coisas vão acontecer e que sinal haverá da sua vinda e do fim dos tempos" (Mateus 24:3). Eles assumiram que tudo seria um mesmo evento ("quando essas coisas vão acontecer" e "que sinal haverá da sua vinda e do fim dos tempos"). Assim, do ponto de vista dos discípulos, outra destruição do templo (o qual já foi destruído no passado pelos babilônios) significaria, basicamente, que Deus rejeitou o seu povo escolhido, rejeitou Jerusalém, e rejeitou seu santo monte Sião. Assim, eles associaram isso tudo com o fim do mundo e com a vinda do Senhor.

Também, observa-se nos relatos dos evangelhos que Jesus frequentemente responde à verdadeira questão, e não à pergunta que a pessoa pensou que estava fazendo. Aqui não foi diferente. O que ocorreu é que os discípulos assumiram que tudo seria um mesmo evento, mas a resposta de Jesus mostrou que são dois eventos diferentes. A destruição do templo é um evento e a sua vinda e o fim dos tempos é outro evento. Mateus 24:1-35 se refere à destruição de Jerusalém em 70 d.C. e Mateus 24:36-44 se refere ao fim dos tempos e à segunda vinda de Jesus.

Essa visão, no entanto, levanta dúvidas em como conciliar os trechos que aparentemente se referem ao futuro, tais como:

- O evangelho ainda não foi pregado no mundo todo e o fim ainda não chegou (Mateus 24:14);
- O que seria o "abominável da desolação"? (Mateus 24:15);
- Uma "grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora e nunca jamais haverá" que não deixaria ninguém "ser salvo" se não tivesse sido abreviada por causa dos "escolhidos" (Mateus 24:21-22) não parece ter ocorrido em qualquer evento do passado;
- Como entender a aparentemente clara referência à volta do Senhor que ainda não aconteceu? "Porque, assim como o relâmpago sai do Oriente e brilha até o Ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem. Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres. Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos céus serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem. Todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos, com grande som de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus" (Mateus 24:27-31).

Jesus falou mais ou menos no ano 30 d.C. O templo foi destruído pelo exército romano em 70 d.C. Alguns daqueles que ouviram a profecia viveram para ver seu cumprimento. Jesus esclareceu que os sinais que ele deu (guerras, terremotos, falsos cristos, grande tribulação, etc.) iriam acontecer durante a vida de alguns dos seus ouvintes. A história (especialmente Josefo) tem registros de catástrofes naturais, perseguições, intrigas, multiplicação da maldade, esfriamento do amor e guerras, no período entre 30 e 70 d.C. (como exemplo estão as guerras judaico-romanas de 66 d.C.). De maior importância do que a evidência histórica, o Novo Testamento fala do sofrimento da fome (Atos 11:27-30), de falsos profetas (2 Pedro 2), da perseguição contra os fiéis (Atos 8:1-3, etc.) e até terremotos (como o "grande terremoto" que houve quando o anjo desceu do céu perto do túmulo de Jesus em Mateus 28:2, o "tamanho terremoto" que libertou Paulo e Silas da prisão em Atos 16:26). Um terremoto destruiu Laodiceia em 61 d.C. O esfriamento do amor, a multiplicação da maldade e a necessidade de perseverança da parte dos fiéis não são coisas exclusivamente de nossa geração, nem das gerações futuras – tais coisas têm ocorrido em todas as épocas, especialmente no primeiro século. É fácil notar isso com uma leitura do Novo Testamento.

Vejamos alguns pontos mais específicos e como foram cumpridos no primeiro século:

- A Bíblia, na verdade, afirma que o evangelho foi pregado no "mundo todo": "se é que vocês permanecem na fé, alicerçados e firmes, não se deixando afastar da esperança do evangelho que vocês ouviram e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro" (Colossenses 1:23). Portanto, em Mateus 24:14, "o mundo todo" se refere ao mundo conhecido da época, o mundo na extensão do Império Romano, e não o planeta todo;
- A expressão "Então virá o fim" de Mateus 24:14 pode muito bem, pelo contexto, se referir ao fim do templo de Jerusalém, o que implica no fim do sistema judaico;
- O "abominável da desolação": Jesus usou a mesma linguagem de Daniel para falar dos exércitos gentios entrando na cidade santa e no templo (Daniel 9:27; 11:31; 12:11). A profecia paralela de Lucas 21:20-24 torna claro que esse é o significado dessa linguagem. Jesus advertiu seus seguidores para que estivessem prontos para fugir quando isso acontecesse. Ele até mesmo disse que os discípulos deveriam orar para que sua fuga não acabasse sendo complicada por causa do mau tempo do inverno ou das

restrições do dia do sábado (Mateus 24:20), o que certamente indica Jerusalém. Ele também avisou que a fuga seria mais difícil para as mulheres grávidas e mães de crianças pequenas (Mateus 24:19);

- A "grande tribulação" sobre os judeus é facilmente compreensível no contexto das guerras judaico-romanas que precederam a queda do templo e de Jerusalém em 70 d.C. A expressão "como nunca houve desde o princípio do mundo até agora e nunca jamais haverá" é uma hipérbole, não uma expressão literal, e se aplica aos judeus daquela época. Embora alguém possa tentar argumentar que conflitos futuros, como o Holocausto, tiveram muito mais pessoas mortas, poucos conflitos conhecidos chegaram à crueldade de mães devorando seus próprios filhos por causa da fome e outras crueldades que ocorreram naquele momento da história de Jerusalém;

- A expressão "assim como o relâmpago sai do Oriente e brilha até o Ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem" está fazendo um contraste de uma vinda do Senhor com o aparecimento dos falsos cristos. Eles aparecem para poucas pessoas em lugares comuns, como desertos e casas, podendo até operar sinais, mas uma vinda do verdadeiro Cristo (como o referido julgamento contra Jerusalém e a destruição do templo) é vista por muita gente, assim como um relâmpago no céu é visto de longe;

- A expressão "Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres" pode muito bem ser uma analogia em que o "cadáver" se refere a ímpios e os "abutres" ao julgamento divino (Deuteronômio 28:26; Ezequiel 39:17; Apocalipse 19:17), ou seja, onde há ímpios, há julgamento;

- Profecias do Antigo Testamento usam a mesma linguagem de Jesus em Mateus 24:29 para falar da destruição de reinos e cidades terrestres. À primeira vista, a expressão "o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos céus serão abalados" pode soar como o fim literal do mundo. Mas tal linguagem é usada nas Escrituras para falar da extinção de reis e reinos aqui na Terra: faraó do Egito (Ezequiel 32:2,7-10), nações gentias (Joel 3:12-15), e Babilônia (Isaías 13:9,10,13). É claro que tal linguagem não profetiza, necessariamente, o fim do mundo, mas pode ser usada para falar dos julgamentos físicos contra nações que ocorreram há muito tempo. Esse é o caso para a destruição do templo e, implicitamente, de Jerusalém e do sistema judaico;

- Jesus continuou em Mateus 24:30-31 com figuras de julgamento que se encontram no Antigo Testamento. Ele disse que o Filho do Homem viria nas nuvens, para julgar e salvar. O cenário central deriva de Daniel 7:13-14 (a própria expressão "Filho do Homem" testifica a origem em Daniel, assim como sua aparência nas nuvens). Nas Escrituras, há uma forte ligação entre nuvens e as demonstrações da glória e poder de Deus (Êxodo 13:21; 19:9,16; 24:16; 2 Crônicas 6:1; Naum 1:3). Nuvens também representam a justiça de Deus e a sua vinda para julgar (Salmo 97:2; Isaías 19:1; 30:27). Além disso, encontramos linguagem semelhante em passagens que falam do julgamento de Deus contra povos físicos, tais como Joel 3:16 e Amós 5:17-20. A linguagem aqui não é a segunda vinda de Cristo, mas significa o fim do sistema judaico, assim como foi com as antigas nações ímpias para a qual foi aplicada. Tal linguagem descreve uma visitação de Deus em julgamento contra uma nação ou cidade, com salvação para fiéis e punição para ímpios. Essa é a aplicação aqui: Jesus usou uma combinação da linguagem da visão de Daniel e a linguagem dos "dias do Senhor" do Antigo Testamento (o que também é um prenúncio da sua segunda vinda no fim do mundo) para afirmar o fim de Jerusalém e do templo, a salvação dos seus discípulos daquela tribulação, e que ele é o responsável por tal julgamento.

Nota: será possível que o "sinal do Filho do Homem" descrito em Mateus 24:30 tenha literalmente aparecido no céu? Josefo escreveu em "As Guerras dos Judeus" 6.5.3 que "antes do pôr do sol, carruagens e tropas de soldados em suas armaduras eram vistas correndo entre as nuvens e nos arredores das cidades." Isso tomou lugar em 66 d.C. O historiador romano do primeiro século, Tácito, também mencionou esses acontecimentos em Histórias 5.13: "No céu surgiu uma visão de exércitos em conflito, de armaduras cintilantes." O historiador judeu medieval Sepher Yosippon expôs o exército angélico no céu de 66 d.C. em "Uma História Medieval do Antigo Israel" traduzido do hebraico por Steven B. Bowman, em trechos do Capítulo 87 – "Queima do Templo": "Além disso, naqueles dias foram vistos carros de fogo e cavaleiros, uma grande força voando pelo céu próxima ao solo, vindo contra Jerusalém e a todos da terra de Judá, todos cavalos de fogo e cavaleiros de fogo."

Pela linguagem de Mateus 24:32-33, Jesus quis que os discípulos estivessem alertas e vigilantes. Se pudessem ver os sinais que ele tinha predito, teriam oportunidade para fugir e evitar a destruição causada pelo exército romano (Mateus 24:15-20). Os sinais referidos não são para a segunda vinda de Cristo, mas para a destruição de Jerusalém.

Mateus 24:4-35 é dirigido a responder a dúvida dos discípulos de quando seria o fim do templo. Depois de afirmar que a destruição de Jerusalém seria acompanhada por claros sinais e que seria cumprida naquela geração (Mateus 24:34-35), Jesus falou em Mateus 24:36-39 "a respeito daquele dia e hora" que viria sem aviso. Ele não deu uma data, nem sinais para identificar sua segunda vinda. De fato, nos versos seguintes, ele mostrou que sua segunda vinda será súbita, inesperada e sem sinais de advertência.

1.1.29. MATEUS 24 E A HISTÓRIA: DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM [1]

A cidade de Jerusalém foi destruída pelos romanos em 70 d.C. O cerco e a queda de Jerusalém são descritos com pormenores gráficos pelo historiador judeu do primeiro século, Flávio Josefo, no livro "Guerras dos Judeus", o qual foi publicado aproximadamente em 75 d.C. Jesus profetizou esse evento aproximadamente no ano 30 d.C. Examinemos o relato de Mateus da profecia de Jesus e, a seguir, comparemo-lo com a história de Josefo.

Jesus: "Quando, pois, vocês virem, situado no lugar santo, o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel (quem lê entenda), então os que estiverem na Judeia fujam para os montes. Quem estiver no terraço não desça para tirar de casa alguma coisa. E quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa" (Mateus 24:15-18).

Josefo: "É então um caso miserável, uma visão que até poria lágrimas em nossos olhos, como os homens aguentaram quanto ao seu alimento [...] a fome foi demasiadamente dura para todas as outras paixões [...] a tal ponto que os filhos arrancavam os próprios bocados que seus pais estavam comendo de suas próprias bocas, e o que mais dava pena, assim também faziam as mães quanto a seus filhinhos [...] quando viam alguma casa fechada, isso era para eles sinal de que as pessoas que estavam dentro tinham conseguido alguma comida, e então eles arrombavam as portas e corriam para dentro [...] os velhos, que seguravam bem sua comida, eram espancados, e se as mulheres escondiam o que tinham dentro de suas mãos, seu cabelo era arrancado por fazerem isso [...]" ("Guerras dos Judeus", livro 5, capítulo 10, seção 3).

Jesus: "Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias!" (Mateus 24:19).

Josefo: "Ela então tentou a coisa mais natural, e agarrando seu filho, que era uma criança de peito, disse, 'Oh, pobre criança! Para quem eu te preservarei nesta guerra, nesta fome e nesta rebelião? [...]' Logo que acabou de dizer isso, ela matou seu filho e, então, assou-o, e comeu metade dele, e guardou a outra metade escondida para si" ("Guerras dos Judeus", livro 6, capítulo 3, seção 4).

Jesus: "Orem para que a fuga de vocês não aconteça no inverno, nem no sábado. Porque nesse tempo haverá grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora e nunca jamais haverá" (Mateus 24:20-21).

Josefo: "Eu falarei, portanto, aberta e francamente aqui de uma vez por todas e brevemente: que nenhuma outra cidade sofreu tais misérias nem nenhuma era produziu uma geração mais frutífera em perversidade do que era esta, desde o começo do mundo" ("Guerras dos Judeus", livro 5, capítulo 10, seção 5).

Jesus: "Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas por causa dos escolhidos tais dias serão abreviados" (Mateus 24:22).

Josefo: "Ora, o número daqueles que foram levados cativos durante toda essa guerra foi verificado ser noventa e sete mil, como foi o número daqueles que pereceram durante todo o cerco onze centenas de milhares, a maior parte dos quais era na verdade da mesma nação, porém não pertencentes à própria cidade, pois tinham vindo de todo o país para a festa dos pães asmos e foram subitamente fechados por um exército [...]" ("Guerras dos Judeus", livro 6, capítulo 9, seção 3).

Jesus: "Jesus saiu do templo e, enquanto caminhava, os seus discípulos se aproximaram para lhe mostrar as construções do templo. Ele, porém, lhes disse: 'Vocês estão vendo todas estas coisas? Em verdade lhes digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada'" (Mateus 24:1-2).

Josefo: "Ora, uma vez que César não foi de modo algum capaz de conter a entusiástica fúria dos soldados, e o fogo avançava mais e mais [...] assim foi a sagrada casa queimada, sem a aprovação de César" ("Guerras dos Judeus", livro 6, capítulo 4, Seção 7). "Ora, tão logo o exército não teve mais pessoas para matar ou saquear [...] César deu ordens para que não demolissem mais a cidade inteira e o templo [...]" ("Guerras dos Judeus", livro 7, capítulo 1, seção 1).

1.1.30. MATEUS 24:36-39

> Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai. Pois assim como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem. Pois assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem.

Depois de falar das coisas que tinham que acontecer naquela geração relativas ao fim do templo (o que era um "fim do mundo judeu") em Mateus 24:4-35, Jesus respondeu a segunda parte da dúvida dos discípulos: quando seria o fim do mundo e a vinda do Senhor (Mateus 24:3). A palavra "Mas" que inicia Mateus 24:36 indica que esse "dia do Senhor" é outro dia diferente do "dia do Senhor" descrito em Mateus 24:30-31. É algo que acontecerá no momento escolhido pelo Pai, porém não revelado a ninguém. Nem mesmo Jesus, naquele momento, podia dizer quando será o fim (Mateus 24:36). Observe que ele chamou esse evento de "daquele dia". Essa é a mesma expressão utilizada por Paulo (1 Tessalonicenses 5:2) e Pedro (2 Pedro 3:10-13) a respeito do fim do mundo. O fim é totalmente inesperado, da mesma forma como o dilúvio pegou desprevenidos todos aqueles que não entraram na Arca de Noé (Gênesis 7:6-22).

A tabela a seguir demonstra o contraste entre as duas destruições preditas por Jesus:

Destruição do Templo e de Jerusalém	Destruição do Mundo
O tempo é identificável	O tempo é desconhecido
Ocorrerá "nesta geração"	Acontecerá "naquele dia"
Os eventos precedentes serão inusitados	Os eventos precedentes serão típicos
Haverá advertências antecipadamente	Não haverá advertência
O exemplo da figueira	O exemplo do ladrão
O julgamento será local, na nação de Israel	O julgamento será universal
Sinais específicos do julgamento vindouro podem ser vistos	Nenhum sinal antecipado do fim
Haverá tempo para escapar do julgamento	Não haverá tempo para fuga

1.1.31. MATEUS 24:40-44

> Então dois estarão no campo: um será levado, e o outro será deixado; duas mulheres estarão trabalhando num moinho: uma será levada, e a outra será deixada. Portanto, vigiem, porque vocês não sabem em que dia virá o Senhor de vocês. Porém, considerem isto: se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que a sua casa fosse arrombada. Por isso, estejam também vocês preparados, porque o Filho do Homem virá à hora em que vocês menos esperam.

O contexto tem como ênfase o aspecto repentino da segunda vinda de Cristo e o consequente julgamento, como Jesus exemplificou que ocorreu no tempo de Noé. As pessoas não se arrependeram e continuaram vivendo como se nada fosse acontecer e, de repente, "Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio e os levou a todos" (Mateus 24:39). Assim, temos aqui duas parábolas ressaltando o ponto da imprevisibilidade do juízo na segunda vinda de Cristo e a necessidade de que fiéis estejam preparados. Na verdade, Jesus continuou com mais parábolas sobre sua vinda até Mateus 25:30.

Em Mateus 24:40-41, o que ocorre com a pessoa que "será levada" é que ela é tomada para julgamento e consequente morte, assim como as pessoas que não entraram na arca foram mortas pelas águas em consequência

do julgamento de Deus. No entanto, na segunda vinda de Cristo, o elemento de juízo contra os infiéis será o fogo, o qual os matará (2 Tessalonicenses 1:7-10; 2 Pedro 3:7,10; Apocalipse 20:9). Aquele que "será deixado" é o justificado que estiver vivo na ocasião da vinda do Senhor, o qual não sofrerá nem a morte pelo fogo, nem a condenação do juízo final.

A parábola citada por Jesus em Lucas 17:34-36 é bastante parecida com a parábola citada em Mateus 24:40-41. Em Mateus, a parábola foi contada no contexto da segunda vinda de Cristo. Em Lucas, foi contada no contexto da destruição de Jerusalém. A parábola é parecida, mas isso não quer dizer que é necessário que se refiram ao mesmo evento. Tanto o "dia do Senhor" contra Jerusalém quanto a segunda vinda de Cristo são julgamentos. O primeiro julgamento é local, o segundo é universal, e o primeiro é um prenúncio do segundo. Em Lucas, que a referida parábola se refere à destruição de Jerusalém, e não à segunda vinda de Jesus, é evidente pelas palavras "naquela noite" de Lucas 17:34: a segunda vinda de Jesus sempre é descrita como "dia" na Bíblia. É mais adequado ao contexto imaginar a "noite" como o período depois do dia que se seguiu após a queda do templo (e, de forma alegórica, as trevas que vieram aos judeus). O ponto da parábola é o mesmo do Evangelho de Mateus: uma pessoa será tomada para juízo e outra será deixada com vida.

Em Mateus 24:43-44, Jesus enfatizou a necessidade de vigiar e estar preparado, comparando a imprevisibilidade de sua vinda com a vinda de um ladrão.

1.1.32. MATEUS 25:1-13

> Então o Reino dos Céus será semelhante a dez virgens que, pegando as suas lamparinas, saíram a encontrar-se com o noivo. Cinco delas eram imprudentes, e cinco, prudentes. As imprudentes, ao pegar as suas lamparinas, não levaram óleo consigo, mas as prudentes, além das lamparinas, levaram óleo nas vasilhas. E, como o noivo estava demorando, todas ficaram sonolentas e adormeceram. Mas, à meia-noite, ouviu-se um grito: "Eis o noivo! Saiam ao encontro dele!" Então todas aquelas virgens se levantaram e prepararam as suas lamparinas. E as imprudentes disseram às prudentes: "Deem a nós um pouco do óleo que vocês trouxeram, porque as nossas lamparinas estão se apagando." Mas as prudentes responderam: "Não! Porque então vai faltar tanto para nós como para vocês! Vão aos que o vendem e comprem óleo para vocês." E, saindo elas para comprar, chegou o noivo, e as que estavam preparadas entraram com ele para a festa do casamento. E fechou-se a porta. Mais tarde, chegaram as virgens imprudentes, dizendo: "Senhor, senhor, abra a porta para nós!" Mas o noivo respondeu: "Em verdade lhes digo que não as conheço." Portanto, vigiem, porque vocês não sabem o dia nem a hora.

Jesus explicou com essa parábola a natureza imprevisível de sua vinda e a necessidade de constante vigilância, ou seja, ser encontrado constantemente fiel. A plenitude do reino dos céus e a segunda vinda de Cristo e o juízo final são considerados como o mesmo evento.

1.1.33. MATEUS 25:14-30

> Pois será como um homem que, ausentando-se do país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro deu dois e a outro deu um, de acordo com a capacidade de cada um deles; e então partiu. O servo que tinha recebido cinco talentos saiu imediatamente a negociar com eles e ganhou outros cinco. Do mesmo modo, o que tinha recebido dois ganhou outros dois. Mas o servo que tinha recebido um talento, saindo, fez um buraco na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor. Depois de muito tempo, o senhor daqueles servos voltou e fez um ajuste de contas com eles. Aproximando-se o que tinha recebido cinco talentos, entregou outros cinco, dizendo: "O senhor me confiou cinco talentos; eis aqui outros cinco que ganhei." O senhor disse: "Muito bem, servo bom e fiel; você foi fiel no pouco, sobre o muito o colocarei; venha participar da alegria do seu senhor." E, aproximando-se também o que tinha recebido dois talentos, disse: "O senhor me confiou dois talentos; eis aqui outros dois que ganhei." Então o senhor disse: "Muito bem, servo bom e fiel; você foi fiel no pouco, sobre o muito o colocarei; venha participar da alegria do seu senhor." Chegando, por fim, o que tinha recebido um talento, disse: "Sabendo que o senhor é um homem severo, que colhe onde não plantou e ajunta onde não espalhou, fiquei com medo e escondi o seu talento na terra; aqui está o que é seu." Mas o senhor respondeu: "Servo mau e preguiçoso! Você sabia que eu colho onde não plantei e ajunto onde não espalhei? Então você devia ter entregado o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu. Portanto, tirem dele o talento e deem ao que tem dez." Porque a todo o que tem, mais será dado, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Quanto ao servo inútil, lancem-no para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes.

Com outra parábola, Jesus associou o reino dos céus com sua vinda e o acerto de contas – o juízo final. Cada um vai ser responsabilizado no juízo proporcionalmente ao que foi dado a ele e de acordo a como ele fez uso disso de forma a frutificar para seu Senhor. Aquele que fez muito pelo reino de Deus receberá mais ainda, o que sugere um galardão maior na plenitude do reino de Deus. Não há segundas chances após o juízo final. As próprias palavras e atos do julgado serão usados contra ele. Mais uma vez, a punição final e o banimento da presença do Senhor são descritos como "trevas" e "choro e ranger de dentes".

1.1.34. MATEUS 25:31-46

> Quando o Filho do Homem vier na sua majestade e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória. Todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos: porá as ovelhas à sua direita e os cabritos, à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: "Venham, benditos de meu Pai! Venham herdar o Reino que está preparado para vocês desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; eu era forasteiro, e vocês me hospedaram; eu estava nu, e vocês me vestiram; enfermo, e me visitaram; preso, e foram me ver." Então os justos perguntarão: "Quando foi que vimos o senhor com fome e lhe demos de comer? Ou com sede e lhe demos de beber? E quando foi que vimos o senhor como forasteiro e o hospedamos? Ou nu e o vestimos? E quando foi que vimos o senhor enfermo ou preso e fomos visitá-lo?" O Rei, respondendo, lhes dirá: "Em verdade lhes digo que, sempre que o fizeram a um destes meus pequeninos irmãos, foi a mim que o fizeram." Então o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: "Afastem-se de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. Porque tive fome, e vocês não me deram de comer; tive sede, e vocês não me deram de beber; sendo forasteiro, vocês não me hospedaram; estando nu, vocês não me vestiram; achando-me enfermo e preso, vocês não foram me ver." E eles lhe perguntarão: "Quando foi que vimos o senhor com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não o socorremos?" Então o Rei responderá: "Em verdade lhes digo que, sempre que o deixaram de fazer a um destes mais pequeninos, foi a mim que o deixaram de fazer." E estes irão para o castigo eterno, porém os justos irão para a vida eterna.

Cristo virá em sua segunda vinda acompanhado de seus anjos. Novamente, a ideia de ele se assentar no "trono de sua glória" é, pelo contexto, um indicativo de se assentar para julgar, não para receber o reino. A presença dos anjos enfatiza esse entendimento ainda mais, uma vez que são os anjos que reúnem as nações na presença de Cristo. Então, ocorrerá a separação dos fiéis e ímpios. Aqueles que estiverem "à sua direita", as "ovelhas", são os fiéis, para a vida eterna. Aqueles que estiverem "à sua esquerda", os "cabritos", para afastamento eterno do Senhor e fogo eterno.

Uma coisa interessante é que o "fogo eterno" foi preparado, originalmente, para o "Diabo e seus anjos", mas será usado como castigo para os humanos ímpios. O "castigo eterno" pode denotar tormento eterno ou a permanência eterna do lugar de castigo. Porém, não é necessária a permanência eterna de um local de castigo se os castigados forem removidos da existência em algum momento. Também, na linguagem de Jesus, o castigo dos condenados é de duração igual à vida dos salvos: castigo eterno e vida eterna (Mateus 25:46). A evidência de que a punição final seja tormento eterno é mais forte, veja 1.1.10. Mateus 10:28.

1.1.35. MATEUS 26:63-64

> Jesus, porém, guardou silêncio. E o sumo sacerdote lhe disse: "Eu exijo que nos diga, tendo o Deus vivo por testemunha, se você é o Cristo, o Filho de Deus." Jesus respondeu: "É o senhor mesmo quem está dizendo isso. Mas eu lhes digo que, desde agora, vocês verão o Filho do Homem sentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu."

Jesus afirmou para Caifás, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio que, a partir daquele momento em diante, eles o veriam sentado à destra de Deus Pai e vindo sobre as nuvens do céu. A identificação que Jesus fez a si mesmo como "Filho do Homem" alude a Daniel 7:13-14. A audiência entendeu isso como proclamação de divindade e julgou a declaração de Jesus como blasfêmia (Mateus 25:65).

No entanto, há mais aqui. A expressão "desde agora, vocês verão o Filho do Homem sentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu" também declara uma vinda de Jesus que aquela audiência deveria ver daquele momento em diante. Naturalmente, isso implica que eles deveriam ver Cristo na referida vinda até o término de suas vidas.

Obviamente, essa vinda não se trata da segunda vinda de Cristo, apesar da linguagem. Caifás, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio não viram a segunda vinda de Cristo, uma vez que ela ainda não ocorreu até hoje. Temos aqui o mesmo caso de Mateus 24:30: "Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem. Todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória." Essa é a linguagem de um "dia do Senhor" e, aqui, indica que aquela audiência veria o fim do templo e de Jerusalém. Tal linguagem descreve uma visitação de Deus em julgamento, com salvação para fiéis e punição para ímpios. Como em Mateus 24:30, aqui Jesus usou uma combinação da linguagem da visão de Daniel e a linguagem dos "dias do Senhor" do Antigo Testamento (o que também é um prenúncio da sua segunda vinda no fim do mundo). Na verdade, Estêvão, antes de ser apedrejado, viu algo similar a esse tipo de vinda do Senhor: os céus estavam abertos e o Filho do Homem estava à destra de Deus Pai (Atos 7:55-60). Para Estêvão, no entanto, a vinda do Senhor foi para salvação, para recebê-lo no céu, e não para juízo.

1.1.36. MATEUS 27:51-53

> Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes, de alto a baixo; a terra tremeu e as rochas se partiram; os túmulos se abriram, e muitos corpos de santos já falecidos ressuscitaram; e, saindo dos túmulos depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos.

Após a morte de Jesus na cruz, com o tremor de terra, túmulos de fiéis foram abertos, os quais ressuscitaram. Depois de Jesus ressuscitar, eles saíram de seus túmulos e apareceram a muitas outras pessoas em Jerusalém. Aparentemente, apenas Mateus soube desse ocorrido. Não há outra informação de quem são os referidos fiéis e nem sobre o que ocorreu com eles.

1.1.37. A ESCATOLOGIA NO EVANGELHO DE MATEUS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Evangelho de Mateus, as informações são:

- Mateus 3:12: Cristo recolhe os justificados para viver consigo e condena os não justificados ao fogo eterno. Ele salva e condena;

- Mateus 5:5: Jesus afirmou que os mansos serão recebidos no reino celestial (em última análise, os novos céus e nova terra) e receberão ali a plenitude das bênçãos. Não é possível sustentar que "herdar a terra" signifique que os mansos herdarão o planeta Terra, uma vez ele será destruído na segunda vinda de Cristo, conforme 2 Pedro 3:10-11;

- Mateus 5:22: o *geena* originalmente refere-se ao Vale de Hinom, fora das muralhas de Jerusalém, um vale usado como depósito de lixo onde se lançavam os cadáveres de pessoas que eram consideradas indignas, restos de animais, e toda outra espécie de imundície, os quais eram incinerados. Havia ali também vermes que comiam a carne morta. *Geena* é utilizado por Jesus como símbolo da punição final e equivale ao lago de fogo do Livro de Apocalipse, a condenação do julgamento final. Aquele que se irar sem motivo contra seu irmão está sujeito a tal condenação;

- Mateus 5:29-30: a punição final é tão terrível que é preferível tomar medidas drásticas para obedecer a Palavra de Deus do que sofrê-la;

- Mateus 8:11-12: Abraão, Isaque e Jacó estarão no reino dos céus em sua plenitude. Com eles estarão muitos de todas as partes do mundo que se converterão a Deus. Surpreendentemente, muitos daqueles que tiveram grandes oportunidades para estar com Deus – judeus – serão lançados fora. Jesus descreveu a punição final como trevas e choro e ranger de dentes;

- Mateus 8:21-22: nem todos aqueles que estão fisicamente vivos são considerados como vivos pelo Senhor. Aquele que está fisicamente vivo, mas afastado de Deus, é contado como morto;

- Mateus 9:23-25: a filha de Jairo estava claramente morta, mas Jesus disse que dormia. A morte física é referida como sono por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem

dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus;

- Mateus 10:14-15: aqueles que recebem maior luz da parte de Deus e a rejeitam terão julgamento e punição mais severos. A intensidade da punição será maior ou menor conforme o que fizeram com a Palavra de Deus;

- Mateus 10:23: a vinda do Filho do Homem nem sempre significa a segunda vinda de Cristo, podendo se referir a uma visitação do Senhor para julgamento local de uma nação ou povo. A aplicação primária da vinda de Cristo foi o juízo contra Jerusalém, a qual foi destruída pelos exércitos romanos em 70 d.C. Assim, os discípulos continuariam pregando aos judeus até que eles fossem rejeitados e julgados pelo Senhor, da mesma forma como ocorreu o juízo contra Jerusalém em 586 a.C. pelo exército babilônico. Em uma aplicação secundária, o evangelho continua sendo pregado a todos, sejam de Israel ou não, até que ocorra a segunda vinda de Cristo. De qualquer forma, as cidades de Israel de todas as épocas devem continuar a ouvir o evangelho, pois é dever dos discípulos continuar a evangelizar a todos. Não ocorrerá mais evangelização apenas no fim do mundo;

- Mateus 10:28: o ser humano pode apenas matar o corpo, mas Deus pode fazer perecer no fogo eterno tanto a alma como corpo. O *geena* é referido como a punição final, uma vez que nele estará o ímpio de corpo e alma, ou seja, depois da ressurreição e do julgamento final. *Geena* e o lago de fogo do Livro de Apocalipse são ambos a punição final. O perecimento no *geena* pode significar tormento eterno ou a aniquilação do corpo e da alma, mas a ideia de se tratar de tormento eterno parece ter melhores evidências. Ao que tudo indica, o ser humano consiste de três partes: um corpo físico, uma alma sensível que ele tem em comum com os animais, sendo o centro dos "desejos terrenos", e um espírito racional, o qual é a parte espiritual mais elevada e receptiva ao Espírito de Deus, e que o coloca ao par com seres celestiais. A "alma" é associada mais comumente com a vida física (força animadora, a própria pessoa, o aspecto caracterizado pela personalidade e emocionalidade, o componente formado à imagem de Deus) enquanto o "espírito" se relaciona mais com a mente e o aspecto espiritual do homem. Às vezes, alma e espírito são intercambiáveis. A vida física é tirada do homem quando seu espírito é separado de seu corpo (Tiago 2:26; Eclesiastes 12:7). O espírito volta para Deus para ser julgado (Eclesiastes 12:7; Hebreus 9:27);

- Mateus 10:32-33: no juízo final, aquele que confessou Jesus às outras pessoas terá, da mesma, seu nome confessado por Jesus diante de Deus Pai. Confessar significa reconhecer quem Jesus realmente é e implica em obedecer aos seus ensinamentos. Aquele que negou Jesus diante de outras pessoas terá, da mesma forma, seu nome negado por Jesus diante de Deus Pai. Jesus, portanto, testemunhará para salvação ou condenação de cada um de acordo como procedeu com a Palavra de Deus;

- Mateus 11:21-24: o rigor do julgamento final e sua punição serão maiores proporcionalmente à incredulidade daquele que será julgado. O mundo dos mortos é o local onde incrédulos aguardam o juízo final;

- Mateus 12:31-32: uma posição de rejeição total e contínua de Deus não produz arrependimento e, assim, é o único pecado que não tem perdão;

- Mateus 12:40-42: a alma de Jesus esteve no mundo dos mortos por três dias. Haverá no juízo final a participação de justificados no juízo dos não justificados;

- Mateus 13:37-43: aqueles que não se conformam à Palavra de Deus serão encaminhados à condenação eterna. O mundo criado para ser o ambiente onde o ser humano vive faz parte do reino dos céus, o que implica que Cristo já era rei desde o primeiro século. Os justificados por Deus partilharão da sua glória. Há a participação dos anjos para trazer as pessoas diante do Senhor para o julgamento e para encaminhar os condenados à punição eterna. Observa-se também que o reino de Cristo já estava presente mesmo em meio aos não justificados, já no primeiro século;

- Mateus 13:49-50: os anjos efetuarão a separação dos justificados dos não justificados e lançarão os últimos na punição eterna, a qual é descrita como uma fornalha acesa com choro e ranger de dentes;

- Mateus 16:18: Jesus afirmou que sua Igreja é edificada sobre ele mesmo, a rocha confessada por Pedro em sua declaração de que Jesus é o Cristo. A Igreja representa todos os salvos e a remissão da morte e do mundo dos mortos tão aguardada pelo fiel do Antigo testamento. O *hades*/*sheol* é descrito como tendo "portas" (portões), o que provavelmente denota o mundo dos mortos como uma prisão inescapável para o ser humano que estiver por si mesmo;

- Mateus 16:27-28: a alma de uma pessoa não tem preço (Salmo 49:7-9). Ninguém pode pagar o preço de sua redenção. É como se aquele que pecou tivesse um "débito infinito" com Deus, sendo que esse débito somente pode ser pago com o sacrifício de Cristo. No entanto, o sacrifício de Cristo não será permitido a "quitar a dívida" daquele que não for justificado por Deus. Jesus, acompanhado de seus anjos, efetuará julgamento justo conforme o que cada julgado fez. O reino de Deus já estava presente no primeiro século e seu estabelecimento foi considerado uma vinda do Senhor;

- Mateus 17:1-9: Moisés e Elias estão vivos e conscientes, capazes de se comunicar e reconhecer a outros, em alguma glória, embora ainda não estejam com seus corpos glorificados ressurretos. Tudo indica que tanto Moisés quanto Elias tinham uma forma humanizada – caso não fosse esse o caso, não teriam sido descritos como sendo Moisés e Elias, mas como algo "fantasmagórico" ou qualquer outra coisa assim. Isso pode indicar que os fiéis tomados por Deus sem morrerem fisicamente e os fiéis que já morreram fisicamente estão nesse estado também;

- Mateus 18:8-9: é melhor tomar medidas drásticas para permanecer no caminho de Deus do que ir ao tormento do fogo eterno do *geena*/lago de fogo;

- Mateus 18:32-35: aquele que recebeu o perdão de Deus, mas não é capaz de perdoar no íntimo a seu irmão, não vai ser justificado diante de Deus, recebendo a punição final. A parábola do servo que não queria perdoar (Mateus 18:23-35) ilustrou que aquele que peca tem uma dívida tão grandiosa com Deus que não pode pagá-la, a não ser que receba o perdão por meio da aceitação e prática do evangelho. No entanto, se um cristão negar perdão a qualquer outro cristão que peça perdão por ter pecado contra ele, Deus não o perdoará no juízo final e o condenará com a punição final. O contexto apoia que a punição final tem a conotação de tormento até que se salde a dívida toda. Como o preço para pagar a redenção do pecador foi a vida de Cristo, a qual, em termos de valor, vale infinito, provavelmente a punição final se trata de um débito interminável, ou seja, tormento eterno;

- Mateus 19:28-30: Jesus se assentará no seu trono de glória especificamente para julgar, sendo que os fiéis participarão desse julgamento e até mesmo julgarão pessoas de Israel. O julgamento final tem o objetivo de inaugurar a perfeição da plenitude do reino de Deus. Fiéis que abdicarem de coisas que prezam em favor de Cristo receberão muito mais já nesta vida, culminando com a vida eterna. A "regeneração" provavelmente se refere a todas as coisas serem trazidas a um estado de perfeição. Sendo assim, o julgamento final tem o objetivo de inaugurar a plenitude do reino de Deus após o juízo dos não justificados;

- Mateus 22:13-14: os desobedientes ao Senhor serão lançados de sua presença. Longe de Deus resta apenas trevas com choro e ranger de dentes;

- Mateus 22:30-32: quando os justificados ressuscitarem, não haverá mais nenhum casamento entre eles, e nem o casamento da vida anterior será mantido. Abraão, Isaque e Jacó estão vivos e com Deus, e isso implicitamente aponta para a ressurreição dos mortos. Aqueles que estão com Deus são contados como vivos;

- Mateus 22:44: o Cristo reinará até todos os inimigos serem derrotados e, então, o reinado será retornado a Deus Pai;

- Mateus 23:15: a consequência de seguir falso ensino é a punição final;

- Mateus 23:33: a persistência em não seguir a Palavra de Deus faz com que não haja escapatória da punição final;

- Mateus 24:1-35: o templo de Jerusalém e, implicitamente, Jerusalém e o sistema judaico, foram destruídos na época da geração que ouviu Jesus no momento em que ele proferiu essa profecia (70 d.C.). Todos os sinais descritos em Mateus 24:4-35 ocorreram para aquela geração. Jesus usou a mesma linguagem do Antigo Testamento que representa a destruição de povos e nações na Terra, a qual foi aplicada para o povo judeu;

- Mateus 24:36-39: a segunda vinda de Cristo e o fim do mundo ocorrerão em um momento que apenas Deus Pai conhece, de forma totalmente imprevisível, ou seja, sem nenhum sinal de aviso;

- Mateus 24:40-44: na segunda vinda de Cristo, alguns são tomados para juízo de condenação e outros não. A segunda vinda de Jesus é imprevisível e repentina. O que ocorre com a pessoa que "será levada" é que ela é tomada para julgamento e consequente morte, assim como as pessoas que não entraram na arca de Noé foram mortas pelas águas em consequência do julgamento de Deus. No entanto, na segunda vinda de Cristo, o elemento de juízo contra os infiéis será o fogo, o qual os matará. Aquele que "será deixado" é o justificado que estiver vivo na ocasião da vinda do Senhor, o qual não sofrerá nem a morte pelo fogo, nem a condenação do juízo final;

- Mateus 25:1-13: a segunda vinda de Cristo tem natureza imprevisível e há a necessidade de ser encontrado constantemente fiel. A plenitude do reino dos céus e a segunda vinda de Cristo e o juízo final são considerados como o mesmo evento;

- Mateus 25:14-30: Jesus associou o reino dos céus com sua segunda vinda e o acerto de contas – o juízo final. Cada um vai ser responsabilizado no juízo proporcionalmente ao que foi dado a ele e de acordo a como ele fez uso disso de forma a frutificar para seu Senhor. Aquele que fez muito pelo Reino de Deus receberá mais ainda, o que sugere um galardão maior na plenitude do reino de Deus. Não há segundas chances após o juízo final. As próprias palavras e atos do julgado serão usados contra ele. Mais uma vez, a punição final e o banimento da presença do Senhor são descritos como "trevas" e "choro e ranger de dentes";

- Mateus 25:31-46: Jesus se assentará para julgar (não para receber o reino) e os anjos estarão presentes. Anjos são aqueles que reúnem as nações na presença de Cristo. Ocorrerá a separação dos fiéis e ímpios: os fiéis para a vida eterna e os ímpios para afastamento eterno do Senhor e fogo eterno. O fogo eterno foi preparado, originalmente, para o Diabo e seus anjos, mas será usado como castigo para os ímpios. O "castigo eterno" pode denotar tormento eterno ou a permanência eterna do lugar de castigo. Porém, não seria necessária a permanência eterna de um local de castigo se os castigados forem removidos da existência em algum momento. Também, na linguagem de Jesus, o castigo dos condenados é de duração igual à vida dos salvos: castigo eterno e vida eterna (Mateus 25:46). A evidência de que a punição final seja tormento eterno é mais forte;

- Mateus 26:63-64: Caifás, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio viram a destruição do templo e de Jerusalém, o que foi uma vinda do Senhor para acerto de contas com a nação judaica – um dos muitos "dias do Senhor" da Bíblia. Estêvão, antes de ser apedrejado, viu algo similar a esse tipo de vinda do Senhor: os céus estavam abertos e o Filho do Homem estava à destra de Deus Pai (Atos 7:55-60). Para Estêvão, no entanto, a vinda do Senhor foi para salvação, para recebê-lo no céu, e não para juízo;

- Mateus 27:51-53: após a morte de Jesus na cruz, com o tremor de terra, túmulos de fiéis foram abertos, os quais ressuscitaram. Depois de Jesus ressuscitar, eles saíram de seus túmulos e apareceram a muitas outras pessoas em Jerusalém. Aparentemente, apenas Mateus soube desse ocorrido. Não há outra informação de quem são os referidos fiéis e nem de o que ocorreu com eles.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Há vários tipos de vindas do Senhor. Um tipo se trata de um acerto de contas entre o Senhor e uma nação ou reino, a qual recebe julgamento divino – esse tipo representa os vários "dias do Senhor" descritos na Bíblia contra nações ímpias. Outro tipo se trata de alguma realização especial da parte de Deus, como o estabelecimento de seu reino com a Igreja. Outro tipo é a segunda vinda de Cristo, a qual traz o juízo final, a ressurreição dos mortos, o fim do mundo, e a plenitude do reino dos céus com a restauração de todas as coisas em um estado de perfeição eterno, em um mesmo evento. A aplicação primária da vinda do Filho do Homem foi o juízo contra Jerusalém, a qual foi destruída pelos exércitos romanos em 70 d.C. Assim, os discípulos continuariam pregando aos judeus até que eles fossem rejeitados e julgados pelo Senhor, da mesma forma como ocorreu o juízo contra Jerusalém em 586 a.C. pelo exército babilônico. Em uma aplicação secundária, o evangelho continua sendo pregado a todos, sejam de Israel ou não, até que ocorra a segunda vinda de Cristo. De qualquer forma, as cidades de Israel de todas as épocas devem continuar a ouvir o evangelho, pois é dever dos discípulos continuar a evangelizar a todos. Não ocorrerá mais evangelização apenas no fim do mundo.

O mundo criado para ser o ambiente onde o ser humano vive faz parte do reino, o que implica que Cristo já era rei desde o primeiro século. O reino de Cristo já estava presente, mesmo em meio aos não justificados, com a Igreja (aqueles que seguiram Jesus), e seu estabelecimento foi considerado uma vinda do Senhor. Desde sua ressurreição no primeiro século, Cristo reinava e reinará até todos os inimigos serem derrotados. Jesus afirmou que sua Igreja é edificada sobre ele mesmo, a rocha confessada por Pedro em sua declaração de que Jesus é o Cristo.

A Igreja representa todos os salvos e a remissão da morte e do mundo dos mortos tão aguardada pelo fiel do Antigo testamento. O mundo dos mortos, ou *hades*/*sheol*, é descrito como estando nas profundezas da terra ("no "coração da terra") tendo "portas" (portões), o que provavelmente o denota como uma prisão inescapável para o ser humano que estiver por si mesmo. O mundo dos mortos é o local onde incrédulos que morreram fisicamente aguardam o juízo final.

Ao que tudo indica, o ser humano consiste de três partes: um corpo físico, uma alma sensível que ele tem em comum com os animais, sendo o centro dos "desejos terrenos", e um espírito racional, o qual é a parte espiritual mais elevada e receptiva ao Espírito de Deus, e que o coloca ao par com seres celestiais. A "alma" é associada mais comumente com a vida física (força animadora, a própria pessoa, o aspecto caracterizado pela personalidade e emocionalidade, o componente formado à imagem de Deus) enquanto o "espírito" se relaciona mais com a mente e o aspecto espiritual do homem. Às vezes, alma e espírito são intercambiáveis. A vida física é tirada do homem quando seu espírito é separado de seu corpo. O espírito volta para a Deus para ser julgado. A alma de uma pessoa não tem preço e ninguém pode pagar o preço de sua redenção. É como se aquele que pecou tivesse um "débito infinito" com Deus, sendo que esse débito somente pode ser pago com o sacrifício de Cristo. No entanto, o sacrifício de Cristo não será permitido a "quitar a dívida" daquele que não for justificado por Deus.

A morte física é referida como sono por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação: morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. A filha de Jairo estava claramente morta, mas Jesus disse que dormia. Por outro lado, Abraão, Isaque e Jacó estão vivos e com Deus, e isso implicitamente aponta para a ressurreição dos mortos. Com Deus, todos são contados como vivos. Moisés e Elias estão vivos e conscientes, capazes de se comunicar e reconhecer a outros, em alguma glória, embora ainda não estejam com seus corpos glorificados ressurretos. Tudo indica que tanto Moisés quanto Elias tenham uma forma humanizada – caso não fosse esse o caso, não teriam sido descritos como sendo Moisés e Elias, mas como algo "fantasmagórico" ou qualquer outra coisa assim. Isso pode indicar que os fiéis tomados por Deus sem morrerem fisicamente e os fiéis que já morreram fisicamente estão nesse estado também.

Quando Jesus morreu na cruz, sua alma esteve no mundo dos mortos por três dias. Quando Jesus expirou na cruz, ocorreu um tremor de terra e túmulos de fiéis foram abertos, os quais ressuscitaram. Depois de Jesus ressuscitar, eles saíram de seus túmulos e apareceram a muitas outras pessoas em Jerusalém. Aparentemente, apenas Mateus soube desse ocorrido. Não há outra informação de quem são os referidos fiéis e nem de o que ocorreu com eles.

Jesus profetizou um "dia do Senhor" contra a nação judaica. O templo de Jerusalém e, implicitamente, Jerusalém e o sistema judaico, foram destruídos na época da geração que ouviu Jesus no momento em que ele proferiu essa profecia (70 d.C.). Todos os sinais descritos em Mateus 24:4-35 ocorreram para aquela geração. Jesus

usou a mesma linguagem do Antigo Testamento que representa a destruição de povos e nações na Terra, a qual foi aplicada para o povo judeu. Caifás, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio viram a destruição do templo e de Jerusalém. Na verdade, Estêvão, antes de ser apedrejado, viu algo similar a esse tipo de vinda do Senhor: os céus estavam abertos e o Filho do Homem estava à destra de Deus Pai (Atos 7:55-60). Para Estêvão, no entanto, a vinda do Senhor foi para salvação, para recebê-lo no céu, e não para juízo. Os discípulos de Cristo escaparam da morte em Jerusalém e se espalharam, pregando em todos os lugares do mundo conhecido da época, como profetizado por Cristo em cerca de 30 d.C.

A segunda vinda de Cristo ocorrerá em um momento que apenas Deus Pai conhece, de forma totalmente imprevisível e repentina. Uma vez que não haverá nenhum sinal de aviso, aquele que deseja fazer parte da congregação do Senhor deve se manter constantemente fiel. Aqueles que estão com Deus são contados como vivos. Nem todos aqueles que estão fisicamente vivos são considerados como vivos pelo Senhor. Aquele que está fisicamente vivo, mas afastado de Deus, é contado como morto. Surpreendentemente, muitos daqueles que tiveram grandes oportunidades de estar com Deus – como os judeus – serão rejeitados por Jesus.

Quando Jesus vier em sua segunda vinda a partir do céu, com seus santos anjos e envolto na glória de Deus Pai, ocorrerá a ressurreição dos mortos e será realizado o julgamento final. Há a participação dos anjos para trazer as pessoas diante do Senhor para esse julgamento. Cristo é aquele que salva e condena. Alguns serão tomados para julgamento e consequente morte, assim como, no dilúvio da época de Noé, as pessoas que não entraram na arca foram mortas pelas águas em consequência do julgamento de Deus. No entanto, na segunda vinda de Cristo, o elemento de juízo contra os infiéis será o fogo, o qual os matará. O justificado que estiver vivo na ocasião da vinda do Senhor será deixado com vida e não sofrerá nem a morte pelo fogo, nem a condenação do juízo final.

Jesus se assentará no seu trono de glória, acompanhado dos anjos. Ele efetuará julgamento justo conforme o que cada julgado fez. Os fiéis participarão desse julgamento e até mesmo julgarão os não justificados, tais como algumas pessoas de Israel. O julgamento final tem o objetivo de inaugurar a perfeição da plenitude do reino de Deus.

Cada um vai ser responsabilizado no juízo proporcionalmente ao que foi dado a ele e de acordo como ele fez uso disso de forma a frutificar para seu Senhor. Aquele que confessou Jesus às outras pessoas terá, da mesma, seu nome confessado por Jesus diante de Deus Pai. Confessar significa reconhecer quem Jesus realmente é e implica em obedecer aos seus ensinamentos. Aquele que negou Jesus diante de outras pessoas terá, da mesma forma, seu nome negado por Jesus diante de Deus Pai. Jesus, portanto, testemunhará para salvação ou condenação de cada um de acordo como cada um fez com a Palavra de Deus. Não há segundas chances após o juízo final. As próprias palavras e atos do julgado serão usados contra ele. Ocorrerá a separação dos fiéis e ímpios: os fiéis para a vida eterna e os ímpios para punição final e afastamento eterno do Senhor. O rigor do julgamento final e de sua punição serão maiores proporcionalmente à incredulidade daquele que será julgado. Também, aqueles que receberam maior luz da parte de Deus e a rejeitaram terão julgamento e punição mais severos. Além disso, observa-se que aquele que recebeu o perdão de Deus, mas não é capaz de perdoar no íntimo a seu irmão, não vai ser justificado diante de Deus, recebendo a punição final. Aquele que peca tem uma dívida tão grandiosa com Deus que não pode pagá-la, a não ser que receba o perdão por meio da aceitação e prática do evangelho. No entanto, se um cristão negar perdão a qualquer outro cristão que peça perdão por ter pecado contra ele, Deus não o perdoará no juízo final e o condenará com a punição final.

Os anjos, comandados por Cristo, efetuarão a separação dos justificados dos não justificados, recolherão os justificados para a vida eterna com Cristo, e encaminharão os não justificados para a punição final, a qual é descrita como uma fornalha acesa, um fogo eterno em meio a trevas, onde as pessoas terão choro e ranger de dentes. A intensidade da punição será maior ou menor conforme o que fizeram com a Palavra de Deus em vida.

Os justificados por Deus partilharão da sua glória. Quando os justificados ressuscitarem para viver eternamente, não haverá mais nenhum casamento entre eles, e nem o casamento da vida anterior será mantido. Abraão, Isaque e Jacó também estarão no reino dos céus em sua plenitude. Com eles estarão muitos de todas as partes do mundo que se converteram a Deus. Haverá, no juízo final, a participação dos justificados no juízo dos não justificados. Fiéis que abdicarem de coisas que prezam em favor de Cristo receberão muito mais já nesta vida,

culminando com a vida eterna. Aquele que fez muito pelo reino de Deus receberá mais ainda, o que sugere um galardão maior na plenitude do reino de Deus.

Quanto à punição final, é tão terrível que é preferível tomar medidas drásticas para obedecer a Palavra de Deus do que sofrê-la. Entre as razões para a condenação eterna estão: se irar sem motivo contra seu irmão (outro cristão), ser desobediente ao Senhor e persistir em não seguir a Palavra de Deus, e seguir falso ensino. Para todos os pecados existe perdão, exceto se uma pessoa permanecer em uma posição de rejeição total e contínua de Deus – isso não produz arrependimento e, assim, é o único pecado que não tem perdão (a chamada "blasfêmia contra o Espírito Santo"). O ser humano pode apenas matar o corpo, mas Deus pode fazer perecer no fogo eterno tanto a alma como corpo, razão pela qual deve-se temer antes a Deus do que o ser humano. A intensidade do tormento será maior ou menor proporcionalmente à incredulidade do condenado.

O perecimento na punição final pode significar tormento eterno ou culminar com a aniquilação do corpo e da alma. O fogo eterno foi preparado, originalmente, para o Diabo e seus anjos, mas será usado como castigo para os ímpios. O castigo eterno pode denotar tormento eterno ou a permanência eterna do lugar de castigo. Porém, não seria necessária a permanência eterna de um local de castigo se os castigados forem removidos da existência em algum momento. Também, na linguagem de Jesus, o castigo dos condenados é de duração igual à vida dos salvos: castigo eterno e vida eterna. O contexto da parábola do servo que não queria perdoar indica que a punição final tem a conotação de tormento até que se salde a dívida toda do pecador com Deus. Como o preço para pagar a redenção do pecador foi a vida de Cristo, a qual, em termos de valor, vale infinito, a dívida também tem valor infinito e, provavelmente, a punição final se trata de tormento eterno. As figuras utilizadas por Jesus em Marcos 9:43-49 para retratar o tormento, "não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga", apoiam a ideia de tormento eterno. Se o verme que come a carne não morre e o fogo não apaga, qual a razão de eles ainda existirem se os ímpios algum um dia forem eliminados da existência? A evidência de que a punição final seja tormento eterno é mais forte.

A punição final é descrita com o termo *geena*. *Geena* originalmente refere-se ao Vale de Hinom, fora das muralhas de Jerusalém, um vale usado como depósito de lixo onde se lançavam os cadáveres de pessoas que eram consideradas indignas, restos de animais, e toda outra espécie de imundície, os quais eram incinerados. Havia ali também vermes que comiam a carne morta. *Geena* é utilizado por Jesus como símbolo da punição final e equivale ao lago de fogo do Livro de Apocalipse, a condenação do julgamento final. O *geena* é referido como a punição final porque nele estará o ímpio de corpo e alma, ou seja, depois da ressurreição dos mortos e do julgamento final.

Quando os justificados estiverem com Deus na vida eterna e os não justificados estiverem banidos de sua presença com a punição final, todos os inimigos estarão derrotados, a plenitude do reino de Deus terá chegado, e Jesus retornará o reinado a Deus Pai. Os mansos serão recebidos no reino celestial (em última análise, os novos céus e nova terra) e receberão ali a plenitude das bênçãos. Não é possível sustentar que "herdar a terra" signifique que os mansos herdarão o planeta Terra, uma vez que ele será destruído na segunda vinda de Cristo, conforme 2 Pedro 3:10-11.

1.2. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO EVANGELHO DE MARCOS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas representativas do Evangelho de Marcos. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.2.1. MARCOS 3:28-29

> Em verdade lhes digo que tudo será perdoado aos filhos dos homens: os pecados e as blasfêmias que proferirem. Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo nunca terá perdão, visto que é réu de pecado eterno.

Como em Mateus 12:31-32, os pecados e blasfêmias dos seres humanos podem ser perdoados, mas "aquele que blasfemar contra o Espírito Santo nunca terá perdão". No contexto, os fariseus estavam vendo as obras que Jesus realizava por meio do Espírito Santo e atribuíram tais obras ao maioral dos demônios (Marcos 3:22). Blasfemar contra o Espírito Santo é falar contra o Espírito Santo. Falar contra significa se opor, uma posição de rejeitar ativamente. Quem blasfema contra o Espírito Santo o rejeita completamente e, se essa posição for mantida,

a pessoa nunca chegará ao arrependimento. Em última análise, trata-se de uma posição de rejeição total e contínua de Deus, sendo o único pecado que não tem perdão.

1.2.2. MARCOS 5:39

> Ao entrar, disse: "Por que vocês estão alvoroçados e chorando? A criança não está morta, mas dorme."

Como em Mateus 9:23-25, a filha de Jairo estava claramente morta, mas Jesus disse que dormia. A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. Quanto à questão de o sono poder se referir a uma inconsciência dos mortos, ver 1.1.19. Mateus 17:1-9.

1.2.3. MARCOS 8:36-9:1

> De que adianta uma pessoa ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Que daria uma pessoa em troca de sua alma? Pois quem, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória do seu Pai com os santos anjos. Dizia-lhes ainda: "Em verdade lhes digo que, dos que aqui se encontram, existem alguns que não passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o Reino de Deus."

Como em Mateus 16:26, a alma de uma pessoa não tem preço (Salmo 49:7-9). Ninguém pode pagar o preço de sua redenção. É como se aquele que pecou tivesse um "débito infinito" com Deus, sendo que ele somente pode ser pago com o sacrifício de Cristo. No entanto, o sacrifício de Cristo não será permitido a "quitar a dívida" daquele que não for justificado por Deus.

Na segunda vinda de Cristo, ele virá com os anjos e na glória de seu Pai. A geração que ouviu essas palavras de Jesus era uma geração adúltera e pecadora. Se tal geração se envergonhar de Jesus, ele também se envergonhará dela no juízo final. Na verdade, isso se aplica não apenas àquela geração, mas a qualquer pessoa: em Mateus 10:32-33 e Lucas 9:26, Jesus fez essa mesma aplicação para qualquer um que se envergonhe dele.

Também se observa que, naquela mesma época, alguns dos que ouviram aquelas palavras de Cristo devem ter visto o reino de Deus com poder. Portanto, o reino já estava presente de forma poderosa no primeiro século.

1.2.4. MARCOS 9:2-9

> Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e os levou, em particular, a sós, a um alto monte. E Jesus foi transfigurado diante deles. As suas roupas se tornaram resplandecentes, de um branco muito intenso, como nenhum lavandeiro no mundo as poderia alvejar. E lhes apareceu Elias com Moisés, e estavam falando com Jesus. Então Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: "Mestre, bom é estarmos aqui. Façamos três tendas: uma para o senhor, outra para Moisés e outra para Elias." Pois não sabia o que dizer, por estarem eles apavorados. A seguir, veio uma nuvem que os envolveu; e dela veio uma voz que dizia: "Este é o meu Filho amado; escutem o que ele diz!" E, de repente, olhando ao redor, não viram mais ninguém com eles, a não ser Jesus. Ao descerem do monte, Jesus lhes ordenou que não divulgassem as coisas que tinham visto, até o dia em que o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos.

Como em Mateus 17:1-9, Moisés e Elias estão vivos e conscientes, capazes de se comunicar e reconhecer a outros, em alguma glória, embora ainda não estejam com seus corpos glorificados ressurretos. Tudo indica que tanto Moisés quanto Elias tinham uma forma humanizada – caso não fosse esse o caso, não teriam sido descritos como sendo Moisés e Elias, mas como algo "fantasmagórico" ou qualquer outra coisa assim. Isso pode indicar que os fiéis tomados por Deus sem morrerem fisicamente e os fiéis que já morreram fisicamente estão nesse estado também (veja 1.1.19. Mateus 17:1-9).

1.2.5. MARCOS 9:43-49

> E, se a sua mão leva você a tropeçar, corte-a; pois é melhor você entrar aleijado na vida do que, tendo as duas mãos, ir para o inferno, para o fogo que nunca se apaga [onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga]. E, se o seu pé leva você a tropeçar, corte-o; pois é melhor você entrar na vida aleijado do que, tendo os dois

> pés, ser lançado no inferno [onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga]. E, se um dos seus olhos leva você a tropeçar, arranque-o; pois é melhor você entrar no Reino de Deus com um olho só do que, tendo os dois, ser lançado no inferno, onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga. Porque cada um será salgado com fogo.

A palavra traduzida por "inferno" é *geena*. Originalmente referia-se ao Vale de Hinom, fora das muralhas de Jerusalém, um vale usado como depósito de lixo onde se lançavam os cadáveres de pessoas que eram consideradas indignas, restos de animais, e toda outra espécie de imundície, os quais eram incinerados. Havia ali também vermes que comiam a carne morta. *Geena* é utilizado por Jesus como símbolo da punição final e equivale ao lago de fogo do Livro de Apocalipse, a condenação do julgamento final. Quanto à questão da punição final se tratar da cessação da existência dos ímpios ou de seu tormento eterno, as figuras utilizadas por Jesus para retratar o tormento, "não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga", apoiam a ideia de tormento eterno. Se o verme que come a carne não morre e o fogo não apaga, qual a razão de eles ainda existirem se os ímpios algum um dia forem eliminados da existência? A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências, veja 1.1.10. Mateus 10:28.

Aqueles que permanecem "tropeçando" e não tomam providências contra isso serão lançados na punição final. "Tropeçar" tem o sentido de pecar. A expressão "onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga" é uma das formas na qual a punição final é descrita, juntamente com "ser salgado com fogo". É melhor tomar providências radicais para não permanecer em transgressão contra Deus do que ir para tal lugar.

1.2.6. MARCOS 10:40

> Quanto a sentar à minha direita ou à minha esquerda, não me compete concedê-lo, pois é para aqueles a quem está preparado.

Quando Tiago e João pediram a Jesus para se assentarem à sua direita e esquerda na sua glória, ele disse a eles que tais posições já estavam preparadas. As posições de honra na glória são concedidas apenas àqueles para quem Deus as preparou. Se há posições de honra na glória celestial, torna-se implícito que alguns terão posições mais honradas do que outros.

1.2.7. MARCOS 12:25-27

> Pois, quando ressuscitarem dentre os mortos, nem casarão, nem se darão em casamento, mas serão como os anjos nos céus. Quanto aos mortos, que eles de fato ressuscitam, vocês nunca leram no Livro de Moisés, no trecho referente à sarça, como Deus lhe falou: "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó"? Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos. Vocês estão completamente enganados.

Como Mateus 22:30-32, quando os justificados ressuscitarem, não haverá mais nenhum casamento entre eles, e nem o casamento da vida anterior será mantido.

Ao citar Êxodo 3:6,15, Jesus afirmou aos saduceus (os quais não acreditavam em espírito, anjos, ou ressurreição, conforme Atos 23:8) que Abraão, Isaque e Jacó estão vivos e com Deus. Isso implicitamente aponta para a ressurreição dos mortos. Jesus apontou que o texto diz "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó" e não "Eu fui o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó". Aqueles que estão com Deus são contados como vivos.

Essa passagem não prova diretamente que o corpo morto seria ressuscitado, mas aponta para isso como consequência. A passagem demonstra que Abraão, Isaque e Jacó estavam em existência, ou seja, que suas almas estavam vivas. Os saduceus negavam esse conceito (Atos 23:8), e esse foi o principal ponto em disputa. Havendo um estado de recompensas e punições, é fácil entender que os corpos dos mortos serão ressuscitados. Assim, o argumento para a ressurreição é inferido: se os patriarcas estão vivendo, eles estão esperando uma ressurreição.

1.2.8. MARCOS 12:36

> O próprio Davi falou, pelo Espírito Santo: "Disse o Senhor ao meu Senhor: 'Sente-se à minha direita, até que eu ponha os seus inimigos debaixo dos seus pés.'"

Assim como em Mateus 22:44, Jesus fez uma pergunta aos fariseus citando o Salmo 110:1, o qual afirma que o Cristo se assentará à destra de Deus Pai até que ele coloque todos os seus inimigos em sujeição a Cristo. Isso significa que o Cristo deve reinar até todos os inimigos serem derrotados e, então, o reinado será retornado a Deus Pai. Isso é explicado por Paulo em 1 Coríntios 15:24-27.

1.2.9. MARCOS 13:1-31

> Quando Jesus estava saindo do templo, um dos seus discípulos lhe disse: "Mestre! Que pedras, que construções!" Mas Jesus respondeu: "Você está vendo estas grandes construções? Não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada." Jesus estava sentado no monte das Oliveiras, diante do templo, quando Pedro, Tiago, João e André lhe perguntaram em particular: 'Diga-nos quando essas coisas vão acontecer e que sinal haverá quando todas elas estiverem para se cumprir.' Então Jesus começou a dizer-lhes: "Tenham cuidado para que ninguém os engane. Muitos virão em meu nome, dizendo: 'Sou eu'; e enganarão a muitos. Quando vocês ouvirem falar de guerras e rumores de guerras, não se assustem; é necessário que isso aconteça, mas ainda não é o fim. Porque nação se levantará contra nação, e reino, contra reino. Haverá terremotos em vários lugares e também fomes. Essas coisas são o princípio das dores. Estejam de sobreaviso, porque as pessoas os entregarão aos tribunais e às sinagogas. Vocês serão açoitados e, por minha causa, serão levados à presença de governadores e reis, para lhes servir de testemunho. Mas é necessário que primeiro o evangelho seja pregado a todas as nações. Quando, pois, levarem vocês para os entregar, não se preocupem com o que irão dizer, mas digam o que lhes for concedido naquela hora. Porque não são vocês que estão falando, mas o Espírito Santo. Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai entregará o filho. Haverá filhos que se levantarão contra os seus pais e os matarão. Todos odiarão vocês por causa do meu nome; aquele, porém, que ficar firme até o fim, esse será salvo. Quando, pois, vocês virem o abominável da desolação situado onde não deve estar (quem lê entenda), então os que estiverem na Judeia fujam para os montes. Quem estiver no terraço não desça nem entre para tirar de casa alguma coisa. E quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orem para que isso não aconteça no inverno. Porque aqueles dias serão de tamanha tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo criado por Deus até agora e nunca jamais haverá. Se o Senhor não tivesse abreviado aqueles dias, ninguém seria salvo. Mas, por causa dos eleitos que ele escolheu, Deus abreviou tais dias. Então, se alguém disser a vocês: 'Olhem! Aqui está o Cristo!' ou: 'Olhem! Ali está ele!', não acreditem. Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos. Estejam de sobreaviso; tudo isso tenho predito a vocês. Mas, naqueles dias, após a referida tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos céus serão abalados. Então verão o Filho do Homem vindo nas nuvens, com grande poder e glória. E então ele enviará os anjos e reunirá os seus escolhidos dos quatro ventos, da extremidade da terra até a extremidade do céu. Aprendam, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, vocês sabem que o verão está próximo. Assim, também vocês, quando virem acontecer essas coisas, saibam que está próximo, às portas. Em verdade lhes digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça. Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão."

Esse texto do Evangelho de Marcos lida com a mesma ocasião relatada em Mateus 24:1-35 e tem o mesmo significado. Assim como em Mateus, é necessário entender o contexto total da passagem: antes de Jesus sair do templo em Marcos 13:1, ele estava sempre indo para lá a fim de ensinar o povo e repreender os líderes religiosos. Isso é observado desde Marcos 11:15 até Marcos 13:5 – todo o discurso compreendido nessas passagens foi proferido no templo. Em seguida, Jesus estava caminhando para sair do templo de Jerusalém e um dos discípulos se dirigiu a ele dizendo como a construção do templo era magnífica. A resposta de Jesus deixou os discípulos intrigados: o templo ia ser totalmente destruído e sua beleza não ia servir de nada. Ele passa a explicar sobre uma série de eventos terríveis e, então, em Marcos 13:30, afirma que tudo aconteceria sobre "esta geração" – é a mesma geração de Mateus 23:36 e Mateus 24:34, a geração que ouviu as palavras de Jesus no momento em que foram proferidas. Tudo em Marcos 13 até o verso 31 tem que, necessariamente, ocorrer sobre aquela geração que estava presente no momento que Jesus proferiu suas palavras. As palavras "esta geração" de Marcos 13:30 estão, de fato, traduzidas corretamente.

No entanto, assim como o texto paralelo contido em Mateus 24, a maior dificuldade de compreensão do texto está no fato de que a leitura faz parecer que há eventos terríveis e cataclísmicos ainda futuros, apesar de Jesus os aplicar à geração que estava presente em seu discurso, dizendo que ela não passaria até que tudo aquilo ocorresse (Marcos 13:30; Mateus 23:36; 24:34).

Há muitos que persistem em entender Marcos 13 com eventos futuros e consideram a expressão "esta geração" de Marcos 13:30 como se referindo à geração futura em que os referidos eventos devem ocorrer. Outros fazem um caso de que "esta geração" se refere a um tipo de geração moralmente maligna, como a presente no momento do discurso. Nesses casos, procura-se manter uma interpretação de eventos futuros porque Jesus ainda não voltou, as estrelas não caíram, os poderes do céu não foram abalados, etc. Porém, uma leitura do relato paralelo em Lucas 21:5-36 apoia a aplicação de Marcos 13:1-31 para o primeiro século. Lucas 21:10-12 deixa claro que o levantar de nação contra nação e reino contra reino, os grandes terremotos, epidemias, fome em vários lugares, coisas espantosas, grandes sinais vindos do céu, todos tinham que vir antes de cristãos serem presos e perseguidos, o que é notável no Livro de Atos dos Apóstolos. Implicitamente, isso tudo viria antes da queda do templo.

Portanto, uma vez que o contexto definitivamente aponta para que os eventos de Marcos 13:1-31 e Mateus 24:1-35 tenham ocorrido no primeiro século, devemos procurar entender dessa forma. A dificuldade está em o que fazer com a linguagem que parece apontar para o futuro.

A compreensão correta do texto de Marcos 13 começa com a compreensão da dúvida dos discípulos respondida por Jesus: "Diga-nos quando essas coisas vão acontecer e que sinal haverá quando todas elas estiverem para se cumprir" (Marcos 13:4). Diferentemente de Mateus 24:3, aqui não consta nada sobre "o fim dos tempos". Do ponto de vista dos discípulos, outra destruição do templo (o qual já foi destruído no passado pelos babilônios) significaria, basicamente, que Deus rejeitou o seu povo escolhido, rejeitou Jerusalém, e rejeitou seu santo monte Sião.

Também, observa-se nos relatos dos evangelhos que Jesus frequentemente responde à verdadeira questão, e não à pergunta que a pessoa pensou que estava fazendo. Aqui não foi diferente. O que ocorreu é que os discípulos assumiram um único evento, mas a resposta de Jesus mostrou que há dois eventos diferentes. A destruição do templo é um evento e o fim dos tempos (com a segunda vinda de Cristo implícita) é outro evento. Assim como Mateus 24:1-35, Marcos 13:1-31 se refere à destruição de Jerusalém em 70 d.C. Assim como Mateus 24:36-44, Marcos 13:32-37 se refere ao fim dos tempos e à segunda vinda de Jesus.

Essa visão, no entanto, levanta dúvidas em como conciliar os trechos que aparentemente se referem ao futuro, tais como:

- O evangelho ainda não foi pregado no mundo todo (Marcos 13:10);
- O que seria o "abominável da desolação"? (Mateus 13:14);
- Um período de tribulação descrito como "aqueles dias serão de tamanha tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo criado por Deus até agora e nunca jamais haverá" que não deixaria ninguém ser salvo se não tivesse sido abreviado por causa dos "eleitos" (Marcos 13:19) não parece ter ocorrido em qualquer evento do passado;
- Como entender a aparentemente clara referência à volta do Senhor que ainda não aconteceu? "Mas, naqueles dias, após a referida tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos céus serão abalados. Então verão o Filho do Homem vindo nas nuvens, com grande poder e glória. E então ele enviará os anjos e reunirá os seus escolhidos dos quatro ventos, da extremidade da terra até a extremidade do céu" (Marcos 13:24-27).

Jesus falou mais ou menos no ano 30 d.C. O templo foi destruído pelo exército romano em 70 d.C. Alguns daqueles que ouviram a profecia viveram para ver seu cumprimento. Jesus esclareceu que os sinais que ele deu (guerras, terremotos, falsos cristos, grande tribulação, etc.) iriam acontecer durante a vida de alguns dos seus ouvintes. A história (especialmente Josefo) tem registros de catástrofes naturais, perseguições, intrigas e guerras (por exemplo, as guerras judaico-romanas de 66 d.C.) no período entre 30 e 70 d.C. De maior importância do que a evidência histórica, o Novo Testamento fala do sofrimento da fome (Atos 11:27-30), de falsos profetas (2 Pedro 2), da perseguição contra os fiéis (Atos 8:1-3, etc.) e até terremotos (como o "grande terremoto" que houve quando o anjo desceu do céu perto do túmulo de Jesus em Mateus 28:2, o "tamanho terremoto" que libertou Paulo e Silas da prisão em Atos 16:26). Um terremoto destruiu Laodiceia em 61 d.C. A necessidade de perseverança da parte dos

fiéis por causa de coisas terríveis não é coisa exclusiva de nossa geração, nem das gerações futuras – tais coisas têm ocorrido em todas as épocas, especialmente no primeiro século. É fácil notar isso com uma leitura do Novo Testamento.

Vejamos alguns pontos mais específicos e como foram cumpridos no primeiro século:

- A Bíblia afirma que o evangelho foi pregado a "todas as nações": "se é que vocês permanecem na fé, alicerçados e firmes, não se deixando afastar da esperança do evangelho que vocês ouviram e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro" (Colossenses 1:23). Portanto, em Marcos 13:10, "todas as nações" é o mundo conhecido da época, o mundo na extensão do Império Romano, e não o planeta todo – o mesmo se aplica a "o mundo todo" de Mateus 24:14;

- O "abominável da desolação": Jesus usou a mesma linguagem que Daniel usava para falar dos exércitos gentios entrando na cidade santa e no templo (Daniel 9:27; 11:31; 12:11). A profecia paralela de Lucas 21:20-24 torna claro que esse é o significado dessa linguagem. Jesus advertiu seus seguidores para que estivessem prontos para fugir quando isso acontecesse. Ele até mesmo disse que os discípulos deveriam orar para que sua fuga não acabasse sendo complicada por causa do mau tempo do inverno (Marcos 13:18). Ele também avisou que isso seria mais difícil para as mulheres grávidas e mães de crianças pequenas (Marcos 13:17);

- A "grande tribulação" sobre os judeus é facilmente compreensível no contexto das guerras judaico-romanas que precederam a queda do templo e de Jerusalém em 70 d.C. A expressão "tamanha tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo criado por Deus até agora e nunca jamais haverá" é uma hipérbole, não uma expressão literal, e se aplica aos judeus daquela época. Embora tenham havido na história eventos onde mais pessoas morreram, nenhum foi tão cruel quando aquela destruição de Jerusalém, como atestou Josefo (veja 1.1.29. Mateus 24 e a História: Destruição de Jerusalém);

- Profecias do Antigo Testamento usam a mesma linguagem de Jesus em Marcos 13:24 e Mateus 24:26 para falar da destruição de reinos e cidades terrestres. À primeira vista, a expressão "o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos céus serão abalados" pode soar como o fim literal do mundo. Mas tal linguagem é usada nas Escrituras para falar da extinção de reis e reinos aqui na Terra: faraó do Egito (Ezequiel 32:2,7-10), nações gentias (Joel 3:12-15), e Babilônia (Isaías 13:9,10,13). É claro que tal linguagem não profetiza, necessariamente, o fim do mundo, mas pode ser usada para falar dos julgamentos físicos contra nações que ocorreram há muito tempo. Esse é o caso para a destruição do templo e, implicitamente, de Jerusalém e do sistema judaico;

- Assim como em Mateus 24:30-31, Jesus continuou em Marcos 13:26-27 com figuras de julgamento que se encontram no Antigo Testamento. Ele disse que o Filho do Homem viria nas nuvens, para julgar e salvar. O cenário central deriva de Daniel 7:13-14 (a própria expressão "Filho do Homem" testifica a origem em Daniel, assim como sua aparência nas nuvens). Nas Escrituras, há uma forte ligação entre nuvens e as demonstrações da glória e poder de Deus (Êxodo 13:21; 19:9,16; 24:16; 2 Crônicas 6:1; Naum 1:3). Nuvens também representam a justiça de Deus e a sua vinda para julgar (Salmo 97:2; Isaías 19:1; Isaías 30:27). Além disso, encontramos linguagem semelhante em passagens que falam do julgamento de Deus contra povos físicos, tais como Joel 3:16 e Amós 5:17-20. A linguagem aqui não é a segunda vinda de Cristo, mas significa o fim do sistema judaico, assim como foi com as antigas nações ímpias para a qual foi aplicada. Tal linguagem descreve uma visitação de Deus em julgamento contra uma nação ou cidade, com salvação para fiéis e punição para ímpios. Essa é a aplicação aqui: Jesus usou uma combinação da linguagem da visão de Daniel e a linguagem dos "dias do Senhor" do Antigo Testamento (o que também é um prenúncio da sua segunda vinda no fim do mundo) para afirmar o fim de Jerusalém e do templo, a salvação dos seus discípulos daquela tribulação, e que ele é o responsável por tal julgamento.

Nota: será possível que o "sinal do Filho do Homem" descrito em Mateus 24:30 e a "vinda do Filho do Homem" de Marcos 13:26 tenham literalmente aparecido no céu? Josefo escreveu em "As Guerras dos Judeus" 6.5.3 que "antes do pôr do sol, carruagens e tropas de soldados em suas armaduras eram vistas correndo entre

as nuvens e nos arredores das cidades." Isso tomou lugar em 66 d.C. O historiador romano do primeiro século, Tácito, também mencionou esses acontecimentos em "Histórias" 5.13: "No céu surgiu uma visão de exércitos em conflito, de armaduras cintilantes." O historiador judeu medieval Sepher Yosippon expôs o exército angélico no céu de 66 d.C. em "Uma História Medieval do Antigo Israel" traduzido do hebraico por Steven B. Bowman, em trechos do Capítulo 87 – "Queima do Templo": "Além disso, naqueles dias foram vistos carros de fogo e cavaleiros, uma grande força voando pelo céu próxima ao solo, vindo contra Jerusalém e a todos da terra de Judá, todos cavalos de fogo e cavaleiros de fogo."

Pela linguagem de Marcos 13:28-29 e Mateus 24:32-33, Jesus quis que os discípulos estivessem em alerta e vigilantes. Se pudessem ver os sinais que ele tinha predito, teriam oportunidade para fugir e evitar serem destruídos pelo exército romano (Marcos 13:14-18; Mateus 24:15-20). Esses sinais eram para a destruição de Jerusalém, não para a segunda vinda de Cristo.

Assim como Mateus 24:4-35, Marcos 13:5-31 é dirigido a responder a dúvida dos discípulos de quando seria o fim do templo. Depois de afirmar que essa destruição seria acompanhada por claros sinais e que seria cumprida naquela geração (Marcos 13:29-30; Mateus 24:34-35), Jesus falou em Marcos 13:32-33: "Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai. Estejam de sobreaviso e vigiem, porque vocês não sabem quando será o tempo." Ele não deu uma data, nem sinais para identificar sua segunda vinda. De fato, nos versos seguintes, ele mostrou que sua segunda vinda será súbita, inesperada e sem sinais de advertência.

1.2.10. MARCOS 13:32-37

> Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai. Estejam de sobreaviso e vigiem, porque vocês não sabem quando será o tempo. É como um homem que, ausentando-se do país, deixa a sua casa, dá autoridade aos seus servos, a cada um a sua obrigação, e ao porteiro ordena que vigie. Portanto, vigiem, porque vocês não sabem quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã; para que, vindo ele inesperadamente, não encontre vocês dormindo. O que, porém, digo a vocês, digo a todos: vigiem!

Assim como em Mateus 24:36-39, depois de falar das coisas que tinham que acontecer naquela geração relativas ao fim do templo (o que era um "fim do mundo judeu") em Marcos 13:5-31, Jesus contou a respeito do fim do mundo, o qual está ligado à vinda do Senhor. A palavra "Mas" que inicia Marcos 13:32 indica que esse "dia do Senhor" é outro dia diferente do "dia do Senhor" descrito em Marcos 13:24-27. É algo que acontecerá no momento escolhido pelo Pai, porém não revelado a ninguém. Nem mesmo Jesus, naquele momento, podia dizer quando será o fim (Marcos 13:32; Mateus 24:36), portanto, a vigilância foi enfatizada. Vigiar implica em estar seguindo os ensinamentos do Senhor.

Cristo se referiu à sua segunda vinda com a expressão "daquele dia". Essa é a mesma expressão utilizada por Paulo (1 Tessalonicenses 5:2) e Pedro (2 Pedro 3:10-13) a respeito do fim do mundo. O fim é totalmente inesperado, da mesma forma como o dilúvio pegou desprevenidos todos aqueles que não entraram na arca de Noé (Gênesis 7:6-22).

A tabela a seguir demonstra o contraste entre as duas destruições preditas por Jesus:

Destruição do Templo e de Jerusalém	Destruição do Mundo
O tempo é identificável	O tempo é desconhecido
Ocorrerá "nesta geração"	Acontecerá "naquele dia"
Os eventos precedentes serão inusitados	Os eventos precedentes serão típicos
Haverá advertências antecipadamente	Não haverá advertência
O exemplo da figueira	O exemplo do ladrão
O julgamento será local, na nação de Israel	O julgamento será universal
Sinais específicos do julgamento vindouro podem ser vistos	Nenhum sinal antecipado do fim
Haverá tempo para escapar do julgamento	Não haverá tempo para fuga

1.2.11. MARCOS 14:61-62

> Jesus, porém, guardou silêncio e nada respondeu. O sumo sacerdote tornou a interrogá-lo: "Você é o Cristo, o Filho do Deus Bendito?" Jesus respondeu: "Eu sou, e vocês verão o Filho do Homem sentado à direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu."

Assim como em Mateus 26:63-64, Jesus afirmou para Caifás, os principais sacerdotes, anciãos e escribas que, a partir daquele momento em diante, o veriam sentado à destra de Deus Pai e vindo sobre as nuvens do céu. A identificação que Jesus fez a si mesmo como "Filho do Homem" alude a Daniel 7:13-14. A audiência entendeu isso como proclamação de divindade e julgou a declaração de Jesus como blasfêmia (Marcos 14:64).

No entanto, há mais aqui. A expressão "vocês verão o Filho do Homem sentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu" também declara uma vinda de Jesus que aquela audiência deveria ver, no máximo, até o término de suas vidas.

Obviamente, essa não se trata da segunda vinda de Cristo, apesar da linguagem. Caifás, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio não viram a segunda vinda de Cristo, uma vez que ela ainda não ocorreu até hoje. Temos aqui o mesmo caso de Marcos 13:26: "Então verão o Filho do Homem vindo nas nuvens, com grande poder e glória." Essa é a linguagem de um "dia do Senhor" e, aqui, indica que aquela audiência veria o fim do templo e de Jerusalém. Tal linguagem descreve uma visitação de Deus em julgamento, com salvação para fiéis e punição para ímpios. Como em Marcos 13:26 e em Mateus 24:30, aqui Jesus usou uma combinação da linguagem da visão de Daniel e a linguagem dos "dias do Senhor" do Antigo Testamento (o que também é um prenúncio da sua segunda vinda no fim do mundo). Na verdade, Estêvão, antes de ser apedrejado, viu algo similar a esse tipo de vinda do Senhor: os céus estavam abertos e o Filho do Homem estava à destra de Deus Pai (Atos 7:55-60). Para Estêvão, no entanto, a vinda do Senhor foi para salvação, para recebê-lo no céu, e não para juízo.

1.2.12. A ESCATOLOGIA NO EVANGELHO DE MARCOS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Evangelho de Marcos, as informações são:

- Marcos 3:28-29: uma posição de rejeição total e contínua de Deus não produz arrependimento e, assim, é o único pecado que não tem perdão;

- Marcos 5:39: a filha de Jairo estava claramente morta, mas Jesus disse que dormia. A morte física é referida como sono por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus;

- Marcos 8:36-9:1: a alma de uma pessoa não tem preço (Salmo 49:7-9) e ninguém pode pagar o preço de sua redenção. É como se aquele que pecou tivesse um "débito infinito" com Deus, sendo que ele somente pode ser pago com o sacrifício de Cristo. No entanto, o sacrifício de Cristo não será permitido a "quitar a dívida" daquele que não for justificado por Deus. Cristo virá com os anjos e na glória de seu Pai em sua segunda vinda. No juízo final, ele se envergonhará de todo aquele que se envergonhou dele em vida e que não foi perdoado por ele. O reino já estava presente de forma poderosa no primeiro século;

- Marcos 9:2-9: Moisés e Elias estão vivos e conscientes, capazes de se comunicar e reconhecer a outros, em alguma glória, embora ainda não estejam com seus corpos glorificados ressurretos. Tudo indica que tanto Moisés quanto Elias tinham uma forma humanizada – caso não fosse esse o caso, não teriam sido descritos como sendo Moisés e Elias, mas como algo "fantasmagórico" ou qualquer outra coisa assim. Isso pode indicar que os fiéis tomados por Deus sem morrerem fisicamente e os fiéis que já morreram fisicamente estão nesse estado também;

- Marcos 9:43-49: aqueles que permanecem pecando e não tomam providências contra isso serão lançados no *geena*, a punição final, a qual é descrita como um lugar "onde não lhes morre o verme, nem o fogo se

apaga" juntamente com "ser salgado com fogo". É melhor tomar providências radicais para não permanecer em transgressão contra Deus do que ir para tal lugar. Originalmente, *geena* referia-se ao Vale de Hinom, fora das muralhas de Jerusalém, um vale usado como depósito de lixo onde se lançavam os cadáveres de pessoas que eram consideradas indignas, restos de animais, e toda outra espécie de imundície, os quais eram incinerados. Havia ali também vermes que comiam a carne morta. *Geena* é utilizado por Jesus como símbolo da punição final e equivale ao lago de fogo do Livro de Apocalipse, a condenação do julgamento final. A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências;

- Marcos 10:40: as posições de honra na glória são concedidas apenas àqueles para quem Deus as preparou. Se há posições de honra na glória celestial, torna-se implícito que alguns terão uma posição mais honrada do que outros;

- Marcos 12:25-27: quando os justificados ressuscitarem, não haverá mais nenhum casamento entre eles, e nem o casamento da vida anterior será mantido. Abraão, Isaque e Jacó estão vivos e com Deus, e isso implicitamente aponta para a ressurreição dos mortos. Aqueles que estão com Deus são contados como vivos;

- Marcos 12:36: o Cristo reinará até todos os inimigos serem derrotados e, então, o reinado será retornado a Deus Pai;

- Marcos 13:1-31: o templo de Jerusalém e, implicitamente, Jerusalém e o sistema judaico, foram destruídos na época da geração que ouviu Jesus no momento em que ele proferiu essa profecia. Todos os sinais descritos em Marcos 13:3-31 ocorreram para aquela geração. Jesus usou a mesma linguagem do Antigo Testamento que representa a destruição de povos e nações na Terra, a qual foi aplicada para o povo judeu;

- Marcos 13:32-37: a segunda vinda de Cristo e o fim do mundo ocorrerão em um momento que apenas Deus Pai conhece, de forma totalmente imprevisível, ou seja, sem nenhum sinal de aviso. A vigilância (estar constantemente seguindo os ensinamentos do Senhor) é enfatizada;

- Marcos 14:61-62: Caifás, os principais sacerdotes, os anciãos e os escribas viram a destruição do templo e de Jerusalém, o que foi uma vinda do Senhor para acerto de contas com a nação judaica – um dos muitos "dias do Senhor" da Bíblia. Estêvão, antes de ser apedrejado, viu algo similar a esse tipo de vinda do Senhor: os céus estavam abertos e o Filho do Homem estava à destra de Deus Pai (Atos 7:55-60). Para Estêvão, no entanto, a vinda do Senhor foi para salvação, para recebê-lo no céu, e não para juízo.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Há vários tipos de vindas do Senhor. Um tipo se trata de um acerto de contas entre o Senhor e uma nação ou reino que recebe julgamento divino – esse tipo representa os vários "dias do Senhor" descritos na Bíblia contra nações ímpias. Outro tipo é a segunda vinda de Cristo, a qual traz o juízo final, a ressurreição dos mortos, o fim do mundo, e a plenitude do reino dos céus com a restauração de todas as coisas em um estado de perfeição eterno, em um mesmo evento.

O reino de Deus já estava presente de forma poderosa no primeiro século. Desde sua ressurreição no primeiro século, Cristo reinava e reinará até todos os inimigos serem derrotados.

A morte física é referida como sono por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação: morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. A filha de Jairo estava claramente morta, mas Jesus disse que dormia. Por outro lado, Abraão, Isaque e Jacó estão vivos e com Deus, e isso implicitamente aponta para a ressurreição dos mortos. Aqueles que estão com Deus são contados como vivos. Moisés e Elias estão vivos e conscientes, capazes de se comunicar e reconhecer a outros, em alguma glória, embora ainda não estejam com seus corpos glorificados ressurretos. Tudo indica que tanto Moisés quanto Elias tinham uma forma

humanizada – caso não fosse esse o caso, não teriam sido descritos como sendo Moisés e Elias, mas como algo "fantasmagórico" ou qualquer outra coisa assim. Isso pode indicar que os fiéis tomados por Deus sem morrerem fisicamente e os fiéis que já morreram fisicamente estão nesse estado também.

O templo de Jerusalém e, implicitamente, Jerusalém e o sistema judaico, foram destruídos na época da geração que ouviu Jesus no momento em que ele proferiu essa profecia. Todos os sinais descritos em Marcos 13:3-31 ocorreram para aquela geração. Jesus usou a mesma linguagem do Antigo Testamento que representa a destruição de povos e nações na Terra, a qual foi aplicada para o povo judeu. Caifás, os principais sacerdotes, os anciãos e os escribas viram a destruição do templo e de Jerusalém, o que foi uma vinda do Senhor para acerto de contas com a nação judaica – um dos muitos "dias do Senhor" da Bíblia. Na verdade, Estêvão, antes de ser apedrejado, viu algo similar a esse tipo de vinda do Senhor: os céus estavam abertos e o Filho do Homem estava à destra de Deus Pai (Atos 7:55-60). Para Estêvão, no entanto, a vinda do Senhor foi para salvação, para recebê-lo no céu, e não para juízo. Os discípulos de Cristo escaparam da morte em Jerusalém e se espalharam, pregando em todos os lugares do mundo conhecido da época, como profetizado por Cristo em cerca de 30 d.C.

Cristo virá com os anjos e na glória de seu Pai em sua segunda vinda, a qual traz o juízo final, a ressurreição dos mortos e o fim do mundo. A segunda vinda de Cristo ocorrerá em um momento que apenas Deus Pai conhece, de forma totalmente imprevisível, ou seja, sem nenhum sinal de aviso. A vigilância (estar constantemente seguindo os ensinamentos do Senhor) é enfatizada.

No julgamento final, Cristo se envergonhará de todo aquele que se envergonhou dele em vida e que não foi perdoado por ele. Uma posição de rejeição total e contínua de Deus não produz arrependimento e, assim, é o único pecado que não tem perdão. Da mesma forma, aqueles que permanecem pecando e não tomam providências contra isso não obterão perdão. Os justificados serão encaminhados para a glória eterna, e os não justificados serão encaminhados para a punição final. É melhor tomar providências radicais para não permanecer em transgressão contra Deus do que ir para tal lugar.

A alma de uma pessoa não tem preço. Ninguém pode pagar o preço de sua redenção. É como se aquele que pecou tivesse um "débito infinito" com Deus, sendo que ele somente pode ser pago com o sacrifício de Cristo. No entanto, o sacrifício de Cristo não será permitido a "quitar a dívida" daquele que não for justificado por Deus.

A punição final é descrita como um lugar "onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga" juntamente com "ser salgado com fogo". Originalmente, *geena* referia-se ao Vale de Hinom, fora das muralhas de Jerusalém, um vale usado como depósito de lixo onde se lançavam os cadáveres de pessoas que eram consideradas indignas, restos de animais, e toda outra espécie de imundície, os quais eram incinerados. Havia ali também vermes que comiam a carne morta. *Geena* é utilizado por Jesus como símbolo da punição final e equivale ao lago de fogo do Livro de Apocalipse, a condenação do julgamento final. As figuras utilizadas por Jesus em Marcos 9:43-49 para retratar o tormento, "não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga", apoiam a ideia de tormento eterno. Se o verme que come a carne não morre e o fogo não apaga, qual a razão de eles ainda existirem se os ímpios algum um dia forem eliminados da existência? A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências.

Quanto à glória eterna, suas posições de honra serão concedidas apenas àqueles para quem Deus as preparou. Uma vez que há posições de honra na glória celestial, torna-se implícito que alguns terão uma posição mais honrada do que outros. Também, quando os justificados ressuscitarem, não haverá mais nenhum casamento entre eles, e nem o casamento da vida anterior será mantido.

Cristo já reina e reinará até todos os inimigos serem derrotados, ou seja, depois de os justificados receberem a vida eterna e os não justificados serem encaminhados à punição final. Então, o reinado será retornado a Deus Pai.

1.3. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO EVANGELHO DE LUCAS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Evangelho de Lucas. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.3.1. LUCAS 3:9

> E também o machado já está posto à raiz das árvores. Portanto, toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.

João Batista fez uma analogia para ilustrar que, no julgamento final, os não justificados serão lançados ao fogo da punição final. Quanto à questão da punição final se tratar da cessação da existência dos ímpios ou de seu tormento eterno, veja 1.1.10. Mateus 10:28. A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências.

1.3.2. LUCAS 3:16-17

> ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo. Ele tem a pá em suas mãos, para limpar a sua eira e recolher o trigo no seu celeiro; porém queimará a palha num fogo que nunca se apaga.

Como em Mateus 3:12, João Batista fez uma analogia que transmite a ideia do Cristo efetuando o julgamento para a eternidade. Ele recolherá os justificados para viver consigo e condenará os não justificados à punição final descrita como um fogo que nunca se apaga. Cristo salva e condena. Quanto à questão da punição final se tratar da cessação da existência dos ímpios ou de seu tormento eterno, veja 1.1.10. Mateus 10:28. A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências.

1.3.3. LUCAS 8:30-31

> Jesus perguntou a ele: "Qual é o seu nome?" Ele respondeu: "Legião." Isto porque muitos demônios tinham entrado nele. Estes pediram a Jesus que não os mandasse para o abismo.

Os demônios que possuíram o geraseno não queriam ir ao abismo. Provavelmente era um local, no mínimo, mais desconfortável para eles do que possuir porcos.

As águas do dilúvio na época de Noé mais tarde retornaram ao abismo, tragando os mortos. Provavelmente essa é a razão pela qual Jó afirmou em Jó 26:5-6: "Os mortos tremem debaixo das águas com os seus moradores. O mundo dos mortos está desnudo diante de Deus, e não há coberta para o abismo." O abismo foi retratado como cheio de trevas e águas e, também, pode ser uma prisão tanto daqueles que morreram pelo dilúvio quanto dos anjos caídos (Gênesis 1:2; 7:11-12; Jó 26:5-6; Provérbios 15:11; 27:20; Lucas 8:30-31; 16:19-31; 2 Pedro 2:4; Apocalipse 20:13). O termo *abaddon* foi usado como referência ao abismo sem fim próximo ao *sheol/hades* (Jó 26:6; Jó 28:22; Jó 31:12; Salmo 88:11; Provérbios 15:11; Provérbios 27:20). O Apocalipse, embora sendo uma visão simbólica, retrata o abismo como liberando fumaça (Apocalipse 9:2). Se o abismo permitiu liberação de fumaça, há fogo. Se for assim, o *sheol/hades* pode de fato possuir um abismo (*abaddon*) próximo a si onde tais anjos estão aprisionados em trevas.

Ao que tudo indica, o abismo é retratado na Bíblia como um local com profundidade sem fim com escuridão, águas e fogo, próximo ao *sheol/hades*, o qual era, no mínimo, mais desconfortável aos demônios que possuíram o geraseno (a Legião) do que possuir porcos. Se o abismo corresponder ao aprisionamento em trevas dos anjos caídos mencionado em 2 Pedro 2:4 (ver 1.21.1. 2 Pedro 2:4), os demônios e os anjos caídos podem ser as mesmas entidades.

1.3.4. LUCAS 8:51-53

> Tendo chegado à casa, Jesus não permitiu que ninguém entrasse com ele, a não ser Pedro, João e Tiago, além do pai e da mãe da menina. E todos choravam e a pranteavam. Mas Jesus disse: "Não chorem; ela não está morta, mas dorme." E riam-se dele, porque sabiam que ela estava morta.

Como em Mateus 9:23-25 e Marcos 5:39, a filha de Jairo estava claramente morta, mas Jesus disse que dormia. A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. Quanto à questão de o sono poder se referir a uma inconsciência dos mortos, ver 1.1.19. Mateus 17:1-9.

1.3.5. LUCAS 9:25-27

> De que adianta uma pessoa ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou causar dano a si mesma? Pois quem se envergonhar de mim e das minhas palavras, dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na sua glória e na glória do Pai e dos santos anjos. Em verdade lhes digo que alguns dos que aqui se encontram não passarão pela morte até que vejam o Reino de Deus.

Como em Mateus 16:26 e Marcos 8:36-37, a alma de uma pessoa não tem preço (Salmo 49:7-9). Ninguém pode pagar o preço de sua redenção. É como se aquele que pecou tivesse um "débito infinito" com Deus, sendo que ele somente pode ser pago com o sacrifício de Cristo. No entanto, o sacrifício de Cristo não será permitido a "quitar a dívida" daquele que não for justificado por Deus.

Como em Marcos 8:38-9:1, Jesus virá com os anjos e a glória de seu Pai em sua segunda vinda. Se qualquer um se envergonhar de Jesus, ele também se envergonhará de tal pessoa no julgamento final. Também se observa que, naquela mesma época, alguns daqueles que ouviram aquelas palavras de Cristo devem ter visto o reino de Deus. Portanto, o reino de Deus já estava presente no primeiro século.

1.3.6. LUCAS 9:28-36

> Cerca de oito dias depois de proferidas estas palavras, Jesus levou consigo Pedro, João e Tiago e subiu ao monte com o propósito de orar. E aconteceu que, enquanto ele orava, a aparência do seu rosto se transfigurou e a roupa dele ficou de um branco brilhante. E eis que dois homens falavam com ele: eram Moisés e Elias, que apareceram em glória e falavam da morte de Jesus, que ele estava para cumprir em Jerusalém. Pedro e seus companheiros estavam caindo de sono; mas, conservando-se acordados, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam com ele. Quando estes começaram a se afastar de Jesus, Pedro lhe disse: "Mestre, bom é estarmos aqui. Façamos três tendas: uma para o senhor, outra para Moisés e outra para Elias." Porém, Pedro não sabia o que estava dizendo. Enquanto assim falava, veio uma nuvem e os envolveu. E ficaram com medo ao entrar na nuvem. E dela veio uma voz que dizia: "Este é o meu Filho, o meu eleito; escutem o que ele diz!" Depois daquela voz, perceberam que Jesus estava sozinho. Eles ficaram calados e, naqueles dias, não contaram nada a ninguém a respeito do que tinham visto.

Como em Mateus 17:1-3 e Marcos 9:2-5, Moisés e Elias estão vivos e conscientes, capazes de se comunicar e reconhecer a outros, em alguma glória, embora ainda não estejam com seus corpos glorificados ressurretos. Tudo indica que tanto Moisés quanto Elias tinham uma forma humanizada – caso não fosse esse o caso, não teriam sido descritos como sendo Moisés e Elias, mas como algo "fantasmagórico" ou qualquer outra coisa assim. Isso pode indicar que os fiéis tomados por Deus sem morrerem fisicamente e os fiéis que já morreram fisicamente estão nesse estado também (veja 1.1.19. Mateus 17:1-9).

1.3.7. LUCAS 10:13-15

> Ai de você, Corazim! Ai de você, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que foram feitos em vocês, há muito que elas teriam se arrependido, assentadas em pano de saco e cinza. Mas, no Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vocês. E você, Cafarnaum, pensa que será elevada até o céu? Será jogada no inferno!

Como em Mateus 11:21-24, Corazim, Betsaida e Cafarnaum são repreendidas por suas incredulidades. Também são cidades usadas como exemplo do resultado da atitude de manter uma posição de incredulidade diante de sinais claros vindos de Deus (os quais têm o intuito de causar arrependimento): punição com maior rigor. Mesmo nações como Tiro, Sidom, e até Sodoma, teriam mais pessoas arrependidas do que Corazim, Betsaida e Cafarnaum se vissem os mesmos sinais que Cristo fez nesses locais. A ideia aqui é que o rigor e a punição do julgamento final são maiores proporcionalmente à incredulidade daquele que será julgado.

A palavra traduzida como "inferno" é *hades*. O fim da vida física dos incrédulos é o mundo dos mortos e ali aguardarão o juízo final.

1.3.8. LUCAS 11:30-32

> Porque, assim como Jonas foi sinal para os ninivitas, o Filho do Homem o será para esta geração. A rainha do Sul se levantará, no Juízo, com os homens desta geração e os condenará, porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E aqui está quem é maior do que Salomão. Ninivitas se levantarão, no Juízo, com esta geração e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E aqui está quem é maior do que Jonas.

Como em Mateus 12:40-42, até mesmo ninivitas e a rainha de Sabá se deixaram ser influenciados para salvação pela Palavra de Deus. Os ninivitas e a rainha de Sabá ouviram a Palavra manifesta por servos inferiores ao Cristo (Jonas e Salomão), mas se arrependeram. A geração da época de Jesus estava ouvindo o próprio Cristo falar a Palavra de Deus e, ainda assim, se mantinha incrédula. Com essa atitude, tal geração não escapará da condenação. Além do mais, os ninivitas e a rainha de Sabá estarão presentes no julgamento final contra a geração que ouviu Jesus no momento em que ele proferiu essa profecia, e pronunciarão juízo condenatório contra ela. Observa-se, portanto, que haverá a participação de justificados no juízo dos não justificados.

Assim como Jonas esteve no ventre do grande peixe por três dias, Cristo desceu ao "coração da terra" (Mateus 12:40), ou seja, após sua morte física, sua alma esteve três dias no mundo dos mortos (*hades*/*sheol*). A ideia de descer ao coração da terra aponta para as profundezas da terra, e não simplesmente para um sepulcro.

1.3.9. LUCAS 12:8-10

> Digo mais a vocês: todo aquele que me confessar diante dos outros, também o Filho do Homem o confessará diante dos anjos de Deus; mas o que me negar diante das pessoas será negado diante dos anjos de Deus. Todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do Homem, isso lhe será perdoado; mas, para o que blasfemar contra o Espírito Santo, não haverá perdão.

No julgamento final, aquele que confessou a Cristo diante dos outros terá também seu nome confessado por ele diante dos anjos de Deus. Por outro lado, aquele que negou a Cristo diante dos outros terá seu nome negado por ele diante dos anjos de Deus. Palavras proferidas contra Jesus podem ser perdoadas. No entanto, como em Mateus 12:31-32 e Marcos 3:28-29, "para o que blasfemar contra o Espírito Santo" não há perdão.

Blasfemar contra o Espírito Santo é falar contra o Espírito Santo. Falar contra significa se opor, uma posição de rejeitar ativamente. Quem blasfema contra o Espírito Santo o rejeita completamente e, se essa posição for mantida, a pessoa nunca chegará ao arrependimento. Em última análise, trata-se de uma posição de rejeição total e contínua de Deus, sendo o único pecado que não tem perdão.

1.3.10. LUCAS 12:37-40

> Bem-aventurados aqueles servos a quem o senhor, quando vier, encontrar vigilantes. Em verdade lhes digo que ele há de cingir-se, dar-lhes lugar à mesa e, aproximando-se, os servirá. Quer ele venha à meia-noite ou de madrugada, bem-aventurados serão eles, se os encontrar vigilantes. Porém, considerem isto: se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, não deixaria que a sua casa fosse arrombada. Estejam também vocês preparados, porque o Filho do Homem virá à hora em que vocês menos esperam.

Jesus expôs a necessidade de vigilância, ou seja, a constância em seus ensinamentos, uma vez que sua segunda vinda será imprevisível.

1.3.11. LUCAS 12:47-48

> Aquele servo que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade, será punido com muitos açoites. Aquele, porém, que não soube a vontade do seu senhor e fez coisas dignas de reprovação levará poucos açoites. Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão.

O rigor da punição do juízo final para alguém é proporcional à consistência de seu conhecimento da vontade do Senhor e de sua aplicação na prática. Também, o grau de exigência do Senhor para uma pessoa aumenta proporcionalmente a quanto foi dado e confiado a ela.

1.3.12. LUCAS 13:2-5

> Então Jesus lhes disse: "Vocês pensam que esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus, por terem padecido estas coisas? Digo a vocês que não eram; se, porém, não se arrependerem, todos vocês também perecerão. E, quanto àqueles dezoito sobre os quais desabou a torre de Siloé e os matou, vocês pensam que eles eram mais culpados do que todos os outros moradores de Jerusalém? Digo a vocês que não eram; mas, se não se arrependerem, todos vocês também perecerão."

Jesus explicou que, no que diz respeito à punição ou salvação no juízo final, a punição será aplicada a qualquer um que tenha pecado, independentemente da sua "gravidade". Qualquer um que tenha qualquer pecado não justificado, por "menor" que pareça, se não se arrepender, não será justificado e receberá punição. A necessidade de arrependimento é enfatizada.

1.3.13. LUCAS 13:23-30

> E alguém lhe perguntou: "Senhor, são poucos os que são salvos?" Jesus respondeu: "Esforcem-se por entrar pela porta estreita! Pois eu afirmo a vocês que muitos procurarão entrar, mas não conseguirão. Quando o dono da casa se tiver levantado e fechado a porta, e vocês, do lado de fora, começarem a bater, dizendo: 'Senhor, abra a porta para nós', ele responderá: 'Não sei de onde vocês são.' Então vocês dirão: 'Comíamos e bebíamos com o senhor. Além disso, o senhor ensinava em nossas ruas.' Mas ele dirá a vocês: 'Não sei de onde vocês são; afastem-se de mim, vocês todos que praticam o mal.' Ali haverá choro e ranger de dentes, quando vocês virem Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas no Reino de Deus, mas vocês lançados fora. Muitos virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul e tomarão lugar à mesa no Reino de Deus. Porém, de fato, há últimos que serão primeiros, e primeiros que serão últimos."

Jesus explicou que, ainda que pessoas tenham tido alguma relação com ele, se não o obedeceram, serão rejeitadas no juízo final. São poucas as pessoas que são salvas, e é necessário esforço para permanecer na Palavra de Deus. Os não justificados serão lançados fora da presença do Senhor, os quais terão choro e ranger de dentes. Muitos daqueles que tiveram grandes oportunidades de estar com Deus (principalmente os judeus) serão lançados fora, enquanto muitos que não tiveram tais oportunidades (principalmente gentios) serão admitidos na vida eterna com o Senhor.

Jesus afirmou que o choro e ranger de dentes ocorrerá quando os não justificados virem Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas no reino de Deus. O reino de Deus aqui representa a congregação dos justificados. Isso indica que os não justificados verão os justificados nessa congregação no juízo final. É possível também que os lançados fora possam, a partir de seu local de banimento, de alguma forma ver aqueles que foram justificados, da mesma forma que o rico em tormento viu Lázaro em consolo em Lucas 16:19-31.

1.3.14. LUCAS 14:13-14

> Pelo contrário, ao dar um banquete, convide os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos, e você será bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensá-lo. A sua recompensa você receberá na ressurreição dos justos.

A recompensa da aplicação dos ensinamentos de Cristo pode não vir na vida física, mas certamente os justificados ressuscitados a receberão no julgamento final.

1.3.15. LUCAS 16:19-31

> Ora, havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo e que se alegrava todos os dias com grande ostentação. Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de feridas, que ficava deitado à porta da casa do rico. Ele desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico, e até os cães vinham lamber-lhe as feridas. E aconteceu que o mendigo morreu e foi levado pelos anjos para junto de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. No inferno, estando em tormentos, o rico levantou os olhos e viu ao longe Abraão, e Lázaro junto dele. Então, gritando, disse: "Pai Abraão, tenha misericórdia de mim! E mande que Lázaro molhe a ponta do dedo em água e me refresque a língua, porque estou atormentado neste fogo." Mas Abraão disse: "Filho, lembre-se de que você recebeu os seus bens durante a sua vida, enquanto Lázaro só teve males. Agora, porém, ele está consolado aqui, enquanto você está em tormentos. E, além de tudo, há um grande abismo entre nós e vocês, de modo que os que querem passar daqui até vocês não podem, nem os de

> lá passar para cá." Então o rico disse: "Pai, eu peço que mande Lázaro à minha casa paterna, porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento." Abraão respondeu: "Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos." Mas ele insistiu: "Não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for até lá, eles irão se arrepender." Abraão, porém, lhe respondeu: "Se não ouvem Moisés e os Profetas, também não se deixarão convencer, mesmo que ressuscite alguém dentre os mortos."

Jesus narrou uma história que se passa após a morte física sobre um mendigo chamado Lázaro e um homem rico. A primeira coisa a notar aqui é que a passagem não se refere ao "fogo eterno" do *geena*. A palavra "inferno" foi traduzida do original *hades*, o qual é entendido como sendo o mundo dos mortos, sendo na prática igual ao *sheol* do Antigo Testamento.

Essa é uma passagem muito controversa e importante, pois seu entendimento altera drasticamente a visão da vida após a morte antes da ressurreição dos mortos. Há duas possibilidades: a história é um relato real ou se trata de uma parábola. Vejamos primeiramente as razões para considerar o relato em Lucas 16:19-31 como uma história real:

- Muitas histórias de Jesus são declaradas como parábolas, como o semeador e a semente (Lucas 8:4), o fazendeiro próspero (Lucas 12:16), a figueira estéril (Lucas 13:6), a festa de casamento (Lucas 14:7), o fariseu e o publicano (Lucas 18:9-14), e muitas outras, mas esse não é o caso da história do rico e Lázaro;

- O relato usa o nome real de duas pessoas, Lázaro e Abraão, o que a diferencia das outras histórias chamadas de parábolas, nas quais os personagens não são nomeados;

- A ideia de pessoas em tormento verem pessoas em consolo não é alheia às Escrituras: em Lucas 13:28, Jesus comenta sobre os lançados fora vendo os justificados "tomando lugar à mesa no reino de Deus";

- Essa história não se enquadra no tipo usual de parábola que utiliza uma apresentação de uma verdade espiritual usando uma ilustração terrena;

- O cenário para a maior parte da história é a vida após a morte, ao contrário das parábolas, as quais se manifestam em contextos terrestres;

- Quanto à aplicação de características físicas (olhos, língua e dedo) para almas, ainda não estamos preparados para entender a natureza delas. Assim, a inspiração divina deve, de alguma maneira, tentar acomodar ideias sobre a alma ao nosso presente nível de compreensão. Isso é feito aplicando figurativamente traços físicos à descrição da alma. É uma forma de antropomorfismo, semelhante ao uso de características físicas na descrição de Deus (conforme Isaías 59:1-2; 1 Pedro 3:12), mesmo Deus não sendo humano (João 4:24; Lucas 24:39).

As razões para considerar a passagem como uma parábola são as seguintes:

- A Bíblia apresenta diálogos inusitados. Alguns exemplos são árvores envolvidas em um processo de escolha de um rei (Juízes 9:8-15) e outro diálogo parecido entre um cardo e um cedro (2 Reis 14:9);

- Não seria um conforto poder ver entes queridos sob tormento;

- O relato não pode envolver uma representação de fatos reais porque o rico e Lázaro haviam morrido e seus corpos estavam em decomposição na terra e, mesmo assim, é feita referência a suas características físicas, tais como olhos, língua e dedo, coisas que não podemos afirmar que uma alma possui;

- Jesus contou a história do rico e do Lázaro dentro de uma sequência de parábolas, desde Lucas 15:3 a Lucas 17:10;

- Há relatos aceitos como parábolas sem que Jesus os mencionasse como pertencendo a esse gênero literário (por exemplo, Lucas 14:15-24 não é declarado como parábola, embora seja uma parábola, a "parábola da grande ceia");

- O fato de Jesus ter dado nomes aos personagens não indica necessariamente que eles existiram e que o relato seja literal. Quando se trata de alegoria, os personagens podem não ser reais. O significado do nome Lázaro vem a partir do grego *Eleázaros,* que é o mesmo do hebraico Eleazar: a união de *El* ("Deus", "Senhor") e *ézer* ("socorro"), significando "Deus socorreu", "Deus ajudou";

- De acordo com o Manuscrito D, o Códice de Beza, essa parte do Evangelho de Lucas trata-se de uma parábola.

Ao se ponderar sobre as razões do relato de Lucas 16:19-31 ser ou não ser uma parábola, observa-se que as razões para a história do rico e Lázaro ser uma parábola são melhores. Sendo assim, em vista do fato fundamental de que uma parábola é dada para ilustrar a verdade, e geralmente uma verdade particular, nenhuma doutrina pode ser baseada sobre detalhes incidentais de uma parábola. Portanto, não é seguro extrair dados sobre a condição da vida após a morte a partir apenas desse relato, exceto que, após a morte física, há destinos diferentes para justificados e não justificados (o que implica em um juízo imediato após a morte física, como em Hebreus 9:27), não há segundas chances após a morte física, e que apenas a Palavra de Deus ("Moisés e os Profetas") permite que as pessoas sejam justificadas por Deus. Além disso, existe o perigo da sedução das riquezas para aqueles que confiam na riqueza material.

É possível, porém, e bem provável, que essa parábola ilustre de fato realidades da vida após a morte. As parábolas de Jesus sempre apontam para verdades. Pode ser que os não justificados possam ver os justificados a partir de seu local de afastamento do Senhor, conforme Lucas 13:28. Também, pode ser que o *hades*/*sheol* possua duas áreas diferentes, uma para justificados e uma para não justificados (veja 1.3.24. Lucas 23:42-43). Pode ser que a área dos justificados tivesse sido o paraíso (veja 1.3.24. Lucas 23:42-43, 1.10.1. Efésios 4:8-9). Pode ser que o "grande abismo" separando a área dos justificados da área dos não justificados seja o abismo (*abaddon*) retratado como próximo ao *sheol*/*hades* e entendido pelos gregos como o tártaro, o qual poderia ser correspondente ao local onde anjos caídos e os mortos pelas águas do dilúvio estão confinados (Jó 26:5-6; veja 1.21.1. 2 Pedro 2:4). Pode ser que os não justificados estejam em tormento no *sheol*/*hades*. Na verdade, essa forma de retratar a visão geral do mundo dos mortos se encaixa com o restante da Bíblia.

Quanto ao significado da parábola, Cristo não falou simplesmente de um homem rico e um insignificante mendigo. Por meio de personificação e simbolismo, o Senhor frequentemente usou uma coisa ou pessoa para representar muitos ou mesmo multidões ou nações e povos. Biblicamente falando, havia duas amplas categorias de pessoas no mundo: os judeus e os gentios.

O homem rico representa os judeus, os quais foram agraciados com toda sorte de riquezas espirituais, embora constantemente não cumprindo a vontade de Deus. Os judeus tinham por pai a Abraão e a tribo de Judá era a preponderante desde o retorno do exílio na Babilônia (inclusive o nome "judeu" vem de Judá). O homem rico disse que tinha cinco irmãos, assim como Judá teve cinco irmãos, contando apenas os filhos de Jacó com Lia: Rúben, Simeão, Levi, Issacar e Zebulom (os demais, filhos de Raquel, Zilpa e Bila, foram na verdade meio irmãos).

Lázaro significa "Deus auxiliou" e representa os gentios, os quais "comiam as migalhas espirituais" dos judeus (como afirmado pela mulher siro-fenícia em Mateus 15:26-28 e Marcos 7:27-28). Estavam antes sem Deus. Porém, por meio do evangelho, têm agora amplas riquezas espirituais (Efésios 2:11-15).

Os judeus (particularmente os fariseus) fizeram pouco caso de suas riquezas espirituais, preferindo até mesmo as bênçãos físicas. Com isso, da abundância das bênçãos espirituais (representadas pela mesa farta do rico) passaram para a rejeição da parte de Deus (simbolizada pela chama de tormento no *hades*). Por outro lado, gentios, antes longe das bênçãos de Deus (representadas pela fartura do rico) agora passam a ter a comunhão com Abraão em seu seio, tornando-se filhos espirituais dele (Mateus 3:9), desfrutando das almejadas riquezas espirituais.

A incredulidade dos judeus, com o consequente afastamento de Deus, não pode ser remediada nem mesmo se um morto voltasse dos mortos e alertasse os incrédulos sobre o perigo do afastamento de Deus. A única forma de eles retornarem à comunhão com Deus é por meio da obediência à Palavra do Senhor ("Moisés e os Profetas") durante sua vida física. Uma vez que a vida física termina, ocorre um juízo e os não justificados não terão segundas chances (Hebreus 9:27).

A parábola ilustra, na verdade, uma inversão de valores para seus ouvintes. O reino de Deus não é material, mas é mais importante do que tudo desta vida – e, ironicamente, aqueles que mais tinham riquezas espirituais, os judeus, as desprezaram em favor de riquezas físicas. Por outro lado, aqueles que menos tinham riquezas espirituais, os gentios, deram o devido valor às riquezas espirituais de Deus. Após a morte física ocorre um juízo (Hebreus 9:27), o qual resulta em destinos diferentes para justificados e não justificados, sem segundas chances. Apenas a Palavra de Deus possibilita que as pessoas sejam justificadas por Deus, e isso somente pode ocorrer durante a vida física.

1.3.16. LUCAS 17:20-37

> Indagado pelos fariseus sobre quando viria o Reino de Deus, Jesus lhes respondeu: "O Reino de Deus não vem com visível aparência. Nem dirão: 'Ele está aqui!' Ou: 'Lá está ele!' Porque o Reino de Deus está entre vocês. A seguir, Jesus disse aos seus discípulos: 'Virá o tempo em que vocês desejarão ver um dos dias do Filho do Homem, mas não verão.' E dirão a vocês: 'Ele está aqui!' Ou: 'Lá está ele!' Não saiam nem sigam essa gente. Porque assim como o relâmpago, que resplandece e brilha de uma extremidade do céu até a outra, assim será, no seu dia, o Filho do Homem. Mas é necessário que primeiro ele padeça muitas coisas e seja rejeitado por esta geração. Assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do Homem: comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, veio o dilúvio e destruiu todos. O mesmo aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam; mas, no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre e destruiu todos. Assim será no dia em que o Filho do Homem se manifestar. Naquele dia, quem estiver no terraço e tiver os seus bens em casa não desça para tirá-los; e, de igual modo, quem estiver no campo não volte para trás. Lembrem-se da mulher de Ló. Quem tentar preservar a sua vida a perderá; e quem a perder, esse a salvará. Digo a vocês que, naquela noite, duas pessoas estarão numa cama: uma será levada, e a outra será deixada. Duas mulheres estarão juntas moendo trigo: uma será tomada, e a outra será deixada. [Dois estarão no campo: um será tomado, e o outro será deixado.] Então perguntaram a Jesus: 'Onde será isso, Senhor?' Ele respondeu: 'Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão também os abutres.'

Jesus foi indagado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus. A resposta foi que o reino não vem com aparência visível e ninguém podia apontar onde estava, pois já estava presente entre os próprios fariseus: aqueles que seguem Cristo são feitos cidadãos do reino. A seguir, Jesus falou de coisas abordadas em Mateus 24:23-28 (veja 1.1.28. Mateus 24:1-35).

Observa-se que Jesus estava falando sobre a vinda do reino para os fariseus e, subitamente, passa a descrever aos discípulos coisas relacionadas à sua vinda. Assim, há uma ligação entre a referida vinda de Jesus e o reino. Se o reino já estava presente desde aquele momento, mas ainda há de vir, entende-se uma que uma maior plenitude dele virá após a referida vinda.

Assim como em Mateus 24:27, Jesus alertou aos discípulos para que eles não fossem enganados com a vinda de falsos cristos, apesar do desejo que eles tinham de ver um dos "dias do Filho do Homem". É interessante que Jesus disse que não há apenas um dia do Filho do Homem. Há mais de um. É comum pensar no "dia do Filho do Homem" como a segunda vinda de Cristo, mas não é sempre assim. Um "dia do Filho do Homem" é um dos muitos "dias do Senhor" mostrados na Bíblia para julgamento contra nações da Terra, tais como as nações descritas em Sofonias 2: cada uma recebeu um "dia do Senhor" para si.

A expressão em Lucas 17:24, "assim como o relâmpago, que resplandece e brilha de uma extremidade do céu até a outra, assim será, no seu dia, o Filho do Homem", faz um contraste entre uma vinda do verdadeiro Cristo com o aparecimento de falsos cristos. Como observado em Mateus 24:23-27, falsos cristos aparecem para poucas pessoas em lugares comuns, tais como desertos e casas, podendo até operar sinais. Uma vinda do verdadeiro Cristo é vista por muita gente, assim como um relâmpago no céu é visto de longe. No entanto, antes da referida vinda de Cristo ocorrer, é necessário que ele sofra (crucificação) e seja rejeitado pela mesma geração que o ouviu.

A vinda de Cristo referida em Lucas 17:20-37 não é a sua segunda vinda, mas a visitação do Senhor contra Jerusalém para juízo – como um dos "dias do Senhor" da Bíblia contra nações da Terra. A chave para a certeza que a segunda vinda de Cristo não é referida nesta passagem está em Lucas 17:31-32: Jesus mencionou que não adianta alguém voltar para buscar bens em uma hora em que se deve escapar, e quem estiver no campo não deve voltar para trás (para a cidade) – assim como nos dias de Ló, quando ele fugiu de Sodoma e sua esposa olhou para trás e

se transformou em uma estátua de sal (Gênesis 19:24-26). Não faria sentido Jesus explicar para as pessoas evitarem buscar bens, ou retornarem à cidade, ou olharem para trás, se fosse a sua segunda vinda, pois nela não há escapatória e nem a oportunidade de "olhar para trás".

Observa-se também que, apesar de Jesus usar o exemplo do dilúvio dos dias Noé (Lucas 17:26-27) e da destruição de Sodoma (Lucas 17:28-29), o ponto aqui não é a imprevisibilidade do juízo, mas que as pessoas continuarão levando suas vidas normalmente até que Jerusalém seja cercada de exércitos, como explicado adiante em Lucas 21:20-28. Jesus também disse em Lucas 17:33: "Quem tentar preservar a sua vida a perderá; e quem a perder, esse a salvará." Isso também não faz sentido para a segunda vinda de Cristo, mas é compreensível no contexto da queda de Jerusalém: aquele que permanecer em sua vida típica em Jerusalém será morto, e aquele que abandonar sua vida típica na cidade se salvará. Uma leitura de Lucas 21:5-36 apoia esse entendimento.

A parábola citada por Jesus em Lucas 17:34-36 é bastante parecida com a parábola citada em Mateus 24:40-41. Em Mateus, a parábola foi contada no contexto da segunda vinda de Cristo, mas aqui em Lucas ela foi contada no contexto da destruição de Jerusalém. A parábola é parecida, mas isso não quer dizer que é necessário que se refira ao mesmo evento. Tanto o "dia do Senhor" contra Jerusalém quanto a segunda vinda de Cristo são julgamentos. O primeiro julgamento é local, o segundo é universal, e o primeiro é um prenúncio do segundo. Que a parábola em Lucas se refere à destruição de Jerusalém, e não à segunda vinda de Jesus, é evidente pelas palavras "naquela noite" de Lucas 17:34: a segunda vinda de Jesus sempre é descrita como "dia" na Bíblia. É mais adequado ao contexto imaginar a "noite" como o período depois do dia que se seguiu após a queda do templo (e, de forma alegórica, as trevas que vieram aos judeus). O ponto da parábola é o mesmo do Evangelho de Mateus: uma pessoa será tomada para juízo e outra será deixada com vida. Em outras palavras, quando Jerusalém esteve prestes a ser tomada pelos romanos, aqueles que viveram suas vidas normalmente e não atentaram às palavras de Jesus foram mortos. Aqueles que ouviram as palavras de Jesus e fugiram viveram.

A expressão "Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão também os abutres" significa, assim como no Evangelho de Mateus, uma analogia em que o "corpo" se refere a ímpios e os "abutres" ao julgamento que vem de Deus (Deuteronômio 28:26; Ezequiel 39:17; Apocalipse 19:17). Em outras palavras, onde há ímpios, há julgamento – e aqui os ímpios são os judeus em geral e os abutres são os exércitos romanos.

Portanto, a vinda de Jesus referida em Lucas 17:20-37 é a sua visitação para julgamento de Jerusalém e destruição do templo, o que ocorreu em 70 d.C. A forma como Jesus usou para explicar as coisas aqui faz parecer como sendo sua segunda vinda porque esse julgamento para Jerusalém é, de fato, um prenúncio da sua segunda vinda, assim como são outros "dias do Senhor" na Bíblia.

Também, como o assunto no início dessa passagem é o reino, compreende-se que a destruição de Jerusalém, e do templo, implica na vinda do reino com maior plenitude. O fim do templo denota uma rejeição definitiva do sistema judaico. Sendo o sistema judaico rejeitado, não é mais um meio para o reino de Deus. Assim, a maior plenitude do reino está em seguir a Cristo, e não mais o judaísmo (Hebreus 8:13).

1.3.17. LUCAS 19:11-24

> Ouvindo eles estas coisas, Jesus contou uma parábola, visto estar perto de Jerusalém e lhes parecer que o Reino de Deus havia de manifestar-se imediatamente. Por isso, Jesus disse: "Certo homem nobre partiu para uma terra distante, a fim de tomar posse de um reino e voltar. Chamou dez dos seus servos, confiou-lhes dez minas e disse-lhes: 'Negociem até que eu volte.' Mas os seus concidadãos o odiavam e enviaram após ele uma embaixada, dizendo: 'Não queremos que este reine sobre nós.' Quando ele voltou, depois de ter tomado posse do reino, mandou chamar os servos a quem tinha dado o dinheiro, a fim de saber quanto tinham conseguido ganhar em seus negócios. O primeiro se apresentou e disse: 'Senhor, a sua mina rendeu dez.' O senhor lhe disse: 'Muito bem, servo bom! E porque você foi fiel no pouco, terá autoridade sobre dez cidades.' O segundo servo veio e disse: 'Senhor, a sua mina rendeu cinco.' A este o senhor disse: 'Você terá autoridade sobre cinco cidades.' Então veio outro servo, dizendo: 'Senhor, aqui está a sua mina, que eu guardei embrulhada num lenço. Porque tive medo do senhor, que é homem rigoroso. O senhor retira o que não depositou e colhe o que não semeou.' Mas o senhor respondeu: 'Servo mau, eu o julgarei usando as suas próprias palavras. Você sabia que eu sou homem rigoroso, que retiro o que não depositei e colho o que não semeei. Por que você não pôs o meu dinheiro no banco? E, então, na minha vinda, eu o receberia com juros.' E disse aos que estavam ali: 'Tirem dele a mina e deem ao que tem as dez.' Eles ponderaram: 'Senhor, ele já tem dez.' Ao que o senhor

> respondeu: 'Pois eu declaro a vocês que a todo o que tem será dado ainda mais; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Mas quanto a esses meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, tragam-nos aqui e os matem na minha presença.'"

Uma outra versão da parábola de Mateus 25:14-30 apresentando os mesmos pontos. Jesus associou o reino dos céus com sua vinda e o acerto de contas – o juízo final. Cada um vai ser responsabilizado no juízo proporcionalmente ao que foi dado a ele e a como ele fez uso disso de forma a frutificar para seu Senhor. Não há segundas chances após o juízo final. As próprias palavras e atos do julgado serão usados contra ele. Para aqueles que não querem o senhorio de Cristo resta apenas a punição final. A expressão "a fim de tomar posse de um reino e voltar" não significa que o reino ainda está para ser recebido por Cristo, mas que o reino já pertence a ele – o Senhor vai se ausentar por um tempo e, mais tarde, voltará para exigir prestação de contas.

1.3.18. LUCAS 20:34-38

> Jesus respondeu: "Os filhos deste mundo casam e se dão em casamento, mas os que são considerados dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento. Pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição." E que os mortos ressuscitam, Moisés o indicou no trecho referente à sarça, quando afirma que o Senhor é o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. Ora, Deus não é Deus de mortos, e sim de vivos; porque para ele todos vivem.

Assim como em Mateus 22:30-32 e Marcos 12:25-27, haverá ressurreição de mortos e os justificados não se darão mais em casamento, e nem o casamento da vida anterior será mantido. Os fiéis ressuscitados não podem mais morrer.

Ao citar Êxodo 3:15, Jesus afirmou aos saduceus (os quais não acreditavam em espírito, anjos, ou ressurreição, conforme Atos 23:8) que Abraão, Isaque e Jacó estão vivos e com Deus. Isso implicitamente aponta para a ressurreição dos mortos. Jesus apontou que o texto diz "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó" e não "Eu fui o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó". Os que estão com Deus são contados como vivos.

Essa passagem não prova diretamente que o corpo morto será ressuscitado, mas aponta para isso como consequência. A passagem demonstra que Abraão, Isaque e Jacó estavam em existência, ou seja, que suas almas estavam vivas. Os saduceus negavam esse conceito (Atos 23:8), e esse foi o principal ponto em disputa. Havendo um estado de recompensas e punições, é fácil entender que os corpos dos mortos serão ressuscitados. Assim, o argumento para a ressurreição é inferido: se os patriarcas estão vivendo, eles estão esperando uma ressurreição.

1.3.19. LUCAS 20:41-43

> Mas Jesus lhes perguntou: "Como se pode dizer que o Cristo é filho de Davi? Pois o próprio Davi afirma no Livro dos Salmos: 'Disse o Senhor ao meu Senhor: 'Sente-se à minha direita, até que eu ponha os seus inimigos por estrado dos seus pés.'"

Assim como em Mateus 22:44 e Marcos 12:36, Jesus fez uma pergunta aos fariseus citando o Salmo 110:1, o qual afirma que o Cristo se assentará à destra de Deus Pai até que ele coloque todos os seus inimigos em sujeição a Cristo. Isso significa que o Cristo deve reinar até todos os inimigos serem derrotados e, então, o reinado será retornado a Deus Pai. Isso é explicado por Paulo em 1 Coríntios 15:24-27.

1.3.20. LUCAS 21:5-36

> Alguns falavam a respeito do templo, como estava ornado de belas pedras e de dádivas. Então Jesus disse: "Vocês estão vendo estas coisas? Virão dias em que não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada." Perguntaram a Jesus: "Mestre, quando será isto? E que sinal haverá quando estas coisas estiverem para acontecer?" Jesus respondeu: "Tenham cuidado para não serem enganados. Porque muitos virão em meu nome, dizendo: 'Sou eu!' E também: 'Chegou a hora!' Porém não vão atrás deles. Quando vocês ouvirem falar de guerras e revoluções, não fiquem assustados; pois é necessário que primeiro aconteçam estas coisas, mas o fim não será logo." Então Jesus lhes disse: "Nação se levantará contra nação, e reino, contra reino. Haverá grandes terremotos, epidemias e fome em vários lugares, coisas espantosas e também grandes sinais vindos

do céu. Antes, porém, de todas estas coisas, vocês serão presos e perseguidos. Vocês serão entregues às sinagogas e lançados nas prisões; serão levados à presença de reis e de governadores, por causa do meu nome. Isto acontecerá para que vocês deem testemunho. Tomem, pois, a decisão de não se preocupar com o que irão responder, porque eu lhes darei palavras e sabedoria a que não poderão resistir nem contradizer todos os que se opuserem a vocês. E vocês serão entregues até por seus próprios pais, irmãos, parentes e amigos; e eles matarão alguns de vocês. Todos odiarão vocês por causa do meu nome. Mas não se perderá um só fio de cabelo da cabeça de vocês. É pela perseverança que vocês ganharão a sua alma. Quando, porém, vocês virem Jerusalém sitiada de exércitos, saibam que está próxima a sua devastação. Então os que estiverem na Judeia fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade saiam dela; e os que estiverem nos campos não entrem na cidade. Porque esses dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque haverá grande aflição na terra e ira contra este povo. Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles. Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas. Haverá pessoas que desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo, pois os poderes dos céus serão abalados. Então verão o Filho do Homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória. Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, levantem-se e fiquem de cabeça erguida, porque a redenção de vocês se aproxima." Jesus ainda lhes contou uma parábola, dizendo: "Olhem para a figueira e todas as árvores. Quando veem que começam a brotar, vocês mesmos sabem que o verão está próximo. Assim também, quando virem acontecer essas coisas, saibam que está próximo o Reino de Deus. Em verdade lhes digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça. Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão. Tenham cuidado para não acontecer que o coração de vocês fique sobrecarregado com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vocês repentinamente, como uma armadilha. Pois sobrevirá a todos os que vivem sobre a face de toda a terra. Portanto, vigiem o tempo todo, orando, para que vocês possam escapar de todas essas coisas que têm de acontecer e para que possam estar em pé na presença do Filho do Homem."

Esse texto do Evangelho de Lucas lida com a mesma ocasião relatada em Mateus 24:1-35 e Marcos 13:1-31 e tem o mesmo significado. Assim como em Mateus e Marcos, é necessário entender o contexto total da passagem: alguns estavam falando da beleza do templo e o comentário de Jesus os deixou intrigados. O templo ia ser totalmente destruído e sua beleza não ia servir de nada. Jesus passou a explicar sobre uma série de eventos terríveis que são "dias de vingança" (Lucas 21:22) e, então, em Lucas 21:32, afirma que "esta geração" não passaria antes que tudo aquilo acontecesse – é a mesma geração de Mateus 23:36, Mateus 24:34 e Marcos 13:30, a geração que ouviu as palavras de Jesus no momento em que foram proferidas. Tudo em Lucas 21:5-32 tem que, necessariamente, ocorrer sobre aquela geração que estava presente no momento que Jesus proferiu suas palavras. As palavras "esta geração" de Lucas 21:32 estão, de fato, traduzidas corretamente.

No entanto, assim como o texto paralelo contido em Mateus 24 e Marcos 13, a maior dificuldade de compreensão do texto está no fato de que a leitura faz parecer que há eventos terríveis e cataclísmicos ainda futuros, apesar de Jesus os aplicar à geração que estava presente em seu discurso, dizendo que ela não passaria até que tudo aquilo ocorresse (Lucas 21:32; Mateus 23:36; 24:34, Marcos 13:30).

Há muitos que persistem em entender Lucas 21 como eventos futuros e consideram a expressão "esta geração" de Lucas 21:32 como se referindo à geração futura em que os referidos eventos devem ocorrer. Outros fazem um caso de que "esta geração" se refere a um tipo de geração moralmente maligna, como a geração presente no momento do discurso. Nesses casos, procura-se manter uma interpretação de eventos futuros porque Jesus ainda não voltou, as estrelas não caíram, os poderes do céu não foram abalados, etc. No entanto, diferentemente de Mateus 24 e Marcos 13, esse relato de Lucas possui bem menos elementos que parecem futuros, e muito mais elementos sobre a queda de Jerusalém. Lucas 21:10-12 deixa claro que o levantar de nação contra nação e reino contra reino, os grandes terremotos, epidemias, fome em vários lugares, coisas espantosas, grandes sinais vindos do céu, todos tinham que vir antes de cristãos serem presos e perseguidos, o que é notável no Livro de Atos dos Apóstolos. Implicitamente, isso tudo veio antes da queda do templo.

Portanto, uma vez que o contexto definitivamente aponta para que os eventos de Lucas 21:5-36, Mateus 24:1-35 e Marcos 13:1-31 tenham ocorrido no primeiro século, deve-se procurar entender dessa forma. A dificuldade está em o que fazer com a linguagem que parece apontar para o futuro.

A compreensão correta do texto de Lucas 21, assim como em Mateus 24 e Marcos 13, começa com a compreensão da dúvida dos discípulos respondida por Jesus: "Mestre, quando será isto? E que sinal haverá quando estas coisas estiverem para acontecer?" (Lucas 21:7). Observe que, diferentemente de Mateus 24:3, aqui não consta nada sobre "o fim dos tempos", assim como em Marcos 13:4. Assim, do ponto de vista dos discípulos, outra destruição do templo (o qual já foi destruído no passado pelos babilônios) significaria, basicamente, que Deus rejeitou o seu povo escolhido, rejeitou Jerusalém, e rejeitou seu santo monte Sião.

Também, observa-se que, diferentemente de Mateus 24 e Marcos 13, nada em Lucas 21 se refere à segunda vinda de Cristo. O único evento aqui referido é o "dia do Senhor" contra Jerusalém. Assim como Mateus 24:1-35 e Marcos 13:1-31, Lucas 21:5-36 se refere à destruição de Jerusalém em 70 d.C.

Essa visão, no entanto, levanta dúvidas em como conciliar os trechos que aparentemente se referem ao futuro, tais como:

- Os sinais "no sol, na lua e nas estrelas" não parecem ter ocorrido no passado (Lucas 21:25);
- O que significa "sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas" (Lucas 21:25)?
- A expressão "Haverá pessoas que desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo" parece denotar uma catástrofe global que ainda não aconteceu (Lucas 21:26);
- Os poderes dos céus não parecem ter sido abalados no passado (Lucas 21:26);
- O Filho do Homem ainda não veio em uma nuvem, com poder e grande glória (Lucas 21:27);
- A redenção ainda não chegou (Lucas 21:28).

Jesus falou mais ou menos no ano 30 d.C. O templo foi destruído pelo exército romano em 70 d.C. Alguns daqueles que ouviram a profecia viveram para ver seu cumprimento. Jesus esclareceu que os sinais que ele deu (rumores de guerras e revoluções, nação se levantando contra nação, reino contra reino, terremotos, epidemias, fome em vários lugares, coisas espantosas, grandes sinais vindos do céu) iriam acontecer durante a vida de alguns dos seus ouvintes. A história (especialmente Josefo) tem registros de catástrofes naturais, perseguições, intrigas e guerras (como as guerras judaico-romanas de 66 d.C.) no período entre 30 e 70 d.C. De maior importância do que a evidência histórica, o Novo Testamento fala do sofrimento da fome (Atos 11:27-30), de falsos profetas (2 Pedro 2), da perseguição contra os fiéis (Atos 8:1-3, etc.) e até terremotos (como o "grande terremoto" que houve quando o anjo desceu do céu perto do túmulo de Jesus em Mateus 28:2, o "tamanho terremoto" que libertou Paulo e Silas da prisão em Atos 16:26). Um terremoto destruiu Laodiceia em 61 d.C. A necessidade de perseverança da parte dos fiéis por causa de coisas terríveis não são coisas exclusivamente de nossa geração, nem das gerações futuras – tais coisas têm ocorrido em todas as épocas, especialmente no primeiro século. É fácil notar isso com uma leitura do Novo Testamento.

Vejamos alguns pontos mais específicos e como foram cumpridos no primeiro século:

- Jesus falou dos exércitos gentios entrando na cidade santa e no templo em Lucas 21:20-24, advertindo seus seguidores para que estivessem prontos para fugir quando isso acontecesse. Isso é o equivalente ao "abominável da desolação" em Mateus e Marcos. Ele até mesmo disse que seria mais difícil para as mulheres grávidas e mães de crianças pequenas escaparem (Lucas 21:23);
- Os rumores de guerras e revoluções, nação se levantando contra nação, reino contra reino, são facilmente compreensíveis no contexto das guerras judaico-romanas que precederam a queda do templo e de Jerusalém em 70 d.C.;
- Profecias do Antigo Testamento usam a mesma linguagem de Jesus em Lucas 21:25, Mateus 24:26 e Marcos 13:24 para falar da destruição de reinos e cidades terrestres. À primeira vista, a expressão "Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas" pode soar como o fim literal do mundo. Mas tal linguagem

é usada nas Escrituras para falar da extinção de reis e reinos aqui na Terra: faraó do Egito (Ezequiel 32:2,7-10), nações gentias (Joel 3:12-15), e Babilônia (Isaías 13:9,10,13). É claro que tal linguagem não profetiza, necessariamente, o fim do mundo, mas pode ser usada para falar dos julgamentos físicos contra nações que ocorreram há muito tempo. Esse é o caso para a destruição do templo e, implicitamente, de Jerusalém e do sistema judaico. A expressão "sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade" pode ser entendida como as nações contemporâneas de Jerusalém estando perplexas com aquela guerra e destruição;

- A expressão "por causa do bramido do mar e das ondas" se encaixa bem com a perplexidade das nações contemporâneas de Jerusalém, uma vez que, muitas vezes na Bíblia, o agito de águas representa as nações ou a sociedade humana (Isaías 17:12; 57:20; 60:5; Jeremias 51:13; 51:41-42,55; etc.). Por exemplo, no Salmo 65:7, o "rugido dos mares" é igual ao "tumulto dos povos";

- A expressão "Haverá pessoas que desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo" pode ser muito bem entendida com o terror que as nações subjugadas por Roma teriam ao ver os judeus rebeldes sendo estraçalhados pelas legiões romanas;

- Assim como em Mateus 24:30-31 e Marcos 13:26-27, Jesus continuou em Lucas 21:26-27 com figuras de julgamento que se encontram no Antigo Testamento. Ele disse os poderes dos céus seriam abalados e que as pessoas veriam o Filho do Homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória. O cenário central deriva de Daniel 7:13-14 (a própria expressão "Filho do Homem" testifica a origem em Daniel, assim como sua aparência nas nuvens). Nas Escrituras, há uma forte ligação entre nuvens e as demonstrações da glória e poder de Deus (Êxodo 13:21; 19:9,16; 24:16; 2 Crônicas 6:1, Naum 1:3). Nuvens também representam a justiça de Deus e a sua vinda para julgar (Salmo 97:2; Isaías 19:1; Isaías 30:27). Além disso, encontramos linguagem semelhante em passagens que falam do julgamento de Deus contra povos físicos, tais como Joel 3:16 e Amós 5:17-20. A linguagem aqui não é a segunda vinda de Cristo, mas significa o fim do sistema judaico, assim como foi com as antigas nações ímpias para a qual foi aplicada. Tal linguagem descreve uma visitação de Deus em julgamento contra uma nação ou cidade, com salvação para fiéis e punição para ímpios. Essa é a aplicação aqui: Jesus usou uma combinação da linguagem da visão de Daniel e a linguagem dos "dias do Senhor" do Antigo Testamento (o que também é um prenúncio da sua segunda vinda no fim do mundo) para afirmar o fim de Jerusalém e do templo;

- A expressão "quando estas coisas começarem a acontecer, levantem-se e fiquem de cabeça erguida, porque a redenção de vocês se aproxima" expressa que algum tipo de redenção ocorre quando os judeus ímpios forem destruídos no "dia do Senhor". É notável que, no Livro de Atos dos Apóstolos, muitas das perseguições sofridas pelos cristãos foram instigadas pelos judeus. Assim, essa expressão pode muito bem apontar para uma libertação dos discípulos de Jesus das perseguições judaicas na Palestina.

Nota: será possível que o "sinal do Filho do Homem" descrito em Mateus 24:30, a "vinda do Filho do Homem" de Marcos 13:26 e "o Filho do Homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória" de Lucas 21:27 tenham literalmente aparecido no céu? Josefo escreveu em "As Guerras dos Judeus" 6.5.3 que "antes do pôr do sol, carruagens e tropas de soldados em suas armaduras eram vistas correndo entre as nuvens e nos arredores das cidades." Isso tomou lugar em 66 d.C. O historiador romano do primeiro século, Tácito, também mencionou esses acontecimentos em Histórias 5.13: "No céu surgiu uma visão de exércitos em conflito, de armaduras cintilantes." O historiador judeu medieval Sepher Yosippon expôs o exército angélico no céu de 66 d.C. em "Uma História Medieval do Antigo Israel" traduzido do hebraico por Steven B. Bowman, em trechos do Capítulo 87 – "Queima do Templo": "Além disso, naqueles dias foram vistos carros de fogo e cavaleiros, uma grande força voando pelo céu próxima ao solo, vindo contra Jerusalém e a todos da terra de Judá, todos cavalos de fogo e cavaleiros de fogo."

Pela linguagem de Lucas 21:29-36, Mateus 24:32-33 e Marcos 13:28-29, Jesus quis que os discípulos estivessem alertas e vigilantes. Se pudessem ver os sinais que ele tinha predito, teriam oportunidade para fugir e evitar serem destruídos pelo exército romano (Lucas 21:20-21; Mateus 24:15-20; Marcos 13:14-18).

A expressão "sobrevirá a todos os que vivem sobre a face de toda a terra" de Lucas 21:35 não quer dizer que tais coisas acontecerão no planeta todo, mas em toda a terra dos judeus. Isso fica mais claro considerando Lucas 21:36: "Portanto, vigiem o tempo todo, orando, para que vocês possam escapar de todas essas coisas que têm de acontecer" – "todas essas coisas" engloba tudo o que Jesus explicou em Lucas 21:5-35.

A expressão "para que possam estar em pé na presença do Filho do Homem" significa que os discípulos devem escapar da queda da ímpia Jerusalém para não serem mortos com ela, permanecendo assim vivos diante do Senhor que está efetuando seu juízo.

1.3.21. LUCAS 22:29-30

> E eu confio a vocês um reino, assim como o meu Pai confiou a mim, para que comam e bebam à minha mesa no meu Reino; e vocês se assentarão em tronos para julgar as doze tribos de Israel.

O reino concedido aos apóstolos é o reino de Deus e de Cristo, o qual já estava presente no primeiro século e virá em sua maior plenitude na segunda vinda de Cristo. Os discípulos estarão à mesa do Senhor, ou seja, estarão em comunhão com ele, e participarão do julgamento final julgando a todo o Israel.

1.3.22. LUCAS 22:67-69

> Se você é o Cristo, diga-nos. Então Jesus lhes respondeu: "Se disser, vocês não vão acreditar. E, se eu perguntar, vocês não me darão resposta. Desde agora, o Filho do Homem estará sentado à direita do Deus Todo-Poderoso."

Assim como em Mateus 26:63-64 e Marcos 14:61-62, Jesus afirmou para a assembleia dos anciãos do povo, os principais sacerdotes, os escribas e o sinédrio que, a partir daquele momento em diante, ele estaria sentado à destra de Deus Pai. A identificação que Jesus fez de si mesmo como "Filho do Homem" alude a Daniel 7:13-14. A audiência entendeu isso como proclamação de divindade e julgou a declaração de Jesus como blasfêmia (Lucas 22:71).

No entanto, há mais aqui. A expressão "o Filho do Homem estará sentado à direita do Deus Todo-Poderoso" também declara uma vinda de Jesus que aquela audiência deveria ver no máximo até o término de suas vidas, como em Mateus 26:63-64 e Marcos 14:61-62.

Obviamente, essa não se trata da segunda vinda de Cristo, apesar da linguagem. Os anciãos do povo, os principais sacerdotes, os escribas e o sinédrio não viram a segunda vinda de Cristo, uma vez que ela ainda não ocorreu até hoje. Temos aqui o mesmo caso de Lucas 21:27: "Então verão o Filho do Homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória." Essa é a linguagem de um "dia do Senhor" e, aqui, indica que aquela audiência veria o fim do templo e de Jerusalém. Tal linguagem descreve uma visitação de Deus em julgamento, com salvação para fiéis e punição para ímpios. Como em Lucas 21:27, Mateus 24:30 e Marcos 13:26, aqui Jesus usou uma combinação da linguagem da visão de Daniel e a linguagem dos "dias do Senhor" do Antigo Testamento (o que também é um prenúncio da sua segunda vinda no fim do mundo). Na verdade, Estêvão, antes de ser apedrejado, viu algo similar a esse tipo de vinda do Senhor: os céus estavam abertos e o Filho do Homem estava à destra de Deus Pai (Atos 7:55-60). Para Estêvão, no entanto, a vinda do Senhor foi para salvação, para recebê-lo no céu, e não para juízo.

1.3.23. LUCAS 23:28-31

> Porém Jesus, voltando-se para elas, disse: "Filhas de Jerusalém, não chorem por mim; chorem antes por vocês mesmas e por seus filhos! Porque virão dias em que se dirá: 'Bem-aventuradas as estéreis, que não geraram, nem amamentaram.' Nesses dias, dirão aos montes: 'Caiam em cima de nós!' E às colinas: 'Cubram-nos!' Porque, se isto é feito com a madeira verde, o que será da madeira seca?

Jesus alertou às mulheres de Jerusalém que choravam enquanto ele carregou a cruz sobre os dias em que Jerusalém seria arruinada. Esses dias foram uma visitação de Deus para vingança contra os judeus por causa do derramamento de sangue de fiéis e do próprio Filho de Deus. Na verdade, quando o povo pediu para Jesus ser crucificado, disse para seu sangue cair sobre eles e sobre seus filhos (Mateus 27:25). É exatamente a isso que Jesus se referiu: Jerusalém seria destruída e o templo arrasado, com grande tribulação, o que ocorreu com as guerras

judaico-romanas em 66 d.C., culminando com a destruição de Jerusalém e do templo no ano 70 d.C. A cidade foi sitiada e, como atestado por Josefo, o sofrimento foi terrível (veja 1.1.29. Mateus 24 e a História: Destruição de Jerusalém) – mulheres comeram os próprios filhos e o sofrimento foi tamanho que se preferiria que as próprias montanhas e colinas caíssem sobre as pessoas para uma morte rápida. As guerras judaico-romanas foram a verdadeira "grande tribulação".

Quanto à pergunta "Porque, se isto é feito com a madeira verde, o que será da madeira seca?", o significado é que, se tal sofrimento de morte foi aplicado a uma madeira viva (que possui seiva), isto é, o próprio Jesus cheio da vida de Deus, o que se faria com a madeira morta, isto é, os judeus que rejeitam a vida de Deus e preferem estar espiritualmente mortos? A resposta é que Deus trouxe terrível consequência aos judeus que rejeitaram Cristo.

1.3.24. LUCAS 23:42-43

> E acrescentou: "Jesus, lembre-se de mim quando você vier no seu Reino." Jesus lhe respondeu: "Em verdade lhe digo que hoje você estará comigo no paraíso."

Um dos ladrões que estava crucificado próximo a Jesus disse a ele que se lembrasse dele quando Jesus viesse em seu reino. Jesus respondeu que esse ladrão estaria no paraíso com ele. Mas há uma dúvida em relação a quando.

É possível que a tradução desse verso resulte um entendimento diferente do entendimento tradicional de que Jesus e o ladrão foram ao paraíso no mesmo dia ("hoje"). No grego original não havia sinais de pontuação: todas as palavras eram escritas em caracteres uniciais (apenas "letras maiúsculas") e as palavras não eram espaçadas. Assim, letras maiúsculas e minúsculas, espaçamentos entre palavras e sinais de pontuação foram adicionados posteriormente ao texto original pelos tradutores. Também, a palavra "que" usada na expressão "lhe digo que hoje" é o termo grego *hoti* e está ausente nesse verso – o termo "que" foi adicionado para uma leitura mais fluída.

Portanto, a passagem de Lucas 23:43 pode ser lida como "Em verdade lhe digo hoje, você estará comigo no paraíso" ao invés de "Em verdade lhe digo que hoje você estará comigo no paraíso". Assim, a segunda tradução não torna necessário entender que a alma de Jesus e do ladrão foram ao paraíso no mesmo dia.

As razões para considerar a tradução alternativa em que se entende que Jesus e o ladrão não foram ao paraíso no mesmo dia em que Jesus falou com ele ("hoje") são as seguintes:

- Jesus afirmou em Mateus 12:40 que ele estaria por três dias no "coração da Terra" (*sheol*/*hades*) e em João 20:17 Jesus disse que ainda não tinha subido ao Pai. Como poderia ter ido ao paraíso no mesmo dia?

- O contexto pode indicar que Cristo buscou assegurar ao ladrão da cruz que ele não precisava pensar em um tempo tão remoto para ser lembrado. "Hoje lhe garanto que estarás comigo no Paraíso" seria o sentido lógico diante de tal contexto. O ladrão pediu a Jesus para lembrar-se dele no futuro quando viesse no seu reino visível (Lucas 23:42), mas Jesus respondeu naquele mesmo momento solene em que tudo parecia perdido ("hoje") que o bom ladrão estaria com ele no paraíso. "Hoje" concorda com "lhe digo" para dar ênfase à solenidade da ocasião, não concorda com "você estará". É como se Cristo dissesse: "Hoje mesmo eu te digo que você estará comigo no paraíso." O próprio ladrão assumiu que não iria ao céu imediatamente após a morte, uma vez que pediu para Cristo se lembrar dele "quando viesse em seu reino", ou seja, na segunda vinda de Cristo;

- Apesar de o grego não possuir vírgulas, existiram outros idiomas na época que as possuíam. Documentos nesses idiomas podem ajudar a desvendar se a vírgula deveria estar antes ou depois do advérbio "hoje". Desses documentos se observa: "Em verdade te digo hoje, estarás comigo no Paraíso". Alguns exemplos são os Manuscritos Bc e Sy-C em Antigo Siríaco: "Eu digo a você hoje, que Comigo tu deves estar no Jardim de Éden"; o "Evangelho de Nicodemos" do segundo século: "E Ele disse a ele: 'Hoje Eu lhe conto a verdade, que Eu devo o ter em Paraíso Comigo'", "E imediatamente Ele disse a mim: Amém, amém, hoje Eu lhe falo, você estará comigo em Paraíso"; Macário Magnes – Comentário

de Lucas: "Macário indigna-se contra esses que, incapazes de acreditar na autoridade de Jesus alcançar o Paraíso, pontuam depois de σήμερον"; Hesichius de Jerusalém, em Patrologia Grega, Volume Noventa e Três, 1433: "Verdadeiramente eu lhe falo hoje"; Teofilato em Patrologia Grega, Volume Cento e Vinte e Três, 1104: "Verdadeiramente Eu lhe falo hoje".

As razões para considerar a tradução tradicional em que se entende que Jesus e o ladrão foram ao paraíso no mesmo dia em que Jesus falou a ele ("hoje") são as seguintes:

- Em João 20:17, onde Jesus disse que ainda não tinha subido ao Pai, ele bem pode ter se referido à sua ascensão para reinar à destra do Pai, o que ocorreu no primeiro capítulo de Atos dos Apóstolos (Atos 1:9-11);

- No decorrer da história, quando as cópias começaram a apresentar divisões de palavras e frases, a grande maioria coloca dois pontos entre "Em verdade lhe digo" e "você estará comigo no paraíso" – assim, a circunstância "hoje" é relacionada com "estará" e não com "lhe digo". Durante dezoito séculos poucos parecem ter discordado desse modo de entender o texto. As dúvidas passaram a ser mais fortemente levantadas apenas no século dezenove;

- A fórmula que Jesus usou em Lucas 23:43, "Em verdade vos digo...", é aparentemente usada apenas por ele e é usada quase 100 vezes nos evangelhos, sendo que os cristãos primitivos optaram por não imitá-la. Em nenhuma das vezes que tal fórmula aparece nos evangelhos ela é modificada por um por um advérbio de tempo. Parece que a grande maioria dos tradutores ao longo dos séculos têm entendido que Jesus está aqui usando essa mesma fórmula e é extremamente improvável que somente aqui ele a tenha alterado com "hoje" de forma a dizer "Em verdade te digo hoje...";

- O "ponto" no importante Códice B, o qual é alegado como um sinal de pontuação que suporta a tradução de que a palavra hoje não se aplica à ida ao paraíso, parece mais ser nada mais do que um ponto ou uma mancha de tinta acidental. Não parece haver algum bom comentarista ou crítico textual desse manuscrito que aborde tal questão sobre o suposto sinal de pontuação intencional;

- A expressão "Eu te digo hoje" não era uma expressão hebraica comum para enfatizar uma ocasião de fazer uma declaração solene, como às vezes se afirma para defender a tradução alternativa;

- Quanto à ausência de *hoti* (que), o uso ou não uso dele parece ser puramente uma escolha estilística dos copistas do Novo Testamento em uma base de caso a caso. Nenhum estudioso de grego argumenta que o significado da frase introdutória é alterado substancialmente pela presença ou ausência de *hoti*. Em nenhum lugar dos 144 exemplos das frases de Jesus com a expressão "Eu te digo" ou "Vos digo" o termo *hoti* é usado para incluir um advérbio na frase introdutória. Nesses exemplos, é claro que a expressão regular de Jesus é "Eu te digo" ou "Em verdade vos digo", e não "Eu te digo hoje" ou "Em verdade vos digo hoje". Argumentar que a ausência de *hoti* exige que "hoje" modifique o verbo precedente é ir longe demais, e a não utilização de *hoti* não é problema na pontuação correta de Lucas 23:43;

- Há fontes patrísticas e apócrifas que mostram que alguns cristãos ensinavam que Cristo desceu ao *hades* após sua crucificação e, assim, interpretavam Lucas 23:43 em conformidade com isso. Uma análise indutiva das evidências sugere que o entendimento mais importante foi que "hoje" modificava "estarás comigo", e que foi mais tarde que os comentaristas ofereceram a pontuação alternativa como uma maneira de evitar o que eles viam como uma dificuldade (isto é, como entender a possibilidade de Cristo ter descido ao *hades* e ter ido ao paraíso no mesmo dia);

- A maioria das traduções modernas de renome, as quais sempre são realizadas por um comitê grande de eruditos (de forma a contrabalancear as inclinações pessoais de cada indivíduo), apresenta a tradução tradicional para Lucas 23:43.

Ao ponderar as razões, as melhores evidências apontam que a tradução tradicional de Lucas 23:43 seja a correta, isto é, tanto Cristo quanto o ladrão foram ao paraíso no mesmo dia. Das razões observadas acima para

considerar a tradução alternativa, a única realmente forte é parte da primeira: Jesus afirmou que estaria por três dias no *sheol/hades* (Mateus 12:40). Como descrito acima, quando Jesus disse que ainda não tinha subido ao Pai em João 20:17, ele podia estar se referindo à sua ascensão para reinar à destra de Deus Pai. A segunda razão é uma inferência de contexto e a terceira pode ser o caso de buscar um entendimento alternativo para evitar o que era visto como uma dificuldade (isto é, como entender a possibilidade de Cristo ter descido ao *hades* e ter ido ao paraíso no mesmo dia), o que está relacionado com a primeira razão apresentada.

Sendo as razões para a tradução tradicional mais fortes, devemos compreender Lucas 23:43 como evidência de que tanto Cristo quanto o ladrão penitente tenham ido ao paraíso no mesmo dia. Porém, isso se torna um empecilho diante da ida de Cristo ao *hades* (Mateus 12:40), que é uma das razões de buscar a tradução alternativa. No entanto, sugerir alterações na tradução contra as melhores evidências é um terreno perigoso. Ao que tudo indica, Jesus de fato foi ao paraíso com o ladrão penitente no mesmo dia em que morreram (Jesus porque morreu antes e o ladrão por ter suas pernas quebradas antes do dia de sábado, conforme João 19:31-34).

Se Cristo foi ao "coração da terra", o mundo dos mortos, e ainda não havia subido ao Pai (João 20:17), mas foi ao "paraíso" no mesmo dia que morreu na cruz, resta apenas a conclusão que o paraíso se situava no próprio *sheol/hades*. Se for assim, a descrição do mundo dos mortos está em conformidade com o que foi ilustrado na parábola do rico e Lázaro (Lucas 16:19-31): o "seio de Abraão" indica um lugar de consolo que pode ser entendido como estando no próprio mundo dos mortos. Ainda que a história seja uma parábola, nada impede que ela indique alguma realidade. Além do mais, Escrituras do Antigo Testamento afirmam que tanto fiéis quanto infiéis vão para o *sheol* (tais como Gênesis 37:15; Números 16:30; Salmo 16:10; Eclesiastes 9:2-3). A possibilidade de que o *sheol/hades* possua duas áreas diferentes para fiéis e infiéis, como ilustrado na parábola do rico e do Lázaro, parece real.

A dificuldade com essa visão, no entanto, é que outras Escrituras igualam o "paraíso" com o céu, e não com o *hades/sheol*. De fato, Paulo iguala o paraíso à habitação celestial de Deus, o "terceiro céu" em 2 Coríntios 12:2-4. Apocalipse 2:7 dá a entender que o "paraíso" está junto com a habitação de Deus, assim como as referências em Apocalipse 22:2 e Apocalipse 22:14. Os mártires no Livro de Apocalipse também são retratados como estando no céu.

Porém, é possível que uma aplicação secundária de Efésios 4:8-9 indique que, quando Cristo ascendeu aos céus, levou os fiéis cativos no *hades* (e, implicitamente, o "paraíso") ao "terceiro céu" de 2 Coríntios 12:2-4. Em Efésios 4:8-9, citando parte do Salmo 68:18, Paulo disse: "'Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativeiro e concedeu dons aos homens.' Ora, o que quer dizer 'ele subiu', senão que também havia descido até as regiões inferiores da terra?" Dessa forma, os fiéis que morreram antes da ascensão de Cristo iam para o paraíso que ainda se encontrava no *sheol/hades*. Mas eles foram levados ao céu após a ascensão do Senhor e, desse momento em diante, todos os fiéis passam a ir para o paraíso no céu. Esse entendimento se encaixa com toda a Bíblia e explica todas as dificuldades.

1.3.25. LUCAS 23:46

> Então Jesus clamou em alta voz: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!" E, dito isto, expirou.

Jesus, pouco antes de morrer na cruz, confiou seu espírito a Deus Pai, provavelmente citando parte do Salmo 31:5: "Nas tuas mãos entrego o meu espírito". Naquele exato momento, Jesus cedeu seu espírito ao Pai, e ele o recebeu. Quanto à distinção entre alma e espírito, ver 1.1.10. Mateus 10:28.

1.3.26. LUCAS 24:37-39

> Eles, porém, ficaram assustados e com medo, pensando que estavam vendo um espírito. Mas ele lhes disse: "Por que vocês estão assustados? E por que surgem dúvidas no coração de vocês? Vejam as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo. Toquem em mim e vejam que é verdade, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho."

Os discípulos de Jesus consideravam que poderiam estar vendo um espírito (um fantasma ou espectro) ao invés do Senhor ressuscitado. No entanto, Cristo afirmou que um espírito (referindo-se à parte espiritual de um homem – alma e espírito) não tem carne e ossos, ou seja, não possui um corpo físico. Considerando essa afirmação do Senhor, entende-se que a parte espiritual das pessoas falecidas realmente pode permanecer separada do corpo

físico, ou seja, em um estado desincorporado. Ao se considerar Isaías 14:9-11, pode ser que a parte espiritual dos falecidos no mundo dos mortos esteja em um estado enfraquecido, algo como uma "sombra", possivelmente devido ao estado desincorporado (veja 2.16.14. Isaías 14:9-20).

1.3.27. A ESCATOLOGIA NO EVANGELHO DE LUCAS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Evangelho de Lucas, as informações são:

- Lucas 3:9: no julgamento final, os não justificados serão lançados ao fogo da punição final. A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências;

- Lucas 3:16-17: Cristo recolherá os justificados para viver consigo e condenará os não justificados à punição final descrita como um fogo que nunca se apaga. Cristo salva e condena. A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências;

- Lucas 8:30-31: os demônios não queriam ir ao abismo. Provavelmente era um local, no mínimo, mais desconfortável para eles do que possuir porcos. O abismo muitas vezes é representado na Bíblia como próximo ao *sheol*/*hades* e às águas das profundezas (Gênesis 1:2; 7:11-12; Jó 26:5-6; Provérbios 15:11; 27:20; Lucas 16:19-31). Jó afirmou que aqueles que foram mortos pelas águas do dilúvio tremem diante de Deus (Jó 26:5). No Apocalipse, embora se tratando de uma visão simbólica, o abismo é retratado como liberando uma fumaça de fornalha (Apocalipse 9:2), o que pode indicar fogo. O abismo pode corresponder ao aprisionamento em trevas dos anjos caídos relatado em 2 Pedro 2:4 – se for assim, os demônios e os anjos caídos podem ser as mesmas entidades;

- Lucas 8:51-53: a filha de Jairo estava claramente morta, mas Jesus disse que dormia. A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus;

- Lucas 9:25-27: a alma de uma pessoa não tem preço (Salmo 49:7-9) e ninguém pode pagar o preço de sua redenção. É como se aquele que pecou tivesse um "débito infinito" com Deus, sendo que ele somente pode ser pago com o sacrifício de Cristo. No entanto, o sacrifício de Cristo não será permitido a "quitar a dívida" daquele que não for justificado por Deus. Jesus virá com os anjos e a glória de seu Pai em sua segunda vinda. Para qualquer um que tenha se envergonhado de Jesus em vida, Jesus também se envergonhará de tal pessoa no juízo final diante de Deus Pai e dos anjos. O reino de Deus já estava presente no primeiro século;

- Lucas 9:28-36: Moisés e Elias estão vivos e conscientes, capazes de se comunicar e reconhecer a outros, em alguma glória, embora ainda não estejam com seus corpos glorificados ressurretos. Tudo indica que tanto Moisés quanto Elias tinham uma forma humanizada durante a transfiguração de Cristo – se não fosse esse o caso, não teriam sido descritos como sendo Moisés e Elias, mas como algo "fantasmagórico" ou qualquer outra coisa assim. Isso pode indicar que os fiéis tomados por Deus sem morrerem fisicamente e os fiéis que já morreram fisicamente estão nesse estado também;

- Lucas 10:13-15: o rigor do julgamento final e sua punição serão maiores proporcionalmente à incredulidade daquele que será julgado. O mundo dos mortos é o local onde incrédulos aguardam o juízo final;

- Lucas 11:30-32: a alma de Jesus esteve no mundo dos mortos por três dias. Haverá no juízo final a participação de justificados no juízo dos não justificados;

- Lucas 12:8-10: no julgamento final, aquele que confessou a Cristo diante dos outros terá também seu nome confessado por ele diante dos anjos de Deus. Por outro lado, aquele que negou a Cristo diante dos outros terá seu nome negado por ele diante dos anjos de Deus. Uma posição de rejeição total e contínua de Deus é o único pecado que não tem perdão;

- Lucas 12:37-40: a constância em permanecer nos ensinamentos de Cristo é necessária, uma vez que sua segunda vinda será imprevisível;

- Lucas 12:47-48: o rigor da punição do juízo final para alguém é proporcional à consistência de seu conhecimento da vontade do Senhor e de sua aplicação na prática. Também, o grau de exigência do Senhor para uma pessoa aumenta proporcionalmente a quanto foi dado e confiado a ela;

- Lucas 13:2-5: qualquer um que tiver qualquer pecado (por menor que pareça), se não se arrepender, não será justificado e receberá punição. A necessidade de arrependimento é enfatizada;

- Lucas 13:23-30: ainda que pessoas tenham tido alguma relação com Cristo, se não o obedeceram, serão rejeitadas no juízo final. São poucas as pessoas que são salvas, e é necessário esforço para permanecer na Palavra de Deus. Os não justificados serão lançados fora da presença do Senhor, os quais terão choro e ranger de dentes. Muitos daqueles que tiveram grandes oportunidades com Deus (principalmente os judeus) serão lançados fora, enquanto muitos que não tiveram tais oportunidades (principalmente gentios) serão admitidos na vida eterna com o Senhor. O choro e ranger de dentes ocorrerá quando os não justificados virem Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas na congregação dos justificados. Isso indica que os não justificados verão os justificados nessa congregação no juízo final. É possível também que os lançados fora possam, a partir de seu local de banimento, de alguma forma ver aqueles que foram justificados;

- Lucas 14:13-14: a recompensa da aplicação dos ensinamentos de Cristo pode não vir na vida física, mas certamente os justificados ressuscitados a receberão no julgamento final;

- Lucas 16:19-31: o reino de Deus não é material, mas é mais importante do que tudo desta vida – e, ironicamente, aqueles que mais tinham riquezas espirituais, os judeus, as desprezaram em favor até mesmo de riquezas físicas. Por outro lado, aqueles que menos tinham riquezas espirituais, os gentios, deram o devido valor às riquezas espirituais de Deus. Após a morte física ocorre um juízo (Hebreus 9:27), o qual resulta em destinos diferentes para justificados e não justificados, sem segundas chances. Apenas a Palavra de Deus possibilita que as pessoas sejam justificadas por Deus, e isso somente pode ocorrer durante a vida física. É possível que a parábola do rico e Lázaro ilustre realidades da vida após a morte. É possível que os não justificados possam ver os justificados a partir de seu local de afastamento do Senhor, conforme Lucas 13:28. Também, pode ser que o *hades*/*sheol* possua duas áreas diferentes, uma para justificados e uma para não justificados. Pode ser que a área dos justificados tenha sido o paraíso. Pode ser que o "grande abismo" separando a área dos justificados da área dos não justificados seja o abismo (*abaddon*) retratado como próximo ao *sheol*/*hades* e entendido pelos gregos como o tártaro, o local mais profundo e tormentuoso do mundo dos mortos, o qual poderia ser correspondente ao local onde anjos caídos e os mortos pelas águas do dilúvio estão confinados (Jó 26:5-6; 2 Pedro 2:4). Pode ser que os não justificados estejam em tormento no *sheol*/*hades*. Na verdade, essa forma de retratar a visão geral do mundo dos mortos se encaixa com o restante da Bíblia;

- Lucas 17:20-37: existe mais de um dia do Filho do Homem – além da segunda vinda de Cristo, o Senhor também faz várias visitações para juízo local em nações e povos, e eles são os mesmos "dias do Senhor" descritos ao longo da Bíblia. O reino de Deus já estava presente no primeiro século, mas veio em maior plenitude após a queda de Jerusalém, pois isso reduziu grandemente a perseguição judaica contra cristãos. A queda de Jerusalém é um dos "dias do Senhor" da Bíblia, uma visitação do Senhor para juízo, e um prenúncio de sua segunda vinda. O fim do templo denotou uma rejeição definitiva do sistema judaico, o qual não é mais um meio para o reino de Deus. A maior plenitude do reino está em seguir Cristo, e não mais o judaísmo. Quando Jerusalém esteve prestes a ser tomada pelos romanos, aqueles que viveram suas vidas normalmente e não atentaram às palavras de Jesus foram mortos. Aqueles que ouviram as palavras de Jesus e fugiram viveram;

- Lucas 19:11-24: o reino dos céus é associado com a vinda de Cristo e o juízo final. Cada um vai ser responsabilizado proporcionalmente ao que foi dado a ele e a como ele fez uso disso de forma a frutificar para seu Senhor. Não há segundas chances após o juízo final. As próprias palavras e atos do julgado serão usados contra ele. Aqueles que não quiseram o senhorio de Cristo receberão a punição

final. O reino já pertence a Cristo – ele se ausentou por um tempo e, mais tarde, voltará para exigir prestação de contas;

- Lucas 20:34-38: quando os justificados ressuscitarem, não haverá mais nenhum casamento entre eles, e nem o casamento da vida anterior será mantido. Os fiéis ressuscitados não podem mais morrer. Abraão, Isaque e Jacó estão vivos e com Deus, e isso implicitamente aponta para a ressurreição dos mortos. Aqueles que estão com Deus são contados como vivos;

- Lucas 20:41-43: Cristo se assentará à destra de Deus Pai até que ele coloque todos os seus inimigos em sujeição a ele. Após todos os inimigos serem derrotados, o reinado será retornado a Deus Pai;

- Lucas 21:5-36: Jerusalém e, implicitamente, o templo e o sistema judaico, foram destruídos na época da geração que ouviu Jesus no momento em que ele proferiu essa profecia. Todos os sinais descritos em Lucas 21:4-36 ocorreram para aquela geração. Jesus usou a mesma linguagem do Antigo Testamento que representa a destruição de povos e nações na Terra, a qual foi aplicada para o povo judeu. Os discípulos de Cristo foram alertados para estar vigilantes de forma que o dia da destruição da cidade não os encontrasse desprevenidos e para não serem mortos com ela, permanecendo assim vivos diante do Senhor que estava efetuando seu juízo;

- Lucas 22:29-30: o reino concedido aos apóstolos é o reino de Deus e de Cristo, o qual já estava presente no primeiro século e que virá em sua maior plenitude na segunda vinda de Cristo. Os discípulos estarão à mesa do Senhor, ou seja, estarão em comunhão com ele, e participarão do julgamento final julgando a todo o Israel;

- Lucas 22:67-69: a assembleia dos anciãos do povo, os principais sacerdotes, os escribas e o sinédrio viram a destruição do templo e de Jerusalém, o que foi uma vinda do Senhor para acerto de contas com a nação judaica – um dos muitos "dias do Senhor" da Bíblia. Estêvão, antes de ser apedrejado, viu algo similar a esse tipo de vinda do Senhor: os céus estavam abertos e o Filho do Homem estava à destra de Deus Pai (Atos 7:55-60). Para Estêvão, no entanto, a vinda do Senhor foi para salvação, para recebê-lo no céu, e não para juízo;

- Lucas 23:28-31: Jerusalém seria destruída e o templo arrasado, com grande tribulação, o que ocorreu com as guerras judaico-romanas em 66 d.C., culminando com a destruição de Jerusalém e do templo no ano 70 d.C. A cidade foi sitiada e, como atestado por Josefo, o sofrimento foi terrível – mulheres comeram os próprios filhos e o sofrimento foi tamanho que se preferiria que as próprias montanhas e colinas caíssem sobre as pessoas para uma morte rápida. As guerras judaico-romanas foram a verdadeira "grande tribulação". Isso foi uma visitação de Deus para vingança contra os judeus por causa do derramamento de sangue de fiéis e do próprio Filho de Deus;

- Lucas 23:42-43: Jesus e o ladrão penitente foram ao paraíso no mesmo dia em que morreram;

- Lucas 23:46: Jesus, pouco antes de morrer na cruz, confiou seu espírito a Deus Pai, provavelmente citando parte do Salmo 31:5: "Nas tuas mãos entrego o meu espírito". Naquele exato momento, Jesus cedeu seu espírito ao Pai, e ele o recebeu;

- Lucas 24:37-39: a parte espiritual de um homem (alma e espírito) não tem carne e ossos, ou seja, não possui um corpo físico. Considerando essa afirmação do Senhor, entende-se que a parte espiritual das pessoas falecidas realmente pode permanecer separada do corpo físico, ou seja, em um estado desincorporado. Ao se considerar Isaías 14:9-11, pode ser que a parte espiritual dos falecidos no mundo dos mortos esteja em um estado enfraquecido, algo como uma "sombra", possivelmente devido ao estado desincorporado.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Existe mais de um dia do Filho do Homem – além da segunda vinda de Cristo, o Senhor também faz várias visitações para juízo local em nações e povos, e elas são os mesmos "dias do Senhor" descritos ao longo da Bíblia.

A segunda vinda de Cristo trará o juízo final, a ressurreição dos mortos, o fim do mundo, e a plenitude do reino dos céus com a restauração de todas as coisas em um estado de perfeição eterno, em um mesmo evento. O reino já pertence a Cristo – ele se ausentou por um tempo e, mais tarde, voltará para exigir prestação de contas.

O reino de Deus é espiritual, não material. É mais importante do que tudo desta vida e, ironicamente, aqueles que mais tinham riquezas espirituais, os judeus, as desprezaram em favor até mesmo de riquezas físicas. Por outro lado, aqueles que menos tinham riquezas espirituais, os gentios, deram o devido valor às riquezas espirituais de Deus. Jesus explicou que, ainda que pessoas tenham tido alguma relação com ele, se não o obedeceram, serão rejeitadas no juízo final. São poucas as pessoas que são salvas, e é necessário esforço para permanecer na Palavra de Deus. Muitos daqueles que tiveram grandes oportunidades com Deus (principalmente os judeus) serão lançados fora, enquanto muitos que não tiveram tais oportunidades (principalmente gentios) serão admitidos na vida eterna com o Senhor. A recompensa da aplicação dos ensinamentos de Cristo pode não vir na vida física, mas certamente os justificados ressuscitados a receberão no julgamento final. O reino concedido aos apóstolos é o reino de Deus e de Cristo, o qual já estava presente no primeiro século e que virá em sua maior plenitude na segunda vinda de Cristo.

Apenas a Palavra de Deus possibilita que as pessoas sejam justificadas por Deus, e isso somente pode ocorrer durante a vida física. Qualquer um que tiver qualquer pecado (por menor que pareça), se não se arrepender, não será justificado e receberá punição. A necessidade de arrependimento é enfatizada. Uma posição de rejeição total e contínua de Deus é o único pecado que não tem perdão (a "blasfêmia contra o Espírito Santo").

O reino de Deus já estava presente no primeiro século, mas veio em maior plenitude após a queda de Jerusalém, uma vez que isso reduziu grandemente a perseguição judaica contra os cristãos. A queda de Jerusalém no ano 70 d.C. foi um dos "dias do Senhor" da Bíblia, uma visitação do Senhor para juízo, e um prenúncio de sua segunda vinda. O fim do templo denotou uma rejeição definitiva do sistema judaico, o qual não é mais um meio para o reino de Deus. A maior plenitude do reino está em seguir a Cristo, e não mais o judaísmo. A total plenitude do reino dos céus é associada com a segunda vinda de Cristo e o juízo final.

Os discípulos de Cristo foram alertados para estar vigilantes de forma que o dia da destruição de Jerusalém não os encontrasse desprevenidos e para não serem mortos com ela, permanecendo assim vivos diante do Senhor que estava efetuando seu juízo. Quando Jerusalém esteve prestes a ser tomada pelos romanos, aqueles que viveram suas vidas normalmente e não atentaram às palavras de Jesus foram mortos. Aqueles que ouviram as palavras de Jesus e fugiram viveram.

Jerusalém e, implicitamente, o templo e o sistema judaico, foram destruídos na época da geração que ouviu Jesus no momento em que ele proferiu essa profecia. Todos os sinais descritos em Lucas 21:4-36 ocorreram para aquela geração. Jesus usou a mesma linguagem do Antigo Testamento que representa a destruição de povos e nações na Terra, a qual foi aplicada para o povo judeu. Jerusalém foi destruída e o templo arrasado, com grande tribulação, o que ocorreu com as guerras judaico-romanas em 66 d.C., culminando com a destruição de Jerusalém e do templo no ano 70 d.C. A cidade foi sitiada e, como atestado por Josefo, o sofrimento foi terrível – mulheres comeram os próprios filhos e o sofrimento foi tamanho que se preferiria que as próprias montanhas e colinas caíssem sobre as pessoas para uma morte rápida. As guerras judaico-romanas foram a verdadeira "grande tribulação".

A assembleia dos anciãos do povo, os principais sacerdotes, os escribas e o sinédrio viram a destruição do templo e de Jerusalém, o que foi uma vinda do Senhor para acerto de contas com a nação judaica por causa do derramamento de sangue de fiéis e do próprio Filho de Deus – um dos muitos "dias do Senhor" da Bíblia – e um prenúncio da sua segunda vinda. Alguns foram deixados com vida (aqueles que ouviram a profecia de Jesus sobre a queda da cidade e fugiram) e outros tiveram suas vidas tomadas pelo juízo (os demais que não o obedeceram). Na verdade, Estêvão, antes de ser apedrejado, viu algo similar a esse tipo de vinda do Senhor: os céus estavam abertos e o Filho do Homem estava à destra de Deus Pai (Atos 7:55-60). Para Estêvão, no entanto, a vinda do Senhor foi para salvação, para recebê-lo no céu, e não para juízo.

Após a morte física ocorre um juízo, o qual resulta em destinos diferentes para justificados e não justificados, sem segundas chances. O mundo dos mortos (*hades*/*sheol*) é o local onde incrédulos aguardam o juízo final. Jesus afirmou que a parte espiritual de um homem (alma e espírito) não tem carne e ossos, ou seja, não possui

um corpo físico. Assim, a parte espiritual das pessoas falecidas realmente pode permanecer separada do corpo físico, ou seja, em um estado desincorporado. Ao se considerar Isaías 14:9-11, pode ser que a parte espiritual dos falecidos no mundo dos mortos esteja em um estado enfraquecido, algo como uma "sombra", possivelmente devido ao estado desincorporado. É possível que a parábola do rico e Lázaro ilustre realidades da vida após a morte. É possível que os não justificados possam ver os justificados a partir de seu local de afastamento do Senhor. Também, pode ser que o *hades*/*sheol* possua duas áreas diferentes, uma para justificados e uma para não justificados. Pode ser que a área dos justificados fosse o paraíso. Pode ser que os não justificados estejam em tormento no *sheol*/*hades*. Pode ser que o "grande abismo" separando a área dos justificados da área dos não justificados seja o abismo (*abaddon*) retratado como próximo ao *sheol*/*hades* e entendido pelos gregos como o tártaro, o local mais profundo e tormentuoso do mundo dos mortos, o qual poderia ser correspondente ao local onde anjos caídos e os mortos pelas águas do dilúvio estão confinados. Na verdade, essa forma de retratar a visão geral do mundo dos mortos se encaixa com o restante da Bíblia.

Os demônios (Legião) que foram expulsos do geraseno por Jesus não queriam ir ao abismo. Provavelmente era um local, no mínimo, mais desconfortável para eles do que possuir porcos. O abismo muitas vezes é representado na Bíblia como próximo ao *sheol*/*hades* e às águas das profundezas. Jó afirmou que aqueles que foram mortos pelas águas do dilúvio tremem diante de Deus. No Apocalipse, embora se tratando de uma visão simbólica, o abismo é retratado como liberando uma fumaça de fornalha, o que pode indicar fogo. O abismo pode corresponder ao aprisionamento em trevas dos anjos caídos relatado em 2 Pedro 2:4 – se for assim, os demônios e os anjos caídos podem ser as mesmas entidades.

A alma de uma pessoa não tem preço e ninguém pode pagar o preço de sua redenção. É como se aquele que pecou tivesse um "débito infinito" com Deus, sendo que ele somente pode ser pago com o sacrifício de Cristo. No entanto, o sacrifício de Cristo não será permitido a "quitar a dívida" daquele que não for justificado por Deus.

Jesus, pouco antes de morrer na cruz, confiou seu espírito a Deus Pai, provavelmente citando parte do Salmo 31:5: "Nas tuas mãos entrego o meu espírito". Naquele exato momento, Jesus cedeu seu espírito ao Pai, e ele o recebeu. A alma de Jesus esteve no mundo dos mortos (*hades*/*sheol*) por três dias. Após sua ressurreição, Cristo se assentou à destra de Deus Pai e reinará até que coloque todos os seus inimigos em sujeição a ele.

A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação: morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. A filha de Jairo estava claramente morta, mas Jesus disse que dormia. Por outro lado, Moisés e Elias estão vivos e conscientes, capazes de se comunicar e reconhecer a outros, em alguma glória, embora ainda não estejam com seus corpos glorificados ressurretos. Tudo indica que tanto Moisés quanto Elias tinham uma forma humanizada durante a transfiguração de Cristo – se não fosse esse o caso, não teriam sido descritos como sendo Moisés e Elias, mas como algo "fantasmagórico" ou qualquer outra coisa assim. Isso pode indicar que os fiéis tomados por Deus sem morrerem fisicamente e os fiéis que já morreram fisicamente estão nesse estado também. Além disso, Abraão, Isaque e Jacó estão vivos e com Deus, e isso implicitamente aponta para a ressurreição dos mortos. Aqueles que estão com Deus são contados como vivos.

Jesus virá com os anjos e a glória de seu Pai em sua segunda vinda. Ele recolherá os justificados para viver consigo e condenará os não justificados à punição final, descrita como um fogo que nunca se apaga. Cristo é quem salva e condena, e sua segunda vinda traz o juízo final. A constância em permanecer nos ensinamentos de Cristo é necessária, uma vez que sua segunda vinda será imprevisível.

Haverá, no juízo final, a participação de justificados no juízo dos não justificados. Os discípulos estarão à mesa do Senhor, ou seja, estarão em comunhão com ele, e participarão do julgamento final julgando a todo o Israel. Para qualquer um que tenha se envergonhado de Jesus em vida, Jesus também se envergonhará de tal pessoa no juízo final diante de Deus Pai e dos anjos. Aquele que confessou Cristo diante dos outros terá também seu nome confessado por ele diante dos anjos de Deus. Por outro lado, aquele que negou Cristo diante dos outros terá seu nome negado por ele diante dos anjos de Deus.

O rigor do julgamento final e sua punição serão maiores proporcionalmente à incredulidade daquele que será julgado. O grau de exigência do Senhor para uma pessoa aumenta proporcionalmente a quanto foi dado e

confiado a ela. O rigor da punição do juízo final para alguém também é proporcional à consistência de seu conhecimento da vontade do Senhor e sua aplicação na prática. Cada um vai ser responsabilizado proporcionalmente ao que foi dado a ele e a como ele fez uso disso de forma a frutificar para seu Senhor. As próprias palavras e atos do julgado serão usados contra ele. Aqueles que não quiseram o senhorio de Cristo receberão a punição final – serão lançados fora da presença do Senhor e terão choro e ranger de dentes. Jesus afirmou que o choro e ranger de dentes ocorrerá quando os não justificados virem Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas na congregação dos justificados. Isso indica que os não justificados verão os justificados nessa congregação no juízo final.

Não há segundas chances após o juízo final e, após ele, os justificados são encaminhados para a vida eterna e os não justificados lançados fora da presença do Senhor para o choro e ranger de dentes e fogo da punição final. A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências. Quando os justificados ressuscitarem, não haverá mais nenhum casamento entre eles, e nem o casamento da vida anterior será mantido. Os fiéis ressuscitados não podem mais morrer. É possível que os lançados fora possam, a partir de seu local de banimento, de alguma forma ver aqueles que foram justificados.

Após os fiéis estarem na vida eterna e os infiéis banidos da presença do Senhor, todos os inimigos estarão derrotados e o reinado de Cristo será retornado a Deus Pai.

1.4. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO EVANGELHO DE JOÃO

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Evangelho de João. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.4.1. JOÃO 3:13

> Ora, ninguém subiu ao céu, a não ser aquele que de lá desceu, o Filho do Homem.

Conforme o contexto imediato, Jesus falou a Nicodemos sobre sua habilidade única e inata de ensinar sobre "coisas celestiais" – ele não estava discutindo o tema geral de quem pode ou não estar no céu. O mundo antigo estava cheio de mitos daqueles que supostamente haviam subido ao céu e retornado para compartilhar suas informações com os habitantes da Terra. Ao afirmar sua singularidade, o Senhor estava declarando que ninguém subiu ao céu para acessar o conhecimento sobre coisas celestiais com o qual ele veio a compartilhar na Terra. Jesus estava enfatizando a Nicodemos como ninguém na Terra estava revelando verdades espirituais como ele, uma vez que ninguém havia subido ao céu para voltar e falar sobre o que havia visto e aprendido. Ninguém na Terra viu o que Jesus viu e, portanto, não pôde ensinar o que ele ensinou.

Além disso, é possível que Enoque (Gênesis 5:24) e Elias (2 Reis 2:11) foram para o céu (embora seja possível também que eles foram apenas tomados para o céu atmosférico, o "primeiro céu", e transportados por Deus para outro lugar na Terra). Abraão, Isaque e Jacó estão vivos e com o Senhor, conforme a resposta de Jesus aos saduceus (Mateus 22:30-32; Marcos 12:25-27; Lucas 20:34-38).

Pode ser também que Jesus quis dizer que ninguém jamais subiu ao céu "por seu próprio ato" ou "por si mesmo". Se considerarmos que Elias e Enoque foram tomados por Deus para o céu, isso é diferente de subir livremente ao céu por si mesmo.

1.4.2. JOÃO 5:24-29

> Em verdade, em verdade lhes digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida. Em verdade, em verdade lhes digo que vem a hora — e já chegou — em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão. Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo. E lhe deu autoridade para julgar, porque é o Filho do Homem. Não fiquem maravilhados com isso, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a voz dele e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo.

Jesus, por ser o Filho do Homem (Daniel 7:13-14), tem vida em si mesmo e autoridade para julgar dada a ele por Deus Pai. Ele afirmou que aquele que ouve sua Palavra e crê no Pai que o enviou passou da morte para a vida e não entra em juízo. Assim, os justificados não experimentarão a mais profunda experiência da morte, apenas a morte física. No juízo final, eles comparecerão diante de Cristo para receber a justificação, e não condenação.

Cristo também afirmou que a hora dos mortos ouvirem sua voz já chegou no momento em que ele proferiu o discurso e, também, que essa hora ainda vai vir. Os mortos que a ouvirem viverão. Aqueles que estão nos túmulos o ouvirão e ressuscitarão: aqueles que fizeram o bem para a vida, aqueles que fizeram o mal para condenação. Naturalmente, aqueles que fizeram o bem praticaram a vontade de Deus, e aqueles que fizeram o mal não a praticaram.

Observa-se no contexto que há dois tipos de mortos. O primeiro tipo de mortos eram as pessoas que já estavam ouvindo Jesus naquele momento, fisicamente vivas e espiritualmente mortas por estarem afastadas de Deus. A Palavra de Deus veio para pessoas espiritualmente mortas passarem para a vida espiritual por meio da crença em Jesus e naquele que o enviou. Jesus tem autoridade para isso por ser o Filho do Homem citado em Daniel 7:13-14. O segundo tipo de mortos se refere àqueles que estão fisicamente mortos que estão nos túmulos.

Jesus disse, então, para que seus ouvintes não estivessem maravilhados com isso, pois ele é capaz de fazer ainda mais: virá uma hora que ele proferirá sua voz e todas as pessoas fisicamente mortas serão ressuscitadas. Como isso não aconteceu enquanto Cristo estava na Terra, deve ocorrer na sua segunda vinda. Se todos os mortos hão de ouvir a voz de Cristo para saírem dos túmulos na referida hora, entende-se que tanto bons quanto maus ressuscitarão ao mesmo tempo na segunda vinda de Cristo e, na sequência, serão encaminhados aos seus destinos: as pessoas que fizeram o bem irão para a vida eterna, e as pessoas que fizeram o mal para condenação final (conforme Mateus 25:31-46).

1.4.3. JOÃO 6:39-40

> E a vontade de quem me enviou é esta: que eu não perca nenhum de todos os que ele me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia. De fato, a vontade de meu Pai é que todo aquele que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.

Jesus afirmou que ele é quem ressuscita os justificados mortos. Isso ocorre no "último dia". O "último dia" é o mesmo dia em que aqueles que estão fisicamente mortos ouvirão a voz de Jesus e sairão dos seus túmulos para ressurreição, isto é, a segunda vinda de Cristo (João 5:28-29).

1.4.4. JOÃO 6:54

> Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.

Jesus é quem ressuscitará aqueles que "dele se alimentam", ou seja, os justificados, aqueles que viveram conforme seus ensinamentos. Isso ocorrerá no "último dia", ou seja, na sua segunda vinda.

1.4.5. JOÃO 8:51

> Em verdade, em verdade lhes digo que, se alguém guardar a minha palavra, não verá a morte eternamente.

Aqueles que guardarem a Palavra de Cristo jamais experimentarão a mais profunda experiência da morte, o banimento da presença de Deus para a punição final. Não se trata da morte física. O sentido da passagem é obter a vida eterna, ou passar para a vida em que não haverá morte. Uma aplicação secundária dessa passagem pode ser que aquele que morrer em Cristo não permanecerá no mundo dos mortos (o que é a esperança da redenção do *sheol* do fiel do Antigo Testamento).

1.4.6. JOÃO 8:56

> Abraão, o pai de vocês, alegrou-se por ver o meu dia; e ele viu esse dia e ficou alegre. Então os judeus lhe perguntaram: "Você não tem nem cinquenta anos e viu Abraão?"

Enquanto viveu na Terra, Abraão alegrou-se em antecipação pela promessa divina da vinda de seu descendente pelo qual todas as nações da Terra seriam abençoadas (Gênesis 22:18), isto é, o Messias. Jesus afirmou, no entanto, que Abraão viu o seu dia, isto é, o dia em que o Messias chegou à Terra, e se alegrou.

Uma vez que Abraão se alegrou e viu o dia do Messias vir à Terra, Jesus o considerou como estando vivo, apesar de Abraão já ter morrido há muito tempo. Ao que tudo indica, Abraão estava no *sheol/hades* e foi permitido a ele observar a vinda do Messias na Terra e se alegrar com isso. Uma vez que os judeus disseram "Você não tem nem cinquenta anos e viu Abraão?", o contexto parece confirmar que a expectativa deles era encontrar Abraão após a morte física. Em outras palavras, Jesus ainda não tinha nem cinquenta anos de idade e ainda ia demorar para morrer de velhice e ver Abraão no mundo dos mortos. No relato do rico e Lázaro (Lucas 16:19-31), Abraão foi mostrado como estando conversando com o rico que estava no *hades*.

Portanto, ao que tudo indica, Abraão estava consciente no *sheol/hades* no momento em que Jesus discutiu com os judeus. Ele pôde saber sobre a vinda do Messias na Terra e se alegrou com isso. Abraão está vivo e com Deus, embora ainda sem ter recebido seu corpo glorificado e os novos céus e nova terra (Hebreus 11:13).

1.4.7. JOÃO 11:11-15

> Tendo dito isso, acrescentou: "Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou para despertá-lo." Então os discípulos disseram: "Senhor, se dorme, estará salvo." Jesus falava da morte de Lázaro, mas eles pensavam que tivesse falado do repouso do sono. Então Jesus lhes disse claramente: "Lázaro morreu. Por causa de vocês me alegro de que não estivesse lá, para que vocês possam crer. Mas vamos até ele."

Como em Mateus 9:23-25, Marcos 5:39 e Lucas 8:51-53 com a filha de Jairo, Lázaro estava claramente morto, mas Jesus disse que dormia. A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. Quanto à questão de o sono poder se referir a uma inconsciência dos mortos, ver 1.1.19. Mateus 17:1-9.

1.4.8. JOÃO 11:25-26

> Então Jesus declarou: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente. Você crê nisto?"

Jesus afirmou ser a ressurreição e a vida. Aquele que nele crê, mesmo que morra fisicamente, viverá, pois será ressuscitado por ele para viver para sempre.

1.4.9. JOÃO 12:48

> Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue; a própria palavra que falei, essa o julgará no último dia.

Aquele que rejeita a Cristo e não ouve suas palavras será julgado. No último dia, a segunda vinda de Cristo, o padrão de julgamento é a Palavra de Cristo.

1.4.10. JOÃO 15:6

> Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam.

Aqueles que não continuarem em obediência aos ensinamentos de Cristo serão banidos de sua presença e condenados à punição final, a qual é descrita como um ramo seco lançado ao fogo e queimado. Quanto à questão da punição final se tratar da cessação da existência dos ímpios ou de seu tormento eterno, veja 1.1.10. Mateus 10:28. A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências.

1.4.11. JOÃO 20:17

> Jesus continuou: "Não me detenha, porque ainda não subi para o meu Pai. Mas vá até os meus irmãos e diga a eles: 'Subo para o meu Pai e o Pai de vocês, para o meu Deus e o Deus de vocês.'"

Quando Jesus disse: "ainda não subi para o meu Pai", o tempo perfeito sugere um estado permanente, não um mero ato. Além disso, no contexto imediato, Maria o estava detendo, e ele a alertou que sua permanência na Terra era temporária (ele permaneceu quarenta dias na Terra antes de ascender ao céu – Atos 1:3). O "subir permanentemente ao Pai" estava no futuro – no céu – para onde Jesus ascendeu em Atos 1:9-11.

Além disso, o verbo *haptomai*, traduzido aqui como "detenha", não significa "tocar" e "manusear" com o objetivo de constatar se o corpo de Cristo era real. A isso Cristo não apenas permitiu, mas ordenou (João 20:27; Lucas 24:39; compare com 1 João 1:1). Significa "firmar-se em", "se apegar a". Está no presente imperativo (não aoristo) e o significado completo é, portanto, "Não continue me segurando" ou simplesmente "não me segure". Maria provavelmente fez o costumeiro ato de se prostrar aos pés de Jesus e segurá-los, e Cristo disse a ela para não continuar a fazer isso porque ele ainda não tinha ascendido ao Pai. Assim, Jesus está se referindo a seu corpo ressurreto. Portanto, provavelmente, a expressão de Jesus "ainda não subi para o meu o Pai" se refere a Jesus ascender ao Pai com seu corpo.

1.4.12. ESCATOLOGIA DO EVANGELHO DE JOÃO

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Evangelho de João, as informações são:

- João 3:13: ninguém na Terra estava revelando verdades espirituais como Cristo, uma vez que ninguém havia subido ao céu para voltar e falar sobre o que havia visto e aprendido. Ninguém na Terra viu o que Jesus viu e, portanto, não pôde ensinar o que ele ensinou. Também, a passagem pode significar que ninguém ascendeu ao céu por si mesmo ou por seu próprio ato além de Cristo;

- João 5:24-29: a Palavra de Cristo traz vida às pessoas fisicamente vivas e espiritualmente mortas. Os justificados não experimentarão a mais profunda experiência da morte, apenas a morte física. Na segunda vinda de Cristo, todos aqueles que estarem fisicamente mortos hão de ouvir a voz de Cristo para sair dos túmulos. Tanto fiéis quanto infiéis ressuscitarão ao mesmo tempo e, na sequência, serão encaminhados aos seus destinos: vida ou juízo. No juízo final, os fiéis comparecerão diante de Cristo para receber a justificação e vida eterna, e não condenação;

- João 6:39-40: Jesus afirmou que ele é quem ressuscita os justificados mortos. Isso ocorrerá no "último dia". Esse "último dia" é a sua segunda vinda;

- João 6:54: Jesus é quem ressuscitará aqueles que "dele se alimentam", ou seja, os justificados, aqueles que viveram conforme seus ensinamentos. Isso ocorrerá no "último dia", ou seja, na sua segunda vinda;

- João 8:51: aqueles que guardarem a Palavra de Cristo jamais experimentarão a mais profunda experiência da morte, o banimento da presença de Deus para a punição final. Não se trata da morte física. O sentido é obter a vida eterna, ou passar para a vida em que não haverá morte. Pode ser que aquele que morrer em Cristo não permanecerá no mundo dos mortos;

- João 8:56: Abraão estava consciente no *sheol/hades* no momento em que Jesus discutiu com os judeus. Ele pôde saber sobre a vinda do Messias na Terra e se alegrou com isso. Abraão está vivo e com Deus, embora ainda sem ter recebido seu corpo glorificado e os novos céus e nova terra;

- João 11:11-15: Lázaro estava claramente morto, mas Jesus disse que dormia. A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus;

- João 11:25-26: Jesus afirmou ser a ressurreição e a vida. Aquele que nele crê, mesmo que morra fisicamente, viverá, pois será ressuscitado por ele para viver para sempre;

- João 12:48: aquele que rejeita a Cristo e não ouve suas palavras será julgado. No último dia, a segunda vinda de Cristo, o padrão de julgamento é a Palavra de Cristo;

- João 15:6: aqueles que não continuarem em obediência aos ensinamentos de Cristo serão banidos de sua presença e condenados à punição final, a qual é descrita como um ramo seco lançado ao fogo e queimado. A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências;

- João 20:17: quando saiu do sepulcro após sua ressurreição, Jesus ainda não tinha ascendido a Deus Pai de forma permanente e com seu corpo ressurreto.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Jesus veio à Terra para que seus ensinamentos pudessem trazer as pessoas à vida. Ninguém na Terra estava revelando verdades espirituais como Cristo, uma vez que ninguém havia subido ao céu para voltar e falar sobre o que havia visto e aprendido. Ninguém na Terra viu o que Jesus viu e, portanto, não pôde ensinar o que ele ensinou. Também, ninguém ascendeu ao céu por si mesmo ou por seu próprio ato além de Cristo.

As pessoas estavam fisicamente vivas, mas espiritualmente mortas por estarem afastadas de Deus. Quando as pessoas creem em Cristo e no Pai que o enviou e ouvem suas palavras (ou seja, praticam) passam da morte espiritual para uma vida espiritual. Isso é uma ressurreição espiritual.

Lázaro estava claramente morto, mas Jesus disse que dormia. A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação: morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus.

Ainda que os fiéis em Cristo morram fisicamente, serão ressuscitados por ele e não experimentarão o mais profundo da morte, pois irão para a vida eterna. Pode ser que aquele que morrer em Cristo não permanece no mundo dos mortos. Abraão estava consciente no *sheol/hades* no momento em que Jesus discutiu com os judeus. Ele pôde saber sobre a vinda do Messias na Terra e se alegrou com isso. Abraão está vivo e com Deus, embora ainda sem ter recebido seu corpo glorificado e os novos céus e nova terra. Portanto, provavelmente, os fiéis estão conscientes após a morte física e em consolo junto ao Senhor.

Quando saiu do sepulcro após sua ressurreição, Jesus ainda não tinha ascendido a Deus Pai de forma permanente e com seu corpo ressurreto – ele ainda permaneceu na Terra por quarenta dias (Atos 1:3) antes de ascender à destra de Deus Pai (Atos 1:9-11).

A segunda vinda de Jesus é o último dia e, nesse dia, todos aqueles que estarem fisicamente mortos sairão dos túmulos, ou seja, serão ressuscitados. A ressurreição dos mortos ocorre para os bons e para os maus ao mesmo tempo, assim que a voz de Jesus for proferida em sua vinda. Aqueles que creram em Jesus, creram em Deus Pai, e ouviram e praticaram os seus ensinamentos, são os bons. Aqueles que rejeitaram a Jesus e não ouviram e praticaram seus ensinamentos são os maus.

Em seguida, bons e maus são encaminhados para seus diferentes destinos: vida eterna ou juízo. O padrão do julgamento final é a Palavra de Jesus, seus ensinamentos. Os justificados não passarão por um julgamento condenatório e receberão a vida eterna. Os não justificados serão banidos da presença do Senhor para a punição final, a qual foi descrita como se fosse um ramo seco sendo lançado ao fogo e queimado. A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências.

1.5. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DE ATOS DOS APÓSTOLOS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Atos dos Apóstolos. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.5.1. ATOS 1:6-11

> Então os que estavam reunidos com Jesus lhe perguntaram: "Será este o tempo em que o Senhor irá restaurar o reino a Israel?" Jesus respondeu: "Não cabe a vocês conhecer tempos ou épocas que o Pai fixou pela sua própria autoridade. Mas vocês receberão poder, ao descer sobre vocês o Espírito Santo, e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra." Depois de ter dito isso, Jesus foi elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos. E, estando eles com os olhos fixos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois homens vestidos de branco se puseram ao lado deles e lhes disseram: "Homens da Galileia, por que vocês estão olhando para as alturas? Esse Jesus que foi levado do meio de vocês para o céu virá do modo como vocês o viram subir."

Cristo disse àqueles que estavam com ele que não cabia a eles conhecerem tempos ou épocas que foram fixadas pelo Pai. Observa-se que Deus Pai fixou um tempo para eventos escatológicos ocorrerem, mas isso cabe apenas a ele. Não foi concedido ao ser humano (nem mesmo aos apóstolos) saber quaisquer coisas referentes aos tempos e épocas do "calendário divino". Provavelmente, essa é uma das razões pelas quais várias referências a tempo futuro aparecem em termos simbólicos na Bíblia.

Jesus voltará da mesma forma em que ele foi visto ascender. A segunda vinda de Cristo não pode ser determinada pelo ser humano e virá a partir do céu, em meio às nuvens.

1.5.2. ATOS 2:14-21

> Então Pedro se levantou, junto com os onze, e, erguendo a voz, dirigiu-se à multidão nestes termos: "Homens da Judeia e todos vocês que moram em Jerusalém, tomem conhecimento disto e prestem atenção no que vou dizer. Estes homens não estão bêbados, como vocês estão pensando, porque são apenas nove horas da manhã. Mas o que está acontecendo é o que foi dito por meio do profeta Joel: 'E acontecerá nos últimos dias, diz Deus, que derramarei o meu Espírito sobre toda a humanidade. Os filhos e as filhas de vocês profetizarão, os seus jovens terão visões, e os seus velhos sonharão. Até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei o meu Espírito naqueles dias, e profetizarão. Mostrarei prodígios em cima no céu e sinais embaixo na terra: sangue, fogo e nuvens de fumaça. O sol se transformará em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e glorioso Dia do Senhor. E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.'"

Pedro afirmou que a profecia de Joel 2:28-32 estava sendo cumprida naquele momento. Ele citou toda a profecia, e não apenas parte – o que indica que a parte que diz respeito aos prodígios, sinais, escurecimento do Sol, etc., também estava se cumprindo naquela época. Isso implica que os "últimos dias" correspondem à época dos apóstolos, no primeiro século. Assim, o derramamento do Espírito já foi concretizado naquela época, o que faz total sentido com todo o Livro de Atos dos Apóstolos e as epístolas às igrejas do primeiro século. Assim, o derramamento do Espírito corresponde à época de profecias e visões que ocorria enquanto a igreja primitiva se espalhava no primeiro século. Aos cristãos primitivos foram concedidos dons espirituais, revelações e profecias pelo Espírito.

Como toda a profecia em Joel 2:28-32 estava se cumprindo naquela época, conforme Pedro afirmou, devemos entender dessa forma. Pelo contexto, os prodígios, sinais e o "dia do Senhor" descritos em Atos 2:19-21 não são uma aplicação para um futuro que ainda não ocorreu, mas para algo que ocorreu na época da igreja primitiva. Jesus aplicou uma linguagem de "dia do Senhor" para o fim do templo e de Jerusalém (veja a análise em 1.1.28. Mateus 24:1-35, 1.2.9. Marcos 13:1-31 e 1.3.20. Lucas 21:5-36). Assim, é mais coerente afirmar que a profecia de Joel citada por Pedro sobre o derramamento do Espírito se cumpriu na igreja primitiva e que a linguagem cataclísmica e o "dia do Senhor" correspondem à queda de Jerusalém, o que implica em um "fim do mundo judeu" (aliás, os sinais de "sangue, fogo e nuvens de fumaça" são bem típicos da ruína de uma cidade por uma guerra). No contexto de Joel 2, embora o povo tenha se arrependido e Deus tenha removido a ameaça do exército que estava por vir (o que também era um "dia do Senhor" que viria contra Israel se não se arrependesse), ainda assim outro acerto de contas – outro "dia do Senhor" – estava por vir: o dia em que Jerusalém e o templo foram destruídos em 70 d.C.

1.5.3. ATOS 2:24-35

> Porém Deus o ressuscitou, livrando-o da agonia da morte, porque não era possível que fosse retido por ela. Porque Davi fala a respeito dele, dizendo: "Eu sempre via o Senhor diante de mim, porque ele está à minha

> direita, para que eu não seja abalado. Por isso, o meu coração se alegra e a minha língua exulta; além disto, também a minha própria carne repousará em esperança, porque não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção. Fizeste-me conhecer os caminhos da vida, e me encherás de alegria na tua presença." Irmãos, permitam-me falar-lhes claramente a respeito do patriarca Davi: ele morreu e foi sepultado, e o seu túmulo permanece entre nós até hoje. Sendo, pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono, prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção. Deus ressuscitou este Jesus, e disto todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à direita de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vocês estão vendo e ouvindo. Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo afirma: "Disse o Senhor ao meu Senhor: 'Sente-se à minha direita, até que eu ponha os seus inimigos por estrado dos seus pés.'"

A palavra traduzida como "morte" é *hades*. Conforme a profecia de Davi no Salmo 16:8-11 citada por Pedro, a alma de Cristo não foi abandonada no mundo dos mortos e nem seu corpo sofreu decomposição. O sentido de "deixar a alma na morte", conforme o termo grego *egkataleipo*, é "abandonar a alma no mundo dos mortos". Assim, o texto não está negando que a alma de Cristo foi para o mundo dos mortos, mas está declarando que não foi deixada para trás lá. A alma de Jesus esteve no *hades* por "apenas" três dias (Mateus 12:40).

Diferentemente de Davi, que morreu e foi sepultado e permaneceu em seu túmulo até aquele momento, Cristo ressuscitou e foi ao céu para ser entronizado à destra de Deus. Cristo reina a partir do céu. Isso não ocorreu com Davi. No contexto, o argumento do apóstolo foi que o salmo profético predisse a ressurreição e entronização do Messias, uma vez que Davi não poderia ter falado sobre si mesmo porque seu corpo ainda estava em seu túmulo (Atos 2:29). Assim, a expressão "Porque Davi não subiu aos céus" tem a ver com o corpo de Davi, não impossibilitando o entendimento que a alma de Davi possa estar no céu. A audiência de Pedro podia constatar, portanto, que o corpo de Davi ainda estava em seu túmulo sem ser perturbado, mas o corpo de Cristo foi ao céu por ter sido ressuscitado, sendo que os apóstolos foram testemunhas oculares disso. Assim, Cristo cumpriu o Salmo 16, e não Davi, e isso foi usado pelo Espírito Santo por meio de Pedro como prova aos ouvintes que Jesus é o Messias.

1.5.4. ATOS 7:55-60

> Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus e Jesus, que estava à direita de Deus. Então disse: "Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, em pé à direita de Deus." Eles, porém, gritando bem alto, taparam os ouvidos e, unânimes, avançaram contra ele. E, expulsando-o da cidade, o apedrejaram. As testemunhas deixaram as capas deles aos pés de um jovem chamado Saulo. E enquanto o apedrejavam, Estêvão orava, dizendo: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito!" Então, ajoelhando-se, gritou bem alto: "Senhor, não os condenes por causa deste pecado!" E, depois que disse isso, morreu.

Estêvão, antes de ser apedrejado, viu os céus abertos e o Filho do Homem, Jesus, à destra de Deus Pai. Essa linguagem é similar à linguagem como vários "dias do Senhor" são apresentados na Bíblia. Tal linguagem descreve uma visitação de Deus em julgamento, com salvação para fiéis e punição para ímpios, como em Lucas 21:27, Mateus 24:30 e Marcos 13:26. Para Estêvão, no entanto, a vinda do Senhor foi para salvação, para recebê-lo no céu, e não para juízo.

Pouco antes de morrer apedrejado, Estêvão imitou a atitude de Jesus na cruz (Lucas 23:46) e confiou seu espírito a Jesus Cristo. Jesus, portanto, assim como Deus Pai (Eclesiastes 12:7), recebe os espíritos dos fiéis mortos. Quanto à distinção entre alma e espírito, ver 1.1.10. Mateus 10:28.

A palavra traduzida como "morreu" significa "adormeceu". Como em Mateus 9:23-25, Marcos 5:39 e Lucas 8:51-53 com a filha de Jairo, e em João 11:11-15 com Lázaro, Estêvão claramente morreu após o apedrejamento, mas Lucas usou o termo "adormeceu". A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. Quanto à questão de o sono poder se referir a uma inconsciência dos mortos, ver 1.1.19. Mateus 17:1-9.

1.5.5. ATOS 13:34-37

> E quanto ao fato de que o ressuscitaria dos mortos para que jamais voltasse à corrupção, Deus o expressou desta maneira: "E cumprirei a favor de vocês as santas e fiéis promessas feitas a Davi." Por isso, também diz em outro salmo: "Não permitirás que o teu Santo veja corrupção." Porque tendo Davi, no seu tempo, servido conforme o plano de Deus, morreu, foi sepultado ao lado de seus pais e viu corrupção. Porém aquele a quem Deus ressuscitou não viu corrupção.

Assim como o discurso de Pedro em Atos 2:24-35, citando Isaías 55:3, Paulo atestou que as promessas feitas a Davi foram cumpridas a favor dos fiéis em Cristo. Diferentemente de Davi, que morreu e foi sepultado e seu corpo permaneceu em seu túmulo até aquele momento, Cristo ressuscitou e foi ao céu para ser entronizado à destra de Deus. No contexto, o argumento de Paulo foi a ressurreição e entronização do Messias, uma vez que Davi não poderia ter falado sobre si mesmo porque seu corpo ainda estava em seu túmulo – a audiência podia constatar que o corpo de Davi ainda estava em seu túmulo sem ser perturbado, mas o corpo de Cristo foi ao céu por ter sido ressuscitado, sendo que os apóstolos foram testemunhas oculares disso. Assim, Cristo cumpriu o Salmo 16, e não Davi, e esse argumento foi usado pelo apóstolo como prova aos ouvintes de que Jesus é o Messias. Davi tinha um trabalho a fazer limitado à sua própria geração e, quando esse trabalho foi concluído, ele morreu e viu corrupção. Mas Cristo tinha uma obra a realizar por gerações eternas e, assim, ele ressuscitou e não viu corrupção.

A palavra "morreu" aplicada a Davi significa "adormeceu". Como em Mateus 9:23-25, Marcos 5:39 e Lucas 8:51-53 com a filha de Jairo, em João 11:11-15 com Lázaro, e em Atos 7:59-60 com Estêvão, a morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus.

Paulo declarou que Davi foi "sepultado ao lado de seus pais". Isso pode significar que o túmulo de Davi foi colocado próximo ao túmulo dos seus antecessores. No entanto, provavelmente, essa expressão carrega a mesma conotação da frequente expressão "morreu e foi reunido a seus antepassados" aplicada a vários personagens do Antigo Testamento, tais como Abraão, Ismael, Jacó, etc. Abraão morreu e foi sepultado longe de seus antecessores, os quais se encontravam na Mesopotâmia, mas ainda assim Gênesis 25:8 declara que ele foi reunido a seus pais na morte. Expressões similares a "morreu e foi reunido a seus antepassados" foram aplicadas indiferentemente a fiéis e infiéis. Sendo assim, não se pode presumir que apenas os fiéis mortos são reunidos novamente após a morte. Alguns dos pais de Abraão, particularmente Naor, seu avô, viveram e morreram como idólatras. Não se pode presumir, com qualquer garantia das Escrituras, que suas almas tenham ido para um lugar de felicidade.

Uma das formas que a Bíblia retrata o *sheol*/*hades* é que ali os mortos são reunidos a seus antepassados ou povos – uma expressão hebraica bem conhecida, tal como em Gênesis 15:15, Gênesis 25:8 e Juízes 2:10. As Escrituras às vezes apresentam o *sheol*/*hades* como sendo o estado atual de morte e, nesse sentido, tanto fiéis quanto os ímpios vão para lá (Eclesiastes 9:2-6) – todos aqueles que morrem fisicamente, inclusive os antepassados de alguém. Dessa forma, os mortos são sempre reunidos a seus antecessores e a seu povo. Pode ser também que, no mundo dos mortos, as almas dos falecidos sejam de fato reunidas a seus antecessores de alguma forma.

1.5.6. ATOS 17:31

> Porque Deus estabeleceu um dia em que julgará o mundo com justiça, por meio de um homem que escolheu.
> E deu certeza disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos.

Referindo-se a Jesus, o apóstolo Paulo afirmou que ele foi aquele a quem Deus escolheu para julgar o mundo com justiça em "um dia" – o julgamento que se segue à sua segunda vinda. Essa certeza foi dada por meio de sua ressurreição.

1.5.7. ATOS 24:15

> tendo esperança em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos.

Haverá ressurreição de justificados e não justificados. O texto fala de uma ressurreição singular de forma coletiva para todos, justos e injustos.

1.5.8. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE ATOS DOS APÓSTOLOS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Atos dos Apóstolos, as informações são:

- Atos 1:6-11: não foi concedido ao ser humano (nem mesmo aos apóstolos) saber quaisquer coisas referentes aos tempos e épocas do "calendário divino". Provavelmente, essa é uma das razões pelas quais várias referências a tempo futuro aparecem em termos simbólicos na Bíblia. A segunda vinda de Cristo não pode ser determinada pelo ser humano e virá a partir do céu em meio às nuvens;

- Atos 2:14-21: toda a profecia de Joel 2:28-32 foi cumprida na época da igreja primitiva, inclusive os prodígios, sinais, escurecimento do Sol, etc. Os "últimos dias" correspondem à época dos apóstolos, no primeiro século. O derramamento do Espírito se cumpriu na igreja primitiva com dons espirituais, revelações e profecias da parte dos cristãos primitivos. A linguagem cataclísmica e o "dia do Senhor" correspondem à queda de Jerusalém e implicam em um "fim do mundo judeu";

- Atos 2:24-35: a expressão "Porque Davi não subiu aos céus" tem a ver com o corpo de Davi, não impossibilitando o entendimento de que a alma de Davi possa estar no céu. Cristo é o Messias por ter cumprido o Salmo 16. Sua alma não foi abandonada no mundo dos mortos, esteve lá "apenas" por três dias (Mateus 12:40), e seu corpo foi ressurreto, com testemunho ocular dos apóstolos. O corpo de Davi permaneceu em seu túmulo e não foi ao céu como ocorreu com o corpo de Cristo;

- Atos 7:55-60: Estêvão, antes de ser apedrejado, viu os céus abertos e o Filho do Homem, Jesus, à destra de Deus Pai. Essa é a linguagem de um "dia do Senhor" como vários na Bíblia. Tal linguagem descreve uma visitação de Deus em julgamento, com salvação para fiéis e punição para ímpios, como em Lucas 21:27, Mateus 24:30 e Marcos 13:26. Para Estêvão, no entanto, a vinda do Senhor foi para salvação, para recebê-lo no céu, e não para juízo. Jesus, assim como Deus Pai (Eclesiastes 12:7), recebe os espíritos dos fiéis mortos. A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus;

- Atos 13:34-37: Cristo cumpriu o Salmo 16, e não Davi, e esse argumento foi usado pelo apóstolo Paulo como prova aos ouvintes de que Jesus é o Messias. Davi tinha um trabalho a fazer limitado à sua própria geração e, quando esse trabalho foi concluído, ele morreu e viu corrupção (decomposição do seu corpo). Mas Cristo tinha uma obra a realizar por gerações eternas e, assim, ele ressuscitou e não viu corrupção. A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. O *sheol/hades* representa o estado atual de morte e, nesse sentido, todos aqueles que morrem fisicamente vão para lá (Eclesiastes 9:2-6), inclusive os antepassados de alguém. Dessa forma, os mortos são sempre reunidos a seus antecessores e a seu povo. Pode ser também que, no mundo dos mortos, as almas dos falecidos sejam de fato reunidas a seus antecessores de alguma forma;

- Atos 17:31: Deus escolheu Jesus para julgar o mundo com justiça no julgamento que se segue à sua segunda vinda.

- Atos 24:15: haverá uma ressurreição singular e coletiva para justificados e não justificados.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Existem vários "dias do Senhor" na Bíblia, os quais significam uma visitação de Deus em julgamento, com salvação para fiéis e punição para ímpios. Estêvão, antes de ser apedrejado, viu os céus abertos e o Filho do

Homem, Jesus, à destra de Deus Pai. Para Estêvão, no entanto, a vinda do Senhor foi para salvação, para recebê-lo no céu, e não para juízo.

A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação: morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. Uma das formas das Escrituras apresentarem o *sheol*/*hades* é como a representação do estado atual de morte e, nesse sentido, todos aqueles que morrem fisicamente vão para lá, inclusive os antepassados de alguém. Dessa forma, os mortos são sempre reunidos a seus antecessores e a seu povo. Pode ser também que, no mundo dos mortos, as almas dos falecidos sejam de fato reunidas a seus antecessores de alguma forma.

Cristo é o Messias por ter cumprido o Salmo 16, o qual foi escrito por Davi. A alma de Jesus não foi abandonada no mundo dos mortos, esteve lá "apenas" por três dias, e seu corpo foi ressurreto, com testemunho ocular dos apóstolos. A expressão "Porque Davi não subiu aos céus" tem a ver com o corpo de Davi, ou seja, seu corpo não foi ao céu como o corpo de Cristo – tal expressão não impossibilita o entendimento de que a alma de Davi, sem o corpo, possa estar no céu. Diferentemente do corpo de Davi, o corpo de Cristo foi ao céu e não permaneceu em seu túmulo. Davi tinha um trabalho a fazer limitado à sua própria geração e, quando esse trabalho foi concluído, ele morreu e viu corrupção (decomposição do seu corpo). Mas Cristo tinha uma obra a realizar por gerações eternas e, assim, ele ressuscitou e não viu corrupção. Logo, Davi não falou de si mesmo, mas, sendo profeta, profetizou a respeito de Cristo.

Jesus, assim como Deus Pai, recebe os espíritos dos fiéis mortos.

Conforme profetizado pelo profeta Joel em Joel 2:28-32, o Espírito Santo foi derramado sobre os cristãos do primeiro século, permitindo a eles a realização de sinais, prodígios, dons espirituais, revelações e profecias. A linguagem cataclísmica da profecia de Joel se cumpriu na destruição de Jerusalém e do templo, em 70 d.C. Isso foi um "fim do mundo" para os judeus. A época da igreja primitiva já era considerada como os "últimos dias", os quais continuam até Cristo voltar.

Não foi concedido ao ser humano (nem mesmo aos apóstolos) saber quaisquer coisas referentes aos tempos e épocas do "calendário divino". Provavelmente, essa é uma das razões pelas quais várias referências a tempo futuro aparecem em termos simbólicos na Bíblia. Deus escolheu Jesus para julgar o mundo com justiça no julgamento que se segue à sua segunda vinda, a qual será inesperada e virá a partir dos céus em meio às nuvens. Na segunda vinda de Cristo haverá uma ressurreição singular e coletiva de justificados e não justificados.

1.6. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA EPÍSTOLA AOS ROMANOS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas da Epístola aos Romanos. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.6.1. ROMANOS 8:19-23

> A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não por sua própria vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será libertada do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo.

A maior dificuldade dessa passagem está em determinar o que significa a palavra "criação". Para tanto, vejamos algumas considerações importantes:

- A palavra grega traduzida como "criação", *ktisis*, pode significar o ato de criar, a criação como um todo (o mundo físico em geral, com coisas inanimadas, plantas, animais, etc.) ou alguma criatura (no contexto, a criatura seria o ser humano). Obviamente, o significado de "ato de criar" pode ser descartado por não se encaixar no contexto da passagem;

- Se Paulo estiver falando do mundo físico em geral, ele o está personificando, uma vez que coisas inanimadas não possuem sentimentos de expectativa, não gemem e nem se angustiam. Além do mais, Pedro afirma que as coisas inanimadas serão destruídas na segunda vinda de Cristo (2 Pedro 3:7,10-11) e não libertas da corrupção (deterioração/decomposição/perecimento), a não ser que a destruição da criação possa ser considerada como o livramento da corrupção aqui referida;

- A "revelação dos filhos de Deus", no contexto, significa a ressurreição dos mortos com os corpos glorificados. Não faz sentido que a criação represente pessoas não convertidas, uma vez que elas não têm uma ardente expectativa em ver os cristãos glorificados. Os não convertidos ao Senhor tendem a não gostar de obedecer ao evangelho e, assim, não podem ter uma ardente expectativa pela manifestação dos cristãos em glória. Além do mais, as pessoas não convertidas estão, em última análise, sujeitas à vaidade (uma vida vã) por causa de sua própria escolha de permanecer em pecado, e não pela vontade de Deus;

- A "criação" não pode ser os cristãos porque Paulo diferencia a criação de "também nós" (cristãos) no verso 23;

- O senso comum demonstra que a criação sofre (conforme o verso 22, "Porque sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora").

A explicação mais razoável é que Paulo personificou a criação material, mais especificamente o ambiente onde vive o ser humano, representando-a como possuindo um desejo ardente de ver os cristãos manifestados em glória na ressurreição dos mortos. Quando isso ocorrer, as coisas terrestres terão cumprido seu propósito e serão desfeitas, sendo que os fiéis obterão sua recompensa total em novos céus e nova terra (2 Pedro 3:13; Apocalipse 21:1) com corpos glorificados como o de Cristo (Filipenses 3:20-21).

O ambiente onde vive o ser humano, a criação, acaba sofrendo por causa da perversidade e depravação do próprio ser humano. A criação foi feita para o ser humano, mas ele a utiliza para seus propósitos egoístas e maus. Obviamente, a criação, se tivesse vontade própria, não gostaria de ser exposta a tal vaidade e corrupção, razão pela qual o apóstolo a personificou como estando em sofrimento e angústia. A libertação da criação desse "cativeiro da corrupção" é o momento em que seu propósito estará cumprido e que ela finalmente será desfeita, e isso apenas ocorrerá quando os filhos de Deus se manifestarem em glória, ou seja, na ressurreição dos mortos. É como se a criação aguardasse esse evento ansiosamente para ter livramento da angústia que o homem inflige a ela, de forma que a criação possa "morrer em paz".

Um bom exemplo de como entender essa passagem encontra-se no Salmo 114. Ali o escritor inspirado descreve a libertação do povo de Deus da escravidão egípcia. Em conjunto com esse evento glorioso, vários elementos da criação são descritos como cooperando e se regozijando com a liberdade de Israel. O mar viu e fugiu, as montanhas saltaram como carneiros, as colinas brincaram como cordeirinhos, e a terra tremeu. O Antigo Testamento está repleto desse tipo de simbolismo, tal como Salmo 96:12, Salmo 98:8, Isaías 35:1 e Isaías 55:12 – ninguém afirmaria que a linguagem nessas passagens é literal. Romanos 8:19-23 provavelmente deve ser interpretado de maneira semelhante: os filhos de Deus são manifestos em glória após a ressurreição dos mortos e a criação personificada se regozija.

1.6.2. ROMANOS 10:6-7

> Mas a justiça que procede da fé afirma o seguinte: "Não pergunte em seu coração: quem subirá ao céu?", isto é, para trazer Cristo lá do alto; ou: "Quem descerá ao abismo?", isto é, para levantar Cristo dentre os mortos.

Paulo ilustrou que a justificação por meio da fé é acessível, não sendo necessária uma busca longa e difícil, e nem atos heroicos. O apóstolo citou a linguagem de Deuteronômio 30:11-14 que, no seu contexto original, se referia à graça de Deus por deixar seus mandamentos acessíveis para Israel. Semelhantemente, em Cristo, Deus fez sua justificação acessível. Ele pôs o caminho da salvação dentro de um alcance fácil para o ser humano: não é algo difícil ou impossível. Não há necessidade de tomar a habitação do céu por força e nem ir ao maior abismo do mundo dos mortos para receber salvação em Cristo – a salvação não está nem em lugar remoto e nem indisponível.

A figura empregada pelo apóstolo como cenário de sua ilustração tem relação com a descrição da localização do *sheol*/*hades* no Antigo Testamento: um local nas profundezas da terra com um abismo próximo às maiores profundezas das águas.

1.6.3. ROMANOS 11:25-32

> Porque não quero, irmãos, que vocês ignorem este mistério, para que não fiquem pensando que são sábios: veio um endurecimento em parte a Israel, até que tenha entrado a plenitude dos gentios. E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: "O Libertador virá de Sião e afastará de Jacó as impiedades. Esta é a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados." Quanto ao evangelho, eles são inimigos por causa de vocês; mas quanto à eleição, amados por causa dos patriarcas; porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis. Porque assim como no passado vocês foram desobedientes a Deus, mas agora alcançaram misericórdia à vista da desobediência deles, assim também estes agora foram desobedientes, para que também eles alcancem misericórdia, à vista da que foi concedida a vocês. Porque Deus encerrou todos na desobediência, a fim de mostrar a sua misericórdia a todos.

Antes de explicar essa passagem, devemos fazer algumas considerações tendo em vista o contexto:

- É extremamente importante lembrar a distinção entre o Israel físico (carnal) e o verdadeiro Israel (espiritual). O Israel espiritual, o qual é o verdadeiro Israel, o "todo Israel" que será salvo, representa todos aqueles que creem no evangelho e o obedecem (Romanos 9:6-8,27-29; 10:21-11:2; 11:7; Isaías 65:13-16), sejam gentios ou judeus. A Igreja é o verdadeiro Israel, e esse é um ponto crucial para entender profecias do Antigo Testamento;

- Dentro do Israel físico (carnal), existiram judeus que rejeitaram o evangelho e judeus que o aceitaram. O endurecimento da nação de Israel (o Israel físico) foi parcial porque não foram todos os judeus que rejeitaram o evangelho. Aqueles que o rejeitaram, na verdade, não são o verdadeiro Israel. Aqueles que o aceitaram fazem parte do verdadeiro Israel (o Israel espiritual) – e nele estão inclusos também os gentios que aceitaram o evangelho;

- Paulo não pode estar fazendo uma distinção entre o modo pelo qual os judeus e os gentios serão salvos, uma vez que ele tem estado salientando que eles são uma mesma oliveira (Romanos 11:16-21). O apóstolo não afirmou que os judeus podem ser salvos com um plano de redenção diferente do evangelho, uma vez que ele tinha acabado de dizer que os judeus que o rejeitaram serão reenxertados se não continuarem em incredulidade. Uma vez que a Nova Aliança entrou em vigor e a Antiga Aliança foi rejeitada, existe apenas um meio de salvação, o qual é evangelho, seja para judeu, seja para gentio. Judeus podem ser salvos apenas se tornando cristãos;

- Não é possível que Paulo tenha afirmado a salvação de todos os judeus do Israel físico, pois muitos deles morreram sem salvação. Novamente, um verdadeiro judeu é aquele que crê no evangelho e o obedece, tornando-se cristão;

- Paulo afirmou que a salvação do verdadeiro Israel (o espiritual) ocorreu por meio de um endurecimento parcial da nação física de Israel. Os judeus que rejeitaram o evangelho fizeram o cristianismo se espalhar pelo mundo. É uma salvação espiritual, não uma salvação política, ou seja, da nação inteira;

- É certo que Deus não revogará seus dons e vocação, mas é importante lembrar que nem todo Israel é Israel: o Israel da promessa é o remanescente dos judeus que creu no evangelho – judeus que se tornaram cristãos. Eles são o Israel espiritual, o qual inclui também gentios salvos;

- Os gentios foram desobedientes, mas vindo o evangelho que foi pregado primeiramente para os judeus e rejeitado por parte deles, os gentios passaram a recebê-lo, sendo salvos. O evangelho se espalhou às demais nações justamente por causa da rejeição dos judeus incrédulos;

- A esperança é que os judeus que não aceitaram o evangelho passem a querer a salvação que os gentios receberam pelo mesmo evangelho que antes foi pregado a eles e rejeitado, de modo que também recebam misericórdia;

- O desejo geral de Deus é que todos os seres humanos recebam misericórdia por meio do mesmo evangelho, o poder de Deus para salvação (Romanos 1:16-17).

Portanto, o evangelho foi pregado, primeiramente, à nação de Israel. Uma parte dela rejeitou o evangelho, e outra parte o aceitou. Os judeus que rejeitaram o evangelho não são o verdadeiro Israel. Os judeus que aceitaram o evangelho são o verdadeiro Israel, e nele se incluem também os gentios que o aceitaram (Romanos 11:26-27). Assim, o endurecimento da nação de Israel foi parcial.

A parte endurecida da nação, os judeus incrédulos, fez com que o evangelho fosse pregado às outras nações, os gentios. Os judeus que rejeitaram o evangelho, ao perceberem que os gentios estavam sendo salvos, podem cair em si e se converter a Cristo para salvação (Romanos 11:25). É assim que "todo o Israel será salvo", uma vez que faz parte de "todo o Israel" (o Israel verdadeiro, espiritual) todo aquele que crê no evangelho e o obedece, seja judeu, seja gentio (Romanos 11:26-27). A Igreja é o cumprimento do Israel físico, o verdadeiro Israel, e esse é um ponto crucial para entender profecias do Antigo Testamento. O judaísmo foi finalmente rejeitado por Deus na destruição do templo em 70 d.C., e a vinda da Nova Aliança tornou a Igreja no cumprimento do verdadeiro Israel, sendo que a Igreja possui a proteção e as bênçãos do Senhor, além de herdar suas promessas.

Há muitas interpretações erradas de Romanos 11 por causa da falta de consideração do contexto, o qual prova que Paulo não disse que toda a nação física de Israel ainda será salva, e nem disse que os judeus que rejeitaram o evangelho serão salvos. Tampouco o reino físico de Israel será restaurado em uma posição de primazia na Terra. Paulo já tinha mostrado que o verdadeiro Israel não é o povo carnal, mas o povo espiritual (Romanos 2:28-29; 9:6-8; compare com Gálatas 3:29).

Os judeus incrédulos (aqueles que não se converteram a Cristo), na verdade, são inimigos em relação ao evangelho, pois o rejeitaram. Considerando o que fizeram ao matar Jesus, tentar destruir a Igreja, o evangelho, e até mesmo os cristãos, é de se admirar que não tenham sido erradicados pelo Senhor de imediato. Isso leva à segunda parte de Romanos 11:28, onde Paulo escreveu: "mas quanto à eleição, amados por causa dos patriarcas". A "eleição" não se refere à salvação desses judeus, e nem se refere a uma restauração física do reino de Israel, mas ao fato de que Deus elegeu a nação de Israel como a nação pela qual seu plano de redenção seria cumprido. Apesar de haver judeus incrédulos, ainda assim foi por meio deles que Deus cumpriu as promessas aos patriarcas (Romanos 11:28-29).

O reino de Israel, certamente, não era amado por causa de sua obediência ao Senhor e nem por causa de seu amor por ele, pois Israel deixou muito a desejar nesses aspectos. Paulo afirmou que Israel era amado por causa dos patriarcas, ou seja, os pais da nação – especialmente Abraão (Tiago 2:23, veja também 2 Crônicas 20:7 e Isaías 41:8). Deus fez promessas a Abraão e não faltou com sua palavra "porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis" (Romanos 11:29; Números 23:19). O termo "irrevogáveis" é a tradução de um termo grego para arrependimento. Arrepender-se significa, basicamente, mudar de opinião. Deus não mudou de opinião quanto a cumprir as promessas feitas a Abraão, ainda que os descendentes dele não tenham sido o que deveriam ser. Deus cumpriu cada promessa feita aos judeus. Sendo assim, Romanos 11:28 pode ser entendido como: "Quanto ao evangelho, são eles (os judeus incrédulos) inimigos (merecem castigo). Quanto, porém, à eleição, amados por causa dos patriarcas (por isso Deus deu a eles nova oportunidade para ouvir e aceitar o evangelho)". A despeito das coisas desprezíveis que os judeus fizeram, Deus ainda quer que eles sejam salvos por meio de Jesus.

Não obstante, o sistema judaico e o templo foram completamente rejeitados com a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. A salvação de judeus somente é possível por meio da fé deles no evangelho (Romanos 11:26-27), como mostram as citações do Antigo Testamento (por exemplo, Isaías 59:20-21 mostra a salvação daqueles que se convertem em um contexto que demonstra a culpa dos judeus rebeldes). Para que esses judeus carnais sejam salvos, os termos são os mesmos da salvação dos gentios: aqueles que deixarem sua desobediência e confiarem na misericórdia de Deus oferecida pela obediência ao evangelho serão salvos (Romanos 11:30-32).

1.6.4. ROMANOS 14:9-12

> Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e tornou a viver: para ser Senhor tanto de mortos como de vivos. Você, porém, por que julga o seu irmão? E você, por que despreza o seu irmão? Pois todos temos de comparecer diante do tribunal de Deus. Como está escrito: "Por minha vida, diz o Senhor, diante de mim se

> dobrará todo joelho, e toda língua dará louvores a Deus." Assim, pois, cada um de nós prestará contas de si mesmo diante de Deus.

Cristo é soberano tanto sobre vivos quanto sobre mortos. Toda a autoridade foi dada a ele por Deus Pai, tanto nos céus quanto na terra (Mateus 28:18). Mesmo aqueles que morreram fisicamente e se encontram no mundo dos mortos permanecem sob seu domínio.

Citando Isaías 45:23, o apóstolo Paulo afirmou que, no juízo final, todos dobrarão seus joelhos diante de Deus e renderão louvores a ele. O julgamento é individual. A implicação é que cada pessoa reconhecerá que o juízo de Deus é correto e que Deus faz justiça.

1.6.5. ROMANOS 16:20

> E o Deus da paz, em breve, esmagará Satanás debaixo dos pés de vocês. A graça de nosso Senhor Jesus esteja com vocês.

No contexto estabelecido pelos versos anteriores (Romanos 16:1-19), essa passagem afirma que a obediência e a prática cristã protegem as pessoas dos ardis de Satanás. É nesse sentido que Satanás é "esmagado embaixo dos pés dos cristãos". Paulo pode ter se inspirado em Gênesis 3:15 para se expressar dessa forma, mas tal passagem não deve ser tomada como literalmente cumprida aqui.

1.6.6. ESCATOLOGIA DA EPÍSTOLA AOS ROMANOS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos na Epístola aos Romanos, as informações são:

- Romanos 8:19-23: a criação material, mais especificamente o ambiente onde vive o ser humano, é representada como possuindo um desejo ardente de ver os cristãos manifestados em glória na ressurreição dos mortos. Quando isso ocorrer, as coisas terrestres terão cumprido seu propósito e serão desfeitas, sendo que os fiéis obterão sua recompensa total em novos céus e nova terra (2 Pedro 3:13; Apocalipse 21:1) com corpos glorificados como o de Cristo (Filipenses 3:20-21). É como se a criação aguardasse esse evento ansiosamente para ter livramento da angústia que o homem inflige a ela e poder "morrer em paz" com seu propósito cumprido;

- Romanos 10:6-7: Deus fez sua justificação acessível em Cristo, pois o caminho da salvação está dentro de um alcance fácil para o ser humano. Não há necessidade de tomar a habitação do céu por força e nem ir ao maior abismo do mundo dos mortos para receber salvação em Cristo. O *sheol*/*hades* é descrito como no Antigo Testamento: um local nas profundezas da terra com um abismo próximo às maiores profundezas das águas;

- Romanos 11:25-32: o evangelho foi pregado, primeiramente, à nação de Israel. Uma parte dela rejeitou o evangelho, e outra parte o aceitou. Os judeus que rejeitaram o evangelho não são o verdadeiro Israel. Os judeus que aceitaram o evangelho são o verdadeiro Israel, e nele se incluem também os gentios que o aceitaram (Romanos 11:26-27). Assim, o endurecimento da nação de Israel foi parcial. A parte endurecida da nação, os judeus incrédulos, fizeram com que o evangelho fosse pregado às outras nações, os gentios. Os judeus que rejeitaram o evangelho, ao observar que os gentios estavam sendo salvos, podem cair em si e se converter a Cristo para salvação. É assim que "todo o Israel será salvo", uma vez que faz parte de "todo o Israel" (o Israel verdadeiro, espiritual) todo aquele que crê no evangelho e o obedece, seja judeu, seja gentio. Os judeus incrédulos, na verdade, são inimigos em relação ao evangelho, pois o rejeitaram. Mas ainda assim foi por meio deles que Deus cumpriu as promessas aos patriarcas, pois a nação de Israel foi eleita para que, por meio dela, o plano redentivo de Deus fosse cumprido (Romanos 11:28-29). A salvação de judeus somente é possível por meio da fé deles no evangelho. Para que esses judeus carnais sejam salvos, os termos são os mesmos da salvação dos gentios: aqueles que deixarem sua desobediência e confiarem na misericórdia de Deus oferecida pela obediência ao evangelho serão salvos. A Igreja é o verdadeiro Israel, e esse é um ponto crucial para entender profecias do Antigo Testamento. O judaísmo foi finalmente rejeitado por Deus na destruição

do templo em 70 d.C., e a vinda da Nova Aliança tornou a Igreja no cumprimento do verdadeiro Israel, sendo que a Igreja possui a proteção e as bênçãos do Senhor, além de herdar suas promessas;

- Romanos 14:9-12: até mesmo aqueles que morreram fisicamente e se encontram no mundo dos mortos permanecem sob o domínio de Cristo. No juízo final, todos dobrarão seus joelhos diante de Deus e renderão louvores a ele. O julgamento é individual. A implicação é que cada pessoa reconhecerá que o juízo de Deus é correto e que Deus faz justiça;

- Romanos 16:20: a obediência e a prática cristã protegem as pessoas dos ardis de Satanás.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Deus fez sua justificação acessível em Cristo, pois o caminho da salvação está dentro de um alcance fácil para o ser humano. Não há necessidade de tomar a habitação do céu por força e nem ir ao maior abismo do mundo dos mortos para receber salvação em Cristo. A obediência e a prática cristã protegem as pessoas dos ardis de Satanás.

O evangelho foi pregado, primeiramente, à nação de Israel. Uma parte dela rejeitou o evangelho, e outra parte o aceitou. Os judeus que rejeitaram o evangelho não são o verdadeiro Israel. Os judeus que aceitaram o evangelho são o verdadeiro Israel, e nele se incluem também os gentios que o aceitaram (Romanos 11:26-27). Assim, o endurecimento da nação de Israel foi parcial. A parte endurecida da nação, os judeus incrédulos, fizeram com que o evangelho fosse pregado às outras nações, os gentios. Os judeus que rejeitaram o evangelho, ao observar que os gentios estavam sendo salvos, podem cair em si e se converter a Cristo para salvação. É assim que "todo o Israel será salvo", uma vez que faz parte de "todo o Israel" (o Israel verdadeiro, espiritual) todo aquele que crê no evangelho e o obedece, seja judeu, seja gentio. Os judeus incrédulos, na verdade, são inimigos em relação ao evangelho, pois o rejeitaram. Mas ainda assim foi por meio deles que Deus cumpriu as promessas aos patriarcas, pois a nação de Israel foi eleita para que, por meio dela, o plano redentivo de Deus fosse cumprido (Romanos 11:28-29). A salvação de judeus somente é possível por meio da fé deles no evangelho. Para que esses judeus carnais sejam salvos, os termos são os mesmos da salvação dos gentios: aqueles que deixarem sua desobediência e confiarem na misericórdia de Deus oferecida pela obediência ao evangelho serão salvos. A Igreja é o verdadeiro Israel, e esse é um ponto crucial para entender profecias do Antigo Testamento. O judaísmo foi finalmente rejeitado por Deus na destruição do templo em 70 d.C., e a vinda da Nova Aliança tornou a Igreja no cumprimento do verdadeiro Israel, sendo que a Igreja possui a proteção e as bênçãos do Senhor, além de herdar suas promessas.

Até mesmo aqueles que morreram fisicamente e se encontram no mundo dos mortos permanecem sob o domínio de Cristo. O *sheol*/*hades* é descrito como no Antigo Testamento: um local nas profundezas da terra com um abismo próximo às maiores profundezas das águas.

No juízo final, todos dobrarão seus joelhos diante de Deus e renderão louvores a ele. O julgamento é individual. A implicação é que cada pessoa reconhecerá que o juízo de Deus é correto e que Deus faz justiça.

A criação material, mais especificamente o ambiente onde vive o ser humano, é representada como possuindo um desejo ardente de ver os cristãos manifestados em glória na ressurreição dos mortos. Quando isso ocorrer, as coisas terrestres terão cumprido seu propósito e serão desfeitas, sendo que os fiéis obterão sua recompensa total em novos céus e nova terra (2 Pedro 3:13; Apocalipse 21:1) com corpos glorificados como o de Cristo (Filipenses 3:20-21). É como se a criação aguardasse esse evento ansiosamente para ter livramento da angústia que o homem inflige a ela e poder "morrer em paz" com seu propósito cumprido.

1.7. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas da Primeira Epístola aos Coríntios. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.7.1. 1 CORÍNTIOS 3:12-15

> E, se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha, a obra de cada um se tornará manifesta, pois o Dia a demonstrará. Porque será revelada pelo fogo, e o fogo provará qual é a obra de cada um. Se aquilo que alguém edificou sobre o fundamento permanecer, esse receberá recompensa. Se a obra de alguém se queimar, esse sofrerá dano. Porém ele mesmo será salvo, mas como que através do fogo.

O contexto dessa passagem é que uma igreja local é como se fosse um edifício de Deus, composto de Cristo como fundação e daqueles que são trazidos a Cristo como materiais de construção (Efésios 2:19-22; 1 Pedro 2:5).

O dia do juízo final revelará qual o verdadeiro procedimento de cada um diante do padrão da Palavra de Deus. Mas não é necessário aguardar o último dia para saber quem verdadeiramente segue o Senhor. Jesus disse que "pelos seus frutos os conhecereis" (Mateus 7:20). Enquanto em vida, cada um terá sua fé provada pelo "fogo da provação" – as tribulações e tentações. Esse "fogo" demonstra se a pessoa vive de acordo com Deus ou não, pois o fiel obedece a Palavra de Deus mesmo durante os momentos difíceis.

Quem pratica a Palavra de Deus mesmo no fogo das aflições tem uma fé é firme e durável, assim como ouro, prata e pedras preciosas são difíceis de queimar. Quem não o faz tem uma fé fraca, assim como madeira, feno e palha são fáceis de queimar.

Sendo assim, quando cristãos "constroem" uma igreja local, estão trazendo pessoas para mais perto de Cristo. Algumas dessas pessoas serão fortes nos momentos difíceis, obedecendo a Palavra, enquanto outras não. O cristão que trouxe pessoas para mais perto de Cristo estará contente se essas pessoas forem fortes nas provações, sendo esse contentamento uma recompensa para ele.

O cristão que trouxe as pessoas para mais perto de Cristo pode também estar desapontado e triste se essas pessoas falharem nas provações. No entanto, esse cristão que trabalhou para trazer pessoas para mais perto de Cristo também sofrerá provações, e ele será salvo através do fogo das provações se ele se manter fiel – pois assim foi provado. A salvação desse cristão não depende das outras pessoas resistirem ou não ao fogo das provações, mas de sua própria conduta.

Assim, a salvação é individual. O importante é resistir as provações obedecendo a Palavra de Deus e ajudando pessoas a se aproximar de Cristo.

1.7.2. 1 CORÍNTIOS 4:5

> Portanto, não julguem nada antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações.

No julgamento que se segue à segunda vinda de Cristo será revelado se cada um realmente foi fiel ao Senhor (as "coisas ocultas") e quais foram as verdadeiras intenções dos corações.

1.7.3. 1 CORÍNTIOS 6:2-3

> Ou vocês não sabem que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vocês, será que vocês não são competentes para julgar as coisas mínimas? Por acaso vocês não sabem que havemos de julgar os próprios anjos? Quanto mais as coisas desta vida!

No dia do juízo final, os justificados participarão do julgamento de não justificados, e até mesmo de anjos desobedientes.

1.7.4. 1 CORÍNTIOS 10:11

> Estas coisas aconteceram com eles para servir de exemplo e foram escritas como advertência a nós, para quem o fim dos tempos tem chegado.

Os erros cometidos pela nação de Israel na época de Moisés foram um exemplo registrado para advertir os cristãos. O apóstolo Paulo afirmou claramente aos cristãos coríntios do primeiro século que o fim dos tempos já havia chegado. Sendo assim, os cristãos devem tomar cuidado extra para não repetir os pecados dos israelitas. Os últimos dias já estavam presentes desde o primeiro século.

1.7.5. 1 CORÍNTIOS 15:6

> Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria ainda vive; porém alguns já dormem. Depois, foi visto por Tiago e, mais tarde, por todos os apóstolos.

Muitos dos cristãos que foram testemunhas oculares do Cristo ressurreto ainda estavam vivos no momento em que Paulo escreveu a carta de 1 Coríntios, mas alguns morreram. O apóstolo se referiu a eles como já dormindo. A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. Quanto à questão de o sono poder se referir a uma inconsciência dos mortos, ver 1.1.19. Mateus 17:1-9.

1.7.6. 1 CORÍNTIOS 15:16-19

> Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a fé que vocês têm, e vocês ainda permanecem nos seus pecados. E ainda mais: os que adormeceram em Cristo estão perdidos. Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos as pessoas mais infelizes do mundo.

Ciente do perigo da ideia de que os mortos não ressuscitam, o apóstolo Paulo alertou a igreja de Corinto que, se não há ressurreição de mortos, Cristo não ressuscitou, e se isso não ocorreu, os pecados não foram perdoados e a fé do cristianismo é vã. Também, aqueles que creram em Jesus e faleceram estariam perdidos. Assim, não é apenas a morte de Cristo na cruz que foi necessária para o perdão de pecados, mas também a ressurreição dele.

Paulo fez referência àqueles que morreram em Cristo como "adormecidos". A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. Quanto à questão de o sono poder se referir a uma inconsciência dos mortos, ver 1.1.19. Mateus 17:1-9.

1.7.7. 1 CORÍNTIOS 15:20-28

> Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem. Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo. Cada um, porém, na sua ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda. E então virá o fim, quando ele entregar o Reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque é necessário que ele reine até que tenha posto todos os inimigos debaixo dos seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte. Porque "ele sujeitou todas as coisas debaixo dos seus pés". E, quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, certamente exclui aquele que tudo lhe sujeitou. Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos.

Jesus foi o primeiro a ter o corpo ressurreto e glorificado e, por isso, é chamado de "primícias dos que dormem". Os que "dormem" são os mortos. A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. Quanto à questão de o sono poder se referir a uma inconsciência dos mortos, ver 1.1.19. Mateus 17:1-9.

Desde sua ressurreição, Cristo tem reinado e todas as coisas estão em sua sujeição. Na sua segunda vinda, os fiéis mortos ressuscitarão. Após isso ocorrerá o fim, pois todos os inimigos de Deus estarão derrotados, inclusive a morte (o último inimigo). Então Jesus retornará o reinado a Deus Pai.

1.7.8. 1 CORÍNTIOS 15:35-55

> Mas alguém dirá: "Como é que os mortos ressuscitam? E com que corpo virão?" Insensato! O que você semeia não nasce, se primeiro não morrer. E, quando semeia, você não semeia o corpo que há de ser, mas o simples grão, como de trigo ou de qualquer outra semente. Mas Deus lhe dá corpo como ele quer dar e a cada uma das sementes dá o seu corpo apropriado. Nem toda carne é a mesma; porém uma é a carne dos seres humanos; outra, a dos animais; outra, a das aves; e outra, a dos peixes. Também há corpos celestiais e corpos terrestres; e, sem dúvida, uma é a glória dos celestiais, e outra, a dos terrestres. Uma é a glória do sol; outra, a glória da lua; e outra, a das estrelas. Porque até entre estrela e estrela há diferenças de glória. Pois assim também é a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção. Semeia-se em desonra, ressuscita em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder. Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual. Pois assim está escrito: "O primeiro homem, Adão, se tornou um ser vivente." Mas o último Adão é espírito vivificante. O que vem primeiro não é o espiritual, e sim o natural; depois vem o espiritual. O primeiro homem, formado do pó da terra, é terreno; o segundo homem é do céu. Como foi o homem terreno, assim também são os demais que são feitos do pó da terra; e, como é o homem celestial, assim também são os celestiais. E, assim como trouxemos a imagem do homem terreno, traremos também a imagem do homem celestial. Com isto quero dizer, irmãos, que a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção. Eis que vou lhes revelar um mistério: nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade. E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade e o que é mortal se revestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: "Tragada foi a morte pela vitória." "Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?"

O apóstolo utilizou o termo "dormir" com o significado de morrer. A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. Quanto à questão de o sono poder se referir a uma inconsciência dos mortos, ver 1.1.19. Mateus 17:1-9.

O novo corpo dos cristãos ressurretos é espiritual e diferente do carnal, possuindo maior glória e sendo incorruptível (não se decompõe). A expressão "carne e sangue" se aplica ao homem terreno, às coisas materiais, em contraste com as espirituais (Mateus 16:17; Gálatas 1:16; Efésios 6:12). Elas não podem herdar o reino de Deus em sua plenitude: corpos carnais e corruptíveis não podem permanecer na eternidade com o Senhor.

A segunda vinda de Cristo será anunciada com trombetas, provavelmente soadas pelos anjos, como a vinda de um rei. Fiéis que estiverem vivos no soar da última trombeta de sua vinda terão seus corpos transformados imediatamente em corpos espirituais, e fiéis mortos ressuscitarão incorruptíveis. Nesse momento a morte é derrotada, pois os corpos serão eternos, e não haverá mais morte.

1.7.9. ESCATOLOGIA DA PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos na Primeira Epístola aos Coríntios, as informações são:

- 1 Coríntios 3:12-15: o dia do juízo final revelará qual o verdadeiro procedimento de cada um diante do padrão da Palavra de Deus. Quando cristãos "constroem" uma igreja local, estão trazendo pessoas para mais perto de Cristo. Algumas dessas pessoas serão fortes nos momentos difíceis, obedecendo a Palavra, enquanto outras não. O cristão que trouxe pessoas para mais perto de Cristo estará contente se essas pessoas forem fortes nas provações, sendo esse contentamento uma recompensa para ele. O cristão que trouxe as pessoas para mais perto de Cristo pode também estar desapontado e triste se essas pessoas falharem nas provações. No entanto, esse cristão que trabalhou para trazer pessoas para mais perto de Cristo também sofrerá provações, e ele será salvo através do fogo da provação se ele se manter fiel – pois assim foi provado. A salvação desse cristão não depende das outras pessoas resistirem ou não ao fogo das provações, mas de sua própria conduta. Assim, a salvação é individual. O importante é resistir as provações obedecendo a Palavra de Deus e ajudando pessoas a se aproximar de Cristo;

- 1 Coríntios 4:5: no julgamento que se segue à segunda vinda de Cristo será revelado se cada um realmente foi fiel ao Senhor e quais foram as verdadeiras intenções dos corações;

- 1 Coríntios 6:2-3: no dia do juízo final, os justificados participarão do julgamento de não justificados e até mesmo de anjos desobedientes;

- 1 Coríntios 10:11: os erros cometidos pela nação de Israel na época de Moisés foram um exemplo registrado para advertir os cristãos. O apóstolo Paulo afirmou claramente aos cristãos coríntios do primeiro século que o fim dos tempos já havia chegado. Sendo assim, os cristãos devem tomar cuidado extra para não repetir os pecados dos israelitas. Os últimos dias já estavam presentes desde o primeiro século;

- 1 Coríntios 15:6: muitos dos cristãos que foram testemunhas oculares do Cristo ressurreto ainda estavam vivos no momento em que Paulo escreveu a carta de 1 Coríntios, mas alguns morreram. O apóstolo se referiu a eles como já dormindo. A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus;

- 1 Coríntios 15:16-19: se Cristo não ressuscitou, os pecados não foram perdoados e a fé do cristianismo é vã. Também, aqueles que creram em Jesus e faleceram estariam perdidos. Assim, não é apenas a morte de Cristo na cruz que foi necessária para o perdão de pecados, mas também a ressurreição dele. A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus;

- 1 Coríntios 15:20-28: Jesus foi o primeiro a ter o corpo ressurreto e glorificado e, por isso, é chamado de "primícias dos que dormem". Aqueles que "dormem" são os mortos. A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. Desde sua ressurreição, Cristo tem reinado e todas as coisas estão em sua sujeição. Na sua segunda vinda, os fiéis mortos ressuscitarão. Após isso ocorrerá o fim, pois todos os inimigos de Deus estarão derrotados, inclusive a morte (o último inimigo). Então Jesus retornará o reinado a Deus Pai;

- 1 Coríntios 15:35-55: o termo "dormir" tem o significado de morrer. A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. O novo corpo dos cristãos ressurretos será espiritual e diferente do corpo carnal, possuindo maior glória e sendo incorruptível (não se decompõe). A expressão "carne e sangue" se aplica ao homem terreno, às coisas materiais, em contraste com as coisas espirituais (Mateus 16:17; Gálatas 1:16; Efésios 6:12). Elas não podem herdar o reino de Deus em sua plenitude: corpos carnais e corruptíveis não podem permanecer na eternidade com o Senhor. A segunda vinda de Cristo será anunciada com trombetas, provavelmente soadas pelos anjos, como a vinda de um rei. Fiéis que estiverem vivos no soar da última trombeta de sua vinda terão seus corpos transformados imediatamente em corpos espirituais, e fiéis mortos ressuscitarão incorruptíveis. Nesse momento, a morte é derrotada, pois os corpos são eternos, e não há mais morte.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Os erros cometidos pela nação de Israel na época de Moisés foram um exemplo registrado para advertir os cristãos. O apóstolo Paulo afirmou claramente aos cristãos coríntios do primeiro século que o fim dos tempos já havia chegado. Sendo assim, os cristãos devem tomar cuidado extra para não repetir os pecados dos israelitas. Os últimos dias já estavam presentes desde o primeiro século.

Quando cristãos "constroem" uma igreja local, estão trazendo pessoas para mais perto de Cristo. Algumas dessas pessoas serão fortes nos momentos difíceis, obedecendo a Palavra de Deus, enquanto outras não. O cristão que trouxe pessoas para mais perto de Cristo estará contente se essas pessoas forem fortes nas provações, sendo esse contentamento uma recompensa para ele. O cristão que trouxe as pessoas para mais perto de Cristo pode também estar desapontado e triste se essas pessoas falharem nas provações. No entanto, esse cristão que trabalhou para trazer pessoas para mais perto de Cristo também sofrerá provações, e ele será salvo através do fogo da aflição que há neste mundo se ele se manter fiel – pois assim foi provado. A salvação desse cristão não depende das outras pessoas resistirem ou não ao fogo das provações, mas de sua própria conduta. Assim, a salvação é individual. O importante é resistir as provações obedecendo a Palavra de Deus e ajudando pessoas a se aproximar de Cristo.

Se Cristo não ressuscitou, os pecados não foram perdoados e a fé do cristianismo é vã. Também, aqueles que creram em Jesus e faleceram estariam perdidos. Assim, não é apenas a morte de Cristo na cruz que foi necessária para o perdão de pecados, mas também a ressurreição dele. Desde sua ressurreição, Cristo tem reinado e todas as coisas estão em sua sujeição.

Muitos dos cristãos que foram testemunhas oculares do Cristo ressurreto ainda estavam vivos no momento em que Paulo escreveu a carta de 1 Coríntios, mas alguns morreram. O apóstolo se referiu a eles como já dormindo (mortos). Jesus foi o primeiro a ter o corpo ressurreto e glorificado e, por isso, é chamado de "primícias dos que dormem". Aqueles que "dormem" são os fisicamente mortos. A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus.

A segunda vinda de Cristo será anunciada com trombetas, provavelmente soadas pelos anjos, como a vinda de um rei. Esse dia também é o juízo final, o qual revelará qual o verdadeiro procedimento de cada um diante do padrão da Palavra de Deus: será revelado se cada um realmente foi fiel ao Senhor e quais foram as verdadeiras intenções dos corações. Fiéis que estiverem vivos no soar da última trombeta da segunda vinda de Cristo terão seus corpos transformados imediatamente em corpos espirituais, e fiéis mortos ressuscitarão incorruptíveis. Os justificados participarão do julgamento de não justificados, e até mesmo de anjos desobedientes.

O novo corpo dos cristãos ressurretos é espiritual e diferente do carnal, possuindo maior glória e sendo incorruptível (não se decompõe). A expressão "carne e sangue" se aplica ao homem terreno, às coisas materiais, em contraste com as coisas espirituais. Elas não podem herdar o Reino de Deus em sua plenitude: corpos carnais e corruptíveis não podem permanecer na eternidade com o Senhor.

Após a ressurreição dos mortos ocorrerá o fim, pois todos os inimigos de Deus estarão derrotados, inclusive a morte (o último inimigo), uma vez que os corpos serão eternos e não haverá mais morte. Então Jesus retornará o reinado a Deus Pai.

1.8. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA SEGUNDA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas da Segunda Epístola aos Coríntios. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.8.1. 2 CORÍNTIOS 5:6-10

> Por isso, temos sempre confiança e sabemos que, enquanto no corpo, estamos ausentes do Senhor. Porque andamos por fé e não pelo que vemos. Sim, temos tal confiança e preferimos deixar o corpo e habitar com o Senhor. É por isso que também nos esforçamos para ser agradáveis a ele, quer presentes, quer ausentes. Porque é necessário que todos nós compareçamos diante do tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo.

Enquanto o cristão vive na vida física, está ausente de uma comunhão mais presencial com Deus, a qual será apenas concretizada na vida eterna com ele. Isso não significa que o cristão está ausente da comunhão espiritual com Deus – é o pecador não justificado que está separado de Deus por causa dos pecados (Isaías 59:1-2). O cristão não se apega às coisas do mundo físico, mas na esperança da comunhão eterna com Deus, a qual ele ainda não pode ver.

É preferível ao cristão deixar o mundo e estar logo com o Senhor no sentido de que o corpo físico é um "tabernáculo" terrestre que está se desgastando, e o corpo espiritual é um edifício/templo eterno e celeste. Os cristãos ainda sofrem nesse corpo, mas aguardam ansiosamente serem revestidos da vida eterna. Porém, tal esperança é válida somente para as pessoas preparadas/vestidas da imagem de Cristo, e não despreparadas/espiritualmente nuas (Colossenses 3:5-12; 2 Pedro 1:4). Paulo deixou bem claro que ele não deseja a morte, mas a vida eterna. Ele não quer ser despido – ele quer ser revestido da vida.

É importante compreender a diferença entre a vontade de Paulo e a vontade do rei Saul, Judas Iscariotes e outros que, até hoje, consideram o suicídio uma saída. Paulo não desejava a morte, mas a vida. Ele não estava correndo dos problemas desta vida, mas olhava para o fim do caminho (2 Timóteo 4:6-8). Embora querendo estar com Deus na eternidade, Paulo não apressou sua própria morte. Ele confiava em Deus para decidir a hora certa para dar a ele a coroa da vida. Embora Deus tenha livrado os fiéis do medo da morte, ele não autorizou o suicídio. Ele preparou os justificados para a vida eterna, dando uma amostra dela por meio do Espírito (veja Efésios 1:13).

Quando a Bíblia ensina sobre a salvação em Cristo e a vida eterna, fala em dois sentidos (veja 1 Timóteo 4:8). Em um sentido, os discípulos de Cristo já têm a salvação e participam da vida espiritual nele (Atos 2:47; 15:11; Romanos 6:4; Efésios 2:1-5; Colossenses 2:13; 1 João 5:12-13). Em outro sentido, ainda aguardam a salvação e a vida eterna (Romanos 2:7; 13:11; Gálatas 6:8; Tito 3:7; Hebreus 9:28; Judas 21).

O "tribunal de Cristo" se refere ao juízo final. Todas as pessoas comparecerão diante desse tribunal. Aqueles que fizeram o bem por meio do corpo são as pessoas que agradaram a Deus (2 Coríntios 5:9), ou seja, as pessoas que foram obedientes a ele. Aqueles que fizeram o mal por meio do corpo são as demais pessoas que não agradaram a Deus, ou seja, que não colocaram sua Palavra em prática. A palavra "corpo" está no singular, logo, não há possibilidade para várias vidas em vários corpos: é uma vida apenas por meio de um só corpo físico, depois vem o juízo (Hebreus 9:27).

1.8.2. 2 CORÍNTIOS 12:2-4

> Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até o terceiro céu. Se isso foi no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe. E sei que esse homem — se no corpo ou sem o corpo, não sei; Deus o sabe — foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras indizíveis, que homem nenhum tem permissão para repetir.

O apóstolo Paulo falou de si mesmo ao afirmar que foi até o "terceiro céu", o qual foi identificado como o paraíso. Provavelmente, o paraíso é chamado de terceiro céu por ser o mais elevado, uma região celestial. Nesse raciocínio, o primeiro céu representa a atmosfera e o segundo céu representa o espaço sideral. O paraíso provavelmente tem uma conotação similar ao Jardim do Éden e, ao que tudo indica, é a própria habitação celestial de Deus: Apocalipse 2:7 dá a entender que o paraíso está junto com a habitação de Deus, assim como as referências em Apocalipse 22:2 e Apocalipse 22:14. Os mártires no Livro de Apocalipse também são retratados como estando no céu.

O apóstolo não tinha certeza sobre como esteve no paraíso – ele foi levado à força para lá (arrebatado). Não há maneira de saber mais sobre o assunto além das informações que ele revelou sem especular. São três as possibilidades: pode ter sido uma visão que Deus deu a Paulo, ou o apóstolo pode realmente ter estado lá com seu corpo físico, ou pode realmente ter estado lá sem o corpo físico. De qualquer forma, essa experiência não deu motivo para Paulo se exaltar. Foi algo que ele recebeu, não algum ato que ele fez. Foi Deus que concedeu essa bênção, e Paulo continuava sendo um mero homem.

1.8.3. ESCATOLOGIA DA SEGUNDA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos na Segunda Epístola aos Coríntios, as informações são:

- 2 Coríntios 5:6-10: enquanto o cristão vive na vida física, está ausente de uma comunhão mais presencial com Deus, a qual será apenas concretizada na vida eterna com ele. Isso não significa que o cristão está ausente da comunhão espiritual com Deus – é o pecador não justificado que está separado de Deus por causa dos pecados (Isaías 59:1-2). O cristão não se apega às coisas do mundo físico, mas na esperança da

comunhão eterna com Deus, a qual ele ainda não pode ver. É preferível ao cristão deixar o mundo e estar logo com o Senhor no sentido de que o corpo físico é um "tabernáculo" terrestre que está se desgastando, e o corpo espiritual é um edifício/templo eterno e celeste. Os cristãos ainda sofrem nesse corpo, mas aguardam ansiosamente serem revestidos da vida eterna. Porém, tal esperança é válida somente para as pessoas preparadas/vestidas da imagem de Cristo, e não para pessoas despreparadas/espiritualmente nuas (Colossenses 3:5-12, 2 Pedro 1:4). Paulo deixou bem claro que ele não desejava a morte, mas a vida eterna. Ele não queria ser despido, ele queria ser revestido da vida. É importante compreender a diferença entre a vontade de Paulo e a vontade do rei Saul, Judas Iscariotes e outros que, até hoje, consideram o suicídio uma saída. Paulo não desejava a morte, mas a vida. Ele não estava correndo dos problemas desta vida, mas olhava para o fim do caminho (2 Timóteo 4:6-8). Embora querendo estar com Deus na eternidade, Paulo não apressou sua própria morte. Ele confiava em Deus para decidir a hora certa para dar a ele a coroa da vida. Embora Deus tenha livrado os fiéis do medo da morte, ele não autorizou o suicídio. Ele preparou os justificados para a vida eterna, dando uma amostra dela por meio do Espírito (veja Efésios 1:13). Quando a Bíblia ensina sobre a salvação em Cristo e a vida eterna, fala em dois sentidos (veja 1 Timóteo 4:8). Em um sentido, os discípulos de Cristo já têm a salvação e participam da vida espiritual nele (Atos 2:47; 15:11; Romanos 6:4; Efésios 2:1-5; Colossenses 2:13; 1 João 5:12-13). Em outro sentido, ainda aguardam a salvação e a vida eterna (Romanos 2:7; 13:11; Gálatas 6:8; Tito 3:7; Hebreus 9:28; Judas 21). O "tribunal de Cristo" se refere ao juízo final. Todas as pessoas comparecerão diante desse tribunal. Aqueles que fizeram o bem por meio do corpo são as pessoas que agradaram a Deus (2 Coríntios 5:9), ou seja, as pessoas que foram obedientes a ele. Aqueles que fizeram o mal por meio do corpo são as demais pessoas que não agradaram a Deus, ou seja, que não colocaram sua Palavra em prática. Não há possibilidade para várias vidas em vários corpos: é uma vida apenas por meio de um só corpo físico, depois vem o juízo (Hebreus 9:27);

- 2 Coríntios 12:2-4: o apóstolo Paulo falou de si mesmo ao afirmar que foi até o "terceiro céu", o qual foi identificado como o paraíso. Provavelmente, o paraíso é chamado de terceiro céu por ser o mais elevado, uma região celestial. Nesse raciocínio, o primeiro céu representa a atmosfera e o segundo céu representa o espaço sideral. O paraíso provavelmente tem uma conotação similar ao Jardim do Éden e, ao que tudo indica, é a própria habitação celestial de Deus. O apóstolo não tinha certeza sobre como esteve no paraíso – ele foi levado à força para lá (arrebatado). São três as possibilidades: pode ter sido uma visão que Deus deu a Paulo, ou o apóstolo pode realmente ter estado lá com seu corpo físico, ou pode realmente ter estado lá sem o corpo físico.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Enquanto o cristão vive na vida física, está ausente de uma comunhão mais presencial com Deus, a qual será apenas concretizada na vida eterna com ele. Isso não significa que o cristão está ausente da comunhão espiritual com Deus – é o pecador não justificado que está separado de Deus por causa dos pecados (Isaías 59:1-2). O cristão não se apega às coisas do mundo físico, mas na esperança da comunhão eterna com Deus, a qual ele ainda não pode ver.

É preferível ao cristão deixar o mundo e estar logo com o Senhor no sentido de que o corpo físico é um "tabernáculo" terrestre que está se desgastando, e o corpo espiritual é um edifício/templo eterno e celeste. Os cristãos ainda sofrem nesse corpo, mas aguardam ansiosamente serem revestidos da vida eterna. Porém, tal esperança é válida somente para as pessoas preparadas/vestidas da imagem de Cristo, e não para pessoas despreparadas/espiritualmente nuas. Paulo deixou bem claro que ele não desejava a morte, mas a vida eterna. Ele não queria ser despido, ele queria ser revestido da vida.

É importante compreender a diferença entre a vontade de Paulo e a vontade do rei Saul, Judas Iscariotes e outros que, até hoje, consideram o suicídio uma saída. Paulo não desejava a morte, mas a vida. Ele não estava correndo dos problemas desta vida, mas olhava para o fim do caminho. Embora querendo estar com Deus na eternidade, Paulo não apressou sua própria morte. Ele confiava em Deus para decidir a hora certa para dar a ele a coroa da vida. Embora Deus tenha livrado os fiéis do medo da morte, ele não autorizou o suicídio. Ele preparou os justificados para a vida eterna, dando uma amostra dela por meio do Espírito.

Quando a Bíblia ensina sobre a salvação em Cristo e a vida eterna, fala em dois sentidos. Em um sentido, os discípulos de Cristo já têm a salvação e participam da vida espiritual nele. Em outro sentido, ainda aguardam a salvação e a vida eterna.

O apóstolo Paulo falou de si mesmo ao afirmar que foi até o "terceiro céu", o qual foi identificado como o paraíso. Provavelmente, o paraíso é chamado de terceiro céu por ser o mais elevado, uma região celestial. Nesse raciocínio, o primeiro céu representa a atmosfera e o segundo céu representa o espaço sideral. O paraíso provavelmente tem uma conotação similar ao Jardim do Éden e, ao que tudo indica, é a própria habitação celestial de Deus. O apóstolo não tinha certeza sobre como esteve no paraíso – ele foi levado à força para lá (arrebatado). São três as possibilidades: pode ter sido uma visão que Deus deu a Paulo, ou o apóstolo pode realmente ter estado lá com seu corpo físico, ou pode realmente ter estado lá sem o corpo físico.

O "tribunal de Cristo" se refere ao juízo final. Todas as pessoas comparecerão diante desse tribunal. Aqueles que fizeram o bem por meio do corpo são as pessoas que agradaram a Deus (2 Coríntios 5:9), ou seja, as pessoas que foram obedientes a ele. Aqueles que fizeram o mal por meio do corpo são as demais pessoas que não agradaram a Deus, ou seja, que não colocaram sua Palavra em prática. Não há possibilidade para várias vidas em vários corpos: é uma vida apenas por meio de um só corpo físico, depois vem o juízo.

1.9. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA EPÍSTOLA AOS GÁLATAS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas da Epístola aos Gálatas. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.9.1. GÁLATAS 6:14-16 E A ESCATOLOGIA DA EPÍSTOLA AOS GÁLATAS

> Mas longe de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu estou crucificado para o mundo. Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura. E, a todos os que andarem em conformidade com esta regra, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus.

Paulo desejou a benção "paz e misericórdia" para "os que andarem em conformidade com esta regra" (referidos por "eles") e para o "Israel de Deus". Há controvérsia se essas expressões se referem a um mesmo grupo de pessoas ou a dois grupos distintos. Existem intérpretes que afirmam que se tratam de dois grupos distintos a fim de sustentar que a salvação de Deus vem por meio do evangelho para as pessoas em geral e, também, por um plano redentivo à parte do evangelho para os judeus físicos, o que levaria a uma restauração física do reino de Israel. Essa possibilidade, no entanto, deve ser descartada, uma vez que o contexto do Novo Testamento não dá suporte para um plano redentivo além do evangelho. Os judeus não podem ser salvos sem o evangelho, assim como os descrentes. O sistema judaico foi rejeitado por Deus definitivamente com a destruição de Jerusalém e do templo no ano 70 d.C.

O "Israel de Deus" se compõe de todos aqueles que nascem da água e do Espírito, isto é, por meio do batismo para remissão de pecados (conforme Atos 2:38). Sejam judeus ou gregos, escravos ou livres, homens ou mulheres, todos os remidos pelo evangelho pertencem a Cristo e se tornam descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa (Gálatas 3:26-29). Simplesmente não é possível que Paulo tivesse em mente dois grupos distintos, uma vez que aqueles que recusarem seguir o princípio de Gálatas 6:15 ("nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura") acabam se excluindo automaticamente do Israel espiritual, o qual é o recebedor da paz e da misericórdia de Deus. Apesar de cristãos judeus (judeus convertidos ao cristianismo) terem lugar no reino de Deus juntamente com cristãos gentios (não judeus que se converteram ao cristianismo), nenhum lugar foi reservado para os incrédulos (sejam judeus ou gentios). Além disso, os judaizantes excluíram a si mesmos do Israel espiritual por não seguirem o princípio estabelecido em Gálatas 6:15 (veja Filipenses 3:2-3).

Referindo-se à Igreja como o Israel de Deus, Paulo mostrou o propósito do Senhor em criar uma nova "nação" por meio de Cristo, o que corresponde à profecia de Jesus anunciada aos líderes judeus em Mateus 21:43: "Portanto, eu lhes digo que o reino de Deus será tirado de vocês e entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos". Outros escritores do Novo Testamento descreveram a Igreja em termos anteriormente

aplicados a Israel. Por exemplo, Pedro escreveu aos cristãos "Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus" em 1 Pedro 2:9, fazendo uso de descrições tomadas de Êxodo 19:5-6, quando Deus estabeleceu a Antiga Aliança com Israel por meio de Moisés no Monte Sinai.

Em termos gramaticais, quando pronunciou a bênção, Paulo uniu o termo "eles" (que são "os que andarem em conformidade com esta regra") com a expressão "sobre o Israel de Deus" por meio da conjunção *kai*, a qual geralmente é traduzida por "e". Assim, existe a impressão de que Paulo estava se referindo a dois grupos separados de pessoas. Porém, gramaticalmente, a conjunção *kai* pode funcionar de outras maneiras além da função conectiva. Provavelmente, a expressão "paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus" possui o que os gramáticos chamam de "*kai* epexegético" ou "*kai* explicativo", o qual tem o significado de "isto é". Sendo assim, a palavra ou frase após a conjunção serve para explicar o termo que antecedeu tal conjunção. Dessa forma, a expressão poderia ser lida da seguinte maneira: "paz e misericórdia sejam sobre eles, isto é, sobre o Israel de Deus".

Portanto, quando Paulo escreveu "E, a todos os que andarem em conformidade com esta regra, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus", ele simplesmente proferiu a bênção de paz e misericórdia de Deus a todos os cristãos. O Israel de Deus é a Igreja, e é o mesmo grupo de pessoas que anda em conformidade com o princípio de ser uma nova criatura, independentemente da circuncisão (Gálatas 6:15).

1.10. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas da Epístola aos Efésios. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.10.1. EFÉSIOS 4:8-9

> Por isso diz: "Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativeiro e concedeu dons aos homens." Ora, o que quer dizer "ele subiu", senão que também havia descido até as regiões inferiores da terra?

Paulo citou parte do Salmo 68:18: "Subiste às alturas, levaste cativo o cativeiro". A aplicação primária da passagem de Efésios 4:8-9 é que, pela graça de Deus, muitos "dons" são dados àqueles que participam da vitória da salvação (Efésios 4:7-11). Esses dons são as pessoas que ajudam os cristãos enquanto crescem no Senhor. Deus exige unidade, mas não o faz sem oferecer recursos necessários para tê-la. Assim, equipou os cristãos para construir e manter uma igreja unida. Jesus subiu aos céus, vencendo o cativeiro do pecado e concedendo a graça. Antes de subir para assumir a sua posição à destra do Pai, Jesus desceu à terra, até mesmo às suas regiões inferiores (veja João 3:13; Filipenses 2:5-8). Depois de mostrar a sua submissão, cumprindo a missão que o Pai deu a ele, Jesus foi exaltado, e concedeu servos para edificar o corpo de Cristo, a Igreja, derrotando a escravidão do pecado.

O fato de Paulo mencionar que Jesus "também havia descido até as regiões inferiores da terra" apoia o entendimento de que, após morrer na cruz, ele esteve no *sheol*/*hades* antes de ressuscitar. Além de ministrar na terra, a qual é inferior ao céu, Cristo desceu até mesmo às profundezas da terra. Tal descrição equivale ao *sheol*/*hades*.

É possível que uma aplicação secundária de Efésios 4:8-9 indique que, quando Cristo ascendeu aos céus, levou os fiéis cativos no *sheol*/*hades* (e, implicitamente, o "paraíso") ao "terceiro céu" de 2 Coríntios 12:2-4. Isso é apoiado pelo fato de que o Antigo Testamento retrata que todos os mortos, fiéis ou não, vão para o *sheol*, mas no Novo Testamento quase sempre os fiéis são retratados no céu. Se for assim, os fiéis que morreram antes da ascensão de Cristo foram para uma parte do *sheol*/*hades* onde havia conforto (o que está de acordo com o exposto em Lucas 16:19-31) e, posteriormente, foram levados ao céu com a ascensão do Senhor. Desse momento em diante, todos os fiéis passam a ir para o paraíso que está no próprio céu. O Novo Testamento parece sempre retratar os fiéis no céu após a vitória de Cristo.

1.10.2. EFÉSIOS 4:30

> E não entristeçam o Espírito Santo de Deus, no qual vocês foram selados para o dia da redenção.

O "dia da redenção" no contexto certamente se refere ao sentido pleno da redenção dos fiéis no julgamento final, pois cristãos já tiveram a redenção em suas conversões ao Senhor. "Redenção" tem o sentido de ser removido de uma escravidão. Cristãos não são mais escravizados pelo pecado.

Paulo afirmou que os cristãos são "selados no Espírito Santo" para o juízo final. As pessoas que praticam a vontade de Deus permitem que o Espírito Santo seja uma "identificação" ou "selo" delas como justificadas para o juízo final e a consequente glória eterna. Elas serão redimidas de um mundo carnal imperfeito para sempre.

1.10.3. EFÉSIOS 5:5

> Fiquem sabendo disto: nenhuma pessoa imoral, impura ou avarenta — porque a avareza é idolatria — tem herança no Reino de Cristo e de Deus.

Bastante direto. Nenhuma pessoa imoral, impura ou avarenta tem lugar no reino de Deus. Nem no presente, nem no porvir. Avareza é associada com idolatria, um dos pecados mais odiados por Deus. Paulo também afirmou que o reino é de Cristo e de Deus Pai. Ambos são os donos do reino.

1.10.4. EFÉSIOS 5:14

> Por isso é que se diz: "Desperte, você que está dormindo, levante-se dentre os mortos, e Cristo o iluminará."

Essa citação de Paulo não vem das Escrituras, mas provavelmente de algum hino cristão conhecido na época. O apóstolo associou esse dizer ao contexto da "vida na luz" de Efésios 5:3-13, ou seja, quando se pratica a conduta cristã revelada nas Escrituras, as pessoas andam na luz de Cristo e a deixam brilhar nelas. Essa conduta cristã é luz que ilumina aqueles que estão em pecado, dando a eles condições de comparar sua conduta pecaminosa com uma conduta aprovada por Deus. Aqueles que estão em pecado são as pessoas que "dormem" e que estão "mortas". Com a luz, elas podem sair da escuridão do pecado e ressuscitar da morte espiritual. Assim, Cristo ilumina as pessoas em pecado por meio da luz que ele deu aos cristãos.

1.10.5. ESCATOLOGIA DA EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos na epístola aos Efésios, as informações são:

- Efésios 4:8-9: pela graça de Deus, muitos "dons" são dados àqueles que participam da vitória da salvação (Efésios 4:7-11). Esses dons são as pessoas que ajudam os cristãos enquanto crescem no Senhor. Deus exige unidade, mas não o faz sem oferecer recursos necessários para tê-la. Assim, equipou os cristãos para construir e manter uma igreja unida. Jesus subiu aos céus, com isso vencendo o cativeiro do pecado e concedendo a graça. Antes de subir para assumir a sua posição à destra do Pai, Jesus desceu à terra, até mesmo às suas regiões inferiores (veja João 3:13; Filipenses 2:5-8). Depois de mostrar a sua submissão, cumprindo a missão que o Pai deu a ele, Jesus foi exaltado e concedeu servos para edificar o corpo de Cristo, a Igreja, derrotando a escravidão do pecado. O fato de Paulo mencionar que Jesus "também havia descido até as regiões inferiores da terra" apoia o entendimento de que, após morrer na cruz, ele esteve no *sheol*/*hades* antes de ressuscitar. Além de ministrar na terra, a qual é inferior ao céu, Cristo desceu até mesmo às profundezas da terra. Tal descrição equivale ao *sheol*/*hades*. É possível que uma aplicação secundária de Efésios 4:8-9 indique que, quando Cristo ascendeu aos céus, levou os fiéis cativos no *sheol*/*hades* (e, implicitamente, o "paraíso") ao "terceiro céu" de 2 Coríntios 12:2-4. Isso é apoiado pelo fato de que o Antigo Testamento retrata que todos os mortos, fiéis ou não, vão para o *sheol*, mas no Novo Testamento quase sempre os fiéis são retratados no céu. Se for assim, os fiéis que morreram antes da ascensão de Cristo foram para uma parte do *sheol*/*hades* onde havia conforto (o que está de acordo com o exposto em Lucas 16:19-31) e, posteriormente, foram levados ao céu com a ascensão do Senhor. Desse momento em diante, todos os fiéis passam a ir para o paraíso que está no próprio céu. O Novo Testamento parece sempre retratar os fiéis no céu após a vitória de Cristo;

- Efésios 4:30: as pessoas que praticam a vontade de Deus permitem que o Espírito Santo seja uma "identificação" ou "selo" delas como justificadas para o juízo final e a consequente glória eterna. Elas serão redimidas de um mundo carnal imperfeito para sempre;

- Efésios 5:5: nenhuma pessoa imoral, impura, ou avarenta tem lugar no reino de Deus. Nem no presente, nem no porvir. Avareza é associada com idolatria, um dos pecados mais odiados por Deus. O reino é de Cristo e de Deus Pai – de ambos;

- Efésios 5:14: quando se pratica a conduta cristã revelada nas Escrituras, as pessoas andam na luz de Cristo e a deixam brilhar nelas. Essa conduta cristã é luz que ilumina aqueles que estão em pecado, dando a eles condições de comparar sua conduta pecaminosa com uma conduta aprovada por Deus. Aqueles que estão em pecado são as pessoas que "dormem" e que estão "mortas". Com a luz, elas podem sair da escuridão do pecado e ressuscitar da morte espiritual. Assim, Cristo ilumina as pessoas em pecado por meio da luz que ele deu aos cristãos.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Nenhuma pessoa imoral, impura, ou avarenta tem lugar no reino de Deus. Nem no presente, nem no porvir. Avareza é associada com idolatria, um dos pecados mais odiados por Deus.

Quando se pratica a conduta cristã revelada nas Escrituras, as pessoas andam na luz de Cristo e a deixam brilhar nelas. Essa conduta cristã é a luz que ilumina aqueles que estão em pecado, dando a eles condições de comparar sua conduta pecaminosa com uma conduta aprovada por Deus. Aqueles que estão em pecado são as pessoas que "dormem" e que estão "mortas". Com a luz, elas podem sair da escuridão do pecado e ressuscitar da morte espiritual. Assim, Cristo ilumina as pessoas em pecado por meio da luz que ele deu aos cristãos.

Pela graça de Deus, muitos "dons" são dados àqueles que participam da vitória da salvação. Esses dons são as pessoas que ajudam os cristãos enquanto crescem no Senhor. Deus exige unidade, mas não o faz sem oferecer recursos necessários para tê-la. Assim, equipou os cristãos para construir e manter uma igreja unida. Jesus subiu aos céus, com isso vencendo o cativeiro do pecado e concedendo a graça. Antes de subir para assumir a sua posição à destra do Pai, Jesus desceu à terra, até mesmo às suas regiões inferiores. Depois de mostrar a sua submissão, cumprindo a missão que o Pai deu a ele, Jesus foi exaltado e concedeu servos para edificar o corpo de Cristo, a Igreja, derrotando a escravidão do pecado.

As pessoas que praticam a vontade de Deus permitem que o Espírito Santo seja uma "identificação" ou "selo" delas como justificadas para o juízo final e a consequente glória eterna. Elas serão redimidas de um mundo carnal imperfeito para sempre. O reino é de Cristo e de Deus Pai – de ambos.

O fato de Paulo mencionar que Jesus "também havia descido até as regiões inferiores da terra" apoia o entendimento de que, após morrer na cruz, ele esteve no *sheol*/*hades* antes de ressuscitar. Além de ministrar na terra, a qual é inferior ao céu, Cristo desceu até mesmo às profundezas da terra. Tal descrição equivale ao *sheol*/*hades*.

É possível que, quando Cristo ascendeu aos céus, levou os fiéis cativos no *sheol*/*hades* (e, implicitamente, o "paraíso") ao "terceiro céu". Isso é apoiado pelo fato de que o Antigo Testamento retrata que todos os mortos, fiéis ou não, vão para o *sheol*, mas no Novo Testamento quase sempre os fiéis são retratados no céu. Se for assim, os fiéis que morreram antes da ascensão de Cristo foram para uma parte do *sheol*/*hades* onde havia conforto aos fiéis (o que está de acordo com o exposto em Lucas 16:19-31) e, posteriormente, foram levados ao céu com a ascensão do Senhor. Desse momento em diante, todos os fiéis passam a ir para o paraíso que está no próprio céu. O Novo Testamento parece sempre retratar os fiéis no céu após a vitória de Cristo.

1.11. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA EPÍSTOLA AOS FILIPENSES

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas da Epístola aos Filipenses. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.11.1. FILIPENSES 1:8-11

> Pois Deus é testemunha da saudade que tenho de todos vocês, no profundo afeto de Cristo Jesus. E também faço esta oração: que o amor de vocês aumente mais e mais em conhecimento e toda a percepção, para que vocês aprovem as coisas excelentes e sejam sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo, cheios do fruto de justiça que vem por meio de Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus.

Paulo sentia saudades dos cristãos de Filipos, mas ao invés de orar pelo próprio desejo de vê-los novamente, orou pelo crescimento espiritual deles. Se eles crescessem em amor, com conhecimento e discernimento, o apóstolo sabia que teria oportunidade de ver novamente esses cristãos no "dia de Cristo", ou seja, no dia do juízo final. Cristãos encontrados fiéis no dia do juízo são motivo de glória e louvor a Deus.

1.11.2. FILIPENSES 1:22-24

> Entretanto, se eu continuar vivendo, poderei ainda fazer algum trabalho frutífero. Assim, não sei o que devo escolher. Estou cercado pelos dois lados, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor. Mas, por causa de vocês, é mais necessário que eu continue a viver.

O apóstolo esperava ser encontrado fiel no julgamento final, assim como Cristo foi comprovado como fiel pela sua ressurreição. Uma vez que Paulo viveu como Cristo, sabia que a morte serviria para ganhar a recompensa eterna com Cristo. O desejo de Paulo de "partir e estar com Cristo" dá maior apoio ao entendimento de que, logo após à morte física, o fiel se encontrará com Cristo e partilhará de comunhão com ele. Assim, o apóstolo preferiria morrer naquele momento para estar com Cristo. No entanto, se a decisão fosse dele, ele escolheria permanecer vivo para continuar servindo, ainda na carne, aos seus irmãos, para o bem maior deles.

1.11.3. FILIPENSES 2:14-16

> Façam tudo sem murmurações nem discussões, para que sejam irrepreensíveis e puros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual vocês brilham como luzeiros no mundo, preservando a palavra da vida. Assim, no Dia de Cristo, poderei me gloriar de que não corri em vão, nem me esforcei inutilmente.

Quando cristãos forem constatados como fiéis no juízo final, outros cristãos que trabalharam a favor deles terão uma glória ao saber que seus esforços não foram em vão.

1.11.4. FILIPENSES 3:20-21

> Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas.

Na sua segunda vinda, Jesus transformará o corpo físico dos fiéis em um corpo glorificado como o dele. A pátria do justificado é o céu – em última análise, os novos céus e nova terra.

1.11.5. ESCATOLOGIA DA EPÍSTOLA AOS FILIPENSES

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos na Epístola aos Filipenses, as informações são:

- Filipenses 1:8-11: cristãos fiéis verão uns aos outros no dia do juízo final e são motivo de glória e louvor a Deus;

- Filipenses 1:22-24: uma vez que Paulo viveu como Cristo, sabia que a morte serviria para ganhar a recompensa eterna com Cristo. O desejo de Paulo de "partir e estar com Cristo" dá maior apoio ao entendimento de que, logo após à morte física, o fiel se encontrará com Cristo e partilhará de comunhão com ele;

- Filipenses 2:14-16: quando cristãos forem constatados como fiéis no juízo final, outros cristãos que trabalharam a favor deles terão uma glória ao saber que seus esforços não foram em vão;

- Filipenses 3:20-21: na sua segunda vinda, Jesus transformará o corpo físico dos fiéis em um corpo glorificado como o dele. A pátria do justificado é o céu – em última análise, os novos céus e nova terra.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Uma vez que alguém viva como Cristo, sabe que a morte servirá para ganhar a recompensa eterna com ele. O desejo de Paulo de "partir e estar com Cristo" dá maior apoio ao entendimento de que, logo após à morte física, o fiel se encontrará com Cristo e partilhará de comunhão com ele.

Na sua segunda vinda, Jesus transformará o corpo físico dos fiéis em um corpo glorificado como o dele. Quando cristãos forem constatados como fiéis no juízo final, outros cristãos que trabalharam a favor deles terão uma glória ao saber que seus esforços não foram em vão. Cristãos fiéis verão uns aos outros no dia do juízo final e são motivo de glória e louvor a Deus. A pátria do justificado é o céu – em última análise, os novos céus e nova terra.

1.12. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas da Epístola aos Colossenses. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.12.1. COLOSSENSES 1:18

> Ele é a cabeça do corpo, que é a igreja. Ele é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para ter a primazia em todas as coisas.

Cristo foi chamado "primogênito dentre os mortos" porque ele foi o primeiro a ter seu corpo glorificado após ter padecido a morte.

1.12.2. COLOSSENSES 3:4

> Quando Cristo, que é a vida de vocês, se manifestar, então vocês também serão manifestados com ele, em glória.

Cristo é a verdadeira vida dos cristãos e, quando ele se manifestar em sua segunda vinda, os cristãos terão a mesma glória da sua manifestação.

1.12.3. ESCATOLOGIA DA EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos na Epístola aos Colossenses, as informações são:

- Colossenses 1:18: Cristo foi chamado "primogênito dentre os mortos" porque ele foi o primeiro a ter seu corpo glorificado após ter padecido a morte;

- Colossenses 3:4: Cristo é a verdadeira vida dos cristãos e, quando ele se manifestar em sua segunda vinda, os cristãos terão a mesma glória da sua manifestação.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

O primeiro a ter o corpo glorificado após ter padecido a morte foi Jesus. Ele é a verdadeira vida dos cristãos e, quando ele se manifestar em sua segunda vinda, os cristãos terão a mesma glória da sua manifestação.

1.13. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas da Primeira Epístola aos Tessalonicenses. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.13.1. 1 TESSALONICENSES 1:10

> e para aguardar dos céus o seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira vindoura.

Jesus virá a partir dos céus em sua segunda vinda e ele livra os justificados da ira vindoura de Deus Pai.

1.13.2. 1 TESSALONICENSES 2:19

> Pois quem é a nossa esperança, ou alegria, ou a coroa em que nos gloriamos na presença de nosso Senhor Jesus em sua vinda? Não é verdade que são vocês?

Cristãos salvos são um motivo de regozijo para outros cristãos que trabalharam por eles diante de Jesus Cristo em sua segunda vinda.

1.13.3. 1 TESSALONICENSES 3:12-13

> E o Senhor faça com que cresça e aumente o amor de uns para com os outros e para com todos, como também o nosso amor por vocês, a fim de que o coração de vocês seja fortalecido em santidade, isento de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos.

O objetivo do crescimento espiritual do cristão em amor é para que ele esteja em santidade e isento de culpa diante de Jesus, de Deus Pai e dos santos (os anjos e os outros salvos) na segunda vinda de Cristo, a qual traz o juízo final.

1.13.4. 1 TESSALONICENSES 4:13-17

> Irmãos, não queremos que vocês ignorem a verdade a respeito dos que dormem, para que não fiquem tristes como os demais, que não têm esperança. Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, na companhia dele, os que dormem. E, pela palavra do Senhor, ainda lhes declaramos o seguinte: nós, os vivos, os que ficarmos até a vinda do Senhor, de modo nenhum precederemos os que dormem. Porque o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor.

Paulo se refere aos fiéis mortos como aqueles que "dormem". A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. Quanto à questão de o sono poder se referir a uma inconsciência dos mortos, ver 1.1.19. Mateus 17:1-9.

Esse é o texto conhecido como "arrebatamento". O próprio Senhor Jesus, quando der sua ordem, descerá dos céus em sua segunda vinda para o juízo final em meio ao ouvir da voz do arcanjo e do som da "trombeta de Deus". Um som de trombeta sugere um anúncio nada silencioso. Na Bíblia, o único anjo que recebe o título de arcanjo é Miguel (Judas 9; Daniel 10:13). Pode-se imaginar, portanto, que Miguel é aquele que dará a ouvir sua voz de arcanjo para anunciar a vinda do Senhor.

É interessante que a "palavra de ordem" para a segunda vinda de Cristo é dada pelo próprio Cristo. No entanto, enquanto ele estava na Terra, disse que apenas Deus Pai sabia quando seria o momento de seu retorno (Mateus 24:36). Sendo Jesus onisciente, o entendimento que parece mais adequado é que ele estava dizendo, por um lado, que seus discípulos não podem, não devem e não irão saber o dia ou a hora exata da sua segunda vinda. Por outro lado, Jesus usou a expressão "ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai" com

referência à sua submissão ao Pai em relação ao momento de seu retorno. Em outras palavras, é como se Jesus dissesse: "Não é meu papel como Filho determinar ou anunciar a hora de minha vinda – esse é um aspecto do papel do Pai". Isso está de acordo com outra resposta de Jesus aos discípulos, resposta na qual ele disse que não competia aos discípulos saber sobre tempos ou datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade (Atos 1:6-7).

Os fiéis que já morreram serão ressuscitados e, em termos de ordem, serão reunidos com o Senhor nos ares antes dos fiéis que estiverem vivos na ocasião, os quais serão levados ao Senhor já na sequência. Portanto, de certa forma, os mortos terão a "vantagem" de ver a Cristo um pouco antes dos vivos, os quais serão levados na sequência aos ares junto ao Senhor. Assim, não há razão para se lamentar pelos fiéis mortos – além de receber o galardão do Senhor, terão ainda mais a "vantagem" de chegar a Cristo antes dos fiéis que estiverem vivos. Portanto, enquanto Cristo estiver nos ares em sua segunda vinda, receberá os fiéis com ele, sendo que os mortos ressuscitarão com os corpos glorificados (1 Coríntios 15:51-55) e os vivos são transformados para ter os corpos glorificados.

Quanto aos não justificados, são descritos como não "tendo esperança" – experimentarão condenação da parte do Senhor. Essa passagem informa que apenas os justificados serão reunidos aos ares com Cristo, não informando o que ocorre com os não justificados. O estudo de outros textos é necessário para tentar compreender essa questão.

As informações bíblicas mais relevantes relacionando a segunda vinda de Cristo, o arrebatamento, a ressurreição e o juízo final se encontram em Mateus 24:40-41, Mateus 25:31-46, João 5:28-29, 1 Tessalonicenses 4:13-17, 2 Tessalonicenses 1:7-10, 2 Tessalonicenses 2:8, 2 Pedro 3:7-10, Apocalipse 20:9-15 e Apocalipse 21:1-2. Juntando as informações nessas passagens representativas, temos o provável esboço sobre os acontecimentos na segunda vinda de Cristo:

1. Cristo vem nos céus com o anúncio da voz do arcanjo (Miguel), trombetas, anjos e fogo, de forma imprevisível e repentina, sem sinal algum (Mateus 25:31-33; 2 Tessalonicenses 1:7-10; 2 Pedro 3:10).

2. O "homem da iniquidade" é o primeiro não justificado a morrer, sendo morto com "o sopro da boca do Senhor" (2 Tessalonicenses 2:8).

3. O fogo atinge a presente terra e céus, começando a destrui-los. Os não justificados são mortos pelo fogo (Mateus 13:30; Mateus 24:40-41; 2 Tessalonicenses 1:7-10; 2 Pedro 3:7,10). Os justificados que estiverem vivos na vinda do Senhor não são nem mortos nem feridos (Mateus 24:40-41).

4. A voz de Jesus chama todos os mortos à ressurreição – justificados e não justificados (inclusive as pessoas que acabaram de morrer pelo fogo). Todos ganham corpos ressurretos ao comando da voz de Cristo (Mateus 25:32; João 5:28-29);

5. Os justificados que estavam mortos são levados a Cristo nos ares, ressuscitados com corpos glorificados (1 Tessalonicenses 4:16). Os justificados que estavam vivos se transformam com corpos glorificados e são levados aos ares até Cristo, chegando logo após os justificados que estavam mortos (1 Tessalonicenses 4:15-16). Todos os justificados são ajuntados "à direita" de Cristo (Mateus 25:33). Enquanto isso, o fogo continua a consumir toda a criação (2 Pedro 3:10).

6. Todos os não justificados são ajuntados "à esquerda" de Cristo (Mateus 25:33). Possivelmente seus corpos ressurretos não sejam glorificados como o corpo dos justificados – a Bíblia fala de corpo glorificado apenas para os justificados. O fogo continua a consumir toda a criação (2 Pedro 3:10).

7. A presente criação é consumida pelo fogo e destruída enquanto o julgamento final toma lugar, a fim de encaminhar cada um para seu destino eterno (2 Pedro 3:7-10; Apocalipse 20:9-12).

8. Os não justificados são banidos da presença de Deus e jogados no "lago de fogo" juntamente com o *sheol/hades*, não havendo mais morte (Apocalipse 20:12-15).

9. Criação de novos céus e nova terra para habitação eterna dos justificados com Deus (Apocalipse 21:1-2).

1.13.5. 1 TESSALONICENSES 5:1-3

> Irmãos, no que se refere aos tempos e às épocas, não há necessidade de que eu lhes escreva. Porque vocês sabem perfeitamente que o Dia do Senhor vem como ladrão à noite. Quando andarem dizendo: "Paz e segurança", eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vêm as dores de parto à mulher que está para dar à luz; e de modo nenhum escaparão.

Em termos de tempos e épocas, apenas sabe-se que a segunda vinda de Jesus virá de forma totalmente inesperada, sem sinais de aviso. A destruição será repentina para aqueles que não estiverem constantemente preparados para estar diante do Senhor.

1.13.6. 1 TESSALONICENSES 5:23

> O mesmo Deus da paz os santifique em tudo. E que o espírito, a alma e o corpo de vocês sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.

Deus santificará inteiramente aqueles que o obedecem. A totalidade do ser humano é composta de uma parte espiritual (alma e espírito) e uma parte material (corpo). Quanto à distinção entre alma e espírito, ver 1.1.10. Mateus 10:28. Com a obediência do evangelho, Deus capacita o cristão a ser santo em relação a tudo e, assim, todo o seu ser é mantido íntegro e irrepreensível para se encontrar com o Senhor em sua segunda vinda.

1.13.7. ESCATOLOGIA DA PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos na Primeira Epístola aos Tessalonicenses, as informações são:

- 1 Tessalonicenses 1:10: Jesus virá a partir dos céus em sua segunda vinda e ele livra os justificados da ira vindoura de Deus Pai;

- 1 Tessalonicenses 2:19: cristãos salvos são um motivo de regozijo para outros cristãos que trabalharam por eles diante de Jesus Cristo em sua segunda vinda;

- 1 Tessalonicenses 3:12-13: o objetivo do crescimento espiritual do cristão em amor é para que ele esteja em santidade e isento de culpa diante de Jesus, de Deus Pai e dos santos (os anjos e os outros salvos) na segunda vinda de Cristo, a qual traz o juízo final;

- 1 Tessalonicenses 4:13-17: a morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus. Cristo, quando der sua ordem, descerá dos céus em sua segunda vinda para o juízo final em meio ao ouvir da voz do arcanjo (Miguel) e do som da trombeta de Deus. Os fiéis que já morreram serão ressuscitados e, em termos de ordem, serão reunidos com o Senhor nos ares antes dos fiéis que estiverem vivos na ocasião, os quais serão levados ao Senhor já na sequência. Portanto, de certa forma, os mortos terão a "vantagem" de ver a Cristo um pouco antes dos vivos, os quais serão levados na sequência aos ares junto ao Senhor. Assim, não há razão para se lamentar pelos fiéis mortos – além de receber o galardão do Senhor, terão ainda mais a "vantagem" de chegar a Cristo antes dos fiéis que estiverem vivos. Portanto, enquanto Cristo estiver nos ares em sua segunda vinda, receberá os fiéis com ele, sendo que os mortos ressuscitarão com os corpos glorificados (1 Coríntios 15:51-55) e os vivos são transformados para ter os corpos glorificados. Quanto aos não justificados, são descritos como não "tendo esperança" – experimentarão condenação da parte do Senhor. O esboço provável dos acontecimentos da segunda vinda de Cristo são os seguintes: (1) Cristo vem nos céus com o anúncio da voz do arcanjo (Miguel), trombetas, anjos e fogo, de forma repentina e sem sinal algum (Mateus 25:31-33; 2 Tessalonicenses 1:7-10; 2 Pedro 3:10); (2) o "homem da iniquidade" é morto com "o sopro da boca do Senhor" (2 Tessalonicenses 2:8; Apocalipse 20:8-9); (3) o fogo atinge a presente terra e céus, começando a destrui-los, os não justificados são mortos pelo fogo (Mateus 13:30; 2 Tessalonicenses 1:7-

10; 2 Pedro 3:7,10) – está implícito que os justificados não são feridos; (4) a voz de Jesus chama todos os mortos à ressurreição – justificados e não justificados – todos ganham corpos ressurretos ao comando da voz de Cristo (Mateus 25:32; João 5:28-29); (5) os justificados que estavam mortos são levados a Cristo nos ares, ressuscitados com corpos glorificados (1 Tessalonicenses 4:16) e os justificados que estavam vivos se transformam com corpos glorificados e são levados aos ares até Cristo, chegando logo após os justificados que estavam mortos (1 Tessalonicenses 4:15-16), e todos os justificados são ajuntados "à direita" de Cristo (Mateus 25:33); (6) todos os não justificados são ajuntados "à esquerda" de Cristo (Mateus 25:33), possivelmente seus corpos ressurretos não sejam glorificados como o dos justificados – a Bíblia fala de corpo glorificado apenas para os justificados; (7) os presentes terra e céus são destruídos enquanto o julgamento final toma lugar, a fim de encaminhar cada um para seu destino eterno (2 Pedro 3:7-10; Apocalipse 20:9-12); (8) os não justificados são banidos da presença de Deus e jogados no "lago de fogo" juntamente com o *sheol*/*hades*, não havendo mais morte (Apocalipse 20:12-15); (9) criação de novos céus e nova terra para habitação eterna dos justificados com Deus (Apocalipse 21:1-2);

- 1 Tessalonicenses 5:1-3: a segunda vinda de Jesus ocorrerá de forma totalmente inesperada, sem sinais de aviso. A destruição será repentina para aqueles que não estiverem constantemente preparados para estar diante do Senhor;

- 1 Tessalonicenses 5:23: Deus santificará inteiramente aqueles que o obedecem. A totalidade do ser humano é composta de uma parte espiritual (alma e espírito) e uma parte material (corpo). Com a obediência do evangelho, Deus capacita o cristão a ser santo em relação a tudo e, assim, todo o seu ser é mantido íntegro e irrepreensível para se encontrar com o Senhor em sua segunda vinda.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

O objetivo do crescimento espiritual do cristão em amor é para que ele esteja em santidade e isento de culpa diante de Jesus, de Deus Pai e dos santos (os anjos e os outros salvos) na segunda vinda de Cristo, a qual traz o juízo final. Deus santificará inteiramente aqueles que o obedecem. A totalidade do ser humano é composta de uma parte espiritual (alma e espírito) e uma parte material (corpo). Com a obediência do evangelho, Deus capacita o cristão a ser santo em relação a tudo e, assim, todo o seu ser é mantido íntegro e irrepreensível para se encontrar com o Senhor em sua segunda vinda.

A morte física é referida como "sono" por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará. A morte é uma separação (Tiago 2:26): morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus.

A segunda vinda de Jesus ocorrerá de forma totalmente inesperada, sem sinais de aviso. A destruição será repentina para aqueles que não estiverem constantemente preparados para estar diante do Senhor. Jesus virá a partir dos céus em sua segunda vinda e ele livra os justificados da ira vindoura de Deus Pai. Jesus descerá dos céus para o juízo final em meio ao ouvir da voz do arcanjo (Miguel) e som da "trombeta de Deus", o que sugere uma vinda bem audível. Cristãos salvos serão um motivo de regozijo para outros cristãos que trabalharam por eles diante de Jesus Cristo em sua segunda vinda.

Os fiéis que já morreram serão ressuscitados e, em termos de ordem, serão reunidos com o Senhor nos ares antes dos fiéis que estiverem vivos na ocasião, os quais serão levados ao Senhor já na sequência. Portanto, de certa forma, os mortos terão a "vantagem" de ver a Cristo um pouco antes dos vivos, os quais serão levados na sequência aos ares junto ao Senhor. Assim, não há razão para se lamentar pelos fiéis mortos – além de receber o galardão do Senhor, terão ainda mais a "vantagem" de chegar a Cristo antes dos fiéis que estiverem vivos. Portanto, enquanto Cristo estiver nos ares em sua segunda vinda, receberá os fiéis com ele, sendo que os mortos ressuscitarão com os corpos glorificados (1 Coríntios 15:51-55) e os vivos são transformados para ter os corpos glorificados. Os não justificados, no entanto, são descritos como não "tendo esperança" – experimentarão condenação da parte do Senhor.

O esboço provável dos acontecimentos da segunda vinda de Cristo são os seguintes:

1. Cristo vem nos céus com o anúncio da voz do arcanjo (Miguel), trombetas, anjos e fogo, de forma imprevisível e repentina, sem sinal algum (Mateus 25:31-33; 2 Tessalonicenses 1:7-10; 2 Pedro 3:10).

2. O "homem da iniquidade" é o primeiro não justificado a morrer, sendo morto com "o sopro da boca do Senhor" (2 Tessalonicenses 2:8).

3. O fogo atinge a presente terra e céus, começando a destrui-los. Os não justificados são mortos pelo fogo (Mateus 13:30; Mateus 24:40-41; 2 Tessalonicenses 1:7-10; 2 Pedro 3:7; 2 Pedro 3:10). Os justificados que estiverem vivos na vinda do Senhor não são nem mortos nem feridos (Mateus 24:40-41).

4. A voz de Jesus chama todos os mortos à ressurreição – justificados e não justificados (inclusive as pessoas que acabaram de morrer pelo fogo). Todos ganham corpos ressurretos ao comando da voz de Cristo (Mateus 25:32; João 5:28-29);

5. Os justificados que estavam mortos são levados a Cristo nos ares, ressuscitados com corpos glorificados (1 Tessalonicenses 4:16). Os justificados que estavam vivos se transformam com corpos glorificados e são levados aos ares até Cristo, chegando logo após os justificados que estavam mortos (1 Tessalonicenses 4:15-16). Todos os justificados são ajuntados "à direita" de Cristo (Mateus 25:33). Enquanto isso, o fogo continua a consumir toda a criação (2 Pedro 3:10).

6. Todos os não justificados são ajuntados "à esquerda" de Cristo (Mateus 25:33). Possivelmente seus corpos ressurretos não sejam glorificados como o corpo dos justificados – a Bíblia fala de corpo glorificado apenas para os justificados. O fogo continua a consumir toda a criação (2 Pedro 3:10).

7. A presente criação é consumida pelo fogo e destruída enquanto o julgamento final toma lugar, a fim de encaminhar cada um para seu destino eterno (2 Pedro 3:7-10; Apocalipse 20:9-12).

8. Os não justificados são banidos da presença de Deus e jogados no "lago de fogo" juntamente com o *sheol/hades*, não havendo mais morte (Apocalipse 20:12-15).

1.14. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas da Segunda Epístola aos Tessalonicenses. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.14.1. 2 TESSALONICENSES 1:7-10

> e que dê a vocês, que estão sendo atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando ele vier, naquele Dia, para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram. Isto inclui vocês, que creram em nosso testemunho.

Na sua segunda vinda, Jesus Cristo se manifestará nos céus junto com os anjos, em meio a fogo. Ele será então glorificado e admirado por causa daqueles a quem ele salvou. Cristo julgará todos aqueles que não querem conhecer a Deus e aqueles que não obedecem ao evangelho, condenando-os ao eterno banimento de sua presença. Os fiéis serão aliviados.

É provável que o fogo aqui referido seja o mesmo fogo que destruirá os presentes céus e terra em 2 Pedro 3:7-10. Esse fogo pode também ser o instrumento para matar os não justificados na segunda vinda de Cristo (Apocalipse 20:9). O "homem da iniquidade" será morto na vinda do Senhor (2 Tessalonicenses 2:8), o que pode indicar que os demais não justificados também serão mortos pelo Senhor e, em seguida, submetidos ao juízo final.

1.14.2. 2 TESSALONICENSES 2:1-12

> Irmãos, no que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, pedimos que vocês não se deixem demover facilmente de seu modo de pensar, nem fiquem perturbados, quer por espírito, quer por palavra, quer por carta, como se procedesse de nós, dando a entender que o Dia do Senhor já chegou. Ninguém, de modo nenhum, os engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, apresentando-se como se fosse o próprio Deus. Vocês não lembram que eu costumava lhes dizer estas coisas, quando ainda estava com vocês? E, agora, vocês sabem o que o detém, para que ele seja revelado a seu tempo. Porque o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém. Então será revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e destruirá pela manifestação de sua vinda. Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a ação de Satanás, com todo poder, sinais e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que estão perecendo, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos. É por este motivo que Deus lhes envia a operação do erro, para darem crédito à mentira, a fim de serem condenados todos os que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça.

Essa passagem é frequentemente referida como se tratando do "anticristo". Os cristãos primitivos de Tessalônica acreditaram que a segunda vinda de Cristo já havia ocorrido. O apóstolo Paulo afirmou que o evento não havia ocorrido porque algumas coisas deviam acontecer antes. Cristo ainda não podia ter retornado naquela época porque ainda não havia ocorrido "a apostasia" e nem a manifestação do "homem da iniquidade", o qual estava sendo restringido por algo/alguém que aqueles cristãos conheciam. Assim, embora a segunda vinda de Cristo seja totalmente imprevisível, pode ocorrer somente após a manifestação do tal iníquo. Vejamos o que temos sobre esse indivíduo no contexto:

- Ele é o resultado final da apostasia da fé (2 Tessalonicenses 2:3). Apostasia é uma deserção do cristianismo. É alguém que era cristão e que caiu da fé;

- "A apostasia" é qualificada por um artigo definido ("a"). Um movimento definido estava em vista na visão profética do apóstolo – não é apenas um princípio de deserção;

- Tal força sinistra, de um ponto de vista do primeiro século, ainda estava a ser revelada (2 Tessalonicenses 2:3). Isso parece sugerir que o movimento não evoluiu a ponto de poder ser identificado definitivamente pelos cristãos primitivos. Esperou um desenvolvimento futuro;

- Tal poder perseguidor foi designado como o "homem da iniquidade" (2 Tessalonicenses 2:3), uma vez que a iniquidade (ou seja, descumprimento da lei divina) é sua qualidade predominante. Tal caráter, referido tanto no gênero neutro quanto no gênero masculino (2 Tessalonicenses 2:6-7), é o "filho da perdição" (2 Tessalonicenses 2:3), uma vez que o seu fim é a perdição, isto é, a destruição pelo próprio Senhor (2 Tessalonicenses 2:8);

- O referido oponente de Deus é chamado de "iníquo" (2 Tessalonicenses 2:8). Esse poder não tem respeito pela lei de Deus;

- O homem da iniquidade se opõe a Deus e se exalta contra "tudo o que se chama Deus ou é objeto de culto" (2 Tessalonicenses 2:4). Isso parece se referir à Palavra de Deus, pois ela define Deus e é objeto de culto da parte dos cristãos. Esse indivíduo finge religiosidade, mas seu verdadeiro caráter revela oposição à Palavra de Deus. Sua atividade, na verdade, está de acordo com a operação de Satanás (2 Tessalonicenses 2:9);

- O homem da iniquidade se assentará no santuário (templo) de Deus (2 Tessalonicenses 2:4). O "santuário" ou "templo" não é uma referência à casa judaica de adoração. A palavra grega é *naos,* usada por Paulo oito vezes. Ele nunca empregou esse termo para o templo judaico. De fato, após a morte de Cristo, o templo judeu nunca mais foi chamado de santuário/templo de Deus nas Escrituras. Pelo contrário, ou o corpo do cristão passa a ser referido como o santuário/templo de Deus (1 Coríntios 6:19), ou uma igreja local é referida como a casa espiritual de Deus (1 Coríntios 3:16-17; Efésios 2:21);

- A implicação do aviso de Paulo é que esse ser profano é visto como sendo um "personagem da Igreja" – é um personagem eclesiástico. João explicou que "o anticristo" saiu do meio dos cristãos, sendo um apóstata (1 João 2:18-19). A expressão "a ponto de assentar-se no santuário de Deus" pode sugerir arrogância incomparável. A linguagem descreve o homem da iniquidade como tentando exigir "homenagem divina" das pessoas;

- O filho da perdição se apresenta como Deus. A expressão "apresentando-se como se fosse o próprio Deus" revela que essa postura presunçosa é característica do homem da iniquidade. Essa pessoa representa a si mesma como Deus, fazendo afirmações que pertencem apenas à divindade, recebendo adoração reservada exclusivamente a Deus, e/ou usurpa de prerrogativas que apenas Deus pode fazer;

- O homem da iniquidade engana aqueles que não amam a verdade, em virtude das maravilhas mentirosas que ele produz (2 Tessalonicenses 2:9-10). Esses "pretensos milagres" não estão na categoria dos milagres de Cristo. Muitos estão prontos para atribuir verdadeiros milagres a Satanás e seus agentes, mas Escrituras nunca o fazem;

- Os estágios iniciais dessa apostasia eclesiástica já estavam em ação na igreja primitiva (2 Tessalonicenses 2:7). O termo grego *energeitai*, um tempo presente de forma de voz mediana, sugere que esse movimento estava trabalhando em direção a um objetivo maior. O erro já estava operante, mas ainda não revelado (2 Tessalonicenses 2:6). Esse é um ponto crucial. João afirmou que "o espírito do anticristo" já estava presente em 1 João 4:3 na época em que ele escreveu a carta;

- Nos dias de Paulo, havia alguma influência que restringia o aparecimento do homem da iniquidade. Essa influência foi um tipo de força abstrata, como evidenciado pela forma neutra de *katechon*, "a coisa restritiva" (2 Tessalonicenses 2:6). No entanto, essa força estava fortemente associada a uma pessoa/pessoas, como sugerido pela expressão "aquele que agora o detém" que se refere a alguém do sexo masculino (2 Tessalonicenses 2:7). Provavelmente, o significado é um poder amplo operando sob governantes individuais;

- Ao contrário do homem da iniquidade, cuja identidade mais tarde seria revelada, os primeiros cristãos conheceram pessoalmente a força que estava restringindo seu aparecimento: "E, agora, sabeis o que o detém" (com o temo *oidate* – "saber a partir de observação"). Isso indica que esse poder amplo operando sob governantes individuais era uma entidade contemporânea de Paulo, e não moderna;

- Esse poder amplo operando sob governantes individuais eventualmente seria "removido", ou, mais corretamente, "desapareceria". Assim, o homem da iniquidade, em seu próprio tempo, seria revelado abertamente (2 Tessalonicenses 2:6-7);

- O homem da iniquidade, apesar de ter raízes no mundo do cristianismo antigo (2 Tessalonicenses 2:6), permanecerá, de uma forma ou de outra, até o fim dos tempos, isto é, até a segunda vinda de Cristo. Então, ele será destruído pela palavra do juízo do Senhor (2 Tessalonicenses 2:8). Em vista disso, o homem da iniquidade não pode ser um inimigo perseguidor que desapareceu no esquecimento há séculos antes do presente.

É muito difundida hoje em dia a ideia de um futuro anticristo. Mas Paulo afirmou que o "mistério da iniquidade", uma característica do homem da iniquidade, já estava em ação no primeiro século (2 Tessalonicenses 2:7). Os cristãos tessalonicenses do primeiro século conheceram pessoalmente o poder amplo operando sob governantes individuais que estava restringindo o aparecimento do "homem da iniquidade" (2 Tessalonicenses 2:6). Essas duas informações eliminam definitivamente qualquer pessoa candidata a "homem da iniquidade" que surja durante a era moderna. Como esse mal começou nos dias dos apóstolos e deve continuar no mundo até a segunda vinda de Cristo, segue-se necessariamente que tal mal deve ser conduzido não por um homem só (pois os homens morrem), mas por uma sucessão de homens em várias eras.

Uma ideia popular afirma que o homem da iniquidade foi um governante romano – talvez Nero César. Porém, esse conceito não se encaixa nos fatos. Nenhum césar caiu da fé (2 Tessalonicenses 2:3) – césares nem sequer foram cristãos. Além disso, os governantes romanos, há muito tempo, permaneceram no pó da antiguidade.

Alguns argumentam que o homem da iniquidade é a representação dos judeus militantes endurecidos, particularmente os zelotes. Essa teoria veria o homem da iniquidade (judaísmo) destruído pela vinda do Senhor na destruição de Jerusalém por meio dos romanos em 70 d.C. Mas o judaísmo não faz parte de "a apostasia". Além disso, a profecia de Paulo da segunda vinda de Cristo (2 Tessalonicenses 2:8) não foi cumprida em 70 d.C., como evidenciado pelo fato de que os cristãos não foram reunidos ao Senhor em conexão com a queda de Jerusalém (conforme 1 Tessalonicenses 4:14-17) e o mundo não foi destruído pelo fogo (2 Pedro 3:7,10-11).

Alguns alegam que nenhum poder específico ou pessoas estão em vista. No entanto, tal conceito não se encaixa nas descrições específicas de 2 Tessalonicenses 2. O texto fala de um movimento particular, "a apostasia" (2 Tessalonicenses 2:3). Além disso, há muitas referências pessoais dentro da narrativa para descartá-la como uma mera personificação. Finalmente, a expressão "o homem da iniquidade" é acompanhada do artigo "o", o que aponta para uma influência específica, e não para uma influência genérica.

Outros argumentam que o homem da iniquidade seja o próprio Satanás. Essa visão não pode estar correta. Satanás não faz parte de "a apostasia" (2 Tessalonicenses 2:3) e o iníquo é descrito como aparecendo "segundo a eficácia de Satanás" (2 Tessalonicenses 2:9). Isso obviamente distingue pessoalmente o homem da iniquidade de Satanás.

Outros afirmam que o conceito de Paulo do homem da iniquidade reflete uma crença na antiga mitologia pagã – uma ideia que havia sido absorvida pelos primeiros cristãos. Essa visão, em última análise, acaba por rejeitar a proposição de que as Escrituras são inspiradas por Deus (como as Escrituras poderiam ser inspiradas se os cristãos que as produziram absorveram influências pagãs?). Se fosse assim, o texto de 2 Tessalonicenses apenas refletiria o que se chamaria de "primeiras ideias cristãs", não a realidade atual. Essa visão acaba sendo totalmente inconsistente com as afirmações bíblicas e provas relativas à inspiração dos documentos apostólicos.

Com todas essas informações em mente, para identificarmos o "homem da iniquidade", devemos identificar um movimento tão antigo quanto o primeiro século. Tal movimento foi cristão e caiu da fé (apostasia) após os apóstolos morrerem. Esse movimento afirma provar sua autenticidade por meio de milagres. Esse movimento também não pode ser algo que desapareceu no esquecimento há séculos antes do presente, mas permanecerá de alguma forma até Cristo voltar. O "homem da iniquidade" saiu desse movimento depois que desapareceu um poder amplo operando sob governantes individuais que estava restringindo seu aparecimento no primeiro século. Esse poder era uma entidade contemporânea de Paulo e dos cristãos tessalonicenses a quem ele escreveu – Paulo e os tessalonicenses o conheciam. Como homens morrem, é necessário que o "homem da iniquidade" continue pelas eras por meio de uma sucessão de homens que vêm do referido movimento apóstata.

Assim sendo, do ponto de vista dos dias da era atual, o homem da iniquidade já foi revelado e continuará com uma sucessão de homens que se apresentam como Deus até Cristo retornar. Tal mal já está no mundo e será eliminado apenas na segunda vinda da Cristo. Portanto, ela pode ocorrer a qualquer instante, de forma imprevisível.

1.14.3. ESCATOLOGIA DA SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos na Segunda Epístola aos Tessalonicenses, as informações são:

- 2 Tessalonicenses 1:7-10: na sua segunda vinda, Jesus Cristo se manifestará nos céus junto com os anjos, em meio a fogo. Ele será então glorificado e admirado por causa daqueles a quem ele salvou. Cristo julgará todos aqueles que não querem conhecer a Deus e aqueles que não obedecem ao evangelho, condenando-os ao eterno banimento da sua presença. Os fiéis serão aliviados. É provável que o referido fogo seja o mesmo fogo que destruirá os presentes céus e terra em 2 Pedro 3:7-10. Esse fogo pode também ser um instrumento para matar os não justificados na segunda vinda de Cristo (Apocalipse 20:9). O "homem da iniquidade" será morto na vinda do Senhor (2 Tessalonicenses 2:8), o que pode indicar que os demais não justificados também serão mortos pelo Senhor e, em seguida, submetidos ao juízo final;

- 2 Tessalonicenses 2:1-12: a segunda vinda de Cristo pode ocorrer somente após a manifestação de "a apostasia" que gerou o "homem da iniquidade". Para identificar esse indivíduo, também chamado de "o anticristo", deve ser identificado um movimento tão antigo quanto o primeiro século. Tal movimento foi cristão e caiu da fé (apostasia) após os apóstolos morrerem. Esse movimento afirma provar sua autenticidade por meio de milagres. Esse movimento também não pode ser algo que desapareceu no esquecimento há séculos antes do presente, mas permanecerá de alguma forma até Cristo voltar. O "homem da iniquidade" saiu desse movimento depois que desapareceu um poder amplo operando sob governantes individuais que estava restringindo seu aparecimento no primeiro século. Esse poder era uma entidade contemporânea de Paulo e dos cristãos tessalonicenses a quem ele escreveu – Paulo e os tessalonicenses o conheciam. Como homens morrem, é necessário que o "homem da iniquidade" continue pelas eras por meio de uma sucessão de homens que vêm do referido movimento apóstata. Tal mal já está no mundo e será eliminado apenas na segunda vinda de Cristo. Portanto, ela pode ocorrer a qualquer instante, de forma imprevisível.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

A segunda vinda de Cristo pode ocorrer apenas após a manifestação de "a apostasia" que gerou o "homem da iniquidade". Para identificar esse indivíduo, também chamado de "o anticristo", deve ser identificado um movimento tão antigo quanto o primeiro século. Tal movimento foi cristão e caiu da fé (apostasia) após os apóstolos morrerem. Esse movimento afirma provar sua autenticidade por meio de milagres. Esse movimento também não pode ser algo que desapareceu no esquecimento há séculos antes do presente, mas permanecerá de alguma forma até Cristo voltar. O "homem da iniquidade" saiu desse movimento depois que desapareceu um poder amplo operando sob governantes individuais que estava restringindo seu aparecimento no primeiro século. Esse poder era uma entidade contemporânea de Paulo e dos cristãos tessalonicenses a quem ele escreveu – Paulo e os tessalonicenses o conheciam. Como homens morrem, é necessário que o "homem da iniquidade" continue pelas eras por meio de uma sucessão de homens que vêm do referido movimento apóstata.

Assim sendo, do ponto de vista dos dias da era atual, o homem da iniquidade já foi revelado e continuará com uma sucessão de homens que se apresentam como Deus até Cristo retornar. Tal mal já está no mundo e será eliminado apenas na segunda vinda de Cristo. Portanto, ela pode ocorrer a qualquer instante, de forma imprevisível.

Na sua segunda vinda, Jesus Cristo se manifestará nos céus junto com os anjos, em meio a fogo. Ele será então glorificado e admirado por causa daqueles a quem ele salvou. Cristo julgará todos aqueles que não querem conhecer a Deus e aqueles que não obedecem ao evangelho, condenando-os ao eterno banimento da sua presença. Os fiéis serão aliviados.

É provável que o referido fogo seja o mesmo fogo que destruirá os presentes céus e terra em 2 Pedro 3:7-10. Esse fogo pode também ser um instrumento para matar os não justificados na segunda vinda de Cristo (Apocalipse 20:9). O "homem da iniquidade" será morto na vinda do Senhor (2 Tessalonicenses 2:8), o que pode indicar que os demais não justificados também serão mortos pelo Senhor e, em seguida, submetidos ao juízo final.

1.15. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas da Primeira Epístola a Timóteo. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.15.1. 1 TIMÓTEO 6:14-16 E A ESCATOLOGIA DA PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

> a guardar este mandato imaculado, irrepreensível, até a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo, a qual, no tempo certo, há de ser revelada pelo bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem ninguém jamais viu, nem é capaz de ver. A ele honra e poder eterno. Amém!

Deus Pai tem um tempo certo para a manifestação de Cristo em sua segunda vinda, mas esse tempo não é revelado ao ser humano.

Jesus Cristo é "o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem ninguém jamais viu, nem é capaz de ver". Ser o único que possui imortalidade implica na sua divindade, como a divindade de Deus Pai, uma vez que Deus Pai é imortal da mesma forma. Deus é o único que é imortal por si mesmo, sem que algo ou alguém mais conceda isso a ele, o que implica que qualquer criação ou criatura não pode ser imortal por si mesma – isso tem que ser concedido por Deus (como no caso da ressurreição dos justificados). Habitar em "luz inacessível que ninguém viu e nem é capaz de ver" significa que apenas Cristo pode, como Deus, ter essa luz e habitar nela por si mesmo.

1.16. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas da Segunda Epístola a Timóteo. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.16.1. 2 TIMÓTEO 1:12

> e, por isso, estou sofrendo estas coisas. Mas não me envergonho, porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar aquilo que me foi confiado até aquele Dia.

Nenhuma confiança ou esforço colocado para seguir a Cristo e levar sua Palavra para outras pessoas será em vão, ainda que haja sofrimentos. No dia do juízo final, o galardão daquele que se esforçou pelo evangelho será muito maior do que todas as dificuldades enfrentadas.

1.16.2. 2 TIMÓTEO 3:1-5

> Mas você precisa saber disto: nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis. Pois os seres humanos serão egoístas, avarentos, orgulhosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem afeição natural, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, convencidos, mais amigos dos prazeres do que amigos de Deus, tendo forma de piedade, mas negando o poder dela. Fique longe também destes.

Nos "últimos dias" os tempos são difíceis para a aceitação da Palavra de Deus por causa do caráter das pessoas. Observe que Paulo disse que Timóteo, que viveu no primeiro século, tinha que saber disso, uma vez que ele era um evangelista. Se Paulo tivesse se referido que as pessoas seriam resistentes à Palavra de Deus apenas em um futuro mais longínquo (como os dias modernos), a expressão "Mas você precisa saber disto: nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis" não faria sentido. Os "últimos dias", no contexto, estão em um futuro próximo para a evangelização por parte de Timóteo, já no primeiro século. Ou seja, os "últimos dias" já estavam presentes no primeiro século.

1.16.3. 2 TIMÓTEO 4:1

> Diante de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu Reino, peço a você com insistência

Cristo é aquele que julgará os mortos e vivos no momento de sua segunda vinda, a qual traz sua manifestação em glória e a plenitude do seu reino. O julgamento de vivos e mortos, sejam justificados ou não justificados, é referido coletivamente e no mesmo instante da segunda vinda de Cristo.

1.16.4. 2 TIMÓTEO 4:8

> Desde agora me está guardada a coroa da justiça, que o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda.

A segunda vinda de Cristo é alívio para os fiéis e, por essa razão, eles a amam. No dia do julgamento final, o julgamento totalmente justo realizado pelo Senhor que ocorrerá quando Cristo voltar, aqueles que foram fiéis receberão a "coroa da justiça" por terem sido justificados.

1.16.5. ESCATOLOGIA DA SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos na Segunda Epístola a Timóteo, as informações são:

- 2 Timóteo 1:12: nenhuma confiança ou esforço colocado para seguir a Cristo e levar sua Palavra para outras pessoas será em vão, ainda que haja sofrimentos. No dia do juízo final, o galardão daquele que se esforçou pelo evangelho será muito maior que todas as dificuldades enfrentadas;

- 2 Timóteo 3:1-5: os "últimos dias" já estavam presentes no primeiro século e o caráter das pessoas tornava difícil a aceitação da Palavra de Deus já naquela época;

- 2 Timóteo 4:1: Cristo é aquele que julgará os mortos e vivos no momento de sua segunda vinda, a qual trará a sua manifestação em glória e a plenitude do seu reino. O julgamento de vivos e mortos, sejam justificados ou não justificados, é referido coletivamente e no mesmo instante da segunda vinda de Cristo;

- 2 Timóteo 4:8: a segunda vinda de Cristo é alívio para os fiéis e, por essa razão, eles a amam. No dia do julgamento final, o julgamento totalmente justo realizado pelo Senhor que ocorrerá quando Cristo voltar, aqueles que foram fiéis receberão a "coroa da justiça" por terem sido justificados.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Os "últimos dias" já estavam presentes no primeiro século e o caráter das pessoas tornava difícil a aceitação da Palavra de Deus já naquela época. No entanto, nenhuma confiança ou esforço colocado para seguir a Cristo e levar sua Palavra para outras pessoas será em vão, ainda que haja sofrimentos.

Cristo será aquele que julgará de forma totalmente justa os mortos e vivos no momento de sua segunda vinda, a qual trará a sua manifestação em glória e a plenitude do seu reino. O julgamento de vivos e mortos, sejam justificados ou não justificados, ocorrerá coletivamente e no mesmo instante de sua segunda vinda.

No dia do juízo final, a segunda vinda de Cristo, o galardão daquele que se esforçou pelo evangelho será muito maior do que todas as dificuldades enfrentadas. Será o dia de alívio para os fiéis, os quais receberão a "coroa da justiça", reinando com Cristo após serem justificados. Por essas razões, os fiéis amam o retorno de Cristo e o aguardam.

1.17. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA EPÍSTOLA A TITO

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas da Epístola a Tito. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.17.1. TITO 2:12-13 E A ESCATOLOGIA DA EPÍSTOLA A TITO

> Ela nos educa para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos neste mundo de forma sensata, justa e piedosa, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo.

Cristãos vivem perseverantes em renegar a impiedade e paixões mundanas enquanto vivem de forma sensata, justa e piedosa em meio a um mundo mau, aguardando a manifestação em glória de Jesus Cristo em sua segunda vinda, a qual concretizará plenamente suas esperanças.

1.18. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE HEBREUS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Hebreus. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.18.1. HEBREUS 2:16

> Pois ele, evidentemente, não socorre anjos, mas socorre a descendência de Abraão.

A salvação em Cristo não é para anjos, mas para a "descendência de Abraão", ou seja, aqueles que andam segundo o caminho de Abraão – em última análise, os cristãos.

1.18.2. HEBREUS 4:12-13

> Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para julgar os pensamentos e propósitos do coração. E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e expostas aos olhos daquele a quem temos de prestar contas.

Um ser humano é composto de uma parte espiritual (alma e espírito) e uma parte física (corpo). Quanto à distinção entre alma e espírito, ver 1.1.10. Mateus 10:28.

A Palavra de Deus é capaz de separar coisas aparentemente indivisíveis, tais como a parte espiritual e a parte física de alguém, de modo a manifestar a verdadeira intenção da pessoa. A Palavra de Deus na Bíblia é configurada de forma a trazer o resultado que Deus quer, e não o resultado que o ser humano quer (Isaías 55:11). Deus vê todas as coisas como expostas e, por isso, sua Palavra é capaz de julgar justamente. Todos prestarão contas a Deus no juízo final diante de Cristo em sua segunda vinda (2 Coríntios 5:10).

1.18.3. HEBREUS 9:27-28

> E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disso, o juízo, assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez por todas para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, não para tirar pecados, mas para salvar aqueles que esperam por ele.

Seres humanos morrem fisicamente apenas uma vez e, depois, estarão reservados para o juízo final da segunda vinda de Cristo. Na verdade, no momento da morte já ocorre a determinação do destino eterno de cada um, uma vez que a vida física é o único período de tempo em que alguém pode testificar qual será seu destino eterno: comunhão eterna com Deus ou banimento eterno de sua presença. Não há espaço para outras vidas e nem reencarnação. A segunda vinda de Cristo não será para lidar com pecados, mas será para a salvação daqueles que aguardam sua vinda, ou seja, os fiéis.

1.18.4. HEBREUS 10:26-27

> Porque, se continuarmos a pecar de propósito, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados. Pelo contrário, resta apenas uma terrível expectativa de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários.

Cristãos podem acabar pecando e se arrependendo para serem perdoados (1 João 2:1-2), porém, se continuarem a pecar de propósito e não haver mais arrependimento, acabam por rejeitar o sacrifício de Cristo. Não há, então, outro sacrifício para expiar pecados, restando apenas a expectativa da punição definitiva, a qual é descrita como "fogo vingador" – uma referência ao lago de fogo de Apocalipse.

1.18.5. HEBREUS 11:5

> Pela fé, Enoque foi levado a fim de não passar pela morte; não foi achado, porque Deus o havia levado. Pois, antes de ser levado, obteve testemunho de que havia agradado a Deus.

Há alguma controvérsia na questão de para onde Enoque foi levado por Deus. Gênesis 5:22-24 declara: "Enoque andou com Deus; e, depois que gerou Metusalém, viveu trezentos anos; e teve filhos e filhas. Todos os dias de Enoque foram trezentos e sessenta e cinco anos. Enoque andou com Deus e não foi mais visto, porque Deus o levou para junto de si." Há duas formas de entender o paradeiro de Enoque:

- Enoque foi apenas tomado para o céu atmosférico, o "primeiro céu", e transportado por Deus para outro lugar na Terra;

- Deus abreviou os dias de Enoque, fazendo-o viver bem menos do que seus contemporâneos para que não fosse morto pelas mãos daquela geração ruim;

- Enoque "escapou da morte" por ter sido levado ao céu por Deus.

Se Enoque foi tomado por Deus para viver com ele em sua habitação celestial, Enoque "escapou" do *sheol*. Caso Enoque tenha simplesmente sido levado para outro lugar na Terra, ou tenha simplesmente morrido mais cedo, ele foi ao *sheol* ao morrer.

A possibilidade de que Enoque tenha tido seus dias abreviados por Deus não parece fazer muito sentido, pois ele foi tomado justamente para não ver a morte. Assumir que "não ver a morte" significa "não morrer pelas mãos dos ímpios de sua geração" parece forçado e não se encaixa bem no contexto. Deus teria que ter cortado cerca de metade da longevidade de Enoque e, ainda, teria que ter escondido o seu corpo (como com Moisés), uma vez que Enoque "não foi achado". Essa possibilidade assume muitos elementos que não se encontram no texto.

Em suporte à interpretação de que Enoque tenha sido levado a outro lugar da Terra, a expressão "porque Deus o levou para junto de si" aparece no original apenas como "Deus o levou", sem dizer para onde. É verdade que uma transladação por parte de Deus não precisa, necessariamente, levar alguém ao céu. Isso foi evidenciado pelos profetas que reconheceram que Elias poderia ter sido levado por Deus para outra parte da Terra (2 Reis 2:16-18). O Espírito do Senhor levou Jesus ao deserto (Mateus 4:1) e Filipe foi levado pelo Espírito para longe do eunuco (Atos 8:39-40). Também, em Hebreus 11:13, o autor disse que todos aqueles que ele citou em Hebreus 11:4-12 morreram na fé, sem a concretização das promessas, o que incluiria Enoque (citado em Hebreus 11:5). É claro que a palavra "todos" pode não ter um sentido absoluto nesse caso, tendo o sentido de "todos exceto Enoque". Paulo, ao declarar que todos os humanos pecaram e carecem da glória de Deus (Romanos 3:23) obviamente excluiu Jesus Cristo de seu "todos".

Porém, ao se correlacionar Hebreus 11:5 com Gênesis 5:22-24, a impressão que os textos passam é que Enoque foi tomado por Deus para estar em sua presença por ser alguém que o agradava, em contraste com seus contemporâneos. Nada nos textos indica que não foi assim. A Bíblia especifica quando alguém é levado pelo Espírito para outro lugar na Terra (Mateus 4:1; Atos 8:39-40). Não foi o caso com Enoque. Em Hebreus 11:5, a maior impressão é que Enoque foi levado para o céu com o objetivo de dar uma prova aos seus contemporâneos de que seus ensinamentos sobre Deus (Judas 14-15) eram verdadeiros e que sua devoção à causa de Deus e à justiça no meio da oposição era altamente agradável para Deus. Enoque não apareceu mais na Terra, e nem entre homens mortais, porque Deus o tirou do mundo pecaminoso e miserável para si mesmo e para sua habitação celestial. A evidência bíblica pesa mais para que Enoque tenha sido tomado por Deus para estar com ele no céu, embora sem seu corpo glorificado.

1.18.6. HEBREUS 11:13-16

> Todos estes morreram na fé. Não obtiveram as promessas, mas viram-nas de longe e se alegraram com elas, confessando que eram estrangeiros e peregrinos na terra. Porque os que falam desse modo manifestam estar procurando uma pátria. E, se, na verdade, se lembrassem daquela de onde saíram, teriam oportunidade de voltar. Mas, agora, desejam uma pátria superior, isto é, celestial. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porque lhes preparou uma cidade.

Os fiéis do Antigo Testamento eram apenas estrangeiros e peregrinos porque sabiam que a verdadeira herança não estava no planeta Terra, mas em uma pátria celestial – o próprio céu. A cidade preparada por Deus para seus fiéis é, em última análise, os novos céus e nova terra onde os justificados terão comunhão total com o Senhor. Não há herança para os fiéis no planeta Terra, o qual será destruído pelo fogo na segunda vinda de Cristo (2 Pedro 3:10-11).

1.18.7. HEBREUS 11:39-40

> Todos estes, mesmo tendo obtido bom testemunho por meio da fé, não obtiveram a concretização da promessa, porque Deus tinha previsto algo melhor para nós, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados.

Os personagens bíblicos citados no capítulo 11 do Livro de Hebreus, apesar de terem obtido um bom testemunho de Deus pela fé, ainda não obtiveram a concretização da promessa, ou seja, a pátria celestial, a eterna comunhão com Deus em corpos glorificados. Essa comunhão não pode ser herdada antes do "aperfeiçoamento", ou seja, antes de os justificados receberem o corpo celestial glorificado explicado por Paulo em 1 Coríntios 15. Assim, os fiéis mortos aguardam a segunda vinda de Cristo para que, juntamente com os fiéis que estiverem vivos quando Cristo voltar, recebam os corpos celestiais para estarem para sempre em comunhão direta com Deus.

Entre aqueles que morreram na fé sem a concretização das promessas se inclui Enoque (citado em Hebreus 11:5). É provável, no entanto, que Enoque não tenha passado pela morte. Nesse caso a palavra "todos" não tem um sentido absoluto, tendo o sentido de "todos morreram exceto Enoque". Paulo, ao declarar que todos os humanos pecaram e carecem da glória de Deus (Romanos 3:23) obviamente excluiu Jesus Cristo de seu "todos". Não obstante, Enoque também aguarda a concretização da promessa, isto é, a pátria celestial e a eterna comunhão com Deus em corpos glorificados.

1.18.8. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE HEBREUS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Hebreus, as informações são:

- Hebreus 2:16: a salvação em Cristo não é para anjos, mas para a "descendência de Abraão", ou seja, aqueles que andam segundo o caminho de Abraão – em última análise, os cristãos;

- Hebreus 4:12-13: um ser humano é composto de uma parte espiritual (alma e espírito) e uma parte física (corpo). A Palavra de Deus é capaz de separar coisas aparentemente indivisíveis, tais como a parte espiritual e a parte física de alguém, de modo a manifestar sua verdadeira intenção. A Palavra de Deus na Bíblia é configurada de forma a trazer o resultado que Deus quer, e não o resultado que o ser humano quer (Isaías 55:11). Deus vê todas as coisas como expostas e, por isso, sua Palavra é capaz de julgar justamente. Todos prestarão contas a Deus no juízo final diante de Cristo em sua segunda vinda (2 Coríntios 5:10);

- Hebreus 9:27-28: seres humanos morrem fisicamente apenas uma vez e, depois, estarão reservados para o juízo final da segunda vinda de Cristo. Na verdade, no momento da morte já ocorre a determinação do destino eterno de cada um, uma vez que a vida física é o único período de tempo em que alguém pode testificar qual será seu destino eterno: comunhão eterna com Deus ou banimento eterno de sua presença. Não há espaço para outras vidas e nem reencarnação. A segunda vinda de Cristo não será para lidar com pecados, mas será para a salvação daqueles que aguardam sua vinda, ou seja, os fiéis;

- Hebreus 10:26-27: cristãos podem acabar pecando e se arrependendo para serem perdoados (1 João 2:1-2), porém, se continuarem a pecar de propósito e não haver mais arrependimento, acabam por rejeitar o sacrifício de Cristo. Não há, então, outro sacrifício para expiar pecados, restando apenas a expectativa da punição definitiva, a qual é descrita como "fogo vingador" – uma referência ao lago de fogo de Apocalipse;

- Hebreus 11:5: Enoque está em comunhão com Deus no céu, embora ainda sem seu corpo glorificado;

- Hebreus 11:13-16: os fiéis do Antigo Testamento eram apenas estrangeiros e peregrinos porque sabiam que a verdadeira herança não estava no planeta Terra, mas em uma pátria celestial – o próprio céu. A cidade preparada por Deus para seus fiéis é, em última análise, os novos céus e nova terra onde os justificados terão comunhão total com o Senhor. Não há herança para os fiéis no planeta Terra, o qual será destruído pelo fogo na segunda vinda de Cristo (2 Pedro 3:10-11);

- Hebreus 11:39-40: os fiéis mortos aguardam a segunda vinda de Cristo para que, juntamente com os fiéis que estiverem vivos quando Cristo voltar, recebam os corpos celestiais para estarem para sempre em comunhão direta com Deus.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Um ser humano é composto de uma parte espiritual (alma e espírito) e uma parte física (corpo). A Palavra de Deus é capaz de separar coisas aparentemente indivisíveis, tais como a parte espiritual e a parte física de alguém, de modo a manifestar sua verdadeira intenção. A Palavra de Deus na Bíblia é configurada de forma a trazer o resultado que Deus quer, e não o resultado que o ser humano quer (Isaías 55:11). Deus vê todas as coisas como expostas e, por isso, sua Palavra é capaz de julgar justamente. Cristãos podem acabar pecando e se arrependendo para serem perdoados (1 João 2:1-2), porém, se continuarem a pecar de propósito e não haver mais arrependimento, acabam por rejeitar o sacrifício de Cristo. Não há, então, outro sacrifício para expiar pecados, restando apenas a expectativa da punição definitiva, a qual é descrita como "fogo vingador" – uma referência ao lago de fogo de Apocalipse. Todos prestarão contas a Deus no juízo final diante de Cristo em sua segunda vinda (2 Coríntios 5:10).

Os fiéis do Antigo Testamento eram apenas estrangeiros e peregrinos porque sabiam que a verdadeira herança não estava no planeta Terra, mas em uma pátria celestial – o próprio céu.

A segunda vinda de Cristo não será para lidar com pecados, mas será para a salvação daqueles que aguardam sua vinda, ou seja, os fiéis. A salvação em Cristo não é para anjos, mas para a "descendência de Abraão", ou seja, aqueles que andam segundo o caminho de Abraão – em última análise, os cristãos.

Seres humanos morrem fisicamente apenas uma vez e, depois, estarão reservados para o juízo final da segunda vinda de Cristo. Na verdade, no momento da morte já ocorre a determinação do destino eterno de cada um, uma vez que a vida física é o único período de tempo em que alguém pode testificar qual será seu destino eterno: comunhão eterna com Deus ou banimento eterno de sua presença. Não há espaço para outras vidas e nem reencarnação. Os fiéis mortos, bem como Enoque (que está em comunhão com Deus no céu, embora ainda sem seu corpo glorificado), aguardam a segunda vinda de Cristo para que, juntamente com os fiéis que estiverem vivos quando Cristo voltar, recebam os corpos celestiais para estarem para sempre em comunhão direta com Deus.

A cidade preparada por Deus para seus fiéis é, em última análise, os novos céus e nova terra onde os justificados terão comunhão total com o Senhor. Não há herança para os fiéis no planeta Terra, o qual será destruído pelo fogo na segunda vinda de Cristo.

1.19. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA EPÍSTOLA DE TIAGO

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas da Epístola de Tiago. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.19.1. TIAGO 2:26

> Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta.

Embora Tiago esteja falando de fé e obras, o princípio do argumento é muito importante para entender que a morte é uma espécie de separação. Um corpo sem espírito está morto – o corpo se decompõe e o espírito volta a Deus. Uma pessoa não convertida ao Senhor está espiritualmente morta – seu espírito está separado de Deus.

Quando Deus disse a Adão que não comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal, ele revelou que a consequência da desobediência seria a morte no mesmo dia do pecado (Gênesis 2:17). Com certeza, Deus cumpriu sua promessa sobre a consequência do pecado, porque ele sempre fala a verdade e nunca quebra uma promessa. Por causa do pecado do casal original, Deus o expulsou do Jardim do Éden (Gênesis 3:23-24). Mesmo tendo Adão vivido, em seu corpo físico, ele e sua esposa morreram no dia de seu pecado, no sentido de que eles foram separados de Deus. A morte espiritual é a separação de Deus. Esse caso de Adão e Eva ajuda a entender que é possível estar fisicamente vivo, enquanto morto espiritualmente (veja Efésios 2:1-6, por exemplo). A razão para

essa morte espiritual, essa separação de Deus, é sempre a mesma: nos separamos de Deus pelo nosso próprio pecado (Isaías 59:1-2).

1.19.2. TIAGO 3:6

> Ora, a língua é um fogo; é um mundo de maldade. A língua está situada entre os membros do nosso corpo e contamina o corpo inteiro, e não só põe em chamas toda a carreira da existência humana, como também ela mesma é posta em chamas pelo inferno.

A palavra traduzida por "inferno" é *geena*. O *geena* é referido como a punição final, uma vez que nele estará o ímpio de corpo e alma, ou seja, depois da ressurreição e do julgamento final (Mateus 10:28 e passagens similares). *Geena* e o lago de fogo do Livro de Apocalipse são ambos a punição final.

A língua é o órgão que profere palavras, sendo por elas que alguém será justificado ou condenado (Mateus 12:37). Se alguém usa a língua para pecar, ela é razão para contaminação de todo o corpo pelo pecado, o que leva a desgraças na vida física e, em última análise, pode levar à punição final.

1.19.3. TIAGO 5:7-9

> Portanto, irmãos, sejam pacientes até a vinda do Senhor. Eis que o lavrador aguarda com paciência o precioso fruto da terra, até receber as primeiras e as últimas chuvas. Sejam também vocês pacientes e fortaleçam o seu coração, pois a vinda do Senhor está próxima. Irmãos, não se queixem uns dos outros, para que vocês não sejam julgados. Eis que o juiz está às portas.

Cristãos devem ser pacientes até que Cristo venha em sua segunda vinda, pois é nela que entrarão num estado sem sofrimento e comunhão eterna com Deus. A vinda de Cristo estava próxima desde o primeiro século, quando a epístola foi escrita, e Cristo é o juiz.

Como podia a vinda de Cristo estar próxima e ainda não ter ocorrido até hoje, quase dois mil anos depois? Há duas formas de entender isso:

- Nunca na Bíblia foi dado a homem algum conhecer quaisquer coisas relacionadas a tempos e épocas da vinda de Cristo, as quais são determinadas pelo Pai (Atos 1:6-11). A vinda de Cristo está próxima em um sentido de proximidade, como alguém que está próximo à porta, mas ainda não entrou, e não em termos de tempo;

- A vinda de Cristo está próxima no sentido de que cada pessoa terá seu próprio "dia do Senhor" no dia em que morrer. Estêvão viu Cristo à direita do Pai pouco antes de morrer (Atos 7:55-60). A vida de uma pessoa dificilmente ultrapassa 120 anos, e mesmo essa quantidade de anos é pouca. Pessoas podem morrer imprevisivelmente, a qualquer momento.

1.19.4. ESCATOLOGIA DA EPÍSTOLA DE TIAGO

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos na Epístola de Tiago, as informações são:

- Tiago 2:26: a morte é uma separação. Morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus;

- Tiago 3:6: a língua é o órgão que profere palavras, sendo por elas que alguém será justificado ou condenado (Mateus 12:37). Se alguém usa a língua para pecar, ela é a razão para a contaminação de todo o corpo pelo pecado, o que leva a desgraças na vida física e, em última análise, pode levar à punição final;

- Tiago 5:7-9: cristãos devem ser pacientes até que Cristo venha em sua segunda vinda, pois é nela que entrarão em um estado sem sofrimento e comunhão eterna com Deus. A vinda de Cristo estava próxima desde o primeiro século, quando a epístola foi escrita, e Cristo é o juiz. A segunda vinda de Cristo está próxima em um sentido de proximidade, como alguém que está próximo à porta, mas ainda não entrou,

> e não em termos de tempo. Também, a segunda vinda de Cristo está próxima no sentido que cada pessoa terá seu próprio "dia do Senhor" no dia em que morrer. Estêvão viu Cristo à direita do Pai pouco antes de morrer (Atos 7:55-60). A vida de uma pessoa dificilmente ultrapassa 120 anos, e mesmo essa quantidade de anos é pouca. Pessoas podem morrer imprevisivelmente, a qualquer momento.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

A morte é uma separação. Morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus.

A língua é o órgão que profere palavras, sendo por elas que alguém será justificado ou condenado. Se alguém usa a língua para pecar, ela é a razão para a contaminação de todo o corpo pelo pecado, o que leva a desgraças na vida física e, em última análise, pode levar à punição final. Os cristãos devem ser pacientes até que Cristo venha em sua segunda vinda, pois é com ela que eles entrarão em um estado sem sofrimento e comunhão eterna com Deus.

A segunda vinda de Cristo estava próxima desde o primeiro século e Cristo é o juiz. Está próxima em um sentido de proximidade, como alguém que está próximo à porta, mas ainda não entrou, e não em termos de tempo. Também, a segunda vinda de Cristo está próxima no sentido de que cada pessoa terá seu próprio "dia do Senhor" no dia em que morrer. Estêvão viu Cristo à direita do Pai pouco antes de morrer. A vida de uma pessoa dificilmente ultrapassa 120 anos, e mesmo essa quantidade de anos é pouca. Pessoas podem morrer imprevisivelmente, a qualquer momento.

1.20. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PEDRO

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas da Primeira Epístola de Pedro. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.20.1. 1 PEDRO 1:4-5

> para uma herança que não pode ser destruída, que não fica manchada, que não murcha e que está reservada nos céus para vocês, que são guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para ser revelada no último tempo.

A salvação em sua total plenitude é uma herança eterna com Deus, reservada para os fiéis para ser revelada no "último tempo", o juízo final na segunda vinda de Cristo.

1.20.2. 1 PEDRO 2:12

> tendo conduta exemplar no meio dos gentios, para que, quando eles os acusarem de malfeitores, observando as boas obras que vocês praticam, glorifiquem a Deus no dia da visitação.

O "dia da visitação" não se trata da segunda vinda de Cristo. Se Deus efetuar algum tipo de juízo ou livramento para não cristãos (uma visitação), eles podem lembrar do bom comportamento dos cristãos e, em vez de continuar a difamá-los, podem a dar glória a Deus. O mesmo argumento para a realização de boas obras foi usado por Cristo em Mateus 5:16: "Assim brilhe também a luz de vocês diante dos outros, para que vejam as boas obras que vocês fazem e glorifiquem o Pai de vocês, que está nos céus."

1.20.3. 1 PEDRO 3:18-20

> Pois também Cristo padeceu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir vocês a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais, noutro tempo, foram desobedientes, quando Deus aguardava com paciência nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucas pessoas, apenas oito, foram salvas através da água.

Assim como os cristãos, Jesus também sofreu injustamente, pregando e sendo rejeitado, e até morrendo pelos pecados dos outros. Contudo, mais tarde, ele foi exaltado à direita do Pai, com anjos, autoridades e poderes submissos a ele. Cristo também, em espírito, tinha pregado ao povo que vivia na época de Noé, e foi rejeitado.

Noé foi um pregador da justiça e, por meio dele, o Espírito de Cristo pregou àqueles que viveram antes do dilúvio. Naquela época, eram pessoas vivendo normalmente suas vidas. No entanto, após o julgamento pelo dilúvio, passaram a ser "espíritos em prisão", e assim continuaram até o momento em que Pedro escreveu sua epístola (e assim continuarão até a ressurreição dos mortos).

Uma vez que aquelas pessoas são agora espíritos em prisão, sua prisão é o *sheol*/*hades*. Assim, o mundo dos mortos é retratado como uma espécie de prisão para os não justificados.

1.20.4. 1 PEDRO 4:6-7

> Pois, para este fim, o evangelho foi pregado também a mortos, para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam em espírito segundo Deus. O fim de todas as coisas está próximo; portanto, sejam criteriosos e sóbrios para poderem orar.

Alguns interpretam 1 Pedro 4:6 crendo que Jesus, ao ter morrido, pregou o evangelho para os mortos no *sheol*/*hades* se baseando em 1 Pedro 3:18-20. No entanto, não há razão para pregar aos mortos, uma vez que, após a morte física, resta apenas o juízo (Hebreus 9:27). Há, portanto, duas interpretações possíveis para a expressão "o evangelho foi pregado também a mortos":

- Pessoas que estão fisicamente vivas, mas que estão longe do Senhor, são consideradas espiritualmente mortas. Assim, o evangelho é pregado Para aqueles que estão espiritualmente mortos para que se convertam ao Senhor e verdadeiramente vivam;

- Pedro pode estar se referindo aos cristãos que estavam mortos no momento em que escreveu a carta, mas que aceitaram o evangelho quando ainda viviam. Esses cristãos teriam sido maltratados, e até mesmo mortos, por causa de Jesus, sendo julgados "segundo os homens". Mas eles vivem "em espírito segundo Deus". Essa interpretação se ajusta muito bem ao contexto imediato da passagem e implica que os cristãos mortos já estão vivendo com o Senhor.

Ambas as explicações são verdadeiras no contexto bíblico e se ajustam a 1 Pedro 4:6.

A expressão "O fim de todas as coisas está próximo" de 1 Pedro 4:7 se refere ao último dia, o juízo final, a segunda vinda de Cristo (2 Pedro 3:7,10). Assim como em Tiago 5:7-9, observa-se que a segunda vinda de Cristo foi considerada próxima desde o primeiro século, quando Pedro escreveu sua epístola. Como podia a segunda vinda de Cristo estar próxima e ainda não ter ocorrido até hoje, quase dois mil anos depois? Há duas formas de entender isso:

- Nunca na Bíblia foi dado a homem algum conhecer quaisquer coisas relacionadas a tempos e épocas da vinda de Cristo, as quais são determinadas pelo Pai (Atos 1:6-11). A vinda de Cristo está próxima em um sentido de proximidade, como alguém que está próximo à porta, mas ainda não entrou, e não em termos de tempo;

- A vinda de Cristo está próxima no sentido de que cada pessoa terá seu próprio "dia do Senhor" no dia em que morrer. Estêvão viu Cristo à direita do Pai pouco antes de morrer (Atos 7:55-60). A vida de uma pessoa dificilmente ultrapassa 120 anos, e mesmo essa quantidade de anos é pouca. Pessoas podem morrer imprevisivelmente, a qualquer momento.

1.20.5. 1 PEDRO 5:4

> E, quando o Supremo Pastor se manifestar, vocês receberão a coroa da glória, que nunca perde o seu brilho.

A segunda vinda de Cristo traz a recompensa eterna aos fiéis: reinar com Cristo pela eternidade. Uma vez que a manifestação de Jesus em sua segunda vinda traz essa recompensa eterna, está implícito que o juízo final ocorrerá no mesmo evento.

1.20.6. ESCATOLOGIA DA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PEDRO

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos na Primeira Epístola de Pedro, as informações são:

- 1 Pedro 1:4-5: a salvação em sua total plenitude é uma herança eterna com Deus, reservada para os fiéis para ser revelada no "último tempo", o juízo final na segunda vinda de Cristo;

- 1 Pedro 2:12: se Deus efetuar algum tipo de juízo ou livramento para não cristãos (uma visitação), eles podem lembrar do bom comportamento dos cristãos e, em vez de continuar a difamá-los, podem a dar glória a Deus. O mesmo argumento para a realização de boas obras foi usado por Cristo em Mateus 5:16: "Assim brilhe também a luz de vocês diante dos outros, para que vejam as boas obras que vocês fazem e glorifiquem o Pai de vocês, que está nos céus";

- 1 Pedro 3:18-20: assim como os cristãos, Jesus também sofreu injustamente, pregando e sendo rejeitado, e até morrendo pelos pecados dos outros. Contudo, mais tarde, ele foi exaltado à direita do Pai, com anjos, autoridades e poderes submissos a ele. Cristo também, em espírito, tinha pregado ao povo que vivia na época de Noé, e foi rejeitado. Noé foi um pregador da justiça e, por meio dele, o Espírito de Cristo pregou àqueles que viveram antes do dilúvio. Naquela época, eram pessoas vivendo normalmente suas vidas. No entanto, após o julgamento pelo dilúvio, passaram a ser "espíritos em prisão", e assim continuaram até o momento em que Pedro escreveu sua epístola (e assim continuarão até a ressurreição dos mortos). Uma vez que aquelas pessoas são agora espíritos em prisão, sua prisão é o *sheol*/*hades*. Assim, o mundo dos mortos é retratado como uma espécie de prisão para os não justificados;

- 1 Pedro 4:6-7: pessoas que estão fisicamente vivas, mas que estão longe do Senhor, são consideradas espiritualmente mortas. Assim, o evangelho é pregado para aqueles que estão espiritualmente mortos para que se convertam ao Senhor e verdadeiramente vivam. Cristãos podem ser maltratados e até mesmo mortos por causa de Jesus, sendo julgados "segundo os homens". Mas eles vivem "em espírito segundo Deus". Isso implica que os cristãos mortos já estão vivendo com o Senhor. A expressão "O fim de todas as coisas está próximo" de 1 Pedro 4:7 se refere ao último dia, o juízo final, a segunda vinda de Cristo (2 Pedro 3:7,10). A segunda vinda de Cristo está próxima em um sentido de proximidade, como alguém que está próximo à porta, mas ainda não entrou, e não em termos de tempo. Também, a segunda vinda de Cristo está próxima no sentido que cada pessoa terá seu próprio "dia do Senhor" no dia em que morrer. Estêvão viu Cristo à direita do Pai pouco antes de morrer (Atos 7:55-60). A vida de uma pessoa dificilmente ultrapassa 120 anos, e mesmo essa quantidade de anos é pouca. Pessoas podem morrer imprevisivelmente, a qualquer momento;

- 1 Pedro 5:4: a segunda vinda de Cristo traz a recompensa eterna aos fiéis: reinar com Cristo pela eternidade. Uma vez que a manifestação de Jesus em sua segunda vinda traz essa recompensa eterna, está implícito que o juízo final ocorrerá no mesmo evento.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Se Deus efetuar algum tipo de juízo ou livramento para não cristãos (uma visitação), eles podem lembrar do bom comportamento dos cristãos e, em vez de continuar a difamá-los, podem a dar glória a Deus. O mesmo argumento para a realização de boas obras foi usado por Cristo em Mateus 5:16: "Assim brilhe também a luz de vocês diante dos outros, para que vejam as boas obras que vocês fazem e glorifiquem o Pai de vocês, que está nos céus."

Pessoas que estão fisicamente vivas, mas que estão longe do Senhor, são consideradas espiritualmente mortas. Assim, o evangelho é pregado para aqueles que estão espiritualmente mortos para que se convertam ao Senhor e verdadeiramente vivam.

Assim como os cristãos, Jesus também sofreu injustamente, pregando e sendo rejeitado, e até morrendo pelos pecados dos outros. Contudo, mais tarde, ele foi exaltado à direita do Pai, com anjos, autoridades e poderes submissos a ele. Cristo também, em espírito, tinha pregado ao povo que vivia na época de Noé, e foi rejeitado. Noé foi um pregador da justiça e, por meio dele, o Espírito de Cristo pregou àqueles que viveram antes do dilúvio. Naquela época, eram pessoas vivendo normalmente suas vidas, porém, após o julgamento pelo dilúvio, passaram a ser "espíritos em prisão", e assim continuaram até o momento em que Pedro escreveu sua epístola (e assim continuarão até a ressurreição dos mortos). Cristãos podem ser maltratados e até mesmo mortos por causa de Jesus, sendo julgados "segundo os homens". Mas eles vivem "em espírito segundo Deus". Isso implica que os cristãos mortos já estão vivendo com o Senhor.

Uma vez que as pessoas que viveram antes do dilúvio são agora espíritos em prisão, sua prisão é o *sheol/hades*. Assim, o mundo dos mortos é retratado como uma espécie de prisão para os não justificados.

A expressão "O fim de todas as coisas está próximo" de 1 Pedro 4:7 se refere ao último dia, o juízo final, a segunda vinda de Cristo. A segunda vinda de Cristo está próxima em um sentido de proximidade, como alguém que está próximo à porta, mas ainda não entrou, e não em termos de tempo. Também, a segunda vinda de Cristo está próxima no sentido de que cada pessoa terá seu próprio "dia do Senhor" no dia em que morrer. Estêvão viu Cristo à direita do Pai pouco antes de morrer. A vida de uma pessoa dificilmente ultrapassa 120 anos, e mesmo essa quantidade de anos é pouca. Pessoas podem morrer imprevisivelmente, a qualquer momento.

A salvação em sua total plenitude é uma herança eterna com Deus, reservada para os fiéis para ser revelada no "último tempo", o juízo final na segunda vinda de Cristo, a qual traz a recompensa eterna aos fiéis: reinar com Cristo pela eternidade.

1.21. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA SEGUNDA EPÍSTOLA DE PEDRO

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas da Segunda Epístola de Pedro. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.21.1. 2 PEDRO 2:4

> Pois Deus não poupou anjos quando pecaram, mas, lançando-os no inferno, prendeu-os com correntes de escuridão, reservando-os para o juízo.

Anjos podem pecar e a salvação em Cristo não é para eles (Judas 6; Hebreus 2:16). Quando Pedro escreveu sua segunda carta no primeiro século, Deus já tinha aprisionado/rebaixado anjos desobedientes em escuridão. Assim, eles já estão aprisionados/rebaixados, mas ainda estão reservados para o juízo final.

A palavra traduzida como "inferno" aqui é *tartaroó*, um verbo, e não um substantivo. É verdade que a forma substantivada do verbo grego é *tartarus* ("tártaro"), mas essa palavra não é encontrada nessa passagem, nem em qualquer outro lugar na Bíblia. Sendo um verbo, *tartaroó*, na realidade, não denota um lugar, mas uma ação: o processo de ser preso, contido, rebaixado, etc. O que pode ser afirmado seguramente que o apóstolo Pedro disse ao usar o verbo *tartaroó*, foi, simplesmente, que Deus aprisionou/rebaixou os anjos que pecaram em escuridão e reservou-os para o dia do juízo final.

Não há obrigatoriedade em entender que Deus prendeu literalmente tais anjos em algum lugar. A queda dos anjos que pecaram foi de uma condição de honra e dignidade para uma condição de desonra e condenação, longe da luz de Deus. A ideia do texto pode ser expressa da seguinte forma: "Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas os aprisionou/rebaixou, e os entregou às cadeias da escuridão." O que é seguro dizer dessa passagem, portanto, é que tais anjos não mais verão a luz de Deus e estão aguardando o juízo final. O cerne do argumento de Pedro é que se Deus não poupou anjos desobedientes, também não poupará seres humanos desobedientes.

No entanto, de fato existe a possibilidade de que o verbo *tartaroó* signifique "aprisionar/rebaixar no tártaro". Como muita da audiência de Pedro era de fala grega, o apóstolo pode ter usado uma ideia comum de sua época e dos gregos para ilustrar uma verdade. Jesus usou *geena*, um termo que originalmente se refere ao Vale de Hinom que se situava fora das muralhas de Jerusalém e era usado como depósito de cadáveres e toda outra espécie de imundície, como descrição da punição final. Da mesma forma, Pedro pode ter usado um termo grego relativamente equivalente ao abismo próximo ao *sheol* para indicar que os anjos desobedientes estejam aprisionados em trevas nas maiores profundezas. Gregos entendiam o tártaro como as cavernas e grutas mais profundas e os cantos mais terríveis do mundo dos mortos. No Antigo Testamento, *abaddon* é usado como referência ao abismo sem fim próximo ao *sheol* (Jó 26:6; 28:22; 31:12; Salmo 88:11; Provérbios 15:11; 27:20). O abismo muitas vezes é representado na Bíblia como próximo ao *sheol/hades* e às águas das profundezas (Gênesis 1:2; 7:11-12; Jó 26:5-6; Provérbios 15:11; 27:20; Lucas 16:19-31). Jó afirmou que aqueles que foram mortos pelas águas do dilúvio tremem diante de Deus (Jó 26:5). Se for assim, o *sheol/hades* pode de fato possuir um abismo (*abaddon*) próximo a si onde tais anjos estão aprisionados em trevas. Em Lucas 8:30-31, os demônios não queriam ir ao abismo. Provavelmente era um local, no mínimo, mais desconfortável para eles do que possuir porcos. No Apocalipse, embora se tratando de uma visão simbólica, o abismo é retratado como liberando uma fumaça de fornalha (Apocalipse 9:2), o que pode indicar fogo. Se o abismo corresponder ao aprisionamento em trevas dos anjos caídos, os demônios e os anjos caídos podem ser as mesmas entidades.

1.21.2. 2 PEDRO 2:9-10

> Assim, o Senhor sabe livrar da provação os piedosos e manter os injustos sob castigo, para o Dia do Juízo, especialmente aqueles que, seguindo a carne, andam em desejos impuros e desprezam qualquer autoridade.

Deus sabe como livrar os justificados das provações, mas mantém os não justificados sob castigo, isto é, sua ira (Romanos 1:18), a qual será consumada no juízo final.

1.21.3. 2 PEDRO 3:3-4

> Antes de tudo, saibam que, nos últimos dias, virão escarnecedores com as suas zombarias, andando segundo as próprias paixões e dizendo: "Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais morreram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação."

Pedro escreveu que nos "últimos dias" as pessoas zombarão da vinda de Cristo, afirmando que está demorada e que as coisas continuam iguais. Assim, elas não acreditam na vinda do Senhor e andam segundo suas próprias paixões, e não segundo Deus. Os "últimos dias" não se referem apenas à era moderna – desde o primeiro século a Bíblia já afirma que são os últimos dias (veja Atos 2:16-17, Hebreus 1:1-2 e 1 João 2:18 para confirmação que os últimos dias começaram já no primeiro século).

1.21.4. 2 PEDRO 3:7-16

> Pela mesma palavra, os céus e a terra que agora existem têm sido guardados para o fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e da destruição dos ímpios. Mas há uma coisa, amados, que vocês não devem esquecer: que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos são como um dia. O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a julguem demorada. Pelo contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento. Porém, o Dia do Senhor virá como um ladrão. Naquele dia os céus passarão com grande estrondo, e os elementos se desfarão pelo fogo. Também a terra e as obras que nela existem desaparecerão. Uma vez que tudo será assim desfeito, vocês devem ser pessoas que vivem de maneira santa e piedosa, esperando e apressando a vinda do Dia de Deus. Por causa desse dia, os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos se derreterão pelo calor. Nós, porém, segundo a promessa de Deus, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça. Por essa razão, amados, esperando estas coisas, esforcem-se para que Deus os encontre sem mácula, sem culpa e em paz. E considerem a longanimidade do nosso Senhor como oportunidade de salvação, como também o nosso amado irmão Paulo escreveu a vocês, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar a respeito destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas cartas. Nelas há certas coisas difíceis de entender, que aqueles que não têm instrução e são instáveis deturparão, como também deturparão as demais Escrituras, para a própria destruição deles.

Esse, na realidade, é o verdadeiro texto bíblico para o fim do mundo, o qual se consumará na segunda vinda de Cristo.

Antes de tudo, a expressão "para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos são como um dia" significa apenas que Pedro está mostrando a paciência de Deus em adiar seu julgamento dos malfeitores. Ele não está negando o significado de outras referências a tempo na Bíblia. Algumas vezes, pessoas tentam evitar limites de tempo que Deus deu para o cumprimento de eventos na Bíblia citando 2 Pedro 3:8, tipicamente tentando forçá-los para o futuro quando já devem ter ocorrido no passado (o que é notável no Livro de Apocalipse), mas não pode ser assim. Quando Deus fala de coisas que acontecerão logo, deve ser respeitada sua palavra. O ponto é que a reação de Deus às injustiças humanas pode demorar conforme o nosso calendário, mas o acerto de contas virá. Também, a demora na vinda de Cristo não representa a infidelidade de Deus, mas a sua misericórdia, esperando que mais pessoas possam se converter (2 Pedro 3:9).

Pedro afirmou claramente que, na segunda vinda de Cristo, todo o mundo físico será destruído pelo calor. A esperança do cristão são novos céus e nova terra, não o mundo físico, o qual está reservado para o fogo. A segunda vinda de Jesus, a destruição do mundo, o salvamento dos fiéis, o juízo final, a incineração do mundo físico e dos presentes céus – tudo isso ocorre no mesmo evento, o qual virá de forma totalmente imprevisível. Em vista da destruição vindoura e do julgamento, Pedro encorajou os cristãos a viverem vidas piedosas, sempre prontos para a vinda de Cristo. A demora da vinda do Senhor é uma demonstração de longanimidade para os não justificados, dando-os tempo para conversão.

Uma coisa interessante é que, de certa forma, cristãos podem "apressar" o "dia de Deus": vivendo "de maneira santa e piedosa" e aguardando a vinda de Jesus. Talvez assim mais pessoas se convertam, o que implica que Deus aguarda que mais pessoas se convertam para depois trazer o fim de tudo. Outra coisa interessante é que Pedro também demonstrou conhecimento dos escritos de Paulo e os colocou na categoria das sagradas Escrituras, atestando a veracidade dos escritos e admitindo que não são coisas fáceis de entender e que são frequentemente deturpadas pelas pessoas.

1.21.5. ESCATOLOGIA DA SEGUNDA EPÍSTOLA DE PEDRO

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos na Segunda Epístola de Pedro, as informações são:

- 2 Pedro 2:4: Deus aprisionou os anjos que pecaram em escuridão (longe de sua luz) e reservou-os para o dia do juízo final. Se Deus não poupou anjos desobedientes, também não poupará seres humanos desobedientes. Pedro pode ter indicado que tais anjos desobedientes estejam aprisionados em trevas nas maiores profundezas, assemelhando o abismo sem fim próximo ao *sheol* (Jó 26:6; 28:22; 31:12; Salmo 88:11; Provérbios 15:11; 27:20) com o tártaro dos gregos, a fim de ilustrar seu ponto. Se for assim, o *sheol/hades* pode de fato possuir um abismo (*abaddon*) próximo a si onde tais anjos estão aprisionados em trevas. O abismo muitas vezes é representado na Bíblia como próximo ao *sheol/hades* e às águas das profundezas (Gênesis 1:2; 7:11-12; Jó 26:5-6; Provérbios 15:11; 27:20; Lucas 16:19-31). Jó afirmou que aqueles que foram mortos pelas águas do dilúvio tremem diante de Deus (Jó 26:5). Se for assim, o *sheol/hades* pode de fato possuir um abismo (*abaddon*) próximo a si onde tais anjos estão aprisionados em trevas. Em Lucas 8:30-31, os demônios não queriam ir ao abismo. Provavelmente era um local, no mínimo, mais desconfortável para eles do que possuir porcos. No Apocalipse, embora se tratando de uma visão simbólica, o abismo é retratado como liberando uma fumaça de fornalha (Apocalipse 9:2), o que pode indicar fogo. Se o abismo corresponder ao aprisionamento em trevas dos anjos caídos, os demônios e os anjos caídos podem ser as mesmas entidades;

- 2 Pedro 2:9-10: Deus sabe como livrar os justificados das provações, mas mantém os não justificados sob castigo, isto é, sua ira (Romanos 1:18), a qual será consumada no juízo final;

- 2 Pedro 3:3-4: nos "últimos dias" pessoas zombarão da vinda de Cristo, afirmando que está demorada e que as coisas continuam iguais. Assim, elas não acreditam na vinda do Senhor e andam segundo suas próprias paixões, e não segundo Deus. Os últimos dias não se referem apenas à era moderna – desde o primeiro século a Bíblia já afirma que são os últimos dias (Atos 2:16-17; Hebreus 1:1-2; 1 João 2:18);

- 2 Pedro 3:7-16: a expressão "para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos são como um dia" significa apenas que Pedro está mostrando a paciência de Deus em adiar seu julgamento dos malfeitores. Ele não está negando o significado de outras referências a tempo na Bíblia. O ponto é que a reação de Deus às injustiças humanas pode demorar conforme o nosso calendário, mas o acerto de contas virá. Também, a demora na vinda de Cristo não representa a infidelidade de Deus, mas a sua misericórdia, esperando que mais pessoas possam se converter (2 Pedro 3:9). Na segunda vinda de Cristo, todo o mundo físico será destruído pelo calor. A esperança do cristão são novos céus e nova terra, não o mundo físico, o qual está reservado para o fogo. A segunda vinda de Jesus, a destruição do mundo, o salvamento dos fiéis, o juízo final, a incineração do mundo físico e dos presentes céus – tudo isso ocorre no mesmo evento, o qual virá de forma totalmente imprevisível. Em vista da destruição vindoura e do julgamento, Pedro encoraja os cristãos a viverem vidas piedosas, sempre prontos para a vinda de Cristo. A demora da vinda do Senhor é uma demonstração de longanimidade para os não justificados, dando-os tempo para conversão. Uma coisa interessante é que, de certa forma, cristãos podem "apressar" o "dia de Deus": vivendo "de maneira santa e piedosa" e aguardando a vinda de Jesus. Talvez assim mais pessoas se convertam, o que implica que Deus aguarda que mais pessoas se convertam para depois trazer o fim de tudo. Outra coisa interessante é que Pedro também demonstrou conhecimento dos escritos de Paulo e os colocou na categoria das sagradas Escrituras, atestando a veracidade dos escritos e admitindo que não são coisas fáceis de entender e que são frequentemente deturpadas pelas pessoas.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Deus aprisionou os anjos que pecaram em escuridão (longe de sua luz) e reservou-os para o dia do juízo final. Pedro pode ter indicado que tais anjos desobedientes estejam aprisionados em trevas nas maiores profundezas, assemelhando o abismo sem fim próximo ao *sheol* com o tártaro dos gregos, a fim de ilustrar seu ponto. Se for assim, o *sheol*/*hades* pode de fato possuir um abismo (*abaddon*) próximo a si onde tais anjos estão aprisionados em trevas. O abismo muitas vezes é representado na Bíblia como próximo ao *sheol*/*hades* e às águas das profundezas. Jó afirmou que aqueles que foram mortos pelas águas do dilúvio tremem diante de Deus. Se for assim, o *sheol*/*hades* pode de fato possuir um abismo (*abaddon*) próximo a si onde tais anjos estão aprisionados em trevas. Em Lucas 8:30-31, os demônios não queriam ir ao abismo. Provavelmente era um local, no mínimo, mais desconfortável para eles do que possuir porcos. No Apocalipse, embora se tratando de uma visão simbólica, o abismo é retratado como liberando uma fumaça de fornalha, o que pode indicar fogo. Se o abismo corresponder ao aprisionamento em trevas dos anjos caídos, os demônios e os anjos caídos podem ser as mesmas entidades.

Se Deus não poupou anjos desobedientes, também não poupará seres humanos desobedientes. Deus sabe como livrar os justificados das provações, mas mantém os não justificados sob castigo, isto é, sua ira, a qual será consumada no juízo final.

Nos "últimos dias" pessoas zombarão da vinda de Cristo, afirmando que está demorada e que as coisas continuam iguais. Assim, elas não acreditam na vinda do Senhor e andam segundo suas próprias paixões, e não segundo Deus. Os últimos dias não se referem apenas à era moderna – desde o primeiro século a Bíblia já afirma que são os últimos dias.

A expressão "para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos são como um dia" significa apenas que Pedro está mostrando a paciência de Deus em adiar seu julgamento dos malfeitores. Ele não está negando o significado de outras referências a tempo na Bíblia. O ponto é que a reação de Deus às injustiças humanas pode demorar conforme o nosso calendário, mas o acerto de contas virá. Também, a demora na vinda de Cristo não representa a infidelidade de Deus, mas a sua misericórdia, esperando que mais pessoas possam se converter.

Na segunda vinda de Cristo, todo o mundo físico será destruído pelo calor. A esperança do cristão são novos céus e nova terra, não o mundo físico, o qual está reservado para o fogo. A segunda vinda de Jesus, a destruição do mundo, o salvamento dos fiéis, o juízo final, a incineração do mundo físico e dos presentes céus – tudo isso ocorre no mesmo evento, o qual virá de forma totalmente imprevisível.

Em vista da destruição vindoura e do julgamento, os cristãos devem viver vidas piedosas, sempre prontos para a vinda de Cristo. De certa forma, cristãos podem "apressar" o "dia de Deus": vivendo "de maneira santa e

piedosa" e aguardando a vinda de Jesus. Talvez assim mais pessoas se convertam, o que implica que Deus aguarda que mais pessoas se convertam para depois trazer o fim de tudo.

O apóstolo Pedro também demonstrou conhecimento dos escritos de Paulo e os colocou na categoria das sagradas Escrituras, atestando a veracidade dos escritos e admitindo que não são coisas fáceis de entender e que são frequentemente deturpadas pelas pessoas.

1.22. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE JOÃO

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas da Primeira Epístola de João. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.22.1. 1 JOÃO 2:18-19

> Filhinhos, esta é a última hora. E, como vocês ouviram que o anticristo vem, também agora muitos anticristos têm surgido; por isso sabemos que é a última hora. Eles saíram do nosso meio, mas não eram dos nossos. Porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco. Mas eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos.

João disse que a "última hora" já estava presente no momento em que ele escreveu a epístola, logo, os "últimos dias" já estavam presentes no primeiro século e continuam até a segunda vinda de Cristo, onde ocorre o fim de tudo. João explicou também que "o anticristo" e outros "anticristos" vieram do meio dos cristãos, ou seja, são pessoas que caíram da fé, e isso era também era um indicativo de ser "a última hora".

João explicou que há dois tipos distintos de anticristos: os anticristos que são pessoas que abandonam a fé (1 João 2:19) e negam Jesus Cristo (1 João 2:22-23) e um indivíduo em particular, o anticristo, o qual é o "homem da iniquidade" mencionado por Paulo em 2 Tessalonicenses 2:1-12. João afirmou que o espírito do anticristo já estava presente em sua época (1 João 4:3), mas esse indivíduo ainda não estava revelado ("vocês ouviram que o anticristo vem"). Do ponto de vista nossa época, tal indivíduo já foi revelado e continuará no mundo por meio de uma sucessão de homens até Cristo retornar (veja 1.14.2. 2 Tessalonicenses 2:1-12).

1.22.2. 1 JOÃO 3:2

> Amados, agora somos filhos de Deus, mas ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é.

Os cristãos já são filhos de Deus, mas ainda não estão em seus estados de plenitude. Na segunda vinda de Cristo, os fiéis serão semelhantes a ele e o verão como ele é, pois receberão corpos glorificados como o corpo de Cristo na ressurreição dos mortos (Filipenses 3:20-21).

1.22.3. 1 JOÃO 4:3

> e todo espírito que não confessa isso a respeito de Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual vocês ouviram dizer que viria e que agora já está no mundo

O "espírito do anticristo" significa uma disposição pessoal em não aceitar que Jesus veio em carne (a posição do gnosticismo que estava começando a se formar na época de João), o que implica na rejeição da crença de que Deus se fez carne na pessoa de Cristo – essa é uma posição que pode levar alguém a apostatar da fé. João afirmou que essa é a mesma posição que o "espírito do anticristo" assume e, também, que ele já estava no mundo no momento em que sua epístola foi escrita, ou seja, no primeiro século. Os cristãos primitivos já tinham ouvido falar que o anticristo viria pelo que Paulo escreveu em 2 Tessalonicenses 2:1-12, onde ele é referido como "o homem da iniquidade" que é "contra tudo o que se chama Deus" e "quer se apresentar como se fosse Deus", basicamente tendo o objetivo de perverter a Palavra de Deus e tomar o lugar de Cristo.

O espírito do anticristo já estava presente no mundo na época em que 2 Tessalonicenses e 1 João foram escritos, ou seja, ele já estava operante no primeiro século, embora o indivíduo ainda não estava revelado (2 Tessalonicenses 2:6; 1 João 2:18). O indivíduo se revelou mais adiante do ponto de vista do primeiro século. Do

ponto de vista de nossa época, ele já foi revelado e continuará no mundo por meio de uma sucessão de homens. Essa sucessão sai de "a apostasia" (2 Tessalonicenses 2:3) e tem em si a operação do "mistério da iniquidade" (2 Tessalonicenses 2:7), que é a obra do espírito do anticristo, e isso continuará até Cristo retornar (veja 1.14.2. 2 Tessalonicenses 2:1-12).

1.22.4. 1 JOÃO 4:16-17

> E nós conhecemos o amor e cremos neste amor que Deus tem por nós. Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele. Nisto o amor é aperfeiçoado em nós, para que, no Dia do Juízo, mantenhamos confiança; pois, assim como ele é, também nós somos neste mundo.

Se o amor de Deus for aperfeiçoado nos cristãos por meio da prática dos ensinamentos de Cristo, eles podem manter confiança de que o Senhor os salvará no dia do juízo, ou seja, o juízo final na segunda vinda de Jesus.

1.22.5. ESCATOLOGIA DA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE JOÃO

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos na Primeira Epístola de João, as informações são:

- 1 João 2:18-19: os "últimos dias" já estavam presentes no primeiro século e continuam até a segunda vinda de Cristo, onde ocorre o fim de tudo. "O anticristo" e outros "anticristos" vieram do meio dos cristãos, ou seja, são pessoas que caíram da fé, e isso era um indicativo de ser "a última hora". Há dois tipos distintos de anticristos: os anticristos que são cristãos que abandonaram a fé (1 João 2:19) e negaram Jesus Cristo (1 João 2:22-23) e um indivíduo em particular, o anticristo, o qual é o "homem da iniquidade" mencionado por Paulo em 2 Tessalonicenses 2:1-12. João afirmou que o "espírito do anticristo" já estava presente em sua época (1 João 4:3) mas ainda não revelado ("vocês ouviram que o anticristo vem"). Do ponto de vista nossa época, tal indivíduo já foi revelado e continuará no mundo por meio de uma sucessão de homens até Cristo retornar;

- 1 João 3:2: cristãos já são filhos de Deus, mas não estão em seus estados de plenitude. Na segunda vinda de Cristo, os fiéis serão semelhantes a ele e o verão como ele é, pois receberão corpos glorificados como o corpo de Cristo na ressurreição dos mortos (Filipenses 3:20-21);

- 1 João 4:3: o "espírito do anticristo" significa uma disposição pessoal em não aceitar Jesus, o que pode também levar alguém a apostatar da fé. Essa é a mesma posição que o "espírito do anticristo" assume, e ele já estava no mundo no primeiro século. Os cristãos primitivos já tinham ouvido falar que ele viria pelo que Paulo escreveu sobre o "homem da iniquidade" em 2 Tessalonicenses 2:1-12. Esse indivíduo já estava operante no primeiro século, embora ainda não revelado (2 Tessalonicenses 2:6; 1 João 2:18). O anticristo/homem da iniquidade se revelou mais adiante do ponto de vista do primeiro século. Do ponto de vista de nossa época, já foi revelado e continuará no mundo por meio de uma sucessão de homens. Essa sucessão sai de "a apostasia" (2 Tessalonicenses 2:3) e tem em si a operação do "mistério da iniquidade" (2 Tessalonicenses 2:7) e do "espírito do anticristo", continuando até Cristo retornar;

- 1 João 4:16-17: se o amor de Deus for aperfeiçoado nos cristãos por meio da prática dos ensinamentos de Cristo, eles podem manter confiança de que o Senhor os salvará no dia do juízo, ou seja, o juízo final na segunda vinda de Jesus.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Se o amor de Deus for aperfeiçoado nos cristãos por meio da prática dos ensinamentos de Cristo, eles podem manter confiança de que o Senhor os salvará no dia do juízo, ou seja, o juízo final na segunda vinda de Jesus. Cristãos já são filhos de Deus, mas ainda não estão em seus estados de plenitude. Na segunda vinda de Cristo, os fiéis serão semelhantes a ele e o verão como ele é, pois receberão corpos glorificados como o de Cristo na ressurreição dos mortos.

Os "últimos dias" já estavam presentes no primeiro século e continuam até a segunda vinda de Cristo, onde ocorre o fim de tudo.

O "anticristo" e outros "anticristos" vieram do meio dos cristãos, ou seja, são pessoas que caíram da fé, e isso era também indicativo de ser "a última hora". Há dois tipos distintos de anticristos: os anticristos que são cristãos que abandonaram a fé (1 João 2:19) e negaram Jesus Cristo (1 João 2:22-23) e um indivíduo em particular, o anticristo, o qual é o "homem da iniquidade" mencionado por Paulo em 2 Tessalonicenses 2:1-12.

O "espírito do anticristo" significa uma disposição pessoal em não aceitar Jesus, o que pode também levar alguém a apostatar da fé. Essa é a mesma posição que o anticristo assume. Os cristãos primitivos já tinham ouvido falar que ele viria pelo que Paulo escreveu sobre o "homem da iniquidade" em 2 Tessalonicenses 2:1-12. Ele já estava operante no primeiro século, embora o indivíduo ainda não estava revelado (2 Tessalonicenses 2:6; 1 João 2:18). O anticristo/homem da iniquidade se revelou mais adiante do ponto de vista do primeiro século. Do ponto de vista de nossa época, ele já foi revelado e continuará no mundo por meio de uma sucessão de homens. Essa sucessão sai de "a apostasia" (2 Tessalonicenses 2:3) e tem em si a operação do "mistério da iniquidade" (2 Tessalonicenses 2:7) e do espírito do anticristo, continuando até Cristo retornar.

1.23. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DA EPÍSTOLA DE JUDAS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas da Epístola de Judas. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.23.1. JUDAS 6

> E a anjos — os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio lugar — ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande Dia.

Assim como em 2 Pedro 2:4, Judas afirmou que anjos podem pecar. A salvação em Cristo não é para eles (Hebreus 2:16). Quando Judas escreveu essa carta no primeiro século, Deus já havia aprisionado anjos desobedientes em escuridão (longe de sua luz). Eles estão reservados para a punição do juízo final.

Em 2 Pedro 2:4, o apóstolo pode ter indicado que os anjos desobedientes estejam aprisionados em trevas nas maiores profundezas da terra – no Antigo Testamento, o *abaddon* é usado como referência ao abismo sem fim próximo ao *sheol* (Jó 26:6; 28:22; 31:12; Salmo 88:11; Provérbios 15:11; 27:20). Se for assim, o *sheol*/*hades* pode de fato possuir um abismo (*abaddon*) próximo a si onde tais anjos estão aprisionados em trevas (veja 1.21.1. 2 Pedro 2:4).

1.23.2. JUDAS 9

> Contudo, nem mesmo o arcanjo Miguel, quando entrou em conflito com o diabo e discutia a respeito do corpo de Moisés, ousou pronunciar sentença difamatória contra ele. Pelo contrário, disse: "O Senhor repreenda você!"

Existe uma interpretação de que Moisés teria sido ressuscitado por Deus e trazido ao céu baseada nessa discussão do arcanjo Miguel com Satanás por causa do corpo de Moisés. Nessa linha de raciocínio, essa discussão sugere que Moisés pode ter sido ressuscitado dos mortos por Deus em algum momento após sua morte. Se isso proceder, Moisés veio do céu para se encontrar com Jesus no monte da transfiguração (o que implicaria que Moisés esteve no céu sem um corpo físico, uma vez que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus nem a incorruptibilidade, conforme 1 Coríntios 15:50). Se não, a alma de Moisés está consciente, como constatado no monte da transfiguração (veja 1.1.19. Mateus 17:1-9), e ele vive de alguma forma, assim como Abraão, Isaque e Jacó foram tidos como vivos (Mateus 22:30-32).

1.23.3. JUDAS 14-15

> Foi a respeito deles que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: "Eis que o Senhor vem com milhares de seus santos, para exercer juízo contra todos e para convencer todos os ímpios a respeito de todas as obras ímpias que praticaram e a respeito de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele."

Falando contra falsos mestres, Judas citou uma profecia de Enoque, o sétimo depois de Adão, sobre a segunda vinda de Cristo. A linguagem lembra muito 2 Tessalonicenses 1:7-10. Cristo virá com milhares de seus anjos para o juízo final contra os não justificados. Nesse juízo, todos os não justificados serão convencidos de que merecem a condenação ao serem levadas em conta suas ações e palavras.

1.23.4. JUDAS 18

> Eles diziam a vocês: "Nos últimos tempos, haverá zombadores, andando segundo suas ímpias paixões."

Judas citou as palavras de Pedro em 2 Pedro 3:3-4: nos "últimos dias" pessoas zombarão da vinda de Cristo e continuarão a andar segundo suas próprias paixões, e não segundo Deus. Os "últimos dias" se referem aos próprios dias de Judas – ele estava vendo os "zombadores" agirem segundo suas "ímpias paixões".

1.23.5. ESCATOLOGIA DA EPÍSTOLA DE JUDAS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos na Epístola de Judas, as informações são:

- Judas 6: anjos podem pecar e Deus já havia aprisionado anjos desobedientes em escuridão, ou seja, longe da luz de Deus. Eles estão reservados para a punição do juízo final. Em 2 Pedro 2:4, o apóstolo pode ter indicado que os anjos desobedientes estejam aprisionados em trevas nas maiores profundezas da terra – no Antigo Testamento, o *abaddon* é usado como referência ao abismo sem fim próximo ao *sheol* (Jó 26:6; 28:22; 31:12; Salmo 88:11; Provérbios 15:11; 27:20). Se for assim, o *sheol/hades* pode de fato possuir um abismo (*abaddon*) próximo a si onde tais anjos estão aprisionados em trevas;

- Judas 9: existe uma interpretação de que Moisés teria sido ressuscitado por Deus e trazido ao céu baseada na discussão do arcanjo Miguel com Satanás por causa do corpo de Moisés. Nessa linha de raciocínio, essa discussão sugere que Moisés pode ter sido ressuscitado dos mortos em algum momento após sua morte. Se isso proceder, Moisés veio do céu para se encontrar com Jesus no monte da transfiguração (o que implicaria que Moisés esteve no céu sem um corpo físico, uma vez que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus nem a incorruptibilidade, conforme 1 Coríntios 15:50). Se não, a alma de Moisés está consciente, como constatado no monte da transfiguração, e ele vive de alguma forma, assim como Abraão, Isaque e Jacó foram tidos como vivos (Mateus 22:30-32);

- Judas 14-15: Cristo virá com milhares de seus anjos para o juízo final contra os não justificados. Nesse juízo, todos os não justificados serão convencidos de que merecem a condenação ao serem levadas em conta suas ações e palavras;

- Judas 18: pessoas zombarão da vinda de Cristo e continuarão a andar segundo suas próprias paixões e não segundo Deus. Os últimos dias já estavam presentes no primeiro século.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Anjos podem pecar e Deus já havia aprisionado anjos desobedientes em escuridão, ou seja, longe da luz de Deus. Eles estão reservados para a punição do juízo final. Em 2 Pedro 2:4, o apóstolo Pedro pode ter indicado que os anjos desobedientes estejam aprisionados em trevas nas maiores profundezas da terra – no Antigo Testamento, o *abaddon* é usado como referência ao abismo sem fim próximo ao *sheol*. Se for assim, o *sheol/hades* pode de fato possuir um abismo (*abaddon*) próximo a si onde tais anjos estão aprisionados em trevas.

Existe uma interpretação de que Moisés teria sido ressuscitado por Deus e trazido ao céu baseada na discussão do arcanjo Miguel com Satanás por causa do corpo de Moisés. Nessa linha de raciocínio, essa discussão sugere que Moisés pode ter sido ressuscitado dos mortos em algum momento após sua morte. Se isso proceder, Moisés veio do céu para se encontrar com Jesus no monte da transfiguração (o que implicaria que Moisés esteve no céu sem um corpo físico, uma vez que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus nem a incorruptibilidade). Se não, a alma de Moisés está consciente, como constatado no monte da transfiguração, e ele vive de alguma forma, assim como Abraão, Isaque e Jacó foram tidos como vivos.

Pessoas zombarão da vinda de Cristo e continuarão a andar segundo suas próprias paixões, e não segundo Deus. Os últimos dias já estavam presentes no primeiro século. Cristo virá com milhares de seus anjos para o juízo final contra os não justificados. Nesse juízo, todos os não justificados serão convencidos de que merecem a condenação ao serem levadas em conta suas ações e palavras.

1.24. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DE APOCALIPSE [2][3][4]

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta (na medida do possível) das passagens escatológicas de Apocalipse. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

1.24.1. APOCALIPSE 1:1-3

> Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer e que ele, enviando o seu anjo, deu a conhecer ao seu servo João, que atestou a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo, quanto a tudo o que viu. Bem-aventurado aquele que lê, e bem-aventurados aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo.

Esse é o prefácio do Livro de Apocalipse, contendo o autor (de Deus para Jesus, de Jesus para o anjo e do anjo para João) e os destinatários originais do livro, os "seus servos". Mais especificamente, os servos aqui são os cristãos da Ásia do primeiro século (Apocalipse 1:4,11), muitos dos quais sofriam severa perseguição por causa de sua fé (Apocalipse 2:10,13; 6:9).

Também, o livro trata das coisas que João viu (Apocalipse 1:2,11). Não é uma mera transmissão de palavras, mas uma mensagem dos símbolos e imagens que Deus permitiu a João visualizar. Ele indicou como os leitores devem entender o Apocalipse: Deus deu a Jesus essa revelação "para mostrar aos seus servos", e não "para contar a eles" as coisas que devem acontecer. Os termos "revelar", "mostrar", "tornar conhecido" e "o que viu" preparam o leitor para visões simbólicas. Em Apocalipse 1:1 é encontrado o termo grego *semaino* na expressão "deu a conhecer" – esse termo tem a conotação de "significar dando um sinal". Assim, Deus colocou a revelação em sinais e símbolos. É interessante que Apocalipse 12:1 e Apocalipse 12:3 demonstram claramente visões simbólicas e a palavra para "sinal" nessas passagens é *semeion*, a qual é derivada da palavra *semaino* encontrada no início do livro (Apocalipse 1:1). *Semaino* informa que o conteúdo é simbólico. Pela relação entre as duas palavras consegue-se apoio para sustentar que o livro é, de fato, constituído de símbolos.

Isso implica na adaptação da forma de estudar o livro. Quando nos comunicamos uns com os outros, assumimos que estamos falando literalmente, a menos que algo em nossa linguagem nos obrigue a tomar o significado simbolicamente. Porém, com o Livro de Apocalipse, devemos reverter nosso método: o livro foi escrito em símbolos e sinais. Portanto, devemos ler o livro como símbolos e sinais, a não ser que algo no texto exija o contrário. Tais imagens representam um evento literal ou histórico, ou uma verdade, sempre algo real, assim como as parábolas de Jesus.

Apocalipse 1:1,3 contém informações importantíssimas para saber como entender o contexto. É de suma importância saber se as expressões "as coisas que em breve devem acontecer" e "o tempo está próximo" são limitadores de tempo dos acontecimentos contidos no livro. Apocalipse 22:6-7,10 também apresenta essas informações. Curiosamente, essas expressões referentes ao tempo são colocadas na abertura e no fechamento do livro. É como se o próprio livro ressaltasse a importância dessas expressões.

A expressão "em breve devem acontecer" de Apocalipse 1:1 vem do grego *dei genesthai en tachei*. De especial interesse é o termo *tachei*. Essa palavra, junto com várias formas cognatas, expressa vários significados:

- *Tachu*: rapidamente. Essa palavra pode levar a ideia de "rápido". Jesus uma vez admoestou seus discípulos a "concordarem com seu adversário rapidamente" (Mateus 5:25). No local da tumba vazia do Senhor, um anjo instruiu as mulheres que chegaram naquela manhã de domingo a "ir depressa e contar aos seus discípulos" (Mateus 28:8);

- *Tacheion*: mais rapidamente. *Tacheion* reflete o grau comparativo do termo anterior. A palavra é traduzida como "correu mais depressa" (João 20:4) para representar o fato de que João chegou ao túmulo vazio mais rapidamente do que Pedro;

- *Tacheos*: imediatamente. A forma afim de *tacheos* é manifestada em várias formas de tradução. Quando certo governante preparava uma grande festa, ele convidava muitos a assistir, mas eles rejeitaram seu gracioso convite. Ele então despachou um servo para ir "depressa" e convidar os menos favorecidos (Lucas 14:21, conforme Lucas 16:6). Quando Paulo escreveu a carta de 1 Coríntios, ele prometeu aos santos que, se fosse a vontade do Senhor, ele viria visitá-los "em breve" (1 Coríntios 4:19). Com referência a orientar os homens no ofício de servir como presbítero, Paulo advertiu Timóteo a "não impor as mãos repentinamente ou apressadamente sobre ninguém" (1 Timóteo 5:22), pois a investigação e deliberação deveriam ser etapas preliminares;

- *En tachei*: com pressa. Os termos combinados *en tachei* carregavam a ideia de "em (ou com) velocidade". Quando um anjo apareceu a Pedro em uma cela de Jerusalém, ele insistiu com o apóstolo para "levantar-se rapidamente" em preparação para a libertação (Atos 12:7). Jesus prometeu aos seus discípulos perseguidos que seus inimigos seriam tratados "rapidamente" (Lucas 18:8). Paulo profetizou que Deus esmagaria Satanás sob os pés dos santos "em breve" (Romanos 16:20). Essa é a expressão exata empregada em Apocalipse 1:1.

A análise gramatical da expressão mostra o sentido da expressão como se lê: "as coisas que em breve devem acontecer". No entanto, além do sentido etimológico de um termo, palavras podem assumir significados especiais dependendo da natureza do contexto imediato, ou dependendo do tipo de literatura em que são encontradas. Por exemplo, em contextos que lidam com profecia, o fator tempo se torna bastante elástico. Algumas profecias são enquadradas em linguagem que faz parecer que os eventos já foram realizados. Isso é feito para enfatizar a certeza do plano de Deus (como em Isaías 9:6).

Há estudiosos que veem a expressão "em breve devem acontecer" de várias outras maneiras:

- "Início breve": a expressão pode significar que os eventos começariam em breve, enquanto haveria então uma progressão histórica que duraria muitos séculos, sendo consumada pela segunda vinda de Cristo;

- "Certeza" ou "de repente": na perspectiva profética, o futuro às vezes é diminuído. A palavra pode se referir principalmente à certeza dos eventos em questão. O Senhor Deus os determinou e ele os fará rapidamente, mas "rapidamente" tem uma referência ao seu tempo, e não o nosso. Também, o significado pode ser "repentinamente", ou seja, quando a hora marcada chegar, os eventos ocorrerão "sem demora";

- "A qualquer momento": a expressão pode significar que, do ponto de vista profético, o fim é sempre iminente. O tempo como sequência cronológica é uma preocupação secundária na profecia. Essa perspectiva é comum a todo o Novo Testamento. Jesus ensinou que Deus vindicaria seus eleitos sem demora (Lucas 18:8), e Paulo escreveu aos romanos que Deus "em breve" esmagaria Satanás sob seus pés (Romanos 16:20).

O argumento de que a expressão "as coisas que em breve devem acontecer" também pode significar "as coisas que devem acontecer repentinamente" não funciona. Se fosse assim, o prefácio do livro não estaria dizendo que as coisas contidas no Apocalipse acontecerão em breve, mas sempre que essas coisas acontecerem, acontecerão repentinamente. Existem muitos problemas com tal posição, pois ela não lida com o verso 3 que afirma que "o tempo está próximo". Mesmo que o verso 1 significasse que "as coisas devem acontecer repentinamente", não há como contornar que Deus disse que o tempo está próximo.

Tendo tudo isso em vista, o contexto do livro dá maior apoio para que as expressões temporais de Apocalipse 1:1,3; 22:6,10 sejam entendidas de forma que a cadeia de acontecimentos do livro inicie de forma breve em relação a quando o livro foi escrito. Seguem algumas considerações:

- Apocalipse é um livro que tem de ser entendido em seu contexto, escrito próximo do encerramento do primeiro século, durante um tempo em que muitos povos do mundo estavam sujeitos ao domínio do Império Romano. Esse governo estava se tornando cada vez mais perverso e menos tolerante com o povo de Deus. Muitas pessoas abordam o Apocalipse com a determinação de enquadrar os

acontecimentos no futuro, esquecendo que ele foi escrito originalmente para os cristãos da Ásia (Apocalipse 1:4,11), muitos dos quais sofriam severa perseguição por causa de sua fé (Apocalipse 2:10,13; 6:9);

- Se os termos em questão forem entendidos como "o tempo de Deus", como muitos costumam justificar com 2 Pedro 3:8 (um verso onde Pedro está mostrando a paciência de Deus em adiar seu julgamento dos malfeitores, e não negando o significado de todas as outras referências a tempo na Bíblia), as bênçãos do livro se tornam obscuras para os destinatários originais que estavam sofrendo. Tais bênçãos não ofereceriam muito consolo;

- De forma similar, para os cristãos perseguidos do final do primeiro século, os destinatários originais do livro, a mensagem de que o alívio e vitória virão no sentido de brevidade de tempo é uma ideia muito mais adequada do que se tal alívio e vitória viessem em um "tempo determinado", ou "acontecessem de uma forma rápida e indeterminada", ou "de forma iminente", ou de uma "forma repentina". Esses significados são obscuros demais e não se encaixam bem no contexto. Coloque-se no lugar dos cristãos perseguidos: dizer que o alívio e vitória virão de tal forma obscura não oferece praticamente alívio nenhum. As "coisas que devem acontecer em breve" não denotam a rapidez com que a profecia deve ser cumprida, nem a mera possibilidade de que possa ser cumprida a qualquer momento, mas o tempo definitivo e iminente de cumprimento, o qual já começou brevemente depois que João recebeu a profecia;

- Apocalipse é uma revelação, não ocultação. Revelação não deve aumentar confusão, mas explicar o oculto. Deus não está limitado pelo tempo, mas está comprometido à sua palavra em termos temporais quando fala com a humanidade. Se ele disse aos humanos que algo deve acontecer logo e que o tempo está próximo, então deve ser logo e próximo para nosso ponto de vista, e não para o dele. Caso contrário, haveria a implicação de que Deus seria falso e incapaz de se comunicar com sua criação;

- Apocalipse 22:10 disse "não sele as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo". O anjo deu uma instrução e uma explicação interessantes: a ordem de não selar a mensagem oferece um contraste forte com a instrução que Daniel teve para selar a profecia a respeito de reinos helenistas que viriam menos de 400 anos depois dele. É interessante essa comparação, pois tanto Daniel quanto Apocalipse apresentam o mesmo "estilo apocalíptico" de profecia. Observe Daniel 8:26: "A visão das tardes e das manhãs, que lhe foi dada, é verdadeira. Mas guarde a visão em segredo, porque se refere a dias ainda bem distantes." A visão de Daniel falou do futuro distante e, por isso, foi preservada ou selada. O Apocalipse, porém, falou de coisas que iam acontecer logo depois de João receber as visões. Esse contraste apoia fortemente a interpretação dos termos temporais em questão serem entendidos como brevidade de tempo. Se menos de 400 anos foram dias "bem distantes", os dias próximos e as coisas que iam acontecer em breve do ponto de vista de João não poderiam vir muitos anos depois;

- As "coisas que em breve devem acontecer" de Apocalipse 1:1; 22:6 são expressões de tempo colocadas começo e no fim do livro. Tal expressão "em breve" é usada em outros lugares no Novo Testamento onde o cumprimento veio logo depois que as palavras foram ditas, não de eventos em um futuro distante. Por exemplo, em Atos 25:4-6, Festo pretendia ir a Cesareia "em breve" e então foi àquela cidade cerca de dez dias mais tarde. Paulo falou do seu desejo de visitar vários irmãos ou enviar mensageiros "em breve" (1 Coríntios 4:19; Filipenses 2:19,24; 1 Timóteo 3:14) e, nesses casos, era sempre um período muito breve;

- A expressão "o tempo está próximo" de Apocalipse 1:3 e 22:10 parecem reforçar mais o conceito de que João escrevia sobre eventos que logo se seguiriam – Jesus incluiu um lembrete adicional nos versículos de abertura e fechamento do livro. Essas expressões lembravam aos leitores de que Deus logo cumpriria sua palavra escrita no livro. Palavras semelhantes em outras passagens falam de curtos períodos de tempo: Jesus falou da capacidade de prever a chegada do verão vendo as folhas em uma figueira (Mateus 24:32; Lucas 21:30). Jesus disse em Mateus 26:18 que seu "tempo está próximo" e ele morreu naquela semana. João referiu-se várias vezes a festas que estavam se aproximando como "estando próximas" (João 2:13; 6:4; 7:2; 11:55). Está sempre claro que "o tempo está próximo" significava períodos de tempo curtos;

- A grande maioria das boas traduções da Bíblia de fato traduzem as expressões em questão com uma conotação de brevidade de tempo. Isso não é sem um bom motivo – as comissões tradutoras são compostas de muitos especialistas em tradução.

O entendimento correto do Apocalipse é, portanto, que a referida vinda de Cristo é encontrada em uma sequência de eventos. O livro revelou primeiro a queda da nação judaica e a destruição de Jerusalém (70 d.C.), depois a queda do Império Romano e sua falsa religião (476 d.C.). Além disso, o livro revelou o fim dos ímpios, o fim de Satanás, o julgamento final e o galardão final (futuro). O início do livro do Apocalipse afirmou que essas coisas deviam acontecer "em breve" (Apocalipse 1:1) e que "o tempo estava próximo" (Apocalipse 1:3). O final do livro afirma o mesmo: essas coisas devem acontecer "em breve" (Apocalipse 22:6-7,10) e o "Senhor está chegando" (Apocalipse 22:7).

Nenhuma dessas coisas pode ser dita como sendo "em breve" se o livro for apenas sobre coisas que acontecerão na segunda vinda de Cristo, ou apenas sobre coisas que ainda não aconteceram, ou apenas sobre a queda do Império Romano (o que ocorreu cerca de quatrocentos anos após o primeiro século). No entanto, pode-se dizer que os acontecimentos do livro estavam acontecendo "em breve" se a cadeia de eventos tiver iniciado dentro de pouco tempo após o livro ter sido escrito. Nesse raciocínio, Cristo esteve vindo em uma série de julgamentos: primeiro contra a nação judaica, depois contra o Império Romano, depois contra Satanás. A queda de Jerusalém foi descrita por Jesus como a vinda do Filho do Homem nas nuvens (Mateus 24:29-31). O julgamento da nação judaica foi o primeiro evento registrado no Apocalipse sobre as visitações de Cristo, e a queda da cidade aconteceu brevemente após a redação do livro. Qualquer outra interpretação do Apocalipse não pode lidar adequadamente com os eventos profetizados e com os marcadores de tempo dados no início e no final do livro.

A melhor data de escrita do livro é 69 d.C., no reinado de Vespasiano, após a queda dos três imperadores que duraram pouco (Apocalipse 17:10-11; Daniel 7:20-21) – data que corrobora melhor com as evidências internas do livro, as quais devem tomar prioridade (veja 1.24.37. Apocalipse 17:7-18). Claro que um dos aspectos frustrantes do estudo de Apocalipse sempre foi determinar a data do livro: o debate sobre quando ele foi escrito continua muito disputado. Existem muitos argumentos persuasivos para cada lado da discussão, e os estudiosos discordam sobre quando ele foi escrito. Nos últimos 100 anos, a visão predominante tem sido uma data tardia para o livro, 95 a 96 d.C., durante o reinado de Domiciano. No entanto, durante os 100 anos anteriores, a visão predominante foi uma data mais antiga, 65 a 69 d.C.

1.24.2. APOCALIPSE 1:7

> Eis que ele vem com as nuvens, e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão por causa dele. Certamente. Amém!

Esse verso vem de dois lugares nas Escrituras: Daniel 7:13-14 e Zacarias 12:10-13:1.

O ponto em Daniel é a entronização de Jesus como rei do reino de Deus, mas não se pode esquecer que a imagem de estar em nuvens é consistentemente usada em julgamentos. Jesus está entronizado e virá nas nuvens, em julgamento, contra seus inimigos. Há outras passagens que usam essa linguagem, como Jeremias 4:13, Ezequiel 30:3, Sofonias 1:15, Mateus 24:30 e Mateus 26:64.

O significado em Zacarias 12:10-13:1 é muito importante para entender o que o Livro de Apocalipse significa. Zacarias 12:10 declara que Deus derramaria um espírito de graça e misericórdia sobre os judeus. A imagem mostra choro de arrependimento porque eles perfuraram o Messias. O contexto é que Deus derramaria misericórdia e graça para que eles pudessem se arrepender. Zacarias 13:1 esclarece que Deus vai abrir uma fonte para purificá-los de seus pecados e impureza. Ao ser lida a expressão "aqueles que o traspassaram", deve-se entender que as Escrituras apontam para a nação judaica. Essa nação buscará o arrependimento e Deus dará essa oportunidade a ela, mas por meio dos juízos do Apocalipse contra a nação. O objetivo dos juízos é o arrependimento.

Em Mateus 24:30, observa-se que a imagem de Zacarias 12 também é usada. Em Mateus 24:1-3, Jesus estava discutindo o julgamento vindouro contra a nação judaica, como ocorreu com a destruição de Jerusalém. Mateus 24:29 revelou que aquele julgamento estava chegando. Quando as Escrituras disseram que "o sol escurecerá e a lua

não dará sua luz" era uma referência ao julgamento de uma nação (veja 1.1.27. Mateus 24:1-35). Essa nação não verá mais o Sol, a Lua e as estrelas. É um "apagar de luzes" para a nação julgada. Mateus 24:30 soa exatamente como Zacarias 12:10 e Apocalipse 1:7. Os judeus perfuraram o Messias e ele está vindo nas nuvens, em julgamento, com poder e grande glória, não literalmente, mas é uma visitação para juízo e oportunidade de arrependimento. Mateus 24:31 reitera a mensagem de Zacarias 12:10-14: houve uma oportunidade para arrependimento antes que o julgamento chegasse, de forma a evitar a morte vindoura. Esses usos mostram que a expressão sobre "vir nas nuvens" não é um sinal do fim do mundo, mas um símbolo de julgamento local. Cristo tem autoridade, o que implica que aqueles que estão contra ele são dignos de julgamento.

Toda a linguagem de Apocalipse 1:7 é a mesma, exceto por uma pequena frase. Apocalipse acrescentou algo que Zacarias 12 e Mateus 24 não declararam: "e todo olho o verá". Juntando tudo o que observamos até agora, é possível entender o que Apocalipse 1:7 está ensinando. "Eis que ele vem com as nuvens" refere-se a Cristo no trono que governa em autoridade no céu e que ele está vindo para juízo. "Todo olho o verá" significa que ninguém daquela época e local ia ser excluído deste julgamento. Todos estavam sendo trazidos sob o julgamento vindouro de Cristo. O julgamento estava vindo até mesmo contra o Império Romano, uma vez que ele se rebelou contra a autoridade de Cristo. "Até mesmo aqueles que o traspassaram" refere-se à nação judaica tanto em Zacarias 12 como em Mateus 24, e é assim também no Apocalipse. O mundo inteiro conhecido da época estava sendo julgado: o Império Romano e até mesmo a nação judaica. "E todas as tribos da terra se lamentarão por causa dele" é a frase final. Lembremos que o luto em Zacarias 12 era por causa de arrependimento. O propósito desses juízos é trazer o arrependimento às nações. Cristo estava abrindo oportunidade para judeus e gentios se arrependerem e se tornarem parte do seu reino.

O chamado ao arrependimento é um conceito chave no Livro de Apocalipse que não deve ser esquecido. O livro aponta duas vezes como os julgamentos não produziram o arrependimento que Deus gostaria que tivessem ocorrido (Apocalipse 9:20-21; 15:9-11). Essas imagens definem o que está vindo no livro. Julgamentos vêm com a intenção de trazer arrependimento. O arrependimento não vem. Então, as nações (especificamente judeus e romanos) acabam sendo plenamente julgadas por sua rejeição de Jesus como rei dos reis.

1.24.3. APOCALIPSE 1:13-20

> e, no meio dos candelabros, um semelhante a um filho de homem, com vestes talares e cingido, à altura do peito, com um cinto de ouro. A cabeça e os cabelos dele eram brancos como alva lã, como neve. Os olhos eram como chama de fogo. Os seus pés eram semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha. A voz era como som de muitas águas. Na mão direita ele tinha sete estrelas, e da sua boca saía uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o sol na sua força. Ao vê-lo, caí aos seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: "Não tenha medo. Eu sou o primeiro e o último e aquele que vive. Estive morto, mas eis que estou vivo para todo o sempre e tenho as chaves da morte e do inferno. Escreva, pois, as coisas que você viu, as que são e as que hão de acontecer depois destas. Quanto ao mistério das sete estrelas que você viu na minha mão direita e quanto aos sete candelabros de ouro, as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candelabros são as sete igrejas."

Certamente a descrição é de como João viu a Jesus. Essa descrição pode não corresponder literalmente a como Jesus se parece hoje, sendo os detalhes simbólicos e representativos de características divinas de Jesus. Porém, a descrição pode dar uma ideia de como serão os corpos glorificados dos cristãos que receberão a recompensa final no juízo final. Os corpos glorificados serão como o corpo de Cristo (Filipenses 3:20-21).

"Anjo" significa "mensageiro" e nem sempre se trata de um mensageiro celestial. João Batista foi mencionado como "anjo" nas Escrituras (Malaquias 3:1; Mateus 11:10). As sete estrelas são como sete mensageiros humanos operando em nome de cada igreja local e representando cada igreja. Epafrodito trabalhou como mensageiro e representou a igreja em Filipos (Filipenses 2:25; 4:18) e Epafras representou a igreja em Colossos (Colossenses 4:12). Certamente, é plausível que os mensageiros dessas sete igrejas chegaram a João em Patmos e receberam essa revelação de João e a mensagem específica sobre cada congregação local. Portanto, esses sete mensageiros humanos são descritos como sendo mantidos na mão direita de Cristo. É uma imagem de proteção e amor, como Cristo os mantém, mesmo durante o sofrimento que sobrevém a eles. Cristo está protegendo o povo de Deus em sua mão direita, enquanto julga os inimigos com a espada da boca.

A palavra para "inferno" é *hades*. Jesus possui poder sobre a morte e o mundo dos mortos, podendo tanto encerrar pessoas lá quanto retirar pessoas de lá. O *sheol*/*hades* é retratado como uma espécie de prisão.

O fato de Paulo mencionar em Efésios 4:8-9 que Jesus "também havia descido até as regiões inferiores da terra" apoia o entendimento de que, após morrer na cruz, ele esteve no *sheol*/*hades* antes de ressuscitar. Além de ministrar na terra, a qual é inferior ao céu, Cristo desceu até mesmo às profundezas da terra. Tal descrição equivale ao *sheol*/*hades*. Assim, Cristo conquistou o mundo dos mortos e tem autoridade sobre ele. É possível que, quando Cristo ascendeu aos céus, levou os fiéis cativos no *sheol*/*hades* (e, implicitamente, o "paraíso") ao "terceiro céu" de 2 Coríntios 12:2-4. Isso é apoiado pelo fato de que o Antigo Testamento retrata que todos os mortos, fiéis ou não, vão para o *sheol*, mas no Novo Testamento quase sempre os fiéis são retratados no céu. Se for assim, os fiéis que morreram antes da ascensão de Cristo foram para uma parte do *sheol*/*hades* onde havia conforto aos fiéis (o que está de acordo com o exposto em Lucas 16:19-31) e, posteriormente, foram levados ao céu após a ascensão do Senhor. Desse momento em diante, todos os fiéis passam a ir para o paraíso que está no próprio céu. O Novo Testamento parece sempre retratar os fiéis no céu após a vitória de Cristo, especialmente no Livro de Apocalipse.

1.24.4. APOCALIPSE 2:7

> Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: "Ao vencedor, darei o direito de se alimentar da árvore da vida, que se encontra no paraíso de Deus."

A árvore da vida se encontra em Gênesis 2:9 como uma das muitas árvores dadas para Adão e Eva comerem. Uma vez que Adão e Eva pecaram, eles foram removidos do Jardim do Éden de forma não mais terem acesso à árvore da vida. Agora, Jesus dá acesso à árvore da vida. O "paraíso" não deve ser entendido como uma imagem da localização da árvore da vida, mas como uma imagem da comunhão com Deus – o paraíso é associado com a habitação de Deus. O jardim representou a vida com Deus. O pecado separa dessa excelente vida. Por meio de Jesus, o acesso é concedido para ter a verdadeira vida com Deus. Portanto, o vencedor, ou seja, o justificado por Deus, terá a vida eterna na habitação de Deus.

1.24.5. APOCALIPSE 2:11

> Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: "O vencedor de modo nenhum sofrerá o dano da segunda morte."

A morte é sempre uma separação (Tiago 2:26). A "primeira morte" é a morte física, a separação de corpo e espírito. A "segunda morte" é a separação do indivíduo de Deus. O vencedor, ou seja, o justificado por Deus, não sofrerá o dano da segunda morte, ou seja, o banimento da presença de Deus.

1.24.6. APOCALIPSE 2:17

> Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: "Ao vencedor, darei do maná escondido. Também lhe darei uma pedrinha branca, e, sobre essa pedrinha, um novo nome escrito, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe."

Os justificados receberão coisas preciosas. O maná escondido lembra o maná que estava escondido na arca da aliança, o qual era um lembrete da graça e fidelidade de Deus em dar provimentos para o seu povo em tempos difíceis. Os justificados receberão a graça e a fidelidade de Deus enquanto ele concede a eles provimentos.

Pedras brancas foram usadas frequentemente como uma imagem de uma absolvição em um tribunal de justiça. Ter um novo nome nessa pedra branca é algo difícil de compreender, mas há várias opções dadas pelos estudiosos. Uma opção que faz bastante sentido é algo semelhante a um troféu com o nome do vencedor gravado nele. A pedra com o nome permitia que um vencedor fosse admitido na festa dos vencedores.

Assim, os justificados partilharão da graça e fidelidade de Deus e serão admitidos no júbilo da congregação eterna.

1.24.7. APOCALIPSE 2:26-29

> Ao vencedor, que guardar até o fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as governará e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro, assim como também eu recebi autoridade de meu Pai. E eu lhe darei ainda a estrela da manhã. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

Os justificados julgarão nações e reinarão com Cristo pela eternidade, recebendo o próprio Cristo, a "estrela da manhã".

1.24.8. APOCALIPSE 3:5

> O vencedor será assim vestido de branco, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida. Pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos.

O justificado terá seu nome confessado por Jesus diante de Deus Pai e dos anjos, jamais deixará a vida eterna, e estará para sempre em vitória, pureza, santidade, glória.

1.24.9. APOCALIPSE 3:10-12

> Você guardou a palavra da minha perseverança. Por isso, também eu o guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para pôr à prova os que habitam sobre a terra. Venho sem demora. Conserve o que você tem, para que ninguém tome a sua coroa. Ao vencedor, farei com que seja uma coluna no santuário do meu Deus, e dali jamais sairá. Gravarei sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a Nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome.

Jesus informou os discípulos em Filadélfia que eles seriam guardados em um período de provação que afligiria o mundo conhecido da época (o mundo romano). Isso provavelmente é uma referência à perseguição que começou no reinado de Domiciano e que causou terrível sofrimento e a morte de centenas de milhares de pessoas. Não foi prometida a isenção de sofrimento físico àqueles cristãos. Eles ainda precisavam conservar o que tinham (Apocalipse 3:11).

A vinda descrita aqui não é a segunda vinda de Cristo, mas uma visitação para julgar os malfeitores e para proteger os fiéis: um dia de alívio para os servos que sofriam pelo nome dele e um dia de castigo terrível para os perseguidores e para aqueles que não se submeteram ao Senhor.

As colunas aqui são colunas vivas e firmes na Palavra de Deus, não apenas líderes de igrejas (veja Gálatas 2:9), mas todos os fiéis que vencem com Jesus. Os discípulos do Senhor são, ao mesmo tempo, pedras vivas e sacerdotes (1 Pedro 2:5-9). Eles permanecerão no santuário verdadeiro de Deus para sempre, o céu, em comunhão eterna com ele.

Nomes gravados sugerem posse. O vencedor – o justificado – pertence a Deus. Ele faz parte do "povo de propriedade exclusiva de Deus" (1 Pedro 2:9). Ele também pertence à cidade de Deus, a Nova Jerusalém. A Nova Jerusalém é a noiva de Cristo (Apocalipse 21:2). O vencedor faz parte da noiva, da Igreja que pertence somente a Jesus. Ele recebe, também, o nome de Cristo. Jesus confessará abertamente os nomes dos seus servos (Mateus 10:32).

1.24.10. APOCALIPSE 3:21

> Ao vencedor, darei o direito de sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com o meu Pai no seu trono.

Os justificados terão o privilégio de reinar com Cristo.

1.24.11. APOCALIPSE 6:1-8

> Vi quando o Cordeiro quebrou o primeiro dos sete selos e ouvi um dos quatro seres viventes dizendo, como se fosse som de trovão: "Venha!" Vi, então, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro tinha um arco, e foi-lhe

> dada uma coroa. E ele saiu vencendo e para vencer. Quando o Cordeiro quebrou o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente dizendo: "Venha!" E saiu outro cavalo, que era vermelho. E ao seu cavaleiro foi dado poder para tirar a paz da terra e fazer com que os homens matassem uns aos outros. Também lhe foi dada uma grande espada. Quando o Cordeiro quebrou o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente dizendo: "Venha!" Então olhei, e eis um cavalo preto e o seu cavaleiro com uma balança na mão. E ouvi o que parecia uma voz no meio dos quatro seres viventes dizendo: "Uma medida de trigo por um denário; três medidas de cevada por um denário; e não danifique o azeite e o vinho." Quando o Cordeiro quebrou o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente dizendo: "Venha!" Vi, então, e eis um cavalo amarelo. O seu cavaleiro se chamava Morte, e o inferno o estava seguindo. E lhes foi dada autoridade sobre a quarta parte da terra para matar à espada, pela fome, com a mortandade e por meio dos animais selvagens da terra.

Os cinco primeiros capítulos do Apocalipse foram preparados para a revelação do livro que estava na mão de Deus (Apocalipse 5:1). O capítulo 6 começa a revelar as "coisas que devem em breve devem acontecer" (Apocalipse 1:1).

Os quatro primeiros selos revelam o que é comumente chamado de "os quatro cavaleiros do Apocalipse". Eles aparecem em Zacarias 1:7-11 e Zacarias 6:1-8, sendo mostrados como sendo enviados pelo Senhor para patrulhar a terra. A chave para entender essa imagem é encontrada em Zacarias 6:5: os quatro cavalos e cavaleiros estão saindo para os "quatro ventos do céu". Os "quatro ventos" se referem a um julgamento abrangente (Jeremias 49:36; Daniel 11:4; Zacarias 2:6; Mateus 24:31; Apocalipse 7:1). Em Zacarias, os quatro cavaleiros estão indo aos "quatro ventos do céu" para desencadear esse julgamento abrangente. Em Apocalipse, eles estão fazendo a mesma coisa. Ou seja, cada cavalo é um aspecto do julgamento de Deus sobre a Terra. Desde quando o ser humano caiu em pecado, Deus tem utilizado juízos característicos contra os desobedientes. Por toda a Bíblia se observa que, primeiramente, Deus transmite sua Palavra e, depois, julga os desobedientes. O entendimento resumido é que os cavalos estão constantemente percorrendo toda a Terra e eventualmente se voltam contra um povo ou nação para julgamento divino.

A imagem no verso 2 é direta e não se destina a ser complicada. O cavaleiro do cavalo recebe uma coroa, isto é, ele recebe autoridade. O que o cavaleiro tem autoridade para fazer? Ele tem autoridade para conquistar e continuar conquistando. Isso representa que Deus permitiu que existisse um poder de conquista. O primeiro cavalo é branco, e essa cor representa santidade e vitória. É Cristo que reina sobre todos do céu, e ele executa os juízos locais de Deus sobre as nações, chamando todos para a conversão antes que ocorram as punições subsequentes. Cristo é sempre vitorioso e conquista a todos, seja para glória eterna, seja para a punição final. Portanto, pode-se entender o cavaleiro do cavalo branco como sendo Cristo executando os juízos locais de Deus sobre a Terra.

Como frequentemente as nações não se arrependem, os outros cavaleiros passam a exercer suas funções. Foi permitido que ocorresse remoção da paz e a ocorrência de guerra (cavalo vermelho), fome aos habitantes da terra (cavalo preto) e morte para uma parte das pessoas da terra julgada (cavalo amarelo). Esses aspectos são comuns em julgamentos de Deus.

Em Ezequiel 14, a Palavra do Senhor declara julgamento contra Jerusalém, particularmente Ezequiel 14:21, com linguagem parecida, ou Jeremias 15:2-4. Há uma razão pela qual essas ferramentas de morte foram usadas contra Jerusalém: Deus prometeu nos primeiros dias da nação de Israel que esse seria a forma que ele utilizaria para destruir Jerusalém (Levítico 26:18-33). Animais selvagens (Levítico 26:22), fome (Levítico 26:20,26), pestilência (Levítico 26:25) e espada (Levítico 26:25,33) são juízos prescritos para a morte de Jerusalém. Assim, a imagem é usada novamente em Apocalipse 6:8. Deus permitiu morte sobre os habitantes. Um ponto digno de consideração é o paralelo entre Mateus 24 e os eventos dos quatro primeiros selos. Como Jesus predisse a destruição de Jerusalém, há paralelos entre Mateus 24:6-11 e Apocalipse 6:1-8. Guerras são preditas (Mateus 24:6), reinos e nações atacando e conquistando (Mateus 24:7), fomes e terremotos (Mateus 24:7), e pessoas sendo mortas (Mateus 24:9). Essas conexões entre Mateus 24 e Apocalipse 6 também são notadas por estudiosos.

Há conexões entre Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21, os quais são relatos paralelos referentes ao julgamento vindouro e destruição de Jerusalém em 70 d.C. (conforme Lucas 21:20) e se encaixam em Apocalipse 6. Portanto, Apocalipse 6 está se referindo aos mesmos eventos que Mateus 24 – os primeiros quatro selos estão descrevendo a destruição que veio sobre Jerusalém. Isso se encaixa com as profecias de animais selvagens, pestilência, fome e espada como as causas da morte proferidas contra Jerusalém nas Escrituras. No capítulo 9, torna-se mais claro que os judeus incrédulos são o primeiro alvo dos juízos de Deus no Livro de Apocalipse.

Em resumo, os selos estão revelando os julgamentos de Deus na "terra santa", especificamente contra Jerusalém. Os julgamentos são retratados como afetando muitos (guerras, fome e morte). É dada uma visão geral dos juízos vindouros. Com a abertura dos demais selos, mais detalhes sobre estes julgamentos são revelados (capítulos 8-11). Os primeiros quatro selos foram abertos e o que foi revelado é um julgamento abrangente. Quatro cavalos de diferentes cores foram soltos para conquistar, travar guerra, trazer fome e matar com espada, pestilência, fome e feras. Esses selos têm paralelo com a imagem que Jesus revelou em Mateus 24 sobre a destruição de Jerusalém. As quatro ferramentas de morte (espada, fome, pestilência e animais selvagens) eram as ferramentas prometidas por Deus para usar contra Israel se a nação fosse desobediente.

1.24.12. APOCALIPSE 6:9-11

> Quando o Cordeiro quebrou o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que deram. Clamaram com voz forte, dizendo: "Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?" Então a cada um deles foi dada uma veste branca, e lhes foi pedido que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como eles tinham sido.

A atenção se volta para as almas que foram mortas por causa da Palavra de Deus e por seu testemunho. As almas dos cristãos que morreram sob perseguição por Cristo são vistas embaixo do altar. O altar descreve um sofrimento sacrificial por parte dos mártires. Seus corpos físicos foram mortos, mas suas almas são vistas embaixo do altar apelando à justiça de Deus. São retratados como vestidos de branco, uma imagem de pureza e fidelidade. A imagem maior é que essas almas são vitoriosas por causa de sua pureza e fidelidade a Deus.

João viu almas desincorporadas embaixo do altar. Obviamente se trata de uma visão simbólica, mas o importante é o resultado da visão na compreensão do apóstolo: ele entendeu que são almas de fiéis sem corpos físicos. Isso apoia o entendimento de que as almas dos fiéis estão conscientes após a morte e que suas aparências podem ser reconhecidas como pessoas.

Essas almas martirizadas deveriam descansar um pouco mais, pois o julgamento não ia acontecer imediatamente. Há mais pessoas que serão mortas por causa de Cristo antes que os julgamentos se desenvolvam. A resposta parece ser que Deus não está impedindo a morte de seu povo agora. Mais fiéis morrerão por causa da Palavra de Deus e por causa do testemunho de Jesus antes que o julgamento seja efetuado. Antes de deixar esse ponto, é importante lembrar que as Escrituras nos dizem que os perseguidores dos cristãos no primeiro século foram os judeus. O Livro de Atos dos Apóstolos mostrou que Estêvão foi morto pelas autoridades judaicas. Paulo foi perseguido, apedrejado e deixado para morrer pelos judeus. Os judeus perseguiram Paulo e seus companheiros de cidade em cidade, agitando as multidões contra eles. Foram os judeus que atacaram a casa de Jasom em Tessalônica. Várias vezes estudiosos notam a perseguição dos cristãos pelos romanos, mas esquecem que os judeus também foram perseguidores do povo de Deus. Falando novamente sobre as sete igrejas da Ásia, quem está perseguindo os cristãos são aqueles que dizem que são judeus, mas não são (os verdadeiros judeus se convertem a Cristo, ou seja, passam a ser cristãos). Eles são uma sinagoga de Satanás, como declarado para a igreja em Esmirna e em Filadélfia. O povo judeu achava que era o povo de Deus, mas Cristo disse que eles não eram.

1.24.13. APOCALIPSE 6:12-17

> Vi quando o Cordeiro quebrou o sexto selo. Houve um grande terremoto, o sol se tornou negro como pano de saco feito de crina, a lua ficou toda vermelha como sangue, as estrelas do céu caíram sobre a terra, como a figueira deixa cair os seus figos verdes quando sacudida por um vento forte, e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então todos os montes e as ilhas foram movidos do seu lugar. Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes e disseram aos montes e aos rochedos: "Caiam sobre nós e nos escondam da face daquele que está sentado no trono e da ira do Cordeiro! Porque chegou o grande Dia da ira deles, e quem poderá subsistir?"

O sexto selo foi aberto e coisas devastadoras acontecem, soando como o fim do mundo, o julgamento final e a segunda vinda de Cristo. No entanto, essa linguagem é usada repetidamente nas Escrituras e não é usada para descrever o fim do mundo. Um exemplo está em Isaías 13:9-13, aplicado para a Babilônia. Ao ser lida essa

linguagem do Sol tornando-se negro, a Lua se transformando em sangue e as estrelas caindo do céu, Deus está informando que tal nação não existirá mais. Será julgada para que não veja o Sol. Seu poder caiu como estrelas caindo do céu. Tudo o que verá é sangue. Ezequiel 32:6-8, aplicado ao Egito antigo, também usa as mesmas imagens. Joel 2:10 e Joel 2:30-31 também usam essas imagens e as aplicam contra os israelitas – outro julgamento local. Ainda, em Isaías 34:1-5, Deus está declarando julgamento contra Edom, não o fim do mundo, e ele descreveu a terra como ouvindo isso e observando esse julgamento. Isaías 34:2 descreveu a ira de Deus contra todas as nações. No contexto do julgamento de Edom, foi um exemplo para o resto das nações considerarem seus caminhos. O resto do mundo tinha que aprender a lição da destruição que veio sobre Edom, pois um dos grandes dias da ira de Deus havia chegado.

Portanto, as mesmas imagens são usadas em Apocalipse 6:12-17. Não se deve supor imediatamente que essa profecia se refere ao fim do mundo. Apocalipse 6:15 contém um ponto semelhante a Isaías 34. Todos devem aprender quando testemunham a ira de Deus sobre um povo. Os reis da terra, os grandes, os ricos, os generais, os poderosos, todos, mesmo escravos e livres, deveriam ver e se encolher de medo diante da ira de Deus. Quando Deus julga uma nação, isso deveria ser uma lição objetiva para as demais nações.

As imagens sobre se esconder nas montanhas e pedir que as rochas caiam também são imagens usadas no julgamento de Jerusalém. Quando Isaías profetizou a destruição vindoura de Jerusalém por causa de seus pecados em Isaías 2:19-21, foi usada a mesma linguagem. Embora Jerusalém seja o objeto da ira de Deus nesse momento, a terra se torna aterrorizada com o evento. Todas as pessoas deveriam observar e aprender com a ira de Deus caindo sobre Jerusalém. Em Oseias 10:7-8, foi profetizado que o julgamento contra a nação do norte de Israel seria grande – e Oseias usou a mesma linguagem. Da mesma forma fez Jesus em Lucas 23:26-31.

O verso 17 conclui o sexto selo deixando um ponto apropriado: um dos grandes dias da ira de Deus chegou e quem o pode suportar? Esse é o ponto principal dos seis selos. A ira de Deus chegou. Ninguém vai resistir ao que Deus está fazendo. O julgamento sobre uma nação chegou, e esse é o julgamento que todas as pessoas e todas as nações que rejeitam Cristo merecem. Um dia da ira de Deus virá contra todas as pessoas infiéis. Ninguém pode estar diante do Deus todo-poderoso. Apocalipse 6:11 mostra graça em ação: aqueles que morreram pela Palavra de Deus são retratados como recebendo vestes brancas. Aqueles que entregaram suas vidas a Jesus são mostrados como vitoriosos.

1.24.14. APOCALIPSE 7:1-3

> Depois disso, vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, segurando os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma. Vi outro anjo que subia do nascente do sol, tendo o selo do Deus vivo. Ele gritou com voz bem forte aos quatro anjos, aqueles que tinham recebido poder para causar dano à terra e ao mar, dizendo: "Não danifiquem nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até marcarmos com um selo a testa dos servos do nosso Deus."

Quatro anjos restringem os quatro ventos para que nenhum vento sopre na terra. A imagem é que os juízos do capítulo 6 estão sendo restringidos temporariamente. A terra, o mar ou qualquer árvore não podem ser afetados ainda, pois os servos de Deus devem ser selados primeiro. A ideia de selar é similar a Ezequiel 9:4-6. Deus selando o seu povo representa proteção, segurança, propriedade e preservação. A razão disso é o que se aprende em Apocalipse 6:11: os santos mortos foram informados que mais servos de Deus seriam mortos. Além disso, as cartas para as sete igrejas da Ásia em Apocalipse 2-3 também predisseram sofrimento e morte para aqueles cristãos (Apocalipse 2:10,13; 3:10). O selamento não é proteção contra sofrimento físico, embora Apocalipse 9:4 mostre que é para proteção. Na visão, aqueles que não têm o selo de Deus em suas testas são prejudicados junto com a terra. Portanto, a natureza da proteção de Deus deve ser espiritual.

Há um outro aspecto do selamento do povo de Deus que não pode ser negligenciado: identificar aqueles que são de Deus. O selo representa autenticação e propriedade. Os selados são aqueles que são verdadeiramente o povo de Deus. Isso será contrastado mais tarde em Apocalipse 13, onde são mencionados aqueles que têm a marca da besta (Apocalipse 13:16-17). Essa marcação mostra que essas pessoas pertencem à besta. Aqueles que têm o selo do Deus vivo pertencem a Deus – são os fiéis.

1.24.15. APOCALIPSE 7:4-8

> Então ouvi o número dos que foram marcados com selo. Eram cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel. Da tribo de Judá foram marcados com selo doze mil; da tribo de Rúben, doze mil; da tribo de Gade, doze mil; da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; da tribo de Manassés, doze mil; da tribo de Simeão, doze mil; da tribo de Levi, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil; da tribo de Zebulom, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamim foram marcados com selo doze mil.

É declarado o número daqueles que são selados como 144.000 de toda tribo dos filhos de Israel. No Apocalipse, tudo deve ser tomado como símbolo a não ser que o texto exija o contrário. Os números ao longo do Apocalipse também são símbolos, a não ser que o texto indique literalidade. O número 12.000 simboliza completude em Apocalipse 21:16: a Nova Jerusalém é retratada com comprimento, largura e altura de 12.000 estádios, uma cidade vista como perfeita e completa. O significado é o mesmo em relação aos 144.000. 12.000 são retirados de cada uma de 12 tribos. 12 é um número do povo de Deus (12 tribos, 12 apóstolos), e 10 é um número de completeza (10 mandamentos). 144.000 é 12 x 12 x 10 x 10 x 10, sendo 10 repetido três vezes – a repetição dá ênfase. A totalidade do povo de Deus na área de julgamento foi selada. Deus ofereceu proteção espiritual para seus servos durante a execução dos juízos do capítulo 6.

Alguns sugeriram que isso retrata cristãos judeus sendo selados, uma vez que as doze tribos são nomeadas. Há várias razões para rejeitar essa interpretação. Primeiro, não há distinção entre os cristãos judeus e cristãos gentios. O trabalho apostólico de Paulo incluía a importante missão de ensinar que não há diferença entre judeus e gentios em Cristo. O Livro de Apocalipse nunca faz essa distinção e seria fora de contexto bíblico distinguir entre eles agora. Em segundo lugar, se os cristãos judeus estão sendo selados, os cristãos gentios não são selados. Uma vez que o selamento é para identificar os servos de Deus e retrata sua proteção espiritual, a mensagem de Apocalipse 7 seria que os cristãos judeus são os verdadeiros servos de Deus, mas os cristãos gentios não são. Esse é o resultado inaceitável de tal interpretação. Em Apocalipse 14:1 os 144.000 são representados na vitória. Por que os cristãos judeus teriam a vitória, mas não os cristãos gentios? Isso seria fazer uma distinção onde Deus disse que não há distinção.

Há várias razões para entender as doze tribos como uma figura, e não como as tribos literais. Um ponto notável é a nomenclatura das tribos: a tribo de Dã está ausente e nunca existiu uma "tribo de José" (José foi representado pelos seus filhos, a tribo de Efraim e a tribo de Manassés). Por essa lista irregular, observa-se que as "doze tribos de Israel" aqui não são literalmente Israel, mas representa o verdadeiro Israel espiritual, que é a Igreja. Outra razão pela qual essa lista não pode se referir às tribos literais de Israel é porque dez identidades de tribos foram perdidas quando a Assíria as espalhou em 722 a.C. Além disso, quando Roma destruiu Jerusalém em 70 d.C., os judeus perderam todas as suas identidades tribais. Nenhum dos judeus hoje pode saber de que tribo eles realmente são.

Apocalipse 7:4-8 é melhor entendido como uma imagem do ensinamento de Paulo sobre o livro de Romanos. Nem todo Israel físico é o verdadeiro Israel. Os 12.000 são retirados de cada tribo. Utilizando outra palavra encontrada nas Escrituras, essa é a imagem do remanescente. O Livro de Apocalipse está mostrando o cumprimento desses ensinamentos e profecias. O número total de verdadeiros servos de Deus na área de julgamento estava sendo selado e nenhum deles é deixado de fora. A imagem é a plenitude da Igreja composta de cristãos convertidos do judaísmo e de cristãos gentios. Todos eles são marcados como propriedade de Deus para proteção espiritual, pois os juízos de Deus estão prestes a afetar a terra. Eles são o novo Israel de Deus.

Assim, a imagem dos 144.000 é que os servos de Deus sendo selados em proteção espiritual contra os eventos do período de julgamento. O selo também mostra que eles são de propriedade de Deus porque são fiéis a ele.

1.24.16. APOCALIPSE 7:9-17

> Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestes brancas, com ramos de palmeira nas mãos. E clamavam com voz forte, dizendo: "Ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação." Todos os anjos estavam em pé rodeando o trono, os anciãos e os quatro seres viventes, e diante do trono se prostraram sobre o seu rosto, e adoraram a Deus, dizendo: "Amém! O louvor, a glória, a

> sabedoria, as ações de graças, a honra, o poder e a força sejam ao nosso Deus, para todo o sempre. Amém!" Um dos anciãos tomou a palavra e me perguntou: "Quem são e de onde vieram estes que estão vestidos de branco?" Respondi: "O senhor sabe." Então ele me disse: "Estes são os que vêm da grande tribulação, que lavaram suas vestes e as alvejaram no sangue do Cordeiro. Por isso, estão diante do trono de Deus e o adoram de dia e de noite no seu santuário. E aquele que está sentado no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo. Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem qualquer outro calor forte, pois o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima."

O verso 11 traz de volta a cena que foi revelada no capítulo 4: todos os anjos ao redor do trono de Deus se prostram diante do trono e adoram a Deus. Bênção, glória, sabedoria, ação de graças, honra e poder pertencem a Deus para todo o sempre. O verso 12 é uma declaração de que Deus tem o poder. As nações não têm o poder, embora estejam matando o povo de Deus. Deus tem poder e está no controle.

Quanto aos vestidos de branco, a primeira coisa dita é que são aqueles que saíram da grande tribulação. Essa é uma declaração muito importante e dá uma imagem que confirma quem é o objeto da ira de Deus até o momento – os judeus. No capítulo 5, o livro cujos selos estão sendo abertos é o mesmo livro selado de Daniel 12. Observe a linguagem semelhante sobre tal tribulação em Daniel 12:1: "Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do povo de Deus, e haverá tempo de angústia, como nunca houve, desde que existem nações até aquele tempo. Mas, naquele tempo, o povo de Deus será salvo, todo aquele que for achado inscrito no livro." O "tempo de angústia" é um evento único porque é inigualável de alguma forma, mas não é dito como esse tempo de tribulação será diferente dos demais, a não ser que é um tempo "como nunca houve, desde que existem nações até aquele tempo". Jesus falou sobre o mesmo evento e usou a mesma linguagem de Daniel 12:1 e Apocalipse 7:14 ao falar sobre a destruição de Jerusalém em Mateus 24:20-21: "Orem para que a fuga de vocês não aconteça no inverno, nem no sábado. Porque nesse tempo haverá grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora e nunca jamais haverá." Fora do Livro de Apocalipse, há apenas um lugar no Novo Testamento onde a expressão "a grande tribulação" é usada, justamente Mateus 24:21. Jesus falou da mesma maneira que o anjo falou sobre isso na profecia de Daniel. Esse é o evento que nunca houve desde o começo do mundo. O povo de Deus da época pouco antes de Jerusalém ser destruída é retratado como passando pela tribulação. É evidente que esses são os servos de Deus porque são descritos como tendo suas vestes lavadas e tornadas brancas no sangue do Cordeiro, diferentemente dos judeus incrédulos.

A explicação da imagem dos 144.000 em Apocalipse 7:1-8 e da imagem da grande multidão em Apocalipse 7:9-17 é que os 144.000 representam o número completo de servos de Deus e agora mostram a grande multidão como também o número completo de servos de Deus. Essas duas imagens são o mesmo grupo de pessoas. O capítulo 7 começou declarando que os julgamentos do capítulo 6 não podem começar até que os servos de Deus sejam selados. Os oito primeiros versos do capítulo 7 mostram que os servos de Deus estão selados. Eles estão espiritualmente protegidos desses julgamentos. Além disso, todo servo de Deus é selado, daí a numeração de 12.000 de cada tribo. A segunda imagem da grande multidão que não pode ser numerada é para mostrar o que acontece com os 144.000. Apocalipse 7:9-17 revela que aconteceu o que foi prometido ao povo selado de Deus. Assim, a primeira metade do capítulo mostra a promessa de eles serem selados, e a segunda metade mostra a promessa sendo mantida. Eles permaneceram fiéis e são vitoriosos em Cristo.

Um dos 24 anciãos explicou o resultado para o povo de Deus. Eles vieram da tribulação. Reunindo as imagens no livro, a implicação é que eles são cristãos que morreram por causa de sua fidelidade a Cristo pouco antes de Jerusalém ser destruída em 70 d.C. Apocalipse 6:11 revelou que mais servos de Deus devem morrer. Agora, os servos de Deus são retratados no céu ao redor do trono de Deus. Eles estão lá porque perderam suas vidas pela causa de Cristo. Esse é o ponto de dizer que suas vestes foram feitas brancas no sangue do Cordeiro: são vitoriosos por sua fidelidade a Cristo. Os cristãos morreram pelo Cordeiro. Assim como Cristo foi morto em fidelidade ao Pai, também esses cristãos morreram em fidelidade ao Cordeiro.

Os versos 15 a 17 mostram a vitória que esses servos de Deus receberam. Eles estão diante do trono de Deus dia e noite, uma imagem sacerdotal de servir no templo diante do Senhor. Esses servos estão constantemente diante do trono de Deus por causa de sua fidelidade. Aquele que se senta no trono os abrigará com sua presença, ou seja, nada mais vai acontecer com esses cristãos. Eles não estão mais sofrendo, são consolados, não podem mais ser afligidos pelo mundo. Eles estão seguros nas mãos do Pai. O Cordeiro é o seu pastor que os protege e consola.

Essa imagem será ampliada em Apocalipse 21 na visão do Senhor no meio da Nova Jerusalém. O Cordeiro agirá como um pastor e os guiará para as águas vivas. Águas vivas são usadas consistentemente por Jesus para se referir à vida eterna (João 4:14; 7:38).

1.24.17. APOCALIPSE 8:1-5

> Quando o Cordeiro quebrou o sétimo selo, houve silêncio no céu durante quase meia hora. Então vi os sete anjos que estão em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas. Veio outro anjo e ficou em pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e lhe foi dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que está diante do trono. E da mão do anjo subiu à presença de Deus a fumaça do incenso, com as orações dos santos. Então o anjo pegou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto.

Essa é a abertura do sétimo selo. O silêncio representa, nos profetas, Deus agindo em juízo (Lamentações 3:26; Zacarias 2:13; Habacuque 2:20). Ele está agindo e os demais devem guardar silêncio e observar. A cena então revela sete anjos que estão diante de Deus. A cada um dos anjos é dada uma trombeta, as quais trarão julgamento sobre a terra – a "terra santa", no contexto. Outro anjo pega incenso e coloca em seu incensário, com a fumaça do incenso se elevando a Deus. As orações de todo o povo de Deus são mostradas indo até Deus. O incenso é um símbolo que mostra que suas orações são aceitáveis a Deus. Então o anjo pega o incensário, enche-o do fogo do altar e o joga na terra. Deus está respondendo às orações de todos os santos. Deus em ação é frequentemente descrito como trovões, rumores, relâmpagos e terremotos (como no Monte Sinai em Êxodo 19:16-19). Portanto, esses julgamentos são a resposta às orações do povo santo de Deus para castigar os primeiros perseguidores dos cristãos – os judeus incrédulos.

1.24.18. APOCALIPSE 8:6-13

> Então os sete anjos que tinham as sete trombetas se prepararam para tocar. O primeiro anjo tocou a trombeta, e houve granizo e fogo misturados com sangue, e foram atirados à terra. Então foi queimada a terça parte da terra, foi queimada a terça parte das árvores, e também toda a erva verde foi queimada. O segundo anjo tocou a trombeta, e uma espécie de grande montanha em chamas foi atirada ao mar. Uma terça parte do mar se transformou em sangue, e morreu a terça parte das criaturas do mar, e foi destruída a terça parte das embarcações. O terceiro anjo tocou a trombeta, e uma grande estrela, queimando como uma tocha, caiu do céu sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes das águas. O nome da estrela é Absinto. E a terça parte das águas se transformou em absinto, e muitas pessoas morreram por causa dessas águas, porque se tornaram amargas. O quarto anjo tocou a trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, da lua e das estrelas, para que a terça parte deles escurecesse e uma terça parte do dia, e também da noite, ficasse sem luz. Então vi e ouvi uma águia que, voando pelo meio do céu, dizia com voz forte: "Ai! Ai! Ai dos que moram na terra, por causa do som das outras trombetas que os três anjos ainda vão tocar!"

Em Apocalipse 8:6-7, o primeiro anjo tocou a sua trombeta e granizo e fogo misturado com sangue foram lançados sobre a terra julgada (a "terra santa", no caso). Saraiva e fogo são símbolos comuns do julgamento de Deus (Ezequiel 38:22). A imagem é semelhante à praga no Egito de granizo e fogo (Êxodo 9:22-25). Sodoma e Gomorra, juntamente com as cidades das planícies, foram destruídas pela chuva fogo e enxofre. Em cada uma das primeiras quatro trombetas se lê que apenas um terço é destruído: essa trombeta se trata da destruição da terça parte da terra julgada, especificamente das plantas. Se as plantas são atingidas, provavelmente fontes de alimentos para animais e a colheita estão em vista. Isso afeta os alimentos. Dizer que um terço é destruído é a maneira de Deus dizer que uma porção é destruída (Zacarias 13:8-9). A terça parte é citada em outros castigos dessa série (Apocalipse 8:8-12; 9:15,18). Essas são imagens de julgamentos parciais que foram previstos nos primeiros quatro selos de Apocalipse 6. Agora, esses julgamentos parciais estão ocorrendo e Jerusalém e os judeus incrédulos sofrem. Julgamentos parciais foram realizados a fim de trazer as pessoas ao arrependimento.

Em Apocalipse 8:8-9, o segundo anjo toca a sua trombeta e uma grande montanha, ardendo em fogo, foi lançada ao mar. Uma grande montanha caindo é simbólico para a derrubada de uma nação (Jeremias 51:25). Na profecia de Daniel com a grande estátua de diferentes metais, a pedra que atingiu a imagem se tornou em uma grande montanha que encheu toda a terra (Daniel 2:35), a qual representa o reino de Deus (Daniel 2:44). Assim, essa imagem da segunda trombeta não simboliza um vulcão em chamas ou algo parecido. É uma nação que está sendo julgada – a nação judaica incrédula. Então, um terço do mar tornou-se sangue. Um terço das criaturas vivas

no mar morreu e um terço dos navios foi destruído. Alimentos provenientes do mar e transporte marítimo são atingidos. Os judeus incrédulos sofrem com isso, uma vez que muitos judeus eram pescadores. Essa praga debilitou essas fontes de bens e alimentos. Essa imagem de julgamento também é como a peste no Egito quando o Nilo foi transformado em sangue (Êxodo 7:20-21).

Em Apocalipse 8:10-11, o terceiro anjo tocou a sua trombeta e uma grande estrela caiu do céu, resplandecendo como uma tocha, e afetou um terço dos rios e nascentes de água. O nome da grande estrela que caiu é "Absinto". O absinto era uma planta com um gosto amargo encontrado na Palestina. Essa planta amarga foi referida algumas vezes pelos profetas. Ao falar sobre Jerusalém, Jeremias declarou mensagens em Jeremias 9:15; 23:15 usando a figura do absinto para mostrar que a punição se encaixava no crime. O sofrimento era amargo por causa da amarga maldade da cidade. Jeremias falou dos falsos profetas poluindo Israel com idolatria. Portanto, Deus os estava poluindo com "água ruim", isto é, com a amargura do sofrimento. Expressões usando "fontes de água" são julgamentos importantes e comumente usados no Antigo Testamento porque a maior parte da água de Judá vinha de nascentes naturais. Portanto, um amargo sofrimento está vindo sobre a terra julgada, no caso, a "terra santa". O verso 11 revela que muitas pessoas morreriam desses juízos. É também provável que as fontes de água potável da nação judaica foram atingidas.

A quarta trombeta em Apocalipse 8:12 foi soada e um terço do Sol, da Lua e das estrelas foi afetado, de modo que um terço de suas luzes é escurecido. Em Apocalipse 6:12-14 nota-se que quando o Sol não brilha mais, a Lua se torna como sangue e as estrelas caem do céu, são símbolos de julgamento de uma nação. Em Apocalipse 8:12, novamente se observa que apenas um terço desses corpos celestes são atingidos. Portanto, isso não é o julgamento final, mas apenas um julgamento parcial, uma tribulação afetando parte da Terra. Essa é a grande tribulação referida em Mateus 24, mas não o julgamento final. Uma nação – a judaica – recebe a ira de Deus por seus pecados.

Então, João ouviu uma águia voando acima e clamando em alta voz que mais três desgraças estão por vir. As primeiras quatro trombetas estavam cheias de julgamentos terríveis, mas as três últimas são piores. Ai daqueles que vivem na terra julgada, porque o restante das trombetas está prestes a soar. A águia é uma imagem usada por Deus como um prenúncio de desgraça. O Antigo Testamento usou a águia como uma imagem da destruição (Deuteronômio 28:49-50). Em Ezequiel 17 se encontra uma parábola de duas águias: a mensagem da parábola era que Babilônia era a águia que destruía Jerusalém. A profecia de Ezequiel se baseou na promessa de Deus feita na inauguração da nação de Israel. Deus prometeu maldições a Israel se eles desobedecessem. Uma das imagens dessa maldição está em Deuteronômio 28:49, onde uma nação estrangeira iria destruir Israel, descendo como uma águia. João em Apocalipse 8 viu uma águia voando no céu declarando desgraças sobre a nação enquanto o restante dos julgamentos estava prestes a ser executado.

Apocalipse 8 revelou imagens devastadoras do julgamento quando Deus desencadeou sua ira por causa dos pecados da nação judaica. Elas foram julgamentos parciais destinadas a trazer arrependimento. Apocalipse 9 revela mais claramente onde esses juízos estão chegando e quem está por trás disso.

1.24.19. APOCALIPSE 9:1-12

> O quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela que tinha caído do céu sobre a terra. E lhe foi dada a chave do poço do abismo. Ela abriu o poço do abismo, e dele saiu fumaça como a fumaça de uma grande fornalha. E o sol e o ar se escureceram com a fumaça saída do poço. Também da fumaça saíram gafanhotos para a terra; e lhes foi dado poder como o poder que têm os escorpiões da terra. E lhes foi dito que não causassem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma, e tão somente às pessoas que não têm o selo de Deus na testa. Também não lhes foi permitido que os matassem, mas que os atormentassem durante cinco meses. E o seu tormento era como tormento de escorpião quando fere alguém. Naqueles dias, as pessoas buscarão a morte e não a encontrarão; também terão desejo de morrer, mas a morte fugirá delas. O aspecto dos gafanhotos era semelhante a cavalos preparados para a batalha. Na cabeça deles havia como que coroas parecendo de ouro, e o rosto deles era como rosto de um ser humano. Tinham também cabelos, como cabelos de mulher; e os dentes eram como dentes de leão. Tinham couraças, como couraças de ferro. O barulho que as suas asas faziam era como o barulho de carros puxados por muitos cavalos, quando correm para a batalha. Tinham ainda cauda, como escorpiões, e um ferrão. Na cauda tinham poder para causar dano às pessoas, por cinco meses. Tinham por rei sobre eles o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abadom, e em grego, Apoliom. O primeiro ai passou. Eis que, depois destas coisas, vêm ainda dois ais.

A quinta trombeta foi soada e João viu uma estrela caída do céu na terra. A essa estrela que caiu foi dada a chave para o poço sem fundo, o abismo. Uma única estrela caindo do céu para a terra é um quadro comum nas Escrituras de um poderoso rei ou governante (Isaías 14:12). Isaías 14:4 afirma que Isaías estava profetizando contra o rei da Babilônia. Apocalipse usou imagens semelhantes em Apocalipse 12:7-9, mostrando Satanás e seus anjos sendo jogados na terra. Em Lucas 10:17-18, Jesus usou as mesmas imagens também. Em todos esses casos, as imagens simbolizam um poderoso rei ou governante perdendo seu poder em algum grau, se não completamente. Esse rei é revelado no verso 11. Antes de se chegar à descrição de quem está causando esse problema, é importante observar a devastação que vem desse julgamento: a estrela caída abriu o abismo e nuvens de fumaça saíram dele e escureceram o Sol. O escurecimento do Sol representa o destino e a destruição de uma nação. O fim está chegando para uma nação. A fumaça também representa o julgamento divino. A destruição de Sodoma e Gomorra usou a mesma linguagem (Gênesis 19:28).

Com o abismo aberto e a fumaça subindo, João viu gafanhotos saindo da fumaça. Eles simbolizam algo porque foram instruídos a não prejudicar a grama, qualquer planta ou árvore verde, ou aqueles que têm o selo de Deus em suas testas. Gafanhotos verdadeiros destroem plantas, grama e árvores. Os gafanhotos são simbólicos e são usados como símbolo no Antigo Testamento. Em Joel 1:4-7, Joel descreveu uma invasão de gafanhotos que atingiu a terra de Israel e, baseado nesse evento, o profeta descreveu uma nação que estava vindo contra Israel como uma invasão de gafanhotos (Joel 2:1-5).

Os gafanhotos soam como um poderoso exército vindo contra a nação de Israel. Os versos 4 e 5 fazem a conexão em que os gafanhotos são um exército de forma muito clara. Eles têm a aparência de cavalos e saltam, como o estrondo de carruagens. Gafanhotos eram a maldição prometida por Deus para a desobediência de Israel (Deuteronômio 28:38-42). O tormento dos gafanhotos é permitido por cinco meses. A "vida útil" dos gafanhotos é de cinco meses e a estação de duração, quando os gafanhotos atacam, é de cinco meses. Essa parece ser a razão para usar esse número de meses para a duração do tormento. O sofrimento e o tormento não persistirão por alguns dias, mas pela duração da vida dos gafanhotos, ou seja, esse ataque terminará apenas quando os atacantes tiverem completado sua devastação. O tormento é tão doloroso quanto o ferrão de um escorpião e o sofrimento será tão severo que as pessoas desejarão morrer. Elas procurarão a morte, mas não a encontrarão. Esse sofrimento representa o cerco romano contra Jerusalém em 66-70 d.C.

Os gafanhotos são descritos como um poderoso exército. Muitas das descrições nesses versos são semelhantes a Joel 1:4-7; 2:1-5. Representam um exército governante aterrorizante, usando coroas de ouro mostrando que eles têm autoridade sobre a terra. Essa é uma razão para considerar os gafanhotos como o Império Romano. O Império Romano no primeiro século foi o poder mundial que dominou o mundo conhecido da época. Os versos 8 a 10 simplesmente aumentam as imagens de ferocidade com as quais o ataque virá. Essa invasão será terrível e destrutiva. Em Jeremias 51:27, o profeta descreveu a vinda de cavalos na guerra como gafanhotos. Os seus rostos eram como rosto de homem – figuras de animais ou insetos com características humanas normalmente sugerem a inteligência. Cabelos femininos sugerem a beleza, um aspecto mais suave do que a aparência das outras características. O Diabo usa coisas que parecem boas, inofensivas e atraentes para conquistar sua presa, e depois ataca com a astúcia (rosto de homem) e força (dentes de leão). Os dentes como de leão são mais uma figura do poder destrutivo desses "gafanhotos" do abismo. Podem usar a inteligência e a beleza para seduzir, mas mordem com a ferocidade de um leão (1 Pedro 5:8). Esses guerreiros estão preparados para a guerra por usarem couraças. O barulho das asas como o som de muitos carros de guerra aumenta ainda mais a imagem de poder destrutivo quase irresistível da chegada dos "gafanhotos".

Assim, esses gafanhotos representam o Império Romano e sua invasão contra a Judeia e Jerusalém. Em Apocalipse 11:7, é encontrada uma imagem paralela: o abismo está aberto e a besta sobe do abismo. Apocalipse 17:8 revela novamente que a besta é o que está subindo do abismo. Em Apocalipse 13, a besta representa o Império Romano, um ponto em que muitos estudiosos concordam. Em Apocalipse 11 e 13, encontra-se a razão pela qual o livro usa a imagem da besta para o Império Romano. Porém, de momento, o que precisamos entender nesse ponto é que os gafanhotos e a besta representam a mesma entidade. Ambos são liberados do abismo. Para validar esse ponto, é a mesma entidade que está liberando os gafanhotos/besta. Em Apocalipse 12 e 13, o dragão está liberando a besta para a guerra. O dragão é identificado como Satanás (Apocalipse 12:9) e a besta é o Império Romano (Apocalipse 13:1-8; 17:7-11). Em Apocalipse 9:11, é dito o que a estrela caída é: seu nome é Abadom ("destruição") em hebraico e Apoliom ("destruidor") em grego. Ele é o único que liberou os gafanhotos nesse julgamento. O

destruidor se refere a Satanás, o governante que caiu na terra. Apocalipse 12:7-9 confirma o significado dessa imagem. Além disso, a comunidade de Qumran do Mar Morto falou de Abadom quinze vezes em seus escritos. Abadom é comentado com o *sheol* (o mundo dos mortos em hebraico) e está ligado a Belial. Belial é o nome que a comunidade de Qumran usou para se referir a Satanás (conforme 1QM 15:18; 18:17). Até mesmo o apóstolo Paulo usou o nome Belial para se referir a Satanás e uma comunhão com as trevas (2 Coríntios 6:15). Satanás é mostrado liberando os gafanhotos em Apocalipse 9 e é mostrado como liberando a besta em Apocalipse 13. Em Apocalipse 9 Satanás é chamado Abadom e Apoliom. Em Apocalipse 12, é chamado de dragão. Em Apocalipse 9, o Império Romano é descrito como gafanhotos. Em Apocalipse 13, o Império Romano é descrito como a besta.

Em Apocalipse 6:8, observa-se que o método da matança era o modo como Deus prometeu julgar Israel por desobediência (Levítico 26:18-33; Ezequiel 14:21; Jeremias 15:2-4). Em Apocalipse 7:14, é dito que os servos de Deus são aqueles que passaram pela grande tribulação. Essa expressão é usada apenas em um lugar fora do livro do Apocalipse, Mateus 24:21, onde Jesus está predizendo a destruição de Jerusalém pelos exércitos romanos (conforme Lucas 21:20). Apocalipse 9 revelou a destruição por meio de gafanhotos, uma imagem usada de uma potência mundial. Visto que os gafanhotos representam o Império Romano porque os gafanhotos e a besta são imagens sinônimas (Apocalipse 11:7), então o objeto da ira de Deus é de fato a nação de Israel. Mais provas disso serão constatadas nos capítulos 10 e 11 de Apocalipse.

As visões envolvendo Abadom e Apoliom, o abismo e os gafanhotos saindo dele invocam as imagens do Antigo Testamento que retratam o *sheol*/*hades*. Ele é retratado como estando nas profundezas da terra, possuindo um abismo referido como *abaddon* próximo a si, além das águas das profundezas. Nos tempos antigos, era comum um território receber o nome de uma pessoa. O Antigo Testamento chama o abismo de *abaddon* e o Livro de Apocalipse afirma que esse termo é um nome do anjo do abismo, o qual é Satanás. Assim, Satanás é um anjo caído e ele está encarregado do abismo. É possível que anjos que pecaram tenham sido aprisionados nesse abismo (veja 1.21.1. 2 Pedro 2:4). Se for assim, as visões de João assemelham simbolicamente o exército romano como hostes malignas que estavam aprisionadas no abismo/tártaro/*abaddon*/*apoliom* e que foram permitidas por Deus a serem libertadas por Satanás para atacar a nação judaica, como juízo. Se o abismo permitiu liberação de fumaça, pode ser que lá haja fogo. Provavelmente, a visão do exército romano como hostes do abismo tem a intenção de reforçar o terror que esse exército provoca.

1.24.20. APOCALIPSE 9:13-21

> O sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro que se encontra na presença de Deus, dizendo ao sexto anjo, o mesmo que tem a trombeta: "Solte os quatro anjos que estão amarrados junto ao grande rio Eufrates." Então foram soltos os quatro anjos que se achavam preparados para a hora, o dia, o mês e o ano, para que matassem a terça parte da humanidade. O número dos exércitos da cavalaria era de vinte mil vezes dez milhares; eu ouvi o seu número. Assim, nesta visão, pude ver que os cavalos e os seus cavaleiros tinham couraças cor de fogo, de jacinto e de enxofre. A cabeça dos cavalos era como cabeça de leão, e de sua boca saíam fogo, fumaça e enxofre. Por meio destes três flagelos, a saber, pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saíam da boca dos cavalos, foi morta a terça parte da humanidade. Pois a força dos cavalos estava na boca e na cauda deles. As caudas deles eram semelhantes a serpentes, com cabeças, e com elas causavam dano. O resto da humanidade, isto é, aqueles que não foram mortos por esses flagelos, não se arrependeu das obras das suas mãos: eles não deixaram de adorar os demônios e os ídolos de ouro, de prata, de bronze, de pedra e de madeira, que não podem ver, nem ouvir, nem andar. Também não se arrependeram dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da sua imoralidade sexual, nem dos seus furtos.

Quando a sexta trombeta tocou, os anjos que estavam segurando os quatro ventos (Apocalipse 7:1) são liberados. Julgamentos são desencadeados contra a Judeia e Jerusalém. Os juízos dos seis selos encontrados em Apocalipse 6 aconteceram. Um terço da humanidade é morto – não é a humanidade no sentido de todas as pessoas do planeta, mas são afetadas muitas pessoas na Judeia. Terrível sofrimento e morte ocorrem. O rio Eufrates é usado como imagem porque essa era a direção típica das invasões contra Israel. O Eufrates é de onde os inimigos de Israel vieram. Quando a Assíria atacou a nação do norte de Israel em 722 a.C., veio do Eufrates. Quando a Babilônia atacou a nação do sul de Judá, a partir de 606 a.C., ela veio do Eufrates. O verso 14 mostra que tal julgamento é uma potência mundial que vem contra Israel. As tropas são numerosas. São mais tropas do Império Romano. O Império Romano não vem literalmente dalém do Eufrates, mas essa descrição o coloca como um inimigo temível contra Israel, tal como foi a Assíria e a Babilônia. A matemática dada no verso 16 soma 200 milhões

de tropas em cavalos ("vinte mil vezes dez milhares"). Esse número não deve ser entendido literalmente, assim como nenhum dos números anteriores é literal. Ouvir sobre essa quantidade de tropas montadas em cavalos mostra que a nação julgada será dizimada.

Os cavalos também são descritos com imagens aterrorizantes (Apocalipse 9:17-19). As cores das couraças são, provavelmente, vermelho (fogo), azul (jacinto) e amarelo (enxofre), e apresentam a imagem aterrorizante do exército usado como instrumento de Deus para castigar. Enxofre, na Bíblia, é sempre ligado ao castigo divino (Gênesis 19:24; Deuteronômio 29:23; Salmo 11:6; Isaías 30:33; Ezequiel 38:22). Esses cavalos têm cabeças de leões e fogo saindo de suas bocas. Não servem apenas para levar os soldados à batalha – os próprios cavalos são ferozes e têm o poder para trazer julgamento divino. O que sai das bocas dos cavalos é, certamente, um castigo de Deus. O fogo, a fumaça e o enxofre são pragas usadas para castigar. Já foi dito no verso 15 que a trombeta causaria a morte de um terço dos homens. Essas mortes vêm por causa dos flagelos das bocas dos cavalos. Já foi dito sobre as pragas que saem da boca, mas as caudas destes cavalos são bem diferentes. Quanto mais se procura visualizar os cavalos dessa visão, mais se percebe a impossibilidade de serem literalmente cavalos. As imagens fortes comunicam, simbolicamente, uma mensagem do poder do exército enviado por Deus para castigar e matar. Os cavalos chegaram com suas couraças e suas cabeças de leões, soprando as pragas de fogo, fumaça e enxofre. Deixaram para trás o sofrimento causado pelo veneno de suas caudas, que pareciam serpentes causando dano.

Desde o capítulo 6, Deus está trazendo esses julgamentos para trazer a nação de volta de seus pecados. Deus estava chamando a nação para se arrepender. Os versos 20 e 21 revelam que os julgamentos parciais não tiveram o efeito pretendido. Ninguém se arrependeu. Deus traz julgamento sobre uma nação não apenas para trazer seu arrependimento, mas também para trazer arrependimento para o resto das nações. É o caso das profecias em Isaías 2:19-21 e Isaías 34:1-5. Em Isaías 34, Edom foi o objeto da ira de Deus, mas as nações deviam prestar atenção e mudar. Em Isaías 2, Judá e Jerusalém são os objetos da ira de Deus, mas os demais deveriam, com o exemplo, rejeitar seus ídolos e caminhos pecaminosos. Mas eles não o fizeram. Portanto, os julgamentos devem continuar, uma vez que as nações são merecedoras da ira de Deus devido a seus pecados.

1.24.21. APOCALIPSE 10:1-11

> Vi outro anjo forte descendo do céu, envolto em nuvem, com o arco-íris por cima de sua cabeça. O rosto dele era como o sol, e as pernas eram como colunas de fogo. O anjo tinha na mão um livrinho aberto. Pôs o pé direito sobre o mar e o pé esquerdo sobre a terra e gritou com voz forte, como ruge um leão. E, quando ele gritou, os sete trovões fizeram soar as suas próprias vozes. Logo que os sete trovões falaram, eu ia escrever, mas ouvi uma voz do céu, dizendo: "Guarde em segredo as coisas que os sete trovões falaram. Não escreva nada." Então o anjo que vi em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu e jurou por aquele que vive para todo o sempre, o mesmo que criou o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há, dizendo: "Já não haverá demora, mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, então se cumprirá o mistério de Deus, como ele anunciou aos seus servos, os profetas." A voz que ouvi, vinda do céu, estava de novo falando comigo e dizendo: "Vá e pegue o livro que se acha aberto na mão do anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra." Então fui ao anjo, pedindo-lhe que me desse o livrinho. Ele, então, me falou: "Pegue o livrinho e devore-o. No seu estômago ele será amargo, mas na sua boca será doce como mel." Peguei o livrinho da mão do anjo e o devorei. Na minha boca, era doce como mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo. Então me disseram: "É necessário que você ainda profetize a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis."

A descrição do anjo forte que vem do céu mostra que ele não é como os anjos anteriores do livro. Ele está envolto em uma nuvem. As nuvens carregam consistentemente o simbolismo do julgamento nas Escrituras (Apocalipse 1:7; Jeremias 4:13; Ezequiel 30:3). Portanto, esse anjo está vindo para declarar julgamento na terra. Ele é descrito com um arco-íris sobre sua cabeça, carregando o simbolismo da aliança de Deus. O julgamento de Deus está prestes a ser efetuado de acordo com a aliança de Deus que foi feita foi com seu povo. O anjo tem uma descrição semelhante à descrição do Filho do Homem em Apocalipse 1:15-16, mas não se deve pensar que ele é Cristo. Se Apocalipse quisesse dizer que ele era Cristo, então o livro não teria chamado tal ser espiritual de anjo. Cristo não é um anjo, e é amplamente argumentado nas Escrituras que ele é diferente e maior do que todos os anjos (Hebreus 1). Linguagem semelhante é simplesmente destinada a mostrar que esse anjo é enviado por Deus para realizar o julgamento de acordo com a Palavra e a aliança de Deus.

Quando o anjo gritou com voz alta, sete trovões soaram. Os sete trovões são aparentemente semelhantes aos sete selos e às sete trombetas, contendo mensagens de julgamento. João estava prestes a escrever o que os sete trovões disseram, mas uma voz do céu disse a João para não escrever. Essa é a única figura que temos no Livro de Apocalipse de alguma informação permanecendo selada. Não era para a humanidade saber as coisas que os sete trovões revelaram. Não nos são dadas pistas ou informações adicionais sobre a mensagem dos sete trovões. Devem ser observados, pelo menos, dois motivos. Em geral, Deus não revela tudo aos homens, e eles não têm a capacidade de compreender todos os pensamentos sublimes de Deus (Isaías 55:8-9). Moisés disse que Deus revela o que é preciso para saber como servi-lo (Deuteronômio 29:29). João disse que seu registro da vida de Cristo inclui uma pequena parte de tudo que Jesus fez, mas que foram relatadas as coisas necessárias para criar fé nos leitores (João 20:30-31; 21:24-25). Quando se trata da proteção dos fiéis, Deus faz muito mais do que ele mostra ao homem. De vez em quando, ele "abre a cortina" para revelar alguma batalha nas regiões celestiais, para confortar com o fato de ele estar constantemente lutando a favor dos servos.

O anjo que se posicionou no mar e na terra levantou a mão direita para o céu e jurou que não haveria mais demora, que o mistério de Deus anunciado pelos profetas seria cumprido. Isso aconteceu nos dias em que o sétimo anjo tocou a sua trombeta. Sete trombetas proferem juízo, seis soaram até agora. O poderoso anjo declarou que quando o sétimo anjo soar sua trombeta, estará tudo pronto. O mistério de Deus, conforme declarado pelos profetas, será cumprido. Para obter mais clareza sobre o que está sendo dito, essa imagem é encontrada em Daniel 12. Em Daniel 12:7, o mesmo anjo tomou a mesma posição e fez o mesmo juramento. Todos os elementos de Daniel 12:7 e Apocalipse 10:5-7 estão em paralelo. Há apenas uma diferença real: a linha do tempo. Quando o anjo em Daniel fez seu juramento, ele declarou que seria "tempo, tempos e metade de um tempo" (três e meio é metade de sete, e sete é um número que simboliza o perfeito e o completo, a divindade). Um período de tempo limitado com tribulações iria passar antes que esses eventos se desdobrassem. Esse é o ponto repetido para Daniel em Daniel 12:9: as palavras foram seladas até o "final dos tempos" e o cumprimento da profecia não aconteceria nos dias de Daniel. Seria mais tarde. Seria em "um tempo, tempos e metade de um tempo", um símbolo de um período limitado de sofrimento.

O anjo revelou no Livro de Daniel a qual evento seu juramento se refere. Daniel 12:7 declara: "E, quando tiverem acabado de destruir o poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão." Quando o anjo disse essas palavras a Daniel, quem era o "povo santo"? Era uma referência à nação física de Israel. Em Daniel 12:1, observa-se o mesmo ponto. O anjo disse a Daniel que essa profecia é sobre o seu povo, isto é, a nação judaica. Aqueles que foram escritos no livro seriam libertos desse tempo de tribulação. Voltando para Apocalipse 10, o anjo declarou que, quando o sétimo anjo tocar sua trombeta, as coisas anunciadas pelos profetas (particularmente a profecia de Daniel) serão cumpridas. O anjo que disse a Daniel que haveria atraso naquela ocasião ("tempo, tempos e metade de um tempo") agora disse a João que não haverá atraso. Esse anjo confirma que a compreensão dos gafanhotos como sendo o Império Romano em Apocalipse 9 está correta. Em Apocalipse 9, os gafanhotos representam uma potência mundial que destrói outra nação nas Escrituras (como em Joel 2). O sentido lógico é que os gafanhotos representavam o Império Romano contra a nação judaica em 70 d.C. Apocalipse 10 valida essa interpretação. Foram vistas muitas pistas desde o capítulo 6 de que a nação judaica física era o objeto da ira de Deus. Jesus também profetizou essa desgraça em Mateus 24 e Lucas 21. Paulo também notou essa ira vindoura contra a nação de Israel (1 Tessalonicenses 2:14-16).

Para resumir a imagem até agora em Apocalipse, Apocalipse 6 disse que haveria julgamentos parciais culminando com a ruína de uma nação. Apocalipse 7 declarou que esses julgamentos não aconteceriam até que o povo de Deus fosse selado. Embora cristãos estivessem em risco de vida, eles são retratados como seguros em Cristo. Apocalipse 8 e 9 revelaram os julgamentos parciais ocorrendo contra a nação judaica em 66-70 d.C. (as guerras romano-judaicas, ou grande tribulação). No entanto, o povo não se arrependeu e as nações que observaram esses julgamentos não se arrependeram. Portanto, o anjo poderoso declarou que não haveria mais demora. O julgamento de destruir a nação judaica acontecerá quando o sétimo anjo tocar sua trombeta.

A cena final em Apocalipse 10 diz respeito ao pequeno livro. No verso 2, o poderoso anjo segurou o pequeno livro aberto em sua mão. Os sete selos foram abertos pelo Cordeiro e o livro estava agora aberto nas mãos do poderoso anjo. João foi até o poderoso anjo e pegou o livro. O anjo disse a João para comê-lo. Essa imagem de comer um livro também é encontrada nas Escrituras. Ezequiel também foi instruído a comer o livro que foi apresentado a ele (Ezequiel 2:9-3:3). Comer o livro é uma imagem de estar pronto para profetizar a mensagem de

Deus. Quando Ezequiel comeu o livro, foi doce como mel em sua boca. A Palavra de Deus é descrita como doce (Salmo 19:10). No entanto, depois que João comeu, o estômago se tornou amargo. A amargura vem por causa dos julgamentos que ainda estão por vir no verso 11. João foi instruído a profetizar sobre muitos povos e nações e línguas e reis. Essas profecias serão sobre as nações da terra (unidas no Império Romano). Essas profecias começarão no capítulo 12. João tem profetizado sobre seu próprio povo, a nação judaica, e seu julgamento por Deus foi declarado. No entanto, João não acabou sua missão, devendo continuar a profetizar, e ele falará sobre as nações.

Apocalipse 10 revelou que, no soar da sétima trombeta, as coisas ditas pelos profetas seriam cumpridas. Ocorreram julgamentos parciais contra uma nação por seus pecados. O capítulo 9 revelou que o Império Romano estava sendo liberado por Satanás para ser o instrumento dessa destruição. O capítulo 10 mostrou o anjo que fez um juramento sobre esse desastre dizendo que não haveria mais demora. Em Daniel 12:7, o anjo disse que haveria "um tempo, tempos e metade de um tempo" antes que o "destruir o poder do povo santo" fosse completo. Apocalipse 10 disse que isso seria cumprido no soar da sétima trombeta.

1.24.22. APOCALIPSE 11:1-2

> Foi-me dado um caniço semelhante a uma vara, e também me foi dito: "Levante-se e vá medir o santuário de Deus, o altar, e os que adoram no santuário. Mas deixe de lado o átrio exterior do santuário e não o meça, porque esse átrio foi dado aos gentios, que, por quarenta e dois meses, pisarão a cidade santa."

João foi instruído a medir o templo de Deus, o altar e aqueles que adoravam ali com uma vara de medir. A imagem da medição é usada em vários lugares nas Escrituras. Às vezes, a imagem é usada como um prumo, pois as pessoas são comparadas ao padrão das leis de Deus (2 Reis 21:13). Às vezes, as imagens são usadas para medir aqueles que são justos (Zacarias 2:1-5). No final do livro, a cidade chamada "Nova Jerusalém", representando o povo de Deus, é medida (Apocalipse 21:15-17). Em Ezequiel 40:3, o profeta tem uma visão de uma pessoa com uma vara de medir na mão medindo um novo templo de Deus.

O templo no Novo Testamento representa o verdadeiro e santo povo de Deus. Em Apocalipse 3:12, aqueles que são fiéis serão feitos "como colunas no templo" e nunca sairão dele. Paulo também, repetidamente, ensinou que o povo de Deus é o templo de Deus (1 Coríntios 3:16; 2 Coríntios 6:16). Cristo é a pedra angular desse templo. Os apóstolos e profetas são a fundação do templo, edificados sobre a pedra angular. Até mesmo a comunidade de Qumran, aqueles que escreveram os pergaminhos do Mar Morto, também entenderam o templo de Ezequiel de forma simbólica. Eles até mesmo declaravam o templo em Jerusalém como um templo falso e apóstata e se consideravam o verdadeiro templo espiritual (1QS 5:5-6; 8:4-10; 9:3-6; 11:7ff; CD 3:19-4:6; 4QFlor 1:2-9). Eles até usaram imagens de medida para descrever a segurança desse templo (1QH 6:26).

Portanto, o templo de Deus em Apocalipse 11:1 é o verdadeiro povo de Deus. Eles são medidos para proteção contra danos espirituais. Mas isso não quer dizer que eles não teriam risco de vida. Os selos revelaram que servos de Deus seriam mortos, mas a salvação deles é segura. A medição do templo, o qual simboliza os verdadeiros adoradores, é uma garantia de que eles são membros do templo espiritual celestial, não importa o que aconteça a eles na Terra.

João foi instruído a não medir o átrio fora do templo. A razão é que ele foi entregue às nações, pois "esse átrio foi dado aos gentios, que, por quarenta e dois meses, pisarão a cidade santa". Sendo o templo uma referência aos santos de Deus, então a "cidade santa" não pode ser entendida como também significando o povo santo de Deus. A cidade santa deve ser uma referência à nação física de Israel. A nação de Israel deveria ser santa, mas está sob o julgamento de Deus porque não foi. No entanto, havia em Israel alguns que foram santos, um remanescente, o qual se converteu a Cristo, e esses judeus são representados pelo templo que foi medido, sendo preservados espiritualmente. Esses fiéis também foram atribulados durante o julgamento do reino físico de Israel, o qual veio da parte de Deus por meio do uso das hostes romanas incitadas por Satanás. Essa interpretação se encaixa no que foi estudado em Apocalipse 9 e 10. No capítulo 9, os gafanhotos entraram em ação, os quais as Escrituras usaram para representar uma potência/nação mundial destruindo outra nação. O poder do mundo na época da escrita do Livro de Apocalipse era o Império Romano. O capítulo 10 mostrou que o anjo prometeu que o poder do povo santo seria quebrado, referindo-se à nação judaica (com relação a Daniel 12:1,7). Apocalipse 10:6-7 mostrou o anjo dizendo que não haveria mais nenhum atraso para esse julgamento nacional. O capítulo 11 revelou que a cidade de

Jerusalém, simbolizando a nação de Israel, estava destinada ao julgamento, e os fiéis sofrerão, mas serão espiritualmente protegidos. Apocalipse 6:12-17 previu um "apagar de luzes" para a nação. De fato, se trata da nação judaica. A nação judaica foi entregue ao Império Romano para seu julgamento definitivo. O judaísmo chegou ao fim, o que deixa clara a intenção de Deus em se relacionar com os humanos por meio da Nova Aliança.

Os escritores das Escrituras também fizeram a distinção entre o verdadeiro povo de Deus e a nação física de Israel. Paulo fez essa distinção em Gálatas 4:21-31. Agar representa o Monte Sinai e Jerusalém física (Gálatas 4:24-25). Sara representa a Jerusalém de cima, que são os filhos da promessa (Gálatas 4:26,28). Sendo assim, Paulo distinguiu a nação física do povo espiritual de Deus. O escritor de Hebreus fez a mesma distinção. Em Hebreus 12:18-29, ele contrastou o Monte Sinai com o Monte Sião. Sião representa a Nova Aliança e a Jerusalém celestial. O Monte Sinai representa a Antiga Aliança e a nação física. A nação física, o Monte Sinai e a Antiga Aliança, são as coisas abaladas. Essas coisas seriam removidas para que as coisas que não podiam ser abaladas, o Monte Sião e a Nova Aliança, a Jerusalém celestial, pudessem permanecer.

O pisoteio da "cidade santa" (a nação física de Israel) pelas nações ocorre também em outros lugares nas Escrituras. Jesus disse essas palavras aos seus discípulos em Lucas 21:20-24 falando do mesmo evento: a destruição de Jerusalém e o julgamento da nação física de Israel, e isso nos mesmos termos que são revelados ao apóstolo João em Apocalipse 11:2.

Uma última coisa a considerar aqui é o marcador de tempo do pisoteio da nação de Israel por 42 meses. É certamente fascinante que o tempo da invasão do Império Romano contra a Judeia tenha sido de aproximadamente três anos e meio, ou 42 meses. Mas não se pode começar a entender alguns números do Apocalipse literalmente e alguns figurativamente simplesmente por preferência de que um número seja literal e outro seja figurativo. Deve-se manter o modelo de interpretação dado no início do livro: o Apocalipse foi revelado em símbolos e deve-se considerar os números como simbólicos, a menos que algo no texto exija o contrário. Por exemplo, existem sete igrejas reais na Ásia porque cada cidade é nomeada. Todos os outros números foram simbólicos. O mesmo acontece com esses 42 meses. O mesmo marcador de 42 meses é usado repetidamente nas Escrituras para descrever diferentes eventos. Daniel 12 falou sobre "um tempo, tempos e metade de um tempo" onde um tempo é igual a um ano. Portanto, "um tempo, tempos e metade de um tempo" representa três anos e meio. Apocalipse 11:2 falou sobre um período de aproximadamente 42 meses. Apocalipse 11:3 falou de 1.260 dias, o que também é 42 meses. Três e meio é metade de sete, e sete representa a perfeição. Quando três anos e meio, 42 meses ou 1.260 dias são declarados, estão sempre se referindo a um período limitado de aflição, tribulação, perseguição ou destruição. Também, em Daniel 12:7, "tempo, tempos e metade de um tempo" se referem ao tempo da quebra do poder do povo santo. Em Apocalipse 11:2, o pisoteio da cidade santa é de 42 meses. Em Apocalipse 13:5, a besta exerceu autoridade por 42 meses. Quarenta e dois meses, 1.260 dias e "tempo, tempos e metade de um tempo" representam todos um período limitado de tempo que é cheio de tribulação, angústia e perseguição.

1.24.23. APOCALIPSE 11:3-6

> Darei autoridade às minhas duas testemunhas para que profetizem durante mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco. São estas as duas oliveiras e os dois candelabros que estão em pé diante do Senhor da terra. Se alguém pretende causar-lhes dano, da boca dessas testemunhas sai fogo e devora os inimigos; sim, se alguém pretender causar-lhes dano, certamente deve morrer. Elas têm autoridade para fechar o céu, para que não chova durante os dias em que profetizarem. Têm autoridade também sobre as águas, para transformá-las em sangue, bem como para ferir a terra com todo tipo de flagelos, tantas vezes quantas quiserem.

Deus concedeu autoridade para duas testemunhas profetizarem por 1.260 dias vestidas de pano de saco. 1.260 dias é o mesmo que 42 meses e "tempo, tempos e metade de um tempo". Esse marcador de tempo revela que se passaria um tempo limitado de tribulação, angústia e perseguição. Além disso, as duas testemunhas estão vestidas de pano de saco. Pano de saco foi usado em tempos de luto e aflição (Jó 16:15; Ester 4:1-3; Gênesis 37:34; 2 Samuel 3:31). As testemunhas estão de luto pela mensagem de julgamento que estão pregando, pelos pecados da nação e do julgamento que resultará deles (Joel 1:8; Amós 8:10).

As duas testemunhas são "as duas oliveiras e os dois candelabros que estão em pé diante do Senhor da terra", uma referência a Zacarias 4:2-14. Nesse texto, a força do ensinamento é que, na época de Zacarias, o Espírito

de Deus iria cumprir sua palavra, os obstáculos seriam removidos e o templo seria reconstruído, cumprindo a profecia de Deus. É provável que os dois ungidos se refiram a Josué e Zorobabel, os quais foram as ferramentas que Deus usou para reconstruir o templo quando o povo judeu retornou do cativeiro babilônico. Uma coisa similar é a mensagem em Apocalipse 11:4. A palavra que Deus proferiu foi realizada por meio do poder do Espírito Santo, como foi na ocasião que se referiu o texto de Zacarias, o qual foi representado pelas duas testemunhas.

O verso 5 informa que retribuição recairá sobre aqueles que ferirem as duas testemunhas. A linguagem é uma reminiscência da proteção divina que Deus ofereceu aos profetas (2 Reis 1:10; Jeremias 5:14). Quando Acazias enviou seu exército para levar Elias de volta para ele, Elias chamou o fogo dos céus que consumiu o exército. O fogo representa o julgamento contra aqueles que resistem a essas duas testemunhas. O verso 6 revela quem são essas duas testemunhas: elas têm o poder de fechar o céu para que não caia chuva enquanto profetizam e têm o poder de transformar as águas em sangue e atacar a terra com peste. Aquele que foi capaz de fechar o céu foi Elias (1 Reis 17:1) e quem trouxe as pragas foi Moisés (Êxodo 7:17-21). Para corresponder ao que foi dito nos versos 4 e 5, devemos entender Elias e Moisés representando a Lei e os Profetas. Também, as duas oliveiras e dois candelabros representam a palavra do Senhor sendo realizada por meio do poder do Espírito de Deus que usou Zorobabel (lei) e Josué (sacerdócio). A Lei e os Profetas previram esses eventos relativos à destruição da nação judaica. Moisés profetizou que essas coisas aconteceriam em Deuteronômio 28:15-68 (observe Deuteronômio 28:52-57 em particular). Tal descrição detalha exatamente o que aconteceu durante o cerco de Jerusalém pelos romanos em 66-70 d.C. Daniel profetizou a destruição da nação judaica na visão das 70 semanas (Daniel 9:24-27). A profecia diz respeito aos judeus e a Jerusalém de acordo com Daniel 9:24: "Setenta semanas estão determinadas para o seu povo e para a sua santa cidade, para acabar com a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos." Daniel 7:26 em particular deve ser observado: "Depois das sessenta e duas semanas, o Ungido será morto e não terá nada. O povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário. O seu fim virá como uma inundação. Até o fim haverá guerra, e desolações foram determinadas."

Portanto, as duas testemunhas representam todos os servos de Deus que estavam proclamando a Palavra do Senhor, pregando o que a Lei e os Profetas alertaram que ocorreria se Israel fosse desobediente. Notavelmente, as testemunhas incluem profetas e apóstolos que estavam profetizando e pregando que a cidade santa seria pisoteada. A Palavra do Senhor será cumprida e os servos de Deus (as duas testemunhas) estavam proclamando que as promessas e profecias de Deus aconteceriam. As descrições sobre as duas testemunhas indicam que são um corpo maior de servos de Deus, e não apenas de duas pessoas. Primeiramente, a besta fez guerra às duas testemunhas. Isso não faz muito sentido se as duas testemunhas forem apenas dois indivíduos. É muito melhor ver as duas testemunhas como os profetas, apóstolos e aqueles que estavam proclamando a mensagem de julgamento. Em segundo lugar, o mundo estava vendo-os morrer, o que faz mais sentido para aqueles que estavam proclamando a mensagem de julgamento, em vez de apenas dois indivíduos. Para resumir o ponto dos versos 3 a 6, o símbolo é a mensagem da Lei e dos Profetas profetizando julgamento pelos pecados da nação judaica. Os profetas, apóstolos e povo de Deus eram aqueles que pregavam essa mensagem, e eles estavam sofrendo, assim como os judeus incrédulos estavam sofrendo com a ação dos romanos, mas eles sofriam com a diferença crucial de terem proteção espiritual da parte de Deus.

1.24.24. APOCALIPSE 11:7-14

> Quando tiverem, então, concluído o testemunho que devem dar, a besta que surge do abismo fará guerra contra elas; a besta vencerá e matará as testemunhas. E os seus cadáveres ficarão estirados na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado. Então, muitos dentre os povos, tribos, línguas e nações contemplarão os cadáveres das duas testemunhas, por três dias e meio, e não permitirão que esses cadáveres sejam sepultados. Os que habitam sobre a terra se alegrarão por causa da morte dessas duas testemunhas, realizarão festas e enviarão presentes uns aos outros, porque esses dois profetas atormentaram os que moram sobre a terra. Mas, depois dos três dias e meio, entrou neles um espírito de vida vindo da parte de Deus, e eles se ergueram sobre os pés, e aqueles que os viram ficaram com muito medo. E as duas testemunhas ouviram uma voz forte vinda do céu, dizendo-lhes: "Subam para cá." E subiram ao céu numa nuvem, e os seus inimigos as contemplaram. Naquela hora, houve grande terremoto, e ruiu a décima parte da cidade. Nesse terremoto, morreram sete mil pessoas. As outras pessoas ficaram aterrorizadas e deram glória ao Deus do céu. Passou o segundo ai. Eis que, sem demora, vem o terceiro ai.

A "besta que surge do abismo fará guerra contra elas; a besta vencerá e matará as testemunhas." Em Apocalipse 9, os gafanhotos foram liberados do abismo e são identificados como o Império Romano. Agora esse mesmo império é descrito como uma besta. Apocalipse 13 revela a razão da imagem da besta ser usada. Por enquanto, simplesmente é necessário entender o Império Romano como a besta que está desolando a nação judaica. Nessa desolação, os profetas, apóstolos e proclamadores da Palavra de Deus também serão mortos. Quando os romanos invadiram a Judeia, desolaram mais de 980 cidades, incluindo a grande cidade de Jerusalém.

"E os seus cadáveres ficarão estirados na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado." É a condição espiritual da cidade que está em vista. Não é uma declaração mística ou uma afirmação profética. A cidade em vista tem fraqueza espiritual como a cidade de Sodoma e a nação do Egito. A cidade que está em vista e que é merecedora de julgamento por causa de seus pecados é a cidade onde o seu Senhor foi crucificado. A cidade onde o Senhor foi crucificado foi Jerusalém. Jesus foi morto nos arredores da cidade de Jerusalém. Jerusalém foi chamada de "cidade santa" por ter sido a escolha local de Deus, mas espiritualmente estava fraca como Sodoma e Egito.

Muitos dizem que a "grande cidade" se refere a Roma porque, mais tarde no Apocalipse, a grande cidade é identificada como a Babilônia. Se Apocalipse 11:8 dissesse simplesmente "a grande cidade", então se concordaria que Roma estaria em vista. No entanto, o texto esclarece o que é a grande cidade: a mesma cidade onde o seu Senhor foi crucificado. Isto se encaixa com Apocalipse 11:2, onde a cidade santa (agora referida como espiritualmente deficiente), Jerusalém, está em vista, e é o objeto da ira de Deus. A besta (os gafanhotos de Apocalipse 9, o Império Romano) está destruindo Jerusalém e, nesse processo, as duas testemunhas (o povo de Deus que proclama sua Palavra) também são mortas. Esta não é a primeira vez nas Escrituras que a nação física de Israel tem sido espiritualmente comparada com Sodoma e Egito. Israel foi identificado espiritualmente como Sodoma em Isaías 1:9-10, Jeremias 23:14 e Ezequiel 16:46-49. Israel também foi espiritualmente identificado com o Egito em Ezequiel 23 e Jeremias 9:26. Os profetas falaram de como Israel estava retornando aos seus caminhos idólatras.

A besta estava matando as testemunhas, isto é, os romanos estavam matando os apóstolos e aqueles que proclamaram a Palavra de Deus. Pessoas de todas as nações se regozijaram com a morte desses cristãos, se recusando a permitir um enterro adequado para eles. Um cadáver exposto, sem enterro, era considerado uma humilhação (Salmo 79:3-4). Não se deve esquecer que os cristãos não estão apenas morrendo na grande tribulação quando os romanos atacaram a Judeia, mas morreram em todo o Império Romano sob o governo de Nero. Durante os anos 64 a 68 d.C. o apóstolo Pedro e o apóstolo Paulo foram mortos por Nero. É nessa época que Nero está mergulhando cristãos em cera e acendendo-os em chamas. É durante esse tempo que os cristãos estão sendo vestidos com roupas de animais para serem perseguidos e dilacerados por animais. O mundo não tem amor pelos cristãos durante esses anos. Apocalipse 11 está descrevendo todos os eventos que estavam acontecendo enquanto a nação judaica física estava recebendo seu julgamento. Matar cristãos não era grande coisa para o mundo. Os ímpios regozijam-se quando veem a morte do povo de Deus e dos apóstolos de Deus, porque eles pregaram ao mundo um salvador ressurreto que retornará em julgamento contra aqueles que não se arrependerem.

Os versos 11 e 12 reforçam a mensagem de esperança para aqueles que perseveram. Em Apocalipse 7 o povo de Deus foi selado. Embora os fiéis morram, são mostrados de pé diante do trono, com o Cordeiro, recebendo vestes brancas de vitória. A vitória é retratada novamente. Essa visão apoia o entendimento de que fiéis em Cristo que morreram estão em comunhão com o Senhor. A besta está matando os apóstolos e aqueles que estão proclamando a mensagem da Lei e dos Profetas. Mas essas pessoas de Deus mortas são retratadas como ressuscitadas. Essa ressurreição é um exemplo da "primeira ressurreição" mostrada em Apocalipse 20 – não é a ressurreição dos mortos na segunda vinda de Cristo, mas os fiéis mortos são contados como vivos e ressuscitados por estarem em proximidade com Deus no céu. Eles ascendem ao céu em uma nuvem, assim como Jesus subiu quando ele voltou para o Pai no céu. A Palavra do Senhor não está morta, não se extingue ou é silenciada. A Palavra de Deus continua a ser proclamada. O cristianismo não se extinguiu e os fiéis que foram mortos são vitoriosos quando sobem ao céu.

O terremoto foi mais um sinal da vindicação de Deus por seus servos que proclamaram a Palavra do Senhor. Assim como o grande terremoto que ocorreu na morte de Jesus foi o ato vindicador de Jesus e uma mensagem de julgamento para a Terra, o mesmo ocorre com esse terremoto que surgiu com a ascensão das duas

testemunhas. Um décimo da cidade caindo, levando à morte sete mil, mostra que essa é uma cidade menor sendo julgada – no caso, não a cidade de Roma (ainda), mas Jerusalém. A população da cidade de Roma no primeiro século foi estimada em cerca de 5 milhões de pessoas. A população de Jerusalém no primeiro século foi estimada em cerca de 70.000 a 100.000. A imagem se encaixa na captura da cidade de Jerusalém. Parte da cidade caiu quando Roma sitiou Jerusalém. Parte da cidade foi conquistada, a parte chamada "cidade mais nova" que estava fora da segunda parede, mas dentro da terceira parede. Mas a histeria em Jerusalém começou quando o cerco estava pressionando e Jerusalém estava prestes a cair. As pessoas começaram a clamar para Deus em terror. No entanto, era tarde demais. O segundo ai passou. Há mais um ai que logo virá.

1.24.25. APOCALIPSE 11:15-19

> O sétimo anjo tocou a trombeta, e houve no céu vozes fortes, dizendo: "O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre." E os vinte e quatro anciãos que estavam sentados no seu trono, diante de Deus, prostraram-se sobre o seu rosto e adoraram a Deus, dizendo: "Graças te damos, Senhor Deus, Todo-Poderoso, que és e que eras, porque assumiste o teu grande poder e passaste a reinar. Na verdade, as nações se enfureceram; chegou, porém, a tua ira, e o tempo determinado para serem julgados os mortos, para se dar o galardão aos teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome, tanto aos pequenos como aos grandes, e para destruíres os que destroem a terra." Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da sua aliança no seu santuário, e sobrevieram relâmpagos, vozes, trovões, terremoto e forte chuva de granizo.

Apocalipse 10:7 informou que, quando o sétimo anjo tocar sua trombeta, tudo que os profetas falaram seria cumprido. É importante lembrar que esse anjo foi visto em Daniel 12:7 dizendo que a destruição do poder do povo santo estava por vir. O anjo em Apocalipse 11:6-7 disse que não haveria mais demora. A quebra do poder do povo santo aconteceria quando o sétimo anjo soasse a trombeta. A sétima trombeta soou e as imagens agora falam da queda da cidade de Jerusalém, o julgamento contra a nação judaica física.

O julgamento definitivo da nação judaica mostrou o contínuo estabelecimento do reino de Cristo enquanto ele conquistava todos os seus inimigos. Os judeus inimigos do reino de Cristo foram derrotados. Todo inimigo estava sendo submetido aos pés de Cristo (1 Coríntios 15:25), e isso se iniciou com a queda dos judeus incrédulos e o sistema judaico. No verso 18, as nações se enfurecem, mas a ira de Deus chegou. Essa imagem lembra o Salmo 2:2, onde as nações se enfurecem contra o ungido de Deus. No entanto, Cristo governa a Terra e sujeita as nações.

O verso 19 conclui esse "ai" e é uma imagem importante. Deus julgou. Há relâmpagos, trovões, terremotos e saraiva. Essas são imagens que mostram que Deus trouxe julgamento definitivo sobre uma nação. O templo de Deus foi mostrado no céu, e não na Terra. Isso se relaciona com Hebreus 12:26-28: as coisas temporárias são removidas para que as coisas não são abaladas possam permanecer. Embora o templo físico tenha sido destruído, o verdadeiro templo de Deus permanece no céu. O verdadeiro povo de Deus permanece. Além disso, a arca da aliança foi vista no céu, não na Terra. A arca da aliança representava a presença e o favor de Deus no Antigo Testamento. A arca da aliança não estava mais no templo judaico desde quando os babilônios invadiram Jerusalém em 586 a.C. No Novo Testamento, a presença de Deus nunca mais foi retratada com a nação física ou o templo físico em Jerusalém, embora ele tenha sido reconstruído em 516 a.C. e tenha sido embelezado e expandido por Herodes no início do primeiro século. A arca da aliança é retratada dentro do templo celestial. A presença e o favor de Deus estão com o seu povo, os cristãos, e não mais com a nação judaica física. Deus destruiu outra nação que se opôs aos cristãos e rejeitou o Israel físico definitivamente. Isso tudo está relacionado ao mistério de Deus que se cumpriu com o soar da sétima trombeta.

1.24.26. APOCALIPSE 12:1-18

> Viu-se grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça. A mulher estava grávida e gritava com dores de parto, sofrendo tormentos para dar à luz. Viu-se, também, outro sinal no céu, e eis um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças e dez chifres, e, nas cabeças, sete diademas. A sua cauda arrastou a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra. E o dragão se deteve diante da mulher que estava para dar à luz, a fim de devorar o filho dela quando nascesse. Ela deu à luz um filho homem, que há de governar todas as nações com cetro de ferro. E o filho da mulher foi arrebatado para junto de Deus e do seu trono. A mulher, porém, fugiu para o deserto, onde Deus lhe havia preparado um lugar, para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias. Então estourou a guerra

> no céu. Miguel e os seus anjos lutaram contra o dragão. Também o dragão e os seus anjos lutaram, mas não conseguiram sair vitoriosos e não havia mais lugar para eles no céu. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo. Ele foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos. Então ouvi uma voz forte no céu, proclamando: "Agora veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite diante do nosso Deus. Eles o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo diante da morte, não amaram a própria vida. Por isso, alegrem-se, ó céus, e vocês que neles habitam. Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vocês, cheio de fúria, sabendo que pouco tempo lhe resta." Quando o dragão viu que tinha sido atirado para a terra, perseguiu a mulher que tinha dado à luz o filho homem. Mas foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse para o deserto, para o seu lugar, aí onde é sustentada durante um tempo, tempos e metade de um tempo, fora do alcance da serpente. Então, a serpente lançou da boca água como um rio atrás da mulher, a fim de fazer com que ela fosse arrastada pelas águas. A terra, porém, socorreu a mulher: abriu a sua boca e engoliu o rio que o dragão tinha lançado de sua boca. O dragão ficou irado com a mulher e foi travar guerra com o restante da descendência dela, ou seja, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus. E o dragão se pôs em pé sobre a areia do mar.

Apocalipse 10:11 revelou que João ainda tinha que profetizar sobre muitos povos, nações, línguas e reis. Agora que a queda da nação judaica foi detalhada em Apocalipse 11, a atenção está voltada para o próximo alvo do julgamento de Deus. Muitos veem os capítulos 12 a 19 como uma recapitulação dos eventos dos capítulos 6 a 11. No entanto, parece mais provável que o Livro de Apocalipse está avançando a profecia em vez de reafirmar o que já estava previsto nos capítulos anteriores. A parte da profecia referida a muitos povos e nações está começando no capítulo 12.

Um novo sinal foi dado para João ver. Uma mulher vestida de Sol, com a Lua debaixo dos pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas. Ela está grávida e experimentando dores de parto. As imagens a representam como uma mulher gloriosa. Ela recebeu autoridade e honra como visto com a coroa de doze estrelas e a Lua sob seus pés. É interessante que Apocalipse 12:1 e Apocalipse 12:3 demonstram claramente visões simbólicas e a palavra para "sinal" nessas passagens é *semeion*, a qual é derivada da palavra *semaino* encontrada no início do livro (Apocalipse 1:1). *Semaino* informa que o conteúdo é simbólico. Pela relação entre as duas palavras consegue-se apoio para sustentar que o livro é, de fato, constituído de símbolos.

A imagem importante para identificar a mulher é encontrada na descrição de suas dores de parto. Essa é uma imagem profética encontrada em alguns lugares no Antigo Testamento (Miqueias 4:9-10). Miqueias profetizou que Israel entraria em cativeiro na Babilônia em dor severa, como uma mulher em trabalho de parto. Mas lá eles seriam resgatados e redimidos. A imagem é de sofrimento trazendo um remanescente, a nação espiritual de Deus, que Deus resgatará e redimirá. Miqueias continuou essa imagem em Miqueias 5:2-4, dizendo que o sofrimento da nação continuará até que o remanescente produzisse o nascimento do Messias. Essa foi uma profecia de esperança. O Messias viria e pastorearia seu rebanho na força do Senhor. O local de nascimento do Messias previsto foi a pequena cidade de Belém. As dores do parto eram uma previsão do sofrimento da nação física de Israel que resultaria na purificação do povo para que Deus tivesse seu remanescente. O remanescente seria o povo pelo qual o Cristo viria.

O próximo sinal dado em Apocalipse 12 é um grande dragão vermelho com sete cabeças e dez chifres. Nas sete cabeças havia sete diademas. Os chifres são um símbolo de poder e os diademas são uma representação de autoridade. As sete cabeças e dez chifres representam uma imagem aterradora de grande poder, autoridade, conhecimento e força. Vale a pena notar que a palavra "diademas" (uma transliteração da palavra grega *diadema*) somente pode ser encontrada em Apocalipse e em nenhum outro livro do Novo Testamento. É uma palavra diferente da coroa (*stephanos*) que a mulher tem no verso 1. A distinção entre a palavra "coroa" e "diadema" é que a coroa representa uma vitória permanente, enquanto o diadema representa uma autoridade governante e poder. Esse grande poder é mostrado no verso 4, onde o dragão é capaz de varrer um terço das estrelas do céu e lançá-las à terra. A varredura das estrelas é uma demonstração da grande autoridade do dragão. Estrelas frequentemente representam nações e reis. O dragão tem algum poder sobre as nações e reis da terra. O verso 9 deixa claro quem é o dragão: a antiga serpente que é chamada de Diabo e Satanás. Ele é o enganador do mundo inteiro. O objetivo de Satanás enganar o mundo inteiro é para jogar o mundo contra a Igreja a fim de destrui-la (esse é um conceito importante para entender a prisão de Satanás por mil anos no capítulo 20). O verso 4 revela que Satanás está aguardando o nascimento do Cristo para destruí-lo. O verso 5 confirma essa interpretação desses símbolos usando

uma linguagem reservada para o Messias. A criança é a "pessoa que deve governar todas as nações com uma vara de ferro". Essa é uma referência à profecia messiânica no Salmo 2:7-9. Cristo aparece mais tarde em Apocalipse 19:15 governando com vara de ferro. O dragão (Satanás) está tentando devorar o filho (Cristo). No entanto, o Cristo nasce e é arrebatado para Deus e para o seu trono. Satanás tentou matar o Cristo, mas ele foi ressuscitado dos mortos e ascendeu ao Pai. A mulher (o remanescente) fugiu em busca de proteção em um lugar preparado por Deus. A nação espiritual, o verdadeiro povo de Deus, é preservada por 1.260 dias. 1.260 dias é o mesmo que 42 meses, o mesmo que três anos e meio, e o mesmo que "tempo, tempos e metade de um tempo". Isso está se referindo a um período limitado de sofrimento, perseguição e tribulação. O povo de Deus está sob ataque de Satanás, mas está espiritualmente seguro.

Uma batalha é descrita ocorrendo no céu, com Miguel e seus anjos lutando contra o dragão e seus anjos. O dragão foi derrotado e jogado na Terra junto com seus anjos. Uma batalha ocorreu e Satanás perdeu. Satanás, de alguma forma, tinha um lugar de acusador em meio aos seres celestiais, como retratado nos capítulos 1 e 2 do Livro de Jó. Ele já estava gradualmente perdendo terreno conforme Cristo ministrava na Terra, mas perdeu sua posição de acusador definitivamente após a morte e ressurreição de Cristo, a qual neutralizou seu poder da morte (Hebreus 2:14-15). Ele tentou permanecer em seu lugar de acusação em meio aos filhos de Deus, mas o arcanjo Miguel deu o toque final de tirar essa posição dele. Em João 12:27-33, Jesus disse que Satanás seria expulso quando ele morresse e ressuscitasse dos mortos. Jesus já estava imaginando a vitória que ele estava prestes a alcançar. Ele atraiu as pessoas para si quando for glorificado após a cruz. Assim, o equivalente celestial à vitória de Cristo na cruz e em sua ressurreição é descrito em Apocalipse 12:7-9: Cristo deu um golpe em Satanás com sua morte e ressurreição e Miguel deu o toque final. Satanás foi derrotado, seus planos foram frustrados.

Tudo o que Satanás pode fazer agora é combater o povo de Deus na Terra. A batalha para achar algum lugar como acusador nas regiões celestiais foi perdida. Ele se posiciona na areia do mar para fazer uso de um aliado para tentar destruir a Igreja, um aliado já utilizado para acabar com Jerusalém – o Império Romano.

1.24.27. APOCALIPSE 13:1-10

> Vi emergir do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças, e, sobre os chifres, dez diademas, e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia. A besta que vi era semelhante a leopardo, com pés como de urso e boca como de leão. E o dragão deu à besta o seu poder, o seu trono e grande autoridade. Uma das cabeças da besta parecia ter sido golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada. E toda a terra se maravilhou, seguindo a besta; e adoraram o dragão porque deu a sua autoridade à besta. Também adoraram a besta, dizendo: "Quem é semelhante à besta? Quem pode lutar contra ela?" Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias e foi-lhe dada autoridade para agir durante quarenta e dois meses. A besta abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para lhe difamar o nome e difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu. Foi-lhe permitido, também, que lutasse contra os santos e os vencesse. Foi-lhe dada, ainda, autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação. E ela será adorada por todos os que habitam sobre a terra, aqueles que, desde a fundação do mundo, não tiveram os seus nomes escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto. Se alguém tem ouvidos, ouça. "Se alguém tiver de ir para o cativeiro, para o cativeiro irá. Se alguém tiver de ser morto pela espada, pela espada morto será." Aqui está a perseverança e a fidelidade dos santos.

O capítulo 13 revela a imagem mais surpreendente e aterrorizante de uma besta. O dragão se pôs em pé na areia do mar, e uma besta saiu do mar. A besta tinha dez chifres e sete cabeças com dez diademas nos chifres. Nomes blasfemos foram escritos em suas cabeças. O número similar de cabeças e chifres revela que a besta é como o dragão na maldade. O simbolismo das cabeças e chifres é o mesmo do dragão: a besta tem grande poder, autoridade e força. A aparência da besta é como um leopardo com pés como um urso e uma boca como um leão. Além disso, o dragão deu seu poder, trono e grande autoridade à besta.

Alguns veem essa descrição da besta como uma profecia sobre o futuro anticristo. Esse capítulo é de onde muita da especulação vem a respeito do anticristo controlando a Terra e a Terra adorando-o. No entanto, não se pode esquecer o que o início do livro informou. O Livro do Apocalipse foi dado para cristãos do primeiro século que estavam em tribulação, os quais não teriam proveito nenhum se o livro falasse de eventos que não se cumpriram nem mesmo dois mil anos depois. O livro falou que as "coisas que devem acontecer em breve" (Apocalipse 1:1) e que "o tempo está próximo" (Apocalipse 1:3). Não há nada em breve ou próximo em cerca de 2.000 anos se passando desde quando João escreveu o livro. Foi observado o imediatismo da profecia contida nos capítulos 6 a 11, cumprindo a declaração de que essas coisas devem acontecer em breve. É mais condizente com o

livro que o capítulo 13 revele o que vai acontece a seguir, ainda com desdobramentos do mistério de Deus se cumprindo desde o soar da sétima trombeta. Não está sendo revelado aqui o que vai acontecer nos próximos 2.000 anos, mas o que acontecerá brevemente após a destruição de Jerusalém em 70 d.C.

A imagem dessa besta vem diretamente do Livro de Daniel, de forma que os leitores vejam que a besta de Apocalipse 13 é o cumprimento ou a chegada da besta predita em Daniel 7. Daniel 7:3 mostrou quatro grandes bestas saindo do mar, assim como a besta em Apocalipse 13 saiu do mar. As três primeiras bestas em Daniel 7 são o leão, o urso e o leopardo, os mesmos três animais que compõem a besta em Apocalipse 13. Mas é a quarta besta (Daniel 7:7) que é de interesse: ela não é como as outras bestas e tem dez chifres, assim como a besta em Apocalipse 13. Daniel viu essa visão e quis saber a interpretação dessas coisas (Daniel 7:16). A resposta dada foi que as quatro bestas representam os quatro reinos que surgem na terra. Daniel 2:37-38 disse que começou com o Império Babilônico. Portanto, o Império Babilônico é a primeira besta. A segunda besta é o império que conquistou os babilônios, que era o Império Persa (também chamado Império Medo-Persa). A terceira besta é o império que conquistou os persas, que era o Império Grego. A quarta besta é o império que conquistou os gregos, o Império Romano. Essa quarta besta aterrorizante foi aquela que Daniel profetizou e sobre a qual Apocalipse 13 está se referindo: é o Império Romano que governou de cerca de 27 a.C. a 476 d.C. e, de certa forma, "engoliu" as outras bestas, retendo características delas – o Império Romano foi um amálgama de nações.

Daniel e João estão vendo a mesma besta, o que é evidente pela checagem dos paralelos em suas descrições. Ambas as bestas saem do mar (Daniel 7:3; Apocalipse 13:1) e ambas têm dez chifres (Daniel 7:7; Apocalipse 13:1). Ambas falam palavras blasfemas (Daniel 7:8,25; Apocalipse 13:1,5-6). A duração do poder é a mesma para ambas: Daniel registrou que o poder duraria "um tempo, tempos e metade de um tempo" (três anos e meio) e João observou que o poder duraria 42 meses (três anos e meio), conforme Daniel 7:25 e Apocalipse 13:5. O paralelo mais importante se encontra nas ações da besta. Daniel 7:20-22 registrou que a besta faz guerra aos santos e prevalece sobre eles, e Apocalipse 13:7 registrou o mesmo ponto. A besta de Daniel 7 é a besta de Apocalipse 13 e se refere ao mesmo reino, o Império Romano.

Assim, Apocalipse 13:1-10 mostra o que está sendo profetizado sobre o Império Romano. O verso 1 informa que o Império Romano exerceu grande poder e autoridade, os quais foram dados a ele pelo dragão (Apocalipse 13:2), o qual foi identificado como Satanás em Apocalipse 12:9. As Escrituras descrevem Satanás como uma força neste mundo (Efésios 2:2; 1 João 5:19). A combinação dos animais na descrição da besta revela que o Império Romano é mais poderoso e mais terrível do que os três impérios anteriores. A primeira profecia sobre o Império Romano no Livro de Daniel fez esse ponto significativo.

Uma declaração incomum foi feita sobre a besta. Uma das suas cabeças sofreu uma ferida fatal, mas ela foi curada. Essa é uma afirmação e tanto. Tomar uma ferida mortal significa morte certa, mas de alguma forma a cabeça foi curada. O verso 14 disse que foi ferida pela espada e ainda viveu. Uma das cabeças recebendo uma ferida fatal sugere que a besta estava prestes a morrer, mas de alguma forma, para surpresa do mundo, a besta se reaviva e é curada. A pergunta sobre essa imagem é esta: a cabeça fatalmente ferida que está curada representa um imperador particular do Império Romano ou é apenas um reflexo do estado de coisas no Império Romano? O verso 3 sugere um evento que aconteceu dentro do Império Romano e fez com que as pessoas acreditassem que ele entraria em colapso. Mas em vez de colapsar, o império revive e permanece tão forte como sempre. Existem algumas situações que ocorreram no Império Romano que poderiam se encaixar nesse cenário. Possivelmente isso se refira à guerra civil que eclodiu dentro do Império Romano por mais de um ano após a morte do imperador Nero (talvez a cabeça ferida seja a morte de Nero). Quatro imperadores, Galba, Otão, Vitélio e Vespasiano, ocuparam o trono em menos de um ano. Dois deles foram assassinados e um cometeu suicídio. Foi uma época de inquietação e revolta dentro do Império Romano, quando as legiões romanas foram divididas em seu apoio a cada um que dizia ser imperador. Vespasiano tornou-se imperador no final de 69 d.C. e estabilizou o império. Isso fez com que o mundo adorasse a besta. As pessoas perceberam o Império Romano como invencível e incapaz de entrar em colapso. Elas deram sua lealdade ao império e, fazendo isso, estavam dando sua lealdade e adoração ao dragão (Satanás), que é a autoridade e poder por trás da besta.

A besta tinha nomes blasfemos na testa (Apocalipse 13:1) e falava blasfêmias contra Deus, o nome de Deus e o tabernáculo de Deus, isto é, aqueles que habitarão no céu. O império não tem consideração por Deus ou pelos cristãos. O tabernáculo é uma referência ao povo de Deus e ao mal que é falado contra eles e sua fé. Essa blasfêmia

implica falar contra Deus por meio da autodeificação. A besta tinha autoridade sobre toda tribo, povo, idioma e nação. A besta é o Império Romano de aproximadamente 27 a.C. a 476 d.C. O Império Romano sob o imperador Trajano (98-117 d.C.) se expandiu até os seus pontos mais longínquos sobre a terra. O Império Romano foi a única potência mundial, especialmente durante o primeiro e segundo séculos. Por causa dessa grande autoridade e reino, o mundo adorou e prestou homenagem ao Império Romano como um "enviado dos deuses". Todos deram sua lealdade aos imperadores romanos. Os únicos que não estavam adorando os imperadores e dando sua lealdade ao Império Romano eram aqueles cujos nomes estavam "no livro da vida do Cordeiro que foi morto" (Apocalipse 13:8) – os cristãos.

O texto sobre essa besta conclui com um aviso profético: "Se alguém tem ouvidos, ouça." Jesus usou a mesma linguagem para chamar as pessoas para ouvir a mensagem importante que ele ensinava. Em resumo, essa guerra que a besta fez contra os santos foi muito ruim. Cristãos foram capturados e mortos. Portanto, Cristo exigiu perseverança fiel e preparação para o impacto da perseguição e sofrimento que veio do Império Romano. O mundo estava representando a besta, adorando a besta e honrando a besta. Os cristãos não fizeram isso e o sofrimento veio.

1.24.28. APOCALIPSE 13:11-18

> Vi ainda outra besta emergir da terra. Tinha dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como dragão. Ela exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença e faz com que a terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal havia sido curada. Também opera grandes sinais, de maneira que até faz descer fogo do céu sobre a terra, diante de todas as pessoas. Seduz aqueles que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi permitido realizar diante da besta, dizendo aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta, àquela que foi ferida à espada e sobreviveu. E lhe foi concedido poder para dar vida à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse e fizesse morrer todos os que não adorassem a imagem da besta. A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz com que lhes seja dada certa marca na mão direita ou na testa, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome. Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de ser humano. E esse número é seiscentos e sessenta e seis.

Depois de ver a besta aterrorizante que saiu do mar, blasfemou contra Deus e fez guerra aos cristãos, João viu o surgimento de outra besta que se elevou da terra, tinha dois chifres como um cordeiro, mas falava como o dragão. Essa besta é interessante porque está tentando se parecer com o Cordeiro, mas não é o Cordeiro. As palavras que a besta falava revelaram que era como o dragão e veio do dragão. Essa besta parece ter um papel religioso, implicitamente tentando imitar o verdadeiro Cordeiro de Deus. O verso 12 revela esse papel religioso ainda mais. A besta carrega toda a autoridade da primeira besta. Esse ponto é enfatizado pela autoridade sendo exercida na presença da primeira besta.

O papel dessa segunda besta é compelir a terra e seus habitantes a adorar a primeira besta. Nos primeiros dez versos de Apocalipse 13, a primeira está besta representando o Império Romano, seu poder militar, poder político e seus imperadores que falavam blasfêmias contra Deus e o povo de Deus. Essa segunda besta representa um aspecto religioso. Ela carrega a autoridade do império, obrigando as pessoas a adorar a besta. A segunda besta mostra que, nas várias províncias e localidades do Império Romano, os habitantes são forçados a se empenhar no culto do imperador e na adoração do império. Ao serem examinados os capítulos 2 a 3, nota-se que as cidades na Ásia tinham um centro muito forte de culto imperial. É notável que há novos três personagens principais trabalhando em Apocalipse 16:13: o dragão, a besta (besta do mar) e o falso profeta (besta da terra). A segunda besta recebeu o título de "falso profeta" e, por isso, a descrição dela a apresenta como tendo dois chifres como um cordeiro – agia como um falso profeta que enganava as pessoas para que adorassem falsos deuses, não o verdadeiro Deus.

A segunda besta é descrita como realizando grandes sinais, até fazendo fogo descer do céu para a terra. Esses sinais são para persuadir os habitantes a adorar a primeira besta. Essas corporações religiosas estão chamando o povo para prestar homenagem a César e ao império, para adorar César como divino. A Ásia Menor era um centro de adoração imperial. No final do primeiro século, todas as cidades das sete igrejas tinham templos dedicados à divindade de César. Houve também um sacerdócio do culto imperial. Além disso, havia uma "Comuna da Ásia", um conselho representando as principais cidades da província da Ásia. Esse grupo promoveu

especialmente o culto imperial e exigiu que os cidadãos participassem dele. Também, o imperador Domiciano encorajou especialmente isso, chamando a si mesmo de "nosso senhor e deus". João, no Livro do Apocalipse, está vendo a visão dessas atividades do Império Romano e do culto do imperador. Essa idolatria é especificamente apontada no verso 14: o falso profeta está dizendo ao povo para fazer uma imagem da besta que foi ferida pela espada e que ainda assim viveu – fazer uma imagem para César e adorá-lo como divino.

O verso 15 revelou que aqueles que não adoram a imagem da besta foram perseguidos e mortos. Essa declaração tem uma referência a Daniel 3, quando Nabucodonosor fez uma grande imagem e exigiu que todos adorassem a imagem ou seriam lançados na fornalha ardente. Os três amigos de Daniel se recusaram a adorar a imagem e foram lançados no fogo, mas Deus os protegeu do perigo. Estudiosos descobriram que houve o estabelecimento do culto provincial de Domiciano em Éfeso com uma estátua colossal. Esse evento envolveu a participação de toda a província da Ásia Menor. Em Pérgamo e em outras cidades, muitos altares imperiais foram encontrados, o que indica a existência desses decretos civis para participar de celebrações em homenagem ao imperador.

Nos versos 16 a 17, as pessoas receberam uma marca na mão direita ou na testa para que ninguém pudesse comprar ou vender nada, a menos que tivessem tal marca. Essa marca é figurativa. Não é necessário entrar na história e tentar descobrir quando o Império Romano estava marcando as pessoas. A marca é um símbolo de propriedade, e a marca da besta é contrastada com a marca que os cristãos receberam no capítulo 14. Anteriormente, os servos de Deus foram marcados com o selo de Deus – símbolos de propriedade mostrando que eles pertencem ao Cordeiro. Os habitantes do mundo são marcados para mostrar que pertencem à besta. Embora não sejam marcas literais, o significado delas tem uma referência histórica: aqueles que não se submetessem ao culto do imperador e aos sacrifícios ao imperador não seriam autorizados a participar de atividades normais de mercado. Eles não poderiam comprar comida no mercado ou vender os produtos de suas terras para ganhar dinheiro para si mesmos. Sob perseguições posteriores, sob o imperador Diocleciano e o imperador Décio, foram emitidos certificados para aqueles que eram leais ao imperador e aos participantes do ritual obrigatório da religião imperial. Havia, portanto, poucas facetas da sociedade nas quais os cristãos podiam escapar das pressões à idolatria. De fato, o estado estava ligado às facetas religiosas, econômicas e sociais da cultura.

Apocalipse 13:18 causa dificuldade para todas as miríades de interpretações. No Apocalipse, os números devem ser tomados simbolicamente, a menos que o contexto exija o contrário. João disse definitivamente que o "número da besta" deve ser tomado simbolicamente. Uma das respostas mais populares foi "Nero César". Seria bastante fortuito superar os obstáculos que impedem de entender o 666 como se referindo a ele. Primeiramente, por que Nero seria a marca da besta? A incapacidade de comprar e vender somente aconteceu décadas depois de Nero. Além disso, Nero representaria a primeira besta, a besta com a ferida fatal que foi curada, e não representaria a segunda besta, o falso profeta. Em segundo lugar, para obter 666 no cálculo de "Nero Caesar", é preciso muito trabalho. Os números são convertidos para o grego e depois convertidos para hebraico com uma grafia estranha. Por que o grego precisaria ser transliterado para o hebraico? Os problemas com isso são vastos. Isso pressupõe que o público conhecesse o hebraico, assume o conhecimento da gematria (o sistema de atribuição de valores numéricos a palavras ou frases), supõe que os destinatários do livro saberiam fazer essa conversão de números para o grego e depois para o hebraico. Se for assim, o número 666 pode ser usado para indicar quase qualquer pessoa que se deseje. 666 foi usado para representar o cálculo dos títulos gregos abreviados de Domiciano. Alguns fizeram que o imperador Tito somasse 666. 666 também podia ser a soma dos valores numéricos das iniciais dos nomes de césares de Júlio a Vespasiano. Interpretações mais modernas incluíram a apostasia católica romana, Martinho Lutero, João Calvino e Adolf Hitler.

O referido número pode não estar exigindo que um homem específico seja identificado. A palavra grega traduzida como "homem" é *anthropos*, a qual não declara um gênero particular. *Anthropos* pode se referir a qualquer humano ou à humanidade em geral. Algumas das traduções mostram isso. Algumas traduções dizem "pois é o número de uma pessoa". Outras traduções mostram que o verso não está demandando uma pessoa em particular, mas é o número da humanidade. Essas traduções fazem maior sentido da afirmação. O número representa um número de homem. Em Apocalipse 15:2 é referido o número da besta novamente: "Vi como que um mar de vidro, misturado com fogo, e também os que venceram a besta, a sua imagem e o número do seu nome." Os santos são retratados como tendo vencido a besta, sua imagem e seu número. Essas não são três coisas diferentes. O ponto é que tudo sobre a besta está em vista – é a soma total dos eventos que cercam a besta.

Apocalipse 15:2 não está dizendo que os cristãos venceram a Nero. A revelação tem sido cheia de simbolismo com o uso de números. Há muitos "setes" no livro: sete selos, sete trombetas e sete trovões e, mais adiante, sete taças. O número "sete" tem um símbolo de perfeição baseado em sete dias de criação. O número seis é usado para incompletude, algo que chega perto da perfeição, mas não é perfeito. Esse símbolo trabalha com as características do falso profeta que está tentando se parecer com o Cordeiro, mas não é. O uso triplo do número 6 é usado para a intensidade da incompletude. É repetição por ênfase e para mostrar quão intensamente falsa essa besta é. Essa é a razão pela qual João disse que essa imagem exige sabedoria e compreensão, não perspicácia matemática. João está chamando os cristãos para não serem enganados pela falsa religião. Os cristãos tinham que ter sabedoria e ver através do engano com percepção espiritual e reconhecimento da natureza imperfeita e profana da besta.

Assim, o capítulo 13 revelou Satanás levantando duas bestas para guerrear com os cristãos. A primeira besta foi identificada em Daniel 7 e é o Império Romano, o qual governou de aproximadamente 27 a.C. a 476 d.C. Os imperadores do Império Romano blasfemavam o nome de Deus chamando-se de divinos e exigindo adoração dos habitantes do império. A segunda besta descreveu a aplicação local e provincial do culto do imperador e a garantia de perseguição para aqueles que não participaram da adoração do imperador. Aqueles que adoravam a primeira besta foram marcados para que pudessem comprar e vender. Aqueles que não participaram da adoração do imperador não puderam comprar e vender nos mercados.

1.24.29. APOCALIPSE 14:1-5

> Olhei, e eis que o Cordeiro estava em pé sobre o monte Sião. Com ele estavam cento e quarenta e quatro mil, que tinham escrito na testa o nome do Cordeiro e o nome de seu Pai. Ouvi uma voz do céu como som de muitas águas, como som de um forte trovão. A voz que ouvi era como de harpistas quando tocam as suas harpas. Entoavam um cântico novo diante do trono, diante dos quatro seres viventes e dos anciãos. E ninguém podia aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra. Estes são os que não se macularam com mulheres, porque são virgens. Eles seguem o Cordeiro por onde quer que ele vá. São os que foram comprados dentre todos os seres humanos, primícias para Deus e para o Cordeiro; e não se achou mentira na sua boca; não têm mácula.

João viu o Cordeiro em pé no Monte Sião e os 144.000 estão com ele. Os 144.000 representam os servos de Deus que foram mortos pelo nome de Cristo. Sabe-se que eles estão fisicamente mortos na visão porque foram retratados no céu – conscientes e cantando. Apocalipse 6 afirmou que os servos de Deus seriam mortos. O capítulo 7 os chamou de 144.000, significando o número completo do povo de Deus que foi selado e está espiritualmente seguro, apesar de ter sido perseguido e vários fiéis sendo mortos. Os habitantes da terra estão adorando a besta. Eles têm a marca da besta, o que significa que eles se aliaram ao Império Romano e aos seus imperadores. Tais pessoas pertencem à besta. No entanto, são vistos os 144.000 que, em vez de ter o nome da besta ou o número de seu nome em suas testas ou mãos (Apocalipse 13:16-17), têm o nome do Cordeiro e o nome de Deus em suas testas. Isso mostra a lealdade deles a Jesus Cristo e os retrata como possessão de Deus.

É a lealdade e fidelidade dos 144.000 que é retratada aqui. Essas imagens não podem ser literais. Em Apocalipse 7, os 144.000 vieram das doze tribos de Israel, e agora são dados mais detalhes sobre eles: "não se macularam com mulheres, porque são virgens" (Apocalipse 14:4) e são irrepreensíveis (Apocalipse 14:5). Grupos religiosos que querem tomar os 144.000 como um número literal daqueles que estão no céu têm um problema de interpretação que demandaria que os únicos que vão para o céu seriam, apenas, homens virgens e judeus. O correto é ver essa imagem como retratando a condição espiritual dos 144.000. Como observado em Apocalipse 7, 144.000 é um número que simboliza o grupo completo do povo de Deus (12 x 12 x 10 x 10 x 10, sendo 12 o número do povo de Deus, como doze tribos e doze apóstolos, e dez um número de completude enfatizado três vezes). Deus frequentemente falou da pureza de seu povo em termos de moralidade sexual – o apóstolo Paulo usou tal linguagem sobre o povo de Deus em 2 Coríntios 11:2. Da mesma forma, o Livro de Apocalipse culmina com a imagem do casamento do povo de Deus com o Cordeiro (Apocalipse 19:7-8).

Os 144.000 são aqueles que não foram contaminados pelo mundo e que permaneceram leais como uma noiva virgem ao futuro noivo – permanecendo puros para Cristo. São as pessoas santas de Deus. Como Apocalipse 14:3 e 14:4 declarou, os 144.000 são os redimidos que resistiram ao ataque de Satanás e à perseguição dos judeus e do Império Romano. O povo de Deus é retratado no Monte Sião, o lugar simbólico da entronização e do governo de Cristo. O Monte Sião é o lugar simbólico da morada de Deus e das pessoas que são de Deus, as quais são

espiritualmente protegidas enquanto permanecem com ele. Elas são retratadas cantando uma nova canção (Apocalipse 14:3). A nova música foi referenciada em Apocalipse 5:9, sendo uma canção louvando a Deus por sua vitória sobre o inimigo e dando ação de graças pela obra de Deus. Os 144.000 são vitoriosos e cantam uma canção de vitória.

1.24.30. APOCALIPSE 14:6-13

> Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que habitam na terra, e a cada nação, tribo, língua e povo, dizendo com voz forte: "Temam a Deus e deem glória a ele, pois é chegada a hora em que ele vai julgar. E adorem aquele que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas." Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: "Caiu! Caiu a grande Babilônia que fez com que todas as nações bebessem o vinho do furor da sua prostituição." Seguiu-se a estes outro anjo, o terceiro, dizendo com voz forte: "Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na testa ou na mão, também esse beberá do vinho do furor de Deus, preparado, sem mistura, no cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre. E os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do nome da besta não têm descanso algum, nem de dia nem de noite. Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus." Então ouvi uma voz do céu, dizendo: "Escreva: 'Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor.'" "Sim" — diz o Espírito —, "para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham."

São apresentados três anjos com três anúncios, três importantes declarações de Deus. O primeiro anjo está proclamando o evangelho eterno a toda a terra, uma boa notícia para aqueles que o recebem e obedecem e uma má notícia para aqueles que o rejeitam. O evangelho é pregado em todo o mundo conhecido da época – o mundo sob o domínio romano. Já no primeiro século o evangelho foi pregado a "toda criatura debaixo do céu" (Colossenses 1:23).

O segundo anjo proclamou que "caiu a grande Babilônia". Em Apocalipse 13, a Babilônia é a primeira das quatro grandes bestas descritas em Daniel 7, o poder do mundo nos dias do profeta Daniel. O nome "Babilônia" veio para representar o poder mundial perverso da atualidade. Pedro usou o nome "Babilônia" dessa maneira ao fechar sua primeira carta (1 Pedro 5:13), dando suas saudações de Roma. Roma era a nova Babilônia porque era o poder mundial da época e por ter sido, como a Babilônia em 586 a.C., a responsável pela destruição de Jerusalém em 70 d.C. Isso se encaixa no contexto do Apocalipse. O capítulo 13 mostrou a besta aterrorizante que estava perseguindo o povo de Deus, o que previu a perseguição do Império Romano aos cristãos. O capítulo 14 não está descrevendo a queda de outra nação. Não caberia no contexto. Babilônia é Roma e o Império Romano é declarado como caído. No entanto, quando o anjo fez essa proclamação e quando o Livro do Apocalipse foi escrito, o Império Romano ainda não havia caído. Isso porque as Escrituras, às vezes, declaram um evento que ainda não ocorreu como já tendo ocorrido, uma vez que Deus decretou que vai acontecer – é uma certeza do acontecimento. Isaías fez as mesmas coisas em sua profecia (Isaías 21:9). Quando Isaías disse as palavras, a Babilônia ainda não havia caído. Deus havia decretado que o poder mundial cairia e, portanto, Isaías podia confiantemente descrever seu fim, mesmo que sua queda ainda estivesse no futuro. O segundo anjo está fazendo a mesma coisa. A queda do Império Romano é retratada como uma certeza, embora ainda não tenha ocorrido no momento. Mesmo assim, Deus, como sempre, concede tempo para arrependimento.

O terceiro anjo fez sua proclamação de que quem adorou a besta de qualquer forma beberia o vinho da ira de Deus. Essa é uma imagem vívida que Deus usou em muitas ocasiões por meio de seus profetas (Salmo 60:3; 75:8; Isaías 51:17; 63:6; Jeremias 25:15-16; 51:7). As pessoas na antiguidade geralmente bebiam seu vinho misturado com água. Achar água potável era um problema (na antiguidade a água não era sempre limpa e poderia causar doenças), então, as pessoas bebiam vinho, e o vinho era diluído com água, tipicamente duas ou três partes de água para uma parte de vinho. O anjo disse que os ímpios beberão o vinho em "força total". O vinho é retratado como a ira de Deus. Eles beberão da ira de Deus sem diluição – adoradores da besta receberão todo o peso da ira de Deus pelos seus pecados.

O julgamento é tão grave que é paralelo ao julgamento contra Sodoma e Gomorra. Aqueles que se conformaram ao Império Romano são atormentados com fogo e enxofre, as mesmas ferramentas que Deus usou para destruir as cidades ímpias das planícies por seus pecados. No entanto, a imagem não é uma imagem de destruição física. Observa-se que o anjo retrata a punição eterna para aqueles que adoram a besta. Aqueles que

estão dando sua lealdade aos imperadores e adorando-os como divinos serão atormentados para todo o sempre e não terão descanso algum, seja dia ou noite. Esse é o mesmo tipo de linguagem que Jesus usou para descrever o castigo eterno sobre aqueles que o rejeitam. Também, essa imagem apoia a ideia de que a punição final seja tormento eterno, e não aniquilação.

Portanto, outro chamado para perseverança no Senhor é feito: é necessário guardar os mandamentos de Deus e manter sua fé em Jesus, permanecendo fiel até a morte. O verso 13 lembra novamente que cristãos vão morrer por causa da fé em Jesus. Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor. Eles são abençoados por sua fidelidade enquanto a besta faz guerra ao povo de Deus.

1.24.31. APOCALIPSE 14:14-20

> Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro e na mão uma foice afiada. Outro anjo saiu do santuário, gritando com voz forte para aquele que estava sentado sobre a nuvem: "Pegue a sua foice e comece a colher, pois chegou a hora da colheita, visto que os campos da terra já amadureceram!" E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra e fez a colheita. Então outro anjo saiu do santuário que se encontra no céu, tendo também ele uma foice afiada. Ainda outro anjo saiu do altar, o anjo que tem autoridade sobre o fogo, e clamou com voz forte ao que tinha a foice afiada, dizendo: "Pegue a sua foice afiada e ajunte os cachos da videira da terra, porque as suas uvas estão maduras!" Então o anjo passou a sua foice na terra, ajuntou os cachos da videira da terra e os lançou no grande lagar da ira de Deus. O lagar foi pisado fora da cidade. E correu sangue do lagar, chegando até a altura dos freios dos cavalos, numa extensão de cerca de trezentos quilômetros.

No verso 14 é visto alguém como um filho de homem sentado em uma nuvem branca com uma coroa de ouro na cabeça e uma foice afiada na mão. Não há dúvida de que é Cristo. Cristo foi chamado "um como filho de homem vindo nas nuvens" em Apocalipse 1:7,13; Daniel 7:13; Mateus 24:30. Cristo estava ali para colher a terra, colhendo o que foi semeado. Isso representa o povo justo de Deus sendo "ceifado" ao Senhor. O paralelo seria a parábola do joio, onde se lê sobre o trigo e o joio crescendo juntos e, então, o trigo é colhido e levado para o celeiro enquanto o joio é reunido para o fogo. Uma vez que os justificados são colhidos, outro anjo vem com uma foice afiada. Ele deve recolher as uvas e jogá-las no lagar da ira de Deus. Essa é uma imagem de julgamento devastador que vem de Isaías 63:1-6, onde Isaías usou a mesma linguagem.

Os inimigos são pisoteados e seu sangue é derramado por causa de sua rebelião. Os ímpios são colocados no lagar da ira de Deus e o sangue corre até os freios de um cavalo por 1.600 estádios. A distância é de aproximadamente 294 quilômetros e o freio de um cavalo está a poucos metros de altura. Isso é uma imagem para mostrar para o mundo uma ideia da quantidade de ira de Deus. O objetivo é alertar para que se pare de adorar a besta. Aqueles que a adoram sofrerão a terrível ira de Deus. Os imperadores e o império que estavam sendo adorados como divinos vão ter um julgamento tão forte que é como se o sangue fluísse por muitos quilômetros. Não é algo literal, mas uma representação visual mostrando o ponto de que aquela desgraça estava chegando, e não será bonita. A profecia foi proferida, a sorte está lançada e o palco está pronto. O povo de Deus é reunido a Deus e aqueles que adoram a besta serão punidos severamente. O ponto dos juízos e suas imagens fortes era para haver arrependimento antes que fosse tarde demais.

Assim, no capítulo 14, é mostrado qual será o destino do Império Romano, sendo que os capítulos 15 a 19 revelam o cumprimento dessas declarações proféticas dos três anjos. As foices foram passadas sobre a terra de forma a colher os fiéis e os infiéis. Os infiéis são descritos como sendo lançados "no grande lagar da ira de Deus". A outra imagem a ser lembrada do capítulo 14 é a advertência sobre a morte para os cristãos. O povo de Deus é instruído a suportar, continuar a guardar os mandamentos de Deus e sua fé em Jesus. A desgraça foi predita, mas bem-aventurados são os mortos que morrem no Senhor. O capítulo 15 do Apocalipse descreve os preparativos que estão sendo feitos para o cumprimento dessas profecias do castigo contra o Império Romano.

1.24.32. APOCALIPSE 15:1-8

> Vi no céu outro sinal grande e maravilhoso: sete anjos que tinham os sete últimos flagelos, pois com estes se consumou a ira de Deus. Vi como que um mar de vidro, misturado com fogo, e também os que venceram a besta, a sua imagem e o número do seu nome. Eles estavam em pé junto ao mar de vidro, tendo harpas que lhes foram dadas por Deus. E entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo:

> "Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações! Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo. Por isso, todas as nações virão e se prostrarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos." Depois destas coisas, olhei, e abriu-se no céu o santuário do tabernáculo do testemunho. E os sete anjos que tinham os sete flagelos saíram do santuário, vestidos de linho puro e resplandecente e cingidos, à altura do peito, com cintos de ouro. Então um dos quatro seres viventes deu aos sete anjos sete taças de ouro, cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre. O santuário se encheu da fumaça da glória de Deus e do seu poder, e ninguém podia entrar no santuário, enquanto não se cumprissem os sete flagelos dos sete anjos.

Os dois primeiros versos do capítulo 15 voltam a atenção para a sala do trono do céu. No novo sinal que apareceu, João viu sete anjos com sete flagelos. Há duas coisas importantes sobre esses sete anjos e os sete flagelos que eles carregam. Primeiro, esses são os últimos dos julgamentos. Uma vez que esses julgamentos sejam concluídos, a Terra estará em repouso. Não haverá mais "séries de setes" para julgamento, pois as sete taças da ira são o último dos julgamentos. A segunda coisa importante a observar é o motivo pelo qual esses são os últimos dos julgamentos: a ira de Deus se apazigua com as sete taças.

A imagem dos vencedores em pé sobre o mar de vidro e fogo significa que passaram pelas tribulações para chegar perto de Deus. Consistente com os símbolos do tabernáculo, dos altares, etc., já encontrados no livro, essa figura lembra o "mar de fundição" (1 Reis 7:23-26,39) ou a "bacia de bronze" (Êxodo 30:17-21) do Antigo Testamento. Essa bacia ou mar servia para a purificação dos sacerdotes antes de poderem entrar na presença de Deus no tabernáculo ou templo. Os vencedores são os fiéis que, passando pelas provações simbolizadas pelo fogo, são purificados para entrar na presença de Deus (1 Coríntios 3:12-15; 1 Pedro 1:7). Esses são os 144.000 dos capítulos 7 e 14 cantando o cântico de Moisés e o canto do Cordeiro. Assim como a nova canção, a música de Moisés foi uma canção de vitória. Mais uma vez, fiéis fisicamente mortos são retratados como estando em comunhão com Deus.

A canção que os vencedores cantaram louvou a Deus por seus grandes e surpreendentes feitos e por sua justiça. O capítulo 14 revelou os atos justos de Deus, pois ele estava prestes a julgar o império por sua pecaminosidade e morte do povo de Deus. Assim como Israel louvou a Deus depois de ser liberto do faraó, os justificados louvaram a Deus por ele derrotar a besta. A besta já está derrotada, embora ainda não tenha acontecido de momento. Abriu-se no céu o santuário do tabernáculo do testemunho, testificando que Deus tem uma aliança com os homens e que eles não a cumpriram. Então os sete anjos receberam cada um uma taça de ouro cheia da ira de Deus. Taças de ira são imagens usadas por Isaías para descreverem a ira de Deus para punir os pecadores.

1.24.33. APOCALIPSE 16:1-16

> Ouvi uma voz forte, vinda do santuário, dizendo aos sete anjos: "Vão e derramem sobre a terra as sete taças da ira de Deus." O primeiro anjo foi e derramou a sua taça sobre a terra, e apareceram úlceras malignas e dolorosas nas pessoas que tinham a marca da besta e que adoravam a sua imagem. O segundo anjo derramou a sua taça no mar, e o mar se transformou em sangue, como de um morto, e morreu todo ser vivo que havia no mar. O terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes de água, e eles se transformaram em sangue. Então ouvi o anjo das águas dizendo: "Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo, pois julgaste estas coisas. Porque derramaram sangue de santos e de profetas, também lhes deste sangue para beber. É o que merecem." Ouvi uma voz do altar, que dizia: "Certamente, ó Senhor Deus, Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos." O quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e lhe foi dado queimar a humanidade com fogo. As pessoas se queimaram com o intenso calor e blasfemaram contra o nome de Deus, que tem autoridade sobre estes flagelos. Porém, não se arrependeram para darem glória a Deus. O quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta. O reino da besta ficou em trevas, e as pessoas mordiam a língua por causa da dor que sentiam e blasfemavam contra o Deus do céu por causa das angústias e das úlceras que sofriam. Porém, não se arrependeram de suas obras. O sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates. As águas do rio secaram, para que se preparasse o caminho dos reis que vêm do Oriente. Então vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs. São espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro a fim de ajuntá-los para a batalha do grande Dia do Deus Todo-Poderoso. "Eis que venho como vem o ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se veja a sua vergonha." Então ajuntaram os reis no lugar que em hebraico se chama Armagedom.

Uma alta voz ordenou que os sete anjos derramassem suas taças de ira sobre a terra (no caso, a terra romana), as quais têm semelhanças com as pragas derramadas sobre o Egito nos dias de Moisés. Elas são usadas como figuras base. A primeira taça trouxe feridas dolorosas e prejudiciais àqueles que têm a marca da besta e adoram sua imagem. A falta de descrição sobre essa praga transmite a ideia de que não se deve procurar detalhes ou significados literais nesses símbolos. Esse capítulo está simplesmente revelando a dor e o sofrimento que Deus está lançando sobre aqueles que estão adorando o Império Romano e seu imperador, e não o Cordeiro. As feridas paralelam as feridas dolorosas das pragas no Egito.

A segunda taça transformou o mar em sangue, matando tudo o que vive no mar. Essa imagem de julgamento lembra o Nilo transformado em sangue nas pragas contra o Egito. O mar, muitas vezes, simboliza a sociedade mundana. O castigo vem sobre as muitas nações rebeldes que compõem o Império Romano. O mar Mediterrâneo, também, foi um foco comercial do Império Romano. Qualquer praga que ataque o mar teria grande impacto financeiro. Como na primeira praga no Egito que causou a morte dos peixes (Êxodo 7:1-25), esse flagelo causa a morte dos seres viventes no mar. Pelo fato de que todos os outros flagelos afligem pessoas, e não a natureza, é possível concluir que os seres viventes no mar sejam, também, homens. Pode ser também que esse juízo esteja restringindo a alimentação proveniente do mar para o império.

A terceira taça transformou rios e nascentes de água em sangue. Rios e fontes são essenciais para sustentarem a vida. Essa praga, como a praga no Egito, deixa os perversos sem água potável. Se não vier algum alívio, a consequência é a morte. Uma das razões para esses julgamentos é dada nos versos 5 a 7: eles mataram os servos de Deus e tal ira sobre eles é merecida.

A quarta taça derramou dor nos adoradores da besta. Em vez de se arrependerem, as pessoas amaldiçoaram a Deus. Não se arrependeram nem deram glória a Deus. Assim, os julgamentos continuaram. Nos primeiros quatro flagelos, como nas primeiras quatro trombetas (Apocalipse 8:7-13), as forças da natureza são os instrumentos de Deus para castigo dos homens perversos. O Sol normalmente ilumina, possibilitando a vida. Em outras situações, Deus castigou os homens negando e eles a luz do Sol (Apocalipse 8:12; Êxodo 10:21-23; Joel 2:32; Mateus 24:29). Dessa vez, o castigo vem por meio do calor excessivo que queima e serve para afligir os adversários do Senhor. Deus usou o fogo para destruir os seus inimigos (Salmo 97:3; 104:4). Da mesma maneira que algumas das pragas atingiram os egípcios e não os israelitas, as pessoas que sofrem sede por não terem água potável (Apocalipse 16:4-7) são punidas com essa praga de calor insuportável. Pode ser que partes do Império Romano tenham sido assoladas com dias de calor excessivo e/ou seca.

A quinta taça derramou julgamento sobre o trono da besta, ou seja, significa o "fim das luzes" para o Império Romano – seu reino foi mergulhado na escuridão e seus dias debaixo do Sol acabaram. Em vez de se arrependerem, as pessoas amaldiçoaram a Deus ainda mais e não se arrependeram. Pode ser que a falta de luz simbolize que o Império Romano está "perdendo o rumo", como se andasse no escuro para posteriormente perecer. A mesma coisa acontece com um cego que guia outro cego – ambos caem no barranco (Mateus 15:14).

A sexta taça foi a primeira taça com detalhes. Ao contrário da brevidade das cinco primeiras taças, há mais informações sobre os julgamentos que estão por vir. O rio Eufrates seca, sendo isso uma imagem de uma guerra vindoura e do Império Romano ser derrubado por uma nação rival. O secar do rio Eufrates é como Ciro conquistou a Babilônia (Isaías 11:15; 44:27-28; 50:2; 51:10). O Eufrates é uma barreira simbólica que, quando é retirada, ou seca, significa invasões da parte de outras nações. Os reis vindos do leste também têm algumas referências proféticas em Isaías (Isaías 41:2; 46:11) e simbolizam nações invasoras poderosas, mas não necessariamente do leste literal. Assim, a sexta taça previu novas nações vindo para batalhar contra o império. Uma das causas do Império Romano ter caído foram as muitas incursões bárbaras.

O verso 13 mostrou que o dragão, a besta e o falso profeta farão tudo pela sobrevivência. Os espíritos imundos lembram a natureza enganosa deles, com suas imoralidades por meio de paganismo, idolatria e adoração a César. Esses três espíritos estão cheios de impureza. As imagens de demônios (espíritos impuros) são usadas no Novo Testamento para se referir à adoração idólatra (1 Coríntios 10:20-21). Rãs são mencionadas aqui e nas referências à segunda praga no Egito (Êxodo 8:1-15). No Antigo Testamento, foram consideradas imundas e, por isso, abominações (Levítico 11:9-10). É uma batalha espiritual, e os servos do Diabo vêm com seus sinais para enganar os homens. Foi por causa dos sinais dos magos que faraó endureceu seu coração durante as primeiras pragas (Êxodo 7:22). Paulo falou dos sinais da mentira usados pelo iníquo para enganar os homens (2

Tessalonicenses 2:9-12). Esses espíritos têm um objetivo específico: enganar os reis do mundo. Novamente, a figura destaca a influência mundial do dragão e de seus aliados, um fato que se enquadra bem com as características do Império Romano. O propósito dos espíritos enganadores é colocar os reis contra Deus. Desde o Éden, o Diabo tem procurado criar inimizade entre Deus e os homens. Ele distorceu e contrariou as palavras de Deus para enganar Eva, e vem fazendo a mesma coisa ao longo da história. Portanto, o objetivo dos servos de Satanás é ajuntar os reis da terra contra os servos de Deus por meio do engano. Esse propósito é importante para entender o que simboliza a restrição de Satanás por mil anos em Apocalipse 20.

Antes de deixar João continuar o relato do trabalho dos espíritos imundos, Jesus interrompe para fazer um apelo à preparação para o povo de Deus. O julgamento de Deus virá como um ladrão. A figura do ladrão é utilizada na Bíblia para enfatizar o julgamento repentino e a falta de preparo das pessoas julgadas. Representa as consequências naturais do pecado e da negligência nesta vida (Provérbios 6:9-11), como também a vinda do Senhor para julgar (Lucas 12:35-40; Mateus 24:42-43; 1 Tessalonicenses 5:2-4; 2 Pedro 3:10; Apocalipse 3:3). A ênfase está na preparação para a chegada do Senhor. Cristãos devem estar preparados, vigilantes, e não serem pegos de surpresa. Não é apenas a segunda vinda de Cristo que tem um caráter imprevisível – uma visitação para julgamento local da parte do Senhor também pode ser repentina.

Segue na sexta taça a reunião dos reis da terra no lugar chamado Armagedom. Esse é o único lugar nas Escrituras onde a palavra "Armagedom" ocorre. Tudo o que é revelado é que esse é o lugar onde eles se reuniram. O texto não diz que há uma batalha lá. Literalmente, "Armagedom" significa "monte de Megido". Não há um monte de Megido, mas há nas Escrituras um vale de Megido e cidades de Megido. No Antigo Testamento, várias batalhas decisivas ocorreram em Megido. O mais interessante é a referência aos reis que foram para a batalha e morreram. Em 2 Reis 9:27, Acazias, rei de Judá, foi morto. Em 2 Reis 23:29 e 2 Crônicas 35:22, o rei Josias foi morto em batalha. Juízes 5:19 falou de reis que lutaram pelas águas de Megido, mas não conseguiram levar o despojo. Juntando todas essas imagens, observa-se que a obra de Satanás por meio do Império Romano e de suas religiões secará e fracassará. Eles podem se reunir para a batalha, mas é uma perda decisiva para Satanás e o Império Romano. Juntar-se ao Armagedom é um símbolo de sua destruição e julgamento. É importante lembrar que as taças são imagens do julgamento de Deus, e não informações sobre a vitória sobre Satanás ou o Império Romano.

1.24.34. APOCALIPSE 16:17-21

> Então o sétimo anjo derramou a sua taça pelo ar. E uma voz forte saiu do santuário, do lado do trono, dizendo: "Está feito!" E sobrevieram relâmpagos, vozes e trovões, e ocorreu um grande terremoto, como nunca houve igual desde que há gente sobre a terra, tal foi o terremoto, forte e grande. E a grande cidade se dividiu em três partes, e caíram as cidades das nações. E Deus se lembrou da grande Babilônia para dar-lhe o cálice do vinho do furor da sua ira. Todas as ilhas fugiram, e os montes não foram achados. Também desabou do céu sobre as pessoas uma grande chuva de granizo, com pedras que pesavam mais de trinta quilos. E, por causa do flagelo da chuva de pedras, as pessoas blasfemaram contra Deus, porque esse flagelo do granizo era terrível.

O sétimo anjo derramou sua taça e houve a declaração de que "está feito". O fim chegou para esse poder mundial. Um grande terremoto descreveu a desolação, pois é assim que muitas cidades foram destruídas nos tempos antigos, às vezes para nunca mais serem reconstruídas ou habitadas novamente. A grande cidade de Roma caiu e as cidades das nações cúmplices também caíram. Deus cumpriu sua promessa, fazendo o Império Romano e nações cúmplices beberem a taça de sua ira com toda a força. O império caiu. A devastação foi grande e as pessoas amaldiçoaram Deus por causa das pragas. O império não pode mais atacar o povo de Deus.

Os capítulos 17 e 18 vão explicar os detalhes desse julgamento – os detalhes do colapso do Império Romano – os quais foram resumidos no capítulo 16. Não são novas imagens de julgamento, mas uma explicação mais completa, ainda simbólica, de como esse julgamento veio e qual foi seu impacto quando veio a devastação. Assim, Apocalipse 16 descreveu a grande queda da "Babilônia" – Roma, a qual dirigia o império que governou de aproximadamente 27 a.C. a 476 d.C.

Apocalipse 16 lida com eventos passados do nosso ponto de vista, a queda do Império Romano. No entanto, do ponto de vista de João, são eventos que somente se concretizam cerca de quatrocentos anos depois.

Sobre os marcadores de tempo do livro em Apocalipse 1:1-3; 22:6-7,10 e os eventos futuros, veja 1.24.1. Apocalipse 1:1-3.

1.24.35. APOCALIPSE 17:1-2

> Um dos sete anjos que tinham as sete taças veio e falou comigo, dizendo: "Venha! Vou lhe mostrar o julgamento da grande prostituta que está sentada sobre muitas águas. Os reis da terra se prostituíram com ela, e os que habitam na terra se embriagaram com o vinho da sua prostituição."

Apocalipse 17 lida com eventos passados do nosso ponto de vista, a queda do Império Romano. No entanto, do ponto de vista de João, são eventos que somente se concretizam cerca de quatrocentos anos depois. Sobre os marcadores de tempo do livro em Apocalipse 1:1-3; 22:6-7,10 e os eventos futuros, veja 1.24.1. Apocalipse 1:1-3.

Os detalhes relativos ao derramamento das sete taças de ira são agora explicados nos capítulos 17 e 18. Esse foi, na verdade, o ponto dos dois primeiros versos de Apocalipse 17: um dos sete anjos que derramaram as taças disse a João que ele iria "mostrar o julgamento da grande prostituta que está sentada sobre muitas águas". É uma explicação maior do que já ocorreu no livro.

A imagem da grande prostituta sentada em muitas águas imediatamente indica o que ela representa. A imagem da prostituta é usada para as cidades perversas pelos profetas do Antigo Testamento. Nínive (Naum 3:4), Tiro (Isaías 23:16-17) e Jerusalém (Ezequiel 16:15) são algumas cidades que são chamadas prostitutas por causa de suas imoralidades. Essa grande prostituta em Apocalipse 17:1 é descrita como "sentada em muitas águas". O verso 15 disse o que essa imagem significa: povos, multidões, nações e línguas. A grande prostituta é a cidade que governava os povos, multidões, nações e línguas da terra. Portanto, a cidade perversa em vista é Roma.

O anjo está explicando os detalhes do julgamento visto nas sete taças da ira, as quais eram julgamentos contra o Império Romano – a besta. Não faria sentido ver a grande prostituta como outra cidade mundana. Em vez disso, a cidade de Roma é o coração do problema e o centro da imoralidade e da idolatria. Essa é a imagem do verso 2 sobre a grande prostituta. Roma é aquela em que "reis da terra se prostituíram com ela, e os que habitam na terra se embriagaram com o vinho da sua prostituição". A imoralidade sexual é um símbolo da idolatria que está sendo cometida (Oseias 4:11-12; Ezequiel 6:9; Ezequiel 16:15-17; Apocalipse 2:14,20). Apocalipse 17:2 tem a mesma descrição que foi dada em Apocalipse 14:8: "Caiu! Caiu a grande Babilônia que fez com que todas as nações bebessem o vinho do furor da sua prostituição". Essa é Roma, a qual tem feito o mundo adorar o imperador e estar envolvido em idolatria. Portanto, a grande prostituta é a cidade de Roma e a besta é o império que Roma governou.

1.24.36. APOCALIPSE 17:3-6

> O anjo me transportou, no Espírito, a um deserto, e vi uma mulher montada numa besta escarlate, besta repleta de nomes de blasfêmia, com sete cabeças e dez chifres. A mulher estava vestida de púrpura e de escarlate, enfeitada com ouro, pedras preciosas e pérolas, tendo na mão um cálice de ouro transbordante de abominações e das imundícias da sua prostituição. Na sua testa estava escrito um nome, um mistério: "Babilônia, a Grande, a Mãe das Prostitutas e das Abominações da Terra". Então vi a mulher embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus. E, quando a vi, admirei-me com grande espanto.

João foi novamente transportado no Espírito, como em Apocalipse 1:10, o que significa que ele estava tendo uma visão, uma mensagem inspirada de Deus (conforme Ezequiel 2:2). A besta escarlate tem a mesma descrição da primeira besta em Apocalipse 13: cheia de nomes blasfemos e sete cabeças e dez chifres. A mulher no verso 4 está vestida como uma prostituta. A mesma linguagem usada na Babilônia dos tempos antigos é aplicada a Roma (Jeremias 4:30; 51:7-8), enfatizando a grande imoralidade gerada por essa cidade. É apropriado descrever Roma com linguagem semelhante por causa de suas grandes imoralidades e idolatrias. O nome da grande prostituta é "Babilônia, a Grande, a Mãe das Prostitutas e das Abominações da Terra". A palavra "mistério" diante dessa descrição mostra que esse nome é um símbolo para uma cidade mundana e perversa. A grande prostituta está embriagada com o sangue dos santos, o sangue dos mártires de Jesus. Essa é a mesma descrição dada em Apocalipse 16:6 e é a razão para o julgamento contra Roma e seu império. A cidade de Roma (prostituta) governa a besta (Império Romano) e ataca o povo de Deus.

1.24.37. APOCALIPSE 17:7-18

> O anjo, porém, me disse: "Por que você ficou admirado? Vou lhe explicar o mistério da mulher e da besta que tem as sete cabeças e os dez chifres e que leva a mulher: a besta que você viu era e não é mais, e está para emergir do abismo, e caminha para a destruição. E aqueles que habitam sobre a terra, cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida desde a fundação do mundo, se admirarão, vendo a besta que era e não é mais, mas tornará a aparecer. Aqui está a mente que tem sabedoria: as sete cabeças são sete montes, nos quais a mulher está sentada. São também sete reis, dos quais cinco caíram, um existe e o outro ainda não chegou; e, quando chegar, tem de durar pouco tempo. E a besta, que era e não é mais, é também o oitavo rei, mas faz parte dos sete, e caminha para a destruição. Os dez chifres que você viu são dez reis, que ainda não receberam reino, mas recebem autoridade como reis, com a besta, durante uma hora. Estes têm um mesmo propósito e oferecem à besta o poder e a autoridade que possuem. Lutarão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; serão vencedores também os chamados, eleitos e fiéis que estão com o Cordeiro." O anjo disse ainda: "As águas que você viu, onde a prostituta está sentada, são povos, multidões, nações e línguas. Os dez chifres que você viu e a besta, esses odiarão a prostituta. Eles a deixarão devastada e nua, comerão as carnes dela, e a queimarão no fogo. Porque Deus incutiu no coração deles que realizem o seu propósito, executem-no de comum acordo e deem à besta o reino que possuem, até que se cumpram as palavras de Deus. A mulher que você viu é a grande cidade que domina sobre os reis da terra."

O anjo disse a João a explicação do mistério da mulher e da besta. A primeira explicação sobre a besta é dada no verso 8: ela "era e não é mais, e está para emergir do abismo, e caminha para a destruição". Isso soa como a descrição em Apocalipse 13: a besta tinha uma ferida fatal em uma de suas cabeças, mas então a ferida fatal curou e a terra se maravilhou com sua força e o poder. Essa imagem fatal da ferida tem o mesmo significado de "era e não é mais, e está para emergir do abismo" – ambos os eventos resultam em pessoas da terra sendo maravilhadas com a besta.

O foco dos capítulos anteriores ao capítulo 17 de Apocalipse tem sido a perseguição do povo de Deus pela besta (Império Romano). O julgamento está chegando à besta porque ela está matando o povo de Deus, o qual era impedido de comprar e vender e sofria a morte por permanecer fiel ao Cordeiro. Então, pareceu que a besta ia entrar em colapso (Nero morreu e veio o conturbado ano dos quatro imperadores), mas permaneceu tão forte como sempre (Vespasiano estabilizou o império) e então perseguiu o povo de Deus. Continua a ser destinada à destruição enquanto persegue, e seus imperadores chamam a si mesmos de divinos, blasfemando contra o Deus verdadeiro e vivo. Nos versos 9 a 11, João está recebendo alguns detalhes sobre isso. O anjo fala sobre sabedoria. A última vez que houve chamado à sabedoria foi em Apocalipse 13:18, onde as pessoas tinham que ter percepção espiritual sobre a natureza enganosa da besta. O anjo começou com as sete cabeças (ela tem sete cabeças e dez chifres), explicando esses símbolos. Ao ser lida pela primeira vez a descrição da besta no capítulo 13, é notável que as cabeças, chifres e coroas representavam a grande autoridade, força e poder dela. O anjo conta muito mais sobre as sete cabeças e os dez chifres agora. As sete cabeças representam os sete montes nos quais a mulher está sentada.

Muitos estudiosos não têm dúvida de que os montes se referem às sete colinas de Roma e que os sete reis se referem a sete sucessivos imperadores daquela nação. Há pouca dúvida de que um leitor do primeiro século entenderia essa referência como qualquer outra coisa além de uma referência a Roma, a cidade construída sobre sete montes. História e literatura referem-se a Roma repetidamente como a cidade em sete montes. De fato, uma moeda romana representava a deusa Roma sentada em sete montanhas. O final do verso 9 informa que a mulher está sentada nas sete montanhas. Voltando ao verso 1 de Apocalipse 17, a mulher é a grande prostituta, representando a cidade de Roma. Roma e seu império estão à vista. As sete cabeças representam Roma.

No entanto, há mais significado para as sete cabeças. As sete cabeças são também sete reis. Números e imagens devem ser entendidos como símbolos no Apocalipse (Apocalipse 1:1 informa que as coisas foram colocadas em sinais, Apocalipse 17:3 informa que João está vendo uma visão quando é levado pelo Espírito – veja 1.24.1. Apocalipse 1:1-3). O Apocalipse apresenta símbolos de uma realidade histórica, a menos que o texto exija o contrário. Todos os "setes" do livro (sete selos, sete trombetas, sete taças) devem ser entendidos como simbolicamente representando um julgamento completo contra uma nação. Houve, porém, um "sete" que se entende literalmente: no capítulo 1 são nomeadas as sete igrejas da Ásia. Entende-se que essas igrejas são igrejas reais, e não simbólicas de todas as igrejas de todos os tempos, pois cada uma foi nomeada (o nome de cada uma das igrejas é a razão para que o texto exija entendimento das sete igrejas como se referindo a sete igrejas literais).

Da mesma forma, as sete cabeças da besta representam sete reis. Se o anjo tivesse deixado a imagem apenas nisso, seríamos forçados a entender os sete reis como um símbolo representando todos os reis do Império Romano e o que eles fariam. No entanto, o anjo continuou e numerou os sete reis, dando detalhes sobre eles. O anjo disse sobre os sete reis: "dos quais cinco caíram, um existe e o outro ainda não chegou; e, quando chegar, tem de durar pouco tempo." O verso 11 informa mais: o oitavo rei pertence aos sete e vai para a destruição. Esses detalhes não fazem sentido de maneira genérica e simbólica. Se sete reis representassem todos os reis do Império Romano, então o que significa que cinco caíram, um é, e um ainda está por vir e deve governar por um tempo? Não é possível aplicar simbolicamente essas imagens. Somos forçados a entender esses reis como imperadores literais do Império Romano e algo sobre o seu governo está sendo dito ao povo de Deus.

Uma vez que é dito algo sobre os reais reis que governaram o Império Romano, é importante que aprendamos sobre o cronograma dos governantes de Roma: Júlio (48-44 a.C.) como ditador, Augusto (27 a.C.-14 d.C.) como imperador, Tibério (14-37 d.C.), Calígula (37-41 d.C.), Cláudio (41-54 d.C.), Nero (54-68 d.C.), Galba (68-69 d.C.), Otão (69 d.C.), Vitélio (69 d.C.), Vespasiano (69-79 d.C.), Tito (79-81 d.C.), Domiciano (81-96 d.C.).

Há várias razões para excluir Júlio da contagem. Ele foi apontado como ditador da República Romana, e não imperador do império. Houve um intervalo de tempo de 17 anos antes que Augusto fosse estabelecido como imperador. Além disso, se Júlio for contado, por que Sulla e Marius, que também tomaram o poder para governar a república, também não são contados? Os historiadores romanos Tácito e Suetônio afirmam que Augusto foi o primeiro imperador. A contagem de sete imperadores funciona corretamente apenas se Júlio for excluído.

Deixando a lista como está, mas com Júlio removido, os cinco reis mortos seriam de Augusto a Nero. O único rei seria Galba e o que ainda viria seria Otão. No entanto, existem razões para considerar a remoção de Galba, Otão e Vitélio. Enquanto esses três imperadores foram aprovados pelo senado, seus reinos dificilmente seriam conhecidos em todo o império. O ano 69 d.C. foi o "ano dos quatro imperadores", uma época de guerra civil, pois todos esses imperadores afirmavam ser imperadores, mas foram assassinados ou cometeram suicídio. Seus governos não tiveram consequências.

Além disso, o profeta Daniel falou sobre esses três imperadores sendo excluídos rapidamente (Daniel 7:19-20): ele viu uma visão em que um chifre arrancou os outros três porque ele era superior a eles. O profeta Daniel se referiu à ascensão do imperador Vespasiano, o qual estabeleceu seu reinado em 69 d.C. durante o "ano dos quatro imperadores". Durante essa guerra civil, seus exércitos foram vitoriosos quando ele vindicou com sucesso o título de imperador. No entanto, o chifre não representa o próprio Vespasiano, apesar de ele ter subido ao poder na ocasião – representa, na verdade, seu segundo filho, Domiciano, o primeiro perseguidor sistemático da Igreja. Nessa época, o jovem Domiciano estava em Roma enquanto Vespasiano estava em Jerusalém para acabar com a rebelião dos judeus. Domiciano foi um dos líderes militares que ajudou a depor Galba, Otão e Vitélio para estabelecer o reinado de seu pai Vespasiano e o início da dinastia flaviana, a qual era diferente dos outros imperadores da dinastia claudiana. Portanto, Vespasiano reinou, mas foi Domiciano que levou o crédito pela remoção desses três reis. Ele é o chifre que arrancou os outros três pondo seu pai no poder, e ele proferiu blasfêmias e fez guerra contra os santos.

Sendo assim, a seguinte contagem dos sete imperadores funciona bem: Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero são os cinco que caíram. Aquele que estava reinando na época da redação do livro foi Vespasiano, uma vez que Daniel disse para não contarmos os três imperadores Galba, Otão e Vitélio, os quais não tiveram importância. Então, aquele que veio e permaneceu apenas um pouco de tempo foi Tito (o mesmo general que destruiu Jerusalém), o qual governou apenas de 79 a 81 d.C. Depois de Tito veio Domiciano. Ele é o oitavo imperador que é como a besta, pertence aos sete, e vai para a destruição. Domiciano começou a executar as profecias dos capítulos anteriores. Ele declarou ser deus e exigiu que honras e sacrifícios divinos fossem feitos para ele.

Com essas pistas, a melhor data para a redação do Apocalipse é 69 d.C. – justamente no ano anterior ao ano em que as "coisas que devem em breve acontecer" foram iniciadas com a queda de Jerusalém em 70 d.C.

Os dez chifres nos versos 12 a 14 soam como a descrição para a segunda besta, também chamada de falso profeta. Mas esses dez chifres representam as localidades e províncias que governaram dentro do Império Romano. A multiplicidade de soberanias na confederação aumentou o poder da besta: Roma havia dado poder a vários regentes e procuradores, como os Herodes, para governar as regiões e províncias. No entanto, o poder deles

era do Império Romano, não era deles próprios. Esses governantes deram sua lealdade ao Império Romano (a besta) e fizeram guerra contra Deus e seu povo que não adorava a besta.

Os versos 16 e 17 mostram que o mundo se voltou contra Roma. A imagem é semelhante à profecia de Ezequiel contra Jerusalém (Ezequiel 16:36-37). A descrição dada é uma das principais razões para a queda de Roma: a decadência interior e a luta interna. Daniel profetizou que essa era a natureza de Roma e isso levaria ao seu colapso na visão da grande estátua: o quarto reino (o Império Romano) era feito de ferro e barro, de modo que ele era parcialmente forte e parcialmente frágil. O Império Romano não se uniria, mas cairia separado por causa da maneira como foi construído. Um dos maiores pontos fortes de Roma foi incorporar todas as línguas e nações do mundo. No entanto, isso também foi sua fraqueza, levando a problemas internos perpétuos, até que finalmente caiu. Províncias e nações sob o poder de Roma se voltarão e lutarão contra Roma. O verso 17 aponta que isso foi obra de Deus: ele provocou a queda de Roma e seu império.

O capítulo conclui definitivamente sobre a identidade da mulher, a grande prostituta: é a grande cidade que tem domínio sobre os reis da terra. A única cidade que tem um império sobre os reis da terra na época da escrita do Apocalipse é a cidade de Roma. Sua queda veio quando as nações e povos sob o império se voltaram contra ela e a tornaram desolada. Apocalipse 17:16 mostrou a grande prostituta desolada e nua: ela foi despojada de seu poder e autoridade, sendo então queimada com fogo – uma figura de julgamento contra ela. Deus fez essa queda ocorrer. A seguir, Apocalipse 18 descreve o impacto e significado da queda de Roma.

1.24.38. APOCALIPSE 18:1-3

> Depois destas coisas, vi descer do céu outro anjo, que tinha grande autoridade, e a terra se iluminou com a sua glória. Então exclamou com potente voz, dizendo: "Caiu! Caiu a grande Babilônia! Ela se tornou morada de demônios, refúgio de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo tipo de ave imunda e detestável, pois todas as nações beberam do vinho do furor da sua prostituição. Com ela se prostituíram os reis da terra. Também os mercadores da terra se enriqueceram à custa da sua luxúria."

Apocalipse 18 lida com eventos passados do nosso ponto de vista, a queda do Império Romano. No entanto, do ponto de vista de João, são eventos que somente se concretizam cerca de quatrocentos anos depois. Sobre os marcadores de tempo do livro em Apocalipse 1:1-3; 22:6-7,10 e os eventos futuros, veja 1.24.1. Apocalipse 1:1-3.

O capítulo 18 descreve o impacto e significado da queda de Roma. Outro anjo desceu do céu, carregando grande autoridade e cheio de glória, proclamando a mensagem de julgamento: Babilônia (Roma) caiu por causa de suas grandes imoralidades. Embora Roma ainda não tivesse caído na época da redação do Apocalipse (69 d.C. – veja 1.24.37. Apocalipse 17:7-18), o anjo declara sua queda como concretizada para mostrar que certamente Roma e seu império cairão. Roma tornou-se uma morada de maldade, não apenas por ter sido o coração da iniquidade, mas também porque influenciou outras nações ao erro - nações que também não são tidas como inocentes. Mercadores da terra prosperaram por meio da imoralidade de Roma. A história revela a vida luxuosa que ocorreu em Roma ao longo dos séculos por causa de suas extensas rotas comerciais. O comércio se estendia bem além da fronteira do império de Roma, que era de milhões de quilômetros quadrados. As rotas comerciais também existiam para a Índia e a China. Os comerciantes se tornaram ricos comprando, vendendo e negociando mercadorias com Roma.

1.24.39. APOCALIPSE 18:4-8

> Ouvi outra voz do céu, dizendo: "Saiam dela, povo meu, para que vocês não sejam cúmplices em seus pecados e para que os seus flagelos não caiam sobre vocês. Porque os pecados dela se acumularam até o céu, e Deus se lembrou das injustiças que ela praticou. Retribuam-lhe como também ela retribuiu, paguem-lhe em dobro segundo as suas obras e, no cálice em que ela misturou bebidas, misturem dobrado para ela. O quanto a si mesma glorificou e viveu em luxúria, deem a ela em igual medida tormento e pranto. Porque ela pensa assim: 'Estou sentada como rainha. Não sou viúva. Nunca saberei o que é pranto!' Por isso, em um só dia sobrevirão os seus flagelos: morte, pranto e fome; e será queimada no fogo, porque poderoso é o Senhor Deus, que a julga."

Outra voz do céu se dirigiu ao povo de Deus para sair da Babilônia. Essa é uma referência profética dos ministérios de Jeremias e Isaías (Isaías 48:20; 52:11; Jeremias 51:6-7). O chamado da voz do céu é para o povo de Deus se afastar dos caminhos e imoralidades de Roma, ou seja, não participar da pecaminosidade do mundo. Caso contrário, compartilharia dos flagelos sobre Roma e seu império. O julgamento das sete taças mostrou sete flagelos contra a besta e seu trono. Deus deu um aviso importante: se agir como o mundo, será julgado com o mundo. Roma acumulou tantos pecados que Deus retornou a ela em dobro por seus atos, uma vez que os pecados tinham consequências tão severas que levaram o mundo inteiro à pecaminosidade com idolatria e paganismo. Deus preparou uma porção dupla no cálice de ira para Roma, a qual já foi mostrada como "a taça da ira de Deus derramada em força total" em Apocalipse 14:10.

Os versos 7 e 8 continuam a explicar por que a ira de Deus é tão violenta contra Roma e seu império. Roma se glorificou e viveu no luxo. Ninguém dava glória a Deus por sua prosperidade. Pessoas se elevaram e se glorificaram. Além disso, acharam que nunca iriam cair, que os tempos nunca iriam mudar, que a prosperidade nunca terminaria. Romanos governavam e pensavam que tal governo nunca terminaria. Deus disse no verso 8 que essa foi a razão pela qual eles foram abatidos de repente: em vez de vida e prosperidade, o império se desintegraria em morte, luto e fome. Apocalipse não predisse que Roma caiu em um único dia, assim como as Escrituras não previram que outras nações caíram em um único dia (conforme Isaías 47:9). É um símbolo de perda de poder e de autoridade. Parecia que o império nunca acabaria, mas ele começa a entrar em apuros, perde seu poder gradativamente e é destruído. A destruição é a imagem do fogo. Apocalipse não está predizendo Roma literalmente queimando (conforme Isaías 47:14). O fogo é um símbolo de julgamento para seu império. Seu tempo de glória e governo acabou.

1.24.40. APOCALIPSE 18:9-19

> Os reis da terra, que com ela se prostituíram e viveram em luxúria, vão chorar e se lamentar por causa dela, quando virem a fumaça do seu incêndio. E, conservando-se de longe, com medo do seu tormento, dizem: "Ai! Ai de você, grande cidade, Babilônia, cidade poderosa! Pois em uma só hora chegou o seu juízo." E, por causa dela, choram e pranteiam os mercadores da terra, porque ninguém mais compra a sua mercadoria, mercadoria de ouro, de prata, de pedras preciosas, de pérolas, de linho finíssimo, de púrpura, de seda, de escarlate; e toda espécie de madeira odorífera, todo gênero de objeto de marfim, toda qualidade de móvel de madeira cara, de bronze, de ferro e de mármore; e canela de cheiro, especiarias, incenso, perfume, mirra, vinho, azeite, boa farinha, trigo, gado e ovelhas; e de cavalos, de carruagens, de escravos e até almas humanas. Eles dizem: "O fruto que tanto lhe apeteceu se afastou de você, e para você se extinguiu tudo o que é delicado e esplêndido, e nunca mais serão achados." Os mercadores destas coisas, que, por meio dela, se enriqueceram, ficarão de longe, com medo do seu tormento, chorando e pranteando, dizendo: "Ai! Ai da grande cidade, que estava vestida de linho finíssimo, de púrpura e de escarlate, enfeitada com ouro, pedras preciosas e pérolas, porque em uma só hora ficou devastada tamanha riqueza!" E todos os pilotos, e todos aqueles que viajam pelo mar, e marinheiros, e os que ganham a vida no mar ficaram de longe. Então, vendo a fumaça do seu incêndio, gritavam: "Que cidade se compara à grande cidade?" Lançaram pó sobre a cabeça e, chorando e pranteando, gritavam: "Ai! Ai da grande cidade, na qual se enriqueceram todos os que possuíam navios no mar, à custa da sua riqueza, porque em uma só hora foi devastada!"

Em Apocalipse 17:16, o mundo se voltou contra Roma, a qual se deteriorou por dentro. No entanto, muitos não perceberam o enorme impacto dessa queda. A queda de Roma foi o fim da prosperidade daquele mundo, o qual vai lamentá-la, mas de forma egoísta: os comerciantes da terra lamentam por causa dos impactos econômicos – a perda de luxos e esplendores que as pessoas desfrutavam – e não exatamente porque amavam a cidade de Roma.

Não são apenas mercadores e comerciantes que foram afetados pela queda de Roma, mas donos de navios e marinheiros que trabalharam no mar também perderam riquezas e negócios. Apesar de Roma não ser portuária, ela construiu uma incrível cidade comercial chamada Portus, a oeste, que se situava no mar. O rio Tibre corre entre Portus e Roma e os arqueólogos descobriram a enorme quantidade de comércio que passou por esse caminho. Havia também uma estrada romana de Portus para Roma. Capitães e marinheiros não tinham mais aquele negócio tão lucrativo. Seus lamentos são uma descrição exata da grandeza de Roma: "Que cidade se compara à grande cidade?" A grande cidade onde os navios do mar se enriqueceram foi julgada. Interessantemente, os mesmos três grupos lamentaram a queda da Babilônia em Ezequiel 27:29-36. É o fim do império.

1.24.41. APOCALIPSE 18:20-28

> "Alegrem-se por causa dela, ó céus, e também vocês, santos, apóstolos e profetas, porque Deus julgou a causa de vocês contra ela." Então um anjo forte levantou uma pedra do tamanho de uma grande pedra de moinho e lançou-a no mar, dizendo: "Assim, com ímpeto, será lançada Babilônia, a grande cidade, e nunca mais será achada. Em você nunca mais será ouvido o som de harpistas, de músicos, de tocadores de flauta e de trombeta. Em você nunca mais se achará artífice nenhum de qualquer arte que seja, e nunca jamais se ouvirá em você o ruído de pedra de moinho. Também nunca mais brilhará em você a luz de uma lamparina, e nunca mais se ouvirá em você uma voz de noivo ou de noiva, pois os seus mercadores foram os grandes da terra, porque com a sua feitiçaria você seduziu todas as nações. E nela foi encontrado sangue de profetas, de santos e de todos os que foram mortos sobre a terra."

O santo povo de Deus, os apóstolos e os profetas foram chamados a se alegrar com o julgamento de Roma porque foram mortos por ela. O capítulo 13 mostrou que a besta mataria aqueles que não a adorassem. O julgamento tinha chegado, e foi a hora do povo de Deus que sofreu e morreu se regozijar. Deus efetuou julgamento contra a besta por causa de seu povo.

Um grande ato simbólico é revelado. Um poderoso anjo pegou uma pedra como uma grande pedra de moinho e a lançou no mar. Enquanto fez isso, o anjo disse que a Babilônia foi derrubada com violência e nunca mais seria encontrada. O Império Romano nunca mais se erguerá e nunca mais será uma potência mundial. Historicamente, o colapso do Império Romano levou a um período de tempo chamado de Idade das Trevas. O mundo mudou completamente com a queda do Império Romano. Essa linguagem é a mesma que Jeremias fez a respeito do julgamento contra Babilônia.

O capítulo 18 descreveu o lamento do mundo quando o Império Romano caiu. O impacto econômico de sua queda foi incrível. Foi dado ao povo de Deus aviso para não se envolver no mundanismo e manter uma vida santa, mesmo quando o mundo está cheio de imoralidade. Apocalipse 19 continua a descrever o impacto da queda de Roma.

1.24.42. APOCALIPSE 19:1-5

> Depois destas coisas, ouvi no céu o que parecia ser a voz forte de uma grande multidão, dizendo: "Aleluia! A salvação, a glória e o poder são do nosso Deus, porque verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande prostituta que corrompia a terra com a sua prostituição e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos." E disseram pela segunda vez: "Aleluia! E a sua fumaça sobe para todo o sempre." Os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes se prostraram e adoraram a Deus, que está sentado no trono, dizendo: "Amém! Aleluia!" E do trono saiu uma voz, que dizia: "Louvem o nosso Deus, todos vocês, os seus servos, todos os que o temem, os pequenos e os grandes."

Apocalipse 19 lida com eventos passados do nosso ponto de vista, a queda do Império Romano. No entanto, do ponto de vista de João, são eventos que somente se concretizam cerca de quatrocentos anos depois. Sobre os marcadores de tempo do livro em Apocalipse 1:1-3; 22:6-7,10 e os eventos futuros, veja 1.24.1. Apocalipse 1:1-3.

João ouviu louvores ao Senhor porque a efetuação da salvação, a glória e o poder pertencem a Deus. Os louvores são devidos a Deus porque ele julgou a grande prostituta (Roma) que corrompeu a terra com suas imoralidades e ele vingou o sangue de seus servos. No contexto do Apocalipse, os servos de Deus sofreram e foram mortos, e seus inimigos somente são julgados depois de cristãos morrerem. Por muitos capítulos, o livro demonstra que aqueles que estão em Cristo são vitoriosos e aqueles que adoraram a besta foram julgados. Aqui, a justiça finalmente chegou para os cristãos mortos que clamavam por justiça desde o quinto selo. A fumaça dos ímpios na visão se eleva para todo o sempre, a nação ímpia entrou em colapso e pessoas foram julgadas. Isaías usou a mesma linguagem para a antiga Babilônia (Isaías 34:10). A imagem da fumaça de não justificados sendo vista pela eternidade, embora simbólica, dá suporte maior para entender a punição final como sendo tormento eterno, e não cessação da existência.

Os 24 anciãos e os quatro seres viventes de Apocalipse 4 louvaram o Senhor juntamente com a voz da grande multidão com palavras que provêm da "seção de Halel" dos Salmos (Salmo 113:1; 115:13).

1.24.43. APOCALIPSE 19:6-10

> Então ouvi o que parecia ser a voz de uma grande multidão, uma voz como de muitas águas e como de fortes trovões, dizendo: "Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso. Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque chegou a hora das bodas do Cordeiro, e a noiva dele já se preparou. A ela foi permitido vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro." Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos. Então o anjo me disse: "Escreva: 'Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro.'" E acrescentou: "São estas as verdadeiras palavras de Deus." Prostrei-me diante dos seus pés para adorá-lo. O anjo, porém, me disse: "Não faça isso! Sou um servo de Deus, assim como são você e os seus irmãos que guardam o testemunho de Jesus. Adore a Deus! Pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia."

A voz de uma grande multidão louvou ao Senhor. O som é descrito como o rugido de muitas águas e como os sons de poderosos trovões. Os justificados se alegraram e glorificaram a Deus porque "o casamento do Cordeiro" tinha chegado. Um casamento estava acontecendo. O Cordeiro, Jesus Cristo, é retratado como o noivo. A noiva é retratada como o povo de Deus. A noiva se preparou poe meio de seus atos justos. O povo de Deus permaneceu puro durante aquele período de tribulação, permanecendo fiel ao Cordeiro e recusando-se a adorar a besta. Essa é uma figura usada em outros lugares no Novo Testamento para mostrar a relação do povo de Deus com o Cordeiro, como Efésios 5:25-27. Jesus também descreveu o Reino de Deus em termos de uma festa de casamento em Mateus 22:1-14. Isso coincide com as palavras do anjo no verso 9. Estar unido ao Cordeiro é a coisa mais importante e é a grande promessa de Deus de estar em relação com ele.

A seguir, João caiu aos pés do anjo para adorá-lo. No entanto, o anjo instruiu João a não fazer isso, uma vez que ele é um servo e a adoração é para Deus. Obviamente, João sabia que apenas Deus deve ser adorado, mas é provável que ele foi tomado pela glória e grandeza da mensagem de tal forma que caiu em adoração, uma vez que a mensagem que o anjo trouxe foi maravilhosa: finalmente o opressor do povo de Deus foi julgado e aqueles que sofreram por sua fidelidade a Deus agora estão com ele livres de todo o mal.

A tentativa de adoração ao anjo da parte de João provavelmente foi registrada no Apocalipse porque a segunda metade do livro tem sido sobre encorajar os cristãos a adorar somente a Deus – não adorar nem mesmo anjos enviados por ele. O testemunho dado por Jesus é a substância do que o Espírito inspirou os profetas a proferir – o anjo não é a fonte da revelação profética, mas Deus e Jesus.

1.24.44. APOCALIPSE 19:11-21

> Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro e julga e combate com justiça. Os seus olhos são como chama de fogo; na cabeça dele há muitos diademas; tem um nome escrito que ninguém conhece, a não ser ele mesmo. Está vestido com um manto encharcado de sangue, e o seu nome é "Verbo de Deus". Os exércitos do céu o seguiam, montados em cavalos brancos e vestidos de linho finíssimo, branco e puro. Da sua boca sai uma espada afiada, para com ela ferir as nações. Ele mesmo as regerá com cetro de ferro e ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso. No seu manto e na sua coxa está escrito um nome: "Rei dos reis e Senhor dos senhores". Então vi um anjo posto em pé no sol. Ele gritou com voz forte, dizendo a todas as aves que voam pelo meio do céu: "Venham, reúnam-se para a grande ceia de Deus, para comer carne de reis, carne de comandantes, carne de poderosos, carne de cavalos e seus cavaleiros, carne de todos, quer livres, quer escravos, tanto pequenos como grandes." E vi a besta e os reis da terra, com os seus exércitos, reunidos para fazer guerra contra aquele que estava montado no cavalo e contra o seu exército. Mas a besta foi presa, e com ela foi preso o falso profeta que, com os sinais feitos diante da besta, seduziu aqueles que receberam a marca da besta e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago de fogo que queima com enxofre. Os outros foram mortos com a espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo. E todas as aves se fartaram das suas carnes.

O céu se abriu e João viu um cavalo branco. Montado nele estava aquele que se chama Fiel e Verdadeiro, aquele que julga e faz guerra em retidão. Como notado em Apocalipse 6:2, o branco não representa apenas pureza, mas a vitória. A grande multidão em Apocalipse 7:9 veste roupas brancas simbolizando a vitória por causa de sua fidelidade. A linguagem torna evidente que o cavaleiro é Jesus, o Cristo, a testemunha fiel e verdadeira, como dito à igreja de Laodiceia em Apocalipse 3:14. A descrição dos olhos sendo chamas de fogo é aplicada a Cristo em Apocalipse 1:14; 2:18. Anteriormente Jesus foi visto usando sete coroas, porém, agora, ele é retratado usando diademas. A mudança de imagem sugere que ele está usando os diademas da besta porque ele a conquistou como

um "troféu". Isso se encaixa no restante das imagens. O verso 11 mostra que ele é aquele que fez a guerra em justiça. Além disso, seu manto foi exposto a sangue, uma imagem que vem de Isaías 63:1-6 mostrando Deus atropelando os inimigos. Pode ser também o resultado de ele ter pisado o lagar da ira de Deus em Apocalipse 14:20.

Seguindo a Cristo estão os exércitos do céu, vestidos de linho fino branco e puro. O verso 15 revela imagens messiânicas. A espada afiada saindo de sua boca foi vista em Apocalipse 1:16. Ele derrubou e vai derrubar nações e governar com vara de ferro, o que é uma referência às profecias messiânicas no Salmo 2:9 e Isaías 11:4. Ele pisou o lagar do vinho da fúria da ira de Deus, o que foi previsto em Apocalipse 14:17-20, uma imagem de Cristo agindo na ira do Senhor contra as nações e povos desobedientes. O nome escrito em seu manto e coxa é "Rei dos reis" e "Senhor dos senhores". É interessante que tais nomes estejam localizados em sua coxa, o local onde comumente se guardava a espada.

Os versos 17 e 18 são uma descrição gráfica e grotesca da destruição da besta, o Império Romano. Cristo foi vitorioso. Seus exércitos estão com ele, e eles a julgaram, e Cristo a derrotou. Essa imagem foi usada pelo profeta Ezequiel em uma profecia contra as nações da terra chamadas "Gogue e Magogue" (Ezequiel 39:4,17-20). Essas referências também aparecem em Apocalipse 20.

Antes do início da batalha, e antes que alguém sequer entrasse na luta, o resultado estava determinado. Ao mesmo tempo em que as forças do Império Romano e seus aliados se juntaram para a batalha, os pássaros carniceiros se juntam no ar para o inevitável abate. O círculo de abutres acima dos inimigos de Cristo retrata a próxima desgraça deles. João viu a besta e os reis da terra com seus exércitos reunidos para fazerem guerra contra Cristo e seu exército. Isso é um lembrete de Apocalipse 16:14, onde os reis da terra estavam sendo reunidos no Armagedom. A reunião no Armagedom simboliza uma perda decisiva e catastrófica para eles, e não uma batalha literal.

A besta foi capturada juntamente com o falso profeta e eles foram lançados no lago de fogo. Os restantes foram mortos pela espada que saiu da boca de Cristo e todos os pássaros comeram sua carne. Observe que, na verdade, não há batalha. A vitória de Cristo foi imediata. Quando a espada sai da boca de Cristo, a batalha pertence ao Senhor e os inimigos são esmagados. Ser jogado vivo no lago de fogo indica a experiência da eterna punição e tormento. Apocalipse 20:10 informa que o lago de fogo é o lugar do tormento eterno. Embora o livro seja simbólico, tais visões dão muito mais apoio à ideia de que a punição final seja tormento eterno, e não a cessação da existência. O Livro de Apocalipse explica claramente que Cristo é aquele que destruiu o Império Romano, seus aliados, seu culto imperial e Roma, os quais eram tidos como "invencíveis".

É importante lembrar que a besta representa o Império Romano e o falso profeta representa o culto imperial. Portanto, os não justificados aliados ao Império Romano e seu culto imperial, os quais tiveram tempo para se arrepender, e não o fizeram, foram mostrados, na visão de João, como tendo sido jogados vivos no lago de fogo. Apocalipse 20:10, o qual lida com a queda de Satanás, informa que, quando ele for jogado no lago de fogo, os referidos ímpios (os não justificados aliados ao Império Romano e seu culto imperial) já se encontram lá. Quanto a essas questões, temos duas possibilidades:

- Os ímpios aliados ao Império Romano e ao culto imperial já estão sofrendo a punição final (lago de fogo). Pela história, o declínio do Império Romano foi lento e gradual, até que o império acabou em 476 d.C. Se tomarmos essa posição, temos que afirmar que todas as almas dos referidos ímpios, durante todo o período que compreende o primeiro século até 476 d.C., foram sendo lançadas diretamente para o lago de fogo. Isso implica que, quando morreram, não tiveram suas almas encaminhadas para o mundo dos mortos (*hades*), mas diretamente à punição final. Eles também não participariam da ressurreição dos mortos no juízo final da segunda vinda de Cristo, uma vez que já estariam no lago de fogo;

- Por serem visões simbólicas, não se pode afirmar com certeza que os ímpios aliados ao Império Romano e ao culto imperial já foram, de fato, lançados na punição final. Não há como entender a visão de modo literal, pois, se for assim, teríamos que imaginar que Deus tomou os referidos ímpios e, de fato, os lançou vivos no lago de fogo. Porém, historicamente, o império caiu lenta e gradualmente, sem registro de alguém que tenha simplesmente desaparecido do Império Romano. As almas teriam, então, que ter

sido encaminhadas ao lago de fogo assim que os referidos ímpios iam morrendo ao longo do tempo. Porém, o Novo Testamento afirma que os não justificados devem receber corpos ressuscitados antes de serem encaminhados à punição final. Também, tanto o Antigo Testamento quanto o Novo Testamento afirmam que as almas dos ímpios que morrem vão para o mundo dos mortos (*sheol*/*hades*). Além disso, o Novo Testamento aponta para que todos os ímpios sejam ressuscitados para juízo na ressurreição dos mortos para estarem diante do juízo final. Se os ímpios aliados ao Império Romano e ao culto imperial foram, de fato, encaminhados diretamente para o lago de fogo, seriam exceções bastante impressionantes a tudo isso.

Ponderando as duas possibilidades, é mais provável que a visão esteja apenas dando forte ênfase na certeza de que os ímpios aliados ao Império Romano e ao culto imperial estão irremediavelmente condenados a sofrer a punição final. Deus já mostrou, em outras passagens na Bíblia, acontecimentos que estão ainda no futuro como se já estivessem realizados para demonstrar a certeza de seus cumprimentos.

Esse capítulo tem uma mensagem dupla de encorajamento para os cristãos. O casamento com o Cordeiro chegou e cristãos se preparam para tal com frutos de justiça, os preparativos necessários em pureza e santidade para serem transformados naquilo que Deus quer que sejam. A segunda mensagem de encorajamento é ver o Cristo vitorioso, como em toda essa visão. Cristo venceu o Império Romano, a cidade de Roma e seu culto imperial, e governa com todo o poder, inclusive sobre as nações e povos da terra. Não se deve deixar Cristo e adorar outra coisa. Deve-se adorar Deus e estar do lado do vencedor. Aqueles que se rebelarem contra Cristo serão eternamente punidos em tormento.

Apocalipse 19 não se refere à segunda vinda de Cristo, mas a um julgamento contra o Império Romano, seu sistema religioso, a cidade de Roma e seus simpatizantes, como especificado nos versos 20 e 21. É mais um dos "dias do Senhor" locais da Bíblia. Roma e seu império e religião, juntamente com todos os governantes e províncias associados ao império, foram julgados definitivamente, como mostra a imagem de serem jogados vivos no lago de fogo e das aves se fartando de suas carnes.

1.24.45. APOCALIPSE 20:1-10

> Então vi descer do céu um anjo que tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos. Lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disso, é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo. Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade para julgar. Vi ainda as almas dos que foram decapitados por terem dado testemunho de Jesus e proclamado a palavra de Deus. Estes são os que não adoraram a besta nem a sua imagem, e não receberam a sua marca na testa e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição. Sobre esses a segunda morte não tem poder; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos. Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão e sairá para enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a batalha. O número dessas é como a areia do mar. Marcharam, então, pela superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos e a cidade amada. Porém, desceu fogo do céu e os consumiu. O diabo, que os tinha enganado, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde já se encontram a besta e o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite, para todo o sempre.

As primeiras palavras de Apocalipse 20 são vitais para a interpretação correta do texto, o qual, no grego original, começa com a expressão "Então vi". Isso indica que João está tendo uma visão sequencial em relação à anterior. Os acontecimentos simbólicos desse capítulo tomam lugar depois que a besta (Império Romano) e o falso profeta (culto imperial) foram derrotados. Historicamente, o Império Romano caiu em 476 d.C. Isso significa que os acontecimentos retratados em Apocalipse 20 somente ocorreram de 476 d.C. em diante. Apocalipse 20 lida com eventos passados (como a besta e o falso profeta já derrotados e presentes no lago de fogo), e, também, com eventos futuros. O contexto desse capítulo indica muito fortemente que algumas cenas apresentam um vislumbre do futuro. As visões de Satanás sendo jogado no lago do fogo, um julgamento global onde não há lugar para céus e terra, e, principalmente, a morte e o *hades*/*sheol* sendo jogados no lago de fogo, não são imagens que se encaixam

bem em um contexto do passado. Sobre os marcadores de tempo do livro em Apocalipse 1:1-3; 22:6-7,10 e os eventos futuros, veja 1.24.1. Apocalipse 1:1-3.

Apocalipse 20 também lida com visões, as quais são caracterizadas por símbolos: números simbólicos, cores simbólicas, nomes simbólicos, metais simbólicos, joias simbólicas, etc. O Livro de Apocalipse, em geral, consiste em uma sequência de visões. Obviamente, não se pode prender Satanás com uma corrente literal, e nem o abismo é trancado com uma chave literal – tais cenas fazem parte da visão.

A figura principal e alvo de julgamento em Apocalipse 20:1-3 é Satanás, descrito por quatro nomes diferentes. Ele é chamado de "dragão" (Apocalipse 12:3; 20:2). Em Apocalipse 12 ele tem uma cauda poderosa, sete cabeças, dez chifres e sete diademas. Naturalmente, ele não tem realmente esses números de cabeças e coroas: é uma visão que transmite o significado que ele é um ser poderoso, feroz e aterrorizante. Ele também é chamado "antiga serpente" (Apocalipse 20:2) por ser o tentador desde o começo em Gênesis 3. Satanás é, portanto, o inimigo de Deus e de seu povo desde tempos antigos. Ele é poderoso como um dragão e sutil como uma serpente. Ele também é chamado de "Diabo" (Apocalipse 20:2) – ele difama e acusa falsamente. O quarto título é "Satanás" (Apocalipse 20:2), isto é, o adversário de Deus, opositor de Deus e de seu reino. Colocando esses quatro nomes juntos, o Diabo é um oponente poderoso, enganador, sutil e calunioso.

Apocalipse 20:1-3 retrata a prisão de Satanás. O objetivo dela é para que ele não possa mais enganar as nações (Apocalipse 20:3). No contexto do Livro de Apocalipse, enganar as nações significa incitá-las a destruir o povo de Deus. Foi isso que Satanás fez durante o livro – enganar as pessoas para colocá-las contra a Igreja. Portanto, a partir da queda do Império Romano em 476 d.C., Satanás não pode mais unir pessoas do mundo em um ataque em larga escala contra o povo de Deus para tentar destrui-lo, como foi o caso com o Império Romano. Sua prisão não é absoluta e nem completa, mas parcial e relativa a "não enganar as nações". Quando, após sua prisão, ele for solto, ele tentará fazer novamente o que tentou fazer no passado usando o Império Romano, mas falhará. Isso faz sentido com as palavras iniciais do capítulo 20, "Então vi" – uma sequência de acontecimentos em relação à queda do império e seu culto imperial. Sendo assim, os "mil anos" tiveram início também com a queda do Império Romano em 476 d.C.

Vários estudiosos consideram que a restrição contra Satanás e o início dos mil anos tomaram lugar logo após a vitória de Cristo na cruz, mas esse não pode ser o caso. Se fosse assim, Satanás já estaria restrito para não poder levantar as nações da terra contra seu povo desde quando Cristo teve sua vitória na cruz, em cerca de 33 d.C. O Império Romano foi instigado por Satanás a atacar os cristãos depois disso – perseguições da parte do império ocorreram principalmente sob os reinados de Nero, Domiciano, Décio e Diocleciano, todos posteriores à morte de Cristo na cruz. Certamente, a vitória na cruz foi um golpe tremendo em Satanás, mas a restrição do Senhor para que ele não engane as nações somente pode ter sido aplicada depois que o Império Romano não podia mais perseguir, ou seja, após sua queda em 476 d.C., o que é narrado em Apocalipse 19. Apocalipse 20 é, necessariamente, sequência de Apocalipse 19.

A comum e óbvia objeção à ideia de a prisão de Satanás já estar em vigor é: "Como pode Satanás estar preso agora quando há tanto mal no mundo e tanta iniquidade ao nosso redor?" A prisão de Satanás significa que ele não pode unir as nações da Terra para perseguir a Igreja em larga escala e eliminá-la (como ocorreu na tentativa de exterminar a Igreja usando o Império Romano) até que os mil anos terminem (Apocalipse 20:3,8). A prisão de Satanás não significa que ele não tente ou instigue nenhuma perseguição em menor escala contra a Igreja. Significa que ele não pode unir um ataque mundial para destruir a Igreja de uma só vez. Além do mais, a culpa pelo mal no mundo não é unicamente de Satanás – o ser humano é tão responsável quanto ele. Ainda que Satanás não estivesse mais no mundo, o coração mau dos homens ainda seria suficiente para que desgraças ocorram. Jogar toda a culpa do mal no mundo em Satanás é irreal: a culpa também é do ser humano.

O ponto é que Satanás não pode sair de sua restrição de forma a unir todas as nações contra a Igreja para eliminá-la até que Deus queira soltá-lo no fim dos mil anos. Assim, o chamado "milênio", na verdade, começou quando o Império Romano não podia mais perseguir cristãos (476 d.C.). Mais de mil anos se passaram desde então, portanto, os mil anos de Apocalipse 20 não podem ser literais (números no Apocalipse devem ser tomados simbolicamente, a não ser que algo no texto demande um entendimento literal). O Livro do Apocalipse está cheio de números simbólicos, exatamente o que é esperado por consistir de visões. Seiscentos e sessenta e seis, o número da besta, não significa que era possível identificá-la por um "666". Seis é o número de homem (Apocalipse 13:18), o

qual se encontra abaixo da perfeição de Deus representada pelo número sete. O seis tenta ser sete, mas não chega a ser. No "666", seis é repetido três vezes, dando ênfase ao fracasso (repetição tripla – fracasso de Satanás, fracasso da besta, fracasso do falso profeta). Sete é simbólico de perfeição e divindade no Apocalipse pelos exemplos de "sete espíritos de Deus", "sete olhos", "sete chifres", "sete trovões", etc.

Sendo assim, o simbolismo dos mil anos é que o número mil é dez vezes dez vezes dez: dez repetido três vezes. Dez na Bíblia é o número de completude. Havia dez pragas – a plenitude da ira de Deus sobre o Egito. A Antiga Aliança tinha dez mandamentos – a plenitude da lei de Deus, de todos os juízos de Deus. O Santo dos Santos tinha comprimento, largura e altura iguais, um cubo (obtido pela multiplicação de três números iguais), o que também ocorre no formato da Nova Jerusalém na visão de Apocalipse 21:16. Portanto, dez elevado ao cubo, dez vezes dez vezes dez, mil, é um tempo completo que Deus estabeleceu para que a Igreja pode realizar sua missão na Terra sem ser destruída por ímpios instigados por Satanás, e tal período faz parte dos "últimos dias", os quais já estão presentes desde o primeiro século.

O milênio, um período de tempo simbólico, terminará quando Satanás for solto, ou seja, com a sua liberação para enganar nações, mas apenas por um breve tempo. Segue-se então sua derrota e a derrota dos enganados, conforme a visão nos versos 9 e 10. A besta (Império Romano) e o falso profeta (culto do imperador) já foram derrotados (a derrota foi simbolizada por terem sido lançados no lago de fogo). Chegou a vez do líder deles, Satanás, ser derrotado também. O lago de fogo representa a segunda morte, a morte espiritual, o afastamento eterno de Deus e o tormento decorrente de sua ira que arde como fogo (Jeremias 15:14; Salmo 21:9; Hebreus 10:27,31; 12:29; etc.). Na visão dos versos 7 a 10, Satanás conseguirá enganar nações para atacar o povo de Deus, a Igreja, representada pelo "acampamento dos santos e a cidade amada". No entanto, na visão, isso dura muito pouco, sendo que os ímpios são consumidos por chamas do céu sem sequer conseguirem efetuar qualquer tipo de ataque.

O verso 8 informa mais completamente que, quando Satanás for solto após os mil anos simbólicos, ele sairá para enganar as nações e fazê-las atacar os fiéis. Essa tática já foi utilizada por meio do Império Romano e, quando o Senhor remover a restrição sobre Satanás após os mil anos simbólicos, será utilizada novamente. O objetivo é eliminar os fiéis por meio desses ímpios. Esses enganados são representados simbolicamente na visão por Gogue e Magogue – são simplesmente as nações ímpias em toda a Terra, e não uma nação ou governantes em particular. A primeira e única referência a Gogue e Magogue no Antigo Testamento está em Ezequiel 38 e 39. Gogue é apresentado como príncipe-chefe e Magogue é um povo ou país. A ideia de Ezequiel 38 e 39 é que Gogue e Magogue constituem um inimigo particularmente mau, feroz e numeroso, mas não específico. Em Ezequiel, esse inimigo simbólico tenta atacar o povo de Deus e, então, o todo-poderoso vem e o destrói subitamente. Apocalipse 20 usa o mesmo cenário do Livro de Ezequiel, apresentando os não justificados enganados por Satanás como Gogue e Magogue. Sendo assim, Gogue e Magogue são, simplesmente, as nações ímpias de todas as partes da Terra: todos os ímpios do mundo influenciados por Satanás que, sendo libertado por pouco tempo após os mil anos simbólicos, os engana e incita a perseguir e destruir os cristãos (Apocalipse 20:9).

A marcha dos ímpios para sitiar o "acampamento dos justos" é uma figura similar ao Armagedom de Apocalipse 16:16 e uma reminiscência de quando os reis da terra e a besta se reuniram para a batalha contra Cristo (Apocalipse 19:19). Agora ocorre o mesmo cenário, mas dessa vez não são os ímpios associados ao Império Romano, mas todos os ímpios da Terra, de forma genérica. Essa visão usa como base o livramento de Deus no "vale da decisão", o vale de Josafá (2 Crônicas 20), também usado como base nas visões de Joel (Joel 3) e Sofonias (Sofonias 1:2-3). O fogo dos céus consumindo os ímpios é a consequência do fogo trazido pela segunda vinda de Cristo (2 Tessalonicenses 1:7-9), a qual resultará em Satanás sendo jogado no lago de fogo, resultará no julgamento final retratado nos versos 11 a 15, e resultará no fim do mundo (2 Pedro 3:10). Apesar de o aparecimento de Cristo não ser mencionado na cena, o simbolismo do fogo que vem dos céus com o objetivo de punir os ímpios e dar início ao julgamento final faz com que a segunda vinda de Cristo se encaixe nesse momento da cena. Também, a visão, embora simbólica, indica que o lago de fogo é para tormento eterno, e não cessação da existência. Alguns objetam afirmando que o tormento eterno é apenas para Satanás e os anjos maus, mas o Livro de Apocalipse já apresentou pessoas sofrendo tormento eterno da mesma forma no capítulo 19. As evidências mais fortes apontam para tormento eterno, e não cessação da existência.

Há uma questão muito importante em relação ao entendimento do engano das nações da parte de Satanás, quando ele for solto pouco antes do retorno de Cristo. Se ocorrer algum aumento da hostilidade de um poder mundial instigado por Satanás contra cristãos logo antes de Cristo voltar, entende-se que isso seria um sinal da sua vinda. Isso seria problemático porque a Bíblia ensina que a vinda de Cristo é imprevisível, sem sinal algum (o único evento que foi mencionado a ocorrer antes da segunda vinda de Cristo foi "a apostasia" e a revelação do "homem da iniquidade", os quais já foram manifestados – veja 1.14.2. 2 Tessalonicenses 2:1-12). É provável que o "homem da iniquidade" esteja entre os ímpios enganados por Satanás que tentam atacar a Igreja sem sucesso.

A explicação para a movimentação dos ímpios não ser percebida como um sinal da vinda de Cristo é simples. O tempo que Satanás terá para enganar as nações e incitá-las contra a Igreja será muito breve. Na visão dos ímpios sitiando os santos, os ímpios não tiveram tempo nenhum para lançar qualquer ataque. Simplesmente foram consumidos pelo fogo antes disso. Portanto, as pessoas na Terra não conseguirão perceber nenhuma movimentação dos ímpios para atacar a Igreja antes que Cristo retorne – portanto, não vão receber nenhum sinal da segunda vinda de Cristo. Assim, permanece a imprevisibilidade da vinda de Cristo: assim que Satanás conseguir sair para enganar as nações e iniciar a movimentação para o ataque, o fim chega com a segunda vinda de Cristo, representada pelo fogo dos céus.

Portanto, os mil anos simbólicos terminam pouco antes da segunda vinda de Cristo, mas ninguém sabe dizer quando. É um tempo completo determinado por Deus. Satanás terá um minúsculo intervalo de tempo para agir, algo como se fosse uma "provação final de seu caráter". Mesmo tendo tão pouco tempo e tendo sido repreendido com uma longa restrição, ele persiste em fazer o mesmo que já fez – enganar e perseguir. Satanás está, de fato, irremediavelmente perdido e terá o fim que merece. Então, se segue o julgamento final em que Jesus Cristo julgará o mundo em seu grande trono branco (Apocalipse 20:11-15), separando os fiéis dos infiéis e encaminhando-os para seus destinos eternos (Mateus 25:31-46).

Colocando tudo isso junto, Satanás foi impedido, por mil anos simbólicos, de enganar as nações para fazê-las atacar e destruir a Igreja. Isso ocorreu assim que o Império Romano, o último perseguidor mundial, caiu em 476 d.C. Os mil anos são um período simbólico e completo em que os fiéis mortos reinam com Cristo no céu, e não na Terra. A Igreja estará na Terra e desfrutará de proteção contra qualquer perseguição mundial em larga escala, de forma a não ser destruída. Esse período de mil anos simbólicos terminará em algum tempo determinado por Deus, mas desconhecido para os seres humanos, com a liberação de Satanás de sua restrição para enganar as nações e fazê-las atacar a Igreja. Mas o tempo de Satanás será muito breve. As nações enganadas não poderão lançar nem sequer um ataque contra os cristãos e, portanto, isso não pode ser entendido como um sinal da vinda de Cristo. Ocorrerá a segunda vinda de Cristo e, então, o julgamento final.

Mas ainda há a questão sobre os santos reinando com Cristo pelos mil anos simbólicos e as duas ressurreições retratadas em Apocalipse 20. Antes de tudo, João 5:28-29 e Atos 24:15 ensinam que haverá uma ressurreição de justificados e não justificados ao mesmo tempo. Os ímpios serão ressuscitados com o propósito específico de serem julgados e condenados. É necessário respeitar esse detalhe para interpretar corretamente as ressurreições nessa visão de Apocalipse 20.

Primeiramente, deve-se entender o estado dos cristãos em Apocalipse 20. Os santos que reinam em Apocalipse 20:4-6 são descritos como almas desencarnadas, isto é, são cristãos que estão fisicamente mortos, mas vivos em suas almas. A passagem fala de almas de pessoas que foram decapitadas, logo, sabe-se que são almas de pessoas fisicamente mortas, ou seja, desencarnadas. Esses santos estão no céu, e não na Terra: Apocalipse 6:9-11 mostrou suas almas embaixo do altar no céu. Na verdade, os santos aqui retratados não são apenas os cristãos que estavam debaixo do altar no céu, mas também os fiéis que morreram pela besta (Império Romano). Essas almas sentaram em tronos, e os tronos são sempre celestiais no Livro de Apocalipse. Essas almas estão reinando com Cristo, e ele reina com seu corpo glorificado, o qual também está no céu. Ao descrever as almas desencarnadas desses santos no céu, Apocalipse 20:4-6 demonstra o estado intermediário em que se encontram, isto é, o estado entre a vida física e o estado eterno. Quando cristãos morrem, entram em um estado intermediário com suas almas estando com Cristo no céu. Depois disso, virá o estado eterno com a ressurreição dos mortos na segunda vinda de Cristo. A vida do povo de Deus após a morte é uma vida de reinado como reis, pois fiéis se assentam em "tronos" (Apocalipse 20:4) – cristãos são como reis exercendo domínio em união com Jesus Cristo. Essa vida é também aquela em que eles oferecem sacrifícios de louvor a Deus como sacerdotes, pois o verso 6 chama os cristãos de

"sacerdotes de Deus e de Cristo". Também é uma vida em que cristãos julgam. A aparência das almas desencarnadas devem de alguma forma lembrar as pessoas que foram, ou João provavelmente não as teria identificado como cristãos que morreram.

Apocalipse 20:5 registra a "primeira ressurreição". Mas como entender uma primeira ressurreição (e uma segunda) se a Bíblia ensina apenas uma ressurreição coletiva de justificados e não justificados na segunda vinda de Cristo?

Essa primeira ressurreição não é a ressurreição dos mortos que concede os corpos glorificados aos fiéis, pois João disse que viu almas desencarnadas. Também não é regeneração, pois, embora a regeneração seja mencionada na Bíblia como uma ressurreição, tais almas estão no céu, e não na Terra. Portanto, essa "primeira ressurreição" é um estado intermediário daqueles que morrem em Jesus Cristo: é o ser deles sendo elevado à glória celestial. Assim, o verso 4 descreve o estado dos cristãos mortos no céu, e a primeira parte do verso 5 exclui os ímpios dessa bem-aventurança. Eles permanecem no mundo dos mortos – não são reunidos aos Senhor.

Na Bíblia, ser contado como "vivo" requer alguma aproximação de Deus. No estado intermediário, os justificados estão perto de Deus, considerados assim como vivos. Na vida física, eles também tinham proximidade com Deus. Mas os ímpios, embora tendo algum acesso a Deus durante a vida física (a possibilidade de conversão), não possuem nenhuma proximidade com Deus após a morte física: estão longe de Deus em seu estado intermediário (permanecem no mundo dos mortos). Eles são assim considerados como mortos. Uma alma afastada do Senhor é considerada morta. Os ímpios somente são contados brevemente como vivos na "segunda ressurreição" de Apocalipse 20 porque recebem seus corpos no julgamento final e estão perto de Cristo para estarem diante do seu tribunal, mas na sequência recebem suas sentenças: são lançados fora da presença de Deus de uma vez por todas (lago de fogo). Assim, a ressurreição dos mortos é a segunda ressurreição retratada em Apocalipse 20.

Depois de entender as "duas ressurreições" de Apocalipse 20, é necessário considerar a segunda morte (Apocalipse 20:6,14) e, por implicação, a "primeira morte". Apocalipse 20:6 afirma que a segunda morte não é para o justificado. O verso 14 declara que o lago de fogo é a segunda morte – é a punição final, o eterno banimento da presença de Deus – e as melhores evidências indicam ser tormento eterno. Assim, enquanto a primeira morte e a primeira e segunda ressurreição em Apocalipse 20 são para os fiéis, a primeira e a segunda morte e a segunda ressurreição são para os infiéis. Sendo a segunda morte o lago de fogo, a primeira morte obviamente é a morte física.

Portanto, na morte física, o justificado experimenta a primeira ressurreição: ele vive com Cristo no céu em sua alma. Na segunda vinda de Cristo, ele receberá a segunda ressurreição: viverá com Cristo nos novos céus e nova terra (Apocalipse 21:1) em corpo e alma. Quando o não justificado morre em seu corpo, ele entra no estado intermediário no *sheol/hades*. A segunda morte ocorrerá quando, no retorno de Cristo, a ressurreição dos mortos tomar lugar e os não justificados forem lançados no lago de fogo, com corpo e alma, para sofrer a punição final.

1.24.46. APOCALIPSE 20:11-15

> Vi um grande trono branco e aquele que está sentado nele. A terra e o céu fugiram da presença dele, e não se achou lugar para eles. Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, que estavam em pé diante do trono. Então foram abertos livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que estava escrito nos livros. O mar entregou os mortos que nele estavam. A morte e o inferno entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras. Então a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo. E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado no lago de fogo.

A cena final do capítulo 20 é de um grande trono branco. Essa é a cena do julgamento final. A Terra e o céu não são mais necessários. O tempo para este mundo acabou – seu propósito foi cumprido. Não se achou mais lugar para os presentes céus e terra – Pedro informou que o mundo físico será incinerado (2 Pedro 3:10) e o céu dará lugar a novo céu. Essa imagem dos céus e terra não tendo mais lugar diante do juízo final se encaixa no ensino do Novo Testamento (Hebreus 1:10-12; 2 Pedro 3:10). Todos os mortos estão de pé diante do trono de Cristo (2 Coríntios 5:10). "Livros" contendo os atos das pessoas são abertos em preparação para o julgamento, sendo que os

mortos foram julgados pelo que estava escrito nos livros, de acordo com o que haviam feito. Os justificados comparecerão diante de Cristo, não para receberem juízo (João 5:24-29), mas para receberem a constatação de sua justificação para poderem entrar nos novos céus e nova terra. Os não justificados serão encaminhados para a punição final do lago de fogo.

O mar, a morte e o *hades* (traduzido aqui como "inferno") entregando seus mortos é uma figura que enfatiza ainda mais que esse é o julgamento final de que ninguém escapará. O mar pode estar entregando os mortos que foram tragados pelo dilúvio na época de Noé (Jó 26:5) e a morte e o *hades* entregando os demais ímpios. Se o abismo próximo ao *sheol/hades* tiver encerrado em si os anjos que pecaram (veja 1.21.1. 2 Pedro 2:4), eles implicitamente são entregues juntamente com os ímpios do *hades*. Então, a morte e o *hades* (e implicitamente o abismo) foram lançados no lago de fogo. Isso demonstra que não haverá mais morte a partir do julgamento final, e não haverá mais o *hades*. Uma vez que não há mais morte e nem mais Terra, não existe mais a necessidade do "mundo dos mortos" (Apocalipse 20:11).

O verso 15 contém uma mensagem crítica sobre o futuro das pessoas: se alguém não tiver seu nome no "Livro da Vida" será lançado no lago de fogo. O "Livro da Vida" representa algo como uma lista dos justificados, os quais experimentam comunhão eterna com Deus. Aqueles que não estiverem nesse livro não foram justificados por Deus, os quais participam do destino do lago de fogo, o qual é a segunda morte – a separação eterna de Deus. Não se pode compreender o quão horrível é estar longe de Deus e, por isso, as Escrituras usam imagens como tormento de dia e noite para sempre para comunicar tal realidade. Haverá grande sofrimento no castigo eterno. Também, não há nada aqui que sugira que a punição eterna de pessoas, ou de Satanás, seja a extinção de existência. "Tormento dia e noite para todo o sempre" não aponta para aniquilação, mas para sofrimento, uma vez que os ímpios estarão em total separação de Deus.

A cena do julgamento final conclui Apocalipse 20. Três antagonistas do livro, o Império Romano, sua falsa religião (culto imperial), e Satanás, foram jogados no lago de fogo. Todos os mortos apareceram de pé diante do trono e os livros foram abertos. Aqueles cujos nomes não foram escritos no "Livro da Vida", ou seja, aqueles que não foram justificados, também foram lançados no lago de fogo, onde eles, juntamente com Satanás, serão atormentados dia e noite para todo o sempre. A cena mostrou o fim do mundo e julgamento final logo após a segunda vinda de Cristo ter incinerado os ímpios que marcharam contra os cristãos.

1.24.47. APOCALIPSE 21:1-8

> E vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a Nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, preparada como uma noiva enfeitada para o seu noivo. Então ouvi uma voz forte que vinha do trono e dizia: "Eis o tabernáculo de Deus com os seres humanos. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles e será o Deus deles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima. E já não existirá mais morte, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram." E aquele que estava sentado no trono disse: "Eis que faço novas todas as coisas." E acrescentou: "Escreva, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras." Disse-me ainda: "Tudo está feito! Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida. O vencedor herdará estas coisas, e eu serei o Deus dele e ele será o meu filho. Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos imorais, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que está queimando com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte."

Não há nada no contexto que sugira uma sequência cronológica diferente do capítulo 20. De fato, o início começa novamente com as palavras "E vi", denotando sequência. O contexto do capítulo 21 indica muito fortemente um vislumbre do futuro, seguindo a cronologia do capítulo 20, a qual se segue após a derrota de todos os inimigos de Deus, inclusive a morte (a própria morte foi jogada no lago de fogo). Se até mesmo a morte, o último inimigo, foi vencida, definitivamente esse é o início do estado eterno perfeito. Sobre os marcadores de tempo do livro em Apocalipse 1:1-3; 22:6-7,10 e os eventos futuros, veja 1.24.1. Apocalipse 1:1-3.

João viu novos céus e nova terra porque os primeiros haviam passado em Apocalipse 20:11, ou seja, o propósito do mundo físico foi cumprido. Ele foi incinerado (2 Pedro 3:10) e, agora, novos céus e terra tomam lugar. Essa não é a primeira vez que essa imagem é usada nas Escrituras. Isaías profetizou sobre o mesmo tempo de restauração em Isaías 65:17; 66:22. Sua descrição de novos céus e nova terra espelha o que João viu. Pedro também

falou dessa era vindoura (2 Pedro 3:10-13), escrevendo sobre a mesma linha do tempo observada no Livro de Apocalipse: os céus físicos e a Terra são queimados e dissolvidos. Todas as obras feitas na Terra são expostas, o que é o mesmo que os livros que estão sendo abertos diante do trono em Apocalipse 20:12. Uma vez que essas coisas sejam cumpridas, Pedro disse que há um novo céu e nova terra onde habita a justiça. Na visão de João, o reino de Deus foi totalmente consumado, todos os inimigos foram colocados em sujeição. O apóstolo Paulo ensinou que o último inimigo a ser destruído no reino de Cristo é a morte (1 Coríntios 15:25-26). Apocalipse 20 concluiu com a morte e o *hades* sendo jogados no lago de fogo. Paulo disse em 1 Coríntios 15:24 que o fim virá depois que Cristo houver "destruído todo principado, bem como toda potestade e poder".

Na visão, o mar não existe mais. Há duas boas explicações para esse símbolo. A primeira explicação liga o mar ao contexto imediato, sugerindo que ele pertence à mesma categoria de céus e terra que passaram no mesmo verso. Assim, seria o mesmo mar da sociedade humana de onde surgiu a besta (Apocalipse 13:1). O mar tem uma referência ao reino do mal (Isaías 57:20). Incluído nesse mal está uma representação da massa da humanidade (conforme Apocalipse 20:13). As nações do mal e a maldade do mundo passaram junto com os céus e a terra físicos. A segunda explicação identifica o mar com o mar de vidro (Apocalipse 4:6; 15:2). Nessa segunda interpretação, o mar representa a separação entre Deus e suas criaturas, e seria uma progressão da separação (Apocalipse 4:6) à transição (Apocalipse 15:2) à proximidade (Apocalipse 21:1). Ambas as interpretações enfatizam as novas bênçãos para os fiéis depois do castigo dos ímpios.

Apocalipse 21:2-8 confirma o entendimento de que os novos céus e nova terra se tratam da restauração completa do povo de Deus e a consolidação do reino de Cristo como completo em relação a subjugar todas as autoridades e poderes. O verso 2 mostra a cidade santa, a Nova Jerusalém, descendo do céu da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para seu marido. Essa imagem da noiva foi apresentada em Apocalipse 19:7-8, onde a noiva representou o santo povo de Deus e as roupas brilhantes representaram os atos puros e justos dos santos (Efésios 5:25-27).

O apóstolo Pedro escreveu que cristãos anseiam pelos novos céus e nova terra (2 Pedro 3:13). O verso 3 informa que a morada de Deus agora está com os humanos. As Escrituras revelam que quando pessoas se achegam a Cristo, se tornam o povo de Deus e Deus as abençoa. Efésios 5:25-27 descreve uma união real de Cristo com a Igreja, o povo de Deus. João está vendo o que vai acontecer na conclusão do julgamento final. O reino de Cristo foi estabelecido na Igreja, em Atos 2, e todos aqueles que aceitam o convite de Cristo participam desse reino, assim como João descreveu a si mesmo como um companheiro participante do reino (Apocalipse 1:9). No entanto, Apocalipse 21 está retratando a Igreja em seu estado aperfeiçoado no pleno reinado de Cristo. João está vendo a recompensa eterna sendo dada ao povo de Deus.

O verso 4 valida a compreensão de que a visão está mostrando ao povo de Deus seu futuro, o estado aperfeiçoado recebendo a eterna recompensa no final dos tempos. Deus enxugará toda lágrima de seus olhos. Enquanto estavam na Terra, os cristãos do Apocalipse tinham sofrido, estando cheios de lágrimas e de dor (foram perseguidos e mortos). Deus enxugando as lágrimas significa que ele está dando perfeito consolo a seu povo. Isaías mostrou exatamente esse ponto quando falou de chorar pela destruição da nação, mas depois profetizou um tempo de consolo quando Deus enxuga as lágrimas (Isaías 22:4; 25:8). Nos novos céus e terra, Deus consolará seu povo. Não haverá mais morte, não haverá mais luto e não haverá mais choro. O pesar e a dor não existirão mais porque todas essas coisas já passaram. Cristo foi vitorioso. Ele conquistou todos os poderes e autoridades e o povo de Deus pode descansar.

O verso 5 apresenta a linguagem da certeza profética, ou seja, coisas do futuro apresentadas como já cumpridas por causa da certeza de seu cumprimento. Dizer aos cristãos do primeiro século "Eis que faço novas todas as coisas" é uma mensagem de encorajamento. O reino de Cristo já tinha sido estabelecido no primeiro século e ali o processo de restauração começou. A queda da nação judaica e do Império Romano têm sido passos necessários à medida que os reinos do mundo são colocados em sujeição ao reino de Cristo. Os reinos do mundo cairão, mas o reino de Cristo permanece sempre. O restante do verso 5 continua a mensagem encorajadora, pois essas palavras são confiáveis e verdadeiras. Cristo está reinando no trono e os cristãos anseiam por essa promessa, garantida por Deus, de receberem as bênçãos e recompensas eternas por permanecerem fiéis a ele, mesmo diante de sofrimento, choro, dor ou morte.

Nesse ponto, é declarado que tudo está feito. A destruição dos inimigos e a salvação dos santos foi realizada. Esse trabalho de destruir os inimigos e trazer a salvação ao mundo começou na cruz, onde Jesus clamou "Está consumado!", e termina quando os inimigos estiverem todos derrotados, um ponto onde Cristo retorna o reinado a Deus Pai (1 Coríntios 15:24). Deus se apresentou como "o Alfa e Ômega" no início do livro (Apocalipse 1:8) e Jesus se declarou "o primeiro e o último" (Apocalipse 1:17; 2:8). Essas expressões mostram não somente a eternidade de Deus e de Jesus, mas as suas capacidades de cumprir suas palavras, de terminar o que começaram. Há garantia de que as bênçãos prometidas ao povo redimido serão concedidas. A promessa é dar ao sedento a fonte da água viva como um presente. Jesus disse essas palavras enquanto estava na Terra (João 7:37-39). A imagem vem de Isaías 55:1-2. Os vitoriosos herdarão essas bênçãos e heranças (Apocalipse 21:7). A herança é deles.

Em contraste, a segunda morte aguarda aqueles que renunciam à fé, aqueles que são incrédulos, ou que se envolvem nos pecados do mundo. Os "covardes" provavelmente são aqueles que recusaram servir Jesus até a morte: eles amaram suas vidas mais do que amaram o Senhor, temendo a perseguição e não mantendo a fé. Eles, juntamente com os pecadores do mundo, serão todos lançados no lago que arde com fogo e enxofre – a eterna separação de Deus, sua ira que arde como fogo. Os fiéis, em contraste, anseiam por um lar com o Senhor, se apegam a essas promessas e não as entregam por nada. A recompensa por vir vale os sacrifícios e o sofrimento.

1.24.48. APOCALIPSE 21:9-21

> Então veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias dos últimos sete flagelos e falou comigo, dizendo: "Venha, vou mostrar-lhe a noiva, a esposa do Cordeiro." E ele me levou, no Espírito, a uma grande e elevada montanha e me mostrou a cidade santa, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, a qual tem a glória de Deus. O seu brilho era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina. Tinha uma muralha grande e alta, com doze portões, e, junto aos portões, doze anjos. Sobre os portões estavam escritos nomes, a saber, os nomes das doze tribos dos filhos de Israel. Três portões se achavam a leste, três, ao norte, três, ao sul, e três, a oeste. A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e sobre estes estavam os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. Aquele que falava comigo tinha por medida uma vara de ouro para medir a cidade, os seus portões e a sua muralha. A cidade tinha a forma de um quadrado, de comprimento e largura iguais. E mediu a cidade com a vara, e tinha doze mil estádios. O seu comprimento, largura e altura são iguais. Mediu também a sua muralha, e tinha cento e quarenta e quatro côvados, pela medida humana que o anjo usava. A muralha é feita de jaspe e a cidade é de ouro puro, semelhante a vidro límpido. Os alicerces da muralha da cidade estão enfeitados de todo tipo de pedras preciosas. O primeiro alicerce é de jaspe; o segundo, de safira; o terceiro, de calcedônia; o quarto, de esmeralda; o quinto, de sardônio; o sexto, de sárdio; o sétimo, de crisólito; o oitavo, de berilo; o nono, de topázio; o décimo, de crisópraso; o décimo primeiro, de jacinto; e o décimo segundo, de ametista. Os doze portões são doze pérolas, e cada um desses portões é feito de uma só pérola. A praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente.

O anjo mostrou a João os detalhes da natureza da "noiva" ou "esposa" de Jesus: a cidade santa, a Jerusalém espiritual, representando a Igreja do Senhor glorificada. A figura da cidade santa e perfeita representa o estado abençoado do povo de Deus restaurado, uma imagem comum nos profetas do Antigo Testamento como Ezequiel e Isaías, e empregada aqui para mostrar o povo abençoado depois de suportar os ataques dos inimigos. A cidade mundana tinha a vergonha da meretriz. A cidade santa tem a glória de Deus. A Igreja no Novo Testamento é a casa ou santuário de Deus (1 Timóteo 3:15; 1 Coríntios 3:16-17). O Espírito Santo habita no corpo do discípulo de Jesus (1 Coríntios 6:10-20). A cidade brilha. Pedras preciosas foram usadas para representar o povo de Israel nas vestes sacerdotais (Êxodo 39:6-7). Pedras preciosas foram usadas na construção do templo em Jerusalém (1 Crônicas 29:2; 1 Reis 5:17; 2 Crônicas 3:6). No Novo Testamento, os cristãos são as pedras preciosas da casa espiritual (1 Pedro 2:4-5; 1 Coríntios 3:10-12), pois refletem a glória do Senhor (2 Coríntios 3:18). Jaspe é uma pedra que se apresenta em várias cores, e a jaspe cristalina sugere a pedra branca, assim representando a santidade brilhante da Nova Jerusalém.

As cidades antigas normalmente foram protegidas por muralhas que separavam os cidadãos dos seus inimigos. Zacarias, em uma visão de Jerusalém, ouviu Deus dizer ser um muro de fogo em redor e sua glória (Zacarias 2:5). O muro ao redor do templo, na visão de Ezequiel, servia para fazer separação entre o santo e o profano (Ezequiel 42:20). Os servos do Senhor acham refúgio, santificação e proteção em Jesus (Mateus 11:28; Colossenses 3:3). A cidade representa o povo aperfeiçoado habitando na presença de Deus e o número doze se destaca como o número do povo de Deus. A cidade simbólica nos últimos capítulos de Ezequiel tinha, também, doze portas representando as doze tribos (Ezequiel 48:30-34). A cidade santa na visão tem três portas a leste, três ao

norte, três ao sul e três a oeste; no acampamento dos israelitas no deserto, três tribos se posicionavam de cada lado do tabernáculo (Números 2). Completando a figura do povo redimido, os doze apóstolos se juntam às doze tribos na imagem dos fundamentos da cidade. Paulo escreveu que os cristãos são edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo Jesus a pedra angular (Efésios 2:20).

O anjo que explicou a João estava pronto para medir a cidade e mostrar a diferença entre o santo e o profano. Zacarias viu um homem com um cordel para medir Jerusalém, mostrando a glória de Sião como a "menina do olho de Deus" (Zacarias 2:1-13). Ezequiel viu a derrota de Gogue seguida por uma visão em que o templo foi medido antes de Deus voltar para habitar no meio do povo (Ezequiel 40:1-42:20). O ato de medir mostra a perfeição do padrão da santidade divina, em contraste com a impureza do povo antes de ser redimido (Ezequiel 43:10-12). A cidade quadrangular é um cubo perfeito, como foi o Santo dos Santos no templo do Antigo Testamento (1 Reis 6:20) e, também, como as medidas iguais dos lados do templo em Ezequiel 48:16-17.

O anjo mediu a cidade com a vara até doze mil estádios. Doze (o número do povo de Deus) vezes mil (um número de completude, dez vezes dez vezes dez) simboliza a totalidade do povo de Deus. 12.000 estádios é equivalente a, aproximadamente, 2.200 quilômetros. Essa cidade, se fosse entendida literalmente, teria mais do que a metade da área do Brasil e se estenderia a 2.200 quilômetros para cima, 250 vezes mais alta do que o monte Everest, o pico mais alto do mundo. Não caberia na Palestina. Obviamente, como outros aspectos da visão, isso deve ser entendido figuradamente. Além do mais, a Nova Jerusalém pousou sobre os novos céus e nova terra, não sobre o presente planeta Terra. A medição da muralha, de cento e quarenta e quatro côvados, pode ser da altura ou da espessura da muralha, mas isso realmente não importa. O ponto não é de uma medida literal de 65 metros, mas do valor simbólico de doze vezes doze. Tudo nessa cidade mostra a perfeição do povo na presença de Deus – uma "noiva sem mácula".

A parte da descrição da Nova Jerusalém lembra a promessa de Deus de edificar os muros, as portas e os baluartes de Sião com joias e pedras preciosas (Isaías 54:11-12). João empregou linguagem semelhante para falar do reino de Cristo. A estrutura da muralha é de jaspe, característica da glória de Deus e, agora, da "noiva" de Cristo. A cidade é de ouro puro, semelhante a vidro límpido, pois o elemento mais destacado no tabernáculo e no templo do Antigo Testamento foi o ouro, o qual representa a preciosidade e a pureza. Mesmo o ouro anteriormente utilizado para idolatria passava pela purificação por fogo e se tornava útil para uso no serviço sagrado (Josué 6:19; Números 31:22-23). Da mesma maneira, pessoas podem ser purificadas e se tornarem "ouro" para serem úteis na casa de Deus (2 Timóteo 1:20-22).

Já foi dito que as pedras da muralha têm os nomes dos doze apóstolos em Apocalipse 21:14. É mostrada também a preciosidade deles na edificação da Igreja por meio da citação dos nomes de doze das mais valiosas pedras conhecidas na época. Não há proveito em tentativas de atribuir um significado especial a cada pedra, elas apenas fazem parte da representação total do povo do Senhor, como também faziam as doze pedras no peitoral do sacerdote na Antiga Aliança (Êxodo 28:15-21). As doze portas sendo doze pérolas fazem parte da figura de uma cidade perfeita, preciosa e gloriosa, pois ela representa a perfeição da comunhão dos santos com Deus. A praça da cidade sendo de ouro puro, como vidro transparente, mostra pureza total e de uma magnitude que desafia a imaginação. Os recursos de ouro que Salomão recebia durante seu reinado foram impressionantes (1 Reis 10:14-22), mas não seriam nada em contraste se comparados com um símbolo de uma "cidade de 2.200 quilômetros cúbicos" feita de ouro, com a praça de ouro puro, límpido como vidro. A santidade se tornou linda aos olhos de João e deve se tornar igualmente bonita, perfeita e desejável aos olhos de cada servo do Senhor (Hebreus 12:14; Salmo 19:7-10).

1.24.49. APOCALIPSE 21:22-29

> Não vi nenhum santuário na cidade, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro. A cidade não precisa do sol nem da lua para lhe dar claridade, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua lâmpada. As nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória. Os seus portões jamais se fecharão de dia, pois nela não haverá noite. E lhe trarão a glória e a honra das nações. Nela não entrará nada que seja impuro, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no Livro da Vida do Cordeiro.

João não viu santuário na cidade porque o seu santuário é o próprio Deus e também Jesus. O santuário do Antigo Testamento servia para representar a presença de Deus. Era uma sombra da comunhão íntima dos santos

com o Senhor. Mas o Cordeiro trouxe essa comunhão íntima, habitou entre os homens (João 1:14), prometeu fazer morada nos fiéis (João 14:23). No Apocalipse, Deus estendeu sobre os fiéis o seu santuário (Apocalipse 7:15). Ele é o santuário verdadeiro dos seus servos. Deus é a única fonte de luz nessa visão pois ele é luz (1 João 1:5). No universo físico, ele colocou o Sol, a Lua e as estrelas para iluminar a Terra, mas a luz já existia antes da criação desses luzeiros (Gênesis 1:3,14-19). Isaías usou o mesmo conceito para descrever a bênção da comunhão no reino messiânico (Isaías 60:1-3,19-20). Jesus afirmou claramente ser a luz do mundo e fornecer a luz da vida (João 8:12).

As nações andando mediante a luz da cidade na visão, com os reis da terra trazendo sua glória, é um retrato das várias profecias de salvação dos gentios cumpridas. Em Isaías 60:3, o profeta olhou para a glória futura do reino de Cristo e falou que as nações e reis iam se encaminhar para a luz de Deus. As portas da cidade na visão nunca fecham de dia e nela não há noite, ou seja, a salvação e a oportunidade de entrar no reino do Senhor estão estendidas a todos aqueles que forem fiéis. As nações e os reis têm esse privilégio de poderem participar do reino eterno de Cristo ao se converterem ao Senhor. A iluminação constante representa a bênção do perdão que Deus deu (Isaías 30:26). A entrada dos povos traz glória para Deus (Isaías 60:11). Isaías falou, várias vezes, da glória que as nações dariam para o Senhor e para o povo fiel (Isaías 45:14; 49:22-23; 60:5,11-14; 61:6).

Na visão, nunca jamais entrará coisa alguma contaminada com pecado na cidade, nem aquele que pratica abominação e mentira (eles estarão no lago de fogo). Isaías, 800 anos antes de João ver essa visão, escreveu que o imundo não passará pelo caminho santo pois ele será somente para o povo de Deus (Isaías 35:8; 52:1). A Igreja é composta dos santificados, é a nação santa (1 Pedro 2:9). No Antigo Testamento, pessoas com defeitos físicos foram proibidas de servir como sacerdotes no santuário (Levítico 21:16-24), prefigurando a pureza espiritual dos "sacerdotes" na Nova Aliança, os santificados que habitam em Deus. Os habitantes da cidade santa são as pessoas que pertencem ao Cordeiro (aqueles que estão no Livro da Vida).

Assim, a Nova Jerusalém descendo do céu é uma imagem do povo de Deus em seu estado aperfeiçoado, recebendo as recompensas eternas e as bênçãos finais prometidas por sua fidelidade a Deus (conforme Apocalipse 19:7-8).

1.24.50. APOCALIPSE 22:1-5

> Então o anjo me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da praça da cidade, e de um e de outro lado do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês. E as folhas da árvore são para a cura dos povos. Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o adorarão, contemplarão a sua face, e na sua testa terão gravado o nome dele. Então já não haverá noite, e não precisarão de luz de lamparina, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão para todo o sempre.

Mais uma vez, não há nada no contexto que sugira uma sequência cronológica diferente dos capítulos 20 e 21. O capítulo inicia com a palavra "Então", denotando sequência. O contexto de algumas visões desse capítulo indica muito fortemente um vislumbre do futuro, seguindo a cronologia dos capítulos 20 e 21. Sobre os marcadores de tempo do livro em Apocalipse 1:1-3; 22:6-7,10 e os eventos futuros, veja 1.24.1. Apocalipse 1:1-3.

O anjo mostrou a João o rio da água da vida. Esse rio de água viva é retratado como sendo tão brilhante quanto cristal, desejável e belo. Essas são as águas correntes que trazem vida, águas puras, fluindo do trono de Deus e do Cordeiro. Não há templo na cidade, Deus e o Cordeiro estão no trono e o rio da vida flui dele pelo meio da cidade. Todos aqueles que pertencem a essa cidade têm acesso ao rio da água da vida. Zacarias e Ezequiel usaram as mesmas imagens para esse conforto glorioso aos fiéis (Ezequiel 47:1-2,8-9; Zacarias 14:8). De cada lado do rio da água da vida está a árvore da vida, a qual produz frutos a cada mês e as folhas trazem cura para as nações. Essa imagem também vem da profecia de Ezequiel (Ezequiel 47:7,12) e convida todos a buscarem a Deus para cura, a qual é disponibilizada em todas as estações (não apenas em uma primavera ou verão). Em outras palavras, a vida perfeita está disponível o tempo todo em Deus.

O rio da água da vida e da árvore da vida representa a vida da eterna comunhão com Deus e Cristo, sem qualquer tipo de doença ou falha. A última vez que a árvore da vida apareceu foi no Jardim do Éden, em Gênesis (Gênesis 2:9). Quando Adão e Eva pecaram, tiveram que ser expulsos do jardim, perdendo acesso a essa árvore. Isso simbolizava sua separação de Deus. Eles não poderiam estar em eterna comunhão com Deus, nem poderiam

estar na presença de Deus, por causa do pecado. Não podiam ter uma vida perfeita livre de doenças e falhas. A árvore da vida é retratada agora como estando no meio da Nova Jerusalém, representando o povo de Deus tendo plena comunhão com ele e acesso total à vida eterna para sempre. Esse acesso e essa cura estão disponíveis para todas as pessoas: por meio da conversão ao Senhor, qualquer um pode fazer parte do povo de Deus e participar dessa eterna comunhão que está por vir.

Os versos 3 a 5 explicam os efeitos da árvore da vida e do rio da água da vida. Não há nada amaldiçoado, ao contrário do que aconteceu com Adão e Eva por causa de seu pecado, o qual resultou nas consequências de eles experimentarem maldições. Não há pecado e, portanto, não há nada maldito. O trono de Deus e do Cordeiro estão no meio dessa cidade e seus servos adoram a Deus. O verso 4 mostra a profundeza da comunhão com os servos de Deus e do Cordeiro vendo seus rostos e com seus nomes estando em suas testas. A esperança do povo de Deus é finalmente realizada: ver Deus face a face. Os piedosos são retratados como sacerdotes, adorando a Deus em sua presença, vendo seu rosto. Seu nome na testa dos servos continua a retratar a íntima comunhão entre Deus e seu povo. Deus reconhece seu povo: os fiéis que não sucumbiram a adorar falsos deuses e ídolos. Essa imagem mostra o cumprimento da promessa de Deus feita aos cristãos da igreja de Filadélfia (Apocalipse 3:12). Não há noite na cidade porque os justificados vivem na luz e na glória de Deus, tudo sendo perfeito. Não há mais mal, morte ou dor, como Isaías profetizou em Isaías 60:19-20. Os servos de Deus reinam para todo o sempre com o Senhor, assim como Daniel profetizou e Jesus prometeu (Daniel 7:17; Apocalipse 3:21).

1.24.51. APOCALIPSE 22:6-21

> Então o anjo me disse: "Estas palavras são fiéis e verdadeiras. O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou o seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer." "Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro." Eu, João, sou quem ouviu e viu estas coisas. E, depois de ter ouvido e visto, prostrei-me diante dos pés do anjo que me mostrou essas coisas, para adorá-lo. Mas ele me disse: "Não faça isso! Sou um servo de Deus, assim como são você e os seus irmãos, os profetas, e como são os que guardam as palavras deste livro. Adore a Deus!" Disse-me ainda: "Não sele as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo. Continue o injusto a fazer injustiça, e continue o imundo a ser imundo. O justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se. Eis que venho sem demora, e comigo está a recompensa que tenho para dar a cada um segundo as suas obras. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim. Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestes, para que tenham direito à árvore da vida e entrem na cidade pelos portões. Fora ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras e todo aquele que ama e pratica a mentira. Eu, Jesus, enviei o meu anjo para dar testemunho destas coisas a vocês nas igrejas. Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da Manhã. O Espírito e a noiva dizem: 'Vem!' Aquele que ouve, diga: 'Vem!' Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida." Eu, a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro. E, se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa e das coisas que estão escritas neste livro. Aquele que dá testemunho destas coisas diz: "Certamente venho sem demora." Amém! Vem, Senhor Jesus! A graça do Senhor Jesus esteja com todos.

No verso 6 a cronologia e as imagens estão concluídas. João parece ter estado próximo ao anjo quando ele deu suas instruções finais ao apóstolo e aos leitores do livro. As palavras dessa profecia dada no Livro de Apocalipse são confiáveis e verdadeiras. O Senhor que inspirou os profetas enviou seu anjo para mostrar aos seus servos o que deve acontecer em breve. Acontecer em breve significa que a cadeia de eventos do livro começou a ocorrer logo após João receber a revelação (veja 1.24.1. Apocalipse 1:1-3).

Jesus acrescentou ainda mais a essa mensagem: "E eis que venho sem demora". Essa declaração reitera o que é declarado no primeiro e no terceiro verso do Livro de Apocalipse (Apocalipse 1:1,3). Isso não significa que a segunda vinda de Cristo virá sem demora, mas que suas vindas para julgamentos locais eram iminentes. A vinda de Cristo é encontrada no livro em uma sequência de eventos. O Livro do Apocalipse revelou primeiro a queda da nação judaica e a destruição de Jerusalém, depois a queda do Império Romano e sua falsa religião. Além disso, o livro revelou o fim dos ímpios, o fim de Satanás, o julgamento final e o galardão final. De fato, Jesus veio em breve em relação a quando João escreveu o livro – com julgamentos locais. O início do Apocalipse afirmou que essas coisas devem acontecer em breve (Apocalipse 1:1) e que o tempo estava próximo (Apocalipse 1:3). O final do livro afirma o mesmo: essas coisas devem acontecer em breve (Apocalipse 22:6) e o Senhor está chegando (Apocalipse 22:7). Isso significa que os acontecimentos do livro já tiveram seu início pouco tempo depois de João receber a

revelação. Sobre os marcadores de tempo do livro em Apocalipse 1:1-3; 22:6-7,10 e os eventos futuros, veja 1.24.1. Apocalipse 1:1-3.

Há outro chamado para fidelidade e perseverança: bem-aventurados são aqueles que guardam as palavras da profecia do Apocalipse. A mensagem tem sido ser fiel até a morte e não adorar os falsos ídolos. João se tornou tão alegre com a mensagem que ele novamente caiu para adorar aos pés do anjo, o qual disse a ele para não fazer isso, uma vez que somente Deus deve ser adorado. Então o anjo disse a João para não selar as palavras da profecia encontrada no livro porque o tempo está próximo – e isso é um paralelo ao final da profecia de Daniel. No final da profecia de Daniel, o anjo disse ao profeta para selar o livro até o tempo do fim, porque o tempo não estava próximo (Daniel 12:4,9). Seria "um tempo, tempos e metade de um tempo" (um período limitado de sofrimento e tribulação) antes que todas aquelas coisas terminassem (Daniel 12:6-7). O verso 11 também mostra uma conexão direta com Daniel 12, a qual é a melhor explicação do que o anjo estava dizendo a João. Os ímpios não vão entender que o destino deles está predito e selado. Os sábios, que são os justos, entenderão e permanecerão fiéis durante as tribulações profetizadas. Essa verdade do Apocalipse é observada na pregação do evangelho: os justos aprendem com a pregação da Palavra de Deus e são fortalecidos e encorajados. Os ímpios não se importam, tomam a Palavra de Deus de modo irreverente e continuam em seus maus caminhos. Isso não significa que cristãos devam parar de pregar, mas que, diante da glória das bênçãos e revelações de Deus, há iníquos que continuarão sendo iníquos.

O verso 12 lembra a todos os leitores que o Senhor veio nesses julgamentos locais relatados no livro e ele traz recompensa. Ele continuará vindo em julgamentos locais até sua segunda vinda, retribuindo a cada um de acordo com o que fez: os ímpios serão punidos e os justos serão recompensados. Cristo é a soma de todas as coisas, o começo e o fim. Bem-aventurados são aqueles que lavam as suas vestes no sangue do Cordeiro, ou seja, aqueles que se convertem a Deus e se mantém fiéis, porque terão o direito à árvore da vida e poderão entrar na cidade de Deus, ou seja, terão a vida perfeita eterna. As imagens das vestes foram apresentadas em Apocalipse 7:14 – lavar as vestes no sangue do Cordeiro significa segui-lo até a morte, em obediência e submissão. Aqueles que não deram suas vidas totalmente a Jesus estarão do lado de fora da cidade gloriosa, no lago de fogo. Cães eram considerados criaturas desprezadas ao longo das Escrituras e foram usados metaforicamente para identificar os não justificados (Mateus 7:6).

Jesus deu seu testemunho assegurando que esses eventos certamente virão (Apocalipse 22:16). Cristo é o cumprimento das promessas anteriores relativas ao Messias e seu reino. A queda da nação judaica física, a queda do Império Romano com sua falsa religião e a restrição de Satanás já ocorreram. Há um convite para que o leitor se junte aos servos vitoriosos do Cordeiro. Aqueles que têm sede devem buscar o Senhor e receberão a água da vida (conforme Isaías 55:1-2), a vida e bênçãos eternas.

O livro conclui com um último aviso: não se deve alterar sua mensagem. Se alguém acrescentar à profecia do livro, Deus acrescentará àquela pessoa os flagelos neles descritos. Se alguém tirar as palavras da profecia do Livro de Apocalipse, Deus tirará sua parte na árvore da vida e na cidade santa.

1.24.52. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE APOCALIPSE

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Apocalipse, as informações são:

- Apocalipse 1:1-3: o livro coloca marcadores de tempo para seus acontecimentos. A cadeia de acontecimentos do livro deve iniciar de forma breve em relação a quando o livro foi redigido. O livro se trata de visões com significados reais, sendo que períodos de tempo, números, eventos, etc., devem ser entendidos como simbólicos, a não ser que o texto demande entendimento literal;

- Apocalipse 1:7: Cristo governa em autoridade e vem em juízos locais, sendo que ninguém que faz parte desses juízos é excluído. O propósito desses juízos foi trazer o arrependimento às nações, de forma que venham a se tornar parte do reino de Cristo. Os julgamentos contra judeus e romanos não produziram o arrependimento que Deus gostaria que ocorressem, então, ambas as nações acabaram sendo plenamente julgadas;

- Apocalipse 1:13-20: João teve uma visão de Jesus glorificado. Sua descrição pode não corresponder literalmente a como Jesus se parece hoje, sendo os detalhes simbólicos e representativos de características divinas de Jesus. Porém, a descrição pode dar uma ideia de como serão os corpos glorificados dos cristãos que receberão a recompensa final no juízo final, uma vez que os corpos glorificados serão como o corpo de Cristo (Filipenses 3:20-21). Mensageiros humanos das igrejas são descritos como sendo mantidos na mão direita de Cristo, uma imagem de proteção e amor durante o sofrimento que sobrevém a eles. Cristo protege o povo de Deus em sua mão direita enquanto julga os inimigos com a espada de sua boca. Jesus possui poder sobre a morte e o mundo dos mortos, podendo tanto encerrar pessoas lá quanto retirar pessoas de lá. O *sheol/hades* é retratado como uma espécie de prisão. É possível que, quando Cristo ascendeu aos céus, levou os fiéis cativos no *sheol/hades* (e, implicitamente, o "paraíso") ao "terceiro céu" de 2 Coríntios 12:2-4. Isso é apoiado pelo fato de que o Antigo Testamento retrata que todos os mortos, fiéis ou não, vão para o *sheol*, mas no Novo Testamento quase sempre os fiéis são retratados no céu. Se for assim, os fiéis que morreram antes da ascensão de Cristo foram para uma parte do *sheol/hades* onde havia conforto (o que está de acordo com o exposto em Lucas 16:19-31) e, posteriormente, foram levados ao céu após a ascensão do Senhor. Desse momento em diante, todos os fiéis passam a ir para o paraíso que está no próprio céu. O Novo Testamento parece sempre retratar os fiéis no céu após a vitória de Cristo, especialmente no Livro de Apocalipse;

- Apocalipse 2:7: o paraíso é associado com a habitação de Deus. O justificado por Deus terá a vida eterna na habitação de Deus;

- Apocalipse 2:11: a morte é sempre uma separação (Tiago 2:26). A "primeira morte" é a morte física, a separação de corpo e espírito. A "segunda morte" é a separação do indivíduo de Deus. O vencedor, ou seja, o justificado por Deus, não sofrerá o dano da segunda morte, ou seja, o banimento da presença de Deus;

- Apocalipse 2:17: os justificados partilharão da graça e fidelidade de Deus e serão admitidos no júbilo da congregação eterna;

- Apocalipse 2:26-29: os justificados julgarão nações e reinarão com Cristo pela eternidade, recebendo o próprio Cristo, a "estrela da manhã";

- Apocalipse 3:5: o justificado terá seu nome confessado por Jesus diante de Deus Pai e dos anjos, jamais deixará a vida eterna, e estará para sempre em vitória, pureza, santidade e glória;

- Apocalipse 3:10-12: houve um período de provação que afligiu o mundo conhecido da época (o mundo romano). Isso provavelmente é uma referência à perseguição que começou no reinado de Domiciano e que causou terrível sofrimento e a morte de centenas de milhares de pessoas. Cristo veio em uma visitação para julgar malfeitores e proteger os fiéis, os quais permanecerão no céu para sempre, em comunhão eterna com ele. Jesus confessará abertamente os nomes dos seus servos;

- Apocalipse 3:21: os justificados terão o privilégio de reinar com Cristo;

- Apocalipse 6:1-8: a abertura dos selos começa a revelar as "coisas que devem em breve devem acontecer" (Apocalipse 1:1): os julgamentos de Deus na terra são retratados como afetando muitos por meio das típicas pragas usadas por Deus. Desde a queda do ser humano em pecado, Deus prega para arrependimento e, se não há arrependimento, ocorre julgamento contra a nação ou povo. Cristo reina do céu e executa os juízos locais contra as nações. A morte por meio da guerra e/ou animais selvagens, fome e pestilência são juízos característicos de Deus. Essas ferramentas de juízo foram prometidas por Deus para serem usadas contra Israel caso a nação fosse desobediente. Os selos têm paralelo com a imagem que Jesus revelou em Mateus 24 sobre a destruição de Jerusalém. O julgamento da nação judaica estava em vista;

- Apocalipse 6:9-11: as almas daqueles que foram mortos por causa da Palavra de Deus e por seu testemunho clamavam por justiça, mas tiveram que aguardar porque o julgamento não ia acontecer imediatamente. Antes, mais pessoas iam ser mortas por causa de Cristo. As almas desincorporadas dos

fiéis foram retratadas como conscientes após a morte física, sendo que suas aparências puderam ser reconhecidas como pessoas pelo apóstolo João. Os perseguidores dos cristãos no primeiro século foram primeiramente os judeus e, depois, os romanos. No caso das sete igrejas da Ásia, quem estava perseguindo os cristãos eram os judeus (aqueles que dizem ser judeus, mas não eram, apenas eram uma "sinagoga de Satanás", como declarado para a igreja em Esmirna e a igreja em Filadélfia);

- Apocalipse 6:12-17: todos na terra devem aprender ao observar a ira de Deus sobre um povo e devem aprender a temer a Deus de forma a se voltar a ele. Deus julgando uma nação deveria ser uma lição objetiva para o resto das nações da terra. Um dos grandes dias da ira de Deus chegou e os condenados não o podem suportar. Esse é o ponto principal dos seis selos. Aqueles que morreram pela Palavra de Deus são vitoriosos;

- Apocalipse 7:1-3: os fiéis são identificados como pertencentes a Deus e terão proteção espiritual nos momentos de tribulação durante os julgamentos do Senhor;

- Apocalipse 7:4-8: a totalidade dos servos de Deus que se encontra na área de julgamento se beneficia de proteção espiritual contra os eventos dos períodos de juízo. Eles são de propriedade de Deus porque são fiéis a ele;

- Apocalipse 7:9-17: a totalidade dos fiéis que passaram pela grande tribulação que ocorreu pouco antes de Jerusalém ser destruída em 70 d.C. está constantemente diante do trono de Deus por causa de sua fidelidade. Deus os abrigou com sua presença e, após o sofrimento, nada mais de ruim vai acontecer a esses justificados. Da mesma forma, o Senhor protege todos aqueles que são fiéis a ele, em todas as épocas. Essa imagem é ampliada em Apocalipse 21 com o Senhor no meio da Nova Jerusalém;

- Apocalipse 8:1-5: Deus agiu em resposta às orações do seu povo e começou a efetuar os juízos contra os inimigos – primeiramente, o alvo dos juízos são os judeus incrédulos;

- Apocalipse 8:6-13: julgamentos parciais que afetaram fontes de alimentos, transporte marítimo e água potável foram efetuados contra a nação judaica. Ela também foi tratada por Deus com amargura. O juízo para a queda da nação era iminente. Os julgamentos foram realizados a fim de trazer as pessoas ao arrependimento;

- Apocalipse 9:1-12: com a permissão de Deus, Satanás afligiu a nação judaica usando os exércitos do Império Romano. As visões envolvendo Abadom e Apoliom, o abismo e os gafanhotos saindo dele invocam as imagens do Antigo Testamento que retratam o *sheol/hades*. Ele é retratado como estando nas profundezas da terra, possuindo um abismo referido como *abaddon* próximo a si, além das águas das profundezas. É possível que anjos que pecaram tenham sido aprisionados nesse abismo. Se for assim, as visões de João assemelham simbolicamente o exército romano como hostes malignas que estavam aprisionadas no abismo/tártaro/*abaddon/apoliom* e que foram permitidas por Deus a serem libertadas por Satanás para atacar a nação judaica como juízo. Satanás é um anjo caído e ele está encarregado do abismo próximo ao *sheol/hades*. Se o abismo permitiu liberação de fumaça, pode ser que lá haja fogo. Provavelmente, a visão do exército romano como hostes do abismo tem a intenção de reforçar o terror que esse exército provoca;

- Apocalipse 9:13-21: Deus trouxe julgamentos terríveis contra a Judeia e Jerusalém ao permitir Satanás mover o Império Romano contra a nação judaica. Deus estava chamando a nação para se arrepender e, também, tinha o objetivo que as outras nações se arrependessem com o exemplo. As pessoas não se arrependeram com os julgamentos parciais terríveis. Sendo assim, os juízos continuaram, uma vez que os ímpios foram merecedores da ira de Deus devido a seus pecados;

- Apocalipse 10:1-11: nem os judeus (nem as nações que viram os julgamentos) se arrependeram. Portanto, não haverá mais demora: o que foi anunciado pelos profetas sobre a destruição da nação judaica vai finalmente se cumprir;

- Apocalipse 11:1-2: a medição do templo, o qual simboliza os verdadeiros adoradores, é uma garantia de que eles são membros do templo espiritual celestial, não importa o que aconteça a eles na terra. A nação judaica foi entregue ao Império Romano para seu julgamento definitivo. O judaísmo chegou ao fim, o que deixa clara a intenção de Deus em se relacionar com os humanos por meio da Nova Aliança. Jerusalém foi "pisoteada" pelos gentios romanos por um período limitado de tempo cheio de tribulação, angústia e perseguição (quarenta e dois meses, 1.260 dias e "tempo, tempos e metade de um tempo" representam todos um período limitado de tempo que é cheio de tribulação, angústia e perseguição). Os servos de Deus sofreram, mas receberam garantia de proteção espiritual;

- Apocalipse 11:3-6: as duas testemunhas representam todos os servos de Deus que estavam proclamando a Palavra do Senhor, pregando o que a Lei e os Profetas alertaram se Israel fosse desobediente. Notavelmente, as testemunhas incluem profetas e apóstolos que estavam profetizando e pregando que a cidade santa seria pisoteada. A Palavra do Senhor ia ser cumprida e os muitos servos de Deus (representados pelas duas testemunhas) estavam proclamando que as promessas e profecias de Deus aconteceriam. As descrições sobre as duas testemunhas indicam que se trata de um corpo maior de servos de Deus, e não apenas de duas pessoas. As duas testemunhas representam os profetas, apóstolos e aqueles que estavam proclamando a mensagem de julgamento da Lei e dos Profetas: julgamento pelos pecados da nação judaica. Os profetas, apóstolos e povo de Deus eram aqueles que pregavam essa mensagem à nação judaica, e eles estavam sofrendo, como os judeus incrédulos, com a ação dos romanos, com a diferença crucial de terem proteção espiritual da parte de Deus;

- Apocalipse 11:7-14: Apocalipse 11 descreveu todos os eventos que estavam acontecendo enquanto a nação judaica física estava recebendo seu julgamento. Matar cristãos não era grande coisa para o mundo. Os ímpios (tanto judeus incrédulos quanto romanos) regozijam-se ao observar a morte do povo de Deus e dos apóstolos de Cristo, uma vez que eles pregaram ao mundo um Salvador ressurreto que retornará em julgamento contra aqueles que não se arrependerem. O Império Romano, destruindo a nação judaica, causou angústia, sofrimento e morte aos servos de Deus, mas eles foram protegidos espiritualmente. Aqueles que morreram estão com o Senhor, vitoriosos – fiéis em Cristo que morreram estão em comunhão com o Senhor no céu, o que foi retratado como uma ressurreição das duas testemunhas. Essa ressurreição é um exemplo da "primeira ressurreição" mostrada em Apocalipse 20 – não é a ressurreição dos mortos na segunda vinda de Cristo, mas fiéis mortos são contados como vivos e ressuscitados por estarem em proximidade com Deus no céu. A cidade de Jerusalém foi capturada pelos gentios. Parte da cidade caiu quando Roma sitiou Jerusalém. Parte da cidade foi conquistada, a parte chamada "cidade mais nova" que estava fora da segunda parede, mas dentro da terceira parede. Mas a histeria em Jerusalém começou quando o cerco estava pressionando e Jerusalém estava prestes a cair. As pessoas começaram a clamar para Deus em terror. No entanto, era tarde demais;

- Apocalipse 11:15-19: Jerusalém caiu e foi deixada em ruínas, transformada em uma "poça de sangue" pelos romanos. A presença de Deus não está mais com a nação física ou o templo físico em Jerusalém. A presença e o favor de Deus estão com o seu povo, os cristãos – o verdadeiro Israel. O próximo a sofrer julgamento é o Império Romano e, mais futuramente, os próximos da lista são as nações ímpias e também Satanás;

- Apocalipse 12:1-18: Satanás falhou em destruir o Cristo e falhou em destruir o povo de Deus. Não há mais lugar para ele como acusador em meio aos seres celestiais. Agora, ele pode apenas perseguir o povo de Deus na Terra. Ele incitou o Império Romano para fazer isso;

- Apocalipse 13:1-10: Satanás incitou o Império Romano (que governou de aproximadamente 27 a.C. a 476 d.C.) contra os cristãos. Seus imperadores blasfemavam o nome de Deus ao serem chamados divinos e ao receberem adoração. Satanás usou a aplicação local e provincial do culto do imperador e a garantia de perseguição para aqueles que não participaram. O império exerceu grande poder e autoridade (dados a ele por Satanás), sendo mais poderoso e mais terrível do que os três impérios anteriores: Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia. Ocorreu um evento com o Império Romano que fez com que pessoas acreditassem que o império entraria colapso (a morte de Nero e os três imperadores que duraram pouco). Porém, o império "reviveu" e estava tão forte como sempre (Vespasiano estabilizou o

império). As pessoas, então, se maravilharam com seu poder e se aliaram a ele. Os imperadores não adoravam a Deus, não tinham respeito pelo poder de Deus ou por sua autoridade, nem tinham algum respeito pelos cristãos. O império cometeu blasfêmia por meio da autodeificação, e tinha autoridade sobre o mundo conhecido da época. Os cristãos não se acomodavam a isso e sofreram;

- Apocalipse 13:11-18: o culto do imperador foi uma falsa religião incitada por Satanás de forma a destruir os cristãos. A falsa religião parecia "boa", porém, na verdade, resultava em adoração a Satanás. Os cristãos foram exortados a não serem enganados pela falsa religião, a qual traria sofrimento a eles. Aqueles que não participaram da adoração do imperador não puderam comprar e vender nos mercados. Cristãos devem ter sabedoria e devem ver através do engano, com uma percepção espiritual e reconhecimento da natureza imperfeita, profana e humana do império. Por mais divinos que parecessem, Satanás, o império e a falsa religião não chegam a ser divinos e falham;

- Apocalipse 14:1-5: em contraste com as pessoas do mundo que se aliaram ao Império Romano, os cristãos têm o conforto de pertencer a Deus e desfrutar comunhão com ele. Fiéis que morreram em nome de Cristo são retratados como cantando no céu, junto a Jesus Cristo. O monte Sião é o lugar simbólico da morada de Deus e das pessoas que são de Deus, as quais são espiritualmente protegidas enquanto permanecem com ele. Elas são retratadas cantando uma nova canção, louvando a Deus por sua vitória e dando ação de graças pela obra de Deus. São vitoriosas em Cristo;

- Apocalipse 14:6-13: Deus chama as pessoas para se achegarem a ele e permanecerem em seus caminhos, e cristãos vão até mesmo morrer por causa da fé em Jesus. Mas eles são bem-aventurados, abençoados por sua fidelidade, mesmo enquanto o império fez guerra a eles. O evangelho foi anunciado em todo o mundo conhecido da época (Colossenses 1:23) e Deus aguardava o arrependimento dos não justificados. Apesar de ainda não ter acontecido naquele momento, Roma foi retratada pelo Senhor como já caída – é uma certeza de que o Império Romano estava destinado a cair (o que ocorreu em 476 d.C.). Aqueles que adoraram o império ou seus imperadores e não se arrependem receberão todo o peso da ira de Deus pelos seus pecados. A punição final é retratada como sendo tormento eterno: fogo com a fumaça subindo por todo o sempre;

- Apocalipse 14:14-20: Deus demonstrou o que faz com os fiéis e os infiéis da terra. Os fiéis são ajuntados a Cristo. Os infiéis são descritos como sendo lançados "no grande lagar da ira de Deus". Houve outra advertência sobre morte para os cristãos. O povo de Deus é instruído a suportar, continuando a guardar os mandamentos de Deus e sua fé em Jesus. A desgraça foi predita, mas bem-aventurados são os mortos que morrem no Senhor. Deus alertou sobre o destino do Império Romano: deveria haver arrependimento por parte dos inimigos antes que fosse tarde demais, pois a ira de Deus é imensa – o julgamento é tão forte que é como se rios enormes de sangue saíssem do pisoteio do lagar;

- Apocalipse 15:1-8: os fiéis são vencedores que, passando pelas provações simbolizadas pelo fogo, são purificados para entrar na presença de Deus. Mais uma vez, fiéis fisicamente mortos são retratados como estando em comunhão com Deus, louvando-o por seus grandes e surpreendentes feitos e por sua justiça. Deus preparou os últimos julgamentos contra o Império Romano, os quais consumam a sua ira. O Senhor estava prestes a julgar o império perseguidor por sua pecaminosidade e assassinato de seu povo. A aliança de Deus com os homens não foi cumprida da parte deles e, por isso, a ira de Deus é derramada para puni-los;

- Apocalipse 16:1-16: uma série de juízos locais e cumulativos da parte de Deus vieram sobre os ímpios. Satanás, o Império Romano e a falsa religião fazem tudo por sua sobrevivência, enganando as nações. O objetivo dos servos de Satanás é ajuntar os reis da terra contra os servos de Deus por meio do engano. A obra de Satanás por meio do Império Romano e de suas religiões está destinada a fracassar e desaparecer. Também, Deus alertou quanto à preparação de seu povo: seu julgamento é imprevisível e, por isso, seus servos devem estar preparados para não serem pegos de surpresa. Não é apenas a segunda vinda de Cristo que tem um caráter imprevisível – uma visitação para julgamento local da parte do Senhor também pode ser repentina. A obra de Satanás por meio do Império Romano e de suas religiões secará e fracassará. Eles podem se reunir para a batalha contra Deus e seus servos, mas é uma perda decisiva;

- Apocalipse 16:17-21: o fim finalmente chegou para o Império Romano e suas nações cúmplices, após a série de julgamentos parciais da parte de Deus contra tal poder mundial. Deus demonstrou um resumo da queda de seus inimigos. As pessoas não se arrependeram, mas amaldiçoaram a Deus por causa dos seus juízos. O império não pode mais atacar o povo de Deus;

- Apocalipse 17:1-2: os juízos que caíram sobre o Império Romano (sete taças da ira de Deus) são demonstrados com mais detalhes. A cidade de Roma foi retratada como uma grande prostituta que dirigia o Império Romano. Ela governava os povos, multidões, nações e línguas da terra, além de perseguir e matar cristãos. Roma tinha feito o mundo da época adorar o imperador e estar envolvido em idolatria;

- Apocalipse 17:3-6: a cidade de Roma, cheia de iniquidade, dirigia o Império Romano e era culpada pelo derramamento do sangue do povo de Deus, sendo essas as razões para seu julgamento;

- Apocalipse 17:7-18: Roma perseguiu o povo de Deus por meio de seu império. Os imperadores Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero foram cinco que caíram. Aquele que estava reinando na época era Vespasiano (Galba, Otão e Vitélio não tiveram importância). Veio Tito Flávio e permaneceu pouco tempo no poder e, então, veio Domiciano, o qual começou a executar as profecias dos capítulos anteriores (alegou ser um deus e exigiu honras e sacrifícios divinos). Com essas pistas, a melhor data para a redação do Apocalipse é 69 d.C. Roma havia dado poder a vários regentes e procuradores para governarem as regiões e províncias, mas seus poderes vinham do império. Esses governantes deram sua lealdade ao império e fizeram guerra contra o povo de Deus. Mas o mundo se voltou contra Roma. Uma das principais razões para sua queda foi sua decadência interior e lutas internas. O Império Romano não se uniu – caiu separado por causa da maneira como foi construído. Um dos maiores pontos fortes de Roma foi incorporar todas as línguas e nações do mundo. No entanto, isso também foi sua fraqueza, levando a problemas internos perpétuos, até que finalmente caiu. Províncias e nações sob o poder de Roma se voltaram e lutaram contra Roma, e isso foi obra de Deus;

- Apocalipse 18:1-3: Roma tornou-se uma morada de maldade, não apenas por ter sido o coração da iniquidade, mas também por ter influenciando outras nações, as quais não são tidas como inocentes. Mercadores da terra prosperaram por meio da imoralidade de Roma. Havia vida luxuosa em Roma ao longo dos séculos por causa de suas extensas rotas comerciais. Os comerciantes se tornaram ricos comprando, vendendo e negociando mercadorias com Roma;

- Apocalipse 18:4-8: o povo de Deus tinha que se afastar dos caminhos e imoralidades de Roma, ou compartilharia das pragas que viriam sobre ela e seu império. Roma e as nações cúmplices acumularam tantos pecados que Deus pagou a ela o dobro por seus atos. Roma se glorificou e viveu no luxo e ninguém dava glória a Deus por sua prosperidade. Em vez de vida e prosperidade, o império perdeu o poder e a autoridade. Parecia que o império nunca acabaria, mas começou a entrar em apuros, perdendo seu poder, até que caiu;

- Apocalipse 18:9-19: a queda de Roma foi o fim da prosperidade daquele mundo. Os comerciantes, capitães e marinheiros lamentaram por causa dos impactos econômicos (a perda de luxos e esplendores que as pessoas desfrutavam), e não exatamente porque amavam Roma;

- Apocalipse 18:20-28: o povo de Deus foi chamado a se alegrar com o julgamento de Roma. Deus efetuou julgamento contra ela por causa de seu povo e o Império Romano nunca mais se erguerá e nunca mais será uma potência mundial. O colapso do Império Romano levou ao período de tempo chamado de Idade das Trevas – o mundo mudou completamente com a queda do império;

- Apocalipse 19:1-5: a justiça finalmente chegou para os cristãos mortos que clamavam por justiça: a nação ímpia entrou em colapso e as pessoas não justificadas foram julgadas. A imagem da fumaça de não justificados sendo vista pela eternidade, embora simbólica, dá suporte maior para entender a punição final como sendo tormento eterno, e não cessação da existência. Os justificados se alegraram e glorificaram a Deus. O povo de Deus permaneceu puro durante o período de tribulação, permanecendo fiel, e desfruta da comunhão com o Senhor, tendo muitos motivos para o louvor;

- Apocalipse 19:6-10: estar com Deus é a coisa mais importante. O apóstolo João foi tomado pela glória e grandeza da mensagem de tal forma que caiu em adoração ao anjo que a transmitiu. O anjo disse a ele para adorar a Deus somente. O testemunho dado por Jesus é a substância do que o Espírito inspira os profetas –a fonte da revelação profética não são os anjos, mas Deus e Jesus;

- Apocalipse 19:11-21: Jesus venceu Roma, seu império e religião de forma definitiva, juntamente com todos os governantes e províncias associados ao império – uma derrota certa e catastrófica para esses inimigos. Foi um julgamento contra o Império Romano, seu sistema religioso, a cidade de Roma, e os seus simpatizantes. Cristo reina e já derrubou nações rebeldes, e vai continuar a derrubá-las. Aqueles que se rebelaram e que se rebelarem contra Cristo serão, em última instância, eternamente punidos em tormento. Os ímpios aliados ao Império Romano e seu culto imperial tiveram tempo para se arrepender, mas não o fizeram. Portanto, é dada forte ênfase no fato de que estão irremediavelmente condenados à ira máxima de Deus – a punição final;

- Apocalipse 20:1-10: após a queda do Império Romano em 476 d.C., Satanás foi restrito para não poder enganar as nações da Terra no sentido de levantar um movimento mundial em larga escala contra a Igreja a fim de destrui-la. Essa restrição durará por um período completo determinado por Deus, retratado como mil anos simbólicos. Durante esse período, a Igreja permanece na Terra sem ser ameaçada em larga escala para destruição. As almas dos fiéis mortos estão vivas, em conforto com o Senhor, reinando e julgando com ele, enquanto as almas dos ímpios permanecem no *sheol*/*hades*. Por um momento breve, Satanás será liberto de sua restrição e, assim como fez com o Império Romano, buscará incitar as nações da Terra contra a Igreja para destrui-la. Mas esse tempo será muito breve. Assim que ocorrer a movimentação dos ímpios, ocorrerá a segunda vinda de Cristo, a qual acabará por lançar todos os não justificados e o próprio Satanás na punição final. As melhores evidências indicam que a punição final se trata de tormento eterno, e não cessação da existência. A movimentação de Satanás para incitar as nações contra a Igreja não será percebida pelas pessoas e, portanto, não é um sinal da volta de Cristo, a qual continua com seu caráter totalmente imprevisível;

- Apocalipse 20:11-15: o tempo para este mundo acabará e não será mais achado lugar para os antigos céus e terra enquanto o julgamento final toma lugar. Todos aqueles que morreram estarão de pé diante do trono de Cristo e serão julgados de acordo com o que haviam feito. Os justificados comparecerão diante de Cristo, não para receberem juízo (João 5:24-29), mas para receberem a constatação de sua justificação para poderem entrar nos novos céus e nova terra. Os não justificados serão encaminhados para a punição final do lago de fogo. O mar, a morte e o *hades* entregarão seus mortos, o que significa que é o julgamento final de que ninguém escapará. Então, a morte e o *hades* (e implicitamente o abismo) serão lançados no lago de fogo. Não haverá mais morte a partir do julgamento final, e não haverá mais o *hades*. Uma vez que não há mais morte e nem mais Terra, não existe mais a necessidade do mundo dos mortos. A segunda morte é a separação eterna de Deus. Não se pode compreender o quão horrível é estar longe de Deus e, por isso, as Escrituras usam imagens como tormento de dia e noite para sempre para comunicar tal realidade. Haverá grande sofrimento no castigo eterno. "Tormento dia e noite para todo o sempre" não aponta para aniquilação, mas para sofrimento, uma vez que os ímpios estarão em total separação de Deus. A cena mostrou o fim do mundo e julgamento final logo após a segunda vinda de Cristo ter incinerado os ímpios que marcharam contra os cristãos;

- Apocalipse 21:1-8: todas as promessas de restauração dadas por Deus estarão cumpridas em novos céus e nova terra criados pelo Senhor, pois o mundo físico já terá seu propósito cumprido e não será mais necessário. O reino de Deus terá sido totalmente consumado e todos os inimigos terão sido colocados em sujeição. A totalidade do povo de Deus desfrutará de comunhão direta com Deus, tendo a vida eterna e reinando com ele. Não há mais nenhum mal e não há mais separação alguma de Deus. Em contraste, a segunda morte aguarda aqueles que renunciam à fé, aqueles que são incrédulos, ou que se envolvem nos pecados do mundo. Os "covardes" provavelmente são aqueles que se recusaram a servir Jesus até a morte: eles amaram suas vidas mais do que amaram o Senhor, temendo a perseguição e não mantendo a fé. Eles, juntamente com os pecadores do mundo, serão todos lançados no lago que arde com fogo e enxofre – a eterna separação de Deus, sua ira que arde como fogo. Porém, os fiéis anseiam

por um lar com o Senhor, se apegam a essas promessas e não as entregam por nada. A recompensa por vir vale os sacrifícios e o sofrimento;

- Apocalipse 21:9-21: a totalidade do povo de Deus estará em um estado formidável, um estado totalmente restaurado, abençoado, eterno e glorificado. Foi demonstrada a perfeição do padrão da santidade divina, em contraste com a impureza do povo antes de ser redimido;

- Apocalipse 21:22-29: o povo de Deus de todas as línguas e nações estará em seu estado aperfeiçoado, recebendo as recompensas eternas e as bênçãos finais prometidas. As várias profecias de salvação dos gentios estarão cumpridas nesse ponto – pessoas de diferentes nações e posições de autoridade vão ser encaminhadas para a luz de Deus. A salvação e a oportunidade de entrar no reino do Senhor estão estendidas a todos aqueles que forem fiéis. Todos têm esse privilégio de poder participar do reino eterno de Cristo ao se converterem ao Senhor, obtendo a bênção do perdão que Deus deu. A entrada dos povos na comunhão traz glória para Deus. Jamais entrará coisa alguma contaminada com pecado na congregação eterna (elas estarão no lago de fogo);

- Apocalipse 22:1-5: no estado eterno glorificado, a verdadeira vida flui de Deus e de Jesus para os salvos de forma direta. A proximidade deles a Deus e a Jesus será total. Não há pecado, portanto nada é maldito. Os justificados verão Deus face a face e o adorarão pela eternidade em um estado de regozijo formidável, em comunhão íntima com ele, vivendo em sua luz e na glória. Tudo será perfeito, não havendo mais mal, morte ou dor. Os servos de Deus reinam para todo o sempre com o Senhor;

- Apocalipse 22:6-21: os acontecimentos do Apocalipse iniciaram de forma breve em relação a quando o livro foi redigido. A mensagem tem sido ser fiel até a morte e não adorar os falsos ídolos, uma vez que somente Deus deve ser adorado. Os ímpios não vão entender que o destino deles está predito e selado. Os sábios, que são os justos, entenderão e permanecerão fiéis durante as tribulações profetizadas. Essa verdade do Apocalipse é observada na pregação do evangelho: os justos aprendem com a pregação da Palavra de Deus e são fortalecidos e encorajados. Os ímpios não se importam, tomam a Palavra de Deus de modo irreverente e continuam em seus maus caminhos. O Senhor veio nos julgamentos locais relatados no livro, e continuará realizando essas visitações até sua segunda vinda, e ele tem trazido, e trará, recompensa. Cristo retribuirá a cada um de acordo com o que fez: os ímpios serão punidos e os justos serão recompensados. Aqueles que não derem suas vidas totalmente a Jesus estarão do lado de fora da congregação eterna (no lago de fogo). Há um convite para que o leitor se junte aos servos vitoriosos do Senhor. Aqueles que têm sede devem buscar o Senhor e receberão a vida e bênçãos eternas. O Messias afirmou que as coisas que são lidas no livro certamente acontecerão. De fato, a queda da nação judaica física, o Império Romano com sua falsa religião e a restrição de Satanás já estão em vigor. Aqueles que têm sede devem buscar o Senhor e receberão a água da vida (conforme Isaías 55:1-2), a vida e bênçãos eternas. O livro conclui com um último aviso: não se deve alterar sua mensagem.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

O Livro de Apocalipse coloca marcadores de tempo para seus acontecimentos. A cadeia de acontecimentos do livro deve iniciar de forma breve em relação a quando o livro foi redigido (69 d.C.). O livro se trata de visões com significados reais, sendo que períodos de tempo, números, eventos, etc., devem ser entendidos como simbólicos, a não ser que o texto demande entendimento literal.

O apóstolo João teve uma visão de Jesus glorificado. Sua descrição pode não corresponder literalmente a como Jesus se parece hoje, sendo os detalhes simbólicos e representativos de características divinas de Jesus. Porém, a descrição pode dar uma ideia de como serão os corpos glorificados dos cristãos que receberão a recompensa final no juízo final, uma vez que os corpos glorificados serão como o corpo de Cristo.

Cristo governa em autoridade e sua vinda ao longo do livro ocorre em juízos locais, sendo que ninguém que faz parte desses juízos é excluído. Cristo reina do céu e executa os juízos locais contra as nações. O propósito desses juízos foi trazer o arrependimento às nações, de forma que venham a se tornar parte do reino de Cristo. Em Apocalipse, os julgamentos foram particularmente efetuados contra judeus e romanos, mas eles não produziram o

arrependimento que Deus gostaria que ocorresse, razão pela qual ambas as nações acabaram sendo plenamente julgadas.

Houve um período de provação que afligiu o mundo conhecido da época (o mundo romano). Isso provavelmente é uma referência à perseguição que começou no reinado de Domiciano. Cristo veio em visitações para julgar malfeitores e proteger os fiéis. Os mensageiros humanos das sete igrejas da Ásia (Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia), os destinatários originais do livro, foram descritos como sendo mantidos na mão direita de Cristo – é uma imagem de proteção e amor durante o sofrimento que sobreveio a eles. Cristo protege o povo de Deus em sua mão direita enquanto julga os inimigos com a espada de sua boca – sua Palavra.

A morte é sempre uma separação. A "primeira morte" é a morte física, a separação de corpo e espírito. A "segunda morte" é a separação do indivíduo de Deus. O vencedor, ou seja, o justificado por Deus, não sofrerá o dano da segunda morte, ou seja, o banimento da presença de Deus.

Jesus possui poder sobre a morte e o mundo dos mortos, podendo tanto encerrar pessoas no *sheol*/*hades* quanto retirar pessoas de lá. O *sheol*/*hades* é retratado como uma espécie de prisão.

O "paraíso" foi associado com a habitação de Deus, e o justificado terá a vida eterna nessa habitação. É possível que, quando Cristo ascendeu aos céus, levou os fiéis cativos no *sheol*/*hades* (e, implicitamente, o paraíso) ao "terceiro céu" de 2 Coríntios 12:2-4. Isso é apoiado pelo fato de que o Antigo Testamento retrata que todos os mortos, fiéis ou não, vão para o *sheol*, mas no Novo Testamento quase sempre os fiéis são retratados no céu. Se for assim, os fiéis que morreram antes da ascensão de Cristo foram para uma parte do *sheol*/*hades* onde havia conforto e, posteriormente, foram levados ao céu após a ascensão do Senhor. Desse momento em diante, todos os fiéis passam a ir para o paraíso que está no próprio céu. O Novo Testamento parece sempre retratar os fiéis no céu após a vitória de Cristo, especialmente no Livro de Apocalipse.

Jesus afirmou várias coisas para as sete igrejas da Ásia: os justificados partilharão da graça e fidelidade de Deus e serão admitidos no júbilo da congregação eterna – julgarão nações e reinarão com Cristo pela eternidade, recebendo o próprio Cristo, a "estrela da manhã". Eles terão seus nomes confessados por Jesus diante de Deus Pai e dos anjos, jamais deixarão a vida eterna, e estarão para sempre em vitória, pureza, santidade e glória. Eles permanecerão no céu para sempre, em comunhão eterna com Jesus, o qual confessará abertamente os nomes dos seus servos, e terão o privilégio de reinar com Cristo.

Os julgamentos de Deus na Terra são retratados como afetando muitos por meio das típicas pragas usadas por Deus. Desde a queda do ser humano em pecado, Deus prega para arrependimento e, se isso não acontece, a consequência é julgamento contra a nação ou povo. Os perseguidores dos cristãos no primeiro século foram primeiramente os judeus e, depois, os romanos. No caso das sete igrejas da Ásia, os judeus estavam perseguindo os cristãos (aqueles que dizem ser judeus, mas não eram – eram apenas uma "sinagoga de Satanás", como Jesus declarou para a igreja de Esmirna e a igreja da Filadélfia).

A morte por meio da guerra e/ou animais selvagens, fome e pestilência, são juízos característicos de Deus. Essas ferramentas de juízo foram prometidas por Deus para serem usadas contra Israel caso a nação fosse desobediente. O julgamento da nação judaica estava em vista, e é o rei Jesus Cristo, o qual governa do céu, quem o executa.

Todos na terra devem aprender ao observar a ira de Deus sobre um povo e devem aprender a temer a Deus de forma a se voltar para ele. Deus julgando uma nação deveria ser uma lição objetiva para o resto das nações da Terra. Um dos grandes dias da ira de Deus chegou e os condenados não o podem suportar.

Aqueles que morreram pela Palavra de Deus foram retratados como vitoriosos. Foram identificados como pertencentes a Deus e terão proteção espiritual nos momentos de tribulação durante os julgamentos do Senhor. A totalidade dos servos de Deus que se encontra na área de julgamento se beneficia de proteção espiritual contra os eventos dos períodos de juízo. Eles são de propriedade de Deus porque são fiéis a ele.

Almas que foram mortas por causa da Palavra de Deus e por seu testemunho clamaram por justiça, mas tiveram que aguardar, pois o julgamento não aconteceu imediatamente. Antes, mais pessoas iam ser mortas por causa de Cristo. As almas desincorporadas dos fiéis foram retratadas como conscientes após a morte física, sendo que suas aparências puderam ser reconhecidas como pessoas pelo apóstolo João.

Deus agiu em resposta às orações do seu povo e começou a efetuar os juízos contra os inimigos – primeiramente, o alvo dos juízos foram os judeus incrédulos. Julgamentos parciais que afetaram fontes de alimentos, transporte marítimo e água potável foram efetuados contra a nação judaica. Ela também foi tratada por Deus com amargura. O juízo para a queda da nação era iminente. Os julgamentos foram realizados a fim de trazer as pessoas ao arrependimento.

Com a permissão de Deus, Satanás afligiu a nação judaica usando os terríveis exércitos do Império Romano. As visões envolvendo Abadom e Apoliom, o abismo e os gafanhotos saindo dele invocam as imagens do Antigo Testamento que retratam o *sheol*/*hades*. Ele é retratado como estando nas profundezas da terra, possuindo um abismo referido como *abaddon* próximo a si, além das águas das profundezas. Satanás é um anjo caído e ele está encarregado do abismo próximo ao *sheol*/*hades*. É possível que anjos que pecaram tenham sido aprisionados nesse abismo. Se for assim, as visões de João assemelham simbolicamente o exército romano como hostes malignas que estavam aprisionadas no abismo/tártaro/*abaddon*/*apoliom* e que foram permitidas por Deus a serem libertadas por Satanás para atacar a nação judaica como juízo. Se o abismo permitiu liberação de fumaça, pode ser que lá haja fogo. Provavelmente, a visão do exército romano como hostes do abismo tinha a intenção de reforçar o terror que esse exército provocava.

Sendo assim, Deus trouxe julgamentos terríveis contra a Judeia e Jerusalém ao permitir Satanás mover o Império Romano contra a nação judaica. Deus estava chamando a nação para se arrepender e, também, tinha o objetivo de que as outras nações se arrependessem por meio do exemplo. Mas as pessoas não se arrependeram com os julgamentos parciais terríveis. Por essa razão, os juízos continuaram. Os ímpios foram merecedores da ira de Deus devido a seus pecados. Os juízos contra Jerusalém antes de ela cair em 70 d.C. foram a grande tribulação mencionada em Mateus 24.

A totalidade dos fiéis que passaram pela grande tribulação que ocorreu pouco antes de Jerusalém ser destruída em 70 d.C. está constantemente diante do trono de Deus por causa de sua fidelidade. Deus os abrigou com sua presença e, após o sofrimento, nada mais de ruim acontecerá a esses justificados. Da mesma forma, o Senhor protege todos aqueles que são fiéis a ele, em todas as épocas. Essa imagem foi ampliada em Apocalipse 21 com o Senhor no meio da Nova Jerusalém. A visão da medição do templo, a qual simboliza os verdadeiros adoradores, é uma garantia de que eles são membros do templo espiritual celestial, não importa o que aconteça a eles na Terra.

As "duas testemunhas" representavam todos os servos de Deus que estavam proclamando a Palavra do Senhor, pregando o que a Lei e os Profetas alertaram se Israel fosse desobediente. Notavelmente, as testemunhas incluem profetas e apóstolos que estavam profetizando e pregando que a cidade santa seria pisoteada. A Palavra do Senhor ia ser cumprida e os servos de Deus (as duas testemunhas) estavam proclamando que as promessas e profecias de Deus aconteceriam. As descrições sobre as duas testemunhas indicam que se trata de um corpo maior de servos de Deus, e não apenas de duas pessoas. As duas testemunhas representam os profetas, apóstolos e aqueles que estavam proclamando a mensagem de julgamento da Lei e dos Profetas – julgamento pelos pecados da nação judaica. Os profetas, apóstolos e povo de Deus eram aqueles que pregavam essa mensagem à nação judaica, e eles estavam sofrendo com a ação dos romanos, assim como os judeus incrédulos, mas com a diferença crucial de terem proteção espiritual da parte de Deus.

Apocalipse 11 descreveu todos os eventos que estavam acontecendo enquanto a nação judaica física estava recebendo seu julgamento. Matar cristãos não era grande coisa para o mundo. Os ímpios (tanto judeus incrédulos quanto romanos) regozijam-se ao verem a morte do povo de Deus e dos apóstolos de Deus, porque eles pregaram ao mundo um Salvador ressurreto que retornará em julgamento contra aqueles que não se arrependerem. O Império Romano, destruindo a nação judaica, causou angústia, sofrimento e morte aos servos de Deus, mas eles foram protegidos espiritualmente. Aqueles que morreram estão com o Senhor, vitoriosos – fiéis em Cristo que morreram estão em comunhão com o Senhor no céu, o que foi retratado como uma ressurreição das duas testemunhas. Essa ressurreição é um exemplo da "primeira ressurreição" mostrada em Apocalipse 20 – não é a

ressurreição dos mortos na segunda vinda de Cristo, mas fiéis mortos são contados como vivos por estarem em proximidade com Deus no céu.

Nem os judeus e nem as nações que viram os julgamentos se arrependeram. Portanto, não houve mais demora: o que foi anunciado pelos profetas sobre a destruição da nação judaica ia finalmente se cumprir. A nação judaica foi entregue ao Império Romano para seu julgamento definitivo. O judaísmo chegou ao fim, o que deixa clara a intenção de Deus em se relacionar com os humanos por meio da Nova Aliança. Jerusalém foi "pisoteada" pelos gentios romanos por um período limitado de tempo cheio de tribulação, angústia e perseguição (quarenta e dois meses, 1.260 dias e "tempo, tempos e metade de um tempo" representam todos um período limitado de tempo que é cheio de tribulação, angústia e perseguição). Os servos de Deus sofreram, mas receberam garantia de proteção espiritual. Essa foi a grande tribulação de Mateus 24.

A cidade de Jerusalém foi capturada pelos gentios. Parte da cidade caiu quando Roma sitiou Jerusalém. Parte da cidade foi conquistada, a parte chamada "cidade mais nova" que estava fora da segunda parede, mas dentro da terceira parede. Mas a histeria em Jerusalém começou quando o cerco estava pressionando e Jerusalém estava prestes a cair. As pessoas começaram a clamar para Deus em terror. No entanto, era tarde demais. Jerusalém caiu e foi deixada em ruínas, transformada em uma "poça de sangue" pelos romanos. A presença de Deus não está mais com a nação física de Israel ou o templo físico em Jerusalém. A presença e o favor de Deus estão com o seu povo, os cristãos – o verdadeiro Israel. O próximo a sofrer julgamento é o Império Romano e, mais futuramente, os próximos da lista são as nações ímpias enganadas por Satanás e, mais adiante, ele próprio.

Satanás já havia falhado em destruir o Cristo e em destruir o povo de Deus. Desde quando Cristo obteve sua vitória na cruz, não havia mais lugar para ele como acusador em meio aos seres celestiais. O arcanjo Miguel, após Cristo destruir o poder da morte de Satanás com sua vitória na cruz e ascender ao céu, completou o serviço removendo Satanás das regiões celestiais. Agora, ele pode apenas perseguir o povo de Deus na Terra. No Livro de Apocalipse, a forma de ele fazer isso foi incitando o Império Romano para atacar os fiéis.

Satanás incitou o Império Romano (que governou de aproximadamente 27 a.C. a 476 d.C.) contra os cristãos. Seus imperadores blasfemavam o nome de Deus ao serem chamados divinos e ao receberem adoração. Satanás usou a aplicação local e provincial do culto do imperador e a garantia de perseguição para aqueles que não participaram. O império exerceu grande poder e autoridade (dados a ele por Satanás), sendo mais poderoso e mais terrível do que os três impérios anteriores: Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia.

Ocorreu um evento com o Império Romano que fez com que pessoas acreditassem que ele entraria colapso (a morte de Nero e os três imperadores que duraram pouco). Porém, o império "reviveu" e estava tão forte como sempre (Vespasiano estabilizou o império). As pessoas, então, se maravilharam com seu poder e se aliaram a ele. Os imperadores não adoravam a Deus, não tinham respeito pelo poder de Deus ou por sua autoridade, nem tinham algum respeito pelos cristãos. O império cometeu blasfêmia por meio da autodeificação, e tinha autoridade sobre o mundo conhecido da época. Os cristãos não se acomodavam a isso e sofreram.

O culto do imperador foi uma falsa religião incitada por Satanás de forma a destruir os cristãos. A falsa religião parecia "boa", porém, na verdade, resultava em adoração a Satanás. Os cristãos foram exortados a não serem enganados pela falsa religião, a qual traria a eles sofrimento. Aqueles que não participaram da adoração do imperador não puderam comprar e vender nos mercados. Cristãos deviam ter sabedoria e deviam ver através do engano, com uma percepção espiritual e reconhecimento da natureza imperfeita, profana e humana do império. Por mais divinos que parecessem, Satanás, o império e a falsa religião não chegam a ser divinos e falham.

Em contraste com as pessoas do mundo que se aliaram ao Império Romano, os cristãos têm o conforto de pertencer a Deus e desfrutar comunhão com ele. Fiéis que morreram em nome de Cristo foram retratados como cantando no céu, junto a Jesus Cristo. O monte Sião é o lugar simbólico da morada de Deus e das pessoas que são de Deus, as quais são espiritualmente protegidas enquanto permanecem com ele. Elas são retratadas cantando uma nova canção, louvando a Deus por sua vitória e dando ação de graças pela obra de Deus. São vitoriosas em Cristo. Deus chama as pessoas para se achegarem a ele e permanecerem em seus caminhos, e cristãos vão até mesmo morrer por causa da fé em Jesus. Mas eles são bem-aventurados, abençoados por sua fidelidade, mesmo enquanto o império fez guerra a eles. O evangelho foi anunciado em todo o mundo conhecido da época e Deus aguardava o arrependimento dos não justificados.

Apesar de ainda não ter acontecido naquele momento, Roma foi retratada pelo Senhor como já caída – era uma certeza de que o Império Romano estava destinado a cair (o que ocorreu em 476 d.C.). Aqueles que adoram o império ou seus imperadores e não se arrependem recebem todo o peso da ira de Deus pelos seus pecados. A punição final que os aguardava foi retratada como sendo tormento eterno: fogo com a fumaça subindo por todo o sempre. Deus demonstrou o que faz com os fiéis e os infiéis da Terra. Os fiéis são ajuntados a Cristo. Os infiéis são descritos como sendo lançados "no grande lagar da ira de Deus".

Houve outra advertência sobre morte para os cristãos. O povo de Deus é instruído a suportar, continuando a guardar os mandamentos de Deus e sua fé em Jesus. A desgraça foi predita, mas bem-aventurados são os mortos que morrem no Senhor. Deus alertou sobre o destino do Império Romano: deveria haver arrependimento por parte dos inimigos antes que fosse tarde demais, pois a ira de Deus era imensa – o julgamento é tão forte que é como se rios enormes de sangue saíssem do pisoteio de um lagar.

Os fiéis são vencedores que, passando pelas provações simbolizadas pelo fogo, foram purificados para entrar na presença de Deus. Mais uma vez, fiéis fisicamente mortos são retratados como estando em comunhão com Deus, louvando-o por seus grandes e surpreendentes feitos e por sua justiça. Deus preparou os últimos julgamentos contra o Império Romano, os quais consumam a sua ira. O Senhor estava prestes a julgar o império perseguidor por sua pecaminosidade e assassinato de seu povo. A aliança de Deus com os homens não foi cumprida da parte deles e, por isso, sua a ira é derramada para puni-los.

Uma série de juízos locais e cumulativos da parte de Deus vieram sobre os ímpios. Satanás, o Império Romano e a falsa religião fazem tudo por sua sobrevivência, enganando as nações. O objetivo dos servos de Satanás foi ajuntar os reis da terra contra os servos de Deus por meio do engano. Mas a obra de Satanás por meio do Império Romano e de suas religiões estava destinada a fracassar e desaparecer. Também, Deus alertou quanto à preparação de seu povo: seu julgamento pode ser imprevisível e, por isso, seus servos devem estar preparados para não serem pegos de surpresa. Não é apenas a segunda vinda de Cristo que tem um caráter imprevisível – uma visitação para julgamento local da parte do Senhor também pode ser repentina. A obra de Satanás por meio do Império Romano e de suas religiões secaria e fracassaria. Ímpios podem se reunir para a batalha contra Deus e seus servos, mas será uma perda decisiva para eles.

Os juízos que caíram sobre o Império Romano foram demonstrados com mais detalhes. A cidade de Roma foi retratada como uma grande prostituta que dirigia o Império Romano. Ela governava os povos, multidões, nações e línguas da terra, além de perseguir e matar cristãos por meio de seu império. Roma tinha feito o mundo da época adorar o imperador e estar envolvido em idolatria. Essas foram as principais razões para seu julgamento.

Os imperadores Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero foram os cinco que caíram na época de redação do livro. Aquele que estava reinando na época era Vespasiano (Galba, Otão e Vitélio não tiveram importância). Veio Tito Flávio e permaneceu pouco tempo no poder e, então, veio Domiciano, o qual começou a executar as profecias dos capítulos anteriores (alegou ser um deus e exigiu honras e sacrifícios divinos). Com essas pistas, a melhor data para a redação do Apocalipse é 69 d.C. Roma havia dado poder a vários regentes e procuradores para governarem as regiões e províncias, mas seus poderes vinham do império. Esses governantes deram sua lealdade ao império e fizeram guerra contra o povo de Deus.

Roma tornou-se uma morada de maldade, não apenas por ter sido o coração da iniquidade, mas também por ter influenciando outras nações, as quais não são tidas como inocentes. Mercadores da terra prosperaram por meio da imoralidade de Roma. Havia vida luxuosa na cidade ao longo dos séculos por causa de suas extensas rotas comerciais. Os comerciantes se tornaram ricos comprando, vendendo e negociando mercadorias com Roma.

O povo de Deus tinha que se afastar dos caminhos e imoralidades de Roma, ou compartilharia das pragas sobre ela e seu império. Roma e as nações cúmplices acumularam tantos pecados que Deus pagou a ela o dobro por seus atos. Roma se glorificou e viveu no luxo e ninguém dava glória a Deus por sua prosperidade. Em vez de vida e prosperidade, o império perdeu o poder e a autoridade. Parecia que o império nunca acabaria, mas começou a entrar em apuros, perdendo seu poder, até que caiu. O mundo se voltou contra Roma. Uma das principais razões para sua queda foi sua decadência interior e lutas internas. O Império Romano não se uniu – caiu separado por causa da maneira como foi construído. Um dos maiores pontos fortes de Roma foi incorporar todas as línguas e

nações do mundo. No entanto, isso também foi sua fraqueza, levando a problemas internos perpétuos, até finalmente cair. Províncias e nações sob o poder de Roma se voltaram e lutaram contra ela, e isso foi obra de Deus.

A queda de Roma foi o fim da prosperidade daquele mundo. Os comerciantes, capitães e marinheiros lamentaram por causa dos impactos econômicos (a perda de luxos e esplendores que as pessoas desfrutavam), e não exatamente porque amavam Roma. O fim finalmente chegou para o Império Romano e suas nações cúmplices, após a série de julgamentos parciais da parte de Deus contra tal poder mundial. As pessoas não se arrependeram, mas amaldiçoaram a Deus por causa dos seus juízos. De qualquer forma, o império não podia mais atacar o povo de Deus. O colapso do Império Romano levou ao período de tempo chamado de Idade das Trevas – o mundo mudou completamente com a queda do império.

Jesus venceu Roma e seu império e religião de forma definitiva, juntamente com todos os governantes e províncias associados ao império – uma derrota certa e catastrófica para esses inimigos. Foi um julgamento contra o Império Romano, seu sistema religioso, a cidade de Roma, e os seus simpatizantes. Cristo reina e já derrubou nações rebeldes, e vai continuar a derrubá-las. Aqueles que se rebelaram e que se rebelarem contra Cristo serão, em última instância, eternamente punidos em tormento. Os ímpios aliados ao Império Romano e seu culto imperial tiveram tempo para se arrepender, mas não o fizeram. Portanto, é dada forte ênfase no fato que estão irremediavelmente condenados à ira máxima de Deus – a punição final.

O povo de Deus foi chamado a se alegrar com o julgamento de Roma. Deus fez julgamento contra ela por causa de seu povo e o Império Romano nunca mais se erguerá e nunca mais será uma potência mundial. A justiça finalmente chegou para os cristãos mortos que clamavam por justiça: a nação ímpia entrou em colapso e as pessoas não justificadas foram julgadas. A imagem da fumaça de não justificados sendo vista pela eternidade, embora simbólica, dá suporte maior para entender a punição final como sendo tormento eterno, e não cessação da existência. Os justificados se alegraram e glorificaram a Deus. O povo de Deus permaneceu puro durante o período de tribulação, permanecendo fiel, e desfruta da comunhão com o Senhor, tendo muitos motivos para o louvor.

Estar com Deus é a coisa mais importante. O apóstolo João foi tomado pela glória e grandeza da mensagem de tal forma que caiu em adoração ao anjo que a transmitiu. O anjo disse a ele para adorar a Deus somente. O testemunho dado por Jesus é a substância do que o Espírito inspira os profetas – a fonte da revelação profética não são os anjos, mas Deus e Jesus.

Após a queda do Império Romano em 476 d.C., Satanás foi restrito para não poder enganar as nações da Terra no sentido de não poder levantar um movimento mundial em larga escala contra a Igreja a fim de destruí-la. Ele tinha feito isso com o Império Romano. Essa restrição durará por um período completo determinado por Deus, retratado como mil anos simbólicos. Durante esse período, a Igreja permanece na Terra sem ser ameaçada em larga escala para destruição. As almas dos fiéis mortos estão vivas, em conforto com o Senhor, reinando e julgando com ele, enquanto as almas dos ímpios permanecem no *sheol/hades*.

Por um momento breve, Satanás será liberto de sua restrição e, assim como fez com o Império Romano, buscará incitar as nações da Terra contra a Igreja para destrui-la. Mas esse tempo será muito breve. Assim que ocorrer a movimentação dos ímpios, ocorrerá a segunda vinda de Cristo, a qual acabará por lançar todos os não justificados e o próprio Satanás na punição final. As melhores evidências indicam que a punição final se trata de tormento eterno, e não cessação da existência. A movimentação de Satanás para incitar as nações contra a Igreja não será percebida pelas pessoas e, portanto, não é um sinal da volta de Cristo, a qual continua com seu caráter totalmente imprevisível. Assim que começarem a se movimentar, Cristo retornará e porá um fim em seus planos.

O tempo para este mundo acabará e não será mais achado lugar para os antigos céus e terra enquanto o julgamento final toma lugar. Todos aqueles que morreram estarão de pé diante do trono de Cristo e serão julgados de acordo com o que haviam feito. Os justificados comparecerão diante de Cristo, não para receberem juízo, mas para receberem a constatação de sua justificação para poderem entrar nos novos céus e nova terra. Os não justificados serão encaminhados para a punição final do lago de fogo. O mar, a morte e o *hades* entregarão seus mortos, o que significa que é o julgamento final de que ninguém escapará. Então, a morte e o *hades* (e implicitamente o abismo) serão lançados no lago de fogo. Não haverá mais morte a partir do julgamento final. Uma vez que não há mais morte e nem mais Terra, não existe mais a necessidade do mundo dos mortos.

A segunda morte é a separação eterna de Deus. Não se pode compreender o quão horrível é estar longe de Deus e, por isso, as Escrituras usam imagens como tormento de dia e noite para sempre para comunicar tal realidade. Haverá grande sofrimento no castigo eterno. "Tormento dia e noite para todo o sempre" não aponta para aniquilação, mas para sofrimento, uma vez que os ímpios estarão em total separação de Deus. A cena mostrou o fim do mundo e julgamento final logo após a segunda vinda de Cristo ter incinerado os ímpios que marcharam contra os cristãos.

Na sequência, todas as promessas de restauração dadas por Deus estarão cumpridas em novos céus e nova terra criados pelo Senhor, pois o mundo físico já terá seu propósito cumprido e não será mais necessário. O reino de Deus terá sido totalmente consumado e todos os inimigos terão sido colocados em sujeição. A totalidade do povo de Deus desfrutará de comunhão direta com Deus, com a vida eterna e reinado com ele. Não há mais nenhum mal e não há mais separação alguma de Deus. Em contraste, a segunda morte aguarda aqueles que renunciam à fé, aqueles que são incrédulos, ou que se envolvem nos pecados do mundo. Os "covardes" provavelmente são aqueles que se recusaram a servir Jesus até a morte: eles amaram suas vidas mais do que amaram o Senhor, temendo a perseguição e não mantendo a fé. Eles, juntamente com os pecadores do mundo, serão todos lançados no lago que arde com fogo e enxofre – a eterna separação de Deus, sua ira que arde como fogo. Porém, os fiéis anseiam por um lar com o Senhor, se apegam a essas promessas, e não as entregam por nada. A recompensa por vir vale os sacrifícios e o sofrimento.

A totalidade do povo de Deus estará em um estado formidável, um estado totalmente restaurado, abençoado, eterno e glorificado. Foi demonstrada a perfeição do padrão da santidade divina, em contraste com a impureza do povo antes de ser redimido, com a visão da cidade celestial, a Nova Jerusalém. O povo de Deus de todas as línguas e nações estará em seu estado aperfeiçoado, recebendo as recompensas eternas e as bênçãos finais prometidas. As várias profecias de salvação dos gentios estarão cumpridas nesse ponto – pessoas de diferentes nações e posições de autoridade vão ser encaminhadas para a luz de Deus. A salvação e a oportunidade de entrar no reino do Senhor estão estendidas a todos aqueles que forem fiéis. Todos têm esse privilégio de poder participar do reino eterno de Cristo ao se converterem ao Senhor, obtendo a bênção do perdão que Deus deu. A entrada dos povos na comunhão traz glória para Deus. Jamais entrará coisa alguma contaminada com pecado na congregação eterna (elas estarão no lago de fogo).

No estado eterno glorificado, a verdadeira vida flui de Deus e de Jesus para os salvos de forma direta. A proximidade deles a Deus e a Jesus será total. Não há pecado, portanto nada é maldito. Os justificados verão Deus face a face e o adorarão pela eternidade em um estado de regozijo formidável, em comunhão íntima com ele, vivendo em sua luz e na glória. Tudo será perfeito, não havendo mais mal, morte ou dor. Os servos de Deus reinarão para todo o sempre com o Senhor.

Sendo assim, a cadeia de acontecimentos do Apocalipse iniciou de forma breve em relação a quando o livro foi redigido. A mensagem tem sido ser fiel até a morte e não adorar os falsos ídolos, uma vez que somente Deus deve ser adorado. Os ímpios não vão entender que o destino deles está predito e selado. Os sábios, que são os justos, entenderão e permanecerão fiéis durante as tribulações profetizadas. Essa verdade do Apocalipse é observada na pregação do evangelho: os justos aprendem com a pregação da Palavra de Deus e são fortalecidos e encorajados. Os ímpios não se importam, tomam a Palavra de Deus de modo irreverente e continuam em seus maus caminhos. O Senhor veio nos julgamentos locais relatados no livro, e continuará realizando essas visitações até sua segunda vinda, e ele tem trazido, e trará, recompensa. Cristo retribuirá a cada um de acordo com o que fez: os ímpios serão punidos e os justos serão recompensados. Aqueles que não derem suas vidas totalmente a Jesus estarão do lado de fora da congregação eterna (no lago de fogo).

Por fim, há um convite para que o leitor se junte aos servos vitoriosos do Senhor. Aqueles que têm sede devem buscar o Senhor e receberão a vida e bênçãos eternas. O Messias afirmou que as coisas que são lidas no livro certamente acontecerão. De fato, a queda da nação judaica física, o Império Romano com sua falsa religião e a restrição de Satanás já estão em vigor. Aqueles que têm sede devem buscar o Senhor e receberão a água da vida, a vida e bênçãos eternas. O livro conclui com um último aviso: não se deve alterar sua mensagem.

2. ANÁLISE CONTEXTUAL DA ESCATOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO

Façamos a seguir uma análise sucinta (sempre que possível) e contextual das passagens bíblicas representativas do Antigo Testamento relacionadas à escatologia. É o contexto que vai dizer o que as passagens significam. Não iremos abordar exatamente todas as passagens, mas um número de passagens representativas suficiente para que tenhamos a inteireza do assunto.

É importante lembrar que o Antigo Testamento deve ser entendido à luz do Novo Testamento. Isso é notável no Livro de Hebreus, onde o autor se utiliza várias vezes desse princípio interpretativo. A revelação do Novo Testamento é uma maior luz, enquanto o Antigo Testamento era mais como uma sombra das coisas que estavam por vir. No Antigo Testamento não foi dada tanta luz sobre a ressurreição dos mortos como no Novo Testamento, por exemplo. O evangelho é o "mistério de Deus" revelado – coisas anteriormente ocultas vêm à maior luz no Novo Testamento (Mateus 13:11; Romanos 11:25; 1 Coríntios 2:7; 4:1; 15:51; Efésios 1:9; 3:3-4; 6:19; Colossenses 1:27, 2:2; 1 Timóteo 3:16).

Também, é importante observar que um mesmo verso pode conter linguagem literal, figura de linguagem, simbolismo e/ou analogia. A explicação de uma passagem pode requerer o entendimento de outras passagens bíblicas.

Somente após entendermos o que as passagens em seus contextos querem dizer que podemos estabelecer uma linha escatológica. Ela não pode violar nenhuma das passagens escatológicas, mas deve uni-las de forma complementar.

2.1. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE GÊNESIS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Gênesis. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.1.1. GÊNESIS 1:2

> A terra era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre as águas.

O abismo nos primórdios da criação era visto como grandes profundezas escuras, com águas sobre si. É mais antigo do que o *sheol*.

A Bíblia também retrata o abismo como um local escuro, com águas e fogo, próximo ao *hades*/*sheol*, e nele podem estar aprisionadas as pessoas mortas pelo dilúvio e os anjos caídos, os quais podem ser as mesmas entidades que os demônios (veja 1.3.3. Lucas 8:30-31, 1.3.15. Lucas 16:19-31, 1.21.1. 2 Pedro 2:4).

2.1.2. GÊNESIS 2:7

> Então o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente.

A expressão "se tornou um ser vivente" vem da palavra hebraica *nephesh*, indicando que o homem se tornou uma alma vivente. Um ser humano é composto de uma parte espiritual (alma e espírito) e uma parte física (corpo). Quanto à distinção entre alma e espírito, ver 1.1.10. Mateus 10:28. Assim, a alma do ser humano veio a existir quando o espírito, o qual procede de Deus, interagiu com a matéria – a alma tem um início. Embora os animais sejam descritos como possuindo "fôlego de vida" (como em Gênesis 7:15), aparentemente, o ser humano é o único ser material que possui um espírito que permite que a alma possa permanecer após a morte do corpo (veja 2.12.21. Salmo 49:14-19). Interessantemente, a Bíblia não considera matar animais e plantas como uma violação do mandamento "não matarás" (embora tal ato possa, juntamente com a destruição da terra, ser considerado um desrespeito à vida, a qual foi dada por Deus e, por conseguinte, tal ato é um ultraje a Deus).

2.1.3. GÊNESIS 3:15

> Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela. Este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar.

Essa é a primeira profecia na Bíblia sobre Cristo, o referido descendente da mulher (Eva). O Senhor fez com que ocorresse inimizade entre Eva e Satanás e, também, inimizade entre Cristo e a descendência de Satanás – em última análise, os não justificados.

A vitória de Cristo na cruz deu um grande golpe em Satanás: destruiu seu "poder da morte", conforme Hebreus 2:14-15. Esse grande golpe foi simbolizado pelo "ferimento na cabeça". Satanás pôde apenas causar um "pequeno ferimento" em Cristo, isto é, sua morte física, o que foi simbolizado pelo "ferimento no calcanhar".

2.1.4. GÊNESIS 5:22-24

> Enoque andou com Deus; e, depois que gerou Metusalém, viveu trezentos anos; e teve filhos e filhas. Todos os dias de Enoque foram trezentos e sessenta e cinco anos. Enoque andou com Deus e não foi mais visto, porque Deus o levou para junto de si.

Enoque foi tomado por Deus para estar consigo no céu, embora sem seu corpo glorificado (veja 1.18.5. Hebreus 11:5).

2.1.5. GÊNESIS 7:11-12

> No ano seiscentos da vida de Noé, aos dezessete dias do segundo mês, nesse dia romperam-se todas as fontes do grande abismo, e as comportas dos céus se abriram, e caiu chuva sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites.

O grande abismo era visto como um local nas profundezas da Terra capaz de jorrar água para inundá-la (possui água).

A Bíblia também retrata o abismo como um local escuro, com águas e fogo, próximo ao *hades*/*sheol*, e nele podem estar aprisionadas as pessoas mortas pelo dilúvio e os anjos caídos, os quais podem ser as mesmas entidades que os demônios (veja 1.3.3. Lucas 8:30-31, 1.3.15. Lucas 16:19-31, 1.21.1. 2 Pedro 2:4).

2.1.6. GÊNESIS 8:2

> Fecharam-se as fontes do abismo e também as comportas dos céus, e a chuva dos céus se deteve.

Como em Gênesis 7:11-12, o abismo era visto como um local nas profundezas da Terra capaz de jorrar água para inundá-la (possui água). A Bíblia também retrata o abismo como um local escuro, com águas e fogo, próximo ao *hades*/*sheol*, e nele podem estar aprisionadas as pessoas mortas pelo dilúvio e os anjos caídos, os quais podem ser as mesmas entidades que os demônios (veja 1.3.3. Lucas 8:30-31, 1.3.15. Lucas 16:19-31, 1.21.1. 2 Pedro 2:4).

2.1.7. GÊNESIS 15:15

> E você irá para junto de seus pais em paz; será sepultado em boa velhice.

"Ir para junto dos pais" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido estará na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. Pelo menos no caso de Abraão, "ir para junto dos pais" não pode significar ser sepultado próximo aos seus ancestrais, uma vez que eles foram sepultados longe de onde Abraão morreu.

2.1.8. GÊNESIS 25:8

> Abraão expirou e morreu após uma longa velhice, e foi reunido ao seu povo.

"Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido estará na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais.

2.1.9. GÊNESIS 25:17

> E os anos da vida de Ismael foram cento e trinta e sete; e morreu e foi reunido ao seu povo.

Como em Gênesis 25:8, "ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido estará na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais.

No caso de Ismael, a expressão "ser reunido a seu povo" poderia significar ser sepultado próximo aos seus ancestrais. Porém, tendo em vista a forma como a expressão foi utilizada para o caso de Abraão, isso é improvável.

2.1.10. GÊNESIS 33:18

> Ao sair-lhe a alma (porque morreu), deu ao filho o nome de Benoni.

A alma de uma pessoa sai do corpo quando ele morre. Observa-se que, assim como em Tiago 2:26, a morte é uma separação da parte espiritual da parte física.

2.1.11. GÊNESIS 37:35

> Todos os seus filhos e todas as suas filhas vieram, para o consolar; ele, porém, recusou ser consolado e disse: "Chorando, descerei à sepultura para junto do meu filho." E continuou a chorar pelo filho.

A palavra traduzida como "sepultura" é *sheol*. Jacó, imaginando que José tinha morrido, se lamentou dizendo que iria triste para o *sheol*, onde também encontraria seu filho. O entendimento de Jacó era que tanto ele quanto José, ainda que considerados justos por Deus, estariam no *sheol*.

Tanto justificados como não justificados, após a morte, vão para o *sheol*. Ele pode ser entendido simplesmente como o estado de morte, e não um lugar em si – nesse sentido, todos os seres vivos estarão cedo ou tarde nesse estado de morte. Muitos estudiosos se apegam a essa possibilidade. No entanto, essa explicação deixa muitos detalhes referentes ao estado dos mortos sem resposta. Há também uma boa possibilidade de o *sheol* ser entendido, de fato, como o mundo dos mortos. Sendo o *sheol* apenas uma forma de se referir ao estado de morte ou ao mundo dos mortos, os justificados, após a morte, vão para lá.

O Novo Testamento, no entanto, frequentemente retrata os justificados em comunhão com Cristo no céu. Uma vez que eles não podem estar ao mesmo tempo no *sheol* e no céu, é possível que os justificados iam para o *sheol* até antes de Cristo obter sua vitória na cruz, sendo depois disso encaminhados ao céu, embora ainda sem os corpos glorificados (veja 1.10.1. Efésios 4:8-9 e 1.24.45. Apocalipse 20:1-10). Essa explicação parece mais coerente para explicar os detalhes do estado dos mortos antes da ressurreição.

2.1.12. GÊNESIS 42:38

> Mas Jacó respondeu: "O meu filho não irá com vocês. O irmão dele está morto, e ele é o único que ficou. Se lhe acontece algum desastre no caminho, vocês farão descer os meus cabelos brancos com tristeza à sepultura."

A palavra traduzida como "sepultura" é *sheol*. Assim como em Gênesis 37:35, Jacó, imaginando que José tinha morrido, se lamentou dizendo que iria triste para o *sheol*, onde também encontraria José, se algo acontecesse também a seu outro filho, Benjamim. O entendimento de Jacó era que tanto ele quanto José, ainda que considerados justos por Deus, estariam no *sheol*.

Os justificados iam para o *sheol* até antes de Cristo obter sua vitória na cruz, sendo depois disso encaminhados ao céu, embora ainda sem os corpos glorificados (veja 1.10.1. Efésios 4:8-9, 1.24.45. Apocalipse 20:1-10 e 2.1.11. Gênesis 37:35).

2.1.13. GÊNESIS 44:29-31

> Se agora vocês me tirarem também este da minha presença, e lhe acontecer algum desastre, farão descer os meus cabelos brancos com tristeza à sepultura." Agora, pois, se eu voltar para junto de meu pai, seu servo, sem que o jovem vá conosco, visto que a alma de meu pai está ligada com a alma dele, vendo ele que o jovem não está conosco, morrerá; e estes seus servos farão descer os cabelos brancos de nosso pai, seu servo, com tristeza à sepultura.

A palavra traduzida como "sepultura" é *sheol*. Assim como em Gênesis 37:35 e Gênesis 42:38, Jacó, imaginando que José tinha morrido, se lamentou dizendo que iria triste para o *sheol*, onde também encontraria José, se algo acontecesse também a seu outro filho, Benjamim. O entendimento de Jacó era que tanto ele quanto José, ainda que considerados justos por Deus, estariam no *sheol*.

Os justificados iam para o *sheol* até antes de Cristo obter sua vitória na cruz, sendo depois disso encaminhados ao céu, embora ainda sem os corpos glorificados (veja 1.10.1. Efésios 4:8-9, 1.24.45. Apocalipse 20:1-10 e 2.1.11. Gênesis 37:35).

2.1.14. GÊNESIS 49:10

> O cetro não se afastará de Judá, nem o bastão sairá de entre os seus pés, até que venha Siló; e a ele obedecerão os povos.

Outra tradução para "até que venha Siló" é "até que venha aquele a quem pertencem". Em última análise, essa é uma profecia sobre o Messias, Jesus Cristo, o qual é da tribo de Judá, profecia que estabelece tanto a identidade real daquele chamado Siló e o domínio universal que ele teria. Muito tempo antes de Israel se tornar um reino, já estava no propósito de Deus enviar um rei, o Cristo.

2.1.15. GÊNESIS 49:33

> Quando Jacó acabou de dar essas ordens a seus filhos, recolheu os pés na cama, expirou e foi reunido ao seu povo.

Como em Gênesis 15:15; 25:8,17, "ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido estará na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais.

2.1.16. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE GÊNESIS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Gênesis, as informações são:

- Gênesis 1:2: o abismo nos primórdios da criação era visto como grandes profundezas escuras, com águas sobre ele. É mais antigo do que o *sheol*. A Bíblia também retrata o abismo como um local escuro, com águas e fogo, próximo ao *hades*/*sheol*, e nele podem estar aprisionadas as pessoas mortas pelo dilúvio e os anjos caídos, os quais podem ser as mesmas entidades que os demônios;

- Gênesis 2:7: um ser humano é composto de uma parte espiritual (alma e espírito) e uma parte física (corpo). Assim, a alma do ser humano veio a existir quando o espírito, o qual procede de Deus, interagiu com a matéria – a alma tem um início. Embora os animais sejam descritos como possuindo "fôlego de vida" (como em Gênesis 7:15), aparentemente, o ser humano é o único ser material que possui um espírito que permite que a alma possa permanecer após a morte do corpo. Interessantemente, a Bíblia não considera matar animais e plantas como uma violação do mandamento

"não matarás" (embora tal ato possa, juntamente com a destruição da terra, ser considerado um desrespeito à vida, a qual foi dada por Deus e, por conseguinte, tal ato é um ultraje a Deus);

- Gênesis 3:15: o Senhor fez com que ocorresse inimizade entre Eva e Satanás e, também, inimizade entre Cristo e a descendência de Satanás – em última análise, os não justificados. A vitória de Cristo na cruz deu um grande golpe em Satanás: destruiu seu "poder da morte", conforme Hebreus 2:14-15. Esse grande golpe foi simbolizado pelo "ferimento na cabeça". Satanás pôde apenas causar um "pequeno ferimento" em Cristo, isto é, sua morte física, o que foi simbolizado pelo "ferimento no calcanhar";

- Gênesis 5:22-24: Enoque foi tomado por Deus para estar consigo no céu. Provavelmente está em comunhão com o Senhor, mas sem seu corpo glorificado;

- Gênesis 7:11-12, Gênesis 8:2: o grande abismo era visto como um local nas profundezas da Terra capaz de jorrar água para inundá-la (possui água);

- Gênesis 15:15: "ir para junto dos pais" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. Pelo menos no caso de Abraão, "ir para junto dos pais" não pode significar ser sepultado próximo aos seus ancestrais, uma vez que eles foram sepultados longe de onde Abraão morreu;

- Gênesis 25:8, Gênesis 25:17, Gênesis 49:33: "ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido estará na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais;

- Gênesis 33:18: a alma de uma pessoa sai do corpo quando ele morre. Observa-se que, assim como em Tiago 2:26, a morte é uma separação da parte espiritual da parte física;

- Gênesis 37:35, Gênesis 42:38, Gênesis 44:29-31: os justificados iam para o *sheol* até antes de Cristo obter sua vitória na cruz, sendo depois disso encaminhados ao céu, embora ainda sem os corpos glorificados;

- Gênesis 49:10: o Messias, Jesus Cristo, o qual é da tribo de Judá, tem a identidade real e terá domínio universal. Muito tempo antes de Israel se tornar um reino, já estava no propósito de Deus enviar um rei, o Cristo.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Um ser humano é composto de uma parte espiritual (alma e espírito) e uma parte física (corpo). Assim, a alma do ser humano veio a existir quando o espírito, o qual procede de Deus, interagiu com a matéria – a alma tem um início. Embora os animais sejam descritos como possuindo "fôlego de vida", aparentemente o ser humano é o único ser material que possui um espírito que permite que a alma possa permanecer após a morte do corpo. Interessantemente, a Bíblia não considera matar animais e plantas como uma violação do mandamento "não matarás" (embora tal ato possa, juntamente com a destruição da terra, ser considerado um desrespeito à vida, a qual foi dada por Deus e, por conseguinte, tal ato é um ultraje a Deus).

O abismo é mais antigo do que o *sheol* e era visto como as maiores profundezas da Terra, contendo águas que foram utilizadas no dilúvio de Noé. A Bíblia também retrata o abismo como um local escuro, com águas e fogo, próximo ao *hades*/*sheol*, e nele podem estar aprisionadas as pessoas mortas pelo dilúvio e os anjos caídos, os quais podem ser as mesmas entidades que os demônios.

O Messias, Jesus Cristo, o qual é da tribo de Judá, tem a identidade real e tem domínio universal. Muito tempo antes de Israel se tornar um reino, já estava no propósito de Deus enviar um rei, o Cristo.

O Senhor fez com que ocorresse inimizade entre Eva e Satanás e, também, inimizade entre Cristo e a descendência de Satanás – em última análise, os não justificados. A vitória de Cristo na cruz deu um grande golpe em Satanás: destruiu seu "poder da morte". Esse grande golpe foi simbolizado pelo "ferimento na cabeça". Satanás pôde apenas causar um "pequeno ferimento" em Cristo, isto é, sua morte física, o que foi simbolizado pelo "ferimento no calcanhar".

A alma de uma pessoa sai do corpo quando ele morre. Observa-se que a morte é uma separação da parte espiritual da parte física. A expressão "ir para junto dos pais" ou "ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. Pelo menos no caso de Abraão, "ir para junto dos pais" não pode significar ser sepultado próximo aos seus ancestrais, uma vez que eles foram sepultados longe de onde Abraão morreu. Os justificados iam para o *sheol* até antes de Cristo obter sua vitória na cruz, sendo depois disso encaminhados ao céu, embora ainda sem os corpos glorificados.

Enoque foi tomado por Deus para estar consigo no céu. Provavelmente está em comunhão com o Senhor, mas sem seu corpo glorificado.

2.2. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE ÊXODO

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Êxodo. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.2.1. ÊXODO 3:6

> Disse mais: "Eu sou o Deus de seu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó."

Jesus usou essa afirmação que Deus fez a Moisés para mostrar aos saduceus (os quais não acreditavam em espírito, anjos, ou ressurreição, conforme Atos 23:8) que Abraão, Isaque e Jacó estão vivos e com Deus (Mateus 22:30-32; Marcos 12:25-27; Lucas 20:34-38). Isso implicitamente aponta para a ressurreição dos mortos. Jesus apontou que o texto diz "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó" e não "Eu fui o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó". Aqueles que estão com Deus são contados como vivos.

Essa passagem não prova diretamente que o corpo morto seria ressuscitado, mas aponta para isso como consequência. A passagem demonstra que Abraão, Isaque e Jacó estavam em existência, ou seja, que suas almas estavam vivas. Os saduceus negavam esse conceito (Atos 23:8), e esse foi o principal ponto em disputa. Havendo um estado de recompensas e punições, é fácil entender que os corpos dos mortos serão ressuscitados. Assim, o argumento para a ressurreição é inferido: se os patriarcas estão vivendo, eles estão esperando uma ressurreição.

2.2.2. ÊXODO 3:15-16

> Deus disse ainda mais a Moisés: "Assim você dirá aos filhos de Israel: 'O SENHOR, o Deus dos seus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vocês. Este é o meu nome eternamente, e assim serei lembrado de geração em geração.' Vá, reúna os anciãos de Israel e diga-lhes: 'O SENHOR, o Deus dos seus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me apareceu, dizendo: 'Em verdade eu os tenho visitado e visto o que tem sido feito com vocês no Egito.'"

Como em Êxodo 3:6, Abraão, Isaque e Jacó estavam em existência, ou seja, suas almas estavam vivas. O argumento para a ressurreição é inferido: se os patriarcas estão vivendo, eles estão esperando uma ressurreição.

2.2.3. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE ÊXODO

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Êxodo, as informações são:

- Êxodo 3:6: Abraão, Isaque e Jacó estão vivos e com Deus. O texto diz "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó" e não "Eu fui o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó". Aqueles que estão com Deus são contados como vivos. Abraão, Isaque e Jacó estavam em existência, ou

seja, suas almas estavam vivas. O argumento para a ressurreição é inferido: se os patriarcas estão vivendo, eles estão esperando uma ressurreição;

- Êxodo 3:15-16: Abraão, Isaque e Jacó estavam em existência, ou seja, suas almas estavam vivas. O argumento para a ressurreição é inferido: se os patriarcas estão vivendo, eles estão esperando uma ressurreição.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Abraão, Isaque e Jacó estão vivos e com Deus. Aqueles que estão com Deus são contados como vivos. Suas almas estão vivas. Se os patriarcas estão vivendo mesmo após morrerem, eles estão esperando uma ressurreição.

2.3. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE NÚMEROS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Números. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.3.1. NÚMEROS 16:30-33

> Mas, se o SENHOR criar alguma coisa nova, e a terra abrir a sua boca e os engolir com tudo o que eles têm, e se eles descerem vivos ao mundo dos mortos, então vocês saberão que estes homens desprezaram o SENHOR. E aconteceu que, assim que Moisés acabou de dizer todas estas palavras, a terra debaixo deles se fendeu, abriu a sua boca e os engoliu com as famílias deles, com todos os que eram partidários de Corá e com todos os bens deles. Eles e tudo o que lhes pertencia desceram vivos ao mundo dos mortos; a terra os cobriu, e desapareceram do meio da congregação.

Corá, Datã, Abirão e suas famílias desceram vivos ao mundo dos mortos após a terra se abrir abaixo deles, pelo poder do Senhor. Em seguida, a terra os cobriu. A expressão "mundo dos mortos" é traduzida da palavra hebraica *sheol*. O *sheol* era visto como a região dos mortos situada nas profundezas da terra. Outra forma de visualizar o mundo dos mortos é como um monstro que tem uma bocarra e que jamais se farta de devorar aqueles que perecem (Isaías 5:14; Provérbios 30:15-16). Uma vez que Corá, Datã, Abirão e suas famílias desceram vivos ao *sheol*, o qual é uma região para mortos, subentende-se que morreram ao chegarem lá.

2.3.2. NÚMEROS 20:26

> Depois tire as vestes sacerdotais de Arão e coloque-as em Eleazar, o filho dele; porque Arão será reunido ao seu povo e ali morrerá.

"Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido estará na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais.

No caso de Arão, "ser reunido a seu povo" não pode significar ser sepultado próximo aos seus ancestrais, uma vez que eles foram sepultados longe de onde Arão morreu.

2.3.3. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE NÚMEROS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Números, as informações são:

- Números 16:30-33: Corá, Datã, Abirão e suas famílias desceram vivos ao mundo dos mortos após a terra se abrir abaixo deles, pelo poder do Senhor. Em seguida, a terra os cobriu. A expressão "mundo dos mortos" é traduzida da palavra hebraica *sheol*. O *sheol* era visto como a região dos mortos situada nas profundezas da terra. Outra forma de visualizar o mundo dos mortos é como um monstro que tem uma bocarra e que jamais se farta de devorar aqueles que perecem (Isaías 5:14; Provérbios 30:15-16). Uma vez que Corá, Datã, Abirão e suas famílias desceram vivos ao *sheol*, o qual é uma região para mortos, subentende-se que morreram ao chegarem lá;

- Números 20:26: "ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

O *sheol* era visto como a região dos mortos situada nas profundezas da terra. Outra forma de visualizar o mundo dos mortos é como um monstro que tem uma bocarra e que jamais se farta de devorar aqueles que perecem. Uma vez que Corá, Datã, Abirão e suas famílias desceram vivos ao *sheol*, o qual é uma região para mortos, subentende-se que morreram ao chegarem lá.

"Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido estará na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais.

2.4. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DE DEUTERONÔMIO

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas de Deuteronômio. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.4.1. DEUTERONÔMIO 18:15-19

> O SENHOR, seu Deus, fará com que do meio de vocês, do meio dos seus irmãos, se levante um profeta semelhante a mim; a ele vocês devem ouvir. Porque isso foi o que vocês pediram ao SENHOR, seu Deus, em Horebe, no dia em que o povo estava reunido. Vocês disseram: "Não nos faça ouvir de novo a voz do SENHOR, nosso Deus, nem ver este grande fogo, para que não morramos." Então o SENHOR me disse: "Eles estão corretos naquilo que disseram. Farei com que se levante do meio de seus irmãos um profeta semelhante a você, em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar. De todo aquele que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, disso lhe pedirei contas.

Moisés se referiu a Jesus Cristo como o profeta semelhante a ele que havia de vir. Isso foi reconhecido por Pedro em Atos 3:22-23 e por Estêvão em Atos 7:37. Ser semelhante a Moisés implica que Cristo, como Moisés, instituiu uma aliança com Deus. Moisés instituiu a Antiga Aliança, Jesus Cristo instituiu a Nova Aliança. Todo aquele que não ouvir a Cristo, o qual fala em nome de Deus Pai, terá de prestar contas no dia do juízo final.

2.4.2. DEUTERONÔMIO 31:29

> Porque sei que, depois da minha morte, vocês certamente se deixarão corromper e se desviarão do caminho que lhes tenho ordenado. Então, nos últimos dias, este mal os alcançará, porque vocês farão o que é mau aos olhos do SENHOR, provocando-o à ira com as obras das suas mãos.

Moisés sabia que, após sua morte, o povo de tendência rebelde ia se desviar da recém proclamada aliança com Deus (a Antiga Aliança). Moisés utilizou a expressão "últimos dias" como o período em que a ira de Deus se acenderia contra o povo para julgamento. Isso se refere à queda do sistema judaico com a destruição do templo e de Jerusalém em 70 d.C. Sendo assim, a época do Novo Testamento já era considerada como os últimos dias, mesmo de um ponto de vista do Antigo Testamento.

2.4.3. DEUTERONÔMIO 32:22

> Porque um fogo se acendeu no meu furor e queimará até o mais profundo do inferno, consumirá a terra e as suas colheitas e incendiará os fundamentos dos montes.

A palavra "inferno" foi traduzida do hebraico *sheol*. Sabendo que o povo de Israel era rebelde, Moisés entoou um cântico logo após colocar o livro da lei ao lado da arca da aliança, de forma a testemunhar as ações de Deus ao povo. Uma parte desse cântico profetizou Israel como desviado do Senhor, mesmo depois de todo o cuidado de Deus com a nação. O resultado é a ira de Deus contra Israel, a qual foi figuradamente descrita como ardente como fogo, tão ampla que seria capaz de atingir desde o céu até as maiores profundezas do *sheol*. Essa

profecia se cumpriu na destruição de Jerusalém (veja 1.1.28. Mateus 24:1-35). Assim, o *sheol* é retratado nas profundezas da terra, em oposição à habitação de Deus que é retratada como a região mais elevada. Nem mesmo o *sheol* pode escapar da ira de Deus.

2.4.4. DEUTERONÔMIO 32:50

> Você vai morrer no monte, ao qual terá subido, e será reunido ao seu povo, como Arão, o seu irmão, morreu no monte Hor e foi reunido ao seu povo.

"Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais.

2.4.5. ESCATOLOGIA DE DEUTERONÔMIO

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos em Deuteronômio, as informações são:

- Deuteronômio 18:15-19: Moisés se referiu a Jesus Cristo como o profeta semelhante a ele que havia de vir. Isso foi reconhecido por Pedro em Atos 3:22-23 e por Estêvão em Atos 7:37. Ser semelhante a Moisés implica que Cristo, como Moisés, instituiu uma aliança com Deus. Moisés instituiu a Antiga Aliança, Jesus Cristo instituiu a Nova Aliança. Todo aquele que não ouvir a Cristo, o qual fala em nome de Deus Pai, terá de prestar contas no dia do juízo final;

- Deuteronômio 31:29: Moisés sabia que, após sua morte, o povo de tendência rebelde ia se desviar da recém proclamada aliança com Deus (a Antiga Aliança). Moisés utilizou a expressão "últimos dias" como o período em que a ira de Deus se acenderia contra o povo para julgamento. Isso se refere à queda do sistema judaico com a destruição do templo e de Jerusalém em 70 d.C. Sendo assim, a época do Novo Testamento já era considerada como os últimos dias, mesmo de um ponto de vista do Antigo Testamento;

- Deuteronômio 32:22: sabendo que o povo de Israel era rebelde, Moisés entoou um cântico logo após colocar o livro da lei ao lado da arca da aliança, de forma a testemunhar as ações de Deus ao povo. Uma parte desse cântico profetizou Israel como desviado do Senhor, mesmo depois de todo o cuidado de Deus com a nação. O resultado é a ira de Deus contra Israel, a qual foi figuradamente descrita como ardente como fogo, tão ampla que seria capaz de atingir desde o céu até as maiores profundezas do *sheol*. Essa profecia se cumpriu na destruição de Jerusalém. Assim, o *sheol* é retratado nas profundezas da terra, em oposição à habitação de Deus que é retratada como a região mais elevada. Nem mesmo o *sheol* pode escapar da ira de Deus;

- Deuteronômio 32:50: "ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Moisés se referiu a Jesus Cristo como o profeta semelhante a ele que havia de vir. Isso foi reconhecido por Pedro em Atos 3:22-23 e por Estêvão em Atos 7:37. Ser semelhante a Moisés implica que Cristo, como Moisés, instituiu uma aliança com Deus. Moisés instituiu a Antiga Aliança, Jesus Cristo instituiu a Nova Aliança. Todo aquele que não ouvir a Cristo, o qual fala em nome de Deus Pai, terá de prestar contas no dia do juízo final.

Moisés sabia que, após sua morte, o povo de tendência rebelde ia se desviar da recém proclamada aliança com Deus (a Antiga Aliança). Moisés utilizou a expressão "últimos dias" como o período em que a ira de Deus se acenderia contra o povo para julgamento. Isso se refere à queda do sistema judaico com a destruição do templo e de Jerusalém em 70 d.C. Sendo assim, a época do Novo Testamento já era considerada como os últimos dias, mesmo de um ponto de vista do Antigo Testamento.

Sabendo que o povo de Israel era rebelde, Moisés entoou um cântico logo após colocar o livro da lei ao lado da arca da aliança, de forma a testemunhar as ações de Deus ao povo. Uma parte desse cântico profetizou Israel como desviado do Senhor, mesmo depois de todo o cuidado de Deus com a nação. O resultado é a ira de Deus contra Israel, a qual foi figuradamente descrita como ardente como fogo e tão ampla que seria capaz de atingir desde o céu até as maiores profundezas do *sheol*. Essa profecia se cumpriu na destruição de Jerusalém. Assim, o *sheol* é retratado nas profundezas da terra, em oposição à habitação de Deus que é retratada como a região mais elevada. Nem mesmo o *sheol* pode escapar da ira de Deus.

"Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido estará na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais.

2.5. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE 1 SAMUEL

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de 1 Samuel. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.5.1. 1 SAMUEL 2:6

> O SENHOR é quem tira a vida e quem a dá; ele faz descer à sepultura e faz subir.

A palavra traduzida como "sepultura" veio do hebraico *sheol*. Ana, em oração ao Senhor pela alegria de finalmente ter recebido um filho, afirmou que Deus tira e concede a vida. Isso diz respeito a Deus ter autoridade e poder para criar a vida e para tirá-la.

Ana também afirmou que Deus tem poder e autoridade de fazer a parte espiritual do ser humano ir e retornar do *sheol*. No contexto, a tristeza foi comparada à descida ao mundo dos mortos, enquanto a subida de lá representa a alegria. Ana estava abatida por não conseguir um filho, mas quando o Senhor concedeu esse pedido a ela, foi como se ela voltasse à vida. Assim, Ana fez uma comparação da vida e morte com sua própria condição: sentia-se como morta enquanto não tinha o filho, porém, quando o recebeu do Senhor, foi como se tivesse voltado à vida. Em última análise, essa analogia demonstra que Ana tinha a crença de que o *sheol* era um lugar de tristeza, mas Deus é poderoso para fazer alguém sair de lá, ou seja, reviver.

2.5.2. 1 SAMUEL 28:11-20

> Então a mulher perguntou: "Quem você quer que eu faça subir?" Ele respondeu: "Samuel." Quando a mulher viu Samuel, gritou em alta voz e disse a Saul: "Por que você me enganou? Pois você mesmo é Saul." Mas o rei disse à mulher: "Não tenha medo! O que você está vendo?" A mulher respondeu a Saul: "Vejo um deus subindo da terra." Ele perguntou: "Como é a sua figura?" Ela respondeu: "Vem subindo um ancião e está enrolado numa capa." Então Saul entendeu que se tratava de Samuel. Ele se inclinou com o rosto em terra e se prostrou. Samuel perguntou a Saul: "Por que você foi me perturbar, fazendo-me subir?" Então Saul disse: "É que estou muito angustiado, porque os filisteus guerreiam contra mim, e Deus se afastou de mim e já não me responde, nem pelo ministério dos profetas, nem por sonhos. Por isso o chamei para que você me revele o que devo fazer." Então Samuel disse: "Por que você pergunta a mim, visto que o SENHOR se afastou de você e se tornou seu inimigo? Porque o SENHOR fez com você o que havia anunciado por meio de mim: rasgou das suas mãos o reino e o deu a alguém outro, que é Davi. Você não deu ouvidos à voz do SENHOR e não executou o que ele, no furor da sua ira, ordenou contra Amaleque, por isso o SENHOR fez isso com você, hoje. O SENHOR entregará também Israel, com você, nas mãos dos filisteus, e, amanhã, você e os seus filhos estarão comigo. O Senhor também entregará o acampamento de Israel nas mãos dos filisteus." De repente, Saul caiu estendido no chão e ficou com muito medo por causa das palavras de Samuel.

Antes de tudo, deve-se lembrar que o Antigo Testamento condena claramente a prática de consulta aos mortos (Levítico 19:26,31; Jeremias 27:9-10). Aqueles que tinham tal prática eram mortos (Êxodo 22:18). No entanto, ao ser lido o episódio de Saul e a médium de En-Dor, alguns entendem que há alguma justificação para tal prática. Não há. Saul errou e isso custou sua vida.

O pano de fundo é que o profeta Samuel estava morto, Deus tinha se afastado de Saul, e os exércitos dos filisteus se reuniram para enfrentar Israel. Saul estava com medo, uma vez que Deus não o respondia de nenhuma

maneira (1 Samuel 28:6). Então ele decidiu consultar os mortos para obter orientação de Samuel, ainda que ele mesmo tivesse banido os médiuns de Israel (1 Samuel 28:3). Os servos de Saul encontraram uma médium em En-Dor e Saul se dirigiu a ela à noite, disfarçado. Saul pediu à médium para que ela trouxesse Samuel, o qual presumivelmente apareceu e predisse a morte de Saul – logo o rei se juntaria a ele no *sheol*. De fato, um dia depois, Saul morreu por causa dos filisteus (1 Samuel 31:3-5).

Essa passagem é controversa e levanta as seguintes questões: foi realmente o profeta Samuel que apareceu? Se não, quem apareceu? Foi um truque da médium, ou uma manifestação demoníaca, ou uma alucinação da parte de Saul? Se foi Samuel que apareceu, como ele pôde? Deus permitiu que Samuel aparecesse, ou a médium tinha de fato poder para trazê-lo?

A primeira opção de interpretação é que não foi Samuel que apareceu. Os argumentos utilizados para essa visão são os seguintes:

- Por que falar com Saul dessa maneira? Saul tentou falar com Deus por meios lícitos e ainda assim ele não respondeu. Por que Deus responderia por um meio ilícito?

- A Bíblia condena médiuns. Por que Deus agiria contra algo que ele proibiu? Uma vez que Deus não muda, não poderia ser uma aparência autêntica de Samuel;

- Se Samuel apareceu, seria um lugar estranho para Deus realizar um milagre. Não há exemplo similar na Bíblia onde Deus fale sua Palavra em meio a uma situação claramente maligna;

- A profecia da parte de "Samuel" não foi cumprida porque ele disse que Saul seria morto pelos seus inimigos. Saul se suicidou, embora por causa deles. Não aconteceu como dito, logo, não veio de Deus;

- Os mortos não podem retornar ao mundo dos viventes (2 Samuel 12:23);

- Se foi Samuel que apareceu, a passagem abriria precedente para a comunicação entre vivos e mortos. Se Deus permitiu uma vez, ele não permitiria outras vezes? Isso abriria a porta para que crentes experimentassem atividades mediúnicas.

Ao se considerar que não foi Samuel que apareceu, basicamente existem três coisas que podem ter acontecido quando Saul encontrou a médium: um demônio personificou Samuel, foi uma aparição falsificada, ou Saul sofreu uma alucinação.

Ao se considerar a possibilidade de ser um demônio se passando por Samuel, é importante lembrar que demônios tendem a proferir engano ou meias verdades. O texto, no entanto, não apresenta o ocorrido como uma personificação por demônio. Não há meias verdades na resposta dada a Saul. Se fosse um demônio personificando Samuel, por que diria toda a verdade? Além do mais, embora Saul tenha se suicidado e não exatamente tenha sido morto pela espada do inimigo, ainda sim Saul morreu por causa do inimigo, como dito por Samuel. A mensagem soou como algo que Samuel de fato diria se estivesse vivo. O que ocorreu não é consistente com a forma na qual um demônio opera. Ao que tudo indica, foi uma aparição autêntica de Samuel.

Consideremos a possibilidade de que a médium tenha fingido a aparição de Samuel. Saul poderia ter sido enganado para acreditar que era mesmo Samuel. Os argumentos para essa visão são os seguintes:

- A médium foi chamada de ventriloquista: a *Septuaginta*, a tradução do Antigo Testamento para o grego, usa a palavra *eggastrimuthos* (ventriloquista) para descrever a mulher no verso 9. Era um termo utilizado para aqueles que usam o mesmo tipo de adivinhação. Isso indica que ela tinha a capacidade de enganar pessoas fazendo-as acreditar que há alguém mais presente por meio do uso de sua voz;

- A médium pode ter reconhecido Saul: a mulher teria fingido ignorância e teria reconhecido Saul desde o início, ainda que ele estivesse disfarçado;

- Saul não viu Samuel: apenas a mulher teria visto Samuel, Saul não. Consequentemente, a médium teria apenas fingido ter se surpreendido pela aparição de Samuel quando, na verdade, ela não teria visto nada;

- Saul apenas confiou no que a médium disse: uma vez que o rei não teria visto Samuel, ele teria que confiar no que a mulher dizia. Ele não teria conversado diretamente com Samuel;

- A predição da morte de Saul não foi grande coisa: dizer que Saul seria morto em batalha no dia seguinte não seria grande coisa, uma vez que Israel estava sobrepujado pelos filisteus;

- A morte de Saul não teria ocorrido exatamente como predito: Saul se lançou sobre sua própria espada para morrer, embora tenha sido por causa dos inimigos. Não foram exatamente os filisteus que o mataram.

Apesar de esses argumentos terem levado alguns a acreditar que foi uma fraude por parte da médium, o problema principal é que nada no texto indica que foi uma fraude. A leitura da ocorrência dá a impressão que Samuel de fato apareceu. A própria médium pareceu genuinamente aterrorizada nos versos 12 e 13 quando Samuel apareceu ("Quando a mulher viu Samuel, gritou em alta voz e disse a Saul: 'Por que você me enganou? Pois você mesmo é Saul.' Mas o rei disse à mulher: 'Não tenha medo! O que você está vendo?'"). Não há indicação de que ela estivesse fingindo. Parece mais que a aparição não era o que ela esperava que iria acontecer – o que implica em uma aparição autêntica ao invés de fraudulenta. Também, o texto não diz que foi apenas a mulher que viu Samuel. No início foi assim, mas depois que Samuel "subiu" e a conversação entre ele e Saul tomou lugar, não há indicação que o rei falou ao espírito por meio da mulher ao invés de falar diretamente. Finalmente, o suicídio de Saul foi definitivamente causado por causa dos filisteus, o que está de acordo com o que foi predito por Samuel: "O Senhor entregará também Israel, com você, nas mãos dos filisteus, e, amanhã, você e os seus filhos estarão comigo. O Senhor também entregará o acampamento de Israel nas mãos dos filisteus." Não foi, definitivamente, uma fraude por parte da médium. Ela provavelmente foi uma farsa em outras ocasiões, porém, no caso de Saul, tudo indica uma experiência autêntica.

Há também a possibilidade de Saul ter sofrido uma alucinação quando ele pensou que falou com o falecido profeta Samuel. Ele poderia estar tão desesperado para falar com Samuel que teria enganado a si mesmo ao acreditar que estava de fato falando com o falecido. No entanto, tal alucinação não teria sido limitada a Saul – a própria médium estava aterrorizada. Isso elimina a possibilidade que o ocorrido fosse fruto da mente do rei. O texto implica que a médium falou com Samuel. Consequentemente, não se trata de uma alucinação da parte de Saul.

Há também estudiosos da Bíblia que creem que foi uma aparição autêntica de Samuel naquela noite. A leitura da passagem faz isso aparente. As razões para sustentar essa visão são as seguintes:

- O texto diz que Samuel apareceu: os versos 14, 15, 16 e 20 simplesmente indicam que era Samuel. Isso parece encerrar a questão quanto à identificação do espírito que falou com o rei;

- A descrição de Samuel é autêntica: a médium disse que Samuel era um ancião que estava usando uma capa de profeta. Essa foi a capa que Saul tinha segurado e rasgou quando Samuel declarou que o reino tinha sido rasgado da mão do rei (1 Samuel 15:27-28). Isso teria convencido Saul que era de fato Samuel;

- A reação aterrorizada da médium: a mulher reagiu de forma esperada por ter visto uma aparição autêntica. A impressão é que ela estava com muito medo e gritou alto. Sua reação sugere que a aparição foi inesperada. Foi algo diferente do que comumente acontecia quando ela praticava sua arte. Ela alegou ter visto um "deus" – a palavra hebraica é *elohim*. Isso provavelmente se refere ao espírito de alguém que morreu. Tudo indica que ela realmente não estava esperando que o espírito genuíno de Samuel aparecesse;

- As palavras de Samuel: a conversa entre a aparição e o rei aludiu a uma conversa anterior que os dois tiveram. Apenas o verdadeiro Samuel teria dito isso a Saul, não algum impostor;

- A profecia: o papel de Samuel nas Escrituras é bem documentado. A mensagem dada a Saul a respeito de seu futuro é consistente com o que se sabe do ofício de Samuel como profeta;

- Sua predição estava correta: Samuel disse a Saul que o rei estaria com ele no mundo dos mortos no dia seguinte. Saul morreu no dia seguinte. Uma vez que apenas Deus conhece o futuro, deve ter sido Deus que passou as informações para Samuel dizer a Saul. Não ocorreu contradição entre a predição e o fato: Saul morreu no dia seguinte se lançando contra sua própria espada, mas já estava ferido mortalmente antes disso ocorrer. Iria morrer de qualquer forma. Os filisteus foram de fato a causa de sua morte;

- Deus utilizou métodos não usuais de comunicação em outras ocasiões: a mensagem do Senhor foi entregue a Balaão por meio de uma jumenta falante (Números 22:28). Os magos que foram guiados ao menino Jesus se utilizaram de suas artes e de uma estrela no céu (Mateus 2:1-2,9-11). Portanto, não se deve limitar os métodos de Deus para se comunicar com a humanidade. O fato de Deus permitir uma forma de comunicação não necessariamente significa que ele a aprova;

- Saul se inclinou com o rosto em terra e se prostrou diante de Samuel: esse ato de reverência do rei mostrou que ele realmente entendeu que era realmente Samuel que apareceu;

- A mensagem foi consistente: a mensagem dada ao rei foi consistente com algo que Deus ou Samuel diriam ao rei. Não há inconsistência na mensagem;

- A leitura da Septuaginta: a tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego adiciona as seguintes palavras em 1 Crônicas 10:13-14: "Saul pediu conselhos àquela que tinha um espírito familiar para consultá-la, e Samuel lhe respondeu." O fato de que os judeus tradutores escreveram dessa maneira dá adicional suporte de que era de fato Samuel.

Se foi Samuel que apareceu naquela noite, há duas possibilidades básicas de como ele apareceu: ou a médium de fato trouxe Samuel por meio de poder demoníaco, ou Deus permitiu que Samuel viesse do mundo dos mortos nessa ocasião.

Considerando a possibilidade de que a médium tenha trazido Samuel dos mortos por poder demoníaco, tal cenário configuraria um milagre demoníaco. A Bíblia adverte contra sinais de mentira e o poder do diabo (Mateus 7:22; 2 Tessalonicenses 2:9-10). No entanto, não há evidência bíblica de que Satanás ou que demônios possam realizar milagres verdadeiros. Portanto, o milagre de chamar o espírito de Samuel do *sheol* não seria algo que Satanás, ou seus demônios, teriam poder para realizar. Embora Satanás e seus demônios possam realizar sinais enganadores, eles estão sempre sob o controle final de Deus. Apenas Deus tem autoridade sobre a vida e a morte. Além disso, Samuel sabia que as artes de comunicação com os mortos são proibidas e aludiu a isso no verso 16 ("Por que você pergunta a mim, visto que o SENHOR se afastou de você e se tornou seu inimigo?"). É improvável que Samuel tenha vindo por algum poder demoníaco.

Uma vez que Samuel apareceu e que não foi por operação de poder demoníaco, a melhor explicação é que Deus permitiu que Samuel viesse do *sheol* para comunicar a última palavra de julgamento do Senhor para o desobediente rei Saul. Como já indicado, não seria a única vez que Deus permitiu algo tão incomum. A mensagem do Senhor foi entregue a Balaão por meio de uma jumenta falante (Números 22:28). Os magos que foram guiados ao menino Jesus se utilizaram de suas artes e de uma estrela no céu (Mateus 2:1-2,9-11).

De qualquer forma, o episódio da médium de En-Dor e Samuel e Saul não pode ser usado como base para tentativas de comunicação com os mortos. Deus condena qualquer contato com médiuns usando termos fortes. O resultado de Saul ter consultado uma médium foi, em última análise, sua morte e perdição (1 Crônicas 10:13).

Uma vez entendida a passagem, está claro que 1 Samuel 28:11-20 estabelece que, ao menos naquele momento da história de Israel, havia uma crença de que havia vida além da morte no *sheol*. O mundo dos mortos é retratado como estando nas profundezas da terra, o que explica o "subir" de Samuel. Isso também caracteriza que Samuel não estava no céu com Deus, caso contrário ele teria "descido", e não "subido". Observa-se, portanto, que os mortos mantêm sua identidade pessoal. Samuel apareceu da mesma forma em que havia morrido – como um homem velho vestindo uma capa de profeta. Samuel também tinha paz no mundo dos mortos, pois ele disse a Saul

que foi perturbado (1 Samuel 28:15). Outra coisa interessante é a descrição da médium para Samuel – ele foi chamado de "deus". Provavelmente, assim como Moisés e Elias na transfiguração de Jesus (veja 1.3.6. Lucas 9:28-36), Samuel tinha alguma aparência de glória.

Os mortos, portanto, vão para o *sheol*, o mundo dos mortos retratado como estando nas profundezas da terra. Os mortos mantêm suas identidades e memórias, podem ser reconhecidos pelos vivos, e podem se comunicar. Os justificados que morreram têm paz no mundo dos mortos e alguma glória.

No Novo Testamento, no entanto, os fiéis são retratados estando em comunhão com Deus e no paraíso ou no céu (veja 1.3.24. Lucas 23:42-43, 1.8.2. 2 Coríntios 12:2-4, 1.10.1. Efésios 4:8-9, 1.11.2. Filipenses 1:22-24, 1.24.45. Apocalipse 20:1-10). Ao que tudo indica, os justificados que morriam iam para o *sheol/hades*, onde se encontrava o paraíso. Após a ascensão de Cristo, o paraíso foi movido à habitação de Deus no céu e, desde então, todos aqueles que morrem no Senhor vão diretamente para o céu.

2.5.3. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE 1 SAMUEL

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de 1 Samuel, as informações são:

- 1 Samuel 2:6: Deus tem poder e autoridade de fazer a parte espiritual do ser humano ir e retornar do *sheol*. A tristeza foi comparada com a descida ao mundo dos mortos, enquanto a subida de lá foi comparada à alegria. Tais comparações demonstram que existia a crença de que o *sheol* era um lugar de tristeza, mas que Deus é poderoso para fazer alguém sair de lá, ou seja, reviver;

- 1 Samuel 28:11-20: os mortos vão para o *sheol*, o mundo dos mortos retratado como estando nas profundezas da terra. Os mortos mantêm suas identidades e memórias, podem ser reconhecidos pelos vivos, e podem se comunicar. Os justificados que morreram têm paz no mundo dos mortos e alguma glória. No Novo Testamento, no entanto, os fiéis são retratados estando em comunhão com Deus e no paraíso ou no céu. Ao que tudo indica, os justificados que morriam iam para o *sheol/hades*, onde se encontrava o paraíso. Após a ascensão de Cristo, o paraíso foi movido à habitação de Deus no céu e, desde então, todos aqueles que morrem no Senhor vão diretamente para o céu.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Os mortos iam para o *sheol/hades*, o mundo dos mortos retratado como estando nas profundezas da terra. No Novo Testamento, no entanto, os fiéis são retratados estando em comunhão com Deus no paraíso ou no céu. Ao que tudo indica, os justificados que morriam iam para o *sheol/hades*, onde se encontrava o paraíso, estando em alguma glória. Após a ascensão de Cristo, o paraíso foi movido à habitação de Deus no céu e, desde então, todos aqueles que morrem no Senhor vão diretamente para o céu.

A tristeza era comparada com a descida ao mundo dos mortos, enquanto a subida de lá foi comparada à alegria. Tais comparações demonstram que existia a crença de que o *sheol* era um lugar de tristeza. No entanto, os justificados que morreram encontram paz lá. Provavelmente, pouco se sabia a respeito do mundo dos mortos nas épocas mais antigas. Conforme a revelação bíblica foi sendo concedida, maiores detalhes sobre a vida após a morte puderam ser compreendidos.

Os mortos mantêm suas identidades e memórias, podem ser reconhecidos pelos vivos, e podem se comunicar. No entanto, isso não abre um precedente para consultar aos mortos, o que é veementemente proibido nas Escrituras. Deus tem poder e autoridade de fazer a parte espiritual do ser humano ir e retornar do mundo dos mortos.

2.6. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE 2 SAMUEL

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de 2 Samuel. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.6.1. 2 SAMUEL 7:12

> Quando os seus dias se completarem e você descansar com os seus pais, então farei surgir depois de você o seu descendente, que procederá de você, e estabelecerei o seu reino.

"Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico.

2.6.2. 2 SAMUEL 12:22-23

> Davi respondeu: "Enquanto a criança ainda estava viva, jejuei e chorei, porque dizia: 'Talvez o SENHOR se compadeça de mim, e a criança continuará viva.' Mas agora que ela morreu, por que jejuar? Poderei eu trazê-la de volta? Eu irei até ela, mas ela não voltará para mim."

O primeiro filho de Davi com Bate-Seba morreu. Davi afirmou que não poderia revivê-lo, mas que um dia estaria com ele, certamente se referindo a ir ao *sheol*. Assim, bebês que morrem também vão para o *sheol*.

2.6.3. 2 SAMUEL 22:5-6

> Porque ondas de morte me cercaram, torrentes de perdição me impuseram terror. Cadeias infernais me envolveram, e tramas de morte me surpreenderam.

A expressão "cadeias infernais" tem o significado de "cordões do *sheol*", ou seja, são cordões, ou uma rede, para apanhar a vítima (como um caçador). É como se o mundo dos mortos estivesse pronto para se apoderar de sua vítima e engoli-la. O *sheol* é retratado, portanto, como um caçador que nunca se satisfaz em se apoderar de mais vítimas e as engolir.

2.6.4. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE 2 SAMUEL

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no livro de 2 Samuel, as informações são:

- 2 Samuel 7:12: "ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico;

- 2 Samuel 12:22-23: bebês que morrem também vão para o *sheol*;

- 2 Samuel 22:5-6: o *sheol* é retratado como um caçador que nunca se satisfaz em se apoderar de mais vítimas e as engolir.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

"Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais.

O *sheol* é retratado como um caçador que nunca se satisfaz em se apoderar de mais vítimas e as engolir. Apesar disso, os mortos encontram "descanso" – estão livres dos assuntos terrenos, não mais interagindo com a vida física. Até mesmo os bebês vão ao *sheol* quando morrem.

2.7. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE 1 REIS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de 1 Reis. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.7.1. 1 REIS 1:21

> Do contrário, sucederá que, quando o rei, meu senhor, morrer, eu e o meu filho Salomão seremos tidos por culpados.

A palavra "morrer" foi traduzida de uma expressão hebraica que significa basicamente "jazer com seus pais". Embora o sentido primário provavelmente seja simplesmente um eufemismo para o fato de que o rei Davi morreria e seria sepultado próximo a seus antecessores, a expressão carrega o possível significado de que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais.

2.7.2. 1 REIS 2:2

> Eu vou pelo caminho de todos os mortais. Portanto, tenha coragem e seja homem!

"Ir pelo caminho de todos os mortais" significa a morte física. Pode também ter o significado de ir ao *sheol*. Se for assim, todos os mortais vão para o mundo dos mortos.

2.7.3. 1 REIS 2:6

> Portanto, faça segundo a sabedoria que você tem e não permita que ele morra em paz com idade avançada.

A expressão "não permita que ele morra" tem o significado de "não permita que suas cãs desçam ao *sheol* em paz". "Cãs" se referem aos cabelos brancos relacionados à idade. O *sheol* é visto como sinônimo de morte física e é para onde os mortos vão.

2.7.4. 1 REIS 2:9-10

> Mas, agora, não o tenha por inocente, pois você é um homem sábio e bem saberá o que deve fazer com ele para que ele seja sepultado com os cabelos brancos manchados de sangue. Davi morreu e foi sepultado na Cidade de Davi.

A expressão "seja sepultado com os cabelos brancos manchados de sangue" tem o significado de "as suas cãs desçam ao *sheol* com sangue". O *sheol* é visto como sinônimo de morte física e é para onde os mortos vão. No caso de Simei, Davi está desejando que Salomão o ponha à morte como punição pelo sangue que ele tem nas mãos, ou seja, como punição de seus atos ímpios.

A expressão "Davi morreu" traduz o sentido da expressão original: "Davi descansou com seus pais e foi sepultado". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, provavelmente perto dos restos mortais de seus antecessores, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.7.5. 1 REIS 11:43

> Salomão morreu e foi sepultado na Cidade de Davi, seu pai, e Roboão, seu filho, reinou em seu lugar.

A expressão "Salomão morreu" pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.7.6. 1 REIS 14:20

> Foi de vinte e dois anos o tempo que Jeroboão reinou. Ele morreu, e Nadabe, seu filho, reinou em seu lugar.

A expressão "Ele morreu" pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.7.7. 1 REIS 14:31

> Roboão morreu e foi sepultado nos túmulos de seus pais, na Cidade de Davi. A mãe dele se chamava Naamá, e era amonita. E Abias, filho de Roboão, reinou em seu lugar.

Como em 1 Reis 14:20, a expressão "Roboão morreu" pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.7.8. 1 REIS 15:8

> Abias morreu, e eles o sepultaram na Cidade de Davi. E Asa, seu filho, reinou em seu lugar.

Como em 1 Reis 14:20 e 1 Reis 14:31, a expressão "Abias morreu" pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.7.9. 1 REIS 15:24

> Asa morreu e foi sepultado na Cidade de Davi, seu pai. E Josafá, seu filho, reinou em seu lugar.

Como em 1 Reis 14:20,31; 15:8, a expressão "Asa morreu" pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.7.10. 1 REIS 16:6

> Baasa morreu e foi sepultado em Tirza. E Elá, seu filho, reinou em seu lugar.

Como em 1 Reis 14:20,31; 15:8,24, a expressão "Baasa morreu" pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.7.11. 1 REIS 16:28

Onri morreu e foi sepultado em Samaria. E Acabe, seu filho, reinou em seu lugar.

Como em 1 Reis 14:20,31; 15:8,24; 16:6, a expressão "Onri morreu" pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.7.12. 1 REIS 22:51

Josafá morreu e foi sepultado na Cidade de Davi, seu pai; e Jeorão, seu filho, reinou em seu lugar.

Como em 1 Reis 14:20,31; 15:8,24; 16:6,28, a expressão "Josafá morreu" pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.7.13. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE 1 REIS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de 1 Reis, as informações são:

- 1 Reis 1:21: a expressão "jazer com seus pais" provavelmente tem um sentido primário de ser um eufemismo para o fato de que o rei Davi morreria e seria sepultado próximo a seus antecessores. No entanto, a expressão carrega o possível significado de que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais;

- 1 Reis 2:2: "ir pelo caminho de todos os mortais" significa a morte física. Pode também ter o significado de ir ao *sheol*. Se for assim, todos os mortais vão para o mundo dos mortos;

- 1 Reis 2:6: o *sheol* é visto como sinônimo de morte física e é para onde os mortos vão;

- 1 Reis 2:9-10: o *sheol* é visto como sinônimo de morte física e é para onde os mortos vão. "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, provavelmente perto dos restos mortais de seus antecessores, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico;

- 1 Reis 11:43, 1 Reis 14:20, 1 Reis 14:31, 1 Reis 15:8, 1 Reis 15:24, 1 Reis 16:6, 1 Reis 16:28 e 1 Reis 22:51: "ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

O *sheol* é visto como sinônimo de morte física e é para onde os mortos vão. A expressão "ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais dos antecessores, significando que

o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso dos mortos no *sheol* se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.8. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE 2 REIS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de 2 Reis. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.8.1. 2 REIS 2:11-12

> Enquanto iam caminhando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro, e Elias subiu ao céu num redemoinho. Ao ver isso, Eliseu gritou: "Meu pai, meu pai! Carros de Israel e seus cavaleiros!" E nunca mais ele viu Elias. E, pegando a sua própria roupa, rasgou-a em duas partes.

Há alguma controvérsia na questão de para onde Elias foi levado por Deus. Há duas formas de entender o paradeiro do profeta:

- Elias foi apenas tomado para o céu atmosférico, o "primeiro céu", e transportado por Deus para outro lugar na Terra;
- Elias foi levado ao céu por Deus.

Se Deus levou Elias para outra parte da Terra, entende-se que não o livrou da morte natural e sua ida ao *sheol*. Caso Deus tenha levado Elias para sua habitação celestial, ele deve ter "escapado do *sheol*" e estaria com o Senhor, embora sem seu corpo glorificado.

Uma coisa curiosa que aponta para que Elias não tenha morrido na ocasião em que subiu foi que seu servo e sucessor, Eliseu, não guardou o período costumeiro de pranto pelo seu predecessor (compare com 2 Samuel 19:1; 1 Crônicas 7:22; 2 Crônicas 35:24). Qualquer que fosse o paradeiro do profeta, Eliseu parece ter entendido que ele não morreu.

Há evidências que apoiam que Elias tenha sido levado para outra localização na Terra. A palavra hebraica traduzida como "redemoinho" denota um tipo de tempestade, e a palavra hebraica para "céu" é mais utilizada para o céu visível (o firmamento, a atmosfera, o "primeiro céu") do que para a habitação de Deus.

Os discípulos dos profetas em 2 Reis 2:16-18 reconheceram que Elias poderia ter sido levado por Deus para outra parte da Terra. Os discípulos estavam preocupados com a segurança de Elias, e mandaram um grupo de cinquenta homens para procurá-lo. Esse grupo de homens o procurou por três dias, mas não o encontrou. É verdade que uma transladação por parte de Deus não precisa, necessariamente, levar alguém ao céu. O Espírito do Senhor levou Jesus ao deserto (Mateus 4:1) e Filipe foi levado pelo Espírito para longe do eunuco (Atos 8:39-40).

Outra evidência é que, ao que tudo indica, um escrito do profeta Elias ao rei Jorão foi registrado em 2 Crônicas 21:12-15 e tomou lugar anos após Elias subir. O último registro datado de um ato de Elias ocorreu durante o reinado de Acazias, rei de Israel, quando Elias disse a ele que ele morreria por causa dos seus pecados (2 Reis 1:3,17). O reinado de Acazias durou apenas um ano, por volta do ano 850 a.C. A história da subida de Elias e sua substituição por Eliseu está registrada no próximo capítulo, 2 Reis 2, continuando com relatos da vida de Eliseu, o que inclui um encontro com Josafá, rei de Judá (2 Reis 3:11-14). Vários anos depois, Jorão, filho de Josafá, sucedeu a seu pai no trono de Judá, e isso aconteceu em cerca de 845 a.C. (2 Reis 8:16). Jorão provou ser um rei ímpio e, decorridos poucos anos de seu reinado, e muitos anos depois da subida de Elias, o rei recebeu um escrito do profeta (2 Crônicas 21:12-15). Tal escrito indica que o profeta Elias continuou vivo, em algum lugar na Terra, vários anos depois de ter sido levado e substituído por Eliseu.

Por outro lado, pode ser que Elias "escapou" da morte por ter sido levado ao céu por Deus, assim como Enoque (Gênesis 5:24). A leitura simples de 2 Reis 2 passa essa impressão.

Subir à atmosfera é apenas o primeiro passo para chegar à habitação de Deus, e esse "primeiro céu" pode ter sido citado apenas porque foi ainda nele que se perdeu Elias de vista.

Quanto ao escrito de Elias para Jeorão, um rei que veio depois de Josafá, em cujo reinado se deu a subida de Elias (2 Reis 2:3,11), uma das duas coisas pode ter ocorrido:

- Na verdade, foi Eliseu quem redigiu o escrito, ou algum outro profeta chamado Elias, os quais podem ter agido no espírito e poder de Elias, pelo qual João Batista também operou;

- O escrito realmente foi redigido por Elias, o qual, antes de ascender pelo Espírito, previu e predisse o reino e os atos de Jeorão (como outros profetas fizeram a respeito de Josias em 1 Reis 13:2 e como Isaías fez a respeito de Ciro em Isaías 45:3, muito antes de eles nascerem). Assim, deixou escrita essa profecia com Eliseu ou com algum outro, para que fosse entregue no devido tempo.

Também, a Bíblia especifica quando alguém é levado pelo Espírito para outro lugar na Terra (Mateus 4:1; Atos 8:39-40). Não foi o caso com Elias, embora os discípulos dos profetas tenham especulado que o profeta pudesse estar em outro lugar da Terra, mas não o encontraram quando procuraram. É possível que Eliseu suspeitasse que Elias estivesse junto ao Senhor, uma vez que ele mesmo disse aos profetas que não o procurassem (2 Reis 2:17-18). Além do mais, o manto de profeta de Elias caiu e foi retido por Eliseu (2 Reis 2:13), o que indica que os dias de profeta para Elias se acabaram. A forma como Elias se despediu de Eliseu, deixando a ele um último pedido antes que fosse embora, dá a entender que iria para um lugar no qual não mais voltaria (2 Reis 2:9).

De qualquer forma, Elias foi visto por Jesus, Pedro, Tiago e João no evento da transfiguração de Jesus. Na transfiguração, Elias apareceu a Jesus e aos discípulos e estava conversando com Jesus (Mateus 17:3). O fato de Elias ter aparecido em glória e estar falando com Jesus a respeito de sua morte em Jerusalém (conforme Lucas 9:32) é de especial atenção. Se Elias foi ao céu, não deve estar com seu corpo mortal, uma vez que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus nem a incorruptibilidade (1 Coríntios 15:50). Elias, mesmo estando em glória no momento da transfiguração (Lucas 9:32), não recebeu ainda seu corpo glorificado, pois Jesus foi o primeiro a recebê-lo (1 Coríntios 15:20,23; Filipenses 3:21) e o autor de Hebreus afirma que os fiéis que já morreram fisicamente não receberão o aperfeiçoamento, ou seja, os corpos glorificados, antes de todos os cristãos, o que deve ocorrer na segunda vinda de Cristo (Hebreus 11:39-40).

Embora seja possível que Elias tenha morrido como qualquer homem caso tenha sido apenas tomado para o céu atmosférico, o "primeiro céu", e transportado por Deus para outro lugar na Terra, a evidência pesa mais para que Elias esteja no céu, embora sem seu corpo glorificado (veja 1.1.19. Mateus 17:1-9).

2.8.2. 2 REIS 22:20

> "Por isso, deixarei que você morra e seja sepultado em paz, e os seus olhos não verão todo o mal que trarei sobre este lugar." Então eles levaram esta resposta ao rei.

A expressão "deixarei que você morra e seja sepultado em paz" tem o sentido de "eu te reunirei a teus pais, e tu serás recolhido em paz à tua sepultura". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais.

2.8.3. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE 2 REIS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de 2 Reis, as informações são:

- 2 Reis 2:11-12: embora seja possível que Elias tenha morrido como qualquer homem caso tenha sido apenas tomado para o céu atmosférico, o "primeiro céu", e transportado por Deus para outro lugar na Terra, a evidência pesa mais para que Elias esteja no céu, embora sem seu corpo glorificado;

- 2 Reis 22:20: "ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido estará na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são

reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

"Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais.

Embora seja possível que Elias tenha morrido como qualquer homem caso tenha sido apenas tomado para o céu atmosférico, o "primeiro céu", e transportado por Deus para outro lugar na Terra, a evidência pesa mais para que Elias tenha sido levado ao céu, embora sem seu corpo glorificado.

2.9. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE 1 CRÔNICAS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de 1 Crônicas. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.9.1. 1 CRÔNICAS 17:11 E A ESCATOLOGIA DO LIVRO DE 1 CRÔNICAS

> Quando se cumprirem os seus dias e você for para junto de seus pais, então farei surgir depois de você o seu descendente, um dos seus filhos, e estabelecerei o seu reino.

"Ir para junto dos pais" pode se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. Pode também significar que Davi seria sepultado no túmulo de seus antecessores. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais.

2.10. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE 2 CRÔNICAS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de 2 Crônicas. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.10.1. 2 CRÔNICAS 9:31

> Salomão morreu e foi sepultado na Cidade de Davi, seu pai, e Roboão, seu filho, reinou em seu lugar.

A expressão "Salomão morreu" pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais (no caso, a Cidade de Davi), significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.10.2. 2 CRÔNICAS 12:16

> Roboão morreu e foi sepultado na Cidade de Davi. E Abias, seu filho, reinou em seu lugar.

Como em 2 Crônicas 9:31, a expressão "Roboão morreu" pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais (no caso, a Cidade de Davi), significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.10.3. 2 CRÔNICAS 14:1

> Abias morreu, e eles o sepultaram na Cidade de Davi. E Asa, seu filho, reinou em seu lugar. Nos dias dele, a terra esteve em paz durante dez anos.

Como em 2 Crônicas 9:31 e 2 Crônicas 12:16, a expressão "Abias morreu" pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais (no caso, a Cidade de Davi), significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.10.4. 2 CRÔNICAS 16:13

> Asa morreu no quadragésimo primeiro ano do seu reinado.

Como em 2 Crônicas 9:31; 12:16; 14:1, a expressão "Asa morreu" pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.10.5. 2 CRÔNICAS 21:1

> Josafá morreu e foi sepultado no túmulo de seus pais, na Cidade de Davi; e Jeorão, seu filho, reinou em seu lugar.

Como em 2 Crônicas 9:31; 12:16; 14:1; 16:13, a expressão "Josafá morreu" pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais (no caso, a Cidade de Davi), significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.10.6. 2 CRÔNICAS 26:2

> Depois da morte de seu pai, Uzias reconstruiu Elate e a restituiu a Judá.

Como em 2 Crônicas 9:31; 12:16; 14:1; 16:13; 21:1, a morte do pai de Uzias, o rei Amazias, pode ser traduzida por "descansar com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.10.7. 2 CRÔNICAS 26:23

> Uzias morreu e foi sepultado no túmulo de seus pais, num cemitério que pertencia aos reis. Porque disseram: "Ele era leproso." E Jotão, seu filho, reinou em seu lugar.

Como em 2 Crônicas 9:31; 12:16; 14:1; 16:13; 21:1; 26:2, a morte de Uzias pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos

restos mortais de seus pais, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, Uzias, por ter sido leproso, não foi sepultado nos tradicionais túmulos dos reis na Cidade de Davi (isso seria entendido como uma profanação do túmulo), mas foi sepultado em um cemitério pertencente aos reis, um tanto distante dos restos mortais dos demais reis. Isso indica que, nem sempre, "descansar com seus pais" significa ter seus restos mortais próximos aos dos antepassados. É possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.10.8. 2 CRÔNICAS 27:9

> Jotão morreu e foi sepultado na Cidade de Davi. E Acaz, seu filho, reinou em seu lugar.

Como em 2 Crônicas 9:31; 12:16; 14:1; 16:13; 21:1; 26:2,23, a expressão "Jotão morreu" pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais (no caso, a Cidade de Davi), significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.10.9. 2 CRÔNICAS 28:27

> Acaz morreu e foi sepultado na cidade de Jerusalém, mas não nos túmulos dos reis de Israel. E Ezequias, seu filho, reinou em seu lugar.

Como em 2 Crônicas 9:31; 12:16; 14:1; 16:13; 21:1; 26:2,23; 27:9, a expressão "Acaz morreu" pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais (no caso, a cidade de Jerusalém), significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, Acaz não foi sepultado nos tradicionais túmulos dos reis de Israel. É possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.10.10. 2 CRÔNICAS 32:33

> Ezequias morreu e foi sepultado na subida para os túmulos dos filhos de Davi. Todo o povo de Judá e os moradores de Jerusalém lhe prestaram honras na sua morte. E Manassés, seu filho, reinou em seu lugar.

Como em 2 Crônicas 9:31; 12:16; 14:1; 16:13; 21:1; 26:2,23; 27:9; 28:27, a expressão "Ezequias morreu" pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais (no caso, os túmulos dos filhos de Davi), significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.10.11. 2 CRÔNICAS 33:20

> Manassés morreu e foi sepultado na sua própria casa. E Amom, seu filho, reinou em seu lugar.

Como em 2 Crônicas 9:31; 12:16; 14:1; 16:13; 21:1; 26:2,23; 27:9; 28:27; 32:33, a expressão "Manassés morreu" pode ser traduzida como "descansou com seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, o fato de Manassés ter sido enterrado em sua própria casa, um tanto longe dos restos mortais dos reis anteriores, indica que, nem

sempre, "descansar com seus pais" significa ter seus restos mortais próximos aos dos antepassados. É possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.10.12. 2 CRÔNICAS 34:28

> "Deixarei que você morra e seja sepultado em paz, e os seus olhos não verão todo o mal que trarei sobre este lugar e sobre os seus moradores." Então eles levaram esta resposta ao rei.

Como em 2 Crônicas 9:31; 12:16; 14:1; 16:13; 21:1; 26:2,23; 27:9; 28:27; 32:33; 33:20, a expressão "Deixarei que você morra" pode ser traduzida como "te reunirei a seus pais". "Ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.10.13. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE 2 CRÔNICAS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de 2 Crônicas, as informações são:

- 2 Crônicas 9:31, 2 Crônicas 12:16, 2 Crônicas 14:1, 2 Crônicas 16:13, 2 Crônicas 21:1, 2 Crônicas 26:2, 2 Crônicas 26:23, 2 Crônicas 27:9, 2 Crônicas 28:27, 2 Crônicas 32:33, 2 Crônicas 33:20 e 2 Crônicas 34:28: "ser reunido a seu povo" pode se referir simplesmente a ser enterrado próximo aos restos mortais de seus pais, significando que o falecido está na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. Porém, nem sempre "descansar com seus pais" significa ter seus restos mortais colocados próximos aos dos antepassados. É possível que, no *sheol*, as pessoas sejam de alguma forma agrupadas juntamente com seus ancestrais. O descanso se refere a estar livre dos assuntos terrenos, não mais havendo interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso;

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Embora seja possível que as expressões "ser reunido a seu povo"/"ser reunido a seus pais"/"descansar com seus pais", frequentemente utilizadas no Antigo Testamento, signifiquem simplesmente ser enterrado próximo aos restos mortais dos antecessores, ou apenas estar no mesmo estado de morte que eles, aparentemente há mais do que isso. É possível que, no mundo dos mortos, as pessoas sejam, de alguma forma, reunidas a seus antecessores. Provavelmente, os falecidos descansam de suas atividades no mundo dos viventes, estando assim livres de assuntos terrenos – não há mais interação com o mundo físico. Isso significa que não necessariamente o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso.

2.11. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE JÓ

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Jó. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.11.1. JÓ 3:13

> Porque agora eu repousaria tranquilo; dormiria, e então haveria para mim descanso,

Desejando ter morrido ao momento em que nasceu por causa de sua terrível angústia, Jó se referiu à morte como um sono. No Novo Testamento, a morte às vezes era referida como sono por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Jó considerou que, na morte, não sentiria as dores decorrentes de sua doença e, por isso, a considerou como um repouso.

Na época de Jó, o Senhor praticamente não revelou nada sobre o estado dos mortos. O conhecimento sobre o *sheol* até esse ponto era bastante limitado. Os saduceus da época de Jesus, por exemplo, criam apenas no Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) e não criam na ressurreição, crendo que a morte física era o fim. Na verdade, é perigoso firmar doutrinas sobre o *sheol* e o estado dos mortos a partir apenas do Antigo Testamento.

Apesar de ser muito sábio, não se deve imaginar que Jó soubesse mais do que é revelado no Novo Testamento. Ao longo do livro, Jó atribuiu seu sofrimento a Deus, embora tal angústia tenha sido causada por Satanás, ainda que com a permissão de Deus. Isso demonstra que não há garantias de que o Espírito Santo tenha revelado tudo a ele, inclusive uma descrição exata do *sheol* ou do estado dos mortos após a morte física e antes da ressurreição.

Biblicamente, observa-se que o entendimento do estado dos mortos aumenta conforme Deus revela seu plano redentor, até chegar ao maior entendimento no Novo Testamento. Em outras palavras, o conhecimento dos primeiros patriarcas sobre a morte era muito limitado. Pouco se sabia até mesmo sobre a Terra. Isso não nega a inspiração dos antigos personagens da Bíblia, mas demonstra que Deus não revelou tudo ao homem (Deuteronômio 29:29), especialmente no Antigo Testamento. Assim, a perspectiva dos antigos sobre a morte vinha, primariamente, de um ponto de vista terreno.

Portanto, o repouso da morte que Jó se referiu significa que os mortos não sofrem das dores físicas do mundo dos vivos. Não há implicação de que o estado da alma após a morte física seja de repouso ou dormência. Jó considerou a morte de uma perspectiva terrena: um corpo morto e enterrado não sente dor, apenas "descansa", retornando ao pó (Gênesis 3:19). Os mortos no *sheol* não possuem participação na vida física e não sentem as dores dela.

2.11.2. JÓ 4:20-21

> Nascem de manhã e à tarde são destruídos; perecem para sempre, sem que ninguém se importe com isso. Se o fio da vida lhes é cortado, morrem e não alcançam a sabedoria.

Elifaz afirmou a brevidade da vida do ser humano, refletindo a crença de que aqueles que morrem "perecem para sempre", "são esquecidos" e "não alcançam sabedoria". Tais observações são afirmadas de um ponto de vista terreno. Os mortos eventualmente serão esquecidos pelos vivos. Não participam dos assuntos na vida física e, nesse sentido, sem oportunidade de fazer quaisquer obras na Terra, são como se tivessem "perecido para sempre". Uma vez que não mais interagem nos assuntos terrenos, os mortos não podem mais aprender nada do mundo físico e, dessa forma, não alcançam sabedoria e nem podem exercer, na Terra, a sabedoria que tinham em vida.

2.11.3. JÓ 7:9-10

> Assim como a nuvem se desfaz e passa, aquele que desce à sepultura jamais voltará a subir. Nunca mais voltará para a sua casa, e o lugar onde mora nunca mais o conhecerá.

A palavra "sepultura" foi traduzida do hebraico *sheol*. Jó afirmou que a vida do ser humano pode terminar tão facilmente quanto uma nuvem que desaparece. O morto vai para o *sheol* sem poder retornar à vida por si mesmo. Ir ao *sheol* foi referido como uma descida. A volta do *sheol* (impossível para o ser humano por si só) foi descrita com a palavra "subir". Isso implica que o *sheol* foi descrito como o mundo dos mortos que se situa abaixo da terra. A expressão "e o lugar onde mora nunca mais o conhecerá" implica que os vivos eventualmente se esquecerão dos mortos e não se lembrarão deles, uma vez que eles não podem retornar da morte.

2.11.4. JÓ 10:18-22

> Por que me tiraste do ventre de minha mãe? Eu deveria ter morrido antes que um olho me visse! Teria sido como alguém que nunca existiu e já do ventre teria sido levado à sepultura. Não são poucos os meus dias? Cessa, pois, e deixa-me em paz, para que por um pouco eu tome alento, antes que eu vá para o lugar do qual não voltarei, para a terra das trevas e da sombra da morte, terra de escuridão, de trevas profundas, terra da sombra da morte e do caos, onde a própria luz é como a escuridão.

Devido à angústia decorrente de sua terrível doença, Jó se dirigiu a Deus dizendo preferir ter morrido antes mesmo de ter nascido, a fim de escapar do sofrimento. Ele também atribuiu o sofrimento ao Senhor, pedindo que Deus parasse de afligi-lo e que desse a ele algum momento para ter alento, antes que morresse, o que implica em ir ao *sheol*.

Jó retratou o *sheol* como um lugar de onde, por si mesmo, jamais poderia retornar, um lugar de trevas profundas onde a luz é tão inútil para iluminar que é como se fosse a própria escuridão. Também, a descrição de Jó afirma que não há ordem (caos) no *sheol*. A ausência de ordem implica em não haver organização.

2.11.5. JÓ 11:8-10

> A sabedoria de Deus é mais elevada do que os céus; o que você poderá fazer? Ela é mais profunda do que o abismo; o que você poderá saber? A sua medida é mais longa do que a terra e mais larga do que o mar. Se ele passa, prende alguém e chama a juízo, quem o poderá impedir?

A palavra "abismo" foi traduzida do hebraico *sheol*. Em uma comparação de Zofar, a sabedoria de Deus é tão grandiosa que, se pudesse ser medida, seria mais ampla do que a distância entre a altura dos céus e a profundidade do *sheol*. Tal comparação implica que o *sheol* foi representado como se encontrando nas profundezas da terra.

O juízo de Deus é inescapável.

2.11.6. JÓ 17:13-16

> Mas, se eu aguardo a sepultura por minha casa; se faço a minha cama nas trevas; se digo à cova: "Você é o meu pai", e aos vermes: "Vocês são a minha mãe e a minha irmã", onde está, então, a minha esperança? Sim, a minha esperança, quem a poderá ver? Ela descerá até as portas do mundo dos mortos, quando juntos descansarmos no pó.

Os termos "sepultura", "cova" e "mundo dos mortos" foram traduzidos do hebraico *sheol*. Pelo contexto, nas duas primeiras instâncias (onde *sheol* foi traduzido como sepultura e como cova), *sheol* não está se referindo ao mundo dos mortos, mas ao enterro do corpo físico na terra – o mundo dos mortos não seria habitado por vermes. Um corpo morto sepultado em uma cova, de fato, encontra escuridão (a luz é bloqueada pela terra sobre o corpo) e vermes. Sendo assim, nem sempre o termo *sheol* significa o mundo dos mortos, podendo ser o estado de morte, ou o sepulcro, ou cova. Também, a descrição do descanso é em relação ao corpo que retorna ao pó da terra, e não ao mundo dos mortos – assim, o corpo simplesmente retorna à terra e descansa das atividades terrenas.

A terceira instância, no entanto, denota o *sheol* como o mundo dos mortos, o qual foi retratado como possuindo portas e estando abaixo da terra.

Assim, o mundo dos mortos foi retratado como se encontrando abaixo da terra, com portas. De forma geral, a esperança dos viventes somente existia se eles não ultrapassassem as portas do mundo dos mortos – a partir dali, não haveria esperança. A descrição de descanso não foi aplicada ao mundo dos mortos, mas ao corpo físico sepultado na terra.

2.11.7. JÓ 19:25-27

> Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Eu o verei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade o meu coração desfalece dentro de mim.

No início do Antigo Testamento, a visão do plano redentivo de Deus era muito limitada. Mesmo assim, Jó sabia que seu Redentor vive e se levantaria sobre a terra – uma alusão ao Messias, Jesus Cristo. Jó demonstrou a crença de que, mesmo que ele estivesse fadado à morte, um dia teria novamente seu corpo e veria a Deus por si mesmo – uma alusão à ressurreição dos mortos por meio do Messias. É o Messias que provê a esperança do fiel do Antigo Testamento em não experimentar a mais profunda experiência da morte (João 8:51) e ser redimido do *sheol*.

2.11.8. JÓ 21:13

> Passam os seus dias em prosperidade e em paz descem à sepultura.

A palavra "sepultura" foi traduzida do hebraico *sheol*. Jó questionou a ideia de seus amigos de que apenas os justos têm prosperidade na terra. Ele afirmou que ímpios, também, têm prosperidade enquanto vivem e têm paz durante seus dias de vida, descendo ao *sheol* com esse sentimento de paz. A paz dos ímpios não significa que estão em paz no mundo dos mortos, mas que eles possuem um sentimento de paz antes da morte física. Naturalmente, é apenas uma paz aparente, uma vez que ímpios estão reservados à condenação após a morte (Hebreus 9:27). Sendo assim, o *sheol* foi retratado como um lugar de mortos que se encontra abaixo da terra, podendo simplesmente se referir ao sepultamento do corpo, e não necessariamente ao mundo dos mortos.

2.11.9. JÓ 24:19

> A seca e o calor desfazem as águas da neve; a sepultura faz o mesmo com os que pecaram.

A palavra "sepultura" foi traduzida do hebraico *sheol*. Independentemente de o *sheol* aqui se referir simplesmente à morte física ou ao mundo dos mortos, é apresentado como o fim dos pecadores. Tanto a morte física quanto a ida ao mundo dos mortos são apresentados como o limite de até onde pode ir a esperança de justificação (Hebreus 9:27). Não há mais esperança para quem morrer na condição de pecador não justificado por Deus.

2.11.10. JÓ 26:5-6

> Os mortos tremem debaixo das águas com os seus moradores. O mundo dos mortos está desnudo diante de Deus, e não há coberta para o abismo.

A palavra "mortos" foi traduzida do hebraico *rapha*, o que denota danação eterna. Provavelmente, esse termo se refere aos antigos gigantes rebeldes contra Deus (Gênesis 6), ou seja, os homens poderosos do mundo antigo cuja maldade foi tão grande que ocasionou o dilúvio da época de Noé, ou se refere aos antigos e poderosos gigantes cananeus, ou a ambos. Outro entendimento provável é que o termo *rapha* foi aplicado às "sombras dos mortos", denotando seu estado como enfraquecido, debilitado ou sem poder ou sensação, o que é bem atestado em Isaías 14:10. Curiosamente, o termo *rapha* foi traduzido como "gigantes" em Deuteronômio 2:11,20; 3:13; Josué 15:8; 17:15; 18:16; 21:4; 2 Samuel 21:16,18,20,22; 1 Crônicas 20:5-6,8. Foi traduzido como "refains" em Gênesis 14:5; 15:20; 2 Samuel 5:18,22; 23:13. Foi traduzido como "mortos" em Jó 26:5; Salmo 88:10; Provérbios 2:18; 9:18; 21:16; Isaías 26:14.

Quando as águas do dilúvio recederam novamente para baixo da terra, podem ter tragado os corpos dos *rapha* para as regiões inferiores. Em Gênesis 1:2, observa-se que o abismo era coberto pelas águas. Em Apocalipse 20:13, o mar deu seus mortos para o julgamento final. Provavelmente, a ideia é que os *rapha* (os ímpios poderosos de antes do dilúvio de Noé, ou os antigos e poderosos gigantes cananeus, ou ambos) estão no abismo abaixo das águas, o abismo retratado próximo ao *sheol*. Em Lucas 16:19-31, pode ser que o "grande abismo" separando a área dos justificados da área dos não justificados no *hades* seja esse abismo (em hebraico *abaddon*). Ele pode ser correspondente ao local onde anjos caídos e os mortos pelas águas do dilúvio estão confinados (veja 1.21.1. 2 Pedro 2:4).

Sendo assim, provavelmente Jó afirmou que até mesmo os ímpios poderosos da antiguidade que se encontram no abismo, em uma existência enfraquecida, como "sombras", tremem diante de Deus. Se eles têm temor, tais mortos são retratados como estando conscientes.

2.11.11. JÓ 28:13-14

> O ser humano não conhece o valor da sabedoria, e ela não se encontra na terra dos viventes. O abismo diz: "Ela não está em mim." E o mar diz: "Não está comigo."

Jó afirmou que a sabedoria tem um valor não compreendido pelo ser humano e que não pode ser encontrada nem mesmo nos locais mais remotos da terra, como o mar e o abismo. Interessantemente, tanto o

abismo quanto o mar foram associados a locais extremos da terra. Ainda que o ser humano pudesse explorar tais locais, não encontraria a real sabedoria, a qual vem apenas de Deus, e não da terra. A implicação é que o mar, as águas em geral, e o abismo são próximos, como em Gênesis 1:2, e neles não há sabedoria real para ser encontrada, a qual está apenas em Deus.

2.11.12. JÓ 28:20-22

> Mas de onde vem a sabedoria? E em que lugar estará o entendimento? Está encoberta aos olhos de todos os seres vivos, e oculta às aves do céu. O abismo e a morte dizem: "Ouvimos com os nossos ouvidos a sua fama."

Seguindo o mesmo raciocínio de Jó 28:13-14, a real sabedoria somente pode ser encontrada em Deus, e nenhuma criatura física pode encontrá-la na criação física. Tal sabedoria não é encontrada nem mesmo na morte ou no abismo, os quais apenas "ouviram falar" dela. O abismo, portanto, é retratado como um local desprovido de sabedoria.

2.11.13. JÓ 33:22-24

> A sua alma está perto da morte, e a sua vida se aproxima dos que trazem a morte. Se com ele houver um anjo intercessor, um dos milhares, para declarar ao homem o que é certo, então Deus terá misericórdia dele e dirá ao anjo: "Livre-o, para que não desça à cova; já achei um resgate para ele."

Eliú demonstrou uma crença de que anjos estão envolvidos em assuntos relativos à morte física das pessoas. Segundo ele, há anjos que trazem a morte, anjos que intercedem e livram da morte, e anjos que declaram às pessoas o que é certo. Nessa crença, é possível que Deus livre alguém da morte por meio de anjo intercessor se Deus encontrar algo que sirva de resgate por sua vida física. A vida de uma pessoa, em última análise, pode apenas ser resgatada com base no sacrifício de Cristo, porém, é possível que, pela ordem de Deus, um anjo livre alguém da morte física. A Bíblia ensina que os anjos encaminham as almas dos mortos para seus destinos e julgamento.

2.11.14. JÓ 33:28-30

> Deus livrou a minha alma de ir para a cova, e a minha vida verá a luz. Eis que Deus faz tudo isto duas e três vezes no seu trato com o ser humano, para reconduzir da cova a sua alma e iluminá-lo com a luz dos viventes.

Eliú demonstrou que cria que Deus pode livrar uma pessoa cujo destino era morte certa, fazendo-a ver a luz. A luz foi associada com a vida e as trevas foram associadas com a morte.

2.11.15. JÓ 34:12

> Na verdade, Deus não pratica o mal; o Todo-Poderoso não perverte o direito.

Eliú afirmou que Deus não perverte o direito, o que implica que seus julgamentos são totalmente justos.

2.11.16. JÓ 34:23

> Pois Deus não precisa observar o homem por muito tempo antes de o fazer comparecer em juízo diante dele.

Eliú afirmou que Deus não precisa observar o homem por muito tempo antes de o fazer comparecer em juízo diante dele. Uma vez que Deus conhece o íntimo de cada pessoa, ele pode realizar um julgamento plenamente justo.

2.11.17. JÓ 37:23

> Quanto ao Todo-Poderoso, não o podemos compreender. Ele é grande em poder, porém não perverte o juízo e a plenitude da justiça.

Como em Jó 34:23, Eliú afirmou que Deus não perverte o juízo nem a plenitude da justiça, o que implica que seus julgamentos são totalmente justos.

2.11.18. JÓ 38:16-17

> Você foi até as nascentes do mar ou percorreu o mais profundo do abismo? Será que a você foram reveladas as portas da morte? Você viu essas portas da região tenebrosa?

O Senhor perguntou a Jó se ele foi capaz de ir até as nascentes do mar ou ao mais profundo do abismo. Ambos estão relacionados, como em Gênesis 1:2, passagem que demonstra que as águas estavam sobre o abismo. As nascentes das águas que existem na terra vêm de baixo, das águas sob o abismo.

Deus também perguntou se Jó viu as portas do *sheol*, a região tenebrosa. Isso demonstra que os antigos patriarcas, como Jó, tinham pouco conhecimento sobre a morte. O mundo dos mortos foi descrito por Deus como sendo uma região subterrânea com portas e muito tenebrosa.

2.11.19. JÓ 41:32

> Deixa atrás de si um sulco luminoso, como se o abismo tivesse uma cabeleira branca.

Deus descreveu que o monstro Leviatã deixava atrás de si um "sulco luminoso" no abismo. Sendo um monstro marinho, o Leviatã rondava as águas que se encontram abaixo da terra e sobre o abismo. Assim, o abismo é preenchido de água, pelo menos até certo ponto. As descrições do profeta Jonas em Jonas 2 corroboram esse entendimento.

Sendo o abismo preenchido de água e relacionado às fontes das águas, as quais subiram durante o dilúvio de Noé e recederam novamente para onde estavam, há a implicação de que os ímpios da época anterior ao dilúvio foram tragados para o abismo pela força das águas. Jó 26:5 implica que esses ímpios poderosos da antiguidade tremem abaixo das águas diante de Deus. Sendo assim, eles se encontram no abismo, possivelmente com anjos caídos (2 Pedro 2:4).

Tudo indica que o abismo é uma área sem limites abaixo da terra e das águas, e abaixo até mesmo do próprio *sheol*. Tanto as águas das profundezas quanto as maiores profundezas do mundo dos mortos parecem estar conectados ao abismo.

2.11.20. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE JÓ

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Jó, as informações são:

- Jó 3:13: os mortos não sofrem das dores físicas do mundo dos vivos. Não há implicação de que o estado da alma após a morte física seja de repouso ou dormência. Jó considerou a morte de uma perspectiva terrena: um corpo morto e enterrado não sente dor, apenas "descansa", retornando ao pó (Gênesis 3:19). Os mortos não possuem participação na vida física e não sentem as dores dela;

- Jó 4:20-21: os mortos eventualmente serão esquecidos pelos vivos. Não participam dos assuntos na vida física e, nesse sentido, sem oportunidade de fazer quaisquer obras na Terra, são como se tivessem "perecido para sempre" na Terra. Uma vez que não mais interagem nos assuntos terrenos, os mortos não podem mais aprender nada do mundo físico e, dessa forma, não alcançam sabedoria e nem podem exercer, na Terra, a sabedoria que tinham em vida;

- Jó 7:9-10: o morto vai para o *sheol* sem poder retornar à vida por si mesmo. Ir ao *sheol* foi referido como uma descida. A volta do *sheol* (impossível para o ser humano por si só) foi descrita com a palavra "subir". Isso implica que o *sheol* foi descrito como o mundo dos mortos que se situa abaixo da terra. A expressão "e o lugar onde mora nunca mais o conhecerá" implica que os vivos eventualmente se esquecerão dos mortos e não se lembrarão deles, uma vez que eles não podem retornar;

- Jó 10:18-22: Jó retratou o *sheol* como um lugar de onde, por si mesmo, jamais poderia retornar, um lugar de trevas profundas onde a luz é tão inútil para iluminar que é como se fosse a própria escuridão. Também, a descrição de Jó afirma que não há ordem no *sheol*. A ausência de ordem implica em não haver organização;

- Jó 11:8-10: o *sheol* foi representado como se encontrando nas profundezas da terra. O juízo de Deus é inescapável;

- Jó 17:13-16: nem sempre o termo *sheol* significa o mundo dos mortos, podendo ser o estado de morte ou o sepulcro ou cova. O *sheol*, quando significa o mundo dos mortos, é retratado como possuindo portas e estando abaixo da terra. De forma geral, a esperança dos viventes somente existia se eles não ultrapassassem as portas do mundo dos mortos – a partir dali, não haveria esperança. A descrição de descanso na morte não foi aplicada ao mundo dos mortos, mas ao corpo físico sepultado na terra, o qual retorna ao pó da terra e descansa das atividades terrenas;

- Jó 19:25-27: Jó sabia que seu Redentor vive e se levantaria sobre a terra – uma alusão ao Messias, Jesus Cristo. Jó demonstrou a crença de que, mesmo que ele estivesse fadado à morte, um dia teria novamente seu corpo e veria a Deus por si mesmo – uma alusão à ressurreição dos mortos por meio do Messias. É o Messias que provê a esperança do fiel do Antigo Testamento em não experimentar a mais profunda experiência da morte (João 8:51) e ser redimido do *sheol*;

- Jó 21:13: a paz dos ímpios não significa que eles estão em paz no mundo dos mortos, mas que eles possuem um sentimento de paz antes da morte física. Naturalmente, é apenas uma paz aparente, uma vez que ímpios estão reservados à condenação após a morte (Hebreus 9:27). Sendo assim, o *sheol* foi retratado como um lugar de mortos que se encontra abaixo da terra, podendo simplesmente se referir ao sepultamento do corpo, e não necessariamente ao mundo dos mortos;

- Jó 24:19: independentemente de o *sheol* se referir simplesmente à morte física ou ao mundo dos mortos, é apresentado como o fim dos pecadores. Tanto a morte física quanto a ida ao mundo dos mortos são apresentados como o limite de até onde pode ir a esperança de justificação (Hebreus 9:27). Não há mais esperança para quem morrer na condição de pecador não justificado por Deus;

- Jó 26:5-6: os ímpios poderosos da antiguidade, tais como os gigantes de antes do dilúvio de Noé, ou os antigos e poderosos gigantes cananeus, ou ambos, estão no abismo abaixo das águas, o abismo retratado próximo ao *sheol*. Em Lucas 16:19-31, pode ser que o "grande abismo" separando a área dos justificados da área dos não justificados no *hades* seja esse abismo (em hebraico *abaddon*). Ele pode ser correspondente ao local onde anjos caídos e aqueles mortos pelas águas do dilúvio estão confinados. Sendo assim, provavelmente Jó afirmou que até mesmo os ímpios poderosos da antiguidade que se encontram no abismo, em uma existência enfraquecida, como "sombras", tremem diante de Deus. Se eles têm temor, tais mortos são retratados como estando conscientes;

- Jó 28:13-14: o mar, as águas em geral e o abismo são próximos, como em Gênesis 1:2, e neles não há sabedoria real para ser encontrada, a qual está apenas em Deus;

- Jó 28:20-22: a real sabedoria pode ser encontrada apenas em Deus, e nenhuma criatura pode encontrá-la na criação física. Tal sabedoria não é encontrada nem mesmo na morte ou no abismo, os quais apenas "ouviram falar" dela. O abismo, portanto, é retratado como um local desprovido de sabedoria;

- Jó 33:22-24: Eliú demonstrou uma crença de que anjos estão envolvidos em assuntos relativos à morte física das pessoas. Segundo ele, há anjos que trazem a morte, anjos que intercedem e livram da morte, e anjos que declaram às pessoas o que é certo. Nessa crença, é possível que Deus livre alguém da morte por meio de anjo intercessor se Deus encontrar algo que sirva de resgate por sua vida física. A vida de uma pessoa, em última análise, pode apenas ser resgatada com base no sacrifício de Cristo, porém, é possível que, pela ordem de Deus, um anjo livre alguém da morte física. A Bíblia ensina que os anjos encaminham as almas dos mortos para seus destinos e julgamento;

- Jó 33:28-30: Eliú demonstrou que cria que Deus pode livrar uma pessoa cujo destino era morte certa, fazendo-a ver a luz. A luz foi associada com a vida e as trevas foram associadas com a morte;

- Jó 34:12: Eliú afirmou que Deus não perverte o direito, o que implica que seus julgamentos são totalmente justos;

- Jó 34:23: Eliú afirmou que Deus não precisa observar o homem por muito tempo antes de o fazer comparecer em juízo diante dele. Uma vez que Deus conhece o íntimo de cada pessoa, ele pode realizar um julgamento plenamente justo;

- Jó 37:23: Eliú afirmou que Deus não perverte o juízo nem a plenitude da justiça, o que implica que seus julgamentos são totalmente justos;

- Jó 38:16-17: as nascentes do mar e o mais profundo do abismo estão relacionados, como em Gênesis 1:2, o qual demonstra que as águas estavam sobre o abismo. As nascentes das águas que existem na terra vêm de baixo, das águas sob o abismo. Os antigos patriarcas, como Jó, tinham pouco conhecimento sobre a morte. O mundo dos mortos foi descrito por Deus como sendo uma região subterrânea com portas e muito tenebrosa;

- Jó 41:32: o abismo é uma área sem limites abaixo da terra e das águas, e abaixo até mesmo do próprio *sheol.* Tanto as águas das profundezas quanto as maiores profundezas do mundo dos mortos parecem estar conectados ao abismo.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

O juízo de Deus é inescapável. Deus não perverte o juízo, o direito ou a plenitude da justiça, o que implica que seus julgamentos são totalmente justos. Ele é capaz de julgar corretamente porque conhece o íntimo de cada pessoa, e nem sequer precisaria observar o homem por muito tempo antes de o fazer comparecer em juízo diante dele.

De forma geral, a esperança dos viventes somente existia se eles não ultrapassassem as portas do mundo dos mortos – a partir dali, não haveria esperança. A luz foi associada com a vida e as trevas foram associadas com a morte. Os antigos patriarcas, como Jó, tinham pouco conhecimento sobre a morte. Tanto a morte física quanto a ida ao mundo dos mortos são apresentados como o limite de até onde pode ir a esperança de justificação. Não há mais esperança para quem morrer na condição de pecador não justificado por Deus. O morto vai para o *sheol* sem poder retornar à vida por si mesmo. Ir ao *sheol* foi referido como uma descida. A volta do *sheol* (impossível para o ser humano por si só) foi descrita com a palavra "subir".

Nem sempre o termo *sheol* significa o mundo dos mortos, podendo ser o estado de morte ou o sepulcro ou cova. Sendo assim, o *sheol* foi retratado como um lugar de mortos que se encontra abaixo da terra, podendo simplesmente se referir ao sepultamento do corpo, e não necessariamente ao mundo dos mortos. Independentemente disso, o *sheol* é apresentado como o fim dos pecadores. Há ímpios que parecem prosperar na Terra e que parecem possuir paz, mas isso não significa que estarão em paz no mundo dos mortos – significa que eles possuem um sentimento de paz antes da morte física. Naturalmente, é apenas uma paz aparente, uma vez que ímpios estão reservados à condenação após a morte.

Eliú demonstrou uma crença em que os anjos estão envolvidos em assuntos relativos à morte física das pessoas. Segundo ele, há anjos que trazem a morte, anjos que intercedem e livram da morte, e anjos que declaram às pessoas o que é certo. Nessa crença, é possível que Deus livre alguém da morte por meio de anjo intercessor se Deus encontrar algo que sirva de resgate por sua vida física. Eliú também creu que Deus pode livrar uma pessoa cujo destino era morte certa, fazendo-a ver a luz. A vida de uma pessoa, em última análise, pode apenas ser resgatada com base no sacrifício de Cristo, porém, é possível que, pela ordem de Deus, um anjo livre alguém da morte física. A Bíblia ensina que os anjos encaminham as almas dos mortos para seus destinos e julgamento.

Jó sabia que seu Redentor vive e se levantaria sobre a terra – uma alusão ao Messias, Jesus Cristo. Jó demonstrou a crença de que, mesmo que ele estivesse fadado à morte, um dia teria novamente seu corpo e veria a Deus por si mesmo – uma alusão à ressurreição dos mortos por meio do Messias. É o Messias que provê a esperança do fiel do Antigo Testamento em não experimentar a mais profunda experiência da morte (João 8:51) e ser redimido do *sheol*.

Jó considerou a morte de uma perspectiva terrena: um corpo morto e enterrado não sente dor, apenas "descansa", retornando ao pó (Gênesis 3:19). A descrição de descanso na morte não foi aplicada ao mundo dos

mortos, mas ao corpo físico sepultado na terra, o qual retorna ao pó da terra e descansa das atividades terrenas. Nada implica que o mundo dos mortos é necessariamente um local de descanso. Não há implicação de que o estado da alma após a morte física seja de repouso ou dormência. Os mortos não sofrem das dores físicas do mundo dos vivos – eles não participam dos assuntos na vida física e, nesse sentido, sem oportunidade de fazer quaisquer obras na Terra, são como se tivessem "perecido para sempre". Os vivos eventualmente se esquecerão dos mortos e não se lembrarão deles, uma vez que eles não podem retornar. Uma vez que não mais interagem nos assuntos terrenos, os mortos não podem mais aprender nada do mundo físico e, dessa forma, não alcançam sabedoria e nem podem exercer, na Terra, a sabedoria que tinham em vida.

O mundo dos mortos foi descrito como sendo uma região subterrânea nas profundezas da terra com portas e muito tenebrosa. O abismo é uma área sem limites abaixo da terra e das águas, e até mesmo abaixo do próprio *sheol*. Tanto as águas das profundezas quanto as maiores profundezas do mundo dos mortos parecem estar conectados ao abismo. Jó retratou o *sheol* como um lugar de onde, por si mesmo, jamais poderia retornar, um lugar de trevas profundas onde a luz é tão inútil para iluminar que é como se fosse a própria escuridão. Também, a descrição de Jó afirma que não há ordem no *sheol*. A ausência de ordem implica em não haver organização.

O mar, as águas em geral e o abismo são retratados como todos próximos uns aos outros. As nascentes do mar e o mais profundo do abismo estão relacionados (Gênesis 1:2 demonstra que as águas estavam sobre o abismo). As nascentes das águas que existem na terra vêm de baixo, das águas sob o abismo. Neles não há sabedoria real para ser encontrada. Ela somente pode ser encontrada em Deus – nenhuma criatura pode encontrá-la na criação física. Tal sabedoria não é encontrada nem mesmo na morte ou no abismo, os quais apenas "ouviram falar" dela. O abismo, portanto, é retratado como um local desprovido de sabedoria.

Os ímpios poderosos da antiguidade, tais como os gigantes de antes do dilúvio de Noé, ou os antigos e poderosos gigantes cananeus, ou ambos, têm uma existência enfraquecida como "sombras" e estão no abismo abaixo das águas, o abismo retratado próximo ao *sheol*. Em Apocalipse 20:13, o mar dá seus mortos para julgamento, o que implica que há mortos nessas águas além dos mortos no *sheol* – provavelmente, os mortos tragados pelas águas do dilúvio ao abismo. Em Lucas 16:19-31, pode ser que o "grande abismo" separando a área dos justificados da área dos não justificados no *hades* seja esse abismo (em hebraico *abaddon*). Ele pode ser correspondente ao local onde anjos caídos e os mortos pelas águas do dilúvio, ou os antigos gigantes cananeus, ou ambos, estão confinados. Sendo assim, provavelmente Jó afirmou que até mesmo os ímpios que estão no abismo tremem diante de Deus. Se eles têm temor, tais mortos são retratados como estando conscientes.

2.12. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DOS SALMOS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas dos Salmos. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.12.1. SALMO 1:5

> Por isso, os ímpios não prevalecerão no juízo, nem os pecadores, na congregação dos justos.

Em última análise, no juízo final, os não justificados serão condenados e não estarão com os justificados.

2.12.2. SALMO 2:6-9 [5]

> "Eu constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião." O rei diz: "Proclamarei o decreto do SENHOR. Ele me disse: 'Você é meu Filho, hoje eu gerei você. Peça, e eu lhe darei as nações por herança e as extremidades da terra por sua possessão. Com uma vara de ferro você as quebrará e as despedaçará como um vaso de oleiro.'" Agora, pois, ó reis, sejam prudentes; deixem-se advertir, juízes da terra.

Em contraste com a fraqueza dos homens, esse salmo destaca o poder do Messias que estava por vir, apresentando sua coroação como um fato já realizado. Mesmo revelando essas palavras mil anos antes da vinda de Jesus, Deus usou o pretérito ("constituí o meu Rei") para mostrar a certeza do cumprimento da profecia. A proclamação do verso 7 não fala de criação, nem do nascimento de Jesus. O contexto definiu o assunto do estabelecimento do reino do Messias. Citações no Novo Testamento (Atos 13:33; Hebreus 1:5; 5:5) claramente aplicam esse versículo à ressurreição e à ascensão do Cristo à sua posição de domínio no céu. Ele venceu a morte e

tomou seu lugar como sumo sacerdote eterno no verdadeiro Santo dos Santos (Hebreus 9:12). O verso 8 afirma que o Messias reina sobre todas as nações (Atos 17:30; Filipenses 2:9-11). Cumprindo uma longa série de promessas e profecias, Jesus recebeu toda autoridade sobre todos os povos. Ele é rei sobre todos, dominando com poder (a "vara de ferro") e sendo capaz de despedaçar as nações rebeldes, tais como o Império Romano. Ele tem toda a autoridade (Mateus 28:18).

2.12.3. SALMO 6:5

> Pois, na morte, não há recordação de ti; no sepulcro, quem te dará louvor?

A palavra "sepulcro" foi traduzida do hebraico *sheol*. Uma vez que as melhores evidências do Novo Testamento demonstram os mortos conscientes, e até mesmo o Antigo Testamento demonstra isso, como no caso de Samuel (veja 2.5.2. 1 Samuel 28:11-20), o salmista olha para a morte de um ponto de vista terreno, como ocorre em muitas instâncias do Livro de Jó. Aparentes afirmações de que os mortos não atingem sabedoria, não louvam a Deus, não podem produzir som, não estão cônscios de nada, não podem ver as maravilhas de Deus, etc., não são declarações absolutas. O referencial do salmista é a existência terrena, e os mortos não podem fazer nenhuma dessas coisas no mundo dos vivos, uma vez que não têm mais participação nele. Muitas vezes, o túmulo é usado como metonímia para transmitir os sentimentos dos salmistas.

É para os vivos que o Senhor deve ser testemunhado e louvado, uma vez que, após a morte, resta apenas o juízo (Hebreus 9:27). Como os mortos têm seu destino definido (no juízo final receberão glória eterna ou banimento da presença de Deus), é inútil mostrar a eles maravilhas de Deus, as quais têm o propósito de converter pessoas e fazer com que pessoas já convertidas permaneçam em Deus.

Na época dos salmistas, o Senhor praticamente não revelou nada sobre o estado dos mortos. O conhecimento sobre o *sheol* até aquele ponto era bastante limitado. Os saduceus da época de Jesus, por exemplo, criam apenas no Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) e não criam na ressurreição, crendo que a morte física era o fim. Na verdade, é perigoso firmar doutrinas sobre o *sheol* e o estado dos mortos a partir do Antigo Testamento. A personificação da morte era bastante baseada no ponto de vista de um cadáver abaixo da terra.

Como no caso de Jó, não se deve imaginar que os salmistas soubessem mais sobre o "além" do que é revelado no Novo Testamento. Não há garantias que o Espírito teria revelado tudo a eles, inclusive uma descrição exata do *sheol* ou do estado dos mortos após a morte física e antes da ressurreição. Biblicamente, observa-se que o entendimento do estado dos mortos aumenta conforme Deus revela seu plano redentor, até chegar ao maior entendimento no Novo Testamento. Em outras palavras, o conhecimento dos antigos sobre a morte era muito limitado. Pouco se sabia até mesmo sobre a Terra. Isso não nega a inspiração dos antigos personagens da Bíblia, mas demonstra que Deus não revelou tudo ao homem (Deuteronômio 29:29), especialmente no Antigo Testamento. Assim, a perspectiva dos antigos sobre a morte vinha, primariamente, de um ponto de vista terreno.

Além disso, não é sempre que *sheol* significa o mundo dos mortos. No contexto apresentado pelo salmista, *sheol* foi corretamente traduzido como sepulcro, pois a questão é a O verdadeiro ponto sobre a visão dos salmistas sobre o estado da morte é a inabilidade dos mortos de interagir com os vivos – o salmista não está ensinando ninguém sobre como é o mundo dos mortos, nem ensinando que lá há esquecimento de Deus ou ausência de louvor a ele. Após a morte, a única coisa do falecido que permanece na Terra são seus restos mortais, e eles não vão lembrar de Deus ou louvar a Deus diante dos vivos, assim como aqueles que estão no mundo dos mortos não podem fazê-lo. Deus é Deus de vivos (Lucas 20:38).

Assim, o ponto do salmista é que Deus não o deixe morrer, para que possa continuar sua atribuição de testemunhar do Senhor no mundo dos viventes – os vivos devem se apegar a Deus antes que ocorra o juízo na morte. Um morto não pode testemunhar de Deus em meio aos vivos e, mesmo que fizesse isso, as pessoas não se converteriam a Deus (Lucas 16:31).

2.12.4. SALMO 9:13-17

> Compadece-te de mim, SENHOR; vê a que sofrimentos me reduziram os que me odeiam, tu que me levantas das portas da morte; para que, às portas da filha de Sião, eu proclame todos os teus louvores e me alegre na tua salvação. As nações se afundaram na cova que fizeram, no laço que esconderam ficou preso o seu pé. O SENHOR se dá a conhecer pelo juízo que executa; os ímpios ficam enredados nas obras de suas próprias mãos. No inferno serão lançados os perversos, todas as nações que se esquecem de Deus.

A palavra "inferno" foi traduzida do hebraico *sheol*. O salmista comparou seu sofrimento como a jornada às "portas da morte", ou seja, ele receava que suas angústias terminariam com sua morte física. No entanto, ele reconheceu que Deus pode remover essas angústias da mesma forma como ele pode retirar alguém do estado de morte. A morte, sendo retratada com portas, é uma referência ao *sheol*. O *sheol* era retratado como a região dos mortos, uma espécie de prisão tenebrosa com portões.

O salmista também afirma que os esquemas dos inimigos de armar ciladas para matar se voltarão contra eles mesmos. Ele fez um contraste entre como diferenciar Deus dos ímpios: o Senhor é conhecido pelos seus juízos justos, enquanto os ímpios sofrem as consequências ruins de seus próprios atos.

Além disso, o mundo dos mortos é o local onde os perversos que não consideram a Deus serão lançados, e ali permanecerão até o juízo final.

2.12.5. SALMO 11:7

> Por ser justo, o SENHOR ama a justiça; os retos lhe contemplarão a face.

Deus é justo e, assim, ama a justiça. Isso implica que, apesar de seu amor, ele não pode deixar alguém com qualquer pecado não justificado ter comunhão com ele e, assim, ter vida eterna. Os justificados, porém, terão a maior experiência de intimidade com Deus – ver a sua face. Isso é, em última análise, uma alusão à ressurreição dos mortos em estado glorificado e sem pecado nos novos céus e nova terra.

2.12.6. SALMO 13:3

> Olha para mim e responde-me, SENHOR, meu Deus! Ilumina os meus olhos, para que eu não durma o sono da morte;

Clamando ao Senhor por causa de sua angústia, o salmista se referiu à morte como um sono. Literalmente, a expressão seria "para que eu não durma a morte". A ideia é que a aproximação da morte foi indicada como se fosse a obscuridade da visão e estava rapidamente roubando os sentidos do salmista como um sono. A menos que sua clareza de visão fosse restaurada, logo terminaria na escuridão total, comparada a um sono profundo no qual o salmista não mais se levantaria na Terra. Era comum expressar grandes perigos e calamidades como sendo trevas, e grandes confortos e libertações como sendo luz (como em Jó 15:22; 17:13; 30:26) e como um esclarecimento dos olhos (como em Esdras 9:8).

O ponto da expressão do salmista é, primariamente, seu sentimento de angústia e desejo de livramento, e não um ensino sobre o estado dos mortos. Portanto, não é sábio afirmar que a morte é, de fato, como um sono. No Novo Testamento, a morte, às vezes, era referida como sono por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Em um sono se vê apenas escuridão, a qual representa calamidade: a incapacidade de voltar a interagir no mundo dos viventes por si mesmo. A semelhança de um cadáver com uma pessoa adormecida foi a raiz da metáfora do "sono da morte", sendo incerto usar o emprego de tal metáfora como qualquer coisa relacionada com o entendimento do salmista sobre a natureza real da morte.

2.12.7. SALMO 16:8-11

> Por isso o meu coração se alegra e o meu espírito exulta; até o meu corpo repousará seguro. Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção. Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, à tua direita, há delícias perpetuamente.

A palavra traduzida como "morte" é *sheol* e, em sua correlação com Atos 2:24-25, compreende-se que *sheol* e *hades* correspondem, na prática, ao mesmo local – o mundo dos mortos. Essa profecia que veio a Davi ampliou o entendimento do fiel do Antigo Testamento com relação à redenção do *sheol* e a esperança na ressurreição dos mortos e na imortalidade juntamente com o Senhor.

Como é comum em muitas profecias no Antigo Testamento, algumas partes do Salmo 16 admitem uma aplicação dupla. Alguns elementos do salmo podem ser compreendidos como descrições da relação de Davi com Deus, no entanto, em seu sentido mais completo, é uma profecia messiânica, conforme a explicação de Pedro em Atos 2:24-25: a alma de Cristo não foi abandonada no mundo dos mortos e nem seu corpo sofreu decomposição. O sentido de "deixar a alma na morte" é "abandonar a alma no mundo dos mortos". Assim, o texto não está negando que a alma de Cristo foi para o mundo dos mortos, mas está declarando que não foi deixada para trás lá. A alma de Jesus esteve no *sheol*/*hades* por "apenas" três dias (Mateus 12:40).

Diferentemente de Davi, que morreu e foi sepultado e permaneceu em seu túmulo até aquele momento, Cristo ressuscitou e foi ao céu, sendo entronizado à destra de Deus. Cristo reina a partir do céu. Isso não ocorreu com Davi. No contexto, o argumento do apóstolo foi que o salmo profético predisse a ressurreição e entronização do Messias, e que Davi não poderia ter falado sobre si mesmo, pois o corpo dele ainda estava em seu túmulo (Atos 2:29). A audiência de Pedro podia constatar, portanto, que o corpo de Davi ainda estava em seu túmulo sem ser perturbado, mas o corpo de Cristo foi ao céu por ter sido ressuscitado, sendo que os apóstolos foram testemunhas oculares disso. Assim, Cristo cumpriu o Salmo 16, e não Davi, e isso foi usado pelo Espírito Santo por meio de Pedro como prova aos ouvintes de que Jesus é o Messias.

2.12.8. SALMO 17:15

> Eu, porém, na justiça contemplarei a tua face; quando acordar, me satisfarei com a tua semelhança.

A palavra "acordar", provavelmente, se refere a um despertar da morte. Se for assim, o salmista se referiu à morte como um sono. No Novo Testamento, a morte, às vezes, era referida como sono por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos.

Como no Salmo 11:7, os justificados terão a maior experiência de intimidade com Deus – ver a sua face. Isso é, em última análise, uma alusão à ressurreição dos mortos em estado glorificado e sem pecado nos novos céus e nova terra.

2.12.9. SALMO 18:4-5

> Laços de morte me cercaram; torrentes de perdição me impuseram terror. Cadeias infernais me envolveram, e tramas de morte me surpreenderam.

A expressão "cadeias infernais" tem o significado de "cordões do *sheol*". O salmista sentia angústia, mas confiava que Deus podia livrá-lo. Ele descreve sua situação como se estivesse à beira da morte. A morte era vista com terror e o *sheol*, o destino dos mortos, como uma prisão de onde não se pode retornar, a não ser pelo poder de Deus. A morte e o *sheol* frequentemente eram usados como metonímias para denotar calamidades na vida.

2.12.10. SALMO 19:9

> O temor do SENHOR é límpido e permanece para sempre; os juízos do SENHOR são verdadeiros e todos igualmente, justos.

Os juízos de Deus, o que inclui o juízo final, são todos igualmente justos.

2.12.11. SALMO 22:1-31 [6]

> Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que se acham longe de minha salvação as palavras de meu gemido? Deus meu, clamo de dia, e não me respondes; também de noite, porém não tenho sossego. Contudo, tu és santo, entronizado entre os louvores de Israel. Nossos pais confiaram em ti; confiaram, e tu os livraste. A ti clamaram e escaparam; confiaram em ti e não foram envergonhados. Mas eu sou verme e não um

> ser humano; afrontado pelos homens e desprezado pelo povo. Todos os que me veem zombam de mim; fazem caretas e balançam a cabeça, dizendo: "Confiou no SENHOR! Ele que o livre! Salve-o, pois nele tem prazer." Contudo, tu és quem me fez nascer; e me preservaste, estando eu ainda ao seio de minha mãe. A ti me entreguei desde o meu nascimento; desde o ventre de minha mãe, tu és o meu Deus. Não te distancies de mim, porque a tribulação está próxima, e não há quem me ajude. Muitos touros me cercam, fortes touros de Basã me rodeiam. Contra mim abrem a boca, como faz o leão que despedaça e ruge. Derramei-me como água, e todos os meus ossos se desconjuntaram; meu coração fez-se como cera, derreteu-se dentro de mim. Secou-se o meu vigor, como um caco de barro, e a língua se me apega ao céu da boca; assim, me deitas no pó da morte. Cães me cercam; um bando de malfeitores me rodeia; traspassaram-me as mãos e os pés. Posso contar todos os meus ossos; os meus inimigos estão olhando para mim e me encarando. Repartem entre si as minhas roupas e sobre a minha túnica lançam sortes. Tu, porém, SENHOR, não te afastes de mim; força minha, apressa-te em me socorrer. Livra a minha alma da espada, e, das presas do cão, a minha vida. Salva-me da boca do leão e dos chifres dos búfalos; sim, tu me respondes. A meus irmãos declararei o teu nome; no meio da congregação eu te louvarei. Louvem o SENHOR, vocês que o temem; glorifiquem-no, todos vocês, descendência de Jacó; temam-no, todos vocês, posteridade de Israel. Porque não desprezou nem detestou a dor do aflito, nem ocultou dele o seu rosto, mas o ouviu, quando lhe gritou por socorro. De ti vem o meu louvor na grande congregação; cumprirei os meus votos na presença dos que o temem. Os sofredores hão de comer e fartar-se; louvarão o SENHOR aqueles que o buscam. Que o coração de vocês viva para sempre! Os confins da terra se lembrarão do SENHOR e a ele se converterão; diante dele se prostrarão todas as famílias das nações. Pois do SENHOR é o reino, é ele quem governa as nações. Todos os ricos da terra hão de comer e adorar, e todos os que descem ao pó se prostrarão diante dele, até aquele que não pode preservar a própria vida. A posteridade o servirá, e se falará do SENHOR à geração vindoura. Virão e anunciarão a justiça dele; ao povo que há de nascer, contarão que foi ele quem o fez.

Esse salmo reflete os pensamentos de Davi quando perseguido, mas ganha uma força maior quando vinculado ao sofrimento de Jesus. A angústia do salmista é severa, mas temporária, pois ele olha para frente com confiança em Deus, sabendo da sua aceitação e da certeza do seu lugar na presença dele.

Enquanto pendurado na cruz, Jesus pronunciou as palavras do primeiro verso: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mateus 27:46; Marcos 15:34). Citações específicas e alusões à linguagem de outros versos do Salmo 22 aparecem em diversos textos bíblicos. Nas suas descrições da rejeição do Messias, Isaías 52:14 e Isaías 53:2-3 se comparam ao verso 6. O verso 7 remete à cruz e aos relatos nos evangelhos dos abusos dirigidos a Jesus (Mateus 27:39; Marcos 15:29; Lucas 23:35). Os inimigos de Jesus naquele dia até mesmo usaram as palavras desse salmo nas suas tentativas de humilhá-lo (Mateus 27:43). As mãos e os pés foram traspassados (verso 16), uma descrição que se enquadra no modo de execução por crucificação. Até as ações dos soldados que crucificaram Jesus foram mencionadas nessa profecia escrita mil anos antes do fato (comparando o verso 18 com os relatos em todos os quatro evangelhos – Mateus 27:35; Marcos 15:24; Lucas 23:34; João 19:24).

De modo geral, o Salmo 22 se divide em duas partes principais: os primeiros 21 versos apresentam o apelo do salmista a Deus, o único capaz de livrá-lo, e os últimos 10 versos destacam os resultados do livramento dele em oferecer a mensagem salvadora às nações. Mesmo usando linguagem que reflete agonia, o salmista não questiona a posição nem o poder de Deus (verso 3). A resposta dele aos zombadores foi sua oração ao Senhor no verso 9. Considerando sua situação da perspectiva humana, o salmista sentiu-se como um homem fraco cercado por feras. Ele descreveu os malfeitores que o cercavam como muitos touros, cães, búfalos e o leão que despedaça, enquanto os ossos e o coração dele faleciam (versos 12 a 14, 16 e 21). Ele perdia a força e estava prestes a deitar no pó da morte (verso 15), entendendo que Deus é o único capaz de salvá-lo (verso 19). O livramento da morte é implícito entre versos 21 e 22 e confirmado no verso 24. O tom do restante do salmo é de vitória, a qual não consistiu em Jesus evitar a morte, mas em ser ressuscitado e exaltado eternamente. Vitorioso, o Messias canta louvores e declara a mensagem da salvação a Israel (versos 22 a 26) e às outras nações (versos 27 a 31).

Davi, no Salmo 22, não somente profetizou sobre o sofrimento de Cristo na cruz do Calvário, mas também olhou para o efeito da sua vitória sobre a morte. Jesus venceu a morte. Ele ressuscitou e subiu para seu lugar exaltado à destra do Pai. Ele reina (verso 28) e oferece proteção e segurança eterna para aqueles que se convertem a ele. Todos aqueles que o buscam têm o privilégio de poder conhecer e honrar o Senhor e salvador (verso 26).

2.12.12. SALMO 28:1

> A ti clamo, ó SENHOR; rocha minha, não sejas surdo para comigo; porque, se te calares quanto a mim, serei semelhante aos que descem à cova.

A ideia é similar ao Salmo 6:5; 30:9; 88:3-12; 94:17; 115:17. São os vivos que precisam de testemunho do Senhor, pois, após a morte, resta apenas ser reservado para juízo (Hebreus 9:27). Para os salmistas, o silêncio não se trata de uma absoluta ausência de som, mas da ausência dos louvores como realizados no antigo Israel (a organização dos levitas, o templo, os instrumentos e músicos, etc.). Se o salmista morrer, como ele poderá testemunhar do Senhor para os vivos por meio de seus louvores? Isso é o mesmo que o silêncio para o salmista. No mundo dos mortos, ele não poderá realizar tal tipo de louvor (não pode construir instrumentos, nem terá um templo, etc.), e nem poderá participar no louvor dos vivos, e nem sequer ouvir esse louvor. Os mortos não têm participação no mundo dos vivos, veja 2.12.3. Salmo 6:5. O salmista, primariamente, expõe um sentimento, não uma lição sobre o estado dos mortos.

2.12.13. SALMO 30:3

> SENHOR, da sepultura fizeste subir a minha alma; preservaste-me a vida para que não descesse ao abismo.

A palavra traduzida como "sepultura" vem do hebraico *sheol*.

O salmista corria perigo iminente de morte e foi libertado por Deus desse perigo. O *sheol* foi apresentado como o mundo dos mortos subterrâneo que é acessado através do túmulo, isto é, a morte física.

A expressão "preservaste-me a vida para que não descesse ao abismo" não está se referindo exatamente ao abismo nas profundezas do *sheol* e abaixo das águas, mas a palavra "abismo" aqui significa o mesmo que "túmulo". A ideia é que Deus distinguiu o salmista daqueles que vão para o mundo dos mortos, mantendo-o vivo.

2.12.14. SALMO 30:9

> Que proveito obterás no meu sangue, quando baixo à cova? Será que o pó é capaz de te louvar?

A ideia é similar ao Salmo 6:5; 28:1; 88:3-12; 94:17; 115:17. São os vivos que precisam de testemunho do Senhor, pois, após a morte, resta apenas ser reservado para juízo (Hebreus 9:27). Para os salmistas, o silêncio não se trata de uma absoluta ausência de som, mas da ausência dos louvores como realizados no antigo Israel (a organização dos levitas, o templo, os instrumentos e músicos, etc.). Se o salmista morrer, como ele poderá testemunhar do Senhor para os vivos por meio de seus louvores? Isso é o mesmo que o silêncio para o salmista. No mundo dos mortos, ele não poderá realizar tal tipo de louvor (não pode construir instrumentos, nem terá um templo, etc.), e nem poderá participar no louvor dos vivos, e nem sequer ouvir esse louvor. Os mortos não têm participação no mundo dos vivos, veja 2.12.3. Salmo 6:5. O salmista, primariamente, expõe um sentimento, não uma lição sobre o estado dos mortos.

2.12.15. SALMO 31:12

> Estou esquecido no coração deles, como morto; sou como vaso quebrado.

Qualquer que seja o bom serviço que o salmista tenha prestado, seja ao rei, ao reino, ou a qualquer pessoa, serviços que antes foram reconhecidos e elogiados, o salmista se sentiu bastante esquecido pelas outras pessoas. Ele falou da atitude de esquecimento que os vivos tiveram em relação a ele, considerando-o como se fosse um morto – ele não tentou explicar um estado em que os mortos estão em um mundo de esquecimento. A ideia é que um morto, eventualmente, terá seu nome e memória esquecidos pelos vivos, e o salmista se sentiu assim. Ele se comparou, também, como um vaso de terra quebrado, o qual era considerado irreparável e inútil, ou seja, sentiu-se desprezado por todos.

2.12.16. SALMO 37:9-11

> Porque os malfeitores serão exterminados, mas os que esperam no SENHOR possuirão a terra.

É comum encontrar referências no Salmo 37 sobre a futilidade da vida de pessoas que desobedecem ao Senhor: murcham como plantas (Salmo 37:2), serão exterminadas (Salmo 37:9,22,38) e desaparecerão como fumaça (Salmo 37:20). Embora sejam palavras fortes, o salmista não está defendendo uma ideia de aniquilação da alma do não justificado (as melhores evidências no Novo Testamento apontam que a punição final se trata de tormento eterno, veja 1.1.10. Mateus 10:28), mas simplesmente fazendo contrastes entre os destinos do justo e do ímpio. A ideia é, simplesmente, que os justificados terão uma grande bênção (representada pela expressão "herdar a terra" – veja 1.1.2. Mateus 5:5) e os não justificados estão sujeitos a julgamento da parte do Senhor (seja juízo na vida física, seja a punição final no juízo final, o que é expresso pelos termos "murchar", "ser exterminado" ou "desaparecer"). A linguagem do salmista não é literal, mas a expressão poética de um fato bem atestado nas Escrituras: o justificado está com Deus e o não justificado não está. Sem Deus, há apenas calamidade.

Como em Mateus 5:5, a expressão "herdar a terra" dificilmente teria o significado de herdar o planeta todo, sendo bem mais provável que a palavra "terra" se refira a um território, uma extensão de terra, como um país. A expressão acabou se tornando proverbial para uma grande bênção, tendo em vista a promessa de Deus aos patriarcas pela terra de Canaã, "a terra que mana leite e mel". Do ponto de vista judaico, seu território era muitas vezes visto como a bênção máxima de Deus ao povo, tanto que Deus a tomou duas vezes (primeiro com Nabucodonosor da Babilônia em 586 a.C. e, depois, com o Império Romano em 70 d.C.). Esse tipo de emprego da expressão "herdar a terra" como herdar uma grande bênção é encontrado quatro vezes no Salmo 37 e em Isaías 60:21. "Herdar a terra" era uma expressão comum nos dias de Jesus, e ele a usou para exprimir as grandes bênçãos espirituais que pertencem aos mansos (Mateus 5:5). A terra prometida, conforme referida no Livro de Hebreus, era um prenúncio da bênção maior de herdar o céu, a pátria celestial, a qual é a esperança do fiel (Hebreus 11:14-16). Veja 1.1.2. Mateus 5:5.

Portanto, o salmista afirmou que os mansos serão recebidos no reino celestial (em última análise, os novos céus e nova terra) e receberão ali a plenitude das bênçãos, enquanto os malfeitores encontrarão calamidade (seja por juízo divino na vida física ou seja pela condenação no julgamento final).

2.12.17. SALMO 37:18-20

> O SENHOR conhece os dias dos íntegros; a herança deles permanecerá para sempre. Não serão envergonhados nos tempos difíceis e nos dias de fome se fartarão. Os ímpios, no entanto, perecerão, e os inimigos do SENHOR serão como as mais belas pastagens: desaparecerão, como desaparece a fumaça.

No Salmo 37 o salmista não está defendendo uma ideia de aniquilação da alma do não justificado, mas simplesmente fazendo contrastes entre os destinos do justo e do ímpio. A ideia é, simplesmente, que os justificados terão grandes bênçãos (terão proteção nos dias difíceis, embora isso não seja uma promessa absoluta de isenção de sofrimento, mas estão destinados à comunhão eterna com o Senhor) e os não justificados estão sujeitos a julgamento da parte do Senhor (seja juízo na vida física, seja a punição final no juízo final – as melhores evidências no Novo Testamento apontam que a punição final se trata de tormento eterno, veja 1.1.10. Mateus 10:28). A linguagem do salmista não é literal, mas a expressão poética de um fato bem atestado nas Escrituras: o justificado está com Deus e o não justificado não está. Sem Deus, há apenas calamidade. Veja 2.12.16. Salmo 37:9-11.

2.12.18. SALMO 37:22

> Aqueles a quem o SENHOR abençoa possuirão a terra; e serão exterminados aqueles a quem ele amaldiçoa.

O salmista fez um contraste entre o destino dos justos e dos ímpios fazendo uso de linguagem poética. Ele afirmou que os justificados serão recebidos no reino celestial (em última análise, os novos céus e nova terra) e receberão ali a plenitude das bênçãos. "Herdar a terra" era uma expressão para denotar o recebimento de uma grande bênção. Os amaldiçoados são os não justificados que receberão condenação. A expressão "serão exterminados" não significa a eliminação da existência, mas denota calamidade (seja juízo na vida física, seja a punição final no juízo final – as melhores evidências no Novo Testamento apontam que a punição final se trata de tormento eterno, veja 1.1.10. Mateus 10:28). Veja 2.12.16. Salmo 37:9-11.

2.12.19. SALMO 37:28-29

> Pois o SENHOR ama a justiça e não desampara os seus santos. Serão preservados para sempre, mas a descendência dos ímpios será exterminada. Os justos herdarão a terra e nela habitarão para sempre.

O salmista fez um contraste entre o destino dos justos e dos ímpios fazendo uso de linguagem poética. A expressão "será exterminada" aplicada aos ímpios não significa sua eliminação da existência, mas denota calamidade (seja juízo na vida física, seja a punição final no juízo final – as melhores evidências no Novo Testamento apontam que a punição final se trata de tormento eterno, veja 1.1.10. Mateus 10:28). Os não justificados não serão encontrados na herança preparada para Deus estar com os justificados. Os justificados permanecerão para sempre (o que, em última análise, aponta para a ressurreição dos mortos), e serão recebidos no reino celestial (em última análise, os novos céus e nova terra), recebendo ali a plenitude das bênçãos. "Herdar a terra" era uma expressão para denotar o recebimento de uma grande bênção. Não é possível sustentar que "herdar a terra" signifique que os mansos herdarão o planeta Terra, uma vez que ele será destruído na segunda vinda de Cristo, conforme 2 Pedro 3:10-11. Veja 2.12.16. Salmo 37:9-11.

2.12.20. SALMO 37:38

> Quanto aos transgressores, serão todos destruídos; a descendência dos ímpios será exterminada.

Como no Salmo 37:28-29, o salmista fez um contraste entre o destino dos justos e dos ímpios fazendo uso de linguagem poética. A expressão "será exterminada" aplicada aos ímpios não significa sua eliminação da existência, mas denota calamidade (seja juízo na vida física, seja a punição final no juízo final – as melhores evidências no Novo Testamento apontam que a punição final se trata de tormento eterno, veja 1.1.10. Mateus 10:28). Veja 2.12.16. Salmo 37:9-11.

2.12.21. SALMO 49:14-19

> Como ovelhas são postos na sepultura; a morte é o seu pastor; eles descem diretamente para a cova, onde a sua formosura se consome; o mundo dos mortos é o lugar em que habitam. Mas Deus remirá a minha alma do poder da morte, pois ele me tomará para si. Não tenha medo, quando alguém enriquecer, quando aumentar a glória de sua casa; pois, quando morrer, nada levará consigo, a sua glória não o acompanhará. Ainda que durante a vida ele tenha se lisonjeado, e ainda que o louvem quando faz o bem a si mesmo, irá juntar-se à geração de seus pais, os quais já não verão a luz.

A expressão "Como ovelhas são postos na sepultura; a morte é o seu pastor" tem o significado de "assim como os rebanhos de ovelhas são ajuntados para a matança, assim os ímpios são ajuntados para o *sheol*." O salmista não está afirmando que ovelhas vão para o *sheol* quando morrem – aqueles que vão ao *sheol* são os seres humanos. O salmista apenas usou como exemplo rebanhos de ovelhas ajuntados para abatimento como analogia. Muitos grupos de seres humanos vão para o mundo dos mortos quando morrem: o *sheol* é comparado ao abatimento e os seres humanos são comparados a rebanhos de ovelhas que vão morrer. O salmista não está afirmando que animais vão para o *sheol* quando morrem. Não há, na Bíblia, nenhuma menção de animais em algum tipo de "além". Aparentemente, por não possuírem espírito, animais podem ter almas que simplesmente desaparecem quando morre o corpo. Das criaturas de Deus, apenas o ser humano possui espírito (veja 1.1.10. Mateus 10:28). Assim, parece mais provável que uma alma desprovida de espírito, como é o caso dos animais, simplesmente deixe de existir quando morre o corpo. Apenas uma alma vinculada a um espírito, como é o caso do ser humano, pode ter existência após a morte física.

Em vida, o "pastor" dos seres humanos era a própria vontade deles – quando mortos, apenas a morte os pastoreia. A morte é uma personificação dos terrores do mundo dos mortos, tais como a frequentemente mencionada escuridão. Assim, a morte e a escuridão, que são os terrores do mundo dos mortos, passam a governar os habitantes do mundo dos mortos. Se os não justificados falecidos são, de alguma forma, afligidos em seu estado de morte, eles estão, de alguma forma, conscientes e atormentados. Há, portanto, alusão a algum tipo de aflição para os não justificados que vão para o mundo dos mortos. Isso pode corresponder ao estado de tormento do homem rico na parábola contada por Jesus em Lucas 16:19-31 (veja 1.3.15. Lucas 16:19-31).

O mundo dos mortos é o fim de toda a glória, formosura e honra terrenas que alguém possa ter conseguido ao longo de sua vida. Nada disso o acompanhará após a morte física. Os não justificados fisicamente mortos verão a escuridão do mundo dos mortos e, de alguma forma, serão reunidos aos seus predecessores. Os justificados, no entanto, serão remidos da morte e do mundo dos mortos e estarão com Deus. Isso corresponde ao que foi narrado na parábola contada por Jesus em Lucas 16:19-31 (veja 1.3.15. Lucas 16:19-31).

2.12.22. SALMO 55:15

> Que a morte os assalte, e vivos desçam à sepultura! Porque há maldade nas suas moradas e no seu íntimo.

A palavra traduzida como "sepultura" foi traduzida do hebraico *sheol*. Por causa da maldade dos não justificados, o salmista pediu ao Senhor que retribuísse tal maldade fazendo-os sofrer um maior terror do que simplesmente a morte física: que fossem tragados vivos ao mundo dos mortos. Isso já ocorreu antes em Números 16:30-33: Corá, Datã, Abirão e suas famílias desceram vivos ao mundo dos mortos após a terra se abrir abaixo deles, pelo poder do Senhor. Em seguida, a terra os cobriu. O *sheol* era visto como a região dos mortos situada nas profundezas da terra. Outra forma de visualizar o mundo dos mortos é como um monstro que tem uma bocarra e que jamais se farta de devorar aqueles que perecem (Isaías 5:14; Provérbios 30:15-16). Uma vez que Corá, Datã, Abirão e suas famílias desceram vivos ao *sheol*, o qual é uma região para mortos, subentende-se que morreram ao chegar lá.

2.12.23. SALMO 55:23

> Tu, porém, ó Deus, os lançarás na cova profunda. Homens sanguinários e fraudulentos não chegarão à metade dos seus dias; eu, todavia, confiarei em ti.

A "cova profunda" é uma referência ao *sheol*. Ele é visto como o lugar onde os homens sanguinários e fraudulentos são lançados e que se encontra nas profundezas da terra.

2.12.24. SALMO 63:9

> Porém os que procuram destruir a minha vida descerão às profundezas da terra.

A expressão "profundezas da terra" é uma referência ao *sheol*, o local para onde irão aqueles que procuram destruir os fiéis.

2.12.25. SALMO 71:20

> Tu, que me tens feito ver muitas angústias e males, me restaurarás ainda a vida e de novo me tirarás dos abismos da terra.

O salmista se refere aos locais profundos da terra, como o mundo dos mortos e o abismo, mas os utilizou como metáforas para os sofrimentos da vida física. Deus pode permitir que uma pessoa sofra com o objetivo de fortalecê-la e pode também removê-la de qualquer situação ruim. Ele pode, também, resgatar da morte, tanto do abismo quanto do mundo dos mortos.

2.12.26. SALMO 73:24-26

> Tu me guias com o teu conselho e depois me recebes na glória. Quem tenho eu no céu além de ti? E quem poderia eu querer na terra além de ti? Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre.

Mesmo o fiel do Antigo Testamento tinha a esperança de ser recebido por Deus em sua glória, ainda que morresse. O salmista sabia que a Palavra de Deus leva à justificação e consequente glorificação junto ao Senhor em vida eterna.

2.12.27. SALMO 78:50

> Deu livre curso à sua ira; não poupou da morte a alma deles, mas entregou a vida deles à peste.

O sentido da expressão "não poupou a alma deles" é "não impediu que a alma deles fosse entregue à morte que existe na pestilência". O salmista não disse que a alma deixa de existir, mas que Deus não impediu que os egípcios experimentassem a morte que existe na peste. A peste é um dos juízos de Deus contra os ímpios na terra.

2.12.28. SALMO 86:9

> Todas as nações que fizeste virão, se prostrarão diante de ti, SENHOR, e glorificarão o teu nome.

O fiel do Antigo Testamento já tinha noção de um dia em que todas as pessoas da Terra se prostrarão diante do Senhor e glorificarão seu nome. Isso de fato ocorrerá no juízo final.

2.12.29. SALMO 86:13

> Pois grande é a tua misericórdia para comigo, e me livraste a alma do mais profundo poder da morte.

A palavra "morte" foi traduzida do hebraico *sheol*. O caminho natural quando o ser humano morre é a ida de sua alma ao mundo dos mortos. No entanto, Deus tem misericórdia daquele que o busca, justificando-o de seus pecados e livrando-o da mais profunda experiência da morte (João 8:51): o banimento da presença de Deus para a punição final. Não se trata da morte física. O sentido é obter a vida eterna, ou passar para a vida em que não haverá morte. O justificado não permanecerá no mundo dos mortos, e essa é a esperança da redenção do *sheol* do fiel do Antigo Testamento.

2.12.30. SALMO 88:3-12

> Pois a minha alma está cheia de angústias, e a minha vida já se aproxima da morte. Sou contado com os que descem ao abismo. Sou como um homem sem força, atirado entre os mortos; como os feridos de morte que jazem na sepultura, dos quais já não te lembras; pois foram abandonados pelas tuas mãos. Puseste-me na mais profunda cova, nos lugares tenebrosos, nos abismos. Sobre mim pesa a tua ira; tu me abates com todas as tuas ondas. Afastaste de mim os meus conhecidos e me fizeste objeto de abominação para com eles; estou preso e não vejo como sair. Os meus olhos desfalecem de aflição; dia após dia, venho clamando a ti, SENHOR, e a ti levanto as minhas mãos. Será que farás maravilhas para os mortos? Ou será que os finados se levantarão para te louvar? A tua bondade será anunciada na sepultura? A tua fidelidade, nos abismos? Acaso nas trevas se manifestam as tuas maravilhas? E a tua justiça, na terra do esquecimento?

No verso 3, a palavra "morte" é traduzida do hebraico *sheol*. No verso 11, a palavra "abismos" é traduzida do hebraico *abaddon*. Antes de tudo, é importante ter em mente que o salmista está, primariamente, expondo seus sentimentos, e não dando uma descrição sobre o estado dos mortos.

A ideia é similar ao Salmo 6:5; 28:1; 30:9; 94:17; 115:17. São os vivos que precisam de testemunho do Senhor, pois, após a morte, resta apenas ser reservado para juízo (Hebreus 9:27). No mundo dos mortos, ele não poderá realizar nada que testifique do Senhor, ou que o glorifique, diante dos vivos. Os mortos não têm participação no mundo dos vivos, veja 2.12.3. Salmo 6:5.

Nos versos 3 a 5, se o salmista morresse, sua alma iria ao *sheol*. No entanto, nem sempre *sheol* significa o mundo dos mortos, podendo ser uma personificação da morte, como é o caso do contexto. Assim, *sheol* foi corretamente traduzido como morte. Da mesma forma, nem sempre expressões como "Puseste-me na mais profunda cova, nos lugares tenebrosos, nos abismos" denotam que o salmista realmente esteve nestes lugares (ou ele não poderia ter escrito o salmo). No entanto, frequentemente, as trevas e o submundo são usados como metáforas de calamidade na vida física – e essa foi a intenção do salmista. A expressão "tu me abates com todas as tuas ondas" alude às ondas violentas das águas sobre o abismo, as quais também são metáforas para calamidades na vida. Estar preso alude às profundidades da terra que eram vistas como uma prisão, particularmente o *sheol*, e, da mesma forma, isso é usado como metáfora para calamidade na vida. Sendo assim, o salmista simplesmente expressou seus sentimentos usando metáforas que aludem ao terror das trevas e do submundo, retratando tais sentimentos como se tivesse se tornando um cadáver, não recebendo assistência nem de Deus nem de seus aliados, sendo afligido pelas calamidades e deixado para morrer.

O salmista não pode estar falando de uma situação em que sua alma vá ao *sheol* e permaneça esquecida lá por Deus, uma vez que há passagens que afirmam que Deus pode ser encontrado no *sheol* (por exemplo, Salmo 139:8-12): nem o mundo dos mortos, nem o abismo, estão encobertos para Deus (Jó 26:6; Salmo 139:8-12; Provérbios 15:11). A própria ressurreição dos mortos demonstra que Deus não esquece do galardão de ninguém, ainda que morto: há ressurreição para vida eterna ou para juízo (João 5:28-29). O juízo final é aplicado tanto para aqueles que forem levados aos ares para encontrar o Senhor em sua segunda vinda (1 Tessalonicenses 4:13-17) quanto para aqueles que estiverem nos túmulos – logo, ninguém é, realmente, abandonado por Deus na morte. O mundo dos mortos era visto com terror na antiguidade, pouco se sabia sobre ele, e tal terror passava a impressão de que seria um local esquecido por Deus.

Nos versos 6 a 8, o salmista não comenta sobre o motivo da ira de Deus (podendo ser por causa de consequências dos seus próprios pecados, ou podendo ser uma representação do sofrimento do povo diante de um castigo divino por causa de rebeldia). O fato é que ele se sentiu isolado, rejeitado e incapaz de se salvar por si mesmo. Há ocasiões em que é necessário passar por uma profunda angústia para reconhecer a necessidade da misericórdia de Deus e clamar por livramento, como foi expresso pelo salmista.

Nos versos 9 a 12, primeiramente, deve ser observado que o salmista está perguntando se Deus faria maravilhas, ou manifestações de fidelidade, ou manifestações de bondade, na escuridão do submundo (onde se encontra o mundo dos mortos e o abismo). O salmista não está afirmando que Deus não possa fazer essas coisas nesse local, está apenas perguntando se Deus as faria ali. Isso porque o propósito dessas obras de Deus é converter as pessoas e fortalecê-las para que permanecessem nos seus caminhos. São os vivos que necessitam de testemunho de Deus, uma vez que eles ainda têm chance de redenção e são eles que devem ser encorajados a permanecer no Senhor. Aos mortos já se passou tal oportunidade, restando apenas o juízo (Hebreus 9:27). Não há, portanto, razão alguma para Deus realizar as referidas obras em regiões de mortos – e daí vem o contexto das questões do salmista. É como se ele perguntasse: "O Senhor perderia tempo fazendo maravilhas divinas àqueles que não podem mais se converter a ti?" Os justos falecidos já aguardam sua redenção e os ímpios falecidos estão irremediavelmente condenados. Portanto, não há real apoio para alguma doutrina de inconsciência da alma no Salmo 88.

O ponto das várias perguntas do salmista não foi mostrar uma realidade do estado de morte, mas uma atitude de desejo de viver para poder servir a Deus por motivos não egoístas. São os vivos que precisam de testemunho do Senhor. Os mortos não podem interagir com o mundo dos vivos e, eventualmente, serão esquecidos por eles. Os mortos não podem testemunhar da grandeza de Deus para os vivos. É inútil fazer maravilhas divinas diante de mortos – eles não podem mais se apegar a Deus se não o fizeram em vida. O salmista estava prestes a morrer, no entanto, se vivesse, ainda poderia ensinar aos vivos e glorificar o nome do Senhor. Na verdade, essa atitude de desejar viver para poder servir e glorificar a Deus acima de razões egoístas é uma das melhores atitudes do verdadeiro convertido.

2.12.31. SALMO 89:48

> Quem é que pode viver e não ver a morte? Ou quem pode livrar a sua alma do poder da sepultura?

A palavra "sepultura" foi traduzida do hebraico *sheol*. Nenhum ser humano pode, por si mesmo, evitar a morte física e, consequentemente, evitar de ir ao *sheol*.

2.12.32. SALMO 94:17

> Se não fosse o auxílio do SENHOR, a minha alma já estaria na região do silêncio.

Pelo contexto, o salmista considera que, se não tivesse tido a ajuda do Senhor, estaria morto. Ele afirma que sua alma estaria na "região do silêncio", referindo-se ao *sheol*.

A ideia é similar ao Salmo 6:5; 28:1; 88:3-12; 115:17. São os vivos que precisam de testemunho do Senhor, pois, após a morte, resta apenas ser reservado para juízo (Hebreus 9:27). Para os salmistas, o silêncio não se trata de uma absoluta ausência de som, mas da ausência dos louvores como realizados no antigo Israel (a organização dos levitas, o templo, os instrumentos e músicos, etc.). Se o salmista morrer, como ele poderá testemunhar do Senhor para os vivos por meio de seus louvores? Isso é o mesmo que o silêncio para o salmista. No mundo dos mortos, ele

não poderá realizar tal tipo de louvor (não pode construir instrumentos, nem terá um templo, etc.), e nem poderá participar no louvor dos vivos, e nem sequer ouvir esse louvor. Os mortos não têm participação no mundo dos vivos, veja 2.12.3. Salmo 6:5. O salmista não se preocupou em dar uma lição sobre o estado dos mortos.

2.12.33. SALMO 97:2

> Nuvens e escuridão o rodeiam, justiça e juízo são a base do seu trono.

Fazer a justiça e efetuar juízo contra aqueles que merecem são princípios básicos do governo de Deus.

2.12.34. SALMO 102:15-28 [7]

> Todas as nações temerão o nome do SENHOR, e todos os reis da terra temerão a sua glória, quando o SENHOR reconstruir Sião e se manifestar na sua glória, quando atender à oração do desamparado e não desprezar as suas preces. Isto ficará registrado para as gerações futuras, e um povo, que há de ser criado, louvará o SENHOR, dizendo: "O SENHOR, do alto do seu santuário, desde os céus, olhou para a terra, a fim de ouvir o gemido dos cativos e libertar os condenados à morte." Em Sião será anunciado o nome do SENHOR e o seu louvor, em Jerusalém, quando se reunirem os povos e os reinos, para servirem o SENHOR. Ele me abateu a força no caminho e abreviou os meus dias. Eu disse: "Deus meu, não me leves na metade de minha vida; tu, cujos anos se estendem por todas as gerações. Em tempos remotos, lançaste os fundamentos da terra; e os céus são obra das tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permaneces; todos eles envelhecerão como veste, como roupa os mudarás, e serão mudados. Tu, porém, és sempre o mesmo, e os teus anos jamais terão fim. Os filhos dos teus servos habitarão seguros, e diante de ti se estabelecerá a sua descendência."

O texto, em última análise, não se trata de uma restauração física de Israel, mas do reino de Deus inaugurado por meio do Messias, Jesus Cristo. A "reconstrução de Sião" se refere à Nova Aliança em Cristo, e "manifestar na sua glória" se refere à primeira vinda de Jesus, o Messias prometido.

O salmo demonstrou a confiança na salvação que Deus traria, tanto para Israel quanto para outros povos, os quais seriam reunidos para servir o Senhor. De fato, tanto judeus quanto gentios foram unidos na Igreja para servir a Deus. A mensagem é similar a Isaías 2:1-5, onde o profeta falou do estabelecimento do reino do Senhor e a chegada das outras nações para adorá-lo. Apesar da dificuldade dos primeiros cristãos em compreender esse fato, o Antigo Testamento já indicava que a mensagem da salvação não seria limitada aos judeus, mas a todos – o que foi cumprido no evangelho.

O Salmo 102 possui um forte tom messiânico. Foi citado no Novo Testamento e aplicado a Jesus Cristo. Em Hebreus 1:10-12, as palavras dos versos 25 a 27 do Salmo 102 são citadas na luz da afirmação que fala "acerca do Filho" (Hebreus 1:8). O significado disso é que o Espírito Santo declarou que um salmo dirigido ao SENHOR (em maiúsculas, uma tradução do nome mais usado para Deus Pai no Antigo Testamento) se dirige a Jesus. A implicação é que Jesus é Deus e merece a adoração, não apenas de judeus, mas de todos os povos. Assim, da angústia de um povo derrotado por causa do pecado vieram palavras de esperança e confiança da salvação em Cristo.

2.12.35. SALMO 103:3-6

> Ele é quem perdoa todas as suas iniquidades; quem cura todas as suas enfermidades; quem da cova redime a sua vida e coroa você de graça e misericórdia. É ele quem enche de bens a sua vida, de modo que a sua mocidade se renova como a da águia. O SENHOR faz justiça e julga todos os oprimidos.

O Senhor pode redimir a vida da morte – em última análise, uma alusão à ressurreição dos mortos. O perdão dos pecados está ligado à esperança do fiel do Antigo Testamento de redenção da morte.

Deus faz justiça e traz a retribuição em favor daqueles que são oprimidos. Isso é particularmente notável em relação ao seu povo, o qual frequentemente é oprimido pelo mal no mundo.

2.12.36. SALMO 104:5

> Lançaste os fundamentos da terra, para que ela não se abale em tempo nenhum.

A perspectiva do salmista é de um referencial meramente humano. Em relação à longevidade das pessoas e das criaturas do planeta, a terra tem uma duração muito maior. Assim, o salmista comparou a terra como se fosse imune ao desgaste do tempo. A expressão hebraica *olam*, traduzida frequentemente como "para sempre", "em tempo nenhum" ou "eternamente", pode denotar um longo e indefinido período de tempo. O mesmo ocorre em Eclesiastes 1:4. De qualquer forma, é perigoso entender os salmos, os quais frequentemente usam linguagem poética e figurativa e expressão de sentimentos, de uma forma estritamente literal. Não é possível que o planeta Terra permaneça para sempre, pois 2 Pedro 3:10-11 afirma que será destruído pelo fogo na segunda vinda de Cristo.

2.12.37. SALMO 110:1-7 [8]

> Disse o SENHOR ao meu senhor: "Sente-se à minha direita, até que eu ponha os seus inimigos por estrado dos seus pés." O SENHOR lhe enviará de Sião o cetro do poder, dizendo: "Domine entre os seus inimigos." O seu povo se apresentará voluntariamente, no dia em que você manifestar o seu poder; com santos ornamentos, como o orvalho do alvorecer, virão os seus jovens. O SENHOR jurou e não voltará atrás: "Você é sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque." O Senhor, à sua direita, no dia em que se irar, esmagará os reis. Ele julgará entre as nações, enchendo-as de cadáveres; esmagará cabeças por toda a terra. No caminho, beberá água na torrente e passará de cabeça erguida.

Dois temas do Salmo 110 estão interligados ao longo do Livro de Hebreus na demonstração da posição única de Jesus Cristo como rei eterno e sumo sacerdote para sempre. Jesus validou a atribuição encontrada no título do Salmo 110 a Davi (Mateus 22:43-45). Porém, o importante segundo rei de Israel falava de outro: um descendente que seria muito mais importante do que ele.

Jesus citou o primeiro verso do Salmo 110 para mostrar para as autoridades religiosas de sua época que elas ainda não entendiam as profecias sobre o Messias. Davi, na sua mensagem profética, chamou o Cristo de "meu senhor", pois a posição de Jesus seria muito superior à posição do rei que escreveu o Salmo 110. O cetro ou bastão do rei representa não somente a autoridade da tribo de Judá (Gênesis 49:10), mas especificamente o domínio messiânico (Salmo 2:9).

No verso 3, embora seja enfatizada a autoridade do Messias, a submissão dos seus súditos é voluntária e oferecida com alegria. Cristo não conquista com crueldade ou com força, como grandes guerreiros históricos. Ele converte os corações de homens que se mostram dispostos a se entregar a ele. Isso, em parte, porque ele é diferente de todos os outros reis.

O verso 4 introduz um segundo papel ocupado por Jesus. Ele é rei e sacerdote. Davi era rei de Israel, cujas leis claramente proibiam que um rei também servisse como sacerdote. Nem Jesus, o Filho de Deus em carne, poderia servir como sacerdote sob aquele sistema, pois não veio da tribo de Levi (Hebreus 7:13-14; 8:4). Assim, aquele que tenta seguir a Lei de Moisés não pode ter Cristo como seu sumo sacerdote e, em última análise, decai da graça (Gálatas 5:4). O argumento desenvolvido no Livro de Hebreus, usando o texto do Salmo 110 como parte da sua defesa, é que Jesus pode ser rei e sacerdote porque ele introduziu uma nova aliança, cumprindo e removendo a aliança feita com os israelitas no Monte Sinai.

Cristo é o rei e sacerdote que governa sobre os sujeitos voluntários que se entregam a ele. Quanto àqueles que não trazem "santos ornamentos" de modo a dar a devida honra ao seu senhor, são mencionados nos versos 5 a 7, os quais voltam ao tema do poder, passando a expandir o ponto do verso 2: o domínio sobre os inimigos com imagens de batalhas decisivas e rápidas, com a vitória total para o Messias. É pura insensatez rejeitar o criador do universo e se rebelar contra o Senhor dos senhores e Rei dos reis. A vitória final e absoluta de Jesus sobre todos os seus inimigos, inclusive a própria morte, é proclamada ao longo das Escrituras.

A mensagem de conforto é que o rei Jesus é o mesmo sacerdote que reconcilia as pessoas com seu Pai para que possam participar da sua vitória (Romanos 8:37).

2.12.38. SALMO 115:17

> Os mortos não louvam o SENHOR, nem os que descem à região do silêncio podem fazer isso.

A ideia é similar ao Salmo 6:5; 28:1; 88:3-12; 94:17. São os vivos que precisam de testemunho do Senhor, pois, após a morte, resta apenas ser reservado para juízo (Hebreus 9:27). Para os salmistas, o silêncio não se trata de uma absoluta ausência de som, mas da ausência dos louvores como realizados no antigo Israel (a organização dos levitas, o templo, os instrumentos e músicos, etc.). Se o salmista morrer, como ele poderá testemunhar do Senhor para os vivos por meio de seus louvores? Isso é o mesmo que o silêncio para o salmista. No mundo dos mortos, ele não poderá realizar tal tipo de louvor (não pode construir instrumentos, nem terá um templo, etc.), e nem poderá participar no louvor dos vivos, e nem sequer ouvir esse louvor. Os mortos não têm participação no mundo dos vivos, veja 2.12.3. Salmo 6:5. O salmista não se preocupou em dar uma lição sobre o estado dos mortos.

2.12.39. SALMO 116:3

> Laços de morte me cercaram, e angústias do inferno se apoderaram de mim; fiquei aflito e triste.

Como no Salmo 18:4-5, a expressão "angústias do inferno" tem o significado de "aflições do *sheol*". O salmista sentia angústia, mas confiava que Deus podia livrá-lo. Ele descreve sua situação como se estivesse à beira da morte. A morte era vista com terror e o *sheol*, o destino dos mortos, como uma prisão de onde não se pode retornar, a não ser pelo poder de Deus. A morte e o *sheol* frequentemente eram usados como metonímias para denotar calamidades na vida.

2.12.40. SALMO 119:137

> Justo és tu, SENHOR, e retos são os teus juízos.

Como no Salmo 19:9, os juízos de Deus, o que inclui o juízo final, são todos igualmente justos.

2.12.41. SALMO 139:8-12

> Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda ali a tua mão me guiará, e a tua mão direita me susterá. Se eu digo: "As trevas, com certeza, me encobrirão, e a luz ao redor de mim se fará noite", até as próprias trevas não te serão escuras, e a noite é tão clara como o dia. Para ti, as trevas e a luz são a mesma coisa.

A expressão "mais profundo abismo" se refere ao *sheol*. O salmista reconheceu a onipresença de Deus. Não há lugar que esteja fora do domínio, presença e poder de Deus, nem mesmo o *sheol*. Para Deus, a escuridão do *sheol* não faz a menor diferença, ele enxerga nas densas trevas assim como enxerga na luz. Os terrores do mundo dos mortos, tais como as trevas, são utilizados como metonímia para calamidades na vida, mas o Senhor pode livrar de todos.

2.12.42. SALMO 141:7

> Como quando se lavra e sulca a terra, assim os nossos ossos são espalhados à boca da sepultura.

A palavra "sepultura" foi traduzida do hebraico *sheol*. O salmista usou uma imagem forte para mostrar como os fiéis são oprimidos e mortos por causa do mal do mundo. Uma das formas de retratar o mundo dos mortos é como um monstro que possui uma grande boca que jamais se farta de devorar aqueles que perecem.

2.12.43. SALMO 143:3

> Pois o inimigo tem perseguido a minha alma; tem lançado por terra a minha vida; tem-me feito habitar na escuridão, como aqueles que morreram há muito tempo.

A expressão "aqueles que morreram há muito tempo" se refere aos mortos no *sheol*, os quais estão em escuridão. As calamidades na vida do salmista o fizeram assemelhá-las à escuridão do mundo dos mortos.

2.12.44. SALMO 145:20

> O SENHOR protege todos os que o amam; porém todos os ímpios serão exterminados.

A proteção dos justos não se trata de uma isenção do sofrimento, mas pelo menos algum de tipo de proteção nas calamidades. Os justificados terão proteção total apenas quando estiverem em comunhão total com o Senhor.

Como no Salmo 37, o salmista fez um contraste entre o destino dos justos e dos ímpios fazendo uso de linguagem poética. A expressão "serão exterminados" aplicada aos ímpios não significa sua eliminação da existência, mas denota calamidade (seja juízo na vida física, seja a punição final no juízo final – as melhores evidências no Novo Testamento apontam que a punição final se trata de tormento eterno, veja 1.1.10. Mateus 10:28). Veja 2.12.16. Salmo 37:9-11.

2.12.45. SALMO 146:3-4

> Não confiem em príncipes, nem nos filhos dos homens, em quem não há salvação. Sai-lhes o espírito, e eles voltam ao pó; nesse mesmo dia, acabam todos os seus planos.

Quando alguém morre fisicamente, ocorre a separação do corpo e do espírito. O espírito sai do corpo, o qual se decompõe e retorna ao pó. O entendimento do fiel do Antigo Testamento sobre a morte era bastante limitado, uma vez que o Senhor quase não havia dado revelação a respeito. O ponto de referência sobre a morte era terreno: os planos de uma pessoa que morreu acabam no mundo físico – ela não poderá colher nenhum benefício deles. No mundo dos mortos não há razão para fazer planos, uma vez que o destino está selado (Hebreus 9:27): no juízo final ocorrerá ressurreição para vida eterna ou para banimento eterno da presença de Deus. A ausência de planos da parte do falecido não significa que sua existência cessou.

2.12.46. ESCATOLOGIA DOS SALMOS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos nos salmos, as informações são:

- Salmo 1:5: em última análise, no juízo final, os não justificados serão condenados e não estarão com os justificados;

- Salmo 2:6-9: o Messias que estava por vir foi apresentado com sua coroação como um fato já realizado, de forma a mostrar a certeza do cumprimento da profecia. A proclamação se refere à ressurreição e à ascensão do Messias à sua posição de domínio no céu. Ele venceu a morte e tomou seu lugar como sumo sacerdote eterno no verdadeiro Santo dos Santos (Hebreus 9:12). O Messias reina sobre todas as nações (Atos 17:30; Filipenses 2:9-11). Cumprindo uma longa série de promessas e profecias, Jesus recebeu toda autoridade sobre todos os povos. Ele é rei sobre todos, dominando com poder (a "vara de ferro") e sendo capaz de despedaçar as nações rebeldes, tais como o Império Romano. Ele tem toda a autoridade (Mateus 28:18);

- Salmo 6:5: aparentes afirmações de que os mortos não atingem sabedoria, não louvam a Deus, não podem produzir som, não estão cônscios de nada, não podem ver as maravilhas de Deus, etc., não são declarações absolutas. O referencial do salmista é a existência terrena, e os mortos não podem fazer nenhuma dessas coisas no mundo dos vivos, uma vez que não têm mais participação nele. Muitas vezes, o túmulo é usado como metonímia para transmitir os sentimentos dos salmistas. Na época dos salmistas, o Senhor praticamente não revelou nada sobre o estado dos mortos antes da ressurreição. O conhecimento sobre o *sheol* até esse ponto era bastante limitado. A personificação da morte era bastante baseada no ponto de vista de um cadáver abaixo da terra. É para os vivos que o Senhor deve ser testemunhado e louvado, uma vez que após a morte resta somente juízo (Hebreus 9:27). Como os mortos têm seu destino definido (glória eterna ou banimento da presença de Deus), é inútil mostrar a eles maravilhas de Deus, as quais têm o propósito de converter a Deus e fazer com que os já convertidos a Deus permaneçam nele. Além disso, não é sempre que *sheol* significa o mundo dos mortos. A questão é a inabilidade dos mortos interagir com os vivos – o salmista não está ensinando ninguém sobre como é o mundo dos mortos, nem ensinando que lá há esquecimento de Deus ou ausência de louvor a ele. Após a morte, a única coisa do falecido que permanece na Terra são seus restos mortais, e eles não vão lembrar de Deus ou louvar a Deus diante dos vivos, assim como aqueles que estão no mundo dos mortos não podem fazê-lo. Deus é Deus de vivos (Lucas 20:38). Assim, o ponto do salmista é que Deus

não o deixe morrer, para que possa continuar sua atribuição de testemunhar do Senhor no mundo dos viventes – os vivos devem se apegar a Deus antes que ocorra o juízo na morte. Um morto não pode testemunhar de Deus em meio aos vivos e, mesmo que fizesse isso, pessoas não se converteriam a Deus (Lucas 16:31);

- Salmo 9:13-17: o salmista comparou seu sofrimento como a jornada às "portas da morte", ou seja, ele receava que suas angústias terminariam com sua morte física. No entanto, ele reconheceu que Deus pode remover essas angústias da mesma forma como ele pode retirar alguém do estado de morte. A morte, sendo retratada com portas, é uma referência ao *sheol*. O *sheol* era retratado como a região dos mortos, uma espécie de prisão tenebrosa com portões. O salmista também afirmou que os esquemas dos inimigos de armar ciladas para matar se voltarão contra eles mesmos. Ele fez um contraste entre como diferenciar Deus dos ímpios: o Senhor é conhecido pelos seus juízos justos, enquanto os ímpios sofrem as consequências ruins de seus próprios atos. Além disso, o mundo dos mortos é o local onde os perversos que não consideram a Deus serão lançados, e ali permanecerão até o juízo final;

- Salmo 11:7: Deus é justo e, assim, ama a justiça. Isso implica que, apesar de seu amor, ele não pode deixar alguém com qualquer pecado não justificado ter comunhão com ele e, assim, ter vida eterna. Os justificados, porém, terão a maior experiência de intimidade com Deus – ver a sua face. Isso é, em última análise, uma alusão à ressurreição dos mortos em estado glorificado e sem pecado nos novos céus e nova terra;

- Salmo 13:3: a aproximação da morte foi indicada como se fosse a obscuridade da visão e estava rapidamente roubando os sentidos do salmista, como um sono. A menos que sua clareza de visão fosse restaurada, logo terminaria na escuridão total, comparada a um sono profundo no qual o salmista não mais se levantaria na Terra. Era comum expressar grandes perigos e calamidades como sendo trevas, e grandes confortos e libertações como sendo luz. Em um sono se vê apenas escuridão, e ela representa calamidade: a incapacidade de voltar a interagir no mundo dos viventes por si mesmo. A semelhança de um cadáver com uma pessoa adormecida foi a raiz da metáfora do "sono da morte", sendo incerto usar o emprego de tal metáfora como a forma em que o salmista entendia ser a natureza real da morte;

- Salmo 16:8-11: a profecia do Salmo 16 que veio a Davi ampliou o entendimento do fiel do Antigo Testamento com relação à redenção do *sheol* e a esperança na ressurreição dos mortos e na imortalidade juntamente com o Senhor. Alguns elementos do salmo podem ser compreendidos como descrições da relação de Davi com Deus, no entanto, em seu sentido mais completo, é uma profecia messiânica, conforme a explicação de Pedro em Atos 2:24-25: a alma de Cristo não foi abandonada no mundo dos mortos e nem seu corpo sofreu decomposição. O sentido de "deixar a alma na morte" é "abandonar a alma no mundo dos mortos". Assim, o texto não está negando que a alma de Cristo foi para o mundo dos mortos, mas está declarando que ela não foi deixada para trás lá. A alma de Jesus esteve no *sheol*/*hades* por "apenas" três dias (Mateus 12:40). Diferentemente de Davi, que morreu e foi sepultado e permaneceu em seu túmulo até aquele momento, Cristo ressuscitou e foi ao céu para ser entronizado à destra de Deus. Cristo reina a partir do céu. Isso não ocorreu com Davi. No contexto, o argumento do apóstolo foi que o salmo profético predisse a ressurreição e entronização do Messias, e que Davi não poderia ter falado sobre si mesmo, pois o corpo dele ainda estava em seu túmulo (Atos 2:29). A audiência de Pedro podia constatar, portanto, que o corpo de Davi ainda estava em seu túmulo sem ser perturbado, mas o corpo de Cristo foi ao céu por ter sido ressuscitado, sendo que os apóstolos foram testemunhas oculares disso. Assim, Cristo cumpriu o Salmo 16, e não Davi, e isso foi usado pelo Espírito Santo por meio de Pedro como prova aos ouvintes que Jesus é o Messias;

- Salmo 17:15: se o termo "acordar" se referir a um despertar da morte, o salmista se referiu à morte como um sono. No Novo Testamento, a morte às vezes era referida como sono por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. Os justificados terão a maior experiência de intimidade com Deus – ver a sua face. Isso é, em última análise, uma alusão à ressurreição dos mortos em estado glorificado e sem pecado nos novos céus e nova terra;

- Salmo 18:4-5: a expressão "cadeias infernais" tem o significado de "cordões do *sheol*". O salmista sentia angústia, mas confiava que Deus podia livrá-lo. Ele descreveu sua situação como se estivesse à beira da

morte. A morte era vista com terror e o *sheol*, o destino dos mortos, como uma prisão de onde não se pode retornar, a não ser pelo poder de Deus. A morte e o *sheol* frequentemente eram usados como metonímias para denotar calamidades na vida;

- Salmo 19:9: os juízos de Deus, o que inclui o juízo final, são todos igualmente justos;

- Salmo 22:1-31: Davi não somente profetizou sobre o sofrimento de Cristo na cruz do Calvário, mas também olhou para o efeito da sua vitória sobre a morte. Jesus venceu a morte. Ele ressuscitou e subiu para seu lugar exaltado à destra do Pai. O Messias reina e oferece proteção e segurança eterna para aqueles que se convertem a ele. Todos aqueles que o buscam têm o privilégio de poder conhecer e honrar o Senhor e salvador;

- Salmo 28:1, Salmo 30:9, Salmo 94:17, Salmo 115:17: os vivos precisam de testemunho do Senhor, pois, após a morte, resta apenas serem reservados para juízo (Hebreus 9:27). Para os salmistas, o silêncio não se trata de uma absoluta ausência de som, mas da ausência dos louvores como realizados no antigo Israel (a organização dos levitas, o templo, os instrumentos e músicos, etc.). Se o salmista morrer, como ele poderá testemunhar do Senhor para os vivos por meio de seus louvores? Isso é o mesmo que o silêncio para o salmista. No mundo dos mortos, ele não poderá realizar tal tipo de louvor (não pode construir instrumentos, nem terá um templo, etc.), e nem poderá participar no louvor dos vivos, e nem sequer ouvir tal louvor. Os mortos não têm participação no mundo dos vivos. O salmista, primariamente, expôs um sentimento, não uma lição sobre o estado dos mortos;

- Salmo 30:3: Deus pode libertar alguém que corra perigo iminente de morte. O *sheol* foi apresentado como o mundo dos mortos subterrâneo que é acessado através do túmulo, isto é, a morte física. Nem sempre o termo "abismo" se refere ao abismo nas profundezas do *sheol* e abaixo das águas, podendo significar o mesmo que "túmulo". Deus pode distinguir alguém daqueles que vão para o mundo dos mortos, mantendo-o vivo;

- Salmo 31:12: o salmista se sentiu bastante esquecido pelas outras pessoas. Ele falou da atitude de esquecimento que os vivos tiveram em relação a ele, considerando-o como se fosse um morto – ele não tentou explicar um estado em que os mortos estão em um mundo de esquecimento. A ideia é que um morto, eventualmente, terá seu nome e memória esquecidos pelos vivos. Ele se comparou, também, como um vaso de terra quebrado, o qual era considerado irreparável e inútil, ou seja, sentiu-se desprezado por todos;

- Salmo 37:9-11, Salmo 37:22: o salmista não está defendendo uma ideia de aniquilação da alma do não justificado (as melhores evidências no Novo Testamento apontam que a punição final se trata de tormento eterno), mas simplesmente fazendo contrastes entre os destinos do justo e do ímpio. Os justificados terão uma grande bênção (representada pela expressão "herdar a terra") e os não justificados estão sujeitos a julgamento da parte do Senhor (seja juízo na vida física, seja a punição final no juízo final, o que é expresso pelos termos "murchar", "ser exterminado" ou "desaparecer"). A linguagem do salmista não é literal, mas a expressão poética de um fato bem atestado nas Escrituras: o justificado está com Deus e o não justificado não está. Sem Deus, há apenas calamidade. Assim, os mansos serão recebidos no reino celestial (em última análise, os novos céus e nova terra) e receberão ali a plenitude das bênçãos, enquanto os malfeitores encontrarão calamidade (seja por juízo divino na vida física, seja pela condenação no julgamento final);

- Salmo 37:28-29, Salmo 37:38: a expressão "será exterminada" aplicada aos ímpios não significa sua eliminação da existência, mas denota calamidade (seja juízo na vida física, seja a punição final no juízo final – as melhores evidências no Novo Testamento apontam que a punição final se trata de tormento eterno). Os não justificados não serão encontrados na herança preparada para Deus estar com os justificados. Os justificados permanecerão para sempre (o que, em última análise, aponta para a ressurreição dos mortos), e serão recebidos no reino celestial (em última análise, os novos céus e nova terra), recebendo ali a plenitude das bênçãos. "Herdar a terra" era uma expressão para denotar o recebimento de uma grande bênção. Não é possível sustentar que "herdar a terra" signifique que os

mansos herdarão o planeta Terra, uma vez que ele será destruído na segunda vinda de Cristo, conforme 2 Pedro 3:10-11;

- Salmo 49:14-19: o salmista não afirmou que animais vão para o *sheol* quando morrem – aqueles que vão ao *sheol* são os seres humanos. O salmista apenas usou o exemplo de rebanhos de ovelhas ajuntados para abatimento como analogia. Muitos grupos de seres humanos vão para o mundo dos mortos quando morrem: o *sheol* é comparado ao abatimento e os seres humanos são comparados a rebanhos de ovelhas que vão morrer. Não há, na Bíblia, nenhuma menção de animais em algum tipo de "além". Aparentemente, por não possuírem espírito, animais podem ter almas que simplesmente desaparecem quando morre o corpo. Das criaturas de Deus, apenas o ser humano possui espírito. Parece mais provável que uma alma desprovida de espírito, como é o caso dos animais, simplesmente deixe de existir quando morre o corpo. Apenas uma alma vinculada a um espírito, como é o caso do ser humano, pode ter existência após a morte física. Em vida, o "pastor" dos seres humanos era a própria vontade deles, porém, quando mortos, apenas a morte os pastoreia. A morte é uma personificação dos terrores do mundo dos mortos, tais como a frequentemente mencionada escuridão. Assim, a morte e a escuridão, os quais são os terrores do mundo dos mortos, passam a governar os habitantes de lá. Se os não justificados falecidos são, de alguma forma, afligidos em seu estado de morte, eles estão, de alguma forma, conscientes e atormentados. Há, portanto, alusão a algum tipo de aflição para os não justificados que vão para o mundo dos mortos. Isso pode corresponder ao estado de tormento do homem rico na parábola contada por Jesus em Lucas 16:19-31. O mundo dos mortos é o fim de toda a glória, formosura e honra terrenas que alguém possa ter conseguido ao longo de sua vida. Nada disso o acompanhará após a morte física. Os não justificados fisicamente mortos verão a escuridão do mundo dos mortos e, de alguma forma, serão reunidos aos seus predecessores. Os justificados, no entanto, serão remidos da morte e do mundo dos mortos e estarão com Deus. Isso corresponde ao que foi narrado na parábola contada por Jesus em Lucas 16:19-31;

- Salmo 55:15: por causa da maldade dos não justificados, o salmista pediu ao Senhor que retribuísse tal maldade fazendo-os sofrer um maior terror do que simplesmente a morte física: que fossem tragados vivos ao mundo dos mortos. Isso já ocorreu antes em Números 16:30-33: Corá, Datã, Abirão e suas famílias desceram vivos ao mundo dos mortos após a terra se abrir abaixo deles, pelo poder do Senhor. Em seguida, a terra os cobriu. O *sheol* era visto como a região dos mortos situada nas profundezas da terra. Outra forma de visualizar o mundo dos mortos era como um monstro que tem uma bocarra e que jamais se farta de devorar aqueles que perecem (Isaías 5:14; Provérbios 30:15-16). Uma vez que Corá, Datã, Abirão e suas famílias desceram vivos ao *sheol*, o qual é uma região para mortos, subentende-se que morreram ao chegar lá;

- Salmo 55:23: o *sheol* era visto como o lugar onde os homens sanguinários e fraudulentos são lançados e que se encontra nas profundezas da terra;

- Salmo 63:9: a expressão "profundezas da terra" é uma referência ao *sheol*, o local para onde irão aqueles que procuram destruir os fiéis;

- Salmo 71:20: os locais profundos da terra, como o mundo dos mortos e o abismo, são utilizados como metáforas para os sofrimentos da vida física. Deus pode permitir que uma pessoa sofra com o objetivo de fortalecê-la e pode também removê-la de qualquer situação ruim. Ele pode, também, resgatar da morte, tanto do abismo quanto do mundo dos mortos;

- Salmo 73:24-26: mesmo o fiel do Antigo Testamento tinha a esperança de ser recebido por Deus em sua glória, ainda que morresse. O salmista sabia que a Palavra de Deus leva à justificação e consequente glorificação junto ao Senhor em vida eterna;

- Salmo 78:50: o sentido da expressão "não poupou a alma deles" é "não impediu que a alma deles fosse entregue à morte que existe na pestilência". O salmista não disse que a alma deixa de existir, mas que Deus não impediu que os egípcios experimentassem a morte que existe na peste. A peste é um dos juízos de Deus contra os ímpios na terra;

- Salmo 86:9: o fiel do Antigo Testamento já tinha noção de um dia em que todas as pessoas da Terra se prostrarão diante do Senhor e glorificarão seu nome. Isso de fato ocorrerá no juízo final;

- Salmo 86:13: o caminho natural quando o ser humano morre é a ida de sua alma ao mundo dos mortos. No entanto, Deus tem misericórdia daquele que o busca, justificando-o de seus pecados e livrando-o da mais profunda experiência da morte (João 8:51): o banimento da presença de Deus para a punição final. O sentido é obter a vida eterna, ou passar para a vida em que não haverá morte. O justificado não permanecerá no mundo dos mortos, e essa é a esperança da redenção do *sheol* do fiel do Antigo Testamento;

- Salmo 88:3-12: os vivos precisam de testemunho do Senhor, pois, após a morte, resta apenas ser reservado para juízo (Hebreus 9:27). No mundo dos mortos, o salmista não poderia realizar nada que testifique do Senhor, ou que o glorifique, diante dos vivos. Os mortos não têm participação no mundo dos vivos. Nem sempre *sheol* significa o mundo dos mortos, podendo ser uma personificação da morte. Frequentemente, as trevas e o submundo são usados como metáforas de calamidade na vida física. Ondas violentas das águas sobre o abismo também são metáforas para calamidades na vida. Estar preso alude às profundidades da terra que eram vistas como uma prisão, particularmente o *sheol*, e são, da mesma forma, usados como metáforas para calamidade na vida. Sendo assim, o salmista simplesmente expressou seus sentimentos usando metáforas que aludem ao terror das trevas e do submundo, retratando tais sentimentos como se tivesse se tornando um cadáver, não recebendo assistência nem de Deus nem de seus aliados, sendo afligido pelas calamidades e deixado para morrer. O mundo dos mortos era visto com terror na antiguidade, pouco se sabia sobre ele, e tal terror passava a impressão de que seria um local esquecido por Deus. O salmista estava perguntando se Deus faria maravilhas ou manifestações de fidelidade ou manifestações de bondade na escuridão do submundo (onde se encontra o mundo dos mortos e o abismo). O salmista não afirmou que Deus não pode fazer essas coisas nesses locais, mas estava apenas perguntando se Deus as faria ali. Isso porque o propósito dessas obras de Deus é converter as pessoas e fortalecê-las a permanecer em seus caminhos. Os vivos necessitam de testemunho de Deus, uma vez que eles ainda têm chance de redenção e eles devem ser encorajados a permanecer no Senhor. Aos mortos já se passou tal oportunidade, restando apenas juízo (Hebreus 9:27). Não há, portanto, razão alguma para Deus realizar as referidas obras em regiões de mortos – e daí vem o contexto das questões do salmista. Os justos falecidos já aguardam sua redenção e os ímpios falecidos estão irremediavelmente condenados. O ponto das várias perguntas do salmista não foi mostrar uma realidade do estado de morte, mas uma atitude de desejo de viver para poder servir a Deus por motivos não egoístas. São os vivos que precisam de testemunho do Senhor. Os mortos não podem interagir com o mundo dos vivos e, eventualmente, serão esquecidos por eles. Os mortos não podem testemunhar da grandeza de Deus para os vivos. É inútil fazer maravilhas divinas diante de mortos – eles não podem mais se apegar a Deus se não o fizeram em vida;

- Salmo 89:48: nenhum ser humano pode, por si mesmo, evitar a morte física;

- Salmo 97:2: fazer a justiça e efetuar juízo contra aqueles que merecem são princípios básicos do governo de Deus;

- Salmo 102:15-28: o Salmo 102 não trata de uma restauração física de Israel, mas do reino de Deus inaugurado por meio do Messias, Jesus Cristo. A "reconstrução de Sião" se refere à Nova Aliança em Cristo, e "manifestar na sua glória" se refere à primeira vinda de Jesus, o Messias prometido. O salmista demonstrou a confiança na salvação que Deus traria para Israel e outros povos, os quais seriam reunidos para servir ao Senhor. O Antigo Testamento já indicava que a mensagem da salvação não seria limitada aos judeus, mas a todos – o que foi cumprido no evangelho. De fato, tanto judeus quanto gentios foram unidos na Igreja para servir a Deus. A implicação é que Jesus é Deus e merece a adoração, não apenas de judeus, mas de todos os povos. Assim, da angústia de um povo derrotado por causa do pecado vieram palavras de esperança e confiança da salvação em Cristo;

- Salmo 103:3-6: o Senhor pode redimir a vida da morte, o que é, em última análise, uma alusão à ressurreição dos mortos. O perdão dos pecados está ligado à esperança do fiel do Antigo Testamento de

redenção da morte. Deus faz justiça e traz a retribuição em favor daqueles que são oprimidos. Isso é particularmente notável em relação ao seu povo, o qual frequentemente é oprimido pelo mal no mundo;

- Salmo 104:5: a perspectiva do salmista sobre a permanência da terra é de um referencial meramente humano. Em relação à longevidade das pessoas e das criaturas do planeta, a terra tem uma duração muito maior. Assim, o salmista comparou a terra como se fosse imune ao desgaste do tempo. A expressão hebraica *olam*, traduzida frequentemente como "para sempre", "em tempo nenhum" ou "eternamente", pode denotar um longo e indefinido período de tempo. É perigoso entender os salmos, os quais frequentemente usam linguagem poética e figurativa e expressão de sentimentos, de uma forma estritamente literal. Não é possível que o planeta Terra permaneça para sempre, pois 2 Pedro 3:10-11 afirma que ela será destruída pelo fogo na segunda vinda de Cristo;

- Salmo 110:1-7: Davi, na sua mensagem profética do Salmo 110, chamou o Messias de "meu senhor", pois a posição de Jesus seria muito superior à posição do próprio rei. O cetro ou bastão do rei representa não somente a autoridade da tribo de Judá (Gênesis 49:10), mas o domínio messiânico (Salmo 2:9). Embora seja enfatizada a autoridade do Messias, a submissão dos seus súditos é voluntária e oferecida com alegria. O Messias não conquista com crueldade ou com força, como grandes guerreiros históricos. Ele converte os corações de homens que se mostram dispostos a se entregar a ele. Isso, em parte, porque ele é diferente de todos os outros reis. O Messias é rei e sacerdote. Davi era rei de Israel, cujas leis claramente proibiam que um rei também servisse como sacerdote. Nem Jesus, o Filho de Deus em carne, poderia servir como sacerdote sob aquele sistema, pois ele não veio da tribo de Levi (Hebreus 7:13-14; Hebreus 8:4). Assim, aquele que tenta seguir a Lei de Moisés não pode ter Cristo como seu sumo sacerdote e, em última análise, decai da graça (Gálatas 5:4). Jesus pode ser rei e sacerdote porque introduziu uma nova aliança, cumprindo e removendo a aliança feita com os israelitas no Monte Sinai. Cristo é o rei e sacerdote que governa sobre os sujeitos voluntários que se entregam a ele. Quanto àqueles que não derem a devida honra ao seu Senhor, terão derrota total para o Messias, pois é pura insensatez rejeitar o criador do universo e se rebelar contra o Senhor dos senhores e Rei dos reis. A vitória final e absoluta de Jesus sobre todos os seus inimigos, inclusive a própria morte, é proclamada ao longo das Escrituras. O rei Jesus é o mesmo sacerdote que reconcilia as pessoas com seu Pai para que possam participar da sua vitória (Romanos 8:37);

- Salmo 116:3: o salmista sentia angústia, mas confiava que Deus podia livrá-lo. Ele descreve sua situação como se estivesse à beira da morte. A morte era vista com terror e o *sheol*, o destino dos mortos, como uma prisão de onde não se pode retornar, a não ser pelo poder de Deus. A morte e o *sheol* frequentemente eram usados como metonímias para denotar calamidades na vida;

- Salmo 119:137: os juízos de Deus, o que inclui o juízo final, são todos igualmente justos;

- Salmo 139:8-12: o salmista reconheceu a onipresença de Deus. Não há lugar que esteja fora do domínio, presença e poder de Deus, nem mesmo o *sheol*. Para Deus, a escuridão do *sheol* não faz a menor diferença, ele enxerga nas densas trevas assim como enxerga na luz. Os terrores do mundo dos mortos, tais como as trevas, são utilizados como metonímia para calamidades na vida, mas o Senhor pode livrar de todos;

- Salmo 141:7: fiéis são oprimidos e mortos por causa do mal do mundo. Uma das formas de retratar o mundo dos mortos é como um monstro que possui uma grande boca que jamais se farta de devorar aqueles que perecem;

- Salmo 143:3: a expressão "aqueles que morreram há muito tempo" se refere aos mortos no *sheol*, os quais estão em escuridão. As calamidades na vida do salmista o fizeram assemelhá-las à escuridão do mundo dos mortos;

- Salmo 145:20: a proteção dos justos não se trata de uma isenção do sofrimento, mas pelo menos algum tipo de proteção nas calamidades. Os justificados terão proteção total apenas quando estiverem em comunhão total com o Senhor. O salmista fez um contraste entre o destino dos justos e dos ímpios fazendo uso de linguagem poética. A expressão "serão exterminados" aplicada aos ímpios não significa

sua eliminação da existência, mas denota calamidade (seja juízo na vida física, seja a punição final no juízo final – as melhores evidências no Novo Testamento apontam que a punição final se trata de tormento eterno);

- Salmo 146:3-4: quando alguém morre fisicamente, ocorre a separação do corpo e do espírito. O espírito sai do corpo, o qual se decompõe e retorna ao pó. O entendimento do fiel do Antigo Testamento sobre a morte era bastante limitado, uma vez que o Senhor quase não havia dado revelação a respeito. O ponto de referência sobre a morte era terreno: os planos de uma pessoa que morreu acabam no mundo físico – ela não poderá colher nenhum benefício deles. No mundo dos mortos não há razão para fazer planos, uma vez que o destino está selado (Hebreus 9:27): no juízo final ocorrerá ressurreição para vida eterna ou para banimento eterno da presença de Deus. A ausência de planos da parte do falecido não significa que sua existência cessou.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

A perspectiva do salmista sobre a permanência da terra é de um referencial meramente humano. Em relação à longevidade das pessoas e das criaturas do planeta, a terra tem uma duração muito maior. Assim, o salmista comparou a terra como se fosse imune ao desgaste do tempo. A expressão hebraica *olam*, traduzida frequentemente como "para sempre", "em tempo nenhum" ou "eternamente", pode denotar um longo e indefinido período de tempo. É perigoso entender os salmos, os quais frequentemente usam linguagem poética e figurativa e expressão de sentimentos, de uma forma estritamente literal. Não é possível que o planeta Terra permaneça para sempre, pois 2 Pedro 3:10-11 afirma que será destruída pelo fogo na segunda vinda de Cristo.

Um contraste diferencia Deus dos ímpios: o Senhor é conhecido pelos seus juízos justos, enquanto os ímpios sofrem as consequências ruins de seus próprios atos. Deus protege os justos, mas isso não se trata de uma isenção do sofrimento, mas pelo menos algum tipo de proteção nas calamidades. Os esquemas dos inimigos de armar ciladas para matar se voltarão contra eles mesmos. Fazer a justiça e efetuar juízo contra aqueles que merecem são princípios básicos do governo de Deus. Deus faz justiça e traz a retribuição a favor daqueles que são oprimidos. Isso é particularmente notável em relação ao seu povo, o qual frequentemente é oprimido pelo mal no mundo. Os juízos de Deus, o que inclui o juízo final, são todos igualmente justos. Deus é justo e, assim, ama a justiça. Isso implica que, apesar de seu amor, ele não pode deixar alguém com qualquer pecado não justificado ter comunhão com ele e, assim, ter vida eterna.

Os fiéis são oprimidos e mortos por causa do mal do mundo. Em diversos salmos as angústias dos salmistas são expostas com metáforas relacionadas aos terrores das profundezas da terra, particularmente do mundo dos mortos, do abismo e das águas sobre o abismo. Frequentemente, os aspectos medonhos deles são usados como metonímias para a expressão dos sentimentos dos autores, os quais estavam relacionados com os sofrimentos na vida física. A morte e o *sheol* (principalmente sua escuridão) frequentemente eram usados como metonímias para denotar calamidades na vida.

No Antigo Testamento, o Senhor não havia revelado muito sobre a morte e sobre o "além" – a perspectiva dos antigos sobre a morte era, primariamente, de um ponto de vista terreno. Era comum expressar grandes perigos e calamidades como sendo trevas, e grandes confortos e libertações como sendo luz.

Se o salmista usou o termo "acordar" como se referindo a um despertar da morte, ele se referiu à morte como um sono. Em um sono somente se vê escuridão, e ela representa calamidade: a incapacidade de voltar a interagir no mundo dos viventes por si mesmo. A semelhança de um cadáver com uma pessoa adormecida foi a raiz da metáfora do "sono da morte", sendo muito incerto usar o emprego de tal metáfora como uma referência confiável da visão do salmista sobre o estado de morte. No Novo Testamento, a morte às vezes era referida como sono por ser um estado temporário até a ressurreição dos mortos. A aproximação da morte foi vista como se fosse a obscuridade da visão, a qual estava rapidamente roubando os sentidos do salmista, como ocorre no sono. A menos que sua clareza de visão fosse restaurada, logo terminaria na escuridão total, comparada a um sono profundo no qual o salmista não mais se levantaria na Terra. Assim, essa percepção de sono não retratava uma visão do autor de que a morte é realmente um sono – foi apenas uma comparação em que o autor sentiu que a morte estava tomando os seus sentidos de forma similar à sonolência.

Deus pode permitir que uma pessoa sofra com o objetivo de fortalecê-la e pode também removê-la de qualquer situação ruim. Ele pode, também, resgatar da morte, tanto do abismo quanto do mundo dos mortos. Em vários momentos, os salmistas descrevem suas situações como se estivessem à beira da morte. A expressão "cadeias infernais" tem o significado de "cordões do *sheol*" e foi utilizada para exprimir um sentimento de que o salmista estava sendo enlaçado pela morte para, então, ser tragado por ela. Apesar das angústias, os salmistas confiavam que Deus podia livrá-los. Eles reconheceram que Deus pode remover as angústias da mesma forma como ele pode retirar alguém do estado de morte.

Em uma instância, o salmista se sentiu bastante esquecido pelas outras pessoas. Ele falou da atitude de esquecimento que os vivos tiveram em relação a ele, considerando-o como se fosse um morto – ele não tentou explicar um estado em que os mortos estão em um mundo de esquecimento. A ideia é que um morto, eventualmente, terá seu nome e memória esquecidos pelos vivos. Ele se comparou, também, como um vaso de terra quebrado, o qual era considerado irreparável e inútil, ou seja, sentiu-se desprezado por todos.

Em outra ocasião, o sofrimento foi comparado como uma jornada às "portas da morte", ou seja, o autor receava que suas angústias terminariam com sua morte física. A morte, sendo retratada com portas, é uma referência ao *sheol*.

Em outra ocasião, por causa da maldade dos não justificados, o salmista pediu ao Senhor que retribuísse tal maldade fazendo-os sofrer um maior terror do que a simples morte física: que fossem tragados vivos ao mundo dos mortos. Isso foi baseado em Números 16:30-33, onde Corá, Datã, Abirão e suas famílias desceram vivos ao mundo dos mortos após a terra se abrir abaixo deles, pelo poder do Senhor. Em seguida, a terra os cobriu. Uma vez que Corá, Datã, Abirão e suas famílias desceram vivos ao *sheol*, o qual é uma região para mortos, subentende-se que morreram ao chegar lá.

Quando alguém morre fisicamente, ocorre a separação do corpo e do espírito. O corpo se decompõe e retorna ao pó.

No Salmo 78, o sentido da expressão "não poupou a alma deles" é "Deus não impediu que a alma deles fosse entregue à morte que existe na pestilência". O salmista não disse que a alma de uma pessoa pode deixar de existir, mas que Deus não impediu que os egípcios experimentassem a morte que existe na peste. A peste é um dos juízos de Deus contra os ímpios na terra.

Na época dos salmistas, o Senhor praticamente não revelou nada sobre o estado dos mortos antes da ressurreição. O conhecimento sobre o *sheol* até esse ponto era bastante limitado. A morte era vista com terror. O *sheol* foi apresentado nos salmos como o mundo dos mortos situado nas profundezas da terra que é acessado através do túmulo, isto é, da morte física. Era retratado como o destino e a região dos mortos, uma espécie de prisão tenebrosa com portões de onde não se pode retornar, a não ser pelo poder de Deus. Nenhum ser humano pode, por si mesmo, evitar a morte física. O *sheol* também era visto como o lugar onde os homens sanguinários e fraudulentos eram lançados, assim como aqueles que procuram destruir os fiéis. A terra era retratada como tendo abaixo de si o *sheol* e o abismo, sendo que sobre o abismo há águas. O abismo é adjacente às águas acima dele e ao *sheol*. No entanto, nem sempre o termo "abismo" se refere ao abismo nas profundezas do *sheol* e abaixo das águas, podendo significar o mesmo que "túmulo". Outra forma de retratar o mundo dos mortos era como um monstro que tem uma bocarra e que jamais se farta de devorar aqueles que perecem.

Aparentes afirmações de que os mortos não atingem sabedoria, não louvam a Deus, não podem produzir som, não estão cônscios de nada, não podem ver as maravilhas de Deus, etc., não são declarações absolutas. O referencial dos salmistas é a existência terrena, e os mortos não podem fazer nenhuma dessas coisas no mundo dos vivos, uma vez que não têm mais participação nele. Os planos de uma pessoa que morreu acabam no mundo físico – ela não poderá colher nenhum benefício deles. No mundo dos mortos não há razão para fazer planos, uma vez que o destino dos mortos está selado: no juízo final eles receberão ressurreição para vida eterna ou para banimento eterno da presença de Deus. A ausência de planos da parte do falecido não significa que sua existência cessou. A personificação da morte era bastante baseada no ponto de vista de um cadáver abaixo da terra. É para os vivos que o Senhor deve ser testemunhado e louvado, uma vez que após a morte somente resta juízo. Como os mortos já estão com seus destinos definidos (recebendo no juízo final a glória eterna ou banimento da presença de Deus), é inútil mostrar a eles maravilhas de Deus, as quais têm o propósito de converter pessoas a Deus e fazer com que

aqueles que já se converteram a ele permaneçam nele. Além disso, não é sempre que *sheol* significa o mundo dos mortos, podendo ser apenas uma personificação da morte. Muitas vezes, o túmulo é usado como metonímia para transmitir os sentimentos dos salmistas.

O verdadeiro ponto sobre a visão dos salmistas sobre o estado da morte é a inabilidade dos mortos de interagir com os vivos – os salmistas não estavam ensinando ninguém sobre como é o mundo dos mortos, nem ensinando que lá há esquecimento de Deus ou ausência de louvor a ele. Após a morte, a única coisa do falecido que permanece na Terra são seus restos mortais, e eles não vão lembrar de Deus ou louvar a Deus diante dos vivos, assim como aqueles que estão no mundo dos mortos não podem fazê-lo. Deus é Deus de vivos. Assim, o ponto dos salmistas era que Deus não os deixasse morrer, de forma que pudessem continuar suas atribuições de testemunhar do Senhor no mundo dos viventes, pois são os vivos que devem se apegar a Deus antes que ocorra o juízo na morte. Um morto não pode testemunhar de Deus em meio aos vivos e, mesmo que fizesse isso, pessoas não se converteriam a Deus. Os vivos que precisam de testemunho do Senhor, pois, após a morte, resta apenas ser reservado para juízo. Para os salmistas, o silêncio não se trata de uma absoluta ausência de som, mas da ausência dos louvores como realizados no antigo Israel (a organização dos levitas, o templo, os instrumentos e músicos, etc.). Se os salmistas morressem, como poderiam testemunhar do Senhor para os vivos por meio de seus louvores? Isso é o mesmo que o silêncio para eles. No mundo dos mortos, eles não poderiam realizar tal tipo de louvor (não poderiam construir instrumentos, nem teriam um templo com um sistema organizado de louvor, etc.), e nem poderiam participar no louvor dos vivos, e nem sequer ouvir esses louvores. Eles simplesmente não teriam participação no mundo dos vivos. Sendo assim, primariamente, expuseram sentimentos, e não uma lição sobre o estado dos mortos. No mundo dos mortos, ninguém pode realizar nada que testifique do Senhor, ou que o glorifique, diante dos vivos.

Especificamente sobre o Salmo 88, frequentemente, as trevas e o submundo eram usados como metáforas de calamidade na vida física. Ondas violentas das águas sobre o abismo também são metáforas para calamidades na vida. Estar preso alude às profundidades da terra que eram vistas como uma prisão, particularmente o *sheol*, e são, da mesma forma, usados como metáforas para calamidade na vida. Sendo assim, o salmista simplesmente expressou seus sentimentos usando metáforas que aludem ao terror das trevas e do submundo, retratando tais sentimentos como se tivesse se tornando um cadáver, não recebendo assistência nem de Deus nem de seus aliados, sendo afligido pelas calamidades e deixado para morrer. O mundo dos mortos era visto com terror na antiguidade, pouco se sabia sobre ele, e tal terror passava a impressão de que seria um local esquecido por Deus. O salmista estava perguntando se Deus faria maravilhas, ou manifestações de fidelidade, ou manifestações de bondade, na escuridão do submundo (onde se encontra o mundo dos mortos e o abismo). Ele não afirmou que Deus não pode fazer essas coisas nesses locais, mas estava apenas perguntando se Deus as faria ali. Isso porque o propósito dessas obras de Deus é converter as pessoas e fortalecê-las a permanecer no seu caminho. Os vivos necessitam de testemunho de Deus, uma vez que eles ainda têm chance de redenção e eles devem ser encorajados a permanecer no Senhor. Aos mortos já se passou tal oportunidade, restando apenas juízo. Não há, portanto, razão alguma para Deus realizar as referidas obras em regiões de mortos – e daí vem o contexto das questões do salmista ("Será que farás maravilhas para os mortos? Ou será que os finados se levantarão para te louvar? A tua bondade será anunciada na sepultura? A tua fidelidade, nos abismos? Acaso nas trevas se manifestam as tuas maravilhas? E a tua justiça, na terra do esquecimento?"). Os justos falecidos já aguardam sua redenção e os ímpios falecidos estão irremediavelmente condenados. O ponto das várias perguntas do salmista não foi mostrar uma realidade do estado de morte, mas uma atitude de desejo de viver para poder servir a Deus por motivos não egoístas. Os mortos não podem interagir com o mundo dos vivos e, eventualmente, serão esquecidos por eles. Os mortos não podem testemunhar da grandeza de Deus para os vivos. É inútil fazer maravilhas divinas diante de mortos – eles não podem mais se apegar a Deus se não o fizeram em vida.

Quanto aos animais que morrem, o Salmo 49 não afirmou que eles vão para o *sheol* – aqueles que vão ao *sheol* são os seres humanos. O salmista apenas usou o exemplo de rebanhos de ovelhas ajuntados para abatimento como analogia. Muitos grupos de seres humanos vão para o mundo dos mortos quando morrem: o *sheol* é comparado ao abatimento e os seres humanos são comparados a rebanhos de ovelhas que vão morrer. Não há, na Bíblia, nenhuma menção de animais em algum tipo de "além". Aparentemente, por não possuírem espírito, animais podem ter almas que simplesmente desaparecem quando morre o corpo. Das criaturas de Deus, apenas o ser humano possui espírito. Parece mais provável que uma alma desprovida de espírito, como é o caso dos

animais, simplesmente deixe de existir quando morre o corpo. Apenas uma alma vinculada a um espírito, como é o caso do ser humano, pode ter existência após a morte física.

O Salmo 49 afirmou que, em vida, o "pastor" dos seres humanos era a própria vontade deles. Quando mortos, apenas a morte os pastoreia. A morte é uma personificação dos terrores do mundo dos mortos, tais como a frequentemente mencionada escuridão. Assim, a morte e a escuridão, que são os terrores do mundo dos mortos, passam a governar os habitantes de lá. Se os não justificados falecidos são, de alguma forma, afligidos em seu estado de morte, eles estão, de alguma forma, conscientes e atormentados. Há, portanto, alusão a algum tipo de aflição para os não justificados que vão para o mundo dos mortos. Isso pode corresponder ao estado de tormento do homem rico na parábola contada por Jesus em Lucas 16:19-31. O mundo dos mortos é o fim de toda a glória, formosura e honra terrenas que alguém possa ter conseguido ao longo de sua vida. Nada disso o acompanhará após a morte física. Os não justificados fisicamente mortos verão a escuridão do mundo dos mortos e, de alguma forma, serão reunidos aos seus predecessores. Os justificados, no entanto, serão remidos da morte e do mundo dos mortos e estarão com Deus. Isso corresponde ao que foi narrado na parábola contada por Jesus em Lucas 16:19-31.

Apesar de o *sheol* ser retratado como uma prisão escura da qual não há volta, o salmista reconheceu a onipresença de Deus. Não há lugar que esteja fora do domínio, presença e poder de Deus, nem mesmo o *sheol*. Para Deus, a escuridão do *sheol* não faz a menor diferença, ele enxerga nas densas trevas assim como enxerga na luz.

O Messias que estava por vir foi apresentado com sua coroação como um fato já realizado de forma a mostrar a certeza do cumprimento da profecia. A proclamação se refere à ressurreição e à ascensão do Messias à sua posição de domínio no céu. Ele venceu a morte e tomou seu lugar como sumo sacerdote eterno no verdadeiro Santo dos Santos. O Messias reina sobre todas as nações. Cumprindo uma longa série de promessas e profecias, Jesus recebeu toda autoridade sobre todos os povos. Ele é rei sobre todos, dominando com poder (a "vara de ferro") e sendo capaz de despedaçar as nações rebeldes, tais como o Império Romano. Ele tem toda a autoridade.

A profecia do Salmo 16 que veio a Davi ampliou o entendimento do fiel do Antigo Testamento com relação à redenção do *sheol* e a esperança na ressurreição dos mortos e na imortalidade juntamente com o Senhor. Alguns elementos do salmo podem ser compreendidos como descrições da relação de Davi com Deus, mas, em seu sentido mais completo, é uma profecia messiânica, conforme a explicação de Pedro em Atos 2:24-25: a alma de Cristo não foi abandonada no mundo dos mortos e nem seu corpo sofreu decomposição. O sentido de "deixar a alma na morte" é "abandonar a alma no mundo dos mortos". Assim, o texto não está negando que a alma de Cristo foi para o mundo dos mortos, mas está declarando que não foi deixada para trás lá. A alma de Jesus esteve no *sheol*/*hades* por "apenas" três dias. Diferentemente de Davi, que morreu e foi sepultado e seu corpo permaneceu em seu túmulo até aquele momento, Cristo ressuscitou e foi ao céu com seu corpo para ser entronizado à destra de Deus. Cristo reina a partir do Céu. Isso não ocorreu com Davi. No contexto, o argumento do apóstolo foi que o salmo profético predisse a ressurreição e entronização do Messias, e que Davi não poderia ter falado sobre si mesmo, pois o corpo dele ainda estava em seu túmulo (Atos 2:29). A audiência de Pedro podia constatar, portanto, que o corpo de Davi ainda estava em seu túmulo sem ser perturbado, mas o corpo de Cristo foi ao céu por ter sido ressuscitado, sendo que os apóstolos foram testemunhas oculares disso. Assim, Cristo cumpriu o Salmo 16, e não Davi, e isso foi usado pelo Espírito Santo por meio de Pedro como prova aos ouvintes que Jesus é o Messias.

No Salmo 22, Davi não somente profetizou sobre o sofrimento do Messias na cruz do Calvário, mas também olhou para o efeito da sua vitória sobre a morte. Jesus venceu a morte. Ele ressuscitou e subiu para seu lugar exaltado à destra do Pai. O Messias reina e oferece proteção e segurança eterna para aqueles que se convertem a ele. Todos aqueles que o buscam têm o privilégio de poder conhecer e honrar o Senhor e salvador.

Davi, na sua mensagem profética do Salmo 110, chamou o Cristo de "meu senhor", pois a posição de Jesus seria muito superior à posição dele. O cetro ou bastão do rei representa não somente a autoridade da tribo de Judá, mas, especificamente, o domínio messiânico. Embora seja enfatizada a autoridade do Messias, a submissão dos seus súditos é voluntária e oferecida com alegria. Ele não conquista com crueldade ou com força, como grandes guerreiros históricos. Ele converte os corações de homens que se mostram dispostos a se entregar a ele. Isso, em parte, porque ele é diferente de todos os outros reis. O Messias é rei e sacerdote. Davi era rei de Israel, cujas leis claramente proibiam que um rei também servisse como sacerdote. Nem Jesus, o Filho de Deus em carne, poderia servir como sacerdote sob aquele sistema, pois ele não veio da tribo de Levi. Assim, aquele que tenta seguir a Lei de Moisés não pode ter Cristo como seu sumo sacerdote e, em última análise, decai da graça. Jesus pode ser rei e

sacerdote porque ele introduziu uma nova aliança, cumprindo e removendo a aliança feita com os israelitas no Monte Sinai. Cristo é o rei e sacerdote que governa sobre os sujeitos voluntários que se entregam a ele. Quanto àqueles que não derem a devida honra ao seu Senhor, serão totalmente derrotados pelo Messias, pois é pura insensatez rejeitar o criador do universo e se rebelar contra o Senhor dos senhores e Rei dos reis. A vitória final e absoluta de Jesus sobre todos os seus inimigos, inclusive a própria morte, é proclamada ao longo das Escrituras. O rei Jesus é o mesmo sacerdote que reconcilia as pessoas com seu Pai para que possam participar da sua vitória.

Quanto ao Salmo 102, não se trata de uma restauração física de Israel, mas do reino de Deus inaugurado por meio do Messias, Jesus Cristo. A "reconstrução de Sião" se refere à Nova Aliança em Cristo, e "manifestar na sua glória" se refere à primeira vinda de Jesus, o Messias prometido que andou sobre a Terra. O salmista demonstrou a confiança na salvação que Deus traria para Israel e outros povos, os quais seriam reunidos para servirem ao Senhor. O Antigo Testamento já indicava que a mensagem da salvação não seria limitada aos judeus, mas a todos – o que foi cumprido no evangelho. De fato, tanto judeus quanto gentios foram unidos na Igreja para servir a Deus. A implicação é que Jesus é Deus e merece a adoração, não apenas de judeus, mas de todos os povos. Assim, da angústia de um povo derrotado por causa do pecado vieram palavras de esperança e confiança da salvação em Cristo. A Igreja é o Israel restaurado.

Uma vez que o caminho natural quando o ser humano morre é a ida de sua alma ao mundo dos mortos, e isso era algo muito temido, é notável que os fiéis do Antigo Testamento sabiam que Deus pode distinguir alguém daqueles que vão para o mundo dos mortos, mantendo-o vivo. Deus pode também retirar alguém do estado de morte. Alguém que corra perigo iminente de morte pode, da mesma forma, ser libertado por Deus.

No Antigo Testamento, o mundo dos mortos também era visto como o local onde os perversos que não consideram a Deus serão lançados. De fato, ali permanecerão até o juízo final.

Não há uma defesa de uma ideia de aniquilação da alma do não justificado nos salmos (as melhores evidências no Novo Testamento apontam que a punição final se trata de tormento eterno). Há contrastes entre os destinos do justo e do ímpio. Os não justificados estão sujeitos a julgamento da parte do Senhor, o que é expresso por termos fortes como "murchar", "ser exterminado" ou "desaparecer". Essa linguagem não é literal, mas uma expressão poética de um fato bem atestado nas Escrituras: o justificado está com Deus e o não justificado não está. Sem Deus, há apenas calamidade (seja por juízo divino na vida física, seja pela condenação no julgamento final). Os ímpios não sofrerão uma eliminação da existência, mas passarão por calamidades (seja juízo na vida física, seja a punição final no juízo final). Os não justificados não serão encontrados na herança preparada para Deus estar com os justificados.

Deus tem misericórdia daquele que o busca, justificando-o de seus pecados e livrando-o da mais profunda experiência da morte: o banimento da presença de Deus para a punição final. O sentido é obter a vida eterna, ou passar para a vida em que não haverá morte. O justificado não permanecerá no mundo dos mortos, e essa é a esperança da redenção do *sheol* do fiel do Antigo Testamento. O Senhor pode redimir a vida da morte, o que é, em última análise, uma alusão à ressurreição dos mortos. O perdão dos pecados está ligado à esperança do fiel do Antigo Testamento de redenção da morte. Aos justificados foi aplicada a expressão "herdar a terra", uma expressão para denotar o recebimento de uma grande bênção. Não é possível sustentar que "herdar a terra" signifique herdar o planeta Terra, uma vez que ele será destruído na segunda vinda de Cristo, conforme 2 Pedro 3:10-11.

Portanto, mesmo o fiel do Antigo Testamento tinha a esperança de ser recebido por Deus em sua glória, ainda que morresse. Junto de Deus, o fiel desfrutará de proteção absoluta. O salmista sabia que a Palavra de Deus leva à justificação e consequente glorificação junto ao Senhor em vida eterna. O fiel do Antigo Testamento já tinha noção de um dia em que todas as pessoas da Terra se prostrarão diante do Senhor e glorificarão seu nome. De fato, isso ocorrerá no juízo final. Os justificados terão a maior experiência de intimidade com Deus – ver a sua face. Isso é, em última análise, uma alusão à ressurreição dos mortos em estado glorificado e sem pecado nos novos céus e nova terra. Os justificados permanecerão para sempre e serão recebidos nesse reino celestial, recebendo ali a plenitude das bênçãos. Porém, aos demais, resta a permanência na prisão escura do mundo dos mortos até o juízo final.

2.13. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DOS PROVÉRBIOS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas dos Provérbios. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.13.1. PROVÉRBIOS 1:12

> Vamos engoli-los vivos, como o mundo dos mortos, e inteiros, como os que descem ao abismo.

A expressão "mundo dos mortos" é traduzida da palavra hebraica *sheol*. O mundo dos mortos é retratado como capaz de tomar alguém vivo, o que lembra o que ocorreu com Corá, Datã, Abirão e suas famílias quando desceram vivos ao mundo dos mortos (Números 16:30-33). O *sheol* era visto como a região dos mortos situada nas profundezas da terra. Outra forma de visualizar o mundo dos mortos é como um monstro que tem uma bocarra e que jamais se farta de devorar aqueles que perecem (Isaías 5:14; Provérbios 30:15-16). Uma vez que Corá, Datã, Abirão e suas famílias desceram vivos ao *sheol*, o qual é uma região para mortos, subentende-se que morreram ao chegar lá. A ideia é que o *sheol* pode se apoderar completamente de uma pessoa, ou seja, tirar dela a possibilidade de usufruir qualquer coisa do mundo dos vivos. Pessoas perversas são comparadas ao mundo dos mortos nesse sentido.

O "abismo" aqui não se trata do abismo próximo ao *sheol* (o *abaddon*), tendo o sentido de "cova", "poço" ou "cisterna". Alguém que cai em um poço está em uma posição de vulnerabilidade, assim como aquele que está envolvido com pessoas perversas.

2.13.2. PROVÉRBIOS 2:16-19

> A sabedoria também o livrará da mulher adúltera, da estranha que lisonjeia com palavras, que abandona o amigo de sua mocidade e se esquece da aliança do seu Deus; porque a casa dela se inclina para a morte, e as suas veredas conduzem para o mundo dos mortos. Todos os que se dirigem a essa mulher não voltarão e não encontrarão as veredas da vida.

A expressão "mundo dos mortos" é traduzida da palavra hebraica *rapha* e denota danação eterna. Provavelmente, esse termo se refere aos antigos gigantes rebeldes contra Deus (Gênesis 6), ou seja, os homens poderosos do mundo antigo cuja maldade foi tão grande que ocasionou o dilúvio da época de Noé, ou se refere aos antigos e poderosos gigantes cananeus, ou a ambos. Outro entendimento provável é que o termo *rapha* foi aplicado aos mortos como "sombras", denotando seu estado como enfraquecido, debilitado ou sem poder ou sensação, o que é bem atestado em Isaías 14:10. Quando as águas do dilúvio recederam novamente para baixo da terra, podem ter tragado os corpos dos *rapha* para as regiões inferiores. Em Gênesis 1:2, observa-se que o abismo era coberto pelas águas. Em Apocalipse 20:13, o mar deu seus mortos para o julgamento final. Provavelmente, a ideia é que os *rapha* (os ímpios poderosos de antes do dilúvio de Noé, ou os antigos e poderosos gigantes cananeus, ou ambos) estão no abismo abaixo das águas, o abismo (*abaddon*) retratado próximo ao *sheol*, em um estado enfraquecido, como "sombras". Em Lucas 16:19-31, pode ser que o "grande abismo" separando a área dos justificados da área dos não justificados no *hades* seja esse abismo (em hebraico *abaddon*). Ele pode ser correspondente ao local onde anjos caídos e os mortos pelas águas do dilúvio estão confinados (veja 1.21.1. 2 Pedro 2:4).

Sendo assim, o provérbio alertou que os pecados não justificados e que são difíceis de evitar, particularmente o adultério, podem conduzir para as profundezas mais tenebrosas do mundo dos mortos. Assim, o mundo dos mortos não é apenas o *sheol*, mas é visto como o conjunto do *sheol* e do *abaddon*, o abismo, onde se encontram os ímpios poderosos que viveram na terra antes do dilúvio da época de Noé. Uma vez que alguém vá para o mundo dos mortos com pecado não justificado por Deus, não há mais retorno para o mundo dos vivos e nem a esperança de vida eterna.

2.13.3. PROVÉRBIOS 2:21-22

> Porque os retos habitarão a terra, e os íntegros permanecerão nela. Mas os perversos serão eliminados da terra, e os infiéis serão dela arrancados.

Como em Mateus 5:5, a expressão "habitarão a terra" dificilmente tem o significado de herdar o planeta todo, sendo bem mais provável que a palavra "terra" se refira a um território, uma extensão de terra, como um país. A expressão acabou se tornando proverbial para uma grande bênção, tendo em vista a promessa de Deus aos patriarcas pela terra de Canaã, "a terra que mana leite e mel". Do ponto de vista judaico, seu território era muitas vezes visto como a bênção máxima de Deus ao povo, tanto que Deus a tomou duas vezes (primeiro com Nabucodonosor da Babilônia em 586 a.C. e, depois, com o Império Romano em 70 d.C.). Esse tipo de emprego da expressão "herdar a terra" como herdar uma grande bênção é encontrado quatro vezes no Salmo 37 e em Isaías 60:21. "Herdar a terra" era uma expressão comum nos dias de Jesus, e ele a usou para exprimir as grandes bênçãos espirituais que pertencem aos mansos. A terra prometida, conforme referida no Livro de Hebreus, era um prenúncio da bênção maior de herdar o céu, a pátria celestial, a qual é a esperança do fiel (Hebreus 11:14-16). Portanto, os retos serão recebidos no reino celestial (em última análise, os novos céus e nova terra) e receberão ali a plenitude das bênçãos. Não é possível sustentar que "habitarão a terra" signifique que os retos permanecerão no planeta Terra, uma vez que ele será destruído na segunda vinda de Cristo, conforme 2 Pedro 3:10-11.

Quanto aos perversos e infiéis, as expressões "serão eliminados da terra" e "serão dela arrancados" remetem à perda de grande bênção, uma vez que a habitação em território próspero era vista como tal. Isso não significa que os não justificados literalmente perderão seus territórios ou deixarão de existir no planeta, mas significa que perderão as grandes bênçãos que os justificados receberão (em última análise, os novos céus e nova terra, a glória eterna na comunhão direta com Deus).

2.13.4. PROVÉRBIOS 5:5

> Os seus pés descem para a morte; os seus passos conduzem ao inferno.

A palavra "inferno" foi traduzida do hebraico *sheol*. O envolvimento com uma mulher adúltera leva à morte e, consequentemente, ao *sheol*. O mundo dos mortos é retratado como o destino daqueles que se desviam do caminho da sabedoria de Deus.

2.13.5. PROVÉRBIOS 7:27

> A casa dela é caminho para o abismo e desce para as câmaras da morte.

A palavra "abismo" foi traduzida do hebraico *sheol*. Como em Provérbios 5:5, o envolvimento com uma mulher adúltera leva à morte e, consequentemente, ao *sheol*. O mundo dos mortos é retratado como o destino daqueles que se desviam do caminho da sabedoria de Deus.

2.13.6. PROVÉRBIOS 9:18

> Eles, porém, não sabem que ali estão os mortos, que os seus convidados estão nas profundezas do inferno.

A palavra "inferno" foi traduzida do hebraico *sheol*. Como em Provérbios 5:5 e Provérbios 9:18, o envolvimento com uma mulher adúltera leva à morte e, consequentemente, ao *sheol*. O mundo dos mortos é retratado como tendo profundezas e sendo o destino daqueles que se desviam do caminho da sabedoria de Deus.

2.13.7. PROVÉRBIOS 10:2

> Os tesouros conseguidos de forma iníqua não servem para nada, mas a justiça livra da morte.

Uma conduta justa proveniente da Palavra de Deus frequentemente livra da morte física, uma vez que as pessoas que amam e honram ajudarão outras em casos de perigo, e Deus pode conceder a elas uma bênção de uma vida longa. A conduta justa conseguida pela conversão ao Senhor e aplicação de seus ensinamentos também sempre livrará do banimento da presença de Deus, que é a morte eterna.

2.13.8. PROVÉRBIOS 10:30

> O justo nunca será abalado, mas os ímpios não habitarão na terra.

Como em Provérbios 2:21-22, a expressão "habitarão a terra" dificilmente tem o significado de herdar o planeta todo, sendo bem mais provável que a palavra "terra" se refira a um território, uma extensão de terra, como um país. A expressão acabou se tornando proverbial para uma grande bênção, tendo em vista a promessa de Deus aos patriarcas pela terra de Canaã, "a terra que mana leite e mel". Do ponto de vista judaico, seu território era muitas vezes visto como a bênção máxima de Deus ao povo, tanto que Deus a tomou duas vezes (primeiro com Nabucodonosor da Babilônia em 586 a.C. e, depois, com o Império Romano em 70 d.C.). Esse tipo de emprego da expressão "herdar a terra" como herdar uma grande bênção é encontrado quatro vezes no Salmo 37 e em Isaías 60:21. "Herdar a terra" era uma expressão comum nos dias de Jesus, e ele a usou para exprimir as grandes bênçãos espirituais que pertencem aos mansos. A terra prometida, conforme referida no Livro de Hebreus, era um prenúncio da bênção maior de herdar o céu, a pátria celestial, a qual é a esperança do fiel (Hebreus 11:14-16).

Portanto, os ímpios não serão recebidos no reino celestial (em última análise, os novos céus e nova terra), perdendo a plenitude das bênçãos que apenas os justos receberão. Não é possível sustentar que "não habitarão a terra" signifique que os ímpios perderão um planeta Terra restaurado, uma vez que ele será destruído na segunda vinda de Cristo, conforme 2 Pedro 3:10-11.

Quanto aos justos, "não ser abalado" não significa que os justificados têm proteção absoluta durante momentos de calamidade, ou isenção de sofrimento, mas certamente têm alguma proteção de Deus. Em última análise, os justos jamais serão abalados nos novos céus e nova terra, na glória eterna na comunhão direta com Deus.

2.13.9. PROVÉRBIOS 11:4

As riquezas não servem para nada no dia da ira, mas a justiça livra da morte.

O "dia da ira" provavelmente se refere a uma visitação de Deus para levar em consideração os maus atos da pessoa. Em última análise, o maior dia da ira é o juízo final, dia em que os não justificados terão a punição final da ira de Deus. Riquezas não podem livrar ninguém de qualquer um desses juízos, ao contrário da justiça, isto é, a conversão ao Senhor e a aplicação de seus ensinamentos.

2.13.10. PROVÉRBIOS 13:14

O ensino do sábio é fonte de vida para evitar os laços da morte.

A morte é retratada como tendo laços, ou seja, é capaz de se apoderar daqueles que não aplicam os ensinos da Palavra do Senhor. A sabedoria de Deus livra tanto da morte física (advertindo contra situações de perigo de vida) quanto da morte espiritual, ou seja, o banimento eterno da presença de Deus.

2.13.11. PROVÉRBIOS 14:11

A casa dos ímpios será destruída, mas a tenda dos retos florescerá.

O provérbio fez um contraste entre o destino dos justificados e dos não justificados. É notável que os ímpios possuem uma casa e os retos uma tenda. Pela lógica, uma casa é bem mais durável do que uma tenda, mas aqui a tenda é a estrutura que durará. Os ímpios, mesmo parecendo mais fortes na terra, têm como destino a destruição, enquanto os retos, mesmo parecendo mais fracos, têm o destino de florescer. Em última análise, nada da força dos ímpios terá qualquer efeito na morte, enquanto os retos continuarão a florescer, mesmo após a morte. A "destruição" não se refere à eliminação da existência dos não justificados, mas ao fim do poder e glória deles na morte.

2.13.12. PROVÉRBIOS 14:27

O temor do SENHOR é fonte de vida para evitar os laços da morte.

Como em Provérbios 13:14, a morte é retratada como tendo laços, ou seja, é capaz de se apoderar daqueles que não aplicam os ensinos da Palavra do Senhor. O temor de Deus leva para a vida eterna, e livra tanto da morte

física (a sabedoria divina adverte contra situações de perigo de vida) quanto da morte espiritual, ou seja, o banimento eterno da presença de Deus.

2.13.13. PROVÉRBIOS 15:11

> O mundo dos mortos e o abismo estão expostos diante do SENHOR; quanto mais o coração dos filhos dos homens!

A expressão "mundo dos mortos" é traduzida do hebraico *sheol* e o termo "abismo" é traduzido do hebraico *abaddon*. Tanto o mundo dos mortos como o abismo, os quais são retratados como as maiores profundezas e escuridão da terra, estão expostos diante de Deus. Isso implica que ele tem ciência de tudo o que se passa em tais locais ocultos, da mesma forma que ele sabe as intenções de cada ser humano. A comparação dá a entender que as intenções de um ser humano são menos ocultas do que o *sheol* e o *abaddon*. Isso pode confirmar que Deus quis revelar muito pouco sobre o "além", menos ainda do que as intenções das pessoas.

2.13.14. PROVÉRBIOS 15:24

> Para o sábio, o caminho da vida leva para cima, para desviar do inferno, embaixo.

A palavra "inferno" foi traduzida do hebraico *sheol*. O sábio sabe que o caminho do Senhor, o qual é o caminho da vida, leva "para cima", ou seja, para junto das alturas onde Deus está, desviando assim do caminho que leva para as profundezas da terra, o *sheol*. Há, portanto, destinos diferentes para aquele que obedece a Palavra de Deus e aquele que não obedece.

Esse desvio do *sheol*, provavelmente, se trata de evitar a permanência no mundo dos mortos, e não em estar nele por pelo menos algum tempo. Mesmo Jesus esteve no *sheol/hades* por três dias. A ideia é que o justificado será remido da morte, o que alude, em última análise, à ressurreição dos mortos.

Os seres humanos, se não seguirem o caminho da vida, chegarão ao mundo dos mortos e ali permanecerão. O caminho da vida faz com que o fiel desvie da permanência no mundo dos mortos para chegar até Deus. Isso implica que o fiel do Antigo Testamento tinha esperança de ser remido da morte e estar com o Senhor.

2.13.15. PROVÉRBIOS 19:16

> Quem guarda o mandamento guarda a sua alma, mas o que despreza os seus caminhos, esse morrerá.

Aquele que obedece aos mandamentos de Deus preservará sua alma da morte. O termo "alma" pode tanto denotar a pessoa ou a parte espiritual. A obediência aos mandamentos de Deus pode tanto impedir uma morte prematura no mundo físico quanto garantir a não permanência da parte espiritual no mundo dos mortos. A morte é uma separação (Tiago 2:26; Gênesis 33:18; Salmo 146:3-4), sendo a morte física a separação do corpo da parte espiritual (alma e espírito) e a morte espiritual a separação de Deus. Cedo ou tarde, aquele que despreza o caminho de Deus encontrará a morte (seja a morte física por punição divina ou por consequência dos atos, seja a morte espiritual pelo banimento da presença de Deus).

2.13.16. PROVÉRBIOS 21:16

> Quem se desvia do caminho do entendimento repousará na congregação dos mortos.

A palavra "mortos" é traduzida da palavra hebraica *rapha* e denota danação eterna. Provavelmente, esse termo se refere aos antigos gigantes rebeldes contra Deus (Gênesis 6), ou seja, os homens poderosos do mundo antigo cuja maldade foi tão grande que ocasionou o dilúvio da época de Noé, ou se refere aos antigos e poderosos gigantes cananeus, ou a ambos. Outro entendimento provável é que o termo *rapha* foi aplicado aos mortos como "sombras", denotando seu estado como enfraquecido, debilitado ou sem poder ou sensação, o que é bem atestado em Isaías 14:10. Quando as águas do dilúvio recederam novamente para baixo da terra, podem ter tragado os corpos dos *rapha* para as regiões inferiores. Em Gênesis 1:2, observa-se que o abismo era coberto pelas águas. Em Apocalipse 20:13, o mar deu seus mortos para o julgamento final. Provavelmente, a ideia é que os *rapha* (os ímpios poderosos de antes do dilúvio de Noé, ou os antigos e poderosos gigantes cananeus, ou ambos) estão no abismo

abaixo das águas, o abismo (*abaddon*) retratado próximo ao *sheol* em um estado enfraquecido, como "sombras". Em Lucas 16:19-31, pode ser que o "grande abismo" separando a área dos justificados da área dos não justificados no *hades* seja esse abismo (em hebraico *abaddon*). Ele pode ser correspondente ao local onde anjos caídos e os mortos pelas águas do dilúvio estão confinados (veja 1.21.1. 2 Pedro 2:4).

Aquele que se desvia do caminho do entendimento, isto é, aquele que abandona o governo da Palavra de Deus e vive conforme seus próprios desejos, permanecerá nas maiores profundezas da terra onde se encontram os ímpios poderosos de antes do dilúvio de Noé, o abismo (*abaddon*), o que denota danação eterna. O abismo também faz parte do mundo dos mortos, juntamente com o *sheol* (veja 2.13.2. Provérbios 2:16-19). O "repouso na congregação dos mortos" não é um repouso no sentido de sono ou descanso, mas no sentido de repousar após uma viagem e permanecer em um mesmo lugar. Assim, o *abaddon* será o lar permanente daquele que nega ser governado pela Palavra de Deus e que vive segundo seus próprios desejos, até que venha o juízo final na segunda vinda de Cristo e receba a punição final (representada pelo lago de fogo do Livro de Apocalipse).

2.13.17. PROVÉRBIOS 23:14

> Você a castigará com a vara e livrará a alma dela do inferno.

A palavra "inferno" foi traduzida do hebraico *sheol*. Disciplinar a criança (o que inclui algum castigo físico, se necessário) é essencial para gerar nela um caráter íntegro, o qual a tornará mais propensa a praticar os caminhos do Senhor. Os justificados não permanecerão no mundo dos mortos – serão livrados dele.

2.13.18. PROVÉRBIOS 27:20

> O mundo dos mortos e o abismo nunca se fartam, e os olhos do ser humano nunca se satisfazem.

A expressão "mundo dos mortos" foi traduzida do hebraico *sheol*. O termo "abismo" foi traduzido do hebraico *abaddoh*, o qual significa "uma coisa perdida", "algo perdido que perece". Curiosamente, no texto hebraico original, o termo *abaddoh* foi indicado a substituir o termo *abaddon* pela palavra *ketib*. De acordo com o Léxico de Strong, "na bíblia hebraica, os escribas não alteravam um texto que lhes parecia ter sido copiado incorretamente; em vez disso, anotavam à margem o que consideravam ser a grafia correta". Assim, o provérbio se lê mais literalmente como "o *sheol* e aquilo que é perdido para perecer nunca se fartam". Uma vez que a grafia *abaddon* foi removida do provérbio em favor de *abaddoh*, assim como o *sheol* nunca se farta, aqueles que irremediavelmente se perdem nunca deixam de ter lugar no perecimento eterno. Aqueles que vão para perecimento eterno são aqueles que vão para o próprio *abaddon*. Sendo assim, apesar da particularidade da grafia, o ponto recai na mesma coisa: nem o *sheol* nem o *abaddon* se fartam de receber mais habitantes, razão pela qual a tradução para o provérbio foi mantida como "O mundo dos mortos e o abismo nunca se fartam, e os olhos do ser humano nunca se satisfazem".

A ideia é que o mundo dos mortos (o *sheol* e o *abaddon*) nunca deixará de tragar mais mortos, uma vez que sempre há lugar para mais. Aqueles que forem encaminhados ao abismo estão destinados à perdição, sem possibilidade de redenção, e perecerão. Tal perecimento não se trata de eliminação da existência, mas denota uma condenação ainda maior – a saber, a punição final retratada no Livro de Apocalipse como o lago de fogo (veja 1.1.10. Mateus 10:28). Talvez o *abaddon* seja uma parte do mundo dos mortos reservada apenas para os piores transgressores.

Uma questão que se levanta é que, se o *abaddon* era visto como a cessação total da possibilidade de redenção, seria possível que algum dos mortos que foram ao *sheol* tenha possibilidade de redenção após a morte? Não, pois Hebreus 9:27 declara que após a morte há apenas juízo. Assim, o destino dos mortos está selado. Quem foi destinado para perecimento não tem segundas chances, independentemente de ter ido ao *sheol* ou ao *abaddon*. Qual a diferença entre os dois, então? Aparentemente, o tormento no *abaddon* é pior. No Antigo Testamento, todos os mortos, justificados e não justificados, iam ao *sheol*. Portanto, o Antigo Testamento não afirma que todos aqueles que vão para o *sheol* estão perdidos (como os justificados que faleceram), mas que o *sheol* também contém aqueles que são destinados para perdição.

2.13.19. PROVÉRBIOS 30:15-16

> A sanguessuga tem duas filhas, que se chamam Dá e Dá. Há três coisas que nunca se fartam; na verdade, há quatro que nunca dizem: "Basta!" Elas são o mundo dos mortos, o ventre estéril, a terra, que não se farta de água, e o fogo, que nunca diz "Basta!"

A expressão "mundo dos mortos" é traduzida da palavra hebraica *sheol*. O *sheol* está sempre a receber mais e mais mortos, nunca havendo "falta de espaço" – é como se nunca quisesse se recusar a ter mais um para tragar. Uma das formas de retratar o mundo dos mortos era como uma bocarra que nunca se satisfaz em devorar mais pessoas.

2.13.20. ESCATOLOGIA DOS PROVÉRBIOS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Provérbios, as informações são:

- Provérbios 1:12: o mundo dos mortos é retratado como capaz de tomar alguém vivo, o que lembra o que ocorreu com Corá, Datã, Abirão e suas famílias quando desceram vivos ao mundo dos mortos (Números 16:30-33). O *sheol* era visto como a região dos mortos situada nas profundezas da terra. Outra forma de visualizar o mundo dos mortos é como um monstro que tem uma bocarra e que jamais se farta de devorar aqueles que perecem (Isaías 5:14; Provérbios 30:15-16). O *sheol* pode se apoderar completamente de uma pessoa, ou seja, tirar dela a possibilidade de usufruir qualquer coisa no mundo dos vivos;

- Provérbios 2:16-19: pecados não justificados difíceis de evitar, como o adultério, podem conduzir para as profundezas mais tenebrosas do mundo dos mortos. Assim, o mundo dos mortos não é apenas o *sheol*, mas é visto como o conjunto do *sheol* e do *abaddon*, o abismo, onde se encontram ímpios poderosos da antiguidade, talvez os gigantes de antes do dilúvio de Noé, talvez os antigos poderosos gigantes cananeus, talvez ambos, o que denota danação eterna e, provavelmente, uma existência enfraquecida, como uma "sombra". Uma vez que alguém vá para o mundo dos mortos com pecado não justificado por Deus, não há mais retorno para o mundo dos vivos e nem a esperança de vida eterna;

- Provérbios 2:21-22: os retos serão recebidos no reino celestial (em última análise, os novos céus e nova terra) e receberão ali a plenitude das bênçãos. Não é possível sustentar que "habitarão a terra" signifique que os retos permanecerão no planeta Terra, uma vez que ele será destruído na segunda vinda de Cristo, conforme 2 Pedro 3:10-11. Quanto aos perversos e infiéis, perderão as grandes bênçãos que os justificados receberão (em última análise, os novos céus e nova terra, a glória eterna na comunhão direta com Deus);

- Provérbios 5:5, Provérbios 7:27: o envolvimento com uma mulher adúltera leva à morte e, consequentemente, ao *sheol*. O mundo dos mortos é retratado como o destino daqueles que se desviam do caminho da sabedoria de Deus;

- Provérbios 9:18: o envolvimento com uma mulher adúltera leva à morte e, consequentemente, ao *sheol*. O mundo dos mortos é retratado como tendo profundezas e como o destino daqueles que se desviam do caminho da sabedoria de Deus;

- Provérbios 10:2: uma conduta justa proveniente da Palavra de Deus frequentemente livra da morte física, uma vez que as pessoas que amam e honram ajudarão outras em casos de perigo, e Deus pode conceder a elas uma bênção de uma vida longa. A conduta justa conseguida pela conversão ao Senhor e a aplicação de seus ensinamentos também sempre livrará do banimento da presença de Deus, que é a morte eterna;

- Provérbios 10:30: os ímpios não serão recebidos no reino celestial (em última análise, os novos céus e nova terra), perdendo a plenitude das bênçãos que apenas os justos receberão. Não é possível sustentar que "não habitarão a terra" signifique que os ímpios perderão um planeta Terra restaurado, uma vez

que ele será destruído na segunda vinda de Cristo, conforme 2 Pedro 3:10-11. Quanto aos justos, "não ser abalado" não significa que os justificados têm proteção absoluta durante momentos de calamidade e isenção de sofrimento, mas certamente têm alguma proteção de Deus. Em última análise, os justos jamais serão abalados nos novos céus e nova terra, na glória eterna na comunhão direta com Deus;

- Provérbios 11:4: o "dia da ira" provavelmente se refere a uma visitação de Deus para levar em consideração os maus atos da pessoa. Em última análise, o maior dia da ira é o juízo final, dia em que os não justificados terão a punição final da ira de Deus. Riquezas não podem livrar ninguém de qualquer um desses juízos, ao contrário da justiça, isto é, a conversão ao Senhor e a aplicação de seus ensinamentos;

- Provérbios 13:14: a morte é retratada como tendo laços, ou seja, é capaz de se apoderar daqueles que não aplicam os ensinos da Palavra do Senhor. A sabedoria de Deus livra tanto da morte física (a sabedoria divina adverte contra situações de perigo de vida) quanto da morte espiritual, ou seja, o banimento eterno da presença de Deus;

- Provérbios 14:11: os ímpios, mesmo parecendo mais fortes na terra, têm como destino a destruição, enquanto os retos, mesmo parecendo mais fracos, têm o destino de florescer. Em última análise, nada da força dos ímpios terá qualquer efeito na morte, enquanto os retos continuarão a florescer, mesmo após a morte. A "destruição" não se refere à eliminação da existência dos não justificados, mas ao fim do poder e glória dos não justificados na morte;

- Provérbios 14:27: a morte é retratada como tendo laços, ou seja, é capaz de se apoderar daqueles que não aplicam os ensinos da Palavra do Senhor. O temor de Deus leva para a vida eterna e livra tanto da morte física (a sabedoria divina adverte contra situações de perigo de vida) quanto da morte espiritual, ou seja, o banimento eterno da presença de Deus;

- Provérbios 15:11: tanto o mundo dos mortos como o abismo, os quais são retratados como as maiores profundezas e escuridão da terra, estão expostos diante de Deus. Isso implica que ele tem ciência de tudo o que se passa em tais locais ocultos, da mesma forma que ele sabe as intenções de cada ser humano. A comparação dá a entender que as intenções de um ser humano são menos ocultas do que o *sheol* e o *abaddon*. Isso pode confirmar que Deus quis revelar muito pouco sobre o "além", menos ainda do que as intenções das pessoas;

- Provérbios 15:24: o sábio sabe que o caminho do Senhor, o qual é o caminho da vida, leva "para cima", ou seja, para junto das alturas onde Deus está, desviando assim do caminho que leva para as profundezas da terra, o *sheol*. Há, portanto, destinos diferentes para aquele que obedece a Palavra de Deus e aquele que não obedece. Esse desvio do *sheol*, provavelmente, se trata da permanência no mundo dos mortos, e não em estar nele por pelo menos algum tempo. Mesmo Jesus esteve no *sheol/hades* por três dias. A ideia é que o justificado será remido da morte, o que alude, em última análise, à ressurreição dos mortos. Os seres humanos, se não seguirem o caminho da vida, chegarão ao mundo dos mortos e ali permanecerão. O caminho da vida faz com que o fiel desvie da permanência no mundo dos mortos para chegar até Deus. Isso implica que o fiel do Antigo Testamento tinha esperança de ser remido da morte e estar com o Senhor;

- Provérbios 19:16: aquele que obedece aos mandamentos de Deus preservará sua alma da morte. Alma pode tanto denotar a pessoa ou a parte espiritual. A obediência aos mandamentos de Deus pode tanto impedir uma morte prematura no mundo físico quanto garantir a não permanência da parte espiritual no mundo dos mortos. A morte é uma separação (Tiago 2:26; Gênesis 33:18; Salmo 146:3-4), sendo a morte física a separação de corpo e da parte espiritual (alma e espírito) e a morte espiritual a separação de Deus. Cedo ou tarde, aquele que despreza o caminho de Deus encontrará a morte (seja a morte física por punição divina ou por consequência dos atos, seja a morte espiritual pelo banimento da presença de Deus);

- Provérbios 21:16: aquele que se desvia do caminho do entendimento, isto é, aquele que abandona o governo da Palavra de Deus e vive conforme seus próprios desejos, permanecerá nas maiores

profundezas da terra onde se encontram os ímpios poderosos de antes do dilúvio de Noé, o abismo (*abaddon*), o que denota danação eterna. O abismo também faz parte do mundo dos mortos, juntamente com o *sheol*. O "repouso na congregação dos mortos" não tem o sentido de repouso de sono ou descanso, mas de repouso após uma viagem e a permanência em um mesmo lugar. Assim, o *abaddon* será o lar permanente daquele que nega ser governado pela Palavra de Deus e que vive segundo seus próprios desejos, até que venha o juízo final na segunda vinda de Cristo e receba a punição final (representada pelo lago de fogo do Livro de Apocalipse);

- Provérbios 23:14: disciplinar a criança (o que inclui algum castigo físico, se necessário) é essencial para gerar nela um caráter íntegro que a tornará mais propensa a praticar os caminhos do Senhor. Os justificados não permanecerão no mundo dos mortos – serão livrados dele;

- Provérbios 27:20: o mundo dos mortos (o *sheol* e o *abaddon*) nunca deixará de tragar mais mortos, uma vez que sempre há lugar para mais. Aqueles que forem encaminhados ao abismo podem estar destinados à perdição, sem possibilidade de redenção, e perecer. Tal perecimento não se trata de eliminação da existência, mas denota uma condenação ainda maior – a saber, a punição final retratada no Livro de Apocalipse como o lago de fogo. Talvez o *abaddon* seja uma parte do mundo dos mortos reservada apenas para os piores transgressores. Uma questão que se levanta é que, se o *abaddon* era visto como a cessação total da possibilidade de redenção, seria possível que algum dos mortos que foram ao *sheol* tenha possibilidade de redenção após a morte? Não, pois Hebreus 9:27 declara que após a morte há apenas juízo. Assim, o destino dos mortos está selado. Quem foi destinado para perecimento não tem segundas chances, independentemente de ter ido ao *sheol* ou ao *abaddon*. Qual a diferença entre os dois, então? Aparentemente, o tormento no *abaddon* é pior. No Antigo Testamento, todos os mortos, justificados e não justificados, iam ao *sheol.* Portanto, o Antigo Testamento não afirma que todos aqueles que vão para o *sheol* estão perdidos (como os justificados que faleceram), mas que o *sheol* também contém aqueles que são destinados para perdição;

- Provérbios 30:15-16: o *sheol* está sempre a receber mais e mais mortos, nunca havendo "falta de espaço" – é como se nunca quisesse se recusar a ter mais um para tragar. Uma das formas de retratar o mundo dos mortos era como uma bocarra que nunca se satisfaz em devorar mais pessoas.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Uma conduta justa proveniente da Palavra de Deus, o que implica em obedecer a seus mandamentos, torna a pessoa sábia, e isso preservará sua alma da morte. A alma pode tanto denotar a pessoa ou a parte espiritual. O sábio sabe que o caminho do Senhor, o qual é o caminho da vida, leva "para cima", ou seja, para junto das alturas onde Deus está, desviando assim do caminho que leva para as profundezas da terra, o *sheol*. O caminho do fiel acabará por desviá-lo do *sheol*. Esse desvio se trata de evitar a permanência no mundo dos mortos, e não em estar nele por pelo menos algum tempo. Mesmo Jesus esteve no *sheol*/*hades* por três dias. A ideia é que o justificado será remido da morte, o que alude, em última análise, à ressurreição dos mortos. Os seres humanos, se não seguirem o caminho da vida, chegarão ao mundo dos mortos e ali permanecerão. O caminho da vida faz com que o fiel desvie da permanência no mundo dos mortos para chegar até Deus. Isso implica que o fiel do Antigo Testamento tinha esperança de ser remido da morte e estar com o Senhor.

Até mesmo o ato de disciplinar a criança (o que inclui algum castigo físico, se necessário) é essencial para gerar nela um caráter íntegro que a tornará mais propensa a praticar os caminhos do Senhor. Os justos não serão abalados no sentido de que recebem pelo menos alguma proteção durante momentos de calamidade, não significando necessariamente a isenção de sofrimento. Em última análise, os justos jamais serão abalados nos novos céus e nova terra, na glória eterna na comunhão direta com Deus.

Há, portanto, destinos diferentes para aquele que obedece a Palavra de Deus e aquele que não obedece. A obediência aos mandamentos de Deus pode tanto impedir uma morte prematura no mundo físico quanto garantir a não permanência da parte espiritual no mundo dos mortos. A conduta justa conseguida pela conversão ao Senhor e aplicação de seus ensinamentos frequentemente livra da morte física, uma vez que as pessoas que amam e honram ajudarão outras em casos de perigo, e Deus pode conceder a elas uma bênção de uma vida longa. Além

disso, os justificados não permanecerão no mundo dos mortos – serão livrados dele e, também, do banimento da presença do Senhor, que é a morte eterna.

A morte é uma separação (Tiago 2:26; Gênesis 33:18; Salmo 146:3-4), sendo a morte física a separação do corpo da parte espiritual (alma e espírito) e a morte espiritual a separação de Deus. A morte é retratada como tendo laços, ou seja, é capaz de se apoderar daqueles que não aplicam os ensinos da Palavra do Senhor. A sabedoria de Deus e o temor de Deus livram tanto da morte física quanto da morte espiritual, ou seja, o banimento eterno da presença de Deus.

Cedo ou tarde, aquele que despreza o caminho de Deus encontrará a morte (seja a morte física por punição divina ou por consequência dos atos, seja a morte espiritual pelo banimento da presença de Deus). Os pecados não justificados difíceis de evitar, tais como o adultério (principalmente o envolvimento com uma mulher adúltera), podem conduzir para as profundezas mais tenebrosas do mundo dos mortos. Uma vez que alguém vá para o mundo dos mortos com pecado não justificado por Deus, não há mais retorno para o mundo dos vivos e nem a esperança de vida eterna. Os ímpios, mesmo parecendo mais fortes na terra, têm como destino a "destruição" (não a eliminação da existência, mas o fim de seu poder e glória ao morrerem), enquanto os retos, mesmo parecendo mais fracos, têm o destino de florescer, isto é, chegar à glória eterna junto ao Senhor.

A permanência nos caminhos de Deus também livra a pessoa do "dia da ira". Essa expressão provavelmente se refere a uma visitação de Deus para levar em consideração os maus atos da pessoa. Em última análise, o maior dia da ira é o juízo final, dia em que os não justificados terão a punição final da ira de Deus. Riquezas não podem livrar ninguém de qualquer um desses juízos, ao contrário da justiça, isto é, a conversão ao Senhor e a aplicação de seus ensinamentos.

Embora o Antigo Testamento afirme que o *sheol* seja o destino de todas as pessoas que morrem, o Livro de Provérbios o retrata principalmente como o destino daqueles que se desviam do caminho da sabedoria de Deus. Na realidade, o mundo dos mortos não é apenas o *sheol*, mas é visto como o conjunto do *sheol* e do *abaddon*, o abismo, onde provavelmente se encontram os ímpios poderosos da antiguidade, talvez os gigantes de antes do dilúvio de Noé, talvez os antigos poderosos gigantes cananeus, talvez ambos, o que denota danação eterna e, provavelmente, uma existência enfraquecida, como uma "sombra".

Tanto o *sheol* como o *abaddon* são retratados como as maiores profundezas e escuridão da terra e, mesmo assim, estão expostos diante de Deus. Isso implica que o Senhor tem ciência de tudo o que se passa em tais locais ocultos, da mesma forma que ele sabe as intenções de cada ser humano. A comparação do grau de ocultação do *sheol* e do *abaddon* com o grau de ocultação das intenções humanas dá a entender que as intenções de um ser humano são menos ocultas do que o *sheol* e o *abaddon*. Isso pode confirmar que Deus quis revelar muito pouco sobre o "além", menos ainda do que as intenções das pessoas.

O mundo dos mortos é retratado como capaz de tomar alguém vivo, o que lembra o que ocorreu com Corá, Datã, Abirão e suas famílias quando desceram vivos para lá (Números 16:30-33). Uma das formas em que o mundo dos mortos era visualizado é como um monstro que tem uma bocarra e que jamais se farta de devorar aqueles que perecem (Isaías 5:14; Provérbios 30:15-16). O *sheol* pode se apoderar completamente de uma pessoa, ou seja, tirar dela a possibilidade de usufruir qualquer coisa no mundo dos vivos. Pessoas perversas são comparadas ao mundo dos mortos nesse sentido. Ele é retratado como tendo profundezas, ou seja, mesmo o mundo dos mortos possui níveis mais inferiores, sendo o abismo aparentemente o nível mais profundo.

O mundo dos mortos (o *sheol* e o *abaddon*) nunca deixará de tragar mais mortos, uma vez que sempre há lugar para mais, nunca havendo "falta de espaço" – é como se ele nunca quisesse se recusar a ter mais um para tragar. Aqueles que forem encaminhados ao abismo estão destinados à perdição, sem possibilidade de redenção, e perecerão. Tal perecimento não se trata de eliminação da existência, mas denota uma condenação ainda maior – a saber, a punição final retratada no Livro de Apocalipse como o lago de fogo. Talvez o *abaddon* seja uma parte do mundo dos mortos reservada apenas para os piores transgressores. O Livro de Provérbios alerta que aquele que se desvia do caminho do entendimento, isto é, aquele que abandona o governo da Palavra de Deus e vive conforme seus próprios desejos, permanecerá nas maiores profundezas da terra onde se encontram os ímpios poderosos de antes do dilúvio de Noé, o abismo (*abaddon*), o que denota danação eterna. Assim, o *abaddon* será o lar permanente daquele que nega ser governado pela Palavra de Deus e que vive segundo seus próprios desejos, até que venha o

juízo final na segunda vinda de Cristo e receba a punição final. O abismo (*abaddon*), para o fiel do Antigo Testamento, simbolizava uma danação eterna.

A menção do "repouso na congregação dos mortos" não significa sono ou descanso, mas é como se fosse um repouso após uma viagem com a permanência em um mesmo lugar. O abismo também faz parte do mundo dos mortos, juntamente com o *sheol*. Assim, o mundo dos mortos será o lar permanente do não justificado até o juízo final na segunda vinda de Cristo e o recebimento da punição final. Em última análise, a força que os ímpios tinham em vida não terá qualquer efeito quando eles morrerem, enquanto os retos continuarão a florescer (ir à glória eterna com Deus), mesmo após a morte.

Uma questão que se levanta é que, se o *abaddon* era visto como a cessação total da possibilidade de redenção, seria possível que algum dos mortos que foram ao *sheol* tenha possibilidade de redenção após a morte? Não, pois Hebreus 9:27 declara que após a morte há apenas juízo. Assim, o destino dos mortos está selado. Quem foi destinado para perecimento não tem segundas chances, independentemente de ter ido ao *sheol* ou ao *abaddon*. Qual a diferença entre os dois, então? Aparentemente, o tormento no *abaddon* é pior. No Antigo Testamento, todos os mortos, justificados e não justificados, iam ao *sheol.* Portanto, o Antigo Testamento não afirma que todos aqueles que vão para o *sheol* estão perdidos (como os justificados que faleceram), mas que o *sheol* também contém aqueles que são destinados para perdição.

Portanto, os retos serão recebidos no reino celestial (em última análise, os novos céus e nova terra) e receberão ali a plenitude das bênçãos. Não é possível sustentar que a expressão "habitarão a terra" signifique que os justificados permanecerão no planeta Terra, uma vez que ele será destruído na segunda vinda de Cristo, conforme 2 Pedro 3:10-11.

Quanto aos perversos e infiéis, perderão as grandes bênçãos que os justificados receberão: não serão recebidos no reino celestial (em última análise, os novos céus e nova terra), perdendo a plenitude das bênçãos que apenas os justos receberão. Não é possível sustentar que a expressão "não habitarão a terra" signifique que os ímpios perderão um planeta Terra restaurado, uma vez que ele será destruído na segunda vinda de Cristo, conforme 2 Pedro 3:10-11.

2.14. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE ECLESIASTES

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Eclesiastes. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.14.1. ECLESIASTES 1:4

> Geração vai e geração vem, mas a terra permanece para sempre.

A chave para entender corretamente o Livro de Eclesiastes é que Salomão vê as coisas de uma perspectiva meramente terrena, o que é constatado constantemente pela expressão "debaixo do Sol". Eclesiastes se foca em observar a vida de um ponto de vista meramente natural, considerando apenas o que ocorre na Terra.

Como no Salmo 104:5, em relação à longevidade das pessoas e das criaturas do planeta, a terra tem uma duração muito maior. Assim, Salomão comparou a terra como se fosse imune ao desgaste do tempo. A expressão hebraica *olam*, traduzida frequentemente como "para sempre", "em tempo nenhum" ou "eternamente", pode denotar um longo e indefinido período de tempo. Não é possível que o planeta Terra permaneça literalmente para sempre, uma vez que 2 Pedro 3:10-11 afirma que será destruído pelo fogo na segunda vinda de Cristo.

2.14.2. ECLESIASTES 2:16

> Pois nem o sábio nem o tolo serão lembrados para sempre; pois, passados alguns dias, tudo cai no esquecimento. Ah! O sábio morre do mesmo modo que o tolo!

Ao se considerar o destino do sábio e do tolo de um ponto de vista meramente natural, a morte é o fim para ambos. Sábios e tolos eventualmente serão esquecidos pelos vivos e ambos morrerão da mesma forma: decompondo-se na terra. Pelo contexto, Salomão não está afirmando que o estado dos mortos no *sheol* é

esquecimento, mas que, sem ser considerado Deus, tanto faz ser sábio ou tolo: ambos morrem da mesma forma e ambos, cedo ou tarde, serão esquecidos pelos vivos. Em outras palavras, sem Deus não há real recompensa em ser sábio.

2.14.3. ECLESIASTES 3:16-21

> Então eu disse a mim mesmo: "Deus julgará o justo e o ímpio; porque há um tempo para todo propósito e para toda obra." Eu disse mais: "Isto é por causa dos filhos dos homens, para que Deus os prove, e eles vejam que são em si mesmos como os animais." Porque o mesmo que acontece com os filhos dos homens acontece com os animais: como morre um, assim morre o outro. Todos têm o mesmo fôlego de vida, e o ser humano não tem nenhuma vantagem sobre os animais. Porque tudo é vaidade. Todos procedem do pó e ao pó voltarão. Quem sabe se o fôlego de vida dos filhos dos homens se dirige para cima e o dos animais para baixo, para a terra?

Deus permite que ocorra na terra um momento certo para cada propósito e cada obra. Isso implica que Deus não controla as vontades de ninguém, mas se limita a influenciar. Ao conceder a todos o livre arbítrio, Deus coloca à prova o caráter de todos. Uma vez que todos pecam, até mesmo o justo (Eclesiastes 7:20), se o ser humano for deixado por si só, será interesseiro e egoísta tal como os animais, e morrerá assim como eles morrerão, não tendo nenhuma vantagem sobre eles. No entanto, isso não significa que Deus fez o homem pecador, mas que ele cedeu, e continua cedendo, ao pecado (Eclesiastes 7:29) por causa de seu interesse próprio. Assim, Deus julgará tanto o justificado quanto o não justificado. O fiel do Antigo Testamento já tinha a noção de um momento de juízo, o qual é, em última análise, o juízo final na segunda vinda de Cristo.

A pergunta de Salomão, "Quem sabe se o fôlego de vida dos filhos dos homens se dirige para cima e o dos animais para baixo, para a terra?", não é uma declaração de que a parte espiritual do ser humano vai até as alturas para onde está Deus e que a parte espiritual dos animais vai para o *sheol*. Embora os animais sejam descritos como possuindo o mesmo "fôlego de vida" dos homens (como em Gênesis 7:15), aparentemente o ser humano é o único ser material que possui um espírito que permite que a alma possa permanecer após a morte do corpo. O "fôlego de vida" aqui significa que Deus deu vida tanto a homens quanto a animais, e essa vida pode se perder da mesma forma. Interessantemente, a Bíblia não considera matar animais e plantas como uma violação do mandamento de não matar (embora tal ato possa, juntamente com a destruição da terra, ser considerado um desrespeito à vida, a qual foi dada por Deus e, por conseguinte, tal ato é um ultraje a Deus). Não há, na Bíblia, nenhuma menção de animais em algum tipo de "além". Aparentemente, por não possuírem espírito, animais podem ter almas que simplesmente desaparecem quando morre o corpo. Das criaturas de Deus, apenas o ser humano possui espírito (veja 1.1.10. Mateus 10:28). Assim, parece mais provável que uma alma desprovida de espírito, como é o caso dos animais, simplesmente deixe de existir quando morre o corpo. Apenas uma alma vinculada a um espírito, como é o caso do ser humano, pode ter existência após a morte física.

É possível que tal pergunta ("Quem sabe se o fôlego de vida dos filhos dos homens se dirige para cima e o dos animais para baixo, para a terra?") demonstre a suspeita de Salomão de que a parte espiritual do ser humano vá até as alturas onde está Deus (Eclesiastes 12:7) para receber juízo (Hebreus 9:27), isto é, a parte espiritual do ser humano sendo encaminhada para a área do justificado ou a área do não justificado no *sheol*/*hades* (veja 1.3.15. Lucas 16:19-31), e a parte espiritual dos animais simplesmente deixa de existir quando eles morrem e se decompõem na terra.

2.14.4. ECLESIASTES 4:1-2

> Vi ainda todas as opressões praticadas debaixo do sol: vi as lágrimas dos que foram oprimidos, sem que ninguém os consolasse; vi a violência na mão dos opressores, sem que ninguém consolasse os oprimidos. Por isso considero mais felizes os que já morreram, mais do que os que ainda vivem.

O ponto de Salomão não é que os mortos, no *sheol*, são mais felizes do que os vivos, mas que os mortos não têm mais que passar pela opressão e violência que os vivos sofrem na terra – nesse sentido são "mais felizes". Os mortos não podem mais interagir no mundo dos vivos e, portanto, não podem mais sofrer suas injustiças.

2.14.5. ECLESIASTES 6:3-6

> Se alguém gerar cem filhos e viver muitos anos, até uma idade avançada, e se a sua alma não se fartar do bem, e além disso não tiver sepultura, digo que um aborto é mais feliz do que ele. Pois o aborto vem ao mundo para nada e desaparece na calada da noite, e as trevas encobrem o seu nome. Não viu o sol, nada conhece, porém tem mais descanso do que o outro, ainda que aquele vivesse duas vezes mil anos, mas não desfrutasse do bem. Por acaso, não vão todos para o mesmo lugar?

Tanto aquele que teve abundância de prosperidade material quanto um ser humano abortado irão para o mesmo lugar: o *sheol*. Ele é retratado como um lugar de trevas. O referido descanso no *sheol* não se refere a um repouso ou sono, mas significa que os mortos não podem mais sofrer as aflições do mundo dos vivos e, nesse sentido, estão livres delas.

De um ponto de vista meramente natural, aquele que teve muita prosperidade em vida, mas não conseguiu aproveitar dela, teve apenas labuta – não poderá aproveitar nada do que conseguiu após a morte. Um ser humano abortado é "mais feliz" no sentido de que não precisou labutar por nada e, na morte, está na mesma situação daquele que conquistou muitos bens. Na morte, ambos não têm nada, mas o aborto, pelo menos, não teve labuta.

2.14.6. ECLESIASTES 8:8-10

> Não há ninguém que tenha o domínio sobre o espírito para o reter; nem tampouco quem tenha poder sobre o dia da morte. Não há como escapar desse combate, e a maldade não poderá livrar os que a praticam. Tudo isso vi quando comecei a pensar no que se faz debaixo do sol. Há um tempo em que uma pessoa tem domínio sobre outra pessoa, para seu próprio mal. Assim também vi os ímpios serem sepultados com honra, ao passo que os que frequentavam o lugar santo foram esquecidos na cidade onde fizeram o bem. Também isto é vaidade.

Nenhum ser humano pode impedir que seu espírito saia do corpo na morte, e nem pode ter controle do momento em que vai morrer. A morte é uma separação de corpo e espírito (Tiago 2:26; Gênesis 33:18; Salmo 146:3-4). Os mortos eventualmente serão esquecidos pelos vivos, independentemente de como tenham agido em vida.

2.14.7. ECLESIASTES 9:2-6

> Tudo acontece igualmente com todos: o mesmo acontece com o justo e com o ímpio, com o bom e com o mau, com o puro e com o impuro, com o que oferece sacrifícios e com o que não os oferece, com o bom e com o pecador, tanto com o que faz juramentos como com aquele que tem medo de fazê-los. Este é o mal que há em tudo o que se faz debaixo do sol: a mesma coisa acontece com todos. Também o coração das pessoas está cheio de maldade; está cheio de loucura enquanto elas vivem; depois, rumo aos mortos. Para aquele que está entre os vivos há esperança, porque mais vale um cão vivo do que um leão morto. Porque os vivos sabem que vão morrer, mas os mortos não sabem nada e não têm nenhuma recompensa a receber, porque a memória deles jaz no esquecimento. Amor, ódio e inveja para eles já não existem mais; eles estão afastados para sempre de tudo o que se faz debaixo do sol.

O contexto é a "vida debaixo do Sol", isto é, uma perspectiva meramente do mundo físico entre os vivos na terra, conforme declarado pela expressão "eles estão afastados para sempre de tudo o que se faz debaixo do sol". As palavras de Salomão não podem ser usadas para defesa de uma doutrina de inconsciência dos mortos. O ponto é que aqueles que morreram não podem mais interagir com coisa alguma na terra e, nesse sentido, não sabem nada sobre o que se passa com os vivos. Portanto, os mortos não receberão qualquer recompensa que venha da terra, eventualmente serão esquecidos pelos vivos, e não mais receberão amor, ódio ou inveja da parte dos vivos.

Todas as pessoas sofrerão a morte física, independentemente de como tenham procedido durante a vida na terra. Todos irão para o mundo dos mortos, seja um justificado, seja um não justificado. Os vivos, no entanto, têm esperança, pois ainda podem se converter ao Senhor. Aquele que morrer perderá essa oportunidade e, se não se apegou a Deus em vida, estará confinado ao mundo dos mortos e reservado para o juízo final.

2.14.8. ECLESIASTES 9:10

> Tudo o que vier às suas mãos para fazer, faça-o conforme as suas forças, porque na sepultura, para onde você vai, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma.

A palavra "sepultura" foi traduzida do hebraico *sheol*. Não é sempre que *sheol* se refere ao mundo dos mortos, podendo ser também, simplesmente, a sepultura. Se esse for o caso, um cadáver, de fato, não pode realizar nem obra e nem projetos, e muito menos adquirir conhecimento ou sabedoria.

Caso o significado de *sheol* aqui seja o mundo dos mortos, Salomão estaria afirmando que lá ninguém fará obras, projetos, nem vai adquirir conhecimento ou sabedoria alguma. Isso porque tais coisas deveriam ter sido feitas em vida, na terra, a "vida debaixo do Sol". Sendo assim, o *sheol* não é como a terra dos viventes – é como uma prisão escura onde aqueles que morreram aguardam o juízo final. Uma vez que aqueles que morreram não podem mais se converter a Deus se não o fizeram em vida, e nem podem interagir de forma alguma com o mundo dos vivos, não há mais necessidade de adquirir conhecimento ou sabedoria terrenos, ou realizar obras ou projetos como na terra, pois não há mais necessidade de testemunhar de suas vidas com coisa alguma – seus destinos já estão selados. Isso não quer dizer que os mortos estão inconscientes, mas apenas que a existência no *sheol* não é como a vida no mundo físico, e nem os mortos podem interagir com o mundo físico. É provável que a existência no *sheol* seja um estado enfraquecido, como demonstrado em Isaías 14:9-10 – se for assim, os habitantes do *sheol* podem não ter forças para fazer as mesmas coisas que faziam na terra – talvez uma consequência da ausência do corpo.

2.14.9. ECLESIASTES 12:6-7

> Lembre-se do seu Criador, antes que se rompa o fio de prata, e se despedace o copo de ouro, e se desfaleça a roda junto ao poço, e o pó volte à terra, de onde veio, e o espírito volte a Deus, que o deu.

A morte física é a separação da parte espiritual da parte material. A parte material retorna ao pó da terra e a parte espiritual retorna a Deus, o qual realizará juízo (Hebreus 9:27) e a encaminhará para a área do justificado ou a área do não justificado no *sheol*/*hades* (veja 1.3.15. Lucas 16:19-31). Além disso, a morte física é o limite de tempo para que as pessoas se apeguem a Deus. A vida de uma pessoa é bastante frágil e pode terminar repentinamente. Os mortos não podem se converter a Deus e, se não se apegaram a ele em vida, estarão perdidos para sempre.

2.14.10. ECLESIASTES 12:13-14

> De tudo o que se ouviu, a conclusão é esta: tema a Deus e guarde os seus mandamentos, porque isto é o dever de cada pessoa. Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más.

Temer a Deus e guardar seus mandamentos é dever de cada ser humano. Uma vez que é um dever, incorrerá em punição se não haver cumprimento. Mesmo o fiel do Antigo Testamento sabia que haverá um dia de juízo final onde tudo o que foi realizado em vida será exposto, seja bom, seja mau.

2.14.11. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE ECLESIASTES

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Eclesiastes, as informações são:

- Eclesiastes 1:4: em relação à longevidade das pessoas e das criaturas do planeta, a terra tem uma duração muito maior. Assim, Salomão comparou a terra como se fosse imune ao desgaste do tempo. A expressão hebraica *olam*, traduzida frequentemente como "para sempre", "em tempo nenhum" ou "eternamente", pode denotar um longo e indefinido período de tempo. Não é possível que o planeta Terra permaneça para sempre, pois 2 Pedro 3:10-11 afirma que será destruído pelo fogo na segunda vinda de Cristo;

- Eclesiastes 2:16: ao se considerar o destino do sábio e do tolo de um ponto de vista meramente natural, a morte é o fim para ambos. Sábios e tolos eventualmente serão esquecidos pelos vivos e ambos morrerão

da mesma forma: decompondo-se na terra. Pelo contexto, Salomão não está afirmando que o estado dos mortos no *sheol* é esquecimento, mas que, sem ser considerado Deus, tanto faz ser sábio ou tolo: ambos morrem da mesma forma e ambos, cedo ou tarde, serão esquecidos pelos vivos. Em outras palavras, sem Deus não há real recompensa em ser sábio;

- Eclesiastes 3:16-21: Deus permite que ocorra na terra um momento certo para cada propósito e cada obra. Isso implica que Deus não controla as vontades de ninguém, mas se limita a influenciar. Ao conceder a todos o livre arbítrio, Deus coloca à prova o caráter de todos. Uma vez que todos pecam, até mesmo o justo (Eclesiastes 7:20), se o ser humano for deixado por si só, será interesseiro e egoísta tal como os animais e morrerá como eles, não tendo nenhuma vantagem sobre eles. No entanto, isso não significa que Deus fez o homem pecador, mas que ele cedeu, e continua cedendo, ao pecado (Eclesiastes 7:29) por causa de seu interesse próprio. Assim, Deus julgará tanto o justificado quanto o não justificado. O fiel do Antigo Testamento já tinha a noção de um momento de juízo, o qual é, em última análise, o juízo final na segunda vinda de Cristo. Embora os animais sejam descritos como possuindo "fôlego de vida" (como em Gênesis 7:15), isso apenas significa que Deus deu a vida tanto ao homem quanto aos animais, e essa vida pode terminar da mesma forma. Aparentemente, o ser humano é o único ser material que possui um espírito que permite que a alma possa permanecer após a morte do corpo. Aparentemente, por não possuírem espírito, animais podem ter almas que simplesmente desaparecem quando morre o corpo. Assim, parece mais provável que uma alma desprovida de espírito, como é o caso dos animais, simplesmente deixe de existir quando morre o corpo. Apenas uma alma vinculada a um espírito, como é o caso do ser humano, pode ter existência após a morte física. É possível que Salomão tenha suspeitado que a parte espiritual do ser humano vá até as alturas onde está Deus (Eclesiastes 12:7) para receber juízo (Hebreus 9:27), isto é, ser encaminhada para a área do justificado ou a área do não justificado no *sheol*/*hades*, e a parte espiritual dos animais simplesmente deixe de existir quando eles morrem e se decompõem na terra;

- Eclesiastes 4:1-2: o ponto de Salomão não é que os mortos são mais felizes do que os vivos no *sheol*, mas que os mortos não têm mais que passar pela opressão e violência que os vivos sofrem na terra – nesse sentido são "mais felizes". Os mortos não podem mais interagir no mundo dos vivos e, portanto, não podem mais sofrer suas injustiças;

- Eclesiastes 6:3-6: tanto aquele que teve abundância de prosperidade material quanto um ser humano abortado irão para o mesmo lugar: o *sheol*. Ele é retratado como um lugar de trevas. O referido descanso no *sheol* não se refere a um repouso ou sono, mas significa que os mortos não podem mais sofrer as aflições do mundo dos vivos e, nesse sentido, estão livres delas. De um ponto de vista meramente natural, aquele que teve muita prosperidade em vida, mas não conseguiu aproveitar dela, teve apenas labuta – não poderá aproveitar nada do que conseguiu após a morte. Um ser humano abortado é "mais feliz" no sentido que não precisou labutar por nada e, na morte, está na mesma situação daquele que conquistou muitos bens. Na morte, ambos não têm nada, mas o aborto, pelo menos, não teve labuta;

- Eclesiastes 8:8-10: nenhum ser humano pode impedir que seu espírito saia do corpo na morte, e nem pode ter controle do momento em que vai morrer. A morte é uma separação de corpo e espírito (Tiago 2:26; Gênesis 33:18; Salmo 146:3-4). Os mortos eventualmente serão esquecidos pelos vivos, independentemente de como tenham agido em vida;

- Eclesiastes 9:2-6: aqueles que morreram não podem mais interagir com coisa alguma na terra e, nesse sentido, não sabem nada sobre o que se passa com os vivos. Portanto, os mortos não receberão qualquer recompensa que venha da terra, eventualmente serão esquecidos pelos vivos, e não mais receberão amor, ódio ou inveja da parte dos vivos. Todas as pessoas sofrerão a morte física, independentemente de como tenham procedido durante a vida na terra. Todos irão para o mundo dos mortos, seja um justificado, seja um não justificado. Os vivos, no entanto, têm esperança, pois ainda podem se converter ao Senhor. Aquele que morrer perderá essa oportunidade e, se não se apegou a Deus em vida, estará confinado ao mundo dos mortos e reservado para o juízo final;

- Eclesiastes 9:10: não é sempre que *sheol* se refere ao mundo dos mortos, podendo ser também, simplesmente, a sepultura. Se esse for o caso em Eclesiastes 9:10, um cadáver, de fato, não pode realizar

nem obra e nem projetos, e muito menos adquirir conhecimento ou sabedoria. Caso o significado de *sheol* em Eclesiastes 9:10 seja o mundo dos mortos, Salomão estaria afirmando que lá ninguém fará obras, projetos, nem vai adquirir conhecimento ou sabedoria alguma. Isso porque tais coisas deveriam ter sido feitas em vida, na terra, a "vida debaixo do Sol". Sendo assim, o *sheol* não é como a terra dos viventes – é como uma prisão escura onde aqueles que morreram aguardam o juízo final. Uma vez que aqueles que morreram não podem mais se converter a Deus se não o fizeram em vida, e nem podem interagir de forma alguma com o mundo dos vivos, não há mais necessidade de adquirir conhecimento ou sabedoria terrenos, ou realizar obras ou projetos como na terra, pois não há mais necessidade de testemunhar de suas vidas com coisa alguma – seus destinos já estão selados. Isso não quer dizer que os mortos estão inconscientes, mas apenas que a existência no *sheol* não é como a vida no mundo físico, e nem podem os mortos interagir com o mundo físico. É provável que a existência no *sheol* seja um estado enfraquecido, como demonstrado em Isaías 14:9-10. Se for assim, os habitantes do *sheol* podem não ter forças para fazer as mesmas coisas que faziam na terra – talvez uma consequência da ausência do corpo;

- Eclesiastes 12:6-7: a morte física é a separação da parte espiritual da parte material. A parte material retorna ao pó da terra e a parte espiritual retorna a Deus, o qual realizará juízo (Hebreus 9:27) e a encaminhará para a área do justificado ou a área do não justificado no *sheol*/*hades*. Além disso, a morte física é o limite de tempo para que as pessoas se apeguem a Deus. A vida de uma pessoa é bastante frágil e pode terminar repentinamente. Os mortos não podem se converter a Deus e, se não se apegaram a ele em vida, estarão perdidos para sempre;

- Eclesiastes 12:13-14: temer a Deus e guardar seus mandamentos é dever de cada ser humano. Uma vez que é um dever, incorrerá em punição se não haver cumprimento. Mesmo o fiel do Antigo Testamento sabia que haverá um dia de juízo final onde tudo o que foi realizado na vida será exposto, seja bom, seja mau.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

A chave para entender corretamente o Livro de Eclesiastes é que Salomão vê as coisas de uma perspectiva meramente terrena, o que é constatado constantemente pela expressão "debaixo do Sol". Eclesiastes se foca em observar a vida de um ponto de vista meramente natural, considerando apenas o que ocorre na Terra.

Em relação à longevidade das pessoas e das criaturas do planeta, a terra tem uma duração muito maior. Assim, Salomão comparou a terra como se fosse imune ao desgaste do tempo. A expressão hebraica *olam*, traduzida frequentemente como "para sempre", "em tempo nenhum" ou "eternamente", pode denotar um longo e indefinido período de tempo. Não é possível que o planeta Terra permaneça para sempre, pois 2 Pedro 3:10-11 afirma que será destruído pelo fogo na segunda vinda de Cristo.

Temer a Deus e guardar seus mandamentos é dever de cada ser humano. Uma vez que é um dever, incorrerá em punição se não haver cumprimento. Mesmo o fiel do Antigo Testamento sabia que haverá um dia de juízo final onde tudo o que foi realizado em vida será exposto, seja bom, seja mau – em última análise, o juízo final na segunda vinda de Cristo.

Deus permite que ocorra na terra um momento certo para cada propósito e cada obra. Isso implica que Deus não controla as vontades de ninguém, mas se limita a influenciar. Ao conceder a todos o livre arbítrio, Deus coloca à prova o caráter de todos. Uma vez que todos pecam, até mesmo o justo (Eclesiastes 7:20), se o ser humano for deixado por si só, será interesseiro e egoísta tal como os animais, e morrerá da mesma forma que eles, não tendo nenhuma vantagem sobre eles. No entanto, isso não significa que Deus fez o homem pecador, mas que ele cedeu, e continua cedendo, ao pecado (Eclesiastes 7:29) por causa de seu interesse próprio. Assim, Deus julgará tanto o justificado quanto o não justificado.

Ao se considerar o destino do sábio e do tolo de um ponto de vista meramente natural, a morte é o fim para ambos. Sábios e tolos eventualmente serão esquecidos pelos vivos, independentemente de como tenham agido em vida, e ambos morrerão da mesma forma: decompondo-se na terra. Nenhum ser humano pode impedir que seu espírito saia do corpo na morte, e nem pode ter controle do momento em que vai morrer. A morte é uma

separação de corpo e espírito. Tanto aquele que teve abundância de prosperidade material quanto um ser humano abortado sofrem a morte física e irão para o mesmo lugar: o *sheol*.

A morte física é a separação da parte espiritual da parte material. A parte material retorna ao pó da terra e a parte espiritual retorna a Deus, o qual realizará juízo e a encaminha para a área do justificado ou a área do não justificado no *sheol/hades*. Além disso, a morte física é o limite de tempo para que as pessoas se apeguem a Deus. A vida de uma pessoa é bastante frágil e pode terminar repentinamente. Os mortos não podem se converter a Deus e, se não se apegaram a ele em vida, estarão perdidos para sempre.

Embora os animais sejam descritos como possuindo "fôlego de vida" (como em Gênesis 7:15), isso significa que Deus deu a vida tanto ao homem quanto aos animais, e essa vida pode terminar da mesma forma. Aparentemente, o ser humano é o único ser material que possui um espírito que permite que a alma possa permanecer após a morte do corpo. Aparentemente, por não possuírem espírito, animais podem ter almas que simplesmente desaparecem quando morre o corpo. Assim, parece mais provável que uma alma desprovida de espírito, como é o caso dos animais, simplesmente deixe de existir quando morre o corpo – apenas uma alma vinculada a um espírito, como é o caso do ser humano, pode ter existência após a morte física. É possível que Salomão tenha suspeitado que a parte espiritual do ser humano vá até as alturas onde está Deus para receber juízo, isto é, ser encaminhada para a área do justificado ou a área do não justificado no *sheol/hades*, e a parte espiritual dos animais simplesmente deixe de existir quando eles morrem e se decompõem na terra.

De um ponto de vista meramente natural, aquele que teve muita prosperidade em vida, mas não conseguiu aproveitar dela, teve apenas labuta – não poderá aproveitar nada do que conseguiu após a morte. Um ser humano abortado é "mais feliz" no sentido de que não precisou labutar por nada e, na morte, está na mesma situação daquele que conquistou muitos bens. Na morte, ambos não têm nada, mas o aborto, pelo menos, não teve labuta. Sem ser considerado Deus, tanto faz ser sábio ou tolo: ambos morrem da mesma forma e ambos, cedo ou tarde, serão esquecidos pelos vivos. Em outras palavras, sem Deus não há real recompensa em ser sábio.

Todas as pessoas sofrerão a morte física, independentemente de como tenham procedido durante a vida na terra. Todos irão para o mundo dos mortos, seja um justificado, seja um não justificado. Não é sempre que *sheol* se refere ao mundo dos mortos, podendo ser também, simplesmente, a sepultura. Um cadáver, de fato, não pode realizar nem obra e nem projetos, e muito menos adquirir conhecimento ou sabedoria. Os vivos, no entanto, têm esperança, pois ainda podem se converter ao Senhor. Aquele que morrer perderá essa oportunidade e, se não se apegou a Deus em vida, estará confinado ao mundo dos mortos e reservado para o juízo final. O *sheol*, no sentido de mundo dos mortos, é retratado como um lugar de trevas.

O descanso no *sheol* não se refere a um repouso ou sono, mas significa que os mortos não podem mais sofrer as aflições do mundo dos vivos e, nesse sentido, estão livres delas. Os mortos no *sheol* são "mais felizes" do que os vivos no sentido de que não têm mais que passar pela opressão e violência que os vivos sofrem na terra. Eles não podem mais interagir no mundo dos vivos e, portanto, não podem mais sofrer as injustiças dele. Por não mais poderem interagir com o mundo dos vivos, não sabem nada sobre o que se passa com eles. Portanto, os mortos não receberão qualquer recompensa que venha da terra, eventualmente serão esquecidos pelos vivos, e não mais receberão amor, ódio ou inveja da parte dos vivos.

No *sheol* ninguém fará obras, projetos, nem vai adquirir conhecimento ou sabedoria alguma. Isso porque tais coisas deveriam ter sido feitas em vida, na terra, a vida "debaixo do Sol". Sendo assim, o *sheol* não é como a terra dos viventes – é como uma prisão escura onde aqueles que morreram aguardam o juízo final. Uma vez que aqueles que morreram não podem mais se converter a Deus se não o fizeram em vida, e nem podem interagir de forma alguma com o mundo dos vivos, não há mais necessidade de adquirir conhecimento ou sabedoria terrenos, ou realizar obras ou projetos como na terra, pois não há mais necessidade de testemunhar de suas vidas com coisa alguma – seus destinos já estão selados. Isso não quer dizer que os mortos estão inconscientes, mas apenas que a existência no *sheol* não é como a vida no mundo físico, e nem podem os mortos interagir com o mundo físico. É provável que a existência no *sheol* seja um estado enfraquecido. Se for assim, os habitantes do *sheol* podem não ter forças para fazer as mesmas coisas que faziam na terra – talvez uma consequência da ausência do corpo.

2.15. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DE CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas de Cântico dos Cânticos. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.15.1. CÂNTICO DOS CÂNTICOS 8:6 E A ESCATOLOGIA DE CÂNTICO DOS CÂNTICOS

> Ponha-me como selo sobre o seu coração, como selo sobre o seu braço, porque o amor é tão forte como a morte, e o ciúme é tão duro como a sepultura. As suas chamas são chamas de fogo, são labaredas enormes.

A palavra "sepultura" foi traduzida do hebraico *sheol*. A palavra "duro" tem o sentido de ser cruel, severo, obstinado, rigoroso. Assim, o *sheol* foi comparado a ser tão duro, cruel, obstinado e rigoroso como o ciúme que ocorre entre duas pessoas fortemente apaixonadas.

2.16. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE ISAÍAS [9]

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta (na medida do possível) das passagens escatológicas do Livro de Isaías. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.16.1. ISAÍAS 1:27-28

> Sião será redimida pelo direito, e os que se arrependem, pela justiça. Mas os transgressores e os pecadores serão juntamente destruídos, e os que deixarem o SENHOR perecerão.

Essa passagem não trata de uma restauração futura de Israel e nem de que os ímpios serão eliminados da existência. O contexto é que Jerusalém, na época de antes de sua destruição em 586 a.C. (por Nabucodonosor da Babilônia), estava afastada dos caminhos do Senhor e, como outros profetas, Isaías profetizou sua destruição. Profetizou também uma restauração posterior. Isso se cumpriu, pois Jerusalém foi destruída pelos babilônios, o povo foi levado ao exílio, no entanto, setenta anos depois, o povo retornou para sua terra. Nesse sentido é que "Sião será redimida pelo direito, e os que se arrependem, pela justiça". No entanto, esse povo que retornou foi um remanescente. Os demais judeus que não foram fiéis pereceram.

2.16.2. ISAÍAS 2:2-5

> Nos últimos dias, o monte do templo do SENHOR será estabelecido no alto dos montes e se elevará sobre as colinas, e para ele afluirão todas as nações. Muitos povos virão e dirão: "Venham, subamos ao monte do SENHOR e ao templo do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos nas suas veredas." Porque de Sião sairá a lei, e a palavra do SENHOR, de Jerusalém. Ele julgará as nações e corrigirá muitos povos. Estes transformarão as suas espadas em lâminas de arados e as suas lanças, em foices. Nação não levantará a espada contra nação, nem aprenderão mais a guerra. Venham, ó casa de Jacó, e andemos na luz do SENHOR.

Essa profecia foi cumprida na primeira vinda de Cristo e na instituição da Igreja. O início da Nova Aliança se deu em meio aos judeus, com Cristo, assim como a Igreja, e muitas pessoas de diferentes nações se converteram, e ainda se convertem, ao cristianismo. Jesus, de fato, é quem julga as nações e corrige os povos. Os cristãos são um povo pacífico, o qual atenta para bênçãos espirituais, e não coisas físicas como a conquista de territórios por meio de guerra. A guerra passou a ser espiritual, com o foco de trazer pessoas para o Senhor, o que é simbolizado em uma das profecias de Isaías em que as pessoas não mais possuem armas de guerra, mas ferramentas para colher frutos a Deus, ou seja, convertidos. Os cristãos de nações diferentes não guerreiam uns com os outros, mas andam juntos na luz do Senhor – a Nova Aliança.

2.16.3. ISAÍAS 2:10-21

> Entre no meio das rochas e esconda-se no pó, ante o terror do SENHOR e a glória da sua majestade. Os olhos arrogantes serão abatidos, e a soberba humana será humilhada; só o SENHOR será exaltado naquele dia. Porque o Dia do SENHOR dos Exércitos será contra todos os orgulhosos e arrogantes e contra todos os que se exaltam, para que sejam humilhados; contra todos os cedros do Líbano, altos e imponentes; e contra todos os carvalhos de Basã; contra todos os montes altos e contra todas as colinas elevadas; contra toda torre alta e

> contra toda muralha firme; contra todos os navios de Társis e contra tudo o que é belo à vista. A arrogância das pessoas será abatida, e a soberba humana será humilhada; só o SENHOR será exaltado naquele dia. Os ídolos serão totalmente destruídos. Então as pessoas se meterão nas cavernas e nos buracos da terra, ante o terror do SENHOR e a glória de sua majestade, quando ele se levantar para encher a terra de espanto. Naquele dia, as pessoas lançarão aos ratos e aos morcegos os seus ídolos de prata e os seus ídolos de ouro, que fizeram para adorar, e entrarão nas fendas dos penhascos, para fugir do terror do SENHOR e da glória da sua majestade, quando ele se levantar para encher a terra de espanto.

Não existe apenas um dia do Senhor na Bíblia, mas tipos de vindas do Senhor. Um desses tipos se trata de um acerto de contas entre o Senhor e uma nação ou reino, a qual recebe julgamento divino – esse é o tipo representa os vários "dias do Senhor" descritos na Bíblia contra nações ímpias. Outro tipo é a segunda vinda de Cristo, a qual traz o juízo final, a ressurreição dos mortos, o fim do mundo, e a plenitude do reino dos céus com a restauração de todas as coisas em um estado de perfeição eterno, em um mesmo evento. A linguagem do dia do Senhor nessa passagem é a mesma usada nas Escrituras para falar da extinção de reis e reinos na Terra, tais como o faraó do Egito (Ezequiel 32:2,7-10), as nações gentias (Joel 3:12-15) e a Babilônia (Isaías 13:9,10,13).

Isaías profetizou um dia do Senhor – um dia de julgamento local – contra a terra de Israel, conforme o contexto estabelece em Isaías 2:6-9 e, também, em todo o capítulo e em Isaías 4:1. Mais especificamente, os infiéis do povo de Israel são o alvo da profecia, particularmente os orgulhosos, arrogantes, soberbos, idólatras, e aqueles que são importantes e exaltados entre as pessoas e que não andam com Deus (os quais são representados com figuras na profecia tais como "montes altos", "colinas elevadas", "torre alta", "muralha firme", "navios de Társis" e "tudo o que é belo à vista"). Como em outros casos ao longo da Bíblia, julgamentos locais da parte de Deus têm os objetivos de punir os culpados, glorificar a Deus, chamar pessoas ao arrependimento e livrar os justos. A profecia se cumpriu quando o reino de Judá foi assolado pela Babilônia, culminando com a destruição do templo em 586 a.C. Deus frequentemente utilizou nações para punir nações. Isaías usou imagens fortes para retratar os dias em que os babilônios sitiaram e assolaram a terra de Israel – tais imagens demonstram que houve muito terror, as pessoas buscaram desesperadamente algum livramento e perceberam que nenhum ídolo podia livrá-las, dispondo-se deles.

2.16.4. ISAÍAS 4:2

> Naquele dia, o Renovo do SENHOR será de beleza e de glória; e o fruto da terra será o orgulho e a glória para os de Israel que forem salvos.

Frequentemente, nos profetas do Antigo Testamento, observa-se que, após profecias de julgamento contra Israel, são proferidas profecias de bênçãos. Um dos objetivos do juízo descrito nos capítulos 2 e 3, até Isaías 4:1, foi deixar em Israel um remanescente mais fiel. Deus prefere um grupo menor, mas fiel, do que um grupo grande e infiel. Desse remanescente procedeu o Messias, o qual é Jesus Cristo, e as diversas bênçãos dele decorrentes (contempladas nas figuras descritas em Isaías 4:3-6). O "Renovo do SENHOR" contempla todos esses aspectos.

2.16.5. ISAÍAS 5:14-16

> Por isso, a sepultura aumentou o seu apetite e abriu ao máximo a sua boca. Para lá desce o esplendor de Jerusalém e a sua multidão, o seu ruído, e os que nela se alegram. Então o povo será abatido e as pessoas se humilharão; e os olhos dos orgulhosos serão humilhados. Mas o SENHOR dos Exércitos será exaltado em juízo; Deus, o Santo, será santificado em justiça.

Ainda falando do juízo contra os infiéis do povo de Israel, Isaías usou figuras fortes para alertar sobre o rigor do dia de acerto de contas. De fato, quando os babilônios destruíram o reino de Judá, os infiéis foram mortos e tiveram seu esplendor terminado, mas aqueles que foram para o exílio na Babilônia se sentiram abatidos e humilhados. No entanto, esse processo foi para gerar um remanescente mais fiel do qual procedeu o Messias e, com isso, Deus foi exaltado por sua justiça.

A palavra "sepultura" foi traduzida do hebraico *sheol*. Isaías retratou o *sheol* como sendo uma bocarra faminta e insaciável para tragar o povo infiel, sendo também o fim do esplendor e alegria daqueles que foram julgados por Deus.

2.16.6. ISAÍAS 6:11-13

> Então eu perguntei: "Até quando, SENHOR?" Ele respondeu: "Até que as cidades estejam em ruínas e fiquem sem habitantes, as casas fiquem sem moradores e a terra esteja em ruínas e devastada, e o SENHOR afaste dela o povo, e no meio da terra sejam muitos os lugares abandonados. Mas, se ainda ficar a décima parte dela, tornará a ser destruída. Como o terebinto e como o carvalho, dos quais, depois de derrubados, ainda fica o toco, assim a santa semente será o seu toco."

Isaías perguntou ao Senhor até quando ele pregaria a Palavra de Deus e o povo de Israel não daria ouvidos a ele. O Senhor respondeu que seria assim até que o povo perdesse sua terra, a qual seria devastada. A "terra" não se trata do planeta todo, mas do território de Israel. Isaías se referiu à queda inevitável do reino de Judá diante da Babilônia e ao exílio de seu povo para lá. Disso procedeu, mais tarde, um remanescente mais fiel, o qual Deus preparou para vinda do Messias.

2.16.7. ISAÍAS 8:9-10

> Fiquem furiosos, ó povos, e serão despedaçados! Deem ouvidos, todos os países distantes! Preparem-se para a batalha e vocês serão despedaçados! Sim, preparem-se para a batalha e vocês serão despedaçados! Elaborem projetos, mas eles serão frustrados; deem ordens, mas elas não serão cumpridas, porque Deus está conosco.

Isaías não se referiu a uma batalha literal onde aqueles que não estão com Deus atacam os santos. Essa profecia significa que o povo de Deus sempre possui proteção divina, embora não seja isento de sofrimento, e todos aqueles que se levantarem contra ele, cedo ou tarde, perecerão e/ou terão seus planos frustrados. Por exemplo, isso foi particularmente notável quando o Império Romano se levantou contra a Igreja.

2.16.8. ISAÍAS 8:18-22

> Eis-me aqui, com os filhos que o SENHOR me deu, como sinais e maravilhas em Israel da parte do SENHOR dos Exércitos, que habita no monte Sião. Quando disserem a vocês: "Consultem os médiuns e os adivinhos, que sussurram e murmuram", será que um povo não deveria consultar o seu Deus? A favor dos vivos se consultarão os mortos? À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, jamais verão a luz do alvorecer. Passarão pela terra duramente oprimidos e famintos. E, quando tiverem fome, enfurecendo-se, amaldiçoarão o seu rei e o seu Deus, olhando para cima. Olharão para a terra, e eis aí angústia, escuridão e sombras de ansiedade; e serão lançados em densas trevas.

Isaías não se referiu a algum evento futuro específico em que as pessoas vão fazer o que Deus desaprova e então sofrerão e o amaldiçoarão. O ponto da profecia é que Deus reprova fortemente aqueles que procuram consultar quaisquer fontes de informação para conduzir a vida que não seja sua Palavra, particularmente a consulta aos médiuns, adivinhos e mortos. Aqueles que persistem em fazer tais coisas estão, na verdade, com uma "fome" de conhecimento para guiar suas vidas, mas jamais encontrarão nessas coisas o conhecimento que desejam – apenas a Palavra de Deus pode saciar tal "fome". Coisas ruins procederão àqueles que persistem em buscar fontes de conhecimento que Deus reprova e, uma vez que as pessoas não encontram nelas o que querem, sofrem e acabam praguejando contra Deus, que é também o rei delas. O coração de tais pessoas está nas coisas da terra, buscando o que querem em lugares errados e, por isso, permanecem em escuridão e sofrendo ansiedades. O resultado final de tal persistência serão as densas trevas do mundo dos mortos.

2.16.9. ISAÍAS 9:1-2

> Mas para a terra que estava aflita não continuará a escuridão. Deus, nos primeiros tempos, tornou desprezível a terra de Zebulom e a terra de Naftali, mas, nos últimos tempos, tornará glorioso o caminho do mar, além do Jordão, Galileia dos gentios. O povo que andava em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte resplandeceu-lhes a luz.

As terras de Zebulom e Naftali foram posteriormente conhecidas como alta e baixa Galileia, e foram assoladas pelo rei assírio Tiglate-Pileser (2 Reis 15:29). A mesma região, descrita por Isaías em termos diferentes (a primeira descrição representou as divisões tribais, a segunda descrição representou a região geográfica), passou a ser o cenário de uma glória maior: a grande luz do Messias, Jesus Cristo (Mateus 4:15-16; Lucas 1:79). O contexto indica que o "mar" é aquele que aparece na história da Bíblia sob os nomes de Mar de Quinerete (Números 34:11;

Deuteronômio 3:17), o Mar da Galileia, o Mar de Tiberíades (João 6:1), Genesaré (Marcos 6:53). A referência a "além do Jordão" é a Pérsia da geografia posterior, a qual incluía as regiões de Gileade e Basã, os antigos reinos de Moabe e Amom, as tribos de Rúben, Gade e metade da tribo de Manassés. Eles também haviam sofrido a devastação dos exércitos assírios sob Pul (1 Crônicas 5:26). A palavra "Galileia", derivada da mesma raiz que Gilgal (Josué 5:9), significa estritamente "um círculo" ou "circuito" e foi aplicada às terras às bordas da fronteira fenícia do antigo reino do norte (Israel), a qual foi habitada por uma população mista e, portanto, conhecida como "Galileia dos Gentios" (Mateus 4:15-16).

Isaías, portanto, previu que a Galileia dos Gentios, ou seja, as regiões que compreendiam as terras antes assoladas, desprezadas e que estavam longe da luz dos ensinamentos do Senhor (as terras da antiga divisão tribal de Zebulom e Naftali, mais tarde englobando o Mar de Quinerete/Galileia/Tiberíades/Genesaré, as regiões de Gileade e Basã, os antigos reinos de Moabe e Amom, as tribos de Rúben, Gade e metade da tribo de Manassés, as quais foram a Pérsia da geografia posterior), seria o cenário em que resplandeceria a luz do Messias, Jesus Cristo (Mateus 4:15-16; Lucas 1:79). A referida região foi desprezada nos "primeiros tempos", mas viu luz nos "últimos tempos", o que significa que os dias da época de Cristo já eram considerados os "últimos dias" desde a época do Antigo Testamento, a qual foi considerada como os "primeiros dias". A ausência da prática dos ensinamentos de Deus foi comparada, na profecia, a uma região à "sombra da morte".

2.16.10. ISAÍAS 9:6-7

> Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu. O governo está sobre os seus ombros, e o seu nome será: "Maravilhoso Conselheiro", "Deus Forte", "Pai da Eternidade", "Príncipe da Paz". Ele estenderá o seu governo, e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e para o firmar com juízo e com justiça, desde agora e para sempre. O zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto.

Prevendo a vinda do Messias, a primeira vinda de Cristo, Isaías concedeu a ele os títulos de "Maravilhoso Conselheiro", "Deus Forte", "Pai da Eternidade", "Príncipe da Paz", os quais, em última análise, indicam que o Messias é Deus. O reino do Messias é firmado sob o trono de Davi porque o Messias é, segundo a carne, descendente de Davi. Seu reino é firmado em justiça e, também, juízo, ou seja, punição contra os desobedientes – o que alude aos vários "dias do Senhor" da Bíblia, as visitações locais de Deus para punir desobedientes e dar livramento aos fiéis. Há paz sem fim em seu trono e seu governo já estava decretado na época de Isaías e permanece para sempre. É verdade que, segundo o Novo Testamento, quando o último inimigo (a morte) for derrotado, o governo é retornado a Deus Pai (1 Coríntios 15:24-26), porém, de qualquer forma, Cristo efetivamente sempre correinou com Deus Pai, tanto no início do tempo quanto no fim – nesse sentido é que seu reino é eterno. Conforme a luz do Novo Testamento, o reino do Messias não é na Terra, mas no céu.

2.16.11. ISAÍAS 11:1-16

> Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes brotará um renovo. Repousará sobre ele o Espírito do SENHOR, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do SENHOR. Ele terá o seu prazer no temor do SENHOR. Não julgará segundo a aparência, nem decidirá pelo que ouviu dizer, mas julgará com justiça os pobres e decidirá com equidade a favor dos mansos da terra. Castigará a terra com a vara de sua boca e com o sopro dos seus lábios matará o perverso. O cinto dele será a justiça, e a verdade será a faixa na cintura. O lobo habitará com o cordeiro, o leopardo se deitará junto do cabrito, o bezerro, o leão novo e o novilho gordo andarão juntos, e um pequenino os guiará. A vaca e a ursa pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; e o leão comerá palha como o boi. A criança de peito brincará sobre a toca da cobra, e o já desmamado meterá a mão no ninho da serpente. Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar. Naquele dia, a raiz de Jessé estará posta por estandarte dos povos. As nações recorrerão a ela, e a glória será a sua morada. Naquele dia, o SENHOR tornará a estender a mão para resgatar o resto do seu povo, que for deixado, da Assíria, do Egito, de Patros, da Etiópia, de Elão, de Sinar, de Hamate e das terras do mar. Levantará um estandarte para as nações, ajuntará os desterrados de Israel e recolherá os dispersos de Judá desde os quatro cantos da terra. A inveja de Efraim acabará, e os adversários de Judá serão eliminados. Efraim não terá inveja de Judá, e Judá não oprimirá Efraim. Ao contrário, voarão sobre os ombros dos filisteus, ao Ocidente; juntos despojarão os filhos do Oriente; estenderão as mãos sobre Edom e Moabe, e os filhos de Amom lhes serão sujeitos. O SENHOR destruirá totalmente o golfo do mar do Egito, e com a força do seu vento moverá a mão contra o Eufrates, dividindo-o em sete canais, para que qualquer um

possa atravessá-lo de sandálias. Haverá um caminho plano para o resto do seu povo que for deixado na Assíria, como houve para Israel no dia em que saiu da terra do Egito.

Isaías profetizou sobre o renovo, ou rebento, que surgiu das raízes de Jessé, pai de Davi, e o identificou como aquele que tem o Espírito do Senhor que confere a ele conselho, fortaleza, conhecimento e temor do Senhor. É uma profecia importante sobre o rei messiânico, cumprida em Jesus e confirmada em Apocalipse 5:5. Paulo aplicou essa mesma profecia a Jesus em Romanos 15:8-13. No Livro de Apocalipse, Jesus mesmo afirmou ser essa raiz (Apocalipse 22:16). A profecia em Isaías 11 se referiu ao caráter do rei então vindouro e da natureza pacífica e justa de seu reinado (Isaías 11:1-16). Mais tarde, Jeremias escreveu sobre sua integridade (Jeremias 23:5; 30:9; 33:14-16), e Ezequiel descreveu esse "Davi" como um pastor que apascentaria seu povo (Ezequiel 34:23-24; 37:24-25). A profecia de Isaías 11 se cumpriu na primeira vinda de Cristo e no seu legado deixado na Terra, a Igreja.

Quando Jesus veio à Terra, certamente não julgou segundo a aparência e nem tomou decisões pelo que ouviu dizer, mas fez tudo pela sabedoria e justiça de Deus, segundo o poder do Espírito Santo. Jesus aplicou a justiça de Deus, a qual justificava o pobre de espírito e aos mansos da terra, mas ao mesmo tempo condenava os perversos. Após sua ressurreição, Cristo recebeu toda autoridade nos céus e na terra (Mateus 28:18) e, após sua ascensão ao céu (Atos 1:9), passou a governar em um trono celestial, e não terreno (Hebreus 1:3). A partir desse trono, à destra de Deus, a Palavra dele traz punição para os não justificados, o que resulta nas visitações de Cristo para julgamento local contra as nações da terra (o que foi particularmente notável nos julgamentos contra Jerusalém em 70 d.C. e na queda do Império Romano em 476 d.C.). Jesus, pela sua Palavra, continua trazendo juízo às nações da Terra, até que chegue o dia de sua segunda vinda, o juízo final, a qual trará fogo à Terra para sua destruição (2 Tessalonicenses 1:6-10; 2 Pedro 3:7,10) e eliminará o "homem da iniquidade" (2 Tessalonicenses 2:8). Os julgamentos de Cristo sempre foram alicerçados na justiça e na verdade.

Isaías 11 é uma profecia muito mal entendida e, de forma alguma, se refere a um futuro reino messiânico terreno. As figuras utilizadas na profecia em que vários animais hostis um ao outro habitam juntos em paz, tanto entre eles mesmos quanto entre as pessoas, são símbolos da paz que são obtidos ao se converter a Cristo e viver seus ensinamentos. O santo monte de Deus é uma figura para o reino de Deus na Terra, ou seja, a Igreja, onde há a paz e a glória de Deus. Os convertidos a Cristo formam a Igreja, e nela há convertidos de todos os níveis sociais, diferentes nações, diferentes etnias, etc. Aqueles que eram inimigos antes de se converterem a Cristo passam a ser irmãos após a conversão. A Igreja se espalhou para todas as direções da Terra a partir da Jerusalém do primeiro século, conquistando os inimigos espirituais (cobiça, inveja, mentira, escravidão ao pecado, etc.), os quais foram representados na profecia pelas nações que eram inimigas do antigo Israel. O Senhor possibilitou o caminho para chegar à conversão a Cristo, o que foi representado na profecia como o endireitamento do terreno dos antigos inimigos de Israel, de forma que aqueles que buscam a Cristo possam chegar a ele.

2.16.12. ISAÍAS 13:1-22

Sentença contra a Babilônia que Isaías, filho de Amoz, recebeu numa visão. Sobre um monte escalvado, levantem um estandarte. Ergam a voz para eles, acenem com a mão, para que entrem pelos portões dos príncipes. Eu dei ordens aos meus consagrados, sim, chamei os meus valentes, os que exultam com a minha majestade, para que executem a minha ira. Já se ouve sobre os montes um rumor como o de uma grande multidão, o clamor de reinos e de nações já congregados. O SENHOR dos Exércitos reúne as tropas de guerra. Eles vêm de um país remoto, desde a extremidade dos céus: é o SENHOR e os instrumentos da sua indignação, para destruir toda a terra. Lamentem, pois o Dia do Senhor está perto; ele vem como destruição da parte do Todo-Poderoso. Por isso, todas as mãos desfalecerão, e o coração de todos se derreterá. Ficarão apavorados; angústia e dores tomarão conta deles, e se contorcerão qual mulher que está dando à luz. Olharão espantados uns para os outros, com os rostos da cor do fogo. Eis que vem o Dia do Senhor, dia cruel, com ira e ardente furor, para fazer da terra uma desolação e exterminar dela os pecadores. Porque as estrelas e constelações dos céus não darão a sua luz; o sol, logo ao nascer, se escurecerá, e a lua não fará resplandecer a sua luz. "Castigarei o mundo por causa da sua maldade, e os perversos, por causa da sua iniquidade. Farei cessar a arrogância dos atrevidos e abaterei o orgulho dos violentos. Farei com que as pessoas sejam mais escassas do que o ouro puro, mais raras do que o ouro de Ofir. Portanto, farei estremecer os céus, e a terra será sacudida do seu lugar, por causa da ira do SENHOR dos Exércitos e por causa do dia do seu ardente furor. Cada um será como a gazela que foge e como o rebanho que ninguém recolhe; cada um voltará para o seu povo e cada um fugirá para a sua terra. Quem for achado será traspassado, e aquele que for apanhado será morto à espada. As crianças serão esmagadas diante dos olhos deles; as casas serão saqueadas, e as mulheres deles, violentadas. Eis que contra os babilônios eu despertarei os medos, que não farão caso de prata, nem se

> alegrarão com ouro. As suas flechas matarão os jovens; eles não se compadecerão dos recém-nascidos, e os seus olhos não pouparão as crianças. Babilônia, a joia dos reinos, glória e orgulho dos caldeus, será como Sodoma e Gomorra, quando Deus as destruiu. Nunca mais será habitada, ninguém morará nela de geração em geração. Os árabes não armarão ali as suas tendas, e os pastores não levarão para lá os seus rebanhos. Porém, nela, os animais do deserto repousarão, e as suas casas se encherão de corujas. Ali habitarão os avestruzes, e os bodes selvagens pularão ali. As hienas uivarão nos seus castelos; os chacais, nos seus palácios de prazer. A hora da Babilônia está chegando, e os seus dias não serão prolongados."

Do livro de Isaías ao Livro de Apocalipse, o termo "dia do Senhor" é encontrado em 25 versos, além de outras expressões semelhantes em outras partes da Bíblia. É comum interpretar o dia do Senhor como se falasse de um só dia, talvez o dia final quando o Senhor voltará para julgar a todos. No entanto, ao se considerar as citações bíblicas sobre o dia do Senhor, ele tem significados diferentes conforme o contexto. O sentido mais comum, especialmente nas profecias do Antigo Testamento, é um dia de julgamento de pessoas, cidades, povos ou nações.

Apesar de Isaías 13 possuir imagens fortes e expressões que fazem pensar no fim do mundo, o contexto definitivamente aponta para um julgamento local para a nação da Babilônia. Expressões como "fazer da terra uma desolação e exterminar dela os pecadores", "as estrelas e constelações dos céus não darão a sua luz; o sol, logo ao nascer, se escurecerá, e a lua não fará resplandecer a sua luz", "Farei com que as pessoas sejam mais escassas do que o ouro puro, mais raras do que o ouro de Ofir" e "farei estremecer os céus, e a terra será sacudida do seu lugar, por causa da ira do Senhor dos Exércitos e por causa do dia do seu ardente furor" não podem ser tomadas literalmente, pois, se assim fosse, o fim do mundo já teria ocorrido na época em que o antigo reino babilônico caiu. Na verdade, expressões como essas foram aplicadas não apenas para a Babilônia, mas também para falar da extinção de reis e reinos: faraó do Egito (Ezequiel 32:2,7-10), nações gentias (Joel 3:12-15), Israel (Amós 5:17-20), e Jerusalém com o templo e o sistema judaico (Mateus 24:1-35; Marcos 13:1-31; Lucas 17:20-37; 21:5-36). A linguagem, portanto, não trata do fim do mundo, mas do fim das antigas nações ímpias para a qual foi aplicada. Em uma aplicação secundária, tal linguagem pode ser entendida como um prenúncio do fim do mundo na segunda vinda de Cristo.

Deus frequentemente usou nações como instrumentos de ira para destruir outras nações, assim como os israelitas sob Moisés e Josué trouxeram o acerto de contas de Deus sobre as nações de Canaã. A expressão "Eles vêm de um país remoto, desde a extremidade dos céus: é o SENHOR e os instrumentos da sua indignação, para destruir toda a terra" se refere às outras nações que vieram de longe e arruinaram toda a terra da Babilônia. Tais nações foram, primeiramente, os medos e persas e, mais tarde, ao longo da história, gregos e romanos – a história da queda da Babilônia foi longa e todas essas nações todas foram usadas como instrumentos de Deus contra ela. Curiosamente, tais nações também foram referidas na profecia com a expressão "Eu dei ordens aos meus consagrados, sim, chamei os meus valentes, os que exultam com a minha majestade, para que executem a minha ira". É como se Deus tivesse "consagrado" outros gentios para o propósito de destruir o destruidor do reino de Judá.

As imagens proféticas fortes representam todo o sofrimento da Babilônia do momento de sua conquista pelos exércitos de Ciro, o Grande, até sua ruína total.

Em 539 a.C., Ciro, o Grande, da Pérsia, contornou os muros e portões impenetráveis da Babilônia por inteligentemente ter redirecionado o rio Eufrates com valas profundas. Culminando em 13 de outubro, as tropas persas marcharam então para fora do norte ao longo do leito do rio raso embaixo das paredes da Babilônia e se apoderaram da cidade em uma única noite. A noite do ataque pegou os babilônios de surpresa, uma vez que correspondeu com um festival anual que eles estavam comemorando. A partir desse ponto na história, a Babilônia apenas diminuiu.

Xerxes, neto de Ciro, saqueou da cidade muitos de seus tesouros durante o seu reinado de 485-465 a.C.

Alexandre, o Grande, conquistador do Império Persa, decidiu em 323 a.C. que iria reconstruir a cidade a para que ela se tornasse sua capital em todo o mundo. No entanto, ele morreu poucos dias depois do trabalho que havia começado. Imediatamente, os generais de Alexandre lutaram por porções do império e a grande Babilônia se

encontrou como sendo um campo de batalha improvável para a competição sangrenta do novo sucessor do Império Persa.

Quando os selêucidas finalmente tomaram posse de Babilônia, a cidade e as fortificações tinham sido suficientemente devastadas pela destruição e pilhagem, sendo abandonadas por uma nova cidade construída a quarenta milhas ao norte. Embora isso tenha acabado com a Babilônia como uma cidade-estado, suas paredes protetoras permaneceram suficientemente intactas para permitir que exércitos habitassem com segurança em seu recinto.

A Babilônia não foi totalmente destruída até cerca de 600 anos mais tarde, durante o reinado de Juliano, o Apóstata, o imperador de Roma que tentou livrar o Império Romano do cristianismo. Enquanto lutava contra o exército persa em 363 d.C., ele ordenou que as paredes remanescentes da antiga cidade fossem destruídas de forma a nunca mais permitirem o abrigo dos exércitos persas.

Hoje, apesar de algumas tentativas para reerguer a Babilônia, restam a ela apenas ruínas, atestando o cumprimento da profecia de Isaías 13.

2.16.13. ISAÍAS 14:1-2

> Porque o SENHOR se compadecerá de Jacó e voltará a escolher Israel, estabelecendo-os na sua própria terra. A eles se juntarão os estrangeiros, e estes farão parte da casa de Jacó. Os povos os pegarão e os levarão aos lugares deles, e a casa de Israel terá esses povos por servos e servas, na terra do SENHOR. Os israelitas terão como prisioneiros aqueles que os tinham aprisionado e dominarão os seus opressores.

Para entender adequadamente essa profecia, é necessário conhecer o contexto histórico de Israel. Após a divisão de Israel em dois reinos, o reino do norte (Israel) e o reino do sul (Judá), chegaram dias em que os israelitas perderam seu território. A Assíria arruinou o reino do norte e levou parte do povo em cativeiro, deixando outra parte na terra, a qual foi miscigenada com outros povos, o que levou ao povo misto conhecido como os samaritanos (de Samaria, a capital do reino do norte). O reino do sul foi levado em cativeiro para a Babilônia em três ocasiões, sendo a última em 586 a.C., quando Jerusalém e o templo foram destruídos pelos exércitos de Nabucodonosor. Isaías estava prevendo o retorno do povo para a terra santa e, também, algo maior no futuro: a Igreja é o verdadeiro Israel que conquista os inimigos de Deus (pecados) por meio da conversão a Cristo.

Quando a Babilônia caiu diante do Império Medo-Persa, Ciro permitiu que judeus (israelitas de Judá, o reino do sul) retornassem à sua terra e reconstruíssem o templo. Isso é notável nos livros de Esdras, Neemias, Ageu e Zacarias. Os judeus passaram então a reedificar sua terra, tendo um território menor, mas um povo mais fiel, particularmente em relação à idolatria.

Nesse ínterim, outros povos conheceram o judaísmo e passaram a se tornar prosélitos, ou seja, pessoas não nascidas entre os judeus que se converteram ao judaísmo. Nesse sentido, a casa de Israel teve outros povos como "servos e servas" na terra santa, tendo até mesmo convertidos que vieram das nações que oprimiram Israel. A expressão "Os israelitas terão como prisioneiros aqueles que os tinham aprisionado e dominarão os seus opressores" não se refere a uma dominação política ou territorial, e nem à captura literal de prisioneiros, uma vez que os judeus jamais foram uma nação capaz de subjugar outras – na verdade, sempre estiveram sob o domínio de uma potência, tal como os persas e os romanos. Conseguir prisioneiros e dominar os opressores é uma metáfora para a conversão de outros povos a Deus. Isso, no entanto, encontrou um cumprimento maior na Igreja. O verdadeiro povo de Deus, o verdadeiro israelita, é o cristão fiel, pois o Israel da promessa é o remanescente dos judeus que se converteram a Cristo, ou seja, que se tornaram cristãos (Romanos 9:6-13; 11:5-10). O Israel físico foi rejeitado e a Antiga Aliança, a Lei de Moisés, foi cumprida em Cristo, sendo que, desde a morte e ressurreição de Cristo, todos são salvos apenas pelo evangelho da Nova Aliança, conforme explicado extensivamente nos livros de Gálatas e Hebreus. Sendo assim, a Igreja é o verdadeiro Israel, e é na Igreja que ocorre o maior cumprimento da "restauração de Israel".

Portanto, os antigos inimigos de Israel representam os inimigos espirituais que impedem o ser humano de ser salvo. Israel se espalhando pelo mundo, dominando, conquistando e fazendo prisioneiros, representa a Igreja se

espalhando pelo mundo e convertendo pessoas a Deus, subjugando o pecado que impede o ser humano de ser salvo.

2.16.14. ISAÍAS 14:9-20

> Lá embaixo, o mundo dos mortos se agita por causa de você, para sair ao seu encontro quando você chegar. Por sua causa, ele desperta as sombras e todos os príncipes da terra, e faz levantar dos seus tronos todos os reis das nações. Todos estes começam a falar e se dirigem a você, dizendo: "Então também você enfraqueceu como nós? E você se tornou como um de nós?" A sua soberba foi jogada no abismo, junto com o som das suas harpas. A sua cama é de larvas e os vermes são a sua coberta. Veja como você caiu do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Veja como você foi lançado por terra, você que debilitava as nações! Você pensava assim: "Subirei ao céu, exaltarei o meu trono acima das estrelas e me assentarei no monte da congregação, nas extremidades do Norte. Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo." Mas você descerá ao mundo dos mortos, no mais profundo do abismo. Os que virem você olharão atentamente e perguntarão: "É este o homem que fazia a terra tremer e que abalava os reinos? Que transformava o mundo num deserto e arrasava as suas cidades? Que não deixava os seus prisioneiros voltarem para casa?" Todos os reis das nações, sim, todos jazem com honra, cada um em seu túmulo. Mas você é lançado fora da sua sepultura, como um renovo abominável, coberto de mortos traspassados à espada e que descem à cova de pedras, como um cadáver pisoteado. Você não se reunirá com eles na sepultura, porque você destruiu a sua própria terra e matou o seu próprio povo. A descendência dos malfeitores jamais será nomeada.

Esse é um texto que tem sido muito mal interpretado. Antes de tudo, é importante ter em mente que se trata de um poema de escárnio que extensivamente usa imagens. Isaías fez uso intenso de sarcasmo, como se sentisse tristeza pelo rei que cria ser divino, mas que não passava de um homem, e morreu, e foi para o *sheol* sem ter ao menos um enterro digno. O contexto, definitivamente, afirma que a profecia se trata sobre a queda do rei da Babilônia que elevava a si mesmo, buscando tomar a glória que pertence a Deus, mas que foi derrubado de sua alta posição para as profundezas da terra – o *sheol*.

Apesar disso, muitos acreditam que o uso que o profeta fez das palavras aludem, de alguma forma, a uma queda de Satanás. Jesus usou palavras similares para descrever a derrota de Satanás ao enviar os setenta discípulos para pregar a chegada do reino de Deus em Lucas 15:18. Tal associação foi notada desde a época dos antigos "pais da igreja" (Orígenes, Tertuliano e Hipólito) e, desde então, tem sido altamente difundida. Também, em Isaías 14:12, o termo hebraico *helel* foi traduzido em algumas versões da Bíblia como "Lúcifer", um termo latim que significa "portador da luz" – e essa é uma tradução muito boa. Versões brasileiras bem conhecidas traduzem *helel* como "estrela da manhã". Embora Isaías tenha aplicado esse título para o rei da Babilônia em questão, muitos têm seguido os antigos "pais da igreja" associando o termo Lúcifer com Satanás. A noção de que Lúcifer é um nome adequado para Satanás foi popularizada na literatura em inglês Milton's Paradise Lost, na qual Satanás foi referido como "o grande Lúcifer".

Argumenta-se também que a semelhança entre o pecado do rei da Babilônia e o pecado de Satanás (comparando Isaías 14:12-14 e 1 Timóteo 3:6) sugeriria a identificação dos dois e, uma vez que o referido rei caiu (Isaías 14:14-15) e Satanás caiu (Gênesis 3:14-15; 2 Pedro 2:4; Judas 6; Apocalipse 12:4), eles devem ser o mesmo. De fato, há razões para acreditar que Satanás foi um dos anjos (Jó 1:6), que ele tem estado em rebelião contra Deus desde antes da criação da Terra (1 João 3:8; Gênesis 3), e que vários anjos seguiram sua desobediência e terão castigo eterno (Judas 6). No entanto, o referido rei da Babilônia cometeu o mesmo tipo de pecado: desafiar a autoridade de Deus. Nesse sentido, é possível entender "Lúcifer" como um filho ou discípulo de Satanás (João 8:44). No entanto, a profecia de Isaías 14:12 não trata especificamente do Diabo. Além disso, há razões bem convincentes contra a aplicação de Isaías 14 para Satanás:

- O contexto histórico de Isaías 14 diz respeito à derrubada de um rei arrogante, um homem (Isaías 14:16), e nada mais está implícito no contexto;

- Enquanto o rei de Isaías 14 foi julgado e não abala mais reinos ou não mais ameaça a terra (Isaías 14:16), Satanás foi chamado "o deus deste mundo" em 2 Coríntios 4:4 e continua em ação (Efésios 2:2; 2 Coríntios 2:11, 11:14; 1 Pedro 5:8);

- Há passagens adequadas para evidenciar o orgulho e a queda de Satanás sem a necessidade de apelar para Isaías 14 (Gênesis 3:14-15; 2 Pedro 2:4; Judas 6; 1 Timóteo 3:6; João 8:44; Apocalipse 12:4);

- A "queda do céu" mencionada por Cristo em Lucas 10:18 é o seu comentário sobre o que tinha acabado de acontecer quando os discípulos expulsaram demônios em seu nome. A vitória dos discípulos pode ser entendida como um prenúncio da expulsão de Satanás do céu (Apocalipse 12:7-9);

- Isaías 14:20 não está em harmonia com o fato de que Satanás se unirá ao seu "povo" no lago de fogo (Apocalipse 20:10,15).

Curiosamente, o Novo Testamento fala sobre a "estrela da alva" (2 Pedro 1:19) e a "estrela da manhã" (Apocalipse 2:28; 22:16), mas não se referindo a Satanás ou a qualquer outra criatura blasfema. Na verdade, o próprio Jesus é mostrado como a brilhante estrela da manhã que abençoa seus servos fiéis. "Lúcifer", na verdade, é um título aplicável a Jesus Cristo.

A identidade do rei da Babilônia referido na profecia é difícil de determinar. Uma vez que a profecia fez uso extensivo de imagens, o alvo dela pode não ser exatamente um rei específico, mas uma personificação de vários reis antigos que exaltavam a si mesmos. Tal alegação de grandeza foi comum na época de antigos reis da Assíria e da Babilônia. Entre os melhores candidatos são citados Senaqueribe, Sargão II, Assaradão e Belsazar. Obviamente, há a questão de como poderia um rei assírio (como Senaqueribe, Sargão II ou Assaradão) ser chamado de "rei da Babilônia" (Isaías 14:1). Isso é respondido pelo fato de que os reis assírios Tiglate-Pileser, Sargão e Senaqueribe receberam o título honorário de "rei da Babilônia". Isso ocorria nos festivais do dia do Ano Novo da Babilônia, quando o governante agarrava a mão do deus Marduque e era declarado rei da Babilônia.

Seja quem for o referido rei, Isaías sarcasticamente o saudou como "estrela da manhã, filho da alva", uma expressão que pode até mesmo caracterizá-lo como equivalente a uma deidade adorada pelos cananeus e que, provavelmente, era conhecida do povo de Israel. O "monte da congregação" (Isaías 14:13) possivelmente represente um equivalente cananeu do monte Olimpo na Grécia, considerado uma morada de deuses. Portanto, o rei foi retratado como um "deus com resplendor". No entanto, assim como a estrela da manhã a cada novo dia desaparece rapidamente, o rei foi esquecido. Ele foi derrubado pelo Senhor de sua exaltação, caindo até o oposto das maiores alturas, o mundo dos mortos abaixo da terra. Ele nem sequer chega a ter um enterro digno de um rei, sendo lançado em uma cova entre outros cadáveres desprezados. Então, no mundo dos mortos, o rei morto e humilhado foi objeto de admiração para outros que foram poderosos em vida (Isaías 14:16). O ponto destacado é o contraste entre a glória passada do rei com sua exaltação e aclamação no mundo enquanto vivia na terra, e sua humilhação após sofrer o juízo de Deus e morrer, bastante similar ao relato do rico e Lázaro contado por Jesus em Lucas 16:19-31.

Isaías também demonstrou mais dois pontos com sua canção de escárnio: (1) a alegria e a paz que existiram após a morte do referido rei (Isaías 14:7), sendo que até mesmo as florestas do Líbano que eram derrubadas pelos seus súditos estavam agora em paz, como também a esperança de prisioneiros exilados que também é, por implicação, associada com a queda do rei; (2) a tirania, em última análise, trará desastre para a própria nação do tirano (Isaías 14:20-21). Tanto a Assíria quanto a Babilônia pereceram de tal forma, uma após a outra. Sendo assim, embora se tratando da celebração da morte do referido rei, essa profecia pode ser entendida como uma predição da queda e destino de qualquer tirano.

Quanto aos mortos e ao mundo dos mortos, uma vez que Isaías 14:9-20 se trata de um poema de escárnio que usou extensivamente imagens e sarcasmo, torna-se perigoso tentar firmar um entendimento do tema apenas com essa passagem. Por outro lado, nada impede que o texto não transmita a realidade. Na verdade, uma análise cuidadosa indica que o entendimento sobre o *sheol* e o estado dos mortos nessa passagem se harmoniza com o restante da Bíblia.

Aqueles que, antes, foram poderosos na terra, mas que agora se encontram nas profundezas do *sheol*, se admiraram ao ver o rei da Babilônia chegar ao mesmo local que eles. A palavra "abismo" foi traduzida do termo hebraico *bowr*, o qual tem o significado de "cova", "poço" ou "cisterna". Embora esse termo hebraico não tenha o mesmo significado primário do *abaddon*, o abismo que denota as maiores profundezas da terra, o contexto demonstra que tais mortos estão na mais profunda cova do *sheol*, a qual se de fato se refere ao *abaddon*. Sendo

assim, o mundo dos mortos foi retratado como uma região nas profundezas da terra em que há várias covas, sendo o *abaddon* a mais profunda.

No abismo mais profundo do mundo dos mortos se encontram aqueles que antes foram "príncipes da terra" (a expressão hebraica denota algo como "bodes líderes de matilha"). Agora são "sombras", ou seja, têm uma existência enfraquecida, conforme Isaías 14:10. A palavra hebraica *rapha* foi aplicada para esses mortos, e tal termo hebraico pode se referir também aos antigos e poderosos gigantes que morreram no dilúvio de Noé, ou aos antigos e poderosos gigantes cananeus, ou a ambos. Outro entendimento provável é que o termo *rapha* foi aplicado aos mortos como tendo uma existência fraca, debilitada, sem poder ou sensação. Isso é fortemente confirmado pela expressão que se segue em Isaías 14:10, "Então também você enfraqueceu como nós?" Tal enfraquecimento pode ser devido a um estado desincorporado, ou seja, decorrente da ausência de um corpo físico. Nessa passagem, portanto, *rapha* representa os espíritos dos mortos em um estado enfraquecido no *sheol*. Esse estado enfraquecido pode ser um dos fatores que impede que os habitantes do mundo dos mortos realizem atividades ou aprendizados como antes faziam em suas vidas terrenas.

2.16.15. ISAÍAS 16:4-5

> Que os desterrados de Moabe possam morar em seu território; sirva-lhes de esconderijo contra o destruidor. Quando o homem violento tiver fim, a destruição for desfeita e o opressor deixar a terra, então um trono será estabelecido em bondade, e sobre ele se assentará com fidelidade, no tabernáculo de Davi, alguém que julgue, busque o juízo e não tarde em fazer justiça.

Um "homem violento" e "opressor" estava assolando a terra de Moabe, o qual é de difícil identificação – provavelmente foi um invasor assírio, talvez Senaqueribe. Os "desterrados" eram os fugitivos da terra de Moabe, os quais encontraram um refúgio em Judá (Isaías 11:3) até que tal opressor sofreu juízo de Deus e tal calamidade passou.

Quanto ao trono estabelecido após o incidente, alguns estudiosos acreditam que se refere a Ezequias, um rei de Judá que foi fiel e justo e que teve seu trono estabelecido com glória após o juízo do Senhor contra Senaqueribe. Outros estudiosos aplicam a profecia imediatamente ao Messias. Outros a aplicam a ambos: a Ezequias como o tipo, e ao Messias, em um sentido mais pleno, como o antítipo. Esse último entendimento parece mais provável: enquanto o profeta falava das virtudes do reino de Ezequias, ele foi levado adiante para uma contemplação do reino de Cristo, e acabou fazendo uso de expressões que, em toda sua extensão, somente poderiam ser aplicadas ao reino do Messias: bondoso, fiel, justo e que realiza justiça.

2.16.16. ISAÍAS 19:16-24

> Naquele dia, os egípcios serão como mulheres: ficarão tremendo de medo quando se levantar a mão do SENHOR dos Exércitos, que ele agitará contra eles. A terra de Judá será um espanto para o Egito; todo aquele que dela se lembrar ficará apavorado por causa da decisão que o SENHOR dos Exércitos tomou contra eles. Naquele dia, haverá cinco cidades na terra do Egito que falarão a língua de Canaã e farão juramento ao SENHOR dos Exércitos; uma delas se chamará Cidade do Sol. Naquele dia, o SENHOR terá um altar no meio da terra do Egito, e na fronteira do país será levantada uma coluna em honra do SENHOR. Servirá de sinal e de testemunho ao SENHOR dos Exércitos na terra do Egito. Quando eles clamarem ao SENHOR por causa dos opressores, ele lhes enviará um salvador e defensor que os há de livrar. O SENHOR se dará a conhecer ao Egito, e os egípcios conhecerão o SENHOR naquele dia. Eles o adorarão com sacrifícios e ofertas de cereais, e farão votos ao SENHOR, e os cumprirão. O SENHOR ferirá os egípcios; ele os ferirá, mas depois os curará. Eles se converterão ao SENHOR, e ele lhes atenderá as orações e os curará. Naquele dia, haverá uma estrada do Egito até a Assíria. Os assírios irão ao Egito, e os egípcios irão à Assíria; e os egípcios adorarão com os assírios. Naquele dia, Israel será o terceiro com os egípcios e os assírios, uma bênção no meio da terra. O SENHOR dos Exércitos os abençoará, dizendo: "Bendito seja o Egito, meu povo! Bendita seja a Assíria, obra de minhas mãos. E bendito seja Israel, minha herança."

O Senhor estava prestes a trazer um juízo contra o Egito por meio de alguma outra nação opressora (possivelmente os persas ou os gregos). No entanto, vários egípcios, ao verem os exemplos dos judeus que moravam em seu meio, buscaram a Deus e se tornaram prosélitos, deixando de adorar ao Sol e aos falsos deuses para conhecer a Deus. Isso não significa uma conversão total da nação, mas ao menos um número de egípcios se devotou a Deus. Nesse ínterim, a Assíria, uma das antigas potências, também teve contato com o Senhor, e um

número de assírios também se converteu a Deus. Assim, representantes das três nações colocaram suas inimizades de lado em favor da prática da adoração a Deus. Essa "aliança espiritual" entre Egito, Assíria e Judá parece encontrar cumprimento durante a união das três nações a um mesmo império maior, o que também possibilitou maior contato entre elas ("uma estrada do Egito até a Assíria", sendo que Judá estava entre as duas destinações). Talvez o império maior tenha sido a monarquia persa (a qual reconheceu, por meio das proclamações de Ciro, Deus como o Deus do céu em Esdras 1:2), ou o império de Alexandre, o Grande.

2.16.17. ISAÍAS 24:1-23

> Eis que o SENHOR vai devastar e desolar a terra, vai transtornar a sua superfície e dispersar os seus moradores. O mesmo vai acontecer com todos: com o povo e com o sacerdote; com o servo e com o seu senhor; com a serva e com a sua dona; com o comprador e com o vendedor; com o que empresta e com o que toma emprestado; com o credor e com o devedor. A terra será completamente devastada e totalmente saqueada, porque o SENHOR é quem proferiu esta palavra. A terra pranteia e murcha; o mundo enfraquece e murcha; enfraquecem os mais nobres do povo da terra. A terra está contaminada por causa dos seus moradores, porque transgridem as leis, violam os estatutos e quebram a aliança eterna. Por isso, a maldição consome a terra, e os que habitam nela se tornam culpados. Por isso, os moradores da terra serão queimados, e poucas pessoas restarão. O vinho pranteia, a videira murcha, e gemem todos os que estavam de coração alegre. Cessou o som alegre dos tamborins, acabou o ruído dos que exultam, cessou o som alegre da harpa. Já não se bebe vinho entre canções; a bebida forte é amarga para os que a bebem. A cidade caótica está demolida; todas as casas estão fechadas, e ninguém consegue entrar. Gritam por vinho nas ruas; todo o riso desapareceu; a alegria foi banida da terra. Na cidade, só restou a desolação, e o portão está em pedaços. O que acontecerá na terra, no meio dos povos, é como o sacudir da oliveira no tempo da colheita e o rebuscar das parreiras depois de acabada a vindima. Eles levantam a voz e cantam com alegria; por causa da glória do SENHOR, exultam desde o mar. Por isso, no Oriente deem glória ao SENHOR e, nas terras do mar, glorifiquem o nome do SENHOR, o Deus de Israel. Dos confins da terra ouvimos cantar: "Glória ao Justo!" Mas eu digo: "Estou definhando! Estou definhando! Ai de mim! Os traidores estão traindo; sim, os traidores só tramam traições." Terror, buracos e armadilhas esperam por vocês, moradores da terra. Aquele que fugir da voz do terror cairá no buraco, e, se sair do buraco, será apanhado na armadilha. Porque as represas do alto se abrem, e tremem os fundamentos da terra. A terra será totalmente quebrada, a terra ficará completamente despedaçada, a terra será violentamente sacudida. A terra vai cambalear como um bêbado e balançar como uma cabana; a sua transgressão pesa sobre ela, ela cairá e nunca mais se levantará. Naquele dia, o SENHOR castigará, nas alturas, os exércitos celestiais, e, na terra, castigará os reis da terra. Serão ajuntados como presos em masmorra e encerrados num cárcere; e, depois de muitos dias, serão castigados. A lua ficará corada de vergonha e o sol se envergonhará quando o SENHOR dos Exércitos reinar no monte Sião e em Jerusalém; e diante dos seus anciãos haverá glória.

Isaías se referiu à constante degeneração que ocorre em todo planeta. A quebra da "aliança eterna" significa, em última análise, a desobediência dos seres humanos a Deus, o que tem ocorrido desde o início da humanidade. Em consequência do pecado, Deus permite que ocorra devastação e desolação em vários locais da Terra, o que transtorna sua superfície e dispersa seus moradores, ou seja, a Terra vai sendo saqueada e devastada pela maldade humana ao longo da história. O planeta está contaminado e amaldiçoado por causa dos seus moradores, os quais são os culpados por causa da transgressão da Palavra de Deus. Tanto a Terra quanto as coisas boas que nela há, e até mesmo aqueles que se alegram, continuarão a sofrer. Mesmo as coisas boas dadas por Deus ao homem parecem não ter mais tanto proveito como deveriam por causa do mal no mundo. Tais coisas boas, as quais são bênçãos de Deus, vão se tornando cada vez mais escassas e sendo substituídas por coisas amargas.

No verso 16, Isaías pranteia ao ver o estado da sociedade, perdendo vigor e saúde por causa da angústia. Quando ele tira seus olhos da graça de Deus e se foca no estado degenerado da humanidade, chega à beira do desespero e vê os homens como traidores de Deus. Os versos 18 e 19 mostram uma sociedade que está sob o julgamento do Senhor, sendo que o profeta utilizou uma linguagem figurativa que lembra o juízo do dilúvio nos dias de Noé (Gênesis 7:11-12). No caso da sociedade de Israel nos dias de Isaías, o julgamento de Deus assumiu a forma da entrega do povo ao seu próprio caminho pecaminoso e a retirada da influência do seu Espírito Santo. No verso 20, a sociedade e o mundo são retratados primeiro como um bêbado cambaleante e, depois, como uma rede balançando para frente e para trás, finalmente desmoronando por causa do peso de suas próprias transgressões. No verso 13, os juízos de Deus foram descritos como o tremor violento de uma oliveira, deixando apenas algumas azeitonas, as quais representam aqueles que são poupados de seus juízos. Essas imagens lembram Apocalipse 6:15-17 e Apocalipse 7:9,14.

Tudo indica que os vários julgamentos individuais de Deus contra nações e povos (os muitos "dias do Senhor" ao longo da Bíblia) vão sendo concretizados aos poucos, até que culminem em um julgamento global contra o mundo todo – o juízo final – o qual inclui a erradicação do mundo físico e o juízo contra todos os rebeldes, sejam homens ou poderes espirituais. Os muitos juízos locais de Deus podem ser entendidos como prenúncios do julgamento final, o qual ocorre com a segunda vinda de Cristo. Todos os juízos do Senhor são imparciais, e nenhuma posição social ou acúmulo de bens serão de qualquer valia. Cedo ou tarde todos os rebeldes sofrerão julgamento, especialmente no último dia. Interessantemente, Isaías afirmou que os moradores da terra serão queimados. Isso pode ser uma referência dupla: os rebeldes sofrerão com as tribulações enquanto os juízos de Deus são aplicados à Terra, sofrendo no "ardor das tribulações", e/ou serão literalmente queimados com o fogo que acompanhará Jesus Cristo nos ares em sua segunda vinda (2 Tessalonicenses 1:7-9).

O profeta também afirmou que serão "poucas" as pessoas que restarão. Elas representam os justificados por Deus, as quais permanecerão com vida no juízo final. Na verdade, não são realmente "poucas" se forem considerados todos os salvos de todas as épocas. No entanto, em relação ao número de não justificados, de fato, poucas pessoas restarão.

Isaías fez uso de várias figuras para descrever o juízo final. Os versos 10 a 12 o retrataram em termos de uma cidade rebelde sendo conquistada pelo seu verdadeiro rei, ou seja, apesar de o mundo estar no maligno (1 João 5:19), o verdadeiro rei é Cristo. Os versos 21 e 22 demostram que o juízo final não será limitado apenas à Terra, a qual será destruída (2 Pedro 3:7,10), mas também aos poderes espirituais do mal. Tanto os poderes espirituais nos lugares celestiais – o próprio Satanás e todo o exército da impiedade – quanto governantes da Terra, sucumbirão ao julgamento daquele que é Rei dos reis e Senhor dos senhores. Os poderes, tanto espirituais quanto temporais, foram retratados como sendo encerrados em uma masmorra e, depois de muitos dias, visitados com punição, o que é uma maneira figurativa de descrever tanto a culpa quanto a humilhação daqueles que antes ocupavam posições tão altas e elevadas, mas agora estão sujeitos à indignação e julgamento justos, tendo sido considerados culpados pelo próprio Deus todo-poderoso. A masmorra pode ser uma referência ao mundo dos mortos, o *sheol*/*hades* com o abismo (*abaddon*), e o castigo que se segue como a punição final no lago de fogo do Livro de Apocalipse.

A expressão "A lua ficará corada de vergonha e o sol se envergonhará quando o Senhor dos Exércitos reinar no monte Sião e em Jerusalém" se refere à impotência de falsos deuses, os quais muitas vezes foram representados com o Sol e a Lua, em deter o verdadeiro Deus de toda a criação vindicando o que é seu. Não há outros deuses além de Deus, e a figura ilustra que um falso deus sol ou deus lua se envergonharia ao ver o verdadeiro Deus vindicando o que é seu no juízo final. De fato, a criação "sai de cena" enquanto ocorre o julgamento final (2 Pedro 3:7,10; Apocalipse 20:11). Deus é representado reinando "no monte Sião e em Jerusalém", o que é uma representação do verdadeiro trono celestial de Cristo durante o juízo final – seu trono no céu. Como demonstrado em Hebreus 12:22, a Jerusalém e o monte Sião físicos eram figuras que representavam a habitação de Deus no céu. O único que pode livrar o ser humano da punição de Deus é o próprio Deus, e não qualquer falso deus (seja um deus sol, um deus lua, ou poder, quantidade de bens, dinheiro, avareza, etc.).

No verso 14, os justificados levantaram a voz e gritaram louvores pela majestade de Deus. Nos dias de calamidades contra os ímpios, seja em um juízo local de Deus contra uma nação ou povo, seja no próprio juízo final, os justificados levantam gritos de louvor diante da espetacular demonstração da maravilha de Deus e seus atributos (note 2 Tessalonicenses 1:7,10). De todo o mundo, os justificados elevam seus cânticos de louvor, sendo que o Senhor é especialmente louvado por sua justiça, a qual é demonstrada nos julgamentos desse mundo pecaminoso e na redenção de seu povo (veja Apocalipse 16:5,7).

A expressão "e diante dos seus anciãos haverá glória" alude ao evento descrito em Êxodo 24:9-11, a qual descreve a cena dos anciãos de Israel, representando o povo de Deus, em pé na presença do Senhor, contemplando sua glória e desfrutando de sua comunhão no topo do monte. À luz da revelação do Novo Testamento, isso se refere a todos os salvos de todas as épocas em comunhão plena com Deus, o que é concretizado nos novos céus e nova terra herdados pelos justificados após o juízo final.

2.16.18. ISAÍAS 25:1-9

> Ó SENHOR, tu és o meu Deus; eu te exaltarei e louvarei o teu nome, porque tens feito maravilhas e tens executado os teus conselhos antigos, fiéis e verdadeiros. Porque da cidade fizeste um montão de pedras e da cidade fortificada, uma ruína; a fortaleza dos estrangeiros já não é cidade e jamais será reconstruída. Por isso, um povo forte te glorificará, e a cidade das nações opressoras te temerá. Porque foste a fortaleza do pobre e a fortaleza do necessitado na sua angústia; refúgio contra a tempestade e sombra contra o calor. Porque a fúria dos tiranos é como a tempestade contra o muro, como o calor em lugar seco. Tu farás cessar o tumulto dos estrangeiros. Como o calor se abranda com a sombra de uma nuvem, assim o hino triunfal dos tiranos será silenciado. O SENHOR dos Exércitos dará neste monte um banquete para todos os povos. Será um banquete de carnes suculentas e vinhos envelhecidos: carnes suculentas com tutanos e vinhos envelhecidos bem-clarificados. Neste monte ele acabará com o pano que cobre todos os povos e com o véu que está posto sobre todas as nações. Tragará a morte para sempre, e, assim, o SENHOR Deus enxugará as lágrimas de todos os rostos, e tirará de toda a terra o vexame do seu povo, porque o SENHOR falou. Naquele dia, se dirá: "Eis que este é o nosso Deus, em quem esperávamos, e ele nos salvará; este é o SENHOR, a quem aguardávamos; na sua salvação exultaremos e nos alegraremos."

Após a profecia contra os ímpios e salvação dos fiéis mencionados no capítulo 24, o profeta entoou ao Senhor um cântico de louvor. Como anteriormente, Isaías ilustrou o juízo final com ímpios retratados em termos de uma cidade fortificada e rebelde, a qual será conquistada e deixada em ruínas pelo seu verdadeiro rei, Cristo. Tais ímpios jamais se levantarão novamente. Embora o juízo final ainda esteja no futuro com a segunda vinda de Cristo, o profeta viu a certeza de seu cumprimento e apresentou esse evento futuro como se já tivesse ocorrido, dando então sequência com o louvor. O "povo forte" que louvará a Deus são os fiéis salvos, os quais são invencíveis com Cristo. Uma vez que tal juízo está decretado, os ímpios representados pela cidade, a qual também é chamada "cidade das nações opressoras", já têm temor no presente por seu julgamento futuro decretado. Isaías também louvou a Deus por ele ter amparado os pobres e necessitados e, também, por julgar os tiranos e fazer cessar a perseguição dos ímpios contra os fiéis, o que foi representado pelo "tumulto dos estrangeiros".

O profeta fez uso de outra figura para ilustrar o juízo final: do monte santo ele concederá um grande e excelente banquete para todos os povos remidos. Isso é uma figura para representar a comunhão íntima de Deus com os fiéis salvos que vieram de vários povos, o que demonstra que esses fiéis serão plenamente saciados. Mesmo a morte será tragada para sempre, o que é revelado no Novo Testamento com a ressurreição dos mortos e os corpos glorificados para os fiéis. Nos novos céus e nova terra os salvos não terão mais choro e nenhum vexame, tendo finalmente concretizada a esperança que tanto aguardaram, se alegrando e exultando na plenitude da salvação.

A expressão "Neste monte ele acabará com o pano que cobre todos os povos e com o véu que está posto sobre todas as nações" passa a ideia de que as nações ímpias tentam se esconder de Deus com um "pano" ou "véu", o qual deve ser entendido como qualquer coisa que o ser humano utilize para se afastar do Senhor. Paulo comentou sobre isso em Romanos 1:18: "A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e injustiça dos seres humanos que, por meio da sua injustiça, suprimem a verdade." Assim, os ímpios não podem nem se esconder e nem fugir do justo juízo final do Senhor.

2.16.19. ISAÍAS 26:1-21

> Naquele dia, se entoará este cântico na terra de Judá: "Temos uma cidade forte, na qual Deus põe a salvação como muralha e defesa. Abram os portões, para que entre a nação justa, que guarda a fidelidade. Tu, SENHOR, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme, porque ele confia em ti. Confiem sempre no SENHOR, porque o SENHOR Deus é uma rocha eterna. Ele derruba os que habitam no alto, na cidade elevada; derruba e humilha até o chão, até o pó. O pé a pisará; os pés dos aflitos, e os passos dos pobres." A vereda do justo é plana; tu, que és justo, aplanas a vereda do justo. Também através dos teus juízos, SENHOR, te esperamos; no teu nome e na tua memória está o desejo da nossa alma. Com minha alma suspiro de noite por ti e, com o meu espírito dentro de mim, eu te busco ansiosamente. Porque, quando os teus juízos reinam na terra, os moradores do mundo aprendem a justiça. Ainda que se mostre favor ao ímpio, nem por isso ele aprende a justiça; até na terra da retidão ele comete a iniquidade e não vê a majestade do SENHOR. SENHOR, a tua mão está levantada, mas eles não a veem! Porém eles verão o teu zelo pelo povo e ficarão envergonhados. Que o teu furor, por causa dos teus adversários, os consuma. SENHOR, concede-nos a paz, porque todas as nossas obras tu as fazes por nós. Ó SENHOR, nosso Deus, outros senhores têm tido domínio sobre nós, mas nós louvamos unicamente o teu nome. Eles estão mortos, não voltarão a viver; são apenas

> sombras, não ressuscitarão. Porque tu os castigaste e destruíste, e apagaste completamente a lembrança deles. Tu, SENHOR, aumentaste o povo, aumentaste o povo e tens sido glorificado; alargaste todas as fronteiras do país. SENHOR, na angústia te buscaram; vindo sobre eles a tua correção, derramaram as suas orações. Como a mulher grávida que vai dar à luz se contorce e grita de dor, assim estávamos nós na tua presença, ó SENHOR! Concebemos e nos contorcemos em dores de parto, mas o que demos à luz foi vento; não trouxemos à terra livramento algum, e não nasceram moradores do mundo. Os teus mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão. Despertem e cantem de alegria, vocês que habitam no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos. Meu povo, entrem nos seus quartos e tranquem as portas; escondam-se por um momento, até que passe a ira. Pois eis que o SENHOR sai do seu lugar, para castigar a iniquidade dos moradores da terra. A terra deixará aparecer o sangue que embebeu e não encobrirá mais aqueles que foram mortos.

O cântico registrado por Isaías demonstra que Deus concede proteção e paz ao fiel que confia nele e abate e humilha os altivos. Os fiéis foram retratados como uma cidade protegida por Deus, a qual se abre para que entrem mais fiéis. Os infiéis foram retratados como uma cidade altiva decretada para a queda. O cântico também exortou a confiança no Senhor. Isaías afirmou que tal cântico seria cantado "Naquele dia", ou seja, no dia do juízo final. O Livro de Apocalipse também retratou os salvos herdando uma cidade perfeita, a Nova Jerusalém, representando a concretização do plano redentivo de Deus. A "terra de Judá" nessa profecia dificilmente seria o território literal do antigo reino de Judá. Provavelmente, foi utilizada pelo profeta como um símbolo para denotar os salvos que forem recebidos na comunhão com o Senhor, uma vez que o verdadeiro judeu é aquele que se converte ao Senhor e nele permanece.

O profeta louvou a Deus e orou em nome dos israelitas fiéis e arrependidos, pedindo que fosse propício a eles. Ele reconheceu e lamentou que Israel não trouxe livramento algum àqueles que vivem na terra, apesar do sofrimento que teve a fim de levá-lo ao arrependimento. Isso significa que os israelitas não cumpriram seu objetivo como povo santo de Deus, e nem encheram a terra com homens justos, apesar de o Senhor ter anteriormente aumentado seu território e, nisso, glorificado seu nome.

O verso 14 diz: "Eles estão mortos, não voltarão a viver; são apenas sombras, não ressuscitarão. Porque tu os castigaste e destruíste, e apagaste completamente a lembrança deles." Isso significa que ímpios poderosos que governaram grandiosos impérios mundiais, os quais oprimiram o povo de Deus, morreram e não podem voltar a viver por si mesmos, independentemente do poder que tiveram em vida. A destruição deles e o apagamento de sua lembrança não significa que foram eliminados da existência, mas que receberam castigo de Deus ao terem sido confinados ao mundo dos mortos, de onde não podem retornar. No *sheol*, aqueles que foram anteriormente poderosos não podem mais continuar seus planos e, eventualmente, serão esquecidos pelos vivos. Mesmo que seus impérios tenham continuado por algum tempo, eventualmente caíram. O fato de Isaías ter dito que não ressuscitarão não significa que não haverá ressurreição de ímpios no juízo final, mas simplesmente que, apesar de todo o poder que tiveram em vida, tais ímpios não possuem a capacidade de ressuscitar por si mesmos, isto é, escapar da prisão no *sheol*.

Como em Isaías 14:9, a palavra hebraica *rapha* foi aplicada para os mortos. Tal termo hebraico pode se referir também aos antigos e poderosos gigantes que morreram no dilúvio de Noé, ou aos antigos e poderosos gigantes cananeus, ou a ambos. Outro entendimento provável é que o termo *rapha* foi aplicado aos mortos como tendo uma existência fraca, debilitada, sem poder ou sensação. Isso é fortemente confirmado pela expressão em Isaías 14:10, "Então também você enfraqueceu como nós?", a qual deu sequência à referência dos mortos como *rapha* em Isaías 14:9. Tal enfraquecimento pode ser devido a um estado desincorporado, ou seja, decorrente da ausência de um corpo físico. Portanto, os espíritos dos mortos provavelmente estão em um estado enfraquecido no *sheol*. Esse estado enfraquecido pode ser um dos fatores que impede que os habitantes do mundo dos mortos realizem atividades ou aprendizados como antes faziam em suas vidas terrenas.

Em sua oração, Isaías também fez uma imprecação contra aqueles que oprimiram o povo de Deus. Na história do reino dividido, Israel constantemente foi subjugado por potências mundiais pagãs, tais como a Assíria e, posteriormente, a Babilônia, a Medo-Pérsia, a Grécia e Roma. O profeta afirmou que os fiéis entre o povo permaneceram louvando apenas a Deus, sem se contaminarem com os falsos deuses dos pagãos. Ele também estava certo de que Deus tem zelo pelo seu povo, e que os não justificados veriam esse zelo e se envergonhariam. Isaías não tomou a vingança para si, mas orou para que o Senhor trouxesse, no seu furor, juízo contra aqueles que oprimiram os fiéis.

A expressão "quando os teus juízos reinam na terra, os moradores do mundo aprendem a justiça" demonstra uma realidade importante sobre os juízos locais de Deus: eles têm como objetivo a instrução dos seres humanos sobre a justiça. No Livro de Apocalipse, foi demonstrado que os juízos de Deus têm também o objetivo de trazer o arrependimento. Infelizmente, muitos ímpios, apesar de observarem a bondade e os alertas de Deus, não aprendem e permanecem em suas iniquidades. Como o profeta disse, ainda que estivessem em uma terra de completa retidão, muitos não justificados ainda se apegariam às suas iniquidades – e essa é a razão pela qual as pessoas que não testificam com suas vidas práticas que querem largar os pecados não podem ir ao céu. Deus deu evidências suficientes para que os ímpios aprendam e se convertam, mas muitos não o farão. Sendo assim, por causa da justiça, Deus deve trazer as consequências aos não justificados por suas condutas. No entanto, Isaías afirmou que os fiéis anseiam pelo Senhor, ainda que sofram por causa de seus juízos – o fiel entende a correção que vem da parte de Deus e aguarda a redenção que se seguirá.

O verso 19 diz: "Os teus mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão. Despertem e cantem de alegria, vocês que habitam no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos." Isaías afirmou que os justificados ressuscitarão. Assim como qualquer ser humano, os fiéis não podem ressuscitar por si mesmos, mas o contexto deixa claro que se trata de uma ressurreição miraculosa operada por Deus. O fiel voltará a ter seu corpo, e não outro corpo. O Novo Testamento revela mais sobre essa realidade, afirmando que o corpo ressuscitado, apesar de ser o mesmo corpo da vida física, será alterado para ser incorruptível e glorificado. Além do mais, apenas os justificados permanecerão com Deus, e é por isso que são contados como vivos, podendo cantar alegremente ao Senhor. Os fiéis ressurretos "despertam" no sentido que a morte é um estado temporário até a ressurreição dos mortos, e não porque estão em algum estado de dormência – é o corpo físico que se levanta do pó da terra pelo poder do Senhor, "despertando" do pó em que descansava. Os não justificados, ainda que ressuscitem para receber juízo, serão banidos da presença de Deus e, assim, contados como mortos. Nesse sentido, é como se eles não ressuscitassem.

Nos dois últimos versos, Isaías profetizou que, antes que finalmente chegue a alegria da redenção e a manifestação da justiça de Deus, ocorrerão vários tempos difíceis na história devido aos julgamentos locais de Deus sobre a Terra. Essa é uma profecia bastante geral, não correspondendo exatamente a nenhum evento particular. O ponto é que Deus efetuou, efetua e efetuará diversos juízos na Terra por causa da iniquidade dos seres humanos, e os fiéis devem se manter seguros durante tais tempos difíceis, não se envolvendo com os julgados até que a duração da ira divina em questão termine. A duração dos tempos difíceis é pequena em comparação à glória que foi reservada para os justificados. A expressão "A terra deixará aparecer o sangue que embebeu e não encobrirá mais aqueles que foram mortos" é uma ilustração que demonstra que, até que ocorra o fim do mundo, haverá tanto sangue derramado e tantos mortos que não haveria terra suficiente para cobri-los. Em outras palavras, muito sangue é derramado e muitos são mortos pelos vários julgamentos locais de Deus na Terra, até que a segunda vinda de Cristo tome lugar.

2.16.20. ISAÍAS 27:1-13

> Naquele dia, com a sua espada terrível, grande e forte, o SENHOR castigará o Leviatã, serpente veloz, o Leviatã, serpente sinuosa; ele matará o monstro que está no mar. Naquele dia, o SENHOR dirá: "Cantem a respeito da vinha deliciosa! Eu, o SENHOR, a vigio e a rego constantemente. De dia e de noite eu cuido dela, para que ninguém lhe faça dano. Não estou irado com ela. Quem me dera ter espinheiros e ervas daninhas diante de mim! Em guerra, eu iria contra eles e os queimaria ao mesmo tempo. Ou que se ponham sob a minha proteção e façam as pazes comigo; sim, que façam as pazes comigo." Virão dias em que Jacó lançará raízes e Israel florescerá e brotará; e encherão o mundo de frutos. Será mesmo que o SENHOR castigou Israel como fez com aqueles que castigaram o seu povo? Ou o matou, assim como fez com aqueles que mataram o seu povo? Com "xô!", "xô!" e exílio o trataste; com forte sopro o expulsaste no dia do vento leste. Portanto, com isto será expiada a culpa de Jacó. E este será todo o fruto do perdão do seu pecado: quando ele fizer com que todas as pedras dos altares pagãos sejam esmigalhadas, como se fossem pedras de cal, os postes da deusa Aserá e os altares do incenso não ficarão em pé. Porque a cidade fortificada está solitária; é habitação desamparada e abandonada como um deserto. Ali pastam os bezerros; ali eles se deitam e comem os ramos das árvores. Quando os ramos secam, são quebrados. Então vêm as mulheres e os apanham para fazer fogo. Porque este é um povo que não tem entendimento; por isso, aquele que o fez não terá compaixão dele, e aquele que o formou não será gracioso para com ele. Naquele dia, em que o SENHOR debulhará o seu cereal desde o Eufrates até o ribeiro do Egito, vocês, filhos de Israel, serão colhidos um a um. Naquele dia, se tocará

> uma grande trombeta, e os que andavam perdidos pela terra da Assíria e os que foram desterrados para a terra do Egito virão e adorarão o SENHOR no monte santo em Jerusalém.

Deus, no juízo final, colocará um fim em todo tipo de mal, o qual foi simbolizado pelo Leviatã. Também haverá cânticos de louvor da parte dos justificados, os quais foram simbolizados pela "vinha deliciosa". Deus não levará mais em conta os pecados dos justificados e, assim, não terá ira contra eles. Muito pelo contrário, passará a cuidar deles com muito cuidado, protegendo-os e impedindo-os de ter qualquer tipo de mal. No estado de comunhão plena entre os justificados e Deus, o mal é algo completamente inexistente, de tal forma que o profeta usou uma ilustração em que Deus sentiria "alguma saudade" de ver ímpios diante dele para puni-los ou, preferivelmente, se reconciliar com eles.

Os dias em que Jacó e Israel florescerão e brotarão, enchendo a terra de frutos, encontram certo cumprimento após o exílio na Babilônia. Pessoas de várias nações diferentes se tornaram prosélitos (convertidos ao judaísmo). No entanto, o maior cumprimento disso se encontra na Igreja, a qual se espalhou de Jerusalém para o mundo todo e converteu muitos ao Senhor.

Deus, de fato, castigou muito o povo de Israel pela sua desobediência (principalmente com a queda de Jerusalém em 586 a.C. e o exílio para a Babilônia), mas tal castigo nunca se equiparou ao castigo de nações pagãs, as quais foram eliminadas (como a Assíria, a Babilônia, a Medo-Pérsia, o Império Grego e o Império Romano). O judaísmo foi finalmente rejeitado por Deus na destruição do templo em 70 d.C., e a vinda da Nova Aliança tornou a Igreja no cumprimento do verdadeiro Israel, sendo que a Igreja possui a proteção e as bênçãos do Senhor, além de herdar suas promessas. A Igreja de Jesus Cristo é a manifestação do reino de Deus na Terra e é nela que "todo o fruto do perdão do pecado de Jacó" tem cumprimento. Ela se expandiu para todo o mundo, convertendo pessoas ao Senhor e afastando-as da idolatria, efetivamente derrotando os falsos deuses e seus altares.

Os não justificados foram, novamente, simbolizados com uma cidade fortificada, a qual foi retratada como desolada, desamparada e abandonada como um deserto. Nessa figura, tal cidade serve de pasto para bezerros. Os ramos das árvores de tal cidade são alimento para os referidos animais e também se quebram nos tempos de seca, servindo apenas como combustível para que mulheres façam fogo. Essas imagens transmitem a ideia de que os não justificados perderão tudo em que confiaram. Tais coisas não servirão de nada e eles receberão punição da parte de Deus.

Os não justificados também foram retratados como um povo que rejeita o entendimento para as coisas de Deus, pessoas que não fazem caso dele como criador. Deus não terá compaixão de tal atitude, ou seja, negará a elas o perdão, o que implica, em última análise, na condenação do juízo final. Em contraste, os israelitas que foram fiéis a Deus, apesar de terem sido espalhados para vários lugares desde a queda de Jerusalém diante da Babilônia, seriam "colhidos um a um". Isso representa que Deus tem cuidado especial com cada um dos seus justificados, o que foi simbolizado por Deus saindo para fazer uma colheita do "Eufrates até o ribeiro do Egito". O primeiro cumprimento disso, provavelmente, ocorreu no retorno do povo de Judá do exílio babilônico. Muitos israelitas da Assíria, Egito e outras partes do mundo se juntaram aos judeus que retornaram do exílio na restauração de Jerusalém e do templo e, então, adoraram a Deus "no monte santo em Jerusalém". Um segundo cumprimento da profecia é encontrado na anunciação do evangelho, onde muitos convertidos de várias nações diferentes adorarão no verdadeiro monte santo – a habitação celestial de Deus.

2.16.21. ISAÍAS 28:16-18

> Portanto, assim diz o SENHOR Deus: "Eis que ponho em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada; aquele que crer não foge. Farei do juízo a régua e da justiça, o prumo." O granizo varrerá o refúgio da mentira, e as águas arrastarão o esconderijo. A aliança que vocês fizeram com a morte será anulada, e o acordo com a sepultura não será mantido; e, quando o flagelo arrasador passar, vocês serão esmagados por ele.

Isaías reprovou os habitantes de Jerusalém que se afastavam do Senhor, fazendo da mentira e da falsidade seu refúgio (Isaías 28:14-15) e que fizeram "aliança com a morte". Nada pode evitar o julgamento individual que Deus efetuará para cada pessoa, nem mentiras, nem falsidade, nem mesmo a morte. Há pessoas que imaginam que, ao morrerem, estarão livres do juízo de Deus porque "deixarão de existir" e, assim, creem que o melhor é

aproveitar a vida ao máximo antes que a morte venha, mesmo que seja fazendo as coisas que Deus aborrece. Obviamente, tal aliança com a morte não evitará o juízo de Deus – nem os juízos locais na Terra, muito menos o juízo final. No caso de Jerusalém, o profeta já declarou que um "flagelo arrasador" iria passar por ela e que tais pessoas seriam mortas e, consequentemente, receberiam juízo (Hebreus 9:27). O "flagelo arrasador" provavelmente se refere à invasão da Assíria sobre a terra de Judá. Apesar de Deus ter livrado Jerusalém da ameaça assíria (Senaqueribe), pessoas morreram por esse juízo.

A pedra já provada, preciosa e angular, solidamente assentada, é Cristo. O símbolo se refere a uma pedra de referência para a edificação de um edifício, a qual é colocada em um canto e utilizada para alinhar as demais pedras, as quais são os fiéis. O conjunto de fiéis edificados conforme o exemplo de Cristo representa o edifício de Deus. O juízo e a justiça são as ferramentas usadas para a edificação desse edifício espiritual. Cada um deve crer e seguir Cristo para fazer parte da comunhão com Deus.

2.16.22. ISAÍAS 29:17-24

> Não é fato que, dentro de muito pouco tempo, o Líbano se tornará pomar, e o pomar será tido por bosque? Naquele dia, os surdos ouvirão as palavras do livro, e os cegos, livres da escuridão e das trevas, as verão. Os mansos voltarão a se alegrar no SENHOR, e os pobres do meio do povo exultarão no Santo de Israel. Pois o tirano será reduzido a nada, o zombador já não existirá, e serão eliminados todos os que buscam o mal, os quais com uma palavra condenam o inocente, põem armadilhas ao que repreende no tribunal, e sem motivo negam ao justo o seu direito. Portanto, a respeito da casa de Jacó, o SENHOR, que remiu Abraão, diz o seguinte: "Jacó não será mais envergonhado, nem mais ficará pálido o seu rosto. Pois, quando ele e os seus filhos virem a obra das minhas mãos no meio deles, santificarão o meu nome; sim, santificarão o Santo de Jacó e temerão o Deus de Israel. E os desencaminhados de espírito virão a ter entendimento, e os murmuradores hão de aceitar instrução."

A expressão "Naquele dia" nem sempre se refere ao fim do mundo, mas tipicamente se refere a um tipo de visitação do Senhor. Deus escolhe momentos na história para efetuar juízos contra os ímpios e operar salvação para aqueles que o buscam. O povo de Judá estava mal em relação à Palavra do Senhor e, apesar de Deus tê-lo castigado com vários juízos locais por causa disso, sempre buscou chamá-lo ao arrependimento para regenerá-lo.

Nessa profecia, Isaías anteviu que Deus faria uma visitação para realizar uma grande mudança espiritual no povo de Judá, o que é atestado pela expressão "o Líbano se tornará pomar, e o pomar será tido por bosque". O Líbano (a localização de Tiro e Sidom) foi atacado pela Assíria, mas somente foi totalmente destruído pela conquista de Alexandre, o Grande, no quarto século a.C. É mais provável que Isaías estivesse comparando a nação de Israel com o Israel espiritual. Assim, sobreveio uma calamidade à nação e a terra se tornou como um deserto. Porém, espiritualmente, o povo foi como um "pomar", isto é, preparado para dar frutos a Deus. A expressão "as palavras do livro" se refere à Palavra de Deus. "Os surdos", "os cegos", "os mansos" e "os pobres" se alegraram no "Santo de Israel", o próprio Deus, e depositaram sua confiança nele e, então, ele os recompensou. Interessantemente, a mudança ocorreu a partir dos humildes, de forma a mudar o coração do povo.

Assim como Deus remiu Abraão de uma vida pagã, ele buscou fazer com o reino de Judá. Deus chamou Abraão para que deixasse a sua terra natal (Gênesis 12:1) e firmasse com ele uma aliança. Abraão recebeu a promessa que dele procederia uma grande nação (Gênesis 12:2-3). A história da redenção de Abraão continha promessas para "a casa de Jacó", o povo de Judá, na crise que estavam enfrentando.

O termo "tirano" se refere a todos aqueles que maltratavam os fracos porque tinham poder (Isaías 1:17; 13:11; 25:3-5; 29:5). O termo "escarnecedor" foi aplicado para aqueles que escarneciam das verdades de Deus e que pervertiam a justiça para os pobres (Isaías 28:14). O verso 21 demonstra três abusos daqueles que buscavam o mal: o falso testemunho ("os quais com uma palavra condenam o inocente"), ciladas com palavras ("põem armadilhas ao que repreende no tribunal") e a negação de justiça a alguém ("negam ao justo o seu direito"). O profeta deu uma descrição adequada aos tiranos: faziam que pessoas inocentes fossem condenadas por meio de palavras fraudulentas. Na porta da cidade, onde se administravam os julgamentos no antigo Israel, havia pessoas que faziam uso de tais coisas para alcançar seus objetivos malignos.

A expressão "dentro de muito pouco tempo" denota que a mudança espiritual ocorreu brevemente após Isaías ter proferido essa profecia. No entanto, observa-se um maior cumprimento da profecia no futuro, na época

do Messias. Era comum que profecias do Antigo Testamento tivessem mais de um cumprimento ao longo do tempo. É provável que o primeiro cumprimento da profecia tenha ocorrido com a iniciativa de reformas espirituais de um bom rei de Judá, as quais incentivaram a nação a buscar a Deus e pôr à parte a injustiça, tal como nos reinados de Ezequias ou Josias. Infelizmente, mesmo com as reformas espirituais promovidas pelos bons reis, o povo caiu novamente em apostasia.

O maior cumprimento dessa profecia de Isaías ocorreu, sem dúvida, com o estabelecimento da Igreja, o qual foi, de fato, uma visitação do Senhor. Judeus espiritualmente mortos ouviram a Palavra de Deus e saíram das trevas em que estavam expostos, se convertendo a Deus. Aqueles que tinham uma conduta agradável a Deus, ainda que oprimidos, se agradaram e exultaram por causa de Deus, pois a salvação é espiritual, não dependente de posses e nem de condições sociais na presente vida. Tanto os tiranos quanto os zombadores das coisas de Deus, e também aqueles que praticavam o mal, foram eliminados do meio do povo, isto é, não têm lugar em meio à Igreja do Senhor. A "casa de Jacó" que foi remida de forma a não mais ser envergonhada, com pessoas que santificam e temem a Deus, certamente encontra cumprimento na Igreja. A pregação do evangelho, uma das principais atribuições da Igreja, permite que "os desencaminhados de espírito" venham a ter entendimento de Deus e que "os murmuradores" aceitem a instrução divina.

2.16.23. ISAÍAS 31:5

> Como uma ave paira sobre o seu ninho, assim o SENHOR dos Exércitos defenderá Jerusalém; ele a defenderá e salvará, poupará e livrará.

Assim como uma ave paira sobre o seu ninho para proteger seus ovos, Deus protegeu Jerusalém da ameaça dos assírios. Essa profecia, como outras similares, não pode se aplicar a nenhuma futura proteção de Jerusalém após sua destruição em 70 d.C., uma vez que o sistema judaico foi totalmente rejeitado a favor da Nova Aliança em Cristo.

2.16.24. ISAÍAS 33:6

> Ó Sião, no seu tempo haverá estabilidade, abundância de salvação, sabedoria e conhecimento. O temor do SENHOR será o seu tesouro.

No contexto, Judá estava sob o reinado de Ezequias e com medo da ameaça assíria. Em Isaías 33:1, o "destruidor" se refere ao rei da Assíria, o qual, após receber tributo do rei Ezequias (2 Reis 18:14-16), avançou contra Judá para destrui-lo.

Deus prometeu que, "no devido tempo", ou seja, após o livramento da ameaça assíria, haveria "estabilidade, abundância de salvação, sabedoria e conhecimento" e que o "temor do Senhor" seria o tesouro de Judá. De fato, Deus livrou Jerusalém da Assíria e, assim, o povo teve uma ascensão espiritual, e a profecia encontrou um primeiro cumprimento. Porém, infelizmente, após a morte de Ezequias, a nação novamente caiu em apostasia. Como em Isaías 31:5, essa profecia, como outras similares, não pode se aplicar a nenhuma futura proteção de Jerusalém após sua destruição em 70 d.C., uma vez que o sistema judaico foi totalmente rejeitado a favor da Nova Aliança em Cristo.

Uma segunda aplicação dessa profecia diz respeito à Igreja. O termo "Sião" pode ser entendido como uma figura para os salvos que se reúnem em uma igreja local, os quais, de fato, experimentam estabilidade espiritual, abundância de salvação, e muita sabedoria e conhecimento por meio da pregação e estudo da Palavra de Deus. O cristão encontra no temor do Senhor o seu tesouro.

2.16.25. ISAÍAS 33:10-12

> "Agora me levantarei", diz o SENHOR; "agora me erguerei; agora serei exaltado. Vocês conceberam palha e darão à luz restolho; o sopro que sai da boca de vocês é um fogo que os há de devorar. Os povos serão queimados como se queima a cal; como espinhos cortados, serão jogados no fogo."

O contexto dessa profecia, como indicado em Isaías 33:7-9, é que o povo na terra de Judá estava em um estado desesperador e terrível na época da invasão de Senaqueribe, no ano 701 a.C. A devastação causada pela

guerra foi terrível e as pessoas comuns sofreram muito. Porém, o Senhor efetuou juízo contra os opressores assírios, o que foi simbolizado pelo fogo que queima a cal e os espinhos cortados. Imagens como essas que utilizam o fogo são comuns para demonstrar juízo divino.

2.16.26. ISAÍAS 33:17-24

> Os olhos de vocês verão o rei na sua formosura, verão a terra que se estende até longe. O seu coração se lembrará dos terrores, dizendo: "Onde está o escrivão? Onde está aquele que recolheu o tributo? E onde está aquele que contou as torres?" Você já não verá aquele povo atrevido, povo de fala obscura, de uma língua estranha, que não se pode entender. Olhe para Sião, a cidade das nossas festas. Os seus olhos verão Jerusalém, habitação tranquila, tenda que não será removida, cujas estacas nunca serão arrancadas, nem rebentada nenhuma de suas cordas. Mas o SENHOR ali nos será grandioso, fará as vezes de largos rios e canais. Nenhum barco a remo passará por eles, navio grande por eles não navegará. Porque o SENHOR é o nosso juiz, o SENHOR é o nosso legislador, o SENHOR é o nosso Rei; ele nos salvará. Agora as suas cordas estão frouxas; não permitem firmar o mastro, nem estender a vela. Então se repartirá a presa de muitos despojos; até os coxos participarão dela. Nenhum morador de Jerusalém dirá: "Estou doente"; o povo que habita nela terá o seu pecado perdoado.

Essa profecia, apesar de ter como pano de fundo o reinado de Ezequias e a libertação de Jerusalém da ameaça de Senaqueribe da Assíria, aponta para um reino idealizado e espiritual. O "rei" é, provavelmente, o Messias, e aqueles que reconhecem o Senhor são preparados para contemplar as maravilhas descritas pelo profeta. Isaías usou o livramento que Deus deu para a Jerusalém de Ezequias como base para falar de um dia em que aconteceria o verdadeiro livramento. Os terrores que o povo experimentou não mais existirão. O povo também não precisaria temer invasores que falam outras línguas que não eram entendidas.

Assim, a profecia de Isaías apontou para o monte Sião verdadeiro, a Jerusalém celestial (Hebreus 12:22), um reino inabalável (Hebreus 12:28). Ali o Senhor será ainda mais reconhecido como grandioso. Essa Jerusalém celestial foi também representada como as grandes cidades do Nilo e do Eufrates (como em Naum 3:8), as quais eram cercadas por uma extensão de águas que a protegiam da aproximação de inimigos. Assim, a cidade celestial não pode ser abordada por inimigos, nem pela terra (por causa das águas), nem com nenhum tipo de barco ou navio. Os navios inimigos que tentarem abordar a cidade dos salvos são mostrados como derrotados e servindo de despojo até para os coxos. Esse símbolo indica que todos os inimigos espirituais não poderão fazer mal algum aos remidos e, se tentarem, serão derrotados e servirão para o fortalecimento dos fiéis, até mesmo daqueles que possuírem uma fé mais débil, mas que se esforçam no Senhor (os "coxos").

Isaías referiu-se a Deus como "nosso juiz", "nosso legislador", "nosso rei" – títulos que expressam libertação e segurança. Está implícita uma vitória no verso 23 e o profeta encerrou sua bela visão de esperança espiritual com a expressão "o povo que habita nela terá o seu pecado perdoado". Os cristãos recebem o perdão de pecados já na Terra e, mais adiante, estarão com o Senhor na Jerusalém celestial para desfrutar de comunhão íntima com ele pela eternidade.

2.16.27. ISAÍAS 35:1-10

> O deserto e a terra seca se alegrarão; o ermo exultará e florescerá como o narciso. Ele se cobrirá de flores, dará gritos de alegria e exultará. Receberá a glória do Líbano, o esplendor do Carmelo e de Sarom. Eles verão a glória do SENHOR, o esplendor do nosso Deus. Fortaleçam as mãos frouxas e firmem os joelhos vacilantes. Digam aos desalentados de coração: "Sejam fortes, não tenham medo. Eis aí está o Deus de vocês. A vingança vem, a retribuição de Deus; ele vem para salvar vocês." Então se abrirão os olhos dos cegos, e se desimpedirão os ouvidos dos surdos; os coxos saltarão como as corças, e a língua dos mudos cantará. Pois águas arrebentarão no deserto, e ribeiros, no ermo. A areia escaldante se transformará em lagos, e a terra seca, em mananciais de água. Onde os chacais costumavam viver, crescerá a erva com canas e juncos. E ali haverá uma estrada, um caminho que será chamado de Caminho Santo. Os impuros não passarão por ele, pois será somente para o povo de Deus. Quem passar por esse caminho, mesmo que seja um tolo, não se perderá. Ali não haverá leão; nenhum animal feroz passará por ele nem será encontrado nele; mas os remidos andarão por esse caminho. Os resgatados do SENHOR voltarão e virão a Sião com cânticos de júbilo. Alegria eterna coroará a sua cabeça. Ficarão tomados de júbilo e alegria, e deles fugirão a tristeza e o gemido.

A expressão "deserto e a terra" se refere às regiões ao sul de Judá por onde Israel foi conduzido do êxodo do Egito. É uma terra árida e desolada, porém, quando chove, se transforma numa bela região de flores campestres e outras plantas. Enquanto o homem sem Deus tem seu mundo como um deserto desolado, o fiel tem um mundo transformado da desolação para a esperança, como a mudança do deserto em uma terra bela. Isaías afirmou que a área desolada se cobriria de flores – o deserto foi comparado à glória do Líbano e ao esplendor do Carmelo e de Sarom, regiões conhecidas por sua fertilidade. Assim se faz com o fiel. A reação de dar gritos de alegria e exultação são as reações à operação de tal graça divina. O profeta continuou dizendo que a glória do Senhor e o esplendor de Deus serão vistos. Toda essa cena simboliza as grandes mudanças produzidas pela graça divina que é derramada sobre uma região e sobre um povo. Os debilitados precisavam de ânimo, e a mensagem foi para que fossem fortes e não temessem, pois Deus opera a justiça, retribuição e salvação em vários momentos da história, em suas várias visitações, e não apenas no juízo final.

No verso 5, o termo "Então" aponta para a época do Messias – a primeira vinda de Jesus Cristo. Enquanto Jesus esteve em seu ministério terrestre, cegos recuperaram suas visões, surdos recuperaram sua audição, coxos voltaram a andar normalmente e mudos voltaram a falar. Ainda mais importante do que isso, os cegos, surdos, coxos e mudos representam pessoas com doenças espirituais que, também, foram curadas pelo evangelho de Cristo. Quando João Batista mandou seus discípulos perguntarem a Jesus se ele era aquele que estava por vir ou se teriam que esperar por outro (Mateus 11:3), Cristo respondeu citando as palavras de Isaías 35:5. Isso demonstra claramente que a glória descrita por Isaías não se referia ao mundo físico, mas às bênçãos espirituais experimentadas em Cristo. Paisagens áridas foram utilizadas para simbolizar as vidas das pessoas que estavam longe de Deus. Essas paisagens áridas sofreram transformação, tendo águas, deixando de ser desoladas e habitação de chacais, ou seja, as vidas das pessoas foram transformadas por Cristo. Um caminho para as pessoas chegarem a Deus se abriu, o qual é o próprio Cristo – e Cristo é seguido pela prática do evangelho. Esse caminho não é para aqueles que não querem ser puros, portanto, os impuros estarão de fora. Até mesmo aquele que é tolo, se seguir o evangelho, será transformado e chegará até Deus. Seguir Cristo faz com que o fiel não encontre nenhum animal feroz, ou seja, evita a morte espiritual. O destino é chegar até Deus no verdadeiro monte Sião – sua habitação celestial com todos os salvos, o que é, em última análise, os novos céus e nova terra. Ali haverá cânticos de júbilo, alegria eterna, e nenhum mal jamais afetará os salvos.

2.16.28. ISAÍAS 38:17-19

> Eis que foi para a minha paz que eu tive grande amargura; tu, porém, amaste a minha alma e a livraste da cova da corrupção, porque lançaste para trás de ti todos os meus pecados. A sepultura não pode te louvar, nem a morte glorificar-te; os que descem à cova não esperam em tua fidelidade. Os vivos, somente os vivos, esses te louvam, como hoje estou fazendo. Os pais darão a conhecer aos filhos a tua fidelidade.

Essas são as palavras do rei Ezequias após ter sido curado por Deus de sua doença mortal. Ele utilizou uma imagem em que Deus tira de sua memória os pecados do rei. Quando Deus "lança os pecados para trás de si" ele os perdoa e os esquece.

Ezequias lamentou que "A sepultura não pode te louvar, nem a morte glorificar-te; os que descem à cova não esperam em tua fidelidade." Aqueles que viveram antes de Cristo não tinham uma visão muito clara sobre como é a situação dos mortos, sendo para eles um assunto obscuro. Como em vários outros textos bíblicos que parecem apoiar uma ideia de sono ou inconsciência dos mortos, o ponto de vista de Ezequias foi a partir da vida terrena. Aqueles que já morreram não participam da vida na Terra, mas isso não significa que o amor não existe mais para eles nas regiões celestiais, nem que a eles será negada a recompensa (conforme 2 Timóteo 4:6-8). Em outras passagens, tais como as citações de João 11 e 1 Tessalonicenses 4, a ideia de dormir é apresentada em contraste com a noção de uma morte permanente. Ambas as passagens tratam da ressurreição (imediata no caso de Lázaro em João 11, e na vinda do Senhor em 1 Tessalonicenses 4). Descrever a morte como sono, na verdade, não é um comentário sobre a inconsciência dos mortos, mas sobre o estado temporário da morte. Descrever que, para onde os mortos vão, há somente silêncio e esquecimento e nenhum louvor ou glorificação de Deus é, em última análise, retratar que os mortos não têm participação no mundo dos viventes. Apenas no mundo dos viventes há aquisição de conhecimento terreno ou conversão ao Senhor – essas coisas, de fato, não ocorrem para quem já faleceu. As evidências bíblicas para que os mortos estejam conscientes são melhores (ver 1.1.19. Mateus 17:1-9).

2.16.29. ISAÍAS 40:23

> É ele quem reduz a nada os príncipes e torna em nulidade os juízes da terra.

Deus está acima de toda autoridade e acima de todos os juízes da Terra. Ele tem a autoridade máxima e, portanto, efetua o juízo final por meio de Cristo.

2.16.30. ISAÍAS 42:4

> Não desanimará, nem será esmagado até que estabeleça na terra a justiça; e as terras do mar aguardarão a sua doutrina.

Isaías se referiu ao Messias, Jesus Cristo. A despeito de muita oposição e sofrimento, Jesus de fato não desanimou e nem foi morto na cruz antes de estabelecer o evangelho, a justiça de Deus na Terra. As "terras do mar" representam lugares afastados de difícil acesso, mas até mesmo lugares como esses ansiavam pela doutrina do Senhor – e a receberam.

2.16.31. ISAÍAS 42:6-7

> Eu, o SENHOR, chamei você em justiça; eu o tomarei pela mão, o guardarei, e farei de você mediador da aliança com o povo e luz para os gentios; para abrir os olhos dos cegos, para tirar da prisão os cativos, e do cárcere, os que jazem em trevas.

Mais uma vez o profeta se refere ao Messias, Jesus Cristo. Jesus foi escolhido e guiado por Deus Pai para ser o mediador da Nova Aliança, a qual é tanto para judeus quanto para gentios. Há um cumprimento duplo na expressão "abrir os olhos dos cegos": literal, quando Cristo curou cegos em seu ministério terrestre, e espiritual, quando o evangelho mostra o caminho para chegar a Deus àqueles que estão longe dele. Da mesma forma, a expressão "para tirar da prisão os cativos, e do cárcere, os que jazem em trevas" pode ter duplo cumprimento: espiritual, quando Cristo liberta os cativos e aprisionados no pecado por meio do evangelho (assim livrando-os da permanência no mundo dos mortos, o qual é representado na Bíblia como uma prisão e como trevas) e, talvez, literal: Cristo, em sua ascensão, possivelmente tenha libertado os fiéis que estavam cativos no *sheol*/*hades* e os tenha levado ao céu (veja 1.3.15. Lucas 16:19-31, 1.3.24. Lucas 23:42-43, 1.10.1. Efésios 4:8-9, 1.24.3. Apocalipse 1:13-20).

2.16.32. ISAÍAS 43:3

> Porque eu sou o SENHOR, seu Deus, o Santo de Israel, o seu Salvador; dei o Egito em resgate por você, e a Etiópia e Sebá para que você fosse meu.

A Etiópia era a designação da região entre a segunda e a terceira catarata do rio Nilo, no sul do Egito, anteriormente chamada de Cuxe. Sebá é a região sul do deserto árabe do outro lado do mar Vermelho em relação à Etiópia.

O Egito, a Etiópia e Sebá seriam dados como um "resgate". Isso provavelmente significa que essas nações seriam desoladas a fim de a libertação dos judeus ocorrer. Isso provavelmente ocorreu nos dias do Império Medo-Persa: embora Ciro não as tenha conquistado, seus sucessores o fizeram. Em particular, Cambises invadiu e subjugou o Egito e, então, subjugou a Etiópia. Isaías fez uso da linguagem da certeza profética, ou seja, coisas do futuro apresentadas como já cumpridas por causa da certeza de seu cumprimento. O argumento é que, se Deus permitiu que ocorresse desolação e ruína no Egito, na Etiópia e em Sebá ao invés de ocorrer desolação em Judá, os fiéis não tinham nada a temer da Babilônia ou de qualquer outra nação hostil – Deus efetuaria a libertação deles, mesmo à custa da derrubada de reinos mais poderosos.

2.16.33. ISAÍAS 43:11-13

> Eu, eu sou o SENHOR, e fora de mim não há salvador. Eu anunciei salvação, eu a realizei e a fiz ouvir; deus estranho não houve entre vocês, pois vocês são as minhas testemunhas", diz o SENHOR. "Eu sou Deus. Ainda antes que houvesse dia, eu sou; e não há quem possa livrar alguém das minhas mãos; agindo eu, quem o impedirá?"

O profeta declarou a singularidade de Deus: ele é absoluto como senhor e salvador, assim como em suas declarações e em seus feitos. Antes da existência do dia ele já existia. Assim, Deus é inquestionavelmente a maior autoridade, o primeiro e único, autoexistente e soberano. Portanto, julgamentos definitivos podem ser efetuados apenas por Deus. Como Cristo é aquele que realiza o julgamento final, ainda que seja por concessão de Deus Pai, segue-se que Cristo é Deus – Deus Filho – uma pessoa distinta de Deus Pai, mas ainda assim Deus. Interessantemente, Jesus tratou seus discípulos em Atos 1:8 como suas testemunhas da mesma forma que Deus tratou seus fiéis de Israel como suas testemunhas.

2.16.34. ISAÍAS 44:23

> Alegrem-se, ó céus, porque o SENHOR fez isto; exultem, ó profundezas da terra; cantem de alegria, vocês, montes, vocês, bosques e todas as suas árvores, porque o SENHOR remiu Jacó e se glorificou em Israel.

A exultação do profeta se refere ao anúncio da destruição da Babilônia e dos pecados de Israel em Isaías 43. Sendo o opressor babilônico destruído e os pecados da nação considerados remidos (particularmente com o retorno do exílio babilônico), figuradamente, Isaías convocou as profundezas da terra (o *sheol* e o *abaddon*), montes, bosques e árvores ao regozijo.

Assim, o *sheol* e o *abaddon* foram retratados como as profundezas da terra. A alegria que vem de Deus por causa da realização de sua justiça é imensa no que diz respeito à punição do não justificado e a salvação do justificado.

2.16.35. ISAÍAS 44:24-28

> Assim diz o SENHOR, o seu Redentor, o mesmo que o formou desde o ventre materno: "Eu sou o SENHOR, que faço todas as coisas. Sozinho estendi os céus e sozinho espraiei a terra. Eu frustro os sinais dos que profetizam mentiras e faço com que os adivinhos fiquem parecendo tolos. Obrigo os sábios a recuar, transformando o seu saber em tolice. Eu confirmo a palavra do meu servo e cumpro o conselho dos meus mensageiros. Digo a respeito de Jerusalém: 'Ela será habitada'; e a respeito das cidades de Judá: 'Elas serão edificadas'; e quanto às suas ruínas: 'Eu as levantarei'. Digo à profundeza do mar: 'Seque, e eu secarei os seus rios.' Eu digo a respeito de Ciro: 'Ele é meu pastor e cumprirá tudo o que me agrada.' Digo também de Jerusalém: 'Será edificada'; e do templo: 'Seus alicerces serão lançados.'"

Deus é o criador e sustentador de tudo o que existe e frustra os planos daqueles que se opõem a ele. Por meio de Isaías, o Senhor emitiu um grande pronunciamento acerca de Ciro, o rei da Pérsia: "Ele é meu pastor e cumprirá tudo o que me agrada". Ciro já tinha sido citado anonimamente em Isaías 41:2-3 e Isaías 41:25, no entanto, em Isaías 44:28, Ciro foi citado pelo nome, um século e meio antes de ter iniciado suas campanhas vitoriosas contra a Babilônia. Uma vez que a Babilônia foi derrotada, o povo de Judá que foi levado cativo pôde retornar para sua terra e reedificar o templo, como detalhado em livros como Esdras, Neemias, Ageu e Zacarias.

2.16.36. ISAÍAS 45:17

> Israel, porém, será salvo pelo SENHOR com salvação eterna; vocês não serão envergonhados nem humilhados, por toda a eternidade.

Essa promessa não se refere à nação física de Israel, pois nem todo Israel é Israel (Romanos 9:6-23). Isaías se referiu ao verdadeiro Israel, ou seja, ao povo que verdadeiramente se converteu a Deus. Tanto os fiéis da Antiga Aliança quanto os cristãos do Novo Testamento acabam sendo incluídos no Israel espiritual, o verdadeiro Israel de Deus. Esse é o Israel que receberá salvação eterna com a segunda vinda de Cristo. Os justificados jamais serão envergonhados ou humilhados novamente, diferentemente do que frequentemente ocorre na vida física. Na Nova Aliança, a Igreja de Jesus Cristo é o cumprimento de Israel.

2.16.37. ISAÍAS 45:22

> Voltem-se para mim e sejam salvos, vocês, todos os confins da terra; porque eu sou Deus, e não há outro.

Há um único Deus e apenas ele é salvador. A salvação vem pela conversão a Deus. Uma vez que Cristo opera a salvação, ele também é Deus.

2.16.38. ISAÍAS 46:12-13

> Escutem, vocês de coração obstinado, que estão longe da justiça. Faço chegar a minha justiça, e ela não está longe; a minha salvação não tardará. Estabelecerei em Sião o livramento e em Israel, a minha glória.

Houve um paradoxo no pensamento de Isaías: enquanto a salvação estava próxima em termos temporais, Israel ainda estava espiritualmente longe dela. Assim, a salvação/justiça teve dois aspectos: juntamente com a libertação providencial de Deus do cativeiro na Babilônia, na qual o agente foi Ciro, havia uma salvação interior e espiritual, a qual consistiu em levar o remanescente da nação a ter pensamentos corretos sobre si mesma e sobre Deus. Nessa transformação espiritual, os instrumentos foram os servos fiéis de Deus, tais como Ageu, Zacarias, Neemias e Esdras.

2.16.39. ISAÍAS 48:13

> Também a minha mão fundou a terra, e a minha mão direita estendeu os céus; quando eu os chamar, eles se apresentarão juntos.

Tanto a "terra" como os "céus" são testemunhas de que Deus é o criador. Interessantemente, na cena do grande trono branco, os céus e a terra estavam presentes no julgamento final de Cristo, mas "fugiram" e "não se achou lugar para eles" (Apocalipse 20:11) – isto é, a presente criação será destruída pelo fogo (2 Pedro 3:7,10). Quando o julgamento final ocorrer, os céus e a terra se apresentarão como testemunhas da criação de Deus e, então, serão destruídos pelo fogo (2 Pedro 3:7,10) para dar lugar aos novos céus e nova terra.

2.16.40. ISAÍAS 49:8-12

> Assim diz o SENHOR: "No tempo aceitável eu escutei você e no dia da salvação eu o socorri. Eu o guardarei e o farei mediador da aliança com o povo, para restaurar a terra e repartir as propriedades devastadas, para dizer aos presos: 'Saiam da prisão!', e aos que estão em trevas: 'Venham para fora!' Eles pastarão ao longo dos caminhos e em todos os montes desertos terão o seu pasto. Não terão fome nem sede, o calor forte e o sol não os afligirão, porque o que se compadece deles os guiará e os conduzirá aos mananciais das águas. Transformarei todos os meus montes em caminhos, e as minhas estradas serão levantadas. Eis que estes virão de longe, e eis que aqueles virão do Norte e do Ocidente; outros virão da terra de Sinim."

Essa profecia foi cumprida na primeira vinda de Cristo e na Igreja. O "tempo aceitável" e o "dia da salvação" do verso 8 foram relacionados pelo apóstolo Paulo como a época da Igreja, a era cristã, em 2 Coríntios 6:2, onde o apóstolo acrescentou em seguida: "Eis agora o tempo oportuno! Eis agora o dia da salvação!" O servo do Senhor referido nessa profecia é o Messias, Jesus Cristo, o mediador da aliança com o povo – a Nova Aliança. Essa aliança se refere à promessa do Senhor de proteger dar provisões espirituais aos fiéis, denotando seu relacionamento pessoal com os justificados. Nesse relacionamento pessoal com o Cristo de Deus é que as bênçãos são dadas (2 Pedro 1:2-3).

A certeza da provisão, proteção e orientação de Deus para os fiéis por meio do Messias foi ilustrada pelo profeta com figuras nos versos 8 a 12, as quais remetem ao êxodo de Israel do Egito. Onde antes havia dificuldade, o Senhor provê caminhos e proteção para chegar às suas bênçãos. Aqueles que estavam aprisionados pelo pecado, em trevas, encontram liberdade em Jesus – são libertados da permanência no mundo dos mortos reservada para os não justificados. Tais grandes feitos foram realizados por causa da compaixão do Senhor, representando a transformação espiritual dos justificados que ocorre em Cristo. "Sinim" provavelmente se refere à cidade de Assuã, na fronteira sul do Egito, significando os confins do mundo civilizado. Pessoas de todas as partes do planeta foram e serão abençoadas em Cristo.

Uma aplicação secundária da expressão "para dizer aos presos: 'Saiam da prisão!', e aos que estão em trevas: 'Venham para fora!'" pode ser que Cristo, em sua ascensão, possivelmente tenha libertado os fiéis que estavam cativos no *sheol/hades* e os levou ao céu (veja 1.3.15. Lucas 16:19-31, 1.3.24. Lucas 23:42-43, 1.10.1. Efésios 4:8-9, 1.24.3. Apocalipse 1:13-20).

2.16.41. ISAÍAS 49:22-26

> Assim diz o SENHOR Deus: "Eis que acenarei para as nações e diante dos povos levantarei a minha bandeira; eles trarão nos braços os seus filhos, ó Sião, e as suas filhas serão levadas sobre os ombros. Reis serão os guardiões deles, e rainhas serão as suas babás. Eles se inclinarão diante de você com o rosto em terra e lamberão o pó dos seus pés. Então você saberá que eu sou o SENHOR e que os que esperam em mim não serão envergonhados." Será que alguém pode tirar o despojo de um valente? Será que os presos podem fugir do tirano? Mas assim diz o SENHOR: "Certamente os presos serão tirados do valente, e o despojo do tirano será resgatado, porque eu lutarei contra os que lutam contra você e salvarei os seus filhos. Farei com que os seus opressores comam a sua própria carne e se embriaguem com o seu próprio sangue, como se fosse vinho novo. Então toda a humanidade saberá que eu sou o SENHOR, o seu Salvador e o seu Redentor, o Poderoso de Jacó."

Essa profecia não se refere a uma restauração da nação física de Israel em uma posição de preeminência no planeta, mas à época em que o reino de Judá tinha sido arrasado pela Babilônia e levado cativo. O profeta profetizou o retorno à terra santa e a restauração do templo. No entanto, como é um tanto comum nas profecias de Isaías, encontra-se um cumprimento maior dessa profecia na época da Igreja.

O cuidado com o povo de Deus (os filhos e filhas de Sião) foi apresentado com linguagem figurada e hiperbólica, indicando que o povo humilhado de Judá seria exaltado, e que Deus sinalizou isso para as nações contemporâneas dos judeus exilados para a Babilônia. A expressão "Eles se inclinarão diante de você com o rosto em terra e lamberão o pó dos seus pés" se refere às mesmas nações e povos para os quais Deus sinalizou o retorno do exílio: o Senhor realizou isso por meio de Ciro, permitindo que os judeus retornassem a Judá, com a provisão de toda ajuda para a reconstrução do templo. Também, isso aponta para muitas pessoas de preeminência se convertendo a Deus na era cristã e dedicando seus recursos e riquezas à causa do Senhor.

Os versos 24 a 26 se referem à proteção divina ao povo de Deus. Uma vez que ele estava do lado de Judá, os opositores, em geral, não tiveram sucesso em suas investidas para impedir a reconstrução do templo (o Livro de Neemias narra algumas dessas tentativas). Deus puniu os opositores, o que foi descrito com uma linguagem figurada forte ("Farei com que os seus opressores comam a sua própria carne e se embriaguem com o seu próprio sangue, como se fosse vinho novo"). O resultado da vitória de Deus foi apresentado com a expressão "Então toda a humanidade saberá que eu sou o SENHOR, o seu Salvador e o seu Redentor, o Poderoso de Jacó". O poder redentor e salvador de Deus foi observado no êxodo de Israel do Egito, no retorno do exílio babilônico, e será visto também na segunda vinda de Cristo.

2.16.42. ISAÍAS 51:3

> Porque o SENHOR terá piedade de Sião; terá piedade de todos os seus lugares desolados. Fará o seu deserto como o Éden, e os seus lugares áridos, como o jardim do SENHOR. Ali haverá júbilo e alegria, ações de graças e som de música.

Deus restaurou o remanescente do povo exilado na Babilônia novamente em sua terra. A terra, devido ao cativeiro de setenta anos, estava desolada, porém, com o povo de volta, voltou a ser cultivada. Certamente isso trouxe o júbilo e a música e ações de graças ao Senhor de volta à terra santa.

2.16.43. ISAÍAS 51:5-14

> Perto está a minha justiça, a minha salvação já aparece, e os meus braços dominarão os povos. As terras do mar me aguardam e no meu braço esperam. Levantem os olhos para os céus e olhem para a terra, aqui embaixo! Porque os céus desaparecerão como a fumaça, e a terra envelhecerá como a roupa; os seus moradores morrerão como mosquitos, mas a minha salvação durará para sempre, e a minha justiça não será anulada. Escutem, vocês que conhecem a justiça, vocês, povo em cujo coração está a minha lei: não temam os insultos dos homens, nem fiquem assustados por causa das suas zombarias. Porque as traças os roerão como fazem com a roupa, e os bichos os comerão como fazem com a lã. Mas a minha justiça durará para sempre, e a minha salvação, de geração em geração. Desperta! Desperta, braço do SENHOR, e arma-te de força! Desperta como nos dias passados, como nas gerações antigas! Não és tu aquele que cortou Raabe em pedaços e feriu o monstro marinho? Não és tu aquele que secou o mar, as águas do grande abismo? Não abriste um caminho no fundo do mar, para que passassem os remidos? Os resgatados do SENHOR voltarão e entrarão em Sião com

> cânticos de júbilo. Alegria eterna coroará a sua cabeça. Ficarão tomados de júbilo e alegria, e deles fugirão a tristeza e o gemido. "Eu, eu sou aquele que os consola; quem, então, é você, para que tenha medo do homem, que é mortal, ou do filho do homem, que não passa de erva? Por que você se esquece do SENHOR, que o criou, que estendeu os céus e fundou a terra, e todo o dia, sem cessar, teme a fúria do opressor, que se prepara para destruir? Onde está a fúria do opressor? O exilado cativo depressa será libertado, lá não morrerá, lá não descerá à sepultura; o seu pão não lhe faltará."

Ainda que Isaías tenha escrito cerca de 700 anos antes de Cristo, a salvação de Deus já era notada ao longo da história. Deus sempre dominou as nações (Daniel 4:25), mas ele passaria a fazer isso ainda mais evidentemente, uma vez que até mesmo os povos distantes de Israel aguardavam sua justiça e salvação. Deus agiu continuamente na história com suas muitas visitações, os "dias do Senhor" que trazem punição aos ímpios e livramento aos fiéis. Esses juízos continuarão até o juízo final na segunda vinda de Cristo, onde a presente criação será destruída e os não justificados morrerão, ambos pelo fogo (2 Tessalonicenses 1:7-8; 2 Pedro 3:7,10). A salvação e a justiça do Senhor, no entanto, são eternas, evidenciadas, em última análise, pela ressurreição dos mortos e os novos céus e nova terra.

O profeta teve o desejo de que Deus continuasse a agir como tem agido nos tempos passados. É provável que "Raabe" ou "monstro marinho" ou "dragão" seja um termo para o faraó (como em Ezequiel 29:3), uma vez que Isaías fala claramente do êxodo: a travessia miraculosa do mar Vermelho demonstrou a capacidade divina de proteção do povo de Deus em circunstâncias temíveis (Êxodo 14). Assim como Deus deu grandes provas de sua salvação e justiça no passado, deve-se crer nele em todas as épocas.

Interessantemente, as perguntas "Não és tu aquele que secou o mar, as águas do grande abismo? Não abriste um caminho no fundo do mar, para que passassem os remidos?" implicam que as águas do Mar Vermelho que o povo de Israel atravessou durante o êxodo do Egito fazem parte do "grande abismo", as maiores profundezas da terra na concepção hebraica, o *abaddon*.

Deus protege seu povo, que não deve temer o homem, mas apenas o seu criador. A expressão "O exilado cativo depressa será libertado, lá não morrerá, lá não descerá à sepultura; o seu pão não lhe faltará" encontrou cumprimento no retorno do povo exilado na Babilônia para a terra santa. Embora o tempo de cativeiro tenha sido de 70 anos, Deus considerou o tempo como curto, e muitos dos exilados não morreram em solo babilônico, e nem faltou alimento a eles. Da mesma forma que os exilados na Babilônia voltaram ao monte Sião, os justificados que viveram em um mundo repleto de pecados estarão com Deus na sua morada celestial, o verdadeiro monte Sião.

2.16.44. ISAÍAS 51:21-23

> Por isso, agora escute isto, você que está aflita e embriagada, mas não de vinho. Assim diz o seu Senhor, o SENHOR, seu Deus, que defenderá a causa do seu povo: "Eis que eu tiro da sua mão o cálice de atordoamento, o cálice da minha ira. Você nunca mais beberá dele. Eu o porei nas mãos dos que a atormentaram, dos que lhe disseram: 'Abaixe-se, para que passemos por cima de você!' E você pôs as suas costas como chão e como rua para os que passavam."

Os judeus a quem Isaías se dirigiu foram referidos como uma cidade aflita e embriagada, mas não de vinho. Tal aflição e embriaguez foram consequências do pecado de rebeldia contra Deus. A salvação deles estava apenas no "SENHOR, seu Deus, que defenderá a causa do seu povo". A palavra hebraica traduzida por "defenderá" é um termo legal que pode ter sentido positivo ou negativo. No sentido positivo, significa que Deus tomaria a causa do povo e agiria em favor dele. O escopo da profecia, novamente, é o castigo do exílio na Babilônia, o retorno de um remanescente fiel à terra santa, e a queda do Império Babilônico.

Apenas Deus podia retirar "o cálice de atordoamento" do povo, ou seja, libertar o povo dos efeitos de sua ira por causa do seu pecado – no caso, o exílio na Babilônia. Tendo isso se cumprido, um remanescente mais fiel retornou à terra santa e o cálice da ira de Deus foi dado nas mãos daqueles que atormentaram Judá, isto é, os babilônios caíram diante do Império Medo-Persa. A expressão "Você nunca mais beberá dele" não significa que Jerusalém nunca mais seria destruída, o que obviamente não é verdade, uma vez que Jerusalém foi submetida a julgamentos mais severos sob os romanos de 66 a 70 d.C. com as guerras judaico-romanas. É muito mais provável que signifique que os judeus exilados na Babilônia que voltaram para a terra santa não seriam mais submetidos a tais provações.

Portanto, a Babilônia foi o alvo do cálice da ira de Deus após o castigo do exílio. Um remanescente mais fiel dos judeus retornou à Palestina e reconstruiu o templo, não sendo mais tomado em cativeiro. A Babilônia, a qual foi o instrumento de castigo contra o reino de Judá, foi conquistada pelo Império Medo-Persa.

2.16.45. ISAÍAS 52:10

> O SENHOR desnudou o seu santo braço à vista de todas as nações, e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus.

Isaías 52:1-12 possui como pano de fundo a salvação que Deus trouxe ao remanescente mais fiel de Judá que estava cativo na Babilônia, mas que retornou à Palestina para reconstruir a nação. O profeta afirmou que todas as nações contemporâneas da época, mesmo as mais distantes, tiveram com isso uma amostra do poder salvador de Deus. Um cumprimento ainda maior disso é encontrado no Messias, Jesus Cristo, o qual permite a salvação de Deus até mesmo nas partes mais distantes da Terra.

2.16.46. ISAÍAS 53:1-12

> Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do SENHOR? Porque foi subindo como um renovo diante dele e como raiz de uma terra seca. Não tinha boa aparência nem formosura; olhamos para ele, mas não havia nenhuma beleza que nos agradasse. Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens, homem de dores e que sabe o que é padecer. E, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso. Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o considerávamos como aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado por causa das nossas transgressões e esmagado por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu próprio caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca. Como cordeiro foi levado ao matadouro e, como ovelha muda diante dos seus tosquiadores, ele não abriu a boca. Pela opressão e pelo juízo, ele foi levado, e de sua linhagem, quem se preocupou com ela? Porque ele foi cortado da terra dos viventes; foi ferido por causa da transgressão do meu povo. Designaram-lhe a sepultura com os ímpios, mas com o rico esteve na sua morte, embora não tivesse feito injustiça, e nenhum engano fosse encontrado em sua boca. Todavia, ao SENHOR agradou esmagá-lo, fazendo-o sofrer. Quando ele der a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos. Ele verá o fruto do trabalho de sua alma e ficará satisfeito. O meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si. Por isso, eu lhe darei a sua parte com os grandes, e com os poderosos ele repartirá o despojo, pois derramou a sua alma na morte e foi contado com os transgressores. Contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu.

Mateus, Lucas, João, Paulo e Pedro citaram passagens do capítulo 53 de Isaías para demonstrar que Jesus foi o "servo sofredor": Mateus 8:17 se correlaciona com Isaías 53:4, Lucas 22:37 se correlaciona com Isaías 53:12, João 12:38 se correlaciona com Isaías 53:1, Atos 8:32-33 se correlaciona com Isaías 53:7-8, Romanos 10:16 se correlaciona com Isaías 53:1, e 1 Pedro 2:21-25 se correlaciona com Isaías 53:9,4-7,11. Filipe anunciou a Jesus para o eunuco oficial da corte etíope a partir dessa passagem de Isaías (Atos 8:35).

A "pregação" corresponde à revelação divina dada ao profeta (Isaías 28:9; Jeremias 49:14). Até mesmo o povo de Deus que viveu nos tempos de Cristo recusou-se a crer nessa pregação, uma vez que suas ideias preconcebidas sobre quem deveria ser o Messias os impediram de aceitar Jesus, conforme foi descrito em Isaías (Romanos 10:16; João 12:38). O "braço do SENHOR", expressão que aparece em outros trechos do Livro de Isaías, representa a capacidade divina de julgar, governar e salvar.

O Messias "foi subindo como um renovo diante dele e como raiz de uma terra seca". O simbolismo de uma planta ou ramo delicado florescendo nos lugares mais improváveis, "uma terra seca", representa as condições religiosas e políticas do primeiro século da era cristã. O sacerdócio se corrompeu. A situação política, com Herodes no trono calçado pelas legiões romanas, era realmente crítica. Tal foi a "terra seca" onde Deus enviou seu Filho.

A expectativa dos judeus sobre o Messias foi tão diferente das ações e palavras de Jesus que eles se recusaram a aceitá-lo. João escreveu que Jesus veio para o que era seu, e os seus não o receberam (João 1:11). O Messias foi descrito como desprezado e o mais rejeitado entre os homens. "Desprezado" significa "considerado

imprestável, indigno de qualquer atenção". A seguir, foi descrito profeticamente como um homem de dores que sabe o que é padecer. O ministério terrestre de Jesus ilustrou bem tal afirmação: ele foi rejeitado por sua família e sua nação e, em sua morte, por seus próprios discípulos (Marcos 14:50; João 7:5; João 19:12).

A palavra "Certamente" enfatiza vigorosamente um contraste: independentemente das "enfermidades" e "dores" que o povo pensava ver em Jesus, a realidade era totalmente diferente. Isaías não estava falando das enfermidades e dores de Jesus, mas das enfermidades e dores das pessoas que ele carregou na cruz. A palavra "considerávamos" é um termo contábil para revelar o valor de um objeto ou pessoa. Mateus citou uma porção desse verso para salientar o ministério de cura de Jesus (Mateus 8:17).

A morte vergonhosa de Jesus era, na verdade, para a remissão dos pecados daqueles que nele creem (1 Pedro 3:18; Hebreus 9:28). O aspecto substitutivo da vida e obra do Messias foi perfeitamente explicado no verso 5: ele resolveu a situação pecaminosa das pessoas – as "transgressões" e "iniquidades". Na Bíblia hebraica, o verso 6 começa e termina com a mesma palavra traduzida pela expressão "Todos nós": "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu próprio caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós" – o perfil da ovelha sem um pastor ilustra a incapacidade das pessoas em guiar seus próprios passos, e aqueles que ignoram a instrução dada pelo bom pastor estão condenados a uma vida de pecado (veja Romanos 1:24-32).

No verso 7, o Messias foi apresentado como um cordeiro levado ao matadouro. A palavra "cordeiro" foi traduzida na Septuaginta pelo mesmo termo usado por João Batista ao anunciar o Messias aos seus discípulos: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (João 1:29). No Novo Testamento e na literatura cristã primitiva, o termo refere-se exclusivamente a Jesus como o cordeiro sacrificado. É a palavra para o cordeiro de um ano sem manchas. Durante o processo representado pela tosquia e pelo matadouro, o Messias não abriu a sua boca. Jesus se manteve calado nos vários julgamentos em que foi submetido perante o sinédrio e Pilatos.

O verso 8 diz: "Pela opressão e pelo juízo, ele foi levado". As ações instigadas contra o Senhor foram "opressão" do começo ao fim. A expressão "Porque ele foi cortado da terra dos viventes" implica na violência por ele sofrida, e ele a suportou por causa da transgressão do povo de Deus. A palavra "transgressão" é mais exatamente traduzida por "rebeldia". A sua "linhagem", ou seja, seus descendentes espirituais – aqueles que o seguiram – não entenderam, de início, a importância de seu sacrifício expiatório.

A expressão "Designaram-lhe a sepultura com os ímpios, mas com o rico esteve na sua morte" no verso 9 demonstra que Jesus foi crucificado entre dois ladrões, mas seu sepultamento foi no túmulo de José de Arimateia, um homem rico (Mateus 27:38,57-60). Pedro observou o exemplo de sujeição de Jesus e escreveu: "Porque para isto mesmo vocês foram chamados, pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando exemplo para que vocês sigam os seus passos. Ele não cometeu pecado, nem foi encontrado engano em sua boca" (1 Pedro 2:21-22).

Os versos de encerramento de Isaías 53 clarificam que a história narrada é sobre o propósito de Deus de trazer salvação ao mundo. A morte de Cristo tinha um propósito e foi planejada para alcançar a redenção. O verso 10 começa com as palavras: "Todavia, ao SENHOR agradou esmagá-lo, fazendo-o sofrer". O prazer de Deus Pai não estava em ver Jesus sofrer na cruz, uma vez que ele até mesmo se afastou temporariamente de tal cena (Mateus 27:46), mas nos benefícios que a morte de Jesus trouxe à humanidade. A "oferta pelo pecado" antes foi instituída para os israelitas que pecassem contra o Senhor não intencionalmente (Levítico 5:17-19), sendo uma grande oferta para o Senhor. O Messias tornou-se a oferta pelo pecado de todos os que nele creem. Foram três os resultados de ele se entregar voluntariamente como tal oferta:

- O Messias "verá a sua posteridade", ou seja, Cristo viu surgir o Israel espiritual, o verdadeiro Israel, a Igreja, todos os remidos por ele;

- Ele "prolongará os seus dias", ou seja, é uma clara referência à sua ressurreição, uma vez que sua morte foi claramente anunciada nos veros 8 e 9;

- A "vontade do Senhor prosperará nas suas mãos", ou seja, no verso 11 se observa uma completa afirmação sobre o significado da expiação de pecados: "O meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si." Esse é o grande mistério oculto por

tantos séculos, porém manifestado na vida, morte e ressurreição de Cristo (Romanos 16:25-26). 1 Timóteo 3:16 pode ser a citação de um hino dos cristãos primitivos: "Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória."

O Messias receberia "a sua parte com os grandes", tal como os grandes e poderosos do mundo costumam ter glória após um curto combate e uma vitória gloriosa. Ele alcançará um tom de glória maior do que os maiores monarcas desfrutam. A expressão "com os poderosos ele repartirá o despojo" significa a mesma coisa, embora repetida em outras palavras. O sentido de ambas as cláusulas é que Deus Pai concedeu ao Messias um grande e feliz sucesso em seu empreendimento: conquistará todos os seus inimigos, levará cativo o cativeiro (a libertação do cativeiro do pecado e, talvez, a libertação dos fiéis no *sheol*), e estabelecerá seu reino entre os reinos do mundo e acima de todos eles.

O fim do verso 12 serve como resumo do que Isaías profetizou sobre o Messias, o qual se sacrificou voluntariamente pelos transgressores, levou sobre si os pecados do mundo, e morreu entre transgressores ("pois derramou a sua alma na morte e foi contado com os transgressores). O verso também fala de sua intercessão pelos transgressores. Jesus afirmou que ele seria contado com os malfeitores, o que permitiu a ele interceder por eles (Lucas 22:37). Essa é a essência das "boas novas", o evangelho.

2.16.47. ISAÍAS 54:1-17

"Cante, ó estéril, você que não deu à luz; exulte e grite de alegria, você que nunca sentiu dores de parto! Porque os filhos da mulher solitária são mais numerosos do que os filhos da casada", diz o SENHOR. "Alargue o espaço de sua tenda e aumente o toldo de sua habitação; não o impeça; alongue as cordas e firme bem as estacas. Porque você se expandirá para a direita e para a esquerda; a sua posteridade possuirá as nações e fará com que se povoem as cidades arrasadas. Não tenha medo, porque você não será envergonhada; não tenha vergonha, porque você não sofrerá humilhação. Você se esquecerá da vergonha da sua mocidade e não mais se lembrará da desgraça da sua viuvez. Porque o seu Criador é o seu marido; SENHOR dos Exércitos é o seu nome. O Santo de Israel é o seu Redentor; ele é chamado 'O Deus de toda a terra'. Porque o SENHOR chamou você como se chama a mulher abandonada e de espírito abatido, como se chama a mulher da mocidade, que havia sido repudiada", diz o seu Deus. "Por um breve momento abandonei você, mas com grande misericórdia tornarei a acolhê-la. Num ímpeto de indignação, escondi de você a minha face por um momento, mas com misericórdia eterna me compadeço de você", diz o SENHOR, o seu Redentor. "Porque isto é para mim como as águas de Noé: como jurei que as águas de Noé não mais inundariam a terra, assim jurei que não mais ficaria irado com você, nem a repreenderia. Mesmo que os montes se retirem e as colinas sejam removidas, a minha misericórdia não se afastará de você, e a minha aliança de paz não será removida", diz o SENHOR, que se compadece de você. "Ó cidade aflita, sacudida pela tormenta e desconsolada! Eis que eu assentarei as suas pedras com argamassa colorida e lançarei os seus alicerces sobre safiras. As suas torres serão de rubis, os seus portões serão de esmeraldas e toda a sua muralha será de pedras preciosas. Todos os seus filhos serão ensinados pelo SENHOR, e será grande a paz de seus filhos. Você será estabelecida em justiça. Ficará longe da opressão, porque não temerá; ficará longe do terror, porque ele não chegará perto de você. Se alguém a atacar, isso não procederá de mim; mas quem a atacar cairá diante de você. Eis que eu criei o ferreiro, que assopra as brasas no fogo e que produz a arma para o seu devido fim; eu criei também o destruidor, para trazer a ruína. Nenhuma arma forjada contra você prosperará; e você condenará toda língua que quiser acusá-la em juízo. Esta é a herança dos servos do SENHOR e a sua justiça que procede de mim", diz o SENHOR.

Antes de tudo, interpretar o capítulo 54 de Isaías como uma profecia do retorno do exílio babilônico e da reconstrução do Israel físico como nação, e da Jerusalém física como uma cidade proeminente no mundo, de forma alguma resultará em uma explicação convincente. O assunto da profecia são os resultados da obra sacrificial do Messias, o qual redimiu um povo espiritual. O apóstolo Paulo usou Isaías 54:1 na alegoria que envolve Sara e Agar em Gálatas 4:27, e isso indica que Isaías estava falando dos filhos nascidos da promessa espiritual (Gênesis 12:3), e não dos filhos da promessa física (Gênesis 12:2). A situação de Sara, a qual não tinha filhos até Isaque nascer, demonstra o contexto (Gênesis 18). Assim como Deus foi fiel em cumprir sua promessa a Abraão e Sara, ele será fiel em redimir a descendência espiritual de Abraão.

A figura da tenda (Isaías 54:2) ajuda a lembrar que este mundo não é o lar do fiel. Como Abraão, os justificados estão de passagem por esta Terra e também aguardam a "cidade que tem fundamentos, da qual Deus é

o arquiteto e construtor" (Hebreus 11:10). É o Israel espiritual (a Igreja), que "se expandirá para a direita e para a esquerda", sendo que sua posteridade "possuirá as nações e fará com que se povoem as cidades arrasadas". Depois de ressuscitar, pouco antes de ascender ao céu, Jesus disse que seus discípulos seriam suas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da Terra (Atos 1:8). Ainda antes disso, Cristo disse a eles para fazer discípulos de todas as nações, batizando-os e ensinando-os a guardar todas as coisas que ele ordenou, e que ele estaria com eles todos os dias até o fim (Mateus 28:19-20).

Em Isaías 54:4, a humilhação é uma experiência relacionada à vergonha, e essas palavras resumem a precária situação dos não justificados. No entanto, para os justificados, a vergonha e humilhação são coisas do passado. A alegria se encontra no Senhor, o qual foi chamado de "seu Criador", "seu marido", "Senhor dos Exércitos", "Redentor" e "o Deus de toda a terra" (Isaías 54:5). Os justificados não têm que depender de seu próprio poder ou recursos, pois possuem as promessas de Deus. O apóstolo Paulo usou a analogia da relação entre marido e mulher para ensinar que os cristãos são a noiva de Cristo (Efésios 5:22-33). A figura da mulher da mocidade que foi repudiada em Isaías 54:6 ilustra a brevidade da rejeição e alienação neste mundo comparada à misericórdia eterna de Deus para os justificados (Isaías 54:7-8).

Assim como o Senhor cumpriu sua promessa a Noé (Gênesis 8:21-22), ele cumpriria sua promessa ao Israel espiritual (Isaías 54:9-10). Tal promessa não foi feita para a nação física de Israel, ou à Jerusalém física, pois ambos experimentaram o furor da sua indignação várias vezes na história após o retorno do exílio, até que finalmente foram destruídos pelos romanos em 70 d.C. A promessa é para a Igreja, o Israel espiritual.

O uso profético do tema da cidade faz parte da literatura messiânica. O Livro de Isaías fala sobre a cidade de Davi (Isaías 1:26-31), da cidade de todas as nações (Isaías 2:2-4), da cidade purificada (Isaías 4:2-6), da cidade alegre (Isaías 12:1-6), da cidade forte (Isaías 26:1-4), da cidade resgatada (Isaías 35:10), da cidade consolada (Isaías 66:10-13) e da cidade justa (Isaías 54:11-17). Em Isaías 54:11-12, pode-se ver a semelhança com a visão de João da Jerusalém celestial em Apocalipse 21. Grandiosas cidades terrenas, tais como a Babilônia, eram belas, porém temporárias. A cidade de Deus é eterna. Ao descrever esse cenário ideal, Isaías afirmou no verso 13: "Todos os seus filhos serão ensinados pelo SENHOR". Em João 6:44-45, Jesus, citando essa expressão de Isaías, afirmou que o meio para alguém chegar até Deus é por meio das Escrituras.

O profeta afirmou que o sólido fundamento da cidade de Deus é em justiça (Isaías 54:14). O justificado viverá por fé (Romanos 1:17; Gálatas 3:11; Habacuque 2:4) e, por causa de sua confiança no Senhor, não precisa temer a opressão e o terror de quem conspira contra ele (Isaías 54:15). O Senhor, que é soberano, está no controle, o que é uma verdade enfatizada em Isaías 54:16-17 – a justiça dos justificados é, na realidade, a justiça de Deus. A "herança" e o "direito" são do Senhor. Essa é a realidade de quem é um servo do Senhor.

Curiosamente, até Isaías 54, as profecias de Isaías falaram sobre o "servo", no singular. No entanto, em diante, o Livro de Isaías fala sobre os "servos", no plural, os quais constituem o povo de Deus (tanto os remidos do Israel físico e do Israel espiritual, a Igreja). Paulo afirmou que a Igreja se compõe daqueles que creram no Messias, foram batizados nele e vivem de acordo com os seus ensinos, garantindo aos cristãos: "Pois a Escritura diz: 'Todo aquele que nele crê não será envergonhado.' Porque não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque: 'Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.'" (Romanos 10:11-13). Aos gálatas, Paulo escreveu: "Mas longe de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu estou crucificado para o mundo. Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura. E, a todos os que andarem em conformidade com esta regra, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus" (Gálatas 6:14-16).

2.16.48. ISAÍAS 56:1

> Assim diz o SENHOR: "Mantenham o direito e pratiquem a justiça, porque a minha salvação está prestes a vir, e a minha justiça está prestes a se manifestar."

"Manter o direito e praticar a justiça" foi um chamado para o povo de Judá se dedicar ao que Deus revelou como realizar estas coisas. O mesmo chamado foi realizado pelo profeta Miqueias, contemporâneo de Isaías, em Miqueias 6:8: "Ele já mostrou a você o que é bom; e o que o SENHOR pede de você? Que pratique a justiça, ame a

misericórdia e ande humildemente com o seu Deus." A salvação é dom gratuito de Deus, mas é necessário haver uma resposta de obediência com gratidão da parte das pessoas.

Quanto à expressão "porque a minha salvação está prestes a vir, e a minha justiça está prestes a se manifestar", provavelmente é uma profecia que se refere aos judeus no exílio na Babilônia, com referência à libertação do cativeiro que eles estavam prestes a experimentar, na sequência. Ao mesmo tempo, a linguagem é apropriada para a vinda do reino de Deus sob o Messias. Linguagem semelhante a essa ocorre com frequência no Novo Testamento, e, aparentemente, os escritores tiveram essa passagem em vista (veja Mateus 3:2; Lucas 21:31; Romanos 13:11; compare com Isaías 62:1-11).

É provável, portanto, que essa profecia envolva uma série de livramentos que Deus deu ao povo judeu desde o exílio na Babilônia, o retorno do cativeiro, até a primeira vinda de Jesus Cristo, o Messias, o qual verdadeiramente trouxe a justiça e a salvação de Deus aos seus fiéis. A salvação e justiça finais de Deus também ocorrerão por meio do Messias na segunda vinda de Cristo.

2.16.49. ISAÍAS 57:9

> Você vai ao rei com óleo e multiplica os seus perfumes; envia os seus embaixadores para longe, até a profundidade da sepultura.

O profeta reprovou o povo de Judá por se dirigir a um "rei" que não é o Senhor. Tal rei pode representar algum rei de uma potência da época, tal como a Assíria ou o Egito, ou mesmo um falso deus, tal como Moloque.

A palavra "sepultura" foi traduzida do hebraico *sheol*. A ideia é que o povo é tão ávido a buscar alianças com qualquer outro que não seja Deus que enviaria embaixadores até mesmo às profundezas do *sheol*. Assim, Judá se afundava até a mais profunda degradação possível. Sendo assim, o *sheol* foi retratado como um profundo lugar de degradação.

2.16.50. ISAÍAS 59:17-20

> Vestiu-se de justiça, como de uma couraça, e pôs o capacete da salvação na cabeça; pôs sobre si a veste da vingança e se cobriu de zelo, como de um manto. Segundo as obras deles, assim retribuirá: aos seus adversários, furor; aos seus inimigos, o que merecem; às terras do mar, a devida recompensa. Assim, temerão o nome do SENHOR desde o poente, e a sua glória, desde o nascente do sol; pois virá como torrente impetuosa, impelida pelo Espírito do SENHOR. "O Redentor virá a Sião e aos de Jacó que se converterem", diz o SENHOR.

Deus foi retratado pelo profeta como um guerreiro se equipando para a batalha, a fim de retribuir a cada um segundo suas obras. É notável a semelhança dessa descrição com a armadura do cristão em Efésios 6:10-17. Ambas as listas contêm uma "couraça da justiça" e um "capacete da salvação". O Senhor se vinga tanto dos infiéis de seu povo quanto de seus inimigos. Seus julgamentos locais, e o juízo final, não são apenas para Israel, mas para todas as nações. Isaías escreveu "temerão o nome do Senhor" – a palavra "temerão" pode ter o sentido tanto de terror como de temor nesse contexto. Há terror para aqueles que lutarem contra a vontade de Deus e, também, temor, ou reverência, para aqueles que se humilharem diante dele. Isso ocorre de uma forma muito ampla, representada pela extensão do poente ao nascente do Sol, e de forma impetuosa como uma torrente, nos julgamentos locais de Deus que ocorrem por todas as nações da Terra, até culminarem no julgamento pleno no juízo final.

A expressão "O Redentor virá a Sião e aos de Jacó que se converterem" se refere à primeira vinda de Cristo, o Messias, o Redentor. Jesus foi enviado primeiramente aos judeus, e os que deles se converteram a ele são aqueles a quem o Redentor da profecia veio. "Redentor" é o termo utilizado para quem paga o preço total necessário para ajudar seu próximo.

2.16.51. ISAÍAS 60:1-22

> Levante-se, resplandeça, porque já vem a sua luz, e a glória do SENHOR está raiando sobre você. Porque eis que as trevas cobrem a terra, e a escuridão envolve os povos; mas sobre você aparece resplandecente o

SENHOR, e a sua glória já está brilhando sobre você. As nações se encaminham para a sua luz, ó Jerusalém, e os reis são atraídos para o resplendor do seu amanhecer. Levante os olhos ao redor e veja: todos se reúnem e vêm até você. Os seus filhos chegam de longe, e as suas filhas são trazidas nos braços. Ao ver isso, você ficará radiante de alegria; o seu coração baterá forte e se dilatará de júbilo, porque você receberá a abundância do mar, e as riquezas das nações serão trazidas a você. O seu território ficará coberto por uma multidão de camelos, os dromedários de Midiã e de Efa. Todos virão de Sabá; trarão ouro e incenso e publicarão os louvores do SENHOR. Todas as ovelhas de Quedar se reunirão junto de você; os carneiros de Nebaiote a servirão; serão aceitos ao serem oferecidos sobre o meu altar, e eu tornarei mais glorioso o templo da minha glória. Quem são estes que vêm voando como nuvens e como pombas voltando ao pombal? Certamente as terras do mar me aguardarão. À frente virão os navios de Társis para trazerem de longe os seus filhos, ó Jerusalém, e, com eles, a prata e o ouro, para a santificação do nome do SENHOR, seu Deus, e do Santo de Israel, porque ele revestiu você de glória. "Estrangeiros edificarão as suas muralhas, e os seus reis a servirão. Porque no meu furor eu a castiguei, mas na minha graça tive compaixão de você. Os seus portões estarão sempre abertos; não serão fechados nem de dia nem de noite, para que lhe sejam trazidas as riquezas das nações, e, conduzidos com elas, os seus reis. Porque a nação e o reino que não a servirem perecerão; sim, essas nações serão totalmente arrasadas. A glória do Líbano virá a você: o cipreste, o olmeiro e o buxo, conjuntamente, para adornarem o lugar do meu santuário; e farei glorioso o lugar em que descansam os meus pés. Também virão e se inclinarão os filhos dos que a oprimiram; todos os que a desprezaram se prostrarão até as plantas dos seus pés e a chamarão 'Cidade do SENHOR', a 'Sião do Santo de Israel'. Você era uma cidade abandonada e odiada, um lugar onde não passava ninguém, mas eu farei de você uma glória eterna, uma alegria de geração em geração. Você mamará o leite das nações e se alimentará ao peito dos reis; e saberá que eu sou o SENHOR, o seu Salvador, o seu Redentor, o Poderoso de Jacó. Em vez de bronze, eu lhe trarei ouro; em vez de ferro, eu lhe trarei prata; em vez de madeira, bronze, e, em vez de pedras, ferro. Farei com que a paz seja o seu inspetor e com que a justiça seja o seu opressor. Nunca mais se ouvirá falar de violência na sua terra, nem de ruína ou destruição em seu território, mas às suas muralhas você chamará 'Salvação', e aos seus portões, 'Louvor'." Nunca mais o sol será a sua luz durante o dia, e o resplendor da lua nunca mais a iluminará; pois o SENHOR será a sua luz perpétua, e o seu Deus será a sua glória. O seu sol nunca se porá, e a sua lua nunca minguará, porque o SENHOR será a sua luz perpétua, e os dias do seu luto chegarão ao fim. Todos os do seu povo serão justos e para sempre herdarão a terra; serão renovos que eu plantei, obra das minhas mãos, para que eu seja glorificado. O pequeno virá a ser mil, e o menor, uma nação forte; eu, o SENHOR, farei com que, no tempo certo, isso logo se cumpra."

Os capítulos 60 a 62 do livro de Isaías não contêm nenhuma repreensão ao povo. O Senhor revelou a glória futura da cidade de Deus: a Sião do Santo de Israel. Alguns interpretariam esses capítulos como uma referência exclusiva à volta dos exilados no cativeiro babilônico e à reconstrução da cidade física de Jerusalém. Outros como a futura Jerusalém na Terra. Todavia, as descrições da cidade de Deus impedem uma interpretação literal. O texto vai além da volta do cativeiro, estendendo-se até uma glória que somente é possível na Sião espiritual.

Em Isaías 60 a 62, os seguintes temas-chave são recorrentes: (1) Deus salvará seu povo; (2) ele dará luz a ele; (3) compartilhará sua glória com o povo; (4) as nações serão atraídas pelo que veem no Deus de Israel; (5) as nações resgatarão os filhos de Sião para si; (6) as nações trarão suas riquezas perante o Deus de Israel; (7) aqueles que haviam oprimido Israel serão rebaixados e Israel será exaltado sobre eles; (8) Israel experimentará e exemplificará a justiça de Deus.

A futura glória de Israel seria realizada na salvação trazida pelo servo, o Messias, o qual viria em sua glória para cumprir as profecias anunciadas em todo o Livro de Isaías. Jesus confirmou que essas profecias do servo se referiam a ele mesmo assim que começou seu ministério em Nazaré (Lucas 4:16-21; veja Isaías 61:1-2). O destino futuro de Sião é espiritual e com base na obra redentora de Deus por intermédio de Cristo.

Nos versos 1 a 3, Sião (Jerusalém) foi citada como uma metáfora para a Sião espiritual que resulta do ministério do Messias. A figura da luz se referiu à salvação, pureza e bênção do Messias. Assim como a glória do Senhor simbolizava sua presença protetora na visão de Ezequiel, a expressão "sua glória já está brilhando sobre você" era uma profecia da Sião espiritual. Em Isaías 60:1, o Senhor anunciou: "Levante-se, resplandeça, porque já vem a sua luz" – "Levante-se" e "resplandeça" estão na forma imperativa, o que denota uma ordem. Isaías usou a metáfora da luz com muito mais frequência do que outros profetas. Ele falou da luz do Senhor (Isaías 2:5), uma luz para os gentios (Isaías 42:6; veja Isaías 49:6; 51:4), e que o Senhor será a luz perpétua (Isaías 60:19-20).

A seguir, Isaías escreveu: "a glória do Senhor está raiando sobre você". Ezequiel retratou a glória do Senhor saindo do templo e de Jerusalém por causa da iniquidade de Judá (Ezequiel 10:4,18; 11:23), sendo que

também profetizou que tal glória voltaria para o povo purificado e restaurado (Ezequiel 43:1-9). A glória de Deus somente pode ser vista por um povo remido, purificado. Em Isaías 60:2, a expressão "as trevas cobrem a terra" é uma metáfora do mundo inundado, como no dilúvio, e, para esse mundo cheio de iniquidade, Deus fez as promessas "mas sobre você aparece resplandecente o Senhor, e a sua glória já está brilhando sobre você" e "As nações se encaminham para a sua luz" (Isaías 60:2-3). A luz de Israel é o Senhor, e observa-se que as promessas não se limitavam a um único povo, mas visavam a todas as nações.

Segue então uma imagem profética em que o exílio do povo para a Babilônia e seu retorno para a terra santa é usado como pano de fundo para retratar a santificação do nome do Senhor, pois ele glorificou seus fiéis (Isaías 60:9). Era comum que os profetas utilizassem situações do passado como pano de fundo para suas mensagens proféticas. Em Isaías 60:4, o profeta convocou o povo para que levantasse os olhos e olhasse ao redor, descrevendo então uma grande reunião dos exilados ("seus filhos chegam de longe, e as suas filhas são trazidas nos braços"). A reação do reino de Judá é observada em Isaías 60:5, com radiância de alegria, o coração estremecendo e se dilatando de júbilo. Na imagem profética, os exilados retornam e recebem e riquezas das nações de partes remotas da terra (Isaías 60:6-7). Animais são descritos como trazidos em abundância para os sacrifícios (Isaías 60:7), à medida que as nações se aproximam de Deus como pombas a voar para o pombal (Isaías 60:8). Isaías descreveu as velas brancas dos "navios de Társis" velejando como nuvens rumo ao santuário de Deus, Sião.

Além das riquezas que seriam trazidas de outras nações, a imagem profética também mostrou que estrangeiros edificariam os muros de Jerusalém e que seus reis a serviriam. As portas da cidade estariam abertas de contínuo (Isaías 60:10-11). Observa-se que essa descrição não se aplica às condições da volta dos exilados do cativeiro babilônico, uma vez que, naquela ocasião, se daria uma atenção especial ao conserto dos muros e à permanência das portas fechadas à noite (Neemias 3-4; 7:3). Também, estrangeiros fizeram de tudo para impedir o processo de reconstrução de Jerusalém. A afirmação, portanto, deve ter uma aplicação espiritual que vislumbra além das condições físicas. O plano de redenção do Senhor começou mais enfaticamente com a volta do remanescente que foi exilado na Babilônia para Jerusalém, mas se consumou na vinda do Messias.

Isaías utilizou uma riqueza de figuras nos versos 12 a 14. Isaías 60:14 afirma que "a chamarão 'Cidade do SENHOR', a 'Sião do Santo de Israel.'" As riquezas das nações de Isaías 60:11 são mostradas como sendo trazidas para a reconstrução da Jerusalém arruinada por Nabucodonosor em 586 a.C. As árvores do Líbano foram mostradas como usadas para adornar o lugar do santuário de Deus (Isaías 60:13), assim como foi na construção do templo de Salomão. Qualquer nação ou reino que se recusasse a servir ao povo de Deus pereceria ou seria destruída (Isaías 60:12). Assim, os filhos dos antigos opressores de Israel se inclinariam para o Israel espiritual, renovado (Isaías 60:14).

Deus declarou no verso 15 por meio do profeta que, em vez da degradação que anteriormente vivenciou, Jerusalém, representando os exilados, seria constituída como glória eterna. Não se trata de uma profecia sobre a Jerusalém física, mas a Jerusalém que é fiel ao Senhor, ou seja, o verdadeiro povo de Deus, o Israel espiritual – os fiéis de todas as épocas e nações, incluindo a Igreja. Os fiéis que passaram pela vergonha do exílio serão exaltados à glória eterna. A expressão "mamará o leite das nações e se alimentará ao peito dos reis" do verso 16 é uma figura incomum que sugere um relacionamento próximo e tenro com Deus, que proverá o melhor aos seus fiéis. A redenção é executada pelo Senhor, e não por meio da bravura das pessoas. Por causa das grandes riquezas concedidas pelo Senhor, simbolizadas pelo ouro, prata, bronze e ferro, o futuro dos justificados será constatado por todos (Isaías 60:17). No verso 18, as condições anteriores em que os fiéis viveram, violência e desolação, serão substituídas por salvação e louvor. Muros e portas eram para a proteção de uma cidade terrena, porém, na cidade de Deus, a qual representa todos os justificados, representam salvação e louvor.

Isaías 60:19 demonstra que, na cidade de Deus, não há necessidade de luz do Sol ou da Lua, pois Deus é a luz. A figura da luz do Senhor foi usada extensivamente no Livro de Isaías como referência da presença divina entre o povo (Isaías 2:5; 9:2; 10:17; 60:1). Essa é a mesma imagem usada para descrever a Jerusalém celestial em Apocalipse 22:5. O Senhor anunciou que ele será a glória dos justificados. No verso 20, a comunhão íntima de Deus junto a seus justificados é eterna e, por causa disso, os dias de luto têm um fim.

No verso 21, os justificados herdarão para sempre a terra. Não se trata de um planeta Terra renovado – em última análise, são novos céus e nova terra. O povo remido é descrito de forma que o menor nele é como "mil" e

uma "nação forte" (Isaías 60:22). Isso implica que, nos novos céus e nova terra, haverá diferentes níveis de glória entre os remidos, sendo que até mesmo o menor entre o povo glorificado é tremendamente glorioso.

Sendo assim, o plano de redenção do Senhor começou mais enfaticamente com a volta do remanescente que foi exilado na Babilônia para Jerusalém, mas se consumou na vinda do Messias. Os fiéis da época do Antigo Testamento (como os exilados na Babilônia) passaram por muitas tribulações e angústias neste mundo, assim como os fiéis do Novo Testamento, mas receberão a mesma glória nos novos céus e nova terra. Pessoas de todas as nações estão entre esses fiéis. Assim como os cristãos, fiéis das épocas anteriores à primeira vinda de Cristo também fazem parte do Israel espiritual, o qual receberá as promessas de glória e comunhão eterna com o Senhor, sendo que todo o tipo de sofrimento tem um fim. O futuro dos justificados será constatado por todos.

2.16.52. ISAÍAS 61:6-11

> Mas vocês serão chamados sacerdotes do SENHOR, e serão conhecidos como ministros do nosso Deus. Comerão as riquezas das nações e se orgulharão do que era a glória delas. Em lugar de vergonha, vocês terão dupla honra; em lugar da afronta, exultarão na herança recebida; por isso, em sua terra possuirão o dobro e terão perpétua alegria. "Porque eu, o SENHOR, amo a justiça e odeio a iniquidade do roubo; em fidelidade lhes darei a sua recompensa e com eles farei aliança eterna. A posteridade deles será conhecida entre as nações, os seus descendentes, no meio dos povos; todos os que os virem reconhecerão que eles são família bendita do SENHOR." Tenho grande alegria no SENHOR! A minha alma se alegra no meu Deus, porque me cobriu de vestes de salvação e me envolveu com o manto de justiça, como noivo que se adorna de turbante, como noiva que se enfeita com as suas joias. Porque, como a terra produz os seus renovos, e como o jardim faz brotar o que nele se semeia, assim o SENHOR Deus fará brotar a justiça e o louvor diante de todas as nações.

Já no Antigo Testamento havia uma promessa para os fiéis serem chamados de sacerdotes e conhecidos como ministros de Deus. Ministrar é servir. Na Antiga Aliança, apenas pessoas da linhagem de Levi podiam ser sacerdotes. No entanto, vindo o Messias e sua Nova Aliança, cada cristão é um sacerdote e servo de Deus. Assim, essa profecia foi cumprida na era da Igreja. A Igreja faz parte da Sião espiritual, e nela não há sacerdócio especial. Aqueles que se convertem a Cristo entram na Nova Aliança, sejam judeus, sejam gentios, e tornam-se "sacerdócio santo, a fim de oferecerem sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por meio de Jesus Cristo" (1 Pedro 2:5). Não há nenhum clérigo especial, uma vez que todos são "chamados ministros do nosso Deus" (Isaías 61:6).

No verso 7, se dirigindo aos fiéis que antes estavam no cativeiro babilônico, Isaías afirmou que, em vez da vergonha sofrida anteriormente, receberão uma "dupla honra" de bênçãos com perpétua alegria. A expressão "Comerão as riquezas das nações e se orgulharão do que era a glória delas" e a expressão "em sua terra possuirão o dobro" significam que os fiéis que retornaram à terra santa tiveram recursos de outras nações para a reconstrução dela e que se regozijaram em viver novamente em sua terra. A alegria foi referida como perpétua, não porque os fiéis tiveram essas bênçãos terrestres, mas porque a alegria que vem do Senhor não é temporária, mas dura para sempre. Aqueles que retornaram do exílio babilônico e que foram fiéis estão hoje com o Senhor.

As promessas descritas nos versos 8 e 9 ("Porque eu, o SENHOR, amo a justiça e odeio a iniquidade do roubo; em fidelidade lhes darei a sua recompensa e com eles farei aliança eterna. A posteridade deles será conhecida entre as nações, os seus descendentes, no meio dos povos; todos os que os virem reconhecerão que eles são família bendita do SENHOR") não se limitam ao Israel físico: são também aplicáveis ao Israel espiritual, como está escrito em Romanos 9 a 11.

Em Isaías 61:10, contemplando a obra de Deus em seu favor, a Sião personificada tem uma alegria espontânea por causa da salvação e justiça de Deus que são aplicadas a ela. Muitas vezes em Isaías, nos fins de capítulos, a salvação e a justiça aparecem juntas, sendo os motivos da alegria, do consolo e do louvor ao Senhor. A imagem do casamento é usada para descrever essa bênção jubilosa.

Em Isaías 61:11 o profeta fez uso da linguagem agrícola com os conceitos de semear e germinar. Assim como a semente cresce espontaneamente em um jardim, sendo também cultivada, a semente da Palavra de Deus cresce nos corações das pessoas a fim de produzir justiça em suas vidas. Pessoas de todas as nações, em todas as épocas, são justificadas graças à operação da Palavra de Deus.

2.16.53. ISAÍAS 62:1-12

> Por amor de Sião, não me calarei e, por amor de Jerusalém, não me aquietarei, até que a sua justiça saia como um resplendor, e a sua salvação, como uma tocha acesa. As nações verão a sua justiça, ó Jerusalém, e todos os reis contemplarão a sua glória; e você será chamada por um nome novo, que a boca do SENHOR designará. Você será uma coroa de glória na mão do SENHOR, um diadema real na mão do seu Deus. Nunca mais a chamarão de "Abandonada", e a sua terra não será mais chamada de "Arrasada". Você será chamada de "Minha Delícia", e a sua terra, de "Casada", porque o SENHOR se delicia em você, e a sua terra se casará. Porque, como o jovem se casa com a moça, assim os seus filhos se casarão com você; como o noivo se alegra com a noiva, assim o seu Deus se alegrará com você. Sobre as suas muralhas, ó Jerusalém, pus guardas, que jamais se calarão, nem de dia nem de noite. Vocês, que farão com que o SENHOR se lembre, não descansem, nem deem a ele descanso até que restabeleça Jerusalém e a ponha por objeto de louvor na terra. O SENHOR jurou pela sua mão direita e pelo seu braço poderoso: "Nunca mais darei o seu cereal como alimento para os seus inimigos, nem os estrangeiros beberão o seu vinho, que você produziu com tanto trabalho. Mas aqueles que ajuntam o cereal serão os que o comerão, louvando o SENHOR; e os que recolhem as uvas beberão o vinho nos átrios do meu santuário." Passem, passem pelas portas! Preparem o caminho para o povo! Aterrem, aterrem a estrada, tirem as pedras, levantem um estandarte para os povos. Eis que o SENHOR fez ouvir até os confins da terra estas palavras: "Digam à filha de Sião: 'Eis que vem o seu Salvador; com ele vem a sua recompensa, e diante dele vem o seu galardão. Eles serão chamados de 'Povo Santo', 'Remidos do SENHOR', e você, 'Jerusalém', será chamada de 'Procurada', 'Cidade Não Abandonada'."

A imagem da última seção do capítulo 61 (Isaías 61:10-11) é repetida e ampliada nessa profecia de Isaías 62. A noiva e o noivo, a luz, a justiça, a salvação, a libertação da opressão e a restauração são todos apresentados como causas de imensa alegria. Jerusalém representa uma personificação dos justificados, os quais fazem parte do povo espiritual de Deus – o Israel espiritual. A restauração de Deus nas vidas das pessoas traz uma mudança de posição e caráter, o que foi representado pelo anúncio do novo nome: tem sido assim desde Abraão, cujo nome foi mudado de "Abrão" para designar uma mudança em seu caráter. Para encorajar os fiéis, o profeta usou linguagem que demonstra a preparação para o povo santo vir e se estabelecer na congregação eterna de Deus, de modo a encorajar os fiéis.

O Messias é a salvação e justiça de Deus. O Senhor estava preparando o povo para receber o Messias até mesmo na época do exílio na Babilônia. Foi por causa do Messias, Jesus Cristo, que todas as nações viram a justiça e a glória do povo de Deus. Diferentemente do que ocorreu com a Jerusalém física e carnal, a qual foi infiel e recebeu vários juízos do Senhor, o povo fiel, embora também tenha sofrido com esses juízos, jamais sofrerá tais calamidades novamente. O povo espiritual é abençoado por Deus, embora não isento de sofrimento enquanto estiver na Terra. Por meio do Messias, a Jerusalém celestial, a qual representa todos os justificados por Deus, terá o maior galardão do Senhor nos novos céus e nova terra, em comunhão íntima com o Senhor. Esse é o verdadeiro reestabelecimento de Jerusalém no contexto bíblico.

Sendo assim, Deus não se calou e não se aquietou até que viesse sua justiça e salvação a partir de um povo preparado. Ele enviou Jesus Cristo do meio de judeus que tinham sido trabalhados por Deus desde a época do retorno do exílio, a partir de um remanescente mais fiel. O exílio, na verdade, foi uma das maneiras em que Deus operou para que os judeus se tornassem um povo mais fiel, embora menor, de forma que o caminho do Messias estivesse preparado.

A Jerusalém física foi alvo de reprovação e vergonha, mas a verdadeira Jerusalém, o verdadeiro povo de Deus, nunca será abandonada ou arrasada, mas é uma delícia para ele. Os justificados são, novamente, simbolizados como uma cidade que é também uma noiva, a noiva de Deus. Como na união do matrimônio entre homem e mulher, Deus se une a seu povo. A figura do casamento expressa o relacionamento da verdadeira Jerusalém/Sião com o Senhor, sendo essa figura usada para descrever o relacionamento da Igreja com Jesus em Efésios 5:22-33. O povo espiritual de Deus anuncia ao mundo o louvor de Deus. É um povo vigilante quanto aos princípios do Senhor, ou seja, obediente a ele. É um povo que clama ao Senhor com oração e testemunho de seus princípios em sua vida. É um povo que recebe bênçãos de forma que Deus seja glorificado na Terra. Enquanto esse povo estiver na Terra, embora não seja isento de sofrimento, não terá falta de sustento.

2.16.54. ISAÍAS 63:13

> Aquele que os guiou pelos abismos, como a um cavalo pelo deserto, de modo que nunca tropeçaram?

Isaías afirmou que o povo de Israel estava se lembrando dos dias antigos, a época em que Moisés guiava o povo no êxodo do Egito (Isaías 63:12). A palavra "abismos" remete às águas do Mar Vermelho divididas pelo Senhor para a travessia dos israelitas (Êxodo 14:21). Sendo assim, mesmo as águas da superfície da Terra fazem parte das maiores profundezas, as quais foram referidas como abismos.

2.16.55. ISAÍAS 65:9

> Farei sair de Jacó descendência e de Judá, um herdeiro que possua os meus montes. Os meus eleitos herdarão a terra, e os meus servos habitarão nela.

O tema do remanescente justo é recorrente no Livro de Isaías. A partir do povo exilado na Babilônia, Deus operou para que judeus voltassem não apenas para Jerusalém, mas também aos montes de Deus, isto é, os montes da terra santa – toda a terra da Palestina. Assim, um remanescente mais fiel, o "herdeiro" na profecia, retornou à Palestina. Deus tinha prometido que os cativos voltariam do exílio para a terra de seus pais após setenta anos (Jeremias 25:11-12; 2 Crônicas 36:21). Eles foram os eleitos de Deus e, dentre eles, aqueles que o serviram permaneceram na terra santa. Assim, a profecia não diz respeito aos servos de Deus herdando o planeta Terra, mas um remanescente mais fiel que estava sendo preparado para que o Senhor enviasse Jesus Cristo, o Messias.

2.16.56. ISAÍAS 65:17-25

> "Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas. Exultem e alegrem-se para sempre no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria e para o seu povo, exultação. Eu me alegrarei por causa de Jerusalém e exultarei no meu povo, e nunca mais se ouvirá nela nem voz de choro nem de clamor. Não haverá mais nela criança que viva somente alguns dias, nem velho que não complete os seus dias. Porque morrer aos cem anos será morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado. Eles construirão casas e nelas habitarão; plantarão vinhas e comerão o seu fruto. Não construirão para que outros habitem, nem plantarão para que outros comam. Porque a longevidade do meu povo será como a da árvore, e os meus eleitos desfrutarão ao máximo as obras das suas próprias mãos. Não farão o seu trabalho em vão, nem irão gerar filhos para a calamidade, porque são a descendência dos benditos do SENHOR, e os seus filhos estarão com eles. Antes mesmo que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei. O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá palha como o boi; pó será a comida da serpente. Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo Monte", diz o SENHOR.

Essa passagem representa o comentário concluinte de Deus sobre a libertação e a justiça, temas que predominam nos capítulos 56 a 66 do Livro de Isaías.

A expressão "Pois eis que" introduz uma afirmação para substanciar o que se diz do verso 17 em diante. A palavra hebraica traduzida como "crio" vem da mesma raiz utilizada em Gênesis 1:1, a qual se refere à criação original do mundo. O termo enfatiza a intenção do Senhor de trazer algo novo à existência. Quanto às coisas que existem na presente criação, a expressão "não haveria lembrança e memória delas" denota que serão de todo eliminadas (2 Pedro 3:7,10), e não literalmente que os salvos não se lembrarão mais do que ocorreu em suas vidas terrenas. Paulo escreveu em 2 Coríntios 5:17: "E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas." Um cristão é uma nova criatura, as coisas antigas passaram, mas ainda assim se lembra de sua vida antes da conversão.

Isaías estava prevendo que a plenitude do reino messiânico – os novos céus e nova terra – seria algo novo e diferente. A linguagem forte enfatiza que a nova criação toma o lugar da antiga para sempre. Usando uma analogia que toma como pano de fundo a antiga Jerusalém, Isaías pintou um retrato de uma nova Jerusalém criada por Deus para alegria e regozijo (Isaías 65:18). Não apenas o povo exultaria, mas também o próprio Senhor pretendia se alegrar no seu povo. A Nova Jerusalém jamais teria voz de choro ou de clamor.

A expressão "Porque morrer aos cem anos será morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado" não deve ser entendida literalmente, uma vez que, na plenitude do reino de Deus, não haverá nem morte e nem pecado, os quais são inimigos que estarão derrotados na ocasião (1 Coríntios 15:24-26). A ideia é mostrar quão maravilhosa é a nova criação de Deus com exemplos de coisas que ocorriam na antiga criação. Dores intensas às pessoas não mais existirão, tais como a dor de uma morte prematura, ou a dor do despejo dos lares e

campos. Pessoas terão uma grande alegria que foi quantificada em palavras como construir as próprias casas e nelas habitar, ou plantar alimentos e deles desfrutar, ou usufruir das obras de suas próprias mãos. Aquele que persevera no caminho de Deus na vida física se prepara para a eternidade, sendo comparável a alguém que está construindo um lar espiritual eterno, plantando alimento para a eternidade, ou trabalhando duro para usufruir dos resultados pela eternidade. Os filhos gerados pelos fiéis são a conversão de outras pessoas ao Senhor, as quais são filhos de Deus gerados não para calamidade, mas para glória eterna. Nenhum trabalho no Senhor é em vão, pois os justificados são posteridade bendita do Senhor.

Na cidade celestial de Deus não ocorre nenhum lapso de tempo na comunicação com o Senhor. Ele prometeu ouvir e responder aos chamados do povo, antes mesmo que clamassem, ou enquanto ainda estivessem falando, o que lembra a descrição do apóstolo João em Apocalipse 21:1-5. Em uma imagem semelhante ao reino justo do Messias em Isaías 11:1, o profeta afirmou que o reino de Deus em sua plenitude seria livre dos perigos simbolizados pelo lobo, pelo leão e pela serpente (Isaías 65:25). Esses animais simbolizam o aspecto devorador, voraz e venenoso do presente mundo, dentro e fora da natureza humana. As figuras utilizadas na profecia em que vários animais hostis habitam juntos em paz, tanto entre eles mesmos quanto entre as pessoas, são símbolos da paz que são obtidos no "santo monte de Deus", isto é, a nova morada celestial onde não há nenhum tipo de mal. Não se pode afirmar com base nessa linguagem figurada que os novos céus e nova terra literalmente terão animais.

A expressão "pó será a comida da serpente" está relacionada a Gênesis 3:14, onde Deus disse à serpente que comeria pó todos os dias de sua vida. Aqui, isso significa que Satanás não poderá mais agir contra ninguém e passará a eternidade sob o juízo do Senhor.

2.16.57. ISAÍAS 66:10-17

> "Alegrem-se com Jerusalém e exultem por causa dela, todos vocês que a amam! Alegrem-se com ela, todos vocês que por ela prantearam! Porque vocês mamarão nos peitos das suas consolações e ficarão satisfeitos; sugarão e se deliciarão com a abundância da sua glória." Porque assim diz o SENHOR: "Eis que estenderei sobre Jerusalém a paz como um rio, e a glória das nações, como uma torrente que transborda; então vocês serão amamentados, carregados nos braços e acalentados no colo. Tal como a mãe consola o filho, assim eu os consolarei; em Jerusalém vocês serão consolados. Vocês verão isso, e o coração de vocês ficará cheio de alegria; e os seus ossos serão revigorados como a erva tenra. O poder do SENHOR será notório aos seus servos, e ele se indignará contra os seus inimigos." Porque eis que o SENHOR virá em fogo, e os seus carros de guerra, como uma tempestade, para tornar a sua ira em furor e a sua repreensão, em chamas de fogo. Porque com fogo e com a sua espada o SENHOR entrará em juízo com toda a humanidade; e serão muitos os mortos da parte do SENHOR. O SENHOR diz: "Os que se santificam e se purificam para entrarem nos jardins após a deusa que está no meio, que comem carne de porco, coisas abomináveis e ratos serão todos destruídos ao mesmo tempo."

Como é comum no Livro de Isaías, o profeta usou a Jerusalém física como figura para falar da verdadeira Jerusalém, a cidade celestial que representa os justificados por Deus. Há um cumprimento das profecias na Jerusalém física e um cumprimento maior na Jerusalém espiritual. Na verdade, ao se observar tantas profecias de Isaías que fazem uso da Jerusalém física para falar da assembleia dos justificados, entende-se que a Jerusalém física era uma sombra da verdadeira Jerusalém celestial. Isso está de acordo com princípios ensinados por Paulo e pelo autor do Livro de Hebreus. Paulo atestou que as coisas ordenadas aos judeus eram sombras da realidade em Cristo em Colossenses 2:16-17. Em Hebreus 9:23-24, o autor do Livro de Hebreus afirmou que as coisas do santuário terrestre de Deus eram figuras das coisas que estão nos céus.

No verso 10, os judeus que retornaram do exílio na Babilônia lamentaram a destruição de Jerusalém, mas se regozijaram em sua renovação, e se regozijarão ainda mais no desfrutar da recompensa eterna junto a Deus na Nova Jerusalém. A cena muda nos versos 11 a 13 para uma mãe cuidando de um filho pequeno. Essa seção contém uma promessa de paz e abundância. No verso 14, o profeta escreveu que o poder do Senhor foi notório aos seus servos que permaneceram fiéis a ele em Israel. A mensagem continua voltando-se para os infiéis, afirmando que Deus se indignou contra seus inimigos, isto é, estavam sob a ira divina.

A seguir, no verso 15, Isaías usou a imagem de chamas de fogo para descrever o julgamento de Deus. O Senhor, com fogo e espada, entra em juízo, e essa é uma mensagem várias vezes encontrada na Bíblia para descrever a severidade do Senhor ao condenar. Isso se aplica tanto aos juízos locais de Deus na Terra quanto ao

juízo final. Paulo usou as mesmas imagens para descrever o julgamento final em 2 Tessalonicenses 1:7-8. Isaías advertiu que o terrível julgamento de Deus caiu, e cairá, sobre aqueles que escolheram a religião humana ao invés do cumprimento de sua Palavra, ou seja, aquele que prefere "se santificar e se purificar" por meio de crenças e religiões que vêm dos homens em vez de obedecer à Palavra de Deus. Aqueles que praticam atos abomináveis para Deus, representados pelo ato de comer carne de porco e por coisas abomináveis e ratos, estão igualmente sob a ira divina. O coração humano procura gloriar a si mesmo em vez de glorificar a Deus. Isso pode resultar somente em condenação da parte do Senhor.

2.16.58. ISAÍAS 66:18-24

> "Porque eu conheço as obras e os pensamentos deles e venho para ajuntar todas as nações e línguas; elas virão e contemplarão a minha glória. Porei entre elas um sinal e alguns dos que foram salvos enviarei às nações, a Társis, Pul e Lude, que atiram com o arco, a Tubal e Javã, até as terras do mar mais remotas, que jamais ouviram falar de mim, nem viram a minha glória; eles anunciarão entre as nações a minha glória. De todas essas nações, eles trarão todos os irmãos de vocês como uma oferta ao SENHOR. Virão sobre cavalos, em carros, em liteiras e sobre mulas e camelos, ao meu santo monte, a Jerusalém", diz o SENHOR, "como quando os filhos de Israel trazem as suas ofertas de cereais, em vasos puros à Casa do SENHOR. Também deles escolherei alguns para sacerdotes e para levitas", diz o SENHOR. "Porque, assim como os novos céus e a nova terra, que hei de fazer, estarão diante de mim", diz o SENHOR, "assim também estão diante de mim a posteridade e o nome de vocês. De uma Festa da Lua Nova à outra e de um sábado a outro, toda a humanidade virá adorar diante de mim", diz o SENHOR. "Eles sairão e verão os cadáveres daqueles que se rebelaram contra mim; porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e eles serão um horror para toda a humanidade."

De uma perspectiva do Novo Testamento, essa última seção do Livro de Isaías abrange a primeira e a segunda vindas de Cristo: seu propósito para o mundo (Isaías 66:18), sua maneira de executar esse propósito (Isaías 66:19-21), o sinal estabelecido entre as nações e o remanescente (cristãos) enviado para evangelizá-las (Isaías 66:19), e a assembleia de seu povo em "Jerusalém", composta por gentios (Isaías 66:20-21). Jerusalém não é a cidade literal, mas a cidade de Gálatas 4:25-26, Hebreus 12:22 e Apocalipse 21:3. Sendo assim, essa profecia revela mais sobre o Messias e a Nova Jerusalém, a qual foi referida como "nascida" em Isaías 66:7.

Deus disse por meio do profeta que ele viria para ajuntar todas as nações e línguas, e elas virão e contemplarão sua glória. A ideia remete a Isaías 2:2-4: em vez de se limitar aos descendentes de Jacó, a mensagem se destinava ao mundo inteiro. Não é uma eleição por nacionalidade, e nem uma justiça de rituais que torna as pessoas em servas do Senhor, mas a obediência à sua Palavra (Isaías 40:8; 55:11). O verdadeiro Israel inclui gentios obedientes ao Senhor. O verso 19 afirma que Deus colocaria entre as referidas nações e línguas um sinal. Apesar de esse sinal ser mencionado sem especificações, teria resultados maravilhosos. Os lugares citados denotam um alcance mundial. O propósito desse alcance é anunciar a glória de Deus entre as nações. O propósito da pregação da Palavra de Deus é melhorar o estado espiritual do homem, tornando conhecida a glória de Deus. Quando isso acontece, o estado físico também pode ser melhorado. Isso tudo foi cumprido na era da Igreja fundada por Jesus Cristo.

Pessoas são retratadas no verso 20 como sendo trazidas em vários tipos de transporte. Isso retrata a grande assembleia das nações e envolve gentios considerados irmãos no sentido espiritual. Quando Deus afirmou que tomaria alguns desses gentios como sacerdotes e levitas no verso 21, já estava apontando para a Nova Aliança, onde todo cristão é um sacerdote de Cristo. Na Antiga Aliança, nem todo israelita podia ser um sacerdote, mas apenas aqueles da tribo de Levi. No reino messiânico, todos (judeus e gentios) são sacerdócio real e uma nação santa (1 Pedro 2:9). Assim, a Igreja é o reino messiânico – futuro para os leitores originais de Isaías, já está presente em nossos dias, e se manifestará em plenitude na segunda vinda de Cristo.

Deus afirmou que há de criar os novos céus e nova terra e que ele deseja preservar eternamente todos os seus fiéis. Os novos céus e nova terra são a culminação de todas as promessas de Deus, a plenitude do reino messiânico, o que se cumprirá na sequência da ressurreição dos mortos e do juízo final na segunda vinda de Cristo. Os justificados são de várias línguas e nações e, por isso, toda a carne adorará o Senhor (Isaías 66:23). Já no presente mundo, por meio do evangelho, ninguém é excluído da adoração a Deus: todos que se converterem ao Senhor tornam-se filhos e, se forem obedientes, podem entrar na sua presença para adorar. As festas de Lua Nova e os sábados da Antiga Aliança foram utilizados alegoricamente como marcadores de tempo, significando que todos os

justificados adorarão a Deus o tempo todo. Assim, nos novos céus e nova terra, certamente, haverá adoração constante a Deus.

Isaías terminou sua profecia onde ele a começou (Isaías 66:24; veja Isaías 1:2): a causa de toda a destruição era rebeldia, ou desobediência obstinada. Esse quadro terrível de condenação aparece em outro trecho das Escrituras, na advertência de Jesus sobre o terrível juízo em Marcos 9:43-49. Os rabis judeus sugeriam que o verso 23 fosse lido novamente após o verso 24 para que o julgamento não fosse a última palavra. Apesar disso, a conclusão da visão de Isaías relativa à graça de Deus enfatiza a realidade da rebeldia e suas consequências. A imagem na mente do profeta é, evidentemente, a imagem de um vasto exército morto e deixado para apodrecer em campo aberto, sem enterro, onde o fogo é acendido, em parte, para consumir os montões dos mortos e, em parte, para livrar o ar de influências pestilentas. Todos os inimigos de Deus e de seus justificados são como esse exército vasto espalhado no campo, em tal estado repugnante, enquanto a perpetuidade de seu reino é estabelecida de forma final.

A expressão "seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará" é a mesma que foi utilizada por Jesus para aqueles no *geena* no Evangelho de Marcos (Marcos 9:43-49). *Geena* é utilizado por Jesus como símbolo da punição final e equivale ao lago de fogo do Livro de Apocalipse, a condenação do julgamento final. Quanto à questão da punição final se tratar da cessação da existência dos ímpios ou de seu tormento eterno, a expressão "não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga" apoia a ideia de tormento eterno. Se o verme que come a carne não morre e o fogo não apaga, qual a razão de eles ainda existirem se os ímpios algum um dia forem eliminados da existência? A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências, veja 1.1.10. Mateus 10:28.

Isaías afirmou que os justificados verão os "cadáveres" dos não justificados, os quais foram chamados de "um horror para toda a humanidade". Pelo contexto, parece que "humanidade" representa os remidos indo adorar o Senhor nos novos céus e nova terra. Possivelmente, os justificados poderão ver, pelo menos em algum momento, os não justificados sob a ira máxima de Deus.

2.16.59. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE ISAÍAS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Isaías, as informações são:

- Isaías 1:27-28: Jerusalém, na época de antes de sua destruição em 586 a.C., estava afastada dos caminhos do Senhor e, como outros profetas, Isaías profetizou sua destruição. Profetizou também uma restauração posterior. Houve cumprimento das profecias, uma vez que Jerusalém foi destruída pelos babilônios sob Nabucodonosor, o povo foi levado ao exílio, no entanto, setenta anos depois, o povo retornou para sua terra. Esse povo que retornou foi um remanescente – os demais judeus que não foram fiéis pereceram;

- Isaías 2:2-5: o início da Nova Aliança se deu em meio aos judeus, com Cristo, assim como a Igreja, e muitas pessoas de diferentes nações se converteram, e ainda se convertem, ao cristianismo. Jesus, de fato, é quem julga as nações e corrige os povos. Os cristãos são um povo pacífico, o qual atenta para bênçãos espirituais, e não coisas físicas tais como a conquista de territórios por meio de guerra. A guerra passou a ser espiritual, com o foco de trazer pessoas para o Senhor, o que é simbolizado em uma das profecias de Isaías em que as pessoas não mais possuem armas de guerra, mas ferramentas para colher frutos a Deus, ou seja, convertidos. Os cristãos de nações diferentes não guerreiam uns com os outros, mas andam juntos na luz do Senhor – a Nova Aliança;

- Isaías 2:10-21: Isaías profetizou um dia do Senhor – um dia de julgamento local – contra os infiéis do povo de Israel, particularmente os orgulhosos, arrogantes, soberbos, idólatras, e aqueles que são importantes e exaltados entre as pessoas e que não andam com Deus. Como em outros casos ao longo da Bíblia, julgamentos locais da parte de Deus têm os objetivos de punir os culpados, glorificar a Deus, chamar pessoas ao arrependimento e livrar os justos. A profecia se cumpriu quando o reino de Judá foi assolado pela Babilônia, culminando com a destruição do templo em 586 a.C. Deus frequentemente utilizou nações para punir nações. Isaías usou imagens fortes para retratar os dias em que os babilônios sitiaram e assolaram a terra de Israel – tais imagens demonstram que houve muito terror, as pessoas

buscaram desesperadamente algum livramento e perceberam que nenhum ídolo podia livrá-las, dispondo-se deles;

- Isaías 4:2: um dos objetivos do juízo de Deus contra Israel foi produzir um remanescente mais fiel do povo. Deus prefere um grupo menor, mas fiel, do que um grupo grande e infiel. Desse remanescente procedeu o Messias, o qual é Jesus Cristo, e as diversas bênçãos dele decorrentes. O "Renovo do Senhor" contempla todos esses aspectos;

- Isaías 5:14-16: falando do juízo contra os infiéis do povo de Israel, Isaías usou figuras fortes para alertar sobre o rigor do dia de acerto de contas. De fato, quando os babilônios destruíram o reino de Judá, os infiéis foram mortos e tiveram seu esplendor terminado, mas aqueles que foram para o exílio na Babilônia se sentiram abatidos e humilhados. No entanto, esse processo foi para gerar um remanescente mais fiel do qual procedeu o Messias e, com isso, Deus foi exaltado por sua justiça. Isaías retratou o *sheol* como sendo uma bocarra faminta e insaciável para tragar o povo infiel, sendo também o fim do esplendor e alegria daqueles que foram punidos por Deus;

- Isaías 6:11-13: Isaías perguntou ao Senhor até quando ele pregaria a Palavra de Deus e o povo de Israel não daria ouvidos a ele. O Senhor respondeu que seria assim até que o povo perdesse sua terra, a qual seria devastada. A terra não se trata do planeta todo, mas do território de Israel. Isaías se referiu à queda inevitável do reino de Judá diante da Babilônia e ao exílio de seu povo para lá. Disso procedeu, mais tarde, um remanescente mais fiel, o qual Deus preparou para vinda do Messias;

- Isaías 8:9-10: o povo de Deus sempre possui proteção divina, embora não seja isento de sofrimento, e todos aqueles que se levantarem contra ele, cedo ou tarde, perecerão e/ou terão seus planos frustrados;

- Isaías 8:18-22: Deus reprova fortemente aqueles que procuram consultar quaisquer fontes de informação para conduzirem suas vidas que não seja sua Palavra, particularmente a consulta aos médiuns, adivinhos e mortos. Aqueles que persistem em fazer tais coisas possuem uma "fome" de conhecimento para guiar suas vidas, mas jamais encontrarão nessas coisas o conhecimento que desejam – apenas a Palavra de Deus pode saciar tal "fome". Coisas ruins procederão àqueles que persistem em buscar fontes de conhecimento que Deus reprova e, uma vez que as pessoas não encontram nelas o que querem, sofrem e acabam praguejando contra Deus, que é também o rei delas. O coração de tais pessoas está nas coisas da terra, buscando o que querem em lugares errados e, por isso, permanecem em escuridão (longe da luz de Deus) e sofrendo ansiedades. O resultado final de tal persistência serão as densas trevas do mundo dos mortos;

- Isaías 9:1-2: a Galileia dos Gentios, ou seja, as regiões que compreendiam as terras antes assoladas por guerras anteriores, regiões desprezadas e que estavam longe da luz dos ensinamentos do Senhor (as terras da antiga divisão tribal de Zebulom e Naftali, mais tarde englobando o Mar de Quinerete/Galileia/Tiberíades/Genesaré, as regiões de Gileade e Basã, os antigos reinos de Moabe e Amom, as tribos de Rúben, Gade e metade da tribo de Manassés, as quais foram a Pérsia da geografia posterior), foi o cenário em que resplandeceu a luz do Messias, Jesus Cristo. A referida região foi desprezada nos "primeiros tempos", mas viu luz nos "últimos tempos", o que significa que os dias da época de Cristo já eram considerados os "últimos dias" desde a época do Antigo Testamento. A época do Antigo Testamento, por sua vez, foi considerada como os "primeiros dias". A ausência da prática dos ensinamentos de Deus foi comparada, na profecia, a uma região à "sombra da morte";

- Isaías 9:6-7: prevendo a vinda do Messias, a primeira vinda de Cristo, Isaías concedeu a ele os títulos de "Maravilhoso Conselheiro", "Deus Forte", "Pai da Eternidade", "Príncipe da Paz", os quais, em última análise, indicam que o Messias é Deus. O reino do Messias é firmado sob o trono de Davi porque o Messias é, segundo a carne, descendente de Davi. Seu reino é firmado em justiça e, também, juízo, ou seja, punição contra os desobedientes – o que alude aos vários "dias do Senhor" da Bíblia, as visitações locais de Deus para punir desobedientes e dar livramento aos fiéis. Há paz sem fim em seu trono e seu governo já estava decretado na época de Isaías, e permanece para sempre. É verdade que, segundo o Novo Testamento, quando o último inimigo (a morte) for derrotado, o governo é retornado a Deus Pai (1 Coríntios 15:24-26), no entanto, de qualquer forma, Cristo efetivamente sempre correinou com Deus

Pai, tanto no início do tempo quanto no fim – nesse sentido é que seu reino é eterno. Conforme a luz do Novo Testamento, o reino do Messias não é na Terra, mas no céu;

- Isaías 11:1-16: a profecia de Isaías 11 se cumpriu na primeira vinda de Cristo e no seu legado deixado na Terra, a Igreja. Isaías profetizou sobre o renovo, ou rebento, que surgiu das raízes de Jessé, pai de Davi, e o identificou como aquele que tem o Espírito do Senhor que confere a ele conselho, fortaleza, conhecimento e temor do Senhor. A profecia se referiu ao caráter do rei então vindouro e da natureza pacífica e justa de seu reinado. Quando Jesus veio à Terra, certamente não julgou segundo a aparência e nem tomou decisões pelo que ouviu dizer, mas fez tudo pela sabedoria e justiça de Deus, segundo o poder do Espírito Santo. Jesus aplicou a justiça de Deus, a qual justificava o pobre de espírito e os mansos da terra, porém, ao mesmo tempo, condenava os perversos. Após sua ressurreição, Cristo recebeu toda autoridade nos céus e na terra e, após sua ascensão ao céu, passou a governar em um trono celestial, e não terreno. A partir desse trono, à destra de Deus, a Palavra dele traz punição para os não justificados, o que resulta nas visitações de Cristo para julgamento local contra as nações. Jesus, pela sua Palavra, continua trazendo juízo às nações da Terra, até que chegue o dia de sua segunda vinda, o juízo final, a qual trará fogo à Terra para sua destruição e eliminará o homem da iniquidade. Os julgamentos de Cristo sempre foram alicerçados na justiça e na verdade. As figuras utilizadas na profecia em que vários animais hostis um ao outro habitam juntos em paz, tanto entre eles mesmos quanto entre as pessoas, são símbolos da paz que são obtidos ao se converter a Cristo e viver seus ensinamentos. O santo monte de Deus é uma figura para o reino de Deus na Terra, ou seja, a Igreja, onde há a paz e a glória de Deus. Os convertidos a Cristo formam a Igreja, e nela há convertidos de todos os níveis sociais, diferentes nações, diferentes etnias, etc. Aqueles que eram inimigos antes de se converterem a Cristo passam a ser irmãos após a conversão. A Igreja se espalhou para todas as direções da Terra a partir da Jerusalém do primeiro século, conquistando os inimigos espirituais (cobiça, inveja, mentira, escravidão ao pecado, etc.), os quais foram representados na profecia pelas nações que eram inimigas do antigo Israel. O Senhor possibilitou o caminho para chegar à conversão a Cristo, o que foi representado na profecia como o endireitamento do terreno dos antigos inimigos de Israel, de forma que aqueles que buscam a Cristo possam chegar a ele;

- Isaías 13:1-22: Deus frequentemente usou nações como instrumentos de ira para destruir outras nações, e o mesmo ocorreu contra a Babilônia: outras nações vieram de longe e arruinaram toda a sua terra. Tais nações foram, primeiramente, os medos e persas e, mais tarde, ao longo da história, gregos e romanos – a história da queda da Babilônia foi longa e todas essas nações foram usadas como instrumentos de Deus contra ela. As imagens proféticas fortes representam todo o sofrimento da Babilônia no momento de sua conquista pelos exércitos de Ciro, o Grande, até sua ruína total. A linguagem usada em Isaías 13:1-22 não trata do fim do mundo, mas do fim das antigas nações ímpias para a qual foi aplicada. Em uma aplicação secundária, tal linguagem pode ser entendida como um prenúncio do fim do mundo na segunda vinda de Cristo;

- Isaías 14:1-2: Isaías estava prevendo o retorno do povo para a terra santa e, também, algo maior no futuro: a Igreja é o verdadeiro Israel que conquista os inimigos de Deus (pecados) por meio da conversão a Cristo. Quando a Babilônia caiu diante do Império Medo-Persa, Ciro permitiu que judeus exilados na Babilônia retornassem à sua terra e reconstruíssem o templo. Os judeus passaram então a reedificar sua terra, tendo um território menor, mas um povo mais fiel, particularmente em relação à idolatria. Nesse ínterim, outros povos conheceram o judaísmo e passaram a se tornar prosélitos, ou seja, pessoas não nascidas entre os judeus que se converteram ao judaísmo. Nesse sentido, a casa de Israel teve outros povos como "servos e servas" na terra santa, tendo até mesmo convertidos que vieram das nações que oprimiram Israel. No entanto, a profecia encontrou um cumprimento maior na Igreja. O verdadeiro povo de Deus, o verdadeiro israelita, é o cristão fiel, pois o Israel da promessa é o remanescente dos judeus que se converteram a Cristo, ou seja, que se tornaram cristãos. A Igreja é o verdadeiro Israel, e é na Igreja que ocorre o maior cumprimento da "restauração de Israel". Os antigos inimigos de Israel representam os inimigos espirituais que impedem o ser humano de ser salvo. Israel se espalhando pelo mundo, dominando, conquistando e fazendo prisioneiros, representa a Igreja se espalhando pelo mundo e convertendo pessoas a Deus, subjugando o pecado que impede o ser humano de ser salvo;

- Isaías 14:9-20: a profecia se trata sobre a queda do rei da Babilônia que elevava a si mesmo, buscando tomar a glória que pertence a Deus, mas que foi derrubado de sua alta posição para as profundezas da terra – o *sheol*. A identidade do rei da Babilônia referido na profecia é difícil de determinar. Seja quem for, o ponto destacado é o contraste entre a sua glória passada enquanto vivia na terra e sua humilhação após sofrer o juízo de Deus e morrer, bastante similar ao relato do rico e Lázaro contado por Jesus em Lucas 16:19-31. Embora se tratando da celebração da morte do referido rei, essa profecia pode ser entendida como uma predição da queda e destino de qualquer tirano. O mundo dos mortos foi retratado como uma região nas profundezas da terra em que há várias covas, sendo o *abaddon* a mais profunda. No abismo mais profundo do mundo dos mortos se encontram aqueles que antes foram "príncipes da terra" que agora são "sombras", ou seja, têm uma existência enfraquecida. A palavra hebraica *rapha* foi aplicada para esses mortos, e tal termo hebraico pode se referir também aos antigos e poderosos gigantes que morreram no dilúvio de Noé, ou aos antigos e poderosos gigantes cananeus, ou a ambos. Outro entendimento provável é que o termo *rapha* foi aplicado aos mortos como tendo uma existência fraca, debilitada, sem poder ou sensação. Tal enfraquecimento pode ser devido a um estado desincorporado, ou seja, decorrente da ausência de um corpo físico. Assim, provavelmente, os espíritos dos mortos estão em um estado enfraquecido no *sheol*. Esse estado enfraquecido pode ser um dos fatores que impede que os habitantes do mundo dos mortos realizem atividades ou aprendizados como antes faziam em suas vidas terrenas;

- Isaías 16:4-5: um homem violento e opressor, o qual é de difícil identificação (provavelmente foi um invasor assírio, talvez Senaqueribe), estava assolando a terra de Moabe. Fugitivos da terra de Moabe encontraram refúgio em Judá até que tal opressor sofreu juízo de Deus e tal calamidade passou. Quanto ao trono estabelecido após o incidente, enquanto o profeta falava das virtudes do reino de Ezequias, ele foi levado adiante para uma contemplação do reino de Cristo, e acabou fazendo uso de expressões que, em toda a sua extensão, somente poderiam ser aplicadas ao reino do Messias: bondoso, fiel, justo e que realiza justiça. Assim, Ezequias também foi um prenúncio de Cristo;

- Isaías 19:16-24: o Senhor estava prestes a trazer um juízo contra o Egito por meio de alguma outra nação opressora (possivelmente os persas ou os gregos). No entanto, vários egípcios, ao verem os exemplos dos judeus que moravam em seu meio, buscaram a Deus e se tornaram prosélitos, deixando de adorar ao Sol e aos falsos deuses para conhecer a Deus. Isso não significa uma conversão total da nação, mas ao menos um número de egípcios se devotou a Deus. Nesse ínterim, a Assíria, uma das antigas potências, também teve contato com o Senhor, e um número de assírios também se converteu a Deus. Assim, representantes das três nações colocaram suas inimizades de lado em favor da prática da adoração a Deus. Essa "aliança espiritual" entre Egito, Assíria e Judá parece encontrar cumprimento durante a união das três nações a um mesmo império maior, o que também possibilitou maior contato entre elas. Talvez o império maior tenha sido a monarquia persa (a qual reconheceu, por meio das proclamações de Ciro, Deus como o Deus do céu em Esdras 1:2), ou o império de Alexandre, o Grande;

- Isaías 24:1-23: os vários julgamentos individuais de Deus contra nações e povos (os muitos "dias do Senhor" ao longo da Bíblia) vão sendo concretizados aos poucos, até que culminem em um julgamento global contra o mundo todo – o juízo final. Os muitos juízos locais de Deus podem ser entendidos como prenúncios do julgamento final, o qual ocorre com a segunda vinda de Cristo. Todos os juízos do Senhor são imparciais, e nenhuma posição social ou acúmulo de bens serão de qualquer valia. Cedo ou tarde, todos os rebeldes sofrerão julgamento, especialmente no último dia. Interessantemente, Isaías afirmou que os moradores da terra serão queimados. Isso pode ser uma referência dupla: os rebeldes sofrerão com as tribulações enquanto os juízos de Deus são aplicados à Terra, sofrendo no "ardor das tribulações", e/ou serão literalmente queimados com o fogo que acompanhará Jesus Cristo nos ares em sua segunda vinda. Em relação ao número de não justificados, poucas pessoas serão salvas. O juízo final não será limitado apenas à Terra, a qual será destruída, mas também aos poderes espirituais do mal. O mundo dos mortos, o *sheol*/*hades* com o abismo (*abaddon*), pode ter sido comparado a uma masmorra. Dali um castigo se segue, a punição final no lago de fogo do Livro de Apocalipse. Deus vindicará o que é seu no juízo final, e a criação "sai de cena" enquanto o juízo ocorre diante do verdadeiro trono celestial de Cristo no céu. Apenas Deus pode livrar alguém da condenação, e outros deuses são falsos e incapazes disso. Nos dias de calamidades contra os ímpios, seja em um juízo local de Deus contra uma

nação ou povo, seja no próprio juízo final, os justificados levantam gritos de louvor diante da espetacular demonstração da maravilha de Deus e seus atributos. De todo o mundo os justificados elevam seus cânticos de louvor, sendo que o Senhor é especialmente louvado por sua justiça, a qual é demonstrada nos julgamentos deste mundo pecaminoso e na redenção de seu povo. Todos os salvos de todas as épocas estarão em comunhão plena com Deus, o que será concretizado nos novos céus e nova terra herdados pelos justificados após o juízo final;

- Isaías 25:1-9: os ímpios julgados no juízo final jamais se levantarão novamente. Embora o juízo final ainda esteja no futuro com a segunda vinda de Cristo, o profeta viu a certeza de seu cumprimento e apresentou o evento futuro como se já tivesse ocorrido, dando então sequência com o louvor. Os salvos são invencíveis com Cristo. Uma vez que tal juízo está decretado, os ímpios têm temor já no presente. Isaías também louvou a Deus por ele ter amparado os pobres e necessitados e, também, por julgar os tiranos e fazer cessar a perseguição dos ímpios contra os fiéis. Haverá comunhão íntima de Deus com os fiéis salvos que vieram de vários povos, os quais serão plenamente saciados. Mesmo a morte será tragada para sempre, o que é revelado no Novo Testamento com a ressurreição dos mortos e os corpos glorificados para os fiéis. Nos novos céus e nova terra, os salvos não terão mais choro e nenhum vexame, tendo finalmente concretizada a esperança que tanto aguardaram, se alegrando e exultando na plenitude da salvação. As nações ímpias tentam se esconder de Deus, fazendo uso de qualquer coisa que o ser humano utiliza para se afastar do Senhor, mas não podem nem se esconder e nem fugir do justo juízo final de Deus;

- Isaías 26:1-21: os juízos locais de Deus têm como objetivo instruir os seres humanos sobre a justiça. Deus deu evidências suficientes para que os ímpios aprendam e se convertam, mas muitos não o farão. Por causa da justiça, Deus deve trazer as consequências aos não justificados por suas condutas. No entanto, ainda que sofram por causa dos juízos de Deus na Terra, os fiéis entendem a correção que vem da parte do Senhor e aguardam a redenção que se seguirá. Deus tem zelo pelo seu povo, e os não justificados verão esse zelo e se envergonharão. Ímpios poderosos que governaram grandiosos impérios mundiais e oprimiram o povo de Deus morreram e não podem voltar a viver por si mesmos, isto é, escapar da prisão no *sheol*, independentemente do poder que tiveram em vida. No *sheol*, aqueles que anteriormente eram poderosos não podem mais continuar seus planos e, eventualmente, serão esquecidos pelos vivos. Lá, os espíritos dos mortos provavelmente estão em um estado enfraquecido, o qual pode ser um dos fatores que impede que os habitantes do mundo dos mortos realizem atividades ou aprendizados como antes faziam em suas vidas terrenas. Os justificados ressuscitarão. Os fiéis não podem ressuscitar por si mesmos, mas terão uma ressurreição miraculosa operada por Deus, voltando a ter o mesmo corpo, e não outro corpo. O corpo ressuscitado, apesar de ser o mesmo corpo da vida física, será alterado para ser incorruptível e glorificado. Apenas os justificados permanecerão com Deus, e é por isso que são contados como vivos, podendo cantar alegremente ao Senhor. Os fiéis ressurretos "despertam" no sentido que a morte é um estado temporário até a ressurreição dos mortos, e não porque estão em algum estado de dormência – é o corpo físico que se levanta do pó da terra pelo poder do Senhor, "despertando" do pó em que descansava. Os não justificados, ainda que ressuscitem para receber juízo, serão banidos da presença de Deus e, assim, contados como mortos. Nesse sentido, é como se nunca ressuscitassem. No dia do juízo final, será cantado um cântico cujos temas são: (1) Deus concede proteção e paz ao fiel que confia nele; (2) Deus abate e humilha os altivos; (3) exortação para confiança no Senhor. Os fiéis foram retratados como uma cidade protegida por Deus, a qual se abre para que entrem mais fiéis. Os infiéis foram retratados como uma cidade altiva decretada para a queda. Provavelmente, essa figura foi utilizada como um símbolo para denotar os salvos que forem recebidos na comunhão com o Senhor. Antes que finalmente chegue a alegria da redenção e a manifestação da justiça de Deus, ocorrerão vários tempos difíceis na história devido aos julgamentos locais de Deus sobre a Terra. Até que ocorra o fim do mundo na segunda vinda de Cristo, muito sangue terá sido derramado e muitos terão sido mortos pelos vários julgamentos locais de Deus na Terra;

- Isaías 27:1-13: Deus tem cuidado especial com cada um dos seus justificados. Na época posterior ao retorno do povo de Judá do exílio babilônico, muitos israelitas da Assíria, Egito e outras partes do mundo se juntaram aos judeus que retornaram do exílio na restauração de Jerusalém e do templo e, então, adoraram a Deus. Pessoas de várias nações diferentes se tornaram prosélitos (convertidos ao

judaísmo). No entanto, um maior cumprimento disso é encontrado na anunciação do evangelho, onde muitos convertidos de várias nações diferentes adorarão no verdadeiro monte santo – a habitação celestial de Deus. A Igreja se espalhou de Jerusalém para o mundo todo e converteu muitos ao Senhor. O judaísmo foi finalmente rejeitado por Deus na destruição do templo em 70 d.C., e a vinda da Nova Aliança tornou a Igreja no cumprimento do verdadeiro Israel, sendo que a Igreja possui a proteção e as bênçãos do Senhor, além de herdar suas promessas. A Igreja de Jesus Cristo é a manifestação do reino de Deus na Terra, e ela converte pessoas ao Senhor, afastando-as da idolatria e, efetivamente, derrota os falsos deuses e seus altares. No juízo final, Deus colocará um fim em todo tipo de mal. Haverá cânticos de louvor da parte dos justificados. Deus não levará mais em conta seus pecados e, assim, não terá ira contra eles. O Senhor passará a cuidar deles com muito cuidado, protegendo-os e impedindo-os de ter qualquer tipo de mal. No estado de comunhão plena entre os justificados e Deus, o mal é algo completamente inexistente. Os não justificados perderão tudo em que confiaram. Tais coisas não servirão de nada e os não justificados receberão punição da parte de Deus. Eles foram retratados como um povo que rejeita o entendimento para as coisas de Deus, os quais não fazem caso dele como criador. Deus não terá compaixão de tal atitude, ou seja, negará o perdão a eles, o que implica, em última análise, na condenação do juízo final;

- Isaías 28:16-18: nada – nem mesmo a morte – pode evitar os julgamentos que Deus efetuará para cada pessoa: nem os juízos locais na Terra, muito menos o juízo final. No caso de Jerusalém, Isaías declarou que um "flagelo arrasador" iria passar por ela e que pessoas seriam mortas e, consequentemente, receberiam juízo, provavelmente se referindo à invasão da Assíria sobre a terra de Judá. Apesar de Deus ter livrado Jerusalém da ameaça assíria (Senaqueribe), pessoas morreram por esse juízo. A pedra já provada, preciosa e angular, solidamente assentada, é Cristo. O símbolo se refere a uma pedra de referência para a edificação de um edifício, a qual é colocada em um canto e utilizada para alinhar as demais pedras, as quais são os fiéis. O conjunto de fiéis edificados conforme o exemplo de Cristo representa o edifício de Deus. O juízo e a justiça são as ferramentas usadas para a edificação desse edifício espiritual. Cristo é aquele que deve ser crido e seguido para que cada um faça parte da comunhão com Deus;

- Isaías 29:17-24: a expressão "naquele dia" nem sempre se refere ao fim do mundo, mas tipicamente se refere a um tipo de visitação do Senhor. Deus escolhe momentos na história para efetuar juízos contra os ímpios e operar salvação para aqueles que o buscam. O povo de Judá estava mal em relação à Palavra do Senhor e, apesar de Deus tê-lo castigado com vários juízos locais por causa disso, sempre buscou chamá-lo ao arrependimento para regenerá-lo. Deus fez uma visitação para realizar uma grande mudança espiritual no povo. Sobreveio uma calamidade à nação, a terra se tornou como um deserto, porém, espiritualmente, o povo foi como um "pomar", isto é, foi preparado para dar frutos a Deus. Interessantemente, a mudança ocorreu a partir dos humildes. Assim como Deus remiu Abraão de uma vida pagã, ele buscou fazer com o reino de Judá. Embora a mudança espiritual tenha começado a ocorrer brevemente após Isaías ter proferido a profecia, observa-se um maior cumprimento dela no futuro, na época do Messias. Era comum que profecias do Antigo Testamento tivessem mais de um cumprimento ao longo do tempo. É provável que o primeiro cumprimento dessa profecia tenha ocorrido com a iniciativa de reformas espirituais de um bom rei de Judá, as quais incentivaram a nação a buscar a Deus e pôr à parte a injustiça, tal como nos reinados de Ezequias ou Josias. Infelizmente, mesmo com as reformas espirituais promovidas pelos bons reis, o povo caiu novamente em apostasia. O maior cumprimento da profecia ocorreu, sem dúvida, com o estabelecimento da Igreja, o qual foi, de fato, uma visitação do Senhor. Judeus espiritualmente mortos ouviram a Palavra de Deus e saíram das trevas em que estavam expostos, se convertendo a Deus. Aqueles que tinham uma conduta agradável a Deus, ainda que oprimidos, se agradaram e exultaram por causa de Deus, pois a salvação é espiritual, não dependente de posses e nem de condições sociais na presente vida. Tanto os tiranos quanto os zombadores das coisas de Deus, e também aqueles que praticavam o mal, foram eliminados do meio do povo, isto é, não têm lugar em meio à Igreja do Senhor. A "casa de Jacó" que foi remida de forma a não mais ser envergonhada, com pessoas que santificam e temem a Deus, certamente encontra cumprimento na Igreja. A pregação do evangelho, uma das principais atribuições da Igreja, permite que "os desencaminhados de espírito" venham a ter entendimento de Deus e que "os murmuradores" aceitem a instrução divina;

- Isaías 31:5: assim como uma ave paira sobre o seu ninho para proteger seus ovos, Deus protegeu Jerusalém da ameaça dos assírios;

- Isaías 33:6: Judá estava sob o reinado de Ezequias e com medo da ameaça assíria. O rei da Assíria, após receber tributo do rei Ezequias, avançou contra Judá para destruí-lo. Deus prometeu que, "no devido tempo", ou seja, após o livramento da ameaça assíria, haveria "estabilidade, abundância de salvação, sabedoria e conhecimento" e que o "temor do Senhor" seria o tesouro de Judá. De fato, Deus livrou Jerusalém da Assíria e, assim, o povo teve uma ascensão espiritual, e a profecia encontrou um primeiro cumprimento. Porém, após a morte de Ezequias, a nação novamente caiu em apostasia. Uma segunda aplicação dessa profecia diz respeito à Igreja. Sião pode ser entendido como uma figura para os salvos que se reúnem em uma igreja, os quais, de fato, experimentam estabilidade espiritual, abundância de salvação, e muita sabedoria e conhecimento por meio da pregação e estudo da Palavra de Deus. O cristão encontra no temor do Senhor o seu tesouro;

- Isaías 33:10-12: o povo na terra de Judá estava em um estado desesperador e terrível na época da invasão de Senaqueribe, no ano 701 a.C. A devastação causada pela guerra foi terrível e as pessoas comuns sofreram muito. Porém, o Senhor efetuou juízo contra os opressores assírios, o que foi simbolizado pelo fogo que queima a cal e os espinhos cortados. Imagens como essas que utilizam o fogo são comuns para demonstrar juízo divino;

- Isaías 33:17-24: Isaías usou o livramento que Deus deu para a Jerusalém, sob o reinado de Ezequias, diante da ameaça de Senaqueribe, como base para falar de um dia em que aconteceria o verdadeiro livramento. A profecia apontou para o monte Sião verdadeiro, a Jerusalém celestial, onde o Senhor será ainda mais reconhecido como grandioso. Os inimigos espirituais não poderão fazer mal algum aos remidos e, se tentarem, serão derrotados e servirão para o fortalecimento dos fiéis, até mesmo daqueles que possuírem uma fé mais débil, mas que se esforçam no Senhor. Os cristãos recebem o perdão de pecados já na Terra e, mais adiante, estarão com o Senhor na Jerusalém celestial para desfrutar de comunhão íntima com ele pela eternidade;

- Isaías 35:1-10: grandes mudanças são produzidas pela graça divina que é derramada sobre uma região e sobre um povo. Deus opera a justiça, retribuição e salvação em vários momentos da história, em suas várias visitações, e não apenas no juízo final. Enquanto Jesus esteve em seu ministério terrestre, cegos recuperaram suas visões, surdos recuperaram sua audição, coxos voltaram a andar normalmente e mudos voltaram a falar. Ainda mais importante que isso, os cegos, surdos, coxos e mudos representam pessoas com doenças espirituais que, também, foram curadas pelo evangelho de Cristo. A glória descrita por Isaías não se referia ao mundo físico, mas às bênçãos espirituais experimentadas em Cristo. As vidas das pessoas foram transformadas por ele. Um caminho para as pessoas chegarem a Deus se abriu, o qual é o próprio Cristo – e Cristo é seguido pela prática do evangelho. Esse caminho não é para aqueles que não querem ser puros, portanto, os impuros estarão fora dele. Até mesmo aquele que é tolo, se seguir o evangelho, será transformado e chegará até Deus. Seguir Cristo resulta em evitar a morte espiritual. O destino é chegar até Deus no verdadeiro monte Sião – sua habitação celestial com todos os salvos, o que é, em última análise, os novos céus e nova terra. Ali haverá cânticos de júbilo, alegria eterna, e nenhum mal jamais afetará os salvos;

- Isaías 38:17-19: aqueles que viveram antes de Cristo não tinham uma visão muito clara sobre como é a situação dos mortos, sendo para eles um assunto obscuro. Aqueles que já morreram não participam da vida na Terra, mas isso não significa que o amor não existe mais para eles nas regiões celestiais, nem que a recompensa será negada a eles. Descrever a morte como sono, na verdade, não é um comentário sobre a inconsciência dos mortos, mas sobre o estado temporário da morte. Descrever que, para onde os mortos vão, há silêncio e esquecimento e nenhum louvor ou glorificação de Deus, em última análise, é retratar que os mortos não têm participação no mundo dos viventes. Apenas no mundo dos viventes há aquisição de conhecimento terreno ou conversão ao Senhor – essas coisas de fato não ocorrem para quem já faleceu;

- Isaías 40:23: Deus está acima de toda autoridade e acima de todos os juízes da Terra. Ele tem a autoridade máxima e, portanto, efetua o juízo final por meio de Cristo;

- Isaías 42:4: a despeito de muita oposição e sofrimento, Jesus de fato não desanimou e nem foi morto na cruz antes de estabelecer o evangelho, a justiça de Deus na Terra. As "terras do mar" representam lugares afastados de difícil acesso, mas até mesmo lugares como esses ansiavam pela doutrina do Senhor – e a receberam;

- Isaías 42:6-7: o Messias, Jesus Cristo, foi escolhido e guiado por Deus Pai para ser o mediador da Nova Aliança, a qual é tanto para judeus quanto para gentios. Há um cumprimento duplo na expressão "abrir os olhos dos cegos": literal, quando Cristo curou cegos em seu ministério terrestre, e espiritual, quando o evangelho mostra o caminho para chegar a Deus àqueles que estão longe dele. Da mesma forma, a expressão "para tirar da prisão os cativos, e do cárcere, os que jazem em trevas" pode ter duplo cumprimento: espiritual, quando Cristo liberta, pelo evangelho, os cativos e aprisionados no pecado (assim livrando-os da permanência no mundo dos mortos, o qual é representado na Bíblia como uma prisão e como trevas) e, talvez, literal: Cristo, em sua ascensão, possivelmente tenha libertado os fiéis que estavam cativos no *sheol*/*hades* e os tenha levado ao céu;

- Isaías 43:3: se Deus permitiu que ocorresse desolação e ruína no Egito, na Etiópia e em Sebá ao invés de em Judá, os fiéis não tinham nada a temer da Babilônia ou de qualquer outra nação hostil – Deus efetuaria a libertação deles mesmo à custa da derrubada de reinos mais poderosos;

- Isaías 43:11-13: Isaías declarou a singularidade de Deus: ele é absoluto como senhor e salvador, assim como em suas declarações e em seus feitos. Antes da existência do dia ele já existia. Assim, Deus é inquestionavelmente a maior autoridade, o primeiro e único, autoexistente e soberano. Portanto, julgamentos definitivos podem ser efetuados apenas por Deus. Como Cristo é aquele que realiza o julgamento final, ainda que seja por concessão de Deus Pai, segue-se que Cristo é Deus – Deus Filho – uma pessoa distinta de Deus Pai, mas ainda assim Deus. Interessantemente, Jesus tratou seus discípulos em Atos 1:8 como suas testemunhas da mesma forma que Deus tratou seus fiéis de Israel como suas testemunhas;

- Isaías 44:23: o *sheol* e o *abaddon* foram retratados como as profundezas da terra. A alegria que vem de Deus por causa da realização de sua justiça é imensa no que diz respeito à punição do não justificado e a salvação do justificado;

- Isaías 44:24-28: Deus é o criador e sustentador de tudo o que existe e frustra os planos daqueles que se opõem a ele. Por meio de Isaías, o Senhor emitiu um grande pronunciamento acerca de Ciro, o rei da Pérsia. Ele já tinha sido citado anonimamente em Isaías 41:2-3,25, no entanto, em Isaías 44:28, Ciro foi citado pelo nome, um século e meio antes de ter iniciado suas campanhas vitoriosas contra a Babilônia. Uma vez que a Babilônia foi derrotada, o povo de Judá que foi levado cativo pôde retornar para sua terra e reedificar o templo, como detalhado em livros como Esdras, Neemias, Ageu e Zacarias;

- Isaías 45:17: Isaías se referiu ao verdadeiro Israel, ou seja, ao povo que verdadeiramente se converteu a Deus. Tanto os fiéis da Antiga Aliança quanto os cristãos do Novo Testamento acabam sendo incluídos no Israel espiritual, o verdadeiro Israel de Deus. Esse é o Israel que receberá salvação eterna com a segunda vinda de Cristo. Os justificados jamais serão envergonhados ou humilhados novamente, diferentemente do que frequentemente ocorre na vida física. Na Nova Aliança, a Igreja é o cumprimento de Israel;

- Isaías 45:22: há um único Deus e apenas ele é salvador. A salvação vem pela conversão a Deus. Uma vez que Cristo opera a salvação, ele também é Deus;

- Isaías 46:12-13: enquanto a salvação estava próxima em termos temporais, Israel ainda estava espiritualmente longe dela. Assim, a salvação/justiça teve dois aspectos: juntamente com a libertação providencial de Deus do cativeiro na Babilônia, na qual o agente foi Ciro, havia uma salvação interior e espiritual, a qual consistiu em levar o remanescente da nação a ter pensamentos corretos sobre si mesma e sobre Deus. Nessa transformação espiritual os instrumentos foram os servos fiéis de Deus, tais como Ageu, Zacarias, Neemias e Esdras;

- Isaías 48:13: tanto a "terra" como os "céus" são testemunhas de que Deus é o criador. Quando o julgamento final ocorrer, os céus e a terra se apresentarão como testemunhas da criação de Deus e, então, serão destruídos pelo fogo para dar lugar aos novos céus e nova terra;

- Isaías 49:22-26: Isaías profetizou o retorno à terra santa e a restauração do templo. No entanto, como é um tanto comum nas profecias de Isaías, encontra-se um cumprimento maior dessa profecia na época da Igreja. O cuidado com o povo de Deus (os filhos e filhas de Sião) foi apresentado com linguagem figurada e hiperbólica, indicando que o povo humilhado de Judá seria exaltado, e que Deus sinalizou isso para as nações contemporâneas dos judeus exilados para a Babilônia. O Senhor realizou isso por meio de Ciro, permitindo que os judeus retornassem a Judá, com a provisão de toda ajuda para a reconstrução do templo. Também, isso aponta para muitas pessoas de preeminência se convertendo a Deus na era cristã e dedicando seus recursos e riquezas à causa do Senhor. Uma vez que Deus estava do lado de Judá, os opositores, em geral, não tiveram sucesso em suas investidas para impedir a reconstrução do templo (o Livro de Neemias narra algumas dessas tentativas). Deus puniu os opositores. O poder redentor e salvador de Deus foi visto no êxodo de Israel do Egito, no retorno do exílio babilônico, e será visto também na segunda vinda de Cristo;

- Isaías 51:3: Deus restaurou o remanescente do povo exilado na Babilônia novamente em sua terra. A terra, devido ao cativeiro de setenta anos, estava desolada, porém, com o povo de volta, voltou a ser cultivada. Certamente isso trouxe o júbilo e a música e ações de graças ao Senhor de volta à terra santa;

- Isaías 51:5-14: as águas do Mar Vermelho que o povo de Israel atravessou durante o êxodo do Egito fazem parte do "grande abismo", as maiores profundezas da terra na concepção hebraica, o *abaddon*. A salvação de Deus já era notada ao longo da história. Ele sempre dominou as nações, mas Isaías afirmou que o Senhor passou a fazer isso de forma mais evidente. Até mesmo os povos distantes de Israel aguardavam sua justiça e salvação. Assim como Deus deu grandes provas de sua salvação e justiça no passado, deve-se crer nele em todas as épocas. Deus protege seu povo, que não deve temer o homem, mas apenas o seu criador. O povo exilado na Babilônia retornou para a terra santa e, embora o tempo de cativeiro tenha sido 70 anos, o Senhor considerou o tempo como curto, e muitos dos exilados não morreram em solo babilônico e nem faltou alimento a eles. Deus agiu continuamente na história com suas muitas visitações, os "dias do Senhor" que trazem punição aos ímpios e livramento aos fiéis. Esses juízos continuarão até culminarem no juízo final na segunda vinda de Cristo, onde a presente criação será destruída e os não justificados morrerão, ambos pelo fogo. A salvação e a justiça do Senhor, no entanto, são eternas, evidenciadas, em última análise, pela ressurreição dos mortos e os novos céus e nova terra. Da mesma forma que os exilados na Babilônia voltaram ao monte Sião, os justificados que viveram em um mundo repleto de pecados estarão com Deus na sua morada celestial, o verdadeiro monte Sião;

- Isaías 52:10: com a salvação que Deus trouxe ao remanescente mais fiel de Judá que estava cativo na Babilônia, mas que retornou à Palestina para reconstruir a nação, Isaías afirmou que todas as nações contemporâneas da época, mesmo as mais distantes, tiveram uma amostra do poder salvador de Deus. Um cumprimento ainda maior disso é encontrado no Messias, Jesus Cristo, o qual permite a salvação de Deus até mesmo nas partes mais distantes da Terra;

- Isaías 53:1-12: Jesus foi o "servo sofredor". Deus enviou seu Filho em uma terra espiritualmente fraca, onde ele gerou frutos como um renovo que gera resultados nas terras mais improváveis. A expectativa dos judeus sobre o Messias foi tão diferente das ações e palavras de Jesus que eles se recusaram a aceitá-lo. O Messias foi descrito como desprezado e o mais rejeitado entre os homens, um homem de dores que sabe o que é padecer. O ministério terrestre de Jesus ilustrou bem tal afirmação: ele foi rejeitado por sua família e sua nação e, em sua morte, por seus próprios discípulos. Isaías não estava falando das enfermidades e dores de Jesus, mas das enfermidades e dores das pessoas que ele carregou na cruz. A morte vergonhosa de Jesus era, na verdade, para a remissão dos pecados daqueles que nele crerem. O aspecto substitutivo da vida e obra do Messias foi explicado pelo fato de que ele resolveu a situação pecaminosa das pessoas – as "transgressões" e "iniquidades". O Messias foi apresentado como um cordeiro levado ao matadouro. Durante o processo representado pela tosquia e pelo matadouro, o

Messias não abriu a sua boca. Jesus se manteve calado nos vários julgamentos em que foi submetido perante o sinédrio e Pilatos. As ações instigadas contra o Senhor foram "opressão" do começo ao fim. Ele sofreu grande violência e a suportou por causa da transgressão do povo de Deus. Aqueles que o seguiram não entenderam, de início, a importância de seu sacrifício expiatório. Jesus foi crucificado entre dois ladrões, mas seu sepultamento foi no túmulo de José de Arimateia, um homem rico. A história narrada é sobre o propósito de Deus de trazer salvação ao mundo. A morte de Cristo tinha um propósito e foi planejada para alcançar a redenção. O prazer de Deus Pai não estava em ver Jesus sofrer na cruz, uma vez que ele até mesmo se afastou temporariamente de tal cena, mas nos benefícios que a morte de Jesus trouxe à humanidade. O Messias tornou-se a oferta pelo pecado de todos aqueles que nele creem. Foram três os resultados de ele se entregar voluntariamente como tal oferta: o surgimento do Israel espiritual (o verdadeiro Israel, a Igreja, todos os remidos por ele), a sua ressurreição, e uma completa expiação de pecados. Deus Pai concedeu ao Messias um grande e feliz sucesso em seu empreendimento: conquistará todos os seus inimigos, levou cativo o cativeiro (libertação dos fiéis do pecado e, talvez, libertação dos fiéis no *sheol*), e estabeleceu seu reino (a Igreja) entre os reinos do mundo e acima de todos eles;

- Isaías 54:1-17: o assunto da profecia são os resultados da obra sacrificial do Messias, o qual redimiu um povo espiritual, e não um Israel físico em posição de proeminência na Terra. Este mundo não é o lar do fiel. O Israel espiritual (a Igreja) se expandiu para todas as nações, testemunhando de Cristo e fazendo novos discípulos. Para os justificados, a vergonha e humilhação são coisas do passado. A alegria se encontra no Senhor. Os justificados não têm que depender de seu próprio poder ou recursos, pois possuem as promessas de Deus. Aquele que se converteu a Deus passou por breve tempo em rejeição e alienação neste mundo se comparado à misericórdia eterna de Deus. Assim como o Senhor cumpriu sua promessa a Noé, ele cumprirá sua promessa ao Israel espiritual. A cidade de Deus representa todos os salvos em comunhão eterna com Deus, um lugar ideal e perfeito, e o meio para alguém chegar lá é por meio das Escrituras. O justificado vive por fé e, por causa de sua confiança no Senhor, não precisa temer a opressão e o terror de quem conspira contra ele. O Senhor, que é soberano, está no controle. A justiça dos justificados é, na realidade, a justiça de Deus. A "herança" e o "direito" são do Senhor. Essa é a realidade de quem é um servo do Senhor. Até Isaías 54, as profecias de Isaías falaram sobre o "servo", no singular, porém, dali em diante, o Livro de Isaías fala sobre os "servos", no plural, os quais constituem o povo de Deus (tanto os remidos do Israel físico e do Israel espiritual, a Igreja). A Igreja se compõe daqueles que creram no Messias, foram batizados nele e vivem de acordo com os seus ensinos;

- Isaías 56:1: Deus deu uma série de livramentos ao povo judeu desde o exílio na Babilônia, o retorno do cativeiro, até a primeira vinda de Jesus Cristo, o Messias, o qual verdadeiramente trouxe a justiça e a salvação de Deus aos seus fiéis. A salvação e justiça finais de Deus também ocorrerão por meio do Messias na segunda vinda de Cristo;

- Isaías 57:9: o povo de Judá era tão ávido a buscar alianças com qualquer outro que não seja Deus que enviaria embaixadores até mesmo às profundezas do *sheol*. Assim, Judá se afundava até a mais profunda degradação possível. Sendo assim, o *sheol* foi retratado como um profundo lugar de degradação;

- Isaías 59:17-20: o Senhor se vinga tanto dos infiéis de seu povo quanto de seus inimigos. Seus julgamentos locais, e o juízo final, não são apenas para Israel, mas para todas as nações. Há terror para aqueles que lutarem contra a vontade de Deus e também temor, ou reverência, para aqueles que se humilharem diante dele. Isso ocorre de uma forma muito ampla e de forma impetuosa nos julgamentos locais de Deus que ocorrem por todas as nações da Terra, até culminarem no julgamento pleno no juízo final. Jesus foi enviado primeiramente aos judeus, e os que deles se converteram a ele são aqueles a quem o redentor da profecia veio. "Redentor" é o termo utilizado para quem paga o preço total necessário para ajudar seu próximo;

- Isaías 60:1-22: o plano de redenção do Senhor começou mais enfaticamente com a volta do remanescente que foi exilado na Babilônia para Jerusalém, mas se consumou na vinda do Messias. Os fiéis da época do Antigo Testamento (como os exilados na Babilônia) passaram por muitas tribulações e

angústias neste mundo, assim como os fiéis do Novo Testamento, mas receberão a mesma glória. Os justificados herdarão para sempre a terra – não um planeta Terra renovado, mas os novos céus e nova terra. Ali haverá diferentes níveis de glória entre os remidos, sendo que até mesmo o menor entre o povo glorificado será tremendamente glorioso. Pessoas de todas as nações estão entre esses fiéis. Assim como os cristãos, fiéis das épocas anteriores à primeira vinda de Cristo também fazem parte do Israel espiritual, o qual receberá as promessas de glória e comunhão eterna com o Senhor, tendo fim a todo tipo de sofrimento. O futuro dos justificados será constatado por todos;

- Isaías 61:6-11: os fiéis que retornaram à terra santa após o exílio na Babilônia tiveram recursos de outras nações para a reconstrução. Eles se regozijaram em viver novamente em sua terra. A alegria foi referida como perpétua, não porque os fiéis tiveram essas bênçãos terrestres, mas porque a alegria que vem do Senhor não é temporária, mas dura para sempre. Aqueles que retornaram do exílio babilônico e que foram fiéis estão hoje com o Senhor. As promessas não se limitaram ao Israel físico: são também aplicáveis ao Israel espiritual. A salvação e a justiça aparecem juntas, sendo os motivos da alegria, do consolo e do louvor ao Senhor. A semente da Palavra de Deus cresce nos corações das pessoas a fim de produzir justiça em suas vidas. Pessoas de todas as nações, em todas as épocas, são justificadas graças à operação da Palavra de Deus. Havia, já no Antigo Testamento, uma promessa para os fiéis serem chamados de sacerdotes e conhecidos como ministros de Deus. Ministrar é servir. Na Antiga Aliança, apenas pessoas da linhagem de Levi podiam ser sacerdotes. No entanto, vindo o Messias e sua Nova Aliança, cada cristão é um sacerdote e servo de Deus. A Igreja faz parte da Sião espiritual, e nela não há sacerdócio especial. Aqueles que se convertem a Cristo entram na Nova Aliança, sejam judeus, sejam gentios, e tornam-se sacerdócio santo, a fim de oferecerem sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por meio de Jesus Cristo. Não há nenhum clérigo especial, uma vez que todos são chamados ministros de Deus;

- Isaías 62:1-12: Deus não se calou e não se aquietou até que viesse sua justiça e salvação a partir de um povo preparado. Ele enviou Jesus Cristo do meio de judeus que tinham sido trabalhados pelo Senhor desde a época do retorno do exílio, a partir de um remanescente mais fiel. O exílio, na verdade, foi uma das maneiras em que Deus operou para que os judeus se tornassem um povo mais fiel, embora menor, de forma que o caminho do Messias estivesse preparado. A Jerusalém física foi alvo de reprovação e vergonha, mas a verdadeira Jerusalém, o verdadeiro povo de Deus, nunca será abandonada ou arrasada, mas é uma delícia para ele. A restauração de Deus nas vidas das pessoas traz uma mudança de posição e caráter, o que foi representado pelo anúncio do novo nome: tem sido assim desde Abraão, cujo nome foi mudado de "Abrão" para designar uma mudança em seu caráter. Os justificados são simbolizados como uma cidade que é também uma noiva, a noiva de Deus. Como na união do matrimônio entre homem e mulher, Deus se une a seu povo. A figura do casamento expressa o relacionamento da verdadeira Jerusalém/Sião com o Senhor. O povo espiritual de Deus anuncia ao mundo o louvor de Deus. É um povo vigilante quanto aos princípios do Senhor, ou seja, obediente a ele. É um povo que clama ao Senhor com oração e testemunho de seus princípios em sua vida. É um povo que recebe bênçãos de forma que Deus seja glorificado na Terra. Enquanto esse povo estiver na Terra, embora não seja isento de sofrimento, não terá falta de sustento. O povo espiritual é abençoado por Deus. Por meio do Messias, a Jerusalém celestial, a qual representa todos os justificados por Deus, terá o maior galardão do Senhor nos novos céus e nova terra, em comunhão íntima com o Senhor. Isso é o verdadeiro reestabelecimento de Jerusalém no contexto bíblico;

- Isaías 63:13: mesmo as águas vistas na superfície da Terra fazem parte das maiores profundezas, as quais foram referidas como abismos;

- Isaías 65:9: a partir do povo exilado na Babilônia, Deus operou para que judeus voltassem não apenas para Jerusalém, mas também aos montes de Deus, isto é, os montes da terra santa – toda a terra da Palestina. Assim, um remanescente mais fiel, o "herdeiro" na profecia, retornou à Palestina. Deus tinha prometido que os cativos voltariam do exílio para a terra de seus pais após setenta anos. Esses foram os eleitos de Deus e, deles, aqueles que o serviram permaneceram na terra santa. Assim, a profecia não diz respeito aos servos de Deus herdando o planeta Terra, mas um remanescente mais fiel que estava sendo preparado para que o Senhor enviasse Jesus Cristo, o Messias;

- Isaías 65:17-25: a intenção do Senhor é trazer algo novo à existência. Quanto às coisas que existem na presente criação, a expressão "não haveria lembrança e memória delas" denota que serão de todo eliminadas (2 Pedro 3:7,10), e não literalmente que os salvos não se lembrarão mais do que ocorreu em suas vidas terrenas. Um cristão é uma nova criatura, as coisas antigas passaram, mas ainda assim ele se lembra de sua vida antes da conversão. A plenitude do reino messiânico – os novos céus e nova terra – será algo novo e diferente. A nova criação toma o lugar da antiga para sempre. Usando uma analogia que toma como pano de fundo a antiga Jerusalém, Isaías pintou um retrato de uma Nova Jerusalém criada por Deus para alegria e regozijo. Não apenas o povo exultaria, mas também o próprio Senhor pretendia se alegrar no seu povo. A Nova Jerusalém jamais teria voz de choro ou de clamor. Dores intensas às pessoas não mais existirão, tais como a dor de uma morte prematura, ou a dor do despejo dos lares e campos. Pessoas terão uma grande alegria que foi quantificada em palavras como construir as próprias casas e nelas habitar, ou plantar alimentos e deles desfrutar, ou usufruir das obras de suas próprias mãos. Aquele que persevera no caminho de Deus na vida física se prepara para a eternidade, sendo comparável a alguém que está construindo um lar espiritual eterno, plantando alimento para a eternidade, ou trabalhando duro para usufruir dos resultados pela eternidade. Os filhos gerados pelos fiéis são a conversão de outras pessoas ao Senhor, as quais são filhos de Deus gerados não para calamidade, mas para glória eterna. Nenhum trabalho no Senhor é em vão, pois os justificados são posteridade bendita do Senhor. Na cidade celestial de Deus não ocorre nenhum lapso de tempo na comunicação com o Senhor. O profeta afirmou que o reino de Deus em sua plenitude será livre dos perigos simbolizados pelo lobo, pelo leão e pela serpente – animais que simbolizam o aspecto devorador, voraz e venenoso do presente mundo, dentro e fora da natureza humana. As figuras utilizadas na profecia em que vários animais hostis habitam juntos em paz, tanto entre eles mesmos quanto entre as pessoas, são símbolos da paz que são obtidos na nova morada celestial onde não há nenhum tipo de mal. Não se pode afirmar com base na linguagem figurada usada por Isaías que os novos céus e nova terra literalmente terão animais. A expressão "pó será a comida da serpente" está relacionada a Gênesis 3:14, onde Deus disse à serpente que comeria pó todos os dias de sua vida. Isso significa que Satanás não poderá mais agir contra ninguém e passará a eternidade sob o juízo do Senhor;

- Isaías 66:10-17: o profeta usou a Jerusalém física como figura para falar da verdadeira Jerusalém, a cidade celestial que representa os justificados por Deus. Há um cumprimento das profecias na Jerusalém física e um cumprimento maior na Jerusalém espiritual. A Jerusalém física foi uma sombra da verdadeira Jerusalém celestial. Os judeus que retornaram do exílio na Babilônia lamentaram a destruição de Jerusalém, mas se regozijaram em sua renovação, e se regozijarão ainda mais no desfrutar da recompensa eterna junto a Deus na Nova Jerusalém. Deus providenciou paz e abundância a seus fiéis. O poder do Senhor foi notório aos seus servos que permaneceram fiéis a ele em Israel. Deus se indignou contra seus inimigos, isto é, os deixou sob a ira divina. Isaías usou a imagem de chamas de fogo para descrever o julgamento de Deus. O Senhor, com fogo e espada, entra em juízo, e essa é uma mensagem várias vezes encontrada na Bíblia para descrever a severidade do Senhor ao condenar. Isso se aplica tanto aos juízos locais de Deus na Terra quanto ao juízo final. Isaías advertiu que o terrível julgamento de Deus caiu, e cairá, sobre aqueles que escolheram a religião humana ao invés do cumprimento de sua Palavra, ou seja, aquele que preferiu "se santificar e se purificar" por meio de crenças e religiões que vêm dos homens em vez de obedecer à Palavra de Deus. Aqueles que praticam atos abomináveis para Deus estão igualmente sob a ira divina. O coração humano procura gloriar a si mesmo em vez de glorificar a Deus. Isso pode resultar somente em condenação da parte do Senhor;

- Isaías 66:18-24: a última seção do Livro de Isaías abrange a primeira e a segunda vindas de Cristo: seu propósito para o mundo, sua maneira de executar esse propósito, o sinal estabelecido entre as nações e o remanescente (cristãos) enviado para evangelizá-las, e a assembleia de seu povo em "Jerusalém", composta por gentios. Jerusalém é a cidade celestial que representa os salvos em comunhão com Deus. Deus disse por meio do profeta que ele viria para ajuntar todas as nações e línguas, e elas virão e contemplarão sua glória. A mensagem se destinava ao mundo inteiro, e não apenas à descendência de Jacó. O verdadeiro Israel inclui gentios obedientes ao Senhor. Deus colocou entre as referidas nações e línguas um sinal que teve resultados maravilhosos, o qual denota a anunciação da glória de Deus com um alcance mundial. Foi retratada uma grande assembleia das nações, a qual envolve gentios

considerados irmãos no sentido espiritual. Deus afirmou que tomaria alguns desses gentios como sacerdotes e levitas, assim já apontando para a Nova Aliança, onde todo cristão é um sacerdote de Cristo. No reino messiânico, todos (judeus e gentios) são sacerdócio real e uma nação santa. A Igreja é o reino messiânico – futuro para os leitores originais de Isaías, já presente em nossos dias, e se manifestará em plenitude na segunda vinda de Cristo. Deus afirmou que há de criar os novos céus e nova terra e que deseja preservar eternamente todos os seus fiéis. Os novos céus e nova terra são a culminação de todas as promessas de Deus, a plenitude do reino messiânico, o que se cumprirá na sequência da ressurreição dos mortos e do juízo final na segunda vinda de Cristo. Os justificados são de várias línguas e nações. Já no presente mundo, por meio do evangelho, ninguém é excluído da adoração a Deus: todos aqueles que se converterem ao Senhor tornam-se filhos e, se forem obedientes, podem entrar na sua presença para adorar. Nos novos céus e nova terra, certamente, haverá adoração constante a Deus. Todos os inimigos de Deus e de seus justificados foram retratados como um vasto exército morto e deixado para apodrecer em campo aberto, sem enterro, onde o fogo é acendido, em parte, para consumir os montões dos mortos e, em parte, para livrar o ar de influências pestilentas. Em contraste, a perpetuidade do reino de Deus é retratada como estabelecida de forma final. Quanto à questão da punição final se tratar da cessação da existência dos ímpios ou de seu tormento eterno, a expressão "não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga" apoia a ideia de tormento eterno. Se o verme que come a carne não morre e o fogo não apaga, qual a razão de eles ainda existirem se os ímpios algum um dia forem eliminados da existência? A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências. Possivelmente, os justificados poderão ver, pelo menos em algum momento, os não justificados sob a ira máxima de Deus.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Isaías declarou a singularidade de Deus: ele é absoluto como senhor e salvador, assim como em suas declarações e em seus feitos. Antes da existência do dia ele já existia. Deus é o criador e sustentador de tudo o que existe e frustra os planos daqueles que se opõem a ele. Assim, Deus é inquestionavelmente a maior autoridade, o primeiro e único, autoexistente e soberano. Portanto, julgamentos definitivos podem ser efetuados apenas por Deus. Deus está acima de toda autoridade e acima de todos os juízes da Terra. Ele efetuará o juízo final. No entanto, como no Novo Testamento Cristo é aquele que realiza o julgamento final, ainda que seja por concessão de Deus Pai, segue-se que Cristo é Deus – Deus Filho – uma pessoa distinta de Deus Pai, mas ainda assim Deus. Interessantemente, Jesus tratou seus discípulos em Atos 1:8 como suas testemunhas da mesma forma que Deus tratou seus fiéis de Israel como suas testemunhas.

Há um único Deus e apenas ele é salvador. A salvação vem pela conversão a Deus. Uma vez que Cristo opera a salvação, ele também é Deus.

Deus reprova fortemente aqueles que procuram consultar quaisquer fontes de informação para conduzir suas vidas que não seja sua Palavra, particularmente a consulta aos médiuns, adivinhos e mortos. Aqueles que persistem em fazer tais coisas possuem uma "fome" de conhecimento para guiar suas vidas, mas jamais encontrarão nessas coisas o conhecimento que desejam – apenas a Palavra de Deus pode saciar tal "fome". Coisas ruins procederão àqueles que persistem em buscar fontes de conhecimento que Deus reprova e, uma vez que as pessoas não encontram nelas o que querem, sofrem e acabam praguejando contra Deus, que é também o rei delas. O coração de tais pessoas está nas coisas da terra, buscando o que querem em lugares errados e, por isso, permanecem em escuridão (longe da luz de Deus) e sofrendo ansiedades. O resultado final de tal persistência serão as densas trevas do mundo dos mortos.

A alegria que vem de Deus por causa da realização de sua justiça é imensa no que diz respeito à punição do não justificado e a salvação do justificado.

Falando do juízo contra os infiéis do povo de Israel, Isaías usou figuras fortes para alertar sobre o rigor do dia de acerto de contas. Jerusalém e o povo do reino de Judá estavam afastados dos caminhos do Senhor e, como outros profetas, Isaías profetizou suas destruições. O profeta perguntou ao Senhor até quando ele pregaria a Palavra de Deus e o povo de Israel não daria ouvidos a ele. O Senhor respondeu que seria assim até que o povo perdesse sua terra, a qual seria devastada. Isaías se referiu à queda inevitável do reino de Judá diante da Babilônia e ao exílio de seu povo para lá.

Isaías usou a imagem de chamas de fogo para descrever o julgamento de Deus. O Senhor, com fogo e espada, entra em juízo, e essa é uma mensagem várias vezes encontrada na Bíblia para descrever a severidade do Senhor ao condenar. Isso se aplica tanto aos juízos locais de Deus na Terra quanto ao juízo final. Isaías advertiu que o terrível julgamento de Deus caiu, e cairá, sobre aqueles que escolheram a religião humana ao invés do cumprimento de sua Palavra, ou seja, aquele que prefere "se santificar e se purificar" por meio de crenças e religiões que vêm dos homens em vez de obedecer à Palavra de Deus. Aqueles que praticam atos abomináveis para Deus estão igualmente sob a ira divina. O coração humano procura gloriar a si mesmo em vez de glorificar a Deus. Isso pode resultar somente em condenação da parte do Senhor.

Isaías, portanto, profetizou um dia do Senhor – um dia de julgamento local – contra os infiéis do povo de Israel, particularmente os orgulhosos, arrogantes, soberbos, idólatras, e aqueles que são importantes e exaltados entre as pessoas e que não andam com Deus. Como em outros casos ao longo da Bíblia, julgamentos locais da parte de Deus têm os objetivos de punir os culpados, glorificar a Deus, chamar pessoas ao arrependimento e livrar os justos. Isaías profetizou também uma restauração posterior ao povo.

Os vários julgamentos individuais de Deus contra nações e povos (os muitos "dias do Senhor" ao longo da Bíblia) vão sendo concretizados aos poucos, até que culminem em um julgamento global contra o mundo todo – o juízo final. Os muitos juízos locais de Deus podem ser entendidos como prenúncios do julgamento final, o qual ocorre com a segunda vinda de Cristo. Todos os juízos do Senhor são imparciais, e nenhuma posição social ou acúmulo de bens serão de qualquer valia. Cedo ou tarde, todos os rebeldes sofrerão julgamento, especialmente no último dia. Interessantemente, Isaías afirmou que os moradores da terra serão queimados. Isso pode ser uma referência dupla: os rebeldes sofrerão com as tribulações enquanto os juízos de Deus são aplicados à Terra, sofrendo no "ardor das tribulações", e/ou serão literalmente queimados com o fogo que acompanhará Jesus Cristo nos ares em sua segunda vinda. Em relação ao número de não justificados, poucas pessoas serão salvas.

Nada – nem mesmo a morte – pode evitar os julgamentos que Deus efetuará para cada pessoa: nem os juízos locais na Terra, muito menos o juízo final. Apenas Deus pode livrar alguém da condenação, e outros deuses são falsos e incapazes disso. Nos dias de calamidades contra os ímpios, seja em um juízo local de Deus contra uma nação ou povo, seja no próprio juízo final, os justificados levantam gritos de louvor diante da espetacular demonstração da maravilha de Deus e seus atributos. De todo o mundo, os justificados elevam seus cânticos de louvor, sendo que o Senhor é especialmente louvado por sua justiça, a qual é demonstrada nos julgamentos deste mundo pecaminoso e na redenção de seu povo.

O Senhor se vinga tanto dos infiéis de seu povo quanto de seus inimigos. Seus julgamentos locais, e o juízo final, não serão apenas para Israel, mas para todas as nações. Há terror para aqueles que lutarem contra a vontade de Deus e também temor, ou reverência, para aqueles que se humilharem diante dele. Isso ocorre de uma forma muito ampla e de forma impetuosa nos julgamentos locais de Deus que ocorrem por todas as nações da Terra, até culminarem no julgamento pleno no juízo final.

A expressão "naquele dia" nem sempre se refere ao fim do mundo, mas tipicamente se refere a um tipo de visitação do Senhor. Deus escolhe momentos na história para efetuar juízos contra os ímpios e operar salvação para aqueles que o buscam. Os juízos locais de Deus possuem o objetivo de instruir os seres humanos sobre a justiça. Deus deu evidências suficientes para que os ímpios aprendam e se convertam, mas muitos não o farão. Por causa da justiça, Deus deve trazer as consequências aos não justificados por suas condutas. No entanto, ainda que sofram por causa dos juízos de Deus na Terra, os fiéis entendem a correção que vem da parte de Deus e aguardam a redenção que se seguirá. Deus tem zelo pelo seu povo, e os não justificados verão esse zelo e se envergonharão.

Isaías declarou um juízo de Deus em que um "flagelo arrasador" iria passar por Jerusalém, matando pessoas. Provavelmente, o profeta se referiu à invasão da Assíria sobre a terra de Judá. Apesar de Deus ter livrado Jerusalém da ameaça assíria (Senaqueribe), ainda assim pessoas morreram por esse juízo.

Na época, Judá estava sob o reinado de Ezequias e com medo da ameaça assíria. O rei da Assíria, após receber tributo do rei Ezequias, avançou contra Judá para destrui-lo. Deus prometeu que, "no devido tempo", ou seja, após o livramento da ameaça assíria, haveria "estabilidade, abundância de salvação, sabedoria e conhecimento" e que o "temor do Senhor" seria o tesouro de Judá. O povo na terra de Judá estava em um estado

desesperador e terrível na época da invasão de Senaqueribe, no ano 701 a.C. A devastação causada pela guerra foi terrível e as pessoas comuns sofreram muito.

Porém, o Senhor efetuou juízo contra os opressores assírios, o que foi simbolizado em uma profecia de Isaías pelo fogo que queima a cal e os espinhos cortados. Imagens como essas que utilizam o fogo são comuns para demonstrar juízo divino. Assim como uma ave paira sobre o seu ninho para proteger seus ovos, Deus protegeu Jerusalém da ameaça dos assírios e, assim, o povo teve uma ascensão espiritual, e a profecia encontrou um primeiro cumprimento. Porém, após a morte de Ezequias, a nação novamente caiu em apostasia. Uma segunda aplicação dessa profecia diz respeito à Igreja. Sião pode ser entendido como uma figura para os salvos que se reúnem em uma igreja, os quais, de fato, experimentam estabilidade espiritual, abundância de salvação, e muita sabedoria e conhecimento por meio da pregação e estudo da Palavra de Deus. O cristão encontra no temor do Senhor o seu tesouro.

Isaías usou o livramento que Deus deu para a Jerusalém, sob o reinado de Ezequias, diante da ameaça de Senaqueribe, como base para falar de um dia em que aconteceria o verdadeiro livramento. A profecia apontou para o monte Sião verdadeiro, a Jerusalém celestial, onde o Senhor será ainda mais reconhecido como grandioso. Os inimigos espirituais não poderão fazer mal algum aos remidos e, se tentarem, serão derrotados e servirão para o fortalecimento dos fiéis, até mesmo daqueles que possuírem uma fé mais débil, mas que se esforçam no Senhor. Os cristãos recebem o perdão de pecados já na Terra e, mais adiante, estarão com o Senhor na Jerusalém celestial para desfrutar de comunhão íntima com ele pela eternidade.

Um homem violento e opressor, o qual é de difícil identificação (provavelmente foi um invasor assírio, talvez Senaqueribe), estava assolando a terra de Moabe. Fugitivos dessa terra encontraram refúgio em Judá até que tal opressor sofreu juízo de Deus e tal calamidade passou. Quanto ao trono estabelecido após o incidente, enquanto o profeta falava das virtudes do reino de Ezequias, ele foi levado adiante para uma contemplação do reino de Cristo, e acabou fazendo uso de expressões que, em toda sua extensão, poderiam ser aplicadas somente ao reino do Messias: bondoso, fiel, justo e que realiza justiça.

Uma vez que Deus permitiu até mesmo que ocorresse desolação e ruína no Egito, na Etiópia e em Sebá ao invés de em Judá, os fiéis não tinham nada a temer da Babilônia ou de qualquer outra nação hostil – Deus efetuaria a libertação deles mesmo à custa da derrubada de reinos mais poderosos. A salvação de Deus já era notada ao longo da história. Ele sempre dominou as nações, mas passou a fazer isso de forma ainda mais evidente, principalmente quando o povo de Judá foi levado para o cativeiro na Babilônia e o remanescente retornou à Palestina. Até mesmo os povos distantes de Israel aguardavam sua justiça e salvação. Assim como Deus deu grandes provas de sua salvação e justiça no passado, deve-se crer nele em todas as épocas. Deus protege seu povo, que não deve temer o homem, mas apenas o seu criador.

O povo de Judá, em geral, estava mal em relação à Palavra do Senhor e, apesar de Deus tê-lo castigado com vários juízos locais por causa disso, sempre buscou chamá-lo ao arrependimento para regenerá-lo. Deus fez uma visitação para realizar uma grande mudança espiritual no povo. Sobreveio uma calamidade à nação, a terra se tornou como um deserto, porém, espiritualmente, o povo foi como um "pomar", isto é, preparado para dar frutos a Deus. Interessantemente, a mudança ocorreu a partir dos humildes. Assim como Deus remiu Abraão de uma vida pagã, ele buscou fazer com o reino de Judá. Embora a mudança espiritual tenha começado a ocorrer brevemente após Isaías ter proferido a profecia, observa-se um maior cumprimento dela no futuro, na época do Messias. Era comum que profecias do Antigo Testamento tivessem mais de um cumprimento ao longo do tempo. É provável que o primeiro cumprimento dessa profecia tenha ocorrido com a iniciativa de reformas espirituais de um bom rei de Judá, as quais incentivaram a nação a buscar a Deus e pôr à parte a injustiça, tal como nos reinados de Ezequias ou Josias. Infelizmente, mesmo com as reformas espirituais promovidas pelos bons reis, o povo caiu novamente em apostasia. O maior cumprimento da profecia ocorreu, sem dúvida, com o estabelecimento da Igreja, o qual foi, de fato, uma visitação do Senhor. Judeus espiritualmente mortos ouviram a Palavra de Deus e saíram das trevas em que estavam expostos, se convertendo a Deus. Aqueles que tinham uma conduta agradável a Deus, ainda que oprimidos, se agradaram e exultaram por causa de Deus, pois a salvação é espiritual, não dependente de posses e nem de condições sociais na presente vida. Tanto os tiranos quanto aqueles que zombavam das coisas de Deus, e também aqueles que praticavam o mal, foram eliminados do meio do povo, isto é, não têm lugar em meio à Igreja do Senhor. A "casa de Jacó" que foi remida de forma a não mais ser envergonhada, com pessoas que santificam e

temem a Deus, certamente encontra cumprimento na Igreja. A pregação do evangelho, uma das principais atribuições da Igreja, permite que "os desencaminhados de espírito" venham a ter entendimento de Deus e que "os murmuradores" aceitem a instrução divina.

Jerusalém foi destruída pelos babilônios sob Nabucodonosor, o que culminou com a destruição do templo em 586 a.C. Isaías usou imagens fortes para retratar os dias em que os babilônios sitiaram e assolaram a terra de Israel – tais imagens demonstram que houve muito terror, as pessoas buscaram desesperadamente algum livramento e perceberam que nenhum ídolo podia livrá-las, dispondo-se deles. Quando os babilônios destruíram o reino de Judá, os infiéis foram mortos e tiveram seu esplendor terminado, e aqueles que foram para o exílio na Babilônia se sentiram abatidos e humilhados.

Os babilônios levaram o povo ao exílio, no entanto, setenta anos depois, o povo retornou para sua terra. Esse povo que retornou foi um remanescente – os demais judeus que não foram fiéis pereceram. Um dos objetivos do juízo de Deus contra Israel foi produzir um remanescente mais fiel do povo. Deus prefere um grupo menor, mas fiel, do que um grupo grande e infiel. Esse processo foi para gerar um remanescente mais fiel do qual procedeu o Messias, o qual é Jesus Cristo, e as diversas bênçãos dele decorrentes. Com isso, Deus foi exaltado por sua justiça. O "renovo do Senhor" – o Messias – contempla todos esses aspectos.

O povo de Deus sempre possui proteção divina, embora não seja isento de sofrimento, e todos aqueles que se levantarem contra ele, cedo ou tarde, perecerão e/ou terão seus planos frustrados. Deus tem cuidado especial com cada um dos seus justificados.

Por meio de Isaías, o Senhor emitiu um grande pronunciamento acerca de Ciro, o rei da Pérsia. Ele já tinha sido citado anonimamente em Isaías 41:2-3 e Isaías 41:25, no entanto, em Isaías 44:28, Ciro foi citado pelo nome, um século e meio antes de ter iniciado suas campanhas vitoriosas contra a Babilônia. Uma vez que a Babilônia foi derrotada, o povo de Judá que foi levado cativo pôde retornar para sua terra e reedificar o templo, como detalhado em livros como Esdras, Neemias, Ageu e Zacarias.

Isaías previu o retorno do povo para a terra santa e a restauração do templo e, ainda, algo maior no futuro: a Igreja é o verdadeiro Israel que conquista os inimigos de Deus (pecados) por meio da conversão a Cristo. Como é um tanto comum nas profecias de Isaías, encontra-se um cumprimento maior dessa profecia na época da Igreja. O cuidado com o povo de Deus (os filhos e filhas de Sião) foi apresentado com linguagem figurada e hiperbólica, indicando que o povo humilhado de Judá seria exaltado, e que Deus sinalizou isso para as nações contemporâneas dos judeus exilados para a Babilônia. O Senhor realizou isso por meio de Ciro, permitindo que os judeus retornassem a Judá, com a provisão de toda ajuda para a reconstrução do templo. Também, isso aponta para muitas pessoas de preeminência se convertendo a Deus na era cristã e dedicando seus recursos e riquezas à causa do Senhor. Uma vez que Deus estava do lado de Judá, os opositores, em geral, não tiveram sucesso em suas investidas para impedir a reconstrução do templo (o Livro de Neemias narra algumas dessas tentativas). Deus puniu os opositores. O poder redentor e salvador de Deus foi visto no êxodo de Israel do Egito, no retorno do exílio babilônico, e será visto também na segunda vinda de Cristo.

Embora o tempo de cativeiro do povo de Judá na Babilônia tenha sido de setenta anos, o Senhor considerou o tempo como curto, e muitos dos exilados não morreram em solo babilônico, e nem faltou alimento a eles. A terra santa, devido ao cativeiro de setenta anos, estava desolada, porém, com o povo de volta, voltou a ser cultivada. Certamente isso trouxe o júbilo e a música e ações de graças ao Senhor de volta à terra santa.

Com a salvação que Deus trouxe ao remanescente mais fiel de Judá que estava cativo na Babilônia, mas que retornou à Palestina para reconstruir a nação, Isaías afirmou que todas as nações contemporâneas da época, mesmo as mais distantes, tiveram uma amostra do poder salvador de Deus. Um cumprimento ainda maior disso é encontrado no Messias, Jesus Cristo, no qual até mesmo regiões distantes da Terra podem usufruir da salvação de Deus.

No entanto, enquanto a salvação do povo esteve próxima em termos temporais, Israel ainda esteve espiritualmente longe dela. Assim, a salvação/justiça teve dois aspectos: juntamente com a libertação providencial de Deus do cativeiro na Babilônia, na qual o agente foi Ciro, havia uma salvação interior e espiritual, a qual consistiu em levar o remanescente da nação a ter pensamentos corretos sobre si mesma e sobre Deus. Nessa

transformação espiritual, os instrumentos foram os servos fiéis de Deus, tais como Ageu, Zacarias, Neemias e Esdras. Os fiéis que retornaram à terra santa após o exílio na Babilônia tiveram recursos de outras nações para a reconstrução. Eles se regozijaram em viver novamente em sua terra. A alegria foi referida como perpétua, não porque os fiéis tiveram essas bênçãos terrestres, mas porque a alegria que vem do Senhor não é temporária, mas dura para sempre. Aqueles que retornaram do exílio babilônico e que foram fiéis estão hoje com o Senhor.

A partir do povo exilado na Babilônia, Deus operou para que judeus voltassem não apenas para Jerusalém, mas também aos montes de Deus, isto é, os montes da terra santa – toda a terra da Palestina. Assim, um remanescente mais fiel, o referido "herdeiro" em uma das profecias de Isaías, retornou à Palestina. Deus tinha prometido que os cativos voltariam do exílio para a terra de seus pais após setenta anos, e essa promessa foi cumprida. Aqueles que retornaram foram os eleitos de Deus e, deles, aqueles que o serviram permaneceram na terra santa. Assim, a profecia não diz respeito aos servos de Deus herdando o planeta Terra, mas a um remanescente mais fiel que estava sendo preparado para que o Senhor enviasse Jesus Cristo, o Messias.

Os judeus que retornaram do exílio na Babilônia lamentaram a destruição de Jerusalém, mas se regozijaram em sua renovação, e se regozijarão ainda mais no desfrutar da recompensa eterna junto a Deus na Nova Jerusalém. Deus providenciou paz e abundância a seus fiéis. O poder do Senhor foi notório aos seus servos que permaneceram fiéis a ele em Israel. Deus se indignou contra seus inimigos, isto é, os deixou sob a ira divina.

Assim, o plano de redenção do Senhor começou mais enfaticamente com a volta do remanescente que foi exilado na Babilônia para Jerusalém, mas se consumou na vinda do Messias. Deus deu uma série de livramentos ao povo judeu desde o exílio na Babilônia, o retorno do cativeiro, até a primeira vinda de Jesus Cristo, o Messias, o qual verdadeiramente trouxe a justiça e a salvação de Deus aos seus fiéis. A salvação e justiça finais de Deus também ocorrerão por meio do Messias na segunda vinda de Cristo. Deus não se calou e não se aquietou até que viesse sua justiça e salvação a partir de um povo preparado. Ele enviou Jesus Cristo do meio de judeus que tinham sido trabalhados por Deus desde a época do retorno do exílio, a partir de um remanescente mais fiel. O exílio, na verdade, foi uma das maneiras em que Deus operou para que os judeus se tornassem um povo mais fiel, embora menor, de forma que o caminho do Messias estivesse preparado.

Na época posterior ao retorno do povo de Judá do exílio babilônico, muitos israelitas da Assíria, Egito e outras partes do mundo se juntaram aos judeus que retornaram do exílio na restauração de Jerusalém e do templo e, então, adoraram a Deus. Pessoas de várias nações diferentes se tornaram prosélitos (convertidos ao judaísmo). No entanto, um maior cumprimento disso é encontrado na anunciação do evangelho, onde muitos convertidos de várias nações diferentes adorarão no verdadeiro monte santo – a habitação celestial de Deus. A Igreja se espalhou de Jerusalém para o mundo todo e converteu muitos ao Senhor. O judaísmo foi finalmente rejeitado por Deus na destruição do templo em 70 d.C., e a vinda da Nova Aliança tornou a Igreja no cumprimento do verdadeiro Israel, sendo que a Igreja possui a proteção e as bênçãos do Senhor, além de herdar suas promessas. A Igreja de Jesus Cristo é a manifestação do reino de Deus na Terra, e ela converte pessoas ao Senhor, afastando-as da idolatria e, efetivamente, derrota os falsos deuses e seus altares.

Deus frequentemente usou nações como instrumentos de ira para destruir outras nações, e o mesmo ocorreu contra a Babilônia: outras nações vieram de longe e arruinaram toda a sua terra. Tais nações foram, primeiramente, os medos e persas e, mais tarde, ao longo da história, gregos e romanos – a história da queda da Babilônia foi longa e todas essas nações foram usadas como instrumentos de Deus contra ela. Imagens proféticas fortes representaram todo o sofrimento da Babilônia do momento de sua conquista pelos exércitos de Ciro, o Grande, até sua ruína total. A linguagem usada em Isaías 13:1-22 não trata do fim do mundo, mas do fim das antigas nações ímpias para a qual foi aplicada. Em uma aplicação secundária, tal linguagem pode ser entendida como um prenúncio do fim do mundo na segunda vinda de Cristo. Na verdade, muitos juízos locais de Deus encontrados na Bíblia são prenúncios do fim do mundo.

Isaías profetizou sobre a queda do rei da Babilônia que elevava a si mesmo, buscando tomar a glória que pertence a Deus, mas que foi derrubado de sua alta posição para as profundezas da terra – o *sheol*. A identidade do rei da Babilônia referido na profecia é difícil de determinar. Seja quem for, o ponto destacado é o contraste entre a sua glória passada enquanto vivia na terra e sua humilhação após sofrer o juízo de Deus e morrer, bastante similar ao relato do rico e Lázaro contado por Jesus em Lucas 16:19-31. Embora se tratando da celebração da morte do referido rei, essa profecia pode ser entendida como uma predição da queda e destino de qualquer tirano.

Quando a Babilônia caiu diante do Império Medo-Persa, Ciro permitiu que judeus exilados na Babilônia retornassem à sua terra e reconstruíssem o templo. Os judeus passaram então a reedificar sua terra, tendo um território menor, mas um povo mais fiel, particularmente em relação à idolatria. Nesse ínterim, outros povos conheceram o judaísmo e passaram a se tornar prosélitos, ou seja, pessoas não nascidas entre os judeus que se converteram ao judaísmo. Nesse sentido, a casa de Israel teve outros povos como "servos e servas" na terra santa, tendo até mesmo convertidos que vieram das nações que oprimiram Israel. No entanto, mais uma vez, a profecia encontrou um cumprimento maior na Igreja. O verdadeiro povo de Deus, o verdadeiro israelita, é o cristão fiel, pois o Israel da promessa é o remanescente dos judeus que se converteram a Cristo, ou seja, que se tornaram cristãos. A Igreja é o verdadeiro Israel, e é na Igreja que ocorre o maior cumprimento da "restauração de Israel". Os antigos inimigos de Israel representam os inimigos espirituais que impedem o ser humano de ser salvo. Israel se espalhando pelo mundo, dominando, conquistando e fazendo prisioneiros, representa a Igreja se espalhando pelo mundo e convertendo pessoas a Deus, subjugando o pecado que impede o ser humano de ser salvo. Grandes mudanças são produzidas pela graça divina que é derramada sobre uma região e sobre um povo. Deus opera a justiça, retribuição e salvação em vários momentos da história, em suas várias visitações, e não apenas no juízo final.

Em outra das profecias de Isaías, o Senhor estava prestes a trazer um juízo contra o Egito por meio de alguma outra nação opressora (possivelmente os persas ou os gregos). No entanto, vários egípcios, ao verem os exemplos dos judeus que moravam em seu meio, buscaram a Deus e se tornaram prosélitos, deixando de adorar ao Sol e aos falsos deuses para conhecer a Deus. Isso não significa uma conversão total da nação, mas ao menos um número de egípcios se devotou a Deus. Nesse ínterim, a Assíria, uma das antigas potências, também teve contato com o Senhor, e um número de assírios também se converteu a Deus. Assim, representantes das três nações colocaram suas inimizades de lado em favor da prática da adoração a Deus. Essa "aliança espiritual" entre Egito, Assíria e Judá parece encontrar cumprimento durante a união das três nações a um mesmo império maior, o que também possibilitou maior contato entre elas. Talvez o império maior tenha sido a monarquia persa (a qual reconheceu, por meio das proclamações de Ciro, Deus como o Deus do céu em Esdras 1:2), ou o império de Alexandre, o Grande.

Prevendo a vinda do Messias, a primeira vinda de Cristo, Isaías concedeu a ele os títulos de "Maravilhoso Conselheiro", "Deus Forte", "Pai da Eternidade", "Príncipe da Paz", os quais, em última análise, indicam que o Messias é Deus. O reino do Messias é firmado sob o trono de Davi porque o Messias é, segundo a carne, descendente de Davi. Seu reino é firmado em justiça e, também, juízo, ou seja, punição contra os desobedientes – o que alude aos vários "dias do Senhor" da Bíblia, as visitações locais de Deus para punir desobedientes e dar livramento aos fiéis. Há paz sem fim em seu trono e seu governo já estava decretado na época de Isaías e permanece para sempre. É verdade que, segundo o Novo Testamento, quando o último inimigo (a morte) for derrotado, o governo será retornado a Deus Pai (1 Coríntios 15:24-26), no entanto, de qualquer forma, Cristo efetivamente sempre correinou com Deus Pai, tanto no início do tempo quanto no fim – nesse sentido é que seu reino é eterno. Conforme a luz do Novo Testamento, o reino do Messias não é na Terra, mas no céu.

Em uma das profecias messiânicas de Isaías (Isaías 28:16-18), a pedra já provada, preciosa e angular, solidamente assentada, é Cristo. O símbolo se refere a uma pedra de referência para a edificação de um edifício, a qual é colocada em um canto e utilizada para alinhar as demais pedras, as quais são os fiéis. O conjunto de fiéis edificados conforme o exemplo de Cristo representa o edifício de Deus. O juízo e a justiça são as ferramentas usadas para a edificação desse edifício espiritual. Cristo é aquele que deve ser crido e seguido para que cada um faça parte da comunhão com Deus. O Messias, Jesus Cristo, foi escolhido e guiado por Deus Pai para ser o mediador da Nova Aliança, a qual é tanto para judeus quanto para gentios. Há um cumprimento duplo na expressão "abrir os olhos dos cegos": literal, quando Cristo curou cegos em seu ministério terrestre, e espiritual, quando o evangelho mostra o caminho para chegar a Deus àqueles que estão longe dele. Da mesma forma, a expressão "para tirar da prisão os cativos, e do cárcere, os que jazem em trevas" pode ter duplo cumprimento: espiritual, quando Cristo liberta, pelo evangelho, os cativos e aprisionados no pecado (assim livrando-os da permanência no mundo dos mortos, o qual é representado na Bíblia como uma prisão e como trevas) e, talvez, literal: Cristo, em sua ascensão, possivelmente tenha libertado os fiéis que estavam cativos no *sheol*/*hades* e os tenha levado ao céu.

Jesus foi enviado primeiramente aos judeus, e aqueles que desses judeus que se converteram a ele são aqueles a quem o redentor da profecia de Isaías veio. "Redentor" é o termo utilizado para quem paga o preço total necessário para ajudar seu próximo.

A profecia de Isaías 11 se cumpriu na primeira vinda de Cristo e no seu legado deixado na Terra, a Igreja. Isaías profetizou sobre o renovo, ou rebento, que surgiu das raízes de Jessé, pai de Davi, e o identificou como aquele que tem o Espírito do Senhor que confere a ele conselho, fortaleza, conhecimento e temor do Senhor. A profecia se referiu ao caráter do rei então vindouro e da natureza pacífica e justa de seu reinado. Quando Jesus veio à Terra, certamente não julgou segundo a aparência e nem tomou decisões pelo que ouviu dizer, mas fez tudo pela sabedoria e justiça de Deus, segundo o poder do Espírito Santo. Jesus aplicou a justiça de Deus, a qual justificava o pobre de espírito e os mansos da terra, mas ao mesmo tempo condenava os perversos.

Enquanto Jesus esteve em seu ministério terrestre, cegos recuperaram suas visões, surdos recuperaram sua audição, coxos voltaram a andar normalmente e mudos voltaram a falar. Ainda mais importante que isso, os cegos, surdos, coxos e mudos representam pessoas com doenças espirituais que, também, foram curadas pelo evangelho de Cristo. A glória descrita por Isaías não se referia ao mundo físico, mas às bênçãos espirituais experimentadas em Cristo. As vidas das pessoas foram transformadas por ele. Um caminho para as pessoas chegarem a Deus se abriu, o qual é o próprio Cristo – e Cristo é seguido pela prática do evangelho. Esse caminho não é para aqueles que não querem ser puros, portanto, os impuros estarão fora dele. Até mesmo aquele que é tolo, se seguir o evangelho, será transformado e chegará até Deus. Seguir a Cristo significa evitar a morte espiritual. O destino é chegar até Deus no verdadeiro monte Sião – sua habitação celestial com todos os salvos, o que é, em última análise, os novos céus e nova terra. Ali haverá cânticos de júbilo, alegria eterna, e nenhum mal jamais afetará os salvos.

A Galileia dos Gentios, ou seja, as regiões que compreendiam as terras antes assoladas por guerras anteriores, regiões desprezadas que estavam longe da luz dos ensinamentos do Senhor (as terras da antiga divisão tribal de Zebulom e Naftali, mais tarde englobando o Mar de Quinerete/Galileia/Tiberíades/Genesaré, as regiões de Gileade e Basã, os antigos reinos de Moabe e Amom, as tribos de Rúben, Gade e metade da tribo de Manassés, as quais foram a Pérsia da geografia posterior), foram um dos cenários em que resplandeceu a luz do Messias, Jesus Cristo. A referida região foi desprezada nos "primeiros tempos", mas viu luz nos "últimos tempos". Isso significa que os dias da época de Cristo já eram considerados os "últimos dias" desde a época do Antigo Testamento. Por sua vez, a época do Antigo Testamento foi considerada como os "primeiros dias". A ausência da prática dos ensinamentos de Deus foi comparada, na profecia, a uma região à "sombra da morte".

A despeito de muita oposição e sofrimento, Jesus não desanimou e nem foi morto na cruz antes de estabelecer o evangelho, a justiça de Deus na Terra. O evangelho alcançou até mesmo as "terras do mar", as quais representam lugares afastados de difícil acesso. Até mesmo lugares como esses ansiavam pela doutrina do Senhor – e a receberam.

Jesus foi o "servo sofredor". Deus enviou seu Filho em uma terra espiritualmente fraca, onde ele gerou frutos como um renovo que gera resultados nas terras mais improváveis. A expectativa dos judeus sobre o Messias foi tão diferente das ações e palavras de Jesus que eles se recusaram a aceitá-lo. O Messias foi descrito como desprezado e o mais rejeitado entre os homens, um homem de dores que sabe o que é padecer. O ministério terrestre de Jesus ilustrou bem tal afirmação: ele foi rejeitado por sua família e sua nação e, em sua morte, por seus próprios discípulos. Isaías não estava falando das enfermidades e dores de Jesus, mas das enfermidades e dores das pessoas que ele carregou na cruz. A morte vergonhosa de Jesus era, na verdade, para a remissão dos pecados daqueles que nele crerem. O aspecto substitutivo da vida e obra do Messias foi explicado pelo fato de que ele resolveu a situação pecaminosa das pessoas – as "transgressões" e "iniquidades". O Messias foi apresentado como um cordeiro levado ao matadouro. Durante o processo representado pela tosquia e pelo matadouro, o Messias não abriu a sua boca. Jesus se manteve calado nos vários julgamentos em que foi submetido perante o sinédrio e Pilatos. As ações instigadas contra o Senhor foram "opressão" do começo ao fim. Ele sofreu grande violência e a suportou por causa da transgressão do povo de Deus. Aqueles que o seguiram não entenderam, de início, a importância de seu sacrifício expiatório. Jesus foi crucificado entre dois ladrões, mas seu sepultamento foi no túmulo de José de Arimateia, um homem rico. A história narrada é sobre o propósito de Deus de trazer salvação ao mundo. A morte de Cristo tinha um propósito e foi planejada para alcançar a redenção. O prazer de Deus Pai não estava em ver Jesus sofrer na cruz, uma vez que ele até mesmo se afastou temporariamente de tal cena, mas nos

benefícios que a morte de Jesus trouxe à humanidade. O Messias tornou-se a oferta pelo pecado de todos aqueles que nele creem. Foram três os resultados de ele se entregar voluntariamente como tal oferta: o surgimento do Israel espiritual (o verdadeiro Israel, a Igreja, todos os remidos por ele), a sua ressurreição, e uma completa expiação de pecados. Deus Pai concedeu ao Messias um grande e feliz sucesso em seu empreendimento: conquistará todos os seus inimigos, levará cativo o cativeiro (libertação dos fiéis do pecado e, talvez, libertação dos fiéis no *sheol*), e estabelecerá seu reino entre os reinos do mundo e acima de todos eles.

Após sua ressurreição, Cristo recebeu toda autoridade nos céus e na terra e, após sua ascensão ao céu, passou a governar em um trono celestial, e não terreno. A partir desse trono, à destra de Deus, a Palavra dele traz punição para os não justificados, o que resulta nas visitações de Cristo para julgamento local contra as nações da terra. Jesus, pela sua Palavra, continua trazendo juízo às nações da Terra, até que chegue o dia de sua segunda vinda, o juízo final, a qual trará fogo à Terra para sua destruição e eliminará o homem da iniquidade. Os julgamentos de Cristo sempre foram alicerçados na justiça e na verdade. As figuras utilizadas na profecia em que vários animais hostis um ao outro habitam juntos em paz, tanto entre eles mesmos quanto entre as pessoas, são símbolos da paz que é obtida ao se converter a Cristo e viver seus ensinamentos. O santo monte de Deus é uma figura para o reino de Deus na Terra, ou seja, a Igreja, onde há a paz e a glória de Deus. Os convertidos a Cristo formam a Igreja, e nela há convertidos de todos os níveis sociais, diferentes nações, diferentes etnias, etc. Aqueles que eram inimigos antes de se converterem a Cristo passam a ser irmãos após a conversão.

As promessas de Deus não se limitaram ao Israel físico: são também aplicáveis ao Israel espiritual. A salvação e a justiça aparecem juntas, sendo os motivos da alegria, do consolo e do louvor ao Senhor. A semente da Palavra de Deus cresce nos corações das pessoas a fim de produzir justiça em suas vidas. Pessoas de todas as nações, em todas as épocas, são justificadas graças à operação da Palavra de Deus. Mesmo no Antigo Testamento havia uma promessa para os fiéis serem chamados de sacerdotes e conhecidos como ministros de Deus. Ministrar é servir. Na Antiga Aliança, apenas pessoas da linhagem de Levi podiam ser sacerdotes. No entanto, vindo o Messias e sua Nova Aliança, cada cristão é um sacerdote e servo de Deus. A Igreja faz parte da Sião espiritual, e nela não há sacerdócio especial. Aqueles que se convertem a Cristo entram na Nova Aliança, sejam judeus, sejam gentios, e tornam-se sacerdócio santo, a fim de oferecerem sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por meio de Jesus Cristo. Não há nenhum clérigo especial, uma vez que todos são chamados ministros de Deus. A restauração de Deus nas vidas das pessoas traz uma mudança de posição e caráter, o que foi representado pelo anúncio do novo nome: tem sido assim desde Abraão, cujo nome foi mudado de "Abrão" para designar uma mudança em seu caráter.

Isaías se referiu em suas profecias ao verdadeiro Israel, ou seja, ao povo que verdadeiramente se converteu a Deus. Tanto os fiéis da Antiga Aliança quanto os cristãos do Novo Testamento acabam sendo incluídos no Israel espiritual, o verdadeiro Israel de Deus. Esse é o Israel que receberá salvação eterna com a segunda vinda de Cristo. Os justificados jamais serão envergonhados ou humilhados novamente, diferentemente do que frequentemente ocorre na vida física. Na Nova Aliança, a Igreja é o cumprimento de Israel.

O assunto da profecia de Isaías 54 sobre a "restauração de Israel" são os resultados da obra sacrificial do Messias, o qual redimiu um povo espiritual, e não um Israel físico em posição de proeminência na Terra. Este mundo não é o lar do fiel. O Israel espiritual (a Igreja) se expandiu para todas as nações, testemunhando de Cristo e fazendo novos discípulos. Para os justificados, a vergonha e humilhação são coisas do passado. A alegria se encontra no Senhor. Os justificados não têm que depender de seu próprio poder ou recursos, pois possuem as promessas de Deus. Aquele que se converteu a Deus passou por breve tempo em rejeição e alienação neste mundo se comparado à misericórdia eterna de Deus. Assim como o Senhor cumpriu sua promessa a Noé, ele cumprirá sua promessa ao Israel espiritual. A cidade de Deus representa todos os salvos em comunhão eterna com Deus, um lugar ideal e perfeito, e o meio para alguém chegar lá é por meio das Escrituras. O justificado vive por fé e, por causa de sua confiança no Senhor, não precisa temer a opressão e o terror de quem conspira contra ele. O Senhor, que é soberano, está no controle. A justiça dos justificados é, na realidade, a justiça de Deus. A "herança" e o "direito" são do Senhor. Essa é a realidade de quem é um servo do Senhor. Até Isaías 54, as profecias de Isaías falaram sobre o "servo", no singular, no entanto, dali em diante, o Livro de Isaías fala sobre os "servos", no plural, os quais constituem o povo de Deus (tanto os remidos do Israel físico e do Israel espiritual, a Igreja). A Igreja se compõe daqueles que creram no Messias, foram batizados nele e vivem de acordo com os seus ensinos.

O início da Nova Aliança se deu em meio aos judeus, com Cristo, assim como a Igreja, e muitas pessoas de diferentes nações se converteram, e ainda se convertem, ao cristianismo. Jesus, de fato, é quem julga as nações e corrige os povos. Os cristãos são um povo pacífico, o qual atenta para bênçãos espirituais, e não coisas físicas como a conquista de territórios por meio de guerra. A guerra passou a ser espiritual, com o foco de trazer pessoas para o Senhor, o que é simbolizado em uma das profecias de Isaías em que as pessoas não mais possuem armas de guerra, mas ferramentas para colher frutos a Deus, ou seja, convertidos. Os cristãos de nações diferentes não guerreiam uns com os outros, mas andam juntos na luz do Senhor – a Nova Aliança.

A Igreja se espalhou para todas as direções da Terra a partir da Jerusalém do primeiro século, conquistando os inimigos espirituais (cobiça, inveja, mentira, escravidão ao pecado, etc.), os quais foram representados em outra profecia de Isaías pelas nações que eram inimigas do antigo Israel. O Senhor possibilitou o caminho para chegar à conversão a Cristo, o que foi representado em profecia como o endireitamento do terreno dos antigos inimigos de Israel, de forma que aqueles que buscam a Cristo possam chegar a ele.

Aqueles que viveram antes de Cristo não tinham uma visão muito clara sobre como é a situação dos mortos, sendo para eles um assunto obscuro. Os falecidos não participam da vida na Terra, mas isso não significa que o amor não existe mais para eles nas regiões celestiais, nem que a recompensa é negada a eles. Descrever a morte como sono, na verdade, não é um comentário sobre a inconsciência dos mortos, mas sobre o estado temporário da morte. Descrever que, para onde os mortos vão, há somente silêncio e esquecimento e nenhum louvor ou glorificação de Deus é, em última análise, retratar que os mortos não têm participação no mundo dos viventes. Apenas no mundo dos viventes há aquisição de conhecimento terreno ou conversão ao Senhor – essas coisas, de fato, não ocorrem para quem já faleceu.

Isaías retratou o *sheol* como sendo uma bocarra faminta e insaciável para tragar o povo infiel, sendo também o fim do esplendor e alegria daqueles que foram julgados por Deus. O *sheol* e o *abaddon* foram retratados como as profundezas da terra. O *sheol* foi retratado como tendo várias covas, sendo o *abaddon* a mais profunda. As águas do Mar Vermelho que o povo de Israel atravessou durante o êxodo do Egito fazem parte do "grande abismo", as maiores profundezas da terra na concepção hebraica, o *abaddon*. Mesmo as águas vistas na superfície da Terra fazem parte das maiores profundezas, as quais foram referidas como abismos.

Também, o povo de Judá, antes do cativeiro babilônico, foi tão ávido a buscar alianças qualquer outro que não seja Deus que o profeta chegou a afirmar que tal povo enviaria embaixadores até mesmo às profundezas do *sheol*. Assim, Judá se afundou até a mais profunda degradação espiritual possível. Sendo assim, o *sheol* foi retratado como um profundo lugar de degradação.

No abismo mais profundo do mundo dos mortos se encontram aqueles que antes foram "príncipes da terra" que agora são "sombras", ou seja, têm uma existência enfraquecida. A palavra hebraica *rapha* foi aplicada para esses mortos, e tal termo hebraico pode se referir também aos antigos e poderosos gigantes que morreram no dilúvio de Noé, ou aos antigos e poderosos gigantes cananeus, ou a ambos. Outro entendimento provável é que o termo *rapha* foi aplicado aos mortos como tendo uma existência fraca, debilitada, sem poder ou sensação. Tal enfraquecimento pode ser devido a um estado desincorporado, ou seja, decorrente da ausência de um corpo físico. Esse estado enfraquecido pode ser um dos fatores que impede que os habitantes do mundo dos mortos realizem atividades ou aprendizados como antes faziam em suas vidas terrenas.

Ímpios poderosos que governaram grandiosos impérios mundiais e oprimiram o povo de Deus morreram e não podem voltar a viver por si mesmos, isto é, escapar da prisão no *sheol*, independentemente do poder que tiveram em vida. No *sheol*, aqueles que eram anteriormente poderosos não podem mais continuar seus planos e, eventualmente, serão esquecidos pelos vivos. Também, o mundo dos mortos, o *sheol*/*hades* com o abismo (*abaddon*), pode ter sido comparado por Isaías a uma masmorra. Dali um castigo se segue, a punição final no lago de fogo do Livro de Apocalipse.

A última seção do Livro de Isaías abrange a primeira e a segunda vinda de Cristo: seu propósito para o mundo, sua maneira de executar este propósito, o sinal estabelecido entre as nações e o remanescente (cristãos) enviado para evangelizá-las, e a assembleia de seu povo em "Jerusalém", composta por gentios. Jerusalém é a cidade celestial que representa os salvos em comunhão com Deus. Deus disse por meio do profeta que ele viria para ajuntar todas as nações e línguas, e elas viriam e contemplarão sua glória. A mensagem se destinava ao

mundo inteiro, e não apenas à descendência de Jacó. O verdadeiro Israel inclui gentios obedientes ao Senhor. Deus colocou entre as referidas nações e línguas um sinal que teve resultados maravilhosos, o qual denota a anunciação da glória de Deus com um alcance mundial. Foi retratada uma grande assembleia das nações, a qual envolve gentios considerados irmãos no sentido espiritual. Deus afirmou que tomaria alguns desses gentios como sacerdotes e levitas, assim já apontando para a Nova Aliança, onde todo cristão é um sacerdote de Cristo. No reino messiânico, todos (judeus e gentios) são sacerdócio real e uma nação santa. A Igreja é o reino messiânico – futuro para os leitores originais de Isaías, já presente em nossos dias, e se manifestará em plenitude na segunda vinda de Cristo. Os justificados são de várias línguas e nações. Já no presente mundo, com o evangelho, ninguém é excluído da adoração a Deus: todos que se converterem ao Senhor tornam-se filhos e, se forem obedientes, podem entrar na sua presença para adorar.

Deus agiu continuamente na história com suas muitas visitações, os "dias do Senhor" que trazem punição aos ímpios e livramento aos fiéis. Esses juízos continuarão até culminarem no juízo final na segunda vinda de Cristo, onde a presente criação será destruída e os não justificados morrerão, ambos pelo fogo. A salvação e a justiça do Senhor, no entanto, são eternas, evidenciadas, em última análise, pela ressurreição dos mortos e os novos céus e nova terra. Da mesma forma que os exilados na Babilônia voltaram ao monte Sião, os justificados que viveram em um mundo repleto de pecados estarão com Deus na sua morada celestial, o verdadeiro monte Sião.

As nações ímpias tentam se esconder de Deus, fazendo uso de qualquer coisa que o ser humano utiliza para se afastar do Senhor, mas não podem nem se esconder e nem fugir do justo juízo final de Deus. Os ímpios julgados no juízo final jamais se levantarão novamente.

Isaías afirmou que os justificados mortos ressuscitarão. Os fiéis não podem ressuscitar por si mesmos, mas terão uma ressurreição miraculosa operada por Deus, voltando a ter o mesmo corpo, e não outro corpo. O corpo ressuscitado, apesar de ser o mesmo corpo que se tinha na vida física, será alterado para ser incorruptível e glorificado. Apenas os justificados permanecerão com Deus, e é por isso que são contados como vivos, podendo cantar alegremente ao Senhor. Os fiéis ressurretos "despertam" no sentido que a morte é um estado temporário até a ressurreição dos mortos, e não porque estão em algum estado de dormência – é o corpo físico que se levanta do pó da terra pelo poder do Senhor, "despertando" do pó em que descansava. Os não justificados, mesmo sendo ressuscitados no juízo final, serão banidos da presença de Deus e, assim, são contados como mortos. Nesse sentido, é como se não ressuscitassem.

Tanto a "terra" como os "céus" são testemunhas de que Deus é o criador. Quando o julgamento final ocorrer, os céus e a terra se apresentarão como testemunhas da criação de Deus e, então, serão destruídos pelo fogo para dar lugar aos novos céus e nova terra. O juízo final não será limitado apenas à Terra, a qual será destruída, mas também aos poderes espirituais do mal. Deus vindicará o que é seu no juízo final, e a criação "sai de cena" enquanto o juízo ocorre diante do verdadeiro trono celestial de Cristo no céu.

Todos os salvos de todas as épocas estarão em comunhão plena com Deus, o que será concretizado nos novos céus e nova terra herdados pelos justificados após o juízo final. Os fiéis da época do Antigo Testamento (como os exilados na Babilônia) passaram por muitas tribulações e angústias neste mundo, assim como os fiéis do Novo Testamento, mas receberão a mesma glória. No juízo final, Deus colocará um fim em todo tipo de mal. Haverá cânticos de louvor da parte dos justificados. Deus não levará mais em conta os pecados deles e, assim, não terá ira contra eles. O Senhor passará a cuidar deles com muito cuidado, protegendo-os e impedindo-os de ter qualquer tipo de mal. No estado de comunhão plena entre os justificados e Deus, o mal é algo completamente inexistente.

Os justificados herdarão para sempre a terra – não um planeta Terra renovado, mas os novos céus e nova terra. Ali haverá diferentes níveis de glória entre os remidos, sendo que até mesmo o menor entre o povo glorificado é tremendamente glorioso. Pessoas de todas as nações estarão entre esses fiéis. Assim como os cristãos, fiéis das épocas anteriores à primeira vinda de Cristo também fazem parte do Israel espiritual, o qual receberá as promessas de glória e comunhão eterna com o Senhor, sendo o fim de todo o tipo de sofrimento. O futuro dos justificados será constatado por todos.

Embora o juízo final ainda esteja no futuro com a segunda vinda de Cristo, o profeta Isaías viu a certeza de seu cumprimento e apresentou o evento futuro como se já tivesse ocorrido, dando sequência com um louvor. Os

salvos são invencíveis com Cristo. Uma vez que tal juízo está decretado, os ímpios já têm temor no presente. Isaías também louvou a Deus por ele ter amparado os pobres e necessitados e, também, por julgar os tiranos e fazer cessar a perseguição dos ímpios contra os fiéis.

O profeta Isaías usou a Jerusalém física como figura para falar da verdadeira Jerusalém, a cidade celestial que representa os justificados por Deus. Assim, há um cumprimento das profecias na Jerusalém física e um cumprimento maior na Jerusalém espiritual. Na verdade, a Jerusalém física foi uma sombra da verdadeira Jerusalém celestial.

A Jerusalém física foi alvo de reprovação e vergonha, mas a verdadeira Jerusalém, o verdadeiro povo de Deus, nunca será abandonada ou arrasada, mas é uma delícia para ele. Os justificados são simbolizados como uma cidade que é também uma noiva, a noiva de Deus. Como na união do matrimônio entre homem e mulher, Deus se une a seu povo. A figura do casamento expressa o relacionamento da verdadeira Jerusalém/Sião com o Senhor. O povo espiritual de Deus anuncia ao mundo o louvor de Deus. É um povo vigilante quanto aos princípios do Senhor, ou seja, obediente a ele. É um povo que clama ao Senhor com oração e testemunho de seus princípios em sua vida. É um povo que recebe bênçãos de forma que Deus seja glorificado na Terra. Enquanto esse povo estiver na Terra, embora não seja isento de sofrimento, não terá falta de sustento. O povo espiritual é abençoado por Deus. Por meio do Messias, a Jerusalém celestial, a qual representa todos os justificados por Deus, terá o maior galardão do Senhor nos novos céus e nova terra, em comunhão íntima com o Senhor. Esse é o verdadeiro reestabelecimento de Jerusalém no contexto bíblico.

Haverá comunhão íntima de Deus com os fiéis salvos que vieram de vários povos, os quais serão plenamente saciados. Mesmo a morte será tragada para sempre, o que é revelado no Novo Testamento com a ressurreição dos mortos e os corpos glorificados para os fiéis. Nos novos céus e nova terra, os salvos não terão mais choro e nenhum vexame, tendo finalmente concretizada a esperança que tanto aguardaram, se alegrando e exultando na plenitude da salvação.

Os não justificados perderão tudo em que confiaram. Tais coisas não servirão de nada e os não justificados receberão punição da parte de Deus. Eles foram retratados como um povo que rejeita o entendimento para as coisas de Deus, o qual não faz caso dele como criador. Deus não terá compaixão de tal atitude, ou seja, negará o perdão, o que implica, em última análise, na condenação do juízo final. Todos os inimigos de Deus e de seus justificados foram retratados como um vasto exército morto e deixado para apodrecer em campo aberto, sem enterro, onde o fogo é acendido, em parte, para consumir os montões dos mortos e, em parte, para livrar o ar de influências pestilentas. Em contraste, a perpetuidade do reino de Deus é retratada como estabelecida de forma final. Quanto à questão da punição final se tratar da cessação da existência dos ímpios ou de seu tormento eterno, a expressão "não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga" apoia a ideia de tormento eterno. Se o verme que come a carne não morre e o fogo não apaga, qual a razão de eles ainda existirem se os ímpios algum um dia forem eliminados da existência? A ideia de que a punição final se trate de tormento eterno parece ter melhores evidências. Possivelmente, os justificados poderão ver, pelo menos em algum momento, os não justificados sob a ira máxima de Deus.

A expressão usada pelo profeta Isaías, "pó será a comida da serpente", está relacionada a Gênesis 3:14, onde Deus disse à serpente que comeria pó todos os dias de sua vida. Isso significa que Satanás não poderá mais agir contra ninguém e passará a eternidade sob o juízo do Senhor.

No dia do juízo final, será cantado um cântico cujos temas são: (1) Deus concede proteção e paz ao fiel que confia nele; (2) Deus abate e humilha os altivos; (3) exortação para confiança no Senhor. Os fiéis foram retratados como uma cidade protegida por Deus, a qual se abre para que entrem mais fiéis. Os infiéis foram retratados como uma cidade altiva decretada para a queda. Provavelmente, essa figura foi utilizada como um símbolo para denotar os salvos que forem recebidos na comunhão com o Senhor. Antes que finalmente chegue a alegria da redenção e a manifestação da justiça de Deus, ocorrerão vários tempos difíceis na história devido aos julgamentos locais de Deus sobre a Terra. Até que ocorra o fim do mundo na segunda vinda de Cristo, muito sangue terá sido derramado e muitos terão sido mortos pelos vários julgamentos locais de Deus na Terra.

A intenção do Senhor é trazer algo novo à existência. Quanto às coisas que existem na presente criação, a expressão "não haveria lembrança e memória delas" denota que serão de todo eliminadas, e não literalmente que

os salvos não se lembrarão mais do que ocorreu em suas vidas terrenas. Um exemplo similar é que um cristão é uma nova criatura, as coisas antigas passaram, mas ainda assim ele se lembra de sua vida antes da conversão. A plenitude do reino messiânico – os novos céus e nova terra – será algo novo e diferente. A nova criação tomará o lugar da antiga para sempre. Deus afirmou que há de criar os novos céus e nova terra e que deseja preservar eternamente todos os seus fiéis. Os novos céus e nova terra são a culminação de todas as promessas de Deus, a plenitude do reino messiânico, o que se cumprirá na sequência da ressurreição dos mortos e do juízo final na segunda vinda de Cristo. Nos novos céus e nova terra, certamente, haverá adoração constante a Deus.

Usando uma analogia que toma como pano de fundo a antiga Jerusalém, Isaías pintou um retrato de uma Nova Jerusalém, a qual representa os novos céus e nova terra, criada por Deus para alegria e regozijo. Não apenas o povo exultaria, mas também o próprio Senhor pretendia se alegrar no seu povo. A Nova Jerusalém jamais teria voz de choro ou de clamor. Dores intensas às pessoas não mais existirão, tais como a dor de uma morte prematura, ou a dor do despejo dos lares e campos. Pessoas terão uma grande alegria que foi quantificada em palavras como construir as próprias casas e nelas habitar, ou plantar alimentos e deles desfrutar, ou usufruir das obras de suas próprias mãos. Aquele que persevera no caminho de Deus na vida física se prepara para a eternidade, sendo comparável a alguém que está construindo um lar espiritual eterno, plantando alimento para a eternidade, ou trabalhando duro para usufruir dos resultados pela eternidade. Os filhos gerados pelos fiéis são a conversão de outras pessoas ao Senhor, as quais são filhos de Deus gerados não para calamidade, mas para glória eterna. Nenhum trabalho no Senhor é em vão, pois os justificados são posteridade bendita do Senhor. Na cidade celestial de Deus não ocorre nenhum lapso de tempo na comunicação com o Senhor. O profeta afirmou que o reino de Deus em sua plenitude seria livre dos perigos simbolizados pelo lobo, pelo leão e pela serpente – animais que simbolizam o aspecto devorador, voraz e venenoso do presente mundo, dentro e fora da natureza humana. As figuras utilizadas na profecia em que vários animais hostis habitam juntos em paz, tanto entre eles mesmos quanto entre as pessoas, são símbolos da paz que são obtidos na nova morada celestial onde não há nenhum tipo de mal. Não se pode afirmar com base na linguagem figurada usada por Isaías que os novos céus e nova terra literalmente terão animais.

2.17. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE JEREMIAS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Jeremias. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.17.1. JEREMIAS 3:15-18

> Darei a vocês pastores segundo o meu coração, que os apascentem com conhecimento e com inteligência. E, quando vocês se multiplicarem e se tornarem fecundos na terra, então, diz o SENHOR, nunca mais se exclamará: "A arca da aliança do SENHOR!" Ela não lhes virá à mente, não se lembrarão dela nem dela sentirão falta; e não se fará outra. Naquele tempo, chamarão Jerusalém de "Trono do SENHOR". Nela se reunirão todas as nações em nome do SENHOR e já não andarão segundo a dureza do seu coração maligno. Naqueles dias, a casa de Judá andará com a casa de Israel, e elas virão juntas da terra do Norte para a terra que dei em herança aos pais de vocês.

O profeta previu um tempo em que a arca da aliança não seria mais o foco central do povo de Deus, o que aponta para Jesus e a Nova Aliança. Na Nova Aliança em Cristo, todos aqueles que se convertem ao evangelho são povo de Deus, sejam gentios, judeus ou samaritanos, mesmo que estejam dispersos nas "terras do norte" – territórios inimigos do antigo Israel.

Os pastores segundo o coração de Deus que apascentam com conhecimento e inteligência são aqueles que guiam as pessoas para o evangelho. Entre eles podem ser citados o próprio Jesus, os apóstolos, os presbíteros, os evangelistas, e até mesmo simples cristãos que evangelizam.

A "Jerusalém" em vista nessa profecia não é a cidade literal, mas uma expressão do povo convertido a Cristo que adora a Deus em espírito e verdade. Na Nova Aliança, o "trono de Deus" se encontra tanto em meio às igrejas quanto dentro dos fiéis. A expressão "terra que dei em herança aos pais de vocês" evoca a ideia da terra prometida do povo de Israel, mas significa a verdadeira pátria celestial, os novos céus e nova terra.

2.17.2. JEREMIAS 4:23-28

> Olhei para a terra, e eis que ela estava sem forma e vazia; olhei para os céus, e eles não tinham luz. Olhei para os montes, e eis que tremiam; e todas as colinas estremeciam. Olhei, e eis que não havia ninguém, e todas as aves dos céus haviam fugido. Olhei ainda, e eis que a terra fértil era um deserto, e todas as suas cidades estavam derrubadas em ruínas diante do SENHOR, diante do furor da sua ira. Pois assim diz o SENHOR: "Toda a terra será devastada, porém não vou destruí-la completamente. Por isso, a terra pranteará, e os céus, lá em cima, escurecerão; porque falei, resolvi, não mudo de ideia nem volto atrás."

A terra desolada da visão de Jeremias não representa o planeta Terra arruinado, como pregam alguns. O contexto retrata, com imagens bem dramáticas, a terra de Judá arruinada pelos juízos de Deus, os quais foram consumados por Nabucodonosor da Babilônia.

O exílio do povo de Judá na Babilônia consistiu basicamente de três grupos. O primeiro grupo foi levado em 606-605 a.C., sendo que Daniel e seus amigos estavam entre ele. Em 597 a.C., os babilônios levaram um segundo grupo do povo, entre ele o profeta Ezequiel. Mais tarde, voltaram contra Jerusalém e, no ano 586 a.C., destruíram o templo e a cidade, levando ao cativeiro quase todos que restaram dos judeus, deixando apenas alguns dos pobres na terra, entre os quais estava o profeta Jeremias.

2.17.3. JEREMIAS 23:5-6

> Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, como rei que é, reinará, agirá com sabedoria e executará o juízo e a justiça na terra. Nos seus dias, Judá será salvo, e Israel habitará seguro. E este será o nome pelo qual será chamado: "SENHOR, Justiça Nossa".

O "Renovo justo" é o Messias, Jesus Cristo, que é rei e sábio. Foi exatamente no ministério terreno de Jesus que Judá começou a ser salvo e que os judeus começaram a ter condições de habitar espiritualmente seguros em Deus. Jesus demonstrou o juízo e a justiça na terra em seu ministério terreno. Após sua ressurreição, recebeu toda autoridade nos céus e na Terra (Mateus 28:18-20) e é rei que age com sabedoria e que executará o juízo final, trazendo a justiça plena.

2.17.4. JEREMIAS 25:30-33

> Você, Jeremias, profetize contra eles todas estas palavras e diga-lhes: "O SENHOR lá do alto rugirá e da sua santa morada fará ouvir a sua voz. Rugirá fortemente contra o seu povo, com brados contra todos os moradores da terra, como o 'eia!' dos que pisam as uvas. O estrondo chegará até os confins da terra, porque o SENHOR tem uma controvérsia com as nações; entrará em juízo contra toda a humanidade, e entregará os ímpios à espada", diz o SENHOR. Assim diz o SENHOR dos Exércitos: "Eis que a calamidade passa de nação para nação, e grande tempestade se levanta dos confins da terra." Os que o SENHOR entregar à morte naquele dia se estenderão de uma a outra extremidade da terra. Não serão pranteados, nem recolhidos, nem sepultados; serão como esterco sobre a face da terra.

Apesar de querer a redenção de todos os seres humanos, há muitos que persistem em permanecer na impiedade. Por causa de tal persistência no pecado, Deus tem se irado e efetuado julgamentos locais contra as nações da Terra, e isso continuará ao longo de toda a história da humanidade. Nesses julgamentos, Deus frequentemente entrega os não justificados à morte. Chegará, porém, um dia de acerto de contas final com toda a Terra, o juízo final que vem com a segunda vinda de Cristo, no qual o Senhor matará os não justificados e eles não poderão nem sequer ser pranteados ou sepultados, sendo comparados a esterco sobre o chão.

2.17.5. JEREMIAS 31:31-34

> Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não segundo a aliança que fiz com os seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; pois eles quebraram a minha aliança, apesar de eu ter sido seu esposo, diz o SENHOR. Porque esta é a aliança que farei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no seu coração as inscreverei; eu serei o Deus deles, e eles serão o meu povo. Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: "Conheça o SENHOR!" Porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior deles, diz o SENHOR. Pois perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei.

Já no Antigo Testamento, por meio do profeta Jeremias, Deus havia informado seu povo sobre sua intenção de instituir a Nova Aliança, a qual veio por meio do evangelho de Jesus Cristo. O autor do Livro de Hebreus deixa isso claro em Hebreus 10:14-18. O sistema judaico foi substituído pela Nova Aliança em Cristo, aliança na qual as pessoas entram já conhecendo o Senhor, têm seus preceitos em suas mentes e corações, e recebem plena remissão de pecados.

2.17.6. JEREMIAS 33:15-16

> Naqueles dias e naquele tempo, farei brotar a Davi um Renovo de justiça, e ele executará o juízo e a justiça na terra. Naqueles dias, Judá será salvo e Jerusalém habitará em segurança; ela será chamada "SENHOR, Justiça Nossa".

O "Renovo de justiça" que vem da descendência de Davi se refere ao Messias, Jesus Cristo, o qual mostrou a justiça e juízo de Deus em seu ministério terrestre. Ele os executa nos vários julgamentos locais por toda a Terra, e os executará forma definitiva em sua segunda vinda.

Desde os dias do ministério terrestre de Jesus Cristo, o povo de Judá já podia estar espiritualmente seguro, habitando na verdadeira Jerusalém, isto é, estando entre aqueles que serão justificados para habitar, em última análise, nos novos céus e nova terra. A expressão "SENHOR, Justiça Nossa" é uma das formas de expressar a justiça de Deus e a redenção de seu povo na plenitude do plano de salvação.

2.17.7. JEREMIAS 45:4

> Diga-lhe o seguinte: "Assim diz o SENHOR: 'Aquilo que construí eu vou demolir e aquilo que plantei eu vou arrancar, e isto em toda a terra.'"

Deus tem autoridade e poder tanto para construir quanto para desconstruir, e isso tem sido feito ao longo de toda a história da humanidade, uma vez que ela persiste em pecar. Deus tem levantado e arruinado nações, executando julgamentos locais em todo o planeta, e isso continuará até que chegue o dia do juízo final na segunda vinda de Cristo.

2.17.8. JEREMIAS 51:39

> "Estando eles esganados, prepararei um banquete para eles. Eu os deixarei embriagados, para que se alegrem e durmam sono eterno e não acordem", diz o SENHOR.

Falando do juízo contra os babilônios, o Senhor utilizou a expressão "durmam sono eterno e não acordem" para afirmar que pereceriam. A expressão denota que os babilônios deixariam de ser a potência mundial que foram e jamais voltariam a ser. A ideia é que seus corpos físicos repousariam debaixo da terra (ver 1.1.19. Mateus 17:1-9) e não se ergueriam novamente para lutar, e a antes gloriosa nação da Babilônia cairia no esquecimento.

2.17.9. JEREMIAS 51:57

> Deixarei embriagados os seus príncipes, os seus sábios, os seus governadores, as suas autoridades e os seus valentes. Dormirão sono eterno e não acordarão", diz o Rei, cujo nome é SENHOR dos Exércitos.

Assim como em Jeremias 51:39, a expressão "Dormirão sono eterno e não acordarão" denota que os babilônios deixariam de ser a potência mundial que foram e jamais voltariam a ser. A ideia é que seus corpos físicos repousariam debaixo da terra (veja 1.1.19. Mateus 17:1-9) e não se ergueriam novamente para lutar, e a antes gloriosa nação da Babilônia cairia no esquecimento.

2.17.10. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE JEREMIAS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Jeremias, as informações são:

- Jeremias 3:15-18: a arca da aliança deixará de ser o foco central do povo de Deus. Na Nova Aliança em Cristo, todos aqueles que se convertem ao evangelho são povo de Deus, independentemente da nação a que pertençam. Deus enviará servos que guiarão as pessoas para o evangelho, tais como o próprio

Jesus, os apóstolos, os presbíteros, os evangelistas, e até mesmo simples cristãos que evangelizam. A "Jerusalém" em vista na profecia não é a cidade literal, mas uma expressão do povo convertido a Cristo que adora a Deus em espírito e verdade. Na Nova Aliança, o trono de Deus se encontra tanto em meio às igrejas quanto dentro dos fiéis. A expressão "terra que dei em herança aos pais de vocês" evoca a ideia da terra prometida do povo de Israel, mas significa a verdadeira pátria celestial, os novos céus e nova terra;

- Jeremias 4:23-28: a terra desolada da visão de Jeremias não representa o planeta Terra arruinado. Com imagens bem dramáticas, a visão mostrou a terra de Judá arruinada pelos juízos de Deus, os quais foram consumados por Nabucodonosor da Babilônia. O exílio do povo de Judá na Babilônia consistiu basicamente de três grupos. O primeiro grupo foi levado em 606-605 a.C., sendo que Daniel e seus amigos estavam entre ele. Em 597 a.C., os babilônios levaram um segundo grupo do povo, entre ele o profeta Ezequiel. Mais tarde, voltaram contra Jerusalém e, no ano 586 a.C., destruíram o templo e a cidade, levando ao cativeiro quase todos que restaram dos judeus, deixando apenas alguns dos pobres na terra, entre os quais estava o profeta Jeremias;

- Jeremias 23:5-6: o "Renovo justo" é o Messias, Jesus Cristo, que é rei e sábio. Foi exatamente no ministério terreno de Jesus que Judá começou a ser salvo e que os judeus começaram a ter condições de habitar espiritualmente seguros em Deus. Jesus demonstrou o juízo e a justiça na terra em seu ministério terreno. Após sua ressurreição, recebeu toda autoridade nos céus e na Terra e é rei que age com sabedoria e que executará o juízo final, trazendo a justiça plena;

- Jeremias 25:30-33: apesar de Deus querer a redenção de todos os seres humanos, há muitos que persistem em permanecer na impiedade. Por causa de tal persistência no pecado, Deus tem se irado e efetuado julgamentos locais contra as nações da Terra, e isso continuará ao longo de toda a história da humanidade. Nesses julgamentos, Deus frequentemente entrega os não justificados à morte. Chegará, porém, um dia de acerto de contas final com toda a Terra, o juízo final que vem com a segunda vinda de Cristo, no qual o Senhor matará os não justificados e eles não poderão nem sequer ser pranteados ou sepultados, sendo comparados a esterco sobre o chão;

- Jeremias 31:31-34: já no Antigo Testamento, Deus havia informado seu povo sobre sua intenção de instituir a Nova Aliança, a qual veio por meio do evangelho de Jesus Cristo. O sistema judaico foi substituído pela Nova Aliança em Cristo, aliança na qual as pessoas entram já conhecendo o Senhor, têm seus preceitos em suas mentes e corações, e recebem plena remissão de pecados;

- Jeremias 33:15-16: o "Renovo de justiça" que vem da descendência de Davi se refere ao Messias, Jesus Cristo, o qual mostrou a justiça e juízo de Deus em seu ministério terrestre. Ele os executa nos vários julgamentos locais por toda a Terra, e os executará forma definitiva em sua segunda vinda. Desde os dias do ministério terrestre de Jesus Cristo, o povo de Judá já podia estar espiritualmente seguro, habitando na verdadeira Jerusalém, isto é, estando entre aqueles que serão justificados para habitar, em última análise, nos novos céus e nova terra. A expressão "SENHOR, Justiça Nossa" é uma das formas de expressar a justiça de Deus e a redenção de seu povo na plenitude do plano de salvação;

- Jeremias 45:4: Deus tem autoridade e poder tanto para construir quanto para desconstruir, e isso tem sido feito ao longo de toda a história da humanidade, uma vez que ela persiste em pecar. Deus tem levantado e arruinado nações, executando julgamentos locais em todo o planeta, e isso continuará até que chegue o dia do juízo final na segunda vinda de Cristo;

- Jeremias 51:39 e Jeremias 51:57: os babilônios deixariam de ser a potência mundial que foram e jamais voltariam a ser. A ideia é que seus corpos físicos repousariam debaixo da terra e não se ergueriam novamente para lutar, e a antes gloriosa nação da Babilônia cairia no esquecimento.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Apesar de Deus querer a redenção de todos os seres humanos, há muitos que persistem em permanecer na impiedade. Por causa de tal persistência no pecado, Deus tem se irado e efetuado julgamentos locais contra as

nações da Terra, e isso continuará ao longo de toda a história da humanidade. Nesses julgamentos, Deus frequentemente entrega os não justificados à morte. Deus tem autoridade e poder tanto para construir quanto para desconstruir. Ele pode levantar e arruinar nações.

O profeta Jeremias teve uma visão de uma terra desolada com imagens dramáticas. Essa visão não representou um planeta Terra arruinado, mas representou a terra de Judá arruinada pelos juízos de Deus. Esses juízos foram consumados por Nabucodonosor da Babilônia.

O exílio do povo de Judá na Babilônia consistiu basicamente de três grupos. O primeiro grupo foi levado em 606-605 a.C., sendo que Daniel e seus amigos estavam entre ele. Em 597 a.C., os babilônios levaram um segundo grupo do povo, entre ele o profeta Ezequiel. Mais tarde, voltaram contra Jerusalém e, no ano 586 a.C., destruíram o templo e a cidade, levando ao cativeiro quase todos que restaram dos judeus, deixando apenas alguns dos pobres na terra, entre os quais estava o profeta Jeremias.

Os babilônios, no entanto, também foram alvo do juízo do Senhor, e deixaram de ser a potência mundial que foram, e jamais voltarão a ser. Seus corpos físicos repousaram debaixo da terra e não se erguerão novamente para lutar. A antes gloriosa nação da Babilônia caiu no esquecimento.

Já no Antigo Testamento, por meio de Jeremias, Deus havia informado seu povo sobre sua intenção de instituir a Nova Aliança, a qual veio por meio do evangelho de Jesus Cristo. O sistema judaico, de fato, foi substituído pela Nova Aliança em Cristo, aliança na qual as pessoas entram já conhecendo o Senhor, têm seus preceitos em suas mentes e corações, e recebem plena remissão de pecados.

As profecias de Jeremias sobre o "Renovo justo" e sobre o "Renovo de justiça" que vem da descendência de Davi se referem ao Messias, Jesus Cristo, que é rei e sábio, e mostrou a justiça e juízo de Deus em seu ministério terrestre. Foi exatamente nesse ministério de Jesus que Judá começou a ser salvo e que os judeus começaram a ter condições de habitar espiritualmente seguros em Deus.

A arca da aliança deixou de ser o foco central do povo de Deus. Na Nova Aliança em Cristo, todos aqueles que se convertem ao evangelho são povo de Deus, independentemente da nação a que pertençam. Deus enviou servos que guiaram as pessoas para o evangelho, tais como o próprio Jesus, os apóstolos, os presbíteros, os evangelistas, e até mesmo simples cristãos que evangelizam. A "Jerusalém" em vista em uma das profecias de Jeremias não foi a cidade literal, mas uma expressão do povo convertido a Cristo que adora a Deus em espírito e verdade. Na Nova Aliança, o trono de Deus se encontra tanto em meio às igrejas quanto dentro dos fiéis. A expressão usada em uma das profecias de Jeremias, "terra que dei em herança aos pais de vocês", evoca a ideia da terra prometida do povo de Israel, mas significa a verdadeira pátria celestial, em última análise, os novos céus e nova terra.

Após sua ressurreição, Jesus recebeu toda autoridade nos céus e na Terra. A justiça e o juízo são executados por Cristo nos vários julgamentos locais por toda a Terra, e ele os executará forma definitiva em sua segunda vinda, a qual trará o juízo final que traz a justiça plena. No dia do juízo final, o Senhor matará os não justificados e eles não poderão nem sequer ser pranteados ou sepultados, sendo comparados a esterco sobre o chão.

Desde os dias do ministério terrestre de Jesus Cristo, o povo de Judá já podia estar espiritualmente seguro, habitando na verdadeira Jerusalém, isto é, estando entre aqueles que serão justificados para habitar, em última análise, nos novos céus e nova terra. A expressão "SENHOR, Justiça Nossa" é uma das formas de expressar a justiça de Deus e a redenção de seu povo na plenitude do plano de salvação.

2.18. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE LAMENTAÇÕES

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Lamentações. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.18.1. LAMENTAÇÕES 3:6

Ele me faz habitar na escuridão, como aqueles que morreram há muito tempo.

A habitação na escuridão na qual o autor se refere é o *sheol/hades*. Assim, o autor retratou o mundo dos mortos como um lugar de escuridão onde se encontram aqueles que morreram há muito tempo.

2.18.2. LAMENTAÇÕES 5:7

> Nossos pais pecaram e já não existem; nós é que recebemos o castigo pelas suas iniquidades.

A expressão "já não existem" não se refere à cessação absoluta da existência dos ancestrais do povo de Judá. Eles sofreram destruição por meio da nação da Babilônia em 586 a.C. Aqueles que se foram para o mundo dos mortos não têm participação no mundo dos vivos (veja 2.12.3. Salmo 6:5). Portanto, a expressão "já não existem" se refere à partida dos ancestrais de Judá do mundo dos vivos para o mundo dos mortos, isto é, eles não mais existem no mundo dos vivos.

2.18.3. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE LAMENTAÇÕES

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Lamentações, as informações são:

- Lamentações 3:6: o mundo dos mortos foi retratado como um lugar de escuridão onde se encontram aqueles que morreram há muito tempo;
- Lamentações 5:7: aqueles que foram para o mundo dos mortos não têm participação no mundo dos vivos.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

O mundo dos mortos foi retratado como um lugar de escuridão onde se encontram aqueles que morreram há muito tempo. Aqueles que foram para o mundo dos mortos não têm participação no mundo dos vivos.

2.19. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE EZEQUIEL [10]

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Ezequiel. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.19.1. EZEQUIEL 7:2

> Filho do homem, assim diz o SENHOR Deus a respeito da terra de Israel: "Chegou o fim! O fim chegou sobre os quatro cantos da terra. Agora o fim chegou sobre você, povo de Israel. Enviarei a minha ira sobre vocês. Eu os julgarei segundo os seus caminhos e farei cair sobre vocês todas as suas abominações."

O fim havia chegado sobre os "quatro cantos da terra", isto é, sobre toda a terra de Israel, e não sobre o planeta todo. Deus continuamente realiza julgamentos locais contra as nações em toda a história da humanidade. Havia chegado o dia do julgamento contra Israel, isto é, a destruição de toda a sua terra por Nabucodonosor da Babilônia.

2.19.2. EZEQUIEL 7:19

> Jogarão a sua prata nas ruas, e o seu ouro será tratado como se fosse sujeira. Nem a sua prata nem o seu ouro poderão livrá-los no dia da ira do SENHOR; eles não saciarão a sua fome, nem lhes encherão o estômago, porque a prata e o ouro foram o tropeço que os levou a cair em iniquidade.

O "dia da ira do Senhor" não se refere apenas ao fim do mundo, mas pode ser qualquer dia em que Deus traga destruição sobre uma nação, como é o caso, no contexto, com a nação de Judá. Em um dia de julgamento local como esse, coisas materiais como prata e ouro não ajudam. Ferramentas dos juízos de Deus, tais como a fome, podem ser aplicados.

2.19.3. EZEQUIEL 11:17-21

> Por isso, diga: "Assim diz o SENHOR Deus: 'Eu os ajuntarei do meio dos povos, e os recolherei das terras por onde foram espalhados, e lhes darei a terra de Israel. Voltarão para ali e tirarão dela todos os seus ídolos detestáveis e todas as suas abominações. Eu lhes darei um só coração, e porei um espírito novo dentro deles; tirarei deles o coração de pedra e lhes darei coração de carne, para que andem nos meus estatutos e guardem os meus juízos, e os executem. Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. Mas, quanto àqueles cujo coração segue os seus ídolos detestáveis e as suas abominações, eu lhes darei o que merecem por seus atos', diz o SENHOR Deus."

Haveria uma restauração de um remanescente mais fiel depois do exílio na Babilônia. De fato, a nação dos judeus, após o exílio, teve muito menos problemas com idolatria do que anteriormente, e foi mais fiel. É comum nas profecias sobre a volta do cativeiro que sejam encontradas misturas de ideias sobre o retorno literal à terra prometida com vislumbres do reino messiânico e espiritual do Novo Testamento, tais como o recebimento de um novo espírito e coração para que o povo se dedique a Deus. Assim como o povo que retornou do exílio foi mais propenso a ser fiel, a Nova Aliança em Cristo torna as pessoas fiéis ao Senhor.

Quanto, porém, aos idólatras e aqueles que permanecem fazendo coisas abomináveis a Deus, seriam castigados pelos seus pecados.

2.19.4. EZEQUIEL 14:21

> Porque assim diz o SENHOR Deus: "Quanto pior não será, se eu enviar os meus quatro piores castigos, isto é, a espada, a fome, os animais selvagens e a peste, contra Jerusalém, para eliminar dela pessoas e animais?"

A guerra, a fome, animais selvagens e doenças são meios frequentemente utilizados por Deus em seus julgamentos locais.

2.19.5. EZEQUIEL 16:53-55

> "Restaurarei a sorte delas — a de Sodoma e de suas filhas e a de Samaria e de suas filhas — e restaurarei também a sua sorte entre elas, para que você suporte a sua humilhação e seja envergonhada por tudo o que você fez, servindo-lhes de consolo. Quando as suas irmãs, Sodoma com as suas filhas e Samaria com as suas filhas, voltarem ao seu primeiro estado, também você e as suas filhas voltarão ao seu primeiro estado."

Jerusalém foi comparada a uma mulher adúltera que tinha como irmãs Sodoma e Samaria. Jerusalém considerava Samaria e Sodoma como casos de um povo destruído que nunca teria chance de ser restaurado. Porém, Deus afirmou que haveria restauração dessas cidades.

Os judeus consideravam Samaria e Sodoma como causas perdidas, mas Deus considerou Jerusalém uma causa ainda pior e, mesmo assim, disse que haveria restauração para todas. Não se trata de uma restauração literal, pois nunca houve uma restauração histórica de Sodoma, a qual foi eliminada completamente.

Provavelmente, o sentido é que tanto judeus, representados por Jerusalém, quanto gentios considerados grandes pecadores, representados por Samaria e Sodoma, podem ser igualmente restaurados a Deus pelo evangelho de Jesus Cristo.

2.19.6. EZEQUIEL 16:60

> Mas eu me lembrarei da aliança que fiz com você nos dias da sua mocidade e com você estabelecerei uma aliança eterna.

Deus aludiu à sua intenção de instituir a Nova Aliança, a qual veio por meio do evangelho de Jesus Cristo. Essa é a aliança final com a humanidade, tanto para judeus quanto para gentios.

2.19.7. EZEQUIEL 18:4

> Eis que todas as pessoas são minhas. Assim como a pessoa do pai, também a pessoa do filho é minha. A pessoa que pecar, essa morrerá.

Uma tradução alternativa para a palavra "pessoa" é "alma". Assim, alguns afirmam que a expressão "A alma que pecar, essa morrerá" evidencia que a alma de uma pessoa pode morrer. No entanto, no Novo Testamento, observa-se que a morte significa, em última análise, ser separado de Deus, não a cessação da existência (ver 1.1.10. Mateus 10:28). Portanto, aquele que pecar e permanecer com pecado não justificado morrerá, isto é, será separado de Deus.

2.19.8. EZEQUIEL 18:20

> A pessoa que pecar, essa morrerá. O filho não pagará pela iniquidade do pai, nem o pai pagará pela iniquidade do filho.

Assim como em Ezequiel 18:4, a palavra "pessoa" pode ser traduzida por "alma" e, assim, o texto pode trazer a impressão de que a alma pode morrer. A morte, no entanto, é a separação de Deus, e não a cessação de existência (ver 1.1.10. Mateus 10:28). Portanto, aquele que pecar e permanecer com pecado não justificado morrerá, isto é, será separado de Deus.

2.19.9. EZEQUIEL 20:40-42

> Porque no meu santo monte, no monte alto de Israel, diz o SENHOR Deus, ali toda a casa de Israel me adorará, toda a casa de Israel, naquela terra. Ali me agradarei deles. Ali requererei as ofertas de vocês, as primícias das dádivas e todas as coisas sagradas. Eu me agradarei de vocês como de aroma agradável, quando eu os tirar do meio dos povos e os congregar das terras por onde vocês foram espalhados; e serei santificado diante das nações por meio de vocês. Vocês saberão que eu sou o SENHOR, quando eu os fizer entrar na terra de Israel, na terra que jurei dar aos pais de vocês.

O povo que foi exilado na Babilônia retornaria à terra prometida de forma a ser um remanescente mais fiel.

2.19.10. EZEQUIEL 26:19-21

> Porque assim diz o SENHOR Deus: "Quando eu fizer de você uma cidade arrasada, como as cidades que não são habitadas, quando eu fizer o abismo vir sobre você e as muitas águas a cobrirem, então farei você descer com os que descem à cova, ao povo antigo. Eu a farei habitar nas partes mais baixas da terra, em lugares desertos antigos, com os que descem à cova, para que você não seja mais habitada; e criarei coisas gloriosas na terra dos viventes. Farei de você um grande espanto, e você deixará de existir; quando a procurarem, você jamais será encontrada", diz o SENHOR Deus.

A cidade de Tiro estava se regozijando na calamidade de Judá, mas sofreria juízo de Deus e cairia no passado, sendo esquecida, contada com os mortos. Após isso acontecer, Deus criaria coisas gloriosas no mundo dos vivos, o que, provavelmente, se refere à vinda do Messias e o estabelecimento da Igreja.

A cidade de Tiro sofreria juízo de Deus, o qual foi retratado como a cidade indo de cima para baixo, até a região dos mortos. A expressão "deixará de existir" não significa que os ímpios de Tiro seriam eliminados da existência, mas que a cidade não mais seria encontrada no mundo dos vivos. O *sheol* foi retratado como uma cova nas partes mais baixas da terra onde se situa o "povo antigo", isto é, aqueles que morreram há muito tempo. O abismo foi associado às muitas águas e, também, às profundezas.

2.19.11. EZEQUIEL 28:12-19

> Filho do homem, faça uma lamentação sobre o rei de Tiro e diga-lhe: "Assim diz o SENHOR Deus: 'Você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e perfeito em formosura. Você estava no Éden, jardim de Deus, e se cobria de todas as pedras preciosas: sárdio, topázio, diamante, berilo, ônix, jaspe, safira, carbúnculo e esmeralda. Os seus engastes e ornamentos eram feitos de ouro e foram preparados no dia em que você foi criado. Você era um querubim da guarda, que foi ungido. Eu o estabeleci. Você permanecia no monte santo de Deus e andava no meio das pedras brilhantes. Você era perfeito nos seus caminhos, desde o dia em que foi

> criado até que se achou iniquidade em você. Na multiplicação do seu comércio, você se encheu de violência e pecou. Por isso, ó querubim da guarda, eu o profanei e lancei fora do monte de Deus; eu o expulsei do meio das pedras brilhantes. Você ficou orgulhoso por causa da sua formosura; corrompeu a sua sabedoria por causa do seu resplendor. Por isso, eu o lancei por terra; eu o coloquei diante dos reis, para que o contemplem. Pela multidão das suas iniquidades, pela injustiça do seu comércio, você profanou os seus santuários. Por isso, fiz sair do meio de você um fogo, que o consumiu; eu o reduzi a cinzas sobre a terra, aos olhos de todos os que o contemplam. Todos os que o conhecem entre os povos se espantam por causa de você; você se tornou objeto de espanto e deixará de existir para sempre.'"

Muitos interpretam essa profecia contra o rei de Tiro como um paralelo da origem e queda de Satanás. Porém, o contexto dessa passagem mostra que o alvo da profecia foi, de fato, o rei de Tiro. Ele imitou muitas atitudes erradas de Satanás. Ezequiel 28:2,9 afirma que tal rei que não passa de homem e Ezequiel 28:7-10 afirma que ele seria morto por estrangeiros.

Embora seja buscada uma justificação para que a interpretação se trate de um paralelo com Satanás por causa das menções sobre o Éden e o querubim (Ezequiel 28:12-14), não se encontra na Bíblia, em lugar algum, a informação de que Satanás brilhava no Éden como um querubim. Simplesmente, Satanás se manifestou como serpente para tentar Adão e Eva (Gênesis 3:1).

Na verdade, a profecia de Ezequiel sobre o rei de Tiro usa linguagem simbólica que fala de um querubim, mas o assunto da profecia é o próprio rei de Tiro. Ele agia como filho do Diabo (João 8:44), mas a profecia não aponta para uma história da origem e queda de Satanás. O que o texto realmente diz é que o rei de Tiro se exaltou como se fosse Deus, achando-se invencível e mostrando o seu orgulho ao se gabar por presumir que foi o responsável pela prosperidade de seu reino. Porém, Deus o humilharia (Ezequiel 28:1-10). Com um tom de ironia, Deus disse que tal rei se achava mais sábio do que Daniel (Ezequiel 28:3).

A questão é que o rei de Tiro havia rejeitado o favor divino por causa de sua maldade, sendo sua atitude equivalente a como se tivesse abandonado a beleza do Éden, ou como se tivesse renunciado uma posição como querubim na presença de Deus (Ezequiel 28:11-19).

A expressão usada pelo profeta Ezequiel, "deixará de existir", não significa que o rei de Tiro seria eliminado da existência, mas que ele e sua glória não mais seriam encontrados no mundo dos vivos.

2.19.12. EZEQUIEL 28:25

> Assim diz o SENHOR Deus: "Quando eu congregar a casa de Israel do meio dos povos por onde estão espalhados e eu me santificar entre eles, diante das nações, então habitarão na terra que dei ao meu servo Jacó."

Deus afirmou por meio de Ezequiel que um remanescente mais fiel do povo exilado na Babilônia voltaria a habitar em sua terra. Com isso, Deus seria santificado. Isso foi cumprido no retorno do exílio que foi iniciado por meio de Ciro, o Grande, da Pérsia. Essa profecia não se trata de alguma proeminência futura do reino físico de Israel.

2.19.13. EZEQUIEL 29:21

> Naquele dia, farei brotar o poder na casa de Israel. E a você, Ezequiel, permitirei que fale livremente no meio deles. E saberão que eu sou o SENHOR.

O castigo do Egito por meio de Nabucodonosor da Babilônia estava, de alguma forma, ligado a uma prosperidade de Israel. É provável que a profecia esteja afirmando que, com a vitória de Nabucodonosor sobre o Egito, o processo do povo exilado voltar do cativeiro babilônico começaria. Também, Ezequiel teria mais facilidade para profetizar ao povo, o qual estava cético em relação às suas profecias. Um ponto é claro: é Deus traz prosperidade para seu povo, e não o Egito.

2.19.14. EZEQUIEL 30:3-4

> Porque está perto o dia, sim, está perto o Dia do SENHOR. Será um dia de nuvens, o tempo dos gentios. A espada virá contra o Egito, e haverá grande angústia na Etiópia, quando caírem os feridos no Egito; o seu povo será levado para o cativeiro, e serão destruídos os seus fundamentos.

A expressão "Dia do SENHOR" se refere a um dos julgamentos locais de Deus sobre as nações da Terra. Nesse caso, foram mencionados o Egito e a Etiópia. A expressão "dia de nuvens" simboliza julgamento divino.

2.19.15. EZEQUIEL 31:14-18

> "Isso aconteceu para que todas as árvores junto às águas não elevem a sua estatura nem levantem o seu topo até as nuvens, e para que as bem-regadas não venham a confiar em si, por causa da sua altura. Porque todas foram entregues à morte, às profundezas da terra, no meio dos filhos dos homens, com os que descem à cova." Assim diz o SENHOR Deus: "No dia em que a árvore desceu ao mundo dos mortos, fiz com que houvesse luto. Por causa dela, cobri o abismo, retive as suas cadeias, e as suas muitas águas se detiveram; cobri o Líbano de preto, por causa dela, e todas as árvores do campo ficaram murchas por causa dela. Fiz tremer as nações ao som da sua queda, quando a fiz descer ao mundo dos mortos com os que descem ao abismo. Todas as árvores do Éden, as mais bonitas e as melhores do Líbano, todas as que foram regadas pelas águas se consolavam nas profundezas da terra. Também estas, com ela, descerão ao mundo dos mortos, para juntar-se com os que foram mortos à espada; sim, os que foram o braço dela e que estavam assentados à sua sombra entre as nações. A quem, pois, você é semelhante em glória e em grandeza entre as árvores do Éden? No entanto, você descerá às profundezas da terra com as árvores do Éden. No meio dos incircuncisos, você jazerá com os que foram mortos à espada. Este é Faraó e toda a sua pompa", diz o SENHOR Deus.

Os gentios poderosos da Terra, entre os quais o faraó do Egito se enquadrou, foram comparados a árvores majestosas enquanto estavam no mundo dos vivos, mas que foram entregues à morte, descendo às profundezas da terra, o mundo dos mortos. O *sheol* é retratado como se situando nas profundezas, próximo ao abismo, o qual possui águas e cadeias, isto é, é entendido como uma espécie de prisão profunda. O *sheol* também é retratado como uma espécie de cova profunda, uma sepultura em que os mortos jazem juntos. Toda a magnificência que se obteve no mundo dos vivos é perdida ao se chegar ao mundo dos mortos.

2.19.16. EZEQUIEL 32:18-32

> Filho do homem, pranteie sobre a multidão do Egito e faça-a descer, ela e as filhas das nações poderosas, às profundezas da terra, juntamente com os que descem à cova. Diga o seguinte: "Você pensa que supera os outros em beleza? Pois agora desça e deite-se com os incircuncisos. No meio daqueles que foram mortos à espada, eles cairão. Ele foi entregue à espada; arrastem o Egito e toda a sua multidão. Do mundo dos mortos, os mais poderosos dos valentes, juntamente com os que o socorrem, lhe dirão: 'Eles desceram, lá jazem eles, os incircuncisos, mortos à espada.' Ali está a Assíria com todo o seu exército. Ao redor dela, todos os seus túmulos. Todos eles foram mortos; caíram à espada. Os seus túmulos foram postos nas extremidades da cova, e todo o exército da Assíria se encontra ao redor do seu túmulo. Foram mortos, caíram à espada todos esses que tinham causado espanto na terra dos viventes. Ali está Elão com todo o seu exército, ao redor do seu túmulo. Todos foram mortos; caíram à espada. Desceram incircuncisos às profundezas da terra esses que causaram terror na terra dos viventes. Levaram a sua vergonha com os que desceram à cova. No meio dos mortos, lhe puseram um leito entre todo o seu exército. Ao redor dele estão os seus túmulos. Todos esses incircuncisos foram mortos à espada, porque causaram terror na terra dos viventes e levaram a sua vergonha com os que desceram à cova. Foram postos no meio dos que foram mortos. Ali estão Meseque e Tubal com todo o seu exército. Ao redor deles estão os seus túmulos. Todos eles são incircuncisos e foram mortos à espada, porque causaram terror na terra dos viventes. E estão com os valentes dos tempos antigos que, dentre os incircuncisos, foram mortos e desceram ao mundo dos mortos com as suas próprias armas de guerra e com a espada debaixo da cabeça. A iniquidade deles está sobre os seus ossos, porque eram o terror dos heróis na terra dos viventes. Também você, Egito, será quebrado no meio dos incircuncisos e jazerá com os que foram mortos à espada. Ali está Edom, os seus reis e todos os seus príncipes, que, apesar do seu poder, jazem com os que foram mortos à espada; estes jazem com os incircuncisos e com os que desceram à cova. Ali estão os príncipes do Norte, todos eles, e todos os sidônios, que desceram com os que foram mortos, envergonhados com o terror causado pelo seu poder. Eles jazem incircuncisos com os que foram mortos à espada e levam a sua vergonha com os que desceram à cova. Faraó os verá e se consolará sobre toda a sua multidão. Sim, o próprio Faraó e todo o seu exército foram mortos à espada, diz o SENHOR Deus. Porque também eu pus o

> meu espanto na terra dos viventes. Por isso, ele jazerá no meio dos incircuncisos, com os que foram mortos à espada, Faraó e todo o seu povo", diz o SENHOR Deus.

Mais uma vez, o *sheol* é retratado como uma cova nas profundezas da terra. Nele todo o resplendor e beleza obtidos na terra dos viventes são perdidos. Gentios que morreram há muito tempo, sejam exércitos poderosos de várias nações, sejam reis, todos vão para o mundo dos mortos. Mesmo que tenham sido gloriosos e poderosos na terra dos viventes, aqueles que morrem sem justificação do Senhor irão para o mundo dos mortos "carregando sua vergonha", ou seja, além de terem perdido a salvação de Deus, jamais terão o poder e glória que tiveram antes em vida.

Ezequiel descreveu que soldados foram enterrados e desceram ao mundo dos mortos com suas armas de guerra e a espada debaixo da cabeça. Leitos e túmulos estavam organizados e preparados. Túmulos foram postos nas extremidades da cova, isto é, tais túmulos se encontram nas extremidades do *sheol*. A iniquidade daqueles que morreram permanecia sobre seus ossos. Tais descrições provavelmente significam que o enterro dos corpos dos não justificados é a porta de entrada para o mundo dos mortos. Os corpos permanecem considerados iníquos e serão decompostos, tornando-se pó com a terra, e a parte espiritual desce ao mundo dos mortos para ser recebida pelas sombras dos antigos valentes mortos há mais tempo, os quais são representados como indo ao encontro do rei do Egito e seu exército que tinham acabado de chegar (ver 2.16.14. Isaías 14:9-20).

No mundo dos mortos, o faraó e seu exército, mortos e humilhados, foram objeto de admiração para outros mortos que foram poderosos em vida. O ponto destacado é o contraste entre a glória passada do faraó e seu exército, com sua exaltação e aclamação no mundo enquanto viviam na terra, e sua humilhação após sofrerem o juízo de Deus e morrerem, bastante similar ao relato do rico e Lázaro contado por Jesus em Lucas 16:19-31. Levando-se em conta o relato similar de Isaías 14:9-20, os habitantes do mundo dos mortos têm consciência e parecem existir em um estado enfraquecido, como "sombras".

2.19.17. EZEQUIEL 33:20

> No entanto, vocês dizem: "O caminho do SENHOR não é reto." Mas eu os julgarei, cada um segundo os seus caminhos, ó casa de Israel.

O julgamento de Deus é justo, individual e segundo a conduta de cada um.

2.19.18. EZEQUIEL 34:12-13

> Como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que encontra ovelhas dispersas, assim buscarei as minhas ovelhas. Eu as livrarei de todos os lugares por onde foram espalhadas no dia de nuvens e densas trevas. Vou tirá-las do meio dos povos, e as congregarei dos diversos países, e as trarei de volta à sua terra. Vou apascentá-las nos montes de Israel, junto às correntes de água e em todos os lugares habitados da terra.

O "dia de nuvens e densas trevas" é uma descrição de um dos "dias do Senhor" encontrados na Bíblia, um dia de julgamento local contra uma nação. Nessa profecia, Ezequiel afirmou que o povo de Judá sofreu um julgamento divino e, apesar de ter ido ao exílio na Babilônia, um remanescente mais fiel retornaria à sua terra e prosperaria com os cuidados de Deus. Esse povo iria aumentar mais para "todos os lugares habitados da terra". Isso olha adiante para a época do Novo Testamento, onde o ministério de Cristo instituiu a Igreja e, de Jerusalém, os cristãos se espalharam para todo o mundo.

2.19.19. EZEQUIEL 34:23-24

> Porei sobre elas um só pastor, e ele as apascentará: o meu servo Davi. Ele as apascentará e será o seu pastor. Eu, o SENHOR, serei o seu Deus, e o meu servo Davi será príncipe no meio delas. Eu, o SENHOR, falei.

O povo de Deus foi comparado a ovelhas necessitando de um pastor. Para fazer a separação entre as ovelhas e proteger as boas, ou seja, os fiéis, Deus estabeleceria sobre elas um só pastor, Davi. Ele seria tanto pastor quanto príncipe, ou rei.

Na verdade, essa profecia vislumbra o papel do bom pastor no reino messiânico (João 10:1-30) e aponta para Jesus Cristo. Jesus não era, literalmente, Davi, mas um descendente dele, o qual mostrou as mesmas qualidades de rei e pastor que Davi mostrou. Davi aparece na profecia como um tipo do Messias.

2.19.20. EZEQUIEL 34:25-31

> "Farei uma aliança de paz com as minhas ovelhas. Livrarei a terra de animais selvagens, para que as minhas ovelhas vivam em segurança no deserto e durmam nos bosques. Delas e dos lugares ao redor do meu monte, eu farei uma bênção. Farei descer a chuva a seu tempo; serão chuvas de bênção. As árvores do campo darão o seu fruto, e a terra dará as suas colheitas. As ovelhas estarão seguras na sua terra e saberão que eu sou o SENHOR, quando eu quebrar o jugo que pesava sobre elas e as livrar das mãos dos que as escravizavam. Já não servirão de rapina aos gentios, nem serão devoradas por animais selvagens. Viverão em segurança, e não haverá quem as espante. Eu lhes darei plantação memorável, e nunca mais serão vítimas de fome na terra, nem terão de suportar a zombaria das outras nações. Saberão que eu, o SENHOR, seu Deus, estou com elas e que elas são o meu povo, a casa de Israel", diz o SENHOR Deus. "Vocês são as minhas ovelhas, ovelhas do meu pasto. Vocês são o meu povo, e eu sou o seu Deus", diz o SENHOR Deus.

A profecia aborda o Israel restaurado em sua terra após o exílio. Israel teria a chance de ter novamente as bênçãos da comunhão com Deus. O povo ainda é descrito figuradamente como ovelhas em um rebanho e as bênçãos são mostradas em termos de proteção e sustento físico.

As bênçãos relatadas não descrevem um estado de absoluta proteção, sustento e proeminência de uma nação física de Israel a ser restaurada no futuro. Desde que os judeus retornaram à sua terra, nunca estiveram realmente livres de um domínio gentio, e Jerusalém caiu novamente no ano 70 d.C. diante dos romanos. As bênçãos denotam que o povo fiel que retornaria à terra prometida não voltaria a ter o mesmo escárnio e sofrimento decorrentes do cerco babilônico. O ponto principal dessas bênçãos é a comunhão com Deus.

Como é comum nas profecias do Antigo Testamento, as bênçãos sobre a proteção e sustento de Israel apontam para a plenitude do povo remido de Deus vivendo em comunhão íntima com ele, ou seja, em última análise, o povo de Deus vivendo com ele nos novos céus e nova terra, a Jerusalém celestial. Israel, portanto, prefigura o povo de Deus. A terra prometida prefigura os novos céus e nova terra. As bênçãos atingem seu estado pleno no estado eterno a vir após a segunda vinda de Cristo. Portanto, profecias como essa não significam uma restauração do reino físico de Israel em uma posição de proeminência na Terra.

2.19.21. EZEQUIEL 36:12-15

> Farei com que pessoas, o meu povo de Israel, andem sobre vocês, ó montes. Eles tomarão posse de vocês, vocês serão a herança deles, e nunca mais deixarão que eles fiquem sem os seus filhos." Assim diz o SENHOR Deus: "Visto que lhe dizem: 'Você é uma terra que devora as pessoas, uma terra que deixa o povo sem filhos', certamente você não devorará mais as pessoas nem privará o seu povo dos seus filhos, diz o SENHOR Deus. Não permitirei mais que você ouça a zombaria das nações ou tenha de suportar a vergonha dos povos. Nunca mais você deixará o seu povo sem os seus filhos", diz o SENHOR Deus.

A profecia de Ezequiel afirmou que os montes de Israel seriam novamente habitados pelo povo que retornaria do exílio na Babilônia, e a terra de Israel não teria mais que ouvir zombaria de outras nações ou suportar vergonha de outros povos. Nem os judeus serão devorados em sua terra.

Deus daria uma proteção à nação dos judeus que retornaria do exílio babilônico, porém essa proteção não se aplica em termos absolutos para o reino físico de Israel. Historicamente, os judeus continuaram sendo subjugados por nações gentias durante sua história, até a queda de Jerusalém em 70 d.C. diante dos romanos.

O ponto da profecia é que, como é comum nas profecias do Antigo Testamento, as bênçãos sobre a proteção e sustento de Israel têm uma aplicação menor no Israel físico e um cumprimento maior na plenitude do povo remido de Deus vivendo em comunhão íntima com ele. Em última análise, o povo de Deus terá as plenas bênçãos ao viver com ele nos novos céus e nova terra, a Jerusalém celestial. Israel e a terra prometida são vislumbrados na profecia como tipos do estado eterno a vir na segunda vinda de Cristo. A nova terra na qual os justificados viverão para sempre com o Senhor, a qual é prefigurada pela terra de Israel, não terá mais seus

habitantes sendo afligidos por não justificados, e nem pelos inimigos espirituais (pecado, morte, etc.) representados por esses não justificados.

2.19.22. EZEQUIEL 36:26-31

> Eu lhes darei um coração novo e porei dentro de vocês um espírito novo. Tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne. Porei dentro de vocês o meu Espírito e farei com que andem nos meus estatutos, guardem e observem os meus juízos. Vocês habitarão na terra que eu dei aos seus pais. Vocês serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. Eu os livrarei de todas as suas impurezas. Farei vir o trigo, e o multiplicarei, e não trarei fome sobre vocês. Multiplicarei os frutos das árvores e as colheitas do campo, para que vocês nunca mais passem vergonha entre as nações por causa da fome. Então vocês se lembrarão dos seus maus caminhos e das suas ações que não foram boas, e terão nojo de vocês mesmos por causa das suas iniquidades e das suas abominações.

O remanescente que retornaria do cativeiro babilônico à terra de Israel seria menor e mais fiel, mas multiplicaria e prosperaria. Teria um coração mais propenso a seguir a Deus. Esse povo não passaria novamente pela mesma fome e vergonha que passou devido ao juízo de Deus realizado por meio dos babilônios. O povo também teria vergonha de seu passado e estaria mais propenso a seguir a Deus.

Como nas diversas profecias do Antigo Testamento sobre a restauração de Israel, há um cumprimento mais imediato no retorno do povo à sua terra e um cumprimento mais pleno no estado de comunhão plena com Deus, o qual é prefigurado com os tipos apresentados na profecia: Israel é um tipo do povo de Deus remido; o exílio na Babilônia é um tipo da vida no mundo afastado de Deus; o retorno à terra é um tipo em que os justificados herdam os novos céus e nova terra; o fato de os inimigos não poderem mais atacar o povo é um tipo que representa que os justificados estarão totalmente imunes ao pecado e suas consequências; a terra é um tipo dos novos céus e nova terra; as bênçãos materiais são tipos das plenas bênçãos na plenitude do reino de Deus trazido pelo Messias.

2.19.23. EZEQUIEL 37:21-28

> Então diga-lhes: "Assim diz o SENHOR Deus: 'Eis que eu tirarei os filhos de Israel do meio das nações para onde eles foram, e os congregarei de todos os lugares ao redor, e os levarei para a sua própria terra. Farei deles uma só nação na terra, nos montes de Israel, e um só rei será rei de todos eles. Nunca mais serão duas nações; nunca mais se dividirão em dois reinos. Nunca mais se contaminarão com os seus ídolos, nem com as suas abominações, nem com qualquer das suas transgressões. Eu os livrarei de todas as suas apostasias em que pecaram e os purificarei. Assim, eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. O meu servo Davi reinará sobre eles, e todos eles terão um só pastor. Andarão nos meus juízos, guardarão os meus estatutos e os observarão. Habitarão na terra que dei ao meu servo Jacó, na qual os pais de vocês habitaram. Habitarão nela, eles e os seus filhos e os filhos dos seus filhos, para sempre. E Davi, meu servo, será o príncipe deles para sempre. Farei com eles uma aliança de paz; será uma aliança eterna. Eu os estabelecerei, os multiplicarei, e porei o meu santuário no meio deles para sempre. O meu tabernáculo estará com eles; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. As nações saberão que eu sou o Senhor que santifico Israel, quando o meu santuário estiver no meio deles para sempre.'"

Após o retorno do povo do cativeiro da Babilônia, de fato não houve mais uma distinção entre um reino do norte (Israel) e nem um reino do sul (Judá), como era antes do exílio. De fato, os judeus retornaram à sua terra e essa distinção não ocorreu mais, havendo apenas o Israel pós-exílico, o qual foi sempre subjugado por uma nação gentia (por exemplo, os romanos). Deus foi o mesmo Deus para todo o povo.

O remanescente mais fiel que retornou para a terra foi o povo preparado para receber o Messias, já longe das mesmas idolatrias e abominações do passado. O povo não era perfeito, mas estava mais propenso a seguir a Deus. O "servo Davi" representa o Messias que reinará para sempre, Jesus Cristo, que é da descendência de Davi. O próprio Davi foi um tipo de Cristo – o rei/pastor. Em Cristo, o verdadeiro tabernáculo de Deus é erigido de forma espiritual, primeiramente com a Igreja e, na plenitude do reino de Deus após a segunda vinda de Cristo, nos novos céus e nova terra.

2.19.24. EZEQUIEL 38:1-16

> A palavra do SENHOR veio a mim, dizendo: "Filho do homem, vire o seu rosto contra Gogue, da terra de Magogue, príncipe de Rôs, de Meseque e Tubal, e profetize contra ele, dizendo: 'Assim diz o SENHOR Deus: eis que estou contra você, Gogue, príncipe de Rôs, de Meseque e Tubal. Eu o farei mudar de direção, porei anzóis em seu queixo e o levarei para longe, juntamente com todo o seu exército: cavalos e cavaleiros, todos vestidos de armamento completo, grande multidão, com escudos, todos empunhando a espada; persas e etíopes e Pute com eles, todos com escudo e capacete; Gômer e todas as suas tropas; a casa de Togarma, do lado do Norte, e todas as suas tropas, muitos povos com você. Prepare-se, sim, esteja preparado, você e toda a multidão de povo que se reuniu a você, e sirva-lhes de guarda. Depois de muitos dias, você será convocado; no fim dos anos, você invadirá a terra que se recuperou da espada, cujo povo foi reunido dentre muitos povos sobre os montes de Israel, que por muito tempo estavam desolados. Este povo foi tirado do meio dos povos, e todos eles habitarão em segurança. Então você subirá, virá como uma tempestade, será como uma nuvem que cobre a terra, você, e todas as suas tropas, e muitos povos com você.'" Assim diz o SENHOR Deus: "Naquele dia, certos pensamentos virão à sua mente e você conceberá um plano perverso. Você dirá: 'Vou invadir a terra das aldeias sem muralhas. Atacarei um povo pacífico que vive em segurança, todos em cidades sem muralhas, sem ferrolhos nem portões, para levar o despojo, arrebatar a presa e levantar a mão contra as terras desertas que agora se acham habitadas e contra o povo que se congregou dentre as nações, o qual tem gado e bens e habita no meio da terra.' Sabá e Dedã e os mercadores de Társis, e todos os seus governadores lhe dirão: 'Você veio para levar o despojo? Você reuniu o seu bando para arrebatar a presa, para levar a prata e o ouro, para pegar o gado e os bens, para saquear grandes despojos?' Portanto, profetize, filho do homem, e diga a Gogue: 'Assim diz o SENHOR Deus: será que, naquele dia, quando o meu povo de Israel estiver vivendo em segurança, você não ficará sabendo? Você virá do seu lugar, dos lados do Norte, você e muitos povos com você, todos montados em cavalos, uma grande multidão e um poderoso exército. Você subirá contra o meu povo de Israel, como nuvem, para cobrir a terra. Nos últimos dias, trarei você contra a minha terra, para que as nações me conheçam, quando eu tiver revelado a minha santidade em você, ó Gogue, diante das nações.'"

Deixando de lado as muitas interpretações que forçam elementos no texto, a linguagem e os contextos das profecias de Ezequiel 38-39 e Apocalipse 20 sugerem que Gogue, nos dois casos, representa apenas uma personificação de um comandante de uma aliança de vários povos ímpios. Não há evidências bíblicas suficientes para tentar provar que Gogue representa uma pessoa específica e identificável. Até mesmo a diferença na linguagem de Ezequiel em relação ao Apocalipse ("Gogue de Magogue" em Ezequiel e "Gogue e Magogue" no Apocalipse) serve para alertar sobre o perigo de forçar uma interpretação que trata os dois como sendo um mesmo personagem histórico. Da mesma forma, não há proveito em tentar identificar cada uma das terras mencionadas no texto, tais como Rôs, Meseque, Tubal, etc.

O entendimento correto dos capítulos 38 e 39 de Ezequiel é que eles tratam de uma narrativa de uma batalha simbólica, e não uma profecia preditiva. A ideia é que os não justificados podem atacar os fiéis com grandes números e forças gigantescas, mas Deus frustrará seus planos e fará que a situação se reverta. Os não justificados desejam despojar os justificados, mas eles serão despojados.

O objetivo dessa batalha simbólica, no contexto, é dar a esperança da proteção de Deus para seus justificados, particularmente o remanescente mais fiel que estava para retornar à terra prometida. Além da proteção, Deus oferece sua comunhão com seu povo, o que é manifestado nos capítulos 40 a 48 com a apresentação de um templo simbólico magnífico.

Basicamente, a cena descrita narra que Deus está contra Gogue de Magogue e sua aliança de nações, a qual está equipada e preparada para o combate. Depois de muitos dias, no "fim dos anos", Gogue e sua aliança de nações ímpias atacariam o povo de Deus que retornou do exílio e que se estabeleceu novamente na terra prometida. O "fim dos anos" não se trata de uma predição para o futuro, mas um período em que Israel retornou do exílio da Babilônia e se estabeleceu em paz novamente na sua terra – um tempo que, relativamente à nossa época, já se passou, sendo que tal batalha nunca aconteceu. Portanto, observa-se que, de fato, é uma batalha simbólica. Os exércitos inimigos viriam com grande número e poder para fazer o mal contra o povo pacífico de Deus, a partir dos lados do norte (o norte foi proverbial como a direção na qual os piores inimigos de Israel vieram). Algumas outras nações, as quais não necessariamente participariam do ataque, teriam interesse em tentar obter alguma vantagem da situação. Mas Gogue e seu exército seriam derrotados por Deus e a santidade dele seria reconhecida pelas nações.

No Livro de Apocalipse, Deus fez uso de uma cena similar no capítulo 20.

2.19.25. EZEQUIEL 38:17-23

> Assim diz o SENHOR Deus: "Por acaso você não é aquele de quem falei nos tempos antigos, por meio dos meus servos, os profetas de Israel, que naqueles dias profetizaram, durante anos, que eu faria com que você viesse e atacasse o meu povo? Naquele dia, quando Gogue vier contra a terra de Israel", diz o SENHOR Deus, "eu ficarei furioso. Pois, no meu zelo, no fogo do meu furor, eu disse que, naquele dia, haverá um grande terremoto na terra de Israel. Os peixes do mar, as aves do céu, os animais selvagens, todos os animais que rastejam sobre a terra e todas as pessoas que estão sobre a face da terra tremerão diante de mim. Os montes virão abaixo, os rochedos se desfarão, e todas as muralhas desabarão por terra. Convocarei a espada contra Gogue em todos os meus montes", diz o SENHOR Deus; "a espada de cada um se voltará contra o seu próximo. Eu o castigarei com peste e derramamento de sangue. Farei cair chuva torrencial, grandes pedras de granizo, fogo e enxofre sobre ele, sobre as suas tropas e sobre os muitos povos que estiverem com ele. Assim, revelarei a minha grandeza e a minha santidade e me darei a conhecer aos olhos de muitas nações. E saberão que eu sou o SENHOR."

Gogue e sua aliança de nações representam os inimigos do povo de Deus, os quais participam de uma batalha simbólica contra o povo de Senhor, particularmente o remanescente fiel que estava para voltar à terra prometida. Há muito tempo, os profetas de Deus previram juízos locais contra muitos dos inimigos de Israel, tais como assírios, babilônios, edomitas, amonitas, moabitas, etc. Eles, na narrativa da batalha simbólica de Ezequiel, foram agrupados como sendo as forças de Gogue. Não se trata de uma profecia predizendo alguma batalha literal, mas uma narrativa que demonstra aos justificados que eles terão proteção e cuidado de Deus.

A batalha é narrada com Deus descarregando toda sua ira contra as forças de Gogue, as quais são retratadas como estando sobre os montes de Israel, isto é, os inimigos são retratados como estando muito próximos do povo de Deus para atacá-lo. As manifestações de juízo de Deus fazem toda a criação temer a ele, sendo que ocorre um terremoto e muralhas, montes e rochedos caem. A ira de Deus torna-se manifesta com alguns de seus juízos já conhecidos ao longo das Escrituras: os inimigos se ferem com seus próprios ataques, as pestes, chuvas de granizo, fogo e enxofre da parte de Deus.

A ideia é que essa batalha simbólica transmite que, quando Deus pune os infiéis e salva os fiéis com juízos terríveis provenientes de seu poder, ele se torna conhecido entre as nações, as quais o reconhecem como grandioso, santo, e como o Senhor que ele é. Deus salva os fiéis e pune os infiéis.

2.19.26. EZEQUIEL 39:1-10

> Filho do homem, profetize contra Gogue e diga: "Assim diz o SENHOR Deus: 'Eis que estou contra você, Gogue, príncipe de Rôs, de Meseque e Tubal. Eu o farei mudar de direção e o conduzirei. Farei com que você venha dos lados do Norte e o trarei aos montes de Israel. Então tirarei o arco da sua mão esquerda e farei cair as flechas que estão em sua mão direita. Nos montes de Israel, você cairá — você, todas as suas tropas e os povos que estão com você. Eu o entregarei a todo tipo de ave de rapina e aos animais selvagens, para que o devorem. Você cairá em campo aberto, porque eu falei'", diz o SENHOR Deus. "Porei fogo em Magogue e nos que vivem em segurança nas terras do mar. Então eles saberão que eu sou o SENHOR. Farei conhecido o meu santo nome no meio do meu povo de Israel e nunca mais deixarei que o meu santo nome seja profanado. Então as nações saberão que eu sou o SENHOR, o Santo em Israel. Eis que vem e se cumprirá, diz o SENHOR Deus; este é o dia de que tenho falado. Os moradores das cidades de Israel sairão e farão fogo com as armas, queimando as couraças e os escudos, os arcos e as flechas, os porretes e as lanças; farão fogo com tudo isso durante sete anos. Não terão de trazer lenha do campo, nem a cortarão dos bosques, mas com as armas acenderão fogo. Saquearão aqueles que os saquearam e despojarão aqueles que os despojaram, diz o SENHOR Deus."

Ezequiel retratou uma batalha simbólica na qual os inimigos do povo de Deus, representados por Gogue e sua aliança de nações, são mostrados como sendo incitados por Deus a atacar seu povo que estava para retornar do exílio da Babilônia de volta à terra prometida.

As imagens da queda dos não justificados nos montes de Israel, servindo como alimento de aves de rapina e animais selvagens, mostra uma derrota completa e desonrosa, sem direito a sepultamento, no próprio território

de Israel. Os exércitos de Gogue vêm da direção do norte porque essa direção foi de onde veio a maioria dos ataques contra Jerusalém – provavelmente, era um ponto mais vulnerável da cidade.

Deus coloca fogo em uma das regiões das forças de Gogue, o local simbólico representado como "Magogue" e as "terras do mar". Não se trata de uma destruição de locais específicos, mas um simbolismo para mostrar a abrangência do juízo de Deus contra os inimigos, não importa onde estejam.

A derrota das forças de Gogue é apresentada de forma bastante frustrante, sendo que deixam cair suas armas, perecem em campo aberto, e a quantidade imensa de armas fornece madeira em abundância para o povo pacífico de Deus utilizar por um longo tempo (sete anos – sete significa, em termos simbólicos, um período completo e perfeito, ditado por divino decreto). As forças de Gogue queriam despojar o povo de Deus, mas elas são as despojadas.

Portanto, o objetivo desse relato de Ezequiel é demonstrar que Deus pode salvar seus justificados das mais terríveis ameaças e, ainda, dar a eles provisões abundantes, mesmo diante de uma situação tão ameaçadora. Aqueles que permanecerem em uma posição de inimizade contra o povo de Deus serão derrotados, não importa o seu poder.

2.19.27. EZEQUIEL 39:11-20

> "Naquele dia, darei a Gogue um lugar de sepultura em Israel, o vale dos Viajantes, a leste do mar, que fará parar os que passarem por esse lugar. Gogue e todo o seu exército serão sepultados ali, e aquele lugar será chamado de Hamom-Gogue. A casa de Israel levará sete meses para sepultá-los, a fim de limpar a terra. Sim, todo o povo da terra os sepultará. E o dia em que eu for glorificado será para eles um dia memorável, diz o SENHOR Deus. Serão separados homens que, sem cessar, percorrerão a terra para sepultar os que tenham ficado nela, para a limpar; depois de sete meses, iniciarão a busca. Ao percorrerem a terra, se um deles encontrar um osso humano, porá ao lado um sinal, até que os coveiros o sepultem no vale do Exército de Gogue. Também haverá uma cidade com o nome de Hamoná. Assim, limparão a terra." Filho do homem, assim diz o SENHOR Deus: "Diga às aves de toda espécie e a todos os animais selvagens: 'Reúnam-se e venham! Venham de toda parte para o sacrifício que eu estou oferecendo por vocês, um grande sacrifício nos montes de Israel. Vocês comerão carne e beberão sangue. Comerão a carne dos poderosos e beberão o sangue dos príncipes da terra — os carneiros e cordeiros, os bodes e novilhos, todos engordados em Basã. Vocês comerão gordura até se fartarem e beberão sangue até ficarem embriagados, no sacrifício que oferecerei por vocês. À minha mesa, vocês se fartarão de cavalos e de cavaleiros, de valentes e de todos os homens de guerra'", diz o SENHOR Deus.

Na batalha simbólica narrada por Ezequiel, a terra de Israel acabou sendo o lugar onde as forças de Gogue foram sepultadas. As forças de Gogue foram até mesmo comparadas a sacrifícios oferecidos às aves de rapina e animais carniceiros – sacrifícios suculentos e agradáveis. Foi como se Deus estivesse em um banquete com as aves de rapina e os animais carniceiros, oferecendo a eles os exércitos para comer, os quais foram também comparados a carneiros, cordeiros, bodes e novilhos engordados em Basã, isto é, um banquete e tanto. O poder que os exércitos tinham antes não serviria de nada, a não ser para serem mais "apetitosos" aos animais selvagens.

Deus separou um local para servir de sepulcro às forças de Gogue. O tal "vale dos Viajantes", o qual passaria a ser chamado "Hamom-Gogue" ("vale das Forças de Gogue", ou "vale da multidão de Gogue", ou "vale do tesouro de Gogue"), é uma localização vaga. Isso porque, obviamente, Ezequiel não tinha em mente um local de sepultamento literal. Trata-se apenas de parte do cenário da narrativa. Pode ser que, no cenário, se situasse ao lado do mar da Galileia, mas a localização não é, de fato, importante.

As forças de Gogue morreram e todo o povo sepultava os corpos e limpava a terra, sendo que isso demora sete meses (sete é um número completo, perfeito, divino). A ação de sepultamento dos ímpios por parte do povo de Deus dá a ele testemunho da justiça de Deus. Enquanto isso, os animais selvagens se serviram com corpos ainda não sepultados, espalhando partes deles e complicando o sepultamento. Homens de Israel percorrem a terra para buscar eventuais restos mortais e sinalizá-los para que outros os sepultem. O vale onde os restos mortais das forças de Gogue foram enterrados foi então chamado comemorativamente de "cidade" – uma "cidade dos mortos" chamada "Hamoná" (que significa "massa de gente" ou "multidão"), a qual é um testemunho de o que acontece com aqueles que desafiaram o Senhor e seus justificados.

Assim, o resultado dessa batalha simbólica demonstra que o fim daqueles que permanecerem em uma posição de inimizade contra o povo de Deus é certo e serve de testemunho tanto para fiéis quanto para infiéis.

2.19.28. EZEQUIEL 39:21-29

> "Manifestarei a minha glória entre as nações, e todas as nações verão o meu juízo, que eu tiver executado, e a minha mão, que eu tiver posto sobre elas. Desse dia em diante, a casa de Israel saberá que eu sou o SENHOR, seu Deus. As nações saberão que a casa de Israel foi levada para o exílio por causa da sua iniquidade, porque foram infiéis a mim. Assim, escondi deles o meu rosto e os entreguei nas mãos dos seus adversários, e todos eles caíram à espada. Eu os tratei de acordo com a sua impureza e as suas transgressões, e escondi deles o meu rosto." Portanto, assim diz o SENHOR Deus: "Agora, restaurarei a sorte de Jacó e me compadecerei de toda a casa de Israel; terei zelo pelo meu santo nome. Quando eles habitarem seguros na sua terra, sem haver quem os atemorize, esquecerão a sua vergonha e toda a infidelidade com que se rebelaram contra mim. Quando eu tornar a trazê-los do meio dos povos, e os houver ajuntado das terras de seus inimigos, revelarei neles a minha santidade diante de muitas nações. Saberão que eu sou o SENHOR, seu Deus, quando virem que eu os enviei para o cativeiro entre as nações, e os tornei a ajuntar para voltarem à sua terra, e que não deixarei que nenhum deles fique no exílio. Nunca mais esconderei deles o meu rosto, pois derramarei o meu Espírito sobre a casa de Israel, diz o SENHOR Deus."

Uma das razões para os julgamentos de Deus é que sua glória seja manifestada para as nações. Israel foi infiel com o Senhor, apesar de todos os avisos, e teve como consequência sua conquista pela Babilônia e o cativeiro. Porém, Deus operou isso para o bem, punindo os culpados e preparando um remanescente mais fiel para retornar à terra prometida. Isso também declarou a santidade de Deus. O povo menor e mais fiel, posteriormente, daria origem ao Messias.

O remanescente fiel que se reestabeleceu em sua terra, de fato, teve uma maior segurança em relação ao Israel antigo. Isso se deve, em parte, porque o povo sempre esteve sujeito a uma potência mundial, como nos casos do Império Persa, do Império Grego e do Império Romano. Relativamente falando, Israel habitou mais seguro em sua terra. No entanto, isso se cumpriu de uma forma maior na era da Igreja, onde o Messias, Jesus Cristo, uniu Israel e os gentios sob um mesmo povo por meio de sua vitória na cruz. O Espírito de Deus derramado sobre o povo, da mesma forma, teve seu ápice na era da Igreja. No entanto, o povo que se reestabeleceu na terra prometida após o exílio também teve uma maior comunhão com o Espírito do Senhor em relação ao antigo Israel, uma vez que foi mais fiel.

A promessa de que Deus nunca mais esconderia o rosto do povo não significa que o reino físico de Israel jamais seria assolado por inimigos novamente, e nem denota que seria proeminente na Terra. Como Paulo afirmou, nem todo Israel é Israel (Romanos 9:6-7). Na verdade, fazem parte do verdadeiro Israel todos aqueles que são fiéis a Deus, tanto fiéis que viveram no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento. Eles sempre encontraram e encontrarão refúgio no Senhor e, em última análise, habitarão seguros na verdadeira terra prometida, os novos céus e nova terra.

2.19.29. EZEQUIEL 40:1-4

> No vigésimo quinto ano do nosso exílio, no princípio do ano, no décimo dia do mês, catorze anos após a queda da cidade de Jerusalém, nesse mesmo dia, veio sobre mim a mão do SENHOR, e ele me levou para lá. Em visões, Deus me levou à terra de Israel e me pôs sobre um monte muito alto, sobre o qual havia uma estrutura de cidade, para o lado sul. Ele me levou para lá, e eu vi um homem cuja aparência era como a do bronze. Estava em pé junto ao portão e tinha na mão um cordel de linho e uma cana de medir. O homem me disse: "Filho do homem, veja com os próprios olhos, ouça com os próprios ouvidos e preste atenção em tudo o que eu lhe mostrar, porque para isso você foi trazido aqui. Anuncie à casa de Israel tudo o que você está vendo."

Ezequiel foi levado por Deus, em uma visão, a uma cidade. No contexto, a cidade é uma Jerusalém restaurada. Ezequiel viu uma estrutura de cidade com o templo e viu um homem com aparência como bronze, provavelmente um ser angelical. Ele tinha em mãos instrumentos para medir e disse ao profeta para anunciar para Israel tudo o que estava vendo. O profeta foi levado para todas as partes do templo dentro da cidade e anotou as medidas e as descrições, as quais estão registradas nos capítulos 40 a 48 do Livro de Ezequiel.

Para que possamos interpretar corretamente o significado desses capítulos finais do Livro de Ezequiel, é muito importante ter em mente os propósitos do texto:

- Animar os judeus que tinham sido exilados, uma vez que voltariam a receber as bênçãos de Deus e habitariam novamente em sua terra;
- Mostrar que Deus não os abandonou;
- Fazer o povo se envergonhar de suas iniquidades ao contemplar o modelo do templo em que a ordem e a santidade eram notáveis;
- Destacar a importância da obediência aos estatutos e ordenanças de Deus;
- Demonstrar que até mesmo quem perdeu a esperança pode buscar Deus e receber suas bênçãos;
- Mostrar como o povo de Deus tem um lugar em seu reino e como todos têm trabalho junto a ele;
- Ilustrar a perfeição do plano de Deus para o seu povo restaurado, expressa na simetria imaculada do edifício do templo;
- Mostrar a centralidade da adoração na nova era que estava por vir aos exilados, importância expressa na atenção aos pormenores na observância de todos os ritos;
- Reafirmar a presença permanente do Senhor no meio do seu povo;
- Mostrar bênçãos que fluem da presença de Deus para os lugares áridos da terra como um "rio de vida";
- Demonstrar um arranjo ordenado de deveres e privilégios para todo o povo de Deus, representados pelos os deveres no templo e pela distribuição da terra, um tema retomado em Apocalipse 7:4-8;
- Fazer distinção entre o santo e o profano, enfatizando a necessidade da santidade na comunhão com Deus. Aqueles que habitarem na cidade onde Deus se encontra precisam manter sua santificação. Para Deus habitar no templo, deve ser mantida a santidade. O templo e toda a área ao seu redor devem refletir a santidade do Senhor. Somente aqueles que foram purificados e aceitos por Deus têm acesso ao santuário. Sacerdotes devem respeitar a santidade. Até mesmo a divisão do território próximo serve para manter a separação entre o santo e o profano. A habitação de Deus precisa ser pura.

Há, basicamente, quatro formas de interpretar o texto: literal, milenarista, simbólica cristã e apocalíptica.

A interpretação literal busca aplicar literalmente os números, construções e deveres sacerdotais citados no texto, o qual é entendido como um projeto para os fiéis seguirem à medida que constroem a futura habitação de Deus. Essa interpretação deve ser descartada. Nem os judeus que retornaram do exílio, nem os construtores do templo de Herodes, tentaram seguir as especificações do final do Livro de Ezequiel. Provavelmente, eles mesmos não entenderam o texto como tendo significado literal. O próprio texto apresenta muitas medidas inespecíficas para o templo, diferentemente do tabernáculo descrito no Livro de Êxodo. Existem também alguns detalhes do templo que seriam impossíveis de construir. Algumas partes importantes do templo não são abordadas, o que obrigaria os construtores a recorrer à imaginação, e esse não é o padrão de Deus quando ele ordenou que algo fosse construído. Alguns detalhes, como o tamanho do templo e sua localização sobre um monte muito alto, são inviáveis. O templo teria que ser colocado fora da cidade. A distribuição das terras por tribos não coincide com a topografia de Israel. A função e a localização do rio que sai do templo também são improváveis. Além disso tudo, as funções e organizações sacerdotais, como os sacrifícios de animais, são incompatíveis com a Nova Aliança em Cristo.

A interpretação milenarista entende que, em uma época futura, será estabelecido um reino messiânico de mil anos na Terra, quando o templo de Ezequiel será literalmente construído. Essa interpretação também deve ser descartada. Além de herdar as dificuldades da interpretação literal, a interpretação milenarista exige alternância, sem base sólida, entre aplicações literais e figuradas do templo de Ezequiel. É uma exegese que oscila entre "literal

aqui" e "figurado ali". Há também vários aspectos dessa interpretação que são incompatíveis com o cristianismo. Ela não consegue valorizar a obra expiatória de Cristo e incentiva o povo de Deus a retomar caminhos inferiores. Ela ignora o lugar da igreja no plano geral de Deus. Ela requer que o texto ignore a encarnação de Cristo, uma vez que seria uma descrição de um "novo templo messiânico" que ignora a obra de Cristo e a presença literal de Deus, em Cristo, no meio de seu povo. Ela não considera que o Antigo Testamento conduz a Cristo e aos eventos do primeiro século, e não conduz para além desse tempo. Ela pressupõe que Cristo não conseguiu estabelecer o seu reino durante sua primeira vinda e, por isso, teria que retornar à Terra para estabelecer seu reino milenar, e o templo de Ezequiel faria parte desse reino. Jesus, enquanto esteve na Terra, ensinou que o reino estava próximo e que o tempo estava cumprido (Marcos 1:15), afirmando que o reino seria estabelecido antes que alguns de seus ouvintes morressem (Marcos 9:1).

Interpretações literais e milenaristas dos capítulos finais do Livro de Ezequiel tornam-se ainda mais incompatíveis com o cristianismo quando são considerados os sacrifícios de sangue animal. O autor do Livro de Hebreus afirmou que é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados (Hebreus 10:4). Por que haveria um retrocesso a esse sistema fútil? Apenas o sangue de Jesus pode verdadeiramente remir pecados. Esses sacrifícios eram apenas sombras, não a imagem real das coisas (Hebreus 10:1). O mesmo acontece quando se tem em mente o sacerdócio levítico (Ezequiel 44:10–31), uma vez que o Novo Testamento afirma que todo cristão é um sacerdote (1 Pedro 2:5-9; Apocalipse 1:6) e que o sacerdócio de Cristo é superior ao sacerdócio da Antiga Aliança (Hebreus 7:1-28). Há festas do Antigo Testamento no culto do templo de Ezequiel (Ezequiel 45:18-46:15), mas Paulo declarou que festas, luas novas e sábados eram sombras das coisas que haviam de vir (Colossenses 2:16-17; Hebreus 8:5; 10:1). A própria ideia de um templo físico é estranha ao Novo Testamento, o qual mostra da melhor maneira que o Altíssimo não habita em casas feitas por mãos humanas (Atos 7:48): o templo de Deus é a igreja (1 Coríntios 3:16) e os corpos dos cristãos (1 Coríntios 6:19-20). Além disso, a adoração em templo físico fazia parte do sistema antigo, o qual Jesus afirmou que estava prestes a acabar quando conversou com a samaritana (João 4:20-24). Quando se tem em mente a distribuição de terras por tribos (Ezequiel 47:13-48:29), nota-se que é um conceito contrário ao conceito de novos céus e nova terra (2 Pedro 3:13) e à figura da morada eterna dos cristãos (Apocalipse 22:1-5).

Além disso, um cumprimento literal do templo de Ezequiel iria contradizer a verdade de que o sacrifício de Jesus cobre os pecados de todos os seres humanos, em todas as épocas. A reinstituição de sacrifícios de animais significaria que seu sacrifício era inadequado ou insuficiente. Se o sacrifício debaixo da Lei de Moisés não podia perdoar pecados (Hebreus 10:4), por que seria reinstaurado? Mediante uma única oferta, Cristo aperfeiçoou para todos os tempos aqueles que são santificados (Hebreus 10:14). O trabalho sacerdotal e o governo de Jesus são celestiais. De acordo com Zacarias, o Messias é sacerdote no seu trono e reina com perfeita união entre ambos os ofícios de rei e sacerdote (Zacarias 6:13). Hebreus 8:4 afirma que se Cristo estivesse na terra não seria nem mesmo sacerdote. Jesus serve como sacerdote no céu (Hebreus 9:24). Por meio do sacrifício de Jesus, seu sangue tem poder para lavar e limpar (Apocalipse 1:5) aqueles que o obedecem (Hebreus 5:8-9). Essa limpeza vem por meio de ouvir a Jesus (Atos 3:22-23; Romanos 10:14), depositar fé em seu sangue (Romanos 3:25), arrepender-se (Atos 17:30), confessar Jesus (Romanos 10:9-10) e ser batizado para a remissão de pecados e recebimento do dom do Espírito (Atos 2:38; 22:16).

A interpretação simbólica cristã entende o cumprimento dos capítulos finais do Livro de Ezequiel na igreja e no trabalho dos cristãos como sacerdotes de Deus, buscando definir as várias medidas e descrições usando símbolos. Um problema sério dessa interpretação é que faria com que o texto não tivesse nenhuma importância ou relevância para os destinatários originais do Livro de Ezequiel. Além disso, esse tipo de raciocínio para entender o templo de Ezequiel como cumprido na igreja e no trabalho de cristãos nunca foi usado ou citado pelos escritores inspirados do Novo Testamento. Não há aplicação disso para a igreja. Se o texto fosse algum tipo de previsão para a igreja, deveria haver algo mais claro sobre isso na Bíblia. Ainda que se tentasse aplicar as formas, sacerdócio e distribuições de terra dos capítulos finais do Livro de Ezequiel ao cristianismo, não se encaixam logicamente no seu padrão: o intérprete seria obrigado a se esforçar para traçar paralelos sem base sólida e fazer especulações.

A interpretação apocalíptica apresenta os últimos capítulos do Livro de Ezequiel como uma profecia simbólica viva que descreve o retorno dos exilados para a terra prometida. Inclui a ideia de que eles voltariam a valorizar a presença de Deus, a beleza de uma cidade e um templo reconstruídos, e a posse de terra. Essa interpretação possui algumas dificuldades. A principal é que, quando a Bíblia usa linguagem apocalíptica, ela não

apresenta tantos detalhes, como Ezequiel fez. Os muitos detalhes descritos na visão do templo e da cidade não parecem se enquadrar em linguagem apocalíptica, uma vez que é uma linguagem que tipicamente trata somente de generalidades. Na abordagem apocalíptica, os detalhes pareceriam ter pouco ou nenhum significado, o que deixaria muitos versículos sem análise, uma vez que nenhuma aplicação pode ser feita. Isso parece ser um desperdício do espaço.

Apesar dessas dificuldades, a interpretação apocalíptica é a interpretação que melhor se harmoniza com o texto. Ela permite aplicação imediata aos exilados desanimados, os quais eram os destinatários originais do livro. A interpretação apocalíptica dos capítulos finais do Livro de Ezequiel encheria os exilados de esperança, descrevendo o futuro do povo de Deus em uma era por vir em termos que os judeus daqueles dias entenderiam. Ela se encaixa com passagens não apocalípticas anteriores em que Ezequiel descreveu um regresso à terra (como Ezequiel 34:11-19; 36:8-38; 37:1-28). Ela fornece uma ligação lógica com Ezequiel 39:21-29 e se harmoniza com o estilo literário apocalíptico dos capítulos 38 e 39. É bem provável que a interpretação apocalíptica era o ponto de vista dos intérpretes judeus, uma vez que não procuravam uma aplicação ou cumprimento literal desses capítulos. Também, em passagens como Ezequiel 40:2-3; 43:1-5, o profeta estava claramente usando linguagem figurada e simbólica. Além disso, se o templo tivesse que ser construído literalmente no Antigo Testamento, ou se consistisse na visão profética de um milênio, os capítulos finais do Livro de Ezequiel não mencionam o sumo sacerdote, o que seria um lapso imperdoável para qualquer interpretação literalista. Outra questão é que estrangeiros e incircuncisos de carne seriam excluídos (Ezequiel 44:7-9). Se isso fosse literal e para o futuro, simplesmente teríamos que rejeitar tudo que o Novo Testamento ensina sobre a abrangência universal do evangelho, expressa em textos como Romanos 1:16 e Gálatas 3:28. Por fim, os capítulos finais do Livro de Ezequiel, se forem entendidos literalmente, apresentarão contradições às leis dadas por Moisés em questões de dimensões, deveres e distribuição da terra.

Portanto, a abordagem mais correta dos capítulos 40 a 48 do Livro de Ezequiel é a aplicação da linguagem simbólica e apocalíptica. A presença de Deus no meio do povo traz bênçãos que foram demonstradas na visão: os líderes são pessoas espirituais que guiam o povo em seu serviço. Deus habita entre seu povo. Fazendo uso das características da terra e da lei que eram conhecidas pelos judeus, o Senhor demonstrou, por meio da visão de Ezequiel, como seria a comunhão com ele.

Essa profecia de Ezequiel foi proferida aproximadamente em abril de 573 a.C. O monte muito alto não descreve nenhum monte próximo a Jerusalém, pois é espiritual. Não é literal. É um monte que representa o lugar onde Deus mostrou a Ezequiel o templo simbólico.

Deus se importava com o seu povo e quis encorajá-lo, plantando em seus corações sonhos de um futuro melhor. Os capítulos 40-48 do Livro de Ezequiel não precisam ser literais para isso. A descrição da cidade santa em Apocalipse 21:9-27 também não é literal, mas comunica a visão de uma morada gloriosa no futuro. A descrição que Ezequiel fez do templo, registrando os detalhes de sua visão usando linguagem apocalíptica, ofereceu aos israelitas a esperança de um futuro melhor.

2.19.30. EZEQUIEL 40:5-16

> Vi uma muralha externa que rodeava todo o templo e, na mão do homem, uma cana de medir, que tinha três metros de comprimento. Ele mediu a largura da muralha e deu três metros; mediu a altura e deu três metros. Então veio ao portão que dava para o leste e subiu pelos seus degraus. Mediu o limiar do portão e deu três metros de largura. Cada câmara lateral tinha três metros de comprimento e três metros de largura. O espaço entre uma e outra câmara era de dois metros e meio. O limiar do portão, junto ao vestíbulo da porta interior, tinha três metros. Também mediu o vestíbulo da porta interior e deu três metros. Então mediu o vestíbulo do portão, que tinha quatro metros, e os seus pilares, que tinham um metro. O vestíbulo do portão está voltado para o templo. O portão do lado leste possuía três câmaras de cada lado, cuja medida era a mesma para cada uma. Também os pilares de cada lado tinham a mesma medida. Em seguida, ele mediu a largura da entrada do portão, que era de cinco metros; a profundidade da entrada era de seis metros e meio. Diante de cada uma das câmaras havia uma mureta, que tinha meio metro de espessura. Cada câmara tinha três metros de cada lado. Então ele mediu o portão desde a extremidade do teto de uma câmara até a da outra, e deu doze metros e meio. As portas das câmaras ficavam uma diante da outra. Mediu a distância até os pilares, e deu trinta metros, e o átrio se estendia até os pilares ao redor da porta. Desde a dianteira do portão da entrada até a dianteira do vestíbulo da porta interior, a distância era de vinte e cinco metros. Havia também janelas com

ripas fixas superpostas para as câmaras e para os pilares, e do mesmo modo, para os vestíbulos. As janelas ficavam ao redor pela parte de dentro, e nos pilares havia palmeiras esculpidas.

Ezequiel passa a descrever com vários detalhes sua visão do templo e da cidade. Isso vai se repetir até o final do livro. O templo e a cidade da visão de Ezequiel são simbólicos, ainda que pareça que uma descrição com muitos detalhes não se enquadre em linguagem apocalíptica. Porém, o objetivo da visão do profeta não foi deixar uma planta de um templo e cidade para serem construídos no futuro. A ideia de medir o templo e a cidade, assim como em Apocalipse 21, tem o objetivo de mostrar a perfeição do padrão da santidade divina, em contraste com a impureza do povo antes de ser redimido.

Nota-se que o muro não visava fornecer proteção, mas a separação do templo de quaisquer objetos impuros que estivessem na parte exterior. As enormes portas, com seis casas de guarda, simbolizam a proteção que o Senhor provê ao seu povo. Ele dá força e refúgio para aqueles que são fiéis a ele.

A passagem de Ezequiel 40:14-15 no texto hebraico é um tanto confusa: ela pode estar se referindo ao tamanho total do vestíbulo, contando todas as medidas (largura e altura), ou pode estar se referindo à altura total dos dormentes das portas. Essa ausência de clareza, diferentemente do que é encontrado no Livro de Êxodo em relação à construção do tabernáculo, mostra que o templo não é literal. A visão descrita em Ezequiel 40-48 contém essas e outras medidas para o templo que não são específicas, além de conter detalhes que seriam impossíveis de construir e de não abordar algumas partes importantes do templo (o que obrigaria os construtores a recorrer à imaginação, caso realmente se tratasse de um templo literal). Esse não é o padrão de Deus quando ele ordenou que algo fosse construído.

A própria ideia de um templo físico é estranha ao Novo Testamento, o qual mostra da melhor maneira que o Altíssimo não habita em casas feitas por mãos humanas (Atos 7:48): o templo de Deus é a igreja (1 Coríntios 3:16) e os corpos dos cristãos (1 Coríntios 6:19-20). Além disso, a adoração em templo físico fazia parte do sistema antigo, o qual Jesus afirmou que estava prestes a acabar quando conversou com a samaritana (João 4:20-24).

Definitivamente, Ezequiel 40-48 relatam a visão de um templo e cidade simbólicos, ainda que tenham sido registrados tantos detalhes. Esses detalhes, para as mentes dos judeus que eram os destinatários originais do Livro de Ezequiel, tinham objetivo de mostrar a perfeição do padrão da santidade divina.

2.19.31. EZEQUIEL 40:17-19

Ele me levou ao átrio exterior, e eis que havia nele câmaras e um pavimento em volta de todo o átrio. Diante deste pavimento havia trinta câmaras. O pavimento ao lado das portas tinha o mesmo comprimento das portas; esse era o pavimento inferior. Então mediu a largura desde a dianteira do portão inferior até a dianteira do átrio interior, e deu cinquenta metros do lado leste e do lado norte.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve o átrio exterior.

Novamente, a ideia de um templo físico é estranha à Nova Aliança em Cristo. Deus não habita em casas feitas por mãos humanas (Atos 7:48). O templo de Deus é a igreja (1 Coríntios 3:16) e os corpos dos cristãos (1 Coríntios 6:19-20). A adoração em templo físico fazia parte do sistema de adoração do Antigo Testamento. Jesus afirmou que esse sistema estava prestes a acabar quando conversou com a samaritana em João 4:20-24.

2.19.32. EZEQUIEL 40:20-27

Quanto ao portão que dava para o norte, no átrio exterior, ele mediu o seu comprimento e a sua largura. As suas câmaras, três de um lado e três do outro, os seus pilares e os seus vestíbulos tinham as mesmas medidas do primeiro portão: vinte e cinco metros de comprimento e doze metros e meio de largura. As suas janelas, os seus vestíbulos e as suas palmeiras esculpidas tinham as mesmas medidas do portão que dava para o leste. Subia-se para esse portão por sete degraus, e o seu vestíbulo estava diante dele. Esse portão do átrio interior estava diante do portão do norte, como no caso do portão do leste. Ele mediu de um portão a outro portão, e deu cinquenta metros. Então ele me levou para o lado sul, e eis que havia ali um portão que dava para o sul. Ele mediu os seus pilares e os seus vestíbulos, que tinham as mesmas dimensões dos outros. Havia também

> janelas ao redor dos seus vestíbulos, como as outras janelas; o comprimento era de vinte e cinco metros, e a largura, de doze metros e meio. Havia uma escada de sete degraus, e o seu vestíbulo estava diante dela; e tinha palmeiras esculpidas nos pilares, tanto de um lado como do outro. O átrio interior também tinha um portão que dava para o sul. Ele mediu de um portão ao outro, na direção do sul, e deu cinquenta metros.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve as portas do norte e do sul.

As portas do norte e do sul tinham as mesmas medidas da porta oriental. Não havia porta no lado oriental, uma vez que o próprio templo ali estava. Sete degraus levavam até a entrada da porta. O número sete é simbólico de perfeição e completude divina e é o número de degraus da escada que levava ao lugar perfeito, o lugar onde Deus estava presente. No texto original, o qual não apresenta medidas traduzidas, também há ênfase para os números três e doze. Três simboliza a plenitude divina (a qual, em última análise, é realizada na divindade: Pai, Filho e Espírito Santo) e doze simboliza a totalidade do povo de Deus e o governo de Deus sobre seu povo (doze tribos de Israel, doze apóstolos de Cristo).

Os pilares eram esculpidos com palmeiras. Palmeiras eram símbolos de beleza (Cântico dos Cânticos 7:7), retidão, prosperidade e fertilidade (Salmo 92:12-14), bem como de salvação e vitória (Apocalipse 7:9). Ramos de palmeiras eram usados na celebração da festa dos tabernáculos. O uso extensivo de palmeiras no templo de Salomão (1 Reis 6:29,32,35) identifica-o com o triunfo e o esplendor do governo do Messias, Jesus Cristo, o qual é maior do que Salomão (Mateus 12:42; Lucas 11:31). Durante a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, palmeiras foram usadas para dar boas-vindas ao Messias (João 12:13; Mateus 21:8).

A Nova Aliança em Cristo não possui um templo físico, uma vez que o templo de Deus é a igreja e os corpos dos cristãos. O sistema antigo de adoração do Antigo Testamento foi cumprido em Cristo e desapareceu para dar lugar à Nova Aliança. O templo de Ezequiel é simbólico.

2.19.33. EZEQUIEL 40:28-37

> Então ele me levou ao átrio interior pelo portão do sul; ele mediu o portão do sul, que tinha as mesmas dimensões dos outros. As suas câmaras, os seus pilares e os seus vestíbulos tinham as mesmas medidas dos outros. Tinham também janelas ao redor dos seus vestíbulos; o comprimento era de vinte e cinco metros, e a largura, de doze metros e meio. Havia vestíbulos ao redor; o comprimento era de vinte e cinco metros, e a largura, de doze metros e meio. O seu vestíbulo dava para o átrio exterior, havia palmeiras esculpidas nos seus pilares, e a sua escada tinha oito degraus. Depois, ele me levou ao átrio interior, para o leste, e mediu o portão, que tinha as mesmas dimensões dos outros portões. Também as suas câmaras, os seus pilares e os seus vestíbulos tinham as mesmas medidas dos outros. Havia também janelas ao redor dos seus vestíbulos; o comprimento era de vinte e cinco metros, e a largura, de doze metros e meio. O seu vestíbulo dava para o átrio exterior, havia palmeiras esculpidas nos seus pilares, de um e de outro lado, e a sua escada tinha oito degraus. Então me levou ao portão do norte e o mediu; tinha as mesmas dimensões dos outros portões. Também as suas câmaras, os seus pilares, os seus vestíbulos e as suas janelas ao redor; o comprimento era de vinte e cinco metros, e a largura, de doze metros e meio. O seu vestíbulo dava para o átrio exterior, havia palmeiras esculpidas nos seus pilares, de um e de outro lado, e a sua escada tinha oito degraus.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve o átrio interior.

A porta do sul, por onde Ezequiel foi levado, e a porta do norte juntas tinham o mesmo tamanho da porta exterior. No entanto, tinham oito degraus, e não sete como a porta oriental. Além disso, os vestíbulos eram invertidos, dessa vez sendo encontrados no lado do átrio exterior. Os degraus adicionais indicavam a elevação do templo propriamente dito em relação às demais áreas do templo. Portanto, o templo seria facilmente visto de todas as direções, incluindo de fora, onde a meia parede facilitava a visão de dentro. Assim, ao aproximar-se do templo, o visitante iria subir cada vez mais, o que simboliza o quanto era alto e elevado o Senhor, assim sendo com o templo simbólico da visão.

Além disso, também havia palmeiras nos pilares internos. Um indivíduo que se aproximasse do complexo do templo veria palmeiras esculpidas e, ao entrar no átrio exterior, passando pelas portas que davam para o átrio interior, veria palmeiras novamente. Cada porta estava exatamente alinhada com a porta exterior correspondente, exibindo a bela simetria do todo o complexo. As medidas e o visual do templo simbolizam a perfeição do padrão da santidade divina.

2.19.34. EZEQUIEL 40:38-43

> Havia uma câmara com a sua entrada junto aos pilares dos vestíbulos onde lavavam os holocaustos. No vestíbulo do portão havia duas mesas de um lado e duas do outro, para nelas se degolar os holocaustos e as ofertas pelo pecado e pela culpa. Do lado de fora, na subida para a entrada do portão do norte havia duas mesas; e, no outro lado do vestíbulo do portão, havia duas mesas. Quatro mesas de um lado, e quatro do outro lado do portão; oito mesas, sobre as quais eram mortos os animais do sacrifício. As quatro mesas para os holocaustos eram de pedras lavradas. Tinham setenta e cinco centímetros de comprimento e de largura, e meio metro de altura. Sobre elas se punham os instrumentos com que matavam os animais para os holocaustos e os sacrifícios. Ganchos, de sete centímetros e meio de comprimento, estavam fixados à parede, em toda a sua extensão. Mas a carne para os sacrifícios estava sobre as mesas.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve mesas para sacrifícios.

Nota-se que havia duas mesas de cada lado, as quais serviam para degolar o holocausto e a oferta pelo pecado e pela culpa. Não está claro exatamente como essas mesas eram posicionadas. Parece que havia um total de doze mesas, oito usadas para abater os animais do sacrifício e quatro mesas menores usadas para apoiar facas e outras ferramentas utilizadas no abate. Se essas mesas estivessem somente na porta do norte, isso canalizaria todos os adoradores para um único local de sacrifício. É importante ter em mente que não haveria espaço suficiente fora, para o povo, nem dentro, para o grupo de sacerdotes, transitar em torno de tantas mesas. Novamente observa-se que não se deve interpretar literalmente esse templo.

Deve-se questionar quais seriam as possíveis relações de sacrifícios de animais com a era do evangelho. Aqueles que defendem que o templo de Ezequiel seria construído literalmente como parte de um reinado de mil anos de Cristo na Terra certamente reconheceram a dificuldade aqui apresentada. Foram propostas inúmeras soluções, mas nenhuma delas é satisfatória. Simplesmente, não há como interpretar que o templo e a cidade da visão de Ezequiel sejam literais sem desrespeitar ou diminuir a obra expiatória de Cristo.

2.19.35. EZEQUIEL 40:44-47

> Fora do portão interior, no átrio de dentro, estavam duas câmaras. Uma ficava ao lado do portão do norte, e dava para o sul; outra ficava ao lado do portão do sul, e dava para o norte. Ele me disse: "Esta câmara que dá para o sul é para os sacerdotes que têm a guarda do templo, e a câmara que dá para o norte é para os sacerdotes que têm a guarda do altar. São eles os filhos de Zadoque, os quais, dentre os filhos de Levi, se aproximam do SENHOR para o servir." Ele mediu o átrio, que tinha cinquenta metros de comprimento e cinquenta de largura — um quadrado. O altar estava diante do templo.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve câmaras para sacerdotes.

Há uma palavra de considerável debate no versículo 44 que não é apresentada em algumas traduções da Bíblia: "cantores" ou "dirigentes de música", o termo hebraico *sharim.* A LXX ou Septuaginta, a tradução do Antigo Testamento hebraico para grego, omitiu esse termo, o qual aparece assim no texto hebraico: "Fora do portão interior, no átrio de dentro, estavam duas câmaras para os cantores [ou dirigentes de música]". De qualquer forma, o Antigo Testamento mostra que cantar era também uma função dos sacerdotes na adoração no templo (1 Crônicas 16:4-6; 23:5; 2 Crônicas 29:25-30). Sacerdotes levíticos, cantando ou não, oficiavam segundo a Lei de Moisés, a qual foi cumprida e revogada quando entrou em vigor a Nova Aliança em Cristo. Esses sacerdotes eram os filhos de

Zadoque (Ezequiel 44:15-16). Zadoque era descendente de Arão e ocupava o sumo sacerdócio durante os dias de Salomão (veja 1 Reis 1:8).

Portanto, novamente, observa-se que o templo descrito na visão de Ezequiel não pode ser literal. Não há razão, nem autorização bíblica, para retornar ao antigo sacerdócio levítico e adoração em um templo físico, uma vez que está em vigor a Nova Aliança em Cristo.

2.19.36. EZEQUIEL 40:48-49

> Então me levou ao vestíbulo do templo. Mediu cada pilar do vestíbulo: dois metros e meio de um lado e dois metros e meio do outro. A largura do portão era de um metro e meio de um lado e um metro e meio do outro. O comprimento do vestíbulo era de dez metros, e a largura, de seis metros. Era por degraus que se subia até lá. Havia colunas junto aos pilares, uma de um lado e outra do outro.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve o vestíbulo para o templo.

Não há razão, nem autorização bíblica, para retornar ao antigo sistema de adoração em um templo físico, uma vez que está em vigor a Nova Aliança em Cristo. O templo de Ezequiel é simbólico.

2.19.37. EZEQUIEL 41:1-4

> Então ele me levou ao templo e mediu os pilares, três metros de largura de um lado e três metros de largura do outro, que era a largura do tabernáculo. A largura da entrada era de cinco metros, e as paredes laterais tinham dois metros e meio, uma de cada lado. Também mediu a profundidade da nave, e deu vinte metros; mediu a largura, e deu dez metros. Entrou na parte interior, mediu o pilar da entrada, e deu um metro; mediu a largura da entrada, e deu três metros. Também mediu o seu comprimento, e deu dez metros; mediu a largura, e deu dez metros, na parte frontal da nave. Então ele me disse: "Este é o Santo dos Santos."

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve o lugar santo e o santo dos santos.

É importante notar que essa passagem não mencione a arca da aliança, os querubins, o propiciatório, ou mesmo algo da Lei de Moisés. A ausência desses elementos intensifica a natureza não literal da visão de Ezequiel.

2.19.38. EZEQUIEL 41:5-12

> Depois ele mediu a parede do templo: três metros de espessura. A largura de cada câmara lateral era de dois metros. Essas câmaras ficavam em toda a volta do templo. As câmaras laterais estavam em três andares, câmara sobre câmara, trinta em cada andar. E havia reentrâncias na parede do templo ao redor, para as câmaras laterais, para que as vigas se apoiassem nelas e não fossem introduzidas na parede do templo. As câmaras laterais aumentavam em largura de andar para andar, correspondendo às reentrâncias do templo de andar em andar ao redor; por isso o templo era mais largo em cima. Assim, se subia do andar inferior para o superior, passando pelo andar do meio. E vi um pavimento elevado ao redor do templo; eram os alicerces das câmaras laterais de três metros de altura. A grossura da parede externa das câmaras laterais era de dois metros e meio. A área aberta entre as câmaras laterais do templo e as outras câmaras tinha dez metros de largura por todo o redor do templo. As entradas das câmaras laterais estavam voltadas para a área aberta: uma entrada para o norte e outra para o sul; a largura da área que sobrava era de dois metros e meio ao redor. O edifício que estava numa área separada, do lado oeste, tinha a largura de trinta e cinco metros. A parede do edifício tinha dois metros e meio de espessura ao redor, e o seu comprimento era de quarenta e cinco metros.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve as câmaras laterais e o edifício do lado oeste.

Não é mencionada a utilidade das câmaras laterais. Provavelmente, seriam utilizadas para armazenamento, não habitação. Elas se situavam nas três laterais do templo – os lados norte, oeste e sul. Um total de trinta dessas câmaras ocupava cada andar, somando ao todo noventa. Talvez esse número seja simbólico: 3 x 10 x 3 = 90. As teorias comuns se concentram no número três, o qual representa a divindade (trindade: Pai, Filho e Espírito Santo), e no número dez, o qual representa completude. Assim, o templo era uma amostra simbólica da completa "casa" de Deus. As explicações desses números são variadas e imaginativas.

2.19.39. EZEQUIEL 41:13-26

> Então ele mediu o templo: cinquenta metros de comprimento. A área separada, o edifício e as suas paredes também tinham cinquenta metros de comprimento. A largura da frente do templo e da área separada, do lado oeste, era de cinquenta metros. Também mediu o comprimento do edifício, que estava na área separada e por detrás do templo, e as suas galerias em cada lado, e deu cinquenta metros. O templo propriamente dito, o Santíssimo, o vestíbulo do átrio, os umbrais, as janelas estreitas e as galerias ao redor dos três, diante do umbral, estavam cobertos de madeira ao redor, e isto desde o chão até as janelas, que estavam cobertas. No espaço em cima da porta, e até o templo de dentro e de fora, e em toda a parede ao redor, por dentro e por fora, havia obras de escultura, a saber, querubins e palmeiras. Entre um querubim e outro querubim havia uma palmeira. Cada querubim tinha dois rostos: um rosto humano olhava para a palmeira de um lado, e um rosto de leão olhava para a palmeira do outro lado. Era assim por todo o templo ao redor. Desde o chão até acima da entrada havia querubins e palmeiras, até mesmo pela parede do templo. Os batentes do templo eram quadrados, e a entrada do Santo dos Santos tinha a mesma aparência. O altar de madeira tinha um metro e meio de altura, e o seu comprimento era de um metro. Os seus cantos, a sua base e os seus lados eram de madeira. O homem me disse: "Esta é a mesa que está diante do SENHOR." Tanto o templo quanto o Santo dos Santos tinham duas portas. Havia duas folhas para as portas, duas folhas dobráveis; duas para cada porta. Nelas, isto é, nas portas do templo, havia querubins e palmeiras, como havia nas paredes. Havia também uma cobertura feita de madeira na frente do vestíbulo por fora. E havia janelas estreitas e palmeiras em ambos os lados do vestíbulo, bem como nas câmaras laterais do templo e na cobertura de madeira.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve as medidas, a mobília e a decoração.

A simetria da estrutura era agradável, porém a ideia geral foi mostrar a perfeição da habitação divina, retratada em bela linguagem apocalíptica. Os querubins de dois rostos eram uma exclusividade, pois eram normalmente retratados com quatro rostos (Ezequiel 1:6-12). Os dois rostos eram de um homem e de um leão (os rostos de boi e de águia dos querubins do capítulo 1 foram omitidos). Em comparação com o templo de Salomão, o qual era revestido de prata e ouro, o templo da visão de Ezequiel era intencionalmente simples. Atrativos de beleza e esplendor exteriores foram propositadamente omitidos, enfatizando a simplicidade da adoração.

A Nova Aliança em Cristo não concede autorização para retornar ao antigo sistema de adoração em um templo físico. O templo de Ezequiel é simbólico.

2.19.40. EZEQUIEL 42:1-14

> Depois disto, o homem me fez sair para o átrio exterior, para o lado norte, e me levou às câmaras que estavam para o lado norte, opostas ao edifício na área separada. Esse edifício do lado norte tinha cinquenta metros de comprimento, e a largura era de vinte e cinco metros. De um lado, dava para a área de dez metros que pertencia ao átrio interior e, de outro lado, dava para o pavimento que pertencia ao átrio exterior. Havia uma galeria frente a outra galeria em três andares. Diante das câmaras havia uma passagem de cinco metros de largura, do lado de dentro, e cinquenta metros de comprimento; e as suas entradas eram para o lado norte. As câmaras superiores eram mais estreitas, porque as galerias tiravam mais espaço destas do que das de baixo e das do meio do edifício. Porque elas eram de três andares e não tinham colunas como as colunas dos átrios; por isso, as câmaras superiores eram mais estreitas do que as de baixo e as do meio. Havia também um muro do lado de fora, diante das câmaras, no caminho do átrio exterior, diante das câmaras; esse muro tinha vinte e cinco metros de comprimento. Pois o comprimento das câmaras, que estavam no átrio exterior, era de vinte e cinco metros; e eis que diante do templo a extensão era de cinquenta metros. Na parte de baixo, do lado leste, ficava a entrada dessas câmaras, para quem entra nelas pelo átrio exterior. Na largura do muro do átrio, do lado sul, diante do edifício na área separada, havia também câmaras e uma passagem na frente delas. Tinham

> a feição das câmaras do lado norte, o mesmo comprimento, a mesma largura, as mesmas saídas, o mesmo arranjo. Como as entradas das câmaras do lado norte, assim eram as entradas das câmaras do lado sul. Havia uma entrada no início da passagem, a saber, a passagem bem diante do muro correspondente, para quem entra pelo lado leste. Então o homem me disse: "As câmaras do norte e as câmaras do sul, que estão diante da área separada, são câmaras santas, em que os sacerdotes, que se aproximam do SENHOR, comerão as coisas santíssimas. Nelas também depositarão as coisas santíssimas, isto é, as ofertas de cereais e as ofertas pelo pecado e pela culpa; porque o lugar é santo. Quando os sacerdotes entrarem, não deverão sair do santuário para o átrio exterior, mas porão ali as vestes com que ministraram, porque elas são santas; usarão outras roupas e assim se aproximarão do lugar destinado ao povo."

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve as câmaras dos sacerdotes no átrio exterior.

A planta exata descrita nessa passagem é difícil de discernir no texto hebraico. Os estudiosos buscam uma melhor compreensão analisando o mesmo texto na Septuaginta ou LXX, a tradução do Antigo Testamento hebraico para a linguagem grega, porém, mesmo assim, não chegaram a um entendimento satisfatório. Obviamente, a razão para isso é que o templo de Ezequiel não era para ser construído. Era uma visão para ser mostrada ao povo exilado de forma a dar esperança e refletir a beleza da santidade divina.

2.19.41. EZEQUIEL 42:15-20

> Quando acabou de medir o templo interior, ele me fez sair pelo portão que dá para o leste e mediu a área ao redor. Mediu o lado leste com a cana de medir, e deu duzentos e cinquenta metros. Mediu o lado norte, e deu duzentos e cinquenta metros. Mediu também o lado sul: duzentos e cinquenta metros. Voltou-se para o lado oeste e mediu; deu duzentos e cinquenta metros. Assim, ele mediu a área pelos quatro lados. Havia um muro ao redor, de duzentos e cinquenta metros de comprimento e duzentos e cinquenta metros de largura, para fazer separação entre o santo e o profano.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve as medidas da área do templo.

O texto hebraico descreve cada lado da área do templo medindo quinhentas canas. Essa medida tem sido tema de muito debate, pois o hebraico usa claramente a palavra "canas", enquanto a Septuaginta apresenta a palavra "côvados". Se a medição for aceita em "canas" ("juncos"), a área do templo teria um tamanho imenso, estendendo- se além das fronteiras de Israel (mais de dez quilômetros de cada lado, com uma área de cerca de cem quilômetros quadrados, seis vezes o tamanho da estrutura medida em côvados). Aceitar a medição em canas apresenta dificuldades óbvias para qualquer interpretação literal. Por outro lado, é quase essencial para a interpretação milenarista que esse texto seja tomado literalmente, apesar das dificuldades. Se a medição for tomada como côvados, a área do templo seria pequena demais para um reino milenar que deveria conter tantas pessoas. Novamente, o templo de Ezequiel não é para ser entendido literalmente.

Se a medição em canas for adotada e entendida figuradamente (como parte de uma visão apocalíptica), o texto demonstra a vastidão do reino de Deus, o que faria sentido com Ezequiel 40:2, sendo a área do templo tão grande quanto uma "cidade". Considerar a medição em côvados, o que resultaria em aproximadamente duzentos e cinquenta metros, é a posição mais popular entre os estudiosos de hoje. Além do fato de a alteração ter sido feita pelos consagrados tradutores que redigiram a Septuaginta, ela condiz com as medições anteriores, a menos que a área do templo seja apenas uma pequena parte de uma grande parede não mencionada anteriormente. O tamanho da área do templo, de acordo com a medida em côvados, seria maior do que toda a cidade da antiga Jerusalém. Isso seria impressionante, considerando o quanto seria maior do que o templo de Salomão. No entanto, ainda seria pequeno demais para a interpretação milenarista.

Portanto, nenhuma tentativa deve ser feita para tomar essa passagem como literal. É uma visão que demonstra a grandeza de Deus e seu cuidado com seu povo. Sua cidade tem um enorme tamanho, capaz de

acolher todos os fiéis. O fato de as dimensões irem além das fronteiras de Israel pode simbolizar como a graça de Deus alcançou pessoas além da nação de Israel, acolhendo os gentios (João 10:16).

2.19.42. EZEQUIEL 43:1-12

> Então o homem me levou ao portão, ao portão que dá para o leste. E eis que, do lado leste, vinha a glória do Deus de Israel. A sua voz era como o som de muitas águas, e a terra resplandeceu por causa da sua glória. O aspecto da visão era como o da visão que eu tive quando vim destruir a cidade e como as visões que tive junto ao rio Quebar. Então caí com o rosto em terra. A glória do SENHOR entrou no templo pelo portão que dá para o leste. O Espírito me levantou e me levou ao átrio interior, e eis que a glória do SENHOR enchia o templo. Enquanto o homem estava em pé ao meu lado, ouvi uma voz que me foi dirigida do interior do templo. O SENHOR me disse: "Filho do homem, este é o lugar do meu trono e o lugar das plantas dos meus pés, onde habitarei no meio dos filhos de Israel para sempre. Nunca mais a casa de Israel contaminará o meu santo nome, nem eles nem os seus reis, com as suas prostituições e com o cadáver dos seus reis, nos seus lugares altos. Quando puseram o seu limiar junto ao meu limiar e os seus batentes junto aos meus batentes, havendo apenas uma parede entre mim e eles, contaminaram o meu santo nome com as abominações que cometeram; por isso, eu os consumi na minha ira. Agora, que eles lancem para longe de mim a sua prostituição e o cadáver dos seus reis, e habitarei no meio deles para sempre. Filho do homem, mostre à casa de Israel este templo, para que eles se envergonhem das suas iniquidades; deixe que tirem as medidas desse modelo perfeito. Se eles se envergonharem de tudo o que fizeram, faça com que conheçam a planta deste templo e o seu arranjo, as suas saídas, as suas entradas, todas as suas formas, todos os seus estatutos, todas as suas disposições e todas as suas leis. Escreva isto na presença deles para que observem todas as suas instituições e todos os seus estatutos e os cumpram. Esta é a lei do templo: no alto do monte, todo o terreno ao redor será santíssimo. Eis que esta é a lei do templo."

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve a glória de Deus retornando ao templo.

Ezequiel viu a glória do Deus de Israel vindo em sua direção. Em Ezequiel 11:23, Deus havia se retirado do templo pela mesma direção pela qual ele estava voltando. Após o templo e o sacerdócio terem sido apresentados como santificados na visão, Deus estava retornando. Portanto, entende-se que Deus não habita no meio de um povo ímpio. Uma vez que o povo esteja santificado, o que foi simbolizado pela visão do templo e da cidade de Ezequiel, Deus pode retornar e permanecer junto ao povo novamente. Isso é muito significativo para o povo exilado que era o destinatário original do Livro de Ezequiel, o qual foi encorajado com a promessa de um futuro melhor. O povo voltaria a ser estabelecido na terra prometida, teria o sistema de adoração reestabelecido e Deus estaria no meio dele novamente, mas não com a construção literal do templo e da cidade da visão de Ezequiel.

É notável que, em Ezequiel 43:10, Deus ordenou que a visão do templo fosse mostrada à casa de Israel a fim de que se envergonhasse de suas iniquidades. Ao ver a perfeição e santidade da visão do templo, o povo teria vergonha de seus erros do passado. Esse foi o objetivo de ser mostrada a visão.

Além disso, nota-se que o modelo do templo de Ezequiel não era para ser construído, mas apenas para ser mostrado, ou descrito. Era diferente com o tabernáculo durante o êxodo do Egito, o qual Deus ordenou que fosse construído. Deus disse a Moisés em Êxodo 25:40: "Tenha o cuidado de fazer tudo segundo o modelo que foi mostrado a você no monte." Note que Moisés deveria fazer, ou construir, o modelo mostrado a ele. Assim também foi com o templo de Salomão. Davi, antes de passar a responsabilidade da construção a seu filho Salomão, deixou claro em 1 Crônicas 22:1-3 que o templo era para ser construído: "Davi disse: 'Aqui se levantará a Casa do SENHOR Deus e o altar do holocausto para Israel.' Davi deu ordem para que fossem reunidos os estrangeiros que estavam na terra de Israel, e encarregou pedreiros que preparassem pedras lavradas para a construção da Casa de Deus." Portanto, o tabernáculo de Moisés e o templo de Salomão tiveram ordens específicas para serem construídos, enquanto o templo de Ezequiel era apenas para ser mostrado, ou descrito. Nenhum judeu nas Escrituras tentou construir o templo, ou sequer chegou a cogitar construí-lo, segundo o modelo visto por Ezequiel. Está claro que o templo de Ezequiel é apenas simbólico.

2.19.43. EZEQUIEL 43:13-17

> São estas as medidas do altar, usando-se o mesmo sistema de medidas utilizado para medir o templo. A calha tem meio metro de fundura e meio metro de largura; e a sua borda, em todo o seu contorno, é de um palmo. E esta é a altura do altar: da calha, no chão, até a parte inferior, um metro, com meio metro de largura. Da parte menor até a parte maior, dois metros, com meio metro de largura. A lareira tem dois metros de altura; da lareira para cima se projetam quatro chifres. A lareira tem seis metros de comprimento e seis metros de largura, um quadrado com quatro lados iguais. A parte do meio tem sete metros de comprimento e sete metros de largura, com quatro lados iguais; a borda ao redor dela é de vinte e cinco centímetros. A calha ao redor do altar tem meio metro. Os degraus do altar estão voltados para o leste.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve o altar e suas medidas.

O altar era para a realização de sacrifícios. Novamente, se o templo fosse para ser construído de fato, por que seriam necessários sacrifícios de animais? Apenas o sangue de Jesus pode verdadeiramente remir pecados. Sacrifícios de animais eram apenas sombras, não a imagem real das coisas (Hebreus 10:1).

2.19.44. EZEQUIEL 43:18-27

> Então ele me disse: "Filho do homem, assim diz o SENHOR Deus: são estas as determinações do altar, no dia em que o fizerem, para oferecerem sobre ele holocaustos e para sobre ele aspergirem sangue. Aos sacerdotes levitas, que são da descendência de Zadoque, que se aproximam de mim, diz o SENHOR Deus, para me servirem, você dará um novilho para oferta pelo pecado. Você pegará um pouco do sangue e o porá sobre os quatro chifres do altar, e nos quatro cantos da parte do meio, e na borda ao redor. Assim, você fará a purificação do altar e a expiação por ele. Então você pegará o novilho da oferta pelo pecado, o qual será queimado no lugar do templo para isso designado, fora do santuário. No segundo dia, você oferecerá um bode sem defeito como oferta pelo pecado; e purificarão o altar, como o purificaram com o novilho. Quando você tiver acabado de o purificar, ofereça um novilho sem defeito e, do rebanho, um carneiro sem defeito. Ofereça-os diante do SENHOR; os sacerdotes espalharão sal sobre eles e os oferecerão em holocausto ao SENHOR. Durante sete dias, você oferecerá cada dia um bode como oferta pelo pecado; também prepararão um novilho e, do rebanho, um carneiro sem defeito. Durante sete dias, farão expiação pelo altar e o purificarão; e, assim, o consagrarão. Tendo eles cumprido estes dias, no oitavo dia, e dali em diante, os sacerdotes oferecerão sobre o altar os holocaustos e as ofertas pacíficas que vocês trouxerem; e eu me agradarei de vocês, diz o SENHOR Deus."

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve as determinações relativas ao altar.

Observa-se novamente a questão da realização de sacrifícios de animais, o que seria um retrocesso em relação ao sacrifício de Cristo se o templo de Ezequiel tivesse o objetivo de ser construído. O templo da visão do profeta é simbólico.

2.19.45. EZEQUIEL 44:1-3

> Então o homem me fez voltar para o portão exterior do santuário, que dá para o leste e que estava fechado. E o SENHOR me disse: "Este portão permanecerá fechado; não deverá ser aberto. Ninguém entrará por ele, porque o SENHOR, o Deus de Israel, entrou por ele. Por isso, permanecerá fechado. Quanto ao príncipe, ele se assentará ali por ser príncipe, para comer o pão diante do SENHOR. Entrará pelo vestíbulo da porta e sairá pelo mesmo caminho."

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve a porta oriental que permanece fechada.

A Nova Aliança em Cristo não possui um templo físico. O templo de Ezequiel é simbólico.

2.19.46. EZEQUIEL 44:4-9

> Depois, o homem me levou para a frente do templo, passando pelo portão do norte. Olhei, e eis que a glória do SENHOR enchia a Casa do SENHOR; então caí com o rosto em terra. E o SENHOR me disse: "Filho do homem, preste atenção, veja com os próprios olhos e ouça com os próprios ouvidos tudo o que eu lhe disser a respeito de todas as determinações da Casa do SENHOR e de todas as suas leis. Preste atenção na entrada do templo e em todas as saídas do santuário. Diga aos rebeldes, à casa de Israel: 'Assim diz o SENHOR Deus: 'Basta de todas essas suas abominações, ó casa de Israel! Porque vocês levaram estrangeiros, incircuncisos de coração e incircuncisos de carne, para estarem em meu santuário e profaná-lo, a saber, o meu templo, quando oferecem o meu pão, a gordura e o sangue. Vocês quebraram a minha aliança, fazendo todas essas abominações. Vocês não cumpriram as prescrições a respeito das minhas coisas sagradas, mas constituíram estrangeiros para executarem o serviço no meu santuário em lugar de vocês.'' Assim diz o SENHOR Deus: 'Nenhum estrangeiro que se encontra no meio dos filhos de Israel, incircunciso de coração ou incircunciso de carne, entrará no meu santuário.'"

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve a exclusão de estrangeiros do santuário simbólico.

Se esse templo fosse literal, as regras de exclusão de estrangeiros do santuário deveriam ser respeitadas. No entanto, isso era uma ordenança da Antiga Aliança. A Nova Aliança em Cristo é para todos, sem exceção. Assim, observa-se novamente que o templo de Ezequiel não tinha o objetivo de ser construído na era messiânica.

2.19.47. EZEQUIEL 44:10-14

> Os levitas, porém, que se afastaram de mim quando Israel se desviou, que se desviaram de mim, para ir atrás dos seus ídolos, levarão sobre si a sua iniquidade. Contudo, eles poderão servir no meu santuário como guardas dos portões e ministros do templo. Eles matarão os animais do holocausto e do sacrifício para o povo e estarão diante do povo para o servir. Mas, porque serviram o povo na presença dos seus ídolos e puseram diante da casa de Israel um tropeço que os levou a cair em iniquidade, por isso, jurei a respeito deles, diz o SENHOR Deus, que eles levarão sobre si a sua iniquidade. Não se aproximarão de mim, para me servirem no sacerdócio, nem se aproximarão de nenhuma de todas as minhas coisas sagradas, que são santíssimas, mas levarão sobre si a sua vergonha e as suas abominações que cometeram. Contudo, eu os encarregarei da guarda do templo, de todo o serviço e de tudo o que tiver de ser feito nele.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve os levitas e suas tarefas manuais.

Novamente, observa-se levitas servindo em um santuário físico e sacrifícios de animais, o que seria um retrocesso em relação ao evangelho de Cristo. Se o templo de Ezequiel tivesse o objetivo de ser construído, seria uma contradição à Nova Aliança. O templo da visão do profeta é simbólico.

2.19.48. EZEQUIEL 44:15-27

> Mas os sacerdotes levitas, os filhos de Zadoque, que cumpriram as prescrições do meu santuário, quando os filhos de Israel se desviaram de mim, eles se aproximarão de mim, para me servirem, e estarão diante de mim, para me oferecerem a gordura e o sangue, diz o SENHOR Deus. Eles entrarão no meu santuário, e se aproximarão da minha mesa, para me servirem, e cumprirão as minhas prescrições. Quando entrarem pelos portões do átrio interior, usarão vestes de linho. Não deverão usar nada feito de lã, quando servirem nos portões do átrio interior ou dentro do templo. Deverão usar turbantes de linho na cabeça e calções de linho sobre as coxas. Não deverão usar nada que os leve a suar. Quando saírem para o átrio exterior, para junto do povo, deverão tirar as vestes com que ministraram, deixando-as nas santas câmaras. Deverão usar outras roupas, para que, com as suas vestes, não santifiquem o povo. Não raparão a cabeça, nem deixarão o cabelo ficar comprido; pelo contrário, devem cortá-lo como convém. Nenhum sacerdote beberá vinho quando entrar

> no átrio interior. O sacerdote não se casará nem com viúva nem com mulher divorciada, mas somente com uma virgem da linhagem da casa de Israel ou com a viúva de um sacerdote. Os sacerdotes ensinarão o meu povo a distinguir entre o santo e o profano e lhe darão entendimento quanto à diferença entre o impuro e o puro. Quando houver litígio, eles atuarão como juízes, decidindo a questão segundo o meu direito. Guardarão as minhas leis e os meus estatutos em todas as festas fixas e santificarão os meus sábados. Não se aproximarão de nenhuma pessoa morta, porque se contaminariam. Apenas se o morto for o pai, a mãe, um filho, uma filha, um irmão, ou uma irmã que não tiver marido, poderão se contaminar. Depois que ele se purificar de novo, deverá esperar sete dias. No dia em que ele entrar no lugar santo, no átrio interior, para ministrar no lugar santo, apresentará a sua oferta pelo pecado, diz o SENHOR Deus.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve os filhos de Zadoque escolhidos para servir como sacerdotes.

Os regulamentos do templo de Ezequiel mostram que um sacerdote poderia se casar, mas deveria escolher ou uma virgem da casa de Israel ou uma viúva de um sacerdote. Entre as mulheres inelegíveis para o casamento estavam as estrangeiras, viúvas que não tinham sido casadas com sacerdotes, mulheres divorciadas e não virgens. Até mesmo a esposa de um sacerdote poderia contaminar o ofício sagrado do marido diante de Deus. Os regulamentos do templo de Ezequiel seriam mais rigorosos do que as prescrições da própria Lei de Moisés, a qual apenas proibia o sacerdote de se casar com uma viúva (Levítico 21:7; Neemias 10:30; 13:23-30). Isso demonstra a natureza simbólica do templo de Ezequiel.

Tendo em vista que há preceitos da Lei de Moisés (sacerdócio levítico, vestimentas para o sacerdócio, contaminação cerimonial, guarda de festas, guarda do sábado) a serem cumpridos no templo de Ezequiel, se esse templo tivesse o objetivo de ser construído, seria uma contradição à Nova Aliança. O templo de Ezequiel é simbólico.

2.19.49. EZEQUIEL 44:28-31

> Os sacerdotes terão uma herança; eu sou a sua herança. Vocês não lhes darão nenhuma propriedade em Israel; eu sou a sua propriedade. As ofertas de cereais, as ofertas pelo pecado e as ofertas pela culpa eles comerão; e toda coisa consagrada em Israel será deles. O melhor de todos os primeiros frutos de toda espécie e toda oferta de toda espécie serão dos sacerdotes. Também a primeira parte do cereal moído vocês darão aos sacerdotes, para que façam repousar a bênção sobre a casa de vocês. Os sacerdotes não comerão nenhum pássaro ou animal que tenha morrido por si mesmo ou que tenha sido dilacerado por outro animal.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve a herança da terra para os sacerdotes

Novamente são encontrados no templo de Ezequiel preceitos da Lei de Moisés (distribuição da terra física para sacerdotes, regras alimentares). Se esse templo tivesse o objetivo de ser construído, seria uma contradição à Nova Aliança. Trata-se de um templo simbólico.

2.19.50. EZEQUIEL 45:1-8

> Quando vocês repartirem a terra como herança, façam uma oferta ao SENHOR, uma porção santa da terra. O comprimento dessa porção será de doze quilômetros e meio, e a largura será de cinco quilômetros; ela será santa em toda a sua extensão. Dessa porção, o santuário será uma área quadrada de duzentos e cinquenta metros por duzentos e cinquenta, tendo ao redor uma área aberta de vinte e cinco metros de largura. Dessa porção santa, separe uma área de doze quilômetros e meio de comprimento por cinco quilômetros de largura; ali estará o santuário, o lugar santíssimo. Este será o lugar santo da terra, destinado aos sacerdotes, ministros do santuário, que dele se aproximam para servir o SENHOR, e lhes servirá de lugar para as suas casas; será também um lugar santo para o santuário. Os levitas, ministros do templo, terão uma propriedade de doze quilômetros e meio de comprimento por cinco de largura, onde poderão morar em suas cidades. Separem uma área de dois quilômetros e meio de largura por doze quilômetros e meio de comprimento ao lado da porção santa, para ser propriedade da cidade; ela pertencerá a toda a casa de Israel. O príncipe terá a sua parte

> dos dois lados da porção santa e da propriedade da cidade, diante da porção santa e diante da propriedade da cidade. Do lado oeste se estenderá na direção do oeste, e do lado leste se estenderá na direção do leste. O comprimento corresponderá a uma das porções das tribos, desde a fronteira oeste até a fronteira leste. Esta terra será a propriedade do príncipe em Israel. Os meus príncipes nunca mais oprimirão o meu povo; pelo contrário, distribuirão a terra à casa de Israel, segundo as suas tribos.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve a terra distribuída como uma porção santa.

O tamanho da porção santa (a parte central), no texto hebraico, seria de vinte e cinco mil por vinte mil, sendo que a palavra "côvados", considerada por muitas traduções e depois convertida para nosso sistema de unidades, não consta no texto. Como em Ezequiel 42:15-20, não se pode ter certeza sobre a descrição exata da terra ser em côvados ou em canas. Se a porção santa fosse medida em canas, essa área se estenderia para além das fronteiras de Israel em ambos os lados, indo além do rio Jordão ao leste e até o Mar Mediterrâneo a oeste. Se fosse medida em côvados, reduziria a área a uma porção muito menor. Isso é mais um indicativo de que toda a visão é apocalíptica e não literal. A omissão de uma unidade de medida, seja de côvados ou de canas, é incomum. Isso não poderia ser um mero lapso. Ezequiel, por inspiração, omitiu intencionalmente a unidade de medida mais importante, uma vez que a aplicação não deveria ser literal.

Na Nova Aliança não há distribuições de terras físicas nem porções de terra santas. Além disso, a distribuição da terra é diferente da distribuição dada por Moisés e Josué para as tribos de Israel. O templo e a cidade da visão de Ezequiel não são literais.

2.19.51. EZEQUIEL 45:9-12

> Assim diz o SENHOR Deus: "Basta, ó príncipes de Israel! Afastem a violência e a opressão e pratiquem o juízo e a justiça. Deixem de fazer explorações entre o meu povo, diz o SENHOR Deus. Tenham balanças justas, efa justo e bato justo. O efa, para medir cereais, e o bato, para medir líquidos, serão da mesma capacidade, de maneira que o bato contenha a décima parte do ômer, e o efa contenha a décima parte do ômer. O ômer será a medida padrão. O siclo será de vinte geras. Uma mina será igual a vinte siclos, mais vinte e cinco siclos, mais quinze siclos."

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve ordens de Deus para que os príncipes de Israel pratiquem juízo e justiça.

É fato que Deus deseja que todos procedam com medidas justas, sendo esse princípio importante para qualquer fiel. Porém, príncipes governando o povo não são prescrições da Nova Aliança em Cristo. A visão de Ezequiel descreveu um templo simbólico, ainda que cheio de detalhes.

2.19.52. EZEQUIEL 45:13-17

> Esta será a oferta que vocês farão: a sexta parte de um efa de cada ômer de trigo, e a sexta parte de um efa de cada ômer de cevada. A porção determinada de azeite será a décima parte de um bato de cada coro de azeite. Um coro, como o ômer, tem dez batos. De cada rebanho de duzentas cabeças, um cordeiro deverá ser tirado dos pastos ricos de Israel, para oferta de cereais, para holocausto e para sacrifício pacífico, para que façam expiação pelo povo, diz o SENHOR Deus. Todo o povo da terra fará contribuição, para esta oferta, ao príncipe em Israel. Estarão a cargo do príncipe os holocaustos, as ofertas de cereais e as libações, nas Festas da Lua Nova e nos sábados, em todas as festas fixas da casa de Israel. Ele mesmo proverá a oferta pelo pecado, a oferta de cereais, o holocausto e os sacrifícios pacíficos, para fazer expiação pela casa de Israel.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve as obrigações do povo com o príncipe.

O povo foi convocado a fazer uma oferta ao príncipe, a qual, provavelmente, seria relacionada com as festas. Com isso, o príncipe foi incumbido a fornecer as ofertas prescritas em cada festa. Esse mandamento não fazia parte da Lei de Moisés. Cada um foi instruído a dar proporcionalmente, conforme tivesse sido abençoado. Isso é outro indicativo de que o templo de Ezequiel é simbólico.

A Nova Aliança não contempla a guarda de festas judaicas, apenas a guarda da Ceia do Senhor.

2.19.53. EZEQUIEL 45:18-20

> Assim diz o SENHOR Deus: "No primeiro mês, no primeiro dia do mês, você pegará um novilho sem defeito e fará a purificação do santuário. O sacerdote pegará um pouco do sangue e o porá nos batentes do templo, nos quatro cantos da borda do altar e nos batentes do portão do átrio interior. Faça o mesmo no sétimo dia do mês, por causa dos que pecam sem intenção ou por ignorância. Assim, vocês farão expiação pelo templo."

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve regulamentos de oferta pelo pecado.

O primeiro regulamento envolveu o dia de ano novo. Nesse dia, um novilho seria levado para purificar o santuário. Novamente, sacrifícios de animais seriam um retrocesso à Lei de Moisés, algo incompatível com a Nova Aliança em Cristo.

Se o templo fosse literal, seria impossível que os adoradores realizassem os rituais descritos a partir daqui sem instruções mais detalhadas. Portanto, ou presumiriam quais eram esses detalhes adicionais, ou os rituais não importavam porque as instruções não visavam uma aplicação literal. Aparentemente, o novilho era usado em um ato preliminar para purificar o santuário durante o primeiro mês e o sétimo mês, no início de cada festa. Há um regulamento confuso em relação àqueles que pecam por ignorância: um sacrifício adicional seria realizado por eles seis dias depois.

A guarda de festas judaicas e os sacrifícios de animais não são contemplados na Nova Aliança em Cristo, o que demonstra que o templo de Ezequiel deve ser compreendido como simbólico.

2.19.54. EZEQUIEL 45:21-25

> No primeiro mês, no dia catorze do mês, vocês terão a Páscoa, festa de sete dias, em que comerão pães sem fermento. O príncipe, no mesmo dia, por si e por todo o povo da terra, proverá um novilho para oferta pelo pecado. Nos sete dias da festa, ele preparará um holocausto ao SENHOR: sete novilhos e sete carneiros sem defeito, cada dia durante os sete dias; e um bode cada dia como oferta pelo pecado. Também preparará uma oferta de cereais: dezessete litros e meio para cada novilho e para cada carneiro, e três litros e meio de azeite. No dia quinze do sétimo mês e durante os sete dias da festa, fará o mesmo: a mesma oferta pelo pecado, o mesmo holocausto, a mesma oferta e a mesma porção de azeite.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve a Páscoa e a Festa dos Tabernáculos.

As especificações dadas para a Páscoa na visão de Ezequiel diferem consideravelmente da Lei de Moisés (Deuteronômio 16). A Festa das Semanas, surpreendentemente, foi omitida. A visão foi diretamente para a festa celebrada no sétimo mês, a Festa dos Tabernáculos, cujo propósito geral foi modificado: não era comemorar a libertação da escravidão egípcia e as bênçãos divinas, mas tratar do pecado. Essas coisas mostram que o templo e a cidade de Ezequiel são simbólicos. Além disso, a questão de sacrifícios de animais, mais uma vez, apresenta uma incompatibilidade com a Nova Aliança em Cristo.

2.19.55. EZEQUIEL 46:1-8

> Assim diz o SENHOR Deus: "O portão do átrio interior, que dá para o leste, estará fechado durante os seis dias de trabalho, mas será aberto no sábado e também na Festa da Lua Nova. O príncipe entrará de fora pelo vestíbulo do portão e permanecerá junto ao batente do portão. Os sacerdotes prepararão o holocausto dele e os seus sacrifícios pacíficos; ele se prostrará no limiar do portão e sairá. Mas o portão não será fechado até a tarde. O povo da terra adorará na entrada do mesmo portão, nos sábados e nas Festas da Lua Nova, diante do SENHOR. O holocausto que o príncipe oferecer ao SENHOR será, no dia de sábado, seis cordeiros sem defeito e um carneiro sem defeito. A oferta de cereais será de dezessete litros e meio para cada carneiro; para cada cordeiro, a oferta de cereais será o que ele puder dar; e, para cada medida de cereais, três litros e meio de azeite. Mas, na Festa da Lua Nova, será um novilho sem defeito e seis cordeiros e um carneiro; eles serão sem defeito. Preparará por oferta de cereais dezessete litros e meio para cada novilho e dezessete litros e meio para cada carneiro, mas, pelos cordeiros, segundo as suas posses; e, para cada medida de cereais, três litros e meio de azeite. Quando o príncipe entrar, entrará pelo vestíbulo do portão e sairá pelo mesmo caminho."

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve sacrifícios para o sábado e para a Festa de Lua Nova.

Nota-se que os regulamentos dos versículos 3 a 5 envolvem seis cordeiros e um carneiro que deveriam ser oferecidos como sacrifício nos sábados e nas festas das luas novas. Porém, a Lei de Moisés especificava que dois cordeiros deveriam ser oferecidos de manhã e à noite como ofertas queimadas (Números 28:1-10). As ofertas para a Festa da Lua Nova (no início de cada mês) também eram diferentes das ofertas prescritas na Lei de Moisés (Números 28:11-15), uma vez que a lei exigia dois novilhos, sete cordeiros e um carneiro, mas a ordenança no templo de Ezequiel, no verso 6, deveria ser de um novilho, seis cordeiros e um carneiro.

As diferenças das ordenanças do templo de Ezequiel em relação à Lei de Moisés demonstram que esse templo é simbólico. Isso se acentua ainda mais quando se considera que práticas judaicas como a guarda de festas, um templo físico, sacerdócio levítico e sacrifícios de animais não fazem parte da Nova Aliança em Cristo.

2.19.56. EZEQUIEL 46:9-10

> Mas, quando o povo da terra comparecer diante do SENHOR, nas festas fixas, aquele que entrar pelo portão do norte, para adorar, sairá pelo portão do sul; e aquele que entrar pelo portão do sul sairá pelo portão do norte. Não sairá pelo mesmo portão pelo qual entrou, mas sairá pelo portão oposto. O príncipe estará no meio deles, quando eles entrarem; quando eles saírem, ele sairá.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve o controle da multidão no templo.

Na Nova Aliança em Cristo, os fiéis não se dirigem a um templo físico para partilhar de festas e sacrifícios. O templo de Ezequiel é simbólico.

2.19.57. EZEQUIEL 46:11-15

> Nas solenidades e nas festas fixas, a oferta de cereais será de dezessete litros e meio para cada novilho e dezessete litros e meio para cada carneiro; mas, pelos cordeiros, será o que puder dar; e, para cada medida de cereais, três litros e meio de azeite. Quando o príncipe quiser oferecer um holocausto ou sacrifícios pacíficos, como oferta voluntária ao SENHOR, então lhe abrirão o portão que dá para o leste, e ele oferecerá o seu holocausto e os seus sacrifícios pacíficos, como costuma fazer no dia de sábado. Ele sairá, e o portão será fechado depois que ele sair. Prepare um cordeiro de um ano, sem defeito, em holocausto ao SENHOR, cada dia. Esta oferta deverá ser feita todas as manhãs. Juntamente com ele, prepare todas as manhãs uma oferta de cereais para o SENHOR: três litros de farinha e, para misturar com ela, um litro de azeite. Isto é estatuto perpétuo e contínuo. Assim prepararão o cordeiro, a oferta de cereais e o azeite todas as manhãs, em holocausto contínuo.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve mais regulamentos do templo.

O fato de o príncipe oferecer sacrifícios cada dia é estranho, uma vez que a Lei de Moisés não exigia isso. O príncipe também recebeu ordens para fazer uma oferta voluntária. Além de todas as ofertas ordenadas, o príncipe desejaria oferecer sacrifícios voluntários não exigidos pela Lei de Moisés. Essas coisas mostram que o templo de Ezequiel é simbólico. Além disso, na Nova Aliança em Cristo, os fiéis não participam de festas judaicas e não realizam sacrifícios de animais.

2.19.58. EZEQUIEL 46:16-18

> Assim diz o SENHOR Deus: "Se o príncipe der um presente de sua herança a um dos seus filhos, ele pertencerá aos filhos; será propriedade deles por herança. Mas, se ele der um presente da sua herança a um dos seus servos, isso será dele até o ano da liberdade, quando voltará a ser do príncipe. Porque aos seus filhos, e somente a eles, pertencerá a herança. O príncipe não tomará nada da herança do povo, expulsando-os das suas propriedades. Da sua própria propriedade deixará herança aos seus filhos, para que o meu povo não seja espalhado, cada um para longe da sua propriedade."

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve doação de terra.

Na Nova Aliança em Cristo, os fiéis não recebem herança física de terra e não são ligados a porções de terra física. O templo e a cidade do Livro de Ezequiel são simbólicos.

2.19.59. EZEQUIEL 46:19-24

> Depois disto, o homem me levou, pela entrada que estava ao lado do portão, para as câmaras santas dos sacerdotes, as quais davam para o norte; e eis que havia um lugar nos fundos, para o lado oeste. Ele me disse: "Este é o lugar onde os sacerdotes cozinharão a oferta pela culpa e a oferta pelo pecado e onde assarão as ofertas de cereais, para que não tragam nada para o átrio exterior e assim santifiquem o povo." Então ele me levou para fora, para o átrio exterior, e me fez passar pelos quatro cantos do átrio; e eis que em cada canto do átrio havia outro átrio. Nos quatro cantos do átrio havia átrios pequenos, menores, de vinte metros de comprimento por quinze de largura. Os quatro tinham as mesmas dimensões. Havia um muro ao redor dos átrios, ao redor dos quatro, e havia lugares para cozinhar ao pé dos muros ao redor. Então ele me disse: "São estas as cozinhas, onde os ministros do templo cozinharão os sacrifícios do povo."

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve como eram cozinhadas as refeições sacrificiais.

Novamente, sacrifícios de animais, sacerdócio levítico, templos físicos e ministros de templo físico não pertencem à Nova Aliança em Cristo. Não é possível sustentar que o templo de Ezequiel tenha o objetivo de ser construído sem ao menos minimizar a obra expiadora de Cristo e o cumprimento e remoção da Lei de Moisés por causa de sua morte e ressurreição.

2.19.60. EZEQUIEL 47:1-12

> Depois disto, o homem me fez voltar à entrada do templo, e eis que água saía de debaixo do limiar do templo e corria na direção do leste. Porque a fachada do templo dava para o leste. A água vinha de debaixo do lado direito do templo, do lado sul do altar. Ele me fez sair pelo portão do norte, para dar uma volta por fora, até o portão exterior, que dá para o leste; e eis que a água borbulhava do lado direito. O homem saiu para o leste, tendo na mão um cordel de medir. Mediu quinhentos metros e me fez passar pela água, que me dava pelos tornozelos. Mediu mais quinhentos metros e me fez passar pela água, que me dava pelos joelhos. Mediu mais quinhentos metros e me fez passar pela água, que agora me dava pela cintura. Mediu ainda outros quinhentos

> metros, e era já um rio que eu não podia atravessar, porque as águas tinham crescido. Eram águas em que se podia nadar, um rio pelo qual não se podia passar andando. Então ele me perguntou: "Você viu isso, filho do homem?" Então o homem me levou de volta à margem do rio. Quando cheguei lá, eis que à margem do rio havia grande abundância de árvores, dos dois lados do rio. Então me disse: "Estas águas correm para a região leste, descem ao vale do Jordão e entram no mar, cujas águas ficarão saudáveis. Todos os seres vivos que povoam os lugares por onde este rio passar terão vida. E haverá muitíssimo peixe, porque essas águas chegaram lá. As águas do mar Morto se tornarão saudáveis, e tudo viverá por onde quer que esse rio passar. Junto a ele se acharão pescadores. Desde En-Gedi até En-Eglaim haverá lugar para estender e secar as redes. Os peixes serão de muitas espécies, como os peixes do mar Grande. Mas os seus charcos e os seus pântanos não se tornarão saudáveis; serão deixados para o sal. Nas duas margens do rio nascerá todo tipo de árvore frutífera. As folhas dessas árvores não murcharão, e elas nunca deixarão de dar o seu fruto. Produzirão frutos novos todos os meses, porque são regadas pelas águas que saem do santuário. Os seus frutos servirão de alimento, e as suas folhas, de remédio."

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve o rio da água da vida que flui do templo.

Observa-se uma descrição ainda mais evidentemente simbólica. Ezequiel viu como Deus proveria abundantes bênçãos para o seu povo, as quais foram representadas por um rio que flui do templo e que fertilizaria toda a terra, permitindo colheitas abundantes, curas milagrosas e transformando o Mar Morto em um refúgio de água doce. É interessante comparar essa passagem com outras passagens apocalípticas. Zacarias 14:8 descreve dois rios que fluem tanto para o oriente como para o ocidente. Joel falou de um rio que regaria o vale de Sitim (Joel 3:18), localizado a leste do Rio Jordão. É notável a similaridade do rio que sai do templo de Ezequiel com o rio de água da vida que João viu sair do trono de Deus na Nova Jerusalém em Apocalipse 22:1-2. Essas imagens sobre rios não devem ser interpretadas literalmente. Cada profeta aplicou as imagens de maneira única, mas todos enfatizaram um ponto fundamental: Deus provê bênçãos para todos.

O homem que guiava Ezequiel na visão levou o profeta a percorrer a beira do rio, medindo-o à medida que avançavam. A cada mil côvados (a medida no texto hebraico) o rio se tornava mais profundo. A profundidade inicial chegou aos tornozelos, depois aos joelhos e, então, aos lombos. Finalmente, o rio tornou-se profundo demais para ser atravessado a pé, mas parecia bom lugar para nadar. Essa descrição certamente é simbólica. Ezequiel permaneceu na água por algum tempo, provavelmente nadando, e, por fim, voltou à margem do rio. Para sua surpresa, o rio havia regado a terra que estava estéril há pouco tempo, chegando a ponto de fazer essa terra produzir grande abundância de árvores em ambos os lados do rio. O homem explicou que o curso do rio iria até o Mar Morto, transformando suas águas em águas saudáveis.

O rio daria vida a todas as criaturas que entrassem em contato com as suas águas. Pescadores se beneficiariam da pesca nas águas desse rio porque haveria muitíssimo peixe. Como se visasse prover algum equilíbrio ecológico, Deus disse que os charcos e pântanos não seriam transformados pelo rio que fluiria do templo, mas seriam deixados para o sal. O homem, então, retornou ao assunto das árvores às margens do rio. Essas árvores tinham algumas qualidades interessantes, como fornecer todo tipo de fruto como alimento, fornecer folhas que podiam ser usadas como remédio, e jamais deixar de prover fruto. Essas árvores tinham essas características porque tiveram contato com a água que sai do santuário. Isso é bastante similar a Apocalipse 22:1-2. Certamente, trata-se de uma passagem simbólica.

2.19.61. EZEQUIEL 47:13-21

> Assim diz o SENHOR Deus: "Estas serão as fronteiras pelas quais vocês repartirão a terra como herança para as doze tribos de Israel. José terá duas partes. Repartam a terra em partes iguais, pois jurei dá-la aos pais de vocês. Assim, esta mesma terra lhes será dada como herança. Este será o limite da terra: do lado norte, desde o mar Grande, pelo caminho de Hetlom, até a entrada de Zedade, Hamate, Berota, Sibraim, que ficam na fronteira entre Damasco e Hamate, até Hazer-Haticom, que está na fronteira de Haurã. Assim, a fronteira será desde o mar até Hazar-Enom, na fronteira de Damasco, ao norte, que é também a fronteira de Hamate. Esta será a fronteira do lado norte. No lado leste, a fronteira será entre Haurã e Damasco; entre Gileade e a terra de Israel, será o Jordão; vocês medirão desde o limite do norte até o mar Morto. Esta será a fronteira do lado leste. No lado sul, a fronteira irá desde Tamar até as águas de Meribá-Cades, e então seguindo o ribeiro do Egito até

> o mar Grande. Esta será a fronteira do lado sul. No lado oeste, a fronteira será o mar Grande, subindo até diante da entrada de Hamate. Esta será a fronteira do lado oeste. Repartam esta terra entre vocês, segundo as tribos de Israel."

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve os limites da terra a ser repartida.

Essa passagem apresenta uma exposição mais ampliada de Ezequiel 37:15-28. Ao contrário das outras divisões da terra no Antigo Testamento, a divisão na visão de Ezequiel provia a cada tribo uma porção igual, exceto pela tribo de Levi, cuja parte seria da porção santa de Deus. Deus declarou que as partes deveriam ser iguais, tanto para um como para outro. Isso aponta para a interpretação simbólica da repartição de terra vista nessa passagem. Além disso, a Nova Aliança em Cristo não contempla divisões de terras físicas para os fiéis, nem contempla uma nação física.

2.19.62. EZEQUIEL 47:22-23

> "Vocês devem reparti-la como herança para vocês e para os estrangeiros que moram no meio de vocês, que gerarem filhos no meio de vocês. Eles deverão ser considerados como naturais entre os filhos de Israel; junto com vocês, eles receberão uma herança no meio das tribos de Israel. Na tribo em que o estrangeiro estiver morando, ali vocês lhe darão a sua herança", diz o SENHOR Deus.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve uma herança para os estrangeiros.

Deus permitiu algo nessa passagem que teria sido uma abominação diante da Lei de Moisés: estrangeiros que viessem a morar com as tribos de Israel receberiam uma herança de terra. Nada foi reservado aos estrangeiros nas divisões anteriores. Na lei do templo de Ezequiel, desde que cumprissem totalmente todas as leis de Deus, os estrangeiros entrariam em herança com os israelitas. Obviamente, isso significa que a passagem é simbólica. É um lembrete do efeito unificador da Nova Aliança, a qual uniu judeus e gentios sob a cruz de Cristo (Efésios 2:12–22).

2.19.63. EZEQUIEL 48:1-7

> São estes os nomes das tribos: desde a parte extrema do norte, via Hetlom, até a entrada de Hamate, até Hazar-Enom, o limite norte de Damasco até junto de Hamate e desde o lado leste até o oeste, Dã terá uma porção. Limitando-se com Dã, desde o lado leste até o lado oeste, Aser terá uma porção. Limitando-se com Aser, desde o lado leste até o lado oeste, Naftali terá uma porção. Limitando-se com Naftali, desde o lado leste até o lado oeste, Manassés terá uma porção. Limitando-se com Manassés, desde o lado leste até o lado oeste, Efraim terá uma porção. Limitando-se com Efraim, desde o lado leste até o lado oeste, Rúben terá uma porção. Limitando-se com Rúben, desde o lado leste até o lado oeste, Judá terá uma porção.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve as sete tribos do norte.

A expressão "desde o lado leste até o lado oeste" demonstra que a geografia da terra foi ignorada. Limites retos deveriam ser traçados, formando sete seções paralelas iguais de norte a sul. Esse tipo de distribuição de terra é diferente da distribuição dada ao povo por meio de Moisés e Josué. Isso demonstra o simbolismo da passagem. Além disso, na Nova Aliança em Cristo, não há mais ligação entre o povo de Deus e porções de terra física.

2.19.64. EZEQUIEL 48:8-22

> Limitando-se com Judá, desde o lado leste até o lado oeste, ficará a região sagrada que vocês devem separar. Terá doze quilômetros e meio de largura e o mesmo comprimento que o das outras porções, desde o lado leste até o lado oeste; o santuário estará no meio dela. A região que vocês devem separar ao SENHOR terá doze

> quilômetros e meio de comprimento e cinco quilômetros de largura. Esta região sagrada será dos sacerdotes. Terá, ao norte, doze quilômetros e meio, a oeste, cinco quilômetros de largura, a leste, cinco quilômetros de largura e ao sul, doze quilômetros e meio de comprimento; o santuário do SENHOR estará no meio dela. Será para os sacerdotes santificados, para os filhos de Zadoque, que cumpriram o seu dever e não se desviaram como fizeram os levitas, quando os filhos de Israel se desviaram. Será uma região especial dentro da região sagrada, um lugar santíssimo, fazendo limites com a porção dos levitas. Os levitas terão uma área de doze quilômetros e meio de comprimento por cinco quilômetros de largura, paralela à porção dos sacerdotes. Seu comprimento total será de doze quilômetros e meio, e a largura será de cinco quilômetros. Não poderão vender nem trocar nenhuma parte dessa área. A melhor parte da terra não pode ser transferida a outros, porque é santa para o SENHOR. A área que restar, de dois quilômetros e meio de largura por doze quilômetros e meio de comprimento será para o uso civil da cidade, para habitação e para arredores; a cidade ficará no meio. Estas serão as suas dimensões: o lado norte, de dois mil duzentos e cinquenta metros, o lado sul, de dois mil duzentos e cinquenta metros, o lado leste, de dois mil duzentos e cinquenta metros, e o lado oeste, de dois mil duzentos e cinquenta metros. Os arredores da cidade serão, ao norte, de cento e vinte e cinco metros, ao sul, de cento e vinte e cinco metros, a leste, de cento e vinte e cinco metros e, a oeste, de cento e vinte e cinco metros. Quanto à área restante, paralela à região sagrada, será de cinco quilômetros para o leste e de cinco quilômetros para o oeste; e o seu produto será para o sustento daqueles que trabalham na cidade. Essa parte será cultivada pelos trabalhadores da cidade, provindos de todas as tribos de Israel. A região sagrada terá doze quilômetros e meio de cada lado, formando um quadrado, e incluirá a propriedade da cidade. O que restar de ambos os lados da região sagrada e da propriedade da cidade será do príncipe. Aquilo que se estende dos doze quilômetros e meio em direção do leste e também dos doze quilômetros e meio em direção do oeste, paralelamente com as porções, será do príncipe; a região sagrada e o santuário do templo estarão no meio. A área que pertence aos levitas e à cidade estará no meio daquilo que pertence ao príncipe. A área entre o território de Judá e o território de Benjamim será do príncipe.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve a tribo central, a porção santa, a extensão da cidade e seus arredores.

A terra que abrangeria a porção santa de Ezequiel 45:1-8 foi explicada novamente, sendo que o versículo 15 fornece uma imagem mais clara da planta da cidade. Em vez de englobar a largura total da distribuição da terra, a cidade se situaria no meio, tendo espaços abertos em cada lado.

Novamente, há a questão sobre o tamanho da porção santa (a parte central), a qual, no texto hebraico, seria de vinte e cinco mil por vinte mil, sem mencionar a unidade de medida. Não se pode ter certeza sobre a descrição exata da terra ser em côvados ou em canas. Se a porção santa fosse medida em canas, essa área se estenderia para além das fronteiras de Israel em ambos os lados, indo além do rio Jordão ao leste e até o Mar Mediterrâneo a oeste. Se fosse medida em côvados, reduziria a área a uma porção muito menor. Isso é mais um indicativo de que toda a visão é apocalíptica e não literal. A omissão de uma unidade de medida, seja de côvados ou de canas, é incomum. Isso não poderia ser um mero lapso. Ezequiel, por inspiração, omitiu intencionalmente a unidade de medida mais importante, uma vez que a aplicação não deveria ser literal.

Na Nova Aliança não há distribuições de terras físicas nem porções de terra santas. Além disso, a distribuição da terra é diferente da distribuição dada por Moisés e Josué para as tribos de Israel. O templo e a cidade da visão de Ezequiel não são literais.

2.19.65. EZEQUIEL 48:23-29

> Quanto ao resto das tribos, desde o lado leste até o lado oeste, Benjamim terá uma porção. Limitando-se com Benjamim, desde o lado leste até o lado oeste, Simeão terá uma porção. Limitando-se com Simeão, desde o lado leste até o lado oeste, Issacar terá uma porção. Limitando-se com Issacar, desde o lado leste até o lado oeste, Zebulom terá uma porção. Limitando-se com Zebulom, desde o lado leste até o lado oeste, Gade terá uma porção. Limitando-se com o território de Gade, ao sul, o limite será desde Tamar até as águas de Meribá-Cades, ao longo do ribeiro do Egito até o mar Grande. Esta é a terra que vocês repartirão como herança para as tribos de Israel, e estas são as suas porções, diz o SENHOR Deus.

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve as cinco tribos do sul.

Benjamim recebeu a porção mais ao norte das tribos do sul, a qual estaria localizada ao sul da cidade. Curiosamente, a tribo de Judá estaria localizada logo ao norte da porção santa (a parte central) e a tribo de Benjamim estaria localizada logo ao sul. Essas seriam as únicas tribos que manteriam a mesma proximidade com a cidade em relação à distribuição de terra real do Antigo Testamento, mas suas localizações seriam invertidas. As demais tribos receberiam terras em localizações diferentes da distribuição original. Nenhuma tribo recebeu uma parcela menor de terra. Isso é simbólico, uma vez que igualdade era uma característica da Nova Aliança, o que foi representado pelo recebimento de um lote igual de terra para cada tribo.

Novamente, esse tipo de distribuição de terra é diferente da distribuição dada ao povo por meio de Moisés e Josué, demonstrando o simbolismo da passagem. A Nova Aliança em Cristo não liga o povo de Deus com porções de terra física.

2.19.66. EZEQUIEL 48:30-35

> São estas as saídas da cidade: do lado norte, que mede dois mil duzentos e cinquenta metros, três portões: o portão de Rúben, o de Judá e o de Levi, sendo que os portões da cidade terão os nomes das tribos de Israel; do lado leste, dois mil duzentos e cinquenta metros e três portões, a saber: o portão de José, o de Benjamim e o de Dã; do lado sul, dois mil duzentos e cinquenta metros e três portões: o portão de Simeão, o de Issacar e o de Zebulom; do lado oeste, dois mil duzentos e cinquenta metros e os seus três portões: o portão de Gade, o de Aser e o de Naftali. O contorno será de nove quilômetros. E o nome da cidade desde aquele dia será: "O SENHOR Está Ali."

Assim como na maioria do texto de Ezequiel 40-48, os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. Nem o templo, nem a cidade, são literais. Não é diferente com essa passagem que descreve o tamanho, as portas e o nome da cidade.

A cidade deveria ter doze portas, cada uma denominada por uma das tribos de Israel. Ao norte, as portas são Rúben, Judá e Levi (o primogênito, a tribo messiânica e a tribo sacerdotal). Ao leste, as portas são José, Benjamim e Dã (uma vez que a tribo de Levi foi incluída nessa lista, José foi usado no lugar de seus filhos Efraim e Manassés, mantendo em doze o total de portas/tribos). Ao sul, as portas são Simeão, Issacar e Zebulom (todas essas tribos receberam terras ao sul). Ao oeste, as portas são Gade, Aser e Naftali (três das tribos das concubinas de Jacó). Nenhum significado especial é evidente na localização dessas portas, nem nas tribos a elas designadas. Essas coisas apontam para o simbolismo da passagem.

São notáveis os paralelos entre a cidade de Ezequiel e a Nova Jerusalém de Apocalipse 21:1. Doze portas com os nomes das doze tribos de Israel, sendo três em cada lado (Ezequiel 48:31-34; Apocalipse 21:12-14). A cidade de João também tinha doze fundações com os nomes dos apóstolos. Ambas as cidades eram quadradas (Ezequiel 48:20; Apocalipse 21:16). Como na visão de Ezequiel, um guia com uma cana ou vara mostrou a cidade a João (Ezequiel 40:3; Apocalipse 21:15). De forma similar a Ezequiel, João descreveu um rio da água da vida fluindo do trono de Deus, sendo que junto às suas águas cresciam árvores que produziam continuamente frutos e folhas curativas (Apocalipse 22:1-2; Ezequiel 47:12). João ouviu uma voz exclamar que a cidade era tabernáculo de Deus com os homens e que Deus habitará com eles (Apocalipse 21:3), o que demonstra que a Nova Jerusalém também poderia ser chamada de "O SENHOR está ali", como em Ezequiel 48:35. Esses paralelos demonstram o simbolismo da cidade de Ezequiel tanto quanto o final do Livro de Apocalipse.

No entanto, afirmar que João estava descrevendo a mesma cidade de Ezequiel seria infundado. O pecado ainda existia na cidade de Ezequiel, mas não na cidade vista por João (Apocalipse 22:3). Ezequiel enfatizou o templo, enquanto João não mencionou nenhum templo (Apocalipse 21:22). João descreveu os novos céus e nova terra, sendo que a Nova Jerusalém fazia parte deles. Ezequiel estava falando com um povo oprimido, retirado violentamente da terra que amava, separado da cidade que amava. Os exilados estavam sem esperança. Todavia, o Deus amoroso enviou seu profeta para transmitir sua visão para o povo, sendo que cada parede e porta do templo

simbólico restaurava mais e mais a esperança. A boa notícia foi finalmente concluída quando a cidade foi chamada de "O SENHOR Está Ali". Esse lindo nome finaliza as mensagens de Ezequiel. O Senhor que se retirou por causa da maldade excessiva do seu povo finalmente retornou. Sua cidade não poderia ter um nome mais adequado do que um nome que expressasse a habitação permanente do Senhor ali. O Senhor habita entre os redimidos (Jeremias 3:17; Zacarias 8:3; Isaías 1:26; 62:2).

A única fonte da vida é Deus. A água que sai do templo simbólico de Deus aumenta para sustentar a vida que está no caminho, isto é, todos aqueles que estão no caminho de Deus recebem a verdadeira vida. Aquilo que está longe do rio de Deus, por outro lado, não é visto como saudável. O rio que tem origem no templo de Deus simboliza a vida oferecida a todos por meio da comunhão com Deus.

2.19.67. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE EZEQUIEL

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Ezequiel, as informações são:

- Ezequiel 7:2: Deus continuamente realiza julgamentos locais contra as nações em toda a história da humanidade. Chegou o dia do julgamento contra Israel, isto é, a destruição de toda a sua terra por Nabucodonosor da Babilônia;

- Ezequiel 7:19: o "dia da ira do Senhor" não se refere apenas ao fim do mundo, mas pode ser qualquer dia em que Deus traga destruição sobre uma nação, como foi o caso com a nação de Judá. Em um dia de julgamento local como esse, coisas materiais como prata e ouro não ajudam. Ferramentas dos juízos de Deus, tais como a fome, podem ser aplicados;

- Ezequiel 11:17-21: haveria uma restauração de um remanescente mais fiel depois do exílio na Babilônia. Quanto, porém, aos idólatras e aqueles que permanecem fazendo coisas abomináveis a Deus, seriam castigados pelos seus pecados. De fato, a nação dos judeus, após o exílio, teve muito menos problemas com idolatria do que anteriormente, e foi mais fiel. É comum nas profecias sobre a volta do cativeiro que sejam encontradas misturas de ideias sobre o retorno literal à terra prometida com vislumbres do reino messiânico e espiritual do Novo Testamento, tais como o recebimento de um novo espírito e coração para que o povo se dedique a Deus. Assim como o povo que retornou do exílio foi mais propenso a ser fiel, a Nova Aliança em Cristo torna as pessoas fiéis ao Senhor;

- Ezequiel 14:21: a guerra, a fome, animais selvagens e doenças são meios frequentemente utilizados por Deus em seus julgamentos locais;

- Ezequiel 16:53-55: tanto judeus, representados por Jerusalém, quanto gentios considerados grandes pecadores, representados por Samaria e Sodoma, podem ser igualmente restaurados a Deus pelo evangelho de Jesus Cristo;

- Ezequiel 16:60: Deus aludiu à sua intenção de instituir a Nova Aliança, a qual veio por meio do evangelho de Jesus Cristo. Essa é a aliança final com a humanidade, tanto para judeus quanto para gentios;

- Ezequiel 18:4 e Ezequiel 18:20: a pessoa que pecar e permanecer com pecado não justificado morrerá, isto é, será separada de Deus;

- Ezequiel 20:40-42: o povo que foi exilado na Babilônia retornaria à terra prometida de forma a ser um remanescente mais fiel;

- Ezequiel 26:19-21: a cidade de Tiro estava se regozijando na calamidade de Judá, mas sofreria juízo de Deus e cairia no passado, sendo esquecida, contada com os mortos. Após isso acontecer, Deus criaria coisas gloriosas no mundo dos vivos, o que, provavelmente, se refere à vinda do Messias e o estabelecimento da Igreja. A cidade de Tiro sofreria juízo de Deus, o qual foi retratado como a cidade indo de cima para baixo, até a região dos mortos. A expressão "deixará de existir" não significa que os ímpios de Tiro seriam eliminados da existência, mas que a cidade não mais seria encontrada no mundo

dos vivos. O *sheol* foi retratado como uma cova nas partes mais baixas da terram onde se situa o "povo antigo", isto é, aqueles que morreram há muito tempo. O abismo foi associado às muitas águas e, também, às profundezas;

- Ezequiel 28:12-19: a profecia de Ezequiel sobre o rei de Tiro usa linguagem simbólica que fala de um querubim, mas o assunto da profecia é o próprio rei de Tiro. Ele agia como filho do Diabo (João 8:44), mas a profecia não aponta para uma história da origem e queda de Satanás. O que o texto realmente diz é que o rei de Tiro se exaltou como se fosse Deus, achando-se invencível e mostrando o seu orgulho ao se gabar por presumir que foi o responsável pela prosperidade de seu reino. Porém, Deus o humilharia. Com um tom de ironia, Deus disse que tal rei se achava mais sábio que Daniel. A questão é que o rei de Tiro havia rejeitado o favor divino por causa de sua maldade, sendo sua atitude equivalente a como se tivesse abandonado a beleza do Éden, ou como se tivesse renunciado uma posição como querubim na presença de Deus. A expressão usada pelo profeta Ezequiel, "deixará de existir", não significa que o rei de Tiro seria eliminado da existência, mas que ele e sua glória não mais seriam encontrados no mundo dos vivos;

- Ezequiel 28:25: Deus afirmou por meio de Ezequiel que um remanescente mais fiel do povo exilado na Babilônia voltaria a habitar em sua terra. Com isso, Deus seria santificado. Isso foi cumprido no retorno do exílio que foi iniciado por meio de Ciro, o Grande, da Pérsia;

- Ezequiel 29:21: o castigo do Egito por meio de Nabucodonosor da Babilônia estava, de alguma forma, ligado a uma prosperidade de Israel. Com a vitória de Nabucodonosor sobre o Egito, o processo do povo exilado voltar do cativeiro babilônico começaria. Também, Ezequiel teria mais facilidade para profetizar ao povo, o qual estava cético em relação às suas profecias. Deus, traz prosperidade para seu povo, e não o Egito;

- Ezequiel 30:3-4: a expressão "dia do Senhor" se refere a um dos julgamentos locais de Deus sobre as nações da Terra. Nesse caso, foram mencionados o Egito e a Etiópia. A expressão "dia de nuvens" simboliza julgamento divino;

- Ezequiel 31:14-18: os gentios poderosos da Terra, entre os quais o faraó do Egito se enquadrou, foram comparados a árvores majestosas enquanto estavam no mundo dos vivos, mas que foram entregues à morte, descendo às profundezas da terra, o mundo dos mortos. O *sheol* é retratado como se situando nas profundezas, próximo ao abismo, o qual possui águas e cadeias, isto é, é entendido como uma espécie de prisão profunda. O *sheol* também é retratado como uma espécie de cova profunda, uma sepultura em que os mortos jazem juntos. Toda a magnificência que se obteve no mundo dos vivos é perdida ao se chegar ao mundo dos mortos;

- Ezequiel 32:18-32: o *sheol* é retratado como uma cova nas profundezas da terra na qual todo o resplendor e beleza obtidos na terra dos viventes são perdidos. Gentios poderosos que morreram há muito tempo foram para o mundo dos mortos. Mesmo que tenham sido gloriosos e poderosos na terra dos viventes, aqueles que morrem sem a justificação do Senhor irão para o mundo dos mortos "carregando sua vergonha", ou seja, além de terem perdido a salvação de Deus, jamais terão o poder e glória que tiveram antes em vida. Provavelmente, o enterro dos corpos dos não justificados é a porta de entrada para o mundo dos mortos. Os corpos permanecem considerados iníquos e serão decompostos, tornando-se pó com a terra, e a parte espiritual desce ao mundo dos mortos para ser recebida pelas sombras dos antigos valentes mortos há mais tempo, os quais são representados como indo ao encontro do rei do Egito e seu exército que tinham acabado de chegar. No mundo dos mortos, o faraó e seu exército, mortos e humilhados, foram objeto de admiração para outros mortos que foram poderosos em vida. O ponto destacado é o contraste entre a glória passada do faraó e seu exército, com sua exaltação e aclamação no mundo enquanto viviam na terra, e sua humilhação após sofrerem o juízo de Deus e morrerem. Os habitantes do mundo dos mortos têm consciência e parecem existir em um estado enfraquecido, como "sombras";

- Ezequiel 33:20: o julgamento de Deus é justo, individual e segundo a conduta de cada um;

- Ezequiel 34:12-13: o "dia de nuvens e densas trevas" é uma descrição de um dos "dias do Senhor" encontrados na Bíblia, um dia de julgamento local contra uma nação. O povo de Judá sofreu um julgamento divino e, apesar de ter ido ao exílio na Babilônia, um remanescente mais fiel retornaria à sua terra e prosperaria com os cuidados de Deus. Esse povo iria aumentar mais para "todos os lugares habitados da terra". Isso olha adiante para a época do Novo Testamento, onde o ministério de Cristo instituiu a Igreja e, de Jerusalém, os cristãos se espalharam para todo o mundo;

- Ezequiel 34:23-24: o povo de Deus foi comparado a ovelhas necessitando de um pastor. Para fazer a separação entre as ovelhas e proteger as boas, ou seja, os fiéis, Deus estabeleceria sobre elas um só pastor, Davi. Ele seria tanto pastor quanto príncipe, ou rei. Essa profecia vislumbra o papel do bom pastor no reino messiânico e aponta para Jesus Cristo. Jesus não era, literalmente, Davi, mas um descendente dele, o qual mostrou as mesmas qualidades de rei e pastor que Davi mostrou. Davi aparece na profecia como um tipo do Messias;

- Ezequiel 34:25-31: o Israel restaurado em sua terra após o exílio teria a chance de ter novamente as bênçãos da comunhão com Deus. O povo foi descrito figuradamente como ovelhas em um rebanho e as bênçãos são mostradas em termos de proteção e sustento físico. Essas bênçãos não descrevem um estado de absoluta proteção, sustento e proeminência de uma nação física de Israel a ser restaurada no futuro. Desde que os judeus retornaram à sua terra, nunca estiveram realmente livres de um domínio gentio, e Jerusalém caiu novamente no ano 70 d.C. diante dos romanos. As bênçãos denotam que o povo fiel que retornaria à terra prometida não voltaria a ter o mesmo escárnio e sofrimento decorrentes do cerco babilônico. O ponto principal dessas bênçãos é a comunhão com Deus, e elas apontam para a plenitude do povo remido de Deus vivendo em comunhão íntima com ele, ou seja, em última análise, o povo de Deus vivendo com ele nos novos céus e nova terra, a Jerusalém celestial. Israel, portanto, prefigura o povo de Deus. A terra prometida prefigura os novos céus e nova terra. As bênçãos atingem seu estado pleno no estado eterno a vir após a segunda vinda de Cristo;

- Ezequiel 36:12-15: Deus daria uma proteção à nação dos judeus que retornaria do exílio babilônico, porém essa proteção não se aplica em termos absolutos para o reino físico de Israel. Historicamente, os judeus continuaram sendo subjugados por nações gentias durante sua história, até a queda de Jerusalém em 70 d.C. diante dos romanos. O ponto da profecia é que, como é comum nas profecias do Antigo Testamento, as bênçãos sobre a proteção e sustento de Israel têm uma aplicação menor no Israel físico e um cumprimento maior na plenitude do povo remido de Deus vivendo em comunhão íntima com ele. Em última análise, o povo de Deus terá as plenas bênçãos ao viver com ele nos novos céus e nova terra, a Jerusalém celestial. Israel e a terra prometida são vislumbrados na profecia como tipos do estado eterno a vir na segunda vinda de Cristo. A nova terra na qual os justificados viverão para sempre com o Senhor, a qual é prefigurada pela terra de Israel, não terá mais seus habitantes sendo afligidos por não justificados, e nem pelos inimigos espirituais (pecado, morte, etc.) representados por esses não justificados;

- Ezequiel 36:26-31: o remanescente que retornaria do cativeiro babilônico à terra de Israel seria menor e mais fiel, mas multiplicaria e prosperaria. Teria um coração mais propenso a seguir a Deus. Esse povo não passaria novamente pela mesma fome e vergonha que passou devido ao juízo de Deus realizado por meio dos babilônios. O povo também teria vergonha de seu passado e estaria mais propenso a seguir a Deus. Como nas diversas profecias do Antigo Testamento sobre a restauração de Israel, há um cumprimento mais imediato no retorno do povo à sua terra e um cumprimento mais pleno no estado de comunhão plena com Deus, o qual é prefigurado com os tipos apresentados na profecia: Israel é um tipo do povo de Deus remido; o exílio na Babilônia é um tipo da vida no mundo afastado de Deus; o retorno do povo à sua terra é um tipo em que os justificados herdam os novos céus e nova terra; o fato de os inimigos não mais poderem atacar o povo é um tipo em que os justificados são totalmente imunes ao pecado e suas consequências; a terra é um tipo dos novos céus e nova terra; as bênçãos materiais são tipos das plenas bênçãos na plenitude do reino de Deus trazido pelo Messias;

- Ezequiel 37:21-28: após o retorno do povo do cativeiro da Babilônia, de fato não houve mais uma distinção entre um reino do norte (Israel) e nem um reino do sul (Judá) como era antes do exílio. De

fato, os judeus retornaram à sua terra e essa distinção não ocorreu mais, havendo apenas o Israel pós-exílico, o qual foi sempre subjugado por uma nação gentia (por exemplo, os romanos). Deus foi o mesmo Deus para todo o povo. O remanescente mais fiel que retornou para a terra foi o povo preparado para receber o Messias, já longe das mesmas idolatrias e abominações do passado. O povo não era perfeito, mas estava mais propenso a seguir a Deus. O "servo Davi" representa o Messias que reinará para sempre, Jesus Cristo, que é da descendência de Davi. O próprio Davi foi um tipo de Cristo – o rei/pastor. Em Cristo, o verdadeiro tabernáculo de Deus é erigido de forma espiritual, primeiramente com a Igreja e, na plenitude do reino de Deus após a segunda vinda de Cristo, nos novos céus e nova terra;

- Ezequiel 38:1-16: Gogue representa apenas uma personificação de um comandante de uma aliança de vários povos ímpios. Não há proveito em tentar identificar cada uma das terras mencionadas, tais como Rôs, Meseque, Tubal, etc. O entendimento correto dos capítulos 38 e 39 de Ezequiel é que se tratam de uma narrativa de uma batalha simbólica, e não uma profecia preditiva. A ideia é que os não justificados podem atacar os fiéis com grandes números e forças gigantescas, mas Deus frustrará seus planos e fará que a situação se reverta. Os não justificados desejam despojar os justificados, mas eles serão despojados. O objetivo dessa batalha simbólica, no contexto, é dar a esperança da proteção de Deus para seus justificados, particularmente o remanescente mais fiel que estava para retornar à terra prometida. Além da proteção, Deus oferece sua comunhão com seu povo, o que é manifestado nos capítulos 40 a 48 com a apresentação de um templo simbólico magnífico. Basicamente, a cena descrita narra que Deus está contra Gogue de Magogue e sua aliança de nações, a qual está equipada e preparada para o combate. Depois de muitos dias, no "fim dos anos", Gogue e sua aliança de nações ímpias atacariam o povo de Deus que retornou do exílio e que se estabeleceu novamente na terra prometida. O "fim dos anos" não se trata de uma predição para o futuro, mas um período em que Israel retornou do exílio da Babilônia e se estabeleceu em paz novamente na sua terra – um tempo que, relativamente à nossa época, já se passou, sendo que tal batalha nunca aconteceu. Portanto, observa-se que, de fato, é uma batalha simbólica. Os exércitos inimigos viriam com grande número e poder para fazer o mal contra o povo pacífico de Deus, a partir dos lados do norte (o norte foi proverbial como a direção na qual os piores inimigos de Israel vieram). Algumas outras nações, as quais não necessariamente participariam do ataque, teriam interesse em tentar obter alguma vantagem da situação. Mas Gogue e seu exército seriam derrotados por Deus e a santidade dele seria reconhecida pelas nações;

- Ezequiel 38:17-23: Gogue e sua aliança de nações representam os inimigos do povo de Deus, os quais participam de uma batalha simbólica contra o povo do Senhor, particularmente o remanescente fiel que estava para voltar à terra prometida. Há muito tempo, os profetas de Deus previram juízos locais contra muitos dos inimigos de Israel, tais como assírios, babilônios, edomitas, amonitas, moabitas, etc. Eles, na narrativa da batalha simbólica de Ezequiel, foram agrupados como sendo as forças de Gogue. Não se trata de uma profecia predizendo alguma batalha literal, mas uma narrativa que demonstra aos justificados que eles terão proteção e cuidado de Deus. A batalha é narrada com Deus descarregando toda sua ira contra as forças de Gogue, as quais são retratadas como estando sobre os montes de Israel, isto é, os inimigos são retratados como estando muito próximos do povo de Deus para atacá-lo. As manifestações de juízo de Deus fazem toda a criação temer a ele, sendo que ocorre um terremoto e muralhas, montes e rochedos caem. A ira de Deus torna-se manifesta com alguns de seus juízos já conhecidos ao longo das Escrituras: os inimigos se ferem com seus próprios ataques, as pestes, chuvas de granizo, fogo e enxofre da parte de Deus. A ideia é que essa batalha simbólica transmite que, quando Deus pune os infiéis e salva os fiéis com juízos terríveis provenientes de seu poder, ele se torna conhecido entre as nações, as quais o reconhecem como grandioso, santo, e como o Senhor que ele é. Deus salva os fiéis e pune os infiéis;

- Ezequiel 39:1-10: Ezequiel retratou uma batalha simbólica na qual os inimigos do povo de Deus, representados por Gogue e sua aliança de nações, são mostrados como sendo incitados por Deus a atacar seu povo que estava para retornar do exílio da Babilônia de volta à terra prometida. As imagens da queda dos não justificados nos montes de Israel, servindo como alimento de aves de rapina e animais selvagens, mostra uma derrota completa e desonrosa, sem direito a sepultamento, no próprio

território de Israel. Os exércitos de Gogue vêm da direção do norte porque essa direção foi por onde a maioria dos ataques contra Jerusalém veio – provavelmente um ponto mais vulnerável. Deus ainda coloca fogo em uma das regiões das forças de Gogue, o local simbólico representado como "Magogue" e as "terras do mar". Não se trata de uma destruição de locais específicos, mas um simbolismo para mostrar a abrangência do juízo de Deus contra os inimigos, não importa onde estejam. A derrota das forças de Gogue é apresentada de forma bastante frustrante, sendo que deixam cair suas armas, perecem em campo aberto, e a quantidade imensa de armas fornece madeira em abundância para o povo pacífico de Deus utilizar por um longo tempo (sete anos – sete significa, em termos simbólicos, um período completo e perfeito, ditado por divino decreto). As forças de Gogue queriam despojar o povo de Deus, mas elas são despojadas. Portanto, o objetivo desse relato de Ezequiel é demonstrar que Deus pode salvar seus justificados das mais terríveis ameaças e, ainda, dar a eles provisões abundantes, mesmo diante de uma situação tão ameaçadora. Aqueles que permanecerem em uma posição de inimizade contra o povo de Deus serão derrotados, não importa o seu poder;

- Ezequiel 39:11-20: na batalha simbólica narrada por Ezequiel, a terra de Israel acabou sendo o lugar onde as forças de Gogue foram sepultadas. As forças de Gogue foram até mesmo comparadas a sacrifícios oferecidos às aves de rapina e animais carniceiros – sacrifícios suculentos e agradáveis. Foi como se Deus estivesse em um banquete com as aves de rapina e os animais carniceiros, oferecendo os exércitos como alimento para eles. Os exércitos foram também comparados a carneiros, cordeiros, bodes e novilhos engordados em Basã, isto é, um banquete e tanto. O poder que os exércitos tinham antes não serviria de nada, a não ser para que fossem mais "apetitosos" aos animais selvagens. Deus separou um local para servir de sepulcro às forças de Gogue. O tal "vale dos Viajantes", o qual passaria a ser chamado "Hamom-Gogue" ("vale das Forças de Gogue", ou "vale da multidão de Gogue", ou "vale do tesouro de Gogue"), é uma localização vaga. Isso porque, obviamente, Ezequiel não tinha em mente um local de sepultamento literal. Trata-se apenas de parte do cenário da narrativa. Pode ser que, no cenário, se situasse ao lado do mar da Galileia, mas a localização não é, de fato, importante. As forças de Gogue morreram e todo o povo sepultava os corpos e limpava a terra, sendo que isso demorou sete meses (sete é um número completo, perfeito, divino). A ação de sepultamento dos ímpios por parte do povo de Deus dá a ele testemunho da justiça de Deus. Enquanto isso, os animais selvagens se serviram com corpos ainda não sepultados, espalhando partes deles e complicando o sepultamento. Homens de Israel percorrem a terra para buscar eventuais restos mortais e sinalizá-los para que outros os sepultem. O vale onde os restos mortais das forças de Gogue foram enterrados foi então chamado comemorativamente de "cidade" – uma "cidade dos mortos" chamada "Hamoná" (que significa "massa de gente" ou "multidão"), a qual é um testemunho de o que acontece com aqueles que desafiaram o Senhor e seus justificados. Assim, o resultado dessa batalha simbólica demonstra que o fim daqueles que permanecerem em uma posição de inimizade contra o povo de Deus é certo e serve de testemunho tanto para fiéis quanto para infiéis;

- Ezequiel 39:21-29: uma das razões para os julgamentos de Deus é que sua glória seja manifestada para as nações. Israel foi infiel com o Senhor, apesar de todos os avisos, e teve como consequência sua conquista pela Babilônia e o cativeiro. Porém, Deus operou isso para o bem, punindo os culpados e preparando um remanescente mais fiel para retornar à terra prometida. Isso também declarou a santidade de Deus. O povo menor e mais fiel, posteriormente, daria origem ao Messias. O remanescente fiel que se reestabeleceu em sua terra, de fato, teve uma maior segurança em relação ao Israel antigo. Isso se deve, em parte, porque o povo sempre esteve sujeito a uma potência mundial, como nos casos do Império Persa, do Império Grego e do Império Romano. Relativamente falando, Israel habitou mais seguro em sua terra. No entanto, isso se cumpriu de uma forma maior na era da Igreja, onde o Messias, Jesus Cristo, uniu Israel e os gentios sob um mesmo povo por meio de sua vitória na cruz. O Espírito de Deus derramado sobre o povo, da mesma forma, teve seu ápice na era da Igreja. No entanto, o povo que se reestabeleceu na terra prometida após o exílio também teve uma maior comunhão com o Espírito do Senhor em relação ao antigo Israel, uma vez que foi mais fiel. A promessa que Deus nunca mais esconderia o rosto do povo não significa que o reino físico de Israel jamais seria assolado por inimigos novamente, e nem denota que seria proeminente na Terra. Como Paulo afirmou, nem todo Israel é Israel (Romanos 9:6-7). Na verdade, fazem parte do verdadeiro Israel todos aqueles que são fiéis a Deus, tanto fiéis que viveram no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento. Eles sempre encontraram e

encontrarão refúgio no Senhor e, em última análise, habitarão seguros na verdadeira terra prometida, os novos céus e nova terra;

- Ezequiel 40:1-4, Ezequiel 40:5-16, Ezequiel 40:17-19, Ezequiel 40:20-27, Ezequiel 40:28-37, Ezequiel 40:38-43, Ezequiel 40:44-47, Ezequiel 40:48-49, Ezequiel 41:1-4, Ezequiel 41:5-12, Ezequiel 41:13-26, Ezequiel 42:1-14, Ezequiel 42:15-20, Ezequiel 43:1-12, Ezequiel 43:13-17, Ezequiel 43:18-27, Ezequiel 44:1-3, Ezequiel 44:4-9, Ezequiel 44:10-14, Ezequiel 44:15-27, Ezequiel 44:28-31, Ezequiel 45:1-8, Ezequiel 45:9-12, Ezequiel 45:13-17, Ezequiel 45:18-20, Ezequiel 45:21-25, Ezequiel 46:1-8, Ezequiel 46:9-10, Ezequiel 46:11-15, Ezequiel 46:16-18, Ezequiel 46:19-24, Ezequiel 47:1-12, Ezequiel 47:13-21, Ezequiel 47:22-23, Ezequiel 48:1-7, Ezequiel 48:8-22, Ezequiel 48:23-29, Ezequiel 48:30-35: os capítulos 40 a 48 do Livro de Ezequiel apresentam uma profecia simbólica viva que descreve o retorno dos exilados para a terra prometida. Inclui a ideia de que eles voltariam a valorizar a presença de Deus, a beleza de uma cidade e um templo reconstruídos, e a posse de terra. Deus se importava com o seu povo e quis encorajá-lo, plantando em seus corações sonhos de um futuro melhor. A descrição que Ezequiel fez do templo, registrando os detalhes de sua visão usando linguagem apocalíptica, ofereceu aos israelitas a esperança de um futuro melhor. Os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. O modelo do templo de Ezequiel não era para ser construído, mas apenas para ser mostrado, ou descrito. Deus ordenou que a visão do templo fosse mostrada à casa de Israel a fim de que se envergonhasse de suas iniquidades. Ao ver a perfeição e santidade da visão do templo, o povo teria vergonha de seus erros do passado. A linguagem empregada pelo profeta tem raízes nas práticas das leis conhecidas pelos judeus para transmitir a ideia da relação especial de comunhão com Deus. A visão da cidade e do templo simbólico fez distinção entre o santo e o profano, enfatizando a necessidade da santidade na comunhão com Deus. Aqueles que habitariam na cidade onde Deus se encontra precisariam manter sua santificação. Para Deus habitar no templo, deveria ser mantida a santidade. O templo e toda a área ao seu redor deveriam refletir a santidade do Senhor. Somente aqueles que fossem purificados e aceitos por Deus teriam acesso ao santuário. Sacerdotes teriam que respeitar a santidade. Até mesmo a divisão do território próximo serviria para manter a separação entre o santo e o profano. A habitação de Deus precisa ser pura. A presença de Deus no meio do povo traz bênçãos que foram demonstradas na visão: os líderes seriam pessoas espirituais que guiam o povo em seu serviço. Deus não habita no meio de um povo ímpio. Uma vez que o povo estivesse santificado, o que foi simbolizado pela visão do templo e da cidade de Ezequiel, Deus poderia retornar e permanecer junto ao povo novamente. Isso é muito significativo para o povo exilado que era o destinatário original do Livro de Ezequiel, o qual foi encorajado com a promessa de ser estabelecido na terra prometida, ter o sistema de adoração reestabelecido e ter Deus no meio dele novamente, mas não com a construção literal do templo e da cidade da visão de Ezequiel. Os exilados estavam sem esperança. Todavia, o Deus amoroso enviou seu profeta para transmitir sua visão para o povo, sendo que cada parede e porta do templo simbólico restaurava mais e mais a esperança. A boa notícia foi finalmente concluída quando a cidade foi chamada de "O SENHOR Está Ali". Esse lindo nome finaliza as mensagens de Ezequiel. O Senhor que se retirou por causa da maldade excessiva do seu povo finalmente retornaria. A única fonte da vida é Deus. A água que sai do templo simbólico de Deus aumenta para sustentar a vida que está no caminho, isto é, todos aqueles que estão no caminho de Deus recebem a verdadeira vida. Aquilo que está longe do rio de Deus, por outro lado, não é visto como saudável. O rio que tem origem no templo de Deus simboliza a vida oferecida a todos por meio da comunhão com Deus.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

A pessoa que pecar e permanecer com pecado não justificado morrerá, isto é, será separada de Deus. O julgamento de Deus é justo, individual e segundo a conduta de cada um.

Deus continuamente realiza julgamentos locais contra as nações em toda a história da humanidade. Assim, um "dia da ira do Senhor" não se refere apenas ao fim do mundo, mas pode ser qualquer dia em que Deus traga destruição sobre uma nação. Um "dia de nuvens e densas trevas" também é uma descrição de um dia de julgamento local contra uma nação. Da mesma forma, a expressão "dia do Senhor" se refere a um dos julgamentos

locais de Deus sobre as nações da Terra. Entre exemplos, o Livro de Ezequiel mencionou "dias do Senhor" contra o Egito e a Etiópia. A expressão "dia de nuvens" também simboliza esse tipo de julgamento divino.

Uma das razões para os julgamentos de Deus é que sua glória seja manifestada para as nações. Em um dia de julgamento local como esses, coisas materiais como prata e ouro não ajudam. Ferramentas dos juízos de Deus, tais como a fome, podem ser aplicados. Na verdade, a guerra, a fome, animais selvagens e doenças são meios frequentemente utilizados por Deus em seus julgamentos locais.

O *sheol*, o mundo dos mortos, foi retratado como uma cova nas partes mais baixas da terra onde se situa o "povo antigo", isto é, aqueles que morreram há muito tempo. O *sheol* foi retratado como se situando próximo ao abismo, o qual foi associado às muitas águas e foi retratado como possuindo cadeias, ou seja, também é como se fosse uma espécie de prisão nas profundezas da terra. O *sheol* foi visto como uma espécie de cova que também funciona como uma prisão e uma sepultura em que os mortos jazem juntos.

No mundo dos mortos, todo o resplendor e beleza obtidos na terra dos viventes são perdidos. Gentios poderosos que morreram há muito tempo foram para o mundo dos mortos. Mesmo que tenham sido gloriosos e poderosos na terra dos viventes, aqueles que morreram sem a justificação do Senhor foram para o mundo dos mortos "carregando sua vergonha", ou seja, além de terem perdido a salvação de Deus, jamais terão o poder e glória que tiveram antes em vida.

Gentios que foram poderosos na Terra, entre os quais o faraó do Egito se enquadrou, foram comparados a árvores majestosas enquanto estavam no mundo dos vivos, mas que foram entregues à morte, descendo às profundezas da terra, o mundo dos mortos.

Provavelmente, o enterro dos corpos dos não justificados é a porta de entrada para o mundo dos mortos. Os corpos permanecem considerados iníquos e serão decompostos, tornando-se pó com a terra, mas a parte espiritual desce ao mundo dos mortos.

No Livro de Ezequiel, as "sombras", os antigos valentes mortos há muito tempo, são representados como indo ao encontro do rei do Egito e seu exército, os quais tinham acabado de chegar. No mundo dos mortos, o faraó e seu exército, mortos e humilhados, foram objeto de admiração para outros mortos que foram poderosos em vida. O ponto destacado foi o contraste entre a glória passada do faraó e seu exército, com sua exaltação e aclamação no mundo enquanto viviam na terra, e sua humilhação após sofrerem o juízo de Deus e morrerem. Assim, os habitantes do mundo dos mortos são descritos como tendo consciência e parecem existir em um estado enfraquecido, como "sombras".

Havia chegado o dia do julgamento contra Israel, isto é, a destruição de toda a sua terra por Nabucodonosor da Babilônia. O povo de Judá sofreu um julgamento divino. Israel foi infiel com o Senhor, apesar de todos os avisos, e teve como consequência sua conquista pela Babilônia e o cativeiro.

A cidade de Tiro estava se regozijando na calamidade de Judá, mas sofreu juízo de Deus, posteriormente caindo no passado e sendo esquecida, contada com os mortos. A expressão usada pelo profeta Ezequiel, "deixará de existir", não significa que os ímpios de Tiro seriam eliminados da existência, mas que a cidade não mais seria encontrada no mundo dos vivos. Depois do juízo contra Tiro, Deus criou coisas gloriosas no mundo dos vivos, o que, provavelmente, se refere à vinda do Messias e o estabelecimento da Igreja. O juízo de Deus contra a cidade de Tiro foi retratado como a cidade indo de cima para baixo, até a região dos mortos.

A profecia de Ezequiel sobre o rei de Tiro usou linguagem simbólica que fala de um querubim, mas o assunto da profecia é o próprio rei de Tiro. Ele agia como filho do Diabo (João 8:44), mas a profecia não aponta para uma história da origem e queda de Satanás. O que o texto realmente disse é que o rei de Tiro se exaltou como se fosse Deus, achando-se invencível e mostrando o seu orgulho ao se gabar por presumir que foi o responsável pela prosperidade de seu reino. Porém, Deus o humilhou. Com um tom de ironia, Deus disse que tal rei se achava mais sábio do que Daniel. A questão é que o rei de Tiro havia rejeitado o favor divino por causa de sua maldade, sendo sua atitude equivalente a como se tivesse abandonado a beleza do Éden, ou como se tivesse renunciado uma posição como querubim na presença de Deus. A expressão usada pelo profeta Ezequiel, "deixará de existir", não

significa que o rei de Tiro seria eliminado da existência, mas que ele e sua glória não mais seriam encontrados no mundo dos vivos.

O castigo do Egito por meio de Nabucodonosor da Babilônia estava, de alguma forma, ligado a uma prosperidade de Israel. Com a vitória de Nabucodonosor sobre o Egito, o processo do povo judeu exilado voltar do cativeiro babilônico começou. Também, Ezequiel teve mais facilidade para profetizar ao povo, o qual estava cético em relação às suas profecias. Deus traz prosperidade para seu povo, e não o Egito.

Apesar dos diversos julgamentos de Deus por toda a Terra, tanto judeus, os quais foram representados por Jerusalém, quanto gentios considerados grandes pecadores, os quais foram representados por Samaria e Sodoma, podem ser igualmente restaurados a Deus, segundo uma das profecias de Ezequiel que aponta para o evangelho de Jesus Cristo.

Deus operou o exílio do povo judeu para o bem, punindo os culpados e preparando um remanescente mais fiel para retornar à terra prometida, o qual de fato retornou e prosperou com os cuidados de Deus. Com isso, Deus foi santificado. Isso foi cumprido no retorno do exílio que foi iniciado por meio de Ciro, o Grande, da Pérsia.

Os capítulos 40 a 48 do Livro de Ezequiel apresentam uma profecia simbólica viva que descreve o retorno dos exilados para a terra prometida. Inclui a ideia de que eles voltariam a valorizar a presença de Deus, a beleza de uma cidade e um templo reconstruídos, e a posse de terra. Deus se importava com o seu povo e quis encorajá-lo, plantando em seus corações sonhos de um futuro melhor. A descrição que Ezequiel fez do templo, registrando os detalhes de sua visão usando linguagem apocalíptica, ofereceu aos israelitas a esperança de um futuro melhor. Os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. O modelo do templo de Ezequiel não era para ser construído, mas apenas para ser mostrado, ou descrito. Deus ordenou que a visão do templo fosse mostrada à casa de Israel a fim de que se envergonhasse de suas iniquidades. Ao ver a perfeição e santidade da visão do templo, o povo teria vergonha de seus erros do passado. A linguagem empregada pelo profeta tem raízes nas práticas das leis conhecidas pelos judeus para transmitir a ideia da relação especial de comunhão com Deus. A visão da cidade e do templo simbólico fez distinção entre o santo e o profano, enfatizando a necessidade da santidade na comunhão com Deus. Aqueles que habitariam na cidade onde Deus se encontra precisariam manter sua santificação. Para Deus habitar no templo, deveria ser mantida a santidade. O templo e toda a área ao seu redor deveriam refletir a santidade do Senhor. Somente aqueles que fossem purificados e aceitos por Deus teriam acesso ao santuário. Sacerdotes teriam que respeitar a santidade. Até mesmo a divisão do território próximo serviria para manter a separação entre o santo e o profano. A habitação de Deus precisa ser pura. A presença de Deus no meio do povo traz bênçãos que foram demonstradas na visão: os líderes seriam pessoas espirituais que guiam o povo em seu serviço. Deus não habita no meio de um povo ímpio. Uma vez que o povo estivesse santificado, o que foi simbolizado pela visão do templo e da cidade de Ezequiel, Deus poderia retornar e permanecer junto ao povo novamente. Isso é muito significativo para o povo exilado que era o destinatário original do Livro de Ezequiel, o qual foi encorajado com a promessa de ser estabelecido na terra prometida, ter o sistema de adoração reestabelecido e ter Deus no meio dele novamente, mas não com a construção literal do templo e da cidade da visão de Ezequiel. Os exilados estavam sem esperança. Todavia, o Deus amoroso enviou seu profeta para transmitir sua visão para o povo, sendo que cada parede e porta do templo simbólico restaurava mais e mais a esperança. A boa notícia foi finalmente concluída quando a cidade foi chamada de "O SENHOR Está Ali". Esse lindo nome finaliza as mensagens de Ezequiel. O Senhor que se retirou por causa da maldade excessiva do seu povo finalmente retornaria. A única fonte da vida é Deus. A água que sai do templo simbólico de Deus aumenta para sustentar a vida que está no caminho, isto é, todos aqueles que estão no caminho de Deus recebem a verdadeira vida. Aquilo que está longe do rio de Deus, por outro lado, não é visto como saudável. O rio que tem origem no templo de Deus simboliza a vida oferecida a todos por meio da comunhão com Deus.

O remanescente que retornou do cativeiro babilônico à terra de Israel foi menor e mais fiel, mas multiplicou e prosperou. Teve um coração mais propenso a seguir a Deus. Esse povo não passou novamente pela mesma fome e vergonha que passou devido ao juízo de Deus realizado por meio dos babilônios. O povo também teve vergonha de seu passado e estava mais propenso a seguir a Deus.

Após o retorno do povo do cativeiro da Babilônia, não houve mais uma distinção entre um reino do norte (Israel) e nem um reino do sul (Judá) como era antes do exílio. Os judeus retornaram à sua terra e havia apenas o

Israel pós-exílico, o qual foi sempre subjugado por uma nação gentia (por exemplo, os romanos). Deus foi o mesmo Deus para todo o povo.

A nação dos judeus, após o retorno do exílio, teve muito menos problemas com idolatria do que anteriormente, e foi mais fiel. Deus deu uma proteção a essa nação, porém essa proteção não se aplicou em termos absolutos para o reino físico de Israel. Historicamente, os judeus continuaram sendo subjugados por nações gentias durante sua história, até a queda de Jerusalém em 70 d.C. diante dos romanos.

É comum nas profecias sobre a volta do cativeiro serem encontradas misturas de ideias sobre o retorno literal à terra prometida com vislumbres do reino messiânico e espiritual do Novo Testamento, tais como o recebimento de um novo espírito e coração para que o povo se dedique a Deus. As bênçãos sobre a proteção e sustento de Israel tiveram uma aplicação menor no Israel físico e terão um cumprimento maior na plenitude do povo remido de Deus vivendo em comunhão íntima com ele. Assim como o povo que retornou do exílio foi mais propenso a ser fiel, a Nova Aliança em Cristo torna as pessoas fiéis ao Senhor. Assim, Deus aludiu à sua intenção de instituir a Nova Aliança, a qual veio por meio do evangelho de Jesus Cristo. Essa é a aliança final com a humanidade, tanto para judeus quanto para gentios.

O povo de Deus foi comparado a ovelhas necessitando de um pastor. Para fazer a separação entre as ovelhas e proteger as boas, ou seja, os fiéis, Deus estabeleceria sobre elas um só pastor, Davi. Ele seria tanto pastor quanto príncipe, ou rei. Essa profecia vislumbra o papel do bom pastor no reino messiânico e aponta para Jesus Cristo. Jesus não era, literalmente, Davi, mas um descendente dele, o qual mostrou as mesmas qualidades de rei e pastor que Davi mostrou. Assim, Davi aparece na profecia como um tipo do Messias.

O remanescente mais fiel que retornou para a terra foi o povo preparado para receber o Messias, já longe das mesmas idolatrias e abominações do passado. Não que o povo fosse perfeito, mas estava mais propenso a seguir a Deus. O "servo Davi" representa o Messias que reinará para sempre, Jesus Cristo, que é da descendência de Davi. O próprio Davi foi um tipo de Cristo – o rei/pastor. Em Cristo, o verdadeiro tabernáculo de Deus é erigido de forma espiritual, primeiramente com a Igreja e, na plenitude do reino de Deus após a segunda vinda de Cristo, nos novos céus e nova terra. O povo iria aumentar mais para "todos os lugares habitados da terra". Isso olha adiante para a época do Novo Testamento, onde o ministério de Cristo instituiu a Igreja e, de Jerusalém, os cristãos se espalharam para todo o mundo.

Esse remanescente mais fiel que se reestabeleceu em sua terra teve uma maior segurança em relação ao Israel antigo. Isso se deve, em parte, porque o povo sempre esteve sujeito a uma potência mundial, como nos casos do Império Persa, do Império Grego e do Império Romano. Relativamente falando, Israel habitou mais seguro em sua terra. No entanto, isso se cumpriu de uma forma maior na era da Igreja, onde o Messias, Jesus Cristo, uniu Israel e os gentios sob um mesmo povo por meio de sua vitória na cruz.

O povo que se reestabeleceu na terra prometida após o exílio também teve uma maior comunhão com o Espírito do Senhor em relação ao antigo Israel, uma vez que foi mais fiel. A promessa que Deus nunca mais esconderia o rosto do povo não significa que o reino físico de Israel jamais seria assolado por inimigos novamente, e nem denota que seria proeminente na Terra. Como Paulo afirmou, nem todo Israel é Israel (Romanos 9:6-7). O Espírito de Deus que foi derramado sobre seu povo, da mesma forma, teve seu ápice na era da Igreja. Na verdade, fazem parte do verdadeiro Israel todos aqueles que são fiéis a Deus, tanto fiéis que viveram no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento. Eles sempre encontraram e encontrarão refúgio no Senhor e, em última análise, habitarão seguros na verdadeira terra prometida, os novos céus e nova terra.

Como nas diversas profecias do Antigo Testamento sobre a restauração de Israel, há um cumprimento mais imediato no retorno do povo à sua terra e um cumprimento mais pleno no estado de comunhão plena com Deus, o qual é prefigurado com os tipos apresentados na profecia: Israel é um tipo do povo de Deus remido; o exílio na Babilônia é um tipo da vida no mundo afastado de Deus; o retorno do povo à sua terra é um tipo dos justificados herdando os novos céus e nova terra; o fato de os inimigos não poderem mais atacar o povo é um tipo em que os justificados estão totalmente imunes ao pecado e suas consequências; a terra é um tipo dos novos céus e nova terra; as bênçãos materiais são tipos das plenas bênçãos na plenitude do reino de Deus trazido pelo Messias.

O entendimento correto dos capítulos 38 e 39 de Ezequiel é que se tratam de uma narrativa de uma batalha simbólica, e não de uma profecia predizendo alguma batalha literal. É uma narrativa que demonstra aos justificados que eles terão proteção e cuidado de Deus. A ideia é que os não justificados podem atacar os fiéis com grandes números e forças gigantescas, mas Deus frustrará seus planos e fará que a situação se reverta. Os não justificados desejam despojar os justificados, mas eles serão despojados. O objetivo dessa batalha simbólica, no contexto, é dar a esperança da proteção de Deus para seus justificados, particularmente o remanescente mais fiel que estava para retornar à terra prometida. Além da proteção, Deus oferece sua comunhão com seu povo, o que é manifestado nos capítulos 40 a 48 com a apresentação de um templo simbólico magnífico. Essa batalha simbólica também transmite que, quando Deus pune os infiéis e salva os fiéis com juízos terríveis provenientes de seu poder, ele se torna conhecido entre as nações, as quais o reconhecem como grandioso, santo, e como o Senhor que ele é. Deus salva os fiéis e pune os infiéis.

Gogue representa apenas uma personificação de um comandante de uma aliança de vários povos ímpios. Gogue e sua aliança de nações representam os inimigos do povo de Deus, os quais participam de uma batalha simbólica contra o povo do Senhor, particularmente o remanescente fiel que estava para voltar à terra prometida. Há muito tempo, os profetas de Deus previram juízos locais contra muitos dos inimigos de Israel, tais como assírios, babilônios, edomitas, amonitas, moabitas, etc. Eles, na narrativa da batalha simbólica de Ezequiel, foram agrupados como sendo as forças de Gogue. Também, não há proveito em tentar identificar cada uma das terras mencionadas na profecia, tais como Rôs, Meseque, Tubal, etc.

Basicamente, a cena descrita narra que Deus está contra Gogue de Magogue e sua aliança de nações, a qual está equipada e preparada para o combate. Esses exércitos são mostrados como sendo incitados por Deus a atacar seu povo que estava para retornar do exílio da Babilônia de volta à terra prometida. Depois de muitos dias, no "fim dos anos", Gogue e sua aliança de nações ímpias atacam o povo de Deus já estabelecido novamente na terra prometida. O "fim dos anos" não se trata de uma predição para o futuro, mas um período em que Israel retornou do exílio da Babilônia e se estabeleceu em paz novamente na sua terra – um tempo que, relativamente à nossa época, já se passou, sendo que tal batalha nunca aconteceu. Portanto, observa-se que, de fato, é uma batalha simbólica. Os exércitos inimigos viriam com grande número e poder para fazer o mal contra o povo pacífico de Deus, a partir dos lados do norte (o norte foi proverbial como a direção na qual os piores inimigos de Israel vieram). Algumas outras nações, as quais não necessariamente participaram do ataque, estiveram interessadas em obter alguma vantagem da situação. Mas Gogue e seu exército foram derrotados por Deus e sua santidade foi reconhecida pelas nações.

A batalha é narrada com Deus descarregando toda sua ira contra as forças de Gogue, as quais são retratadas como estando sobre os montes de Israel, isto é, os inimigos são retratados como estando muito próximos do povo de Deus para atacá-lo. As manifestações de juízo de Deus fazem toda a criação temê-lo, sendo que ocorre um terremoto, e muralhas, montes e rochedos caem. A ira de Deus torna-se manifesta com alguns de seus juízos já conhecidos ao longo das Escrituras: os inimigos se ferem com seus próprios ataques, as pestes, chuvas de granizo, e fogo e enxofre da parte de Deus.

As imagens da queda dos não justificados nos montes de Israel, servindo como alimento de aves de rapina e animais selvagens, mostra uma derrota completa e desonrosa, sem direito a sepultamento, no próprio território de Israel. Os exércitos de Gogue vêm da direção do norte porque essa direção foi de onde a maioria dos ataques contra Jerusalém veio – provavelmente era um ponto mais vulnerável de Jerusalém. Deus ainda colocou fogo em uma das regiões das forças de Gogue, o local simbólico representado como "Magogue" e as "terras do mar". Não se trata de uma destruição de locais específicos, mas um simbolismo para mostrar a abrangência do juízo de Deus contra os inimigos, não importa onde estejam.

A derrota das forças de Gogue é apresentada de forma bastante frustrante, sendo que deixam cair suas armas, perecem em campo aberto, e a quantidade imensa de armas fornece madeira em abundância para o povo pacífico de Deus utilizar por um longo tempo (sete anos – sete significa, em termos simbólicos, um período completo e perfeito, ditado por divino decreto). As forças de Gogue queriam despojar o povo de Deus, mas elas foram despojadas. Portanto, o objetivo desse relato de Ezequiel também foi demonstrar que Deus pode salvar seus justificados das mais terríveis ameaças e, ainda, dar a eles provisões abundantes, mesmo diante de uma situação

tão ameaçadora. Aqueles que permanecerem em uma posição de inimizade contra o povo de Deus serão derrotados, não importa o seu poder.

Nessa batalha simbólica narrada por Ezequiel, a terra de Israel acabou sendo o lugar onde as forças de Gogue foram sepultadas. As forças de Gogue foram até mesmo comparadas a sacrifícios oferecidos às aves de rapina e animais carniceiros – sacrifícios suculentos e agradáveis. Foi como se Deus estivesse em um banquete com as aves de rapina e os animais carniceiros, oferecendo a eles os exércitos para comer. Os exércitos foram também comparados a carneiros, cordeiros, bodes e novilhos engordados em Basã, isto é, um banquete e tanto. O poder que os exércitos tinham antes não serviria de nada, a não ser para serem mais "apetitosos" aos animais selvagens.

Deus separou um local para servir de sepulcro às forças de Gogue. O tal "vale dos Viajantes", o qual passaria a ser chamado "Hamom-Gogue" ("vale das Forças de Gogue", ou "vale da multidão de Gogue", ou "vale do tesouro de Gogue"), é uma localização vaga. Isso porque, obviamente, Ezequiel não tinha em mente um local de sepultamento literal. Trata-se apenas de parte do cenário da narrativa. Pode ser que, no cenário, se situasse ao lado do mar da Galileia, mas a localização não é, de fato, importante. As forças de Gogue morreram e todo o povo sepultava os corpos e limpava a terra, sendo que isso demora sete meses (sete é um número completo, perfeito, divino). A ação de sepultamento dos ímpios por parte do povo de Deus dá testemunho da justiça dele. Enquanto isso, os animais selvagens se serviram com corpos ainda não sepultados, espalhando partes deles e complicando o sepultamento. Homens de Israel percorrem a terra para buscar eventuais restos mortais e sinalizá-los para que outros os sepultem. O vale onde os restos mortais das forças de Gogue foram enterrados foi então chamado comemorativamente de "cidade" – uma "cidade dos mortos" chamada "Hamoná" (que significa "massa de gente" ou "multidão"), a qual é um testemunho de o que acontece com aqueles que desafiaram o Senhor e seus justificados. Assim, o resultado dessa batalha simbólica demonstra que o fim daqueles que permanecerem em uma posição de inimizade contra o povo de Deus é certo, servindo de testemunho tanto para fiéis quanto para infiéis.

Em última análise, o povo de Deus terá as plenas bênçãos ao viver com ele nos novos céus e nova terra, a Jerusalém celestial. Israel e a terra prometida são vislumbrados na profecia como tipos do estado eterno a vir na segunda vinda de Cristo. A nova terra na qual os justificados viverão para sempre com o Senhor, a qual é prefigurada pela terra de Israel, não terá mais seus habitantes sendo afligidos por não justificados, e nem pelos inimigos espirituais (pecado, morte, etc.) representados por esses não justificados.

2.20. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE DANIEL [11][12][13][14][15]

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta (na medida do possível) das passagens escatológicas do Livro de Daniel. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.20.1. DANIEL 2:31-45

> O senhor, ó rei, estava olhando e viu uma grande estátua. Esta, que era imensa e de extraordinário esplendor, estava em pé, bem na sua frente; e a aparência dela era terrível. A cabeça era de ouro puro, o peito e os braços eram de prata, o ventre e os quadris eram de bronze; as pernas eram de ferro, e os pés eram em parte de ferro e em parte de barro. Enquanto o senhor estava olhando, uma pedra foi cortada sem auxílio de mãos humanas, atingiu a estátua nos pés de ferro e de barro e os despedaçou. O ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro foram despedaçados no mesmo instante, e se fizeram como a palha das eiras no verão. O vento os levou, e deles não se viu mais nenhum vestígio. Mas a pedra que atingiu a estátua se tornou uma grande montanha, que encheu toda a terra. Este é o sonho; e também a sua interpretação diremos ao rei. O senhor, ó rei, que é rei de reis, a quem o Deus do céu conferiu o reino, o poder, a força e a glória; em cujas mãos foram entregues os filhos dos homens, onde quer que eles habitem, e os animais do campo e as aves do céu, para que dominasse sobre todos eles, o senhor, ó rei, é a cabeça de ouro. Depois do senhor, se levantará outro reino, inferior ao seu; e um terceiro reino, de bronze, que terá domínio sobre toda a terra. O quarto reino será forte como o ferro; pois o ferro quebra e despedaça tudo; como o ferro quebra todas as coisas, assim esse reino fará em pedaços e destruirá todos os outros. Quanto aos pés e aos dedos dos pés que o senhor viu, que eram em parte de barro de oleiro e em parte de ferro, isto significa que esse será um reino dividido. Contudo, haverá nele alguma coisa da firmeza do ferro, porque o senhor viu o ferro misturado com barro. Como os dedos dos pés eram em parte de ferro e em parte de barro, assim, por um lado, o reino será forte e, por outro, será frágil. Quanto ao ferro misturado com o barro que o senhor viu, isto significa que procurarão se misturar por meio de casamentos, mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro não se mistura com o barro. Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que jamais será destruído e que não passará a outro povo. Esse

> reino despedaçará e consumirá todos esses outros reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre, assim como o rei viu que do monte foi cortada uma pedra, sem auxílio de mãos humanas, e ela despedaçou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro. O Grande Deus revelou ao rei o que vai acontecer no futuro. Certo é o sonho, e fiel é a sua interpretação.

Nabucodonosor tinha visto em seu sonho uma imagem brilhante e terrível composta de diferentes metais: a cabeça era de ouro; o peito, de prata; o abdômen, de bronze; as pernas, de ferro, e os pés, de ferro e argila. Uma pedra talhada sem o auxílio de mãos (de origem divina) feriu a imagem de modo que ela foi demolida. Então a pedra se tornou uma grande montanha que encheu toda a terra.

Nabucodonosor, representando o reino da Babilônia, foi representado pela cabeça de ouro. Ele era um grande império, um domínio governando o mundo. Deus era a fonte do poder, força e glória desse reino (veja Daniel 2:21; 4:25). Deus é o soberano governante do universo (Jeremias 27:5-8). Outros reinos que tiveram "domínio sobre toda a terra" sucederam a Babilônia. O peito e os braços de prata representavam o reino da Medo-Pérsia (veja Daniel 5:28; 8:20). Ele seria sucedido pelo reino da Grécia (Macedônio) conduzido por Alexandre, o Grande (veja Daniel 8:21). Daniel não se estende sobre nenhum desses impérios mundiais.

O quarto reinado foi o Império Romano, representado pelas pernas de ferro e os pés de ferro e de argila lodosa. Roma era forte e o ferro era um símbolo apropriado (veja Daniel 7:7). Contudo, esse reino era fraco dentro de si, o que é representado pela mistura de ferro com argila. Ainda que fosse capaz de conquistar o mundo, Roma jamais seria capaz de combinar o povo em um só. Roma teve muitas dificuldades em manter o império coeso e, finalmente, o império caiu tanto por causa das fraquezas de dentro como pelos exércitos de fora. É digno de se notar que em nenhum lugar "dez dedos" foram especificados. Muito é dito sobre isso por alguns que tentam dar alguma interpretação adicional ao sonho, tendo em vista fazer um esforço para negar o que realmente foi dito: o reino de Deus foi estabelecido nos dias do quarto reinado, que era o romano. Simplesmente, não há qualquer outra interpretação simbólica dos dedos que não seja a fraqueza do reino tendo ferro e argila misturados.

"Nos dias destes reis" (Império Romano), o reino de Deus foi estabelecido. Jesus confirmou essa profecia (Marcos 1:14-15; 9:1). Esse reino é de origem divina e de duração eterna (Hebreus 12:28). A pedra não era de origem humana, o que é indicado pelo fato de que era cortada sem mãos. A pedra que foi cortada sem auxílio de mãos e que transformou a estátua em pó é não é nada menos do que o próprio Jesus Cristo, o Messias, conforme escrito no Salmo 118:22-24: "A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a pedra angular. Isto procede do SENHOR e é maravilhoso aos nossos olhos. Este é o dia que o SENHOR fez; exultemos e alegremo-nos nele." A Igreja é o reino de Deus (Mateus 16:18-19). Sendo Deus o soberano Senhor de todo o mundo, ele tem um povo especial que se submeteu voluntariamente ao domínio de Jesus Cristo (Colossenses 1:13-14; Apocalipse 1:5-6; 5:9-10; 12:5; 17:14; 19:15; 1 Pedro 3:22; Efésios 1:20-23). O reino de Deus é um reino espiritual (Lucas 17:20-21) que não permanece forte por causa de sua força física, mas por causa do uso da espada do Espírito (João 18:36; 2 Coríntios 10:3-5). O reino de Deus que foi estabelecido nos dias do Império Romano continua até agora. O evangelho tem sido pregado pelo mundo e, onde quer que tenha ido, obteve vitórias ao voltar os corações dos pecadores para o domínio de Cristo. Os reinos dos homens têm vindo e ido. Desde os dias do Império Romano, não tem havido outro império mundial duradouro dominado por homens. Todas as tentativas para fazer isso levaram a nada. Mas o reino de Deus continuará na Terra até a segunda vinda de Cristo, quando será entregue ao Pai (1 Coríntios 15:23-36).

2.20.2. DANIEL 7:1-14

> No primeiro ano do reinado de Belsazar, rei da Babilônia, Daniel teve um sonho, e visões passaram diante de seus olhos, quando ele estava deitado em sua cama. Logo depois ele escreveu o sonho, fazendo um resumo de todas as coisas. Daniel disse: "Eu estava olhando, durante a minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o grande mar. Quatro animais, grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar. O primeiro era como um leão e tinha asas de águia. Enquanto eu olhava, as suas asas foram arrancadas, ele foi levantado da terra e posto em pé, para que andasse como homem; e foi dada a ele uma mente humana. A seguir, apareceu o segundo animal, semelhante a um urso, o qual se levantou sobre um dos seus lados. Na boca, entre os dentes, trazia três costelas. E lhe diziam: 'Levante-se e devore muita carne.' Depois disto, continuei olhando, e eis que apareceu outro animal, semelhante a um leopardo. Tinha nas costas quatro asas de ave. Este animal tinha também quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio. Depois disto, eu continuava olhando nas visões da noite, e apareceu o quarto animal, terrível, espantoso e muito forte. Tinha grandes

dentes de ferro. Ele devorava, fazia em pedaços e pisava com os pés o que sobrava. Era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez chifres. Enquanto eu observava os chifres, eis que entre eles subiu outro chifre, pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados. E eis que neste chifre havia olhos, como olhos de ser humano, e uma boca que falava com arrogância. Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias se assentou. Sua roupa era branca como a neve, e os cabelos da cabeça eram como a lã pura. O seu trono eram chamas de fogo, e as rodas do trono eram fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele. Milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões estavam diante dele. Foi instalada a sessão do tribunal e foram abertos os livros. Continuei olhando, por causa do som das palavras arrogantes que o chifre proferia. Fiquei olhando e vi que o animal foi morto, e o seu corpo foi destruído e entregue para ser queimado. Quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio, mas foi-lhes dada prolongação de vida por um prazo e um tempo. Eu estava olhando nas minhas visões da noite. E eis que vinha com as nuvens do céu alguém como um filho do homem. Ele se dirigiu ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado o domínio, a glória e o reino, para que as pessoas de todos os povos, nações e línguas o servissem. O seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído."

Enquanto no capítulo 2 o sonho foi de Nabucodonosor, aqui o sonho foi de Daniel. Em muitos aspectos, esses sonhos são paralelos. De fato, o sonho de Daniel parece dar ampliação e entendimento tanto a Daniel 2 como a Apocalipse 13.

Quatro grandes animais vieram do mar, cada um diferente do outro. Essas quatro bestas são identificadas como quatro reinos (Daniel 7:17,23). O "mar" representa a massa humana da sociedade (Isaías 17:12; Apocalipse 17:15). Os "ventos" são forças usadas por Deus para comandar e até mesmo para destruir (Jeremias 49:36; 51:1). A primeira besta era como um leão com asas de águia, mas foi dada a ele uma mente de homem. Ela representa a Babilônia (veja Daniel 2:37-38). O segundo animal era como um urso levantando-se sobre um de seus lados, com três costelas entre os dentes. Como esse sonho corresponde ao sonho de Nabucodonosor, tal animal representa o Império Medo-Persa (Daniel 2:39; 8:3,20). A terceira besta era como um leopardo, mas com quatro asas e quatro cabeças. Ela corresponde ao Império Macedônio/Império Grego (Daniel 2:39; 8:8,21). A quarta besta não é descrita, exceto que tinha dentes de ferro e dez chifres, do meio dos quais saiu um chifre menor que arrancou três dos primeiros chifres (veja Daniel 7:23-24). Essa quarta besta se identifica com o Império Romano (Daniel 2:40-45), o qual estava no poder quando o reino de Deus foi estabelecido. Contudo, esse reino guerreou contra os santos (Daniel 7:19-21). Essa besta também é descrita em Apocalipse 13.

O "Ancião de Dias" é Deus Pai que é de "eternidade a eternidade" (Salmo 90:1-2). Ele é retratado como representando a pureza e o poder. Milhares de milhares e milhões de milhões estavam diante dele (veja Apocalipse 5:11-14). O Pai é retratado sobre o trono para julgar (veja Apocalipse 20:11-15), mas realmente o julgamento final será realizado por seu Filho (Atos 17:31; 2 Coríntios 5:10). Deus domina e julga os reinos do mundo (Daniel 4:17-25).

Um como o filho do homem veio com as nuvens do céu. Do ponto de vista do céu ele "veio", mas do ponto de vista da terra ele "foi levado" (Atos 1:9). Foi então dado a ele domínio, glória e um reino: Deus Pai deu autoridade e poder a Jesus Cristo. Isso identifica claramente o tempo quando Cristo foi coroado como Rei dos reis, quando ascendeu ao céu após sua ressurreição. Na sua ascensão, ele recebeu a "promessa" (Atos 2:30-36; Efésios 1:20-23). O governo de Cristo continuará eternamente (Daniel 2:44; Hebreus 12:28). Cristo efetua o julgamento contra as nações e estabeleceu um reino que não terá fim – a Igreja.

Daniel observou as palavras do chifre menor e que a quarta besta foi morta. As demais bestas tiveram seus domínios tomados, mas suas vidas foram prolongadas durante um tempo. O Império Romano tinha características dos impérios da Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia e, de certa forma, esses impérios "viveram por um tempo" em Roma. O Império Romano guerreou contra o povo de Deus. Um rei representado pelo chifre menor, Domiciano trabalhando para a ascensão de seu pai Vespasiano, desbancou outros três reis (Galba, Otão e Vitélio) e foi blasfemo em relação a Deus. No entanto, tanto o rei quanto seu império (Império Romano) estavam destinados a perecer pelo julgamento de Deus.

2.20.3. DANIEL 7:15-28

Eu, Daniel, fiquei alarmado, e as visões que passaram diante dos meus olhos me perturbaram. Então me dirigi a um dos que estavam ali perto e lhe pedi a verdade a respeito de tudo isso. Ele falou comigo e me fez saber a

> interpretação das coisas: "Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis que se levantarão da terra. Mas os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão para todo o sempre, de eternidade a eternidade." Então tive desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos os outros, muito terrível, cujos dentes eram de ferro, cujas garras eram de bronze, que devorava, fazia em pedaços e pisava com os pés o que sobrava. Também quis saber a respeito dos dez chifres que ele tinha na cabeça e do outro chifre que subiu, diante do qual caíram três chifres, ou seja, aquele chifre que tinha olhos e uma boca que falava com arrogância e que parecia mais forte do que os outros chifres. Enquanto eu olhava, eis que esse chifre fazia guerra contra os santos e estava vencendo. Até que veio o Ancião de Dias e fez justiça aos santos do Altíssimo. E veio o tempo em que os santos possuíram o reino. Então ele disse: "O quarto animal será um quarto reino na terra, que será diferente de todos os outros reinos. Ele devorará toda a terra, e a pisará com os pés, e a fará em pedaços. Os dez chifres correspondem a dez reis que se levantarão daquele reino. Depois deles, se levantará outro rei, que será diferente dos primeiros, e derrotará três reis. Ele falará contra o Altíssimo, oprimirá os santos do Altíssimo e tentará mudar os tempos e a lei; e os santos serão entregues nas mãos dele por um tempo, tempos e metade de um tempo. Mas, depois, será instalada a sessão do tribunal para lhe tirar o domínio, para o destruir e o consumir até o fim. O reino, o domínio e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo. O seu reino será um reino eterno e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão." Aqui termina a explicação. Quanto a mim, Daniel, os meus pensamentos muito me perturbaram, e o meu rosto se empalideceu. Mas guardei estas coisas em meu coração.

Daniel afligiu-se no espírito e pediu uma interpretação. Foi dito a ele que os quatro animais da visão eram quatro reis (reis representando nações: a Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma) e que os justificados receberão o reino e o possuirão para todo o sempre (conforme Daniel 7:22,27). Essa profecia tem uma relação íntima com Apocalipse 13:1-10 e 17:1-18 (veja 1.24.37. Apocalipse 17:7-18).

Mais informações foram dadas com respeito à batalha travada pelo quarto animal contra o reino de Deus (Apocalipse 13:6-7). Nos dias do Império Romano, a Igreja foi colocada sob a prova mais severa de toda a história. A perseguição foi causada não somente pela falsa religião (culto imperial), mas era apoiada pelo poder político de um império mundial. Se a Igreja pudesse ter sido eliminada, teria sido naquele tempo. Porém, quando o Império Romano caiu, desde então não houve mais outro império mundial duradouro dominado por homens. O reino de Cristo é mundial por natureza (Marcos 16:15-16), e permanecerá para sempre.

Quanto aos reis que governaram o Império Romano, como em Apocalipse 17:7-18, é importante saber o cronograma dos imperadores: Augusto (27 a.C.-14 d.C.), Tibério (14-37 d.C.), Calígula (37-41 d.C.), Cláudio (41-54 d.C.), Nero (54-68 d.C.), Galba (68-69 d.C.), Otão (69 d.C.), Vitélio (69 d.C.), Vespasiano (69-79 d.C.), Tito (79-81 d.C.) e Domiciano (81-96 d.C.).

Há razões fortes para remover Galba, Otão e Vitélio da lista. Enquanto foram aprovados pelo senado, seus reinos dificilmente seriam conhecidos em todo o império. O ano 69 d.C. foi o "ano dos quatro imperadores", uma época de guerra civil, pois Galba, Otão e Vitélio afirmavam ser imperadores, mas foram assassinados ou cometeram suicídio. Seus governos não tiveram consequências. Esses três imperadores foram excluídos rapidamente em Daniel 7:19-20, onde um chifre arrancou outros três porque ele era superior a eles. Isso representa que o imperador Vespasiano passou a reinar, o qual estabeleceu seu reinado em 69 d.C. durante o conturbado "ano dos quatro imperadores". Durante essa guerra civil, seus exércitos foram vitoriosos quando ele exigiu com sucesso o título de imperador. No entanto, o chifre que arrancou os outros três chifres não representa o próprio Vespasiano, apesar de ele ter subido ao poder na ocasião – representa, na verdade, seu segundo filho, Domiciano, o primeiro perseguidor sistemático da Igreja. Na época, o jovem Domiciano estava em Roma enquanto Vespasiano estava em Jerusalém para acabar com a rebelião dos judeus. Domiciano foi um dos líderes militares que ajudou a depor Galba, Otão e Vitélio para estabelecer o reinado de seu pai Vespasiano e o início da dinastia flaviana, a qual era diferente dos outros imperadores (dinastia claudiana). Portanto, Vespasiano reinou, mas foi Domiciano que levou o crédito pela remoção de Galba, Otão e Vitélio. Ele é o chifre que arrancou os outros três, proferiu blasfêmias e fez guerra contra os santos depois do reinado curto de Tito, primeiro filho de Vespasiano.

Sendo assim, a seguinte contagem dos dez chifres que representam reis funciona bem: Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Otão, Vitélio, Vespasiano e Tito. Depois de Tito veio Domiciano, o chifre que arrancou os chifres que representavam Galba, Otão e Vitélio em favor da ascensão da dinastia flaviana (Vespasiano, Tito e o próprio Domiciano). Domiciano alegou ser um deus e exigiu que honras e sacrifícios divinos fossem feitos para ele. Sua blasfêmia contra o Altíssimo foi forte. Foi dado a ele poder contra os santos por "um

tempo, dois tempos e metade de um tempo" (tempo = 1 ano, tempos = 2 anos, meio tempo = meio ano), o que é o mesmo que 1.260 dias (Apocalipse 11:3; 12:6) e 42 meses (Apocalipse 11:2; 13:5). Esse período sempre se refere a um período limitado de tribulação e sofrimento. Três e meio é metade de sete, o número que simboliza a perfeição divina. Esse período também corresponde ao período da visão da mulher que foi alimentada pelo Senhor quando fugiu para o deserto em Apocalipse 12:14 – ou seja, o período de tempo quando o povo de Deus esteve sob a extrema prova de sua fé.

A visão revelou que o chifre que arrancou outros três tentará "mudar os tempos e a lei" em Daniel 7:25. Domiciano, em seu orgulho, mudou os nomes dos tempos estabelecidos. Ele fez com que os nomes dos meses de sua ascensão e de seu nascimento mudassem de setembro e outubro para Germanicus (seu sobrenome) e Domitianus, ou seja, mudou o calendário (os "tempos"). Porém, como ele foi impopular, o povo voltou o calendário para os nomes antigos assim que Domiciano morreu. Ele também mudou muitas leis, sendo o autocrata que era. A profecia pode se referir a ele ter mudado a lei pela qual os senadores romanos foram escolhidos. Domiciano aprovou uma lei dando-se o direito de escolher cada um dos senadores. Em seu orgulho, ele tentou derrubar todo o sistema legal romano, considerado o maior sistema legal do mundo até aquele momento. O reinado tirânico e cruel de Domiciano foi tão ressentido que, após seu assassinato, todas as suas leis e decretos foram declarados nulos, e todas as imagens dele foram destruídas.

A profecia também informa que julgamento foi decretado contra o chifre menor e seu reino chegaria ao fim (conforme Apocalipse 19:19-21). De fato, Domiciano foi assassinado em 96 d.C. Os santos foram vitoriosos. A causa pela qual muitos tinham morrido foi vingada. E, como o reino de Deus permaneceu, assim também aqueles que tinham morrido sempre reinarão. O período descrito em Apocalipse 20 como "mil anos" parece ser o período descrito em Daniel 7:18,22,27 como o tempo em que "os santos possuíram o reino". O reino de Deus suportou a prova feita pelo Império Romano. Ele continuará a permanecer durante um período de tempo pleno, completo (10 x 10 x 10 = 1.000). Nem Satanás nem qualquer outra força pode levá-lo ao fim. Somente na plenitude dos tempos Deus concluirá os eventos deste mundo (2 Pedro 3:9-13).

2.20.4. DANIEL 8:2-26

> Quando tive a visão, parecia que eu estava na cidadela de Susã, que fica na província de Elão. Nessa visão, eu estava junto ao rio Ulai. Levantei os olhos e eis que, diante do rio, estava um carneiro, que tinha dois chifres. Os dois chifres eram compridos, mas um era mais comprido do que o outro; e o mais comprido apareceu por último. Vi que o carneiro dava chifradas para o oeste, para o norte e para o sul, e nenhum animal podia resistir a ele, nem havia quem pudesse livrar-se do seu poder. Ele fazia o que bem queria e, assim, se engrandeceu cada vez mais. Enquanto eu procurava entender isso, eis que um bode vinha do oeste percorrendo toda a terra, mas sem tocar no chão. Esse bode tinha um chifre bem visível entre os olhos. Foi na direção do carneiro que tinha os dois chifres, que eu tinha visto diante do rio, e correu contra ele com todo o seu furioso poder. Eu vi quando o bode chegou perto do carneiro e, enfurecido contra ele, o atacou e lhe quebrou os dois chifres. O carneiro não tinha força para resistir ao bode. O bode jogou o carneiro no chão e o pisou com os pés, e não houve quem pudesse livrar o carneiro do poder do bode. O bode se engrandeceu cada vez mais. Porém, quando estava no auge do seu poder, o seu grande chifre foi quebrado, e em seu lugar saíram quatro chifres bem visíveis, que cresceram na direção dos quatro ventos do céu. De um deles saiu um chifre pequeno, que se engrandeceu na direção do sul, do leste e da terra gloriosa. Ele se engrandeceu tanto, que alcançou o exército dos céus. Lançou por terra alguns desse exército e das estrelas e os pisou com os pés. Ele se engrandeceu tanto, que chegou a desafiar o príncipe desse exército. Tirou dele o sacrifício diário e destruiu o lugar do seu santuário. O exército lhe foi entregue, com o sacrifício diário, por causa das transgressões. Lançou por terra a verdade, e tudo o que ele fez prosperou. Depois, ouvi um santo que falava; e outro santo lhe perguntou: "Até quando vai durar a visão do sacrifício diário suprimido e da transgressão desoladora? Até quando o santuário e o exército ficarão entregues, para que sejam pisados aos pés?" Ele me disse: "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs. Depois, o santuário será purificado." Depois que tive a visão, eu, Daniel, procurei entendê-la. Foi quando se apresentou diante de mim um ser que tinha a aparência de homem. E ouvi uma voz de homem que vinha das margens do rio Ulai e que gritou assim: "Gabriel, explique a visão a esse homem." Ele veio para perto de onde eu estava. Quando chegou, fiquei com muito medo e caí com o rosto em terra. Mas ele me disse: "Filho do homem, você precisa entender que esta visão se refere ao tempo do fim." Ele ainda falava comigo quando caí sem sentidos, com o rosto em terra. Ele, porém, me tocou, me pôs em pé e disse: "Eis que vou lhe contar o que há de acontecer no último tempo da ira, porque esta visão se refere ao tempo determinado do fim. Aquele carneiro com dois chifres, que você viu, são os reis da Média e da Pérsia. O bode peludo é o rei da Grécia, e o chifre grande entre os olhos é o primeiro rei. O fato de o chifre

> ter sido quebrado, levantando-se quatro chifres em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão deste povo, mas não com força igual à que ele tinha. Quando se aproximar o fim desses reinos e as transgressões tiverem chegado ao máximo, surgirá um rei cruel e mestre em intrigas. Grande será o seu poder, mas não por sua própria força. Causará destruições terríveis, e prosperará naquilo que fizer. Destruirá os poderosos e o povo santo. Por sua astúcia, fará prosperar o engano. No seu coração ele se engrandecerá, e destruirá muitos que vivem despreocupadamente. Ele se levantará contra o Príncipe dos príncipes, mas será destruído sem intervenção humana. A visão das tardes e das manhãs, que lhe foi dada, é verdadeira. Mas guarde a visão em segredo, porque se refere a dias ainda bem distantes."

Na visão, Daniel encontrou-se em Susã, junto ao rio Ulai, em Elão, a leste da Babilônia. Junto ao rio estava um carneiro de dois chifres, um chifre mais alto do que o outro. Esse carneiro avançava em todas as direções e ninguém podia dominá-lo, por isso ele se tornou grande. Os chifres desse carneiro são identificados em Daniel 8:20 como os reis da Média e da Pérsia. Então, Daniel viu chegando do oeste um bode com um notável chifre entre os olhos. Esse bode correu contra o carneiro com força e fúria. O bode é identificado em Daniel 8:21 como o rei da Grécia, e o grande chifre é identificado como o primeiro rei, o qual foi Alexandre, o Grande. O bode quebrou os dois chifres do carneiro e atirou-o no chão. Ele então se engrandeceu, mas no auge do seu poder o chifre grande foi quebrado e, em seu lugar, nasceram quatro chifres. Alexandre morreu quando tinha apenas 33 anos. A partir de seu império desenvolveram-se outros quatro: Seleuco fundou o Império Selêucida, Cassandro tomou a Macedônia, Lisímaco tomou a Trácia e Ptolomeu I governou o Egito.

Um chifre menor nasceu de um dos quatro chifres e se tornou excessivamente grande, descrito como até mesmo capaz de lançar algumas das estrelas por terra. Ele se engrandeceu a ponto de afastar os sacrifícios e derrubar o santuário. Até mesmo a verdade ele deitou por terra. Quando Daniel ouviu um santo perguntar a outro quanto tempo a transgressão de desolação duraria, a resposta dada foi "2.300 tardes e manhãs" e então "o santuário será purificado".

Quando Daniel procurou o significado da visão, o anjo Gabriel recebeu ordem para fazê-lo entender. Foi dito que a visão se refere ao "tempo do fim" e aconteceu "no ultimo tempo da ira". De acordo com a interpretação especial que se seguiu, essa visão tratou de coisas que aconteceram depois do cativeiro babilônico. Gabriel explicou que os dois chifres do carneiro representavam o poder do Império Medo-Persa, e que o bode era a Grécia, cujo grande chifre era o primeiro rei, que foi Alexandre, o Grande. Quatro reinos se levantaram desse império, depois que Alexandre foi derrubado. Porém, no final deles, um rei de aparência feroz se levantou. Ele foi Antíoco Epifânio, o qual governou a Síria entre 175 a.C. e 164 a.C.

Em seu esforço para consolidar seu reino pela imposição da cultura e divindades gregas aos seus súditos, Antíoco Epifânio viu a religião hebraica como um forte adversário de seu domínio sobre a Palestina. Quando ele conquistou Jerusalém, colocou uma imagem no templo, ofereceu carne suína no altar, e encorajou os soldados gregos a cometerem fornicação dentro do próprio templo. Ele proibiu os judeus de circuncidarem seus filhos, de guardarem o sábado e até mesmo de possuírem uma cópia das Escrituras.

Significados de números nas visões de Daniel são geralmente simbólicos, e pode-se apenas especular quanto ao significado de "2.300 tardes e manhãs" de Daniel 8:14. Sabe-se, no entanto, que esse período durou até que Antíoco perdeu o controle na Palestina, quando então o santuário foi purificado. Curiosamente, se levados em conta literalmente, 2.300 dias são pouco mais do que seis anos, correspondendo à extensão real desse período de abominação, o qual foi de 171 a.C. até 164 a.C. Antíoco Epifânio foi poderoso e destruiu "os poderosos e o povo santo" no sentido de ter subjugado seus inimigos e os judeus. Ele até enfrentou o "Príncipe dos príncipes", ou seja, se opôs contra Deus ao combater a Lei de Moisés e ao causar profanação no templo.

Foi dito para Daniel que a visão se cumpriria em dias ainda muito distantes – mais de 400 anos. Se 400 anos foram considerados dias distantes em um livro simbólico como Daniel, que dizer da expressão "as coisas que em breve devem acontecer" de Apocalipse (Apocalipse 1:1,3; 22:6-7,10), que também é um livro simbólico no estilo de Daniel? Isso reforça o entendimento apresentado na análise do Apocalipse: os eventos do Livro de Apocalipse iniciaram no primeiro século, pouco depois de João receber a visão (veja 1.24.1. Apocalipse 1:1-3).

2.20.5. DANIEL 9:25-27

> Setenta semanas estão determinadas para o seu povo e para a sua santa cidade, para acabar com a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos. Saiba e entenda isto: desde que foi dada a ordem para restaurar e para edificar Jerusalém até a vinda do Ungido, o Príncipe, haverá sete semanas e sessenta e duas semanas. As ruas e as muralhas serão reconstruídas, mas será um tempo de muita angústia. Depois das sessenta e duas semanas, o Ungido será morto e não terá nada. O povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário. O seu fim virá como uma inundação. Até o fim haverá guerra, e desolações foram determinadas. Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana. Na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de cereais. Sobre a asa das abominações virá aquele que causa desolação, até que a destruição, que está determinada, seja derramada sobre ele.

Seis descrições foram feitas pelo anjo Gabriel, as quais apontam claramente para o Messias. Portanto, as "setenta semanas" abrangem a época do Messias:

- "Acabar com a transgressão": a transgressão de Israel tinha sido a razão do seu cativeiro (Daniel 9:11), mas a Lei de Moisés, a qual foi transgredida por eles, estava para terminar (Colossenses 2:14-17; Efésios 2:15);

- "Para dar fim aos pecados": quando Jesus morreu, ele destruiu o poder de Satanás, provendo perdão de pecados (Hebreus 2:14-15; 7:27; 9:28; 10:12);

- "Para expiar a iniquidade": o ser humano é liberto de sua iniquidade e religado a Deus por meio de Cristo (Colossenses 1:20-22);

- "Para trazer a justiça eterna": por meio de Cristo, os justificados se tornam a justiça de Deus (2 Coríntios 5:21; Romanos 3:21-31);

- "Para selar a visão e a profecia": quando visões e profecias foram cumpridas ou terminadas, foram completadas e seladas (Apocalipse 10:7);

- "Para ungir o Santo dos Santos": Cristo foi ungido (Hebreus 1:8-9), como também foi o seu lugar real de habitação – a presença de Deus (Hebreus 10:19-22).

O começo das setenta semanas foi com o decreto para reconstruir Jerusalém, o qual foi feito por Ciro (Esdras 1:1-4; Isaías 44:26-28; 45:13). A sexagésima nona semana terminou com a primeira vinda de Cristo. Essas 69 semanas são divididas em duas partes (7 semanas e 62 semanas). Muitas tentativas têm sido feitas para fixar datas exatas com essa profecia. A mais comum tem sido com referência a Ezequiel 4:6, deixando cada dia representar o tempo de um ano completo. Contudo, nada há no contexto que sugira essa aplicação. De fato, se as 69 semanas representassem 483 anos literais, ocorre um problema ao determinar qual data deveria ser dada para o decreto de início das setenta semanas:

- O decreto de Ciro foi em 536 a.C. para Zorobabel. Mas se isso é para ser cumprido literalmente 490 anos mais tarde, seria 46 a.C., e isso aconteceria tanto antes do nascimento de Cristo quanto antes da destruição de Jerusalém;

- O decreto de Artaxerxes I foi em 458 a.C. para Esdras. Enquanto 69 semanas (483 anos) levaria a 25-26 d.C. e poderia se ajustar ao tempo em que Cristo começou seu ministério pessoal, ainda há um problema com as primeiras 7 semanas (49 anos), o que tornaria completa a restauração final de Jerusalém em 409 a.C. Mas isso é muito tardio, uma vez que Neemias retornou aproximadamente em 444 a.C. e a restauração foi completada em aproximadamente 432 a.C.;

- O decreto de Artaxerxes em 445 a.C. para Neemias. O uso dessa data como o começo das 69 semanas levaria a 38-39 d.C., que é muito tarde para o Messias ser morto, e as 7 semanas levariam a 396 a.C., o que também é muito tarde para a restauração final de Jerusalém.

Não há, em Daniel 9, prova satisfatória de que semanas ou anos literais estejam subentendidos. Parece que não há meio de ajustar matematicamente esses números em eventos maiores da história sem tempo demais ou de menos entre cada evento. Na verdade, é possível determinar apenas o intervalo de tempo pelos eventos descritos.

Setes e unidades de setes são usados nas Escrituras para indicar plenitude, unidade ou conclusão. Metade de sete é um período de tempo curto, incompleto. Se outra interpretação, além dessa, fosse pretendida, alguma coisa dentro do contexto a teria sugerido.

É apropriado ver as setenta semanas como descritivas de um período de tempo completo, o qual durou até a queda do Império Romano, passando pelo fim do sistema judaico. Não há lugar para uma "teoria do parêntesis" oferecida por alguns intérpretes, e nem há qualquer indicação desse texto se referir a "sete anos de tribulação" ou ao "arrebatamento" ou ao "reinado de Cristo de 1.000 anos".

Durante a última semana, o Cristo teria que ser rejeitado e crucificado. O "príncipe" enviará um povo para destruir a cidade e o santuário com uma inundação (veja Isaías 8:5-8). Isso se refere aos romanos sob Tito como o agente de Cristo que destruiu Jerusalém e o templo. Essa seria a "guerra das desolações" (Mateus 24:15; Lucas 21:20-22).

A aliança, a Nova Aliança, foi confirmada com muitos (Atos 10:34; Romanos 9:30) quando os gentios também foram trazidos para a fé. Ainda que a Lei de Moisés tenha chegado ao fim com a cruz (Colossenses 2:14-17), houve um período de inspiração direta dos apóstolos e dos profetas do Novo Testamento, época em que a Nova Aliança estava sendo revelada e confirmada (João 16:13; Marcos 16:20; Hebreus 2:3-4). No meio da "semana", o sacrifício e a oferta de manjares foram levados a cessar, o que foi confirmado como eles não sendo mais necessários depois da morte de Cristo (Hebreus 9:11-17). Contudo, os judeus não pararam de oferecer de sacrifícios de animais antes da destruição do templo, no ano 70 d.C., no "tempo da abominação da desolação" (Mateus 24:15; Lucas 21:20-22).

Assim, as setenta semanas começaram com as ordens para reconstruir Jerusalém, e terminaram com a destruição do Império Romano. A referência às setenta semanas não foi dada com números específicos, mas representa o "tempo completo" determinado por Deus. As coisas citadas no verso 24 aconteceram durante aquele período. Mais detalhes sobre as setenta semanas são apresentados com os números a seguir:

- Em 606 a.C., Jeremias profetizou os setenta anos de cativeiro para o povo de Judá;
- Em 536 a.C., veio a ordem para restaurar e edificar Jerusalém (Daniel 5:30-31; 9:1-2; Esdras 1:1-6) e é dado início às setenta semanas simbólicas;
- As setenta semanas simbólicas são divididas em sessenta e nove semanas e em uma semana final. As "sessenta e nove semanas" são divididas em "sete semanas" e "sessenta e duas semanas";
- Passadas as sete semanas simbólicas das sessenta e nove semanas simbólicas, as muralhas e ruas de Jerusalém foram construídas em tempos de angústias, na época de Neemias;
- Passadas as outras sessenta e duas semanas simbólicas das sessenta e nove semanas simbólicas, ocorreu "a vinda do Ungido, o Príncipe" e "o Ungido será morto e não terá nada", ou seja, Cristo veio ao mundo e foi crucificado;
- Na "semana final" simbólica das setenta semanas simbólicas, veio o Império Romano contra a nação judaica, ou seja, "O povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário. O seu fim virá como uma inundação", como a linguagem em Isaías 8:5-8, e "Até ao fim haverá guerra, e desolações foram determinadas";
- O Ungido (Cristo) confirmou aliança (a Nova Aliança) com muitos (judeus e gentios) durante essa semana final simbólica;

- Na "metade" dessa semana simbólica final, Cristo fez "cessar o sacrifício e a oferta de cereais", pois na Nova Aliança esses ritos da Lei de Moisés não são mais necessários. O Império Romano invadiu Jerusalém e destruiu o templo ("sobre a asa das abominações virá o assolador", conforme Mateus 24:15 e Lucas 21:20). Jesus afirmou que "o abominável da desolação" de que Daniel falou é a destruição de Jerusalém pelos exércitos romanos (os quais profanaram também o templo, à semelhança de Antíoco Epifânio em Daniel 11). Essa destruição, é claro, fez cessar os sacrifícios dos judeus devido à destruição do templo;

- No final da semana final simbólica das setenta semanas simbólicas, a destruição foi derramada sobre o assolador – ocorreu a queda de Roma.

2.20.6. DANIEL 10:12-21

> Então ele me disse: "Não tenha medo, Daniel, porque as suas palavras foram ouvidas, desde o primeiro dia em que você dispôs o coração a compreender e a se humilhar na presença do seu Deus. Foi por causa dessas suas palavras que eu vim. Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu durante vinte e um dias. Porém Miguel, um dos príncipes mais importantes, veio me ajudar, e eu fiquei ali com os reis da Pérsia. Agora, vim para fazer com que você entenda o que vai acontecer com o seu povo nos últimos dias. Porque a visão se refere a dias ainda distantes." Enquanto ele me dizia essas palavras, dirigi o olhar para o chão e fiquei mudo. Então um ser semelhante aos filhos dos homens me tocou os lábios, e passei a falar. Eu disse àquele que estava diante de mim: "Meu senhor, essa visão me causou muita dor, e eu fiquei sem força alguma. Como pode este seu servo falar com o meu senhor? Porque, quanto a mim, não me resta mais nenhuma força, e quase não posso respirar." Então aquele ser semelhante a um homem tocou em mim outra vez e me fortaleceu. E disse: "Não tenha medo, homem muito amado! Que a paz esteja com você! Anime-se! Sim, anime-se!" Enquanto ele falava comigo, fiquei fortalecido e disse: "Fale agora, meu senhor, pois as suas palavras me fortaleceram." E ele disse: "Você sabe por que eu vim? Agora voltarei a lutar contra o príncipe da Pérsia. Quando eu sair, eis que virá o príncipe da Grécia. Mas eu direi a você o que está expresso no Livro da Verdade. E na minha luta contra eles não há ninguém que esteja ao meu lado, a não ser Miguel, o príncipe de vocês."

Em Daniel 10:1-11, Daniel teve uma visão de uma grande guerra que forma uma profecia contínua nos últimos capítulos (capítulos 10, 11 e 12). A visão foi revelada no terceiro ano de Ciro (536 a.C.), que também parece ser o primeiro ano de Dario, o Medo. A visão impressionou o profeta, sendo que ele reagiu jejuando e se lamentando durante três semanas. Quando estava junto ao Tigre, ali apareceu um homem cuja descrição era parecida com a aparência de Cristo em Apocalipse 1:13-15, um anjo com uma descrição de ser um mensageiro de julgamento (indicada pela aparência de relâmpago e fogo). Os demais que estavam com Daniel não viram a visão, mas estiveram amedrontados e fugiram. Daniel foi deixado fraco pela visão, mas o anjo o fortaleceu e tinha vindo para ajudá-lo a entendê-la.

O pedido de Daniel por entendimento tinha sido ouvido desde o primeiro dia, ainda que vinte e um dias tivessem passado. A demora tinha sido causada pelo príncipe (anjo) da Pérsia que tinha resistido ao que parece ser o anjo dos medos (Daniel 11:1). Parece que estava acontecendo uma guerra espiritual (como em Apocalipse 12:7), mas finalmente Miguel, um dos primeiros príncipes (como em Daniel 12:1 e Judas 9), veio em socorro. Na época em que essa profecia foi dada, o Império Grego ainda não tinha aparecido. Contudo, foi dito a Daniel sobre uma guerra a ser travada entre o príncipe da Média (Daniel 11:1) e o príncipe da Pérsia e, então, contra o príncipe da Grécia. Podemos apenas especular quanto ao que realmente está envolvido aqui, mas de fato há forças e poderes angélicos (Efésios 1:20-21; Colossenses 1:16; 2:15). Talvez as forças angélicas estejam envolvidas na ascensão e na queda das nações. A visão mostrou a Daniel o que estava no "Livro da Verdade" (veja Daniel 8:18-23), tudo o que apontava para a queda da Pérsia nas mãos da Grécia, e da Grécia para Roma. A lição é que Deus domina nos negócios das nações, levantando-as e derrubando-as, conforme o seu propósito é cumprido.

O anjo também tinha vindo ajudar Daniel a entender o que aconteceria com Israel nos "últimos dias". Essa expressão indica que a visão dizia respeito aos dias do Novo Testamento, iniciados após a ressurreição de Cristo e a instituição da Igreja (Atos 2:16-17). A visão cobriu também a época anterior a esses dias, incluindo a queda do Império Persa, do Império Grego, e a aparição do Império Romano com a menção ao seu fim. Uma coisa interessante é que o anjo disse que os últimos dias estavam ainda distantes para Daniel (mais de 400 anos). Se 400 anos foram considerados dias distantes em um livro simbólico como Daniel, que dizer da expressão "as coisas que em breve devem acontecer" de Apocalipse (Apocalipse 1:1,3; 22:6-7,10), que também é um livro simbólico no estilo

de Daniel? Isso reforça o entendimento na análise apresentada do Apocalipse: seus eventos iniciaram no primeiro século, pouco depois de João receber a visão (veja 1.24.1. Apocalipse 1:1-3).

2.20.7. DANIEL 11:2-4

> Agora, eu vou lhe dizer a verdade: eis que ainda três reis se levantarão na Pérsia, e o quarto será muito mais rico do que todos eles. Fortalecido por suas riquezas, instigará todos contra o reino da Grécia. Depois, se levantará um rei poderoso, que reinará com grande domínio e fará o que quiser. Mas, no auge do seu poder, o seu reino será quebrado e repartido para os quatro ventos do céu, mas não para a sua posteridade, nem com o mesmo poder com que ele reinou, porque o seu reino será arrancado e passará a outros fora de seus descendentes.

Antes de tudo, uma coisa importante sobre as visões de Daniel: elas descrevem uma nação e o rei daquela nação como se fossem um e o mesmo. Por exemplo, em Daniel 2 foram descritas quatro nações: cabeça de ouro, peito de prata, quadris e coxas de bronze e pernas e pés de ferro (e barro). A cabeça de ouro era tanto a Babilônia quanto o próprio Nabucodonosor. Em Daniel 7, o décimo primeiro rei/chifre é o imperador Domiciano. No entanto, perto do final do capítulo, começando em Daniel 7:26, o décimo primeiro chifre se transformou, metaforicamente, nos reis romanos em geral e na perseguição aos santos em geral. Da mesma forma, em Daniel 8 ocorre algo semelhante ao que ocorreu em Daniel 2: o bode com um chifre proeminente é Alexandre, o Grande, mas ainda no mesmo capítulo o bode é transformado nas dinastias gregas – as imagens mudam de Alexandre para as dinastias que se seguiram dele. Daniel usa rei e reino de forma intercambiável.

Daniel 11 trata da ascensão e queda de nações poderosas da antiguidade envolvendo a Pérsia, a Grécia e, finalmente, Roma. O reino de Judá sempre esteve subjugado às potências gentias, sendo finalmente subjugado pelo governo romano.

O anjo narrou aqui o conflito greco-pérsico. Três reis ainda permaneceram na Pérsia, mas o quarto que se seguiu enfrentou a Grécia. A ordem dos reis persas a partir de Ciro foi Cambises, Smerdis, Dario Histaspes (Dario, o Grande) e Xerxes. Esse último foi forte e rico e teve confronto contra a Grécia.

Depois, um poderoso rei da Grécia enfrentou a Pérsia (conforme Daniel 8:5-21): Alexandre, o Grande. No entanto, mais tarde, seu reino foi partido em quatro (conforme Daniel 8:22-25). Depois da morte de Alexandre, sua esposa e seu filho foram mortos. Assim, sua posteridade não recebeu nenhum império. O seu reino, assim, foi repartido em quatro divisões: Seleuco fundou o Império Selêucida, Cassandro tomou a Macedônia, Lisímaco tomou a Trácia e Ptolomeu I governou o Egito.

2.20.8. DANIEL 11:5-19

> O rei do Sul será forte, mas um dos seus príncipes será mais forte do que ele, e reinará, e será grande o seu domínio. Mas, depois de alguns anos, eles se aliarão um com o outro. A filha do rei do Sul casará com o rei do Norte, para estabelecer a concórdia. Ela, porém, não conservará o seu poder, e ele não permanecerá, nem manterá o seu poder. Porque ela será entregue, juntamente com os que a trouxeram, o seu pai e aquele que a tomou por sua naqueles tempos. Mas em lugar dele se levantará um renovo da linhagem dela, que avançará contra o exército do rei do Norte, entrará na sua fortaleza, lutará contra eles e prevalecerá. Também levará como despojo para o Egito os deuses deles, as suas imagens fundidas e os seus objetos preciosos de prata e de ouro. Por alguns anos, ele deixará o rei do Norte em paz. Depois, este avançará contra o reino do rei do Sul, mas voltará para a sua terra. Os seus filhos farão guerra e reunirão um grande exército. Um deles virá apressadamente, arrasará tudo e passará adiante; e, voltando, levará a guerra até a fortaleza do rei do Sul. Então o rei do Sul ficará furioso e sairá para atacar o rei do Norte. Este reunirá um grande exército, que será entregue nas mãos do rei do Sul. O grande exército será levado, e o coração do rei do Sul se exaltará; ele derrubará muitos milhares, porém não prevalecerá. Porque o rei do Norte voltará, e reunirá um exército ainda maior do que o primeiro, e, depois de alguns anos, virá com um grande exército e abundantes provisões. Naqueles tempos, muitos se levantarão contra o rei do Sul. Também os violentos do seu povo, ó Daniel, se levantarão para cumprirem a visão, mas serão derrotados. O rei do Norte virá, levantará rampas de ataque e tomará cidades fortificadas. As forças do Sul não poderão resistir. Nem mesmo os melhores soldados terão forças para resistir. O invasor fará o que bem quiser, e não haverá quem lhe possa resistir. Ocupará a terra gloriosa, e tudo estará em suas mãos. Resolverá vir com a força de todo o seu reino e entrará em acordo com o rei do Sul. Ele lhe dará uma filha em casamento, para destruir o reino do Sul, mas isto não vingará, nem será

para a sua vantagem. Depois, se voltará para as terras do mar e tomará muitas delas. Mas um príncipe porá fim à arrogância dele e fará com que pague por isso. Então voltará para as fortalezas da sua própria terra, mas tropeçará e cairá, para nunca mais ser achado.

O reino da Grécia foi quebrado em quatro impérios. A narrativa agora passou para o conflito siro-egípcio – o conflito de duas dinastias resultantes da quebra do Império Grego, retratados no Livro de Daniel como conflitos entre o "rei do Norte" e o "rei do Sul". O termo "rei" não se aplica exatamente à pessoa do rei em si, mas à nação como um todo representada pelo rei. Mais especificamente, o termo "rei do Norte" é para designar os reis gregos da dinastia selêucida e sua nação, e o termo "rei do Sul" é para designar os reis gregos da dinastia ptolemaica e sua nação. O capítulo 11 de Daniel aborda a queda final do Império Grego, sendo que a dinastia ptolemaica (o rei do Sul) foi a última dinastia desse império a cair.

Aqui, o sul foi o Egito e seu rei, Ptolomeu I, foi um chefe forte. Mas outro príncipe era ainda mais forte: provavelmente, Seleuco I Nicator, o rei do norte. Aqui, o norte é a Síria. A nação de Judá se tornou uma espécie de "bola jogada para frente e para trás" entre essas duas potências dominantes.

A filha do rei do sul (Egito), Berenice, foi dada em casamento ao filho do rei do norte (Síria), Antíoco I, em um esforço para formar uma aliança entre essas duas potências. Porém, isso não funcionou, uma vez que a esposa que Antíoco afastou, Laodice, foi cúmplice para matar Berenice. Contudo, um irmão dela, o "renovo da linhagem dela", Ptolomeu III, veio e batalhou com sucesso contra a Síria (o norte) e levou cativos na volta para o Egito.

O rei da Síria (norte) atacou o rei do Egito (sul), mas sem sucesso. Por isso, ele retornou à sua terra. Porém, os filhos do rei do norte (Síria), estimulados com isso, invadiram o sul (Egito) com um grande exército. No entanto, eles também foram derrotados e, de fato, muitos foram levados cativos.

O rei do Egito (sul) se orgulhou de si mesmo devido ao seu grande sucesso, mas seu tempo de jactância durou pouco. O rei da Síria (norte) retornou com um exército maior e melhor equipado. Pareceu a certos judeus, "os violentos do povo de Daniel", que o Egito (sul) estava para cair e, por isso, eles se revoltaram e se juntaram em um esforço para derrubá-lo. Porém, eles falharam: quando o rei da Síria (norte) derrubou o Egito (sul), ele também veio contra a "terra gloriosa", a Palestina, e ninguém foi capaz de resistir a ele.

O rei da Síria (norte) – Antíoco, o Grande – tentou se estabelecer dando sua filha em casamento em um esforço para manter uma aliança com o Egito (sul). Porém, ela se voltou contra ele, preferindo ser leal ao seu esposo.

O rei do norte (Síria) então voltou sua atenção para as ilhas do Mediterrâneo e conseguiu capturar muitas delas. Porém, logo seus avanços foram impedidos, e ele caiu.

2.20.9. DANIEL 11:20-35

Depois, se levantará em lugar dele um que fará passar um arrecadador de impostos pela glória do reino; mas, em poucos dias, será destruído, e isso sem ira nem batalha. Depois, se levantará em seu lugar um homem desprezível, ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá de surpresa e tomará o reino, com intrigas. Exércitos serão arrasados diante dele; serão esmagados, inclusive o príncipe da aliança. Apesar da aliança com ele, usará de engano; subirá e se tornará forte com pouca gente. Virá também de surpresa aos lugares mais férteis da província e fará o que nunca fizeram os seus pais, nem os pais de seus pais: repartirá entre eles a presa, os despojos e os bens; e fará os seus planos contra as fortalezas, mas só por certo tempo. Despertará a sua força e a sua coragem contra o rei do Sul, à frente de grande exército. O rei do Sul sairá à batalha com um grande e poderoso exército, mas não prevalecerá, porque farão planos contra ele. Os que comerem as finas iguarias dele o destruirão, o exército dele será arrasado, e muitos serão mortos. Também estes dois reis se empenharão em fazer o mal e, sentados à mesma mesa, falarão mentiras. Porém isso não prosperará, porque o fim virá no tempo determinado. Então o rei do Norte voltará para a sua terra com grande riqueza, e o seu coração será contra a santa aliança; fará o que quiser e depois voltará para a sua terra. No tempo determinado, voltará a atacar o Sul, mas desta vez não será como foi na primeira vez, porque virão contra ele navios de Quitim. Contrariado, ele voltará e se indignará contra a santa aliança, e fará o que quiser. E, tendo voltado, dará atenção aos que abandonaram a santa aliança. Forças enviadas por ele profanarão o santuário e a fortaleza, acabarão com o sacrifício diário, estabelecendo a abominação desoladora. Com lisonjas, perverterá aqueles que violaram a aliança, mas o povo que conhece o seu Deus se tornará forte e

ativo. Os sábios entre o povo ensinarão a muitos; todavia, cairão pela espada e pelo fogo, pelo cativeiro e pelo roubo, por algum tempo. Ao caírem, receberão uma pequena ajuda; mas muitos se ajuntarão a eles com lisonjas. Alguns dos sábios cairão para serem provados, purificados e limpos, até o tempo do fim, porque se dará ainda no tempo determinado.

A narrativa do anjo agora passa à ascensão de Antíoco Epifânio IV, o qual tomou o lugar do rei da Síria e tornou-se aqui o novo "rei do Norte". Ele é o "homem desprezível" que obteve o reino por meio de manobras políticas, "intrigas", e governou a Síria de 175 a 164 a.C., e é também o "chifre menor" em Daniel 8:9-12. Com grande força, ele conseguiu até mesmo derrubar o "príncipe da aliança" – o sumo sacerdote em Judá. Nos anos de 169-167 a.C., Antíoco Epifânio tomou a cidade de Jerusalém e saqueou o templo.

Submetendo pequenos grupos, um de cada vez, Antíoco Epifânio se tornou progressivamente mais forte. Ele entrou em uma rica cidade egípcia atrás da outra, por meio de trapaças, enquanto o povo realmente pensava que ele estava trazendo paz e segurança. Assim, ele foi capaz de fazer o que seu pai não tinha feito: conquistar o Egito (sul). O rei do Egito foi à batalha contra ele com um exército poderoso, mas não resistiu. Até mesmo seus amigos (os "que comerem as finas iguarias") ajudaram na sua derrota, dando a ele maus conselhos militares.

Os dois reis chegaram a se sentar juntos em uma "mesa de paz", mas disseram mentiras um ao outro. Contudo, seus reinados duraram de acordo com o cronograma divino, "o tempo determinado" para o fim deles, pois Deus tem o controle sobre as nações.

Antíoco Epifânio retornou à Síria (norte) levando grande espólio de guerra. Seu coração, contudo, estava contra a "santa aliança", ou seja, a nação judaica e sua adoração a Deus.

É então que, no verso 30, apareceram pela primeira vez os representantes do quarto reino no Livro de Daniel, os romanos – eles são os "navios de Quitim". Literalmente, "Quitim" são os descendentes de Javã, o filho de Jafé, neto de Noé. O termo "Quitim" foi empregado de forma geral para todos os ilhéus do Mar Mediterrâneo. Esse significado foi ampliado aos romanos. Até mesmo a Septuaginta, a versão grega do Antigo Testamento, identifica os "navios de Quitim" com os romanos. Eles, naquela época, também estavam no Egito. Na história, os romanos traçaram um círculo na areia e ordenaram a Antíoco Epifânio que não saísse dele enquanto não retornasse ao lugar de onde tinha vindo.

Em angústia e amargura, Antíoco Epifânio retornou e descarregou sua ira na nação judaica, tanto que nos anos 169-167 a.C. ele tomou a cidade de Jerusalém, pilhou o templo, e ordenou que os judeus adorassem o ídolo grego que ele colocou no templo. Ele acabou com os sacrifícios diários e profanou o altar, oferecendo carne suína sobre ele. Essa foi a "abominação desoladora" original que Jesus se referiu em Mateus 24:15, sendo que um tipo dessa profanação estava para se repetir depois com a invasão dos romanos no templo durante a destruição de Jerusalém em 70 d.C. Antíoco Epifânio ainda proibiu a circuncisão, a observância do sábado e a posse de cópias da Lei de Moisés. Toda essa abominação foi utilizada por Jesus como um tipo daquilo que aconteceria na "grande tribulação" durante os eventos da queda de Jerusalém que ele profetizou (veja 1.1.28. Mateus 24:1-35 e 1.1.29. Mateus 24 e a História: Destruição de Jerusalém).

Alguns judeus devem ter sido enganados para cometer erro, mas os fiéis ("os fortes e ativos") não cederam às ordens de Antíoco Epifânio e resistiram a ele. Provavelmente, isso se refere aos macabeus. Uma grande perseguição contra o povo de Deus separou o "restolho" do "bom". Os fiéis se mantiveram com a verdade, mas muitos foram mortos. Isso foi cumprido com os macabeus, os quais começaram em 168 a.C. a revolta de Matatias, o velho sacerdote, o qual foi seguido por seus cinco filhos.

2.20.10. DANIEL 11:36-45

Este rei fará o que quiser, se levantará, e se engrandecerá sobre tudo o que se chama deus. Falará coisas incríveis contra o Deus dos deuses e será bem-sucedido, até que se cumpra a indignação; porque aquilo que está determinado será feito. Não terá respeito aos deuses dos seus pais, nem ao deus que as mulheres preferem, nem a qualquer deus, porque se engrandecerá acima de tudo. Mas, em lugar dos deuses, honrará o deus das fortalezas; a um deus que os seus pais não conheceram, honrará com ouro, com prata, com pedras preciosas e objetos de valor. Com o auxílio de um deus estranho, atacará as mais poderosas fortalezas, e aos que o reconhecerem, multiplicará a honra, e os fará reinar sobre muitos, e lhes repartirá a terra por um preço.

> No tempo do fim, o rei do Sul lutará contra ele, e o rei do Norte arremeterá contra ele com carros de guerra, cavaleiros e com muitos navios, e entrará nas suas terras, e as inundará, e passará. Entrará também na terra gloriosa, e muitos sucumbirão, mas Edom, Moabe e as primícias dos filhos de Amom escaparão do seu poder. Estenderá a sua mão contra as terras, e nem mesmo a terra do Egito escapará. Tomará posse dos tesouros de ouro e de prata e de todas as coisas preciosas do Egito; os líbios e os etíopes o seguirão. Mas será perturbado por rumores vindos do Oriente e do Norte e sairá com grande furor, para destruir e exterminar muitos. Armará as suas tendas palacianas entre o mar e o glorioso monte santo. Mas chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra.

Esse é um texto muito controverso. Há várias interpretações de quem é o "Este rei" de Daniel 11:36. Alguns tomam a posição de que Antíoco Epifânio ainda está em consideração. Outros creem que o "Este rei" é o anticristo (e um salto enorme no tempo da narrativa). Outros acreditam que são os romanos (e um salto de mais de 100 anos da narrativa).

É compreensível que, na leitura do texto, o leitor seja tentado a imaginar que "Este rei" em Daniel 11:36-45 deva ser um rei grego. No entanto, há uma mudança do cenário histórico da profecia entre Daniel 11:35 e Daniel 11:36. Os detalhes da profecia agora concordam com o que sabemos sobre o Império Romano.

O "rei" apresentado em Daniel 11:36 está ligado ao "rei do Norte" de Daniel 11:40, e a expressão nesse verso, "No tempo do fim", indica uma mudança de época. Há também uma expressão bem semelhante em Daniel 12:1, "Nesse tempo", que certamente marca uma mudança de época (pelo contexto, uma mudança para o "fim dos tempos"). Assim, em Daniel 11:40, a visão muda dos eventos da época de Antíoco Epifânio para "o tempo do fim". Os detalhes de Daniel 11:41-45 se ajustam à Roma e à Batalha de Áccio com exatidão, e espera-se que a profecia descreva um evento histórico. Sendo assim, a nova seção que inicia em Daniel 11:36, embora seja relacionada à seção anterior (Daniel 11:2-35), está falando de uma situação diferente e um novo ocupante do posto de "rei do Norte", o qual é o rei referenciado como "Este rei" em Daniel 11:36. Em outras palavras, toda a profecia é sobre a relação entre os reinos decorrentes do Império Grego e o povo de Deus, especialmente sob Antíoco Epifânio, e a destruição final desses poderes gregos. Daniel 11:2-35 abrangeu, especificamente, o conflito entre os reis selêucidas (norte) e os reis ptolomaicos (sul), e os reis selêucidas saíram de cena. Agora, a segunda seção (Daniel 11:36-45) narra a destruição final do reino ptolemaico, a última dinastia grega, com os romanos assumindo o papel de "rei do Norte".

Portanto, Daniel 11:36 começa uma nova seção, avançando mais de cem anos (de 164 a.C. para 31 a.C. para ser exato) até a época em que o "rei do Sul", a dinastia ptolomaica, foi finalmente destruído. Nessa seção, o "rei que fará o que quiser" é o novo "rei do Norte" e representa Roma e seus exércitos sob Otaviano/Augusto. Assim, a essa altura, o "rei do Norte" agora não representa mais os selêucidas (os quais já estavam julgados e saíram da cena à altura de Daniel 11:35), mas Roma por meio do imperador romano Augusto/Otaviano. Historicamente, ele destruiu o "rei do Sul", ou seja, os ptolomeus, especificamente sob Cleópatra, na Batalha de Áccio. Além do mais, os "navios de Quitim", ou seja, os romanos, já foram apresentados em Daniel 11:30, e eles frustraram Antíoco Epifânio. É como se Roma tivesse tomado o lugar da Síria como o "rei do Norte" na profecia.

A Batalha de Áccio teve lugar em 2 de setembro de 31 a.C., perto de Áccio, na Grécia, durante a guerra civil romana entre Marco António e Otaviano (depois conhecido como imperador Augusto). A frota de Otaviano era comandada por Marco Vipsânio Agripa e a de António apoiada pelos barcos de guerra da rainha Cleópatra do Egito. O resultado foi uma vitória decisiva de Otaviano, o qual findou a oposição ao seu poderio crescente. Essa data é, por isso, usada para marcar o fim da república romana e o início do Império Romano – o "rei do Norte" de agora em diante.

Roma se encaixa muito bem como o "rei que se exalta" de Daniel 11:36 porque o Império Romano, por meio dos imperadores, exaltou-se e engrandeceu-se acima de todos os deuses (blasfemando assim contra o "Deus dos deuses", o Senhor Deus). Imperadores romanos receberam adoração como se fossem deuses e perseguiram os cristãos, como observamos na análise do Livro de Apocalipse. A expressão "Não terá respeito aos deuses dos seus pais, nem ao deus que as mulheres preferem, nem a qualquer deus, porque se engrandecerá acima de tudo" de Daniel 11:37 se encaixa com Roma porque os imperadores romanos eram adorados como deuses e exaltados como figuras de adoração. Ao mesmo tempo, o "eclético" Império Romano tinha crença em vários deuses estrangeiros (deuses "importados" do panteão grego, e mesmo do panteão egípcio). Os dominadores romanos eram devotados

ao "deus das fortalezas", ou seja, o poder era o seu deus – eles adorariam e serviriam qualquer deus contanto que isso significasse que eles conquistariam. Enfim, os romanos encaixam bem na descrição de Daniel 11:36-39, a qual mostra um "rei" (uma descrição geral para a nação encabeçada por seu líder) que, ao mesmo tempo, se exalta acima de outros deuses e se devota a outros deuses (um paradoxo que se aplica muito bem a um império feito de um amálgama de muitas nações).

Também, após o novo rei do norte ter conquistado o Egito, a Líbia e a Etiópia também se tornaram suas cativas. Isso não se ajusta a Antíoco Epifânio, que ficou falido, mas descreve os romanos que se tornaram ricos com muitos despojos. Todos esses fatos apontam para Roma e isso está, certamente, de acordo com o Livro de Daniel que, consistentemente, incluía quatro impérios dentro de seu escopo de profecia (Daniel 2:7). Roma derrotou inimigos do norte e do sul, entrando também na Palestina (a "terra gloriosa"), mas ainda não invadindo as terras de Edom, Moabe e Amom (por enquanto). Ao conquistar o Egito, obteve muitos despojos e os líbios e os etíopes se tornaram seus cativos. Isso só poderia se ajustar aos romanos. No entanto, rumores do "oriente" (partas) e do norte (germanos) sempre perturbaram Roma. Essas áreas nunca foram realmente submetidas por Roma, e os romanos tinham que batalhar nelas. Ainda que Roma plantasse seus próprios tabernáculos na Palestina (a terra entre o Mar Mediterrâneo e o "monte glorioso", o monte Sião), um dia seu fim chegaria.

Não se conhece nenhum império que se encaixe melhor em todas as considerações em vista. As circunstâncias ocorridas, como a captura do Egito, o relato sobre o oriente e o movimento através da terra judaica, são detalhes que estão em notável concordância com a história conhecida dos eventos em torno da Batalha de Áccio e a derrota de Marco António e Cleópatra.

O Império Romano prosperou até que "a indignação" fosse completada, ou seja, com a "destruição do poder do povo santo" relatada em Daniel 12:7 e descrita na queda de Jerusalém relatada no Livro de Apocalipse (veja 1.24.25. Apocalipse 11:15-19). A expressão "Mas chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra" de Daniel 11:45 indica que o Império Romano já tinha seu fim marcado por Deus e que nada remediaria sua queda.

2.20.11. DANIEL 12:1-7

> Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do povo de Deus, e haverá tempo de angústia, como nunca houve, desde que existem nações até aquele tempo. Mas, naquele tempo, o povo de Deus será salvo, todo aquele que for achado inscrito no livro. Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, outros para vergonha e horror eterno. Os que forem sábios resplandecerão como o fulgor do firmamento, e os que conduzirem muitos à justiça brilharão como as estrelas, sempre e eternamente. Quanto a você, Daniel, encerre as palavras e sele o livro, até o tempo do fim. Muitos correrão de um lado para outro, e o saber se multiplicará. Então eu, Daniel, olhei, e eis que outros dois estavam em pé às margens do rio, um de cada lado. Um deles perguntou ao homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: "Quando se cumprirão estas maravilhas?" Então ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio. Ele levantou a mão direita e a esquerda ao céu e jurou por aquele que vive eternamente, dizendo: "Passarão um tempo, tempos e metade de um tempo. E, quando tiverem acabado de destruir o poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão."

A expressão "Nesse tempo" se refere ainda ao "tempo do fim" de Daniel 11:40. Esse não é o tempo do fim do mundo, mas se refere aos "últimos dias" referidos no Novo Testamento: já iniciaram no primeiro século, após a ressurreição e ascensão de Cristo e a instituição da Igreja, e vão até o momento em que ocorra a segunda vinda de Cristo. Assim, essa profecia está bem distante dos dias de Daniel (mais de 400 anos). É notável que foi dito a Daniel que a profecia estava selada para o "dia do fim" (os últimos dias no Novo Testamento), ou seja, eram dias distantes. No entanto, no Apocalipse, tais profecias foram ditas como não "podendo ser seladas porque o tempo está próximo" (Apocalipse 22:10). Se 400 anos foram considerados dias distantes em um livro simbólico como Daniel, que dizer da expressão "as coisas que em breve devem acontecer" de Apocalipse (Apocalipse 1:1,3; 22:6-7,10), que também é um livro simbólico no estilo de Daniel? Isso reforça o entendimento apresentado na análise do Apocalipse: seus eventos, e essas profecias em Daniel 12, iniciaram no primeiro século, pouco depois de João receber a visão (veja 1.24.1. Apocalipse 1:1-3).

O "tempo de angústia, como nunca houve, desde que existem nações até aquele tempo" se refere à época do domínio romano sobre a nação judaica. Jesus confirmou essa profecia quando falou sobre a destruição de Jerusalém em Mateus 24:21-22, Marcos 13:19-20 e Lucas 21:20-24. Isso foi a "grande tribulação". Os discípulos se

livraram porque Jesus os tinha prevenido quanto aos sinais da destruição iminente e eles escaparam. Jesus ligou a destruição de Jerusalém com a profecia de Daniel (Mateus 24:15; Lucas 21:20-22). Veja as análises em 1.1.28. Mateus 24:1-35, 1.1.29. Mateus 24 e a História: Destruição de Jerusalém, 1.2.9. Marcos 13:1-31 e 1.3.20. Lucas 21:5-36.

A expressão "Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, outros para vergonha e horror eterno" não se trata exatamente da ressurreição dos mortos da segunda vinda de Cristo, embora a profecia culmine nesse ponto. O que está mais em vista é uma ressurreição espiritual, a qual é tratada diversas vezes na Bíblia. Biblicamente, quem está próximo do Senhor tem vida. As pessoas já ressuscitam quando se convertem ao Senhor (João 5:25; Romanos 6:1-7; Colossenses 2:12-13; 3:1-5; Efésios 2:1-7). A "primeira ressurreição" de Apocalipse 20 é a vida que as almas dos fiéis já possuem enquanto reinam com Cristo no céu, mesmo sem seus corpos físicos (veja 1.24.45. Apocalipse 20:1-10). Adicionalmente, a profecia aqui informa que "muitos", em vez de "todos", se erguerão. Na ressurreição dos mortos na segunda vinda de Cristo, todos os mortos sairão dos túmulos ao ouvirem a voz de Jesus (João 5:28-29; Atos 24:15). Além disso, a ressurreição referida nessa profecia é ligada com o verso 10, onde os "muitos" que são purificados são contrastados com os ímpios que continuam a proceder impiamente. Daniel 12:2 foi cumprido na ressurreição espiritual daqueles que se converteram a Cristo (João 5:25). No entanto, alguns daqueles que se converteram a Cristo (aqueles que "ressuscitaram") acabam abandonando a fé e retornam à vergonha e desprezo eternos (Mateus 24:12-13), enquanto os fiéis ("sábios") permanecem em Cristo e chegam à vida eterna.

O livro, então, foi selado e guardado para os "últimos dias" referidos no Novo Testamento (os quais iniciaram após a ressurreição e ascensão de Cristo e a instituição da Igreja e vão até a segunda vinda de Cristo). Um dos dois anjos perguntou quando se cumpririam essas maravilhas. Em oito vezes nos capítulos 11 e 12 do Livro de Daniel, o "fim" (o qual se refere a um tempo indicado) é mencionado (Daniel 11:27,35,40; 12:4,6,8-9,13). Esse tempo do fim não se refere ao fim do mundo, uma vez que nada no texto indica isso. Também, o fato de que o tempo na Terra tem continuado centenas de anos depois que os quatro reinos mundiais passaram prova que Daniel não tinha em vista o fim deste mundo.

O mensageiro vestido de linho identificou que o "fim" ocorreria "quando se acabar a destruição do poder do povo santo". Esse mensageiro vestido de linho é o mesmo anjo visto em Apocalipse 10:7, o qual informou que, quando o sétimo anjo tocar sua trombeta, tudo que os profetas falaram seria cumprido. Em Apocalipse 11:6-7, o anjo disse que não haveria mais demora: a quebra do poder do povo santo aconteceria quando o sétimo anjo soasse a trombeta, trazendo o julgamento contra a nação judaica física (veja 1.24.25. Apocalipse 11:15-19). O Império Romano prosperou até esse ponto. A partir daí, o juízo de Deus se voltou para o império, o qual foi o novo alvo da ira de Deus.

A referência a "tempo, tempos e metade de um tempo" também foi usada em Daniel 7:25 e parece paralela ao período descrito em Apocalipse 12:4 (conforme Apocalipse 11:2,4; 12:6; 13:5). No Apocalipse, tinha sido dado poder a Roma para perseguir o povo de Deus durante esse período. Contudo, chegou a hora quando Roma caiu como império mundial, enquanto o reino de Deus continuou. O povo de Deus pode ter sido espalhado e perseguido, mas não foi destruído.

2.20.12. DANIEL 12:8-13

> Eu ouvi, mas não entendi. Então perguntei: "Meu senhor, qual será o fim destas coisas?" Ele respondeu: "Siga o seu caminho, Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até o tempo do fim. Muitos serão purificados, limpos e provados, mas os ímpios continuarão na sua impiedade, e nenhum deles entenderá; mas os sábios entenderão. Depois do tempo em que o sacrifício diário for tirado e a abominação desoladora for estabelecida, haverá ainda mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias. Quanto a você, siga o seu caminho até o fim. Você descansará e, ao fim dos dias, se levantará para receber a sua herança."

Daniel não entendeu a resposta dada, mas foi dito a ele que "estas palavras estão encerradas e seladas até o tempo do fim". Esse fim foi quando o Império Romano caiu devido ao julgamento de Deus: desde então, nenhum outro reino mundial pagão atingiu, e nem atingirá, uma estabilidade duradoura. Satanás está restrito para não poder mais levantar um reino mundial para atacar a Igreja – veja 1.24.45. Apocalipse 20:1-10. Somente o reino de Deus é um reino indestrutível (Daniel 2:44; 7:13,25-27; Hebreus 12:28). Ainda que os ímpios continuem na

impiedade, os justos serão capazes de perseverar por terem entendimento que Deus verdadeiramente domina nos reinos dos homens e, enfim, serão vitoriosos (Apocalipse 13:9-10,18; 14:12-13).

O significado de "Depois do tempo em que o sacrifício diário for tirado e a abominação desoladora for estabelecida, haverá ainda mil duzentos e noventa dias" não é determinado. Talvez os 1.290 dias sejam o período entre dois eventos significativos que acabaram com o sistema judaico de adoração. O tempo em que o "sacrifício diário" foi tirado é o tempo mencionado em Daniel 11:31 e Daniel 8:11, quando Antíoco Epifânio profanou o templo. Essa foi a primeira vez que ocorreu a "abominação desoladora". Houve uma segunda vez em que ela ocorreu, e Jesus a identificou claramente com a destruição do templo, quando Jerusalém foi destruída em 70 d.C. (Mateus 24:15; Lucas 21:20-22; Daniel 9:26-27). Por que 1.290 dias são usados para descrever o tempo entre esses dois eventos? Nenhuma resposta definitiva pode ser dada. O estilo apocalíptico de números, tornando-se antes simbólico do que literal, talvez se refira a um período indefinido, mas um período que somente Deus conhecia e sobre o qual ele tinha domínio.

Da mesma forma, somos deixados somente a especular quanto ao significado da expressão "Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias". A destruição de Jerusalém ocorreu no ano 70 d.C. e, enquanto isso marcou um tempo significativo na história do povo de Deus, um momento ainda maior foi quando o indestrutível reino de Deus veio. Roma tentou esmagar a Igreja, porém, em vez disso, a própria Roma caiu. Esse ponto no tempo foi subsequente à queda de Jerusalém e marcado por um acréscimo de mais 45 dias simbólicos. Os impérios mundiais pagãos foram terminados. Somente o reino de Deus é universal por natureza (Daniel 2:44-45).

Sabe-se o seguinte sobre a relação entre os eventos significativos do povo de Deus e os "1.290 dias" e "1.335 dias" de Daniel:

- Templo de Jerusalém profanado por Antíoco Epifânio: "sacrifício diário tirado", "abominação desoladora", início dos "1.290 dias" e dos "1.335 dias";

- Jerusalém destruída pelos romanos em 70 d.C.: fim do sistema judaico, "abominável da desolação" (Daniel 9:16-17; 12:11; Mateus 24:15; Lucas 21:20-22); "1.290 dias" desde a profanação do templo por Antíoco Epifânio;

- Queda de Roma: "Armagedom", o reino de Deus permanece, reinado de Cristo e dos fiéis por "mil anos" (Daniel 7:18,22,27; Apocalipse 16:16; 19:20-20:6); "1.335 dias" desde a profanação do templo por Antíoco Epifânio, "45 dias" desde a destruição de Jerusalém pelos romanos.

Como não se sabe o simbolismo desses números, é arriscado qualquer tipo de cálculo para determinar datas. O que sabemos é que "1.260 dias", "42 meses", "três anos e meio" e "tempos, tempo e metade de um tempo" correspondem à metade de sete, e sete é o número da perfeição divina. Na literatura bíblia apocalíptica, são representativos de um período limitado de sofrimento. "1.290 dias" possuem "um mês simbólico" de 30 dias a mais do que "1.260 dias". "1.335 dias" são "setenta e cinco dias simbólicos" a mais do que "1.260 dias" e "quarenta e cinco dias simbólicos" a mais do que "1.290 dias". Talvez não seja possível determinar o significado exato desses símbolos, pois Jesus disse em Atos 1:6-11 que Deus Pai fixou um tempo para eventos escatológicos ocorrerem, mas isso cabe apenas a ele. Não foi concedido ao ser humano (nem mesmo aos apóstolos) saber quaisquer coisas referentes aos tempos e épocas do "calendário divino" (veja 1.5.1. Atos 1:6-11).

O livro terminou dizendo que essas coisas seriam cumpridas em um futuro distante em relação a quando Daniel teve a visão. Daniel foi confirmado como um profeta verdadeiro e aguarda a ressurreição dos mortos e a vida eterna plena que serão consumados na segunda vinda de Cristo.

Observa-se novamente que essa profecia está bem distante dos dias de Daniel (mais de 400 anos), porém, no Apocalipse, profecias como essas foram ditas como "não podendo ser seladas porque o tempo está próximo" (Apocalipse 22:10). Se 400 anos foram considerados dias distantes em um livro simbólico como Daniel, que dizer da expressão "as coisas que em breve devem acontecer" de Apocalipse (Apocalipse 1:1,3; 22:6-7,10), que também é um livro simbólico no estilo de Daniel? Isso reforça o entendimento da análise do Apocalipse apresentada

anteriormente: os eventos do Livro de Apocalipse, e essas profecias em Daniel 12, iniciaram no primeiro século, pouco depois de João receber a visão (veja 1.24.1. Apocalipse 1:1-3).

2.20.13. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE DANIEL

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Daniel, as informações são:

- Daniel 2:31-45: quatro impérios mundiais poderosos existiram e caíram: o Império Babilônico, o Império Medo-Persa, o Império Grego e o Império Romano. O Império Romano foi o mais poderoso, porém, ao mesmo tempo, internamente frágil. Nos dias do Império Romano foi instituído o reino de Deus, a Igreja, o qual permanecerá para sempre e espiritualmente sempre vence os reinos humanos, os quais são transitórios. Desde a queda do Império Romano nunca se ergueu outro império mundial humano duradouro;

- Daniel 7:1-14: existiram quatro grandiosos impérios mundiais, sendo o quarto o mais poderoso. Eles foram o Império Babilônico, o Império Medo-Persa, o Império Grego e o Império Romano. O Império Romano tinha características dos impérios da Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia e, de certa forma, esses impérios "viveram por um tempo" em Roma. O Império Romano guerreou contra o povo de Deus. Um rei (Domiciano trabalhando para a ascensão de seu pai Vespasiano) desbancou outros três reis (Galba, Otão e Vitélio) e foi blasfemo em relação a Deus. No entanto, tanto o rei quanto seu império (Império Romano) estavam destinados a perecer pelo julgamento de Deus. Deus Pai deu autoridade e poder a Jesus Cristo, o qual ascendeu ao céu após sua ressurreição. Cristo efetua o julgamento contra as nações e estabeleceu um reino que não terá fim – a Igreja;

- Daniel 7:15-28: a Babilônia, a Medo-Pérsia, a Grécia e Roma foram grandes nações, mas caíram, enquanto o reino de Deus permanece para sempre. Os imperadores romanos relatados na profecia foram Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Vespasiano, Tito e Domiciano. Domiciano alegou ser um deus e exigiu que honras e sacrifícios divinos fossem feitos para ele. Sua blasfêmia contra o Altíssimo foi forte. Foi dado a ele poder contra os santos por um tempo limitado, o qual foi um período de tribulação e sofrimento para o povo de Deus. Ele ainda mudou o calendário romano e as leis romanas. No entanto, o reino de Deus permaneceu e o reinado de Domiciano chegou ao fim por ele ter sido assassinado. Depois de sua morte, até mesmo suas mudanças foram revertidas;

- Daniel 8:2-26: o Império Medo-Persa foi derrotado pelo Império Grego sob Alexandre, o Grande. No entanto, no auge de seu poder, Alexandre morreu e seu império se fragmentou em outros quatro impérios: Seleuco fundou o Império Selêucida, Cassandro tomou a Macedônia, Lisímaco tomou a Trácia e Ptolomeu I governou o Egito. Nos últimos dias desses impérios surgiu Antíoco Epifânio, o qual governou a Síria entre 175 a.C. e 164 a.C. Em seu esforço para consolidar seu reino pela imposição da cultura e divindades gregas aos seus súditos, Antíoco Epifânio viu a religião hebraica como um forte adversário de seu domínio sobre a Palestina. Quando ele conquistou Jerusalém, colocou uma imagem no templo, ofereceu carne suína no altar, e encorajou os soldados gregos a cometerem fornicação dentro do próprio templo. Ele proibiu os judeus de circuncidarem seus filhos, de guardarem o sábado e até mesmo de possuírem uma cópia das Escrituras. Esse período de abominação ocorreu de 171 a.C. até 164 a.C. Antíoco Epifânio foi poderoso e destruiu "os poderosos e o povo santo" no sentido de ter subjugado seus inimigos e os judeus;

- Daniel 9:25-27: houve um período simbólico na profecia de Daniel referido como "setenta semanas" que iniciou com o decreto de Ciro para reconstruir Jerusalém (Esdras 1:1-4; Isaías 44:26-28; 45:13) e durou até a posterior queda do Império Romano. Essas setenta semanas foram divididas em "sessenta e nove semanas" e em uma "semana final". As sessenta e nove semanas foram divididas em "sete semanas" e "sessenta e duas semanas". Todas são períodos de tempo simbólicos e não proporcionais. Setenta anos literais depois de Jeremias profetizar os setenta anos de cativeiro (606 a.C.), veio a ordem para restaurar e edificar Jerusalém (Daniel 5:30-31; 9:1-2; Esdras 1:1-6), em 536 a.C. Passadas sete semanas simbólicas das sessenta e nove semanas simbólicas, as muralhas e ruas de Jerusalém foram construídas em tempos de angústias, na época de Neemias. Passadas as outras sessenta e duas semanas simbólicas das sessenta e nove semanas simbólicas, ocorreu a primeira vinda de Cristo e sua morte na cruz. Na semana final das

setenta semanas simbólicas, Cristo confirmou a aliança (a Nova Aliança) com muitos (judeus e gentios). Na "metade" dessa semana, instituída a Nova Aliança, não houve mais necessidade de guardar a Lei de Moisés (no caso, foram referidos os oferecimentos de sacrifícios e ofertas de cereais). Veio então o Império Romano contra a nação judaica, destruindo Jerusalém e o templo. Em Mateus 24:15 e Lucas 21:20, Jesus afirmou que "o abominável da desolação" de que Daniel falou é a destruição de Jerusalém pelos exércitos romanos (os quais profanaram o templo, à semelhança de Antíoco Epifânio em Daniel 11). Essa destruição, é claro, fez cessar os sacrifícios dos judeus devido à destruição do templo. No final da semana final simbólica das setenta semanas simbólicas, a destruição foi derramada sobre o assolador – ocorreu a queda do Império Romano;

- Daniel 10:12-21: uma guerra foi travada entre a Média e a Pérsia e, então, entre a Pérsia e a Grécia. Forças angélicas podem estar envolvidas na ascensão e queda das nações. A Pérsia caiu diante da Grécia, e a Grécia caiu diante de Roma. Deus domina nos negócios das nações, levantando-as e derrubando-as, conforme o seu propósito é cumprido;

- Daniel 11:2-4: ocorreu a ascensão e queda de nações poderosas, envolvendo a Pérsia, a Grécia e, finalmente, Roma. O reino de Judá sempre esteve subjugado às potências gentias, sendo finalmente subjugado pelo governo romano. Sobre o conflito greco-pérsico, três reis ainda permaneceram na Pérsia, mas o quarto que se seguiu enfrentou a Grécia. A ordem dos reis persas a partir de Ciro foi Cambises, Smerdis, Dario Histaspes (Dario, o Grande) e Xerxes. Esse último foi forte e rico, e teve o confronto contra a Grécia. Depois, um poderoso rei da Grécia enfrentou a Pérsia (conforme Daniel 8:5-21): Alexandre, o Grande. No entanto, mais tarde, seu reino foi partido em quatro (conforme Daniel 8:22-25). Depois da morte de Alexandre, sua esposa e seu filho foram mortos. Assim, sua posteridade não recebeu nenhum império. O seu reino, assim, foi repartido em quatro divisões: Seleuco fundou o Império Selêucida, Cassandro tomou a Macedônia, Lisímaco tomou a Trácia e Ptolomeu I governou o Egito;

- Daniel 11:5-19: o reino da Grécia foi quebrado em quatro impérios e houve conflito entre duas dessas dinastias, a Síria (selêucidas) e o Egito (ptolomeus), o que também envolveu a queda final do Império Grego. A dinastia ptolemaica no Egito foi a última a cair. A nação de Judá se tornou uma espécie de "bola jogada para frente e para trás" entre essas duas potências dominantes. O rei da Síria chegou a voltar sua atenção para as ilhas do Mediterrâneo e conseguiu capturar muitas delas, mas logo seus avanços foram impedidos, e ele caiu;

- Daniel 11:20-35: Antíoco Epifânio IV ascendeu e tomou o lugar do rei da Síria por meio de manobras políticas, "intrigas", e governou a Síria de 175 a 164 a.C. Ele conseguiu até mesmo derrubar o sumo sacerdote em Judá. Nos anos de 169-167 a.C., Antíoco Epifânio tomou a cidade de Jerusalém e saqueou o templo. Submetendo pequenos grupos, um de cada vez, se tornou progressivamente mais forte, sendo capaz de fazer o que seu pai não tinha feito: conquistar o Egito. O rei do Egito foi à batalha contra ele com um exército poderoso, mas não resistiu. Os dois reis chegaram a se sentar juntos em uma "mesa de paz", mas disseram mentiras um ao outro. Antíoco Epifânio retornou à Síria levando grande espólio de guerra. Mas ele estava contra a nação judaica e sua adoração a Deus. Apareceram, então, pela primeira vez, os representantes dos romanos – os "navios de Quitim", os quais, naquela época, também estavam no Egito. Os romanos ordenaram a Antíoco Epifânio que retornasse ao lugar de onde tinha vindo. Em angústia e amargura, ele retornou e descarregou sua ira na nação judaica, tanto que, nos anos 169-167 a.C., ele tomou a cidade de Jerusalém, pilhou o templo, e ordenou que os judeus adorassem o ídolo grego que ele colocou no templo. Ele acabou com os sacrifícios diários e profanou o altar, oferecendo carne suína sobre ele. Antíoco ainda proibiu a circuncisão, a observância do sábado e a posse de cópias da Lei de Moisés. Toda essa abominação foi utilizada por Jesus como um tipo daquilo que aconteceria na "grande tribulação" durante os eventos da queda de Jerusalém que ele profetizou (Mateus 24:1-35). Alguns judeus devem ter sido enganados para cometer erro, mas os fiéis (macabeus) não cederam às ordens de Antíoco Epifânio e resistiram a ele. Os fiéis se mantiveram na Palavra de Deus, mas muitos foram mortos. Isso foi cumprido com os macabeus, os quais começaram em 168 a.C. a revolta de Matatias, o velho sacerdote, o qual foi seguido por seus cinco filhos;

- Daniel 11:36-45: mais de cem anos depois, a dinastia ptolomaica no Egito, a última do Império Grego, foi finalmente destruída. A dinastia selêucida nessa época já tinha caído, assim como Antíoco Epifânio. Roma e seus exércitos sob Otaviano/Augusto destruíram os ptolomeus no Egito, especificamente sob Cleópatra, na Batalha de Áccio. Essa data é usada para marcar o fim da república romana e o início do Império Romano. Imperadores romanos se exaltaram e se engrandeceram acima de todos os deuses (blasfemando assim contra o "Deus dos deuses", o Senhor Deus), recebendo adoração como se fossem deuses, e perseguiram os cristãos. Foram exaltados como figuras de adoração. Ao mesmo tempo, o "eclético" Império Romano tinha crença em vários deuses estrangeiros. Os dominadores romanos também eram devotados ao "deus das fortalezas", ou seja, o poder era o seu deus – eles adorariam e serviriam qualquer deus contanto que isso significasse que eles conquistariam. Os romanos, ao mesmo tempo, se exaltavam acima de outros deuses e se devotavam a outros deuses (um paradoxo que se aplica muito bem a um império feito de um amálgama de muitas nações). Roma derrotou inimigos do norte e do sul, entrando também na Palestina, mas ainda não invadindo as terras de Edom, Moabe e Amom (por enquanto). Ao conquistar o Egito, obteve muitos despojos e os líbios e os etíopes se tornaram seus cativos. No entanto, rumores do oriente (partas) e do norte (germanos) sempre perturbaram Roma. Essas áreas nunca foram realmente submetidas por Roma, e os romanos tinham que batalhar nessas áreas. Roma se estabeleceu na Palestina. O Império Romano prosperou até que "a indignação" fosse completada, ou seja, com a "destruição do poder do povo santo" – a queda de Jerusalém. Porém, tal império já tinha seu fim marcado por Deus e nada remediaria sua queda;

- Daniel 12:1-7: o "tempo de angústia, como nunca houve, desde que existem nações até aquele tempo" se refere à época do domínio romano sobre a nação judaica. Jesus confirmou essa profecia quando falou sobre a destruição de Jerusalém em Mateus 24:21-22, Marcos 13:19-20 e Lucas 21:20-24. Isso foi a "grande tribulação". Os discípulos se livraram porque Jesus os tinha prevenido quanto aos sinais da destruição iminente e eles escaparam. Jesus ligou a destruição de Jerusalém com a profecia de Daniel (Mateus 24:15; Lucas 21:20-22). Ocorre uma ressurreição espiritual naqueles que se convertem a Cristo (João 5:25). No entanto, alguns daqueles que aceitaram a Cristo (aqueles que "ressuscitaram") acabam abandonando a fé e retornam à vergonha e desprezo eternos (Mateus 24:12-13), enquanto os fiéis ("sábios") permanecem em Cristo e chegam à vida eterna. A profecia, então, foi selada e guardada para os "últimos dias" referidos no Novo Testamento (os quais iniciaram após a ressurreição e ascensão de Cristo e a instituição da Igreja, e vão até a segunda vinda de Cristo), ou seja, a profecia somente seria entendida na época da Igreja. O "fim" ocorre "quando se acabar a destruição do poder do povo santo" – o julgamento contra a nação judaica física. O Império Romano prosperou até esse ponto. A partir daí o juízo de Deus se voltou para o império, o qual foi o novo alvo da ira de Deus. Tinha sido dado poder a Roma para perseguir o povo de Deus durante esse período. Contudo, chegou a hora quando Roma caiu como império mundial, enquanto o reino de Deus continuou. O povo de Deus pode ter sido espalhado e perseguido, mas não foi destruído;

- Daniel 12:8-13: quando Antíoco Epifânio profanou o templo, ocorreu a primeira "abominação desoladora" que interrompeu os sacrifícios diários. Houve uma segunda vez em que isso ocorreu, e Jesus a identificou com a destruição do templo, quando Jerusalém foi destruída em 70 d.C. (Mateus 24:15; Lucas 21:20-22; Daniel 9:26-27). 1.290 dias simbólicos foram usados para descrever o tempo entre esses dois eventos. A destruição de Jerusalém ocorreu no ano 70 d.C. e, depois, Roma tentou esmagar a Igreja por um período limitado de tribulação e angústia ("tempos, tempo e metade de um tempo", "42 meses", "1.260 dias", "três anos e meio"). Porém, em vez disso, a própria Roma caiu. Esse ponto no tempo foi subsequente à queda de Jerusalém e marcado por um acréscimo de mais 45 dias simbólicos, totalizando os 1.335 dias simbólicos desde a primeira profanação do templo por Antíoco Epifânio. Os impérios mundiais pagãos foram terminados e somente o reino de Deus é universal por natureza (Daniel 2:44-45). O Império Romano caiu devido ao julgamento de Deus e, desde então, nenhum outro reino mundial pagão atingiu uma estabilidade duradoura. Somente o reino de Deus é um reino indestrutível (Daniel 2:44; 7:13,25-27; Hebreus 12:28). Ainda que os ímpios continuem na impiedade, os justos serão capazes de perseverar por terem entendimento de que Deus verdadeiramente domina nos reinos dos homens e, enfim, serão vitoriosos (Apocalipse 13:9-10,18; 14:12-13).

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Quatro impérios mundiais poderosos existiram (e caíram): o Império Babilônico, o Império Medo-Persa, o Império Grego e o Império Romano. O Império Romano foi o mais poderoso, mas ao mesmo tempo internamente frágil. O reino de Judá sempre esteve subjugado às potências gentias, sendo finalmente subjugado pelo governo romano. Foi durante esses dias que foi instituído o reino de Deus e a Igreja. Deus domina nos negócios das nações, levantando-as e derrubando-as, conforme o seu propósito é cumprido. Forças angélicas podem estar envolvidas na ascensão e queda das nações.

A Babilônia, a nação que destruiu Jerusalém em 586 a.C. sob Nabucodonosor, foi mais tarde conquistada pela Medo-Pérsia.

Houve um período simbólico na profecia de Daniel referido como "setenta semanas" que iniciou com o decreto de Ciro para reconstruir Jerusalém e durou até a posterior queda do Império Romano. Essas "setenta semanas" foram divididas em "sessenta e nove semanas" e em uma "semana final" simbólica. As "sessenta e nove semanas" foram divididas em "sete semanas" e "sessenta e duas semanas". Todos são períodos de tempo simbólicos e não proporcionais.

Setenta anos literais depois de Jeremias profetizar os setenta anos de cativeiro (606 a.C.) veio a ordem para restaurar e edificar Jerusalém, em 536 a.C. Passadas sete semanas simbólicas das sessenta e nove semanas simbólicas, as muralhas e ruas de Jerusalém foram reconstruídas em tempos de angústias, na época de Neemias.

Uma guerra foi travada entre a Média e a Pérsia e, então, da Pérsia contra a Grécia. A Pérsia caiu diante da Grécia (e a Grécia mais tarde caiu diante de Roma). Sobre o conflito greco-pérsico, três reis ainda permaneceram na Pérsia, mas o quarto que se seguiu enfrentou a Grécia. A ordem dos reis persas a partir de Ciro foi Cambises, Smerdis, Dario Histaspes (Dario, o Grande) e Xerxes. Esse último foi forte e rico, e confrontou a Grécia. Depois, um poderoso rei da Grécia enfrentou a Pérsia: Alexandre, o Grande. No entanto, mais tarde, seu reino foi partido em quatro. Depois da morte de Alexandre, sua esposa e seu filho foram mortos. Assim, sua posteridade não recebeu nenhum império. O seu reino, assim, foi repartido em quatro divisões: Seleuco fundou o Império Selêucida na Síria, Cassandro tomou a Macedônia, Lisímaco tomou a Trácia e Ásia Menor, e Ptolomeu I governou o Egito.

Houve conflito entre duas dessas dinastias: a Síria (selêucidas) e o Egito (ptolomeus). Isso também envolveu a queda final do Império Grego (a dinastia ptolemaica do Egito foi a última a cair). A nação de Judá se tornou uma espécie de "bola jogada para frente e para trás" entre essas duas potências dominantes.

O rei da Síria chegou a voltar sua atenção para as ilhas do Mediterrâneo e conseguiu capturar muitas delas, mas logo seus avanços foram impedidos, e ele caiu.

Nos últimos dias dos impérios que surgiram da quebra do Império Grego surgiu Antíoco Epifânio, o qual governou a Síria entre 175 a.C. e 164 a.C., tomando o lugar do rei da Síria por meio de manobras políticas, "intrigas". Em seu esforço para consolidar seu reino pela imposição da cultura e divindades gregas aos seus súditos, Antíoco Epifânio viu a religião hebraica como um forte adversário de seu domínio sobre a Palestina.

Submetendo pequenos grupos, um de cada vez, Antíoco Epifânio se tornou progressivamente mais forte, sendo capaz de fazer o que seu pai não tinha feito: conquistar o Egito. O rei do Egito foi à batalha contra ele com um exército poderoso, mas não resistiu. Os dois reis chegaram a se sentar juntos em uma "mesa de paz", mas disseram mentiras um ao outro. Antíoco Epifânio retornou à Síria levando grande espólio de guerra.

Apareceram, então, pela primeira vez, os representantes dos romanos – os "navios de Quitim", os quais, naquela época, também estavam no Egito. Os romanos ordenaram a Antíoco Epifânio que retornasse ao lugar de onde tinha vindo. Em angústia e amargura, ele retornou e descarregou sua ira na nação judaica, tanto que, nos anos 169-167 a.C., ele tomou a cidade de Jerusalém, pilhou o templo, e ordenou que os judeus adorassem o ídolo grego que ele colocou no templo. Ele conseguiu até mesmo derrubar o sumo sacerdote em Judá. Ele acabou com os sacrifícios diários e profanou o altar, oferecendo carne suína sobre ele. Antíoco ainda proibiu a circuncisão, a observância do sábado e a posse de cópias das Escrituras. Esse período de abominação ocorreu de 171 a.C. até 164 a.C. Antíoco Epifânio foi poderoso e destruiu "os poderosos e o povo santo" no sentido de ter subjugado seus inimigos e os judeus. Toda essa abominação foi utilizada por Jesus como um tipo daquilo que aconteceria na "grande tribulação" durante os eventos da queda de Jerusalém que ele profetizou. Alguns judeus devem ter sido

enganados para cometer erro, mas os fiéis (macabeus) não cederam às ordens de Antíoco Epifânio e resistiram a ele. Os fiéis se mantiveram na Palavra de Deus, mas muitos foram mortos. Isso foi cumprido com os macabeus, os quais começaram em 168 a.C. a revolta de Matatias, o velho sacerdote, o qual foi seguido por seus cinco filhos.

Mais de cem anos depois, a dinastia ptolomaica no Egito, a última do Império Grego, foi finalmente destruída. A dinastia selêucida nessa época já tinha caído, assim como Antíoco Epifânio. Roma e seus exércitos sob Otaviano/Augusto destruíram os ptolomeus no Egito, especificamente sob Cleópatra, na Batalha de Áccio. Essa data é usada para marcar o fim da república romana e o início do Império Romano.

Imperadores romanos se exaltaram e se engrandeceram acima de todos os deuses (blasfemando assim contra o "Deus dos deuses", o Senhor Deus), recebendo adoração como se fossem deuses, e perseguiram os cristãos. Foram exaltados como figuras de adoração. Ao mesmo tempo, o "eclético" Império Romano tinha crença em vários deuses estrangeiros. Os dominadores romanos também eram devotados ao "deus das fortalezas", ou seja, o poder era o seu deus – eles adorariam e serviriam qualquer deus contanto que isso significasse que eles conquistariam. Os romanos, ao mesmo tempo, se exaltavam acima de outros deuses e se devotavam a outros deuses (um paradoxo que se aplica muito bem a um império feito de um amálgama de muitas nações).

Roma derrotou inimigos do norte e do sul, entrando também na Palestina, mas ainda não invadindo as terras de Edom, Moabe e Amom (por enquanto). Ao conquistar o Egito, obteve muitos despojos e os líbios e os etíopes se tornaram seus cativos. No entanto, rumores do oriente (partas) e do norte (germanos) sempre perturbaram Roma. Essas áreas nunca foram realmente submetidas por Roma, e os romanos tinham que batalhar nessas áreas. Roma se estabeleceu na Palestina.

Passadas as sessenta e duas semanas simbólicas das sessenta e nove semanas simbólicas, ocorreu a primeira vinda de Cristo e sua morte na cruz. Na "semana final" das setenta semanas simbólicas, Cristo confirmou a aliança (a Nova Aliança) com muitos (judeus e gentios). Na "metade" dessa semana, instituída a Nova Aliança, não houve mais necessidade de serem oferecidos sacrifícios e ofertas de cereais. Veio então o Império Romano contra a nação judaica, destruindo Jerusalém e o templo. Jesus afirmou que "o abominável da desolação" de que Daniel falou é a destruição de Jerusalém pelos exércitos romanos (os quais profanaram também o templo, à semelhança de Antíoco Epifânio). Essa destruição, é claro, fez cessar os sacrifícios dos judeus devido à destruição do templo.

O Império Romano tinha características dos impérios da Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia e, de certa forma, esses impérios "viveram por um tempo" em Roma. O Império Romano guerreou contra o povo de Deus. Os imperadores romanos relatados na profecia foram Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Vespasiano, Tito e Domiciano, o qual alegou ser um deus e exigiu que honras e sacrifícios divinos fossem feitos para ele. Sua blasfêmia contra o Altíssimo foi forte. Foi dado a ele poder contra os santos por um tempo limitado, o qual foi um período de tribulação e sofrimento para o povo de Deus. Ele ainda mudou o calendário romano e as leis romanas. Domiciano, trabalhando para a ascensão de seu pai Vespasiano, desbancou outros três reis (Gaba, Otão e Vitélio) e foi blasfemo em relação a Deus. No entanto, tanto Domiciano quanto seu império estavam destinados a perecer pelo julgamento de Deus. Deus Pai deu autoridade e poder a Jesus Cristo, o qual ascendeu ao céu após sua ressurreição. Cristo efetua o julgamento contra as nações e estabeleceu um reino que não terá fim – a Igreja.

O "tempo de angústia, como nunca houve, desde que existem nações até aquele tempo" se refere à época do domínio romano sobre a nação judaica. Jesus confirmou essa profecia quando falou sobre a destruição de Jerusalém. Isso foi a "grande tribulação". Os discípulos se livraram da morte porque Jesus os tinha prevenido quanto aos sinais da destruição iminente e eles escaparam. Jesus ligou a destruição de Jerusalém com a profecia de Daniel.

Ocorre uma ressurreição espiritual naqueles que se convertem a Cristo. No entanto, alguns daqueles que se converteram (aqueles que "ressuscitaram") acabam abandonando a fé e retornam à vergonha e desprezo eternos, enquanto os fiéis ("sábios") permanecem em Cristo e chegam à vida eterna. A profecia então foi selada e guardada para os "últimos dias" referidos no Novo Testamento (os quais iniciaram após a ressurreição e ascensão de Cristo e a instituição da Igreja, e vão até a segunda vinda de Cristo), ou seja, a profecia somente seria entendida na época da Igreja.

O Império Romano prosperou até que "a indignação" fosse completada, ou seja, com a "destruição do poder do povo santo" – o julgamento contra a nação judaica física e a queda de Jerusalém em 70 d.C. Tal império já tinha seu fim marcado por Deus e nada remediaria sua queda. Quando Antíoco Epifânio profanou o templo, ocorreu a primeira "abominação desoladora" que interrompeu os sacrifícios diários. Houve uma segunda vez em que isso ocorreu, e Jesus a identificou com a destruição do templo, quando Jerusalém foi destruída em 70 d.C. 1.290 dias simbólicos foram usados para descrever o tempo entre esses dois eventos. A destruição de Jerusalém ocorreu no ano 70 d.C. e, depois, Roma tentou esmagar a Igreja por um período limitado de tribulação e angústia ("tempos, tempo e metade de um tempo", "42 meses", "1.260 dias", "três anos e meio").

O Império Romano prosperou até esse ponto. A partir daí o juízo de Deus se voltou para o império, o qual foi o novo alvo da ira de Deus. Tinha sido dado poder a Roma para perseguir o povo de Deus durante esse período. Mas o reino de Deus permaneceu e o reinado de Domiciano chegou ao fim por ele ter sido assassinado. Depois de sua morte, até mesmo suas mudanças foram revertidas.

No final da semana final simbólica das setenta semanas simbólicas, a destruição foi derramada sobre o assolador – ocorreu a queda do Império Romano. Em vez de o Império Romano esmagar a Igreja, ele próprio caiu. Esse ponto no tempo foi subsequente à queda de Jerusalém e marcado por um acréscimo de mais 45 dias simbólicos, totalizando os 1.335 dias simbólicos desde a primeira profanação do templo por Antíoco Epifânio. Os impérios mundiais pagãos foram terminados e somente o reino de Deus é universal por natureza. O Império Romano caiu devido ao julgamento de Deus e, desde então, nenhum outro reino mundial pagão atingiu, e nem atingirá, uma estabilidade duradoura. Somente o reino de Deus é um reino indestrutível. Ainda que os ímpios continuem na impiedade, os justos serão capazes de perseverar por terem entendimento de que Deus verdadeiramente domina nos reinos dos homens e, enfim, serão vitoriosos.

O povo de Deus pode ter sido espalhado e perseguido, mas não foi destruído. O reino de Deus permanecerá para sempre e espiritualmente sempre vence os reinos humanos, os quais são transitórios. Desde a queda do Império Romano, nunca se ergueu outro império mundial humano duradouro.

2.21. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE OSEIAS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Oseias. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.21.1. OSEIAS 1:10-11

> Todavia, o número dos filhos de Israel será como a areia do mar, que não se pode medir, nem contar. E acontecerá que, no lugar em que lhes foi dito: "Vocês não são o meu povo", ali mesmo se dirá a eles: "Vocês são filhos do Deus vivo." Os filhos de Judá e os filhos de Israel serão reunidos, e constituirão sobre si uma só cabeça. Eles se levantarão da terra, porque grande será o dia de Jezreel.

Embora Israel tenha sido rejeitado por seus pecados, Deus afirmou que seria uma nação tão numerosa que não poderia ser contada. Não se trata do Israel físico, mas do verdadeiro Israel no qual se enquadram todos os convertidos a Deus, especialmente por meio do evangelho de Jesus Cristo.

Foi por meio do ministério de Cristo e da instituição da Igreja que o povo que deveria ser povo de Deus, mas não foi, passou a ser. Foi na terra de Israel que os israelitas foram chamados como não sendo povo de Deus. Na Nova Aliança, proclamada na mesma terra de Israel, tanto os descendentes do reino do norte (Israel) quanto do reino do sul (Judá) passaram a ser um só povo, tendo Cristo como cabeça, inclusive com os gentios. Isso foi como um "levantar da terra", isto é, como uma ressurreição de um povo morto – uma ressurreição espiritual por meio do Messias.

2.21.2. OSEIAS 2:18-23

> Naquele dia, farei a favor dela uma aliança com os animais selvagens, com as aves do céu e com os animais que rastejam sobre a terra. Tirarei da terra o arco, a espada e a guerra e farei com que o meu povo repouse em segurança. Farei de você a minha esposa para sempre. Farei de você a minha esposa em justiça, em juízo, em bondade e em misericórdia. Farei de você a minha esposa em fidelidade, e você conhecerá o SENHOR."

> "Naquele dia, eu responderei", diz o SENHOR, "responderei aos céus, e estes responderão à terra; a terra responderá ao trigo, ao vinho e ao azeite; e estes responderão a Jezreel. Semearei Israel para mim mesmo na terra e terei compaixão de Lo-Ruamá. E para Lo-Ami direi: 'Você é o meu povo!' Ele responderá: 'Tu és o meu Deus!'"

O povo de Israel restaurado nessa profecia não se trata de uma nação física de Israel restaurada em uma posição de proeminência na Terra, mas é um tipo que representa a esposa de Cristo, a Igreja. As bênçãos temporais sob a terra para que ela gere mantimentos e chuvas, assim como a ausência de guerras e animais que aparecem depois de uma carnificina, são tipos das bênçãos espirituais recebidas pelo povo de Deus em Cristo, o que também inclui bençãos de provisões e segurança.

Todos precisam ser fiéis a Deus e conhecê-lo para fazer parte da Igreja. Pessoas que não faziam parte do povo de Deus, fossem israelitas ou gentios, passam a fazer parte de um único povo abençoado sob o Messias, Jesus Cristo.

2.21.3. OSEIAS 6:1-2

> "Venham e voltemos para o SENHOR! Porque ele nos despedaçou, mas vai nos curar; ele nos feriu, mas vai atar as feridas. Depois de dois dias, nos dará vida; ao terceiro dia, nos ressuscitará, e viveremos diante dele."

O profeta apelou ao reino do norte, Israel, que retornasse para o Senhor. Deus castigou o povo pela sua infidelidade, mas poderia, em pouco tempo, restaurá-lo para que pudesse ter comunhão com ele, caso o povo se arrependesse. O estado do povo até então era como espiritualmente morto. A restauração da comunhão com Deus é vista como uma ressurreição espiritual.

Alguns veem a menção da ressurreição em três dias como referências à ressurreição de Cristo, mas o contexto não parece dar suporte a isso. É mais provável que o verso 2 seja apenas uma forma de expressar a rapidez em que Deus pode restaurar a comunhão do povo, caso ele se voltasse a Deus de todo o coração.

2.21.4. OSEIAS 13:14

> "Eu os remirei do poder do inferno e os resgatarei da morte. Onde estão, ó morte, as suas pragas? Onde está, ó inferno, a sua destruição? Meus olhos estarão fechados para a compaixão."

A palavra "inferno" foi traduzida do hebraico *sheol*. Uma das esperanças do fiel do Antigo Testamento era o resgate do estado de morte e da permanência no mundo dos mortos. Por meio do profeta Oseias, Deus afirmou que resgatará o povo desse temido estado de morte.

No contexto, Oseias aplicou suas profecias para o reino do norte, Israel, encabeçado pela tribo de Efraim. Nesse caso, a remissão do poder da morte significa que, por mais difícil que fosse a situação, Deus daria livramento a seus fiéis. Ainda que viessem a morrer fisicamente, não permaneceriam no *sheol*. Assim, essa profecia tem um cumprimento maior na ressurreição dos mortos (1 Coríntios 15:55). Um resgate estava a ser pago para que os fiéis fossem livrados da morte e do *sheol*: a morte de Jesus Cristo na cruz.

A expressão "Meus olhos estarão fechados para a compaixão" significa que, apesar de o Senhor oferecer aos fiéis o livramento da permanência no *sheol*, não mudaria de ideia em trazer um julgamento local contra Israel, o reino do norte, por causa de suas transgressões. Logo, mesmo os fiéis podem ser afetados pelas consequências dos juízos locais de Deus.

2.21.5. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE OSEIAS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Oseias, as informações são:

- Oseias 1:10-11: o verdadeiro Israel, no qual se enquadram todos os convertidos a Deus, especialmente por meio do evangelho de Jesus Cristo, seria uma nação tão numerosa que não poderia ser contada. Foi por meio do ministério de Cristo e da instituição da Igreja que o povo que deveria ter sido povo de Deus, mas não foi, passou a ser. Foi na terra de Israel que os israelitas foram chamados como não sendo

povo de Deus. Na Nova Aliança, proclamada na mesma terra de Israel, tanto os descendentes do reino do norte (Israel) quanto do reino do sul (Judá) passaram a ser um só povo, tendo Cristo como cabeça, inclusive com os gentios. Isso foi como um "levantar da terra", isto é, como uma ressurreição de um povo morto – uma ressurreição espiritual por meio do Messias;

- Oseias 2:18-23: o povo de Israel restaurado não se trata de uma nação física de Israel restaurada em uma posição de proeminência na Terra, mas é um tipo que representa a esposa de Cristo, a Igreja. As bênçãos temporais sob a terra para que ela gere mantimentos e chuvas, assim como a ausência de guerras e animais que aparecem depois de uma carnificina, são tipos das bênçãos espirituais recebidas pelo povo de Deus em Cristo, o que também inclui bençãos de provisões e segurança. Todos precisam ser fiéis a Deus e conhecê-lo para fazer parte da Igreja. Pessoas que não faziam parte do povo de Deus, fossem israelitas ou gentios, passam a fazer parte de um único povo abençoado sob o Messias, Jesus Cristo;

- Oseias 6:1-2: o profeta apelou ao reino do norte, Israel, que retornasse para o Senhor. Deus castigou o povo pela sua infidelidade, mas poderia, em pouco tempo, restaurá-lo para que pudesse ter comunhão com ele, caso se arrependesse. O estado do povo até então era como espiritualmente morto. A restauração da comunhão com Deus é vista como uma ressurreição espiritual;

- Oseias 13:14: uma das esperanças do fiel do Antigo Testamento era o resgate do estado de morte e da permanência no mundo dos mortos. Por meio do profeta Oseias, Deus afirmou que resgatará o povo desse temido estado de morte. Oseias aplicou suas profecias para o reino do norte, Israel, encabeçado pela tribo de Efraim. Nesse caso, a remissão do poder da morte significa que, por mais difícil que fosse a situação, Deus daria livramento a seus fiéis. Ainda que viessem a morrer fisicamente, não permaneceriam no *sheol*. Assim, essa profecia tem um cumprimento maior na ressurreição dos mortos (1 Coríntios 15:55). Um resgate estava a ser pago para que os fiéis fossem livrados da morte e do *sheol*: a morte de Jesus Cristo na cruz. Apesar de o Senhor oferecer aos fiéis o livramento da permanência no *sheol*, não mudaria de ideia em trazer um julgamento local contra Israel, o reino do norte, por causa de suas transgressões. Logo, mesmo os fiéis podem ser afetados pelas consequências dos juízos locais de Deus.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

O profeta apelou ao reino do norte, Israel, que retornasse para o Senhor. Deus castigou aquele povo pela sua infidelidade (o reino do norte caiu diante da Assíria em 722 a.C.), mas poderia, em pouco tempo, restaurá-lo para que pudesse ter comunhão com ele, caso tivesse se convertido. O estado do povo até então era contado como espiritualmente morto. Assim, a restauração da comunhão com Deus é vista como uma ressurreição espiritual.

Uma das esperanças do fiel do Antigo Testamento era o resgate do estado de morte e da permanência no mundo dos mortos. Por meio do profeta Oseias, Deus afirmou que resgatará o povo desse temido estado de morte. Oseias aplicou suas profecias para o reino do norte, Israel, encabeçado pela tribo de Efraim. Nesse caso, a remissão do poder da morte significa que, por mais difícil que fosse a situação, Deus daria livramento a seus fiéis. Ainda que viessem a morrer fisicamente, não permaneceriam no *sheol*. Assim, essa profecia tem um cumprimento maior na ressurreição dos mortos (1 Coríntios 15:55). Um resgate estava a ser pago para que os fiéis fossem livrados da morte e do *sheol*: a morte de Jesus Cristo na cruz. Apesar de o Senhor oferecer aos fiéis o livramento da permanência no *sheol*, não mudaria de ideia em trazer um julgamento local contra Israel, o Reino do Norte, por causa de suas transgressões. Logo, mesmo os fiéis podem ser afetados pelas consequências dos juízos locais de Deus

O verdadeiro Israel, no qual se enquadram todos os convertidos a Deus, especialmente por meio do evangelho de Jesus Cristo, seria uma nação tão numerosa que não poderia ser contada. Foi por meio do ministério de Cristo e da instituição da Igreja que o povo que deveria ter sido povo de Deus, mas não foi, passou a ser. Foi na terra de Israel que os israelitas foram chamados como não sendo povo de Deus. Na Nova Aliança, proclamada na mesma terra de Israel, tanto os descendentes do reino do norte (Israel) quanto do reino do sul (Judá) passaram a ser um só povo, tendo Cristo como cabeça, inclusive com os gentios. Isso foi como um "levantar da terra", isto é, como uma ressurreição de um povo morto – uma ressurreição espiritual por meio do Messias.

O povo de Israel restaurado não se trata de uma nação física de Israel restaurada em uma posição de proeminência na Terra, mas é um tipo que representa a esposa de Cristo, a Igreja. As bênçãos temporais sob a terra para que ela gere mantimentos e chuvas, assim como a ausência de guerras e animais que aparecem depois de uma carnificina, são tipos das bênçãos espirituais recebidas pelo povo de Deus em Cristo, o que também inclui bençãos de provisões e segurança. Todos precisam ser fiéis a Deus e conhecê-lo para fazer parte da Igreja. Pessoas que não faziam parte do povo de Deus, fossem israelitas ou gentios, passam a fazer parte de um único povo abençoado sob o Messias, Jesus Cristo.

2.22. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE JOEL

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Joel. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.22.1. JOEL 1:4-6

> O que o gafanhoto cortador deixou, o gafanhoto migrador comeu; o que o migrador deixou, o gafanhoto devorador comeu; o que o devorador deixou, o gafanhoto destruidor comeu. Acordem, beberrões, e chorem! Lamentem, todos vocês que gostam de vinho, por causa do vinho novo, pois foi tirado da boca de vocês. Porque veio um povo contra a minha terra, poderoso e inumerável, com dentes como de leão e presas como de leoa.

O contexto é que a terra de Israel havia sido atacada por uma praga de gafanhotos. Esses gafanhotos prefiguraram um exército poderoso que Deus iria mandar assolar a nação, caso ela não se arrependesse. Os gafanhotos foram comparados, figuradamente, com tal exército, o qual era poderoso e muito numeroso. A descrição simbólica do exército tendo dentes de leão e presas de leoa demonstra sua ferocidade.

A figura de um exército inimigo assolando a Israel como se fosse um enxame de gafanhotos terríveis é utilizada também no capítulo 9 do Livro do Apocalipse, onde é representado o exército romano.

2.22.2. JOEL 1:15

> Ah! Que dia! Porque o Dia do SENHOR está perto e ele vem como destruição da parte do Todo-Poderoso.

O profeta Joel se referiu à ameaça de um dia de julgamento local de Deus contra Israel, o qual seria realizado por meio do exército terrível prefigurado pelo ataque dos gafanhotos. Se o povo não se arrependesse, tal exército viria e arrasaria a nação. Se o ataque de gafanhotos já foi terrível, muito mais ia ser o dia do Senhor com o referido exército.

2.22.3. JOEL 2:1-11

> Toquem a trombeta em Sião e deem o alarme no meu santo monte. Que todos os moradores da terra tremam, porque o Dia do SENHOR está chegando; já está próximo. É dia de trevas e escuridão, dia de nuvens e densas trevas! Como a luz do amanhecer sobre os montes, assim se difunde um povo grande e poderoso, como nunca houve igual desde os tempos antigos, nem haverá outro depois dele pelos anos seguintes, de geração em geração. À frente dele vai fogo devorador, atrás dele vêm chamas destruidoras. Diante desse povo, a terra é como o jardim do Éden; mas, atrás dele, fica devastada como um deserto. Nada lhe escapa. A sua aparência é como a de cavalos; e, como cavaleiros, assim correm. Com um estrondo semelhante ao de carros de guerra, eles vêm saltando no alto dos montes, crepitando como chamas de fogo que devoram a palha, como um povo poderoso posto em ordem de combate. Diante deles, os povos tremem; todos os rostos empalidecem. Correm como valentes; como homens de guerra, sobem muros. Cada um vai no seu caminho e não se desvia da sua fileira. Não empurram uns aos outros; cada um segue o seu rumo. Avançam entre as lanças e não se detêm no seu caminho. Invadem a cidade, correm pelas muralhas, sobem pelas paredes das casas, entram pelas janelas como ladrões. Diante deles, a terra treme e os céus se abalam; o sol e a lua se escurecem, e as estrelas deixam de brilhar. O SENHOR levanta a voz diante do seu exército. Porque o seu arraial é enorme, e quem executa as suas ordens é poderoso. Sim, grande e mui terrível é o Dia do SENHOR! Quem o poderá suportar?

Ainda falando sobre o poderoso exército que foi prefigurado pelo ataque de gafanhotos e que viria contra o povo de Israel caso ele não se arrependesse, o profeta Joel deu novas descrições simbólicas ao referido exército. O dia do Senhor foi descrito como sendo o dia em que Israel cairia diante de tal exército.

A expressão "um povo grande e poderoso, como nunca houve igual desde os tempos antigos, nem haverá outro depois dele pelos anos seguintes, de geração em geração" não significa que esse foi, literalmente, o exército mais poderoso da história, mas trata-se de uma hipérbole para afirmar o poder do exército. Tal exército, por onde passava, deixava um rastro de destruição, o que foi demonstrado com a figura de que, antes de sua ação, a terra era como o Éden, porém, depois de ser afetada, a terra se tornava em desolação. O profeta deixou claro que Deus operava por trás do exército, usando-o como ferramenta de juízo divino. O poder desse exército foi enfatizado com outras figuras, sendo que foi comparado a fogo devorador, cavalos, cavaleiros, carros de guerra, fogo devorando palha, valentes, escaladores de muros, invasores de cidades e lares, e um exército organizado que não deixava nada escapar. O referido exército era tão poderoso que causava terror naqueles que foram escolhidos para serem suas vítimas.

O dia em que Israel seria atacado por tal exército também foi retratado com figuras simbólicas tais como o Sol e a Lua e as estrelas escurecendo, o aparecimento de nuvens, grandes trevas, e o céu se abalando. Essas imagens não se referiram ao fim do mundo, mas é uma linguagem frequentemente aplicada na Bíblia para o fim de uma nação ou povo por um julgamento local da parte de Deus. Os julgamentos locais de Deus foram frequentemente realizados por um exército avassalador. Na verdade, os julgamentos locais prefiguram o juízo final, e essa é a razão do uso de tal linguagem.

2.22.4. JOEL 2:18-20

> Então o SENHOR teve grande amor pela sua terra e se compadeceu do seu povo. O SENHOR respondeu ao seu povo: "Eis que lhes envio o cereal, o vinho e o azeite, e vocês ficarão satisfeitos. Nunca mais farei de vocês motivo de zombaria entre as nações. Mas o invasor que vem do Norte, eu o removerei para longe de vocês e o lançarei para uma terra seca e deserta. Lançarei a sua vanguarda para o mar oriental, e a sua retaguarda, para o mar ocidental. Subirá o seu mau cheiro, e subirá a sua podridão; porque agiu poderosamente."

Em Joel 2:12-17, o profeta convocou o povo para arrependimento. Deus concedeu essa misericórdia e removeu o ataque dos gafanhotos da terra de Israel, levando-o para longe. O cheiro ruim do enxame morto de gafanhotos, no entanto, foi sentido pelo povo, servindo como um lembrete das consequências de desobedecer a Deus.

Assim como o Senhor livrou a Israel da praga de gafanhotos, assim também deixou de trazer o terrível exército prefigurado pelo enxame. O arrependimento de uma nação pode, portanto, evitar, ou, no caso de Israel, adiar dias de julgamentos locais decretados por Deus.

A promessa de que Deus nunca mais faria do povo zombaria entre as nações não se referiu a alguma futura proeminência do reino de Israel na Terra, mas simplesmente significa que o povo daquela época que se arrependeu viveria em paz, especialmente com Deus removendo a ameaça do ataque do exército terrível, bem como da praga de gafanhotos. Isso também prefigura o povo de Deus nos novos céus e nova terra, onde nunca mais será atacado por inimigos.

2.22.5. JOEL 2:26-27

> Vocês terão comida em abundância e ficarão satisfeitos, e louvarão o nome do SENHOR, seu Deus, que fez maravilhas em favor de vocês. E nunca mais o meu povo será envergonhado. Vocês saberão que eu estou no meio de Israel, e que eu sou o SENHOR, o Deus de vocês, e que não há outro. E nunca mais o meu povo será envergonhado.

O povo da época de Joel que se arrependeu foi livrado da tanto da praga de gafanhotos que o afligia quanto do exército terrível que era prefigurado pela praga e que estava por vir. Sem os gafanhotos, os alimentos puderam ser usufruídos com abundância e o povo louvou ao Senhor. Assim, Deus tornou evidente ao povo que apenas ele é Deus, e não há outro.

A expressão "nunca mais o meu povo será envergonhado" não implica que o Israel físico será uma nação em uma posição preeminente na Terra no futuro. Trata-se de uma promessa de que o povo de Deus, ou seja, todo aquele que for fiel ao Senhor, chegará a um ponto em que não passará por vergonha alguma, particularmente a opressão por inimigos. Isso não é uma garantia de que o fiel não será oprimido durante sua vida física. No entanto, quando estiver com o Senhor, seja pela sua morte física ou pelo retorno de Jesus Cristo, não mais poderá ser envergonhado. A promessa se concretiza em sua plenitude nos novos céus e nova terra.

Interessantemente, embora o povo tenha sido livrado do exército prefigurado pelos gafanhotos anunciado por Joel, posteriormente Israel foi assolado pelo Império Romano em 70 d.C., cujo exército também foi representado por gafanhotos em Apocalipse 9 (ver 1.24.19. Apocalipse 9:1-12).

2.22.6. JOEL 2:28-32

> E acontecerá, depois disso, que derramarei o meu Espírito sobre toda a humanidade. Os filhos e as filhas de vocês profetizarão, os seus velhos sonharão, e os seus jovens terão visões. Até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias. Mostrarei prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça. O sol se transformará em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor. E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Porque, no monte Sião e em Jerusalém, estarão os que forem salvos, como o Senhor prometeu; e, entre os sobreviventes, aqueles que o Senhor chamar.

Como verificamos em 1.5.2. Atos 2:14-21, Pedro afirmou que a profecia de Joel 2:28-32 estava sendo cumprida naquele momento. O derramamento do Espírito já foi concretizado na época apostólica, o que faz total sentido com todo o Livro de Atos dos Apóstolos e as epístolas às igrejas do primeiro século. Assim, o derramamento do Espírito corresponde à época de profecias e visões que ocorria enquanto a Igreja primitiva se espalhava no primeiro século. Aos cristãos primitivos foram concedidos dons espirituais, revelações e profecias pelo Espírito.

Os prodígios, sinais e o "dia do Senhor" não são uma aplicação para um futuro que ainda não ocorreu, mas para algo que ocorreu na época da Igreja primitiva. Jesus aplicou uma linguagem de "dia do Senhor" para o fim do templo e de Jerusalém (veja a análise em 1.1.28. Mateus 24:1-35, 1.2.9. Marcos 13:1-31 e 1.3.20. Lucas 21:5-36). Assim, é mais coerente afirmar que a profecia se cumpriu na Igreja primitiva e que a linguagem cataclísmica e o "dia do Senhor" correspondem à queda de Jerusalém, o que implica em um "fim do mundo judeu". Os sinais de "sangue, fogo e nuvens de fumaça" são bem típicos da ruína de uma cidade por uma guerra.

Sendo assim, embora o povo da época de Joel tenha se arrependido e Deus tenha removido a praga de gafanhotos e a ameaça do exército que estava por vir, ainda assim outro acerto de contas – outro "dia do Senhor" – estava por vir. E esse foi o dia de Jerusalém e do templo serem destruídos em 70 d.C. pelo Império Romano, o qual também foi representado por gafanhotos em Apocalipse 9 (ver 1.24.19. Apocalipse 9:1-12).

2.22.7. JOEL 3:1-8

> Eis que, naqueles dias e naquele tempo, em que mudarei a sorte de Judá e de Jerusalém, congregarei todas as nações e as farei descer ao vale de Josafá. E ali entrarei em juízo contra elas por causa do meu povo e da minha herança, Israel, a quem elas espalharam entre os povos, repartindo a minha terra entre si. Lançaram sortes sobre o meu povo, e deram meninos em troca de prostitutas, e venderam meninas por vinho, que beberam. O que vocês têm contra mim, Tiro, Sidom, e todas as regiões da Filístia? Estão querendo se vingar de mim? Se é isso que vocês querem, sem demora farei com que essa vingança caia sobre a cabeça de vocês. Visto que vocês levaram a minha prata e o meu ouro, e puseram as minhas joias preciosas nos seus templos, e venderam os filhos de Judá e os filhos de Jerusalém aos filhos dos gregos, para afastá-los da sua terra, eis que eu os trarei desse lugar para onde vocês os venderam e farei com que a vingança caia sobre a própria cabeça de vocês. Venderei os filhos e as filhas de vocês aos filhos de Judá, e estes os venderão aos sabeus, que são uma nação distante, porque o SENHOR o disse.

Nações inimigas de Israel como Tiro, Sidom e Filístia causaram males ao povo de Deus e foram punidas. Uma das formas de punição foi a venda de pessoas dessas nações para a nação de Judá que, por sua parte, as vendeu à nação distante dos sabeus. No entanto, uma maior punição contra as nações inimigas do povo de Deus foi retratada em uma batalha simbólica que usa o vale de Josafá como pano de fundo. Nessa batalha simbólica, as

muitas nações ímpias são ajuntadas para atacar o povo de Deus em um vale, sendo depois derrotadas pelo Senhor que, então, concede bênçãos ao seu povo. Um quadro similar ocorre em Ezequiel 38-39 e Apocalipse 19-20.

O vale de Josafá, também chamado de "vale da Decisão" no Livro de Joel, foi onde ocorreu uma vitória proverbial de Deus contra os amonitas e moabitas (2 Crônicas 20:1-30). Assim, o vale de Josafá é um símbolo de destruição e julgamento para os infiéis e vitória para os fiéis.

2.22.8. JOEL 3:9-16

> Proclamem isto entre as nações: "Declarem guerra santa e convoquem os valentes. Que todos os homens de guerra se apresentem e se preparem. Transformem as suas lâminas de arado em espadas, e as suas foices, em lanças. Que o fraco diga: 'Eu sou forte.'" Todos vocês, povos vizinhos, apressem-se e venham depressa, e reúnam-se ali. Faze descer os teus valentes, ó SENHOR! Que todas as nações se levantem e sigam para o vale de Josafá, porque ali me assentarei para julgar todas as nações vizinhas. Peguem a foice e comecem a colher, porque a plantação está madura. Venham, pisem as uvas, porque o lagar está cheio, os seus compartimentos transbordam. Porque é grande a maldade dessas nações! Multidões, multidões no vale da Decisão! Porque o Dia do Senhor está perto, no vale da Decisão. O sol e a lua se escurecem, e as estrelas deixam de brilhar. O SENHOR rugirá de Sião e de Jerusalém fará ouvir a sua voz. Os céus e a terra tremerão, mas o SENHOR será o refúgio do seu povo e a fortaleza dos filhos de Israel.

Deus retratou, por meio do profeta Joel, uma grande batalha simbólica na qual as muitas nações ímpias são ajuntadas para atacar o povo de Deus no vale da Decisão, ou vale de Josafá, com todas as suas forças e números. O vale de Josafá é um símbolo de julgamento contra os infiéis e vitória para os fiéis.

As nações ímpias são instigadas pelo Senhor a usar todas as suas forças e armas: até mesmo pessoas consideradas fracas são usadas na guerra, e equipamentos agrícolas são usados como armas. Nenhum recurso é desperdiçado. Os ímpios são retratados como uma enorme multidão que se dirige com força total para atacar o povo de Deus. Mesmo vindo com força máxima, os inimigos de Deus são derrotados e comparados a uma quantidade enorme de uvas sendo pisoteadas em um lagar. Isso é uma figura de julgamento que indica uma derrota total para inimigos de Deus.

Deus rugiu do meio de Jerusalém. Jerusalém representa o povo de Deus em comunhão com ele. Assim, Deus mostrou sua ira derrotando os inimigos de seu povo e o protegendo, sendo seu refúgio. Céus e terra tremeram, mas o povo de Deus permaneceu não afetado. Sol, Lua e estrelas deixam de brilhar, o que é uma linguagem de julgamento que transmite que o fim chegou para as nações ímpias.

Assim, o objetivo dessa batalha simbólica é transmitir aos fiéis que não importa o tamanho do inimigo ou sua força. Em última análise, aquele que for fiel a Deus será preservado em comunhão com ele, enquanto aos infiéis resta apenas vergonhosa derrota e morte.

2.22.9. JOEL 3:17-21

> Assim vocês saberão que eu sou o SENHOR, o Deus de vocês, que habito em Sião, o meu santo monte. Jerusalém será santa; estranhos não passarão mais por ela. E acontecerá que, naquele dia, os montes destilarão vinho, e as colinas manarão leite, e todos os rios de Judá estarão cheios de água. Uma fonte sairá da Casa do SENHOR e regará o vale de Sitim. O Egito se tornará uma desolação, e Edom se fará um deserto abandonado, por causa da violência que fizeram aos filhos de Judá, em cuja terra derramaram sangue inocente. Judá, porém, será habitada para sempre, e Jerusalém, de geração em geração. Eu vingarei o sangue deles, que ainda não foi vingado. E o SENHOR habitará em Sião.

A demonstração do poder de Deus e o julgamento das nações ímpias retratado na batalha simbólica no vale de Josafá atestam que ele é o Deus dos fiéis e que habita entre eles, protegendo-os e suprindo-os. Jerusalém e Sião são simbólicos do povo de Deus em um estado de comunhão plena com o Senhor que habita entre eles.

A alusão de que Jerusalém será santa, que os montes destilarão vinho, as colinas manarão leite, e que rios de Judá serão cheios de água, são símbolos das bençãos espirituais de Deus sobre seu povo. O povo de Deus é santo como ele é santo, e nada que seja estranho a Deus está presente. A fonte que sai da casa do Senhor e rega o

vale de Sitim evoca a imagem de um rio irrigando um deserto, ilustrando que apenas a comunhão com Deus traz a verdadeira vida e, sem ele, é como se somente existisse deserto.

Assim, por meio do uso de imagens de coisas físicas agradáveis, bênçãos bem conhecidas por Israel, o profeta Joel, em última análise, apontou para o estado de plena comunhão com Deus nos novos céus e nova terra, onde as bênçãos terão magnitude máxima e nada que não seja santo existirá. A Jerusalém que representa o estado de plenitude dos fiéis será sempre habitada, sem a ameaça de inimigos ou de algo ruim.

Por outro lado, nações infiéis como o Egito antigo e Edom, além de terem chegado ao fim da existência na Terra, punidos pelo Senhor por terem causado males a seu povo, são símbolos de todos os inimigos de Deus sendo punidos por ele. Em última análise, os justificados serão vingados no julgamento final, e o que restará para os não justificados é o banimento da presença de Deus, o que é representado pela desolação e deserto em que o antigo Egito e Edom se tornam na profecia. A expressão final, "E o SENHOR habitará em Sião", representa Deus habitando com seus justificados no estado de plenitude eterna após ter punido os não justificados.

2.22.10. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE JOEL

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Joel, as informações são:

- Joel 1:4-6: a terra de Israel havia sido atacada por uma praga de gafanhotos. Esses gafanhotos prefiguraram um exército poderoso que Deus iria mandar para assolar a nação, caso ela não se arrependesse. Os gafanhotos foram comparados, figuradamente, com tal exército, o qual era poderoso e muito numeroso;

- Joel 1:15: o profeta Joel se referiu à ameaça de um dia de julgamento local de Deus contra Israel, o qual seria realizado por meio do exército terrível prefigurado pelo ataque dos gafanhotos. Se o povo não se arrependesse, tal exército viria e arrasaria a nação. Se o ataque de gafanhotos já foi terrível, muito mais ia ser o dia do Senhor com o referido exército;

- Joel 2:1-11: o dia em que Israel seria atacado pelo exército terrível prefigurado pelos gafanhotos foi retratado com figuras simbólicas tais como o Sol e a Lua e as estrelas escurecendo, o aparecimento de nuvens, grandes trevas, e o céu se abalando. Essas imagens não se referiram ao fim do mundo, mas é uma linguagem frequentemente aplicada na Bíblia para o fim de uma nação ou povo por um julgamento local da parte de Deus. Os julgamentos locais de Deus foram frequentemente realizados por um exército avassalador. Na verdade, os julgamentos locais prefiguram o juízo final, e essa é a razão do uso de tal linguagem;

- Joel 2:18-20: o arrependimento de Israel fez com que Deus o livrasse da praga de gafanhotos e deixasse de trazer o exército terrível prefigurado por ela. O povo daquela época que se arrependeu viveria em paz. Isso também prefigura o povo de Deus nos novos céus e nova terra, onde os fiéis nunca mais serão atacados por inimigos;

- Joel 2:26-27: o povo da época de Joel que se arrependeu foi livrado da tanto da praga de gafanhotos que o afligia quanto do exército terrível que era prefigurado pela praga e que estava por vir. Sem os gafanhotos, os alimentos puderam ser usufruídos com abundância e o povo louvou ao Senhor. Assim, Deus tornou evidente ao povo que apenas ele é Deus, e não há outro. O povo de Deus, ou seja, todo aquele que for fiel ao Senhor, chegará a ponto em que não passará por vergonha alguma, particularmente a opressão por inimigos. Isso não é uma garantia de que o fiel não será oprimido durante sua vida física, no entanto, quando estiver com o Senhor, seja pela sua morte física ou pelo retorno de Jesus Cristo, não mais poderá ser envergonhado. A promessa se concretiza em sua plenitude nos novos céus e nova terra;

- Joel 2:28-32: o derramamento do Espírito corresponde à época de profecias e visões que ocorria enquanto a Igreja primitiva se espalhava no primeiro século. Aos cristãos primitivos foram concedidos dons espirituais, revelações e profecias pelo Espírito. A profecia se cumpriu na Igreja primitiva e a linguagem cataclísmica e o "dia do Senhor" correspondem à queda de Jerusalém, o que implica em um

"fim do mundo judeu". Os sinais de "sangue, fogo e nuvens de fumaça" são bem típicos da ruína de uma cidade por uma guerra. Sendo assim, embora o povo da época de Joel tenha se arrependido e Deus tenha removido a praga de gafanhotos e a ameaça do exército que estava por vir, ainda assim outro acerto de contas – outro "dia do Senhor" – estava por vir. E esse foi o dia de Jerusalém e do templo serem destruídos em 70 d.C. pelo Império Romano, o qual também foi representado por gafanhotos em Apocalipse 9;

- Joel 3:1-8: nações inimigas de Israel como Tiro, Sidom e Filístia causaram males ao povo de Deus e foram punidas. Uma das formas de punição foi a venda de pessoas dessas nações para a nação de Judá que, por sua parte, as vendeu à nação distante dos sabeus. No entanto, uma maior punição contra as nações inimigas do povo de Deus foi retratada em uma batalha simbólica que usa o vale de Josafá como pano de fundo. Nessa batalha simbólica, as muitas nações ímpias são ajuntadas para atacar o povo de Deus em um vale, sendo depois derrotadas pelo Senhor que, então, concede bênçãos ao seu povo. O vale de Josafá é um símbolo de destruição e julgamento para os infiéis e vitória para os fiéis;

- Joel 3:9-16: Deus retratou, por meio do profeta Joel, uma grande batalha simbólica na qual as muitas nações ímpias são ajuntadas para atacar o povo de Deus no vale da Decisão, ou vale de Josafá, com todas as suas forças e números. As nações ímpias são instigadas pelo Senhor a usar todas as suas forças e armas: até mesmo pessoas consideradas fracas são usadas na guerra, e equipamentos agrícolas são usados como armas. Nenhum recurso é desperdiçado. Os ímpios são retratados como uma enorme multidão que se dirige com força total para atacar o povo de Deus. Mesmo vindo com força máxima, são derrotados e comparados a uma quantidade enorme de uvas sendo pisoteadas em um lagar. Isso é uma figura de julgamento que indica uma derrota total para inimigos de Deus. Deus rugiu do meio de Jerusalém. Jerusalém representa o povo de Deus em comunhão com ele. Assim, Deus mostrou sua ira derrotando os inimigos de seu povo e o protegendo, sendo seu refúgio. Céus e terra tremeram, mas o povo de Deus permaneceu não afetado. Sol, Lua e estrelas deixam de brilhar, o que é uma linguagem de julgamento que transmite que o fim chegou para as nações ímpias. Assim, o objetivo dessa batalha simbólica é transmitir aos fiéis que não importa o tamanho do inimigo ou sua força. Em última análise, aquele que for fiel a Deus será preservado em comunhão com ele, enquanto aos infiéis resta apenas vergonhosa derrota e morte;

- Joel 3:17-21: a demonstração do poder de Deus e o julgamento das nações ímpias retratado na batalha simbólica no vale de Josafá atestam que ele é o Deus dos fiéis e que habita entre eles, protegendo-os e suprindo-os. Por meio do uso de imagens de coisas físicas agradáveis, bênçãos bem conhecidas por Israel, o profeta Joel, em última análise, apontou para o estado de plena comunhão com Deus nos novos céus e nova terra, onde as bênçãos terão magnitude máxima e nada que não seja santo existirá. A Jerusalém que representa o estado de plenitude dos fiéis será sempre habitada, sem a ameaça de inimigos ou de algo ruim. Por outro lado, nações infiéis como o Egito antigo e Edom, além de terem chegado ao fim da existência na Terra, punidos pelo Senhor por terem causado males a seu povo, são símbolos de todos os inimigos de Deus sendo punidos por ele. Em última análise, os justificados serão vingados no julgamento final, e restará para os não justificados o banimento da presença de Deus, o que é representado pela desolação e deserto em que o antigo Egito e Edom se tornam na profecia. Deus habitará com seus justificados no estado de plenitude eterna após ter punido os não justificados.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

A terra de Israel havia sido atacada por uma praga de gafanhotos. Esses gafanhotos prefiguraram um exército poderoso que Deus iria mandar assolar a nação, caso ela não se arrependesse. Os gafanhotos foram comparados, figuradamente, com tal exército, o qual era poderoso e muito numeroso. Isso era a ameaça de um dia de julgamento local de Deus contra Israel. Se o povo não se arrependesse, tal exército viria e arrasaria a nação. Se o ataque de gafanhotos já foi terrível, muito mais ia ser o dia do Senhor com o referido exército.

O dia em que Israel seria atacado pelo exército terrível prefigurado pelos gafanhotos foi retratado com figuras simbólicas tais como o Sol e a Lua e as estrelas escurecendo, o aparecimento de nuvens, grandes trevas, e o céu se abalando. Essas imagens não se referiram ao fim do mundo, mas é uma linguagem frequentemente aplicada na Bíblia para o fim de uma nação ou povo por um julgamento local da parte de Deus. Os julgamentos locais de

Deus foram frequentemente realizados por um exército avassalador. Na verdade, os julgamentos locais prefiguram o juízo final, e essa é a razão do uso de tal linguagem.

O arrependimento de Israel fez com que Deus o livrasse da praga de gafanhotos e deixasse de trazer o exército terrível prefigurado por essa praga. O povo daquela época que se arrependeu viveu em paz, e isso também prefigura o povo de Deus nos novos céus e nova terra, onde os fiéis nunca mais serão atacados por inimigos. Sem os gafanhotos, os alimentos puderam ser usufruídos com abundância e o povo louvou ao Senhor. Assim, Deus tornou evidente ao povo que apenas ele é Deus, e não há outro.

Embora o povo da época de Joel tenha se arrependido e Deus tenha removido a praga de gafanhotos e a ameaça do exército que estava por vir, ainda assim outro acerto de contas – outro "dia do Senhor" – estava por vir. E esse foi o dia de Jerusalém e do templo serem destruídos em 70 d.C. pelo Império Romano, o qual também foi representado por gafanhotos em Apocalipse 9.

Nações inimigas de Israel como Tiro, Sidom e Filístia causaram males ao povo de Deus e foram punidas. Uma das formas de punição foi a venda de pessoas dessas nações para a nação de Judá que, por sua parte, as vendeu à nação distante dos sabeus.

O derramamento do Espírito corresponde à época de profecias e visões que ocorria enquanto a Igreja primitiva se espalhava no primeiro século. Aos cristãos primitivos foram concedidos dons espirituais, revelações e profecias pelo Espírito. A profecia se cumpriu na Igreja primitiva e a linguagem cataclísmica e o "dia do Senhor" correspondem à queda de Jerusalém, o que implica em um "fim do mundo judeu". Os sinais de "sangue, fogo e nuvens de fumaça" são bem típicos da ruína de uma cidade por uma guerra.

Deus retratou, por meio do profeta Joel, uma grande batalha simbólica na qual as muitas nações ímpias são ajuntadas para atacar o povo de Deus no vale da Decisão, ou vale de Josafá, com todas as suas forças e números. Nessa batalha, as muitas nações ímpias são ajuntadas para atacar o povo de Deus em um vale, sendo depois derrotadas pelo Senhor que, então, concede bênçãos ao seu povo. O vale de Josafá é um símbolo de destruição e julgamento para os infiéis e vitória para os fiéis.

As nações ímpias são instigadas pelo Senhor a usar todas as suas forças e armas: até mesmo pessoas consideradas fracas são usadas na guerra, e equipamentos agrícolas são usados como armas. Nenhum recurso é desperdiçado. Os ímpios são retratados como uma enorme multidão que se dirige com força total para atacar o povo de Deus. Mesmo vindo com força máxima, são derrotados e comparados a uma quantidade enorme de uvas sendo pisoteadas em um lagar. Isso é uma figura de julgamento que indica uma derrota total para inimigos de Deus.

Deus rugiu do meio de Jerusalém. Jerusalém representa o povo de Deus em comunhão com ele. Assim, Deus mostrou sua ira derrotando os inimigos de seu povo e protegendo-o, sendo seu refúgio. Céus e terra tremeram, mas o povo de Deus permaneceu não afetado. Sol, Lua e estrelas deixam de brilhar, o que é uma linguagem de julgamento que transmite que o fim chegou para as nações ímpias. Assim, o objetivo dessa batalha simbólica é transmitir aos fiéis que, não importa o tamanho do inimigo ou sua força, em última análise, aquele que for fiel a Deus será preservado em comunhão com ele, enquanto aos infiéis resta apenas vergonhosa derrota e morte.

A demonstração do poder de Deus e o julgamento das nações ímpias retratado na batalha simbólica no vale de Josafá atestam que ele é o Deus dos fiéis e que habita entre eles, protegendo-os e suprindo-os. Por meio do uso de imagens de coisas físicas agradáveis, bênçãos bem conhecidas por Israel, o profeta Joel, em última análise, apontou para o estado de plena comunhão com Deus nos novos céus e nova terra, onde as bênçãos terão magnitude máxima e nada que não seja santo existirá. A Jerusalém que representa o estado de plenitude dos fiéis será sempre habitada, sem a ameaça de inimigos ou de algo ruim.

O povo de Deus, ou seja, todo aquele que for fiel ao Senhor, chegará a um ponto em que não passará por vergonha alguma, particularmente a opressão por inimigos. Isso não é uma garantia de que o fiel não será oprimido durante sua vida física, no entanto, quando estiver com o Senhor, seja pela sua morte física ou pelo

retorno de Jesus Cristo, não mais poderá ser envergonhado. A promessa se concretizará em sua plenitude nos novos céus e nova terra.

Por outro lado, nações infiéis como o Egito antigo e Edom, além de terem chegado ao fim da existência na Terra, punidos pelo Senhor por terem causado males a seu povo, são símbolos de todos os inimigos de Deus sendo punidos por ele. Em última análise, os justificados serão vingados no julgamento final, e o que restará para os não justificados é o banimento da presença de Deus, o que é representado pela desolação e deserto em que o antigo Egito e Edom se tornam na profecia de Joel.

Deus habitará com seus justificados no estado de plenitude eterna após ter punido os não justificados.

2.23. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE AMÓS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Amós. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.23.1. AMÓS 5:18-20

> Ai dos que desejam o Dia do SENHOR! Para que vocês desejam o Dia do SENHOR? Será um dia de trevas e não de luz. Será como se um homem fugisse de um leão e lhe saísse ao encontro um urso; ou como se, entrando em casa e encostando a mão na parede, fosse mordido por uma cobra. O dia do SENHOR será um dia de trevas e não de luz! Será um dia de completa escuridão, sem nenhuma claridade!

O profeta Amós falou do dia do Senhor no contexto da destruição do reino do norte (Israel), o qual se entregou à iniquidade. Portanto, o sentido da expressão "Dia do SENHOR" nessa profecia é de um dia de julgamento de pessoas, cidades, povos ou nações. Na verdade, esse é o sentido mais comum dessa expressão na Bíblia, especialmente nas profecias do Antigo Testamento.

Havia pessoas em Israel que desejavam ver o dia do Senhor. Provavelmente, algumas delas esperavam livramentos da parte do Senhor em seu favor enquanto viviam em pecado, enquanto outras estavam zombando da ideia de Deus executar juízo contra Israel, chegando a ponto de quererem ver se os juízos anunciados por profetas realmente aconteceriam. Então, Amós explicou que os dias em que Deus executa juízo contra uma nação ou povo perverso são dias terríveis em que não há escapatória. Os infiéis podem tentar evitar as calamidades de um dia do Senhor, mas elas os alcançarão de um modo ou de outro.

2.23.2. AMÓS 8:8-9

> "Por causa disto, será que a terra não vai tremer? E não estarão enlutados todos os seus moradores? Toda a terra se levantará como o Nilo, será agitada e abaixará como o rio do Egito. Naquele dia", diz o SENHOR Deus, "farei com que o sol se ponha ao meio-dia e com que a terra se cubra de trevas em pleno dia."

Amós se referiu ao dia de julgamento divino contra o reino do norte (Israel) usando linguagem simbólica. Expressões como a terra se levantando como o rio Nilo, sendo agitada e abaixada, o Sol parando de brilhar em pleno meio-dia com o aparecimento de trevas em pleno dia, significam que toda a terra do reino do norte sofreria um juízo severo da parte de Deus, trazendo luto a seus moradores. É como se a terra se abalasse quando o Senhor executa seu juízo. De fato, Israel foi destruído pela Assíria em 722 a.C., sendo a terra assolada, o povo levado em cativeiro, e os demais que permaneceram na terra foram miscigenados com outras nações.

2.23.3. AMÓS 9:2

> Ainda que cavem para chegar ao mais profundo abismo, a minha mão os tirará de lá. Se subirem ao céu, de lá os farei descer.

A expressão "mais profundo abismo" se refere ao *sheol*. No contexto, Deus estava para trazer julgamento divino contra o reino do norte (Israel) e, ainda que as pessoas pudessem cavar até que chegassem ao *sheol,* ou que pudessem subir até o céu, não escapariam do juízo. O *sheol*, portanto, foi retratado como um local nas profundezas da terra e que não está fora do alcance de Deus.

2.23.4. AMÓS 9:11-15

> "Naquele dia, levantarei o tabernáculo caído de Davi. Vou reparar as suas brechas e levantá-lo das suas ruínas. Vou restaurá-lo, para que volte a ser como era nos dias da antiguidade, para que o meu povo tome posse do restante de Edom e de todas as nações que são chamadas pelo meu nome", diz o SENHOR, que faz estas coisas. "Eis que vêm dias", diz o SENHOR, "em que o que lavra virá logo após o que colhe, e o que pisa as uvas virá logo após o que lança semente. Os montes destilarão vinho, e todas as colinas se derreterão. Mudarei a sorte do meu povo de Israel. Eles reedificarão as cidades destruídas e nelas habitarão. Plantarão vinhas e beberão o seu vinho; farão pomares e comerão dos seus frutos. Eu os plantarei na sua terra, e, dessa terra que lhes dei, nunca mais serão arrancados", diz o SENHOR, seu Deus.

A dinastia de Davi que esteve humilhada, representada na profecia como um tabernáculo caído, seria restaurada por meio do Messias, retornando a seu antigo esplendor e trazendo bênçãos para Israel em termos de domínio sobre os inimigos, aproveitamento do fruto da terra e segurança em sua habitação. No entanto, esse cenário não reflete uma posição futura de hegemonia de um reino físico de Israel na Terra.

O cumprimento dessa profecia começou quando tanto judeus quanto gentios foram ajuntados em um só povo em Jesus Cristo, conforme explicado por Tiago em Atos 15:13-18. O Israel restaurado e poderoso, como era na época de Davi e Salomão, é um símbolo que prefigura o povo de Deus sob Jesus Cristo, o Messias descendente de Davi, e as bênçãos espirituais decorrentes dele. Chegará um momento em que cada justificado estará junto a Cristo em um estado de comunhão com Deus, sem poder ser dominado por inimigos, mas dominando-os juntamente com Cristo. Cristo já reina de seu trono no céu e, provavelmente, os fiéis que deixaram a vida física estão com ele e correinam com ele. A segurança na terra de Israel e o aproveitamento dela são símbolos que prefiguram a habitação celestial que os fiéis herdam e aproveitam, com felicidade suprema, sem a ameaça de perdê-la. Em última análise, a profecia de Amós utiliza imagens conhecidas de Israel como um tipo da concretização das bênçãos em Cristo para os justificados, sendo a plenitude atingida nos novos céus e nova terra.

2.23.5. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE AMÓS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Amós, as informações são:

- Amós 5:18-20: havia pessoas em Israel que desejavam ver o dia do Senhor. Provavelmente, algumas delas esperavam livramentos da parte do Senhor em seu favor enquanto viviam em pecado, enquanto outras estavam zombando da ideia de Deus executar juízo contra Israel, chegando a ponto de quererem ver se os juízos anunciados por profetas realmente aconteceriam. Então, Amós explicou que os dias em que Deus executa juízo contra uma nação ou povo perverso são dias terríveis em que não há escapatória. Os infiéis podem tentar evitar as calamidades de um dia do Senhor, mas elas os alcançarão de um modo ou de outro;

- Amós 8:8-9: Amós se referiu ao dia de julgamento divino contra o reino do norte (Israel) usando linguagem simbólica. Expressões como a terra se levantando como o rio Nilo, sendo agitada e abaixada, o Sol parando de brilhar em pleno meio-dia com o aparecimento de trevas em pleno dia, significam que toda a terra do reino do norte sofreria um juízo severo da parte de Deus, trazendo luto a seus moradores. É como se a terra se abalasse quando o Senhor executa seu juízo. De fato, Israel foi destruído pela Assíria em 722 a.C., sendo a terra assolada, o povo levado em cativeiro, e os demais que permaneceram na terra foram miscigenados com outras nações;

- Amós 9:2: a expressão "mais profundo abismo" se refere ao *sheol*. No contexto, Deus estava para trazer julgamento divino contra o reino do norte (Israel) e, ainda que as pessoas pudessem cavar até que chegassem ao *sheol*, ou que pudessem subir até o céu, não escapariam do juízo. O *sheol*, portanto, foi retratado como um local nas profundezas da terra e que não está fora do alcance de Deus;

- Amós 9:11-15: a dinastia de Davi que esteve humilhada, representada na profecia como um tabernáculo caído, seria restaurada por meio do Messias, retornando a seu antigo esplendor e trazendo bênçãos para Israel em termos de domínio sobre os inimigos, aproveitamento do fruto da terra e segurança em sua habitação. No entanto, esse cenário não reflete uma posição futura de hegemonia de um reino físico de Israel na Terra. O cumprimento dessa profecia começou quando tanto judeus quanto gentios foram

ajuntados em um só povo em Jesus Cristo. O Israel restaurado e poderoso, como era na época de Davi e Salomão, é um símbolo que prefigura o povo de Deus sob Jesus Cristo, o Messias descendente de Davi, e as bênçãos espirituais decorrentes dele. Chegará um momento em que cada justificado estará junto a Cristo em um estado de comunhão com Deus, sem poder ser dominado por inimigos, mas dominando-os juntamente com Cristo. Cristo já reina de seu trono no céu e, provavelmente, os fiéis que deixaram a vida física estão com ele e correinam com ele. A segurança na terra de Israel e o aproveitamento dela são símbolos que prefiguram a habitação celestial que os fiéis herdam e aproveitam, com felicidade suprema, sem a ameaça de perdê-la. Em última análise, a profecia de Amós utiliza imagens conhecidas de Israel como um tipo da concretização das bênçãos em Cristo para os justificados, sendo a plenitude atingida nos novos céus e nova terra.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

O sentido mais comum da expressão "Dia do SENHOR" na Bíblia é de um dia de julgamento de pessoas, cidades, povos ou nações, especialmente nas profecias do Antigo Testamento.

O profeta Amós se referiu ao dia de julgamento divino contra o reino do norte (Israel) usando linguagem simbólica. Expressões como a terra se levantando como o rio Nilo, sendo agitada e abaixada, o Sol parando de brilhar em pleno meio-dia com o aparecimento de trevas em pleno dia, significam que toda a terra do reino do norte sofreria um juízo severo da parte de Deus, trazendo luto a seus moradores. É como se a terra se abalasse quando o Senhor executa seu juízo.

Ainda que as pessoas pudessem cavar até chegar ao *sheol,* ou que pudessem subir até o céu, não escapariam do juízo. O *sheol* foi retratado como um local nas profundezas da terra e que não está fora do alcance de Deus.

Havia pessoas no reino do norte (Israel) que desejavam ver o dia do Senhor. Provavelmente, algumas delas esperavam livramentos da parte do Senhor em seu favor enquanto viviam em pecado, enquanto outras estavam zombando da ideia de Deus executar juízo contra Israel, chegando a ponto de quererem ver se os juízos anunciados por profetas realmente aconteceriam. Então, o profeta Amós explicou que os dias em que Deus executa juízo contra uma nação ou povo perverso são dias terríveis em que não há escapatória. Os infiéis podem tentar evitar as calamidades de um dia do Senhor, mas elas os alcançarão de um modo ou de outro.

De fato, Israel foi destruído pela Assíria em 722 a.C., sendo a terra assolada, o povo levado em cativeiro, e os demais que permaneceram na terra foram miscigenados com outras nações.

A dinastia de Davi que esteve humilhada, representada na profecia como um tabernáculo caído, seria restaurada por meio do Messias, retornando a seu antigo esplendor e trazendo bênçãos para Israel em termos de domínio sobre os inimigos, aproveitamento do fruto da terra e segurança em sua habitação. No entanto, esse cenário não reflete uma posição futura de hegemonia de um reino físico de Israel na Terra. O cumprimento dessa profecia começou quando tanto judeus quanto gentios foram ajuntados em um só povo em Jesus Cristo.

O Israel restaurado e poderoso, como era na época de Davi e Salomão, é um símbolo que prefigura o povo de Deus sob Jesus Cristo, o Messias descendente de Davi, e as bênçãos espirituais decorrentes dele. Chegará um momento em que cada justificado estará junto a Cristo em um estado de comunhão com Deus, sem poder ser dominado por inimigos, mas dominando-os juntamente com Cristo. Cristo já reina de seu trono no céu e, provavelmente, os fiéis que deixaram a vida física estão com ele e correinam com ele. A segurança na terra de Israel e o aproveitamento dela são símbolos que prefiguram a habitação celestial que os fiéis herdam e aproveitam, com felicidade suprema, sem a ameaça de perdê-la. Em última análise, a profecia de Amós utiliza imagens conhecidas de Israel como um tipo da concretização das bênçãos em Cristo para os justificados, sendo a plenitude atingida nos novos céus e nova terra.

2.24. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE OBADIAS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Obadias. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.24.1. OBADIAS 15-22 E A ESCATOLOGIA DO LIVRO DE OBADIAS

> Porque o Dia do SENHOR está prestes a vir sobre todas as nações. Você será tratado da mesma forma como tratou os outros; o mal que você fez cairá sobre a sua cabeça. Porque, assim como vocês beberam no meu santo monte, assim todas as nações beberão sem parar; irão beber, engolir, e serão como se nunca tivessem existido. Mas, no monte Sião, haverá livramento. O monte será santo, e os da casa de Jacó tomarão posse de sua herança. A casa de Jacó será fogo e a casa de José será chama, mas a casa de Esaú será a palha. O fogo e a chama incendiarão a palha e a consumirão; e ninguém mais restará da casa de Esaú, porque o SENHOR o falou. Os de Neguebe tomarão posse do monte de Esaú, e os da Sefelá ocuparão o território dos filisteus; tomarão posse também dos campos de Efraim e dos campos de Samaria; e Benjamim tomará posse de Gileade. Os cativos do exército dos filhos de Israel tomarão posse do território dos cananeus até Sarepta, e os cativos de Jerusalém, que estão em Sefarade, tomarão posse das cidades do Sul. Salvadores hão de subir ao monte Sião, para julgarem o monte de Esaú; e o reino será do SENHOR.

Um dia do Senhor, isto é, um dos dias de julgamento local de Deus contra uma nação ou povo, virá contra cada uma das nações da Terra por causa de seus pecados. Esses juízos do Senhor ocorrerão até que ocorra a segunda vinda de Cristo, a qual traz o juízo final. Muitas vezes no Antigo Testamento, o dia do Senhor é representado como um "cálice de ira" que as nações bebem para sua destruição. Na profecia de Obadias, o alvo do dia do Senhor é Edom.

Os edomitas tinham se aproveitado de momentos de fraqueza de Judá, atacando-o enquanto estava enfraquecido. Edom se alegrou muito com a desgraça de sua "nação irmã". Deus não deixou isso impune e decretou, por meio do profeta Obadias, o fim de Edom. Embora Judá também tivesse sido punido por seus pecados, foi prometida a ele restauração, coisa que não foi concedida nem a Edom, nem às nações ímpias.

Ao ser lida essa passagem, poderia ser entendido que os israelitas derrotariam Edom. No entanto, sabe-se que Edom caiu diante de Nabonido da Babilônia, em 553 a.C. Embora a nação de Edom tenha sido destruída, restou dela um remanescente, os idumeus. A Idumeia (a terra dos edomitas), no período macabeu e romano, era uma região localizada no território que havia sido das tribos israelitas de Simeão e Judá, não sendo incluído o coração da antiga Edom, chegando ao redor de Hebrom até Betsur, cerca de 26 km ao sudoeste de Jerusalém.

Um primeiro cumprimento dessa profecia pode ter ocorrido não muito antes do ano 100 a.C. O período de liderança de João Hircano, um sumo sacerdote e membro da dinastia dos hasmoneus que governou a Judeia entre 135 a 104 a.C., foi marcado pelo declínio da dinastia selêucida – uma das quatro dinastias resultantes do Império Grego após a morte de Alexandre, o Grande. Ela tomou conta da Judeia. No entanto, o rei Antíoco VII morreu em 129 a.C. e seus sucessores não conseguiram imprimir um sistema que ameaçasse o controle da Judeia. João Hircano fez uso dessa situação para ampliar as fronteiras e seu controle político.

Os judeus reencontraram sua independência política e voltaram a ser regidos pela Torá. Por ocasião da morte de João Hircano em 104 a.C., o reino judaico havia atingido a sua maior extensão desde os tempos de Salomão. Quanto a isso, Flávio Josefo asseverou: "Hircano tomou ainda aos idumeus (descendentes dos edomitas) as cidades de Adora e Marissa e, depois de ter submetido toda essa grande província, permitiu-lhes lá permanecer, contanto que se fizessem circuncidar e adotassem a religião e as leis dos judeus. O temor de serem expulsos de seu país fê-los aceitar essas condições e desde então eles foram sempre considerados como judeus."

Contudo, o maior cumprimento dessa profecia tem uma conotação tipológica e espiritual. Deve-se lembrar que a expressão "casa de Jacó" simboliza o reino de Judá, o reino do sul. A "casa de José", por sua vez, simboliza Israel/Samaria, o reino do norte, pois José foi pai de Efraim, a sua tribo mais preponderante. É interessante notar que esses dois reinos, norte e sul, deveriam unir-se formando apenas um povo. Essa profecia mostra que o plano de Deus é salvar todo o povo, o qual, como uma "força de ignição", destruiria a palha, que é a "casa de Esaú", em plena conformidade com Amós 1:11-12: "Assim diz o SENHOR: 'Por três transgressões de Edom, sim, por causa de quatro, não suspenderei o castigo. Porque perseguiu o seu irmão com a espada e não teve nenhuma compaixão dele. A sua ira não cessou de despedaçar, e conservou a sua indignação para sempre. Por isso, porei fogo em Temã, fogo que consumirá as fortalezas de Bozra.'"

Assim, a "casa de Esaú" é um símbolo representando todos os opositores do povo de Deus, pois a inimizade dos edomitas contra o povo de Deus tornou-se proverbial. Por sua vez, a "casa de Jacó" e "a casa de

José", as duas unidas, representam a totalidade daqueles que se mantiveram fiéis, mesmo quando cativos pelas garras do mal. Portanto, aqueles que servem o Senhor, o povo restaurado de Deus (representado pela união da "casa de Jacó" e da "casa de José"), subvertem os inimigos espirituais (representados pela "casa de Esaú", ou seja, aqueles que têm a atitude dos edomitas), assim como uma chama queima e deixa apenas o restolho. Em outras palavras, Deus capacita a totalidade de seus fiéis (tornando-os como fogo) para derrotar seus inimigos espirituais (representados por Edom), assim como o fogo queima o restolho. É dessa forma que o povo de Deus, representado pela "casa de Jacó" e "casa de José", derrota os seus opositores, os quais são representados como a "casa de Esaú". Chegará um dia onde o povo de Deus não terá mais opositores, o que ocorrerá, em última análise, no estado eterno do povo em comunhão com Deus nos novos céus e nova terra.

Após o retorno do exílio na Babilônia, Israel foi restaurado em um remanescente mais fiel do qual veio o Messias, Jesus Cristo. Em Cristo, israelitas de todas as tribos, e gentios, são unidos em um mesmo povo, o corpo de Cristo, a Igreja. A salvação teve início na Jerusalém física, mas se espalhou para todas as nações ao redor e, nesse sentido, os territórios e nações foram conquistados pelo povo de Deus. É como se o povo restaurado de Deus fosse fogo que queima a palha, os inimigos espirituais simbolizados pelas nações inimigas do antigo Israel e pela casa de Esaú. Em outras palavras, em Cristo, Deus capacita a totalidade de seus fiéis (tornando-os como fogo) para derrotar seus inimigos espirituais (representados por Edom), assim como o fogo queima o restolho.

A ideia da expansão do território em direção a terras não conquistadas nem mesmo por Davi representa que os judeus, em Cristo, conseguirão espiritualmente o que não conseguiram materialmente. A Igreja se expandiu a partir de Jerusalém em direção às terras de antigos inimigos de Israel, de forma a haver povo de Deus onde os antigos israelitas não se estabeleceram. Em Cristo, os inimigos espirituais são conquistados e cristãos se estabelecem em outras terras.

Os salvadores mencionados na profecia são servos debaixo da autoridade de Cristo que subiram o monte Sião, isto é, a Jerusalém espiritual, o reino de Deus. Tais foram os apóstolos e outros cristãos cujo ministério Deus empregou para defender e sustentar sua Igreja. Por outro lado, o monte Seir representa os inimigos, assim como Edom foi um inimigo perene de Israel. Assim, os inimigos são derrotados na batalha espiritual que o povo de Deus trava contra as forças do mal.

Deus já reina e sempre reinou. A expressão "e o reino será do SENHOR" representa a vitória do rei sobre aqueles que se opõem à sua soberania ou, em outras palavras, à vindicação do rei sobre seu próprio reino depois de ter lidado com os inimigos.

2.25. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE JONAS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Jonas. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.25.1. JONAS 2:1-10 E A ESCATOLOGIA DO LIVRO DE JONAS

> Então Jonas, do ventre do peixe, orou ao SENHOR, seu Deus, e disse: "Na minha angústia, clamei ao SENHOR, e ele me respondeu; do ventre do abismo, gritei, e tu ouviste a minha voz. Pois me lançaste nas profundezas, no coração dos mares, e a corrente das águas me cercou; todas as tuas ondas e as tuas vagas passaram sobre mim. Então eu disse: 'Estou excluído da tua presença; será que tornarei a ver o teu santo templo?' As águas me cercaram até a alma, o abismo me rodeou; e as algas se enrolaram na minha cabeça. Desci até os fundamentos dos montes; desci até a terra, cujos ferrolhos se fecharam atrás de mim para sempre. Tu, porém, fizeste a minha vida subir da sepultura, ó SENHOR, meu Deus! Quando, dentro de mim, desfalecia a minha alma, eu me lembrei do SENHOR; e subiu a ti a minha oração, no teu santo templo. Os que adoram ídolos vãos abandonam aquele que lhes é misericordioso. Mas, com a voz do agradecimento, eu te oferecerei sacrifício; o que prometi cumprirei. Ao SENHOR pertence a salvação!" E o SENHOR falou ao peixe, e este vomitou Jonas na terra.

A expressão "ventre do abismo" significa "ventre do *sheol*", e a expressão "subir da sepultura" significa "subir do *sheol*". O contexto parece dar mais apoio à ideia de que o profeta esteve prestes a morrer dentro do ventre do grande peixe após lá permanecer por três dias e três noites (Jonas 1:17), e não que realmente morreu e foi ao mundo dos mortos. A declaração "Quando, dentro de mim, desfalecia a minha alma, eu me lembrei do SENHOR; e

subiu a ti a minha oração, no teu santo templo" indica que o profeta esteve prestes a morrer, mas sobreviveu. A expressão "subir da sepultura" parece indicar que o profeta considerou sua morte como concretizada, mas Deus o livrou dela.

Os paralelos de Jesus de sua morte e ressurreição com o sinal de Jonas (Mateus 12:40-42; Lucas 11:30-32) significam que o profeta foi um tipo que apontou para o que estava a se suceder com o Messias. Jonas passou três dias e três noites no ventre do peixe nas profundezas da terra. Jesus passou três dias e três noites, embora não literalmente três dias inteiros, no "coração da terra" (o mundo dos mortos). Jonas escapou da morte no ventre do grande peixe, sendo vomitado na terra pela ordem de Deus. Jesus venceu a morte com sua ressurreição.

A linguagem de Jonas relaciona as profundezas dos mares ao *sheol* e ao abismo. Pela sua descrição, o abismo é cheio de águas e ali se encontram os "fundamentos dos montes" (o que se refere provavelmente às profundezas dos continentes), estando o *sheol* ali próximo. O *sheol* é descrito como sendo escuro como o ventre do peixe, um lugar de estado de morte nas profundezas da terra, possuindo ferrolhos para trancar pela eternidade – isto é, uma prisão escura de onde ninguém pode sair por si mesmo.

2.26. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE MIQUEIAS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Miqueias. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.26.1. MIQUEIAS 2:12-13

> Certamente eu ajuntarei todos vocês, casa de Jacó; certamente congregarei o remanescente de Israel. Eu os porei todos juntos, como ovelhas no aprisco, como rebanho no meio de sua pastagem; farão muito barulho, por causa da multidão de pessoas. Diante deles virá o que abre caminho; eles abrirão caminho, entrarão pelo portão e sairão por ele; e o seu Rei irá adiante deles; sim, o SENHOR irá à frente deles.

O remanescente de Israel é a casa de Jacó. Ainda que alguém seja israelita, se não for fiel, não pertence à casa de Jacó (Romanos 9:6-7). Portanto, de toda a nação física de Israel, havia apenas poucos que eram, de fato, casa de Jacó. Os infiéis foram castigados por um juízo local contra Israel, mas aqueles que eram fiéis foram protegidos e abençoados por Deus. O Senhor se colocou como o pastor de uma multidão e conduziu esses justificados.

O maior cumprimento dessa profecia messiânica ocorreu com Jesus Cristo, o rei que conduz o povo de Deus. Ele congregou um remanescente de Israel, isto é, os judeus que nele creram, enquanto buscava os perdidos, os quais foram considerados como ovelhas perdidas (Mateus 15:24). Jesus cuidou delas como o bom pastor (João 10:11) e elas entraram e saíram pela porta, que é o próprio Cristo, para encontrar pastagens (João 10:9), isto é, obter as bênçãos espirituais de Deus.

2.26.2. MIQUEIAS 4:1-4

> Nos últimos dias, o monte do templo do SENHOR será estabelecido no alto dos montes e se elevará sobre as colinas, e para ele afluirão os povos. Muitas nações virão e dirão: "Venham, subamos ao monte do SENHOR e ao templo do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos nas suas veredas." Porque de Sião sairá a lei, e a palavra do SENHOR, de Jerusalém. Ele julgará entre muitos povos e corrigirá nações poderosas e distantes. Estas transformarão as suas espadas em lâminas de arados e as suas lanças, em foices. Nação não levantará a espada contra nação, nem aprenderão mais a guerra. Mas cada um se assentará debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os atemorize, porque a boca do SENHOR dos Exércitos o disse.

Como em Isaías 2:2-5, essa profecia foi cumprida na primeira vinda de Cristo e na instituição da Igreja. Montes representam autoridade, e o monte do templo do Senhor representa a autoridade absoluta do Messias. O início da Nova Aliança se deu nos últimos dias do sistema judaico em meio aos judeus, com Cristo e sua Igreja. Muitas pessoas de diferentes nações se converteram, e ainda se convertem, ao cristianismo. Jesus, de fato, é quem julga as nações e corrige os povos. Os cristãos são um povo pacífico, o qual atenta para bênçãos espirituais, e não para coisas físicas como a conquista de territórios por meio de guerra. A guerra passou a ser espiritual, com o foco de trazer pessoas para o Senhor, o que é simbolizado na profecia por pessoas que não mais possuem armas de

guerra, mas ferramentas para colher frutos a Deus, ou seja, convertidos. Os cristãos de nações diferentes não guerreiam uns com os outros, mas andam juntos na luz do Senhor – a Nova Aliança. A expressão "cada um se assentará debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os atemorize" significa que os justificados têm paz com Deus e não precisam temer coisa alguma, e terão uma pátria celestial que nunca será tirada deles.

2.26.3. MIQUEIAS 4:6-5:1

> "Naquele dia", diz o SENHOR, "congregarei os que coxeiam e recolherei os que foram expulsos e os que eu tinha afligido. Dos que coxeiam farei um remanescente e dos que foram lançados para longe, uma nação poderosa; e o SENHOR reinará sobre eles no monte Sião, desde agora e para sempre. A você, ó torre do rebanho, monte da filha de Sião, a você virá, sim, virá o primeiro domínio, o reino da filha de Jerusalém." Agora, por que você está gritando tão alto? Será porque você não tem rei? Morreram os seus conselheiros? Apoderou-se de você a dor como da mulher que está dando à luz? Suporte as dores e faça força, filha de Sião, como a mulher que está dando à luz. Porque agora vocês terão de sair da cidade e morar nos campos; vocês irão para a Babilônia. Ali, porém, vocês serão libertados; ali, o SENHOR os remirá das mãos dos inimigos. Agora muitas nações se reuniram contra você, dizendo: "Que Jerusalém seja profanada! Que os nossos olhos se deliciem com a ruína de Sião!" Mas essas nações não conhecem os pensamentos do SENHOR, nem entendem o seu plano: ele as ajuntou como feixes a serem batidos na eira. Levante-se e comece a debulhar, ó filha de Sião, porque eu lhe darei chifres de ferro e cascos de bronze. Você esmagará muitos povos, e as riquezas que eles adquiriram serão dedicadas ao SENHOR, e os bens que eles conquistaram pela força serão consagrados ao SENHOR de toda a terra. Agora ajunte-se em tropas, ó filha de tropas, porque fomos sitiados, e ferirão com uma vara a face do juiz de Israel.

O povo de Deus que antes foi castigado por causa de seu pecado teria um remanescente mais fiel do qual procederia o Messias, o qual reinaria sobre o povo restaurado. A esperança do Messias não negava que o povo antes sofreria dor, como de parto. O povo iria para o cativeiro na Babilônia, mas seria libertado. De fato, após o cativeiro na Babilônia, o povo retornou à sua terra, em menor número e subjugado às potências gentias, mas era mais fiel. Desse povo procedeu Jesus Cristo e sua Igreja faz parte do verdadeiro monte Sião que ele reina.

Deus domina sobre os povos e sua vontade foi feita independentemente dos planos e expectativas das nações, as quais queriam ver Jerusalém arruinada. O que parecia derrota para o povo de Deus e motivo de alegria para os inimigos, na verdade, fazia parte do plano de Deus para que o remanescente mais fiel gerasse o Messias. Nações foram usadas por Deus como instrumentos de castigo contra outras nações, mesmo não reconhecendo o domínio do Senhor. A própria Babilônia, a qual destruiu o reino de Judá, foi um instrumento de Deus para a execução de seu plano. Algumas nações se aproveitaram traiçoeiramente da fraqueza de Judá, mas foram punidas por isso (como Edom em Obadias 11-14). As próprias nações usadas por Deus para castigar seu povo também foram punidas.

É possível que Miqueias tenha se referido também à Assíria, a qual veio contra Judá com intenção de destruir (verso 11), mas isso foi impedido pelo Senhor (verso 12). Ele deu a vitória a vitória a Judá (verso 13), ainda que tenha sido sitiado e que o inimigo tenha insultado e debilitado seu rei (Miqueias 5:1). Os assírios invadiram Judá, sitiaram Jerusalém, mas o anjo de Deus matou os soldados e a vitória foi dada ao seu povo (2 Crônicas 32:1-23).

O Messias e seu povo derrotariam muitos povos e conquistariam suas riquezas. Isso, porém, não é realizado em termos de guerras e conquistas materiais: o reino espiritual de Cristo derrota os inimigos convertendo pessoas a Deus e fazendo-as usar seus recursos para sua obra redentora. Assim, pessoas e bens são conquistados para Deus e consagrados a ele. O reino espiritual de Jesus não pode ser derrotado pelas nações ímpias e triunfa, ainda que fiéis sejam mortos. No entanto, antes dessa vitória em Cristo do povo, viria um inimigo, provavelmente a Assíria e, depois, a Babilônia.

2.26.4. MIQUEIAS 5:2-4

> E você, Belém-Efrata, que é pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de você me sairá aquele que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade. Portanto, o SENHOR os entregará até o tempo em que a que está em dores tiver dado à luz; então o restante de seus irmãos voltará aos filhos de Israel. Ele se manterá firme e apascentará o povo na força do SENHOR, na

> majestade do nome do SENHOR, seu Deus; e eles habitarão seguros, porque, agora, ele será engrandecido até os confins da terra.

Deus escolheu a pequena cidade de Belém-Efrata como local de nascimento do rei futuro, o Messias, o qual já existia nos dias da eternidade, isto é, antes de existir tempo. Porém, o povo ia ser entregue à sujeição de potências gentias (Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma). Um remanescente voltou do exílio na Babilônia, e esse povo deu à luz o Messias. Não foram todos os judeus que retornaram para a terra prometida, sendo que a maioria deles, voluntariamente, permaneceu fora da terra. Porém, em Cristo, judeus que estavam dispersos se voltaram a Deus juntamente com os judeus seguidores de Cristo que viviam na terra prometida.

O Messias, Jesus Cristo, de fato manteve-se firme no caminho de Deus, apascentou o povo na força do Senhor, foi engrandecido por toda a Terra e é a paz do povo de Deus, o qual encontra habitação segura nele. No reino espiritual de Cristo, os justificados têm uma habitação segura e proteção de Deus. A habitação segura dos justificados em sua plenitude será concretizada nos novos céus e nova terra.

2.26.5. MIQUEIAS 5:5-6

> E ele será a nossa paz. Quando a Assíria vier à nossa terra e quando entrar em nossas fortalezas, levantaremos contra ela sete pastores e oito chefes do povo. Estes dominarão a terra da Assíria com a espada, e a terra de Ninrode, dentro de suas próprias portas. Assim, nos livrará da Assíria, quando esta vier à nossa terra e invadir as nossas fronteiras.

A expressão "E ele será a nossa paz" se refere ao Messias referido em Miqueias 5:2-4. Cristo estabelece a paz do ser humano com Deus e entre aqueles que seguem a ele. Os inimigos, quaisquer que sejam, não podem tirar essa paz espiritual provida pelo Messias, o qual dá a seu povo segurança e vitória sobre os seus inimigos. Porém, não em um sentido material.

Como é comum em outras profecias do Antigo Testamento, Miqueias utilizou elementos conhecidos na época da mensagem para falar sobre conceitos futuros. Essa profecia olha adiante para a época do Novo Testamento, utilizando o povo da Assíria e a terra de Ninrode para representar os inimigos dos servos de Jesus, e a terra dos judeus como os convertidos a Cristo. Quaisquer que sejam os inimigos espirituais, os cristãos podem vencê-los por meio do poder de Jesus Cristo. A expressão "levantaremos contra ela sete pastores e oito chefes do povo" provavelmente indica que Jesus sempre levanta um número suficiente de homens fiéis para auxiliar os cristãos a vencer seus desafios. Em defesa da Igreja, serão levantados muitos pastores e mestres (pois em nenhum momento será abandonada por Cristo) de modo que, por mais que as perseguições possam aumentar, nunca faltarão homens fiéis para ensinar sobre o Senhor e exortar à fé.

2.26.6. MIQUEIAS 5:6-9

> O remanescente de Jacó estará no meio de muitos povos como orvalho do SENHOR, como chuvisco sobre a relva, que não espera pelo homem, nem depende dos filhos de homens. O remanescente de Jacó estará entre as nações, no meio de muitos povos, como um leão entre os animais da floresta, como um leãozinho entre os rebanhos de ovelhas, o qual, se passar, ataca e despedaça a presa, sem que ninguém a possa livrar. A sua mão se exaltará sobre os seus adversários, e todos os seus inimigos serão eliminados.

O remanescente de Jacó, isto é, aqueles que creram em Cristo e propagaram a Igreja, foram comparados como orvalho ou chuvisco que refresca. Isso significa que o povo de Cristo traz as boas novas da salvação ao mundo. A comparação desse remanescente com um leão ou leãozinho que domina alude à vitória que Jesus teve sobre o mundo, a qual é dada aos seus justificados. A vitória, assim como a luta, é espiritual, e não carnal (2 Coríntios 10:3-6).

A expressão "A sua mão se exaltará sobre os seus adversários, e todos os seus inimigos serão eliminados" terá seu cumprimento em plenitude no julgamento final, onde os justificados participarão da condenação dos não justificados, os quais sofrerão a punição eterna.

2.26.7. MIQUEIAS 5:10-15

> "Naquele dia", diz o SENHOR, "eliminarei do meio de vocês os cavalos e destruirei os carros de guerra; destruirei as cidades da sua terra e derrubarei todas as fortalezas de vocês; arrancarei as feitiçarias das suas mãos, e vocês não mais terão adivinhos; do meio de vocês eliminarei as imagens de escultura e as colunas, e vocês não mais se inclinarão diante do que fizeram com as suas próprias mãos; eliminarei do meio de vocês os postes da deusa Aserá e destruirei as cidades de vocês. Com ira e furor, eu me vingarei das nações que não me obedeceram."

Os servos do Messias não precisam de cavalos, carros de guerra ou fortalezas, uma vez que vencem de forma espiritual, e não por guerras físicas e carnais. Entre eles não se encontra feitiçaria ou adivinhação, uma vez que aceitam apenas as revelações fornecidas na Palavra de Deus. Os justificados não se darão à idolatria, pois apenas Deus deve ser adorado. Quanto aos não justificados, serão castigados, pois a ira de Deus permanece sobre eles.

2.26.8. MIQUEIAS 7:11-13

> No dia da reedificação das suas muralhas, ó Jerusalém, nesse dia, os seus limites serão ampliados. Nesse dia, virão a você desde a Assíria até o Egito, e do Egito até o Eufrates, e do mar até o mar, e da montanha até a montanha. Mas a terra se tornará em desolação, por causa dos seus moradores, por causa do fruto das suas ações.

O povo de Judá ainda sofreria um castigo pesado, mas Deus mostraria a justiça e a misericórdia para ele. As muralhas foram derrubadas pelo exército babilônio sob Nabucodonosor em 586 a.C. e o povo foi levado ao cativeiro. No entanto, um remanescente retornou à terra prometida e reedificou o templo e as muralhas. Judá voltou a ter seu território ampliado e muitas pessoas de outras terras puderam ir à sua terra para visitá-la e conhecer sobre o Senhor. Judá permaneceu, mas as outras nações que causaram mal ao povo, eventualmente, receberam juízo do Senhor e se tornaram em desolação, tal como Edom e a própria Babilônia. A terra representa o mundo ímpio que sofreria enquanto o povo de Deus seria abençoado. Assim, o mundo abandonado no pecado estava em contraste com o povo libertado e preservado por Deus.

2.26.9. MIQUEIAS 7:16-17

> As nações verão isso e se envergonharão de todo o seu poder; porão a mão sobre a boca, e os seus ouvidos ficarão surdos. Lamberão o pó como serpentes; como animais que se arrastam pelo chão, tremendo, sairão dos seus esconderijos e, tremendo, virão ao SENHOR, nosso Deus; e terão medo de ti.

Enquanto Deus providenciou um tratamento especial para restaurar o povo de Judá e gerar o remanescente fiel do qual procede o Messias, as nações ímpias não recebem esse cuidado. Tais nações são retratadas como estando humilhadas diante do poder de Deus e temendo o povo dele.

2.26.10. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE MIQUEIAS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Miqueias, as informações são:

- Miqueias 2:13-14: o remanescente de Israel é a casa de Jacó. Ainda que alguém seja israelita, se não for fiel, não pertence à casa de Jacó (Romanos 9:6-7). Portanto, de toda a nação física de Israel, havia apenas poucos que eram, de fato, casa de Jacó. Os infiéis foram castigados por um juízo local contra Israel, mas aqueles que eram fiéis foram protegidos e abençoados por Deus. O Senhor se colocou como o pastor de uma multidão e conduziu esses justificados. Jesus Cristo é o Rei que conduz o povo de Deus. Ele congregou um remanescente de Israel, isto é, os judeus que nele creram, enquanto buscava os perdidos, os quais foram considerados como ovelhas perdidas, cuidando delas como o bom pastor. Elas entraram e saíram pela porta, que é o próprio Cristo, para encontrar pastagens, isto é, obter as bênçãos espirituais de Deus;

- Miqueias 4:1-4: o início da Nova Aliança se deu nos últimos dias do sistema judaico em meio aos judeus, com Cristo e sua Igreja. Muitas pessoas de diferentes nações se converteram, e ainda se convertem, ao cristianismo. Jesus, de fato, é quem julga as nações e corrige os povos. Os cristãos são um

povo pacífico, o qual atenta para bênçãos espirituais, e não para coisas físicas como a conquista de territórios por meio de guerra. A guerra passou a ser espiritual, com o foco de trazer pessoas para o Senhor, o que é simbolizado na profecia por pessoas que não mais possuem armas de guerra, mas ferramentas para colher frutos a Deus, ou seja, convertidos. Os cristãos de nações diferentes não guerreiam uns com os outros, mas andam juntos na luz do Senhor – a Nova Aliança. Os justificados têm paz com Deus e não precisam temer coisa alguma, e terão uma pátria celestial que nunca será tirada deles;

- Miqueias 4:6-5:1: o povo de Deus que antes foi castigado por causa de seu pecado teria um remanescente mais fiel do qual procederia o Messias, o qual reinaria sobre o povo restaurado. A esperança do Messias não negava que o povo antes sofreria dor, como de parto. O povo iria para o cativeiro na Babilônia, mas seria libertado. De fato, após o cativeiro na Babilônia, o povo retornou à sua terra, em menor número e subjugado às potências gentias, mas era mais fiel. Desse povo procedeu Jesus Cristo e sua Igreja faz parte do verdadeiro monte Sião que ele reina. Deus domina sobre os povos e sua vontade foi feita independentemente dos planos e expectativas das nações, as quais queriam ver Jerusalém arruinada. O que parecia derrota para o povo de Deus e motivo de alegria para os inimigos, na verdade, fazia parte do plano de Deus para que o remanescente mais fiel gerasse o Messias. Nações foram usadas por Deus como instrumentos de castigo contra outras nações, mesmo não reconhecendo o domínio do Senhor. Algumas nações se aproveitaram traiçoeiramente da fraqueza de Judá, mas foram punidas por isso. As próprias nações usadas por Deus para castigar seu povo também foram punidas. A Assíria veio contra Judá com intenção de destruir, mas isso foi impedido pelo Senhor, que deu a vitória a vitória a Judá, ainda que tenha sido sitiado e que o inimigo tenha insultado e debilitado seu rei. O Messias e seu povo derrotariam muitos povos e conquistariam suas riquezas. Isso, porém, não é realizado em termos de guerras e conquistas materiais: o reino espiritual de Cristo derrota os inimigos convertendo pessoas a Deus e fazendo-as usar seus recursos para sua obra redentora. Assim, pessoas e bens são conquistados para Deus e consagrados a ele. O reino espiritual de Jesus não pode ser derrotado pelas nações ímpias e triunfa, ainda que fiéis sejam mortos. No entanto, antes da vitória do povo em Cristo, veio um inimigo, provavelmente a Assíria e, depois, a Babilônia;

- Miqueias 5:2-4: Deus escolheu a pequena cidade de Belém-Efrata como local de nascimento do rei futuro, o Messias, o qual já existia nos dias da eternidade, isto é, antes de existir tempo. Porém, o povo ia ser entregue à sujeição de potências gentias (Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma). Um remanescente voltou do exílio na Babilônia, e esse povo deu à luz o Messias. Não foram todos os judeus que retornaram para a terra prometida, sendo que a maioria deles, voluntariamente, permaneceu fora da terra. Porém, em Cristo, judeus que estavam dispersos se voltaram a Deus juntamente com os judeus seguidores de Cristo que viviam na terra prometida. O Messias, Jesus Cristo, de fato manteve-se firme no caminho de Deus, apascentou o povo na força do Senhor, foi engrandecido por toda a Terra e é a paz do povo de Deus, o qual encontra habitação segura nele. No reino espiritual de Cristo, os justificados têm uma habitação segura e proteção de Deus. A habitação segura dos justificados em sua plenitude será concretizada nos novos céus e nova terra;

- Miqueias 5:5-6: Cristo estabelece a paz do ser humano com Deus e entre aqueles que seguem a ele. Os inimigos, quaisquer que sejam, não podem tirar essa paz espiritual provida pelo Messias, o qual dá a seu povo segurança e vitória sobre os seus inimigos. Porém, não em um sentido material. Quaisquer que sejam os inimigos espirituais, os cristãos podem vencê-los por meio do poder de Jesus Cristo. Jesus sempre levanta um número suficiente de homens fiéis para auxiliar os cristãos a vencer seus desafios. Em defesa da Igreja, serão levantados muitos pastores e mestres (pois em nenhum momento será abandonada por Cristo) de modo que, por mais que as perseguições possam aumentar, nunca faltarão homens fiéis para ensinar sobre o Senhor e exortar à fé;

- Miqueias 5:6-9: o remanescente de Jacó, isto é, aqueles que creram em Cristo e propagaram a Igreja, foram comparados como orvalho ou chuvisco que refresca. Isso significa que o povo de Cristo traz as boas novas da salvação ao mundo. A comparação desse remanescente com um leão ou leãozinho que domina alude à vitória que Jesus teve sobre o mundo, a qual é dada aos seus justificados. A vitória,

assim como a luta, é espiritual, e não carnal. No julgamento final, os justificados participarão da condenação dos não justificados, os quais sofrerão a punição eterna;

- Miqueias 5:10-15: os servos do Messias não precisam de cavalos, carros de guerra ou fortalezas, uma vez que vencem de forma espiritual, e não por guerras físicas e carnais. Entre eles não se encontra feitiçaria ou adivinhação, uma vez que aceitam apenas as revelações fornecidas na Palavra de Deus. Os justificados não se darão à idolatria, pois apenas Deus deve ser adorado. Quanto aos não justificados, serão castigados, pois a ira de Deus permanece sobre eles;

- Miqueias 7:11-13: o povo de Judá ainda sofreria um castigo pesado, mas Deus mostraria a justiça e a misericórdia para ele. As muralhas foram derrubadas pelo exército babilônio sob Nabucodonosor em 586 a.C. e o povo foi levado ao cativeiro. No entanto, um remanescente retornou à terra prometida e reedificou o templo e as muralhas. Judá voltou a ter seu território ampliado e muitas pessoas de outras terras puderam ir à sua terra para visitá-la e conhecer sobre o Senhor. Judá permaneceu, mas as outras nações que causaram mal ao povo, eventualmente, receberam juízo do Senhor e se tornaram em desolação, tal como Edom e a própria Babilônia. A terra representa o mundo ímpio que sofreria enquanto o povo de Deus seria abençoado. Assim o mundo abandonado no pecado estava em contraste com o povo libertado e preservado por Deus;

- Miqueias 7:16-17: enquanto Deus providenciou um tratamento especial para restaurar o povo de Judá e gerar o remanescente fiel do qual procede o Messias, as nações ímpias não recebem esse cuidado. Tais nações são retratadas como estando humilhadas diante do poder de Deus e temendo o povo dele.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

O profeta Miqueias profetizou que o povo de Deus teria vitória com o Messias. O Messias e seu povo derrotariam muitos povos e conquistariam suas riquezas. Isso, porém, não é realizado em termos de guerras e conquistas materiais: o reino espiritual de Cristo derrota os inimigos convertendo pessoas a Deus e fazendo-as usar seus recursos para sua obra redentora. Assim, pessoas e bens são conquistados para Deus e consagrados a ele. O reino espiritual de Jesus não pode ser derrotado pelas nações ímpias e triunfa, ainda que fiéis sejam mortos. No entanto, antes da vitória do povo em Jesus Cristo, foi profetizado que viria um inimigo, provavelmente a Assíria e, depois, a Babilônia.

A Assíria veio contra Judá com intenção de destruir, mas isso foi impedido pelo Senhor, que deu a vitória a Judá, ainda que tenha sido sitiado e que o inimigo tenha insultado e debilitado seu rei.

O povo de Judá foi castigado por causa de seu pecado com um castigo pesado, isto é, as muralhas de Jerusalém foram derrubadas pelo exército babilônio sob Nabucodonosor em 586 a.C. e o povo foi levado ao cativeiro. No entanto, Deus mostrou justiça e misericórdia para ele.

A verdadeira casa de Jacó foi um remanescente de Israel que foi fiel ao Senhor. Ainda que alguém seja israelita, se não for fiel, não pertence à casa de Jacó. Portanto, de toda a nação física de Israel, havia apenas poucos que eram, de fato, casa de Jacó. Os infiéis dentre o povo foram castigados pelo juízo local de Deus contra Israel, mas aqueles que eram fiéis foram protegidos e abençoados por ele. O Senhor se colocou como o pastor de uma multidão e conduziu esses justificados.

O que parecia derrota para o povo de Deus e motivo de alegria para os inimigos, na verdade, fazia parte do plano de Deus para que o remanescente mais fiel gerasse o Messias. Nações foram usadas por Deus como instrumentos de castigo contra outras nações, mesmo não reconhecendo o domínio do Senhor. Algumas nações se aproveitaram traiçoeiramente da fraqueza de Judá, mas foram punidas por isso. As próprias nações usadas por Deus para castigar seu povo também foram punidas. Deus domina sobre os povos e sua vontade foi feita independentemente dos planos e expectativas das nações, as quais queriam ver Jerusalém arruinada.

De fato, após o cativeiro na Babilônia, o povo retornou à sua terra, em menor número e subjugado às potências gentias, mas era mais fiel. Esse povo reedificou o templo e as muralhas. Não foram todos os judeus que retornaram para a terra prometida, sendo que a maioria deles, voluntariamente, permaneceu fora da terra. O

remanescente do povo que retornou, mais tarde, deu origem ao Messias, o qual reina sobre o povo restaurado. A esperança do Messias, no entanto, nunca negou que o povo antes sofresse dor, como de parto.

Judá voltou a ter seu território ampliado e muitas pessoas de outras terras puderam ir à sua terra para visitá-la e conhecer sobre o Senhor. Judá permaneceu, mas as outras nações que causaram mal ao povo, eventualmente, receberam juízo do Senhor e se tornaram em desolação, tal como Edom e a própria Babilônia. O mundo ímpio sofreu enquanto o povo de Deus foi abençoado. Enquanto Deus providenciou um tratamento especial para restaurar o povo de Judá e gerar o remanescente fiel do qual procedeu o Messias, as nações ímpias não receberam esse cuidado. Tais nações foram retratadas como estando humilhadas diante do poder de Deus e temendo o povo dele. Assim, o mundo abandonado no pecado estava em contraste com o povo libertado e preservado por Deus.

Porém, o povo de Israel que retornou à sua terra e prosperou sempre esteve à sujeição de potências gentias (Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma).

Deus escolheu a pequena cidade de Belém-Efrata como local de nascimento do então futuro rei, o Messias, o qual já existia nos dias da eternidade, isto é, antes de existir tempo.

Jesus Cristo é o rei que conduz o povo de Deus. Dos descendentes do povo que retornou do exílio na Babilônia, Jesus congregou um remanescente dentre os judeus que nele creram. Ele buscou os perdidos, os quais foram considerados como ovelhas perdidas, cuidando delas como o bom pastor. Elas entraram e saíram pela porta, que é o próprio Cristo, para encontrar pastagens, isto é, obter as bênçãos espirituais de Deus. Foi em Cristo que os judeus que estavam dispersos pelo mundo se voltaram a Deus, juntamente com os judeus seguidores de Cristo que viviam na terra prometida. A Igreja instituída por Jesus faz parte do verdadeiro monte Sião que ele reina.

O Messias, Jesus Cristo, de fato manteve-se firme no caminho de Deus, apascentou o povo na força do Senhor, foi engrandecido por toda a Terra e é a paz do povo de Deus, o qual encontra habitação segura nele. No reino espiritual de Cristo, os justificados têm uma habitação segura e proteção de Deus.

O início da Nova Aliança se deu nos últimos dias do sistema judaico em meio aos judeus, com Cristo e sua Igreja. Muitas pessoas de diferentes nações se converteram, e ainda se convertem, ao cristianismo. Jesus, de fato, é quem julga as nações e corrige os povos. Os cristãos são um povo pacífico, o qual atenta para bênçãos espirituais, e não para coisas físicas como a conquista de territórios por meio de guerra. A guerra passou a ser espiritual, com o foco de trazer pessoas para o Senhor, o que é simbolizado na profecia em que pessoas não mais possuem armas de guerra, mas ferramentas para colher frutos a Deus, ou seja, convertidos. Os cristãos de nações diferentes não guerreiam uns com os outros, mas andam juntos na luz do Senhor – a Nova Aliança.

Cristo estabelece a paz do ser humano com Deus e entre aqueles que seguem a ele. Os inimigos, quaisquer que sejam, não podem tirar essa paz espiritual provida pelo Messias, o qual dá a seu povo segurança e vitória sobre os seus inimigos. Porém, não em um sentido material. Quaisquer que sejam os inimigos espirituais, os cristãos podem vencê-los por meio do poder de Jesus Cristo. Jesus sempre levanta um número suficiente de homens fiéis para auxiliar os cristãos a vencer seus desafios. Em defesa da Igreja, serão levantados muitos pastores e mestres (pois em nenhum momento será abandonada por Cristo) de modo que, por mais que as perseguições possam aumentar, nunca faltarão homens fiéis para ensinar sobre o Senhor e exortar à fé.

Os servos do Messias não precisam de cavalos, carros de guerra ou fortalezas, uma vez que vencem de forma espiritual, e não por guerras físicas e carnais. Entre eles não se encontra feitiçaria ou adivinhação, uma vez que aceitam apenas as revelações fornecidas na Palavra de Deus. Os justificados não se darão à idolatria, pois apenas Deus deve ser adorado.

O remanescente de Jacó, isto é, aqueles que creram em Cristo e propagaram a Igreja, foram comparados como orvalho ou chuvisco que refresca. Isso significa que o povo de Cristo traz as boas novas da salvação ao mundo. A comparação desse remanescente com um leão ou leãozinho que domina alude à vitória que Jesus teve sobre o mundo, a qual é dada aos seus justificados. A vitória, assim como a luta, é espiritual, e não carnal.

Os justificados têm paz com Deus e não precisam temer coisa alguma, e terão uma pátria celestial que nunca será tirada deles. Quanto aos não justificados, serão castigados, pois a ira de Deus permanece sobre eles.

No julgamento final, os justificados participarão da condenação dos não justificados, os quais sofrerão a punição eterna. A habitação segura dos justificados em sua plenitude será concretizada nos novos céus e nova terra.

2.27. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE NAUM

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Naum. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.27.1. NAUM 2:2 E A ESCATOLOGIA DO LIVRO DE NAUM

> Porque o SENHOR restaurará a glória de Jacó, como a glória de Israel; porque saqueadores os saquearam e destruíram os seus ramos.

Enquanto a grande cidade de Nínive, capital da Assíria, teve um decreto de destruição da parte de Deus anunciado pelo profeta Naum, o povo de Judá, o qual era afligido pela Assíria, iria ser restaurado por Deus. De fato, Nínive tornou-se ruínas e a Assíria caiu diante da Babilônia. O reino de Judá foi livrado do poder desse opressor.

No entanto, pela sua maldade, Judá ainda teve Jerusalém e o templo destruídos posteriormente pela Babilônia, e o povo levado ao exílio. Porém, diferentemente do que aconteceu com Nínive, Deus estabeleceu novamente na terra prometida um remanescente mais fiel, o qual gerou posteriormente o Messias, Jesus Cristo. Ele trouxe a verdadeira restauração de Jacó e glória de Israel de uma forma espiritual com sua Igreja. A profecia não se refere a uma posição de hegemonia na Terra por uma nação física de Israel.

2.28. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE SOFONIAS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Sofonias. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.28.1. SOFONIAS 1:2-3

> "Certamente consumirei todas as coisas sobre a face da terra", diz o SENHOR. "Consumirei as pessoas e os animais, consumirei as aves do céu, os peixes do mar, e as ofensas com os ímpios. E exterminarei os seres humanos da face da terra", diz o SENHOR.

O profeta Sofonias apresentou em seu livro vários juízos locais do Senhor contra nações da Terra, sendo cada um deles um dia do Senhor. A Terra continuará a receber esses juízos continuamente por causa da impiedade dos seres humanos, até que chegará um dia em que Deus consumirá todas as coisas criadas por ele, o qual será o dia do Senhor final, o fim do mundo. Esse dia é a segunda vinda de Cristo, a qual destruirá a Terra com fogo (2 Pedro 3:7,10).

2.28.2. SOFONIAS 1:7-18

> "Calem-se diante do SENHOR Deus, porque o Dia do SENHOR está perto. O SENHOR preparou o sacrifício e santificou os seus convidados. No dia do sacrifício do SENHOR, hei de castigar as autoridades, e os filhos do rei, e todos os que se vestem como estrangeiros. Castigarei também, naquele dia, todos aqueles que sobem o pedestal dos ídolos e enchem de violência e engano a casa dos seus senhores. Naquele dia", diz o SENHOR, "se ouvirá um grito desde o Portão dos Peixes, e um uivo desde a parte nova da cidade, e grande lamento desde as colinas. Lamentem, moradores da cidade baixa, porque todos os comerciantes serão mortos e todos os que pesam prata serão destruídos. Naquele tempo, vasculharei Jerusalém com lanternas e castigarei aqueles que estão apegados à borra do vinho e dizem no seu coração: 'O SENHOR não faz bem nem faz mal.' Por isso, os bens deles serão saqueados, e as suas casas serão destruídas. Eles construirão casas, mas não habitarão nelas; plantarão vinhas, mas não beberão o vinho. Está perto o grande Dia do SENHOR; está perto e vem chegando depressa. Atenção! O Dia do SENHOR é amargo, e nele clamarão até os poderosos. Aquele dia

> será um dia de ira, dia de angústia e tribulação, dia de ruína e destruição, dia de trevas e escuridão, dia de nuvens e densas trevas, dia de toque de trombeta e gritos de guerra contra as cidades fortificadas e contra as torres altas. Trarei angústia sobre as pessoas, e elas andarão como se estivessem cegas, porque pecaram contra o SENHOR. O sangue dessas pessoas será derramado como pó, e a sua carne será espalhada como esterco. Nem a prata nem o ouro poderão livrá-las no dia da ira do SENHOR, mas, pelo fogo do seu zelo, a terra será consumida. Porque ele certamente fará destruição total e repentina de todos os moradores da terra."

Um dos dias do Senhor estava se aproximando para o reino de Judá. Entre os muitos dias do Senhor que ocorrem até a destruição da Terra, o Senhor anunciou um dia de juízo contra a nação de Judá pela impiedade do povo que deveria ter sido povo de Deus e não foi. Entre os pecados do povo estavam a idolatria, a imitação de costumes dos povos incrédulos, a violência, o engano e a indiferença e relação aos avisos de Deus. A nação de Judá permaneceu no pecado e, zeloso com seus avisos, Deus entregou toda a sua terra à destruição. Essa destruição de Judá serve como um prenúncio do dia do juízo final, pois, assim como Deus destruiu nações persistentes no pecado, assim também destruirá, na repentina segunda vinda de Cristo, todo o mundo por causa de sua impiedade.

O dia do Senhor contra a nação de Judá ocorreu por meio da Babilônia sob Nabucodonosor, a qual destruiu cidades de Judá, Jerusalém e o templo em 586 a.C., levando também parte do povo para o cativeiro. Foi um dia de trevas, amargura, angústia e destruição, um dia em que a ira do Senhor foi derramada sobre a nação, onde os poderosos clamaram e suas riquezas não serviram de nada.

2.28.3. SOFONIAS 2:1-3

> Reúna-se e concentre-se, ó nação sem pudor, antes que saia o decreto e o dia se vá como a palha, antes que venha sobre você o furor da ira do SENHOR, sim, antes que venha sobre você o dia da ira do SENHOR. Busquem o SENHOR, todos vocês, os humildes da terra, que cumprem os seus mandamentos. Busquem a justiça, busquem a humildade. Talvez assim vocês sejam poupados no dia da ira do SENHOR.

O profeta Sofonias exortou o povo de Judá a buscar o Senhor para que pudesse ser poupado no dia de juízo contra a nação. A preocupação do profeta era que o povo estivesse vivendo em seu cotidiano sem se importar com o dia anunciado e, assim, não tivesse mais tempo para arrependimento quando o dia chegar. Apesar do juízo, Deus é misericordioso e pode preservar aqueles que o buscam das tribulações. Uma das razões dos juízos de Deus sobre a Terra é gerar arrependimento.

2.28.4. SOFONIAS 3:8-13

> "Portanto, esperem por mim", diz o SENHOR, "esperem pelo dia em que eu me levantar para tomar o despojo. Porque a minha resolução é ajuntar as nações e congregar os reinos, para fazer cair sobre eles a minha indignação e todo o furor da minha ira. Porque toda esta terra será consumida pelo fogo do meu zelo. Então darei lábios puros aos povos, para que todos invoquem o nome do SENHOR e o sirvam de comum acordo. Dalém dos rios da Etiópia, os meus adoradores, que constituem a filha da minha dispersão, me trarão sacrifícios. Naquele dia, você não terá de se envergonhar de nenhuma das suas rebeliões contra mim, porque tirarei do meio de você, Jerusalém, os que exultam no seu orgulho, e você nunca mais se orgulhará no meu santo monte. Mas deixarei no meio de você um povo modesto e humilde, que confia no nome do SENHOR. O remanescente de Israel não cometerá injustiça. Eles não proferirão mentira, e da sua boca não sairão palavras enganosas, porque serão apascentados, se deitarão, e não haverá quem os atemorize."

Uma vez que os seres humanos persistem no erro, o Senhor acaba por fazer o mundo todo sofrer julgamento. A ideia de ajuntar os não justificados em um mesmo lugar para castigá-los alude a uma das vitórias históricas de Deus sobre as nações de Moabe e Amom, a qual foi testemunhada pelo rei Josafá em 2 Crônicas 20:1-30. Essa vitória tornou-se proverbial, um símbolo do juízo de Deus contra nações inimigas. As nações ímpias citadas em Sofonias 2:4-3:3, isto é, a Filístia, Moabe, Amom, Etiópia e Assíria, as quais representam "esta terra", sofreram os juízos do Senhor profetizados por Sofonias, tendo sido destruídas pelo Senhor por meio da Babilônia. Os juízos locais de Deus também prefiguram a destruição final da Terra pelo fogo na segunda vinda de Cristo (2 Pedro 3:7,10). O juízo final terá o ajuntamento das nações ímpias para que recebam a punição da ira ardente de Deus (Mateus 25:31-45).

Os lábios puros dados aos povos para invocar o nome do Senhor e os adoradores de locais distantes vindo para trazer a ele sacrifícios são consequências do remanescente de Judá mais fiel que se reestabeleceu na terra prometida depois do julgamento da Filístia, de Moabe, de Amom, da Etiópia e da Assíria. Esse remanescente reedificou Jerusalém e o templo. As nações puderam, assim, conhecer mais de Deus indo até lá, e os judeus que não retornaram à terra prometida após a dispersão puderam viajar até lá para as festas e sacrifícios. Pessoas sendo trazidas ao Senhor também são como sacrifícios agradáveis a ele. Posteriormente, a vinda do Messias que procedeu do remanescente mais fiel que retornou à terra prometida, Jesus Cristo, deu às pessoas o evangelho, o qual transforma vidas e torna as pessoas em fiéis ao Senhor. Os judeus que seguiram Cristo foram um remanescente que veio dos descendentes do povo que retornou do exílio, os quais deixaram o orgulho, a mentira, o engano e a rebelião contra Deus, tornando-se um povo modesto, humilde e que confia em Deus. Eles espalharam a mensagem do evangelho pelo mundo, a qual torna pessoas de vários povos em fiéis. Esses fiéis são apascentados como ovelhas por Jesus Cristo e não têm o que temer, pois Deus está com eles.

2.28.5. SOFONIAS 3:14-17

> Cante, ó filha de Sião! Grite de alegria, ó Israel! Alegre-se e exulte de todo o coração, ó filha de Jerusalém. O SENHOR retirou as sentenças que eram contra você e afastou os seus inimigos. O Rei de Israel, o SENHOR, está no meio de você; você não precisa mais temer nenhum mal. Naquele dia, se dirá a Jerusalém: "Não tenha medo, ó Sião, não desfaleçam as suas mãos." O SENHOR, seu Deus, está no meio de você, poderoso para salvar. Ele ficará muito contente com você. Ele a renovará no seu amor, e se encherá de júbilo por causa de você.

Os justificados representados como a "filha de Sião", "Israel" e "filha de Jerusalém" são o povo cujos inimigos e punições foram removidos pelo Senhor, ou seja, os remidos pelo evangelho. Os inimigos e punições representam os pecados que são perdoados aos justificados, os quais não precisam mais ter medo e nem desfalecer diante das dificuldades da vida. O Senhor que está no meio deles é Jesus Cristo, o qual está entre sua Igreja, poderoso para salvá-la quando surgir a necessidade. O Senhor se alegra muito com seus remidos, com júbilo, e os renova no seu amor.

2.28.6. SOFONIAS 3:18-20

> "Congregarei os que estão entristecidos por se acharem afastados das festas solenes, estes que são do seu meio e sobre os quais pesam afrontas. Eis que, naquele tempo, agirei contra todos os que a afligem. Salvarei os que coxeiam e recolherei os que foram expulsos. Farei deles um louvor e um nome em toda a terra em que foram envergonhados. Naquele tempo, farei com que vocês voltem e os recolherei. Certamente farei de vocês um nome e um louvor entre todos os povos da terra, quando eu restaurar a sorte de vocês diante dos seus próprios olhos", diz o SENHOR.

Em sua última profecia de seu livro, Sofonias volta a falar do povo que foi exilado na Babilônia e que retornou à terra prometida. A destruição de Jerusalém e o exílio causou dispersão dos judeus entre os povos, e muita vergonha ao povo, o qual foi comparado a pessoas afrontadas, expulsas e que coxeiam. Os judeus não mais podiam participar das festas solenes da Lei de Moisés no templo. No entanto, Deus estava agindo contra aqueles que afligiam o povo. Um exemplo ocorreu no Livro de Ester, no qual Hamã conspirou para erradicar os judeus e encontrou o seu fim, enquanto os judeus dispersos pelo Império Persa prosperaram.

Com a restauração da cidade e do templo, os judeus voltaram a ser considerados um louvor e um nome na sua própria terra, na qual antes foram envergonhados, embora sempre estivessem sujeitos a uma potência gentia, tal como a Pérsia, Grécia e Roma. Os judeus puderam novamente comparecer às festas, tais como a Páscoa. Outras nações, com isso, puderam também conhecer o Senhor, e o caminho para a vinda do Messias estava sendo preparado.

2.28.7. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE SOFONIAS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Sofonias, as informações são:

- Sofonias 1:2-3: o profeta Sofonias apresentou em seu livro vários juízos locais do Senhor contra nações da Terra, sendo cada um deles um dia do Senhor. A Terra continuará a receber esses juízos

continuamente por causa da impiedade dos seres humanos, até que chegará um dia em que Deus consumirá todas as coisas criadas por ele, o qual será o dia do Senhor final, o fim do mundo. Esse dia é a segunda vinda de Cristo, a qual destruirá a Terra com fogo;

- Sofonias 1:7-18: entre os muitos dias do Senhor que ocorrem até a destruição da Terra, o Senhor anunciou um dia de juízo contra a nação de Judá pela impiedade do povo que deveria ter sido povo de Deus e não foi. A nação de Judá permaneceu no pecado e, zeloso com seus avisos, Deus entregou toda a sua terra à destruição. Essa destruição de Judá serve como um prenúncio do dia do juízo final, pois, assim como Deus destruiu nações persistentes no pecado, assim também destruirá, na repentina segunda vinda de Cristo, todo o mundo por causa de sua impiedade. O dia do Senhor contra a nação de Judá ocorreu por meio da Babilônia sob Nabucodonosor, a qual destruiu cidades de Judá, Jerusalém e o templo em 586 a.C., levando também parte do povo para o cativeiro. Foi um dia de trevas, amargura, angústia e destruição, um dia em que a ira do Senhor foi derramada sobre a nação, onde os poderosos clamaram e suas riquezas não serviram de nada;

- Sofonias 2:1-3: o profeta Sofonias exortou o povo de Judá a buscar o Senhor para que pudesse ser poupado no dia de juízo contra a nação. A preocupação do profeta era que o povo estivesse vivendo em seu cotidiano sem se importar com o dia anunciado e, assim, não tivesse mais tempo para arrependimento quando o dia chegar. Apesar do juízo, Deus é misericordioso e pode preservar aqueles que o buscam das tribulações. Uma das razões dos juízos de Deus sobre a Terra é gerar arrependimento;

- Sofonias 3:8-13: uma vez que os seres humanos persistem no erro, o Senhor acaba por fazer o mundo todo sofrer julgamento. A ideia de ajuntar os não justificados em um mesmo lugar para castigá-los alude a uma das vitórias históricas de Deus sobre as nações de Moabe e Amom, a qual tornou-se proverbial, um símbolo do juízo de Deus contra nações inimigas. Os juízos locais de Deus também prefiguram a destruição final da Terra pelo fogo na segunda vinda de Cristo (2 Pedro 3:7,10). O juízo final terá o ajuntamento das nações ímpias para que recebam a punição da ira ardente de Deus. Os lábios puros dados aos povos para invocar o nome do Senhor e os adoradores de locais distantes vindo para trazer sacrifícios a ele são consequências do remanescente de Judá mais fiel que se reestabeleceu na terra prometida. Esse remanescente reedificou Jerusalém e o templo. As nações puderam, assim, conhecer mais de Deus indo até lá, e os judeus que não retornaram à terra prometida após a dispersão puderam viajar até lá para as festas e sacrifícios. Pessoas sendo trazidas ao Senhor também são como sacrifícios agradáveis a ele. Posteriormente, a vinda do Messias que procedeu do remanescente mais fiel que retornou à terra prometida, Jesus Cristo, deu às pessoas o evangelho, o qual transforma vidas e torna as pessoas em fiéis ao Senhor. Os judeus que seguiram a Cristo foram um remanescente que veio dos descendentes do povo que retornou do exílio, os quais deixaram o orgulho, a mentira, o engano e a rebelião contra Deus, tornando-se um povo modesto, humilde e que confia em Deus. Eles espalharam a mensagem do evangelho pelo mundo, a qual torna pessoas de vários povos em fiéis. Esses fiéis são apascentados como ovelhas por Jesus Cristo e não têm o que temer, pois Deus está com eles;

- Sofonias 3:14-17: os justificados representados como a "filha de Sião", "Israel" e "filha de Jerusalém" são o povo cujos inimigos e punições foram removidos pelo Senhor, ou seja, os remidos pelo evangelho. Os inimigos e punições representam os pecados que são perdoados aos justificados, os quais não precisam mais ter medo e nem desfalecer diante das dificuldades da vida. O Senhor estando no meio deles é Jesus Cristo, o qual está entre sua Igreja, poderoso para salvá-la quando surgir a necessidade. O Senhor se alegra muito com seus remidos, com júbilo, e os renova no seu amor;

- Sofonias 3:18-20: a destruição de Jerusalém e o exílio causou dispersão dos judeus entre os povos, e muita vergonha ao povo, o qual foi comparado a pessoas afrontadas, expulsas e que coxeiam. Os judeus não mais podiam participar das festas solenes da Lei de Moisés no templo. No entanto, Deus estava agindo contra aqueles que afligiam o povo. Com a restauração da cidade e do templo, os judeus voltaram a ser considerados um louvor e um nome na sua própria terra, na qual antes foram envergonhados, embora sempre estivessem sujeitos a uma potência gentia, tal como a Pérsia, Grécia e Roma. Os judeus puderam novamente comparecer às festas, tais como a Páscoa. Outras nações, com

isso, puderam também conhecer o Senhor, e o caminho para a vinda do Messias estava sendo preparado.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

O profeta Sofonias apresentou em seu livro vários juízos locais do Senhor contra nações da Terra, sendo cada um deles um dia do Senhor. Uma vez que os seres humanos persistem no erro, o Senhor acaba por fazer o mundo todo sofrer julgamento.

Deus tinha uma resolução de querer ajuntar os não justificados em um mesmo lugar para castigá-los. Isso alude a uma das vitórias históricas de Deus sobre as nações de Moabe e Amom, a qual tornou-se proverbial, um símbolo do juízo de Deus contra nações inimigas. Os juízos locais de Deus prefiguram a destruição final da Terra pelo fogo na segunda vinda de Cristo. A Terra continuará a receber esses juízos continuamente por causa da impiedade dos seres humanos, até que chegará o dia em que Deus consumirá todas as coisas criadas por ele, o qual será o dia do Senhor final, o fim do mundo na segunda vinda de Cristo.

Entre os muitos dias do Senhor que ocorrem até a destruição da Terra, o Senhor anunciou um dia de juízo contra a nação de Judá pela impiedade do povo que deveria ter sido povo de Deus e não foi. Assim, Sofonias exortou o povo de Judá a buscar o Senhor para que pudesse ser poupado no dia de juízo contra a nação. A preocupação do profeta era que o povo estivesse vivendo em seu cotidiano sem se importar com o dia anunciado e, assim, não tivesse mais tempo para arrependimento quando o dia chegar. Apesar do juízo, Deus é misericordioso e pode preservar aqueles que o buscam das tribulações. Uma das razões dos juízos de Deus sobre a Terra é gerar arrependimento.

A nação de Judá permaneceu no pecado e, zeloso com seus avisos, Deus entregou toda a sua terra à destruição. O dia do Senhor contra a nação de Judá ocorreu por meio da Babilônia sob Nabucodonosor, a qual destruiu cidades de Judá, Jerusalém e o templo em 586 a.C., levando também parte do povo para o cativeiro. Foi um dia de trevas, amargura, angústia e destruição, um dia em que a ira do Senhor foi derramada sobre a nação, onde os poderosos clamaram e suas riquezas não serviram de nada. Essa destruição de Judá serve como um prenúncio do dia do juízo final, pois, assim como Deus destruiu nações persistentes no pecado, assim também destruirá, na repentina segunda vinda de Cristo, todo o mundo por causa de sua impiedade. O juízo final terá o ajuntamento das nações ímpias para que recebam a punição da ira ardente de Deus.

A destruição de Jerusalém e o exílio causou dispersão dos judeus entre os povos, e muita vergonha ao povo, o qual foi comparado a pessoas afrontadas, expulsas e que coxeiam. Os judeus não mais podiam participar das festas solenes da Lei de Moisés no templo. No entanto, Deus estava agindo contra aqueles que afligiam o povo.

Um remanescente mais fiel do povo retornou à terra prometida. Os lábios puros dados aos povos para invocar o nome do Senhor e os adoradores de locais distantes vindo para trazer a ele sacrifícios são consequências desse remanescente de Judá, o qual reedificou Jerusalém e o templo. As nações puderam, assim, conhecer mais de Deus indo até lá, e os judeus que não retornaram à terra prometida após a dispersão puderam viajar até lá para as festas e sacrifícios. Pessoas sendo trazidas ao Senhor também foram como sacrifícios agradáveis a ele.

Com a restauração da cidade e do templo, os judeus voltaram a ser considerados um louvor e um nome na sua própria terra, na qual antes foram envergonhados, embora sempre estivessem sujeitos a uma potência gentia, tal como a Pérsia, Grécia e Roma. Os judeus puderam novamente participar das festas, tais como a Páscoa. Outras nações, com isso, puderam também conhecer o Senhor, e o caminho para a vinda do Messias estava sendo preparado.

Posteriormente, a vinda do Messias que procedeu do remanescente mais fiel que retornou à terra prometida, Jesus Cristo, deu às pessoas o evangelho, o qual transforma vidas e torna as pessoas em fiéis ao Senhor. Os judeus que seguiram Cristo foram um remanescente que veio dos descendentes do povo que retornou do exílio, os quais deixaram o orgulho, a mentira, o engano e a rebelião contra Deus, tornando-se um povo modesto, humilde e que confia em Deus. Eles espalharam a mensagem do evangelho pelo mundo, a qual torna pessoas de vários povos em fiéis. Esses fiéis são apascentados como ovelhas por Jesus Cristo e não têm o que temer, pois Deus está com eles.

Os justificados representados como a "filha de Sião", "Israel" e "filha de Jerusalém" são o povo cujos inimigos e punições foram removidos pelo Senhor, ou seja, os remidos pelo evangelho. Os inimigos e punições representam os pecados que são perdoados aos justificados, os quais não precisam mais ter medo e nem desfalecer diante das dificuldades da vida. O Senhor que está no meio deles é Jesus Cristo, o qual está entre sua Igreja, poderoso para salvá-la quando surgir a necessidade. O Senhor se alegra muito com seus remidos, com júbilo, e os renova no seu amor.

2.29. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE AGEU

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Ageu. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.29.1. AGEU 2:6-7

> Pois assim diz o SENHOR dos Exércitos: "Daqui a pouco, mais uma vez eu farei tremer o céu, a terra, o mar e a terra seca. Farei tremer todas as nações, e serão trazidas as coisas preciosas de todas as nações, e encherei este templo de glória, diz o SENHOR dos Exércitos."

O remanescente do povo que retornou da Babilônia reconstruiu o templo, mas ele não tinha a mesma glória do anterior. Deus afirmou que faria tremer o céu, terra, mar e terra seca, as nações, e o templo seria cheio de coisas preciosas e glória. Isso significa que Deus trabalha no mundo todo, levantando e derrubando nações, de forma a cumprir seus propósitos. O templo, o qual parecia menos glorioso do que o anterior, seria adornado e engrandecido com tesouros das nações.

De fato isso se cumpriu, uma vez que o segundo templo foi engrandecido com recursos que vieram de fora da terra de Judá, seja de judeus dispersos, seja de prosélitos entre as nações, seja dos próprios gentios, até que o templo foi tornado grandioso por Herodes, nomeado pelos romanos como rei da Judeia em 37 a.C.

2.29.2. AGEU 2:21-23

> Fale a Zorobabel, o governador de Judá: "Farei tremer o céu e a terra. Derrubarei o trono dos reinos e destruirei a força dos reinos das nações. Destruirei os carros de guerra e os que andam neles; os cavalos morrerão e os seus cavaleiros matarão uns aos outros. Naquele dia, diz o SENHOR dos Exércitos, tomarei você, Zorobabel, filho de Salatiel, você que é meu servo, diz o SENHOR, e farei de você um anel de selar, porque eu o escolhi", diz o SENHOR dos Exércitos.

Quando Deus opera no mundo a fim de cumprir seus propósitos, é como se fizesse tremer o céu e a terra. Deus tem soberania sobre as nações da Terra e, independentemente do desígnio delas, fará cumprir seu plano. Nações se levantam e caem, tal como a Assíria caiu diante da Babilônia, a Babilônia caiu diante da Pérsia, a Pérsia diante da Grécia, e a Grécia diante de Roma. Grandes mudanças ocorreram no mundo. Deus usou Zorobabel para um passo importante no caminho da vinda do Messias. O próprio Zorobabel foi um tipo de Cristo em que ocorre a renovação do povo.

2.29.3. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE AGEU

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Ageu, as informações são:

- Ageu 2:6-7: o remanescente do povo que retornou da Babilônia reconstruiu o templo, mas ele não tinha a mesma glória do anterior. Deus afirmou que faria tremer o céu, terra, mar e terra seca, as nações, e o templo seria cheio de coisas preciosas e glória. Isso significa que Deus trabalha no mundo todo, levantando e derrubando nações, de forma a cumprir seus propósitos. O templo, o qual parecia menos glorioso do que o anterior, seria adornado e engrandecido com tesouros das nações. De fato isso se cumpriu, uma vez que o segundo templo foi engrandecido com recursos que vieram de fora da terra de Judá, seja de judeus dispersos, seja de prosélitos entre as nações, seja dos próprios gentios, até que o templo foi tornado grandioso por Herodes, nomeado pelos romanos como rei da Judeia em 37 a.C.;

- Ageu 2:21-23: quando Deus opera no mundo a fim de cumprir seus propósitos, é como se fizesse tremer o céu e a terra. Deus tem soberania sobre as nações da Terra e, independentemente do desígnio delas, fará cumprir seu plano. Nações se levantam e caem, tal como a Assíria caiu diante da Babilônia, a Babilônia caiu diante da Pérsia, a Pérsia diante da Grécia, e a Grécia diante de Roma. Grandes mudanças ocorreram no mundo. Deus usou Zorobabel para um passo importante no caminho da vinda do Messias. O próprio Zorobabel foi um tipo de Cristo em que ocorre a renovação do povo.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

O remanescente do povo que retornou da Babilônia reconstruiu o templo, mas ele não tinha a mesma glória do anterior. Deus afirmou, por meio do profeta Ageu, que faria tremer o céu, terra, mar e terra seca, as nações, e o templo seria cheio de coisas preciosas e glória. Isso significa que Deus trabalha no mundo todo, levantando e derrubando nações, de forma a cumprir seus propósitos.

O templo, o qual parecia menos glorioso do que o anterior na época do profeta Ageu, foi engrandecido com recursos que vieram de fora da terra de Judá, seja de judeus dispersos, seja de prosélitos entre as nações, seja dos próprios gentios, até que o templo foi tornado grandioso por Herodes, nomeado pelos romanos como rei da Judeia em 37 a.C.

Quando Deus opera no mundo a fim de cumprir seus propósitos, é como se fizesse tremer o céu e a terra. Deus tem soberania sobre as nações da Terra e, independentemente do desígnio delas, fará cumprir seu plano. Nações se levantam e caem, tal como a Assíria caiu diante da Babilônia, a Babilônia caiu diante da Pérsia, a Pérsia diante da Grécia, e a Grécia diante de Roma. Grandes mudanças ocorreram no mundo.

Deus usou Zorobabel para um passo importante no caminho da vinda do Messias. O próprio Zorobabel foi um tipo de Cristo em que ocorre a renovação do povo. Veio renovação com Zorobabel, veio renovação com Jesus Cristo.

2.30. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE ZACARIAS [16]

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Zacarias. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.30.1. ZACARIAS 1:8-17

> Tive de noite uma visão, e eis um homem montado num cavalo vermelho. Ele estava parado entre as murtas que havia num vale profundo. Atrás dele se achavam cavalos vermelhos, baios e brancos. Então perguntei: "Meu senhor, quem são estes?" E o anjo que falava comigo respondeu: "Eu lhe mostrarei quem são eles." Então o homem que estava entre as murtas disse: "Eles são os que o SENHOR enviou para percorrerem a terra." Eles responderam ao anjo do SENHOR, que estava entre as murtas, e disseram: "Nós já percorremos a terra, e eis que toda a terra está, agora, calma e tranquila." Então o anjo do SENHOR disse: "Ó SENHOR dos Exércitos, até quando não terás compaixão de Jerusalém e das cidades de Judá, contra as quais estás indignado há setenta anos?" E o SENHOR respondeu com palavras boas, palavras consoladoras, ao anjo que falava comigo. E este me disse: "Proclame: 'Assim diz o SENHOR dos Exércitos: tenho grande amor por Jerusalém e Sião. E, com grande indignação, estou irado contra as nações que vivem confiantes. Porque eu estava um pouco indignado, mas elas agravaram o mal.' Portanto, assim diz o SENHOR: 'Voltei-me para Jerusalém com misericórdia, e nela será reconstruído o meu templo', diz o SENHOR dos Exércitos. E o cordel será estendido sobre Jerusalém. Proclame outra vez, dizendo: 'Assim diz o SENHOR dos Exércitos: as minhas cidades voltarão a transbordar de bens; o SENHOR voltará a consolar Sião e voltará a escolher Jerusalém.'"

Na visão de Zacarias, o Senhor havia enviado cavalos para percorrer a terra e eles a encontraram em paz. Cavalos brancos provavelmente representam vitória, vermelhos provavelmente representam a guerra, e baios provavelmente representam a morte.

Com a notícia da terra em paz, o anjo do Senhor perguntou para Deus até quando ele não teria compaixão de Jerusalém. O relato da tranquilidade da terra não foi recebido como uma boa notícia, pois, dois meses antes, Deus havia prometido abalar a terra para dar paz ao povo em Jerusalém (Ageu 2:6-9). Se a terra (representando as nações) ainda estava tranquila, Deus ainda não tinha dado paz ao povo dele.

Então, Deus respondeu ao anjo que estava com Zacarias, assegurando a ele que realmente estava agindo para mostrar compaixão, proteger e abençoar a Jerusalém pós-exílica (essa promessa inclui a edificação do templo e a proteção da cidade). Deus estava agindo também para castigar as nações que oprimiam seu povo, assim cumprindo a promessa feita por meio de Ageu dois meses antes. Essa visão e sua interpretação são fundamentais para o entendimento da mensagem de Zacarias, pois Deus está ciente das circunstâncias das pessoas na terra, age a favor do seu povo e se ira contra as nações desobedientes.

2.30.2. ZACARIAS 1:18-20

> Levantei os olhos e vi, e eis quatro chifres. Perguntei ao anjo que falava comigo: "O que é isto?" Ele me respondeu: "São os chifres que dispersaram Judá, Israel e Jerusalém." O SENHOR me mostrou quatro ferreiros. Então perguntei: "O que é que eles vêm fazer?" Ele respondeu: "Aqueles são os chifres que dispersaram Judá, de maneira que ninguém pode levantar a cabeça. Mas estes ferreiros vieram para os amedrontar, para derrubar os chifres das nações que levantaram o seu poder contra a terra de Judá, para a espalhar."

Zacarias viu quatro chifres e perguntou para o anjo sobre o significado deles. O anjo disse que representavam os opressores que haviam dispersado o povo de Israel. O número quatro representa as nações do mundo (nações nos quatro pontos cardeais: norte, sul, leste e oeste), isto é, povos que agrediam o povo de Israel. Então, Deus mostrou quatro ferreiros que vieram derrubar os chifres. Os ferreiros representam os juízos divinos contra os povos que se levantaram contra Judá.

2.30.3. ZACARIAS 2:1-5

> Levantei os olhos e vi, e eis um homem que tinha na mão um cordel de medir. Então perguntei: "Para onde você vai?" Ele me respondeu: "Vou medir Jerusalém, para saber a sua largura e o seu comprimento." Eis que o anjo que falava comigo se afastou, e outro anjo veio se encontrar com ele. E lhe disse: "Corra e diga àquele jovem: 'Jerusalém será habitada como as aldeias sem muralhas, por causa do grande número de pessoas e de animais que haverá nela. Pois eu serei uma muralha de fogo ao redor dela', diz o SENHOR, 'eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória.'"

Zacarias viu um homem indo medir Jerusalém. A cena de medir a cidade santa aparece em outros profetas, e sempre simboliza a proteção divina e a comunhão de Deus com seu povo (Ezequiel 40-48; Apocalipse 21:15-27). Um anjo saiu e explicou para o anjo que acompanhava Zacarias que Jerusalém seria uma cidade habitada, abençoada e protegida por Deus. Assim, Deus estava cuidando do remanescente mais fiel que voltou do cativeiro da Babilônia para preparar a vinda do Messias.

2.30.4. ZACARIAS 2:8-13

> Pois assim diz o SENHOR dos Exércitos: para obter a glória, ele me enviou às nações que saquearam os bens de vocês. Porque aquele que tocar em vocês toca na menina dos meus olhos. Porque eis que agitarei a mão contra eles, e eles virão a ser a presa daqueles que os serviram. Assim vocês saberão que o SENHOR dos Exércitos é quem me enviou. Alegre-se e cante, ó filha de Sião, porque eis que venho e habitarei no meio de você, diz o SENHOR. Naquele dia, muitas nações se juntarão ao SENHOR e serão o meu povo. Habitarei em seu meio, e vocês saberão que o SENHOR dos Exércitos é quem me enviou a vocês. Então o SENHOR herdará a terra de Judá como a sua porção na terra santa e voltará a escolher Jerusalém. Calem-se todos diante do SENHOR, porque ele se levantou da sua santa morada.

O resultado da proteção do povo foi visto na mudança da sorte de Jerusalém e de seus opressores. Deus chamou seu povo de volta da terra do Norte, a Babilônia (Zacarias 2:6-7). Possivelmente, alguns dos judeus tinham se adaptado aos caminhos da Babilônia e precisavam sair desse meio para ter comunhão com Deus.

Deus foi glorificado na sua vitória contra as nações e na proteção de Sião, a "menina do seu olho", pois trouxe para seu povo a alegria da sua presença. Muitas nações se ajuntaram ao Senhor para fazer parte do povo dele. Isso ocorreu tanto pela conversão de outros povos ao judaísmo na época quanto por meio do Messias, Jesus Cristo, que juntou judeus e gentios em um só povo. A terra de Judá voltou a ser herança do Senhor, Jerusalém voltou a ser escolhida para os cultos e festas. Deus voltou a conceder seu favor para o remanescente que voltou à

terra prometida, de forma a gerar o Messias. O Senhor se levantando de sua santa morada significa que ele agiu para cumprir seu propósito ao povo.

2.30.5. ZACARIAS 3:8-10

> Portanto, escute, Josué, sumo sacerdote, você e os seus companheiros que estão sentados diante de você, porque estes homens são um sinal do que há de vir: eis que eu farei vir o meu servo, o Renovo. Porque eis aqui a pedra que pus diante de Josué; sobre esta pedra única estão sete olhos. Eis que eu gravarei nela uma inscrição, diz o SENHOR dos Exércitos, e tirarei a iniquidade desta terra num só dia. Naquele dia, diz o SENHOR dos Exércitos, cada um de vocês convidará o seu próximo para sentar-se debaixo da videira e debaixo da figueira.

O termo "Renovo" identifica o Messias como um descendente de Davi em outras profecias (Isaías 4:2; 11:1; Jeremias 23:5; 33:15). O sumo sacerdote Josué e aqueles que estavam com ele foram um sinal que apontava para o servo do Senhor, o Renovo, Jesus Cristo, por meio de quem Deus tirou a iniquidade do povo em um só dia – o dia de sua morte na cruz. A pedra, provavelmente, também representa Jesus Cristo – a pedra angular, eleita, lançada como fundamento. Os sete olhos na pedra representam o Espírito de Deus que está em Cristo (sete é um número simbólico do divino, e o Espírito Santo tudo vê). No Messias, os justificados têm um lugar de paz e comunhão com o Senhor e com os outros justificados.

2.30.6. ZACARIAS 4:1-14

> O anjo que falava comigo voltou e me despertou, como se desperta alguém do sono. Ele me perguntou: "O que você está vendo?" Respondi: "Vejo um candelabro todo de ouro e um vaso de azeite em cima com as suas sete lâmpadas e sete tubos, um para cada uma das lâmpadas que estão em cima do candelabro. Junto ao candelabro vejo duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e a outra à sua esquerda." Então perguntei ao anjo que falava comigo: "Meu senhor, o que é isto?" O anjo que falava comigo disse: "Você não sabe o que é isto?" Respondi: "Não, meu senhor." Ele prosseguiu e me disse: "Esta é a palavra do SENHOR a Zorobabel: 'Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito', diz o SENHOR dos Exércitos. Quem é você, ó grande monte? Diante de Zorobabel você será uma planície. Porque ele colocará a pedra de remate do templo, em meio a aclamações: 'Haja graça e graça para ela!' Novamente a palavra do SENHOR veio a mim, dizendo: 'As mãos de Zorobabel lançaram os alicerces deste templo, e as mãos dele vão terminar a construção, para que vocês saibam que o SENHOR dos Exércitos é quem me enviou a vocês. Pois quem despreza o dia dos humildes começos, esse ficará alegre ao ver o prumo nas mãos de Zorobabel. Aqueles sete olhos são os olhos do SENHOR, que percorrem toda a terra.'" Então perguntei ao anjo: "O que são as duas oliveiras à direita e à esquerda do candelabro?" E acrescentei uma segunda pergunta: "O que são aqueles dois ramos de oliveira que estão junto aos dois tubos de ouro, que vertem azeite dourado?" Ele me respondeu: "Você não sabe o que é isto?" Eu respondi: "Não, meu senhor." Então ele disse: "São os dois ungidos, que estão a serviço do SENHOR de toda a terra."

O anjo despertou Zacarias para a visão na qual ele viu um candelabro de ouro com sete lâmpadas recebendo azeite de duas oliveiras. O anjo explicou que a visão significava a força dada a Zorobabel pelo Espírito de Deus para completar sua missão, tirando qualquer obstáculo na construção do templo. Zacarias perguntou sobre o significado das duas oliveiras, e recebeu a resposta de que representam os dois ungidos que servem ao Senhor. No Antigo Testamento, os líderes religiosos (sacerdotes) e os líderes do governo (reis) foram ungidos (Êxodo 30:30; 2 Reis 9:3). Nas últimas duas visões, Deus mostrou seu apoio para os líderes em Jerusalém: o sumo sacerdote, Josué, e o governador, Zorobabel. No capítulo 6 do Livro de Zacarias, o Senhor juntou os ofícios de sacerdote e rei em outra profecia messiânica.

Assim, as oliveiras representam os dois ungidos: Josué, representando o sacerdócio e os profetas, e Zorobabel, representando o governo e as leis. Os dois foram ferramentas de Deus movidas pelo Espírito Santo para a reconstrução do templo. Deus cumpriu sua palavra pela força de seu Espírito por meio desses dois servos.

2.30.7. ZACARIAS 6:1-8

> Outra vez levantei os olhos e vi, e eis que quatro carruagens saíam do meio de dois montes, e estes montes eram de bronze. Na primeira carruagem, os cavalos eram vermelhos; na segunda, eram pretos; na terceira, eram brancos; e na quarta, eram baios. Todos eram fortes. Então perguntei ao anjo que falava comigo: "Meu senhor, o que é isto?" O anjo respondeu: "São os quatro ventos do céu, que saem de onde estavam diante do

> Senhor de toda a terra. A carruagem em que estão os cavalos pretos sai para a terra do Norte. Os cavalos brancos saem após eles, e os cavalos baios vão para a terra do Sul. Assim, os cavalos fortes saem, forcejando para seguir adiante, para percorrerem a terra." O SENHOR lhes disse: "Vão e percorram a terra." E eles percorriam a terra. Então ele me chamou e me disse: "Eis que aqueles que saíram para a terra do Norte fazem o meu Espírito repousar na terra do Norte."

Zacarias viu quatro carros, puxados por cavalos, saindo dentre dois montes de bronze. Os cavalos eram de cores diferentes. Os vermelhos provavelmente simbolizam sangue e guerra. Os pretos provavelmente representam escassez de alimentos. Os brancos provavelmente representam vitória. Os baios provavelmente significam a morte pelos juízos de Deus (tipicamente guerra, fome, peste e animais selvagens).

O anjo explicou que esses carros são os quatro ventos que saem da presença do Senhor. Os quatro ventos representam castigos enviados por Deus sobre a Terra. Uma vez que os cavalos percorrem a Terra, isso significa que os juízos do Senhor estão em todas as nações, pois elas persistem no pecado.

Os cavalos pretos e brancos foram para o norte e deram paz para o Espírito de Deus naquelas terras. Ou seja, quando Deus castigou o povo do norte, o seu Espírito repousou tranquilo. Os cavalos baios foram para o sul, levando os juízos de Deus.

Assim, os juízos do Senhor estão por toda a Terra, pois o ser humano insiste no mal. Quando os juízos são realizados em uma região, Deus repousa no sentido de que a justiça foi feita. Em uma nação onde há impiedade e os juízos ainda não foram efetuados, Deus não repousa no sentido de que a devida punição ainda não foi aplicada.

2.30.8. ZACARIAS 6:9-15

> A palavra do SENHOR veio a mim, dizendo: "Receba o que foi trazido pelos exilados Heldai, Tobias e Jedaías, que voltaram da Babilônia, e no mesmo dia entre na casa de Josias, filho de Sofonias. Receba a prata e o ouro, faça uma coroa e coloque-a na cabeça do sumo sacerdote Josué, filho de Jozadaque. E diga-lhe: assim diz o SENHOR dos Exércitos: eis aqui o homem cujo nome é Renovo. Ele brotará do seu lugar e edificará o templo do SENHOR. Ele mesmo edificará o templo do SENHOR e será revestido de glória. Ele se assentará no seu trono, e dominará, e será sacerdote no seu trono; e reinará perfeita união entre ambos os ofícios. A coroa será para Helém, para Tobias, para Jedaías e para Hem, filho de Sofonias, como memorial no templo do SENHOR. Aqueles que estão longe virão e ajudarão a edificar o templo do SENHOR", e vocês saberão que o SENHOR dos Exércitos me enviou a vocês. Isto acontecerá se vocês ouvirem atentamente a voz do SENHOR, seu Deus.

Deus mandou Zacarias receber ouro e prata de três homens que chegaram da Babilônia, os quais foram identificados por nome: Heldai, Tobias e Jedaías. Estavam na casa de Josias, filho de Sofonias. Zacarias usou esse ouro e prata para fazer coroas (ou uma coroa de duas partes) e coroar Josué, o sumo sacerdote. Esse ato serviu para simbolizar a coroação do Renovo. Isso aponta para o Messias (Zacarias 3:8; Isaías 4:2; 11:1; Jeremias 23:5; 33:15). O Messias edificaria o verdadeiro templo do Senhor e seria tanto sacerdote como rei.

O Salmo 110 também profetizou o Messias que reinaria como sumo sacerdote. Sob a lei do Antigo Testamento, seria impossível juntar esses dois ofícios, uma vez que os sacerdotes eram levitas, e os reis de Judá eram todos da tribo de Judá. Esse fato é usado no Novo Testamento para mostrar que a Antiga Aliança não está mais em vigor (Hebreus 7:11-19; 8:4).

As coroas serviriam de memorial para os israelitas – tanto aqueles que vieram do cativeiro como para a casa de Sofonias, onde ficaram em Jerusalém.

Quanto à expressão "Aqueles que estão longe virão e ajudarão a edificar o templo do SENHOR", aqueles que estavam longe na época do Antigo Testamento eram os gentios (Efésios 2:13,17; Atos 22:21). Os gentios também seriam usados por Deus para engrandecer o templo reconstruído, como no caso de Herodes. Os gentios também fazem parte do povo de Deus em Cristo, o templo edificado pelo Renovo – a Igreja.

2.30.9. ZACARIAS 9:7

> Da boca destes tirarei a carne com sangue e, dos seus dentes, as suas abominações. Então eles ficarão como um resto para o nosso Deus, e serão como chefes em Judá; e Ecrom será como os jebuseus.

No Livro de Zacarias, o castigo das nações está diretamente ligado à paz do povo de Deus. A inclusão de um remanescente dos filisteus após o juízo de Deus sobre eles, provavelmente, se refere à participação de pessoas daquela região no reino de Cristo no Novo Testamento.

2.30.10. ZACARIAS 9:9-12

> Alegre-se muito, ó filha de Sião! Exulte, ó filha de Jerusalém! Eis que o seu rei vem até você, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta. Destruirei os carros de guerra de Efraim e os cavalos de Jerusalém; os arcos de guerra serão destruídos. Ele anunciará paz às nações; o seu domínio se estenderá de mar a mar e desde o Eufrates até os confins da terra. Quanto a você, Sião, por causa do sangue da minha aliança com você, tirei os seus cativos da cova em que não havia água. Voltem para a fortaleza, ó prisioneiros da esperança! Também hoje anuncio que lhes restituirei tudo em dobro.

A vinda do rei é motivo de alegria em Sião. Essa linguagem foi usada no Novo Testamento para explicar a chegada de Jesus em Jerusalém poucos dias antes de sua morte (Mateus 21:4-5; João 12:14-15). O rei entrou com humildade.

Essa citação ajuda na interpretação desse texto, mostrando que se trata principalmente do reino de Jesus inaugurado no Novo Testamento: o Messias reinaria em paz, destruindo as armas de guerra e abençoando seu povo (Isaías 11:1-10; Efésios 2:14-22). O reino de Deus é espiritual e os súditos do rei Jesus não fazem uso de armas carnais. Em Jesus se encontra o cumprimento real das promessas feitas por Ageu e Zacarias sobre a paz em Jerusalém, isto é, os justificados. Em Jesus, aqueles que eram cativos pelo pecado e estavam sem a vida que provém de Deus encontram esperança, refúgio, proteção, conforto e bênçãos espirituais "em dobro" em relação ao que o povo de Deus antes experimentou.

2.30.11. ZACARIAS 9:13-17

> Porque entesei Judá como meu arco de guerra e fiz de Efraim a minha flecha. Levantarei os seus filhos, ó Sião, contra os filhos da Grécia, e farei você semelhante à espada de um valente. O SENHOR será visto sobre os filhos de Sião, e as suas flechas sairão como o relâmpago. O SENHOR Deus fará soar a trombeta e irá com os redemoinhos do Sul. O SENHOR dos Exércitos protegerá o seu povo. Eles engolirão os inimigos e pisarão nas pedras atiradas com as fundas. Também beberão o sangue deles como se fosse vinho; eles se encherão como as bacias do sacrifício e ficarão ensopados como os cantos do altar. Naquele dia, o SENHOR, seu Deus, os salvará, como o rebanho do seu povo; porque eles são pedras de uma coroa e resplandecem na terra dele. Pois quão grande é a sua bondade! E quão grande é a sua formosura! O trigo fará florescer os jovens, e o vinho, as moças.

Deus usaria seu povo, juntando Judá e Israel, ou Efraim, contra a Grécia. Quando Zacarias profetizou, a próxima grande potência depois da Medo-Pérsia seria a expansão grega sob a liderança de Alexandre, o Grande, menos de 200 anos depois. O Império Grego de Alexandre castigou nações e, posteriormente, seus sucessores helenistas, especialmente os selêucidas, afligiram os judeus.

Aparentemente, Zacarias mencionou os gregos em um contexto de profecias messiânicas no mesmo sentido que Daniel fez em suas profecias: o reino de Cristo seria estabelecido mesmo que outras nações atacassem e causassem aflição ao povo por um tempo. As vitórias do povo sobre os selêucidas, nos tempos dos macabeus, provavelmente foram preditas por Zacarias, o que foi usado como um tipo das promessas de vitórias do Messias sobre todos os seus inimigos – não vitórias carnais em guerras e conquistas de territórios, mas a remissão de pecados e conquistas de almas para Deus.

O reino eterno será o reino do Senhor. E, de fato, o evangelho de Jesus vence a sabedoria dos gregos (1 Coríntios 1:18-25; 2:1-7). Assim, Deus abençoou e protegeu seu povo de Israel, que era precioso a ele como pedras preciosas de uma coroa, e o sustentou assim como o trigo e o vinho sustentavam as pessoas na época.

2.30.12. ZACARIAS 10:3-5

> É contra os pastores que se acendeu a minha ira; castigarei os bodes que vão adiante do rebanho. Mas o SENHOR dos Exércitos cuidará do seu rebanho, a casa de Judá, e fará dela o seu majestoso cavalo na batalha. De Judá sairá a pedra angular; dele, a estaca da tenda; dele, o arco de guerra; dele sairão todos os chefes

juntos. E serão como valentes que, na batalha, pisam aos pés os seus inimigos na lama das ruas. Lutarão, porque o SENHOR está com eles, e envergonharão os que andam montados em cavalos.

Deus castigaria os líderes que abusavam do seu rebanho. Nesse contexto, os pastores e bodes são descrições dos estrangeiros que governavam o povo, mas não cuidavam dele. Porém, Deus cuida dos seus.

Deus usou vários termos para falar da força vitoriosa que viria do reino de Judá. Ele falou da pedra angular – a principal pedra de um edifício, termo aplicado ao Messias no Antigo Testamento e no Novo Testamento (Salmo 118:22; Isaías 28:16; Mateus 21:42; Marcos 12:10; Lucas 20:17; Atos 4:11; Efésios 2:20; 1 Pedro 2:6-7). O Senhor também falou da "estaca da tenda", a qual fixa ou apoia com estabilidade (Isaías 22:22-24), e do arco da guerra – a arma na mão do guerreiro. Deus já falou que Judá seria seu arco contra a Grécia em Zacarias 9:13. Agora, de Judá viria o arco para se defender e ser vitorioso. A expressão "todos os chefes" se refere a homens capazes de conduzir o povo à vitória. Os homens do reino de Judá seriam valentes, tais como foram os macabeus, para vencer os inimigos, uma vez que o Senhor está com eles.

2.30.13. ZACARIAS 10:6-12

"Fortalecerei a casa de Judá e salvarei a casa de José. Eu os farei voltar, porque me compadeço deles; e serão como se eu não os tivesse rejeitado, porque eu sou o SENHOR, seu Deus, e os ouvirei. Os de Efraim serão como um valente, e o seu coração se alegrará como se tivessem bebido vinho; os seus filhos verão isso e se alegrarão; o seu coração exultará no SENHOR. Eu lhes assobiarei e os reunirei, porque já os remi; eles se multiplicarão como antes tinham se multiplicado. Embora eu os tenha espalhado entre os povos, eles se lembram de mim em lugares distantes; continuarão vivos com os seus filhos e voltarão. Porque eu os farei voltar da terra do Egito e os congregarei da Assíria. Eu os trarei à terra de Gileade e ao Líbano, e não haverá lugar para todos. Passarão pelo mar de angústia, serão feridas as ondas do mar, e todas as profundezas do Nilo se secarão. Então será derrubado o orgulho da Assíria, e o cetro do Egito será removido. Eu os fortalecerei no SENHOR, e eles andarão no meu nome", diz o SENHOR.

Na sua compaixão, Deus traria de volta seu povo e o abençoaria. Seria como se nunca tivesse rejeitado Judá e Israel. O povo disperso viria de todos os lados – do Egito e da Assíria – e a terra do remanescente do povo que retornou do exílio na Babilônia estaria cheia dele. Seria forte e fiel no Senhor.

2.30.14. ZACARIAS 11:10-14

Peguei o cajado chamado Graça e o quebrei, para anular a minha aliança, que eu havia feito com todos os povos. Portanto, a aliança foi anulada naquele dia. E os negociantes de ovelhas, que estavam me observando, reconheceram que isto era palavra do SENHOR. Eu lhes disse: "Se estiverem de acordo, paguem o meu salário; se não, deixem por isso mesmo. Então pesaram o meu salário: trinta moedas de prata." Então o SENHOR me disse: "Pegue esse dinheiro, esse magnífico preço em que fui avaliado por eles, e jogue para o oleiro." Peguei as trinta moedas de prata e as joguei para o oleiro, na Casa do SENHOR. Depois, quebrei o segundo cajado, chamado União, para romper a irmandade entre Judá e Israel.

Zacarias assumiu responsabilidade (simbolicamente, pelo menos) de ser o bom pastor para um rebanho condenado (Zacarias 11:4-7), uma ocorrência que foi um tipo do Messias que estava por vir. O rebanho simboliza o povo, e os pastores simbolizam os povos gentios que abusavam do povo de Israel. No entanto, o rebanho não foi uma vítima inocente. Deus castigaria o povo, deixando os poderosos maltratá-lo, e ele não o salvaria.

O profeta apascentou com duas varas: graça, o favor de Deus, e união, juntando Judá e Israel (Zacarias 11:14; Ezequiel 37:15-28). Demitiu três pastores em um mês, servos que supostamente cuidavam do rebanho, mas não faziam bem. Depois, o profeta perdeu paciência com as ovelhas, e as ovelhas não queriam respeitar esse pastor. Tudo isso simbolizava a aliança do Senhor que foi quebrada pela rejeição do povo.

O profeta então quebrou a vara da graça, removendo a proteção que impedia a agressão dos povos. Os pobres do rebanho entenderam que Deus estava agindo, e o profeta pastor não tomou nada por força, mas pediu que o povo avaliasse seu trabalho e pagasse a ele o salário justo. Eles pagaram o valor de um servo chifrado por um boi (Êxodo 21:32), uma maneira de desprezar o trabalho do pastor. Ele jogou fora esse salário, sendo que o próprio Senhor falou com ironia quando disse que foi um "magnífico preço". Então ele quebrou a segunda vara, rompendo a união de Israel e Judá.

Assim, essa profecia aponta para a época de Cristo. Jesus tentou cuidar de seu povo, mas sua rejeição e o pouco caso que o povo fez pelo seu trabalho fez com que os povos gentios que dominavam a nação, os romanos, maltratassem o povo. Deus não impediu isso. Deus removeu a sua graça, isto é, sua proteção, e removeu a união entre as tribos, deixando os judeus mais enfraquecidos. Jesus foi vendido por um preço de 30 moedas de prata por Judas Iscariotes, um preço desprezível ao se considerar tudo o que ele fez pelo povo.

2.30.15. ZACARIAS 11:15-17

> O SENHOR me disse: "Agora pegue os apetrechos de um pastor insensato. Porque eis que eu levantarei na terra um pastor que não cuidará das ovelhas que estão perecendo, não buscará a desgarrada, não curará a que foi ferida, nem apascentará a sã, mas comerá a carne das ovelhas gordas e arrancará até os cascos delas. Ai do pastor inútil, que abandona o rebanho! A espada cairá sobre o seu braço e sobre o seu olho direito; o braço ficará completamente seco, e o olho direito totalmente cego."

Uma vez que o povo rejeitou o bom pastor, Jesus, seria entregue nas mãos de um pastor mau, o qual não se preocuparia com o bem do rebanho, maltrataria o povo para seu próprio benefício e, no fim, seria julgado pelo próprio Senhor. Esse pastor simboliza o Império Romano.

Assim, pela rejeição do povo de Israel em relação ao Messias, o povo ia ser entregue ao Império Romano para sua destruição e, posteriormente, o Império Romano seria também julgado pelo Senhor.

2.30.16. ZACARIAS 12:1-9

> Sentença pronunciada pelo SENHOR a respeito de Israel. O SENHOR, que estendeu o céu, fundou a terra e formou o espírito do ser humano dentro dele, diz: "Eis que eu farei de Jerusalém um cálice de atordoamento para todos os povos vizinhos e também para Judá, durante o sítio contra Jerusalém. Naquele dia, farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos. Todos os que tentarem erguê-la ficarão gravemente feridos. E todas as nações da terra se ajuntarão contra ela. Naquele dia, diz o SENHOR, farei com que todos os cavalos fiquem espantados e os seus cavaleiros fiquem loucos. Manterei os meus olhos abertos sobre a casa de Judá e farei com que todos os cavalos dos povos fiquem cegos. Então os chefes de Judá pensarão assim: 'Os moradores de Jerusalém têm a força do SENHOR dos Exércitos, seu Deus.' Naquele dia, porei os chefes de Judá como um braseiro aceso debaixo da lenha e como uma tocha acesa entre os feixes de trigo. Eles destruirão à direita e à esquerda todos os povos ao redor, e Jerusalém será habitada outra vez no seu lugar, na própria Jerusalém. O SENHOR salvará primeiramente as tendas de Judá, para que a glória da casa de Davi e a glória dos moradores de Jerusalém não sejam exaltadas acima de Judá. Naquele dia, o SENHOR protegerá os moradores de Jerusalém. O mais fraco dentre eles, naquele dia, será como Davi, e a casa de Davi será como Deus, como o Anjo do SENHOR diante deles. Naquele dia, procurarei destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém."

Essa profecia não se trata de um reino físico de Israel em uma posição proeminente na Terra. Zacarias retratou uma situação simbólica na qual Deus usaria Jerusalém como seu cálice, ou instrumento de ira, para castigar as nações ímpias, assim como a casa de Judá. Esse simbolismo revela tipos que foram cumpridos na época do Novo Testamento. Aliás, essa é a chave para interpretar profecias similares do Antigo Testamento.

A Jerusalém e a casa de Judá aqui não são a Jerusalém física nem a casa de Judá física, mas uma representação dos justificados por Jesus Cristo. Provavelmente, "Jerusalém" representa os primeiros cristãos, os apóstolos, uma vez que a Jerusalém física foi o lar da primeira igreja. A "casa de Judá" provavelmente denota os demais judeus que se converteram a Jesus posteriormente.

Os justificados são retratados como sendo sitiados por todas as nações, isto é, os não justificados e os pecados no mundo. O significado disso é que aqueles que seguem o Senhor serão perseguidos pelos não justificados e tentados pelo pecado. No entanto, quando os não justificados tentam abalar o povo do Senhor, são feridos, ou seja, cedo ou tarde sofrerão juízo do Senhor. As tentações são vencidas em Cristo. As armas que os não justificados utilizam, bem como os meios pelos quais as tentações se manifestam, representadas pelos cavalos e seus cavaleiros, não terão o efeito esperado, por causa da intercessão de Deus a favor do seu povo. Os justificados usam o evangelho para conquistar os inimigos de Deus.

A casa de Judá, vendo Jerusalém com o favor de Deus, passa a também derrotar inimigos. Isso representa que mais pessoas, ao verem os justificados de Deus tendo sua proteção e cuidado, se convertem ao Senhor. Assim, também passam a triunfar. Esse triunfo significa que são perseguidos por não justificados e atacados por tentações, no entanto, por isso, os juízos do Senhor recaem contra os não justificados que os perseguem, e as tentações são vencidas. O evangelho é a forma pela qual esses justificados conquistam o mundo mau e derrotam os inimigos espirituais.

A expressão "e Jerusalém será habitada outra vez no seu lugar, na própria Jerusalém" significa que, sendo os inimigos espirituais derrotados, aqueles que são de Deus estarão no seu devido lugar, a verdadeira Jerusalém, a Jerusalém celestial – em última análise, os novos céus e nova terra.

A "glória da casa de Davi" provavelmente significa o próprio Messias. A "glória dos moradores de Jerusalém" provavelmente representa os cristãos de primeira geração que se reuniram na igreja de Jerusalém, e a "casa de Judá" representa aqueles que se tornaram cristãos depois. Deus disse que seriam salvos primeiro aqueles da casa de Judá que habitam em tendas, o que denota que os mais "fortes na fé" não devem se exaltar mais do que seus irmãos mais "fracos na fé". Deus tem uma predisposição a ajudar os mais humildes. Nem mesmo o Messias, Jesus Cristo, se exaltou acima dos demais.

A expressão "O mais fraco dentre eles, naquele dia, será como Davi, e a casa de Davi será como Deus, como o Anjo do SENHOR diante deles" denota que o Senhor fortalece aqueles que confiam nele. Há diferentes graus de intensidade de fé entre as pessoas. Não obstante, Deus capacita os fiéis suficientemente para vencer os inimigos espirituais.

Os remidos pelo Messias não podem ser derrotados pelos não justificados, por mais que eles tentem. Cedo ou tarde, o Senhor tomará vingança contra aqueles que afligirem seu povo. Isso não significa que os justificados não passarão por sofrimento ou angústia. Por mais que passem por dificuldades, estarão com Deus e serão vitoriosos, enquanto os inimigos serão derrotados. O Senhor também os capacita a vencer as tentações que há no mundo.

2.30.17. ZACARIAS 12:10-14

> E sobre a casa de Davi e sobre os moradores de Jerusalém derramarei o espírito da graça e de súplicas. Olharão para aquele a quem traspassaram. Prantearão por ele como quem pranteia por um filho único e chorarão por ele como se chora amargamente pelo primogênito. Naquele dia, o pranto em Jerusalém será tão grande como o pranto de Hadade-Rimom, no vale de Megido. A terra pranteará, cada família à parte: a família da casa de Davi à parte, e suas mulheres à parte; a família da casa de Natã à parte, e suas mulheres à parte; a família da casa de Levi à parte, e suas mulheres à parte; a família dos simeítas à parte, e suas mulheres à parte. Todas as outras famílias prantearão, cada família à parte, e suas mulheres à parte.

Deus demonstrou sua graça com o povo de Israel quando as pessoas viram aquele a quem traspassaram, o próprio Senhor que eles rejeitaram, e lamentaram por ele. Indiscutivelmente, trata-se de Jesus Cristo crucificado, uma vez que João aplicou essa profecia a ele (João 19:37). O pranto foi geral para o verdadeiro povo de Deus, similar ao pranto no vale de Megido, isto é, a profecia provavelmente se referiu à lamentação por Josias quando ele morreu na batalha de Megido (2 Reis 23:29).

A lamentação incluiu todo o povo: a família real, isto é, Davi e Natã (filho de Davi conforme 2 Samuel 5:14), os quais representam a linhagem real e a família de Zorobabel e de Jesus (Lucas 3:27,31), e a família sacerdotal, isto é, Levi e Simei (filho de Gérson conforme Números 3:17-18), os quais representam os sacerdotes e levitas. Também estão inclusas nessa lamentação todas as demais famílias, pois o pranto do arrependimento foi geral. Aqueles que são do Senhor sempre encontram um momento de pesar por causa do salvador que purificou seus pecados na cruz, especialmente na celebração da Ceia do Senhor. Lembrar do Cristo crucificado, certamente, traz um espírito de graça e de súplicas.

2.30.18. ZACARIAS 13:1-6

> Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os moradores de Jerusalém, para remover o pecado e a impureza. Naquele dia, diz o SENHOR dos Exércitos, eliminarei da terra os nomes dos ídolos, e

não haverá mais memória deles. Também removerei da terra os profetas e o espírito imundo. Se alguém ainda profetizar, seu pai e sua mãe, que o geraram, lhe dirão: "Você será morto, porque está falando mentiras em nome do SENHOR." E seu pai e sua mãe, que o geraram, o matarão à espada, quando ele profetizar. Naquele dia, os profetas terão vergonha de suas visões proféticas, e nunca mais vestirão um manto de pelos, para enganar as pessoas. Pelo contrário, cada um dirá: "Eu não sou profeta; sou lavrador. Trabalho no campo desde a minha juventude." Se alguém lhe perguntar: "Que feridas são essas nas suas mãos?", ele responderá: "São as feridas com que fui ferido na casa dos meus amigos."

A expressão "Naquele dia" liga essa passagem com as mensagens da restauração de Jerusalém e da lamentação pela rejeição do bom pastor. Descreve as condições do reino messiânico, isto é, a Nova Aliança em Cristo.

Deus estabeleceu uma fonte aberta para remover o pecado e a impureza, pois o perdão verdadeiro é uma das principais características da Nova Aliança (Jeremias 31:34; Hebreus 8:12). A remoção da impureza da Jerusalém espiritual, isto é, os remidos por Cristo, enfatiza a natureza do reino, um lugar santo. Zacarias falou mais sobre essa pureza ao afirmar que os ídolos são eliminados, pois eles não têm lugar no reino de Cristo (Coríntios 10:14,20-21; 1 João 5:21; Apocalipse 22:14-15). No contexto, a terra se refere à terra santa, a qual é um tipo para o reino espiritual.

Zacarias afirmou que os profetas e espíritos imundos seriam removidos da terra santa, isto é, do reino espiritual do Messias. Ha duas interpretações plausíveis desses comentários sobre os profetas e espíritos imundos. Alguns entendem que eles se referem aos falsos profetas, e assim afirmam que nem falsos profetas nem espíritos imundos teriam lugar no reino do Senhor para enganar o povo de Deus. Nessa interpretação, é subentendido que Zacarias se referiu a falsos profetas.

Outros entendem que isso previu a cessação de dons espirituais no Novo Testamento, isto é, uma vez que se tivesse a revelação completa (o "perfeito" de 1 Coríntios 13:10), a profecia cessaria. Alguns citam a profecia messiânica de Daniel 9:24, "para selar a visão e a profecia", para apoiar essa interpretação. Com esse mesmo entendimento, os espíritos imundos não exerceriam mais o poder que tinham na época em que possuíam as pessoas. De fato, o Novo Testamento ensina que os dons milagrosos serviam por um tempo limitado para confirmar a Palavra que estava sendo revelada pelos apóstolos e outros (Marcos 16:20; Hebreus 2:3-4; 2 Coríntios 12:12; etc.). Se essa passagem de Zacarias se refere aos profetas, e não aos falsos profetas, seria mais uma evidência apoiando o ensinamento do Novo Testamento a esse respeito.

Quanto à vergonha dos profetas na profecia, as famílias teriam vergonha dos supostos profetas, sabendo que estavam mentindo. Os próprios profetas se tornariam envergonhados e negariam que tivessem feito alguma profecia. As feridas do verso 6 provavelmente se referem às práticas de se cortar na adoração de alguns ídolos.

2.30.19. ZACARIAS 13:7-9

"Levante-se, ó espada, e ataque o meu pastor e aquele que é o meu companheiro", diz o SENHOR dos Exércitos. "Fira o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas. E voltarei a minha mão para os pequeninos. Em toda a terra", diz o SENHOR, "dois terços dela serão eliminados e morrerão; mas uma terça parte irá sobreviver. Farei essa terça parte passar pelo fogo, e a purificarei como se purifica a prata, e a provarei como se prova o ouro. Eles invocarão o meu nome, e eu os atenderei. Direi: 'Vocês são o meu povo', e eles responderão: 'O SENHOR é o nosso Deus.'"

Deus chamou a espada contra seu pastor e companheiro, isto é, Jesus Cristo. Jesus citou essa profecia em referência à sua morte (Mateus 26:31). Embora os homens tivessem culpa por terem crucificado Jesus, isso aconteceu pelo determinado desígnio e presciência de Deus (Atos 2:23). Jesus morreu na cruz voluntariamente, conforme a vontade do Pai (João 10:17-18). As ovelhas foram dispersas: os discípulos estavam escandalizados e perdidos quando Jesus foi preso e morto (Mateus 26:31; Marcos 14:50; Lucas 24:13-21). Mas Deus deu ajuda aos pequeninos, isto é, restou uma parte (um terço simbólico) do povo, e esse resto foi provado pelo fogo, isto é, passou por provações. Os provados e purificados são o povo de Deus (2 Coríntios 6:16-18; 1 Pedro 2:9-10).

2.30.20. ZACARIAS 14:1-7

Eis que vem o dia do SENHOR, em que o seu despojo será repartido dentro de você, ó Jerusalém. Porque eu ajuntarei todas as nações para a batalha contra Jerusalém. A cidade será tomada, as casas serão saqueadas e as

> mulheres, violentadas. Metade da cidade será levada para o cativeiro, mas o restante do povo não será expulso da cidade. Então o SENHOR sairá e lutará contra essas nações, como ele costumava lutar no dia da batalha. Naquele dia, os seus pés estarão sobre o monte das Oliveiras, que está em frente de Jerusalém, para o leste. O monte das Oliveiras será fendido pelo meio, do leste ao oeste, formando um grande vale. Metade do monte se afastará para o norte, e a outra metade, para o sul. Vocês fugirão pelo meu vale entre os montes, porque esse vale chegará até Azal. Sim, vocês fugirão como fugiram do terremoto nos dias de Uzias, rei de Judá. Então virá o SENHOR, meu Deus, e todos os santos virão com ele. Naquele dia, não haverá luz, mas frio e gelo. Mas será um dia singular, um dia conhecido do SENHOR. Não haverá separação entre dia e noite, pois mesmo depois de anoitecer ainda será dia claro.

Como é comum nas profecias bíblicas, Zacarias 14 utiliza linguagem da cidade física e de coisas conhecidas no Antigo Testamento, mas o assunto é a cidade espiritual, Jerusalém celestial, sendo uma profecia sobre o reino do Novo Testamento. O assunto não é uma batalha literal, mas uma batalha simbólica com o objetivo de mostrar que o povo de Deus sofre, alguns morrem, mas um restante sobrevive. Isso é comparável à mensagem de Apocalipse que fala de perseguição, sofrimento, morte, mas não de derrota total do povo de Deus. É um tema comum nas profecias sobre o reino messiânico (a era cristã) no Antigo Testamento (Ezequiel 38-39; Daniel 7; Joel 3).

Deus ajunta as nações para que lutem contra Jerusalém, isto é, o seu povo. Alguns sugerem a destruição de Jerusalém em 70 d.C., mas se fosse esse o cumprimento literal, não haveria como explicar o final do verso 2, o qual afirma que o restante do povo não seria expulso da cidade. As pessoas em Jerusalém foram aniquiladas em 70 d.C. As nações representam os gentios, ou o mundo, e seus ataques contra o povo de Deus. Assim, isso pode incluir a perseguição romana (assunto de outras profecias, especialmente de Daniel e de Apocalipse).

Deus luta contra as nações e dá livramento ao seu povo nos versos 3 a 7, sendo que o profeta usou figuras fortes para mostrar que Deus salva o povo da perseguição das nações. Com uma cena simbólica, o profeta mostra que Deus é até mesmo capaz de abrir o monte das Oliveiras para fazer um vale e dar refúgio para o povo. Outra cena simbólica é mostrada nos versos 6 e 7, mostrando que o dia escuro e frio abrirá para luz no final, isto é, há perseguição para os justificados, mas o Senhor está com eles e os guiará para a esperança certa da salvação (João 14:18; Hebreus 13:5-6).

2.30.21. ZACARIAS 14:8-11

> Naquele dia, águas vivas correrão de Jerusalém, metade delas para o mar oriental, e a outra metade para o mar ocidental; isso acontecerá tanto no verão como no inverno. O SENHOR será Rei sobre toda a terra. Naquele dia, um só será o SENHOR, e um só será o seu nome. Toda a terra se tornará em planície, desde Geba até Rimom, ao sul de Jerusalém. Mas Jerusalém será exaltada e habitada no seu lugar, desde o Portão de Benjamim até o lugar do primeiro portão, até o Portão da Esquina e desde a Torre de Hananel até os lagares do rei. Será habitada, e já não haverá maldição; Jerusalém habitará segura.

O profeta relatou uma cena simbólica que retrata águas vivas fluindo de Jerusalém, o que significa a bênção da presença de Deus que dá vida para seu povo (Ezequiel 47:1-12; Apocalipse 22:1-2). O Senhor é o único rei sobre seu povo, aqueles que o ouvem e o obedecem. Coisas conhecidas pelos judeus foram utilizadas simbolicamente para representar que a habitação reservada para os justificados não tem mácula, nem maldição, e ali o povo de Deus é exaltado e habita em segurança.

2.30.22. ZACARIAS 14:12-15

> Esta será a praga com que o SENHOR castigará todos os povos que guerrearem contra Jerusalém: a carne deles apodrecerá, estando eles em pé, os seus olhos apodrecerão nas suas órbitas, e a língua deles apodrecerá na boca. Naquele dia, também haverá da parte do SENHOR grande confusão entre eles; cada um agarrará a mão do seu próximo, cada um levantará a mão contra o seu próximo. Também Judá irá lutar em Jerusalém. E se ajuntarão as riquezas de todas as nações vizinhas: ouro, prata e roupas em grande abundância. Como esta praga, assim será a praga dos cavalos, das mulas, dos camelos, dos jumentos e de todos os animais que estiverem naqueles arraiais.

As nações que se levantam contra o povo de Deus são retratadas como sendo agitadas e aflitas por juízos de Deus. Isso representa que juízos de Deus recaem contra aqueles que maltrataram seu povo. Judá lutando em Jerusalém significa, provavelmente, que justificados de diferentes graus de fé, talvez convertidos a Deus há menos

tempo, enfrentam juntos os mesmos inimigos espirituais. Os irmãos mais "fortes na fé" devem, de fato, auxiliar aqueles cuja fé ainda tem deficiências, ou aqueles que são mais novos na vida de fé.

A cena simbólica das riquezas das nações passando para o povo de Deus significa, em última análise, que as coisas valiosas que estavam reservadas para as pessoas que poderiam se converter, mas não o fizeram, serão concedidas àquelas que se converteram a Deus. Os novos céus e nova terra de Deus podem ser herdados por qualquer pessoa, pois Deus criou o ser humano para comunhão íntima com ele, e não para perdição. No entanto, a posição de persistir no erro e no pecado, maltratando o povo de Deus, é o que faz o ser humano perder as riquezas que Deus havia preparado para ele.

Portanto, Deus estava trabalhando para o bem de seu povo. Como mostrado no início do Livro de Zacarias, a agitação das nações e a paz em Jerusalém significa que Deus está agindo para o bem daqueles que o amam (ver 2.30.1. Zacarias 1:8-17).

2.30.23. ZACARIAS 14:16-21

> Todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos, e para celebrar a Festa dos Tabernáculos. Se algum dos povos da terra não subir a Jerusalém, para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos, esse povo ficará sem chuva. Se os egípcios não subirem, nem vierem, ficarão sem chuva; virá sobre eles a praga com que o SENHOR castigará as nações que não subirem para celebrar a Festa dos Tabernáculos. Este será o castigo dos egípcios e o castigo de todas as nações que não subirem para celebrar a Festa dos Tabernáculos. Naquele dia, será gravado nas campainhas dos cavalos: "Santo ao SENHOR", e as panelas do templo do SENHOR serão como as bacias diante do altar; sim, todas as panelas em Jerusalém e em Judá serão santas ao SENHOR dos Exércitos. Todos os que oferecerem sacrifícios usarão essas panelas para cozinhar a carne do sacrifício. Naquele dia, não haverá mais comerciantes no templo do SENHOR dos Exércitos.

Depois da vitória divina e do livramento do povo santo na cena simbólica retratada por Zacarias, pessoas das nações subiriam para Jerusalém para adorar a Deus e participar da Festa dos Tabernáculos, a qual lembrava o povo de Israel de sua peregrinação no deserto, quando dependiam totalmente do Senhor (Levítico 23:42-43).

É impossível que essa profecia seja preditiva para o futuro, uma vez que, na Nova Aliança em Cristo, todos os aspectos da Lei de Moisés, tais como adoração em Jerusalém e a guarda da Festa dos Tabernáculos, foram abolidas. Assim, como em vários casos em outras profecias similares, elementos conhecidos da antiga lei são tipos daquilo que veio em Cristo.

O significado dessa cena simbólica é que, no reino messiânico, os gentios também reconheceriam sua dependência de Deus, participando da nação santa. Nessa nação, a qual é a Jerusalém celestial, não há separação entre judeus e gentios. Tudo e todos nesse povo são santificados ao Senhor, uma nação santa e sacerdócio real (1 Pedro 2:9). Aqueles que não se submeterem ao Senhor serão castigados.

2.30.24. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE ZACARIAS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Zacarias, as informações são:

- Zacarias 1:8-17: Deus estava agindo para mostrar compaixão, proteger e abençoar a Jerusalém pós-exílica (incluindo a edificação do templo e a proteção da cidade). Deus estava agindo também para castigar as nações que oprimiram seu povo, assim cumprindo a promessa feita por meio de Ageu dois meses antes. Deus está ciente das circunstâncias das pessoas na Terra, agiu a favor do seu povo e se irou contra as nações desobedientes;

- Zacarias 1:18-20: Deus fez uso de juízos contra os povos que se levantaram contra Judá;

- Zacarias 2:1-5: Deus estava protegendo e buscando manter comunhão com o remanescente mais fiel que voltou do cativeiro da Babilônia para preparar a vinda do Messias;

- Zacarias 2:8-13: Deus foi glorificado na sua vitória contra as nações e na proteção de Sião, pois trouxe para seu povo a alegria da sua presença. Muitas nações se ajuntaram ao Senhor para fazer parte do povo dele. Isso ocorreu tanto pela conversão de outros povos ao judaísmo na época quanto por meio do Messias, Jesus Cristo, que juntou judeus e gentios em um só povo. A terra de Judá voltou a ser herança do Senhor, Jerusalém voltou a ser escolhida para os cultos e festas. Deus voltou a conceder seu favor para o remanescente que voltou à terra prometida, de forma a gerar o Messias. O Senhor agiu para cumprir seu propósito ao povo;

- Zacarias 3:8-10: o termo "Renovo" identifica o Messias como um descendente de Davi em outras profecias (Isaías 4:2; 11:1; Jeremias 23:5; 33:15). O sumo sacerdote Josué e aqueles que estavam com ele foram um sinal que apontava para o servo do Senhor, o Renovo, Jesus Cristo, por meio de quem Deus tirou a iniquidade do povo em um só dia – o dia de sua morte na cruz. A pedra, provavelmente, também representa Jesus Cristo – a pedra angular, eleita, lançada como fundamento. Os sete olhos na pedra representam o Espírito de Deus que está em Cristo (sete é um número simbólico do divino, e o Espírito Santo tudo vê). No Messias, os justificados têm um lugar de paz e comunhão com o Senhor e com os outros justificados;

- Zacarias 4:1-14: Josué, representando o sacerdócio e os profetas, e Zorobabel, representando o governo e as leis, foram ferramentas de Deus movidas pelo Espírito Santo para a reconstrução do templo. Deus cumpriu sua palavra pela força de seu Espírito por meio desses dois servos;

- Zacarias 6:1-8: os juízos do Senhor estão por toda a Terra, pois o ser humano insiste no mal. Quando os juízos são realizados em uma região, Deus repousa no sentido de que a justiça foi feita. Em uma nação onde há impiedade e os juízos ainda não foram efetuados, Deus não repousa no sentido de que a devida punição ainda não foi aplicada;

- Zacarias 6:9-15: uma coroação do sumo sacerdote Josué foi um tipo da coroação do Messias, o Renovo de Deus – Jesus. Assim como Josué foi uma ferramenta de Deus para a reconstrução do templo físico, e os gentios foram usados por Deus para engrandecê-lo posteriormente, o verdadeiro templo de Deus foi construído por Jesus Cristo, a Igreja, na qual também participam gentios;

- Zacarias 9:7: o castigo das nações está diretamente ligado à paz do povo de Deus. A inclusão de um remanescente dos filisteus após o juízo de Deus sobre eles, provavelmente, se refere à participação de pessoas daquela região no reino de Cristo no Novo Testamento;

- Zacarias 9:9-12: Jesus chegou a Jerusalém com humildade, apesar de ser o rei, montado em um jumentinho, poucos dias antes de sua morte. O Messias reina em paz, destruindo as armas de guerra carnais e abençoando seu povo. O reino de Deus é espiritual e os súditos do rei Jesus não fazem uso de armas carnais. Em Jesus se encontra o cumprimento real das promessas feitas por Ageu e Zacarias sobre a paz em Jerusalém, isto é, os justificados. Em Jesus, aqueles que eram cativos pelo pecado e que estavam sem a vida que provém de Deus encontram esperança, refúgio, proteção, conforto e bênçãos espirituais "em dobro" em relação ao que o povo de Deus antes experimentou;

- Zacarias 9:13-17: o reino de Cristo seria estabelecido mesmo que outras nações atacassem e causassem aflição ao povo por um tempo. As vitórias do povo sobre os selêucidas, nos tempos dos macabeus, provavelmente foram preditas por Zacarias, o que foi usado como um tipo das promessas de vitórias do Messias sobre todos os seus inimigos – não vitórias carnais em guerras e conquistas de territórios, mas a remissão de pecados e conquistas de almas para Deus. O reino eterno será o reino do Senhor. E, de fato, o evangelho de Jesus vence a sabedoria dos gregos. Assim, Deus abençoou e protegeu seu povo de Israel, que era precioso a ele como pedras preciosas de uma coroa, e o sustentou assim como o trigo e o vinho sustentavam as pessoas na época;

- Zacarias 10:3-5: Deus castigaria os líderes que abusavam do seu rebanho, os estrangeiros que governavam o povo e que não cuidavam dele. Deus cuida dos seus, e estava com o povo de Judá para dar força a ele para vencer batalhas contra os inimigos, tal como foi na época dos macabeus. Do povo de Judá também procedeu o Messias, Jesus Cristo;

- Zacarias 10:6-12: na sua compaixão, Deus traria de volta seu povo e o abençoaria. Seria como se nunca tivesse rejeitado Judá e Israel. O povo disperso viria de todos os lados – do Egito e da Assíria – e a terra do remanescente do povo que retornou do exílio na Babilônia estaria cheia dele. Seria forte e fiel no Senhor;

- Zacarias 11:10-14: Jesus tentou cuidar de seu povo, mas sua rejeição e o pouco caso que o povo fez pelo seu trabalho fez com que os povos gentios que dominavam a nação, os romanos, maltratassem o povo. Deus não impediu isso. Deus removeu a sua graça, isto é, sua proteção, e removeu a união entre as tribos, deixando os judeus mais enfraquecidos. Jesus foi vendido por um preço de 30 moedas de prata por Judas Iscariotes, um preço desprezível ao se considerar tudo o que Jesus fez pelo povo;

- Zacarias 11:15-17: pela rejeição do povo em relação ao Messias, o povo de Israel ia ser entregue ao Império Romano para sua destruição e, então, o Império Romano seria também julgado pelo Senhor;

- Zacarias 12:1-9: aqueles que seguem o Senhor serão perseguidos pelos não justificados e tentados pelo pecado. No entanto, quando os não justificados tentam abalar o povo do Senhor, são feridos, ou seja, cedo ou tarde sofrerão juízo do Senhor. As tentações são vencidas em Cristo. As armas que os não justificados utilizam, bem como os meios pelos quais as tentações se manifestam, representadas pelos cavalos e seus cavaleiros, não terão o efeito esperado, por causa da intercessão de Deus a favor do seu povo. Os justificados usam o evangelho para conquistar os inimigos de Deus. Mais pessoas, ao verem os justificados de Deus tendo sua proteção e cuidado, se convertem ao Senhor. Assim, também passam a triunfar. Esse triunfo significa que são perseguidos por não justificados e atacados por tentações, no entanto, por isso, os juízos do Senhor recaem contra os não justificados que os perseguem, e as tentações são vencidas. O evangelho é a forma pela qual esses justificados conquistam o mundo mau e derrotam os inimigos espirituais. Os mais "fortes na fé" não devem se exaltar mais do que seus irmãos mais "fracos na fé". Deus tem uma predisposição a ajudar os mais humildes. Nem mesmo o Messias, Jesus Cristo, se exaltou acima dos demais. Os remidos pelo Messias não podem ser derrotados pelos não justificados, por mais que eles tentem. Cedo ou tarde, o Senhor tomará vingança contra aqueles que afligirem seu povo. Isso não significa que os justificados não passarão por sofrimento ou angústia. Por mais que passem por dificuldades, estarão com Deus e serão vitoriosos, enquanto os inimigos serão derrotados. O Senhor também os capacita a vencer as tentações que há no mundo. Há diferentes graus de intensidade de fé entre as pessoas. Não obstante, Deus capacita os fiéis suficientemente para vencerem os inimigos espirituais. Sendo os inimigos espirituais derrotados, aqueles que são de Deus estarão no seu devido lugar, a verdadeira Jerusalém, a Jerusalém celestial – em última análise, os novos céus e nova terra;

- Zacarias 12:10-14: Deus demonstrou sua graça para o povo de Israel quando as pessoas viram aquele a quem traspassaram, o próprio Senhor que eles rejeitaram, e lamentaram por ele. Indiscutivelmente, trata-se de Jesus Cristo crucificado, uma vez que João aplicou essa profecia a ele. O pranto foi geral para o verdadeiro povo de Deus, similar ao pranto no vale de Megido, isto é, a profecia provavelmente se referiu à lamentação por Josias quando ele morreu na batalha de Megido. A lamentação incluiu todo o povo: a família real, a família de Zorobabel, a família de Jesus, a família sacerdotal (a qual representa os sacerdotes e levitas), e todas as demais famílias – o pranto do arrependimento foi geral. Aqueles que são do Senhor sempre encontram um momento de pesar por causa do salvador que purificou seus pecados na cruz, especialmente na celebração da Ceia do Senhor. Lembrar do Cristo crucificado, certamente, traz um espírito de graça e de súplicas;

- Zacarias 13:1-6: Deus estabeleceu uma fonte aberta para remover o pecado e a impureza, pois o perdão verdadeiro é uma das principais características da Nova Aliança. A remoção da impureza da Jerusalém espiritual, isto é, os remidos por Cristo, enfatiza a natureza do reino, um lugar santo. Zacarias falou mais sobre essa pureza ao afirmar que os ídolos são eliminados, pois eles não têm lugar no reino de Cristo. No contexto, a terra se refere à terra santa, a qual é um tipo para o reino espiritual. Os profetas e espíritos imundos seriam removidos da terra santa, isto é, do reino espiritual do Messias. Ha duas interpretações plausíveis desses comentários sobre os profetas e espíritos imundos. Alguns entendem que eles se referem aos falsos profetas, e assim afirmam que nem falsos profetas nem espíritos imundos

teriam lugar no reino do Senhor para enganar o povo de Deus. Nessa interpretação, é subentendido que Zacarias se referiu a falsos profetas. Outros entendem que isso previu a cessação de dons espirituais no Novo Testamento, isto é, uma vez que se tivesse a revelação completa (o "perfeito" de 1 Coríntios 13:10), a profecia cessaria. Alguns citam a profecia messiânica de Daniel 9:24, "para selar a visão e a profecia", para apoiar essa interpretação. Com esse mesmo entendimento, os espíritos imundos não exerceriam mais o poder que tinham na época em que possuíam as pessoas. De fato, o Novo Testamento ensina que os dons milagrosos serviam por um tempo limitado para confirmar a palavra que estava sendo revelada pelos apóstolos e outros. Se essa passagem de Zacarias se refere aos profetas, e não aos falsos profetas, seria mais uma evidência apoiando o ensinamento do Novo Testamento a esse respeito;

- Zacarias 13:7-9: Deus chamou a espada contra seu pastor e companheiro, isto é, Jesus Cristo. Jesus citou essa profecia em referência à sua morte. Embora os homens tivessem culpa por terem crucificado Jesus, isso aconteceu pelo determinado desígnio e presciência de Deus. Jesus morreu na cruz voluntariamente, conforme a vontade do Pai. As ovelhas foram dispersas: os discípulos estavam escandalizados e perdidos quando Jesus foi preso e morto. Mas Deus deu ajuda aos pequeninos, isto é, restou uma parte (um terço simbólico) do povo, e esse resto foi provado pelo fogo, isto é, passou por provações. Os provados e purificados são o povo de Deus;

- Zacarias 14:1-7: como é comum nas profecias bíblicas, Zacarias 14 utiliza linguagem da cidade física e de coisas conhecidas no Antigo Testamento, mas o assunto é a cidade espiritual, Jerusalém celestial, sendo uma profecia sobre o reino do Novo Testamento. O assunto não é uma batalha literal, mas uma batalha simbólica com o objetivo de mostrar que o povo de Deus sofre, alguns morrem, mas um restante sobrevive. Isso é comparável à mensagem de Apocalipse que fala de perseguição, sofrimento, morte, mas não de derrota total do povo de Deus. É um tema comum nas profecias sobre o reino messiânico (a era cristã) no Antigo Testamento. Deus ajunta as nações para que lutem contra Jerusalém, isto é, o seu povo. As nações representam os gentios, ou o mundo, e seus ataques contra o povo de Deus. Assim, isso pode incluir a perseguição romana (assunto de outras profecias, especialmente de Daniel e de Apocalipse). Deus luta contra as nações e dá livramento ao seu povo, sendo que o profeta usou figuras fortes para mostrar que Deus salva o povo da perseguição das nações. Com uma cena simbólica, o profeta mostra que Deus é até mesmo capaz de abrir o monte das Oliveiras para fazer um vale e dar refúgio para o povo. Outra cena simbólica mostra que o dia escuro e frio abrirá para luz no final, isto é, há perseguição para os justificados, mas o Senhor está com eles e os guiará para a esperança certa da salvação;

- Zacarias 14:8-11: o profeta relatou uma cena simbólica que retrata águas vivas fluindo de Jerusalém, o que significa a bênção da presença de Deus que dá vida para seu povo. O Senhor é o único rei sobre seu povo, aqueles que o ouvem e o obedecem. Coisas conhecidas pelos judeus foram utilizadas simbolicamente para representar que a habitação reservada para os justificados não tem mácula, nem maldição, e ali o povo de Deus é exaltado e habita em segurança;

- Zacarias 14:12-15: os juízos de Deus recaem contra aqueles que maltrataram seu povo. Justificados de diferentes graus de fé enfrentam juntos os mesmos inimigos espirituais, e os mais "fortes na fé" devem auxiliar aqueles cuja fé ainda tem deficiências, ou aqueles que são mais novos na vida de fé. As coisas valiosas que estavam reservadas para as pessoas que poderiam se converter, mas não o fizeram, serão concedidas àquelas que se converteram a Deus. Os novos céus e nova terra de Deus podem ser herdados por qualquer pessoa, pois Deus criou o ser humano para a comunhão íntima com ele, e não para perdição. No entanto, a posição de persistir no erro e no pecado, maltratando o povo de Deus, é o que faz o ser humano perder as riquezas que Deus havia preparado para ele. Deus estava trabalhando para o bem de seu povo. Ele age para o bem daqueles que o amam;

- Zacarias 14:16-21: no reino messiânico, os gentios também reconhecem sua dependência de Deus, participando da nação santa. Nessa nação, a qual é a Jerusalém celestial, não há separação entre judeus e gentios. Tudo e todos nesse povo são santificados ao Senhor, uma nação santa e sacerdócio real (1 Pedro 2:9). Aqueles que não se submeterem ao Senhor serão castigados.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Os juízos do Senhor estão por toda a Terra, pois o ser humano insiste no mal. Quando os juízos são realizados em uma região, Deus repousa no sentido de que a justiça foi feita. Em uma nação onde há impiedade e os juízos ainda não foram efetuados, Deus não repousa no sentido de que a devida punição ainda não foi aplicada. Deus está ciente das circunstâncias das pessoas na Terra, agiu a favor do seu povo e se irou contra as nações desobedientes.

Deus fez uso de juízos contra os povos que se levantaram contra Judá, tal como a Babilônia, conquistada pela Medo-Pérsia, assim cumprindo a promessa feita por meio de Ageu dois meses antes. O castigo das nações está diretamente ligado à paz do povo de Deus.

Na sua compaixão, Deus traria de volta seu povo e o abençoaria. Seria como se nunca tivesse rejeitado Judá e Israel. O povo disperso viria de todos os lados – do Egito e da Assíria – e a terra do remanescente do povo que retornou do exílio na Babilônia estaria cheia dele. Seria forte e fiel no Senhor.

Um remanescente mais fiel retornou do exílio na Babilônia novamente para sua terra. Assim, Deus estava agindo para mostrar compaixão, proteger e abençoar a Jerusalém pós-exílica (incluindo a edificação do templo e a proteção da cidade).

Josué, representando o sacerdócio e os profetas, e Zorobabel, representando o governo e as leis, foram ferramentas de Deus movidas pelo Espírito Santo para a reconstrução do templo. Deus cumpriu sua palavra pela força de seu Espírito por meio desses dois servos.

Uma coroação do sumo sacerdote Josué foi um tipo da coroação do Messias, o Renovo de Deus – Jesus. Assim como Josué foi uma ferramenta de Deus para a reconstrução do templo físico, e os gentios foram usados por Deus para engrandecê-lo posteriormente (tal como no caso do templo sendo reformado por Herodes), o verdadeiro templo de Deus foi construído por Jesus Cristo, a Igreja, na qual também participam gentios. O termo "Renovo" identifica o Messias como um descendente de Davi em outras profecias. O sumo sacerdote Josué e aqueles que estavam com ele foram um sinal que apontava para o servo do Senhor, o Renovo, Jesus Cristo, por meio de quem Deus tirou a iniquidade do povo em um só dia – o dia de sua morte na cruz. Na visão de Zacarias em que o sumo sacerdote Josué foi visto junto a uma pedra com sete olhos, a pedra representa Jesus Cristo – a pedra angular, eleita, lançada como fundamento. Os sete olhos na pedra representam o Espírito de Deus que está em Cristo (sete é um número simbólico do divino, e o Espírito Santo tudo vê). No Messias, os justificados têm um lugar de paz e comunhão com o Senhor e com os outros justificados.

Deus foi glorificado na sua vitória contra as nações e na proteção de Sião, pois trouxe para seu povo a alegria da sua presença. Muitas nações se ajuntaram ao Senhor para fazer parte do povo dele. Isso ocorreu tanto pela conversão de outros povos ao judaísmo na época quanto por meio do Messias, Jesus Cristo, que juntou judeus e gentios em um só povo. A terra de Judá voltou a ser herança do Senhor, Jerusalém voltou a ser escolhida para os cultos e festas. Deus voltou a conceder seu favor para o remanescente que voltou à terra prometida, de forma a gerar o Messias. O Senhor agiu para cumprir seu propósito ao povo.

Assim, Deus estava protegendo e buscando manter comunhão com o remanescente mais fiel que voltou do cativeiro da Babilônia para preparar a vinda do Messias. O profeta Zacarias falou sobre a inclusão de um remanescente dos filisteus após o juízo de Deus sobre eles. Provavelmente, se referiu à participação de pessoas daquela região no reino de Cristo no Novo Testamento.

Deus castigou os líderes que abusavam do seu rebanho, os estrangeiros que governavam o povo e que não cuidavam dele. Deus cuida dos seus, e estava com o povo de Judá para dar força a ele para vencer batalhas contra os inimigos, tal como foi na época dos macabeus.

O reino de Cristo seria estabelecido mesmo que outras nações atacassem e causassem aflição ao povo por um tempo. As vitórias do povo sobre os selêucidas, nos tempos dos macabeus, provavelmente foram preditas por Zacarias, o que foi usado como um tipo das promessas de vitórias do Messias sobre todos os seus inimigos – não vitórias carnais em guerras e conquistas de territórios, mas a remissão de pecados e conquistas de almas para Deus.

O reino eterno será o reino do Senhor. E, de fato, o evangelho de Jesus vence a sabedoria dos gregos. Assim, Deus abençoou e protegeu seu povo de Israel, que era precioso a ele como pedras preciosas de uma coroa, e o sustentou assim como o trigo e o vinho sustentavam as pessoas na época.

Do povo do reino de Judá pós-exílico procedeu o Messias, Jesus Cristo. Jesus chegou a Jerusalém com humildade, apesar de ser o rei, montado em um jumentinho, poucos dias antes de sua morte. O Messias reina em paz, destruindo as armas de guerra carnais e abençoando seu povo. O reino de Deus é espiritual e os súditos do rei Jesus não fazem uso de armas carnais. Em Jesus se encontra o cumprimento real das promessas feitas por Ageu e Zacarias sobre a paz em Jerusalém, isto é, os justificados. Em Jesus, aqueles que eram cativos pelo pecado e que estavam sem a vida que provém de Deus encontram esperança, refúgio, proteção, conforto e bênçãos espirituais "em dobro" em relação ao que o povo de Deus antes experimentou.

Jesus tentou cuidar de seu povo, mas sua rejeição e o pouco caso que o povo fez pelo seu trabalho fez com que os povos gentios que dominavam a nação, os romanos, maltratassem o povo. Deus não impediu isso. Ele removeu a sua graça, isto é, sua proteção, e removeu a união entre as tribos, deixando os judeus mais enfraquecidos. Jesus foi vendido por um preço de 30 moedas de prata por Judas Iscariotes, um preço desprezível ao se considerar tudo o que Jesus fez pelo povo.

Deus chamou a espada contra seu pastor e companheiro, isto é, Jesus Cristo. Jesus citou essa profecia em referência à sua morte. Embora os homens tivessem culpa por terem crucificado Jesus, isso aconteceu pelo determinado desígnio e presciência de Deus. Jesus morreu na cruz voluntariamente, conforme a vontade do Pai. As ovelhas foram dispersas: os discípulos estavam escandalizados e perdidos quando Jesus foi preso e morto. Mas Deus deu ajuda aos pequeninos, isto é, restou uma parte (um terço simbólico) do povo, e esse resto foi provado pelo fogo, isto é, passaram por provações em suas vidas. Os provados e purificados são o povo de Deus.

Deus demonstrou sua graça para o povo fiel de Israel quando as pessoas viram aquele a quem traspassaram, o próprio Senhor que eles rejeitaram, e lamentaram por ele. Indiscutivelmente, trata-se de Jesus Cristo crucificado, uma vez que João aplicou essa profecia a ele. O pranto foi geral para o verdadeiro povo de Deus, similar ao pranto no vale de Megido, isto é, a profecia provavelmente se referiu à lamentação por Josias quando ele morreu na batalha de Megido. A lamentação incluiu todo o povo: a família real, a família de Zorobabel, a família de Jesus, a família sacerdotal (a qual representa os sacerdotes e levitas), e todas as demais famílias – o pranto do arrependimento foi geral. Aqueles que são do Senhor sempre encontram um momento de pesar por causa do salvador que purificou seus pecados na cruz, especialmente na celebração da Ceia do Senhor. Lembrar do Cristo crucificado, certamente, traz um espírito de graça e de súplicas.

No reino messiânico, isto é, a era da Igreja, os gentios também reconhecem sua dependência de Deus, participando da nação santa. Nessa nação, a qual é a Jerusalém celestial, não há separação entre judeus e gentios. Tudo e todos nesse povo são santificados ao Senhor, uma nação santa e sacerdócio real. Aqueles que não se submeterem ao Senhor serão castigados.

Por causa da rejeição da parte do povo de Israel incrédulo em relação ao Messias, tal povo foi entregue a um mau pastor, isto é, ao Império Romano para sua destruição. Posteriormente, o próprio Império Romano foi também julgado pelo Senhor.

No Messias, Deus estabeleceu uma fonte aberta para remover o pecado e a impureza, pois o perdão verdadeiro é uma das principais características da Nova Aliança. A remoção da impureza da Jerusalém espiritual, isto é, os remidos por Cristo, enfatiza a natureza do reino, um lugar santo. Zacarias falou mais sobre essa pureza ao afirmar que os ídolos são eliminados, pois eles não têm lugar no reino de Cristo.

Os profetas e espíritos imundos foram removidos do reino espiritual do Messias. Ha duas interpretações plausíveis desses comentários de Zacarias sobre os profetas e espíritos imundos. Alguns entendem que eles se referem aos falsos profetas, e assim afirmam que nem falsos profetas nem espíritos imundos teriam lugar no reino do Senhor para enganar o povo de Deus. Nessa interpretação, é subentendido que Zacarias se referiu a falsos profetas. Outros entendem que isso previu a cessação de dons espirituais no Novo Testamento, isto é, uma vez que se tivesse a revelação completa (o "perfeito" de 1 Coríntios 13:10), a profecia cessaria. Alguns citam a profecia messiânica de Daniel 9:24, "para selar a visão e a profecia", para apoiar essa interpretação. Com esse mesmo

entendimento, os espíritos imundos não exerceriam mais o poder que tinham na época em que possuíam as pessoas. De fato, o Novo Testamento ensina que os dons milagrosos serviam por um tempo limitado para confirmar a Palavra que estava sendo revelada pelos apóstolos e outros. Se a profecia de Zacarias se referiu aos profetas, e não aos falsos profetas, seria mais uma evidência apoiando o ensinamento do Novo Testamento a esse respeito.

Aqueles que seguem o Senhor serão perseguidos pelos não justificados e tentados pelo pecado. No entanto, quando os não justificados tentam abalar o povo do Senhor, são feridos, ou seja, cedo ou tarde sofrerão juízo do Senhor. As tentações são vencidas em Cristo. As armas que os não justificados utilizam, bem como os meios pelos quais as tentações se manifestam, não terão o efeito esperado por causa da intercessão de Deus a favor do seu povo.

Os justificados usam o evangelho para conquistar os inimigos de Deus. Mais pessoas, ao verem os justificados de Deus tendo sua proteção e cuidado, se convertem ao Senhor. Assim, também passam a triunfar. Esse triunfo significa que são perseguidos por não justificados e atacados por tentações, no entanto, por isso, os juízos do Senhor recaem contra os não justificados que os perseguem, e as tentações são vencidas. O evangelho é a forma pela qual esses justificados conquistam o mundo mau e derrotam os inimigos espirituais. Os mais "fortes na fé" não devem se exaltar mais do que seus irmãos mais "fracos na fé". Deus tem uma predisposição a ajudar os mais humildes. Nem mesmo o Messias, Jesus Cristo, se exaltou acima dos demais. Há diferentes graus de intensidade de fé entre as pessoas. Não obstante, Deus capacita os fiéis suficientemente para vencer os inimigos espirituais. Justificados de diferentes graus de fé enfrentam juntos os mesmos inimigos espirituais, e os mais "fortes na fé" devem auxiliar aqueles cuja fé ainda tem deficiências, ou aqueles que são mais novos na vida de fé.

Os remidos pelo Messias não podem ser derrotados pelos não justificados, por mais que eles tentem. Cedo ou tarde, o Senhor tomará vingança contra aqueles que afligirem seu povo. Os juízos de Deus recaem contra aqueles que maltratam seu povo. Isso não significa que os justificados não passarão por sofrimento ou angústia. Por mais que passem por dificuldades, estarão com Deus e serão vitoriosos, enquanto os inimigos serão derrotados. O Senhor também os capacita a vencerem as tentações que há no mundo. Sendo os inimigos espirituais derrotados, aqueles que são de Deus estarão no seu devido lugar, a verdadeira Jerusalém, a Jerusalém celestial – em última análise, os novos céus e nova terra.

Zacarias utilizou linguagem da cidade física e de coisas conhecidas no Antigo Testamento, mas o assunto foi a cidade espiritual, Jerusalém celestial, sendo uma profecia sobre o reino do Novo Testamento. O assunto não é uma batalha literal, mas uma batalha simbólica com o objetivo de mostrar que o povo de Deus sofre, alguns morrem, mas um restante sobrevive. Isso é comparável à mensagem de Apocalipse que fala de perseguição, sofrimento, morte, mas não de derrota total do povo de Deus. É um tema comum nas profecias sobre o reino messiânico (a era cristã) no Antigo Testamento. Deus ajunta as nações para que lutem contra Jerusalém, isto é, o seu povo. As nações representam os gentios, ou o mundo, e seus ataques contra o povo de Deus. Assim, isso pode incluir a perseguição romana (assunto de outras profecias, especialmente de Daniel e de Apocalipse). Deus luta contra as nações e dá livramento ao seu povo, sendo que o profeta usou figuras fortes para mostrar que Deus salva o povo da perseguição das nações. Com uma cena simbólica, o profeta mostrou que Deus é até mesmo capaz de abrir o monte das Oliveiras para fazer um vale e dar refúgio para o povo. Outra cena simbólica mostrou que o dia escuro e frio abrirá para luz no final, isto é, há perseguição para os justificados, mas o Senhor está com eles e os guiará para a esperança certa da salvação.

O profeta Zacarias também relatou uma cena simbólica que retrata águas vivas fluindo de Jerusalém, o que significa a bênção da presença de Deus que dá vida para seu povo. O Senhor é o único rei sobre seu povo, aqueles que o ouvem e o obedecem. Coisas conhecidas pelos judeus foram utilizadas simbolicamente para representar que a habitação reservada para os justificados não tem mácula, nem maldição, e ali o povo de Deus é exaltado e habita em segurança.

As coisas valiosas que estavam reservadas para as pessoas que poderiam se converter, mas não o fizeram, serão concedidas àquelas que se converteram a Deus. Os novos céus e nova terra de Deus podem ser herdados por qualquer pessoa, pois Deus criou o ser humano para a comunhão íntima com ele, e não para perdição. No entanto, a posição de persistir no erro e no pecado, maltratando o povo de Deus, é o que faz o ser humano perder as

riquezas que Deus havia preparado para ele. Deus está trabalhando para o bem de seu povo. Ele age para o bem daqueles que o amam.

2.31. TEXTOS ESCATOLÓGICOS DO LIVRO DE MALAQUIAS

Façamos a seguir uma análise contextual sucinta das passagens escatológicas do Livro de Malaquias. Todas as citações são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

2.31.1. MALAQUIAS 3:1-5

> Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim. De repente, o Senhor, a quem vocês buscam, virá ao seu templo; e o mensageiro da aliança, a quem vocês desejam, eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos. Mas quem poderá suportar o dia da sua vinda? E quem poderá subsistir quando ele aparecer? Porque ele é como o fogo do ourives e como o sabão dos lavandeiros. Ele se assentará como derretedor e purificador de prata. Purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e como prata. E eles trarão ao SENHOR as ofertas justas. Então a oferta de Judá e de Jerusalém será agradável ao SENHOR, como nos dias da antiguidade e como nos primeiros anos. Virei até vocês para juízo. Terei pressa em testemunhar contra os feiticeiros, contra os adúlteros, contra os que juram falsamente, contra os que oprimem os trabalhadores, as viúvas e os órfãos, torcem o direito dos estrangeiros, e não me temem, diz o SENHOR dos Exércitos.

O mensageiro que preparou o caminho diante do Senhor é João Batista. O mensageiro da aliança é Jesus Cristo, o Messias, aquele a quem Israel tanto esperou, e que trouxe a Nova Aliança. De fato, a vinda de Cristo à Terra foi uma visitação de Deus aos seres humanos e ele foi ao templo, subitamente, mas não sem anúncio. João exortou o povo a mudar sua maneira de agir. Jesus continuou esse tema, ressaltando não somente a pureza de ação, mas também de pensamento. Suas palavras eram como fogo purificador.

As ofertas nos dias de Malaquias eram inaceitáveis por não serem feitas conforme Deus quis. No entanto, o profeta afirmou a vinda de um dia em que Deus aceitaria novamente a oferta de Judá e de Jerusalém. Judá e Jerusalém são o reino espiritual de Deus, os convertidos a Cristo, a Igreja, e as ofertas aceitáveis são a adoração em espírito e verdade na Nova Aliança.

Embora a missão de Jesus não fosse julgar o mundo durante seu ministério terrestre, mas salvá-lo, julgamento e condenação são consequências da não aceitação de sua salvação. Jesus testemunhou contra feiticeiros, adúlteros, mentirosos, opressores, e contra aqueles que não temem a Deus. A Jerusalém física foi destruída pelo Império Romano em 70 d.C. por recusar o Messias, enquanto a Igreja se espalhou pelo mundo.

2.31.2. MALAQUIAS 4:1-3

> Pois eis que vem o dia, queimando como fornalha. Todos os soberbos e todos os que praticam o mal serão como a palha; o dia que vem os queimará, diz o SENHOR dos Exércitos, de modo que não lhes deixará nem raiz nem ramo. Mas para vocês que temem o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas. Vocês sairão e saltarão como bezerros soltos da estrebaria. Vocês pisarão os ímpios, pois eles se farão cinzas debaixo das plantas dos pés de vocês, naquele dia que prepararei, diz o SENHOR dos Exércitos.

A segunda vinda de Cristo trará o juízo final, incinerando a presente criação e os não justificados. Os justificados, no entanto, receberão a plenitude da salvação e serão levados a Cristo nos ares. Então participarão do julgamento contra os não justificados e terão alegria máxima nos novos céus e nova terra.

2.31.3. MALAQUIAS 4:5-6

> Eis que eu lhes enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR. Ele converterá o coração dos pais aos seus filhos e o coração dos filhos aos seus pais, para que eu não venha e castigue a terra com maldição.

Por causa da persistência dos judeus no pecado, Deus poderia castigar sua terra com maldição, como já ocorreu antes. O castigo de uma nação é uma visitação do Senhor e um dos dias do Senhor anunciados na Bíblia. De fato, Deus tinha preparado um grande e terrível dia do Senhor contra os judeus, os quais foram assolados em 70

d.C. na destruição do templo e de Jerusalém. No entanto, antes de isso acontecer, um remanescente dos judeus foi preparado para receber o Messias, para o estabelecimento de um povo que adore a Deus em espírito e verdade.

Para tanto, Deus enviou o profeta Elias. No entanto, ao contrário da crença de muitos judeus, o profeta Elias referido por Malaquias não era literalmente o profeta Elias, mas alguém no poder e espírito de Elias, isto é, João Batista, o arauto que anunciou o Messias, Jesus Cristo.

2.31.4. ESCATOLOGIA DO LIVRO DE MALAQUIAS

Com base na análise contextual dos textos escatológicos contidos no Livro de Malaquias, as informações são:

- Malaquias 3:1-5: o mensageiro que preparou o caminho diante do Senhor é João Batista. O mensageiro da aliança é Jesus Cristo, o Messias, aquele a quem Israel tanto esperou, e que trouxe a Nova Aliança. De fato, a vinda de Cristo à Terra foi uma visitação de Deus aos seres humanos e ele foi ao templo, subitamente, mas não sem anúncio. João exortou o povo a mudar sua maneira de agir. Jesus continuou esse tema, ressaltando não somente a pureza de ação, mas também de pensamento. Suas palavras eram como fogo purificador. As ofertas nos dias de Malaquias eram inaceitáveis por não serem feitas conforme Deus quis. No entanto, o profeta afirmou a vinda de um dia em que Deus aceitaria novamente a oferta de Judá e de Jerusalém. Judá e Jerusalém são o reino espiritual de Deus, os convertidos a Cristo, a Igreja, e as ofertas aceitáveis são a adoração em espírito e verdade na Nova Aliança. Embora a missão de Jesus não fosse julgar o mundo durante seu ministério terrestre, mas salvá-lo, julgamento e condenação são consequências da não aceitação de sua salvação. Jesus testemunhou contra feiticeiros, adúlteros, mentirosos, opressores, e contra aqueles que não temem a Deus. A Jerusalém física foi destruída pelo Império Romano em 70 d.C. por recusar o Messias, enquanto a Igreja se espalhou pelo mundo;

- Malaquias 4:1-3: a segunda vinda de Cristo trará o juízo final, incinerando a presente criação e os não justificados. Os justificados, no entanto, receberão a plenitude da salvação e serão levados a Cristo nos ares. Então participarão do julgamento contra os não justificados e terão alegria máxima nos novos céus e nova terra;

- Malaquias 4:5-6: por causa da persistência dos judeus no pecado, Deus poderia castigar sua terra com maldição, como já ocorreu antes. O castigo de uma nação é uma visitação do Senhor e um dos dias do Senhor anunciados na Bíblia. De fato, Deus tinha preparado um grande e terrível dia do Senhor contra os judeus, os quais foram assolados em 70 d.C. na destruição do templo e de Jerusalém. No entanto, antes de isso acontecer, um remanescente dos judeus foi preparado para receber o Messias, para o estabelecimento de um povo que adore a Deus em espírito e verdade. Para tanto, Deus enviou o profeta Elias. No entanto, ao contrário da crença de muitos judeus, o profeta Elias referido por Malaquias não era literalmente o profeta Elias, mas alguém no poder e espírito de Elias, isto é, João Batista, o arauto que anunciou o Messias, Jesus Cristo.

Sendo assim, continuemos com uma sinopse das informações acima.

Por causa da persistência dos judeus no pecado, Deus poderia castigar sua terra com maldição, como já ocorreu antes. O castigo de uma nação é uma visitação do Senhor e um dos dias do Senhor anunciados na Bíblia.

Deus tinha preparado um grande e terrível dia do Senhor contra os judeus, os quais foram assolados em 70 d.C. na destruição do templo e de Jerusalém. No entanto, antes de isso acontecer, um remanescente dos judeus foi preparado para receber o Messias, para o estabelecimento de um povo que adore a Deus em espírito e verdade. Para tanto, Deus enviou o profeta Elias. No entanto, ao contrário da crença de muitos judeus, o profeta Elias referido por Malaquias não era literalmente o profeta Elias, mas alguém no poder e espírito de Elias, isto é, João Batista, o arauto que anunciou o Messias, Jesus Cristo.

Assim, Deus enviou dois mensageiros: o mensageiro que preparou o caminho diante do Senhor foi João Batista, e o mensageiro da aliança foi Jesus Cristo, o Messias, aquele a quem Israel tanto esperou, e que trouxe a

Nova Aliança. De fato, a vinda de Cristo à Terra foi uma visitação de Deus aos seres humanos e ele foi ao templo, subitamente, mas não sem anúncio. João exortou o povo a mudar sua maneira de agir. Jesus continuou esse tema, ressaltando não somente a pureza de ação, mas também de pensamento. Suas palavras eram como fogo purificador.

As ofertas nos dias de Malaquias eram inaceitáveis por não serem feitas conforme Deus quis. No entanto, o profeta afirmou a vinda de um dia em que Deus aceitaria novamente a oferta de Judá e de Jerusalém. Judá e Jerusalém são o reino espiritual de Deus, os convertidos a Cristo, a Igreja, e as ofertas aceitáveis são a adoração em espírito e verdade na Nova Aliança. Embora a missão de Jesus não fosse julgar o mundo durante seu ministério terrestre, mas salvá-lo, julgamento e condenação são consequências da não aceitação de sua salvação. Jesus testemunhou contra feiticeiros, adúlteros, mentirosos, opressores, e contra aqueles que não temem a Deus.

A Jerusalém física foi destruída pelo Império Romano em 70 d.C. por recusar o Messias, enquanto a Igreja se espalhou pelo mundo.

A segunda vinda de Cristo trará o juízo final, incinerando a presente criação e os não justificados. Os justificados, no entanto, receberão a plenitude da salvação e serão levados a Cristo nos ares. Então participarão do julgamento contra os não justificados e terão alegria máxima nos novos céus e nova terra.

3. A ESCATOLOGIA CONFORME ANÁLISE CONTEXTUAL DO NOVO E ANTIGO TESTAMENTOS

Uma vez concluídas as análises contextuais dos textos escatológicos representativos do Novo Testamento e do Antigo Testamento, organizamos a seguir as informações obtidas sobre a cronologia da escatologia bíblica, o estado intermediário entre a vida física e a ressurreição dos mortos, o mundo dos mortos e a punição final.

3.1. CRONOLOGIA DA ESCATOLOGIA BÍBLICA

A cronologia da escatologia bíblica começa com o anúncio do Messias e segue até a segunda vinda de Cristo.

3.1.1. OS JUÍZOS DE DEUS, O ANÚNCIO DO MESSIAS E SEU REINO

A pessoa que pecar e permanecer com pecado não justificado morrerá, isto é, será separada de Deus (veja 2.19.7. Ezequiel 18:4; 2.19.8. Ezequiel 18:20).

Isaías declarou a singularidade de Deus: ele é absoluto como senhor e salvador, assim como em suas declarações e em seus feitos. Antes da existência do dia ele já existia. Assim, Deus é inquestionavelmente a maior autoridade, o primeiro e único, autoexistente e soberano. Portanto, julgamentos definitivos podem ser efetuados apenas por Deus. Como Cristo é aquele que realizará o julgamento final, ainda que seja por concessão de Deus Pai, segue-se que Cristo é Deus – Deus Filho – uma pessoa distinta de Deus Pai, mas ainda assim Deus. Interessantemente, Jesus tratou seus discípulos como suas testemunhas da mesma forma que Deus Pai tratou seus fiéis de Israel como suas testemunhas (veja 2.16.29. Isaías 40:23, 2.16.33. Isaías 43:11-13 e 2.16.37. Isaías 45:22).

Deus permite que ocorra na terra um momento certo para cada propósito e cada obra. Isso implica que Deus não controla as vontades de ninguém, mas se limita a influenciar. Ao conceder a todos o livre arbítrio, Deus coloca à prova o caráter de todos. Uma vez que todos pecam, até mesmo o justo, se o ser humano for deixado por si mesmo, será interesseiro e egoísta tal como os animais. No entanto, isso não significa que Deus fez o homem pecador, mas que ele cedeu, e continua cedendo, ao pecado por causa de seu interesse próprio. Assim, Deus julgará tanto o justificado quanto o não justificado. Temer a Deus e guardar seus mandamentos é dever de cada ser humano. Uma vez que é um dever, incorrerá em punição se não haver cumprimento. O fiel do Antigo Testamento já tinha a noção de um momento de juízo no qual tudo o que foi realizado na vida será exposto, seja bom, seja mau, sendo isso, em última análise, o juízo final na segunda vinda de Cristo (veja 2.14.1. Eclesiastes 3:16-21 e 2.14.10. Eclesiastes 12:13-14). A alegria que vem de Deus por causa da realização de sua justiça é imensa no que diz respeito à punição do não justificado e a salvação do justificado (veja 2.16.34. Isaías 44:23).

Deus reprova fortemente aqueles que procuram consultar quaisquer fontes de informação para conduzir suas vidas que não seja sua Palavra, particularmente a consulta aos médiuns, adivinhos e mortos. Aqueles que persistem em fazer tais coisas possuem uma "fome" de conhecimento para guiar suas vidas, mas jamais encontrarão nessas coisas o conhecimento que desejam – apenas a Palavra de Deus pode saciar tal "fome". Coisas ruins procederão àqueles que persistem em buscar fontes de conhecimento que Deus reprova e, uma vez que as pessoas não encontram nelas o que querem, sofrem e acabam praguejando contra Deus, que é também o rei delas. O coração de tais pessoas está nas coisas da terra, buscando o que querem em lugares errados e, por isso, permanecem em escuridão (longe da luz de Deus) e sofrendo ansiedades. O resultado final de tal persistência serão as densas trevas do mundo dos mortos e o posterior juízo (veja 2.16.8. Isaías 8:18-22).

Os juízos de Deus são todos igualmente justos, em contraste com os ímpios, os quais sofrem as consequências ruins de seus próprios atos (veja 2.12.4. Salmo 9:13-17, 2.12.10. Salmo 19:9 e 2.12.40. Salmo 119:137). Uma vez que os seres humanos persistem no erro, o Senhor acaba por fazer o mundo todo sofrer julgamento, chegando a expressar, por meio do profeta Sofonias, uma ideia de ajuntar os não justificados em um mesmo lugar para castigá-los, o que aludiu a uma das vitórias históricas de Deus sobre as nações de Moabe e Amom, a qual tornou-se proverbial – um símbolo do juízo de Deus contra nações inimigas (veja 2.28.4. Sofonias 3:8-13). Os juízos do Senhor estão por toda a Terra, pois o ser humano insiste no mal. Quando os juízos são realizados em uma região, Deus repousa no sentido de que a justiça foi feita. Em uma nação onde há impiedade e os juízos ainda não foram efetuados, Deus não repousa no sentido de que a devida punição ainda não foi aplicada (veja 2.30.7. Zacarias 6:1-8). O castigo das nações está diretamente ligado à paz do povo de Deus (veja 2.30.9. Zacarias 9:7).

Por sua justiça, apesar do seu amor, Deus não pode deixar alguém com qualquer pecado não justificado ter comunhão com ele e, assim, ter vida eterna (veja 2.12.5. Salmo 11:7 e 2.12.33. Salmo 97:2). Deus não precisaria observar o homem por muito tempo antes de fazê-lo comparecer em juízo diante dele. Uma vez que Deus conhece o íntimo de cada pessoa, ele pode realizar um julgamento plenamente justo (veja 2.11.15. Jó 34:12, 2.11.16. Jó 34:23 e 2.11.17. Jó 37:23). Nada – nem mesmo a morte – pode evitar os julgamentos que Deus efetuará para cada pessoa: nem os juízos locais na Terra, muito menos o juízo final (veja 2.16.21. Isaías 28:16-18). A expressão "naquele dia" nem sempre se refere ao fim do mundo, mas tipicamente se refere a um tipo de visitação do Senhor. Deus escolhe momentos na história para efetuar juízos contra os ímpios e operar salvação para aqueles que o buscam (veja 2.16.22. Isaías 29:17-24).

Nenhum ser humano pode, por si mesmo, evitar a morte (veja 2.12.31. Salmo 89:48). Deus pode livrar uma pessoa cujo destino seria a morte certa, fazendo-a ver a luz. A luz foi associada com a vida e as trevas foram associadas com a morte (veja 2.11.14. Jó 33:28-30). A proteção de Deus para seus fiéis na Terra não se trata de uma isenção do sofrimento. No entanto, pelo menos, envolve algum tipo de proteção nas calamidades (veja 2.12.44. Salmo 145:20 e 2.13.8. Provérbios 10:30). Aquele que obedece os mandamentos de Deus preservará sua alma da morte. Cedo ou tarde, aquele que despreza o caminho de Deus encontrará a morte, seja a morte física por punição divina ou por consequência dos atos, seja a morte espiritual pelo banimento da presença de Deus (veja 2.13.15. Provérbios 19:16).

Apesar de querer a redenção de todos os seres humanos, há muitos que persistem em permanecer na impiedade. Por causa de tal persistência no pecado, Deus tem se irado e efetuado julgamentos locais contra as nações da Terra, e isso continuará ao longo de toda a história da humanidade. Deus tem autoridade e poder tanto para construir quanto para desconstruir. Ele tem levantado e arruinado nações, executando julgamentos locais em todo o planeta. Os juízos locais de Deus têm como objetivo instruir os seres humanos sobre a justiça. Deus deu evidências suficientes para que os ímpios aprendam e se convertam, mas muitos não o farão. Por causa da justiça, Deus deve trazer as consequências aos não justificados por suas condutas. Nesses julgamentos, Deus frequentemente entrega os não justificados à morte. No entanto, ainda que sofram por causa dos juízos de Deus na Terra, os fiéis entendem a correção que vem da parte do Senhor e aguardam a redenção que se seguirá. Antes que finalmente chegue a alegria da redenção e a manifestação da justiça de Deus, ocorrerão vários tempos difíceis na história devido aos julgamentos locais de Deus sobre a Terra. Até que ocorra o fim do mundo na segunda vinda de Cristo, muito sangue terá sido derramado e muitos terão sido mortos pelos vários julgamentos locais de Deus na Terra (veja 2.16.19. Isaías 26:1-21, 2.17.4. Jeremias 25:30-33, 2.17.7. Jeremias 45:4, 2.19.1. Ezequiel 7:2 e 2.28.1. Sofonias 1:2-3). A guerra, a fome, animais selvagens e doenças são meios frequentemente utilizados por Deus em seus julgamentos locais (veja 2.19.4. Ezequiel 14:21).

Os vários julgamentos individuais de Deus contra nações e povos (os muitos "dias do Senhor" ao longo da Bíblia) vão sendo concretizados aos poucos, até que culminem em um julgamento global contra o mundo todo – o juízo final. Os muitos juízos locais de Deus podem ser entendidos como prenúncios do julgamento final, o qual ocorre com a segunda vinda de Cristo. Todos os juízos do Senhor são imparciais, e nenhuma posição social ou acúmulo de bens serão de qualquer valia. Cedo ou tarde, todos os rebeldes sofrerão julgamento, especialmente no último dia. Interessantemente, Isaías afirmou que os moradores da terra serão queimados. Isso pode ser uma referência dupla: os rebeldes sofrerão com as tribulações enquanto os juízos de Deus são aplicados à Terra, sofrendo no "ardor das tribulações", e/ou serão literalmente queimados com o fogo que acompanhará Jesus Cristo nos ares em sua segunda vinda. Apenas Deus pode livrar alguém da condenação, e outros deuses são falsos e incapazes disso. Nos dias de calamidades contra os ímpios, seja em um juízo local de Deus contra uma nação ou povo, seja no próprio juízo final, os justificados levantam gritos de louvor diante da espetacular demonstração da maravilha de Deus e seus atributos. De todo o mundo os justificados elevam seus cânticos de louvor, sendo que o Senhor é especialmente louvado por sua justiça, a qual é demonstrada nos julgamentos deste mundo pecaminoso e na redenção de seu povo. Em comparação à quantidade de não justificados, o número de salvos será bem menor (veja 2.16.17. Isaías 24:1-23 e 2.28.4. Sofonias 3:8-13). O Senhor se vinga tanto dos infiéis de seu povo quanto de seus inimigos. Seus julgamentos locais, e o juízo final, não são apenas para Israel, mas para todas as nações. Há terror para aqueles que lutarem contra a vontade de Deus e também temor, ou reverência, para aqueles que se humilharem diante dele. Isso ocorre de uma forma muito ampla e de forma impetuosa nos julgamentos locais de Deus que ocorrem por todas as nações da Terra, até culminarem no julgamento pleno no juízo final (veja 2.16.50. Isaías 59:17-20 e 2.28.1. Sofonias 1:2-3).

Isaías usou a imagem de chamas de fogo para descrever o julgamento de Deus. O Senhor, com fogo e espada, entra em juízo, e essa é uma mensagem várias vezes encontrada na Bíblia para descrever a severidade do Senhor ao condenar. Isso se aplica tanto aos juízos locais de Deus na Terra quanto ao juízo final. Isaías advertiu que o terrível julgamento de Deus caiu, e cairá, sobre aqueles que escolheram a religião humana ao invés do cumprimento de sua Palavra, ou seja, aquele que preferiu "se santificar e se purificar" por meio de crenças e religiões que vêm dos homens em vez de obedecer à Palavra de Deus. Aqueles que praticam atos abomináveis para Deus estão igualmente sob a ira divina. O coração humano procura gloriar a si mesmo em vez de glorificar a Deus. Isso pode resultar somente em condenação da parte do Senhor (veja 2.16.57. Isaías 66:10-17).

A salvação de Deus já era notada ao longo da história. Ele sempre dominou as nações, mas Isaías afirmou que o Senhor passou a fazer isso de forma mais evidente. Até mesmo os povos distantes de Israel aguardavam sua justiça e salvação. Assim como Deus deu grandes provas de sua salvação e justiça no passado, deve-se crer nele em todas as épocas. Deus protege seu povo, que não deve temer o homem, mas apenas o seu criador. Deus agiu continuamente na história com suas muitas visitações, os "dias do Senhor" que trazem punição aos ímpios e livramento aos fiéis. Esses juízos continuarão até culminarem no juízo final na segunda vinda de Cristo, onde a presente criação será destruída e os não justificados morrerão, ambos pelo fogo (veja 2.16.43. Isaías 51:5-14). Jesus executa os juízos de Deus nos vários julgamentos locais por toda a Terra, e os executará forma definitiva em sua segunda vinda (veja 2.17.6. Jeremias 33:15-16).

A esperança para o fim de todos os problemas do ser humano, o Messias, foi primeiramente anunciado na queda do ser humano: o Messias destruiu o poder da morte de Satanás, mas sofreu dano em retorno, com sua morte na cruz (veja 2.1.3. Gênesis 3:15). Ele é rei que veio da tribo de Judá e tem domínio universal (veja 2.1.14. Gênesis 49:10). Foi referido por Moisés como um profeta semelhante a ele, e quem não o ouvir terá de prestar contas a Deus no juízo final (veja 2.4.1. Deuteronômio 18:15-19). Mesmo Jó em sua antiga época sabia que o Messias vivia, crendo na ressurreição por meio dele, com o livramento da permanência da morte no *sheol* (veja 2.11.7. Jó 19:25-27). O fiel do Antigo Testamento tinha a esperança de ser recebido por Deus em sua glória, ainda que morresse. A Palavra de Deus leva à justificação e consequente glorificação junto ao Senhor em vida eterna (veja 2.12.26. Salmo 73:24-26).

O mensageiro da aliança de Deus com os homens é Jesus Cristo, o Messias, aquele a quem Israel tanto esperou, e que trouxe a Nova Aliança. Os salmos e os profetas revelam isto: (1) o Messias foi precedido por um arauto que veio no poder e espírito de Elias, o qual preparou o povo; (2) o Messias veio de um remanescente mais fiel do povo judeu que retornou do exílio na Babilônia, sendo da tribo de Judá, da descendência de Davi; (3) reis justos, como Davi e Ezequias, foram tipos do Messias, assim como Zorobabel, o sumo sacerdote Josué e aqueles

que estavam com ele, sendo esses dois últimos um sinal que apontou para o Messias, também chamado "servo do Senhor" e "Renovo", por meio de quem Deus tirou a iniquidade de seu povo em um só dia; (4) o Messias é como um bom pastor que apascenta suas ovelhas, do qual o rei/pastor Davi foi um tipo; (5) o Messias é como uma pedra já provada, preciosa e angular, solidamente assentada, como uma pedra de referência para a edificação de um edifício, a qual é colocada em um canto e utilizada para alinhar as demais pedras, os fiéis, cujo conjunto edificado conforme o exemplo do Messias representa o edifício de Deus, sendo o juízo e a justiça as ferramentas usadas para a edificação desse edifício espiritual; (6) o Espírito de Deus está no Messias, em quem os justificados têm um lugar de paz e comunhão com o Senhor e com os outros justificados; (7) o Messias é aquele que deve ser crido e seguido para que cada um faça parte da comunhão com Deus; (8) o Messias fez a sabedoria de Deus conhecida na Terra, tem o Espírito do Senhor, curou pessoas de enfermidades físicas e espirituais, manifestou o juízo e a justiça de Deus; (9) o Messias entrou em Jerusalém como rei que é, de forma humilde, e visitou o templo; (10) o Messias padeceu grande oposição e sofrimento sem desanimar, foi traído por um preço ínfimo, abandonado pelos seus, tomou os pecados sobre si, morreu com grande sofrimento oferecendo-se como resgate para a salvação dos pecadores, derramou espírito de graça e súplicas aos que eram seus, passou três dias no mundo dos mortos, venceu a morte ao ressuscitar, e foi elevado ao céu; (11) o Messias foi coroado a uma posição de domínio no céu, sendo sumo sacerdote e rei sábio, sentado à destra de Deus Pai, com autoridade sobre todas as nações, oferecendo proteção e segurança eterna para aqueles que nele creem; (12) recebeu vários títulos excelsos, sendo que alguns o identificam como Deus; (13) com a Nova Aliança, o Messias inaugurou o reino de Deus como um reino espiritual indestrutível com judeus e gentios unidos sob um mesmo povo espiritual que o serve – uma nação santa na qual cada um faz parte de um sacerdócio real; (14) seu trono permanece para sempre fundado em justiça, juízo, bondade, fidelidade e misericórdia, não havendo disputas por sua posição, havendo paz entre todos aqueles que participam de seu reino; (15) o Messias e seus ensinamentos são o caminho para as pessoas chegarem a Deus, não sendo um caminho para aquelas que não querem ser puras, sendo que as impuras estarão fora dele; (16) até mesmo um tolo, se seguir o Messias, será transformado e chegará até Deus; (17) o Messias reina a partir do céu e seu reino é celestial, não físico – a manifestação de seu reino na Terra são seus súditos, a Igreja, sob a qual ele fez derramar o Espírito de Deus; (18) no Messias, as pessoas vencem todos os inimigos espirituais, recebendo um novo espírito e coração, e se tornam membros de seu reino, o qual continua a se espalhar pela Terra; (19) o Messias liberta os cativos do pecado e da prisão do mundo dos mortos; (20) o Messias julga com justiça e efetua julgamentos locais contra as nações da Terra; (21) o Messias livra da morte espiritual; (22) o Messias executará o juízo final e a ressurreição dos mortos, conferindo a punição final aos não justificados e a vida eterna aos justificados, destruindo a presente criação e inaugurando os novos céus e nova terra; (23) enfim, o Messias cumpre todas as promessas de Deus para seu povo (veja 2.12.2. Salmo 2:6-9, 2.12.7. Salmo 16:8-11, 2.12.11. Salmo 22:1-31, 2.12.34. Salmo 102:15-28, 2.12.37. Salmo 110:1-7, 2.16.2. Isaías 2:2-5, 2.16.4. Isaías 4.2, 2.16.10. Isaías 9:6-7, 2.16.11. Isaías 11:1-16, 2.16.15. Isaías 16:4-5, 2.16.21. Isaías 28:16-18, 2.16.22. Isaías 29:17-24, 2.16.24. Isaías 33:6, 2.16.27. Isaías 35:1-10, 2.16.30. Isaías 42:4, 2.16.31. Isaías 42:6-7, 2.16.36. Isaías 45:17, 2.16.45. Isaías 52:10, 2.16.46. Isaías 53:1-12, 2.16.47. Isaías 54:1-17, 2.16.48. Isaías 56:1, 2.16.50. Isaías 59:17-20, 2.16.51. Isaías 60:1-22, 2.16.52. Isaías 61:6-11, 2.16.53. Isaías 62:1-12, 2.16.55. Isaías 65:9, 2.16.58. Isaías 66:18-24, 2.17.3. Jeremias 23:5-6, 2.17.5. Jeremias 31:31-34, 2.17.6. Jeremias 33:15-16, 2.19.3. Ezequiel 11:17-21, 2.19.6. Ezequiel 16:60, 2.19.10. Ezequiel 26:19-21, 2.19.18. Ezequiel 34:12-13, 2.19.19. Ezequiel 34:23-24, 2.19.21. Ezequiel 36:12-15, 2.19.22. Ezequiel 36:26-31, 2.19.23. Ezequiel 37:21-28, 2.19.28. Ezequiel 39:21-29, 2.20.2. Daniel 7:1-14, 2.20.5. Daniel 9:25-27, 2.20.11. Daniel 12:1-7, 2.20.12. Daniel 12:8-13, 2.21.1. Oseias 1:10-11, 2.21.2. Oseias 2:18-23, 2.21.4. Oseias 13:14, 2.22.6. Joel 2:28-32, 2.23.4. Amós 9:11-15, 2.24.1. Obadias 15-22 e a Escatologia do Livro de Obadias, 2.25.1. Jonas 2:1-10 e a Escatologia do Livro de Jonas, 2.26.1. Miqueias 2:13-14, 2.26.2. Miqueias 4:1-4, 2.26.3. Miqueias 4:6-5:1, 2.27.1. Naum 2:2 e a Escatologia do Livro de Naum, 2.28.4. Sofonias 3:8-13, 2.28.5. Sofonias 3:14-17, 2.28.6. Sofonias 3:18-20, 2.29.2. Ageu 2:21-23, 2.30.3. Zacarias 2:1-5, 2.30.4. Zacarias 2:8-13, 2.30.5. Zacarias 3:8-10, 2.30.8. Zacarias 6:9-15, 2.30.9. Zacarias 9:7, 2.30.10. Zacarias 9:9-12, 2.30.11. Zacarias 9:13-17, 2.30.12. Zacarias 10:3-5, 2.30.14. Zacarias 11:10-14, 2.30.15. Zacarias 11:15-17, 2.30.16. Zacarias 12:1-9, 2.30.17. Zacarias 12:10-14, 2.30.18. Zacarias 13:1-6, 2.30.19. Zacarias 13:7-9, 2.30.23. Zacarias 14:16-21, 2.31.1. Malaquias 3:1-5 e 2.31.3. Malaquias 4:5-6).

Deus escolheu a pequena cidade de Belém-Efrata como local de nascimento do então rei futuro, o Messias, o qual já existia nos dias da eternidade, isto é, antes de existir tempo. Porém, o povo ia ser entregue à sujeição de potências gentias, principalmente Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma (veja 2.26.4. Miqueias 5:2-4).

3.1.2. A QUEDA DO REINO DO NORTE (ISRAEL)

O reino do norte (Israel) estava muito afastado de Deus e o profeta Oseias apelou para que o povo voltasse ao Senhor. O estado do povo era como espiritualmente morto. Em pouco tempo, se o povo se arrependesse, Deus poderia restaurá-lo (veja 2.21.3. Oseias 6:1-2). Foi na terra de Israel que os israelitas foram chamados como não sendo povo de Deus (veja 2.21.1. Oseias 1:10-11).

Uma das esperanças do fiel do Antigo Testamento era o resgate do estado de morte e da permanência no mundo dos mortos. Por meio do profeta Oseias, Deus afirmou que resgataria o povo desse temido estado de morte. Oseias aplicou suas profecias para o reino do norte, Israel, encabeçado pela tribo de Efraim. Nesse caso, a remissão do poder da morte significa que, por mais difícil que fosse a situação, Deus daria livramento a seus fiéis. Ainda que viessem a morrer fisicamente, não permaneceriam no *sheol*. Assim, essa profecia tem um cumprimento maior na ressurreição dos mortos. Um resgate estava a ser pago para que os fiéis fossem livrados da morte e do *sheol*: a morte de Jesus Cristo na cruz. Apesar de o Senhor oferecer aos fiéis o livramento da permanência no *sheol*, não mudaria de ideia em trazer um julgamento local contra Israel, o reino do norte, por causa de suas transgressões. Logo, mesmo os fiéis podem ser afetados pelas consequências dos juízos locais de Deus (veja 2.21.4. Oseias 13:14).

A dinastia de Davi que esteve humilhada, representada em uma profecia de Amós como um tabernáculo caído, foi restaurada por meio do Messias, retornando-a seu antigo esplendor e trazendo bênçãos para Israel em termos de domínio sobre os inimigos, aproveitamento do fruto da terra e segurança em sua habitação. No entanto, esse cenário não refletiu uma posição futura de hegemonia de um reino físico de Israel na Terra. O cumprimento dessa profecia começou quando tanto judeus quanto gentios foram ajuntados em um só povo em Jesus Cristo. O Israel restaurado e poderoso, como era na época de Davi e Salomão, é um símbolo que prefigura o povo de Deus sob Jesus Cristo, o Messias descendente de Davi, e as bênçãos espirituais decorrentes dele. Chegará um momento em que cada justificado estará junto a Cristo em um estado de comunhão com Deus, sem poder ser dominado por inimigos, mas dominando-os juntamente com Cristo. Cristo já reina de seu trono no céu, e os fiéis que deixaram a vida física estão com ele e correinam com ele. A segurança na terra de Israel e o aproveitamento dela são símbolos que prefiguram a habitação celestial que os fiéis herdam e aproveitam, com felicidade suprema, sem a ameaça de perdê-la. Em última análise, a profecia de Amós utiliza imagens conhecidas de Israel como um tipo da concretização das bênçãos em Cristo para os justificados, sendo a plenitude atingida nos novos céus e nova terra (veja 2.23.4. Amós 9:11-15).

O profeta Amós proferiu um dia do Senhor, um dia de julgamento divino, contra o reino do norte (Israel), usando linguagem simbólica. Expressões como a terra se levantando como o rio Nilo, sendo agitada e abaixada, o Sol parando de brilhar em pleno meio-dia com o aparecimento de trevas em pleno dia, significam que toda a terra do reino do norte sofreu um juízo severo da parte de Deus, trazendo luto a seus moradores. É como se a terra se abalasse quando o Senhor executa seu juízo (veja 2.23.2. Amós 8:8-9). Deus estava prestes a trazer julgamento divino contra o reino do norte (Israel) e, ainda que as pessoas pudessem cavar até que chegassem no *sheol*, ou que pudessem subir até o céu, não escapariam do juízo (veja 2.23.3. Amós 9:2).

No entanto, havia pessoas em Israel que desejavam ver o dia do Senhor. Provavelmente, algumas dessas pessoas esperavam livramentos da parte do Senhor em seu favor enquanto viviam em pecado, enquanto outras estavam zombando da ideia de Deus executar juízo contra Israel, chegando a ponto de quererem ver se os juízos anunciados por profetas realmente aconteceriam. Então, Amós explicou que os dias em que Deus executa juízo contra uma nação ou povo perverso são dias terríveis em que não há escapatória. Os infiéis podem tentar evitar as calamidades de um dia do Senhor, mas elas os alcançarão de um modo ou de outro (veja 2.23.1. Amós 5:18-20).

Finalmente, o reino do norte (Israel) foi destruído pela Assíria em 722 a.C., sendo a terra assolada, o povo levado em cativeiro, e os demais que permaneceram na terra foram miscigenados com outras nações (veja 2.23.2. Amós 8:8-9).

3.1.3. A AMEAÇA ASSÍRIA CONTRA JERUSALÉM

Isaías declarou que um "flagelo arrasador" iria passar por Jerusalém, pessoas seriam mortas e, consequentemente, receberiam juízo, provavelmente se referindo à invasão da Assíria sobre a terra de Judá (veja 2.16.21. Isaías 28:16-18).

Um homem violento e opressor estava assolando a terra de Moabe, provavelmente um invasor assírio, talvez Senaqueribe. Fugitivos da terra de Moabe encontraram refúgio em Judá até que tal opressor sofreu juízo de Deus e tal calamidade passou. Após o incidente, o profeta Isaías falou sobre um trono estabelecido e das virtudes do reino de Ezequias, mas também tinha sido levado adiante para uma contemplação do reino de Cristo, acabando por fazer uso de expressões que, em toda a sua extensão, poderiam apenas ser aplicadas ao reino do Messias: bondoso, fiel, justo e que realiza justiça. Assim, Ezequias foi um prenúncio de Cristo (veja 2.16.15. Isaías 16:4-5).

O reino de Judá sob o reinado de Ezequias estava com medo da ameaça assíria. O rei da Assíria, após receber tributo do rei Ezequias, avançou contra Judá para destrui-lo. O povo estava em um estado desesperador e terrível na época da invasão de Senaqueribe, no ano 701 a.C. A devastação causada pela guerra foi terrível e as pessoas comuns sofreram muito (veja 2.16.24. Isaías 33:6, 2.16.25. Isaías 33:10-12 e 2.26.3. Miqueias 4:6-5:1).

Porém, o Senhor efetuou juízo contra os opressores assírios, o que foi simbolizado pelo fogo que queima a cal e os espinhos cortados. Imagens como essas que utilizam o fogo são comuns para demonstrar juízo divino (veja 2.16.25. Isaías 33:10-12). Deus deu a vitória a Judá, ainda que tenha sido sitiado e que o inimigo tenha insultado e debilitado seu rei (veja 2.26.3. Miqueias 4:6-5:1) e pessoas tenham morrido (veja 2.16.21. Isaías 28:16-18). Assim como uma ave paira sobre o seu ninho para proteger seus ovos, Deus protegeu Jerusalém da ameaça dos assírios (veja 2.16.23. Isaías 31:5).

Deus prometeu que, após o livramento da ameaça assíria, o povo teria uma ascensão espiritual. A profecia encontrou um primeiro cumprimento. Porém, após a morte de Ezequias, a nação novamente caiu em apostasia. Uma segunda aplicação dessa profecia diz respeito à Igreja. Sião pode ser entendido como uma figura para os salvos que se reúnem em uma igreja local, os quais, de fato, experimentam estabilidade espiritual, abundância de salvação, e muita sabedoria e conhecimento por meio da pregação e estudo da Palavra de Deus. O cristão encontra no temor do Senhor o seu tesouro (veja 2.16.24. Isaías 33:6).

Isaías usou o livramento que Deus deu para a Jerusalém, sob o reinado de Ezequias, diante da ameaça de Senaqueribe, como base para falar de um dia em que aconteceria o verdadeiro livramento. A profecia apontou para o monte Sião verdadeiro, a Jerusalém celestial, onde o Senhor será ainda mais reconhecido como grandioso. Os inimigos espirituais não poderão fazer mal algum aos remidos e, se tentarem, serão derrotados e servirão para o fortalecimento dos fiéis, até mesmo daqueles que possuírem uma fé mais débil, mas que se esforçam no Senhor. Os cristãos recebem o perdão de pecados já na Terra e, mais adiante, estarão com o Senhor na Jerusalém celestial para desfrutar de comunhão íntima com ele pela eternidade (veja 2.16.26. Isaías 33:17-24).

A grande cidade de Nínive, capital da Assíria que afligiu o reino de Judá, teve um decreto de destruição da parte de Deus anunciado pelo profeta Naum. O povo de Judá, porém, foi posteriormente restaurado por Deus. De fato, Nínive tornou-se ruínas e a Assíria caiu diante da Babilônia. O reino de Judá foi livrado do poder desse opressor (veja 2.27.1. Naum 2:2 e a Escatologia do Livro de Naum).

No entanto, pela sua maldade, Judá ainda foi punida posteriormente com a destruição de Jerusalém e do templo pela Babilônia, e o povo levado ao exílio. Porém, diferentemente daquilo que aconteceu com Nínive, Deus estabeleceu novamente na terra prometida um remanescente mais fiel, o qual gerou posteriormente o Messias. Ele trouxe a verdadeira restauração de Jacó e glória de Israel de uma forma espiritual com sua Igreja (veja 2.27.1. Naum 2:2 e a Escatologia do Livro de Naum).

3.1.4. A PRIMEIRA DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM E DO TEMPLO E O EXÍLIO NA BABILÔNIA

Entre os muitos dias do Senhor que ocorrem até a destruição da Terra, o Senhor anunciou um dia de juízo contra a nação de Judá pela impiedade do povo que deveria ter sido povo de Deus e não foi. A nação de Judá permaneceu no pecado e, zeloso com seus avisos, Deus entregou toda a sua terra à destruição. Essa destruição de Judá serve como um prenúncio do dia do juízo final, pois, assim como Deus destruiu nações persistentes no pecado, assim também destruirá, na repentina segunda vinda de Cristo, todo o mundo por causa de sua impiedade (veja 2.28.2. Sofonias 1:7-18). O povo de Judá sofreu um castigo pesado, mas Deus mostrou a justiça e a misericórdia para ele (veja 2.26.8. Miqueias 7:11-13).

O "dia da ira do Senhor" não se refere apenas ao fim do mundo, mas pode ser qualquer dia em que Deus traga destruição sobre uma nação, tal como foi contra a nação de Judá. Em um dia de julgamento local como esse, coisas materiais como prata e ouro não ajudam. Ferramentas dos juízos de Deus, tais como a fome, podem ser aplicadas. Em última análise, o maior dia da ira de Deus é o juízo final (veja 2.19.2. Ezequiel 7:19 e 2.13.9. Provérbios 11:4). As expressões "Dia do SENHOR", "dia de nuvens" e "dia de nuvens e densas trevas" também são descrições dias de julgamento divino local contra uma nação (veja 2.19.14. Ezequiel 30:3-4 e 2.19.20. Ezequiel 34:12-13).

Judá, na época de antes de sua destruição em 586 a.C., estava mal em relação à Palavra do Senhor e, apesar de Deus ter castigado a nação com vários juízos locais por causa disso, sempre buscou chamá-la ao arrependimento para regenerá-la. Deus fez uma visitação para realizar uma grande mudança espiritual no povo. Sobreveio uma calamidade à nação, a terra se tornou como um deserto, porém, espiritualmente, o povo foi como um "pomar", isto é, preparado para dar frutos a Deus. Interessantemente, a mudança ocorreu a partir dos humildes. Assim como Deus remiu Abraão de uma vida pagã, assim ele buscou fazer com o reino de Judá. Embora a mudança espiritual tenha começado a ocorrer brevemente após Isaías ter proferido a profecia, observa-se um maior cumprimento dela no futuro, na época do Messias. Era comum que profecias do Antigo Testamento tivessem mais de um cumprimento ao longo do tempo. É provável que o primeiro cumprimento dessa profecia tenha ocorrido com a iniciativa de reformas espirituais de um bom rei de Judá, as quais incentivaram a nação a buscar a Deus e pôr à parte a injustiça, tal como nos reinados de Ezequias ou Josias. Judeus espiritualmente mortos ouviram a Palavra de Deus e saíram das trevas em que estavam expostos, se convertendo a Deus. Infelizmente, mesmo com as reformas espirituais promovidas pelos bons reis, o povo caiu novamente em apostasia (veja 2.16.22. Isaías 29:17-24).

Como outros profetas, Isaías profetizou a destruição de Judá e também uma restauração posterior (veja 2.16.1. Isaías 1:27-28). Isaías profetizou um dia do Senhor – um dia de julgamento local – contra os infiéis do povo, particularmente os orgulhosos, arrogantes, soberbos, idólatras, e aqueles que são importantes e exaltados entre as pessoas e que não andam com Deus. Falando do juízo contra os infiéis do povo, Isaías usou figuras fortes para alertar sobre o rigor do dia de acerto de contas. Como em outros casos ao longo da Bíblia, julgamentos locais da parte de Deus têm os objetivos de punir os culpados, glorificar a Deus, chamar pessoas ao arrependimento e livrar os justos. Deus frequentemente utilizou nações para punir nações. Isaías usou imagens fortes para retratar os dias em que os babilônios sitiaram e assolaram a terra de Israel – tais imagens demonstram que houve muito terror, as pessoas buscaram desesperadamente algum livramento e perceberam que nenhum ídolo podia livrá-las, dispondo-se deles (veja 2.16.3. Isaías 2:10-21 e 2.16.5. Isaías 5:14-16). Posteriormente, houve uma restauração de um remanescente mais fiel depois do exílio na Babilônia, porém, os idólatras e aqueles que permaneceram fazendo coisas abomináveis a Deus foram castigados pelos seus pecados (veja 2.19.3. Ezequiel 11:17-21).

Profetas de Deus tinham apelado para o arrependimento do povo. Isaías perguntou ao Senhor até quando ele pregaria a Palavra de Deus e o povo de Israel não daria ouvidos a ele, e foi assim até que o povo perdeu sua terra, a qual foi devastada pela Babilônia, e o povo foi levado para o exílio (veja 2.16.6. Isaías 6:11-13). O profeta Jeremias teve uma visão com imagens bem dramáticas que mostrou a terra de Judá arruinada pelos juízos de Deus, o que mais tarde foi consumado por Nabucodonosor da Babilônia (veja 2.17.2. Jeremias 4:23-28). O profeta Sofonias exortou o povo de Judá a buscar o Senhor para que pudesse ser poupado no dia de juízo contra a nação. A preocupação do profeta era que o povo estivesse vivendo em seu cotidiano sem se importar com o dia anunciado e, assim, não tivesse mais tempo para arrependimento quando o dia chegar. Apesar do juízo, Deus é misericordioso e pode preservar aqueles que o buscam das tribulações. Uma das razões dos juízos de Deus sobre a Terra é gerar arrependimento (veja 2.28.1. Sofonias 2:1-3).

Os avisos não foram levados a sério e Deus puniu o povo de Judá com um exílio na Babilônia que consistiu basicamente de três grupos. O primeiro grupo foi levado por volta de 606-605 a.C., sendo que Daniel e seus amigos estavam nesse grupo. Em 597 a.C., os babilônios levaram um segundo grupo do povo, entre ele o profeta Ezequiel. Mais tarde, os babilônios voltaram contra Jerusalém e, no ano 586 a.C., destruíram o templo e a cidade, levando ao cativeiro quase todos que restaram dos judeus, deixando apenas alguns dos pobres na terra, entre os quais estava o profeta Jeremias (veja 2.17.2. Jeremias 4:23-28).

Assim, finalmente havia chegado o dia do julgamento contra Israel, isto é, a destruição de toda a terra de Judá por Nabucodonosor da Babilônia em 586 a.C., sendo que boa parte do povo foi levada em cativeiro (veja

2.19.1. Ezequiel 7:2 e 2.28.2. Sofonias 1:7-18). As muralhas de Jerusalém foram derrubadas pelo exército babilônio (veja 2.26.8. Miqueias 7:11-13). O reino de Judá foi assolado pela Babilônia, o que culminou com a destruição do templo (veja 2.16.3. Isaías 2:10-21). Foi um dia de trevas, amargura, angústia e destruição, um dia em que a ira do Senhor foi derramada sobre a nação, onde os poderosos clamaram e suas riquezas não serviram para nada (veja 2.28.2. Sofonias 1:7-18). Quando os babilônios destruíram o reino de Judá, os infiéis foram mortos e tiveram seu esplendor terminado, e aqueles que foram para o exílio na Babilônia se sentiram abatidos e humilhados. No entanto, esse processo foi para gerar um remanescente mais fiel do qual procedeu o Messias e, com isso, Deus foi exaltado por sua justiça (veja 2.16.5. Isaías 5:14-16).

Os edomitas tinham se aproveitado de momentos de fraqueza de Judá, atacando-o enquanto estava enfraquecido. Edom se alegrou muito com a desgraça de sua "nação irmã". Deus não deixou isso impune e já havia decretado antes, por meio do profeta Obadias, o fim de Edom. Embora Judá também tivesse sido punido por seus pecados, foi prometida a ele restauração, coisa que não foi concedida nem a Edom, nem às nações ímpias (veja 2.24.1. Obadias 15-22 e a Escatologia do Livro de Obadias).

A cidade de Tiro estava se regozijando na calamidade de Judá, mas sofreu juízo de Deus, posteriormente caindo no passado e sendo esquecida, contada com os mortos. A expressão usada pelo profeta Ezequiel, "deixará de existir", não significa que os ímpios de Tiro seriam eliminados da existência, mas que a cidade não mais seria encontrada no mundo dos vivos. Depois do juízo contra Tiro, Deus criou coisas gloriosas no mundo dos vivos, o que, provavelmente, se refere à vinda do Messias e o estabelecimento da Igreja. A cidade de Tiro sofreu juízo de Deus, o qual foi retratado como a cidade indo de cima para baixo, até a região dos mortos (veja 2.19.10. Ezequiel 26:19-21).

Apesar de tudo, Judá permaneceu, mas as outras nações que causaram mal ao povo, eventualmente, receberam juízo do Senhor e se tornaram desolação, tal como Edom e a própria Babilônia. O mundo ímpio sofreu enquanto o povo de Deus estava sendo abençoado. Assim, o mundo abandonado no pecado estava em contraste com o povo libertado e preservado por Deus (veja 2.26.8. Miqueias 7:11-13).

3.1.5. O RETORNO DO EXÍLIO NA BABILÔNIA E O REMANESCENTE MAIS FIEL DE ISRAEL

Uma das razões para os julgamentos de Deus é que sua glória seja manifestada para as nações. Israel foi infiel com o Senhor, apesar de todos os avisos, e teve como consequência sua conquista pela Babilônia e o cativeiro. Porém, o Senhor operou isso para o bem, punindo os culpados e preparando um remanescente mais fiel para retornar à terra prometida, o qual prosperou com os cuidados de Deus. Isso foi iniciado mais adiante por meio de Ciro, o Grande, da Pérsia. Isso também declarou a santidade de Deus. O povo menor e mais fiel, posteriormente, deu origem ao Messias. Quanto, porém, aos idólatras em meio àquele povo, e àqueles que permanecem fazendo coisas abomináveis a Deus, foram castigados pelos seus pecados (veja 2.19.3. Ezequiel 11:17-21, 2.19.9. Ezequiel 20:40-42, 2.19.12. Ezequiel 28:25, 2.19.18. Ezequiel 34:12-13 e 2.19.28. Ezequiel 39:21-29). Ezequiel havia profetizado que tal povo iria aumentar mais para "todos os lugares habitados da terra". Isso olha adiante para a época do Novo Testamento, onde o ministério de Cristo instituiu a Igreja e, de Jerusalém, os cristãos se espalharam para todo o mundo (veja 2.19.18. Ezequiel 34:12-13).

O Israel restaurado em sua terra após o exílio teria a chance de ter novamente as bênçãos da comunhão com Deus. O povo foi descrito figuradamente como ovelhas em um rebanho e as bênçãos são mostradas em termos de proteção e sustento físico. Essas bênçãos não descrevem um estado de absoluta proteção, sustento e proeminência de uma nação física de Israel a ser restaurada no futuro. Desde que os judeus retornaram à sua terra, nunca estiveram realmente livres de um domínio gentio, e Jerusalém caiu novamente no ano 70 d.C. diante dos romanos. As bênçãos denotam que o povo fiel que retornaria à terra prometida não voltaria a ter o mesmo escárnio e sofrimento decorrentes do cerco babilônico. O ponto principal dessas bênçãos é a comunhão com Deus, e elas apontam para a plenitude do povo remido de Deus vivendo em comunhão íntima com ele, ou seja, em última análise, o povo de Deus vivendo com ele nos novos céus e nova terra, a Jerusalém celestial. Israel, portanto, prefigura o povo de Deus. A terra prometida prefigura os novos céus e nova terra. As bênçãos atingem seu estado pleno no estado eterno a vir após a segunda vinda de Cristo.

Como nas diversas profecias do Antigo Testamento sobre a restauração de Israel, há um cumprimento mais imediato no retorno do povo à sua terra e um cumprimento mais pleno no estado de comunhão plena com

Deus, o qual é prefigurado com os tipos apresentados na profecia: Israel é um tipo do povo de Deus remido; o exílio na Babilônia é um tipo da vida no mundo afastado de Deus; o retorno do povo à sua terra é um tipo em que os justificados herdam os novos céus e nova terra; o fato de os inimigos não mais poderem atacar o povo é um tipo em que os justificados são totalmente imunes ao pecado e suas consequências; a terra é um tipo dos novos céus e nova terra; as bênçãos materiais são tipos das plenas bênçãos na plenitude do reino de Deus trazido pelo Messias (veja 2.19.22. Ezequiel 36:26-31).

Ezequiel mencionou juízos contra o Egito e a Etiópia (veja 2.19.14. Ezequiel 30:3-4). Um castigo contra o Egito por meio de Nabucodonosor da Babilônia estava, de alguma forma, ligado a uma prosperidade de Israel. Com a vitória de Nabucodonosor sobre o Egito, o processo do povo exilado voltar do cativeiro babilônico pôde começar. Também, Ezequiel teve mais facilidade para profetizar ao povo, o qual estava cético em relação às suas profecias. Deus traz prosperidade para seu povo, e não o Egito (veja 2.19.13. Ezequiel 29:21).

Deus frequentemente usou nações como instrumentos de ira para destruir outras nações, e o mesmo ocorreu contra a nação que arruinou Judá, a Babilônia. Outras nações vieram de longe e arruinaram toda a sua terra. Tais nações foram, primeiramente, os medos e persas e, mais tarde, ao longo da história, gregos e romanos – a história da queda da Babilônia foi longa e todas essas nações todas foram usadas como instrumentos de Deus contra ela. Isaías usou imagens proféticas fortes para representar todo o sofrimento da Babilônia do momento de sua conquista pelos exércitos de Ciro, o Grande, até sua ruína total. A linguagem utilizada pelo profeta Isaías para a ruína da Babilônia pode ser entendida, em um sentido secundário, como um prenúncio do fim do mundo na segunda vinda de Cristo (veja 2.16.12. Isaías 13:1-22).

Uma profecia de Isaías falou sobre um rei da Babilônia que elevava a si mesmo, buscando tomar a glória que pertence a Deus, mas que foi derrubado de sua alta posição para as profundezas da terra. A identidade do rei da Babilônia referido na profecia é difícil de determinar. Seja quem for, o ponto destacado é o contraste entre a sua glória passada enquanto vivia na terra e sua humilhação após sofrer o juízo de Deus e morrer. Embora se tratando da celebração da morte do referido rei, essa profecia pode ser entendida como uma predição da queda e destino de qualquer tirano (veja 2.16.14. Isaías 14:9-20).

Caso similar ocorreu com o rei de Tiro. A profecia de Ezequiel sobre o rei de Tiro usa linguagem simbólica que fala de um querubim. O rei agia como filho do Diabo (João 8:44), mas a profecia não aponta para uma história da origem e queda de Satanás, como muitos acreditam. O que o texto realmente diz é que o rei de Tiro se exaltou como se fosse Deus, achando-se invencível e mostrando o seu orgulho ao se gabar por presumir que foi o responsável pela prosperidade de seu reino. Porém, Deus o humilharia. Com um tom de ironia, Deus disse que tal rei se achava mais sábio que Daniel. A questão é que o rei de Tiro havia rejeitado o favor divino por causa de sua maldade, sendo sua atitude equivalente a como se tivesse abandonado a beleza do Éden, ou como se tivesse renunciado uma posição como querubim na presença de Deus. A expressão usada pelo profeta Ezequiel, "deixará de existir", não significa que o rei de Tiro seria eliminado da existência, mas que ele e sua glória não mais seriam encontrados no mundo dos vivos (veja 2.19.11. Ezequiel 28:12-19).

Os babilônios deixaram de ser a potência mundial que foram, e jamais voltaram a ser. Profecias de Jeremias passaram a ideia de que seus corpos físicos repousaram debaixo da terra e não se erguerão novamente para lutar, e a antes gloriosa nação da Babilônia caiu no esquecimento (veja 2.17.8. Jeremias 51:39 e 2.17.9. Jeremias 51:57).

Deus permitiu que ocorresse desolação e ruína no Egito, na Etiópia e em Sebá ao invés de em Judá. Portanto, os fiéis não tinham nada a temer da Babilônia ou de qualquer outra nação hostil – Deus efetuaria a libertação deles mesmo à custa da derrubada de reinos mais poderosos (veja 2.16.32. Isaías 43:3).

Deus é o criador e sustentador de tudo o que existe e frustra os planos daqueles que se opõem a ele. Por meio de Isaías, o Senhor emitiu um grande pronunciamento acerca de Ciro, o rei da Pérsia. Ele já tinha sido citado anonimamente em Isaías 41:2-3 e Isaías 41:25, porém, em Isaías 44:28, Ciro foi citado pelo nome, um século e meio antes de ter iniciado suas campanhas vitoriosas contra a Babilônia. Com a derrota da Babilônia abriu-se a porta para que o povo de Judá que foi levado cativo pudesse retornar para sua terra e reedificar o templo, como detalhado em livros como Esdras, Neemias, Ageu e Zacarias (veja 2.16.35. Isaías 44:24-28).

Na sua compaixão, Deus traria de volta seu povo e o abençoaria. Seria como se nunca tivesse rejeitado Judá e Israel. O povo disperso viria de todos os lados – do Egito e da Assíria – e a terra do remanescente do povo que retornou do exílio na Babilônia estaria cheia dele. Seria forte e fiel no Senhor (veja 2.30.13. Zacarias 10:6-12).

Os capítulos 40 a 48 do Livro de Ezequiel apresentam uma profecia simbólica viva que descreve o retorno dos exilados para a terra prometida. Inclui a ideia de que eles voltariam a valorizar a presença de Deus, a beleza de uma cidade e um templo reconstruídos, e a posse de terra. Deus se importava com o seu povo e quis encorajá-lo, plantando em seus corações sonhos de um futuro melhor. A descrição que Ezequiel fez do templo, registrando os detalhes de sua visão usando linguagem apocalíptica, ofereceu aos israelitas a esperança de um futuro melhor. Os detalhes da visão do profeta sobre o templo e a cidade tinham o objetivo de mostrar aos destinatários originais do livro a perfeição do padrão da santidade divina. O modelo do templo de Ezequiel não era para ser construído, mas apenas para ser mostrado, ou descrito. Deus ordenou que a visão do templo fosse mostrada à casa de Israel a fim de que se envergonhasse de suas iniquidades. Ao ver a perfeição e santidade da visão do templo, o povo teria vergonha de seus erros do passado. A linguagem empregada pelo profeta tem raízes nas práticas das leis conhecidas pelos judeus para transmitir a ideia da relação especial de comunhão com Deus. A visão da cidade e do templo simbólico fez distinção entre o santo e o profano, enfatizando a necessidade da santidade na comunhão com Deus. Aqueles que habitariam na cidade onde Deus se encontra precisariam manter sua santificação. Para Deus habitar no templo, deveria ser mantida a santidade. O templo e toda a área ao seu redor deveriam refletir a santidade do Senhor. Somente aqueles que fossem purificados e aceitos por Deus teriam acesso ao santuário. Sacerdotes teriam que respeitar a santidade. Até mesmo a divisão do território próximo serviria para manter a separação entre o santo e o profano. A habitação de Deus precisa ser pura. A presença de Deus no meio do povo traz bênçãos que foram demonstradas na visão: os líderes seriam pessoas espirituais que guiam o povo em seu serviço. Deus não habita no meio de um povo ímpio. Uma vez que o povo estivesse santificado, o que foi simbolizado pela visão do templo e da cidade de Ezequiel, Deus poderia retornar e permanecer junto ao povo novamente. Isso é muito significativo para o povo exilado que era o destinatário original do Livro de Ezequiel, o qual foi encorajado com a promessa de ser estabelecido na terra prometida, ter o sistema de adoração reestabelecido e ter Deus no meio dele novamente, mas não com a construção literal do templo e da cidade da visão de Ezequiel. Os exilados estavam sem esperança. Todavia, o Deus amoroso enviou seu profeta para transmitir sua visão para o povo, sendo que cada parede e porta do templo simbólico restaurava mais e mais a esperança. A boa notícia foi finalmente concluída quando a cidade foi chamada de "O SENHOR Está Ali". Esse lindo nome finaliza as mensagens de Ezequiel. O Senhor que se retirou por causa da maldade excessiva do seu povo finalmente retornaria. A única fonte da vida é Deus. A água que sai do templo simbólico de Deus aumenta para sustentar a vida que está no caminho, isto é, todos aqueles que estão no caminho de Deus recebem a verdadeira vida. Aquilo que está longe do rio de Deus, por outro lado, não é visto como saudável. O rio que tem origem no templo de Deus simboliza a vida oferecida a todos por meio da comunhão com Deus (veja 2.19.29. Ezequiel 40:1-4, 2.19.30. Ezequiel 40:5-16, 2.19.31. Ezequiel 40:17-19, 2.19.32. Ezequiel 40:20-27, 2.19.33. Ezequiel 40:28-37, 2.19.34. Ezequiel 40:38-43, 2.19.35. Ezequiel 40:44-47, 2.19.36. Ezequiel 40:48-49, 2.19.37. Ezequiel 41:1-4, 2.19.38. Ezequiel 41:5-12, 2.19.39. Ezequiel 41:13-26, 2.19.40. Ezequiel 42:1-14, 2.19.41. Ezequiel 42:15-20, 2.19.42. Ezequiel 43:1-12, 2.19.43. Ezequiel 43:13-17, 2.19.44. Ezequiel 43:18-27, 2.19.45. Ezequiel 44:1-3, 2.19.46. Ezequiel 44:4-9, 2.19.47. Ezequiel 44:10-14, 2.19.48. Ezequiel 44:15-27, 2.19.49. Ezequiel 44:28-31, 2.19.50. Ezequiel 45:1-8, 2.19.51. Ezequiel 45:9-12, 2.19.52. Ezequiel 45:13-17, 2.19.53. Ezequiel 45:18-20, 2.19.54. Ezequiel 45:21-25, 2.19.55. Ezequiel 46:1-8, 2.19.56. Ezequiel 46:9-10, 2.19.57. Ezequiel 46:11-15, 2.19.58. Ezequiel 46:16-18, 2.19.59. Ezequiel 46:19-24, 2.19.60. Ezequiel 47:1-12, 2.19.61. Ezequiel 47:13-21, 2.19.62. Ezequiel 47:22-23, 2.19.63. Ezequiel 48:1-7, 2.19.64. Ezequiel 48:8-22, 2.19.65. Ezequiel 48:23-29, 2.19.66. Ezequiel 48:30-35).

Após a Babilônia cair diante do Império Medo-Persa, Ciro permitiu que judeus exilados na Babilônia retornassem à sua terra e reconstruíssem o templo (veja 2.16.13. Isaías 14:1-2). Os babilônios levaram o povo ao exílio, no entanto, setenta anos depois, o povo retornou para sua terra. Esse povo que retornou foi um remanescente – os demais judeus que não foram fiéis acabaram perecendo (veja 2.16.1. Isaías 1:27-28). Um dos objetivos do juízo de Deus contra Israel foi produzir um remanescente mais fiel do povo. Deus prefere um grupo menor, mas fiel, do que um grupo grande e infiel. Deus preparou esse remanescente para dele vir o Messias e, com isso, foi exaltado por sua justiça (veja 2.16.4. Isaías 4:2, 2.16.5. Isaías 5:14-16, 2.16.6. Isaías 6:11-13, 2.26.3. Miqueias 4:6-5:1 e 2.26.4. Miqueias 5:2-4). No entanto, antes do povo ter a vitória no Messias, tiveram que vir inimigos, provavelmente a Assíria e, depois, a Babilônia (veja 2.26.3. Miqueias 4:6-5:1). O remanescente de Israel é a casa de Jacó. Ainda que alguém seja israelita, se não for fiel, não pertence à casa de Jacó. Portanto, de toda a nação física de

Israel, havia apenas poucos que eram, de fato, casa de Jacó. Os infiéis foram castigados pelo juízo contra Israel, mas aqueles que eram fiéis foram protegidos e abençoados por Deus. O Senhor se colocou como o pastor de uma multidão e conduziu esses justificados (veja 2.26.1. Miqueias 2:13-14).

Isaías já havia profetizado o retorno do povo à terra santa e a restauração do templo. No entanto, como é um tanto comum em suas profecias, encontra-se um cumprimento maior dessa profecia na época da Igreja. O cuidado com o povo de Deus (os filhos e filhas de Sião) foi apresentado com linguagem figurada e hiperbólica, indicando que o povo humilhado de Judá seria exaltado, e que Deus sinalizou isso para as nações contemporâneas dos judeus exilados para a Babilônia. O Senhor realizou isso por meio de Ciro, permitindo que os judeus retornassem a Judá, com a provisão de toda ajuda para a reconstrução do templo. Também, isso aponta para muitas pessoas de preeminência se convertendo a Deus na era cristã e dedicando seus recursos e riquezas à causa do Senhor. Uma vez que ele estava do lado de Judá, os opositores em geral não tiveram sucesso em suas investidas para impedir a reconstrução do templo (o Livro de Neemias narra algumas dessas tentativas). Deus estava agindo para mostrar compaixão, proteger e abençoar a Jerusalém pós-exílica (incluindo a edificação do templo e a proteção da cidade), e estava agindo também para castigar as nações que oprimiram seu povo. O Senhor está ciente das circunstâncias das pessoas na Terra, agiu a favor do seu povo e se irou contra as nações desobedientes. O poder redentor e salvador de Deus foi visto no êxodo de Israel do Egito, no retorno do exílio babilônico, e será visto também na segunda vinda de Cristo (veja 2.16.41. Isaías 49:22-26 e 2.30.1. Zacarias 1:8-17).

A partir do povo exilado na Babilônia, Deus operou para que judeus voltassem não apenas para Jerusalém, mas também aos montes de Deus, isto é, os montes da terra santa – toda a terra da Palestina. Assim, um remanescente mais fiel, o "herdeiro" como mencionado em uma das profecias de Isaías, retornou à Palestina. Deus tinha prometido que os cativos voltariam do exílio para a terra de seus pais após setenta anos. Esses foram os eleitos de Deus e, desses, aqueles que o serviram permaneceram na terra santa (veja 2.16.55. Isaías 65:9).

Enquanto a salvação estava próxima em termos temporais, Israel ainda estava espiritualmente longe dela. Assim, a salvação/justiça teve dois aspectos: juntamente com a libertação providencial de Deus do cativeiro na Babilônia, na qual o agente foi Ciro, havia uma salvação interior e espiritual, a qual consistiu em levar o remanescente da nação a ter pensamentos corretos sobre si mesma e sobre Deus. Nessa transformação espiritual, os instrumentos foram os servos fiéis de Deus, tais como Ageu, Zacarias, Neemias e Esdras (veja 2.16.38. Isaías 46:12-13).

Deus restaurou o remanescente do povo exilado na Babilônia novamente em sua terra. A terra, devido ao cativeiro de setenta anos, estava desolada, porém, com o povo de volta, voltou a ser cultivada. Certamente, isso trouxe o júbilo e a música e ações de graças ao Senhor de volta à terra santa (veja 2.16.42. Isaías 51:3). Embora o tempo de cativeiro tenha sido 70 anos, o Senhor considerou o tempo como curto, e muitos dos exilados não morreram em solo babilônico, e nem faltou alimento a eles (veja 2.16.43. Isaías 51:5-14). Não havia mais uma distinção entre um reino do norte (Israel) e um reino do sul (Judá), como era antes do exílio. Houve apenas o Israel pós-exílico, o qual foi sempre subjugado por uma nação gentia (veja 2.19.23. Ezequiel 37:21-28). Esse remanescente teve uma maior segurança em relação ao Israel antigo. Isso se deve, em parte, porque o povo sempre esteve sujeito a uma potência mundial, como nos casos do Império Persa, do Império Grego e do Império Romano. Relativamente falando, Israel habitou mais seguro em sua terra. No entanto, a segurança e união do povo de Deus se cumpriu de uma forma maior na era da Igreja, onde o Messias, Jesus Cristo, uniu Israel e os gentios sob um mesmo povo por meio de sua vitória na cruz (veja 2.19.28. Ezequiel 39:21-29).

Não foram todos os judeus que retornaram para a terra prometida, sendo que a maioria deles, voluntariamente, permaneceu fora da terra. Porém, o profeta Miqueias anteviu que, em Cristo, judeus que estavam dispersos se voltaram a Deus juntamente com os judeus seguidores de Cristo que viviam na terra prometida. O Messias, Jesus Cristo, de fato manteve-se firme no caminho de Deus, apascentou o povo na força do Senhor, foi engrandecido por toda a Terra e é a paz do povo de Deus, o qual encontra habitação segura nele. No reino espiritual de Cristo, os justificados têm uma habitação segura e proteção de Deus. A habitação segura dos justificados em sua plenitude será concretizada nos novos céus e nova terra (veja 2.26.4. Miqueias 5:2-4).

O Israel restaurado em sua terra após o exílio teria a chance de ter novamente as bênçãos da comunhão com Deus. O povo foi descrito figuradamente como ovelhas em um rebanho e as bênçãos são mostradas em termos de proteção e sustento físico. Essas bênçãos não descrevem um estado de absoluta proteção, sustento e

proeminência de uma nação física de Israel a ser restaurada no futuro. Desde que os judeus retornaram à sua terra, nunca estiveram realmente livres de um domínio gentio, e Jerusalém caiu novamente no ano 70 d.C. diante dos romanos. As bênçãos denotam que o povo fiel que retornaria à terra prometida não voltaria a ter o mesmo escárnio e sofrimento decorrentes do cerco babilônico. O ponto principal dessas bênçãos é a comunhão com Deus, e elas apontam para a plenitude do povo remido de Deus vivendo em comunhão íntima com ele, ou seja, em última análise, o povo de Deus vivendo com ele nos novos céus e nova terra, a Jerusalém celestial. Israel, portanto, prefigura o povo de Deus. A terra prometida prefigura os novos céus e nova terra. As bênçãos atingem seu estado pleno no estado eterno a vir após a segunda vinda de Cristo (veja 2.19.20. Ezequiel 34:25-31).

Assim, os judeus passaram a reedificar sua terra, tendo um território menor, mas um povo mais fiel, particularmente em relação à idolatria. Não era um povo perfeito, mas tinha vergonha de seu passado e tinha um coração mais propenso a seguir Deus, coração que estava sendo preparado para receber o Messias. Esse povo reedificou o templo e as muralhas, se multiplicou, e prosperou. Foi um povo que não passou novamente pela mesma fome e vergonha do povo que sofreu o juízo de Deus realizado por meio dos babilônios. Judá voltou a ter seu território ampliado e muitas pessoas de outras terras puderam ir à sua terra para visitá-la e conhecer sobre o Senhor. Com a restauração da cidade e do templo, os judeus voltaram a ser considerados um louvor e um nome na sua própria terra, embora sempre estivessem sujeitos a uma potência gentia, tal como a Pérsia, Grécia e Roma. Os lábios puros dados aos povos para invocar o nome do Senhor e adoradores de locais distantes vindo para trazer sacrifícios a ele são consequências do remanescente de Judá mais fiel que se reestabeleceu na terra prometida. Os judeus puderam novamente frequentar as festas, tais como a Páscoa. Foi nesse ínterim que outros povos conheceram o judaísmo e passaram a se tornar prosélitos, ou seja, pessoas não nascidas entre os judeus que se converteram ao judaísmo. Nesse sentido, a casa de Israel teve outros povos como "servos e servas" na terra santa, tendo até mesmo convertidos que vieram das nações que oprimiram Israel. Pessoas sendo trazidas ao Senhor também são como sacrifícios agradáveis a ele. Posteriormente, a vinda do Messias que procedeu do remanescente mais fiel que retornou à terra prometida, Jesus Cristo, deu às pessoas o evangelho, o qual transforma vidas e torna as pessoas em fiéis ao Senhor. Deus foi o mesmo Deus para todo o povo e o caminho para o Messias vir estava sendo preparado (veja 2.16.13. Isaías 14:1-2, 2.19.3. Ezequiel 11:17-21, 2.19.23. Ezequiel 37:21-28, 2.26.8. Miqueias 7:11-13, 2.28.4. Sofonias 3:8-13 e 2.28.6. Sofonias 3:18-20).

Com a salvação que Deus trouxe ao remanescente mais fiel de Judá que estava cativo na Babilônia, mas que retornou à Palestina para reconstruir a nação, Isaías afirmou que todas as nações contemporâneas da época, mesmo as mais distantes, tiveram uma amostra do poder salvador de Deus (veja 2.16.45. Isaías 52:10). O Senhor fez uso de juízos contra os povos que se levantaram contra Judá (veja 2.30.2. Zacarias 1:18-20) e estava protegendo e buscando manter comunhão com o povo para preparar a vinda do Messias (veja 2.30.3. Zacarias 2:1-5). Judá permaneceu, mas as outras nações que causaram mal ao povo, eventualmente, receberam juízo do Senhor e se tornaram desolação, tal como Edom e a própria Babilônia. O mundo ímpio sofreu enquanto o povo de Deus era abençoado (veja 2.26.8. Miqueias 7:11-13). Diferentemente daquilo que aconteceu com Nínive, Deus estabeleceu novamente na terra prometida um remanescente mais fiel, o qual gerou posteriormente o Messias, o qual trouxe a verdadeira restauração de Jacó e glória de Israel de uma forma espiritual com sua Igreja (veja 2.27.1. Naum 2:2 e a Escatologia do Livro de Naum). Assim, o mundo abandonado no pecado estava em contraste com o povo libertado e preservado por Deus (veja 2.26.8. Miqueias 7:11-13). Enquanto Deus providenciou um tratamento especial para restaurar o povo de Judá e gerar o remanescente fiel do qual procede o Messias, as nações ímpias não receberam esse cuidado e foram retratadas como estando humilhadas diante do poder de Deus e temendo o povo dele (veja 2.26.9. Miqueias 7:16-17). É comum nas profecias sobre a volta do cativeiro que sejam encontradas misturas de ideias sobre o retorno literal à terra prometida com vislumbres do reino messiânico e espiritual do Novo Testamento, tais como o recebimento de um novo espírito e coração para que o povo se dedique a Deus. Assim como o povo que retornou do exílio foi mais propenso a ser fiel, a Nova Aliança em Cristo torna as pessoas fiéis ao Senhor (veja 2.19.3. Ezequiel 11:17-21).

O templo reconstruído pelo remanescente do povo que retornou da Babilônia, de início, não tinha a mesma glória do anterior. Deus afirmou que faria tremer o céu, terra, mar e terra seca, as nações, e o templo seria cheio de coisas preciosas e glória. Isso significa que Deus trabalhou no mundo todo, levantando e derrubando nações, de forma a cumprir seus propósitos. O templo, o qual parecia menos glorioso que o anterior, foi mais tarde adornado e engrandecido com tesouros das nações. Ele foi engrandecido com recursos que vieram de fora da terra de Judá, seja de judeus dispersos, seja de prosélitos entre as nações, seja dos próprios gentios, até que o templo foi tornado

grandioso por Herodes, nomeado pelos romanos como rei da Judeia em 37 a.C. (veja 2.29.1. Ageu 2:6-7). O sumo sacerdote Josué, representando o sacerdócio e os profetas, e Zorobabel, representando o governo e as leis, foram ferramentas de Deus movidas pelo Espírito Santo para a reconstrução do templo. Deus cumpriu sua palavra pela força de seu Espírito por meio desses dois servos (veja 2.30.6. Zacarias 4:1-14). Zorobabel foi usado pelo Senhor para um passo importante no caminho da vinda do Messias. O próprio Zorobabel foi um tipo de Cristo em que ocorre a renovação do povo (veja 2.29.2. Ageu 2:21-23). Uma visão do profeta Zacarias mostrou uma coroação do sumo sacerdote Josué, a qual foi um tipo da coroação do Messias, o Renovo de Deus – Jesus. Assim como Josué foi uma ferramenta de Deus para a reconstrução do templo físico, e os gentios foram usados por Deus para engrandecê-lo posteriormente, o verdadeiro templo de Deus foi construído por Jesus Cristo, a Igreja, na qual também participam gentios (veja 2.30.8. Zacarias 6:9-15).

Deus foi glorificado na sua vitória contra as nações e na proteção de Sião, pois trouxe para seu povo a alegria da sua presença. Muitas nações se ajuntaram ao Senhor para fazer parte do povo dele. Isso ocorreu tanto pela conversão de outros povos ao judaísmo na época quanto por meio do Messias, Jesus Cristo, que juntou judeus e gentios em um só povo. A terra de Judá voltou a ser herança do Senhor, Jerusalém voltou a ser escolhida para os cultos e festas. Deus voltou a conceder seu favor para o remanescente que voltou à terra prometida, de forma a gerar o Messias. O Senhor agiu para cumprir seu propósito ao povo (veja 2.30.4. Zacarias 2:8-13).

Com os recursos de outras nações para a reconstrução, os fiéis que retornaram à terra santa após o exílio na Babilônia se regozijaram em viver novamente em sua terra. A alegria foi referida como perpétua pelo profeta Isaías, não porque os fiéis tiveram essas bênçãos terrestres, mas porque a alegria que vem do Senhor não é temporária, mas dura para sempre. Aqueles que retornaram do exílio babilônico e que foram fiéis estão hoje com o Senhor. As promessas não se limitaram ao Israel físico: são também aplicáveis ao Israel espiritual. A salvação e a justiça aparecem juntas, sendo os motivos da alegria, do consolo e do louvor ao Senhor (veja 2.16.52. Isaías 61:6-11).

Pode-se dizer, então, que o plano de redenção do Senhor começou mais enfaticamente com a volta do remanescente que foi exilado na Babilônia para Jerusalém, mas se consumou na vinda do Messias. Os fiéis da época do Antigo Testamento (como os exilados na Babilônia) passaram por muitas tribulações e angústias neste mundo, assim como os fiéis do Novo Testamento, mas receberão a mesma glória. Os justificados herdarão para sempre a terra – não um planeta Terra renovado, mas os novos céus e nova terra (veja 2.16.51. Isaías 60:1-22).

O Senhor estava prestes a trazer um juízo contra o Egito por meio de alguma outra nação opressora (possivelmente os persas ou os gregos). No entanto, vários egípcios, ao verem os exemplos dos judeus que moravam em seu meio, buscaram a Deus e se tornaram prosélitos, deixando de adorar ao Sol e aos falsos deuses para conhecer Deus. Isso não significa uma conversão total da nação, mas ao menos um número de egípcios se devotou a Deus. Nesse ínterim, a Assíria, uma das antigas potências, também teve contato com o Senhor, e um número de assírios também se converteu a Deus. Assim, representantes das três nações colocaram suas inimizades de lado em favor da prática da adoração a Deus. Essa "aliança espiritual" entre Egito, Assíria e Judá parece encontrar cumprimento durante a união das três nações a um mesmo império maior, o que também possibilitou maior contato entre elas. Talvez o império maior tenha sido a monarquia persa (a qual reconheceu, por meio das proclamações de Ciro, Deus como o Deus do céu em Esdras 1:2), ou o império de Alexandre, o Grande (veja 2.16.16. Isaías 19:16-24).

Na época posterior ao retorno do povo de Judá do exílo babilônico, muitos israelitas da Assíria, Egito e outras partes do mundo se juntaram aos judeus que retornaram do exílio na restauração de Jerusalém e do templo e, então, adoraram a Deus. Pessoas de várias nações diferentes se tornaram prosélitos, isto é, convertidos ao judaísmo. No entanto, um maior cumprimento disso é encontrado na anunciação do evangelho, onde muitos convertidos de várias nações diferentes adorarão no verdadeiro monte santo – a habitação celestial de Deus. A Igreja se espalhou de Jerusalém para o mundo todo e converteu muitos ao Senhor. Mais tarde, ocorreu que o judaísmo foi finalmente rejeitado por Deus na destruição do templo em 70 d.C., e a vinda da Nova Aliança tornou a Igreja no cumprimento do verdadeiro Israel, sendo que a Igreja possui a proteção e as bênçãos do Senhor, além de herdar suas promessas. A Igreja de Jesus Cristo é a manifestação do reino de Deus na Terra, e ela converte pessoas ao Senhor, afastando-as da idolatria e, efetivamente, derrota os falsos deuses e seus altares (veja 2.16.20. Isaías 27:1-13).

Assim, Deus deu uma série de livramentos ao povo judeu desde o exílio na Babilônia, o retorno do cativeiro, até a primeira vinda de Jesus Cristo, o Messias, o qual verdadeiramente trouxe a justiça e a salvação de Deus aos seus fiéis. A salvação e justiça finais de Deus também ocorrerão por meio do Messias na segunda vinda de Cristo (veja 2.16.48. Isaías 56:1). Deus deu uma proteção à nação dos judeus que retornou do exílio babilônico, porém essa proteção não se aplicou em termos absolutos para o reino físico de Israel. Historicamente, os judeus continuaram sendo subjugados por nações gentias durante sua história, até a queda de Jerusalém em 70 d.C. diante dos romanos. O ponto de uma das profecias de Ezequiel é que, como é comum nas profecias do Antigo Testamento, as bênçãos sobre a proteção e sustento de Israel têm uma aplicação menor no Israel físico e um cumprimento maior na plenitude do povo remido de Deus vivendo em comunhão íntima com ele. Em última análise, o povo de Deus terá as plenas bênçãos ao viver com ele nos novos céus e nova terra, a Jerusalém celestial. Israel e a terra prometida são vislumbrados como tipos do estado eterno a vir na segunda vinda de Cristo. A nova terra na qual os justificados viverão para sempre com o Senhor, a qual é prefigurada pela terra de Israel, não terá mais seus habitantes sendo afligidos por não justificados, e nem pelos inimigos espirituais (pecado, morte, etc.) representados por esses não justificados (veja 2.19.21. Ezequiel 36:12-15).

Deus não se calou e não se aquietou até que viesse sua justiça e salvação a partir de um povo preparado. Mais adiante, ele enviou Jesus Cristo do meio de judeus que tinham sido trabalhados pelo Senhor desde a época do retorno do exílio, a partir de um remanescente mais fiel. O exílio, na verdade, foi uma das maneiras em que Deus operou para que os judeus se tornassem um povo mais fiel, embora menor, de forma que o caminho do Messias estivesse preparado. A Jerusalém física foi alvo de reprovação e vergonha, mas a verdadeira Jerusalém, o verdadeiro povo de Deus, nunca será abandonada ou arrasada, mas é uma delícia para ele (veja 2.16.53. Isaías 62:1-12).

O profeta Isaías usou a Jerusalém física como figura para falar da verdadeira Jerusalém, a cidade celestial que representa os justificados por Deus. Há um cumprimento das profecias na Jerusalém física e um cumprimento maior na Jerusalém espiritual. A Jerusalém física foi uma sombra da verdadeira Jerusalém celestial. Os judeus que retornaram do exílio na Babilônia lamentaram a destruição de Jerusalém, mas se regozijaram em sua renovação, e se regozijarão ainda mais no desfrutar da recompensa eterna junto a Deus na Nova Jerusalém. Deus providenciou paz e abundância a seus fiéis. O poder do Senhor foi notório aos seus servos que permaneceram fiéis a ele em Israel. Deus se indignou contra seus inimigos, isto é, os deixou sob a ira divina (veja 2.16.57. Isaías 66:10-17).

Isaías não tinha apenas previsto o retorno do povo para a terra santa, mas também algo maior no futuro: a Igreja é o verdadeiro Israel que conquista os inimigos de Deus (pecados) por meio da conversão a Cristo. O verdadeiro povo de Deus, o verdadeiro israelita, é o cristão fiel, pois o Israel da promessa é o remanescente dos judeus que se converteram a Cristo, ou seja, que se tornaram cristãos. A Igreja é o verdadeiro Israel, e é na Igreja que ocorre o maior cumprimento da "restauração de Israel". Os antigos inimigos de Israel representam os inimigos espirituais que impedem o ser humano de ser salvo. Israel se espalhando pelo mundo, dominando, conquistando e fazendo prisioneiros, representa a Igreja se espalhando pelo mundo e convertendo pessoas a Deus, subjugando o pecado que impede o ser humano de ser salvo (veja 2.16.13. Isaías 14:1-2).

O entendimento correto dos capítulos 38 e 39 do livro de Ezequiel é que se trata de uma narrativa de uma batalha simbólica, e não uma profecia preditiva. O objetivo dessa batalha simbólica, no contexto, é dar a esperança da proteção de Deus para seus justificados, particularmente o remanescente mais fiel que estava para a retornar à terra prometida. Além da proteção, Deus oferece sua comunhão com seu povo, o que é manifestado nos capítulos 40 a 48 com a apresentação de um templo simbólico magnífico. A ideia é que os não justificados podem atacar os fiéis com grandes números e forças gigantescas, mas Deus frustrará seus planos e fará que a situação se reverta. Os não justificados desejam despojar os justificados, mas eles serão despojados. Gogue representa apenas uma personificação de um comandante de uma aliança de vários povos ímpios. Não há proveito em tentar identificar cada uma das terras mencionadas, tais como Rôs, Meseque, Tubal, etc. Basicamente, a cena descrita narra que Deus está contra Gogue de Magogue e sua aliança de nações, a qual está equipada e preparada para o combate. Depois de muitos dias, no "fim dos anos", Gogue e sua aliança de nações ímpias atacariam o povo de Deus que retornou do exílio e que se estabeleceu novamente na terra prometida. O "fim dos anos" não se trata de uma predição para o futuro, mas um período em que Israel retornou do exílio da Babilônia e se estabeleceu em paz novamente na sua terra – um tempo que, relativamente à nossa época, já se passou, sendo que tal batalha nunca aconteceu. Portanto, observa-se que, de fato, é uma batalha simbólica. Os exércitos inimigos viriam com grande número e poder para

fazer o mal contra o povo pacífico de Deus, a partir dos lados do norte (o norte foi proverbial como a direção na qual os piores inimigos de Israel vieram). Algumas outras nações, as quais não necessariamente participariam do ataque, estariam interessadas em tentar obter alguma vantagem da situação. Mas Gogue e seu exército seriam derrotados por Deus e a santidade dele seria reconhecida pelas nações (veja 2.19.24. Ezequiel 38:1-16).

Gogue e sua aliança de nações representam os inimigos do povo de Deus, os quais participam de uma batalha simbólica contra ele, particularmente contra o remanescente fiel que estava para voltar à terra prometida. Há muito tempo, os profetas de Deus previram juízos locais contra muitos dos inimigos de Israel, tais como assírios, babilônios, edomitas, amonitas, moabitas, etc. Eles, na narrativa da batalha simbólica de Ezequiel, foram agrupados como sendo as forças de Gogue. Não se trata de uma profecia predizendo alguma batalha literal, mas uma narrativa que demonstra aos justificados que eles terão proteção e cuidado de Deus. A batalha é narrada com Deus descarregando toda sua ira contra as forças de Gogue, as quais são retratadas como estando sobre os montes de Israel, isto é, os inimigos são retratados como estando muito próximos do povo de Deus para atacá-lo. As manifestações de juízo de Deus fazem toda a criação temer a ele, sendo que ocorre um terremoto e muralhas, montes e rochedos caem. A ira de Deus torna-se manifesta com alguns de seus juízos já conhecidos ao longo das Escrituras: os inimigos se ferindo com seus próprios ataques, as pestes, chuvas de granizo, fogo e enxofre da parte de Deus. A ideia é que essa batalha simbólica transmite que, quando Deus pune os infiéis e salva os fiéis com juízos terríveis provenientes de seu poder, ele se torna conhecido entre as nações, as quais o reconhecem como grandioso, santo, e como o Senhor que ele é. Deus salva os fiéis e pune os infiéis (veja 2.19.25. Ezequiel 38:17-23).

Na batalha simbólica retratada pelo profeta Ezequiel, os inimigos do povo de Deus, representados por Gogue e sua aliança de nações, são mostrados como sendo incitados por Deus a atacar seu povo que estava para retornar do exílio da Babilônia de volta à terra prometida. As imagens da queda dos não justificados nos montes de Israel, servindo como alimento de aves de rapina e animais selvagens, mostra uma derrota completa e desonrosa, sem direito a sepultamento, no próprio território de Israel. Os exércitos de Gogue vêm da direção do norte porque foi por essa direção que veio a maioria dos ataques contra Jerusalém – provavelmente um ponto mais vulnerável da cidade. Deus ainda coloca fogo em uma das regiões das forças de Gogue, o local simbólico representado como "Magogue" e as "terras do mar". Não se trata de uma destruição de locais específicos, mas um simbolismo para mostrar a abrangência do juízo de Deus contra os inimigos, não importa onde estejam. A derrota das forças de Gogue é apresentada de forma bastante frustrante, sendo que deixam cair suas armas, perecem em campo aberto, e a quantidade imensa de armas provê madeira em abundância para o povo pacífico de Deus utilizar por um longo tempo (sete anos – sete significa, em termos simbólicos, um período completo e perfeito, ditado por divino decreto). As forças de Gogue queriam despojar o povo de Deus, mas eles são os despojados. Portanto, o objetivo desse relato de Ezequiel é demonstrar que Deus pode salvar seus justificados das mais terríveis ameaças e, ainda, dar a eles provisões abundantes, mesmo diante de uma situação tão ameaçadora. Aqueles que permanecerem em uma posição de inimizade contra o povo de Deus serão derrotados, não importa o seu poder (veja 2.19.26. Ezequiel 39:1-10).

Na batalha simbólica narrada por Ezequiel, a terra de Israel acabou sendo o lugar onde as forças de Gogue foram sepultadas. As forças de Gogue foram até mesmo comparadas a sacrifícios oferecidos às aves de rapina e animais carniceiros – sacrifícios suculentos e agradáveis. Foi como se Deus estivesse em um banquete com as aves de rapina e os animais carniceiros, oferecendo a eles os exércitos para que comessem. Os exércitos foram também comparados a carneiros, cordeiros, bodes e novilhos engordados em Basã, isto é, um banquete e tanto. O poder que os exércitos tinham antes não serviria de nada, a não ser para fazê-los ser mais "apetitosos" aos animais selvagens. Deus separou um local para servir de sepulcro às forças de Gogue. O tal "vale dos Viajantes", o qual passaria a ser chamado "Hamom-Gogue" ("vale das Forças de Gogue", ou "vale da multidão de Gogue", ou "vale do tesouro de Gogue") é uma localização vaga. Isso porque, obviamente, Ezequiel não tinha em mente um local de sepultamento literal. Trata-se apenas de parte do cenário da narrativa. Pode ser que, no cenário, estivesse ao lado do mar da Galileia, mas a localização não é, de fato, importante. As forças de Gogue morreram e todo o povo sepultava os corpos e limpava a terra, sendo que isso demora sete meses (sete é um número completo, perfeito, divino). A ação de sepultamento dos ímpios por parte do povo de Deus dá testemunho da justiça de Deus. Enquanto isso, os animais selvagens se serviram com corpos ainda não sepultados, espalhando partes deles e complicando o sepultamento. Homens de Israel percorrem a terra para buscar eventuais restos mortais e sinalizá-los para que outros os sepultem. O vale onde os restos mortais das forças de Gogue foram enterrados foi então chamado comemorativamente de "cidade" – uma "cidade dos mortos" chamada "Hamoná" (que significa "massa de gente"

ou "multidão"), a qual é um testemunho daquilo que acontece com aqueles que desafiaram o Senhor e seus justificados. Assim, o resultado dessa batalha simbólica demonstra que o fim daqueles que permanecerem em uma posição de inimizade contra o povo de Deus é certo e serve de testemunho tanto para fiéis quanto para infiéis (veja 2.19.27. Ezequiel 39:11-20).

Uma das razões para os julgamentos de Deus é que sua glória seja manifestada para as nações. Israel foi infiel com o Senhor, apesar de todos os avisos, e teve como consequência sua conquista pela Babilônia e o cativeiro. Porém, Deus operou isso para o bem, punindo os culpados e preparando um remanescente mais fiel para retornar à terra prometida. Isso também declarou a santidade de Deus. O povo menor e mais fiel daria origem ao Messias posteriormente. O remanescente fiel que se reestabeleceu em sua terra, de fato, teve uma maior segurança em relação ao Israel antigo. Isso se deve, em parte, porque o povo sempre esteve sujeito a uma potência mundial, como nos casos do Império Persa, do Império Grego e do Império Romano. Relativamente falando, Israel habitou mais seguro em sua terra. No entanto, isso se cumpriu de uma forma maior na era da Igreja, onde o Messias, Jesus Cristo, uniu Israel e os gentios sob um mesmo povo por meio de sua vitória na cruz. O Espírito de Deus derramado sobre o povo, da mesma forma, teve seu ápice na era da Igreja. No entanto, o povo que se reestabeleceu na terra prometida após o exílio também teve uma maior comunhão com o Espírito do Senhor em relação ao antigo Israel, uma vez que foi mais fiel. A promessa em que Deus nunca mais esconderia o rosto do povo não significa que o reino físico de Israel jamais seria assolado por inimigos novamente, e nem denota que seria proeminente na Terra. Nem todo Israel é Israel. Na verdade, fazem parte do verdadeiro Israel todos aqueles que são fiéis a Deus, tanto fiéis que viveram no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento. Eles sempre encontraram refúgio no Senhor e, em última análise, habitarão seguros na verdadeira terra prometida, os novos céus e nova terra (veja 2.19.28. Ezequiel 39:21-29).

A terra de Israel havia sido atacada por uma praga de gafanhotos. Esses gafanhotos prefiguraram um exército poderoso que Deus iria mandar assolar a nação caso ela não se arrependesse. Os gafanhotos foram comparados, figuradamente, com tal exército, o qual era poderoso e muito numeroso. Assim, o profeta Joel se referiu à ameaça de um dia de julgamento local de Deus contra Israel, o qual seria realizado por meio do exército terrível prefigurado pelo ataque dos gafanhotos. Se o povo não se arrependesse, tal exército viria e arrasaria a nação. Se o ataque de gafanhotos já foi terrível, muito mais iria ser o dia do Senhor com o referido exército (veja 2.22.1. Joel 1:4-6 e 2.22.2. Joel 1:15). O dia em que Israel seria atacado pelo exército terrível prefigurado pelos gafanhotos foi retratado com figuras simbólicas tais como o Sol e a Lua e as estrelas escurecendo, o aparecimento de nuvens, grandes trevas, e o céu se abalando. Essas imagens não se referiram ao fim do mundo, mas é uma linguagem frequentemente aplicada na Bíblia para o fim de uma nação ou povo por um julgamento local da parte de Deus. Os julgamentos locais de Deus foram frequentemente realizados por um exército avassalador. Na verdade, os julgamentos locais prefiguram o juízo final, e essa é a razão do uso de tal linguagem (veja 2.22.3. Joel 2:1-11).

O arrependimento de Israel fez com que Deus o livrasse da praga de gafanhotos e deixasse de trazer o exército terrível prefigurado por ela. O povo daquela época que se arrependeu viveria em paz. Isso também prefigura o povo de Deus nos novos céus e nova terra, onde os fiéis nunca mais serão atacados por inimigos (veja 2.22.4. Joel 2:18-20). O povo da época de Joel que se arrependeu foi livrado tanto da praga de gafanhotos que o afligia quanto do exército terrível que era prefigurado pela praga e que estava por vir. Sem os gafanhotos, os alimentos puderam ser usufruídos com abundância e o povo louvou ao Senhor. Assim, Deus tornou evidente ao povo que apenas ele é Deus, e não há outro. O povo de Deus, ou seja, todo aquele que for fiel ao Senhor, chegará a um ponto em que não passará por vergonha alguma, particularmente a opressão por inimigos. Isso não é uma garantia de que o fiel não será oprimido durante sua vida física. No entanto, quando estiver com o Senhor, seja pela sua morte física ou pelo retorno de Jesus Cristo, não mais poderá ser envergonhado. A promessa se concretizará em sua plenitude nos novos céus e nova terra (veja 2.22.5. Joel 2:26-27).

Nações inimigas de Israel como Tiro, Sidom e Filístia causaram males ao povo de Deus e foram punidas. Uma das formas de punição foi a venda de pessoas dessas nações para a nação de Judá que, por sua parte, os vendeu à nação distante dos sabeus (veja 2.22.7. Joel 3:1-8).

No entanto, uma maior punição contra as nações inimigas do povo de Deus foi retratada em uma batalha simbólica que usa o vale de Josafá como pano de fundo. Nessa batalha simbólica, assim como no final do Livro de

Ezequiel, as muitas nações ímpias são ajuntadas para atacar o povo de Deus em um vale, sendo depois derrotadas pelo Senhor que, então, concede bênçãos ao seu povo. O vale de Josafá é um símbolo de destruição e julgamento para os infiéis e vitória para os fiéis (veja 2.22.7. Joel 3:1-8).

Deus retratou, por meio do profeta Joel, uma grande batalha simbólica em que as muitas nações ímpias são ajuntadas para atacar o povo de Deus no vale da decisão, ou vale de Josafá, com todas as suas forças e números. As nações ímpias são instigadas pelo Senhor a usar todas as suas forças e armas: até mesmo pessoas consideradas fracas são usadas na guerra, e equipamentos agrícolas são usados como armas. Nenhum recurso é desperdiçado. Os ímpios são retratados como uma enorme multidão que se dirige com força total para atacar o povo de Deus. Mesmo vindo com força máxima, são derrotados e comparados a uma quantidade enorme de uvas sendo pisoteadas em um lagar. Isso é uma figura de julgamento que indica uma derrota total para inimigos de Deus. Deus rugiu do meio de Jerusalém. Jerusalém representa o povo de Deus em comunhão com ele. Assim, Deus mostrou sua ira derrotando os inimigos de seu povo e o protegendo, sendo seu refúgio. Céus e terra tremeram, mas o povo de Deus permaneceu não afetado. Sol, Lua e estrelas deixam de brilhar, o que é uma linguagem de julgamento que transmite que o fim chegou para as nações ímpias. Assim, o objetivo dessa batalha simbólica é transmitir aos fiéis que não importa o tamanho do inimigo ou sua força. Em última análise, aquele que for fiel a Deus será preservado em comunhão com ele, enquanto aos infiéis resta apenas vergonhosa derrota e morte (veja 2.22.8. Joel 3:9-16).

A demonstração do poder de Deus e o julgamento das nações ímpias retratado na batalha simbólica no vale de Josafá atestam que ele é o Deus dos fiéis e que habita entre eles, protegendo-os e suprindo-os. Por meio do uso de imagens de coisas físicas agradáveis, bênçãos bem conhecidas por Israel, o profeta Joel, em última análise, apontou para o estado de plena comunhão com Deus nos novos céus e nova terra, onde as bênçãos terão magnitude máxima e nada que não seja santo existirá. A Jerusalém que representa o estado de plenitude dos fiéis será sempre habitada, sem a ameaça de inimigos ou de algo ruim. Por outro lado, nações infiéis como o Egito antigo e Edom, além de terem chegado ao fim da existência na Terra, punidos pelo Senhor por terem causado males a seu povo, são símbolos de todos os inimigos de Deus sendo punidos por ele. Em última análise, os justificados serão vingados no julgamento final, e o que restará para os não justificados é o banimento da presença de Deus, o que é representado pela desolação e deserto em que o antigo Egito e Edom se tornam na profecia. Deus habitará com seus justificados no estado de plenitude eterna após ter punido os não justificados (veja 2.22.9. Joel 3:17-21).

Como é comum nas profecias bíblicas, Zacarias 14 utiliza linguagem da cidade física e de coisas conhecidas no Antigo Testamento, mas o assunto é a cidade espiritual, Jerusalém celestial, sendo uma profecia sobre o reino do Novo Testamento. O assunto não é uma batalha literal, mas uma batalha simbólica com o objetivo de mostrar que o povo de Deus sofre, alguns morrem, mas um restante sobrevive. Isso é comparável à mensagem de Apocalipse que fala de perseguição, sofrimento, morte, mas não de derrota total do povo de Deus. É um tema comum nas profecias sobre o reino messiânico (a era cristã) no Antigo Testamento. Deus ajunta as nações para que lutem contra Jerusalém, isto é, o seu povo. As nações representam os gentios, ou o mundo, e seus ataques contra o povo de Deus. Assim, isso pode incluir a perseguição romana (assunto de outras profecias, especialmente de Daniel e de Apocalipse). Deus luta contra as nações e dá livramento ao seu povo, sendo que o profeta usou figuras fortes para mostrar que Deus salva o povo da perseguição das nações. Com uma cena simbólica, o profeta mostra que Deus é até mesmo capaz de abrir o monte das Oliveiras para fazer um vale e dar refúgio para o povo. Outra cena simbólica mostra que o dia escuro e frio abrirá para luz no final, isto é, há perseguição para os justificados, mas o Senhor está com eles e os guiará para a esperança certa da salvação (veja 2.30.20. Zacarias 14:1-7).

O profeta Zacarias relatou uma cena simbólica que retrata águas vivas fluindo de Jerusalém, o que significa a bênção da presença de Deus que dá vida para seu povo. O Senhor é o único rei sobre seu povo, que são aqueles que o ouvem e o obedecem. Coisas conhecidas pelos judeus foram utilizadas simbolicamente para representar que a habitação reservada para os justificados não tem mácula, nem maldição, e ali o povo de Deus é exaltado e habita em segurança (veja 2.30.21. Zacarias 14:8-11).

Os juízos de Deus recaem contra aqueles que maltrataram seu povo. Justificados de diferentes graus de fé enfrentam juntos os mesmos inimigos espirituais, e os mais "fortes na fé" devem auxiliar aqueles cuja fé ainda tem deficiências, ou aqueles que são mais novos na vida de fé. As coisas valiosas que estavam reservadas para as

pessoas que poderiam se converter, mas não o fizeram, serão concedidas àquelas que se converteram a Deus. Os novos céus e nova terra de Deus podem ser herdados por qualquer pessoa, pois Deus criou o ser humano para a comunhão íntima com ele, e não para perdição. No entanto, a posição de persistir no erro e no pecado, maltratando o povo de Deus, faz o ser humano perder as riquezas que Deus havia preparado para ele. Deus estava trabalhando para o bem de seu povo. Deus age para o bem daqueles que o amam (veja 2.30.22. Zacarias 14:12-15).

No reino messiânico, os gentios também reconhecem sua dependência de Deus, participando da nação santa. Nessa nação, a qual é a Jerusalém celestial, não há separação entre judeus e gentios. Tudo e todos nesse povo são santificados ao Senhor, uma nação santa e sacerdócio real. Aqueles que não se submeterem ao Senhor serão castigados (veja 2.30.23. Zacarias 14:16-21).

Nos dias do profeta Malaquias, o povo falhou porque fez ofertas inaceitáveis ao Senhor, uma vez que não foram feitas conforme Deus quis. No entanto, o profeta afirmou a vinda de um dia em que Deus aceitaria novamente a oferta de Judá e de Jerusalém: na Nova Aliança em Cristo, as ofertas aceitáveis são a adoração em espírito e verdade (veja 2.31.1. Malaquias 3:1-5).

3.1.6. A PROFECIA DAS SETENTA SEMANAS DE DANIEL

Uma das profecias de Daniel foi conhecida como as "setenta semanas". Essa profecia demarca acontecimentos importantes na escatologia bíblica.

A profecia iniciou com o decreto de Ciro para reconstruir Jerusalém e durou até a posterior queda do Império Romano. Essas setenta semanas foram divididas em "sessenta e nove semanas" e em uma "semana final". As sessenta e nove semanas foram divididas em "sete semanas" e "sessenta e duas semanas". Todas são períodos de tempo simbólicos e não proporcionais. Setenta anos literais depois de Jeremias profetizar os setenta anos de cativeiro, em 606 a.C., veio a ordem para restaurar e edificar Jerusalém em 536 a.C. Passadas sete semanas simbólicas das sessenta e nove semanas simbólicas, as muralhas e ruas de Jerusalém foram construídas em tempos de angústias, na época de Neemias. Passadas as outras sessenta e duas semanas simbólicas das sessenta e nove semanas simbólicas, ocorreu a primeira vinda de Cristo e sua morte na cruz. Na semana final das setenta semanas simbólicas, Cristo confirmou a aliança (a Nova Aliança) com muitos (judeus e gentios). Na "metade" dessa semana, instituída a Nova Aliança, não se deve mais guardar a Lei de Moisés. Veio então o Império Romano contra a nação judaica, destruindo Jerusalém e o templo. Jesus havia dito que "o abominável da desolação" de que Daniel falou é a destruição de Jerusalém pelos exércitos romanos, os quais profanaram o templo, à semelhança daquilo que ocorreu no passado com Antíoco Epifânio durante o domínio selêucida sobre os judeus. Isso, é claro, fez cessar os sacrifícios dos judeus devido à destruição do templo. No final da semana final simbólica das setenta semanas simbólicas, a destruição foi derramada sobre o assolador – ocorreu a queda do Império Romano (veja 2.20.5. Daniel 9:25-27).

Não foi concedido ao ser humano (nem mesmo aos apóstolos) saber quaisquer coisas referentes aos tempos e épocas do "calendário divino". Provavelmente, essa é uma das razões pelas quais várias referências a tempo aparecem em termos simbólicos na Bíblia (veja 1.5.1. Atos 1:6-11).

3.1.7. ASCENSÃO E QUEDA DE NAÇÕES PODEROSAS E SEUS DOMÍNIOS SOBRE A JUDÁ PÓS-EXÍLICA

Nações foram usadas por Deus como instrumentos de castigo contra outras nações, mesmo que não reconheçam o domínio do Senhor. Algumas nações se aproveitaram traiçoeiramente da fraqueza de Judá, mas foram punidas por isso. As próprias nações usadas por Deus para castigar seu povo também foram punidas (veja 2.26.3. Miqueias 4:6-5:1).

Quatro impérios mundiais poderosos existiram e caíram: o Império Babilônico, o Império Medo-Persa, o Império Grego e o Império Romano. O Império Romano foi o mais poderoso, porém, ao mesmo tempo, internamente frágil (veja 2.20.1. Daniel 2:31-45 e 2.20.2. Daniel 7:1-14). O reino de Judá sempre esteve subjugado às potências gentias, sendo finalmente subjugado pelo governo romano (veja 2.20.7. Daniel 11:2-4).

Quando Deus opera no mundo a fim de cumprir seus propósitos, é como se fizesse tremer o céu e a terra. Deus tem soberania sobre as nações da Terra e, independentemente do desígnio delas, fará cumprir seu plano.

Nações se levantam e caem, tal como a Assíria caiu diante da Babilônia, a Babilônia caiu diante da Pérsia, a Pérsia diante da Grécia, e a Grécia diante de Roma. Grandes mudanças ocorreram no mundo. Forças angélicas podem estar envolvidas na ascensão e queda das nações. Deus domina nos negócios das nações, levantando-as e derrubando-as, conforme o seu propósito é cumprido (veja 2.20.6. Daniel 10:12-21 e 2.29.2. Ageu 2:21-23).

O Império Romano tinha características dos impérios da Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia e, de certa forma, esses impérios "viveram por um tempo" em Roma (veja 2.20.1. Daniel 2:31-45 e 2.20.2. Daniel 7:1-14).

Em relação ao conflito entre a Grécia e a Pérsia, três reis ainda permaneceram na Pérsia, mas o quarto que se seguiu enfrentou a Grécia. A ordem dos reis persas a partir de Ciro foi Cambises, Smerdis, Dario Histaspes (Dario, o Grande) e Xerxes. Xerxes foi forte e rico e teve o confronto contra a Grécia. Depois, um poderoso rei da Grécia enfrentou a Pérsia: Alexandre, o Grande, o qual derrotou a Pérsia (veja 2.20.7. Daniel 11:2-4).

No entanto, no auge de seu poder, Alexandre morreu, sua esposa e seu filho foram mortos, e seu império se fragmentou em outros quatro impérios: Seleuco fundou o Império Selêucida, Cassandro tomou a Macedônia, Lisímaco tomou a Trácia e Ptolomeu I governou o Egito. Houve conflito entre duas dessas dinastias, a Síria (selêucidas) e o Egito (ptolomeus), o que também envolveu a queda final do Império Grego. A dinastia ptolemaica do Egito foi a última a cair. A nação de Judá se tornou uma espécie de "bola jogada para frente e para trás" entre essas duas potências dominantes. O rei da Síria chegou a voltar sua atenção para as ilhas do Mediterrâneo e conseguiu capturar muitas delas, mas logo seus avanços foram impedidos, e ele caiu. Nos últimos dias desses impérios surgiu Antíoco Epifânio, o qual governou a Síria entre 175 a.C. e 164 a.C. (veja 2.20.4. Daniel 8:2-26, 2.20.7. Daniel 11:2-4 e 2.20.8. Daniel 11:5-19).

Antíoco Epifânio IV ascendeu e tomou o lugar do rei da Síria por meio de manobras políticas, "intrigas", e governou a Síria de 175 a 164 a.C. Submetendo pequenos grupos, um de cada vez, se tornou progressivamente mais forte, sendo capaz de fazer o que seu pai não tinha feito: conquistar o Egito. O rei do Egito foi à batalha contra ele com um exército poderoso, mas não resistiu. Os dois reis chegaram a se sentar juntos em uma "mesa de paz", mas disseram mentiras um ao outro. Antíoco Epifânio retornou à Síria levando grande espólio de guerra. Mas ele estava contra a nação judaica e sua adoração a Deus. Apareceram, então, pela primeira vez, os representantes dos romanos – os "navios de Quitim", os quais, naquela época, também estavam no Egito. Os romanos ordenaram que Antíoco Epifânio retornasse ao lugar de onde tinha vindo. Em angústia e amargura, ele retornou e descarregou sua ira na nação judaica. Em seu esforço para consolidar seu reino pela imposição da cultura e divindades gregas aos seus súditos, Antíoco Epifânio viu a religião hebraica como um forte adversário de seu domínio sobre a Palestina. Ele conseguiu até mesmo derrubar o sumo sacerdote em Judá. Nos anos de 169-167 a.C., ele tomou a cidade de Jerusalém e saqueou o templo. Quando ele conquistou Jerusalém, pilhou o templo, ordenou que os judeus adorassem o ídolo grego que ele colocou no templo, ofereceu carne suína no altar, e encorajou os soldados gregos a cometer fornicação dentro do templo. Ele proibiu os judeus de circuncidarem seus filhos, de guardarem o sábado e até mesmo de possuírem uma cópia das Escrituras. O período total de abominação por Antíoco Epifânio ocorreu de 171 a.C. até 164 a.C. Ele foi poderoso e destruiu "os poderosos e o povo santo" no sentido de ter subjugado seus inimigos e os judeus. Toda essa abominação foi, mais tarde, utilizada por Jesus como um tipo do que aconteceria na "grande tribulação" durante os eventos da queda de Jerusalém que ele profetizou. Alguns judeus devem ter sido enganados para cometer erro, mas os fiéis (macabeus) não cederam às ordens de Antíoco Epifânio e resistiram a ele. Os fiéis se mantiveram na Palavra de Deus, mas muitos foram mortos. Isso foi cumprido com os macabeus, os quais começaram em 168 a.C. a revolta de Matatias, o velho sacerdote, o qual foi seguido por seus cinco filhos (veja 2.20.4. Daniel 8:2-26, 2.20.7. Daniel 11:2-4 e 2.20.9. Daniel 11:20-35).

O reino do Messias, no entanto, foi estabelecido, ainda que outras nações tenham atacado e causado aflição ao povo por um tempo. As vitórias do povo sobre os selêucidas, nos tempos dos macabeus, provavelmente foram preditas por Zacarias, o que foi usado como um tipo das promessas de vitórias do Messias sobre todos os seus inimigos – não vitórias carnais em guerras e conquistas de territórios, mas a remissão de pecados e conquistas de almas para Deus. O reino eterno é o do Senhor. E, de fato, o evangelho de Jesus venceu a sabedoria dos gregos. Assim, Deus abençoou e protegeu seu povo de Israel, que era precioso a ele como pedras preciosas de uma coroa, e o sustentou assim como o trigo e o vinho sustentavam as pessoas na época (veja 2.30.11. Zacarias 9:13-17). Deus castigou os líderes que abusavam do seu rebanho, os estrangeiros que governavam o povo e que não cuidavam

dele. Deus cuida dos seus, e estava com o povo de Judá para dar força a ele para vencer batalhas contra os inimigos, tal como foi na época dos macabeus (veja 2.30.12. Zacarias 10:3-5).

O período de liderança de João Hircano, um sumo sacerdote e membro da dinastia dos hasmoneus que governou a Judeia entre 135 a 104 a.C., foi marcado pelo declínio da dinastia selêucida – uma das quatro dinastias resultantes do Império Grego após a morte de Alexandre, o Grande, a qual havia tomado conta da Judeia. No entanto, o rei Antíoco VII morreu em 129 a.C., e seus sucessores não conseguiram imprimir um sistema que ameaçasse o controle da Judeia. João Hircano se utilizou dessa situação para ampliar as fronteiras e seu controle político (veja 2.24.1. Obadias 15-22 e a Escatologia do Livro de Obadias).

Os judeus reencontraram sua independência política e voltaram a ser regidos pela Torá. Por ocasião da morte de João Hircano em 104 a.C., o reino judaico havia atingido a sua maior extensão desde os tempos de Salomão. Quanto a isso, Flávio Josefo asseverou: "Hircano tomou ainda aos idumeus (descendentes dos edomitas) as cidades de Adora e Marissa e, depois de ter submetido toda essa grande província, permitiu-lhes lá permanecer, contanto que se fizessem circuncidar e adotassem a religião e as leis dos judeus. O temor de serem expulsos de seu país fê-los aceitar essas condições e desde então eles foram sempre considerados como judeus" (veja 2.24.1. Obadias 15-22 e a Escatologia do Livro de Obadias).

Anos depois, a dinastia ptolomaica no Egito, a última do Império Grego, foi finalmente destruída. A dinastia selêucida nessa época já tinha caído, assim como Antíoco Epifânio. Roma e seus exércitos sob Otaviano/Augusto destruíram os ptolomeus no Egito, especificamente sob Cleópatra, na Batalha de Áccio. Essa data é usada para marcar o fim da república romana e o início do Império Romano. Imperadores romanos se exaltaram e se engrandeceram acima de todos os deuses (blasfemando assim contra o "Deus dos deuses", o Senhor Deus), recebendo adoração como se fossem deuses. Foram exaltados como figuras de adoração e, mais tarde, perseguiram cristãos. Ao mesmo tempo, o "eclético" Império Romano tinha crença em vários deuses estrangeiros. Os dominadores romanos também eram devotados ao "deus das fortalezas", ou seja, o poder era o seu deus – eles adorariam e serviriam qualquer deus contanto que isso significasse que eles conquistariam. Os romanos, ao mesmo tempo, se exaltavam acima de outros deuses, mesmo se devotando a vários deuses (um paradoxo que se aplica muito bem a um império feito de um amálgama de muitas nações). Roma derrotou inimigos do norte e do sul, entrando também na Palestina, mas ainda não invadindo as terras de Edom, Moabe e Amom (por enquanto). Ao conquistar o Egito, obteve muitos despojos e os líbios e os etíopes se tornaram seus cativos. No entanto, rumores do oriente (partas) e do norte (germanos) sempre perturbaram Roma. Essas áreas nunca foram realmente submetidas por Roma, e os romanos tinham que batalhar nesses lugares. Roma se estabeleceu na Palestina e passou a dominar a nação de Judá. O Império Romano prosperou (isto é, não foi o alvo primário da ira de Deus) até que "a indignação" fosse completada, ou seja, com a "destruição do poder do povo santo" – a queda de Jerusalém em 70 d.C. Porém, tal império já tinha seu fim marcado por Deus e nada remediaria sua queda (veja 2.20.10. Daniel 11:36-45).

3.1.8. A VINDA DO MESSIAS E SEU REINO ESPIRITUAL

O apóstolo Paulo afirmou claramente aos cristãos coríntios do primeiro século que o fim dos tempos já havia chegado. Assim, os últimos dias já estavam presentes desde o primeiro século (veja 1.7.4. 1 Coríntios 10:11, 1.16.2. 2 Timóteo 3:1-5 e 1.22.1. 1 João 2:18-19). O caráter das pessoas tornava difícil a aceitação da Palavra de Deus já naquela época (veja 1.16.2. 2 Timóteo 3:1-5).

O profeta Jeremias já havia profetizado que a arca da aliança deixou de ser o foco central do povo de Deus (veja 2.17.1. Jeremias 3:15-18). Enquanto o Antigo Testamento ainda estava em vigor, Deus havia informado seu povo sobre sua intenção de instituir a Nova Aliança, a qual veio por meio do evangelho de Jesus Cristo, proclamado inicialmente na terra de Israel. O sistema judaico, em seus últimos dias, foi substituído pela Nova Aliança em Cristo, aliança na qual as pessoas entram já conhecendo o Senhor, têm seus preceitos em suas mentes e corações, e recebem plena remissão de pecados. Essa é a aliança final com a humanidade, tanto para judeus (descendentes do antigo reino do norte, Israel, e do reino do sul, Judá) quanto para gentios, e isso foi como um "levantar da terra", isto é, como uma ressurreição de um povo morto – uma ressurreição espiritual por meio do Messias. Até mesmo ocorreu uma inclusão de um remanescente dos filisteus após o juízo de Deus sobre eles, o que provavelmente se refere à participação de pessoas daquela região no reino de Cristo no Novo Testamento (veja 2.17.5. Jeremias 31:31-34, 2.19.6. Ezequiel 16:60, 2.21.1. Oseias 1:10-11, 2.26.2. Miqueias 4:1-4 e 2.30.9. Zacarias 9:7).

Em Cristo, o verdadeiro tabernáculo de Deus é erigido de forma espiritual, primeiramente com a Igreja e, na plenitude do reino de Deus após a segunda vinda de Cristo, nos novos céus e nova terra (veja 2.19.23. Ezequiel 37:21-28).

Por causa da persistência dos judeus no pecado, Deus poderia castigar sua terra com maldição, como já ocorreu antes. O castigo de uma nação é uma visitação do Senhor e um dos dias do Senhor anunciados na Bíblia. De fato, Deus tinha preparado um grande e terrível dia do Senhor contra os judeus, os quais foram assolados em 70 d.C. na destruição do templo e de Jerusalém. No entanto, antes de isso acontecer, um remanescente dos judeus foi preparado para receber o Messias, para o estabelecimento de um povo que adore a Deus em espírito e verdade. Para tanto, Deus enviou o profeta Elias. No entanto, ao contrário da crença de muitos judeus, o profeta Elias referido pelo profeta Malaquias não era literalmente o profeta Elias, mas alguém no poder e espírito de Elias, isto é, João Batista, o arauto que anunciou o Messias, Jesus Cristo (veja 2.31.3. Malaquias 4:5-6). João Batista foi o arauto no espírito e poder de Elias que preparou o povo para receber Jesus Cristo, o qual cumpriu todas as coisas anunciadas no Antigo Testamento sobre o Messias. Ao contrário de muitas expectativas do povo, o reino messiânico tem um caráter espiritual e não é expandido por meio de guerras carnais (veja 3.1.1. Os Juízos de Deus, o Anúncio do Messias e seu Reino).

A vinda de Cristo à Terra foi uma visitação de Deus aos seres humanos. Ele foi ao templo, subitamente, mas não sem anúncio. João exortou o povo a mudar sua maneira de agir. Jesus continuou esse tema, ressaltando não somente a pureza de ação, mas também de pensamento. Suas palavras eram como fogo purificador (veja 2.31.1. Malaquias 3:1-5). Jesus foi enviado primeiramente aos judeus, e aqueles que deles se converteram a Cristo são aqueles a quem o "Redentor" da profecia veio. "Redentor" é o termo utilizado para quem paga o preço total necessário para ajudar seu próximo (veja 2.16.50. Isaías 59:17-20). Jesus é o "Renovo de justiça" que vem da descendência de Davi, e foi em ministério terrestre que a nação de Judá começou a conhecer a salvação de Deus e os judeus começaram a ter condições de habitar espiritualmente seguros em Deus, vendo o juízo e a justiça de Deus na Terra. A expressão "SENHOR, Justiça Nossa" é uma das formas de expressar a justiça de Deus e a redenção de seu povo na plenitude do plano de salvação (veja 2.17.3. Jeremias 23:5-6 e 2.17.6. Jeremias 33:15-16). Jesus Cristo é o rei que conduz o povo de Deus. Ele congregou um remanescente de Israel, isto é, os judeus que nele creram, enquanto buscava os perdidos, os quais foram considerados como ovelhas perdidas, cuidando delas como o bom pastor. Elas entraram e saíram pela porta, que é o próprio Cristo, para achar pastagens, isto é, obter as bênçãos espirituais de Deus (veja 2.26.1. Miqueias 2:12-13). Jesus testemunhou contra feiticeiros, adúlteros, mentirosos, opressores, e contra aqueles que não temem a Deus (veja 2.31.1. Malaquias 3:1-5). Os judeus que seguiram Cristo foram descendentes de um remanescente que veio do povo que retornou do exílio, os quais deixaram o orgulho, a mentira, o engano e a rebelião contra Deus, tornando-se um povo modesto, humilde e que confia em Deus. Eles espalharam a mensagem do evangelho pelo mundo, a qual torna pessoas de vários povos em fiéis. Esses fiéis são apascentados como ovelhas por Jesus Cristo e não têm o que temer, pois Deus está com eles (veja 2.28.4. Sofonias 3:8-13). Em Jesus se encontra o cumprimento real das promessas feitas por Ageu e Zacarias sobre a paz em Jerusalém, isto é, os justificados. Em Jesus, aqueles que eram cativos pelo pecado e que estavam sem a vida que provém de Deus encontram esperança, refúgio, proteção, conforto e bênçãos espirituais "em dobro" em relação ao que o povo de Deus antes experimentou (veja 2.30.10. Zacarias 9:9-12).

A Galileia dos gentios, ou seja, as regiões que compreendiam as terras antes assoladas por guerras anteriores, regiões desprezadas e que estavam longe da luz dos ensinamentos do Senhor (as terras da antiga divisão tribal de Zebulom e Naftali, mais tarde englobando o Mar de Quinerete/Galileia/Tiberíades/Genesaré, as regiões de Gileade e Basã, os antigos reinos de Moabe e Amom, as tribos de Rúben, Gade e metade da tribo de Manassés, as quais foram a Pérsia da geografia posterior), foi o cenário em que resplandeceu a luz do Messias, Jesus Cristo. A referida região foi desprezada nos "primeiros tempos", mas viu luz nos "últimos tempos", o que significa que os dias da época de Cristo já eram considerados os "últimos dias" desde a época do Antigo Testamento. A época do Antigo Testamento, por sua vez, foi considerada como os "primeiros dias". A ausência da prática dos ensinamentos de Deus foi comparada, na profecia, a uma região à "sombra da morte" (veja 2.16.9. Isaías 9:1-2). Lugares afastados de difícil acesso ansiavam pela doutrina do Senhor e a receberam (veja 2.16.30. Isaías 42:4). Já no presente mundo, por meio do evangelho, ninguém é excluído da adoração a Deus: todos que se converterem ao Senhor tornam-se filhos e, se forem obedientes, podem entrar na sua presença para adorar (veja 2.16.58. Isaías 66:18-24).

Ninguém na Terra estava revelando verdades espirituais como Jesus, uma vez que ninguém havia subido ao céu para voltar e falar sobre o que havia visto e aprendido. Ninguém na Terra viu o que Jesus viu e, portanto, não pôde ensinar o que ele ensinou (veja 1.4.1. João 3:13). Jesus cumpriu o Salmo 16, e não Davi, e esse argumento foi usado pelos apóstolos Pedro e Paulo como prova aos ouvintes de que Jesus é o Messias (veja 1.5.3. Atos 2:24-35; 1.5.5. Atos 13:34-37). Paulo afirmou que Jesus Cristo é "o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem ninguém jamais viu, nem é capaz de ver". Ser o único que possui imortalidade implica na sua divindade, como a divindade de Deus Pai, uma vez que Deus Pai é imortal da mesma forma. Deus é o único que é imortal por si mesmo, sem que algo ou alguém mais conceda isso a ele, o que implica que qualquer criação ou criatura não pode ser imortal por si mesma – isso tem que ser concedido por Deus (como no caso da ressurreição dos justificados). Habitar em "luz inacessível que ninguém viu e nem é capaz de ver" significa que apenas Cristo pode, como Deus, ter essa luz e habitar nela por si mesmo (veja 1.15.1. 1 Timóteo 6:14-16 e a Escatologia da Primeira Epístola a Timóteo).

Pecados difíceis de evitar, como o adultério, conduzem à morte se não forem justificados pela conversão a Deus (veja 2.13.4. Provérbios 5:5, 2.13.5. Provérbios 7:27 e 2.13.4. Provérbios 9:18). A sabedoria e o temor de Deus livram tanto da morte física quanto da morte espiritual, ou seja, o banimento eterno da presença de Deus (veja 2.13.10. Provérbios 13:14 e 2.13.12. Provérbios 14:27). Disciplinar a criança (o que inclui algum castigo físico, se necessário) é essencial para gerar nela um caráter íntegro, o qual a tornará mais propensa a andar nos caminhos do Senhor (veja 2.13.17. Provérbios 23:14). Qualquer um que tiver qualquer pecado (por menor que pareça), se não se arrepender, não será justificado e receberá punição. Jesus enfatizou a necessidade de arrependimento (veja 1.3.12. Lucas 13:2-5).

Jesus afirmou ser a ressurreição e a vida. Aqueles que nele creem, isto é, aqueles que "dele se alimentam", os justificados, aqueles que viveram conforme seus ensinamentos, jamais experimentarão a mais profunda experiência da morte, ou seja, o banimento da presença de Deus para a punição final. Mesmo que morram fisicamente, serão ressuscitados por ele, para viver para sempre, no "último dia", ou seja, em sua segunda vinda (veja 1.4.3. João 6:39-40, 1.4.4. João 6:54, 1.4.5. João 8:51, 1.4.8. João 11:25-26, 2.13.9. Provérbios 11:4 e 2.13.14. Provérbios 15:24). O Senhor pode redimir a vida da morte, o que é, em última análise, uma alusão à ressurreição dos mortos. O perdão dos pecados está ligado à esperança do fiel do Antigo Testamento de redenção da morte. Deus faz justiça e traz a retribuição em favor daqueles que são oprimidos. Isso é particularmente notável em relação ao seu povo, o qual frequentemente é oprimido pelo mal no mundo (veja 2.12.35. Salmo 103:3-6). Uma conduta justa proveniente da Palavra de Deus frequentemente livra da morte física, uma vez que as pessoas que amam e honram ajudarão outros em casos de perigo, e Deus pode conceder a elas uma bênção de vida longa. A conduta justa conseguida pela conversão ao Senhor e aplicação de seus ensinamentos também sempre livrará do banimento da presença de Deus, que é a morte eterna (veja 2.13.7. Provérbios 10:2). Nenhuma confiança ou esforço colocado para seguir a Cristo e levar sua Palavra para outras pessoas será em vão, ainda que haja sofrimentos (veja 1.16.1. 2 Timóteo 1:12).

Até mesmo a criação material, mais especificamente o ambiente onde vive o ser humano, é representada como possuindo um desejo ardente de ver os cristãos manifestados em glória na ressurreição dos mortos. Quando isso ocorrer, as coisas terrestres terão cumprido seu propósito e serão desfeitas, sendo que os fiéis obterão sua recompensa total em novos céus e nova terra com corpos glorificados como o de Cristo. É como se a criação aguardasse esse evento ansiosamente para ter livramento da angústia que o homem inflige a ela e poder "morrer em paz" com seu propósito cumprido (veja 1.6.1. Romanos 8:19-23).

A Palavra de Cristo traz vida às pessoas fisicamente vivas e espiritualmente mortas. Os justificados não experimentarão a mais profunda experiência da morte, apenas a morte física (veja 1.4.2. João 5:24-29 e 2.12.29. Salmo 86:13). A salvação em Cristo não é para anjos, mas para a "descendência de Abraão", ou seja, aqueles que andam segundo o caminho de Abraão – em última análise, os cristãos (veja 1.18.1. Hebreus 2:16). Uma posição de rejeição total e contínua de Deus não produz arrependimento e, assim, é o único pecado que não tem perdão (veja 1.1.13. Mateus 12:31-32). Ainda que pessoas tenham tido alguma relação com Cristo, se não obedeceram a ele, serão rejeitadas no juízo final. São poucas as pessoas que são salvas, e é necessário esforço para permanecer na Palavra de Deus (veja 1.3.13. Lucas 13:23-30). Aquele que persevera no caminho de Deus na vida física se prepara para a eternidade, sendo comparável a alguém que está construindo um lar espiritual eterno, plantando alimento para a eternidade, ou trabalhando duro para usufruir dos resultados pela eternidade. Os filhos gerados pelos fiéis são a

conversão de outras pessoas ao Senhor, as quais são filhos de Deus gerados não para calamidade, mas para glória eterna. Nenhum trabalho no Senhor é em vão, pois os justificados são posteridade bendita do Senhor (veja 2.16.56. Isaías 65:17-25).

A morte é uma separação. Morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus (veja 1.19.1. Tiago 2:26). Nem todos aqueles que estão fisicamente vivos são considerados como vivos pelo Senhor. Aquele que está fisicamente vivo, mas afastado de Deus, é contado como morto (veja 1.1.5. Mateus 8:21-22). A alma de uma pessoa não tem preço e ninguém pode pagar o preço de sua redenção. É como se aquele que pecou tivesse um "débito infinito" com Deus, sendo que esse débito somente pode ser pago com o sacrifício de Cristo na cruz. No entanto, esse sacrifício não será permitido a "quitar a dívida" daquele que não for justificado por Deus. Jesus, acompanhado de seus anjos, efetuará julgamento conforme o que cada julgado fez, o que alude a um julgamento justo. O reino de Deus já estava presente no primeiro século, em meio aos não justificados, e seu estabelecimento foi considerado uma vinda do Senhor (veja 1.1.15. Mateus 13:37-43, 1.1.18. Mateus 16:26-28, 1.2.3. Marcos 8:36-9:1, 1.3.5. Lucas 9:25-27 e 1.3.21. Lucas 22:29-30). Assim, esse reino dos céus está associado com a vinda de Cristo e o juízo final, sendo que o reino já pertencia a Cristo desde o primeiro século – ele se ausentou por um tempo e, mais tarde, voltará para exigir prestação de contas (veja 1.3.17. Lucas 19:11-24).

Jesus foi a Jerusalém com humildade, apesar de ser o rei, montado em um jumentinho, poucos dias antes de sua morte (veja 2.30.10. Zacarias 9:9-12). Foi vendido por um preço de 30 moedas de prata por Judas Iscariotes, um preço desprezível ao se considerar tudo o que ele fez pelo povo (veja 2.30.14. Zacarias 11:10-14). Deus chamou a espada contra seu pastor e companheiro, isto é, Jesus Cristo. Embora os homens tivessem culpa por terem crucificado Jesus, isso aconteceu pelo determinado desígnio e presciência de Deus. Jesus morreu na cruz voluntariamente, conforme a vontade do Pai. Os discípulos estavam escandalizados e perdidos quando Jesus foi preso e morto (veja 2.30.19. Zacarias 13:7-9).

Deus demonstrou sua graça para o povo de Israel quando as pessoas viram aquele a quem traspassaram, o próprio Senhor que elas rejeitaram, e lamentaram por ele. O pranto foi geral para o verdadeiro povo de Deus, similar ao pranto no vale de Megido, isto é, provavelmente foi como a lamentação por Josias quando ele morreu na batalha de Megido. A lamentação incluiu todo o povo: a família real, a família de Zorobabel, a família de Jesus, a família sacerdotal (a qual representa os sacerdotes e levitas), e todas as demais famílias – o pranto do arrependimento foi geral. Mas Deus deu ajuda aos pequeninos, isto é, restou uma parte dos judeus que creram em Cristo, passaram por provações, foram purificados, e se tornaram povo de Deus. Aqueles que são do Senhor sempre encontram um momento de pesar por causa do Salvador que purificou seus pecados na cruz, especialmente na celebração da Ceia do Senhor. Lembrar do Cristo crucificado, certamente, traz um espírito de graça e de súplicas (veja 2.30.17. Zacarias 12:10-14 e 2.30.19. Zacarias 13:7-9).

Após a morte de Jesus na cruz, com o tremor de terra, túmulos de fiéis foram abertos, os quais ressuscitaram (veja 1.1.36. Mateus 27:51-53). Jesus, antes de subir para assumir a sua posição à destra do Pai, desceu à terra, até mesmo às suas regiões inferiores (veja 1.10.1. Efésios 4:8-9). A alma de Jesus esteve no mundo dos mortos por três dias (veja 1.1.14. Mateus 12:40-42 e 1.3.8. Lucas 11:30-32). Depois de Jesus ressuscitar, fiéis saíram de seus túmulos e apareceram a muitas outras pessoas em Jerusalém. Aparentemente, apenas Mateus soube desse ocorrido. Não há outra informação de quem são os referidos fiéis e nem do que ocorreu com eles (veja 1.1.36. Mateus 27:51-53). Logo depois que Jesus ressuscitou e saiu do sepulcro, ainda não tinha ascendido a Deus Pai de forma permanente com seu corpo ressurreto (veja 1.4.11. João 20:17). Ninguém ascendeu ao céu por si mesmo ou por seu próprio ato além de Cristo (veja 1.4.1. João 3:13).

Jesus foi o primeiro a ter o corpo ressurreto e glorificado e, desde sua ressurreição, reina à destra de Deus Pai, tendo todas as coisas estão em sua sujeição, até que todos os inimigos sejam derrotados e, então, o reinado será retornado a Deus Pai (veja 1.1.25. Mateus 22:44, 1.2.8. Marcos 12:36, 1.3.19. Lucas 20:41-43, 1.7.7. 1 Coríntios 15:20-28 e 1.12.1. Colossenses 1:18). Jesus subiu aos céus, com isso vencendo o cativeiro do pecado e concedendo a graça. Depois de mostrar a sua submissão, cumprindo a missão que o Pai deu a ele, Jesus foi exaltado e concedeu servos para edificar o corpo de Cristo, a Igreja, derrotando a escravidão do pecado (veja 1.10.1. Efésios 4:8-9). Muitos dos cristãos que foram testemunhas oculares do Cristo ressurreto ainda estavam vivos no momento em que Paulo escreveu a carta de 1 Coríntios, mas alguns morreram (veja 1.7.5. 1 Coríntios 15:6). Se Cristo não tivesse ressuscitado, os pecados não teriam sido perdoados e a fé do cristianismo seria vã. Também, aqueles que creram

em Jesus e faleceram estariam perdidos. Assim, não é apenas a morte de Cristo na cruz que foi necessária para o perdão de pecados, mas também a ressurreição dele (veja 1.7.6. 1 Coríntios 15:16-19). Após sua ressurreição, Jesus recebeu toda autoridade nos céus e na Terra e é rei que age com sabedoria e que executará o juízo final, trazendo a justiça plena (veja 2.17.3. Jeremias 23:5-6).

O mundo criado para ser o ambiente onde o ser humano vive faz parte do reino de Deus, o que implica que Cristo já era rei desde o primeiro século (veja 1.1.15. Mateus 13:37-43). Satanás falhou em destruir o Cristo e falhou em destruir o povo de Deus. Não havia mais lugar para ele como acusador em meio aos seres celestiais. Agora, ele pode apenas perseguir o povo de Deus na Terra (veja 1.24.26. Apocalipse 12:1-18).

O reino de Deus não é material, mas é mais importante do que tudo desta vida – e, ironicamente, aqueles que mais tinham riquezas espirituais, os judeus, as desprezaram em favor até mesmo de riquezas físicas. Por outro lado, aqueles que menos tinham riquezas espirituais, os gentios, deram o devido valor às riquezas espirituais de Deus (veja 1.3.15. Lucas 16:19-31). Jesus afirmou que sua Igreja é edificada sobre ele mesmo, a rocha confessada por Pedro em sua declaração de que Jesus é o Cristo. Judá e Jerusalém simbolizam o reino espiritual de Deus, os convertidos a Cristo, a Igreja, e as ofertas aceitáveis são a adoração em espírito e verdade na Nova Aliança. A Igreja representa todos os salvos e a remissão da morte e do mundo dos mortos tão aguardada pelo fiel do Antigo testamento (veja 1.1.17. Mateus 16:18, 2.13.14. Provérbios 15:24 e 2.31.1. Malaquias 3:1-5). Esse é o reino concedido aos apóstolos, o reino de Deus e de Cristo, o qual já estava presente no primeiro século e que virá em sua maior plenitude na segunda vinda de Cristo – Deus Pai deu autoridade e poder a Jesus Cristo, o qual ascendeu ao céu após sua ressurreição e efetua julgamento contra as nações. Seu reino, manifestado na Terra pela Igreja, não terá fim. Os discípulos estarão à mesa do Senhor, ou seja, estarão em comunhão com ele, e participarão do julgamento final julgando a todo o Israel (veja 1.3.5. Lucas 9:25-27, 1.3.21. Lucas 22:29-30 e 2.20.2. Daniel 7:1-14). Esse reino dos céus é, portanto, associado com a vinda de Cristo e o juízo final e já pertence a Cristo – ele se ausentou por um tempo e, mais tarde, voltará para exigir prestação de contas (veja 1.3.17. Lucas 19:11-24). A plenitude do reino de Deus não pode ser herdada por corpos carnais e corruptíveis, os quais não podem permanecer na eternidade com o Senhor (veja 1.7.8. 1 Coríntios 15:35-55). Nenhuma pessoa imoral, impura, ou avarenta tem lugar no reino de Deus. Nem no presente, nem no porvir. Avareza é associada com idolatria, um dos pecados mais odiados por Deus. O reino é de Cristo e de Deus Pai – de ambos (veja 1.10.3. Efésios 5:5).

Os fiéis do Antigo Testamento eram apenas estrangeiros e peregrinos porque sabiam que a verdadeira herança não estava no planeta Terra, mas em uma pátria celestial – o próprio céu. A cidade preparada por Deus para seus fiéis é, em última análise, os novos céus e nova terra onde os justificados terão comunhão total com o Senhor. Não há herança para os fiéis no planeta Terra, o qual será destruído pelo fogo na segunda vinda de Cristo (veja 1.18.6. Hebreus 11:13-16, 1.21.4. 2 Pedro 3:7-16, 1.24.45. Apocalipse 20:1-10, 2.12.36. Salmo 104:5, 2.13.8. Provérbios 10:30 e 2.14.1. Eclesiastes 1:4).

Deus fez sua justificação acessível em Cristo, pois o caminho da salvação está dentro de um alcance fácil para o ser humano. Não há necessidade de tomar a habitação do céu por força e nem ir ao maior abismo do mundo dos mortos para receber a salvação em Cristo (veja 1.6.2. Romanos 10:6-7). A obediência e a prática cristã protegem as pessoas dos ardis de Satanás (veja 1.6.5. Romanos 16:20). Jesus afirmou que sua Igreja é edificada sobre ele mesmo, a rocha confessada por Pedro em sua declaração de que Jesus é o Cristo. A Igreja representa todos os salvos e a remissão da morte e do mundo dos mortos tão aguardada pelo fiel do Antigo Testamento (veja 1.1.17. Mateus 16:18). Toda a profecia de Joel 2:28-32 foi cumprida na época da Igreja primitiva, inclusive os prodígios, sinais, escurecimento do Sol, etc. Os "últimos dias" já correspondiam à época dos apóstolos, no primeiro século. O derramamento do Espírito se cumpriu na Igreja primitiva com dons espirituais, revelações e profecias da parte dos cristãos primitivos. A linguagem cataclísmica e o dia do Senhor da profecia de Joel 2:28-32, segundo o apóstolo Pedro, correspondem à queda de Jerusalém de 70 d.C. e implicam no "fim do mundo judeu" (veja 1.5.2. Atos 2:14-21, 1.22.1. 1 João 2:18-19 e 2.22.6. Joel 2:28-32).

A profecia de Isaías 11 se cumpriu na primeira vinda de Cristo e no seu legado deixado na Terra, a Igreja. Isaías profetizou sobre o renovo, ou rebento, que surgiu das raízes de Jessé, pai de Davi, e o identificou como aquele que tem o Espírito do Senhor que confere a ele conselho, fortaleza, conhecimento e temor do Senhor. A profecia se referiu ao caráter do rei então vindouro e da natureza pacífica e justa de seu reinado. Quando Jesus veio à Terra, certamente não julgou segundo a aparência e nem tomou decisões pelo que ouviu dizer, mas fez tudo pela

sabedoria e justiça de Deus, segundo o poder do Espírito Santo. Jesus aplicou a justiça de Deus, a qual justificava o pobre de espírito e os mansos da terra, porém, ao mesmo tempo, condenava os perversos. Após sua ressurreição, Cristo recebeu toda autoridade nos céus e na terra e, após sua ascensão ao céu, passou a governar em um trono celestial, e não terreno. A partir desse trono, à destra de Deus, é a palavra dele que traz punição para os não justificados, o que resulta nas visitações de Cristo para julgamento local contra as nações. Jesus, pela sua Palavra, continua trazendo juízo às nações da Terra, até que chegue o dia de sua segunda vinda, o juízo final, a qual trará fogo à Terra para sua destruição e eliminará o homem da iniquidade. Os julgamentos de Cristo sempre foram alicerçados na justiça e na verdade. As figuras utilizadas na profecia em que vários animais hostis um ao outro habitam juntos em paz, tanto entre eles mesmos quanto entre as pessoas, são símbolos da paz que é obtida ao se converter a Cristo e viver seus ensinamentos. O santo monte de Deus é uma figura para o reino de Deus na Terra, ou seja, a Igreja, onde há a paz e a glória de Deus. Os convertidos a Cristo formam a Igreja, e nela há convertidos de todos os níveis sociais, diferentes nações, diferentes etnias, etc. Aqueles que eram inimigos antes de se converterem a Cristo passam a ser irmãos após a conversão. A Igreja se espalhou para todas as direções da Terra a partir de Jerusalém do primeiro século, conquistando os inimigos espirituais (cobiça, inveja, mentira, escravidão ao pecado, etc.), os quais foram representados na profecia pelas nações que eram inimigas do antigo Israel. O Senhor possibilitou o caminho para chegar à conversão a Cristo, o que foi representado na profecia como o endireitamento do terreno dos antigos inimigos de Israel, de forma que aqueles que buscam a Cristo possam chegar a ele (veja 2.16.11. Isaías 11:1-16). Em uma das profecias de Ezequiel, tanto judeus, representados por Jerusalém, quanto gentios considerados grandes pecadores, representados por Samaria e Sodoma, podem ser igualmente restaurados a Deus pelo evangelho de Jesus Cristo (veja 2.19.5. Ezequiel 16:53-55). Em uma das profecias de Sofonias, os justificados representados como a "filha de Sião", "Israel" e "filha de Jerusalém" são o povo cujos inimigos e punições foram removidos pelo Senhor, ou seja, os remidos pelo evangelho. Os inimigos e punições representam os pecados que são perdoados aos justificados, os quais não precisam mais ter medo e nem desfalecer diante das dificuldades da vida. O Senhor estando no meio deles é Jesus Cristo, o qual está entre sua Igreja, poderoso para salvá-la quando surgir a necessidade. O Senhor se alegra muito com seus remidos, com júbilo, e os renova no seu amor (veja 2.28.5. Sofonias 3:14-17).

Os cristãos são um povo pacífico que atenta para bênçãos espirituais, e não coisas físicas como a conquista de territórios por meio de guerra. Portanto, os servos do Messias não precisam de cavalos, carros de guerra ou fortalezas, uma vez que vencem de forma espiritual. A guerra passou a ser espiritual, com o foco de trazer pessoas para o Senhor, o que é simbolizado em profecias em que as pessoas não mais possuem armas de guerra, mas ferramentas para colher frutos a Deus, ou seja, convertidos. Os cristãos de nações diferentes não guerreiam uns com os outros, mas andam juntos na luz do Senhor – a Nova Aliança. Os justificados têm paz com Deus e não precisam temer coisa alguma, e terão uma pátria celestial que nunca será tirada deles (veja 2.16.2. Isaías 2:2-5, 2.26.2. Miqueias 4:1-4, 2.26.7. Miqueias 5:10-15 e 2.30.10. Zacarias 9:9-12). O Messias e seu povo derrotam muitos povos e conquistariam suas riquezas. Isso, porém, não é realizado em termos de guerras e conquistas materiais: o reino espiritual de Cristo derrota os inimigos convertendo pessoas a Deus e fazendo-as usar seus recursos para sua obra redentora. Assim, pessoas e bens são conquistados para Deus e consagrados a ele. O reino espiritual de Jesus não pode ser derrotado pelas nações ímpias e triunfa, ainda que fiéis sejam mortos (veja 2.26.3. Miqueias 4:6-5:1). Os justificados não se darão à idolatria, pois apenas Deus deve ser adorado. Quanto aos não justificados, serão castigados, pois a ira de Deus permanece sobre eles (veja 2.26.7. Miqueias 5:10-15).

O remanescente de Jacó, isto é, aqueles que creram em Cristo e propagaram a Igreja, foram comparados como orvalho ou chuvisco que refresca. Isso significa que o povo de Cristo traz as boas novas da salvação ao mundo. A comparação desse remanescente com um leão ou leãozinho que domina alude à vitória que Jesus teve sobre o mundo, a qual é dada aos seus justificados. A vitória, assim como a luta, é espiritual, e não carnal (veja 2.26.6. Miqueias 5:6-9). Pela graça de Deus, muitos "dons" são dados àqueles que participam da vitória da salvação. Esses dons são as pessoas que ajudam os cristãos enquanto crescem no Senhor. Deus exige unidade, mas não o faz sem oferecer recursos necessários para tê-la. Assim, equipou os cristãos para construir e manter uma igreja unida (veja 1.10.1. Efésios 4:8-9). As pessoas que praticam a vontade de Deus permitem que o Espírito Santo seja uma "identificação" ou "selo" delas como justificadas para o juízo final e a consequente glória eterna. Elas serão redimidas de um mundo carnal imperfeito para sempre (veja 1.10.2. Efésios 4:30). Cristo estabelece a paz do ser humano com Deus e entre aqueles que seguem a ele. Os inimigos, quaisquer que sejam, não podem tirar essa paz espiritual provida pelo Messias, o qual dá a seu povo segurança e vitória sobre os seus inimigos. Porém, não em um sentido material. Quaisquer que sejam os inimigos espirituais, os cristãos podem vencê-los por meio do poder

de Jesus Cristo. Jesus sempre levanta um número de homens fiéis suficiente para auxiliar os cristãos a vencer seus desafios. Em defesa da Igreja serão levantados muitos pastores e mestres (pois em nenhum momento será abandonada por Cristo) de modo que, por mais que as perseguições possam aumentar, nunca faltarão homens fiéis para ensinar e exortar à fé (veja 2.26.5. Miqueias 5:5-6).

Aqueles que seguem o Senhor serão perseguidos pelos não justificados e tentados pelo pecado. No entanto, quando os não justificados tentam abalar o povo do Senhor, são feridos, ou seja, cedo ou tarde sofrerão juízo do Senhor. As tentações são vencidas em Cristo. As armas que os não justificados utilizam, bem como os meios pelos quais as tentações se manifestam, não terão o efeito esperado, por causa da intercessão de Deus a favor do seu povo. Os justificados usam o evangelho para conquistar os inimigos de Deus. Mais pessoas, ao verem os justificados de Deus tendo sua proteção e cuidado, se convertem ao Senhor. Assim, também passam a triunfar. Esse triunfo significa que são perseguidos por não justificados e atacados por tentações. No entanto, por causa disso, os juízos do Senhor recaem contra os não justificados que os perseguem, e as tentações são vencidas. O evangelho é a forma pela qual esses justificados conquistam o mundo mau e derrotam os inimigos espirituais. Os mais "fortes na fé" não devem se exaltar mais do que seus irmãos mais "fracos na fé". Deus tem uma predisposição a ajudar os mais humildes. Nem mesmo o Messias, Jesus Cristo, se exaltou acima dos demais. Os remidos pelo Messias não podem ser derrotados pelos não justificados, por mais que eles tentem. Cedo ou tarde, o Senhor tomará vingança contra aqueles que afligem seu povo. Isso não significa que os justificados não passarão por sofrimento ou angústia. Por mais que passem por dificuldades, estarão com Deus e serão vitoriosos, enquanto os inimigos serão derrotados. O Senhor também os capacita a vencer as tentações que há no mundo. Há diferentes graus de intensidade de fé entre as pessoas. Não obstante, Deus capacita os fiéis suficientemente para vencer os inimigos espirituais. Sendo os inimigos espirituais derrotados, aqueles que são de Deus estarão no seu devido lugar, a verdadeira Jerusalém, a Jerusalém celestial – em última análise, os novos céus e nova terra (veja 2.30.16. Zacarias 12:1-9).

Pessoas que estão fisicamente vivas, mas que estão longe do Senhor, são consideradas espiritualmente mortas. Assim, o evangelho é pregado àqueles que estão espiritualmente mortos para que se convertam ao Senhor e verdadeiramente vivam. Cristãos podem ser maltratados, e até mesmo mortos, por causa de Jesus, sendo julgados "segundo os homens" (veja 1.20.4. 1 Pedro 4:6-7). Cristo é a verdadeira vida dos justificados (veja 1.12.2. Colossenses 3:4). Cristãos vivem perseverantes em renegar a impiedade e paixões mundanas enquanto vivem de forma sensata, justa e piedosa em meio a um mundo mau, aguardando a manifestação em glória de Jesus Cristo em sua segunda vinda, a qual concretizará plenamente suas esperanças (veja 1.17.1. Tito 2:12-13 e a Escatologia da Epístola a Tito).

Aquele que recebeu o perdão de Deus, mas não é capaz de perdoar no íntimo a seu irmão, não vai ser justificado diante de Deus, recebendo a punição final. A parábola do servo que não queria perdoar (Mateus 18:23-35) ilustrou que aquele que peca tem uma dívida tão grandiosa com Deus que não pode pagá-la, a não ser que receba o perdão por meio da aceitação e prática do evangelho. No entanto, se um cristão negar perdão a qualquer outro cristão que peça perdão por ter pecado contra ele, Deus não o perdoará no juízo final e o condenará com a punição final (veja 1.1.21. Mateus 18:32-35).

O evangelho foi pregado, primeiramente, à nação de Israel. Uma parte dela rejeitou o evangelho, e outra parte o aceitou. Os judeus que rejeitaram o evangelho não são o verdadeiro Israel. Os judeus que aceitaram o evangelho são o verdadeiro Israel, e nele se incluem também os gentios que o aceitaram. Assim, o endurecimento da nação de Israel foi parcial. A parte endurecida da nação, os judeus incrédulos, fizeram com que o evangelho fosse pregado às outras nações, os gentios. Os judeus que rejeitaram o evangelho, ao verem que os gentios estavam sendo salvos, podem cair em si e se converter a Cristo para salvação. É assim que "todo o Israel será salvo", uma vez que faz parte de "todo o Israel" (o Israel verdadeiro, espiritual) todo aquele que crê no evangelho e o obedece, seja judeu, seja gentio. Os judeus incrédulos, na verdade, são inimigos em relação ao evangelho, pois o rejeitaram. Porém, ainda assim, foi por meio deles que Deus cumpriu as promessas aos patriarcas, pois a nação de Israel foi eleita para que, por meio dela, o plano redentivo de Deus fosse cumprido. A salvação de judeus somente é possível por meio da fé deles no evangelho. Para que esses judeus carnais sejam salvos, os termos são os mesmos da salvação dos gentios: aqueles que deixarem a sua desobediência e confiarem na misericórdia de Deus oferecida pela obediência ao evangelho serão salvos. O povo de Israel restaurado não se trata de uma nação física de Israel restaurada em uma posição de proeminência na Terra, mas é um tipo que representa a esposa de Cristo. As

bênçãos temporais sob a terra para que ela gere mantimentos e chuvas, assim como a ausência de guerras e animais que aparecem depois de uma carnificina, são tipos das bênçãos espirituais recebidas pelo povo de Deus em Cristo, o que também inclui bençãos de provisões e segurança. Todos precisam ser fiéis a Deus e conhecê-lo para fazer parte da Igreja. Pessoas que não faziam parte do povo de Deus, fossem israelitas ou gentios, passaram a fazer parte de um único povo abençoado sob o Messias, Jesus Cristo. A Igreja é o verdadeiro Israel, e esse é um ponto crucial para entender profecias do Antigo Testamento. O judaísmo foi finalmente rejeitado por Deus na destruição do templo em 70 d.C., e a vinda da Nova Aliança tornou a Igreja no cumprimento do verdadeiro Israel, sendo que a Igreja possui a proteção e as bênçãos do Senhor, além de herdar suas promessas (veja 1.6.3. Romanos 11:25-32, 2.12.34. Salmo 102:15-28 e 2.21.2. Oseias 2:18-23). O Israel de Deus é a Igreja, e é o mesmo grupo de pessoas que anda em conformidade com o princípio de ser uma nova criatura, independentemente da circuncisão (veja 1.9.1. Gálatas 6:14-16 e a Escatologia da Epístola aos Gálatas). Tanto os fiéis da Antiga Aliança quanto os cristãos do Novo Testamento acabam sendo incluídos no Israel espiritual, o verdadeiro Israel de Deus. Esse é o Israel que receberá salvação eterna com a segunda vinda de Cristo, tendo fim a todo tipo de sofrimento. Os justificados jamais serão envergonhados ou humilhados novamente, diferentemente do que frequentemente ocorre na vida física. Na Nova Aliança, a Igreja é o cumprimento de Israel (veja 2.16.36. Isaías 45:17, 2.16.51. Isaías 60:1-22 e 2.16.58. Isaías 66:18-24).

O estabelecimento da Igreja foi, de fato, uma visitação do Senhor. Judeus espiritualmente mortos ouviram a Palavra de Deus e saíram das trevas em que estavam expostos, se convertendo a Deus. Aqueles que tinham uma conduta agradável a Deus, ainda que oprimidos, se agradaram e exultaram por causa de Deus, pois a salvação é espiritual, não dependente de posses e nem de condições sociais na presente vida. Tanto os tiranos quanto os zombadores das coisas de Deus, e também aqueles que praticavam o mal, foram eliminados do meio do povo, isto é, não têm lugar em meio à Igreja do Senhor. A "casa de Jacó" que foi remida de forma a não mais ser envergonhada, com pessoas que santificam e temem a Deus, certamente encontra cumprimento na Igreja. A pregação do evangelho, uma das principais atribuições da Igreja, permite que "os desencaminhados de espírito" venham a ter entendimento de Deus e que "os murmuradores" aceitem a instrução divina (veja 2.16.22. Isaías 29:17-24).

A obra sacrificial do Messias redimiu um povo espiritual, não fez uma restauração de um Israel físico em posição de proeminência na Terra. Este mundo não é o lar do fiel. O Israel espiritual (a Igreja) se expandiu para todas as nações, testemunhando de Cristo e fazendo novos discípulos. Para os justificados, a vergonha e humilhação são coisas do passado. A alegria se encontra no Senhor. Os justificados não têm que depender de seu próprio poder ou recursos, pois possuem as promessas de Deus. Aquele que se converteu a Deus passou por breve tempo em rejeição e alienação neste mundo se comparado à misericórdia eterna de Deus. Assim como o Senhor cumpriu sua promessa a Noé, ele cumprirá sua promessa ao Israel espiritual. A cidade de Deus representa todos os salvos em comunhão eterna com Deus, um lugar ideal e perfeito, e o meio para alguém chegar lá é por meio das Escrituras. O justificado vive por fé e, por causa de sua confiança no Senhor, não precisa temer a opressão e o terror de quem conspira contra ele. O Senhor, que é soberano, está no controle. A justiça dos justificados é, na realidade, a justiça de Deus. A "herança" e o "direito" são do Senhor. Essa é a realidade de quem é um servo do Senhor. Até Isaías 54, as profecias de Isaías falaram sobre o "servo", no singular. No entanto, dali em diante, o Livro de Isaías fala sobre os "servos", no plural, os quais constituem o povo de Deus (tanto os remidos do Israel físico e do Israel espiritual, a Igreja). A Igreja se compõe daqueles que creram no Messias, foram batizados nele e vivem de acordo com os seus ensinos (veja 2.16.47. Isaías 54:1-17).

A semente da Palavra de Deus cresce nos corações das pessoas a fim de produzir justiça em suas vidas. Pessoas de todas as nações, em todas as épocas, são justificadas graças à operação da Palavra de Deus. Enquanto o Antigo Testamento estava em vigor, já havia uma promessa para os fiéis serem chamados de sacerdotes e conhecidos como ministros de Deus. Ministrar é servir. Na Antiga Aliança, apenas pessoas da linhagem de Levi podiam ser sacerdotes. No entanto, vindo o Messias e sua Nova Aliança, cada cristão é um sacerdote e servo de Deus. A Igreja faz parte da Sião espiritual, e nela não há sacerdócio especial. Aqueles que se convertem a Cristo entram na Nova Aliança, sejam judeus, sejam gentios, e se tornam sacerdócio santo, a fim de oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por meio de Jesus Cristo. Não há nenhum clérigo especial, não há separação do tipo "clero e leigo", uma vez que todos são chamados ministros de Deus (veja 2.16.52. Isaías 61:6-11). Na Nova Aliança em Cristo, todos aqueles que se convertem ao evangelho são povo de Deus, independentemente da nação a que pertençam. Deus envia servos que guiam as pessoas para o evangelho, como foi o próprio Jesus, os apóstolos, os

presbíteros, os evangelistas, e até mesmo simples cristãos que evangelizam. A verdadeira Jerusalém de Deus não é a cidade literal, mas uma expressão do povo convertido a Cristo que adora a Deus em espírito e verdade. Na Nova Aliança, o trono de Deus se encontra tanto em meio às igrejas locais quanto dentro dos fiéis. A expressão "terra que dei em herança aos pais de vocês" evoca a ideia da terra prometida do povo de Israel, mas significa a verdadeira pátria celestial, os novos céus e nova terra (veja 2.17.1. Jeremias 3:15-18).

Deus estabeleceu uma fonte aberta para remover o pecado e a impureza, pois o perdão verdadeiro é uma das principais características da Nova Aliança. A remoção da impureza da Jerusalém espiritual, isto é, os remidos por Cristo, enfatiza a natureza do reino de Deus, um lugar santo. Zacarias falou mais sobre essa pureza ao afirmar que os ídolos são eliminados, pois eles não têm lugar no reino de Cristo. No contexto, a terra se refere à terra santa, a qual é um tipo para o reino espiritual. Os profetas e espíritos imundos seriam removidos da terra santa, isto é, do reino espiritual do Messias. Ha duas interpretações plausíveis desses comentários sobre os profetas e espíritos imundos. Alguns entendem que eles se referem aos falsos profetas, e assim afirmam que nem falsos profetas nem espíritos imundos teriam lugar no reino do Senhor para enganar o povo de Deus. Nessa interpretação, é subentendido que o profeta Zacarias se referiu a falsos profetas. Outros entendem que isso previu a cessação de dons espirituais no Novo Testamento, isto é, uma vez que se tivesse a revelação completa da Palavra de Deus, a profecia cessaria. Alguns citam a profecia messiânica de Daniel, "para selar a visão e a profecia", para apoiar essa interpretação. Com esse mesmo entendimento, os espíritos imundos não exerceriam mais o poder que tinham na época em que possuíam as pessoas. De fato, o Novo Testamento ensina que os dons milagrosos serviam por um tempo limitado para confirmar a Palavra que estava sendo revelada pelos apóstolos e outros. Se Zacarias se referiu aos profetas, e não aos falsos profetas, seria mais uma evidência apoiando o ensinamento do Novo Testamento a esse respeito (veja 2.30.18. Zacarias 13:1-6).

A restauração de Deus nas vidas das pessoas traz uma mudança de posição e caráter, o que foi representado pelo anúncio de um novo nome: tem sido assim desde Abraão, cujo nome foi mudado de "Abrão" para designar uma mudança em seu caráter. O povo espiritual de Deus anuncia ao mundo o louvor de Deus. É um povo vigilante quanto aos princípios do Senhor, ou seja, obediente a ele. É um povo que clama ao Senhor com oração e testemunho de seus princípios em sua vida. É um povo que recebe bênçãos de forma que Deus seja glorificado na Terra. Enquanto esse povo estiver na Terra, não faltará sustento para ele. O povo espiritual é abençoado por Deus, mesmo que não esteja isento de sofrimento enquanto estiver na Terra. Por meio do Messias, a Jerusalém celestial, a qual representa todos os justificados por Deus, terá o maior galardão do Senhor nos novos céus e nova terra, em comunhão íntima com o Senhor. Esse é o verdadeiro reestabelecimento de Jerusalém no contexto bíblico (veja 2.16.53. Isaías 62:1-12).

Os erros cometidos pela nação de Israel na época de Moisés foram um exemplo registrado para advertir os cristãos. Sendo assim, os cristãos devem tomar cuidado extra para não repetir os pecados dos israelitas (veja 1.7.4. 1 Coríntios 10:11). A língua é o órgão que profere palavras, sendo por elas que alguém será justificado ou condenado. Se alguém usa a língua para pecar, ela é razão para contaminação de todo o corpo pelo pecado, o que leva a desgraças na vida física e, em última análise, pode levar à punição final (veja 1.19.2. Tiago 3:6).

Quando se pratica a conduta cristã revelada nas Escrituras, as pessoas andam na luz de Cristo e a deixam brilhar nelas. Essa conduta cristã é luz que ilumina aqueles que estão em pecado, dando a eles condições de comparar sua conduta pecaminosa com uma conduta aprovada por Deus (veja 1.10.4. Efésios 5:14). Ocorre uma ressurreição espiritual naqueles que se convertem a Cristo. No entanto, alguns daqueles que aceitaram a Cristo (aqueles que "ressuscitaram") acabam abandonando a fé e retornam à vergonha e desprezo eternos, enquanto os fiéis (os "sábios") permanecem em Cristo e chegam à vida eterna (veja 2.20.11. Daniel 12:1-7).

Quando cristãos constroem uma igreja local, estão trazendo pessoas para mais perto de Cristo. Algumas dessas pessoas serão fortes nos momentos difíceis, obedecendo a Palavra, enquanto outras não. O cristão que trouxe pessoas para mais perto de Cristo estará contente se essas pessoas forem fortes nas provações, sendo esse contentamento uma recompensa para ele. O cristão que trouxe as pessoas para mais perto de Cristo pode também se tornar desapontado e triste se essas pessoas falharem nas provações. No entanto, esse cristão que trabalhou para trazer pessoas para mais perto de Cristo também sofrerá provações, e ele será salvo através desse fogo se ele se manter fiel – pois assim foi provado. A salvação desse cristão não depende das outras pessoas resistirem ou não ao fogo das provações, mas de sua própria conduta. Assim, a salvação é individual. O importante é resistir as

provações obedecendo a Palavra de Deus e ajudando pessoas a se aproximar de Cristo (veja 1.7.1. 1 Coríntios 3:12-15).

Enquanto o cristão vive na vida física, está ausente de uma comunhão mais presencial com Deus, a qual será apenas concretizada na vida eterna com ele. Isso não significa que o cristão está ausente da comunhão espiritual com Deus – é o pecador não justificado que está separado de Deus por causa dos pecados. O cristão não se apega às coisas do mundo físico, mas na esperança da comunhão eterna com Deus, a qual ele ainda não pode ver. É preferível ao cristão deixar o mundo e estar logo com o Senhor no sentido que o corpo físico é um "tabernáculo" terrestre que está se gastando, e o corpo espiritual é um edifício/templo eterno e celeste. Os cristãos ainda sofrem no corpo físico, mas aguardam ansiosamente serem revestidos da vida eterna. Porém, tal esperança é válida somente para as pessoas preparadas/vestidas da imagem de Cristo, e não para as pessoas despreparadas/espiritualmente nuas. Paulo deixou bem claro que ele não deseja a morte, mas a vida eterna. Ele não quis ser despido da vida, mas revestido dela. É importante compreender a diferença entre a vontade de Paulo e a vontade do rei Saul, Judas Iscariotes e outros que, até hoje, consideram o suicídio uma saída. Paulo não desejava a morte, e sim a vida. Ele não estava correndo dos problemas desta vida, mas olhava para o fim do caminho. Embora querendo estar com Deus na eternidade, Paulo não apressou sua própria morte. Ele confiava em Deus para decidir a hora certa para dar a ele a coroa da vida. Embora Deus tenha livrado os fiéis do medo de morrer, ele não autorizou o suicídio. Ele preparou os justificados para a vida eterna, dando uma amostra dela por meio do Espírito. Quando a Bíblia ensina sobre a salvação em Cristo e a vida eterna, fala em dois sentidos. Em um sentido, os discípulos de Cristo já têm a salvação e participam da vida espiritual nele. Em outro sentido, ainda aguardam a salvação e a vida eterna (veja 1.8.1. 2 Coríntios 5:6-10).

Assim como os cristãos, Jesus também sofreu injustamente, pregando e sendo rejeitado, e até morrendo pelos pecados dos outros. Contudo, mais tarde, ele foi exaltado à direita do Pai, com anjos, autoridades e poderes submissos a ele. Cristo também, em espírito, tinha pregado ao povo que vivia na época de Noé, e foi rejeitado. Noé foi um pregador da justiça e, por meio dele, o Espírito de Cristo pregou àqueles que viveram antes do dilúvio (veja 1.20.3. 1 Pedro 3:18-20). Deus sabe como livrar os justificados das provações, mas mantém os não justificados sob castigo, isto é, sua ira, a qual será consumada no juízo final (veja 1.21.2. 2 Pedro 2:9-10). O povo de Deus sempre possui proteção divina, embora não seja isento de sofrimento, e todos aqueles que se levantarem contra ele, cedo ou tarde, perecerão e/ou terão seus planos frustrados (veja 2.16.7. Isaías 8:9-10).

O objetivo do crescimento espiritual do cristão em amor é para que ele esteja em santidade e isento de culpa diante de Jesus, de Deus Pai e dos santos (os anjos e os outros salvos) na segunda vinda de Cristo, a qual traz o juízo final (veja 1.13.3. 1 Tessalonicenses 3:12-13). Cristãos vivem perseverantes em renegar a impiedade e paixões mundanas enquanto vivem de forma sensata, justa e piedosa em meio a um mundo mau, aguardando a manifestação em glória de Jesus Cristo em sua segunda vinda, a qual concretizará plenamente suas esperanças (veja 1.17.1. Tito 2:12-13 e a Escatologia da Epístola a Tito). Fiéis que se abdicarem de coisas que prezam em favor de Cristo receberão já em vida muito mais, o que culminará com a vida eterna. Jesus mencionou sobre a "regeneração", o que, provavelmente se refere ao retorno de todas as coisas a um estado de perfeição. Sendo assim, o julgamento final tem um objetivo de inaugurar a plenitude do reino de Deus após o juízo dos não justificados (veja 1.1.22. Mateus 19:28-30).

Deus santificará inteiramente aqueles que o obedecem. A totalidade do ser humano é composta de uma parte espiritual (alma e espírito) e uma parte material (corpo). Com a obediência do evangelho, Deus capacita o cristão a ser santo em relação a tudo e, assim, todo o seu ser é mantido íntegro e irrepreensível para se encontrar com o Senhor em sua segunda vinda (veja 1.13.6. 1 Tessalonicenses 5:23).

Cristãos podem acabar pecando e se arrependendo para serem perdoados, mas se continuarem a pecar de propósito e não haver mais arrependimento, acabam por rejeitar o sacrifício de Cristo. Não há, então, outro sacrifício para expiar pecados, restando apenas a expectativa da punição definitiva, a qual é descrita como "fogo vingador" – uma referência ao "lago de fogo" de Apocalipse (veja 1.18.4. Hebreus 10:26-27). Uma posição de rejeição total e contínua de Deus não produz arrependimento e, assim, é o único pecado que não tem perdão (veja 1.2.1. Marcos 3:28-29).

Existe mais do que um dia do Filho do Homem – além da segunda vinda de Cristo, o Senhor também faz várias visitações para juízo local em nações e povos, e elas são os mesmos "dias do Senhor" descritos ao longo da

Bíblia. O reino de Deus já estava presente no primeiro século, mas se manifestou em uma maior plenitude após a queda de Jerusalém de 70 d.C., pois isso reduziu grandemente a perseguição judaica contra cristãos (veja 1.3.16. Lucas 17:20-37). Estêvão, por exemplo, antes de ser apedrejado, viu os céus abertos e o Filho do Homem, Jesus, à destra de Deus Pai. Essa linguagem é similar à linguagem empregada para os vários "dias do Senhor" apresentados na Bíblia. Tal linguagem descreve uma visitação de Deus em julgamento, com salvação para fiéis e punição para ímpios. Para Estêvão, no entanto, a vinda do Senhor foi para salvação, para recebê-lo no céu, e não para juízo. Jesus, assim como Deus Pai, recebe os espíritos dos fiéis mortos (veja 1.1.35. Mateus 26:63-64 e 1.5.4. Atos 7:55-60).

Cristo governa em autoridade e vem em juízos locais, sendo que ninguém que faz parte desses juízos é excluído. O propósito desses juízos é trazer o arrependimento às nações, de forma a que se tornem parte do reino de Cristo (veja 1.24.2. Apocalipse 1:7). Muitos desses juízos são mostrados no Livro de Apocalipse. A cadeia de acontecimentos do livro iniciou de forma breve em relação a quando ele foi redigido, sendo que o próprio livro coloca marcadores de tempo para seus acontecimentos. O livro trata de visões com significados reais, sendo que os períodos de tempo, números, eventos, etc., devem ser entendidos como simbólicos, a não ser que o texto demande entendimento literal (veja 1.24.1. Apocalipse 1:1-3). Mensageiros humanos das igrejas são descritos como sendo mantidos na mão direita de Cristo, uma imagem de proteção e amor durante o sofrimento que sobreveio a eles. Cristo protege o povo de Deus em sua mão direita enquanto julga os inimigos (veja 1.24.3. Apocalipse 1:13-20).

O apóstolo Pedro mencionou a expressão "dia da visitação", a qual não se trata da segunda vinda de Cristo. Se Deus efetuar algum tipo de juízo ou livramento para não cristãos (uma visitação), eles podem lembrar do bom comportamento dos cristãos e, em vez de continuar a difamá-los, podem a dar glória a Deus (veja 7.20.2. 1 Pedro 2:12).

O dia do juízo final revelará qual o verdadeiro procedimento de cada um diante do padrão da Palavra de Deus (veja 1.7.1. 1 Coríntios 3:12-15). Cristãos devem ser pacientes até que Cristo venha em sua segunda vinda, pois é nela que entrarão em um estado sem sofrimento e comunhão eterna com Deus. A vinda de Cristo estava próxima desde o primeiro século, e Cristo é o juiz. A segunda vinda de Cristo está próxima em um sentido de proximidade, como alguém que está próximo à porta, mas ainda não entrou, e não em termos de tempo. Também, a segunda vinda de Cristo está próxima no sentido de que cada pessoa terá seu próprio "dia do Senhor" no dia em que morrer. Estêvão viu Cristo à direita do Pai pouco antes de morrer. A vida de uma pessoa dificilmente ultrapassa 120 anos, e mesmo essa quantidade de anos é pouca. Pessoas podem morrer imprevisivelmente, a qualquer momento (veja 1.19.3. Tiago 5:7-9 e 1.20.4. 1 Pedro 4:6-7).

O apóstolo Pedro encorajou os cristãos a viver vidas piedosas, sempre prontos para a vinda de Cristo. A demora da vinda do Senhor é uma demonstração de longanimidade para os não justificados, dando-os tempo para conversão. Uma coisa interessante é que, de certa forma, cristãos podem "apressar" o "Dia de Deus": vivendo "de maneira santa e piedosa" e aguardando a vinda de Jesus. Talvez assim mais pessoas se convertam, o que implica que Deus aguarda que mais pessoas se convertam para depois trazer o fim de tudo. Outra coisa interessante é que Pedro também demonstra conhecimento dos escritos de Paulo e os coloca na categoria das sagradas Escrituras, atestando a veracidade deles e admitindo que não são coisas fáceis de entender e que são frequentemente deturpadas pelas pessoas (veja 1.21.4. 2 Pedro 3:7-16).

Se o amor de Deus for aperfeiçoado nos cristãos por meio da prática dos ensinamentos de Cristo, eles podem manter confiança de que o Senhor os salvará no "Dia do Juízo", ou seja, o juízo final na segunda vinda de Jesus (veja 1.22.4. 1 João 4:16-17). O homem terreno e as coisas materiais não podem herdar o reino de Deus em sua plenitude e, assim, corpos carnais e corruptíveis não podem permanecer na eternidade com o Senhor (veja 1.7.8. 1 Coríntios 15:35-55). A recompensa da aplicação dos ensinamentos de Cristo pode não vir na vida física, mas certamente os justificados ressuscitados a receberão no julgamento final (veja 1.3.14. Lucas 14:13-14). Os discípulos estarão à mesa do Senhor, ou seja, estarão em comunhão com ele, e participarão do julgamento final (veja 1.3.21. Lucas 22:29-30). A salvação e a oportunidade de entrar no reino do Senhor estão estendidas a todos aqueles que forem fiéis. Todos têm o privilégio de poder participar do reino eterno de Cristo ao se converterem ao Senhor, obtendo a bênção do perdão que Deus deu. A entrada dos povos na comunhão traz glória para Deus (veja 1.24.49. Apocalipse 21:22-29).

O tribunal de Cristo é o juízo final e todas as pessoas comparecerão diante desse tribunal. Aqueles que fizeram o bem por meio do corpo são aqueles que agradaram a Deus, ou seja, aqueles que foram obedientes a ele. Aqueles que fizeram o mal por meio do corpo são os demais que não agradaram a Deus, ou seja, que não colocaram sua Palavra em prática. Não há possibilidade para várias vidas em vários corpos: é uma vida apenas, por meio de um só corpo físico, depois vem o juízo (veja 1.8.1. 2 Coríntios 5:6-10).

Muitos daqueles que tiveram grandes oportunidades de estar com Deus – judeus – sofrerão a punição final, descrita por Jesus como trevas e choro e ranger de dentes (veja 1.1.5. Mateus 8:11-12 e 1.3.13. Lucas 13:23-30). Os desobedientes ao Senhor serão lançados fora de sua presença, e longe de Deus restam apenas as trevas com choro e ranger de dentes (veja 1.1.23. Mateus 22:13-14 e 1.4.10. João 15:6). Aqueles que se iraram sem motivo contra seus irmãos ou que permaneceram pecando sem tomarem providências contra isso estão sujeitos a essa punição (veja 1.1.3. Mateus 5:22 e 1.2.5. Marcos 9:43-49). A punição final é tão terrível que é preferível tomar medidas drásticas para obedecer a Palavra de Deus do que sofrê-la (veja 1.1.4. Mateus 5:29-30). O ser humano pode apenas matar o corpo, mas Deus pode fazer perecer no fogo eterno tanto a alma como o corpo. O perecimento no *geena* pode significar tormento eterno ou a aniquilação do corpo e da alma, mas a ideia de se tratar de tormento eterno tem melhores evidências (veja 1.1.10. Mateus 10:28, 1.2.5. Marcos 9:43-49, 1.3.1. Lucas 3:9, 1.3.2. Lucas 3:16-17 e 1.4.10. João 15:6).

Os acontecimentos no Livro do Apocalipse mostram a mensagem de ser fiel até a morte e não adorar os falsos ídolos, uma vez que somente Deus deve ser adorado. Os ímpios não vão entender que o destino deles está predito e selado. Os sábios, que são os justos, entenderão e permanecerão fiéis através das tribulações profetizadas. Essa verdade do Apocalipse é encontrada na pregação do evangelho: os justos aprendem com a pregação da Palavra de Deus e são fortalecidos e encorajados. Os ímpios não se importam, tomam a Palavra de Deus de modo irreverente e continuam em seus maus caminhos. O Senhor veio nos julgamentos locais relatados no livro, e continuará realizando essas visitações até sua segunda vinda, e ele tem trazido, e trará, recompensa. Aqueles que têm sede devem buscar o Senhor e receberão a vida e bênçãos eternas. O Messias afirmou que as coisas que são lidas no livro certamente acontecerão. De fato, a queda da nação judaica física, o Império Romano com sua falsa religião e a restrição de Satanás já estão em vigor. Há um convite para que o leitor se junte aos servos vitoriosos do Cordeiro. Aqueles que têm sede devem buscar o Senhor e receberão a água da vida, a vida e bênçãos eternas. Não se deve alterar a mensagem do Senhor (veja 1.24.51. Apocalipse 22:6-21).

3.1.9. A GRANDE TRIBULAÇÃO: QUEDA DE JERUSALÉM E DO JUDAÍSMO EM 70 D.C.

A linguagem cataclísmica e o dia do Senhor proferidos pelo profeta Joel e citados pelo apóstolo Pedro correspondem à queda de Jerusalém em 70 d.C., o "fim do mundo judeu". Os sinais de "sangue, fogo e nuvens de fumaça" são bem típicos da ruína de uma cidade por uma guerra. O povo da época de Joel foi livrado de um juízo do Senhor, mas já havia sido alertado sobre outro acerto de contas – outro dia do Senhor – que estava por vir. E esse foi o dia de Jerusalém e do templo serem destruídos em 70 d.C. pelo Império Romano (veja 1.5.2. Atos 2:14-21 e 2.22.6. Joel 2:28-32).

A expressão "vinda do Filho do Homem" nem sempre significa a segunda vinda de Cristo, podendo se referir a uma visitação do Senhor para julgamento local de uma nação ou povo. Uma dessas vindas de Cristo foi o juízo contra Jerusalém em 70 d.C. Os discípulos continuariam pregando aos judeus até que eles fossem rejeitados e julgados pelo Senhor, da mesma forma como ocorreu o juízo contra Jerusalém em 586 a.C. pelo exército babilônico. O evangelho continua sendo pregado a todos, sejam de Israel ou não, até que ocorra a segunda vinda de Cristo, sendo que a evangelização deixará de ocorrer apenas no fim do mundo (veja 1.1.9. Mateus 10:23).

Os julgamentos de Deus na Terra são retratados como afetando muitos por meio das típicas pragas usadas por Deus. Desde a queda do ser humano em pecado, Deus prega para arrependimento e, se não ocorre arrependimento, é efetuado julgamento contra a nação ou povo. A morte por meio da guerra e/ou animais selvagens, fome e pestilência são juízos característicos de Deus. Essas ferramentas de juízo foram prometidas por Deus para serem usadas contra Israel caso a nação fosse desobediente. Cristo reina do céu e executa os juízos locais contra as nações (veja 1.24.11. Apocalipse 6:1-8).

Jesus tentou cuidar de seu povo, mas sua rejeição e o pouco caso que o povo fez pelo seu trabalho fez com que os povos gentios que dominavam a nação, os romanos, maltratassem o povo. Embora a missão de Jesus não

fosse julgar o mundo durante seu ministério terrestre, mas salvá-lo, julgamento e condenação são consequências da não aceitação de sua salvação. Pela rejeição do povo em relação ao Messias, o povo de Israel incrédulo foi enfraquecido, perdendo a graça e a união que vinha do Senhor, e entregue ao Império Romano para sua destruição, sendo que a Jerusalém física foi destruída, enquanto a Igreja se espalhou pelo mundo. Mais adiante, o Império Romano foi também julgado pelo Senhor (veja 2.30.14. Zacarias 11:10-14, 2.30.15. Zacarias 11:15-17 e 2.31.1. Malaquias 3:1-5).

Existe mais do que um dia do Filho do Homem – além da segunda vinda de Cristo, o Senhor também faz várias visitações para juízo local em nações e povos, e esses são os mesmos "dias do Senhor" descritos ao longo da Bíblia. O reino de Deus já estava presente no primeiro século, mas veio em maior plenitude após a queda de Jerusalém, pois isso reduziu grandemente a perseguição judaica contra cristãos. A queda de Jerusalém é um dos "dias do Senhor" da Bíblia, uma visitação do Senhor para juízo, e um prenúncio de sua segunda vinda. O fim do templo denotou uma rejeição definitiva do sistema judaico, o qual não é mais um meio para o reino de Deus. A maior plenitude do reino de Deus está em seguir Cristo, e não mais o judaísmo. Quando Jerusalém esteve prestes a ser tomada pelos romanos, aqueles que viveram suas vidas normalmente e não atentaram às palavras de Jesus foram mortos, mas aqueles que ouviram as palavras de Jesus e fugiram viveram (veja 1.3.16. Lucas 17:20-37). Assim, o judaísmo foi finalmente rejeitado por Deus na destruição do templo em 70 d.C., e a vinda da Nova Aliança tornou a Igreja no cumprimento do verdadeiro Israel, sendo que a Igreja possui a proteção e as bênçãos do Senhor, além de herdar suas promessas (veja 2.16.20. Isaías 27:1-13 e 2.31.3. Malaquias 4:5-6).

O profeta Daniel falou sobre o "tempo de angústia, como nunca houve, desde que existem nações até aquele tempo", o qual se refere à época do domínio romano sobre a nação judaica. Jesus confirmou essa profecia quando falou sobre a destruição de Jerusalém. Na época em que Antíoco Epifânio profanou o templo, ocorreu a primeira "abominação desoladora" que interrompeu os sacrifícios diários. Isso ocorreu pela segunda vez, e Jesus a identificou com a destruição do templo em 70 d.C. pelos exércitos romanos, os quais o invadiram, profanaram e saquearam. O profeta Daniel tinha profetizado que, entre a primeira abominação desoladora por Antíoco Epifânio e a segunda pelo Império Romano, se passaram 1.290 dias simbólicos. A guerra entre os judeus e os romanos, a qual culminou com a destruição de Jerusalém e do templo, foi o que de fato se chama de "grande tribulação". Os discípulos de Cristo foram alertados para serem vigilantes, de forma que não estivessem desprevenidos no dia da destruição da cidade e que não fossem mortos com ela, permanecendo assim vivos diante do Senhor que estava efetuando seu juízo. Jesus ligou a destruição de Jerusalém com a profecia de Daniel, afirmando que o templo, Jerusalém e o sistema judaico foram destruídos na época da geração ouviu que Jesus no momento em que ele proferiu essa profecia (70 d.C.). Assim, todos os sinais descritos em Mateus 24:4-35, Marcos 13:1-31 e Lucas 21:5-36 ocorreram para aquela geração, pois Jesus usou a mesma linguagem do Antigo Testamento que representa a destruição de povos e nações na Terra para a queda do povo judeu. Isso se relaciona com a profecia de Daniel que afirmou que o "fim" ocorreria "quando se acabar a destruição do poder do povo santo" – uma profecia que havia sido selada e guardada para ser entendida na época da Igreja, pois se trata do julgamento contra a nação judaica física (veja 2.20.11. Daniel 12:1-7, 2.20.12. Daniel 12:8-13, 1.1.28. Mateus 24:1-35, 1.1.29. Mateus 24 e a História: Destruição de Jerusalém, 1.2.9. Marcos 13:1-31 e 1.3.20. Lucas 21:5-36).

Durante os tempos difíceis de atrito entre judeus e romanos, cristãos foram mortos. As almas que foram mortas por causa da Palavra de Deus e por seu testemunho clamaram por justiça, mas tiveram que aguardar, pois o julgamento não aconteceu imediatamente. Mais pessoas tinham que morrer por causa de Cristo. Os perseguidores dos cristãos no primeiro século foram primeiramente os judeus e, depois, os romanos. No caso das sete igrejas da Ásia, quem estava perseguindo os cristãos eram os judeus, isto é, aqueles que diziam serem judeus, mas não eram, sendo na verdade uma "sinagoga de Satanás" (veja 1.24.12. Apocalipse 6:9-11). Jerusalém estava para ser destruída e o templo arrasado, com grande tribulação, o que ocorreu com as guerras judaico-romanas em 66 d.C., culminando com a destruição tanto de Jerusalém quanto do templo no ano 70 d.C. A cidade foi sitiada e, como atestado por Josefo, o sofrimento foi terrível – mulheres comeram os próprios filhos e o sofrimento foi tamanho que se preferiria que as próprias montanhas e colinas caíssem sobre as pessoas para uma morte rápida. As guerras judaico-romanas foram a verdadeira "grande tribulação". Isso foi uma visitação de Deus para vingança contra os judeus por causa do derramamento de sangue de fiéis e do próprio Filho de Deus (veja 1.3.23. Lucas 23:28-31).

Durante o juízo de Deus contra o judaísmo, todos na terra deveriam ter aprendido ao testemunharem a ira de Deus sobre um povo e deveriam aprender a temer a Deus de forma a se voltar a ele. Deus julgando uma nação deveria ser uma lição objetiva para o resto das nações da terra. Um dos grandes dias da ira de Deus havia chegado e os condenados não o podiam suportar. Esse foi o ponto principal dos seis selos do Livro de Apocalipse. Aqueles que morreram pela Palavra de Deus são vitoriosos (veja 1.24.13. Apocalipse 6:12-17). A totalidade dos servos de Deus que se encontra na área de julgamento são identificados como pertencentes a Deus e têm proteção espiritual nos momentos de tribulação durante os julgamentos do Senhor (veja 1.24.14. Apocalipse 7:1-3 e 1.24.15. Apocalipse 7:4-8). A totalidade dos fiéis que passaram pela grande tribulação que ocorreu pouco antes de Jerusalém ser destruída em 70 d.C. está constantemente diante do trono de Deus por causa de sua fidelidade. Deus os abrigou com sua presença e, após o sofrimento, nada mais vai de ruim acontecer a esses justificados. Da mesma forma, o Senhor protege todos aqueles que são fiéis a ele, em todas as épocas (veja 1.24.16. Apocalipse 7:9-17).

Deus agiu em resposta às orações do seu povo e começou a efetuar os juízos contra os inimigos – primeiramente, o alvo dos juízos foram os judeus incrédulos (veja 1.24.17. Apocalipse 8:1-5). Julgamentos parciais que afetaram fontes de alimentos, transporte marítimo e água potável foram efetuados contra a nação judaica. Ela também foi tratada por Deus com amargura. O juízo para a queda da nação era iminente. Os julgamentos foram realizados a fim de trazer as pessoas ao arrependimento (veja 1.24.18. Apocalipse 8:6-13).

Com a permissão de Deus, Satanás afligiu a Judeia e Jerusalém usando os exércitos do Império Romano. Deus estava chamando a nação para se arrepender e, também, tinha o objetivo de que as outras nações se arrependessem com o exemplo. No entanto, as pessoas não se arrependeram com os julgamentos parciais terríveis. Sendo assim, os juízos continuaram, e os ímpios foram merecedores da ira de Deus devido a seus pecados (veja 1.24.19. Apocalipse 9:1-12 e 1.14.20. Apocalipse 9:13-21). Assim, não haveria mais demora no tocante ao juízo de destruição da nação judaica anunciado pelos profetas, o qual estava para se cumprir (veja 1.24.21. Apocalipse 10:1-11).

A nação judaica estava entregue ao Império Romano para seu julgamento definitivo, de forma que o judaísmo estava encontrando seu fim. A intenção de Deus é se relacionar com os humanos por meio da Nova Aliança. Jerusalém foi "pisoteada" pelos gentios romanos por um período limitado de tempo cheio de tribulação, angústia e perseguição (quarenta e dois meses, 1.260 dias e "tempo, tempos e metade de um tempo" representam todos um período limitado de tempo que é cheio de tribulação, angústia e perseguição). Os servos de Deus sofreram, mas receberam garantia de proteção espiritual (veja 1.24.22. Apocalipse 11:1-2). Profetas e apóstolos haviam pregado e profetizado que a cidade santa seria pisoteada. A Palavra do Senhor estava sendo cumprida e os muitos servos de Deus (representados pelas chamadas "duas testemunhas" do Livro de Apocalipse) estavam proclamando que as promessas e profecias de Deus estavam acontecendo, isto é, a mensagem de julgamento da lei e dos profetas sobre o julgamento pelos pecados da nação judaica. Os pregadores dessa mensagem à nação judaica estavam sofrendo, como os judeus incrédulos, com a ação dos romanos, mas com a diferença crucial de terem proteção espiritual da parte de Deus (veja 1.24.23. Apocalipse 11:3-6).

A nação judaica estava recebendo seu julgamento, e matar cristãos não era grande coisa para o mundo. Os ímpios (tanto judeus incrédulos quanto romanos) regozijam-se ao ver a morte do povo de Deus e dos apóstolos de Deus, porque eles pregaram ao mundo um salvador ressurreto que retornará em julgamento contra aqueles que não se arrependerem. O Império Romano, destruindo a nação judaica, causou angústia, sofrimento e morte aos servos de Deus também, mas eles foram protegidos espiritualmente. Aqueles que morreram estão com o Senhor, vitoriosos – fiéis em Cristo que morreram estão em comunhão com o Senhor no céu (o que foi retratado como uma ressurreição de duas testemunhas, e essa ressurreição é um exemplo da "primeira ressurreição" mostrada em Apocalipse 20 – não é a ressurreição dos mortos na segunda vinda de Cristo, mas fiéis mortos são contados como vivos e ressuscitados por estarem em proximidade com Deus no céu). A cidade de Jerusalém foi capturada pelos gentios. Parte da cidade caiu quando Roma sitiou Jerusalém. Parte da cidade foi conquistada, a parte chamada "cidade mais nova" que estava fora da segunda parede, mas dentro da terceira parede. Mas a histeria em Jerusalém começou quando o cerco estava pressionando e Jerusalém estava prestes a cair. As pessoas começaram a clamar para Deus em terror. No entanto, era tarde demais (veja 1.24.24. Apocalipse 11:7-14).

Caifás, os principais sacerdotes, a assembleia dos anciãos do povo judeu, os escribas e todo o Sinédrio viram a destruição do templo e de Jerusalém, o que foi uma vinda do Senhor para acerto de contas com a nação

judaica – um dos muitos "dias do Senhor" da Bíblia (veja 1.1.35. Mateus 26:63-64, 1.2.11. Marcos 14:61-62 e 1.3.22. Lucas 22:67-69).

Jerusalém caiu e foi deixada em ruínas, transformada em uma "poça de sangue" pelos romanos. A presença de Deus não está mais com a nação física ou o templo físico em Jerusalém. A presença e o favor de Deus estão com o seu povo, os cristãos – o verdadeiro Israel. O próximo a sofrer julgamento foi o Império Romano e, mais futuramente, será a vez das nações ímpias e também Satanás (veja 1.24.25. Apocalipse 11:15-19).

Os julgamentos contra judeus e romanos não produziram o arrependimento que Deus gostaria que ocorresse, então, ambas as nações acabaram sendo plenamente julgadas (veja 1.24.2. Apocalipse 1:7).

3.1.10. A PERSEGUIÇÃO ROMANA CONTRA OS CRISTÃOS APÓS A QUEDA DE JERUSALÉM

A profecia de Daniel que afirmou que o "fim" ocorreria "quando se acabar a destruição do poder do povo santo" havia sido selada e guardada para ser entendida na época da Igreja, e se trata do julgamento contra a nação judaica física que trouxe o fim do sistema judaico. O Império Romano (que governou de aproximadamente 27 a.C. a 476 d.C.) prosperou até esse ponto. A partir daí o juízo de Deus se voltou para o império, o qual foi o novo alvo da ira de Deus. Porém, tinha sido dado poder a Roma para perseguir o povo de Deus, sendo que seu império foi incitado por Satanás. Depois de Roma saquear, profanar e destruir o templo de Jerusalém em 70 d.C., tentou esmagar a Igreja por um período limitado de tribulação e angústia ("tempos, tempo e metade de um tempo", "42 meses", "1.260 dias", "três anos e meio"). Contudo, chegou a hora em que Roma caiu como império mundial, enquanto o reino de Deus continuou. O povo de Deus pode ter sido espalhado e perseguido, mas não foi destruído (veja 2.20.11. Daniel 12:1-7, 2.20.12. Daniel 12:8-13 e 1.24.26. Apocalipse 12:1-18).

A cidade de Roma foi retratada como uma grande prostituta que dirigia o Império Romano. Ela governava os povos, multidões, nações e línguas da terra, além de perseguir e matar cristãos. Roma tinha feito o mundo da época adorar o imperador e estar envolvido em idolatria (veja 1.24.35. Apocalipse 17:1-2). A cidade de Roma, cheia de iniquidade, dirigiu o Império Romano e foi culpada pelo derramamento do sangue do povo de Deus, sendo essas as razões para seu posterior julgamento (veja 1.24.36. Apocalipse 17:3-6). Roma tornou-se uma morada de maldade, não apenas por ter sido o coração da iniquidade, mas também por ter influenciando outras nações, as quais não foram tidas por Deus como inocentes. Mercadores da terra prosperaram por meio da imoralidade de Roma. Havia nela vida luxuosa ao longo dos séculos por causa de suas extensas rotas comerciais. Os comerciantes se tornaram ricos comprando, vendendo e negociando mercadorias com Roma (veja 1.24.38. Apocalipse 18:1-3).

Houve um período de provação que afligiu o mundo conhecido da época (o mundo romano). Isso provavelmente é uma referência à perseguição que começou no reinado de Domiciano e que causou terrível sofrimento e a morte de centenas de milhares de pessoas. Cristo veio em uma visitação para julgar malfeitores e proteger os fiéis (veja 1.24.9. Apocalipse 3:10-12).

Satanás incitou o Império Romano contra os cristãos. Seus imperadores blasfemavam o nome de Deus ao serem chamados divinos e receber adoração. Satanás usou a aplicação local e provincial do culto do imperador e a garantia de perseguição para aqueles que não participaram. O império exerceu grande poder e autoridade (dados a ele por Satanás), sendo mais poderoso e mais terrível do que os três impérios anteriores: Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia. Ocorreu um evento com o Império Romano que fez com que pessoas acreditassem que ele entraria em colapso (a morte de Nero e os três imperadores que duraram pouco: Galba, Otão e Vitélio). Porém, o império "reviveu" e estava tão forte como sempre (Vespasiano estabilizou o império). As pessoas, então, se maravilharam com seu poder e se aliaram a ele. Os imperadores não adoravam a Deus, não tinham respeito pelo poder de Deus ou por sua autoridade, nem tinham algum respeito pelos cristãos. O império cometeu blasfêmia por meio da autodeificação, e tinha autoridade sobre o mundo conhecido da época. Os cristãos não se acomodavam a isso e, portanto, sofreram (veja 1.24.27. Apocalipse 13:1-10).

Os imperadores Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero foram cinco que caíram. Depois, veio Vespasiano, o qual reinava na época da destruição de Jerusalém. Vespasiano conseguiu assumir porque seu filho Domiciano estava trabalhando para sua ascensão, conseguindo desbancar outros três imperadores que duraram pouco: Galba, Otão e Vitélio. Depois de Vespasiano, seu filho Tito Flávio assumiu o poder, mas permaneceu nele pouco tempo. Então, Domiciano assumiu, alegando ser um deus e exigindo que honras e sacrifícios divinos fossem

feitos para ele. Domiciano era blasfemo em relação a Deus. Foi dado a ele poder contra os santos por um tempo limitado, o qual foi um período de tribulação e sofrimento para o povo de Deus. Ele ainda mudou o calendário romano e as leis romanas. Roma também havia dado poder a vários regentes e procuradores para governar as regiões e províncias, mas seus poderes vinham do império. Esses governantes deram sua lealdade ao império e fizeram guerra contra o povo de Deus juntamente com Roma e seu império (veja 1.24.37. Apocalipse 17:7-18, 2.20.3. Daniel 7:1-14 e 2.20.3. Daniel 7:15-28).

O culto do imperador foi uma falsa religião incitada por Satanás de forma a destruir os cristãos. A falsa religião parecia "boa", porém, na verdade, resultava em adoração a Satanás. Os cristãos foram exortados a não serem enganados pela falsa religião, a qual traria sofrimento a eles. Aqueles que não participaram da adoração do imperador não puderam comprar e vender nos mercados. Cristãos tiveram que ter sabedoria e ver através do engano, com uma percepção espiritual e reconhecimento da natureza imperfeita, profana e humana do império. Por mais divinos que parecessem, Satanás, o império e a falsa religião estavam abaixo da divindade e falharam (veja 1.24.28. Apocalipse 13:11-18).

Em contraste com as pessoas do mundo que se aliaram ao Império Romano, os cristãos tinham o conforto de pertencer a Deus e desfrutar de comunhão com ele. João retratou no Livro de Apocalipse os fiéis que morreram em nome de Cristo cantando no céu, junto a Jesus Cristo. O monte Sião é o lugar simbólico da morada de Deus e das pessoas que são de Deus, as quais são espiritualmente protegidas enquanto permanecem com ele. Elas são retratadas cantando uma nova canção, louvando a Deus por sua vitória e dando ação de graças pela obra de Deus. São vitoriosas em Cristo (veja 1.24.29. Apocalipse 14:1-5).

Deus chama as pessoas para se achegarem a ele e permanecerem em seus caminhos, e cristãos vão morrer por causa da fé em Jesus. Mas eles são bem-aventurados, abençoados por sua fidelidade, mesmo enquanto o império fez guerra a eles. O evangelho foi anunciado em todo o mundo conhecido da época e Deus aguardava o arrependimento dos não justificados. Apesar de ainda não ter acontecido naquele momento, Roma foi retratada pelo Senhor como já caída – era uma certeza aos fiéis de que o Império Romano estava destinado a cair (o que ocorreu em 476 d.C.). Aqueles que adoraram o império ou seus imperadores e não se arrependeram receberam todo o peso da ira de Deus pelos seus pecados. A punição final foi retratada como sendo tormento eterno: fogo com a fumaça subindo por todo o sempre (veja 1.24.30. Apocalipse 14:6-13).

Deus demonstrou o que faz com os fiéis e os infiéis da terra. Os fiéis fisicamente mortos são ajuntados a Cristo e foram retratados como estando em comunhão com Deus, como vencedores que, passando pelas provações simbolizadas pelo fogo, foram purificados para entrar na presença de Deus. Os infiéis são descritos como sendo lançados "no grande lagar da ira de Deus". O povo de Deus foi instruído a suportar, continuando a guardar os mandamentos de Deus e sua fé em Jesus. A desgraça foi predita, mas bem-aventurados são os mortos que morrem no Senhor. Deus alertou sobre o destino do Império Romano: deveria haver arrependimento por parte dos inimigos antes que fosse tarde demais, pois a ira de Deus é imensa – o julgamento é tão forte que é como se rios enormes de sangue saíssem do pisoteio de um grande lagar. Deus já tinha preparado os últimos julgamentos contra o Império Romano, os quais consumariam a sua ira. O Senhor estava prestes a julgar o império perseguidor por sua pecaminosidade e assassinato de seu povo. A aliança de Deus com os homens não foi cumprida da parte deles e, por isso, sua a ira estava a ser derramada para puni-los (veja 1.24.31. Apocalipse 14:14-20 e 1.24.32. Apocalipse 15:1-8).

O povo de Deus tinha que se afastar dos caminhos e imoralidades de Roma, ou compartilharia das pragas sobre Roma e seu império (veja 1.24.39. Apocalipse 18:4-8).

3.1.11. A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO

Ao invés de Roma destruir a Igreja, foi ela própria que caiu. Esse ponto no tempo foi subsequente à queda de Jerusalém de 70 d.C. Foi marcado na profecia das setenta semanas de Daniel por um acréscimo de 45 dias simbólicos aos 1.290 dias simbólicos que tiveram início na profanação do templo por Antíoco Epifânio, o que totalizou os mencionados 1.335 dias simbólicos. Os impérios mundiais pagãos foram terminados e somente o reino de Deus é universal por natureza. O Império Romano caiu devido ao julgamento de Deus e, desde então, nenhum outro reino mundial pagão atingiu uma estabilidade duradoura. Somente o reino de Deus é um reino indestrutível.

Ainda que os ímpios continuem na impiedade, os justos serão capazes de perseverar por terem entendimento de que Deus verdadeiramente domina nos reinos dos homens e, enfim, serão vitoriosos (veja 2.20.12. Daniel 12:8-13).

Uma série de juízos locais e cumulativos da parte de Deus vieram sobre os ímpios. Satanás, o Império Romano e a falsa religião fizeram tudo por sua sobrevivência, fazendo uso de engano contra as nações. O objetivo dos servos de Satanás foi ajuntar os reis da terra contra os servos de Deus por meio do engano. A obra de Satanás por meio do Império Romano e de suas religiões estava destinada a fracassar e desaparecer. Também, Deus alertou quanto à preparação de seu povo: seu julgamento é imprevisível e, por isso, seus servos devem estar preparados para não serem surpreendidos. Não é apenas a segunda vinda de Cristo que tem um caráter imprevisível – uma visitação para julgamento local da parte do Senhor também pode ser repentina. A obra de Satanás por meio do Império Romano e de suas religiões secou e fracassou. Eles puderam se reunir para a batalha contra Deus e seus servos, mas foi uma perda decisiva (veja 1.24.33. Apocalipse 16:1-16). Os juízos que caíram sobre o Império Romano foram representados simbolicamente com as sete taças da ira de Deus no Livro de Apocalipse (veja 1.24.35. Apocalipse 17:1-2).

O fim finalmente havia chegado para o Império Romano e suas nações cúmplices após a série de julgamentos parciais da parte de Deus. As pessoas não se arrependeram, mas amaldiçoaram a Deus por causa dos seus juízos. O império não podia mais atacar o povo de Deus (veja 1.24.34. Apocalipse 16:17-21). A queda de Roma foi o fim da prosperidade daquele mundo. Os comerciantes, capitães e marinheiros lamentaram por causa dos impactos econômicos (a perda de luxos e esplendores que as pessoas desfrutavam), e não exatamente porque a amavam (veja 1.24.40. Apocalipse 18:9-19). O mundo se voltou contra Roma. Uma das principais razões para sua queda foi sua decadência interior e lutas internas. O Império Romano não se uniu – caiu separado por causa da maneira como foi construído: um dos maiores pontos fortes de Roma foi incorporar todas as línguas e nações do mundo. No entanto, isso também foi sua fraqueza, levando a problemas internos perpétuos, até que finalmente caiu. Províncias e nações sob o poder de Roma se voltaram e lutaram contra ela, e isso foi obra de Deus. O reino de Deus permaneceu e o reinado de Domiciano chegou ao fim por ele ter sido assassinado. Depois de sua morte, até mesmo suas mudanças no calendário romano e nas leis romanas foram revertidas (veja 1.24.37. Apocalipse 17:7-18 e 2.20.3. Daniel 7:15-28).

Roma e as nações cúmplices acumularam tantos pecados que Deus pagou a ela o dobro por seus atos. Roma se glorificou e viveu no luxo e ninguém dava glória a Deus por sua prosperidade. Em vez de vida e prosperidade, o império perdeu o poder e a autoridade. Parecia que o império nunca acabaria, mas começou a se encontrar em apuros, perdendo seu poder, até que caiu (veja 1.24.39. Apocalipse 18:4-8). Jesus venceu Roma, seu império e religião de forma definitiva, juntamente com todos os governantes e províncias associados ao império – uma derrota certa e catastrófica para esses inimigos. Foi um julgamento contra o Império Romano, seu sistema religioso, a cidade de Roma, e os seus simpatizantes. Cristo reina e já derrubou nações rebeldes, e vai continuar a derrubá-las. Aqueles que se rebelaram e que se rebelarem contra Cristo serão, em última instância, eternamente punidos em tormento. Os ímpios aliados ao Império Romano e seu culto imperial tiveram tempo para se arrepender, mas não o fizeram. Portanto, foi dada forte ênfase no fato de que estão irremediavelmente condenados à ira máxima de Deus – a punição final (veja 1.24.44. Apocalipse 19:11-21).

O povo de Deus foi chamado a se alegrar com o julgamento de Roma. Deus efetuou julgamento contra ela por causa de seu povo e o Império Romano nunca mais se erguerá e nunca mais será uma potência mundial. O colapso do Império Romano levou ao período de tempo chamado de Idade das Trevas – o mundo mudou completamente com a queda do império (veja 1.24.41. Apocalipse 18:20-28).

A justiça finalmente havia chegado para os cristãos mortos que clamavam por justiça: a nação ímpia entrou em colapso e as pessoas não justificadas foram julgadas. A imagem da fumaça de não justificados sendo vista pela eternidade, embora simbólica, dá suporte maior para entender a punição final como sendo tormento eterno, e não cessação da existência. Os justificados se alegraram e glorificaram a Deus. O povo de Deus permaneceu puro durante o período de tribulação, permanecendo fiel, e desfruta da comunhão com o Senhor, tendo muitos motivos para o louvor (veja 1.24.42. Apocalipse 19:1-5).

Estar com Deus é a coisa mais importante. O apóstolo João foi tomado pela glória e grandeza da mensagem de tal forma que caiu em adoração ao anjo que a transmitiu. O anjo disse a ele para adorar a Deus somente. O

testemunho dado por Jesus é a substância do que o Espírito inspira os profetas – anjos não são a fonte da revelação profética, mas Deus e Jesus (veja 1.24.43. Apocalipse 19:6-10).

3.1.12. A APOSTASIA E A MANIFESTAÇÃO DO HOMEM DA INIQUIDADE

O "anticristo" e outros "anticristos" vieram do meio dos cristãos, ou seja, são pessoas que caíram da fé, e isso era também indicativo de ser "a última hora". Assim, os "últimos dias" já tiveram início no primeiro século e continuam até a segunda vinda de Cristo, onde ocorre o fim de tudo. Há dois tipos distintos de anticristos: aqueles que abandonam a fé e negam Jesus Cristo e um indivíduo em particular, o anticristo, o qual é o "homem da iniquidade" mencionado pelo apóstolo Paulo (veja 1.22.1. 1 João 2:18-19).

O "espírito do anticristo" significa uma disposição pessoal em rejeitar Jesus, o que pode também levar alguém a apostatar da fé. Essa é a mesma posição que o anticristo assume. Os cristãos primitivos já tinham ouvido falar que ele viria por causa daquilo que Paulo escreveu sobre o "homem da iniquidade". Ele já estava operante no primeiro século por meio de seu "mistério da iniquidade", embora ainda não estivesse revelado. O anticristo/homem da iniquidade se revelou mais adiante do ponto de vista do primeiro século, porém, do ponto de vista de nossa época, já foi revelado e continuará no mundo por meio de uma sucessão de homens. Essa sucessão sai de "a apostasia" e tem em si a operação do "mistério da iniquidade" e do espírito do anticristo, continuando até Cristo retornar (veja 1.14.2. 2 Tessalonicenses 2:1-12 e 1.22.3. 1 João 4:3).

A segunda vinda de Cristo não ocorreria antes da manifestação de "a apostasia" que gerou o "homem da iniquidade". Esse indivíduo deve ser identificado com um movimento apóstata tão antigo quanto o primeiro século. Tal movimento saiu do meio cristão após os apóstolos morrerem, caiu da fé, e afirma provar sua autenticidade por meio de milagres. Esse movimento já havia tentado gerar o homem da iniquidade no primeiro século, mas era restrito por algo/alguém que os cristãos tessalonicenses do primeiro século conheciam. Não é algo que tenha desaparecido no esquecimento há séculos antes do presente, mas que permanece até Cristo voltar. Sendo assim, do ponto de vista dos dias da era atual, o homem da iniquidade já foi revelado e continuará com uma sucessão de homens que se apresentam como Deus até Cristo retornar. Tal mal já está no mundo e será eliminado apenas na segunda vinda de Cristo. Portanto, a segunda vinda de Cristo pode ocorrer a qualquer instante, de forma imprevisível (veja 1.14.2. 2 Tessalonicenses 2:1-12).

3.1.13. A RESTRIÇÃO DE SATANÁS

Após a queda do Império Romano em 476 d.C., Satanás foi restrito para não poder enganar as nações da Terra no sentido de levantar um movimento mundial em larga escala contra a Igreja a fim de destrui-la. Essa restrição durará por um período completo determinado por Deus, o qual foi retratado como mil anos simbólicos. Durante esse período, a Igreja permanece na Terra sem ser ameaçada em larga escala para destruição. As almas dos fiéis mortos estão vivas, em conforto com o Senhor, reinando e julgando com ele, enquanto as almas dos ímpios permanecem no *sheol*/*hades*. Por um momento breve, Satanás será liberto de sua restrição e, assim como fez com o Império Romano, buscará incitar as nações da Terra contra a Igreja para destrui-la. Mas esse tempo será muito breve. Assim que ocorrer a movimentação dos ímpios, ocorrerá a segunda vinda de Cristo, a qual acabará por lançar todos os não justificados e o próprio Satanás na punição final. As melhores evidências indicam que a punição final se trata de tormento eterno, e não cessação da existência. A movimentação de Satanás para incitar as nações contra a Igreja não será percebida pelas pessoas e, portanto, não é um sinal da volta de Cristo, a qual continua com seu caráter totalmente imprevisível (veja 1.24.45. Apocalipse 20:1-10).

3.1.14. A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

A segunda vinda de Cristo traz, em um mesmo evento, o arrebatamento, a ressurreição dos mortos, o juízo final e os novos céus e nova terra.

Embora o juízo final ainda esteja no futuro, o profeta Isaías viu a certeza de seu cumprimento e apresentou o evento futuro como se já tivesse ocorrido, dando então sequência com louvor. Uma vez que tal juízo está decretado, os ímpios têm temor já no presente. Isaías também louvou a Deus por ele ter amparado os pobres e necessitados e, também, por julgar os tiranos e fazer cessar a perseguição dos ímpios contra os fiéis. As nações

ímpias tentam se esconder de Deus, fazendo uso de qualquer coisa que o ser humano utiliza para se afastar do Senhor, mas não podem nem se esconder e nem fugir do justo juízo final de Deus (veja 2.16.18. Isaías 25:1-9).

O provável esboço sobre os acontecimentos da segunda vinda de Cristo é o seguinte:

1. Deus escolheu Jesus para julgar o mundo com justiça no julgamento que se segue à sua segunda vinda (veja 1.5.6. Atos 17:31), a qual não será para lidar com pecados, mas será para a salvação daqueles que aguardam sua vinda, ou seja, os fiéis (veja 1.18.3. Hebreus 9:27-28). A segunda vinda de Cristo e o fim do mundo ocorrerão no momento escolhido pelo Pai, porém não revelado a ninguém, sendo que Cristo virá nos céus com o anúncio da voz do arcanjo (Miguel), trombetas (tocadas por anjos), anjos e fogo, como a vinda de um rei, de forma imprevisível e repentina, sem nenhum sinal de aviso. Portanto, há a necessidade de que os cristãos estejam constantemente fiéis, em vigilância. O fogo que vem com o Senhor será o instrumento que destruirá os presentes céus e terra e matará os ímpios. A destruição será repentina para aqueles que não estiverem constantemente preparados para estar diante do Senhor. É o maior dia da ira de Deus (veja 1.1.30. Mateus 24:36-39, 1.1.31. Mateus 24:40-44, 1.1.32. Mateus 25:1-13; 1.1.34. Mateus 25:31-46, 1.2.3. Marcos 8:36-9:1, 1.2.10. Marcos 13:32-37, 1.3.5. Lucas 9:25-27, 1.3.10. Lucas 12:37-40, 1.5.1. Atos 1:6-11, 1.13.1. 1 Tessalonicenses 1:10, 1.13.5. 1 Tessalonicenses 5:1-3, 1.14.1. 2 Tessalonicenses 1:7-10, 1.14.2. 2 Tessalonicenses 2:1-12, 1.21.4. 2 Pedro 3:7-16, 1.7.8. 1 Coríntios 15:35-55, 1.15.1. 1 Timóteo 6:14-16 e a Escatologia da Primeira Epístola a Timóteo, 1.21.4. 2 Pedro 3:7-16, 1.24.45. Apocalipse 20:1-10, 1.24.51. Apocalipse 22:6-21, 2.13.9. Provérbios 11:4, 2.14.1. Eclesiastes 1:4 e 2.31.2. Malaquias 4:1-3). A plenitude do reino dos céus, a segunda vinda de Cristo, o juízo final e o tribunal de Cristo ocorrerão no mesmo evento, e todas as pessoas comparecerão a esse tribunal, vivos e mortos (veja 1.1.32. Mateus 25:1-13, 1.8.1. 2 Coríntios 5:6-10, 1.16.3. 2 Timóteo 4:1, 1.20.1. 1 Pedro 1:4-5, 1.20.5. 1 Pedro 5:4, 1.24.45. Apocalipse 20:1-10, 1.24.46. Apocalipse 20:11-15, 2.12.36. Salmo 104:5 e 2.13.8. Provérbios 10:30). Jesus recolherá os justificados para viver consigo, livrando-os da ira vindoura de Deus, e condenará os não justificados à punição eterna (veja 1.1.1. Mateus 3:12, 1.3.2. Lucas 3:16-17, 1.13.1. 1 Tessalonicenses 1:10, 1.14.1. 2 Tessalonicenses 1:7-10, 1.24.46. Apocalipse 20:11-15 e 2.13.11. Provérbios 14:11). A segunda vinda de Cristo é o fim de todas as coisas da presente criação e está próxima em um sentido de proximidade, como alguém que está próximo à porta, mas ainda não entrou, e não em termos de tempo. Também, cada pessoa terá seu próprio "dia do Senhor" no dia em que morrer, isto é, já terá seu destino selado e estará reservada para o juízo final. As pessoas podem morrer imprevisivelmente, a qualquer momento e, mesmo que vivam uma vida de 120 anos, ainda seria um período curto diante do Senhor (veja 1.18.3. Hebreus 9:27-28, 1.19.3. Tiago 5:7-9 e 1.20.4. 1 Pedro 4:6-7). A segunda vinda de Cristo será um dia de alívio para os fiéis e, por isso, eles a amam (veja 1.16.4. 2 Timóteo 4:8). A criação é testemunha de que Deus é o criador e, quando o julgamento final ocorrer, os céus e a terra se apresentarão como testemunhas da criação de Deus e, então, serão destruídos pelo fogo para dar lugar aos novos céus e nova terra (veja 2.16.39. Isaías 48:13). A esperança do cristão são os novos céus e nova terra, não o mundo físico que está reservado para o fogo (veja 1.21.4. 2 Pedro 3:7-16). Nos "últimos dias" pessoas zombarão da vinda de Cristo, afirmando que está demorada e que as coisas continuam iguais. Assim, elas não acreditam na vinda do Senhor e andam segundo suas próprias paixões, e não segundo Deus. Os últimos dias não se referem apenas à era moderna – desde o primeiro século a Bíblia já afirma que são os últimos dias (veja 1.21.4. 2 Pedro 3:3-4 e 1.22.1. 1 João 2:18-19). A reação de Deus às injustiças humanas pode demorar conforme o nosso calendário, mas o acerto de contas virá. Também, a demora na vinda de Cristo não representa a infidelidade de Deus, mas a sua misericórdia, esperando que mais pessoas possam se converter. A demora da vinda do Senhor é uma demonstração de longanimidade para os não justificados, dando a eles tempo para conversão. Uma coisa interessante é que, de certa forma, cristãos podem "apressar" o "Dia de Deus": vivendo "de maneira santa e piedosa" e aguardando a vinda de Jesus. Talvez assim mais pessoas se convertam, o que implica que Deus aguarda que mais pessoas se convertam para depois trazer o fim de tudo (veja 1.21.4. 2 Pedro 3:7-16).

2. O "homem da iniquidade" será o primeiro não justificado a morrer, sendo morto com "o sopro da boca do Senhor" (veja 1.14.2. 2 Tessalonicenses 2:1-12).

3. O fogo atingirá a presente terra e céus, começando a destrui-los. Alguns serão tomados para juízo de condenação e outros não. A pessoa que "será levada" é aquela que é tomada para julgamento e consequente morte, sendo o elemento de juízo o fogo, o qual a matará. O Senhor matará os não justificados e eles não poderão nem sequer ser pranteados ou sepultados, sendo comparados a esterco sobre o chão. Aquele que "será deixado" é o justificado que estiver vivo na ocasião da segunda vinda do Senhor, o qual não sofrerá nem a morte pelo fogo, nem a condenação do juízo final (veja 1.1.15. Mateus 13:37-43, 1.1.31. Mateus 24:40-44, 1.14.1. 2 Tessalonicenses 1:7-10, 1.21.4. 2 Pedro 3:7-16, 1.24.45. Apocalipse 20:1-10, 2.12.36. Salmo 104:5, 2.13.8. Provérbios 10:30, 2.14.1. Eclesiastes 1:4, 2.17.4. Jeremias 25:30-33 e 2.31.2. Malaquias 4:1-3). Os justificados que estiverem vivos na vinda do Senhor não serão nem mortos nem feridos pelo fogo (veja 1.1.31. Mateus 24:40-44).

4. A voz de Jesus chamará todos os mortos à ressurreição – justificados e não justificados (inclusive aqueles que morreram pelo fogo da segunda vinda de Cristo). Tanto fiéis quanto infiéis ressuscitarão ao mesmo tempo e receberão corpos ressurretos e ao comando da voz de Cristo. Os justificados que estiverem fisicamente mortos serão levados pelos anjos a Cristo nos ares com corpos glorificados (veja 1.1.15. Mateus 13:37-43, 1.1.34. Mateus 25:31-46, 1.4.2. João 5:24-29, 1.5.7. Atos 24:15, 1.13.4. 1 Tessalonicenses 4:13-17, 1.7.7. 1 Coríntios 15:20-28, 1.7.8. 1 Coríntios 15:35-55, 1.24.46. Apocalipse 20:11-15, 2.11.7. Jó 19:25-27, 2.16.19. Isaías 26:1-21 e 2.31.2. Malaquias 4:1-3). Os justificados que estiverem fisicamente vivos serão transformados para possuir corpos glorificados e serão levados pelos anjos aos ares até Cristo, chegando logo após os justificados que estavam mortos, os quais também recebem corpos glorificados (veja 1.1.15. Mateus 13:37-43, 1.1.34. Mateus 25:31-46, 1.13.4. 1 Tessalonicenses 4:13-17, 1.7.8. 1 Coríntios 15:35-55, 2.16.19. Isaías 26:1-21 e 2.31.2. Malaquias 4:1-3). Quando os justificados ressuscitarem, não haverá mais nenhum casamento entre eles, e nem o casamento da vida anterior será mantido (veja 1.1.24. Mateus 22:30-32, 1.2.7. Marcos 12:25-27 e 1.3.18. Lucas 20:34-38). O novo corpo dos cristãos ressurretos é espiritual e diferente do carnal, possuindo maior glória e sendo incorruptível (não se decompõe). Nesse momento, a morte é derrotada, pois os corpos são eternos, e não há mais morte (veja 1.7.8. 1 Coríntios 15:35-55, 1.24.46. Apocalipse 20:11-15, 1.16.18. Isaías 25:1-9, 1.16.19. Isaías 26:1-21). É possível que os corpos ressurretos dos não justificados não serão glorificados como os corpos dos justificados – a Bíblia fala de corpo glorificado apenas para os justificados (veja 1.13.4. 1 Tessalonicenses 4:13-17). Cristo é a verdadeira vida dos justificados, e os fiéis que antes não estavam em seu estado de plenitude o verão como ele é e serão semelhantes a ele, pois o corpo glorificado dos fiéis será como o dele em sua manifestação de glória (veja 1.11.4. Filipenses 3:20-21, 1.12.2. Colossenses 3:4, 1.16.4. 2 Timóteo 4:8, 1.22.2. 1 João 3:2 e 1.24.3. Apocalipse 1:13-20).

5. Jesus se assentará em seu trono para julgar e os anjos estarão presentes, sendo que eles trarão as pessoas diante do Senhor para o julgamento e, depois dele, encaminharão os condenados à punição eterna e os fiéis à vida eterna (veja 1.1.15. Mateus 13:37-43, 1.1.34. Mateus 25:31-46, 1.24.51. Apocalipse 22:6-21 e 2.12.1. Salmo 1:5). O julgamento é justo, individual e segundo a conduta de cada um (veja 2.19.17. Ezequiel 33:20). O juízo final não será limitado apenas àqueles que viveram na Terra, a qual será destruída, mas também aos poderes espirituais do mal (veja 2.16.17. Isaías 24:1-23). O juízo final colocará um fim em todo tipo de mal (veja 2.16.20. Isaías 27:1-13). Todos os justificados serão ajuntados "à direita" de Cristo (veja 1.1.34. Mateus 25:31-46). Jesus será glorificado e admirado por causa daqueles a quem ele salvou (veja 1.14.1. 2 Tessalonicenses 1:7-10). Os fiéis verão uns aos outros no dia do juízo final e serão motivo de glória e louvor a Deus (veja 1.11.1. Filipenses 1:8-11). Quando cristãos forem constatados como fiéis no juízo final, outros cristãos que trabalharam a favor deles terão uma glória ao saber que seus esforços não foram em vão (veja 1.11.3. Filipenses 2:14-16 e 1.13.2. 1 Tessalonicenses 2:19). O galardão daqueles que se esforçaram pelo evangelho será muito maior do que todas as dificuldades enfrentadas na vida física (veja 1.16.1. 2 Timóteo 1:12). A salvação e a justiça do Senhor são eternas, evidenciadas, em última análise, pela ressurreição dos mortos e os novos céus e nova terra. Da mesma forma que os exilados na Babilônia voltaram ao monte Sião, os justificados que viveram em um mundo repleto de pecados estarão com Deus na sua morada celestial, o verdadeiro monte Sião (veja 2.16.43. Isaías 51:5-14). O futuro dos justificados será constatado por todos (veja 2.16.51. Isaías 60:1-22). Enquanto o julgamento final toma lugar, o fogo continuará consumindo toda a criação (veja 1.21.4. 2 Pedro 3:7-16, 1.24.46. Apocalipse 20:11-15, 2.12.36. Salmo 104:5 e 2.14.1. Eclesiastes 1:4).

6. Todos os não justificados serão ajuntados "à esquerda" de Cristo (veja 1.1.34. Mateus 25:31-46). Eles serão separados e ajuntados para a punição final, verão o zelo de Deus pelos justificados e se envergonharão (veja 2.16.19. Isaías 26:1-21 e 2.28.4. Sofonias 3:8-13). Eles perderão tudo em que confiaram, coisas não servirão de nada a eles, pois foram como um povo que rejeitou o entendimento para as coisas de Deus e que não fez caso dele como criador. Deus não terá compaixão de tal atitude, ou seja, negará a eles o perdão, o que implica, em última análise, na condenação do juízo final (veja 2.16.20. Isaías 27:1-13). O fogo continuará consumindo toda a criação (veja 1.21.4. 2 Pedro 3:7-16, 1.24.46. Apocalipse 20:11-15 e 1.24.51. Apocalipse 22:6-21).

7. Os presentes terra e céus continuarão sendo consumidos pelo fogo e destruídos enquanto o julgamento final toma lugar, a fim de encaminhar cada um para seu destino eterno (veja 1.1.34. Mateus 25:31-46, 1.4.2. João 5:24-29, 1.21.4. 2 Pedro 3:7-16, 1.24.45. Apocalipse 20:1-10, 1.24.46. Apocalipse 20:11-15 e 2.16.17. Isaías 24:1-23). Jesus estará no seu trono de glória especificamente para julgar, sendo um julgamento justo com base no que cada julgado fez. No julgamento será revelado se cada um realmente foi fiel ao Senhor e quais foram as verdadeiras intenções dos corações. Os fiéis participarão desse julgamento e até mesmo julgarão pessoas de Israel e anjos desobedientes. Os anjos de Deus também participarão. O julgamento final é individual e tem o objetivo de inaugurar a perfeição da plenitude do reino de Deus (veja 1.1.14. Mateus 12:40-42, 1.1.18. Mateus 16:26-28, 1.1.22. Mateus 19:28-30, 1.1.34. Mateus 25:31-46, 1.3.8. Lucas 11:30-32, 1.3.21. Lucas 22:29-30, 1.6.4. Romanos 14:9-12, 1.7.2. 1 Coríntios 4:5, 1.7.3. 1 Coríntios 6:2-3, 1.16.4. 2 Timóteo 4:8, 1.24.7. Apocalipse 2:26-29, 1.24.51. Apocalipse 22:6-21, 2.12.10. Salmo 19:9, 2.12.40. Salmo 119:137, 2.26.6. Miqueias 5:6-9 e 2.31.2. Malaquias 4:1-3). Os fiéis estarão diante de Cristo para receber a justificação e vida eterna, e não condenação (veja 1.4.2. João 5:24-29 e 1.24.46. Apocalipse 20:11-15). Cada um vai ser responsabilizado no juízo final proporcionalmente ao que foi dado a ele e de acordo a como ele fez uso disso de forma a frutificar para seu Senhor. Aquele que fez muito pelo reino de Deus receberá mais ainda, o que sugere um galardão maior na plenitude do reino. Não há segundas chances após o juízo final. As próprias palavras e atos do julgado serão usados contra ele (veja 1.1.33. Mateus 25:14-30, 1.3.11. Lucas 12:47-48, 1.3.17. Lucas 19:11-24 e 1.24.46. Apocalipse 20:11-15). A Palavra de Deus na Bíblia é configurada de forma a trazer o resultado que Deus quer, e não o que o ser humano quer. Deus vê todas as coisas como expostas e, por isso, sua Palavra é capaz de julgar justamente (veja 1.18.2. Hebreus 4:12-13). Aqueles que receberam maior luz da parte de Deus e a rejeitaram terão julgamento e punição mais severos. A intensidade da punição será maior ou menor conforme o que fizeram com a Palavra de Deus (veja 1.1.8. Mateus 10:14-15 e 1.4.9. João 12:48). Também, o rigor do julgamento final e sua punição serão maiores proporcionalmente à incredulidade daquele que será julgado (veja 1.1.12. Mateus 11:21-24 e 1.3.7. Lucas 10:13-15) e à consistência de seu conhecimento da vontade do Senhor e sua aplicação na prática (veja 1.3.11. Lucas 12:47-48 e 1.7.1. 1 Coríntios 3:12-15). Aquele que confessou Jesus às outras pessoas terá, da mesma forma, seu nome confessado por Jesus diante de Deus Pai e dos anjos. Aquele que negou Jesus diante de outras pessoas terá, da mesma forma, seu nome negado por Jesus diante de Deus Pai e dos anjos. Jesus, portanto, testemunhará para salvação ou condenação de cada um de acordo como cada um fez com a sua Palavra (veja 1.1.11. Mateus 10:32-33, 1.2.3. Marcos 8:36-9:1, 1.3.5 Lucas 9:25-27, 1.3.9. Lucas 12:8-10, 1.24.8. Apocalipse 3:5 e 1.24.9. Apocalipse 3:10-12). Aqueles que persistiram em não se conformar à Palavra de Deus, ou em seguir falso ensino, serão encaminhados à condenação eterna. Os justificados por Deus partilharão da sua glória (veja 1.1.15. Mateus 13:37-43, 1.1.26. Mateus 23:15 e 1.1.27. Mateus 23:33). Quem persistiu em usar a língua para pecar também está sujeito à punição final (veja 1.19.2. Tiago 3:6). Deus não poupará aqueles que persistiram na desobediência (veja 1.21.1. 2 Pedro 2:4). O choro e ranger de dentes ocorrerá quando os não justificados virem Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas na congregação dos justificados. Isso indica que os não justificados verão os justificados nessa congregação no juízo final (veja 1.3.13. Lucas 13:23-30). Todos dobrarão seus joelhos diante de Deus e renderão louvores a ele, pois cada pessoa reconhecerá que o juízo de Deus é correto e que Deus faz justiça (veja 1.6.4. Romanos 14:9-12 e 2.12.28. Salmo 86:9). Os anjos efetuarão a separação dos justificados dos não justificados e lançarão os últimos na punição eterna, a qual é descrita como uma fornalha acesa com choro e ranger de dentes (veja 1.1.16. Mateus 13:49-50, 1.1.33. Mateus 25:14-30, 1.3.13. Lucas 13:23-30, 1.24.46. Apocalipse 20:11-15, 2.12.17. Salmo 37:18-20, 2.12.19. Salmo 37:28-29, 2.12.20. Salmo 37:38, 2.13.3. Provérbios 2:21-22, 2.13.8. Provérbios 10:30 e 2.13.15. Provérbios 19:16).

8. Os não justificados, os pecadores do mundo, incluindo Satanás, seus servos e os "covardes" (aqueles que se recusaram a servir Jesus até a morte, os quais amaram suas vidas mais do que amaram o Senhor, temendo a perseguição e não mantendo a fé), serão banidos da presença de Deus, considerados assim definitivamente mortos, e serão lançados na punição final, o "lago de fogo que arde com fogo e enxofre" – a eterna separação de Deus, sua ira que arde como fogo – juntamente com o *sheol/hades* e o abismo (veja 1.3.1. Lucas 3:9, 1.24.46. Apocalipse 20:11-15, 1.24.47. Apocalipse 21:1-8 e 2.16.19. Isaías 26:1-21). Satanás e os ímpios julgados no juízo final jamais poderão cometer impiedades novamente (veja 2.16.18. Isaías 25:1-9 e 2.16.56. Isaías 65:17-25). A intensidade da punição será maior para alguns do que para outros (veja 1.1.8. Mateus 10:14-15, 1.1.12. Mateus 11:21-24, 1.3.11. Lucas 12:47-48, 1.3.7. Lucas 10:13-15 e 1.4.9. João 12:48). É possível que aqueles que forem lançados fora da presença de Deus possam, a partir de seu local de banimento, de alguma forma ver aqueles que forem justificados (veja 1.3.13. Lucas 13:23-30).

9. O vencedor, ou seja, o justificado por Deus, não sofrerá o dano da segunda morte, ou seja, o banimento da presença de Deus (veja 1.24.5. Apocalipse 2:11). Os justificados partilharão da graça e fidelidade de Deus e serão admitidos no júbilo da congregação eterna (veja 1.24.6. Apocalipse 2:17, 1.24.9. Apocalipse 3:10-12, 1.24.47. Apocalipse 21:1-8, 2.12.17. Salmo 37:18-20, 2.12.19. Salmo 37:28-29, 2.12.20. Salmo 37:38 e 2.13.3. Provérbios 2:21-22), jamais deixarão a vida eterna, e estarão para sempre em máxima alegria, vitória, pureza, santidade e glória (veja 1.24.8. Apocalipse 3:5, 1.24.47. Apocalipse 21:1-8, 2.16.18. Isaías 25:1-9 e 2.31.2. Malaquias 4:1-3). Serão criados os novos céus e nova terra para habitação eterna dos justificados com Deus, algo totalmente novo que tomará o lugar da primeira criação que será destruída (veja 1.24.47. Apocalipse 21:1-8 e 2.16.56. Isaías 65:17-25). Essa é a pátria do justificado (veja 1.11.4. Filipenses 3:20-21), a cidade preparada por Deus para seus fiéis, onde os justificados terão comunhão total com o Senhor e não haverá mais nenhum sofrimento (veja 1.18.6. Hebreus 11:13-16, 1.19.3. Tiago 5:7-9, 1.24.47. Apocalipse 21:1-8, 2.16.17. Isaías 24:1-23, 2.16.18. Isaías 25:1-9, 2.16.19. Isaías 26:1-21, 2.16.27. Isaías 35:1-10 e 2.16.56. Isaías 65:17-25). Os justificados são simbolizados como uma cidade que é também uma noiva, a noiva de Deus. Como na união do matrimônio entre homem e mulher, Deus se une a seu povo. A figura do casamento expressa o relacionamento da verdadeira Jerusalém/Sião com o Senhor (veja 2.16.53. Isaías 62:1-12, 2.16.56. Isaías 65:17-25 e 2.16.58. Isaías 66:18-24). Nesse ponto, todos os inimigos estarão derrotados e Cristo, que está reinando à destra de Deus Pai, retornará o reinado a ele, embora continue correinando (veja 1.1.25. Mateus 22:44, 1.2.8. Marcos 12:36, 1.3.19. Lucas 20:41-43, 1.3.21. Lucas 22:29-30, 1.7.7. 1 Coríntios 15:20-28 e 1.24.47. Apocalipse 21:1-8). Os justificados também reinarão com ele pela eternidade (veja 1.20.5. 1 Pedro 5:4, 1.24.7. Apocalipse 2:26-29, 1.24.10. Apocalipse 3:21 e 1.24.47. Apocalipse 21:1-8). No estado eterno glorificado, a verdadeira vida flui de Deus e de Jesus para os salvos de forma direta (veja 1.24.50. Apocalipse 22:1-5). É esse o reino celestial em que os mansos receberão a plenitude das bênçãos (veja 1.1.2. Mateus 5:5, 1.24.47. Apocalipse 21:1-8 e 1.24.50. Apocalipse 22:1-5). A totalidade do povo de Deus estará em um estado formidável, um estado totalmente restaurado, abençoado, eterno e glorificado, na perfeição do padrão da santidade divina, em contraste com a impureza do povo antes de ser redimido. A proximidade dos justificados a Deus e a Jesus será total. Não há pecado, portanto, nada é maldito. Os justificados verão Deus face a face e o adorarão pela eternidade em um estado de regozijo formidável, em comunhão íntima com ele, vivendo em sua luz e em glória. Tudo será perfeito, não havendo mais mal, morte ou dor (veja 1.24.48. Apocalipse 21:9-21, 1.24.50. Apocalipse 22:1-5, 2.12.5. Salmo 11:7, 2.12.8. Salmo 17:15, 2.12.44. Salmo 145:20 e 2.16.56. Isaías 65:17-25). Haverá adoração constante e cânticos de louvor da parte dos justificados. Deus não levará mais em conta seus pecados e, assim, não terá ira contra eles. O Senhor cuidará deles com muito cuidado, protegendo-os e impedindo-os de ter qualquer tipo de mal (veja 2.16.20. Isaías 27:1-13, 2.16.27. Isaías 35:1-10, 2.16.56. Isaías 65:17-25 e 2.16.58. Isaías 66:18-24). Abraão, Isaque e Jacó estarão nesse reino dos céus em sua plenitude, e com eles estarão muitos de todas as partes do mundo que se converteram a Deus. O povo de Deus de todas as línguas e nações estará em seu estado aperfeiçoado, recebendo as recompensas eternas e as bênçãos finais prometidas. As várias profecias de salvação dos gentios estarão cumpridas nesse ponto – pessoas de diferentes nações e posições de autoridade estarão na luz de Deus (veja 1.1.5. Mateus 8:11-12, 1.24.49. Apocalipse 21:22-29 e 2.16.58. Isaías 66:18-24). As posições de honra na glória são concedidas apenas àqueles para quem Deus as preparou. Há posições de honra na glória celestial e alguns terão uma posição mais honrada do que outros, sendo que até mesmo o menor entre o povo glorificado será tremendamente glorioso (veja 1.2.6.

Marcos 10:40 e 2.16.51. Isaías 60:1-22). Aquele que fez muito pelo reino de Deus receberá mais ainda (veja 1.1.33. Mateus 25:14-30, 1.3.11. Lucas 12:47-48 e 1.3.17. Lucas 19:11-24). As esperanças dos fiéis estarão plenamente concretizadas (veja 1.17.1. Tito 2:12-13 e a Escatologia da Epístola a Tito). Jamais entrará algo contaminado com pecado na congregação eterna, pois toda contaminação estará no lago de fogo (veja 1.24.49. Apocalipse 21:22-29). Talvez os justificados poderão ver, pelo menos em algum momento, os não justificados sob a ira máxima de Deus (veja 2.16.58. Isaías 66:18-24).

3.2. O ESTADO INTERMEDIÁRIO ENTRE VIDA FÍSICA E RESSURREIÇÃO, O *SHEOL/HADES* E O ABISMO

Organizamos a seguir as informações obtidas pelas análises contextuais dos textos bíblicos representativos sobre o estado intermediário entre a vida física e a ressurreição dos mortos, o mundo dos mortos e a punição final.

3.2.1. A MORTE

A morte é uma separação: morte física é separação de corpo e espírito, a morte espiritual é a separação de Deus (veja 1.1.7. Mateus 9:23-25, 1.2.2. Marcos 5:39, 1.3.4. Lucas 8:51-53, 1.4.7. João 11:11-15, 1.5.4. Atos 7:55-60, 1.5.5. Atos 13:34-37; 1.7.5. 1 Coríntios 15:6; 1.7.6. 1 Coríntios 15:16-19; 1.13.4. 1 Tessalonicenses 4:13-17; 1.19.1. Tiago 2:26, 1.24.5. Apocalipse 2:11, 2.12.45. Salmo 146:3-4 e 2.13.15. Provérbios 19:16). Nenhum ser humano pode impedir que seu espírito saia do corpo na morte, e nem pode ter controle do momento em que vai morrer (veja 2.14.6. Eclesiastes 8:8-10). Todas as pessoas sofrerão a morte física, independentemente de como tenham procedido durante a vida na Terra. Os vivos, no entanto, têm esperança, pois ainda podem se converter ao Senhor. Aquele que morrer perderá essa oportunidade e, se não se apegou a Deus em vida, estará confinado ao mundo dos mortos e reservado para o juízo final (veja 2.14.7. Eclesiastes 9:2-6).

A vida física é tirada do homem quando seu espírito é separado de seu corpo e a alma de uma pessoa sai do corpo quando ele morre (veja 1.1.10. Mateus 10:28, 1.18.3. Hebreus 9:27-28, 1.19.1. Tiago 2:26, 2.1.10. Gênesis 33:18 e 2.14.9. Eclesiastes 12:6-7). A morte era vista com terror (veja 2.12.9. Salmo 18:4-5). Ao se considerar o destino do sábio e do tolo de um ponto de vista meramente natural, a morte é o fim para ambos. Sábios e tolos eventualmente serão esquecidos pelos vivos e ambos morrerão da mesma forma: decompondo-se na terra (veja 2.14.2. Eclesiastes 2:16). De um ponto de vista meramente natural, aquele que teve muita prosperidade em vida, mas não conseguiu aproveitá-la, teve apenas labuta – após a morte, não poderá aproveitar nada do que conseguiu. Um ser humano abortado é "mais feliz" no sentido de que não precisou labutar por nada e, na morte, está na mesma situação daquele que conquistou muitos bens. Na morte, ambos não têm nada, mas o aborto, pelo menos, não teve labuta (veja 2.14.5. Eclesiastes 6:3-6).

A morte é retratada como tendo laços, ou seja, é capaz de se apoderar daqueles que não aplicam os ensinos da Palavra do Senhor (veja 2.13.10. Provérbios 13:14 e 2.13.12. Provérbios 14:27). Ao se considerar um ponto de vista puramente terreno, tanto faz ser sábio ou tolo: ambos morrem da mesma forma e ambos, cedo ou tarde, serão esquecidos pelos vivos. Em outras palavras, sem Deus não há real recompensa em ser sábio (veja 2.14.2. Eclesiastes 2:16).

As pessoas que estão fisicamente vivas, mas que estão longe do Senhor, são consideradas espiritualmente mortas. Assim, o evangelho é pregado àqueles que estão espiritualmente mortos para que se convertam ao Senhor e verdadeiramente vivam (veja 1.20.4. 1 Pedro 4:6-7).

Eliú demonstrou uma crença em que anjos estão envolvidos em assuntos relativos à morte física das pessoas. Segundo ele, há anjos que trazem a morte, anjos que intercedem e livram da morte, e anjos que declaram às pessoas o que é certo. Nessa crença, é possível que Deus livre alguém da morte por meio de um anjo intercessor se Deus encontrar algo que sirva de resgate por sua vida física. A vida de uma pessoa, em última análise, pode apenas ser resgatada com base no sacrifício de Cristo, porém, é possível que, pela ordem de Deus, um anjo livre alguém da morte física. A Bíblia ensina que os anjos encaminham as almas dos mortos para seus destinos e julgamento e, também, que alguém que corra perigo iminente de morte pode ser libertado por Deus – ele pode distinguir uma pessoa de entre aqueles que estão para ir ao mundo dos mortos e preservá-la viva (veja 2.11.13. Jó 33:22-24; 2.12.13. Salmo 30:3).

Os antigos patriarcas (como Jó) e os fiéis do Antigo Testamento tinham pouco conhecimento sobre a morte, uma vez que o Senhor quase não havia dado revelação a esse respeito (veja 2.11.18. Jó 38:16-17, 2.12.45. Salmo 146:3-4 e 2.16.28. Isaías 38:17-19). Maiores revelações sobre a morte surgiram progressivamente ao longo da Bíblia, atingindo seu ápice no Novo Testamento.

3.2.2. CORPO, ALMA E ESPÍRITO

O ser humano consiste de três partes: um corpo físico, que é a parte física, e uma parte espiritual, a alma e o espírito. A alma é sensível e tanto o ser humano como os animais possuem uma alma, sendo ela o centro dos "desejos terrenos". O espírito é racional, e é a parte espiritual mais elevada e receptiva ao Espírito de Deus, a qual coloca o ser humano ao par com seres celestiais. A "alma" é associada mais comumente com a vida física (força animadora, a própria pessoa, o aspecto caracterizado pela personalidade e emocionalidade, o componente formado à imagem de Deus) enquanto o "espírito" se relaciona mais com a mente e o aspecto espiritual do homem. Às vezes alma e espírito são intercambiáveis (veja 1.1.10. Mateus 10:28, 1.13.6. 1 Tessalonicenses 5:23, 1.18.2. Hebreus 4:12-13 e 2.1.2. Gênesis 2:7).

A alma do ser humano veio a existir quando o espírito, o qual procede de Deus, interagiu com a matéria – a alma tem um início. A alma pode denotar a própria pessoa ou sua parte espiritual. Embora os animais sejam descritos como possuindo "fôlego de vida", aparentemente o ser humano é o único ser material que possui um espírito que permite que a alma possa permanecer após a morte do corpo. Interessantemente, a Bíblia não considera matar animais e plantas como uma violação do mandamento de não matar, embora tal ato possa, juntamente com a destruição da terra, ser considerado um desrespeito à vida, a qual foi dada por Deus e, por conseguinte, tal ato é um ultraje a Deus (veja 2.1.2. Gênesis 2:7).

Ao que tudo indica, por não possuírem espírito, animais podem ter almas que simplesmente desaparecem quando morre o corpo – apenas uma alma vinculada a um espírito, como é o caso do ser humano, pode ter existência após a morte física. Mesmo sem ter tido revelação clara a respeito, é possível que Salomão já tivesse suspeitado que a parte espiritual do ser humano vá até as alturas onde está Deus para receber juízo, isto é, para ser encaminhada para a área do justificado ou a área do não justificado no *sheol/hades*, e a parte espiritual dos animais simplesmente deixe de existir quando eles morrem e se decompõem na terra (veja 2.12.21. Salmo 49:14-19 e 2.14.3. Eclesiastes 3:16-21).

A Palavra de Deus é capaz de separar coisas aparentemente indivisíveis, tais como a parte espiritual e a parte física de alguém, de modo a manifestar sua verdadeira intenção. Deus santificará inteiramente aqueles que o obedecem: tanto a parte física como a espiritual. Com a obediência do evangelho, Deus capacita o cristão a ser santo em relação a tudo e, assim, todo o seu ser é mantido íntegro e irrepreensível para se encontrar com o Senhor em sua segunda vinda (veja 1.13.6. 1 Tessalonicenses 5:23 e 1.18.2. Hebreus 4:12-13).

3.2.3. O ESTADO DOS MORTOS

Aqueles que morreram fisicamente estão conscientes. Na transfiguração de Jesus, Moisés e Elias estavam vivos e conscientes, capazes de se comunicar e reconhecer a outros, e possuíam alguma glória, embora ainda não estejam com seus corpos glorificados ressurretos. Tudo indica que tanto Moisés quanto Elias tinham uma forma humanizada – caso não fosse esse o caso, não teriam sido descritos como sendo Moisés e Elias, mas como algo "fantasmagórico" ou qualquer outra coisa assim. Isso parece indicar que os fiéis tomados por Deus sem morrerem fisicamente e os fiéis que já morreram fisicamente estão nesse estado também (veja 1.1.19. Mateus 17:1-9, 1.2.4. Marcos 9:2-9 e 1.3.6. Lucas 9:28-36). Abraão, Isaque e Jacó estão vivos e com Deus, e isso implicitamente aponta para a ressurreição dos mortos. Aqueles que estão com Deus, ainda que tenham morrido fisicamente, são contados como vivos (veja 1.1.24. Mateus 22:30-32, 1.2.7. Marcos 12:25-27, 1.3.18. Lucas 20:34-38, 2.2.1. Êxodo 3:6 e 2.2.2. Êxodo 3:15-16). Abraão estava consciente no *sheol/hades* no momento em que Jesus discutiu com os judeus. Ele pôde saber sobre a vinda do Messias na Terra e se alegrou com isso. Abraão está vivo e com Deus, embora ainda sem ter recebido seu corpo glorificado e os novos céus e nova terra (veja 1.4.6. João 8:56). Samuel estava consciente após sua morte quando falou com Saul, e possuía alguma glória (veja 2.5.2. 1 Samuel 28:11-20).

Pessoas que estavam claramente mortas foram chamadas como estando "dormindo" porque a morte física é um estado temporário até a ressurreição dos mortos – não se trata de uma inconsciência dos mortos, mas o estado

temporário da morte. Assim como quem dorme acordará, também quem está morto ressuscitará (veja 1.1.7. Mateus 9:23-25, 1.2.2. Marcos 5:39, 1.3.4. Lucas 8:51-53, 1.4.7. João 11:11-15, 1.5.4. Atos 7:55-60, 1.5.5. Atos 13:34-37, 1.7.5. 1 Coríntios 15:6, 1.7.6. 1 Coríntios 15:16-19, 1.13.4. 1 Tessalonicenses 4:13-17, 2.12.8. Salmo 17:15 e 2.16.28. Isaías 38:17-19). No Salmo 13, a aproximação da morte foi indicada como se fosse a obscuridade da visão e estava rapidamente roubando os sentidos do salmista, como um sono. A menos que sua clareza de visão fosse restaurada, logo terminaria na escuridão total, comparada a um sono profundo no qual o salmista não mais se levantaria na Terra. Era comum expressar grandes perigos e calamidades como sendo trevas, e grandes confortos e libertações como sendo luz. Em um sono se vê apenas escuridão, e ela representa calamidade: a incapacidade de voltar a interagir no mundo dos viventes por si mesmo. A semelhança de um cadáver com uma pessoa adormecida foi a raiz da metáfora do "sono da morte", sendo incerto usar o emprego de tal metáfora como qualquer coisa com relação às visões do salmista sobre a natureza real da morte (veja 2.12.6. Salmo 13:3).

Após ressuscitar, Jesus disse para seus discípulos o observarem porque um espírito não tem carne e ossos. A parte espiritual de um homem (alma e espírito) não tem carne e ossos, ou seja, não possui um corpo físico. Considerando a afirmação do Senhor, entende-se que a parte espiritual das pessoas falecidas realmente pode estar separada do corpo físico, ou seja, em um estado desincorporado. Tudo indica que a parte espiritual dos falecidos no mundo dos mortos esteja em um estado enfraquecido, algo como uma "sombra", possivelmente devido ao estado desincorporado. Isaías retratou que no abismo mais profundo do mundo dos mortos se encontram aqueles que antes foram "príncipes da terra" que agora são "sombras", ou seja, têm uma existência enfraquecida. A palavra hebraica *rapha* foi aplicada para esses mortos, e tal termo hebraico pode se referir também aos antigos e poderosos gigantes que morreram no dilúvio de Noé, ou aos antigos e poderosos gigantes cananeus, ou a ambos. Outro entendimento provável é que o termo *rapha* foi aplicado aos mortos descrevendo-os como tendo uma existência fraca, debilitada, sem poder ou sensação. Tal enfraquecimento pode ser devido a um estado desincorporado, ou seja, decorrente da ausência de um corpo físico. Assim, provavelmente, os espíritos dos mortos estão em um estado enfraquecido no *sheol*. Esse estado enfraquecido pode ser um dos fatores que impede que os habitantes do mundo dos mortos realizem atividades ou aprendizados como antes faziam em suas vidas terrenas (veja 1.3.26. Lucas 24:37-39, 2.16.14. Isaías 14:9-20 e 2.19.16. Ezequiel 32:18-32). Jó afirmou que até mesmo os ímpios poderosos da antiguidade que se encontram no abismo, em uma existência enfraquecida, como "sombras", tremem diante de Deus. Se eles têm temor, tais mortos são retratados como estando conscientes (veja 2.11.10. Jó 26:5-6).

No Livro de Apocalipse, as almas de fiéis que morreram por causa da Palavra de Deus e por seu testemunho clamaram por justiça, mas tiveram que aguardar, uma vez que o julgamento não iria acontecer imediatamente. Antes, mais pessoas iriam ser mortas por causa de Cristo. As almas desincorporadas dos fiéis foram retratadas como conscientes após a morte física, sendo que suas aparências puderam ser reconhecidas como pessoas pelo apóstolo João (veja 1.24.12. Apocalipse 6:9-11). Os fiéis que morreram foram retratados como estando com o Senhor, vitoriosos – fiéis em Cristo que morreram estão em comunhão com o Senhor no céu, o que foi retratado como uma ressurreição de duas testemunhas. Essa ressurreição é um exemplo da "primeira ressurreição" mostrada em Apocalipse 20 – não é a ressurreição dos mortos na segunda vinda de Cristo, mas fiéis mortos são contados como vivos e ressuscitados por estarem em proximidade com Deus no céu (veja 1.24.24. Apocalipse 11:7-14).

Os mortos não sofrem das dores físicas do mundo dos vivos. Textos do Antigo Testamento que aparentemente implicam que o estado da alma após a morte física seja de repouso ou dormência o fazem considerando a morte de uma perspectiva terrena: um corpo morto e enterrado não sente dor, apenas "descansa", retornando ao pó (veja 2.11.1. Jó 3:13). O descanso que se obtém no mundo dos mortos se refere a estar livre dos assuntos terrenos. Os mortos eventualmente serão esquecidos pelos vivos. Não participam dos assuntos na vida física, não podem mais interagir com coisa alguma na Terra e, nesse sentido, sem oportunidade de fazer quaisquer obras na Terra, são como se tivessem "perecido para sempre" e não sabem nada sobre o que se passa com os vivos. Uma vez que não mais interagem nos assuntos terrenos, os mortos não podem mais aprender nada do mundo físico e, dessa forma, não alcançam sabedoria e nem podem exercer, na Terra, a sabedoria que tinham em vida, nem receberão qualquer amor, ódio ou inveja da parte dos vivos. No entanto, isso não significa que o amor não existe mais para eles nas regiões celestiais, nem que será negada a recompensa a eles (veja 2.6.1. 2 Samuel 7:12, 2.11.2. Jó 4:20-21, 2.14.4. Eclesiastes 4:1-2, 2.14.6. Eclesiastes 8:8-10, 2.14.7. Eclesiastes 9:2-6 e 2.16.28. Isaías 38:17-19). Os mortos não têm mais que passar pela opressão e violência que os vivos sofrem na Terra e, nesse sentido, são "mais felizes" por não poderem mais sofrer as injustiças do mundo dos vivos (veja 2.14.4. Eclesiastes 4:1-2).

Aparentes afirmações no Antigo Testamento de que os mortos não atingem sabedoria, não louvam a Deus, não podem produzir som, não estão cônscios de nada, não podem ver as maravilhas de Deus, etc., não são declarações absolutas. O referencial dessas afirmações é a existência terrena, e os mortos não podem fazer nenhuma dessas coisas no mundo dos vivos, uma vez que não têm mais participação nele. Os mortos não podem interagir com o mundo dos vivos, logo não há mais necessidade de adquirir conhecimento ou sabedoria terrenos, ou realizar obras ou projetos na Terra. Os mortos não podem testemunhar da grandeza de Deus para os vivos. Aqueles que morreram não podem mais se converter a Deus se não o fizeram em vida. Os justos falecidos já aguardam sua redenção e os ímpios falecidos estão irremediavelmente condenados, sendo essa a razão pela qual é inútil mostrar aos mortos as maravilhas de Deus, as quais têm o propósito de converter a Deus ou exortar aos já convertidos que permaneçam em Deus. Após a morte, a única coisa do falecido que permanece na Terra são seus restos mortais, e eles não vão lembrar de Deus ou louvar a Deus diante dos vivos, assim como aqueles que estão no mundo dos mortos não podem lembrar os vivos sobre Deus e nem louvar a Deus diante dos vivos. Ainda que um morto pudesse testemunhar de Deus em meio aos vivos, há pessoas que não se converteriam. Outra questão é que a existência no mundo dos mortos não é como a vida no mundo físico: é provável que seja uma existência em um estado enfraquecido. Se for assim, os habitantes do *sheol* podem não ter forças para fazer as mesmas coisas que faziam na Terra (tais como atividades ou aprendizados como antes faziam em suas vidas terrenas) – talvez uma consequência da ausência do corpo. Além disso, não é sempre que os escritores do Antigo Testamento usam o termo *sheol* significando o mundo dos mortos. Muitas vezes, o túmulo é usado como metonímia para transmitir os sentimentos dos escritores. Nas épocas do Antigo Testamento, o Senhor praticamente não revelou nada sobre o estado de morte antes da ressurreição dos mortos. O mundo dos mortos era visto com terror na antiguidade, pouco se sabia sobre ele, e tal terror passava a impressão de que seria um local esquecido por Deus. O conhecimento sobre o *sheol* até aquele ponto era bastante limitado. A personificação da morte era bastante baseada no ponto de vista de um cadáver abaixo da terra. Os salmistas não estavam ensinando ninguém sobre como é o mundo dos mortos, nem ensinando que lá há esquecimento de Deus ou ausência de louvor a ele. Os salmistas primariamente expuseram sentimentos, e não uma lição sobre o estado dos mortos. Tais sentimentos foram expressos com o uso de metáforas que aludem ao terror das trevas e do submundo, retratando tais sentimentos do ponto de vista de um cadáver que não recebe assistência nem de Deus nem de seus aliados, como alguém sendo afligido pelas calamidades e deixado para morrer. Para os salmistas, o silêncio não se trata de uma absoluta ausência de som, mas da ausência dos louvores como realizados no antigo Israel (a organização dos levitas, o templo, os instrumentos e músicos, etc.). Se os salmistas morressem, não poderiam dar testemunho do Senhor para os vivos por meio de seus louvores, e nem sequer ouvir tais louvores – isso é o mesmo que o silêncio para eles. No mundo dos mortos, eles não podem realizar tal tipo de louvor (não podem construir instrumentos, nem terão um templo, etc.). No Salmo 31, o salmista não tentou explicar um estado em que os mortos estão em um mundo de esquecimento. Ele expressou um sentimento: sentiu-se bastante esquecido pelas outras pessoas, e falou da atitude de esquecimento que os vivos tiveram em relação a ele, considerando-o como se fosse um morto. A ideia é que um morto, eventualmente, terá seu nome e memória esquecidos pelos vivos. Ele se comparou, também, como um vaso de terra quebrado, o qual era considerado irreparável e inútil, ou seja, sentiu-se desprezado por todos. No Salmo 88, o salmista estava perguntando se Deus faria maravilhas ou manifestações de fidelidade ou manifestações de bondade na escuridão do submundo (onde se encontra o mundo dos mortos e o abismo). O salmista não afirmou que Deus não pode fazer essas coisas nesses locais, mas estava apenas perguntando se Deus as faria ali, uma vez que o propósito dessas obras de Deus é converter as pessoas e fortalecê-las a permanecer nos seus caminhos. São os vivos que necessitam de testemunho de Deus, uma vez que eles ainda têm chance de redenção, e são eles que devem ser encorajados a permanecer no Senhor. Aos mortos já se passou tal oportunidade, restando apenas juízo. Deus é Deus de vivos. Assim, o ponto dos salmistas é que Deus não os deixasse morrer, para que pudessem continuar sua atribuição de testemunhar do Senhor no mundo dos viventes – uma atitude de desejo de viver para poder servir a Deus por motivos não egoístas, pois os viventes devem se apegar a Deus antes que ocorra o juízo na morte. Portanto, nenhum desses casos significa que os mortos estejam inconscientes (veja 1.3.15. Lucas 16:19-31, 1.3.18. Lucas 20:34-38, 1.18.3. Hebreus 9:27-28, 2.12.3. Salmo 6:5, 2.12.12. Salmo 28:1, 2.12.14. Salmo 30:9, 2.12.15. Salmo 31:12, 2.12.30. Salmo 88:3-12, 2.12.32. Salmo 94:17, 2.12.38. Salmo 115:17, 2.12.45. Salmo 146:3-4, 2.14.8. Eclesiastes 9:10, 2.16.14. Isaías 14:9-20, 2.16.19. Isaías 26:1-21, 2.16.28. Isaías 38:17-19 e 2.18.2. Lamentações 5:7).

3.2.4. PARA ONDE VÃO OS MORTOS

Após a morte física, o corpo é decomposto na terra, mas a parte espiritual, o espírito com a alma, volta para a Deus (veja 1.1.10. Mateus 10:28, 1.18.3. Hebreus 9:27-28, 1.19.1. Tiago 2:26, 2.12.45. Salmo 146:3-4 e 2.14.9.

Eclesiastes 12:6-7). Jesus, assim como Deus Pai, recebe os espíritos dos fiéis mortos (veja 1.5.4. Atos 7:55-60). Seres humanos morrem fisicamente apenas uma vez e, depois, estarão reservados para o juízo final da segunda vinda de Cristo. Na verdade, no momento da morte já ocorre a determinação do destino eterno de cada um, uma vez que a vida física é o único período de tempo em que alguém pode testificar qual será seu destino eterno: comunhão eterna com Deus ou banimento eterno de sua presença. Não há espaço para outras vidas e nem reencarnação, nem segundas chances. Não há possibilidade para várias vidas em vários corpos: é uma vida apenas por meio de um só corpo físico, depois vem o juízo. A morte física é o limite de tempo para que as pessoas se apeguem a Deus. A vida de uma pessoa é bastante frágil e pode terminar repentinamente. Os mortos não podem se converter a Deus e, se não se apegaram a ele em vida, estarão perdidos para sempre (veja 1.8.1. 2 Coríntios 5:6-10, 1.18.3. Hebreus 9:27-28, 2.12.45. Salmo 146:3-4 e 2.14.9. Eclesiastes 12:6-7). Apenas a Palavra de Deus possibilita que as pessoas sejam justificadas por Deus, e isso só pode ocorrer durante a vida física (veja 1.3.15. Lucas 16:19-31 e 1.18.3. Hebreus 9:27-28). O juízo de Deus é inescapável (veja 2.11.5. Jó 11:8-10).

O sábio sabe que o caminho do Senhor, o qual é o caminho da vida, leva "para cima", ou seja, para junto das alturas onde Deus está, desviando assim do caminho que leva para as profundezas da terra, o *sheol*. Há, portanto, destinos diferentes para aquele que obedece a Palavra de Deus e aquele que não obedece. Esse desvio do *sheol*, provavelmente, se trata de evitar a permanência no mundo dos mortos, e não em estar nele por pelo menos algum tempo. Mesmo Jesus esteve no *sheol*/*hades* por três dias. A ideia é que o justificado será remido da morte, o que alude, em última análise, à ressurreição dos mortos. Os seres humanos, se não seguirem o caminho da vida, chegarão ao mundo dos mortos e ali permanecerão até o juízo final. A obediência aos mandamentos de Deus pode tanto impedir uma morte prematura no mundo físico quanto garantir a não permanência da parte espiritual no mundo dos mortos (veja 2.13.14. Provérbios 15:24 e 2.13.15. Provérbios 19:16).

De uma forma geral, todos os seres humanos iam para o *sheol*/*hades* ao morrerem, quer fosse um bebê, quer fosse um homem que teve abundância de prosperidade material, quer fosse um ser humano abortado (veja 2.6.2. 2 Samuel 12:22-23, 2.14.5. Eclesiastes 6:3-6 e 2.14.7. Eclesiastes 9:2-6). No entanto, existiu uma diferença de áreas no mundo dos mortos, sendo uma área para os justificados (incluindo bebês e seres humanos abortados) e uma área para os não justificados. Após a ascensão de Cristo, a área do *sheol*/*hades* para os justificados foi transportada para o céu juntamente com aqueles que nela habitavam (veja 3.2.5. O Mundo dos Mortos: *Sheol*/*Hades* e também 1.3.13. Lucas 13:23-30, 1.3.15. Lucas 16:19-31, 1.21.1. 2 Pedro 2:4, 2.5.2. 1 Samuel 28:11-20, 2.14.9. Eclesiastes 12:6-7 e 2.16.31. Isaías 42:6-7).

Antes da ascensão de Jesus ao céu, os justificados (incluindo bebês e seres humanos abortados) que morriam fisicamente iam para o mundo dos mortos (veja 2.1.11. Gênesis 37:35, 2.1.12. Gênesis 42:38, 2.1.13. Gênesis 44:29-31, 2.6.2. 2 Samuel 12:22-23, 2.14.5. Eclesiastes 6:3-6 e 2.14.7. Eclesiastes 9:2-6), mas para uma área reservada para justificados, o "seio de Abraão" ou paraíso. As exceções para isso foram Enoque e Elias, os quais foram tomados diretamente para o céu (veja 1.1.19. Mateus 17:1-9, 1.18.5. Hebreus 11:5 e 2.8.1. 2 Reis 2:11-12). Jesus, pouco antes de morrer na cruz, confiou seu espírito a Deus Pai, provavelmente citando parte do Salmo 31:5: "Nas tuas mãos entrego o meu espírito". Naquele exato momento, Jesus cedeu seu espírito ao Pai, e ele o recebeu (veja 1.3.15. Lucas 16:19-31 e 1.3.25. Lucas 23:46). A alma de Cristo não foi abandonada no mundo dos mortos, esteve lá "apenas" por três dias, e seu corpo foi ressurreto, com testemunho ocular dos apóstolos (veja 1.1.14. Mateus 12:40-42 e 1.5.3. Atos 2:24-35). Jesus e o ladrão penitente foram ao paraíso no mesmo dia em que morreram (veja 1.3.24. Lucas 23:42-43). A profecia do Salmo 16 que veio a Davi ampliou o entendimento do fiel do Antigo Testamento com relação à redenção do *sheol*/*hades* e a esperança na ressurreição dos mortos e na imortalidade juntamente com o Senhor. O texto não nega que a alma de Cristo foi para o mundo dos mortos, apenas declara que não foi deixada para trás lá. Diferentemente de Davi, que morreu, foi sepultado, e seu corpo permaneceu em seu túmulo até aquele momento, Cristo ressuscitou e, então, foi ao céu com seu corpo ressuscitado para ser entronizado à destra de Deus (veja 2.12.7. Salmo 16:8-11).

Após a ascensão de Cristo ao céu, justificados que morrem fisicamente (incluindo bebês e seres humanos abortados) vão diretamente ao céu e reinam com Cristo. Jesus recebe os espíritos dos fiéis mortos (veja 1.5.4. Atos 7:55-60). Aqueles que guardarem a Palavra de Cristo jamais experimentarão a mais profunda experiência da morte, o banimento da presença de Deus para a punição final. Aquele que morrer em Cristo não permanecerá no mundo dos mortos, isto é, ao invés disso irá para o céu e estará junto de Deus (veja 1.4.5. João 8:51 e 2.12.29. Salmo 86:13). Os fiéis mortos aguardam a segunda vinda de Cristo para que, juntamente com os fiéis que estiverem vivos

quando Cristo voltar, recebam os corpos celestiais para estarem para sempre em comunhão direta com Deus (veja 1.18.7. Hebreus 11:39-40). A expressão "Porque Davi não subiu aos céus" tem a ver com o corpo de Davi, e não impossibilita o entendimento de que a alma de Davi possa estar no céu: o corpo de Davi permaneceu em seu túmulo e não foi ao céu como ocorreu com o corpo de Cristo (veja 1.5.3. Atos 2:24-35). Jesus e o ladrão penitente foram ao paraíso no mesmo dia em que morreram (veja 1.3.24. Lucas 23:42-43), e também Jesus esteve no mundo dos mortos por três dias (veja 1.1.14. Mateus 12:40-42 e 1.5.3. Atos 2:24-35). Posteriormente, o apóstolo Paulo falou de si mesmo ao afirmar que foi até o "terceiro céu", o qual foi identificado como sendo o paraíso. Provavelmente, o paraíso é chamado de terceiro céu por ser o mais elevado, uma região celestial. Nesse raciocínio, o primeiro céu representa a atmosfera e o segundo céu representa o espaço sideral. O paraíso provavelmente tem uma conotação similar ao Jardim do Éden e, ao que tudo indica, é a própria habitação celestial de Deus. O apóstolo não tinha certeza sobre como esteve no paraíso – ele foi levado à força para lá (arrebatado). São três as possibilidades: pode ter sido uma visão que Deus deu a Paulo, ou o apóstolo pode realmente ter estado lá com seu corpo físico, ou pode realmente ter estado lá sem o corpo físico (veja 1.8.2. 2 Coríntios 12:2-4). A possibilidade de Paulo ter estado no paraíso no céu parece mais natural ao texto. Logo, o paraíso, na época em que Paulo escreveu esse ocorrido, estava no céu, e não mais no *sheol/hades*. Uma vez que Paulo viveu como Cristo, sabia que a morte serviria para ganhar a recompensa eterna com Cristo. O desejo de Paulo de "partir e estar com Cristo" dá maior apoio ao entendimento de que, logo após à morte física, o fiel se encontrará com Cristo e partilhará de comunhão com ele (veja 1.11.3. Filipenses 1:22-24). Enoque está em comunhão com Deus no céu, embora ainda sem seu corpo glorificado (veja 1.18.5. Hebreus 11:5 e 2.1.4. Gênesis 5:22-24). Cristãos podem ser maltratados e até mesmo mortos por causa de Jesus, sendo julgados "segundo os homens", mas vivem "em espírito segundo Deus", e isso implica que os cristãos mortos já estão vivendo com o Senhor (veja 1.20.4. 1 Pedro 4:6-7). Os justificados julgam nações e reinarão com Cristo pela eternidade, já no presente céu (e também nos novos céus e nova terra), recebendo o próprio Cristo, a "estrela da manhã" (veja 1.24.7. Apocalipse 2:26-29 e 1.24.10. Apocalipse 3:21). No Livro de Apocalipse, fiéis que morreram em nome de Cristo são retratados como cantando no céu (inclusive com um cântico novo), estando em comunhão com Deus, juntos a Jesus Cristo, louvando a Deus por seus grandes e surpreendentes feitos, por sua vitória e por sua justiça, dando a ele ações de graças. Os justificados (aqueles mortos pelo Império Romano) se alegraram e glorificaram a Deus. O monte Sião é o lugar simbólico da morada de Deus e das pessoas que são de Deus, as quais são espiritualmente protegidas enquanto permanecem com ele. São vitoriosas em Cristo. Assim, o Livro de Apocalipse retrata que as almas dos fiéis mortos estão vivas, em conforto com o Senhor, reinando e julgando com ele, enquanto as almas dos ímpios permanecem no *sheol/hades* (veja 1.24.29. Apocalipse 14:1-5, 1.24.32. Apocalipse 15:1-8 e 1.24.45. Apocalipse 20:1-10). Embora seja possível que Elias tenha morrido como qualquer homem caso tenha sido apenas tomado para o céu atmosférico (o "primeiro céu") e transportado por Deus para outro lugar na Terra, a evidência pesa mais para que Elias esteja no céu, embora sem seu corpo glorificado (veja 2.8.1. 2 Reis 2:11-12).

Os não justificados sempre foram para o mundo dos mortos, e continuam a ir para lá mesmo após a ascensão de Cristo. É lá que aguardam o juízo final (veja 1.1.12. Mateus 11:21-24, 1.3.7. Lucas 10:13-15, 1.3.15. Lucas 16:19-31 e 2.12.4. Salmo 9:13-17). É lá o local para onde são lançados os homens sanguinários e fraudulentos, aqueles que procuram destruir os fiéis, e aqueles que se desviam do caminho da sabedoria de Deus (veja 2.12.23. Salmo 55:23, 2.12.24. Salmo 63:9, 2.13.4. Provérbios 5:5, 2.13.5. Provérbios 7:27 e 2.13.4. Provérbios 9:18). O mundo dos mortos, retratado como as maiores profundezas da terra, será o lar permanente do não justificado até o juízo final. Provavelmente, o enterro dos corpos dos não justificados é a porta de entrada para o mundo dos mortos. Os corpos permanecem considerados iníquos e serão decompostos, tornando-se pó com a terra, mas a parte espiritual desce ao mundo dos mortos para ser recebida pelas sombras dos mortos há mais tempo, como mostrou o profeta Ezequiel no caso do rei do Egito e seu exército, os quais tinham acabado de chegar ao mundo dos mortos, sendo recebidos pelos mortos há mais tempo. No mundo dos mortos, o faraó e seu exército, mortos e humilhados, foram objeto de admiração para outros mortos que foram poderosos em vida (veja 2.19.15. Ezequiel 31:14-18 e 2.19.16. Ezequiel 32:18-32).

Aquele que se desvia do caminho do entendimento, isto é, aquele que abandona o governo da Palavra de Deus e vive conforme seus próprios desejos, permanecerá nas maiores profundezas da terra onde se encontram os ímpios poderosos de antes do dilúvio de Noé, o abismo (*abaddon*), provavelmente em uma existência enfraquecida, como uma "sombra", o que denota danação eterna. O abismo também faz parte do mundo dos mortos. Assim, o *abaddon* será o lar permanente daquele que nega ser governado pela Palavra de Deus e que vive segundo seus

próprios desejos, até que venha o juízo final na segunda vinda de Cristo e receba a punição final (veja 2.13.16. Provérbios 21:16 e 2.19.16. Ezequiel 32:18-32).

O morto vai para o *sheol/hades* sem poder retornar à vida por si mesmo. Ir ao *sheol/hades* foi referido como uma descida. A volta do *sheol/hades* (impossível para o ser humano por si só) foi descrita com a palavra "subir". Isso implica que o *sheol/hades* foi descrito como o mundo dos mortos que se situa abaixo da terra. A expressão "e o lugar onde mora nunca mais o conhecerá" implica que os vivos eventualmente se esquecerão dos mortos e não se lembrarão deles, uma vez que eles não podem retornar por si mesmos (veja 2.11.3. Jó 7:9-10).

O salmista não afirmou que animais vão para o *sheol/hades* quando morrem – aqueles que vão ao *sheol/hades* são os seres humanos. O salmista apenas usou um exemplo de rebanhos de ovelhas ajuntados para abatimento como uma analogia. Muitos grupos de seres humanos vão para o mundo dos mortos quando morrem: o *sheol/hades* é comparado ao abatimento e os seres humanos são comparados a rebanhos de ovelhas que vão morrer. Não há, na Bíblia, nenhuma menção de animais em algum tipo de "além". Aparentemente, por não possuírem espírito, animais podem ter almas que simplesmente desaparecem quando morre o corpo. Das criaturas de Deus, apenas o ser humano possui espírito. Parece mais provável que uma alma desprovida de espírito, como é o caso dos animais, simplesmente deixe de existir quando morre o corpo. Apenas uma alma vinculada a um espírito, como é o caso do ser humano, pode ter existência após a morte física (veja 2.12.21. Salmo 49:14-19).

3.2.5. O MUNDO DOS MORTOS: *SHEOL/HADES*

O *sheol/hades* representa o estado atual de morte e, nesse sentido, todos aqueles que morrem fisicamente vão para lá, inclusive os antepassados de alguém, com acesso por meio do túmulo, isto é, da morte física. O *sheol/hades* é retratado também como sinônimo de morte física. O *sheol/hades* nem sempre se refere ao mundo dos mortos, podendo ser também, simplesmente, a sepultura. A morte e o *sheol/hades* frequentemente eram usados como metonímias para denotar calamidades na vida. As expressões "ir para junto dos pais" e "ser reunido a seu povo" podem se referir simplesmente a ser enterrado, significando que o falecido estará na mesma condição que todos os mortos estão. Nesse sentido, todas as pessoas são reunidas a seus pais na morte. No entanto, é possível que, no *sheol/hades*, as pessoas sejam, de alguma forma, agrupadas juntamente com seus ancestrais. Algumas vezes, a expressão "descansar com seus pais" significa ter seus restos mortais colocados próximos aos dos antepassados, mas nem sempre. Pelo menos no caso de Abraão, "ir para junto dos pais" não pode significar ser sepultado próximo aos restos mortais de seus ancestrais, uma vez que eles foram sepultados longe de onde Abraão morreu. Assim, em sua morte, Abraão estava agrupado próximo a seus antepassados no mundo dos mortos (veja 1.5.5. Atos 13:34-37, 2.1.7. Gênesis 15:15, 2.1.8. Gênesis 25:8, 2.1.9. Gênesis 25:17, 2.1.15. Gênesis 49:33, 2.3.2. Números 20:26, 2.4.4. Deuteronômio 32:50, 2.5.2. 1 Samuel 28:11-20, 2.6.1. 2 Samuel 7:12, 2.7.3. 1 Reis 2:6, 2.7.4. 1 Reis 2:9-10, 2.7.5. 1 Reis 11:43; 2.7.6. 1 Reis 14:20; 2.7.7. 1 Reis 14:31; 2.7.8. 1 Reis 15:8; 2.7.9. 1 Reis 15:24; 2.7.10. 1 Reis 16:6; 2.7.11. 1 Reis 16:28, 2.7.12. 1 Reis 22:51, 2.8.2. 2 Reis 22:20, 2.9.1. 1 Crônicas 17:11 e a Escatologia do Livro de 1 Crônicas, 2.10.1. 2 Crônicas 9:31, 2.10.2. 2 Crônicas 12:16, 2.10.3. 2 Crônicas 14:1, 2.10.4. 2 Crônicas 16:13, 2.10.5. 2 Crônicas 21:1, 2.10.6. 2 Crônicas 26:2, 2.10.7. 2 Crônicas 26:23, 2.10.8. 2 Crônicas 27:9, 2.10.9. 2 Crônicas 28:27, 2.10.10. 2 Crônicas 32:33, 2.10.11. 2 Crônicas 33:20, 2.10.12. 2 Crônicas 34:28, 2.12.9. Salmo 18:4-5, 2.12.13. Salmo 30:3, 2.12.21. Salmo 49:14-19, 2.12.23. Salmo 55:23, 2.12.24. Salmo 63:9, 2.14.7. Eclesiastes 9:2-6 e 2.14.8. Eclesiastes 9:10). A expressão "jazer com seus pais" provavelmente tem um sentido primário de ser um eufemismo para o fato de que o rei Davi morreria e seria sepultado próximo a seus antecessores. No entanto, a expressão também carrega o possível significado que, no *sheol/hades*, as pessoas sejam, de alguma forma, sejam agrupadas juntamente com seus ancestrais (veja 2.7.1. 1 Reis 1:21). Outra expressão, "ir pelo caminho de todos os mortais", significa a morte física, mas pode também ter o significado de ir ao *sheol/hades*, assim significando que todos os mortais vão para o mundo dos mortos (veja 2.7.2. 1 Reis 2:2). Nem sempre os termos *sheol* ou *hades* significam o mundo dos mortos, podendo ser o estado de morte, ou o sepulcro, ou cova, ou ainda se referir ao sepultamento do corpo (veja 2.11.6. Jó 17:13-16; 2.11.8. Jó 21:13).

Os locais profundos da terra associados com a morte, como o mundo dos mortos e o abismo, são utilizados como metáforas para os sofrimentos e calamidades da vida física, assim como as trevas do submundo e as ondas violentas das águas sobre o abismo. Estar preso em uma situação desesperadora alude às profundidades da terra, as quais eram retratadas como uma prisão, particularmente o *sheol/hades*, e é uma situação que também é usada como metáfora para calamidade na vida. O *sheol/hades* também foi retratado como sendo tão duro, cruel, obstinado

e rigoroso como o ciúme que ocorre entre um homem e uma mulher fortemente apaixonados. O *sheol/hades* pode se apoderar completamente de uma pessoa, ou seja, tirar dela a possibilidade de usufruir qualquer coisa do mundo dos vivos. Pessoas perversas são comparadas ao mundo dos mortos nesse sentido. Deus pode permitir que uma pessoa sofra com o objetivo de fortalecê-la e pode também removê-la de qualquer situação ruim. Ele pode, também, resgatar da morte, tanto do abismo quanto do mundo dos mortos (veja 2.12.25. Salmo 71:20, 2.12.30. Salmo 88:3-12, 2.12.39. Salmo 116:3, 2.12.41 Salmo 139:8-12, 2.12.43. Salmo 143:3, 2.13.1. Provérbios 1:12 e 2.15.1. Cântico dos Cânticos 8:6 e a Escatologia de Cântico dos Cânticos).

O mundo dos mortos é descrito como um local de escuridão nas profundezas da Terra em que há várias covas, acessado por meio do túmulo, isto é, da morte física, possuindo um abismo (*abaddon*) próximo às maiores profundezas das águas, o qual é sua cova mais profunda (veja 1.6.2. Romanos 10:6-7, 1.24.19. Apocalipse 9:1-12, 2.11.3. Jó 7:9-10, 2.11.5. Jó 11:8-10, 2.11.6. Jó 17:13-16, 2.11.8. Jó 21:13, 2.12.13. Salmo 30:3, 2.16.14. Isaías 14:9-20, 2.16.34. Isaías 44:23, 2.19.10. Ezequiel 26:19-21, 2.19.15. Ezequiel 31:14-18, 2.23.3. Amós 9:2 e 2.25.1. Jonas 2:1-10 e a Escatologia do Livro de Jonas). O *sheol/hades* também é retratado como uma espécie de cova profunda, uma sepultura em que os mortos jazem juntos (veja 2.19.15. Ezequiel 31:14-18). A profundidade do mundo dos mortos está em oposição à habitação de Deus, a qual é retratada como a região mais elevada (veja 2.4.3. Deuteronômio 32:22). Na verdade, o mundo dos mortos não é apenas o *sheol/hades*, mas é retratado como o conjunto do *sheol/hades* e do *abaddon*, o abismo, sua cova mais profunda (veja 2.13.2. Provérbios 2:16-19, 2.13.16. Provérbios 21:16, 2.16.14. Isaías 14:9-20 e 2.25.1. Jonas 2:1-10 e a Escatologia do Livro de Jonas). Os habitantes do *sheol/hades* foram referidos como estando mortos há muito tempo, os quais estão em escuridão (veja 2.12.43. Salmo 143:3, 2.18.1. Lamentações 3:6,2.19.10. Ezequiel 26:19-21 e 2.19.16. Ezequiel 32:18-32). O mundo dos mortos também é descrito como sendo uma região muito tenebrosa tendo "portas" (portões), o que provavelmente o denota como uma prisão de trevas inescapável para o ser humano (veja 1.1.17. Mateus 16:18, 1.20.3. 1 Pedro 3:18-20, 1.24.3. Apocalipse 1:13-20, 2.11.6. Jó 17:13-16, 2.11.18. Jó 38:16-17, 2.12.4. Salmo 9:13-17, 2.12.9. Salmo 18:4-5, 2.12.39. Salmo 116:3, 2.14.5. Eclesiastes 6:3-6, 2.19.15. Ezequiel 31:14-18 e 2.25.1. Jonas 2:1-10 e a Escatologia do Livro de Jonas). Mesmo os ímpios poderosos que governaram grandiosos impérios mundiais e oprimiram o povo de Deus morreram e não podem voltar a viver por si mesmos, isto é, escapar da prisão no *sheol/hades*, independentemente do poder que tiveram em vida, e permanecem "carregando sua vergonha", ou seja, além de terem perdido a salvação de Deus, jamais terão o poder e glória que tiveram antes em vida (veja 2.16.19. Isaías 26:1-21 e 2.19.16. Ezequiel 32:18-32). Na época de Noé, aqueles que viveram antes do dilúvio eram pessoas vivendo normalmente suas vidas, porém, após o julgamento pelo dilúvio, passaram a ser "espíritos em prisão", e assim continuaram até o momento em que Pedro escreveu sua primeira epístola (e assim continuarão até a ressurreição dos mortos). Uma vez que aquelas pessoas são agora espíritos em prisão, sua prisão é o *sheol/hades* (veja 1.20.3. 1 Pedro 3:18-20). Jó retratou o *sheol/hades* como um lugar de onde, por si mesmo, jamais poderia retornar, um lugar de trevas profundas onde a luz é tão inútil para iluminar que é como se fosse a própria escuridão. Também, a descrição de Jó afirma que não há ordem no *sheol/hades*. A ausência de ordem implica em não haver organização (veja 2.11.4. Jó 10:18-22 e 2.12.43. Salmo 143:3).

Outras formas de visualizar o mundo dos mortos são: um monstro que tem uma bocarra e que jamais se farta de devorar aqueles que perecem (veja 2.3.1. Números 16:30-33, 2.12.22. Salmo 55:15, 2.12.42. Salmo 141:7, 2.13.1. Provérbios 1:12, 2.13.19. Provérbios 30:15-16 e 2.16.5. Isaías 5:14-16); um caçador que nunca se satisfaz em se apoderar de mais vítimas e engoli-las (veja 2.6.3. 2 Samuel 22:5-6); um profundo lugar de degradação (veja 2.16.49. Isaías 57:9). O *sheol/hades* juntamente com o *abaddon* podem ter sido comparados também a uma masmorra. O *sheol/hades* e o *abaddon* nunca deixarão de tragar mais mortos, uma vez que sempre há lugar para mais. O abismo pode ter sido atribuído para comportar aqueles que estão destinados à perdição e ao perecimento, sem possibilidade de redenção, talvez sendo uma parte do mundo dos mortos reservada apenas para os piores transgressores. Tal perecimento denota uma condenação ainda maior – a saber, a punição final retratada no Livro de Apocalipse como o lago de fogo (veja 2.13.18. Provérbios 27:20 e 2.16.17. Isaías 24:1-23).

De forma geral, a esperança dos viventes existia apenas se eles não ultrapassassem as portas do mundo dos mortos – a partir dali, não haveria esperança a eles se estiverem por si mesmos, isto é, sem Deus (veja 2.11.6. Jó 17:13-16). Independentemente de o *sheol/hades* se referir simplesmente à morte física ou ao mundo dos mortos, ele é apresentado como o fim dos pecadores. Tanto a morte física quanto a ida ao mundo dos mortos são apresentados como o limite de até onde pode ir a esperança de justificação. Não há mais esperança para quem morrer na condição de pecador não justificado por Deus (veja 1.18.3. Hebreus 9:27-28, 2.11.9. Jó 24:19 e 2.13.2. Provérbios 2:16-19). O mundo dos mortos é o fim de toda a glória, formosura e honra terrenas que alguém pode ter conseguido ao

longo de sua vida. Nada disso o acompanhará após a morte física (veja 2.12.21. Salmo 49:14-19, 2.16.5. Isaías 5:14-16, 2.19.15. Ezequiel 31:14-18 e 2.19.16. Ezequiel 32:18-32).

O mundo dos mortos é retratado como sendo capaz de tomar alguém vivo. Corá, Datã, Abirão e suas famílias desceram vivos ao mundo dos mortos após a terra se abrir abaixo deles, pelo poder do Senhor. Em seguida, a terra os cobriu. Uma vez que Corá, Datã, Abirão e suas famílias desceram vivos ao *sheol/hades*, o qual é uma região para mortos, subentende-se que morreram ao chegar lá (veja 2.3.1. Números 16:30-33; 2.12.22. Salmo 55:15; 2.13.1. Provérbios 1:12).

O descanso que se obtém no mundo dos mortos se refere a estar livre dos assuntos terrenos, pois os mortos não têm mais interação com o mundo físico – não significa, necessariamente, que o mundo dos mortos é realmente um lugar de descanso, embora existisse descanso para os justificados no "seio de Abraão" (veja 2.5.2. 1 Samuel 28:11-20). A descrição de descanso na morte não foi aplicada exatamente ao mundo dos mortos, mas ao corpo físico sepultado na terra, o qual retorna ao pó da terra e descansa das atividades terrenas. Os mortos não podem mais sofrer as aflições do mundo dos vivos e, nesse sentido, estão livres delas, "descansando" dessas aflições (veja 2.6.1. 2 Samuel 7:12, 2.7.3. 1 Reis 2:6, 2.7.4. 1 Reis 2:9-10, 2.7.5. 1 Reis 11:43, 2.7.6. 1 Reis 14:20, 2.7.7. 1 Reis 14:31, 2.7.8. 1 Reis 15:8, 2.7.9. 1 Reis 15:24, 2.7.10. 1 Reis 16:6, 2.7.11. 1 Reis 16:28, 2.7.12. 1 Reis 22:51, 2.10.1. 2 Crônicas 9:31, 2.10.2. 2 Crônicas 12:16, 2.10.3. 2 Crônicas 14:1, 2.10.4. 2 Crônicas 16:13, 2.10.5. 2 Crônicas 21:1, 2.10.6. 2 Crônicas 26:2, 2.10.7. 2 Crônicas 26:23, 2.10.8. 2 Crônicas 27:9, 2.10.9. 2 Crônicas 28:27, 2.10.10. 2 Crônicas 32:33, 2.10.11. 2 Crônicas 33:20, 2.10.12. 2 Crônicas 34:28, 2.11.1. Jó 3:13, 2.11.6. Jó 17:13-16, 2.14.5. Eclesiastes 6:3-6 e 2.18.2. Lamentações 5:7). Quando Jó falou sobre a paz dos ímpios, isso não significa que eles estão em paz no mundo dos mortos, mas que possuem um sentimento de paz antes da morte física. Naturalmente, é apenas uma paz aparente, uma vez que os ímpios estão reservados à condenação após a morte (veja 1.18.3. Hebreus 9:27-28 e 2.11.8. Jó 21:13).

O *sheol/hades* possuía duas áreas diferentes, uma para justificados e uma para não justificados. Os não justificados podiam ver os justificados a partir de seu local de afastamento do Senhor. A área dos justificados, o "seio de Abraão", era o paraíso. As descrições negativas sobre o *sheol/hades* (prisão escura, ausência de ordem, uma existência enfraquecida como "sombra", etc.) se aplicam a essa área de não justificados, a qual possui também, pelo menos, uma parte em que há tormento – tormento retratado como o ardor de fogo. Havia um "grande abismo" separando a área dos justificados da área dos não justificados, o qual é, provavelmente, o *abaddon*, o abismo. Justificados e não justificados podiam ver uns aos outros e se comunicar uns com os outros (pelo menos em algum ponto do mundo dos mortos), mas não podiam passar de uma área para a outra (veja 1.3.13. Lucas 13:23-30, 1.3.15. Lucas 16:19-31 e 1.21.1. 2 Pedro 2:4). Como observado no caso de Samuel, os mortos mantêm suas identidades e memórias, podem ser reconhecidos pelos vivos, e podem se comunicar. Os justificados que morreram tinham paz no mundo dos mortos por terem estado no "seio de Abraão" ou paraíso que lá se encontrava (veja 2.5.2. 1 Samuel 28:11-20).

Uma das esperanças do fiel do Antigo Testamento era o resgate do estado de morte e da permanência no mundo dos mortos. Ainda que fiéis viessem a morrer fisicamente, não permaneceriam no *sheol/hades*. Essa profecia tem um cumprimento maior na ressurreição dos mortos. O Messias provê a esperança do fiel do Antigo Testamento em não experimentar a mais profunda experiência da morte e ser redimido do mundo dos mortos (veja 1.4.5. João 8:51, 2.11.7. Jó 19:25-27 e 2.21.4. Oseias 13:14). Os justificados, de fato, serão remidos da morte e do mundo dos mortos e estarão com Deus (veja 1.3.15. Lucas 16:19-31, 2.12.21. Salmo 49:14-19, 2.13.17. Provérbios 23:14 e 2.16.31. Isaías 42:6-7). Um resgate foi pago para que os fiéis fossem livrados da morte e do *sheol/hades*: a morte de Jesus Cristo na cruz (veja 2.21.4. Oseias 13:14). Os não justificados, no entanto, permanecem no mundo dos mortos aguardando o juízo final (veja 1.1.12. Mateus 11:21-24 e 1.3.7. Lucas 10:13-15).

Posteriormente à ascensão de Cristo, o apóstolo Paulo falou de si mesmo ao afirmar que foi até o "terceiro céu", o qual foi identificado como o paraíso, ao que tudo indica, identificado como a própria habitação celestial de Deus (veja 1.8.2. 2 Coríntios 12:2-4). No entanto, o paraíso antes se situava no mundo dos mortos, pois Jesus e o ladrão penitente estiveram lá no mesmo dia (veja 1.1.14. Mateus 12:40-42, 1.3.24. Lucas 23:42-43 e 1.5.3. Atos 2:24-35). Samuel estava no mundo dos mortos em um estado de paz (veja 2.5.2. 1 Samuel 28:11-20). Logo, o paraíso, na época em que Paulo escreveu sua experiência, estava no céu, e não mais no *sheol/hades*. Também, é possível que uma aplicação secundária de Efésios 4:8-9 indique que, quando Cristo ascendeu aos céus, levou os fiéis cativos no *sheol/hades* (e, implicitamente, o "paraíso") ao "terceiro céu" relatado por Paulo (veja 1.10.1. Efésios 4:8-9 e 1.24.3.

Apocalipse 1:13-20). Isso é apoiado pelo fato de que o Antigo Testamento retrata que todos os mortos, fiéis ou não, vão para o *sheol/hades*, porém, no Novo Testamento, quase sempre os fiéis são retratados no céu (veja 1.10.1. Efésios 4:8-9, 1.24.3. Apocalipse 1:13-20 e 2.5.2. 1 Samuel 28:11-20). O paraíso é associado com a habitação de Deus no Livro de Apocalipse, o qual afirma que o justificado por Deus terá a vida eterna na habitação de Deus (veja 1.24.4. Apocalipse 2:7). Assim, os fiéis que morreram antes da ascensão de Cristo foram para uma parte do *sheol/hades* onde havia conforto, o que está de acordo com o que Jesus expôs na narrativa sobre o rico e Lázaro (veja 1.3.15. Lucas 16:19-31), e posteriormente foram levados ao céu após a ascensão do Senhor. Desse momento em diante, todos os fiéis que morrem passam a ir para o paraíso que está no próprio céu. No Livro de Apocalipse, fiéis que morreram em nome de Cristo são retratados como cantando no céu (inclusive com um cântico novo), estando em comunhão com Deus, juntos a Jesus Cristo, louvando a Deus por seus grandes e surpreendentes feitos, por sua vitória e por sua justiça, dando ações de graças a ele. Os justificados (aqueles que foram mortos pelo Império Romano) se alegraram e glorificaram a Deus. O monte Sião é o lugar simbólico da morada de Deus e das pessoas que são de Deus, as quais são espiritualmente protegidas enquanto permanecem com ele. São vitoriosas em Cristo. Assim, o Livro de Apocalipse retrata que as almas dos fiéis mortos estão vivas, em conforto com o Senhor, reinando e julgando juntamente com ele, enquanto as almas dos ímpios permanecem no *sheol/hades* (veja 1.24.29. Apocalipse 14:1-5, 1.24.32. Apocalipse 15:1-8 e 1.24.45. Apocalipse 20:1-10).

Em vida, o "pastor" dos seres humanos era a própria vontade deles, porém, quando mortos, apenas a morte os pastoreia. A morte é uma personificação dos terrores do mundo dos mortos, tais como a frequentemente mencionada escuridão. Assim, a morte e a escuridão, os quais são os terrores do mundo dos mortos, passam a governar os habitantes do mundo dos mortos. Uma vez que os não justificados falecidos são, de alguma forma, afligidos em seu estado de morte, eles estão, de alguma forma, conscientes e atormentados. Há, portanto, alusão a algum tipo de aflição para os não justificados que vão para o mundo dos mortos. Isso pode corresponder ao estado de tormento do homem rico no relato do rico e Lázaro contado por Jesus (veja 1.3.15. Lucas 16:19-31 e 2.12.21. Salmo 49:14-19).

Tanto o mundo dos mortos como o abismo, os quais são retratados como as maiores profundezas e escuridão da terra, estão expostos diante de Deus. Isso implica que ele tem ciência de tudo o que se passa em tais locais ocultos, da mesma forma que ele sabe as intenções de cada ser humano. A comparação dá a entender que as intenções de um ser humano são menos ocultas do que o *sheol/hades* e o *abaddon*. Isso pode confirmar que Deus quis revelar muito pouco sobre o "além", menos ainda do que as intenções das pessoas (veja 2.13.13. Provérbios 15:11).

Nem mesmo o *sheol/hades* pode escapar da ira de Deus (veja 2.4.3. Deuteronômio 32:22). Aqueles que morreram fisicamente e se encontram no mundo dos mortos não deixam de estar sob o domínio do rei Jesus (veja 1.6.4. Romanos 14:9-12), pois ele possui poder sobre a morte e o mundo dos mortos, podendo tanto encerrar pessoas nele quanto retirar pessoas dele (veja 1.24.3. Apocalipse 1:13-20). Deus tem poder e autoridade de fazer a parte espiritual do ser humano ir ao *sheol/hades* e retornar dele. Não há lugar que esteja fora do domínio, presença e poder de Deus, nem mesmo o *sheol/hades*. Para Deus, a escuridão de lá não faz a menor diferença, ele enxerga nas densas trevas assim como enxerga na luz. A tristeza foi comparada com a descida ao mundo dos mortos, enquanto a subida de lá foi comparada à alegria. Tais comparações demonstram que existia a crença de que o *sheol/hades* era um lugar de tristeza, mas que Deus é poderoso para fazer alguém sair de lá, ou seja, reviver (veja 2.5.1. 1 Samuel 2:6, 2.12.4. Salmo 9:13-17, 2.12.41 Salmo 139:8-12 e 2.23.3. Amós 9:2).

3.2.6. O ABISMO: *ABADDON*

O abismo (*abaddon*) muitas vezes é representado na Bíblia como próximo ao *sheol/hades* e às águas das profundezas – mais especificamente, o abismo é retratado como uma área sem limites abaixo da terra e das águas, e que se estende abaixo até mesmo do próprio *sheol/hades.* Tanto as águas das profundezas quanto as maiores profundezas do mundo dos mortos parecem estar conectados ao abismo. Até mesmo as águas do Mar Vermelho que foram atravessadas pelo povo de Israel durante o êxodo do Egito fazem parte do "grande abismo", as maiores profundezas da terra na concepção hebraica, o *abaddon*. Nele se encontram os "fundamentos dos montes", o que se refere, provavelmente, às profundezas dos continentes, estando o *sheol/hades* ali próximo. Na verdade, o mundo dos mortos não é apenas o *sheol/hades*, mas é retratado como o conjunto do *sheol/hades* e do *abaddon*, o abismo. Nos primórdios da criação, o abismo era visto como grandes profundezas escuras, com águas sobre ele. As nascentes do mar e o mais profundo do abismo estão relacionados – as nascentes das águas que existem na terra são descritas

como vindo de baixo, das águas sob o abismo. Ele foi retratado como um local nas profundezas da Terra capaz de jorrar água para inundá-la. O abismo, em si, é mais antigo do que o *sheol*/*hades*. Não há sabedoria a ser encontrada nem no mar, nem nas águas em geral, e nem no abismo, pois a sabedoria está apenas em Deus. Provavelmente, é o "grande abismo" que separava a área dos justificados da área dos não justificados do mundo dos mortos. Jó afirmou que os ímpios poderosos da antiguidade, tais como os gigantes de antes do dilúvio de Noé, ou os antigos e poderosos gigantes cananeus, ou ambos, estão no abismo abaixo das águas, o abismo retratado próximo ao *sheol*/*hades*, e que aqueles que foram mortos pelas águas do dilúvio tremem diante de Deus, em uma existência enfraquecida, como "sombras". Isaías retratou que no abismo mais profundo do mundo dos mortos, o *abaddon*, se encontram aqueles que antes foram "príncipes da terra" que agora são "sombras", ou seja, têm uma existência enfraquecida. A palavra hebraica *rapha* foi aplicada para esses mortos, e tal termo hebraico pode se referir também aos antigos e poderosos gigantes que morreram no dilúvio de Noé, ou aos antigos e poderosos gigantes cananeus, ou a ambos. Outro entendimento provável é que o termo *rapha* foi aplicado aos mortos descrevendo-os como tendo uma existência fraca, debilitada, sem poder ou sensação. Tal enfraquecimento pode ser devido a um estado desincorporado, ou seja, decorrente da ausência de um corpo físico. Assim, provavelmente, os espíritos dos mortos estão em um estado enfraquecido no mundo dos mortos. Esse estado enfraquecido pode ser um dos fatores que impede que os habitantes do mundo dos mortos realizem atividades ou aprendizados como antes faziam em suas vidas terrenas. No Apocalipse, embora se tratando de uma visão simbólica, o abismo é retratado como liberando uma fumaça de fornalha, o que pode indicar fogo. Assim, o abismo pode ser correspondente ao local onde anjos caídos e os mortos pelas águas do dilúvio estão confinados. É possível que o abismo tenha sido atribuído para comportar um número ilimitado daqueles que estão destinados à perdição, sem possibilidade de redenção. Talvez seja uma parte do mundo dos mortos reservada apenas para os piores transgressores, um local de danação eterna. Aquele que se desvia do caminho do entendimento, isto é, aquele que abandona o governo da Palavra de Deus e vive conforme seus próprios desejos, irá para o abismo. O abismo pode corresponder ao aprisionamento em trevas dos anjos caídos – se for assim, os demônios e os anjos caídos podem ser as mesmas entidades, uma vez que os demônios da Legião tiveram medo que Jesus os mandasse ao abismo porque, provavelmente, era um local, no mínimo, mais desconfortável para eles do que possuir porcos. O abismo era entendido pelos gregos como o tártaro, o local mais profundo e tormentuoso do mundo dos mortos (veja 1.3.3. Lucas 8:30-31, 1.3.15. Lucas 16:19-31, 1.21.1. 2 Pedro 2:4, 1.24.19. Apocalipse 9:1-12, 1.24.46. Apocalipse 20:11-15, 2.1.1. Gênesis 1:2, 2.1.5. Gênesis 7:11-12, 2.1.6. Gênesis 8:2, 2.11.10. Jó 26:5-6, 2.11.11. Jó 28:13-14, 2.11.12. Jó 28:20-22, 2.11.18. Jó 38:16-17, 2.11.19. Jó 41:32, 2.13.2. Provérbios 2:16-19, 2.13.13. Provérbios 15:11, 2.13.16. Provérbios 21:16, 2.13.18. Provérbios 27:20, 2.16.14. Isaías 14:9-20, 2.16.34. Isaías 44:23, 2.16.43. Isaías 51:5-14, 2.16.54. Isaías 63:13, 2.19.10. Ezequiel 26:19-21, 2.19.16. Ezequiel 32:18-32 e 2.25.1. Jonas 2:1-10 e a Escatologia do Livro de Jonas).

Uma questão que se levanta é que, se o *abaddon* era visto como a cessação total da possibilidade de redenção, seria possível que algum dos mortos que foram ao *sheol*/*hades* tenha possibilidade de redenção após a morte? Não, pois Hebreus 9:27 declara que após a morte há apenas juízo, logo, o destino dos mortos está selado. Quem foi destinado para perecimento não tem segundas chances, independentemente de ter ido ao *sheol*/*hades* ou ao *abaddon*. Qual a diferença entre os dois, então? Aparentemente, o tormento no *abaddon* é pior. No Antigo Testamento, todos os mortos, justificados e não justificados, iam ao *sheol*/*hades*. Portanto, o Antigo Testamento não afirma que todos aqueles que vão para o *sheol*/*hades* estão perdidos, mas que o *sheol*/*hades* também contém aqueles que são destinados para perdição (veja 2.13.18. Provérbios 27:20).

No entanto, nem sempre o termo "abismo" se refere ao abismo nas profundezas do *sheol* e abaixo das águas, podendo significar o mesmo que "túmulo" (veja 2.12.13. Salmo 30:3).

Deus aprisionou os anjos que pecaram em escuridão (longe de sua luz) e os reservou para o dia do juízo final. Se Deus não poupou anjos desobedientes, também não poupará seres humanos desobedientes. Pedro pode ter indicado que tais anjos desobedientes estão aprisionados em trevas nas maiores profundezas, assemelhando o abismo sem fim próximo ao *sheol*/*hades* com o tártaro dos gregos, a fim de ilustrar seu ponto (veja 1.21.1. 2 Pedro 2:4, 1.24.19. Apocalipse 9:1-12, 2.11.10. Jó 26:5-6, 2.11.12. Jó 28:20-22, 2.12.30. Salmo 88:3-12, 2.13.13. Provérbios 15:11 e 2.13.18. Provérbios 27:20).

As visões de João no Livro de Apocalipse assemelharam simbolicamente o exército romano como hostes malignas que estavam aprisionadas no abismo/tártaro/*abaddon*/*apoliom* e que tiveram a permissão de Deus para

serem libertadas por Satanás para atacar a nação judaica, como juízo. Satanás é um anjo caído e ele está encarregado do abismo próximo ao *sheol/hades* (veja 1.24.19. Apocalipse 9:1-12).

3.2.7. A PRIMEIRA RESSURREIÇÃO DO LIVRO DE APOCALIPSE

A "primeira ressurreição" mencionada no Livro de Apocalipse significa que os fiéis em Cristo que morreram estão em comunhão com o Senhor no céu. A ressurreição das "duas testemunhas" foi um exemplo da primeira ressurreição mostrada em Apocalipse 20 – não é a ressurreição dos mortos na segunda vinda de Cristo, mas fiéis mortos são contados como vivos e considerados ressuscitados por estarem em proximidade com Deus no céu e por estarem reinando com Cristo (veja 1.24.24. Apocalipse 11:7-14, 1.24.45. Apocalipse 20:1-10 e 1.24.46. Apocalipse 20:11-15).

3.3. A PUNIÇÃO FINAL

A punição final é tão terrível que é preferível tomar medidas drásticas para obedecer a Palavra de Deus do que sofrê-la (veja 1.1.4. Mateus 5:29-30 e 1.1.20. Mateus 18:8-9). Muitos daqueles que tiveram grandes oportunidades de estar com Deus – judeus – sofrerão a punição final, descrita por Jesus como trevas e choro e ranger de dentes (veja 1.1.5. Mateus 8:11-12 e 1.3.13. Lucas 13:23-30). Os desobedientes ao Senhor serão lançados fora de sua presença, e longe de Deus resta apenas trevas com choro e ranger de dentes (veja 1.1.24. Mateus 22:13-14 e 1.4.10. João 15:6). Aqueles que se iraram sem motivo contra seus irmãos, ou aquele que recebeu o perdão de Deus, mas não é capaz de perdoar no íntimo a seu irmão, não vai ser justificado diante de Deus, recebendo a punição final. A parábola do servo que não queria perdoar de Mateus 18:23-35 ilustrou que aquele que peca tem uma dívida tão grandiosa com Deus que não pode pagá-la, a não ser que receba o perdão por meio da aceitação e prática do evangelho. No entanto, se um cristão negar perdão a qualquer outro cristão que peça perdão por ter pecado contra ele, Deus não o perdoará no juízo final e o condenará com a punição final (veja 1.1.3. Mateus 5:22, 1.1.21. Mateus 18:32-35 e 1.2.5. Marcos 9:43-49).

O ser humano pode apenas matar o corpo, mas Deus pode fazer perecer no fogo eterno tanto a alma como corpo. O *geena* é referido como a punição final, uma vez que nele estará o ímpio de corpo e alma, ou seja, depois da ressurreição e do julgamento final. *Geena* e o lago de fogo do Livro de Apocalipse são ambos a punição final. O perecimento no *geena* pode significar tormento eterno ou a aniquilação do corpo e da alma, mas a ideia de se tratar de tormento eterno tem melhores evidências (veja 1.1.10. Mateus 10:28, 1.1.20. Mateus 18:8-9, 1.2.5. Marcos 9:43-49, 1.3.1. Lucas 3:9 e 1.3.2. Lucas 3:16-17).

O termo *geena* originalmente se referiu ao Vale de Hinom, fora das muralhas de Jerusalém, usado como depósito de lixo onde se lançavam os cadáveres de pessoas que eram consideradas indignas, restos de animais, e toda outra espécie de imundície, os quais eram incinerados. Havia ali também vermes que comiam a carne morta. Aqueles que se iram sem motivo contra seus irmãos ou que permanecem pecando sem tomar providências contra isso estão sujeitos a essa punição (veja 1.1.3. Mateus 5:22 e 1.2.5. Marcos 9:43-49).

O fogo eterno foi preparado, originalmente, para o Diabo e seus anjos, mas será usado como castigo para os ímpios. O "castigo eterno" pode denotar tormento eterno ou a permanência eterna do lugar de castigo. Porém, não é necessária a permanência eterna de um local de castigo se os castigados forem removidos da existência em algum momento. Também, na linguagem de Jesus, o castigo dos condenados é de duração igual à vida dos salvos: castigo eterno e vida eterna. Assim, a evidência de que a punição final seja tormento eterno é melhor (veja 1.1.34. Mateus 25:31-46). As figuras utilizadas por Jesus para retratar o tormento, "não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga", apoiam a ideia de tormento eterno. Se o verme que come a carne não morre e o fogo não apaga, qual a razão de eles ainda existirem se os ímpios forem eliminados da existência em algum um dia? (veja 1.2.5. Marcos 9:43-49).

O contexto da parábola do servo que não queria perdoar de Mateus 18:23-35 apoia a ideia de que a punição final tem a conotação de tormento até que se salde a dívida toda. Como o preço para pagar a redenção do pecador foi a vida de Cristo, a qual, em termos de valor, vale infinito, provavelmente a punição final se trata de tormento eterno, pois a dívida é infinita somente poderia ser quitada com um valor infinito (veja 1.1.21. Mateus 18:32-35).

Outras formas de retratar a punição final no Novo Testamento são a descrição de Jesus de um ramo seco lançado ao fogo e queimado (veja 1.4.10. João 15:6) e imagens em Apocalipse retratando a punição final como sendo fogo com a fumaça de não justificados subindo por todo o sempre, sendo vista pela eternidade (veja 1.24.30. Apocalipse 14:6-13, 1.24.42. Apocalipse 19:1-5 e 1.24.45. Apocalipse 20:1-10). Os pecadores do mundo são retratados como todos sendo lançados no lago que arde com fogo e enxofre – a eterna separação de Deus, sua ira que arde como fogo (veja 1.24.47. Apocalipse 21:1-8). Além disso, a segunda morte é a separação eterna de Deus. Não se pode compreender o quão horrível é estar longe de Deus e, por isso, as Escrituras usam imagens como tormento de dia e noite para sempre para comunicar tal realidade. Haverá grande sofrimento no castigo eterno. A expressão "Tormento dia e noite para todo o sempre" não aponta para aniquilação, mas para sofrimento, uma vez que os ímpios estarão em total separação de Deus (veja 1.24.46. Apocalipse 20:11-15).

Considerando a evidência do Novo Testamento apoiando a ideia de que a punição final se trate de tormento eterno, os termos e expressões utilizados no Antigo Testamento para a punição dos ímpios, tais como "murchar", "exterminar", "perecer", "desaparecer", "não poupar a alma" e "destruir" não significam uma ideia de aniquilação da alma. Tais termos e expressões não foram utilizados de forma literal, mas como expressão poética de um fato bem atestado nas Escrituras: o justificado está com Deus e o não justificado não está. Ocorrem contrastes entre os destinos do justo e do ímpio. Os justificados terão uma grande bênção e os não justificados estão sujeitos a julgamento da parte do Senhor (seja juízo na vida física, seja a punição final no juízo final). Sem Deus, há apenas calamidade. Assim, os mansos serão recebidos no reino celestial (em última análise, os novos céus e nova terra) e receberão ali a plenitude das bênçãos, enquanto os malfeitores encontrarão calamidade (seja por juízo divino na vida física, seja pela condenação no julgamento final). No Salmo 78:50, o sentido da expressão "não poupou a alma deles" é "não impediu que a alma deles fosse entregue à morte que existe na pestilência" – no contexto, o salmista não disse que a alma deixa de existir, mas que Deus não impediu que os egípcios experimentassem a morte que existe na peste. A peste é um dos juízos de Deus contra os ímpios na Terra. Em Provérbios 14:11, a "destruição" não se refere à eliminação da existência dos não justificados, mas ao fim do seu poder e glória na morte (veja 2.12.16. Salmo 37:9-11, 2.12.17. Salmo 37:18-20, 2.12.18. Salmo 37:22, 2.12.19. Salmo 37:28-29, 2.12.20. Salmo 37:38, 2.12.27. Salmo 78:50, 2.12.44. Salmo 145:20 e 2.13.11. Provérbios 14:11). A impossibilidade de serem feitos planos no mundo dos mortos não significa que a existência dos falecidos cessou, mas simplesmente que não há razão para que os mortos façam planos, uma vez que seus destinos estão selados: no juízo final, os mortos receberão ressurreição para vida eterna ou para banimento eterno da presença de Deus (veja 2.12.45. Salmo 146:3-4).

Em Isaías 66:18-24, todos os inimigos de Deus e de seus justificados foram retratados como um vasto exército morto e deixado para putrificar em campo aberto, sem enterro, onde o fogo é acendido, em parte, para consumir os montões dos mortos e, em parte, para livrar o ar de influências pestilentas. A expressão aplicada a eles, "não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga", apoia a ideia de tormento eterno. Em contraste, a perpetuidade do reino de Deus é retratada como estabelecida de forma final (veja 2.16.58. Isaías 66:18-24).

4. SINOPSE DA ESCATOLOGIA BÍBLICA

Com o pecado, veio o sofrimento e a morte. A morte é a separação do corpo da parte espiritual da pessoa: espírito e alma. Porém, existe uma experiência mais profunda de morte, a morte espiritual: a separação da pessoa e Deus. Ela é a pior consequência do pecado.

Foi anunciado o Messias para a salvação do ser humano e para a derrota de Satanás. Deus preparou um povo para que o Messias viesse e, nesse processo, nações foram levantadas e derrubadas. Por causa da persistência do ser humano no pecado, Deus aplicou, e continuará aplicando, seus juízos locais na Terra, até culminar no juízo final. Esses julgamentos locais prefiguram o juízo final. Deus sempre salvou os justificados e puniu os não justificados.

Quando pessoas morrem, seus corpos retornam ao pó da Terra com a decomposição, mas sua parte espiritual, o espírito com a alma, é encaminhada pelos anjos a Deus e a Cristo. A parte espiritual das pessoas é, então, se for justificada, encaminhada pelos anjos para consolo. Se não for justificada, é encaminhada pelos anjos para tormento. Quanto aos animais e outros seres vivos, não possuem espírito, apenas alma – sem espírito, a alma provavelmente desaparece após a morte. Se for assim, cessam de existir com a morte.

Os mortos iam para o mundo dos mortos, o qual pode receber um número ilimitado de falecidos. O mundo dos mortos é o conjunto do *sheol/hades* e o abismo, o *abaddon*. Foi retratado como se localizando nas profundezas da Terra, próximo às águas das profundezas e da base continental.

Os habitantes do mundo dos mortos ali permanecem sem poder deixá-lo por si mesmos. Aguardam a ressurreição dos mortos no juízo final da segunda vinda de Cristo, sem poderem interagir de forma alguma com o mundo dos vivos. Eles continuam conscientes e retêm as lembranças de suas vidas. De alguma forma, os mortos eram agrupados juntamente com seus antecessores, embora havendo separação entre os justificados e não justificados.

O *sheol/hades* possuía duas áreas: uma para os justificados, o paraíso ou "seio de Abraão", e uma área para os não justificados. As duas eram separadas por um grande abismo, o *abaddon*.

No paraíso ou seio de Abraão, os mortos justificados encontravam descanso e consolo, estando em alguma glória. Enoque e Elias, no entanto, foram tomados por Deus diretamente para o céu.

No restante do mundo dos mortos, os não justificados tinham uma existência em uma forma enfraquecida, provavelmente consequente de um estado desincorporado, como "sombras", sofrendo tormento. Esse tormento, provavelmente, provém de sentimentos ruins por causa do remorso da perda da salvação, da perda de ver a luz e lugares agradáveis como na Terra, da perda de toda a glória e honra e riquezas que se tinha em vida, da inutilidade em realizar planos, da perda do corpo, da impossibilidade de conseguir conhecimento terreno, da inutilidade de utilizar tal conhecimento, da inutilidade de ver louvor a Deus ou de ver suas maravilhas, do medo de Deus e de seu juízo final, e da ausência de organização. Enfim, não há outro propósito para os não justificados presos no mundo dos mortos além de aguardar o juízo final para a condenação da punição final.

Além disso, havia um tormento comparado ao ardor do fogo em, pelo menos, um dos locais da área dos não justificados do *sheol/hades*. Ao que tudo indica, a área dos não justificados possuía diferentes locais, ou "covas", sendo o *abaddon* a mais profunda. Em pelo menos um desses locais, onde se podia ver o grande abismo, é possível que haja tormento como o do fogo, e os não justificados podiam ver e se comunicar com os justificados, mas não podiam passar de uma área à outra por causa do grande abismo.

Quanto ao abismo, ou *abaddon*, parece ser o local mais tormentuoso do mundo dos mortos, possivelmente com uma capacidade ilimitada para receber não justificados sem possibilidade de redenção, um local de danação eterna reservado para os piores transgressores. Ali estão encerrados anjos caídos, os gigantes e os poderosos que estavam na Terra antes do dilúvio, talvez os antigos gigantes cananeus e outros cananeus poderosos, e outros que fazem suas próprias vontades ao invés da vontade de Deus. Tudo indica que seu "responsável" é o anjo *Abaddon/Apoliom*, isto é, Satanás. O abismo possui densas trevas e, possivelmente, contenha tormento como de fogo.

Pode ser que as descrições do mundo dos mortos não sejam literais, mas representativas de uma "dimensão espiritual" inferior que é oposta ao céu, a "dimensão espiritual" superior. Nessa concepção, a Terra, o mundo físico, se encontra entre o mundo dos mortos e o céu, sendo a "dimensão intermediária" entre as "alturas" e as "profundezas". A descrição de tormento pelo fogo, talvez, não seja literal, mas é o mais próximo que se pode descrever da sensação de tormento resultante da ira de Deus, a qual foi retratada nas Escrituras como ardor de fogo.

O Messias, Jesus Cristo, veio e venceu o poder da morte e o pecado com seu sacrifício na cruz e ressurreição. Ao ascender ao céu, Cristo libertou os justificados cativos no mundo dos mortos, transportando o paraíso ou seio de Abraão do *sheol/hades* para o céu, juntamente com seus justificados. Enoque e Elias, no entanto, já estavam lá por terem sido tomados por Deus. Esses justificados ainda não possuem seus corpos ressurretos glorificados. Não obstante, estão em alguma glória, consolados, e reinam juntamente com Cristo. Assim, desde a ascensão de Cristo ao céu, os justificados não vão mais para o mundo dos mortos, mas vão diretamente para o consolo no céu, reinam com Cristo, e aguardam ali a segunda vinda de Cristo que traz o juízo final, a ressurreição dos mortos e os novos céus e nova terra. Desde então, o mundo dos mortos é apenas para os não justificados.

O judaísmo tornou-se obsoleto pelo cristianismo. Os cristãos espalharam o evangelho de Cristo, mas foram perseguidos, primeiramente pelos judeus e, depois, pelos romanos. Muitos fiéis sofreram cruelmente e morreram, mas Deus executou juízo contra os perseguidores.

Primeiramente, o juízo de Deus veio contra os judeus, com a destruição do templo e de Jerusalém, assim anulando totalmente o sistema judaico como meio para salvação, sendo o caminho para Deus apenas a Nova Aliança em Cristo.

A seguir, Deus conduziu o Império Romano, o qual era conduzido por Satanás, à sua queda. O poder do Império Romano e seu culto do imperador foram eliminados. Satanás foi, então, impedido de poder enganar as nações da Terra para uni-las em uma força concentrada para atacar a Igreja do Senhor, como fez com o Império Romano. No entanto, essa restrição não durará para sempre – durará por um período determinado por Deus até pouco antes da segunda vinda de Cristo. Nesse período, Cristo e seus justificados no céu reinam.

Para que a segunda vinda de Cristo estivesse liberada a ocorrer, era necessária acontecer antes a manifestação de "a apostasia" e seu "homem da iniquidade". Esse indivíduo veio de um movimento apóstata tão antigo quanto o primeiro século. Tal movimento saiu do meio cristão após os apóstolos morrerem, caiu da fé, e afirma provar sua autenticidade por meio de milagres. Esse movimento já havia tentado gerar o homem da iniquidade no primeiro século, mas era restrito por algo/alguém que os cristãos tessalonicenses do primeiro século conheciam. Não é algo que tenha desaparecido no esquecimento há séculos antes do presente, mas que permanecerá até Cristo voltar. Assim sendo, do ponto de vista dos dias da era atual, o homem da iniquidade já foi revelado e continuará com uma sucessão de homens que se apresentam como Deus até Cristo retornar. Tal mal já está no mundo e será eliminado apenas na segunda vinda de Cristo.

Após a restrição sobre Satanás ser retirada, ele tentará fazer o mesmo que fez anteriormente com o Império Romano: enganar as nações para uni-las contra as igrejas do Senhor na Terra. No entanto, os habitantes da Terra não perceberão tal movimentação: assim que Satanás conseguir fazer os não justificados começarem a se mover contra os cristãos, ocorrerá a segunda vinda de Cristo.

Cristo virá nos céus com o anúncio da voz do arcanjo (Miguel), trombetas (tocadas por anjos), anjos e fogo, como a vinda de um rei, de forma imprevisível e repentina, sem sinal algum para as pessoas. Cristo matará o homem da iniquidade com "o sopro de sua boca". O fogo atingirá toda a criação, começando a incinerá-la, matando os não justificados, mas não causando dano algum aos justificados.

Todos os mortos serão ressuscitados ao comando de Jesus, sendo que os justificados receberão seus corpos glorificados. Os justificados que estavam mortos serão levados a Cristo nos ares pelos anjos, chegando até ele primeiro. A seguir, os justificados que estiverem vivos na vinda do Senhor serão levados pelos anjos a Cristo nos ares, com seus corpos transformados em corpos glorificados. Os justificados serão ajuntados "à direita" de Cristo.

Os não justificados serão todos ajuntados pelos anjos "à esquerda" de Cristo, inclusive aqueles que estavam no mundo dos mortos. Não é dito se o corpo ressuscitado dos não justificados será glorificado, mas deve ao menos ser preparado para receber a punição final – o tormento eterno no "lago de fogo".

Cristo estará assentado em seu trono e o juízo final tomará lugar. Enquanto isso, a presente criação continuará sendo consumida pelo fogo até desaparecer.

Os justificados não passarão por condenação, sendo encaminhados para a vida eterna nos novos céus e nova terra que tomará o lugar da antiga criação, a qual terá sido desintegrada pelo fogo. Ali terão a plenitude da comunhão com Deus, em um estado formidável, sem mais nenhum tipo de sofrimento, em felicidade eterna. Os justificados que mais se empenharam terão um grau ainda maior da recompensa eterna.

Os não justificados, Satanás e seus anjos, e o mundo dos mortos, serão lançados para longe da presença de Deus no lago de fogo – um lugar onde Deus não poderá ser encontrado, nem suas dádivas, e onde sua ira arderá por toda a eternidade. O grau de tormento será maior de acordo com a impiedade de cada não justificado.

Talvez os justificados poderão ver, pelo menos em algum momento, os não justificados sob a ira máxima de Deus, e, talvez, aqueles que serão lançados fora da presença de Deus poderão, a partir de seu local de banimento, de alguma forma ver aqueles que foram justificados.

O lago de fogo pode não ser, literalmente, um local de fogo, mas talvez algum tipo de "dimensão" em que a terrível sensação de estar sob a ira máxima de Deus foi descrita como fogo inextinguível.

Cristo então retornará o reinado a Deus Pai, embora continue correinando com ele e com seus justificados no estado eterno perfeito. Os justificados serão plenamente saciados e encontrarão a felicidade suprema por toda a eternidade. Todos os inimigos estarão derrotados, inclusive a morte, e todas as promessas de Deus estarão cumpridas.

5. REFERÊNCIAS

[1] *Estudosdabiblia.net/2002322.htm*, acessado em 08/2023. Retornar.

[2] *Estudosdabiblia.net/b09.pdf*, acessado em 08/2023. Retornar.

[3] *Thebookofrevelationmadeclear.com*, acessado em 08/2023. Retornar.

[4] *Cprf.co.uk/articles/revelation20.htm#.XQjYu497nIV*, acessado em 08/2023. Retornar.

[5] *Estudosdabiblia.net/200231.htm*, acessado em 08/2023. Retornar.

[6] *Estudosdabiblia.net/jbd521.htm*, acessado em 08/2023. Retornar.

[7] *Estudosdabiblia.net/jbd717.htm*, acessado em 08/2023. Retornar.

[8] *Estudosdabiblia.net/jbd525.htm*, acessado em 08/2023. Retornar.

[9] *Biblecourses.com/Portuguese/OldTestament.aspx*, acessado em 08/2023. Retornar.

[10] *Biblecourses.com/Portuguese/OldTestament.aspx*, acessado em 11/2025. Retornar.

[11] *Estudosdabiblia.net/danielcompleto.pdf*, acessado em 08/2023. Retornar.

[12] *Evidenceforchristianity.org/your-interpretation-of-daniel-1136-45-that-it-is-about-rome-and-egypt-is-problematic*, acessado em 08/2023. Retornar.

[13] *Evidenceforchristianity.org/is-daniel-1137-the-one-desired-by-women-a-prophecy-about-the-roman-emperors*, acessado em 08/2023. Retornar.

[14] *Evidenceforchristianity.org/can-you-justify-biblically-identifying-the-king-of-the-north-in-daniel-1140-as-rome*, acessado em 08/2023. Retornar.

[15] *Evidenceforchristianity.org/12301-2*, acessado em 08/2023. Retornar.

[16] *Estudosdabiblia.net/audio/zacarias/zacarias.pdf*, acessado em 08/2023. Retornar.